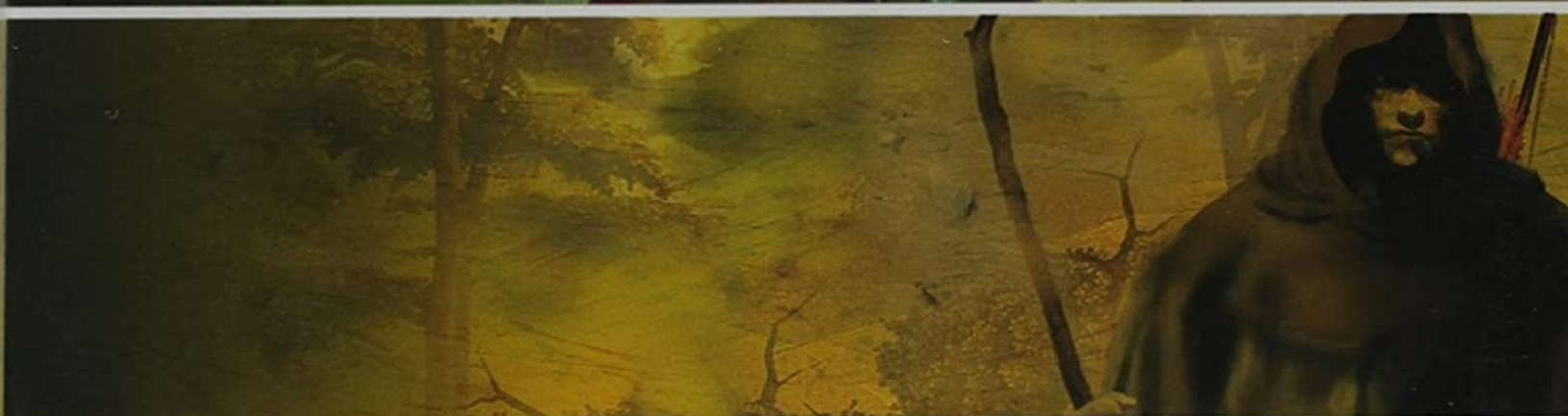


✦ A BUSCA DO GRAAL
TRILOGIA

BERNARD
CORNWELL





BERNARD CORNWELL

O Arqueiro



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Tradução de

LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

2014

Copyright © 2003 by Bernard Cornwell Copyright © 2011 by Editora Record
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

Título Original: Harlequin Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva Revisão e
Organização: Adriano T. B. Cruz Arte da Capa: Daniel Morena e Marcelo
Martinez Produção Editorial: Edmundo Barreiros

Revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Cornwell, Bernard,
1944—

O Arqueiro / Bernard Cornwell ; tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva –
Rio de Janeiro, RJ : Editora Record, 2011

Título original: Harlequin ISBN 978-85-01-06170-6

1. Romance histórico inglês.

2. Título.

04-1390 CDD 821.111-3

O ARQUEIRO

é dedicado a

Richard e Julie

Rutherford-Moore

“...muitas batalhas mortais foram travadas, pessoas massacradas, igrejas saqueadas, almas destruídas, jovens mulheres e virgens defloradas, respeitáveis esposas e viúvas desonradas; cidades, casas e construções incendiadas; e roubos, crueldades e emboscadas cometidos nas estradas. A justiça falhou, devido a tais coisas. A fé Cristã fraquejou, o comércio pereceu. E tantas outras

maldades e coisas horríveis se seguiram a essas guerras que não podem ser ditas, numeradas ou escritas.”

Jean II

Rei da França

1360

Prólogo

o tesouro de Hookton foi roubado na manhã do domingo de Páscoa do ano de 1342.

Tratava-se de um objeto sagrado, uma relíquia suspensa das traves da igreja e era extraordinário que um objeto tão precioso pudesse ser guardado numa aldeia tão obscura. Havia quem dissesse que não deveria ali estar, mas sim ter sido guardado numa catedral ou numa importante abadia, enquanto outros, muitos outros, afirmavam que não era genuíno. Apenas os tolos negavam que as relíquias fossem falsas. Homens bem falantes percorriam os caminhos de Inglaterra vendendo ossos amarelados que diziam ter pertencido aos dedos das mãos e dos pés, bem como às costelas de santos benditos; por vezes, os ossos eram de fato humanos, mas na maioria dos casos, pertenciam a porcos e, até mesmo, a veados. Mesmo assim, o povo comprava-os e venerava-os.

— É o mesmo que rezar a São Guinefort — dizia o padre Ralph, soltando uma gargalhada de troça. — Rezem a ossos de presunto, a ossos de presunto! A um porco bendito!

Fora o padre Ralph que trouxera o tesouro para Hookton e não queria ouvir falar da sua transferência para uma catedral ou abadia.

Assim, durante oito anos, ficou suspenso na pequena igreja,

acumulando pó e teias de aranha que cintilavam com reflexos prateados quando o sol entrava pela janela alta da torre poente. Os pardais poisavam no tesouro e em algumas manhãs havia morcegos pendurados no seu cabo. Raramente o limpavam e quase nunca o desciam, embora, de vez em quando, o padre Ralph exigisse que lhe trouxessem a escada e soltassem o tesouro das suas correntes, de modo a poder orar junto a ele, enquanto o afagava. Nunca se vangloriava de o

ter. Outras igrejas ou mosteiros, na posse de tal relíquia, tê-lo-iam utilizado para atrair os peregrinos, porém o padre Ralph afastava os visitantes.

— Não é nada — respondia, sempre que um desconhecido perguntava o que era a relíquia. — Uma ninharia. Nada! — e zangava-se se os visitantes insistiam. — Não é nada, nada, nada!

O padre Ralph era um homem assustador e mesmo quando não estava zangado, tinha o génio de um demónio descabelado e a sua ira ostensiva defendia o tesouro. Porém, acreditava ser a ignorância a melhor protecção da relíquia, pois se os homens desconhecessem a sua existência, Deus guardá-la-ia. E foi o que Ele fez, durante algum tempo.

A obscuridade de Hookton era de fato o melhor resguardo do tesouro. A pequena aldeia situava-se na costa sul de Inglaterra, onde o Lipp, um ribeiro, quase um rio, corria para o mar junto a uma praia coberta de pequenos calhaus. Meia dúzia de barcos de pesca partiam da aldeia, protegidos à noite pelo próprio Hook, uma língua de seixos que contornava o último braço do Lipp. Mesmo assim, durante a famosa tempestade de 1322 o mar rugira sobre o Hook e desfizera os barcos na parte superior da praia. A aldeia nunca se recuperara de tal tragédia. Antes do temporal, saíam do Hook dezanove barcos mas,

vinte anos depois, apenas seis pequenas embarcações enfrentavam as ondas para lá da traiçoeira barra do rio. O resto dos aldeãos trabalhava nas salinas ou criava rebanhos e gado nos montes por trás do aglomerado de cabanas de tecto de colmo, situadas em redor da pequena igreja de pedra, onde o tesouro estava suspenso por entre traves enegrecidas. Assim era Hookton, um local onde havia barcos, peixe, sal e gado, tendo por trás montes verdejantes, por dentro ignorância e à frente o vasto mar.

Hookton, como todas as terras da Cristandade, realizava uma vigília no sábado de Aleluia e, em 1342, esse dever solene era levado a cabo por cinco homens que acompanharam o padre Ralph, enquanto este consagrava os Sacramentos da Páscoa e depois poisava o pão e o vinho sobre o pano branco do altar. As hóstias estavam dentro de uma simples tigela de barro coberta com um pano de linho branqueado, enquanto o vinho se encontrava numa taça de prata que pertencia ao padre Ralph, e que fazia parte do seu mistério. Era um homem muito alto, piedoso e demasiado erudito para ser um simples padre de aldeia. Dizia-se que poderia ter sido bispo, mas que o diabo o perseguira com sonhos maus e havia

quem garantisse ser verdade que anos antes de ter vindo para Hookton estivera fechado na cela de um mosteiro devido a uma possessão demoníaca. Depois, em 1334, os demónios tinham-no abandonado e fora enviado para a aldeia, onde aterrorizava os seus habitantes pregando às gaivotas ou caminhando pela praia a chorar os seus pecados e a bater no peito com pedras aguçadas. Uivava como um cão, quando a maldade lhe pesava demasiado na consciência, mas encontrara também uma espécie de paz naquela terra remota. Construía uma enorme casa de madeira, onde morava com uma governanta, e fizera amizade com sir

Giles Marriott, senhor de Hookton, que vivia num castelo de pedra, meia légua mais a norte.

Sir Giles era sem dúvida um gentil-homem, tal como o padre Ralph parecia ser, não obstante o cabelo hirsuto e a voz irada.

Coleccionava livros que, logo a seguir ao tesouro que trouxera para a igreja, eram as maiores maravilhas de Hookton. Por vezes, quando não fechava a porta, as pessoas olhavam boquiabertas para os dezassete volumes encadernados a couro, empilhados sobre a mesa. A maior parte estava escrita em Latim, porém havia uns quantos em francês, a língua materna do padre Ralph. Não o francês de França, mas o francês normando, língua dos governantes ingleses, de modo que, embora sem se atreverem a perguntar-lhe, os aldeãos calculavam que o seu sacerdote seria de nobre estirpe. Todos o temiam, embora soubessem que cumpria o seu dever; baptizava-os, dizia missa, casava-os, ouvia-lhes as confissões, absolvía-os, repreendia-os e enterrava-os, mas não os acompanhava. Caminhava só, com o rosto severo, o cabelo desgrenhado e os olhos a brilhar. Todavia e mesmo assim, os aldeãos orgulhavam-se dele. A maior parte das igrejas do campo tinha de suportar sacerdotes ignorantes, com cara de Lua cheia, pouco mais instruídos que os seus paroquianos, mas Hookton tinha no padre Ralph um erudito como era devido, demasiado inteligente para ser sociável, talvez um santo, talvez um nobre de estirpe, um pecador confesso, provavelmente louco, mas, incontestavelmente, um verdadeiro padre.

O padre Ralph abençoou os santíssimos Sacramentos para logo a seguir advertir os cinco homens que Lúcifer andava à solta na noite antes da Páscoa e que o maior desejo do demónio era arrebatá-los do altar. Desse modo, teriam eles de guardar com diligência o pão e o

vinho, tarefa que passaram a cumprir, respeitosamente ajoelhados, logo após a

partida do sacerdote, olhando o cálice, com o brasão de armas gravado no seu corpo de prata. O brasão mostrava um animal mítico, um yale (Animal mítico parecido com um antílope, do tamanho de um cavalo, com presas e cauda de leão. Foi usado pela primeira vez por John, duque de Beauford, 3.º filho de Henrique IV.

[N. da T.]), segurando um graal e fora esse nobre objeto que sugerira aos aldeãos a estirpe fidalga do padre Ralph, caído em desgraça por ter sido possuído pelos demónios. O cálice de prata parecia cintilar à luz de duas imensas velas que ficariam a arder durante toda a noite. A maior parte das aldeias não se podia dar ao luxo de ter círios pascais, mas o padre Ralph todos os anos comprava dois aos monges de Shaftesbury e os aldeãos entravam timidamente na igreja para os admirarem. Porém, naquela noite, depois do pôr do Sol, apenas os cinco homens observavam as chamas enormes e firmes.

A dada altura, John, que era pescador, soltou um peido.

— Deve estar bem maduro para afastar o demónio — disse, fazendo rir os outros quatro. Depois, todos eles abandonaram os degraus do coro e sentaram-se, encostados à parede da nave. A mulher de John mandara um cesto com pão, queijo e peixe fumado, enquanto Edward, que era dono de umas salinas na praia, trouxera a cerveja.

Nas grandes igrejas da Cristandade, eram os cavaleiros que faziam esta vigília anual. Ajoelhavam, envergando a armadura e camisas de tela bordadas com leões empinados, falcões inclinados, cabeças de machado e águias de asas abertas, e os elmos enfeitados com cristas de penas. Porém, não havia cavaleiros em Hookton e apenas o homem mais novo, que se chamava Thomas e estava

sentado um pouco afastado dos outros quatro, possuía uma arma. Era uma espada velha, romba e já um pouco ferrugenta.

— Crês tu que essa lâmina velha possa assustar o diabo, Thomas?

— perguntou John.

— O meu pai disseme que a trouxesse — afirmou Thomas.

— Para que quer o teu pai essa espada?

— Já sabes que não deita nada fora — disse Thomas, erguendo a velha arma. Era pesada, mas ele levantou-a com facilidade; aos dezoito anos, era alto e imensamente forte. Era muito apreciado em Hookton, pois além de ser o filho do homem mais rico da aldeia, era também um rapaz trabalhador. Não havia nada de que mais gostasse do que passar um dia no mar a puxar as redes mascarradas que lhe deixavam as mãos feridas e a sangrar. Sabia navegar à vela e tinha força para manobrar um remo enorme, quando o vento caía; sabia montar armadilhas, manejar o arco, cavar uma sepultura, castrar vitelos, cobrir as casas com colmo e cortar feno durante um dia inteiro. Era um rapaz do campo, enorme, ossudo e de cabelo negro, mas Deus dera-lhe um pai que o queria ver acima das coisas vulgares.

Queria que Thomas fosse padre e era por isso que o rapaz terminara o primeiro período da sua estada em Oxford.

— Que fazes tu em Oxford, Thomas? — perguntou-lhe Edward.

— Tudo aquilo que não devia — respondeu Thomas. Afastou o cabelo negro do rosto, ossudo como o do pai. Tinha os olhos muito azuis, e um pouco encovados, queixo comprido, e o sorriso fácil. As raparigas da aldeia consideravam-no bonito.

— Há raparigas em Oxford? — perguntou John, manhoso.

— Mais do que devia haver — concordou Thomas.

— Não digas isso ao teu pai — aconselhou Edward. — Ou levas umas boas vergastadas. O teu pai é muito bom com o chicote.

— Não há melhor — confirmou Thomas.

— Só quer o que é melhor para ti — disse John. — Não o podemos censurar por isso.

Mas Thomas censurava o pai. Sempre o fizera. Havia anos que se confrontavam e nada causava tanto atrito entre eles, como a obsessão de Thomas pelos arcos. O pai da mãe fora fabricante de arcos, no Weald, e Thomas vivera com o avô até quase aos dez anos. Depois, o pai trouxera-o para Hookton, onde veio a conhecer o monteiro de sir Giles Marriott, outro homem hábil no manejo desta arma e que

passara a ser o seu novo tutor. Thomas fizera o primeiro arco com onze anos, mas quando o pai descobriu a arma de madeira de olmo, quebrara-a sobre o joelho, usando os restos para açoitar o filho.

— Não és um homem do povo — gritara, vergastando Thomas nas costas, na cabeça e nas pernas com as ripas partidas; todavia, nem as palavras nem a pancada tiveram qualquer efeito. E, como o pai de Thomas andava geralmente preocupado com outras coisas, o rapaz tinha muito tempo para se dedicar à sua obsessão.

Aos quinze anos, era tão bom fabricante de arcos quanto o avô, sabendo instintivamente a forma a dar à ripa de salgueiro, de modo a que o interior fosse feito com o cerne, e a parte exterior revestida pelo sâmag, mais flexível para que quando o arco se dobrasse, a madeira do cerne quisesse sempre endireitar-se e o sâmag fosse o músculo que tornava possível o movimento. Para o veloz cérebro de Thomas, havia elegância, simplicidade e beleza num bom arco. Macio e forte, era como o ventre liso de uma rapariga e, naquela noite, ao fazer a vigília pascal na igreja de Hookton, Thomas recordou-se de Jane, que servia na pequena taberna da aldeia.

John, Edward e os outros dois homens tinham estado a falar das coisas da aldeia: do preço dos cordeiros na feira de Dorchester, da velha raposa que, em Lip Hill, tinha comido numa só noite todo um bando de gansos e do anjo que fora visto sobre os telhados em Lyme.

— Parece-me que andaram a beber demais — alvitrou Edward.

— Eu vejo anjos quando bebo — disse John.

— Deve ser Jane — afirmou Edward. — Parece um anjo, lá isso parece.

— E tu não te portes como se o fosses — avisou John. — A moça está grávida.

Os outros quatro homens olharam para Thomas que, com ar inocente, fitava o tesouro suspenso das traves. Na verdade, receava que a criança fosse de fato sua e sentia-se aterrorizado com o que o pai poderia dizer; porém nessa noite fingiu ignorar a gravidez de Jane.

Limitou-se a olhar para a relíquia, semi-obscurecida por uma rede de pesca pendurada a secar, enquanto os quatro homens mais velhos, aos poucos,

acabaram por adormecer. Uma corrente de ar frio fez tremeluzir a chama das velas gémeas. Algures na aldeia, um cão uivava e Thomas ouvia sempre e ininterruptamente o vaivém das ondas a bater nas pedras, que se detinha, para logo recomeçar.

Escutou o ressonar dos quatro companheiros e rezou para que o pai nunca descobrisse o que se passava com Jane, coisa pouco provável, já que ela pressionava Thomas para casarem e ele não sabia o que fazer. Talvez, pensou, o melhor fosse fugir, levar Jane e o arco e fugir, mas como não tinha a certeza, olhava a relíquia no tecto da igreja e rezava para que o santo viesse em seu auxílio.

O tesouro era um lança. Uma arma enorme, com um cabo da grossura do braço de um homem e duas vezes a sua altura.

Provavelmente era feita de freixo, apesar de ser tão antiga que ninguém o podia afirmar; a idade curvara também um pouco o cabo, incrivelmente enegrecido, e a extremidade não era uma lâmina de ferro ou aço, mas sim uma cunha de prata baça, que se transformava numa ponta fina. O cabo não se dilatara para proteger o punho, mas era liso como um dardo ou um aguilhão; a relíquia parecia de fato uma enorme vara de bois, mas um camponês nunca picaria um animal com uma ponta de prata. Tratava-se de uma arma, era uma lança.

Só que não era uma velha lança qualquer. Era a própria usada por São Jorge para matar o dragão. Era a lança de Inglaterra, pois São Jorge era o santo deste país, o que a transformava num enorme tesouro, mesmo suspensa do tecto cheio de teias de aranhas da igreja de Hookton. Havia muita gente que dizia que nunca poderia ter pertencido a São Jorge, mas Thomas acreditava que sim. Gostava de imaginar a poeira levantada pelas patas do cavalo do santo, bem como o hálito de chamas infernais soltado pelo dragão, enquanto o animal recuava e São Jorge apontava a lança. A luz do sol, cintilante como as asas de um anjo, teria iluminado o capacete do santo e Thomas imaginava os rugidos do dragão, o agitar da sua cauda coberta de escamas, o cavalo a relinchar de terror; via o santo erguer-se nos estribos, antes de mergulhar a ponta de prata na couraça do monstro. A lança ia directa ao coração e chegavam ao céu os gritos da fera, que estrebuchava, se esvaía em sangue e logo morria. Depois o pó assentava, o sangue do dragão secava sobre as areias do deserto e São Jorge arrancava a lança, que acabaria por chegar à posse do padre Ralph. Mas como? O sacerdote não dizia. Mas ali estava ela, uma enorme lança escura, suficientemente pesada para estilhaçar as

escamas de um dragão.

Assim, naquela noite, Thomas rezou a São Jorge, enquanto Jane, a beldade de cabelo negro, cujo ventre começava a arredondar com a criança que esperava, dormia na taberna. O padre Ralph gritava com um pesadelo, assustado pelos demónios que dançavam na escuridão e pelas megeras que gritavam no monte enquanto as ondas intermináveis se lançavam e sugavam as pedras do Hook. Era a noite antes da Páscoa.

Thomas acordou ao som dos galos da aldeia e viu que as velas ricas tinham ardido quase até aos castiçais de estanho. Uma luz cinzenta entrava pela janela, sobre o altar coberto de branco. O padre Ralph prometera à aldeia que um dia naquela janela cintilaria um vitral colorido mostrando São Jorge a picar o dragão com a lança de ponta de prata, mas por enquanto, a moldura de pedra estava preenchida por finas placas de osso, que faziam com que o ar dentro da igreja tivesse a cor amarela da urina.

Thomas levantou-se com vontade de urinar e os primeiros gritos de horror soaram, vindos da aldeia.

Porque era Páscoa, Cristo ressuscitara e os franceses estavam a desembarcar.

Os assaltantes chegaram da Normandia em quatro barcos que haviam navegado durante a noite, empurrados pelo vento oeste. O

chefe da expedição, sir Guillaume d'Evecque, o Sieur d'Evecque era um guerreiro experimentado que já combatera os ingleses na Gasconha e na Flandres e conduzira dois assaltos à costa sul de Inglaterra. De ambas as vezes, regressara com os barcos intactos e carregados de lã, prata, gado e mulheres. Vivia numa bela casa de pedra na île Saint Jean de Caen, onde era conhecido como o cavaleiro

do mar e da terra. Tinha trinta anos, peito largo e queimado do sol, de cabelo loiro; era alegre e irreflectido, vivendo da pirataria no mar e de serviços prestados como cavaleiro, em terra. Acabava de chegar a Hookton.

O local era insignificante, quase incapaz de oferecer grandes recompensas, porém, sir Guillaume fora contratado e se falhasse em Hookton, se não conseguisse sequer arrancar uma moeda a um aldeão, mesmo assim, teria lucro, já que lhe tinham prometido mil libras pela expedição. O contrato fora assinado

e selado, garantindo-lhe as ditas mil libras juntamente com todo o saque que conseguisse em Hookton. Já lhe tinham pago cem e o resto estava à guarda do Irmão Martin, da Abbaye aux Hommes de Caen, de modo que, para ganhar as restantes novecentas, sir Guillaume apenas teria de levar os barcos até Hookton, ficar com o que quisesse, excepto o recheio da igreja que pertenceria ao homem que lhe oferecera tão generoso contrato. Este encontrava-se agora ao lado de sir Guillaume, no navio principal.

Era um jovem, com menos de trinta anos, alto e de cabelo negro, que raras vezes falava e sorria ainda menos. Trazia uma rica cota de malha que lhe caía até aos joelhos e, sobre ela, uma camisa de tela, de linho negro, sem qualquer insígnia. Mesmo assim, sir Guillaume calculava que o outro fosse nobre, pois tinha a arrogância da sua linhagem e a confiança dos privilegiados. Não era certamente um nobre normando, pois sir Guillaume conhecia-os a todos e tinha sérias dúvidas de que este tivesse vindo dos arredores de Alençon ou Maine, já que muitas vezes acompanhara os exércitos dessas paragens. Porém, a coloração amarelada da tez do desconhecido sugeria-lhe que fosse originário das províncias mediterrânicas, talvez

do Languedoque ou de Dauphine, e lá eram todos doidos. Doidos varridos. sir Guillaume nem sequer sabia o nome do homem.

— Há quem me chame Harlequin — respondera o desconhecido quando sir Guillaume lhe perguntara.

— Harlequin? — repetira sir Guillaume, fazendo imediatamente a seguir o sinal da Cruz, pois ninguém faria alarde de um nome assim.

— Quer dizer, o mesmo que hellequin?

— É hellequin, em França — concordara. — Mas em Itália diz-se

«harlequin». E a mesma coisa — o homem sorria e nesse sorriso havia a sugestão de que seria melhor sir Guillaume dominar a sua curiosidade, se quisesse receber as restantes novecentas libras.

O homem que se autodenominava Harlequin fitava agora a costa coberta de bruma, onde se avistava a torre de uma igreja atarracada, por entre um vago amontoado de telhados e colunas de fumo dos fogos de combustão lenta das salinas.

— Hookton? — perguntou.

— É o que ele diz — respondeu sir Guillaume, apontando com a cabeça para o mestre da embarcação.

— Então que Deus se amerceie dessa terra — proferiu o homem.

Sacou da espada, embora os quatro barcos estivessem ainda a meia milha da costa. Os besteiros genoveses, contratados para a viagem, fizeram o sinal da Cruz e começaram a retesar as cordas assim que sir Guillaume ordenou que erguessem o seu estandarte no mastro principal. Era uma bandeira azul decorada com três falcões amarelos, de asas abertas e garras afiadas, já inclinados em direcção à presa. Sir Guillaume sentiu o cheiro das fogueiras das salinas e ouviu o os galos a cantar em terra.

Os galos continuavam a cantar, quando as proas dos quatro barcos encalharam na praia de seixos.

Sir Guillaume e o Harlequin foram os primeiros a saltar para terra, mas logo atrás deles, seguiam duas dezenas de besteiros genoveses, soldados profissionais, conhecedores dos seus deveres. O

chefe fê-los atravessar a praia e a aldeia, de modo a fecharem o vale, onde deteriam qualquer aldeão que se decidisse a fugir, levando consigo os seus bens. Os restantes homens de sir Guillaume saqueariam as casas, enquanto os marinheiros ficariam na praia a guardar as embarcações.

Fora uma longa noite passada no mar, com frio e muita ansiedade, mas agora chegara a recompensa. Hookton foi invadida por quarenta homens-de-armas. Usavam capacetes justos e cotas de malha sobre coletes de couro, estavam armados com espadas, machados e lanças, e autorizados a saquear. A maior parte eram veteranos de outros assaltos levados a cabo por sir Guillaume e sabiam exactamente o que tinham a fazer. Abrir a pontapé as portas pouco resistentes e começar a matar os homens. Deixar que as mulheres gritassem, mas matar os homens, pois eram eles que mais ripostavam. Algumas mulheres fugiam, mas os besteiros genoveses estavam ali para as deter. Uma vez mortos os homens, o saque poderia começar, o que levava tempo, já que os aldeãos metiam tudo o que possuíam de valor em esconderijos difíceis de encontrar. O

colmo tinha de ser arrancado, os poços explorados, o soalho erguido, mas havia muita coisa que estava à vista: presuntos que aguardavam a primeira refeição após a Quaresma, renques de peixe fumado ou seco, montes de redes, boas panelas, rocas e fusos, ovos, batedeiras de manteiga, barricas de sal — coisas muito humildes, mas de valor suficiente para serem levadas para a Normandia. Nalgumas casas

guardavam pequenas quantidades de moedas e uma delas, a do padre, escondia um tesouro de travessas, castiçais e jarros de prata.

Havia mesmo lá alguns rolos de bom tecido de lã, uma enorme cama entalhada e um bom cavalo no estábulo. Sir Guillaume olhou para os dezassete livros, mas concluiu que nada valiam e assim, tendo arrancado os fechos de bronze das capas de couro, deixou-os para que ardessem quando incendiassem as casas. Teve de tirar a vida à governanta do padre. Lamentou aquela morte. Sir Guillaume não se melindrava por matar mulheres, porém as suas mortes não traziam qualquer honra, de modo que não as encorajava, a menos que elas lhe causassem problemas. A governanta do padre quisera resistir.

Atirara-se aos soldados com o espeto de assar, chamara-lhes filhos de prostitutas e vermes do diabo, de modo que, por fim, sir Guillaume cortou-a ao meio com a espada, já que ela não aceitava o seu destino.

— Cabra estúpida — exclamou ele, passando por cima do cadáver para espreitar a lareira. Dois belos presuntos estavam a ser fumados na chaminé.

— Desce-os — ordenou a um dos seus homens e depois deixou-os, para revistarem a casa, enquanto ele se dirigia à igreja.

O padre Ralph, acordado pelos gritos dos seus paroquianos, enfiara a sotaina e correria à igreja. Os homens de sir Guillaume tinham-no deixado em paz, por respeito, mas uma vez lá dentro, o sacerdote começou a repelir os invasores, até que o Harlequin chegou e, aos berros, ordenou aos seus homens que o agarrassem. Prenderam-lhe os braços e imobilizaram-no diante do altar coberto com a toalha pascal.

O Harlequin, de arma na mão, inclinou-se diante do padre Ralph.

— Meu senhor conde — disse.

O padre Ralph fechou os olhos, talvez em oração, embora parecesse estar muito irritado. Abriu-os e fitou o belo rosto do Harlequin.

— Sois o filho de meu irmão — disse, sem parecer zangado, mas sim imensamente triste.

— E verdade.

— Como está vosso pai?

— Morto — respondeu o Harlequin. — Tal como o pai dele e vosso.

— Deus dê descanso às suas almas — proferiu piedosamente o padre Ralph.

— E quando morrerdes vós, velho, serei conde e a nossa família erguer-se-á de novo.

O padre Ralph esboçou um leve sorriso e olhou para a lança.

— De nada te servirá — afirmou. — O seu poder está reservado para homens virtuosos. Não terá qualquer efeito num demónio como vós.

Depois o padre Ralph soltou um estranho gemido, e perdeu o fôlego enquanto baixava os olhos para o ventre, onde o sobrinho tinha enterrado a espada. Esforçou-se por falar, mas as palavras não lhe saíram, depois tombou, quando os soldados o largaram e caiu sobre o altar com uma poça de sangue no colo.

O Harlequin limpou a espada na toalha, manchada de vinho, e ordenou aos homens de sir Guillaume que arranjassem uma escada.

— Uma escada? — perguntou o soldado, confuso.

— Eles não cobrem os telhados com colmo? Então têm escadas.

Descobre uma — o Harlequin embainhou a espada e ergueu os olhos para a lança de São Jorge.

— Lancei-lhe uma maldição — murmurou o padre Ralph em voz fraca. Estava pálido, moribundo, mas extremamente calmo.

— As vossas maldições, senhor, preocupam-me tanto como um peido de uma

taberneira — o Harlequin atirou os castiçais de estanho a um soldado, depois pegou nas hóstias que estavam na tigela de barro e meteu-as na boca. Olhou então para o recipiente e, concluindo que não tinha qualquer valor, deixou-o sobre o altar.

— Onde está o vinho? — perguntou ao padre Ralph. Este abanou a cabeça.

— Cálix meus inebrians — disse, e o Harlequin soltou uma gargalhada. O padre Ralph fechou os olhos quando a dor se apoderou do seu ventre. — Oh, meu Deus! — gemeu.

O Harlequin baixou-se junto ao tio.

— Dói muito?

— Como fogo — respondeu o padre Ralph.

— Ides arder no Inferno, meu senhor — disse o Harlequin e viu como o padre Ralph se agarrava ao ventre ferido para estancar o fluxo de sangue. Afastou-lhe as mãos e desferiu-lhe um forte pontapé no estômago. O padre Ralph contorceu-se gemendo de dor.

— Um presente da vossa família — disse o Harlequin e voltou-lhe as costas, pois a escada já tinha sido trazida para dentro da igreja.

A aldeia enchera-se de gritos, já que a maioria das mulheres e crianças estavam vivas e a sua provação mal começara. As mais novas foram imediatamente violadas pelos homens de sir Guillaume e as mais belas, incluindo Jane, da taberna, foram levadas para os barcos, para serem transportadas para a Normandia, onde se transformariam em prostitutas ou em esposas destes homens. Uma delas gritava, porque tinha um bebé dentro de casa, mas os soldados não a

entendiam e bateram-lhe para que se calasse antes de a entregarem nas mãos dos marinheiros. Estes deitaram-na sobre as pedras e levantaram-lhe as saias. A mulher chorou, inconsolável, ao ver arder a sua casa. Gansos, porcos, cabras, seis vacas e o cavalo bom do padre foram conduzidos para os barcos, enquanto gaivotas brancas voavam aos gritos, no céu.

O sol mal se erguera sobre os montes a Oriente e a aldeia já rendera mais do que

sir Guillaume ousara esperar.

— Podíamos seguir para o interior — sugeriu o capitão dos besteiros genoveses.

— Já temos aquilo que viemos buscar — interveio o Harlequin, vestido de negro. Colocara desajeitadamente a lança de São Jorge sobre a erva do cemitério e olhava agora a antiga arma como se tentasse compreender o seu poder.

— O que é isso? — perguntou o besteiro genovês.

— Nada que a ti te sirva.

Sir Guillaume sorriu.

— Se se desferir um golpe com essa lança, estilhaça-se como se fosse de marfim.

O Harlequin encolheu os ombros. Tinha encontrado o que desejava e não lhe interessava a opinião de sir Guillaume.

— Vamos para o interior — sugeriu de novo o capitão genovês.

— Talvez uma ou duas léguas — concordou sir Guillaume. Sabia que tinha a recear a chegada dos temidos arqueiros ingleses a Hookton, mas provavelmente tal não aconteceria antes do meio-dia.

Assim, perguntava a si próprio se não existiria uma outra aldeia próxima que valesse a pena saquear. Olhou para uma menina aterrorizada, que não teria mais que onze anos e estava a ser arrastada

para a praia por um soldado.

— Quantos mortos? — perguntou.

— Nossos? — o capitão genovês parecia surpreendido com a pergunta. — Nenhum.

— Nossos não, deles.

— Trinta homens, quarenta? Umas quantas mulheres?

— E saímos sem um único arranhão! — sir Guillaume exultava.

— É pena pararmos agora — olhou para o amo, mas o homem de negro não parecia importar-se com o que fizessem. Entretanto o capitão genovês limitava-se a resmungar, o que surpreendeu sir Guillaume, pois julgava-o desejoso de prosseguir o assalto. Contudo, viu que o resmungo irritado não fora provocado por falta de entusiasmo, mas sim por uma seta de penas brancas que se lhe enterrara no peito. Atravessara a camisa de malha e o colete almofadado como uma agulha, deslizando pelo linho e matando instantaneamente o besteiro.

Sir Guillaume atirou-se ao chão e um instante depois outra seta passou por cima dele para se enterrar na erva. O Harlequin arrancou a lança e corria já em direção à praia, enquanto sir Guillaume tentava abrigar-se na entrada da igreja.

— Besteiros! — gritou. — Besteiros! Porque alguém começara a ripostar.

Thomas ouvira os gritos e, tal como os outros quatro homens que se encontravam na igreja, fora até à porta, para saber o que se passava. Assim que chegaram à entrada, viram, já no cemitério, um bando de homens armados, com as cotas de malha e os elmos cinzentos escuros à luz da manhã.

Edward atirou com a porta da igreja, pôs-lhe a tranca e persignou-se.

— Meu doce Jesus — disse, estupefato e depois estremeceu quando um machado se enterrou na madeira. — Dá-me isso! — e agarrou na espada de Thomas.

Este entregou-lha. A porta da igreja tremia agora enquanto dois ou três machados atacavam a madeira antiga. Os aldeãos sempre tinham partido do princípio que Hookton era demasiado pequena para ser assaltada, mas agora a porta da igreja fazia-se em estilhaços diante dos seus olhos. Teve a certeza de que eram os franceses. Por toda a costa, corriam histórias a respeito destes desembarques e o povo rezava orações para se proteger de tais ataques, porém, o inimigo encontrava-se ali e os golpes dos machados ecoavam dentro da igreja.

Thomas estava em pânico, mas ignorava-o. Sabia apenas que tinha de sair dali, de modo que correu e saltou sobre o altar. Esmagou o cálice de prata com o pé direito e atirou-o ao chão ao trepar para o parapeito da grande janela do lado

nascente. Lançou-se contra as placas amareladas, partiu o osso e ficou voltado para o cemitério. Viu homens de gibões vermelhos e verdes passarem a correr pela taberna, mas nenhum olhou para ele, de modo que saltou e correu para a vala, onde rasgou as roupas a tentar atravessar a sebe de espinhos, para passar para o outro lado. Atravessou o atalho, saltou a vedação do jardim do pai e bateu com toda a força à porta da cozinha, mas ninguém atendeu, e uma seta bateu no lintel a uma pequena distância do seu rosto. Thomas encolheu-se e fugiu por entre os feijoeiros, até ao estábulo onde o pai guardava o cavalo. Não havia tempo para libertar o animal, por isso Thomas trepou ao monte de feno onde escondia o arco e a aljava. Ouviu uma mulher gritar ali

perto. Os cães uivavam. Os franceses gritavam, enquanto deitavam portas abaixo. Thomas pegou no arco e na aljava, arrancou o colmo das traves e esgueirou-se pela greta saindo para o pomar do vizinho.

Correu então como se fosse perseguido pelo diabo. O projectil de uma besta caiu sobre a relva quando chegou a Lip Hill. Dois arqueiros genoveses começaram a persegui-lo, mas Thomas era jovem, alto, forte e veloz. Correu monte acima, atravessando a pastagem verdejante cheia de primaveras e margaridas, saltou a vedação que cobria uma abertura na sebe e depois continuou em direcção ao cume. Só parou no bosque, já na outra encosta, onde se deixou cair, para recuperar o fôlego, por entre as campainhas azuis. Aí ficou, a escutar os carneiros num campo próximo. Esperou, mas nada mais ouviu. Os besteiros tinham abandonado a perseguição.

Thomas ficou muito tempo deitado por entre as flores silvestres, mas por fim resolveu voltar cautelosamente ao cimo do monte, de onde avistou um grupo de mulheres velhas e crianças que se espalhavam pela outra encosta. Aquela gente tinha, sabe-se lá como, fugido aos besteiros e seguiria sem dúvida em direcção ao norte, para avisar sir Giles Marriott, contudo Thomas não se lhes juntou. Preferiu descer até umas aveleiras, onde florescia também o mercurial vivaz e de onde conseguia ver a morte da sua aldeia.

Os homens carregavam o saque para os quatro estranhos barcos ancorados nas pedras do Hook. Estavam agora a incendiar o primeiro telhado de colmo. Havia dois cães mortos ao lado de uma mulher quase nua, que os franceses seguravam no chão; tinham-lhe levantado as saias e serviam-se dela cada um por sua vez. Thomas recordou que, não havia muito tempo a mulher tinha casado com um pescador, cuja primeira esposa morrera de parto. Tinha um ar

tímido e feliz, mas agora, quando tentava rastejar pela estrada, um francês dera-lhe um pontapé na cabeça e soltara uma gargalhada.

Thomas viu Jane, a rapariga que temia ter engravidado, ser arrastada para os barcos e sentiu vergonha da sua sensação de alívio por não ter de dar a notícia ao pai. Mais cabanas eram incendiadas, à medida que os franceses lançavam palha a arder para cima dos telhados de colmo e Thomas viu o fumo subir cada vez mais espesso antes de abrir caminho por entre as aveleiras até um sítio onde a profusão de flores brancas do espinheiro o ocultava. Foi daí que disparou o arco.

Era o melhor arco que alguma vez fizera. Fora cortado de uma ripa que dera à costa, proveniente de um navio afundado no canal.

Uma dezena dessas ripas aparecera na praia de Hookton, trazidas pelo vento sul e o monteiro de sir Giles Marriott pensava que seriam de teixo italiano, pois tratava-se da madeira mais bela que alguma vez vira. Thomas vendera onze destas ripas, de veios apertados, em Dorchester, mas conservara a melhor. Cortara-a, depois passara os extremos pelo vapor, de modo a dar-lhes uma leve inclinação, contrária aos veios da madeira, e cobrira-a com uma mistura de fuligem e óleo de linhaça. Cozera a mistura no fogão da mãe, em dias que o pai estava ausente de casa, de modo que este nunca soube o que o filho andava a fazer. É verdade que por vezes se queixava do cheiro, mas a mulher dizia-lhe que estava a preparar uma poção para envenenar ratos. O arco tivera de ser pintado, para não secar, pois de contrário a madeira tornar-se-ia quebradiça e racharia sob a tensão da corda. A tinta secara para ficar de uma cor dourada, exactamente como os arcos que o avô fabricara em Weald. Thomas quisera que o seu ficasse mais escuro, e esfregou mais fuligem na madeira, passando-lhe a seguir cera de abelha. Foi o que fez durante duas

semanas, até o arco ficar tão escuro como o cabo da lança de São Jorge. Colocou nas pontas dois bocados de osso entalhado, para segurar a corda feita de fibras de cânhamo entrançadas, humedecidas com grude, depois reforçara a corda com mais cânhamo no sítio em que a flecha se apoiava. Roubara umas moedas ao pai, para comprar cabeças de seta em Dorchester, e fabricara em seguida as hastes de madeira de freixo e penas de ganso, de modo que, naquela manhã de domingo de Páscoa, tinha vinte e três boas flechas dentro da aljava.

Thomas puxou o arco, pegou numa flecha com penas brancas e olhou para os três homens junto à igreja. Estavam muito longe, porém o arco negro era uma

das maiores armas jamais feitas e a sua curvatura de freixo tinha uma força excepcional. Um deles vestia uma cota de malha, outro uma simples camisa de tela negra e um terceiro um gibão verde e vermelho sobre a cota, de modo que Thomas concluiu que o que estava vestido de modo mais garrido deveria ser o comandante do assalto e portanto deveria morrer. A sua mão esquerda estremeceu ao pegar no arco. Tinha a boca seca e estava assustado. Sabia que dispararia com toda a força, de modo que baixou o braço e abrandou a tensão da corda. «Lembra-te», disse para consigo, «lembra-te de tudo o que te ensinaram. Um arqueiro não aponta, mata. Está tudo na cabeça, nos braços, nos olhos e matar um homem não é muito diferente de apontar a uma corça. Puxa e solta, mais nada», e fora para isso que praticara mais de dez anos, para que esse acto se tornasse para ele tão natural como respirar e tão fluido como a água de uma nascente. «Puxa a corda e deixa que Deus te guie a flecha.»

O fumo era agora mais espesso sobre Hookton. Thomas sentiu uma imensa raiva surgir dentro de si como um humor escuro;

avançou a mão esquerda, recuou a direita e não desviou os olhos do gibão verde e vermelho. Puxou a corda até esta estar atrás da sua orelha direita e depois soltou-a. Era a primeira vez que Thomas de Hookton disparava uma seta na direcção de um homem e soube que o tinha feito na perfeição, desde que esta saltara da corda, pois o arco nem estremeceu. A flecha voou bem centrada e viu-a descrever a curva, mergulhando do cimo do monte para atingir com toda a força e profundamente o gibão verde e vermelho. Lançou uma segunda flecha, e o homem de cota de malha caiu e tentou correr para a entrada da igreja, enquanto um terceiro pegava na lança e corria em direcção à praia onde o fumo o poderia ocultar.

Restavam a Thomas vinte e uma flechas. Uma por cada pessoa da Santíssima Trindade, pensou, mais outra por cada ano da sua vida, e essa estava ameaçada, já que uma dúzia de besteiros vinha a correr em direcção ao monte. Soltou a terceira flecha e depois voltou a correr para se esconder nas aveleiras. Sentia-se de súbito exultante, invadido por uma sensação de poder e satisfação. No preciso instante em que a primeira flecha voara pelo céu, soube que mais nada queria da vida. Era um arqueiro. Por sua vontade, Oxford poderia ir para o Inferno, pois encontrara a felicidade. Saltou de contentamento e correu monte acima. Os projecteis lançados pelas bestas caíam por entre as folhas das aveleiras e o jovem reparou que ao voarem produziam um ruído profundo, quase um zumbido. Depois passou o cimo do monte e correu alguns metros para Ocidente, antes de

recuar de novo até ao cume. Fez uma pausa, suficiente para disparar outra flecha, depois voltou-se e de novo partiu a correr.

Thomas conduziu os besteiros genoveses numa dança de morte

— do monte até à sebe, ao longo de atalhos que conhecia desde a

infância — e eles, tão tolos, seguiam-no, pois o orgulho não os deixava admitir que tinham sido derrotados. Mas assim era, e dois deles morreram antes que a trombeta soasse na praia, para reunir os assaltantes e os conduzir aos barcos. Nessa altura, os genoveses deram meia volta, detendo-se apenas para recuperar a arma, aljavas e cota de malha de um dos mortos, porém Thomas matou outro enquanto estavam inclinados sobre o primeiro defunto, mas dessa vez os sobreviventes fugiram dele.

Thomas seguiu-os até à aldeia envolta em fumo. Passou a correr pela taberna, que mais parecia um inferno, e chegou à praia, onde os quatro barcos estavam a ser levados. Os marinheiros empurraram-nos com os longos remos, levando-os para o mar. Rebocaram as três melhores embarcações de Hookton e queimaram os restantes. A aldeia ardia também, com o colmo a rodopiar em direcção ao céu, lançando fagulhas, fumo e fragmentos incandescentes. Thomas lançou inutilmente da praia uma última flecha e viu-a mergulhar nas águas a curta distância dos assaltantes em fuga; depois deu meia volta e regressou à aldeia fedorenta, incendiada, ensanguentada e dirigiu-se à igreja, único edifício a que os assaltantes não tinham ateado fogo.

Os seus quatro companheiros de vigília estavam mortos, mas o padre Ralph vivia ainda e estava sentado, encostado ao altar. A parte de trás da sotaina estava ensopada em sangue vivo e tinha o rosto comprido invulgarmente pálido.

Thomas ajoelhou ao lado do sacerdote.

— Meu pai?

O padre Ralph abriu os olhos e viu o arco. Fez uma careta, mas Thomas não percebeu se de dor ou reprovação.

— Mataste algum, Thomas? — perguntou o padre.

— Sim — respondeu Thomas. — Muitos.

O padre Ralph contorceu o rosto e estremeceu. Thomas calculava que ele seria um dos homens mais fortes que já conhecera, com as suas falhas, porém resistente como uma vara de salgueiro. Estava agora a morrer, com um queixume na voz.

— Não queres ser padre, pois não Thomas? — perguntou-lhe em francês, a sua língua materna.

— Não — respondeu Thomas da mesma forma.

— Vais ser soldado — disse o sacerdote. — Tal como o teu avô. —

Fez uma pausa e soltou um gemido, quando uma nova onda de dor lhe arrepanhou o ventre. Thomas desejava ajudá-lo, mas na verdade, nada podia fazer. A espada do Harlequin trespassara o padre Ralph e apenas Deus o poderia salvar. — Discuti com o meu pai e ele renegou-me — confessou o moribundo. — Deserdou-me e, desde esse dia, recusei-me a reconhecê-lo. Mas tu, Thomas, és parecido com ele.

Muito parecido. E sempre discutiste comigo.

— Sim, meu pai — respondeu Thomas, segurando a mão do padre, que não podia resistir.

— Amei a tua mãe — afirmou o padre Ralph. — Foi esse o meu pecado e tu és o seu fruto. Pensei que se fosses padre, poderias erguer-te acima do pecado. E ele invade-nos Thomas, invade-nos por todo o lado. Vi o demónio, Thomas, vi-o com os meus próprios olhos e temos de o combater. Apenas a Igreja o pode fazer — as lágrimas corriam-lhe pelas faces encovadas, com a barba por fazer. Olhou para cima, para o tecto da nave. — Roubaram a lança — disse tristemente.

— Eu sei.

— O meu bisavô trouxe-a da Terra Santa — disse o padre Ralph.

— Roubei-a a meu pai e o filho do meu irmão veio hoje para no-la

arrebatat — falava em voz baixa. — Vai fazer o mal com ela. Trá-la de volta, Thomas. Trá-la de volta.

— Assim farei — prometeu Thomas. O fumo começava agora a encher a igreja. Não tinha sido incendiada pelos assaltantes, porém os fragmentos incandescentes que andavam no ar atearam o colmo.

— Dizeis que foi o filho do vosso irmão que a roubou? —

perguntou Thomas.

— Teu primo — murmurou o padre Ralph, de olhos fechados. —

O que vinha vestido de negro. Veio roubá-la.

— Quem é ele? — perguntou Thomas

— O mal — respondeu o padre Ralph. — O mal — gemeu e abanou a cabeça.

— Quem é ele? — insistiu Thomas.

— Cálix meus inebrians — disse o padre Ralph, numa voz que pouco mais era que um murmúrio. Thomas sabia ser o verso de um salmo que significava «a minha taça embriaga-me», assim, calculou que o espírito do pai se lhe escapava, do mesmo modo que a sua alma se aproximava do fim da vida terrena.

— Dizei-me quem era vosso pai! — exigiu Thomas. Dizei-me quem sou, queria ele pedir. Dizei-me quem sois, meu pai. Porém, os olhos do padre Ralph tinham-se fechado, ainda que agarrasse com força a mão de Thomas.

— Meu pai? — chamou o rapaz. O fumo mergulhava na igreja e fil— trava-se pela janela que Thomas quebrara para fugir. — Meu pai?

Mas o pai nunca mais falou. Morreu e Thomas, que toda a sua vida tinha tido questões com ele, chorou como uma criança. Por vezes sentira vergonha dele, mas naquela fumacenta manhã de Páscoa, percebeu quanto o amara. A maior parte dos padres renegava

os filhos, mas o padre Ralph nunca escondera Thomas. Deixara o mundo pensar o que lhe aprouvesse e confessara livremente ser homem, tal como era sacerdote. Se pecara ao amar a sua governanta, então fora um doce pecado. Nunca o negara, mesmo ao dizer os actos de contrição e ao recear ser castigado na vida depois da morte.

Thomas afastou o pai do altar. Não queria que o corpo ardesse, quando o telhado viesse abaixo. O cálice de prata que Tomas acidentalmente derrubara ficara debaixo da sotaina ensanguentada do morto e o jovem meteu-o no bolso, antes de arrastar o cadáver para o cemitério. Estendeu o pai ao lado do homem de gibão vermelho e verde e baixou-se junto a eles a chorar, sabendo que não conseguira cumprir a sua primeira vigília pascal. O demónio roubara os Sacramentos, a lança de São Jorge desaparecera e Hookton estava morta.

Ao meio-dia, sir Giles Marriott chegou à aldeia com duas dezenas de homens armados com arcos e podões. O próprio sir Giles vestira a cota de malha e empunhava a espada, mas não havia já inimigos para combater uma vez que Thomas era a única pessoa que restava na aldeia.

— Três falcões amarelos num campo azul — disse Thomas a sir Giles.

— Thomas? — perguntou sir Giles confuso. Era o senhor do castelo, agora já muito velho, mas nos seus tempos combatera escoceses e franceses. Fora grande amigo do pai de Thomas, mas não entendia o rapaz, que considerava ter crescido selvagem como um lobo.

— Três falcões amarelos num campo azul são as armas do homem que fez isto — disse Thomas, desejoso de vingança. Seriam as

armas de seu primo? Não sabia. Havia tantas perguntas a que o pai não respondera.

— Não sei de quem é esse brasão — garantiu sir Giles. — Mas rezarei para que sofra as penas do Inferno pelos seus actos.

Nada se poderia fazer até os incêndios se extinguirem e, só nessa altura, poderiam retirar os cadáveres das cinzas. Os mortos carbonizados estavam enegrecidos e grotescamente encolhidos, devido ao calor, e até os corpos dos homens mais altos pareciam ser de crianças. Levaram os aldeãos mortos para o cemitério, para lhes darem a devida sepultura, mas os cadáveres dos quatro besteiros foram arrastados para a praia e despidos.

— Foste tu que fizeste isto? — perguntou sir Giles a Thomas.

— Sim, meu senhor.

— Então, agradeço-te.

— Os primeiros franceses que matei — disse Thomas, raivoso.

— Não — disse sir Giles e ergueu a túnica de um dos homens para lhe mostrar a insígnia com um cálice verde bordado na manga.

— São de Génova — afirmou sir Giles. — Os franceses contratam-nos como besteiros. Matei alguns, nos meus tempos mas, de onde estes vêm, há sempre mais para os substituir. Sabes que insígnia é esta?

— Uma taça?

Sir Giles abanou a cabeça.

— O Santo Graal. Afirmam tê-lo guardado na sua catedral.

Disseram-me que é enorme e verde, esculpido numa esmeralda e trazido das Cruzadas.

Uma dia gostaria de o ver.

— Então trá-lo-ei para vós — disse Thomas amargamente. — Tal como hei-de recuperar a nossa lança.

Sir Giles voltou-se para o mar. Os barcos dos assaltantes tinham partido havia muito e apenas se viam o Sol e as ondas.

— Porque teriam cá vindo? — perguntou.

— Pela lança.

— Duvido que fosse verdadeira — afirmou sir Giles. Era agora pesado, de rosto avermelhado e cabelo branco. — Tratava-se apenas de uma lança antiga, nada mais.

— É verdadeira — insistiu Thomas. — E foi por isso que cá vieram.

Sir Giles não discutiu.

— O teu pai teria gostado de te ver terminar os estudos.

— Os meus estudos terminaram — disse Thomas, com simplicidade. — Vou para França.

Sir Giles acenou com a cabeça. Em sua opinião, o rapaz seria muito melhor soldado que padre.

— Como arqueiro? — perguntou, olhando para o arco enorme ao ombro de Thomas. — Ou quererás vir para minha casa, para seres treinado como homem-de-armas? — esboçou um leve sorriso. —

Nasceste gentil-homem, sabias?

— Nasci bastardo — insistiu Thomas. Sir Giles encolheu os ombros.

— Ele nunca mo disse e, quando eu insistia, limitava-se a dizer que Deus era o seu pai e a sua mãe era a Igreja.

— E a minha mãe era governanta de um padre e filha de um fabricante de arcos — disse Thomas. — Vou para França como arqueiro.

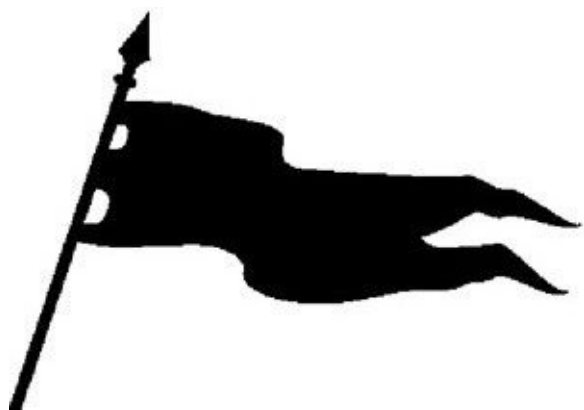
— Serias mais considerado como homem-de-armas — observou sir Giles, mas Thomas não desejava honras. Apenas vingança.

Sir Giles deixou-o escolher o que quisesse do inimigo morto e Thomas pegou numa cota de malha, num par de botas altas, numa faca, num cinto e num elmo. Era um equipamento simples, mas aproveitável e apenas a cota de malha precisava ser reparada, pois deixara passar uma seta por entre os seus anéis. Sir Giles afirmou que devia dinheiro ao pai de Thomas, o que poderia ou não ser verdade, mas pagou ao jovem, oferecendo-lhe um cavalo castrado de quatro anos.

— Precisas de uma montada — disselhe. — Agora todos os arqueiros a têm. Vai a Dorchester — aconselhou-o. — E, quer queiras quer não, hás de encontrar alguém a recrutar arqueiros.

Os cadáveres dos genoveses foram decapitados e deixados a apodrecer, e as quatro cabeças empaladas em estacas e plantadas na praia pedregosa do Hook. As gaivotas alimentaram-se dos olhos dos mortos e picaram-lhes a carne, até esta desaparecer, restando apenas ossos ociosos a olharem as ondas.

Porém, Thomas não viu as caveiras. Já atravessara o mar e, com o seu arco negro, partira para a guerra.



Primeira Parte

BRETANHA, JANEIRO DE 1346

era Inverno. De manhã, um vento frio soprava do mar, trazendo consigo um cheiro acre a sal, e uma chuva fraca que, sem dúvida, anularia a força das cordas do arco, se não deixasse de cair. — O que é

— disse Jake — é um desperdício de tempo. Ninguém lhe prestou atenção.

— Podia ter ficado em Brest — resmungou. — Estava sentado à lareira. A beber cerveja.

De novo o ignoraram.

— É um nome engraçado para uma cidade — disse Sam depois de muito tempo.
— Brest. Gosto bastante — olhou para os arqueiros. —

Talvez voltemos a ver o Melro? — sugeriu.

— Talvez ela te acerte na boca com um projectil — resmungou Will Skeat. — E fazia-nos um grande favor.

O Melro era uma mulher que combatia nas muralhas da cidade, de cada vez que o exército fazia um assalto. Era jovem, de cabelo negro, usava uma capa preta e disparava uma besta. No primeiro, quando os arqueiros de Skeat tinham estado na vanguarda do ataque e perdido quatro homens, puderam, estando muito próximos, ver de perto o Melro com toda a nitidez. Todos a consideravam muito bela, embora após uma derrotada campanha de Inverno, com frio, lama e fome, qualquer mulher lhes tivesse parecido maravilhosa. Mesmo assim, havia nesta qualquer coisa de especial.

— Não é ela que carrega a besta — declarou Sam, indiferente ao mau humor de Skeat.

— Claro que não — concordou Jake. — Não há mulher no mundo capaz de abrir uma besta.

— A Dozy Mary era — contrapôs outro. — Tinha músculos como os de um boi,

lá isso tinha.

— E ela fecha os olhos quando dispara — disse Sam, continuando a falar do Melro. — Já reparei.

— Isso é porque tu não prestas atenção ao que estás a fazer —

rosnou Will Skeat. — O melhor é fechares a boca, Sam.

Sam era o mais jovem dos homens de Skeat. Afirmava ter dezoito anos, embora não estivesse muito certo, pois perdera-lhes a conta. Era filho de um negociante de panos, tinha cara de querubim, com caracóis castanhos e um coração negro como o pecado. Mas era bom arqueiro; ninguém que o não fosse poderia servir Will Skeat.

— Pronto, rapazes — disse Skeat. — Preparem-se.

Vira a agitação no acampamento lá atrás. O inimigo em breve se daria conta, os sinos da igreja tocariam a rebate, e as muralhas da cidade rapidamente se encheriam de defensores armados com bestas que logo soltariam os seus projecteis sobre os atacantes. Hoje, a tarefa de Skeat era tentar afastar os besteiros das muralhas com as suas setas.

Era arriscado, pensou com azedume. Os defensores acocorar-se-iam por trás das ameias, negando assim aos seus homens a oportunidade de apontar e o ataque terminaria, sem dúvida, como os outros cinco, num fracasso.

Fora toda uma campanha de reveses. William Bohum, conde de Northampton, que conduzia este pequeno exército inglês, lançara-se naquela expedição de Inverno, na esperança de capturar um bastião

na Bretanha do Norte, porém o assalto a Carhaix fora um humilhante desaire. Os defensores de Guingamp tinham troçado dos ingleses e as muralhas de Lannion reprimiram todos os ataques. Capturaram Tréguier, mas como a cidade não tinha muralhas, o feito não fora grande e não havia sequer onde erguer uma fortaleza. Agora no frio do final do ano, sem nada melhor para fazer, o exército do conde chegara às portas daquela pequena cidade, que pouco mais era que uma aldeia murada, e até esse local miserável os desafiara. O conde lançara ataque após ataque e todos tinham sido repelidos. Os ingleses foram recebidos por uma chuva de projecteis lançados das bestas, as escadas tinham sido empurradas das

muralhas e os defensores mostravam-se exultantes com todos os desaires.

— Como se chama este maldito sítio? — perguntou Skeat.

— La Roche-Derrien — respondeu um arqueiro alto.

— Tinhas de saber, Tom — disse Skeat. — Sabes tudo.

— É verdade, Will — respondeu gravemente Thomas. — É

literalmente verdade. — Os outros arqueiros riram-se.

— Então, já que sabes tanto — disse Skeat — repete lá o nome da maldita terra.

— La Roche-Derrien.

— Que raio de nome — contestou Skeat. Tinha o cabelo grisalho e o rosto magro e já passara por quase trinta e cinco anos de combates. Viera do Yorkshire e começara a sua carreira de arqueiro na luta contra os escoceses. Fora tão afortunado quanto hábil e assim, conseguira saques, sobrevivera a batalhas e subira nas fileiras, até ser suficientemente rico para reunir ele próprio o seu bando de soldados.

Conduzia agora setenta homens-de-armas e outros tantos arqueiros e fora contratado pelo conde de Northampton. Era essa a razão porque

estava acorado junto a uma sebe húmida, a cento e cinquenta passos das muralhas de uma cidade cujo nome nunca recordava. Os seus homens-de-armas estavam no acampamento e dera-lhes um dia de descanso, depois do último assalto falhado. Will Skeat detestava perder.

— La Roche quê? — perguntou a Thomas.

— Derrien.

— Mas que raio quer isso dizer?

— Tenho de confessar que não sei.

— Meu Jesus salvador — troçou Skeat. — Afinal, ele não sabe tudo.

— Contudo, é parecido com *derrière*, que quer dizer traseiro —

acrescentou Thomas. — A rocha do traseiro, é a melhor tradução que consigo arranjar.

Skeat abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas nesse momento o primeiro sino da igreja de La Roche-Derrien começou a tocar, dando o alarme. Era o sino rachado, o que tinha um som áspero.

Segundos depois as outras igrejas juntavam os seus dobres, logo enchendo o vento húmido com o seu clangor. O ruído foi acompanhado por uma amortecida ovação inglesa, enquanto as tropas de assalto vinham do acampamento e subiam a estrada em direcção à porta sul da cidade. Os comandantes transportavam escadas, os restantes, armas e machados. O conde de Northampton conduzia o assalto, tal como fizera com os outros, notável na sua armadura semi-oculta pela camisa de tela, com a insígnia de leões e estrelas.

— Sabem o que têm a fazer — gritou Skeat.

Os arqueiros ergueram-se, retesaram os arcos e soltaram-nos. Não

havia qualquer alvo nas muralhas, pois os defensores tinham-se escondido, acorados, mas o ruído das setas metálicas na pedra deveria mante-los assim, fora da vista. As flechas de penas brancas silvavam durante o voo. Mais dois bandos de arqueiros lançavam também as suas, muitos deles disparando para o céu, de modo a que os projecteis caíssem verticalmente no topo da muralha. Para Skeat parecia impossível alguém sobreviver sob uma chuva de pontas de aço, porém, assim que a coluna ofensiva do conde se aproximou a cerca de uma centena de passos, os virotes das bestas começaram a ser cuspidos das muralhas.

Havia uma brecha junto à porta. Fora feita por uma catapulta, a única máquina de guerra do cerco que ainda funcionava devidamente, mas a abertura era pequena, já que apenas o terço superior da muralha fora desmantelado pelos enormes pedregulhos.

Os sitiados tinham tapado imediatamente a fenda com madeira e rolos de trapos, porém era um ponto fraco na muralha. Os homens da escada correram imediatamente nessa direcção, aos berros, enquanto os projecteis lançados pelas bestas choviam em seu redor.

Tropeçavam, caíam, rastejavam e morriam, porém os sobreviventes chegavam para erguer duas escadas junto à brecha e o primeiro soldado começou a subir. Os arqueiros disparavam com a máxima velocidade possível, lançando as flechas para o cimo da fenda, mas, subitamente apareceu aí um escudo. Um escudo imediatamente atacado por duas dezenas de setas, e por trás dele uma mulher disparava a besta na direcção dos degraus da escada, matando o homem que vinha à frente. Outro escudo apareceu, outra besta disparou. Alguém empurrou uma panela por cima da abertura e a entornou, lançando um jorro de líquido que fez o homem gritar de

agonia. Os defensores lançavam pedregulhos por cima da brecha fazendo estalar as bestas.

— Mais próximo! — gritou Skeat e os seus arqueiros ultrapassaram a sebe e percorreram a centena de passos até ao fosso da cidade, onde de novo fizeram soltar os enormes arcos de combate, enviando setas para as aberturas entre as ameias. Alguns defensores morriam, pois tinham tido de avançar para disparar as bestas directamente sobre os homens que se amontoavam junto às escadas.

Enquanto os soldados trepavam, uma vara bifurcada empurrou uma escada para trás. Thomas torceu a mão esquerda e soltou os dedos para disparar uma flecha directamente ao peito do homem que empunhava a vara. Este estava coberto pelo escudo de um companheiro, que se afastou por um instante, deixando que a flecha penetrasse imediatamente na pequena abertura, logo seguida de mais duas, antes do coração do homem ter deixado de bater. Mas outros conseguiram fazer cair a escada. — São Jorge! — gritavam os ingleses, porém, o santo deveria estar a dormir pois não prestou qualquer auxílio aos atacantes.

Dos parapeitos foram lançados mais pedregulhos e a seguir uma massa enorme de palha a arder caiu sobre o grupo de atacantes. Um homem conseguiu chegar ao cimo da brecha, mas foi imediatamente morto por um machado, que lhe abriu em dois o elmo e o crânio.

Caiu sobre os degraus, impedindo a subida; o conde tentou soltá-lo, porém foi atingido na cabeça por um dos pedregulhos e caiu ao fundo da escada. Dois soldados transportaram o aturdido nobre para o acampamento e a sua partida desmoralizou os atacantes. Já não gritavam. As flechas continuavam a voar e os homens a tentar escalar a muralha; contudo, os defensores sentiam ter repellido o sexto

assalto e as bestas cuspiam inexoravelmente os seus projecteis. Foi nesse momento que Thomas viu o Melro na torre, sobre a porta.

Apontou-lhe ao seio a seta de aço, ergueu levemente o arco e sacudiu a mão, de modo a que a flecha se desviasse. Bela demais para ser morta, disse para consigo, sabendo que era uma loucura pensar tal coisa. Ela disparou a besta e desapareceu. Meia dúzia de flechas bateram na torre onde ela estivera, mas Thomas calculou que todos os seis arqueiros a tinham deixado disparar antes deles.

— Valha-me Jesus bendito — exclamou Skeat. O ataque falhara e os homens-de-armas fugiam dos projecteis lançados pelas bestas.

Havia ainda uma escada de pé, encostada à brecha, com um morto preso nos primeiros degraus.

— Recuem — gritava Skeat. — Recuem!

Os arqueiros fugiam, perseguidos pelos virotes, até conseguirem penetrar a sebe e deixarem-se cair no fosso. Os defensores soltavam gritos de triunfo e dois homens descobriram os respectivos traseiros na torre da porta, meneando-os diante dos derrotados ingleses.

— Bastardos! — exclamava Skeat. — Bastardos! — Não estava habituado a derrotas. — Tem de haver um modo qualquer de entrar

— resmungava.

Thomas soltou a corda do arco e escondeu-a dentro do elmo.

— Eu disse como se entrava — declarou a Skeat. — Disse de madrugada.

Skeat olhou longamente para Thomas.

— Nós tentámos, rapaz.

— Cheguei às estacas, Will, juro que cheguei. E passei para o lado de lá.

— Então diz-me outra vez — pediu Skeat e Thomas assim fez.

Acocorou-se no fosso, debaixo dos insultos dos defensores de La Roche-Derrien, explicou a Will Skeat como haveria de entrar na cidade e este escutou-o, pois o homem do Yorkshire tinha aprendido a confiar em Thomas de Hookton.

Havia já três anos que Thomas se encontrava na Bretanha e, embora esta região não pertencesse a França, o seu duque usurpador trazia uma constante sucessão de franceses prontos a morrer e Thomas descobrira que tinha um dom especial para matar. Não era apenas por ser bom arqueiro — o exército estava cheio de homens tão bons como ele e alguns ainda melhores — mas descobrira que antecipava as acções do inimigo. Observava os soldados, via para onde estavam a olhar, quase sempre adivinhava os seus movimentos e estava pronto para os receber com uma flecha. Era como um jogo, cujas regras só ele conhecia e os outros não.

Ajudou-o o fato de William Skeat confiar nele. Não se mostrara muito disposto a recrutar Thomas, quando se encontraram pela primeira vez na prisão de Dorchester, onde Skeat punha à prova duas dezenas de ladrões e assassinos para testar neles o manejo do arco.

Precisava de recrutas e o rei de arqueiros, de modo que os homens que, de contrário teriam enfrentado uma sentença de prisão, eram perdoados, se quisessem servir no estrangeiro. Mais de metade dos soldados de Skeat tinha tomado essa decisão. Skeat pensara que Thomas nunca se adaptaria a tais patifes. Pegara-lhe na mão direita vira-lhe os calos nos dedos que o denunciavam como arqueiro, mas depois batera-lhe na palma macia.

— Que tens andado a fazer? — perguntou Skeat.

— O meu pai queria que eu fosse padre.

— Com que então padre! — dissera Skeat com desdém. — Bom, suponho que então saibas rezar por nós.

— Também sei matar por vós.

Por fim, Skeat aceitara que Thomas fizesse parte do bando, até porque o jovem tinha montada própria. A princípio, pensara que Thomas de Hookton não passava de mais um louco desvairado em busca de aventuras — apesar de ser um louco inteligente — porém, o jovem habituara-se alegremente à vida de arqueiro

na Bretanha. O

verdadeiro alvo da guerra civil era o saque e, dia após dia, os homens de Skeat entravam nos domínios de quem prestava preito e menagem aos apoiantes do duque Charles e queimavam as quintas, apropriavam-se das colheitas e levavam o gado. Um senhor, cujos camponeses não pudessem pagar as rendas, não poderia contratar soldados; então, os homens-de-armas de Skeat espalhavam-se como uma peste na terra do inimigo e Thomas adorava aquela vida. Era jovem e o seu dever era, não só combater o inimigo, mas também arruiná-lo. Incendiava as quintas, inquinava os poços, roubava as sementes, quebrava os arados, deitava fogo aos moinhos, tirava a casca às árvores dos pomares e vivia do saque feito por si. Os homens de Skeat eram os senhores da Bretanha, um flagelo do inferno, e os aldeãos, a Oriente do ducado, que falavam francês chamavam-lhes hellequin, que significava cavaleiros do demónio. De vez em quando, um bando inimigo procurava encurralá-los, e Thomas aprendera que o arqueiro inglês com o seu enorme arco era o rei dessas escaramuças.

O inimigo odiava-os. Se capturavam um inglês, matavam-no. Um homem-de-armas poderia ser feito prisioneiro, por um senhor seria exigido um resgate, mas um arqueiro era sempre assassinado.

Torturado primeiro, e depois assassinado.

Thomas prosperava naquela vida e Skeat apercebera-se de que o

rapaz era suficientemente inteligente para saber que não deveria ter adormecido uma noite em que era a sua vez de montar guarda. Por essa infração, Skeat espancara-o.

— Estavas perdido de bêbado! — acusara-o e depois dera-lhe uma sova, usando os punhos como martelos de ferreiro. Partira-lhe o nariz, rachara-lhe uma costela e chamara-lhe bosta fedorenta de Satanás mas, ao fim e ao cabo, descobrira que Thomas continuava a sorrir e, seis meses mais tarde promoveu-o, o que significava que teria de comandar uma vintena de homens. Esses soldados eram quase todos mais velhos que Thomas, mas nenhum pareceu ofender-se com a sua promoção, pois sabiam que ele era diferente. A maioria dos arqueiros usava o cabelo cortado curto, mas o de Thomas era ostensivamente comprido, enrolado em cordas de arcos de modo a cair-lhe até à cintura, como numa enorme trança preta. Usava a cara rapada e vestia sempre de negro. Um tal aspecto poderia tê-lo

tornado pouco popular, mas esforçava-se muito, tinha um humor vivo e era generoso. Mesmo assim, parecia estranho. Todos os arqueiros traziam consigo talismãs, talvez a medalha de um santo, de pouco valor, ou uma pata de lebre, mas Thomas trazia uma pata seca de cão pendurada ao pescoço, e afirmava tratar-se da mão de São Guinefort.

Ninguém se atrevia a desdizê-lo, visto que era o homem mais erudito do bando de Skeat. Falava francês como um nobre, latim como um padre e os arqueiros de Skeat mostravam-se obstinadamente orgulhosos dele, devido a esses talentos. Actualmente, três anos depois de ter entrado para o bando de Skeat, Thomas era um dos chefes dos arqueiros. Até mesmo Skeat lhe pedia por vezes conselho; raramente o seguia, mas pedia-lho e Thomas tinha ainda a pata de cão, o nariz torto e um sorriso despuído.

E agora tivera uma idéia para entrar em La Roche-Derrien.

Nessa tarde, ainda o cadáver do soldado com a cabeça aberta estava metido entre os degraus da escada abandonada, sir Simon Jekyll cavalgou em direcção à cidade e passeou a trote com a sua montada para trás e para diante, junto aos pequenos viotes de penas negras que marcavam o máximo alcance das armas dos defensores. O

seu escudeiro, um jovem tolo de queixo caído e olhos espantados, observava-o à distância. Empunhava a lança do cavaleiro e se algum guerreiro na cidade aceitasse o desafio implícito da presença trocista do seu amo, ele entregaria a lança a sir Simon e os dois cavaleiros combateriam no pasto até um deles se render. E não seria sir Simon, pois era tão hábil como qualquer outro do exército do conde de Northampton.

E o mais pobre.

O seu corcel tinha dez anos, era duro de boca e de dorso demasiado curvo, a sela de arção alto, para se poder firmar, pertencera a seu pai, enquanto que o lorigão que usava, uma túnica de malha que o cobria do pescoço até aos joelhos fora do avô. A espada tinha uma centena de anos, era pesada e não estava afiada. A lança empenara com a humidade do Inverno, enquanto que o elmo, suspenso do arção, parecia uma velha panela de ferro com um forro de couro já gasto. O escudo, com o brasão mostrando uma manopla que empunhava um martelo de guerra, estava gasto e apagado. Os guantes de malha, tal como o resto da armadura,

começavam a enferrujar e era por isso que o escudeiro tinha uma orelha vermelha e inchada e o rosto assustado. Porém, a verdadeira razão da ferrugem não era a falta de diligência da parte do rapaz para limpar a malha, mas sim o fato de sir Simon não se poder dar ao luxo de comprar

vinagre e areia fina, usados na limpeza do aço. Era pobre. Pobre, amargurado e ambicioso.

E muito bom.

Ninguém o negava. Vencera o torneio de Tewkesbury e recebera uma bolsa com quarenta libras. Em Gloucester, a sua vitória fora recompensada com uma bela armadura. Em Chelmsford tinham sido quinze libras e uma bela sela e em Canterbury, matara um francês antes de lhe ser oferecida uma taça de ouro cheia de moedas; onde estavam todos esses troféus? Nas mãos dos banqueiros e mercadores, donos da hipoteca do domínio de Berkshire, que Simon herdara dois anos antes, embora, na verdade a herança não passasse de dívidas e no momento em que o pai fora enterrado, os prestamistas tinham-se atirado a ele, como cães a um veado ferido.

— Casa-te com uma herdeira — aconselhara-lhe a mãe e fizera desfilar uma dúzia de mulheres, para que o filho as examinasse, porém Simon estava decidido a escolher uma mulher tão bela, quanto ele era bem-parecido. E se o era. Sabia-o bem. Olhava-se no espelho da mãe e admirava o seu reflexo. Tinha o cabelo espesso e loiro, um rosto largo e a barba curta. Em Chester, onde tinha derrubado três cavaleiros no espaço de quatro minutos, os homens tinham-no confundido com o rei, quê costumava combater incógnito em torneios. Portanto, sir Simon não iria desperdiçar o seu belo ar real num saco cheio de rugas, só por causa do dinheiro. Desposaria uma mulher digna de si, embora tal ambição não pagasse as dívidas dos domínios. Assim, sir Simon, para se defender dos credores, procurara obter uma carta de protecção do rei Eduardo III. Essa carta escudava-o de todos os procedimentos legais, desde que servisse o soberano numa guerra no estrangeiro. Quando sir Simon saíra dos

seus endividados domínios para atravessar o canal, levando consigo seis homens-de-armas, uma dúzia de arqueiros e um escudeiro de queixo caído, deixava os seus credores impotentes em Inglaterra.

Levara ainda consigo a certeza de que em breve capturaria uma nobre francesa

ou bretã, cujo resgate seria suficiente para pagar as suas dívidas; porém, até aí, a campanha de Inverno não rendera um único prisioneiro nobre e o saque era tão magro que o exército subsistia a meia ração. E quantos prisioneiros bemnascidos esperaria ele fazer em La Roche-Derrien? A cidade era um buraco infecto. Mesmo assim, cavalgava para trás e para diante, junto às muralhas na esperança de que algum cavaleiro o desafiasse e saísse a porta sul que, até aí, já resistira a seis assaltos ingleses. Porém, os defensores escarneciam dele, chamando-lhe cobarde, pois que se mantinha fora do alcance das bestas. Por fim, os insultos ofenderam o orgulho de sir Simon e obrigaram-no a aproximar-se mais das muralhas, com os cascos do cavalo a tropeçar por vezes nos virotes caídos. Os homens disparavam contra ele, mas os projecteis não acertavam e era a vez de sir Simon fazer troça.

— Não passa de um tolo imbecil — afirmou Jake, observando-o, do acampamento inglês. Jake era um dos criminosos de William Skeat, um assassino salvo da forca, em Exeter. Era vesgo, porém tinha melhor pontaria que muitos outros. — Mas o que estará agora ele a fazer?

Sir Simon detivera o cavalo e voltara-se para a porta, de modo que quem o observasse julgava que talvez um francês o tivesse desafiado devido à provocação. Porém o que viram foi uma mulher armada com uma besta na ameaça da porta, a chamar sir Simon, insistindo para que ele se aproximasse.

Apenas um louco reagiria a tal atrevimento, mas sir Simon obedeceu ao chamado. Tinha vinte cinco anos, amargurados e corajosos, e calculava que uma exibição de descuidada arrogância, desencorajaria a guarnição sitiada e daria alento aos desanimados ingleses; assim, picou o corcel, obrigando-o a entrar em terreno perigoso, onde os projecteis franceses tinham desanimado os ataques ingleses, mas nenhum besteiro disparava; via apenas uma figura solitária na torre da porta e, sir Simon, aproximando-se uns metros apercebeu-se de que se tratava do Melro.

Era a primeira vez que o cavaleiro via a mulher a quem todos os arqueiros davam esse nome e estava suficientemente próximo para se aperceber de que se tratava de uma verdadeira beldade. Ali estava, muito direita, esguia e alta, com uma capa a defendê-la do vento invernal, mas com o longo cabelo negro, solto como o de uma menina. Fez-lhe uma vénia trocista e sir Simon respondeu, inclinando-se desajeitadamente na sela alta, para depois a ver pegar na besta e pô-la ao ombro.

Quando estivermos dentro da cidade, pensou Simon, vou fazer-te pagar tudo isto. Vou deitar-te no chão, Melro e fico em cima de ti.

Endireitou-se no cavalo e ficou imóvel, um cavaleiro solitário no campo francês, desafiando-a a apontar para ele e sabendo que ela não o faria. Quando falhasse, saudá-la-ia trocista e os franceses considerariam o gesto de mau agoiro.

Mas e se ela lhe acertasse?

Sir Simon sentiu-se tentado a erguer o desajeitado elmo do arção da sela, mas resistiu ao impulso. Desafiara o Melro e não se poderia mostrar nervoso diante de uma mulher, de modo que ficou à espera, enquanto a via erguer a besta. Os defensores da cidade observavam-

na e, sem dúvida, rezavam. Ou talvez fizessem apostas.

Vá, cabra, murmurou em surdina. Estava frio, mas sentia as gotas de suor na testa.

O Melro fez uma pausa, afastou do rosto o cabelo negro, apoiou a besta no intervalo das ameias e apontou de novo. Simon manteve a cabeça erguida e o olhar firme. Era só uma mulher, disse para consigo. Provavelmente não acertava numa carroça a meia dúzia de passos. O cavalo estremeceu e ele estendeu a mão para lhe acariciar o pescoço.

— Já vamos, amigo — disse para o animal.

O Melro, observada de perto por uma dezena de defensores, fechou os olhos e disparou.

Sir Simon viu o virote como uma mancha negra no céu cinzento enquanto as pedras da mesma cor, na torre da igreja, apareciam por cima das muralhas de La Roche-Derrien.

Sabia que o virote não acertaria. Tinha a certeza absoluta. Era uma mulher, por amor de Deus! E foi por isso que nem se mexeu quando viu a mancha vir na sua direcção. Não podia acreditar. Estava à espera que o virote se desviasse para a esquerda ou para a direita ou que caísse com força no chão duro da geada, mas afinal veio-lhe dirigido ao peito. No último instante lembrou-se de erguer o pesado escudo e baixar a cabeça, mas sentiu uma enorme pancada no braço

esquerdo, quando o projectil o atingiu, empurrando-o contra a patilha do arção. O virote bateu-lhe com tanta força no escudo que rachou a madeira de salgueiro e a ponta abriu-lhe um corte profundo no antebraço, através da manga de malha. Os franceses aplaudiam e sir Simon, sabendo que outros besteiros poderiam agora tentar terminar o que o Melro começara, carregou com o joelho no flanco do cavalo e o animal voltou-se, obediente, para logo reagir às esporas.

— Estou vivo — exclamou em voz bem alta, como que para silenciar o júbilo dos franceses. Cabra maldita! Pensou. Haveria de as pagar, de as pagar até mais não. Refreou o cavalo, não querendo que pensassem que fugia.

Uma hora mais tarde, depois do escudeiro lhe ter ligado o corte do braço, sir Simon convenceu-se de que saíra vitorioso. Atrevera-se e sobrevivera. Fora uma demonstração de valentia e saíra com vida, por isso considerava-se um herói e esperava ser recebido como tal, enquanto caminhava para a tenda que abrigava o conde de Northampton, comandante do exército. Esta era feita de duas velas de linho amarelecido, remendado e puído, depois de anos de serviço no mar. Formavam um pobre abrigo, mas isso era típico de William Bohun, conde de Northumberland, que, embora primo do rei e um dos ricos-homens de Inglaterra, desprezava a ostentação.

De fato, o conde parecia tão remendado e gasto quanto as velas que formavam a sua tenda. Era um homem baixo e forte, com uma cara que, segundo os homens diziam, parecia o traseiro de um boi, mas que ao mesmo tempo espelhava a sua alma, rude, corajosa e directa. O exército gostava de William Bohun, conde de Northampton, pois era duro como os soldados. Agora, no momento em que sir Simon baixava a cabeça para entrar na tenda, o cabelo castanho e encaracolado do conde estava em parte coberto por uma ligadura no local do couro cabeludo onde o projectil lançado da muralha de La Roche-Derrien lhe arrancara o elmo e lhe metera uma aresta de aço cortante. Saudou o cavaleiro, mal-humorado.

— Estais cansado da vida?

— A estúpida cabra fechou os olhos ao disparar! — disse sir

Simon ignorando o tom do conde.

— Mesmo assim, tem boa pontaria — respondeu este, furioso. —

Aqueles bastardos ainda vão ficar mais animados. E só Deus sabe que não precisavam de incitamentos.

— Estou vivo, senhor — disse, Simon alegremente. — Ela queria matar-me. Falhou. O urso está vivo e os cães ficam com fome.

Esperava que os companheiros do conde o felicitassem, porém estes evitavam mesmo olhá-lo, mantendo-se num silêncio mal-humorado, que ele interpretou como sendo inveja.

Sir Simon era um perfeito imbecil, pensou o conde e estremeceu.

Não se importaria tanto com o frio, se o exército estivesse a gozar do êxito, mas havia já dois meses que os ingleses e os seus aliados bretões passavam do desaire à farsa e os seis assaltos a La Roche-Derrien tinham-no levado aos confins da tristeza. Assim, o conde convocava agora um conselho de guerra para sugerir um assalto final, que deveria realizar-se nessa mesma noite. Quase todos os ataques tinham sido levados a cabo de manhã, porém talvez uma escalada de surpresa na moribunda luz do Inverno apanhasse de surpresa os defensores. Só que as pequenas vantagens que essa surpresa lhes pudesse trazer, tinham sido estragadas, pois a loucura de sir Simon trouxera às gentes da cidade nova confiança e não era esse o sentimento dos chefes guerreiros do conde, agora reunidos debaixo do pano de vela amarelado.

Quatro desses chefes eram cavaleiros que, tal como sir Simon, conduziam os seus próprios homens para a guerra, mas os outros eram soldados mercenários que punham os seus homens ao serviço do conde. Três eram bretões, usavam a insígnia de arminho branco do duque da Bretanha e conduziam homens leais ao duque de

Montfort, enquanto os outros eram capitães ingleses, todos eles do povo, endurecidos na guerra. William Skeat era um deles e, a seguir, estava Richard Totesham, que começara a carreira como homem-de-armas e agora conduzia cento e quarenta cavaleiros e noventa arqueiros ao serviço do conde. Nenhum deles combatera alguma vez em torneio, nem nunca seriam convidados a fazê-lo, porém eram ambos mais ricos que sir Simon, o que era exasperante. Os meus cães de guerra, era como o conde de Northampton chamava aos capitães independentes e apreciava-os muito, mas também o conde tinha um curioso gosto pela companhia de gente vulgar. William Bohun podia ser primo do rei de

Inglaterra, mas bebia e comia de bom grado em companhia de homens como Skeat e Totesham, falava-lhes em inglês, acompanhava-os à caça e confiava neles. Sir Simon sentia-se excluído de tal amizade. Se algum homem naquele exército tinha o dever de ser íntimo do conde era ele, notável campeão de torneios, porém Northampton preferia chafurdar na lama com homens como Skeat.

— E a chuva? — perguntou o conde.

— Está outra vez a cair — respondeu sir Simon, erguendo a cabeça para o tecto da tenda, onde as gotas batiam incertas.

— O tempo vai abrir — afirmou Skeat friamente. Raramente se dirigia ao conde por «meu senhor», tratando-o como se fosse seu igual. E, para grande espanto de sir Simon, o conde parecia gostar.

— E é chuva fraca — disse o conde, espreitando pela abertura da tenda e deixando entrar um remoinho de ar frio e húmido. — As cordas dos arcos vão desprender-se.

— E também as das bestas — contestou Richard Totesham. —

Patifes — acrescentou.

O que tornava o desaire inglês tão humilhante era que os

defensores de La Roche-Derrien não eram soldados, mas sim os habitantes da cidade: pescadores, construtores de barcos, carpinteiros, pedreiros e até mesmo o Melro, uma mulher!

— E a chuva pode parar — prosseguiu Totesham. — Mas o terreno vai estar escorregadio e é um mau apoio junto às muralhas.

— Não deveríeis ir esta noite — aconselhou Will Skeat. — Deixai os meus rapazes irem pelo rio, amanhã de manhã.

O conde esfregou a ferida da cabeça. Havia uma semana que assaltava a muralha sul de La Roche-Derrien e continuava a acreditar que os homens podiam tomá-la, porém sentia o pessimismo dos seus cães de guerra. Mais um revés, com vinte ou trinta mortos, deixaria o seu exército desanimado, na perspectiva de

voltar a Finisterra sem nada terem conseguido.

— Diz-me lá como — pediu.

Skeat limpou o nariz à manga de couro.

— Na baixa-mar há um caminho para contornar a muralha norte

— respondeu. — Um dos meus rapazes esteve lá ontem à noite.

— Experimentamos, há três dias — objetou um dos cavaleiros.

— Haveis tentado a jusante — respondeu Skeat. — Quero ir a montante.

— Esse lado tem estacas, tal como o outro — disse o conde.

— Soltas — respondeu Skeat. Um dos capitães bretões traduzia a conversa para os companheiros. — O meu rapaz puxou uma, e ela saiu — continuou Skeat. — Calcula que mais meia dúzia delas estejam capazes de ser retiradas ou então vão partir-se. Diz que são velhos troncos de carvalho e não de olmo, e que já estão podres por dentro.

— Que profundidade tem a lama? — perguntou o conde.

— Até aos joelhos.

A muralha de La Roche-Derrien abrangia os lados poente, sul e nascente da cidade, enquanto o lado norte era defendido pelo rio Jaudy. No local em que a muralha semicircular chegava ao rio, as gentes da cidade tinham espetado estacas enormes na lama, de modo a impedir o acesso na maré vazia. Skeat sugeria agora haver um caminho através dessas estacas podres, mas quando os homens do conde tinham tentado o mesmo no lado nascente da cidade, haviam ficado atolados e sido corridos de lá pelos habitantes da cidade a tiros de besta. A matança fora pior que nos desaires diante da porta sul.

— Mas há ainda uma muralha na margem do rio — declarou o conde.

— Sim — concordou Skeat. — Mas esses bastardos imbecis abriram-na em determinados sítios. Construíram ancoradouros e há um mesmo junto às estacas soltas.

— Então os teus homens terão de retirar as estacas e subir aos anco— radouros, tudo nas barbas dos homens que estão nas muralhas? — perguntou o conde, com ar céptico.

— Podem fazê-lo — declarou Skeat com firmeza.

O conde ainda pensava que a melhor probabilidade de êxito seria colocar os arqueiros a fechar a porta sul e rezar para que as flechas mantivessem os defensores atemorizados, enquanto os seus homens-de-armas assaltavam a brecha. Mesmo assim, admitia, era um plano que já antes falhara, nesse dia e no anterior. E sabia também que apenas tinha mais um ou dois dias. Possuía menos de trezentos homens e um terço deles estava doente; se não lhes conseguisse arranjar abrigo, teria de marchar de volta para Ocidente, com o rabo entre as pernas. Precisava de uma cidade, de uma cidade qualquer,

mesmo que fosse La Roche-Derrien.

Will Skeat leu as preocupações no rosto largo do conde.

— Ontem à noite, o meu rapaz esteve a quinze passos do ancoradouro — garantiu. — Podia ter entrado na cidade e aberto a porta.

— Então porque não o fez? — sir Simon não conseguiu resistir a perguntar — Pelas Chagas de Cristo! — prosseguiu. — Eu teria lá entrado!

— Não sois arqueiro — disse Skeat com azedume, fazendo em seguida o sinal da Cruz. Em Guingamp, um dos seus homens fora capturado pelos defensores, que o tinham despido e cortado em bocados sobre o parapeito, para que os sitiante pudessem assistir à sua longa agonia. Cortaram-lhe em primeiro lugar os dois dedos com que soltava o arco, depois a virilidade e o homem berrara como um porco a ser capado, esvaindo-se em sangue sobre as muralhas.

O conde acenou a um criado que lhes servisse mais vinho aromatizado.

— Conduzes este ataque, Will? — pediu.

— Eu não — respondeu Skeat. — Já estou velho para andar a passear por entre a lama. Vou deixar que o rapaz que andou ontem à noite por entre as estacas, o conduza. É bom rapaz, lá isso é. Um patifório esperto, mas estranho. Ia ser padre, só que me encontrou e tomou juízo.

O conde sentia-se claramente tentado pela idéia. Brincou com o punho da espada e por fim acenou afirmativamente.

— Creio que deveríamos conhecer esse teu patifório esperto.

Andará aqui por perto?

— Deixei-o lá fora — disse Skeat e depois voltou-se no banco.

— Tom, meu selvagem! Vem cá!

Thomas inclinou-se, para entrar na tenda do conde, e os capitães que lá se reuniam viram um jovem todo vestido de negro, excepto a cota de malha e a cruz vermelha cosida na túnica. Todas as tropas inglesas usavam a cruz de São Jorge, de modo a que, numa refrega, pudessem saber quem era amigo ou inimigo. O jovem fez uma reverência ao conde, que se apercebeu de que já reparara naquele arqueiro, o que não era de espantar, já que Thomas era um homem de aspecto notável. Usava o cabelo negro recolhido num rabo de cavalo e atado com corda de arco, tinha o nariz torto, comprido e ossudo, o queixo barbeado e olhos atentos e inteligentes, embora o mais invulgar nele fosse o fato de estar limpo. Para além disso, trazia ao ombro um arco, um dos maiores que o conde já vira, não só enorme, mas também pintado de negro, tendo na curvatura o que parecia ser um brasão gravado. O conde pensou que se tratava de vaidade, vaidade e orgulho, e apreciava as duas coisas.

— Para um homem que ontem à noite esteve metido até aos joelhos na lama do rio — disse o conde com um sorriso — estás extraordinariamente limpo.

— Lavei-me, meu senhor.

— Vais-te constipar! — avisou-o o conde. — Como te chamas?

— Thomas de Hookton, meu senhor.

— Diz-me então o que encontraste ontem à noite, Thomas de Hookton.

Thomas contou a mesma história de Will Skeat. Como, depois do cair da noite e quando a maré vazara, se metera na lama do Jaudy.

Descobrira que o conjunto de estacas estava instável, podre e solto, e erguera

uma, esgueirara-se pelo espaço e avançara uns passos até ao ancoradouro mais próximo.

— Estava tão próximo, meu senhor, que ouvi uma mulher a cantar — disse. A mulher entoara uma canção que a sua própria mãe lhe cantara quando era pequeno, e ficara perturbado pela coincidência.

O conde franziu as sobrancelhas, quando Thomas terminou, não por reprovar qualquer coisa que o arqueiro tivesse dito, mas porque sentia latejar a ferida do couro cabeludo, que o deixara inconsciente durante uma hora.

— Que estavas a fazer ontem à noite, no rio? — perguntou, já que precisava de mais tempo para pensar.

Thomas nada disse.

— A mulher de outro homem — respondeu finalmente Skeat, em lugar de Thomas. — Era o que ele andava a fazer, meu senhor. Atrás da mulher de outro homem.

Os homens reunidos soltaram uma gargalhada, todos, excepto sir Simon Jekyll, que olhava com desagrado para o jovem corado. O

patife não passava de um arqueiro, porém usava uma cota de malha muito superior à que sir Simon se podia dar ao luxo de ter! E tinha uma confiança que roçava o despudor. Sir Simon estremeceu. Havia injustiças na vida, que não conseguia entender. Os arqueiros dos condados capturavam cavalos, armas e armaduras, enquanto ele, um campeão de torneios, nunca conseguira nada melhor que um maldito par de botas. Sentia uma necessidade urgente de baixar a proa àquele arqueiro tão calmo.

— Uma sentinela atenta, meu senhor, e este jovem será morto —

disse sir Simon ao conde em francês normando, de modo que apenas o pequeno grupo de homens bemnascidos o pudesse entender. — O

nosso ataque ficará atolado na lama do rio.

Thomas lançou a sir Simon um olhar que seria insolente, na sua falta de

expressão.

— Devemos atacar de noite — respondeu em francês fluente, voltando-se logo a seguir para o conde. — Meu senhor, a baixa-mar terá lugar antes do nascer do Sol.

O conde olhou-o, surpreendido.

— Como aprendeste francês?

— Com o meu pai, senhor.

— Será que o conhecemos?

— Duvido, senhor.

O conde não insistiu no assunto. Mordeu o lábio e afagou o punho da espada, um gesto habitual, quando reflectia.

— Está muito bem que entres na cidade — resmungou Richard Totesham para Thomas. Totesham estava sentado num banco de mungir e chefiava o maior dos bandos independentes, portanto tinha mais autoridade do que os outros capitães.

— Mas que farás, uma vez lá dentro?

Thomas acenou afirmativamente, como se esperasse a pergunta.

— Duvido que possamos chegar à porta — afirmou. — Mas se conseguir levar duas dezenas de arqueiros para junto da muralha do rio, poderei então protegê-la, enquanto colocam as escadas.

— E eu tenho duas escadas — acrescentou Skeat. — Vão ser suficientes. O conde continuava a afagar o punho da espada.

— Da outra vez, quando tentamos atacar pelo lado do rio, ficamos presos na lama — declarou. — Será igualmente funda, no local onde pretendes entrar.

— Pranchas, meu senhor — disse Thomas. — Encontrei algumas

numa quinta. As pranchas eram partes de sebes feitas de ramos de salgueiro entrelaçados, usadas para construir rapidamente um cercado para carneiros, ou

estender na lama, para servirem de passadeira aos homens.

— Bem vos disse que era inteligente — afirmou Will Skeat com orgulho. — Andou em Oxford, não é verdade Tom?

— Quando era jovem demais para saber o que queria — respondeu Thomas, secamente.

O conde riu-se. Gostava daquele jovem e via que Skeat tinha fé nele.

— Amanhã de manhã, Thomas? — perguntou.

— É melhor do que ao pôr do Sol. A essa hora, ainda estão bem acordados.

Thomas lançou a sir Simon um olhar inexpressivo, dando a entender que a exibição de estúpida valentia da parte do cavaleiro teria espicaçado o entusiasmo dos defensores.

— Então, seja, amanhã de manhã — afirmou o conde. Voltou-se para Totesham. — Mas mantém hoje os teus rapazes junto à porta sul. Quero que pensem que vamos de novo tentar entrar por lá —

olhou de novo para Thomas. — Que insígnia é essa, que tens no escudo, rapaz?

— Uma coisa que encontrei, nada mais, senhor — mentiu Thomas, passando o arco ao conde, que estendera a mão. Na verdade, cortara a insígnia de prata do cálice amolgado que encontrara sob as vestes do pai e pregara o metal à parte exterior do arco, onde a sua mão esquerda já quase tinha alisado a prata.

O conde espreitou o desenho.

— Um yale?

— Creio que é esse o nome do animal, meu senhor — declarou Thomas, fingindo ignorância.

— A insígnia não pertence a ninguém que eu conheça — afirmou o conde, experimentando a seguir o arco e erguendo as sobancelhas, surpreendido com a sua força. Devolveu a arma negra a Thomas e deixou-o ir.

— Que Deus te proteja, amanhã de manhã, Thomas de Hookton.

— Meu senhor — proferiu Thomas, fazendo uma reverência.

— Acompanho-o, com a vossa permissão — disse Skeat e o conde concordou com um aceno, deixando os dois homens partir.

— Se conseguirmos entrar, não deixem os vossos homens à solta

— ordenou aos restantes capitães. — Apertem-lhes a rédea. Quero manter esta cidade e não desejo o ódio dos seus habitantes. Que matem, quando for necessário, mas não quero uma orgia de sangue

— olhou para os rostos incrédulos. — Vou encarregar a guarnição a um de vós, de modo que facilitem as coisas. Rédea curta.

Os capitães resmungaram, sabendo perfeitamente que seria difícil evitar que os homens saqueassem toda a cidade, mas antes que algum deles pudesse responder aos esperançosos desejos do conde, sir Simon ergueu-se.

— Meu senhor? Um pedido. O conde encolheu os ombros.

— Dizei.

— Permiti que eu e os meus homens conduzamos o grupo da escada. O conde pareceu surpreendido com o pedido.

— Pensais que Skeat não consegue arranjar-se sozinho?

— Decerto que sim, meu senhor — declarou humildemente sir Simon. — Mas mesmo assim, solicito-vos essa honra.

Será melhor que morra sir Simon Jekyll do que Will Skeat,
pensou o conde.

Acenou afirmativamente.

— Claro, claro.

Os capitães nada disseram. Que honra haveria em ser o primeiro a entrar numa

muralha que outro homem tinha tomado? Não, o patife não queria honra, queria estar bem colocado, para ficar com o saque mais rico da cidade; todavia, nenhum deles deu voz a essa idéia. Eram capitães e sir Simon era um cavaleiro, mesmo que arruinado.

O exército do conde ameaçou um ataque durante o resto desse curto dia de Inverno, mas nunca o levou a cabo, e os cidadãos de La Roche-Derrien atreveram-se a pensar que tinha terminado a sua mais difícil provação, porém fizeram os seus preparativos, não fossem os ingleses atacar de novo no dia seguinte. Contaram os projecteis das bestas, empilharam mais pedras nos parapeitos e alimentaram as fogueiras, onde ferviam panelas de água para despejar sobre os ingleses. Aqueçam esses miseráveis, tinham dito os padres da cidade, e a população gostara da graça. Sabiam que iam vencer e calculavam que a provação em breve terminasse, pois os ingleses decerto se debatiam com falta de alimento. Tudo o que La Roche-Derrien tinha a fazer era agüentar e depois receberia o louvor e as graças do duque Charles.

A chuva miudinha parou ao cair da noite. Os habitantes da cidade foram deitar-se, deixando, porém, as armas a postos. As sentinelas acenderam fogueiras atrás das muralhas e olharam para a escuridão.

Era de noite, era Inverno, estava frio e os sitiantes tinham a sua última oportunidade.

o Melro fora baptizada com o nome de Jeanette Marie Halevy e quando fez quinze anos, os pais levaram-na a Guingamp, ao torneio anual das maçãs. O pai não era aristocrata, de modo que a família não se podia sentar no cercado por baixo da torre de São Lourenço, mas encontrou um lugar lá próximo. Louis Halevy assegurou-se de que a filha ficasse à vista, colocando as cadeiras sobre a carroça da quinta, que os trouxera de La Roche-Derrien. O pai de Jeanette era um próspero fabricante de barcos e mercador de vinhos, embora a fortuna no negócio não se reflectisse na sua vida. Morrera-lhe um filho de um corte infectado num dedo e o segundo afogara-se numa viagem à Corunha. Jeanette era agora a sua única herdeira.

Havia algum calculismo na jornada a Guincamp. A nobreza da Bretanha, pelo menos aquela que apoiava uma aliança com França, reunia-se no torneio, onde, durante quatro dias, diante de uma multidão que viera tanto para a feira como para o combate, mostravam os seus talentos com a espada e a lança.

Jeanette achava tudo aquilo aborrecido, pois os preâmbulos dos combates eram longos e muitas vezes não se ouviam. Os cavaleiros desfilavam tempos sem fim, acenando com as suas plumas extravagantes, mas algum tempo depois, haveria um breve troar de cascos, um choque de metal, uma ovação e um cavaleiro caía na relva. Era hábito cada vencedor espetar uma maçã na lança e

apresentá-la à mulher que mais o atraía, na multidão; eis a razão pela qual o pai levava a carroça da quinta para Guingamp. Quatro dias depois, Jeanette tinha dezoito maçãs e a inimizade de quase vinte jovens de melhor estirpe.

Os pais regressaram com ela a La Roche-Derrien e aguardaram.

Tinham exposto a mercadoria e restava agora aos interessados encontrarem o caminho para a sumptuosa casa junto ao rio Jaudy.

Olhando para a frontaria a casa parecia pequena, mas passando o limiar o visitante encontrava-se num enorme pátio que dava para o ancoradouro de pedra onde os pequenos barcos de monsieur Halevy eram amarrados na praia-mar. O pátio tinha um muro comum com a igreja de São Renano e, como monsieur Halevy oferecera a torre à igreja, permitiram-lhe abrir um arco nesse muro, de modo a que a família não precisasse sair para a rua quando ia à missa. A casa revelaria a qualquer pretendente tratar-se de uma gente abastada e a presença do padre da paróquia à hora da ceia, daria provas de que também era devota. Jeanette não serviria de divertimento a nenhum aristocrata, mas sim para ser sua esposa.

Uma dezena de homens condescenderam em visitar a casa, mas foi Henri Chenier, conde de Armórica, que obteve a maçã. Era um ótimo pretendente, pois tratava-se de um sobrinho de Charles de Bois, por sua vez, sobrinho do rei Filipe de França, e era Charles que os Franceses reconheciam como duque e governante da Bretanha: O

duque permitiu que Henri Chenier lhe apresentasse a noiva, mas logo a seguir aconselhou-o a ver-se livre dela. A jovem era filha de um mercador, pouco mais que uma camponesa, embora até mesmo o duque tivesse que admitir que era uma verdadeira beldade. Tinha o cabelo negro e brilhante, o rosto sem sinais de bexigas e os dentes

intactos. Era tão graciosa, que um frade dominicano, ao ver Jeanette na corte do duque, juntara as mãos e exclamara que ela era a imagem viva da Madonna. O

duque concordava que era muito bela. E então?

Havia muitas mulheres bonitas. Qualquer taberna em Guingamp, disse, podia apresentar uma prostituta de duas libras que faria com que a maioria das esposas parecessem ouriços. Uma esposa não tinha de ser bela, mas sim rica.

— Faz da jovem tua amante — aconselhara ao sobrinho, ordenando-lhe praticamente que se casasse com uma herdeira da Picardia. Porém, esta era uma mulher desmazelada e bexigosa e o conde de Armórica estava tão rendido à beleza de Jeanette, que desafiou as ordens do tio.

Casou com a filha do mercador na capela do seu castelo de Plabennec, em Finisterra, no fim do mundo. O duque calculou que o sobrinho tivesse escutado trovadores a mais, mas o conde e a sua jovem esposa eram felizes e, um ano depois do casamento, quando Jeanette tinha dezasseis anos, nasceu-lhes um filho. Chamaram-lhe Charles, em honra do duque, mas se este se sentiu honrado, nada disse. Recusava-se voltar a receber Jeanette e tratava o sobrinho com frieza.

Mais tarde, nesse mesmo ano, os ingleses vieram em força para apoiar Jean de Monfort, que reconheciam como duque da Bretanha, e o Rei de França enviou reforços ao seu sobrinho Charles, considerando ser ele o verdadeiro duque; assim começou de fato a guerra civil. O conde de Armórica insistiu para que a mulher e o bebé voltassem para casa do sogro, em La Roche-Derrien, pois o castelo de Plabennec era pequeno, estava em más condições e demasiado próximo das forças invasoras.

Nesse Verão o castelo caiu nas mãos dos ingleses, tal como o marido de Jeanette recebera, e no ano seguinte, o Rei de Inglaterra passou a temporada de campanha na Bretanha, onde o seu exército repeliu as forças do duque Charles. Não se realizou qualquer batalha importante, mas sim uma série de escaramuças e numa delas, um combate desigual, travado entre as sebes de um vale profundo, o marido de Jeanette foi ferido. Erguera a viseira do elmo para soltar um grito de encorajamento aos seus homens e recebera uma flecha na boca. Os criados trouxeram o conde para a casa junto ao rio Jaudy, onde levou cinco dias a morrer; cinco dias de dor constante, durante os quais fora incapaz de tomar alimento e quase de respirar, uma vez que a ferida inflamou e o sangue se lhe coagulou no esófago. Tinha vinte e oito anos, fora campeão de torneios e, no fim, chorava como uma criança. Morreu sufocado e Jeanette gritou de raivosa frustração e desgosto.

Logo começou para a jovem uma época de infelicidade. Era viúva, La veuve Chenier, e não tinham ainda passado seis meses após a morte do marido, ficou órfã, pois ambos os pais morreram de desintéria. Tinha apenas dezoito anos e o filho, o conde de Armórica, dois, mas Jeanette herdara a riqueza do pai e estava resolvida a utilizá-la para se vingar dos odiosos ingleses, que lhe tinham morto o marido. Assim, começou a equipar dois barcos capazes de atacar a frota inglesa.

Monsieur Belas, que fora o advogado do pai, aconselhara-a a não gastar dinheiro nesses navios. A fortuna de Jeanette não duraria para sempre, disselhe, e nada absorvia tanto dinheiro como a equipagem de navios de guerra, que raramente e, apenas por sorte, davam lucro.

Seria melhor, aconselhou, utilizá-los no comércio.

— Os mercadores de Lannion estão a fazer bons lucros com o vinho espanhol — sugeriu. Espirrou, pois era Inverno e estava constipado. — Muito bons lucros — disse, com ar sério. Falava bretão, embora tanto ele como Jeanette soubessem, se necessário, exprimir-se em francês.

— Não quero vinho espanhol — ripostou friamente Jeanette. —

Quero almas inglesas.

— Essas não dão lucros, senhora — disse Belas. Achava estranho chamar senhora a Jeanette. Conhecia-a de pequena e, para ele, fora sempre a pequena Jeanette. Porém casara e era agora uma viúva aristocrata, e ainda por cima, com mau génio. — Não se podem vender almas inglesas — declarou Belas, docemente.

— Excepto ao diabo — afirmou Jeanette persignando-se. — Mas não preciso de vinho espanhol, Belas. Temos as rendas.

— As rendas! — exclamou Belas, com ar trocista. Era um homem esperto, alto e magro, de cabelo ralo. Durante muito tempo, servira fielmente o pai de Jeanette e ofendera-o o fato do mercador nada lhe ter deixado em testamento. Fora tudo para a filha, excepto uma pequena quantia a ser entregue aos monges de Pontrieux, em troca de missas rezadas por sua alma. Belas escondera o seu ressentimento.

— Não nos chega nada de Plabennec — disse a Jeanette. — Os ingleses estão lá,

como quereis que vos paguem as rendas das quintas de vosso pai? Os ingleses em breve se apoderarão delas.

Um exército inglês ocupara Tréguier, que não tinha muralha e ficava a norte, apenas a uma hora de caminho. Tinham deitado abaixo a torre da catedral, pois uns arqueiros tinham disparado contra eles, lá do alto. Belas esperava que os ingleses se retirassem em breve, o Inverno avançava e deveriam ter poucos mantimentos, mas

temia que, antes de partirem, pilhassem todo o campo em redor de La Roche-Derrien. Se assim fosse, as quintas de Jeanette perderiam todo o valor.

— Que renda esperais receber de uma quinta incendiada? —

perguntou-lhe.

— Não me importo — respondeu ela bruscamente. — Se for preciso, vendo tudo, tudo! — Excepto a armadura e as armas do marido, que eram preciosas e, um dia, iriam para o filho.

Belas suspirou à vista de tal imprudência, depois enrolou-se na capa negra e inclinou-se para o lume baixo que ardia na lareira. Um vento frio chegava do mar, fazendo o fumo sair da chaminé para dentro de casa.

— Permitti que vos ofereça o meu conselho, senhora. Primeiro, o negócio — Belas fez uma pausa para limpar o nariz na longa manga negra. — É difícil, mas posso encontrar um homem que o administre tal como o vosso pai e conseguirei fazer um contrato que garanta o pagamento de uma boa percentagem dos lucros. Em segundo lugar, senhora, devíeis pensar em voltar a casar — fez uma pausa, como se esperasse um protesto, mas Jeanette nada disse. Belas suspirou. Era tão bela! Havia mais de uma dúzia de homens na cidade que desejavam desposá-la, mas o ter sido mulher de um aristocrata dera-lhe volta à cabeça e não se contentaria com alguém sem título. —

Senhora — prosseguiu cautelosamente o advogado. — Sois, neste momento, uma viúva detentora de uma considerável fortuna, mas já vi outras assim derreterem-se como a neve em Abril. Encontraí um homem que possa cuidar de vós, dos vossos bens e de vosso filho.

Jeanette voltou-se e fitou-o.

— Desposei o melhor homem da Cristandade — afirmou. —

Onde pensais que posso encontrar outro igual a ele?

O advogado pensou que, infelizmente, homens como o conde de Armórica se encontravam por toda a parte, pois que mais seriam senão imbecis de armadura, embrutecidos, que acreditavam que a guerra era um desporto? Jeanette, pensava ele, deveria casar com um mercador prudente, talvez viúvo, com fortuna. Suspeitava, porém, que o conselho seria desperdiçado.

— Lembrai-vos do velho ditado, senhora — disse, com astúcia. —

Quando um gato guarda o rebanho, os lobos fazem um festim.

Jeanette estremeceu de raiva ao ouvir tais palavras.

— Não estais em vós, monsieur Belas — falava friamente e logo o mandou embora.

No dia seguinte, os ingleses chegaram a La Roche-Derrien, Jeanette retirou a besta do marido do sítio onde escondera as suas riquezas e juntou-se aos defensores, nas muralhas. Maldito Belas mais os seus conselhos! Sabia combater como um homem e o duque Charles, que a desprezara, aprenderia a admirá-la, a apoiá-la e saberia devolver a seu filho as propriedades do seu defunto marido.

Assim, Jeanette transformara-se no Melro, os ingleses morriam diante das suas muralhas e o conselho de Belas fora esquecido.

Calculava que depois dos defensores da cidade terem maltratado tanto os ingleses, estes levantariam o cerco. Tudo acabaria em bem e, com esta certeza, o Melro conseguiu dormir, pela primeira vez naquela semana.

thomas acorrou-se junto ao rio. Atravessara um renque de amieiros para chegar à margem, onde agora descalçava as botas e despia as calças. O melhor é seguir de pernas nuas, para que as botas não fiquem presas na lama do rio. Ia sofrer com o frio, com o frio de gelo, mas não se recordava de se sentir tão feliz. Gostava daquela vida e as suas recordações de Hookton, de Oxford e do pai quase se tinham desvanecido.

— Descalcem as botas — ordenou aos vinte arqueiros que o acompanhavam. —

Pendurem as aljavas ao pescoço.

— Porquê? — perguntou alguém do escuro.

— Para se enforcarem com elas — resmungou Thomas.

— Para que as flechas não se molhem — explicou outro homem mais prestável.

Thomas prendeu a sua aljava ao pescoço. Os arqueiros não usavam bolsas iguais às dos caçadores, pois estas eram abertas em cima e as flechas podiam cair, quando corriam, tropeçavam ou saltavam as sebes. As flechas em bolsas abertas ficavam húmidas, quando chovia, e as penas molhadas faziam-nas voar tortas, de modo que os verdadeiros arqueiros usavam bolsas impermeáveis, feitas de linho encerado e atadas com cordões. Eram reforçadas com armações de cana, que esticavam o linho, para que as penas não ficassem esmagadas.

Will Skeat caminhava vagarosamente pela margem onde os homens dispunham as pranchas. Tremia de frio, devido ao vento que vinha da água. O céu, a Oriente, mostrava-se ainda escuro, mas alguma luz chegava das fogueiras que ardiam dentro de La Roche-Derrien.

— Estão muito sossegados — disse Skeat, apontando para a cidade.

— Reza para que estejam a dormir — sugeriu Thomas.

— E nas suas camas. Já não sei como é uma cama — e depois afastou-se para o lado para deixar outro homem passar pela margem do rio. Thomas ficou surpreendido ao ver que se tratava de sir Simon Jekyll, que tanto desdém lhe mostrara na tenda do conde.

— Sir Simon quer dar-te uma palavrinha — disse Will Skeat, sem se incomodar em disfarçar o seu desprezo.

Sir Simon franziu o nariz ao fedor que se erguia da lama do rio.

Calculava que grande parte fosse proveniente dos esgotos da cidade e sentia-se satisfeito por não ter de andar por ali de pernas nuas.

— Tens confiança para passar sobre as pranchas? — perguntou a Thomas.

— De outro modo não as atravessaria — respondeu este, sem se preocupar em mostrar algum respeito.

O tom de voz de Thomas irritou sir Simon, mas este controlou o génio.

— O conde — disse com ar distante — deu-me a honra de me deixar conduzir o ataque às muralhas — deteve-se abruptamente e Thomas aguardou, à espera de mais, porém, sir Simon apenas o olhou com uma expressão irritada.

— Então, Thomas vai tomar as muralhas para que possais encostar as escadas em segurança? — perguntou Skeat, por fim.

— O que eu não quero é que os teus homens entrem na cidade à frente dos meus — disse sir Simon, ignorando Skeat e dirigindo-se a Thomas. — Quando vemos homens armados, a tendência é matá-los, compreendes?

Thomas quase cuspiu de desprezo. Os seus homens estavam armados com arcos enormes e nenhum inimigo possuía armas iguais às dos ingleses, de modo que poucas probabilidades haveria de serem confundidos com os defensores da cidade; porém, conteve-se e apenas acenou com a cabeça.

— Tu e os teus arqueiros podem juntarse a nós no ataque — continuou sir Simon. — Mas ficarão sob as minhas ordens.

Thomas fez novo aceno e sir Simon, irritado pela implícita insolência deu meia volta e afastou-se.

— Bastardo dos infernos! — exclamou Thomas.

— Só quer enfiar o nariz na gamela à frente de todos os outros — declafrou Skeat.

— Vais deixar que o patife utilize as nossas escadas? — perguntou Thomas.

— Se ele quer ser o primeiro a subir, deixa-o. As escadas são de madeira verde, Tom, se se quebrarem, prefiro que seja ele a cair do que eu. Além do mais, creio que será melhor seguirmos-te pelo rio, mas não vou dizer nada a sir Simon —

Skeat sorriu e depois praguejou, ao ouvir um estrondo vindo da escuridão a sul.

— Malditas ratazanas brancas — disse e desapareceu por entre as sombras.

As ratazanas brancas eram os bretões leais ao duque John, os homens que usavam a insígnia do arminho branco. Cerca de sessenta

arqueiros tinham sido acrescentados aos soldados de Skeat e a sua função era atirar projecteis contra as muralhas, enquanto os outros encostavam as escadas aos parapeitos. Tinham sido esses homens a sobressaltar a noite com o barulho que faziam e que agora era cada vez maior. Um imbecil qualquer tinha tropeçado no escuro e batido num besteiro com um pavês, que era o enorme escudo, atrás do qual se recarregavam laboriosamente as bestas; o besteiro ripostou e logo as ratazanas brancas se envolveram numa rixa no meio da escuridão.

Naturalmente

que

OS

defensores

os

ouviram,

começando

imediatamente a lançar colas de palha incandescente por sobre os parapeitos. O sino de uma igreja começou a tocar a rebate, depois outro, e tudo isto muito antes de Thomas ter começado a atravessar a lama.

Sir Simon Jekyll, sobressaltado pelos sinos e pela palha a arder gritou que o ataque deveria começar.

— Avancem com as escadas! — berrou.

Os defensores corriam para as muralhas de La Roche-Derrien e os primeiros projecteis lançados pelas bestas eram já cuspidos dos parapeitos iluminados pelas bolas de fogo.

— Segurem as malditas escadas! — gritou Will Skeat aos seus homens e depois olhou para Thomas. — Que achas?

— Creio que os patifes estão distraídos.

— Vais entrar?

— Não há nada melhor para fazer, Will.

— Malditas ratazanas brancas.

Thomas conduziu os homens através da lama. As pranchas ajudaram-nos, mas não tanto quanto contavam, pois havia quem escorregasse e lá seguiram o seu caminho com dificuldade em

direcção às enormes estacas; Thomas apercebia-se de que o barulho que faziam era suficiente para acordar o Rei Artur e todos os seus cavaleiros. Porém, os defensores eram ainda mais ruidosos. Todos os sinos tocavam a rebate, uma trombeta berrava, os homens gritavam, os cães ladravam, os galos cantavam e as bestas rangiam e estalavam sempre que lhes puxavam as cordas para depois as

soltar.

Thomas viu as muralhas à sua direita. Gostaria de saber se o Melro estava lá em cima. Já a vira duas vezes e sentia-se cativado pela ferocidade que se lhe lia no rosto e pelo seu cabelo negro, em desalinho. Vários outros arqueiros tinham também dado pela sua presença e, apesar de todos saberem disparar uma flecha através de uma argola a mais de cem passos de distância, a mulher ainda estava viva. O que um rosto bonito podia fazer, pensou Thomas Poisou a última prancha e chegou às estacas de madeira, que eram cada uma delas um tronco de árvore enterrado na lama. Os homens juntaram-se a ele, puxando os paus, até a madeira podre se dobrar como palha. As estacas fizeram um ruído terrível a cair, que todavia foi abafado pela balbúrdia que havia dentro da cidade. Jake, o assassino vesgo das cadeias de Exeter, içou-se para o lado de Thomas.

À direita tinham agora um ancoradouro de madeira com uma escada tosca num dos extremos. Chegava a manhã e uma fraca e ténue luz acinzentada começava a iluminar, a Oriente, a ponte sobre o Jaudy.

Era uma bela ponte de pedra com uma barbacã no extremo oposto e Thomas receava que a guarnição dessa torre os pudesse avistar, porém ninguém deu o alarme e nenhum virote atravessou o rio. Thomas e Jake foram os primeiros a subir a escada de pedra, depois seguiu-se Sam, o mais jovem arqueiro de Skeat. O cais servia também um depósito de madeira, e um cão começou a ladrar aflitivamente, por

entre os troncos empilhados; porém, Sam deslizou para a escuridão, empunhando a faca, e os latidos calaram-se imediatamente.

— Cãozinho bonito — disse Sam, quando voltou.

— Preparem os arcos — ordenou Thomas. Atara a corda de cânhamo da sua arma negra e abria agora os cordões da sua aljava.

— Odeio os malditos cães — queixou-se Sam. — A minha mãe foi mordida por um quando estava grávida de mim.

— É por isso que ficaste tolo — alvitrou Jake.

— Calem essas bocas malditas — ordenou Thomas. Havia mais arqueiros a subir para o cais, que balançava assustadoramente, mas via que as muralhas que

deviam capturar estavam peçadas de defensores. As flechas inglesas, com as penas brancas a cintilar à luz das fogueiras, passavam por cima dos parapeitos, espetando-se nos telhados de colmo da cidade.

— Talvez devamos abrir a porta sul — sugeriu Thomas.

— Atravessar a cidade? — perguntou Jake, assustado.

— É uma cidade pequena — respondeu Thomas.

— És louco! — disse Jake, mas sorria e as suas palavras eram, afinal, um cumprimento.

— Seja como for, eu vou — disse Thomas. As ruas estariam escuras e ninguém veria os enormes arcos. Calculou que não fosse perigoso.

Uma dezena de homens seguiu Thomas, enquanto o resto começou a saquear os edifícios mais próximos. Cada vez mais soldados entravam pelas estacas quebradas, pois Will Skeat enviava-os, em vez de aguardar que a muralha fosse tomada. Os defensores tinham visto os homens na lama e atiravam da ponta da muralha, porém, os primeiros assaltantes andavam já à solta, pelas ruas.

Thomas entrou às cegas na cidade. Estava escuro como breu e era difícil saber por onde andava, embora, ao sentir que subia o monte sobre o qual a cidade estava construída, calculasse que haveria de chegar ao cume para acabar depois por descer até à porta sul.

Passavam por ele homens a correr, mas nenhum se apercebeu de que ele e os companheiros eram ingleses. Os sinos eram ensurdecedores.

As crianças choravam, os cães uivavam, as gaivotas gritavam e o barulho começava a aterrorizar Thomas. Que idéia tão tola, pensou.

Sir Simon já teria subido às muralhas? Estaria talvez a perder tempo?

Porém, as flechas de penas brancas continuavam a bater nos telhados da cidade, sugerindo que as muralhas não tinham sido tomadas, de modo que insistiu e continuou a andar. Por duas vezes deu por si num beco sem saída e, da segunda, ao voltar para uma rua mais larga quase esbarrou num padre que saía da sua igreja para meter um archote aceso num buraco da parede

— Ide para as ameias! — ordenou severamente o sacerdote, mas depois viu os enormes arcos e abriu a boca para dar o alarme.

Não teve tempo de gritar, pois Thomas enfioulhe no ventre a ponta do arco. O padre dobrou-se, sufocado, e Jake cortoulhe naturalmente a garganta. O sacerdote emitiu um gorgolejo enquanto caía sobre as pedras. Jake franziu a testa quando o ruído terminou.

— Vou para o Inferno pelo que acabei de fazer — disse.

— De qualquer modo, já para lá ias — ripostou Sam. — Vamos todos!

— Vamos mas é para o céu — disse Thomas. — Mas não, se perdermos tempo — sentia-se, de súbito, muito menos assustado, como se a morte do padre lhe tivesse afastado os receios. Uma flecha bateu na torre e caiu na rua, enquanto Thomas conduzia os homens

pela frente da igreja. Acabou por descobrir que se encontrava na rua principal de La Roche-Derrien e que descia em direcção a uma fogueira acesa por sentinelas junto à porta sul. Thomas encolheu-se de novo junto da igreja, pois a rua estava cheia de homens, que corriam para o lado ameaçado da cidade. Quando olhou uma vez mais, viu a encosta vazia. Estavam apenas duas sentinelas no parapeito, sobre o arco da porta. Disse-o aos homens.

— Vão apanhar um susto dos diabos — comentou. — Matamos os patifes e abrimos a porta.

— Pode haver mais — avisou Sam. — Há-de haver uma casa da guarda.

— Então, matamo-los também — afirmou Thomas. — Vá, vamos embora! Entraram na rua, correram uns metros e empunharam os arcos. As flechas voaram e os dois guardas caíram da arcada. Um outro saiu da casa da guarda, dentro do torreão da porta, e ficou a olhar espantado para os arqueiros. Porém antes destes poderem erguer as suas armas voltou para dentro e trancou a porta.

— Já é nossa! — gritou Thomas e conduziu os seus homens numa rápida corrida até ao arco.

A casa da guarda permaneceu fechada, de modo que ninguém impediu os arqueiros de erguerem a tranca e abrirem, de par em par, as duas enormes portas

da cidade. Os homens do conde viram-nas abertas, viram os arqueiros ingleses recortados à luz das fogueiras e fizeram tal alarido na escuridão, que deu a saber a Thomas que uma torrente de topas vingativas vinha em sua direcção.

O que queria dizer que La Roche-Derrien podia começar as suas lamentações. Os ingleses tinham tomado a cidade.

jeanette acordara com o sino da igreja a tocar a rebate como se fosse o dia do juízo final, em que os mortos se levantavam das sepulturas e as portas do Inferno se abriam, para deixar entrar os pecadores. O seu primeiro instinto foi dirigir-se à cama do filho, mas o pequeno Charles encontrava-se bem. Via-lhe apenas os olhos, na escuridão um pouco aliviada pelas brasas incandescentes da lareira.

— Mamã? — gritou ele, estendendo-lhe os braços.

— Silêncio — sossegou a criança e depois correu a abrir os batentes das janelas. Uma leve luz acinzentada aparecia já, a Oriente, sobre os telhados, depois soaram passos na rua e ela inclinou-se na janela para ver os homens que saíam a correr da casa, empunhando espadas, bestas e lanças. Uma trombeta chamava-os do centro da cidade, e depois os sinos continuavam a tocar, dando o alarme no fim da noite. O sino da igreja da Virgem estava rachado, fazendo soar um dobre áspero, como de uma bigorna, o que era ainda mais assustador.

— Madame! — gritou uma criada, entrando a correr no quarto.

— Os ingleses devem ter atacado — Jeanette esforçava-se por falar com calma. Vestia apenas uma camisa de linho e, de súbito sentiu frio. Agarrou numa capa, atou-a no pescoço e depois ergueu o filho nos braços.

— Está tudo bem, Charles — tentou consolá-lo. — Os ingleses atacam de novo, mais nada.

Mas, desta vez, não tinha a certeza. Os sinos tocavam com demasiada força. Não era o dobre habitual para avisar de um ataque, mas sim um clangor aterrorizado, como se os homens que puxassem as cordas tentassem repelir o assalto por si próprios. Olhou de novo pela janela e viu as setas inglesas enterradas nos telhados. Ouvia-as bater no colmo. As crianças da cidade acharam que era uma boa brincadeira ir arrancá-las, e duas delas já se tinham ferido, ao cair de cima das casas. Jeanette pensou em vestir-se, mas decidiu primeiro saber o que se passava e assim entregou Charles à guarda da criada e desceu as escadas a

correr.

Um dos criados da cozinha foi ter com ela à porta de trás.

— Que se passa, madame?

— Outro ataque, nada mais.

Destrancou a porta do pátio e correu para a entrada particular da igreja de São Renano, justamente quando uma flecha batia na torre e se despenhava lá embaixo. Abriu a porta, e subiu os degraus íngremes, que o pai mandara construir. Não fora a simples fé religiosa que inspirara Louis Halevy a mandar fazer aquela obra, mas sim a possibilidade de poder espreitar o rio, e assistir à chegada dos seus barcos já que o alto parapeito de pedra oferecia uma das melhores vistas de La Roche-Derrien. Jeanette ficou ensurdecida pelas badaladas do sino que soavam na semi-obscuridade, cada uma atingindo-lhe os ouvidos como um verdadeiro golpe. Subiu mais acima, abriu o alçapão no alto das escadas, e trepou à cobertura de chumbo do telhado.

Os ingleses tinham chegado. Podia ver uma torrente de homens junto à muralha do lado do rio. Avançavam pela lama e metiam-se por entre as estacas partidas, como se fossem ratos. Mãe de Jesus!

pensou, bendita Mãe de Jesus! Já estão dentro da cidade! Apressou-se a descer as escadas.

— Já cá estão! — gritou para o padre, que puxava a corda do sino.

— Já entraram na cidade!

— Ao ataque! Ao ataque! — os ingleses soltavam o grito que os encorajava ao saque.

Jeanette correu pelo pátio e subiu as escadas. Arrancou as roupas do armário, depois voltou-se, quando ouviu vozes aos gritos sob a sua janela. Esqueceu a roupa e tomou Charles nos braços.

— Mãe de Deus — rezou. — Olhai por nós, Olhai por nós!

Bendita Mãe de Deus, guardai-nos! — chorava, sem saber o que fazer.

Charles gritava porque ela o apertava com força contra si, tentando consolá-lo. Soavam gritos de triunfo na rua, fazendo-a voltar imediatamente à janela para ver o que lhe pareceu ser um rio negro com pregos de aço a correr em direcção ao centro da cidade. Deixou-se cair junto à janela, a soluçar. Charles gritava. Entraram mais duas criadas no quarto, pensando talvez que Jeanette lhes pudesse dar protecção, mas não havia já protecção possível. Os ingleses tinham chegado. Uma das criadas correu o fecho da porta do quarto, mas de que serviria o seu gesto?

Jeanette pensou nas armas escondidas do marido e na lâmina afiada da espada espanhola, ao mesmo tempo que perguntava a si própria se teria coragem de a apontar ao seio e deixar-se cair sobre ela. Seria melhor morrer, que ser desonrada, pensou, mas o que aconteceria depois ao filho? Chorava, desesperada e depois ouviu alguém bater no enorme portão que dava para o pátio. Um machado, pensou ao ouvir as pancadas violentas, que pareciam abanar toda a casa. Uma mulher gritou na rua, depois outra e vozes inglesas

aplaudiam entusiasmadas. Um a um, calavam-se os sinos das igrejas, até ser apenas o que estava rachado a dobrar o seu terror sobre os telhados. O machado continuava a atacar a porta. Reconhecê-la-iam, interrogava-se. Sentira-se exultante nos parapeitos, disparando contra os sitiante a besta que pertencera ao marido e tinha o ombro direito negro, devido a isso; porém, sofrera a dor com prazer, acreditando que cada virote disparado tornava menos provável a invasão da cidade pelos ingleses.

Ninguém o julgara possível. De qualquer modo, porquê sitiar La Roche-Derrien? Nada tinha para oferecer. Como porto, era praticamente inútil, pois os navios maiores não podiam subir o rio, nem mesmo na praia-mar. As gentes da cidade acreditavam que os ingleses queriam fazer uma petulante demonstração de força, mas haveriam de desistir e acabar por partir.

Mas agora, estavam ali e Jeanette gritava, à medida que se alterava o som dos golpes do machado. Já tinham partido a madeira e sem dúvida estariam a tentar erguer a tranca. Fechou os olhos, tremendo, ao ouvir a porta arrastada sobre as pedras. Estava aberta.

Oh, Mãe de Deus, rezava, guardai-nos.

Os gritos soavam lá embaixo. Os passos batiam na escada. Vozes de homem

gritavam numa língua desconhecida.

Guardai-nos, agora e na hora da nossa morte, porque os ingleses chegaram.

sir Simon Jekyll sentia-se enfadado. Estava pronto a subir as escadas, se os arqueiros de Skeat alguma vez chegassem às muralhas, coisa que duvidava, mas se os parapeitos fossem dominados, então tencionava ser o primeiro a entrar. Já se via a cortar ao meio alguns defensores em pânico e depois a encontrar uma casa rica para saquear.

Todavia, nada acontecera como imaginara. A cidade estava acordada, a muralha controlada e as escadas nunca chegaram a avançar, porém os homens de Skeat tinham entrado, atravessando simplesmente a lama da margem do rio. Depois uma ovação no lado sul da cidade sugeria que a porta fora aberta, o que significava que todo o maldito exército entrava em La Roche-Derrien à sua frente.

Praguejou. Não restaria nada para ele!

— Meu senhor? — Um dos seus homens-de-armas insistia com sir Simon, querendo dele uma decisão acerca de como haveriam de chegar às mulheres e aos bens atrás das muralhas que se esvaziavam já dos seus defensores, pois os homens corriam a proteger as casas e as famílias. Teria sido rápido, muito mais rápido, ter atravessado a lama, mas sir Simon não queria sujar as botas novas, de modo que ordenou que as escadas avançassem.

Estas eram feitas de madeira verde e os degraus dobravam-se assustadoramente, enquanto sir Simon subia. Porém não havia

defensores que se lhe opusessem e a escada aguentou, permitindo-lhe saltar para a canhoneira e empunhar a espada. No parapeito, havia meia dúzia de homens com flechas espetadas. Dois estavam ainda vivos e sir Simon apunhalou o que lhe estava mais próximo. O

homem levantara-se à pressa da cama, não tinha cota de malha, nem sequer um gibão de couro, mas, mesmo assim, foi difícil desferir o golpe mortal com a sua velha espada. Não fora feita para apunhalar, mas sim para cortar. As novas espadas, feitas do melhor aço europeu, eram famosas pela sua capacidade de furar a malha e o couro, porém esta lâmina antiga necessitou de toda a força bruta de sir Simon para penetrar nas costelas do homem. E que possibilidade

teria, perguntava a si próprio, amargurado, de encontrar uma arma melhor naquela desgraçada cidade?

Havia um lanço de degraus de pedra que levava a uma rua agora cheia de arqueiros ingleses e homens-de-armas, manchados de lama até às coxas. Assaltavam as casas. Um homem transportava consigo um ganso morto, outro um rolo de tecido. O saque tinha já começado e sir Simon estava ainda sobre os parapeitos. Gritou para os homens que se apressassem e quando já havia suficientes no cimo da muralha, conduziu-os até à rua. Um arqueiro fazia rolar uma barrica da porta de uma cave, outro puxava uma rapariga por um braço. Para onde se havia de dirigir? Sir Simon não sabia. As casas mais próximas estavam já a ser saqueadas e os gritos entusiasmados que se ouviam a sul sugeriam que a maior parte do exército do conde descia para esse lado da cidade. Alguns habitantes, apercebendo-se de que tudo estava perdido, fugiam dos arqueiros, para poderem atravessar a ponte e dirigirem-se para o campo.

Sir Simon decidiu atacar a parte nascente. Os homens do conde

estavam a sul, Skeat encontrava-se junto à muralha poente, de modo que o lado oriental oferecia melhores perspectivas de saque.

Empurrou os arqueiros lamacentos de Skeat e conduziu os seus homens em direcção à ponte. As pessoas passavam por ele, assustadas, fingindo não o ver, na esperança que ele fizesse o mesmo.

Atravessou a rua principal que levava à ponte e viu um caminho que contornava as casas grandes voltadas para o rio.

Mercadores, pensou sir Simon, mercadores gordos com lucros gordos e depois, à medida que aumentava a luz do dia, viu uma arcada encimada por um brasão. A casa de um nobre.

— Quem tem um machado? — perguntou aos seus homens. Um dos soldados avançou e sir Simon apontou o pesado portão. A casa tinha janelas no rés-do-chão, mas estavam cobertas por pesadas barras de ferro, o que parecia ser bom sinal. Sir Simon recuou para deixar o homem começar a trabalhar na porta.

O homem do machado sabia o que estava a fazer. Começou por abrir um buraco, onde calculava que se encontrasse a tranca e quando terminou, meteu a mão por ele e fez subir a barra para a retirar dos apoios. Assim, sir Simon e os seus

arqueiros puderam abrir os portões. O cavaleiro deixou dois homens de guarda à porta, ordenando-lhes que afastassem da propriedade qualquer outro saqueador e depois conduziu os restantes pelo pátio. A primeira coisa que viu foram dois barcos amarrados ao cais do rio. Não eram grandes, mas todas as embarcações eram valiosas, de modo que ordenou aos seus arqueiros que fossem para bordo.

— Digam a quem quer que aqui venha, que são meus, entendem? Meus!

Agora, tinha de escolher: armazéns ou casa? E o estábulo? Disse a

dois homens-de-armas que procurassem o estábulo e montassem guarda a todos os cavalos que lá se encontrassem; depois abriu a porta da casa a pontapé, entrando de seguida, com mais seis homens.

Duas mulheres gritaram. Ignorou-as; eram criadas velhas e feias e ele queria coisas mais ricas. Havia uma porta ao fundo da cozinha, fez sinal a um arqueiro e depois, erguendo a espada diante de si, atravessou um pequeno vestíbulo e entrou na sala da frente. Na parede estava suspensa uma tapeçaria mostrando Baco, o deus do vinho. Sir Simon tinha idéia de que por vezes era costume esconderem-se valores sob estes panos que cobriam as paredes. Assim atacou com a espada e arrancou-a dos ganchos, mas lá por trás havia apenas o estuque. Deu um pontapé nas cadeiras e viu uma arca com um enorme cadeado.

— Abram-na! — ordenou aos seus arqueiros. — O que lá estiver dentro é meu!
— Ignorando dois livros que não serviriam a ninguém, voltou ao vestíbulo e subiu um lanço de escuras escadas de madeira.

Sir Simon deu com a porta que levava a uma sala, na frente da casa. Estava trancada e uma mulher gritou, quando tentou forçá-la.

Recuou e usou o calcanhar da bota para esmagar o ferrolho do lado oposto e fazer saltar a porta dos seus gonços. Depois entrou com a velha espada a brilhar à fraca luz da manhã e viu a mulher de cabelos negros.

Sir Simon considerava-se um homem prático. O pai, de modo bem sensato não quisera que o filho perdesse tempo a instruir-se, embora o tivesse mandado aprender a ler e ele soubesse escrever uma carta, em caso de necessidade. Apreciava as coisas úteis — cães e armas, cavalos e armaduras — mas desprezava o elegante culto da alta estirpe. A mãe era grande apreciadora de trovadores e ouvia

constantemente canções de cavaleiros com ar tão doce, que sir Simon calculava que não se aguentassem dois minutos na refrega de um torneio. As canções e poemas celebravam o amor como se este fosse uma coisa rara que desse encanto à vida, porém, sir Simon não precisava de poetas para o definir, já que para ele bastava deitar uma camponesa no chão de um campo qualquer ou levantar as saias a uma prostituta fedendo a cerveja, numa taberna. Porém, quando viu a mulher de cabelo negro, entendeu finalmente o que celebravam os trovadores.

Não importava que ela tremesse de medo, que tivesse o cabelo em desalinho ou o rosto marcado pelas lágrimas. Simon reconheceu a sua beleza, que o atingiu como uma seta. Perdeu o fôlego. Então aquilo era o amor! Era a certeza de que nunca seria feliz, até que aquela mulher fosse sua — e era muito conveniente, pois tratava-se de uma inimiga, a cidade estava a ser saqueada e sir Simon, de cota de malha e furioso, fora o primeiro a encontrá-la.

— Saiam! — gritou para as criadas que se encontravam no quarto. — Saiam!

As criadas fugiram, a chorar, e sir Simon fechou com um pontapé a porta partida e depois avançou para a mulher, que se acorrou junto à cama do filho com a criança nos braços.

— Quem sois? — perguntou sir Simon em francês. A mulher tentou parecer corajosa.

— Sou a condessa de Armórica — respondeu. — E vós, monsieur?

Sir Simon sentiu-se tentado a atribuir-se um título, de modo a impressionar Jeanette, mas ficara lento de raciocínio e ouviu-se a si próprio pronunciar o seu nome. Apercebia-se lentamente de que o quarto traía riqueza. Os reposteiros da cama eram pesadamente

bordados. Os candelabros, de prata maciça, e as paredes de ambos os lados da lareira de pedra estavam dispendiosamente cobertas de madeira trabalhada. Empurrou a cama mais pequena contra a porta, calculando que assim teria um pouco mais de privacidade e depois foi aquecer-se junto ao lume. Meteu mais carvão de pedra entre as chamas baixas e chegou as luvas geladas perto do fogo.

— A casa é vossa, madame?

— É.

— Não é de vosso marido?

— Sou viúva — respondeu Jeanette.

Uma viúva rica! Sir Simon quase se persignou de gratidão. As viúvas que conhecera em Inglaterra eram velhas pintadas, mas esta...

Esta era diferente. Esta era uma mulher digna de um campeão de torneios e parecia suficientemente rica para o salvar da ignomínia de ter perdido os seus domínios e posição de cavaleiro. Poderia mesmo ter dinheiro que chegasse para lhe comprar uma baronia. Talvez até um condado. .

Afastou-se do lume e voltou-se para ela, a sorrir.

— Os barcos que estão no cais são vossos?

— Sim, monsieur.

— Pelas leis da guerra, agora pertencem-me, madame. Tudo isto é meu. Jeanette franziu a testa.

— Que leis?

— A lei da espada, madame, mas creio que sois afortunada.

Ofereço-vos a minha protecção.

Jeanette sentou-se na beira do seu leito de dossel, agarrada a Charles.

— As leis da cavalaria, meu senhor, garantem-me protecção —

disse e estremeceu ao ouvir uma mulher gritar numa casa próxima.

— Cavalaria? — perguntou sir Simon. — Cavalaria? Ouvi falar disso em canções, senhora, mas estamos em guerra. O nosso dever é castigar os partidários de Charles de Blois, por se revoltarem contra o seu legítimo senhor. O castigo e a cavalaria não se misturam —

olhou-a, franzindo o sobrolho. — Sois o Melro! — disse, reconhecendo-a, de súbito, à luz do lume ateadado.

— O melro? — Jeanette não compreendera.

— Haveis-nos combatido do cimo das muralhas! Haveis-me atingido um braço!

— Sir Simon não parecia raivoso, mas sim desconcertado. Esperara sentir-se irado, quando encontrasse o Melro, porém a beleza da condessa era demasiado estonteante para que tal acontecesse. Sorriu. — Fechastes os olhos ao disparar a besta. Foi por isso que não haveis acertado.

— Acertei! — exclamou Jeanette, indignada.

— Um mero arranhão — afirmou sir Simon, mostrando-lhe o rasgão na manga da cota malha. — Mas, madame, porque combateis pelo falso duque?

— O meu esposo — disse rígida — era sobrinho do duque Charles.

Deus do Céu, pensou sir Simon, Santo Deus do Céu! Que belo troféu.

Fez-lhe uma reverência.

— Então, o vosso filho é o actual conde? — disse, designando com um gesto de cabeça Charles, que espreitava ansiosamente dos braços da mãe.

— Assim é — confirmou Jeanette.

— Um belo rapaz — sir Simon viu-se forçado a usar de alguma

lisonja. Na verdade, pensava que Charles era um incómodo com cara de Lua cheia, cuja presença o coibia de satisfazer o seu natural desejo de deitar o Melro de costas para lhe mostrar as realidades da guerra.

Porém, tinha consciência de que a viúva era uma aristocrata, uma beleza e aparentada com Charles de Blois, sobrinho do rei de França.

Aquela mulher valia uma fortuna e a verdadeira necessidade de sir Simon era fazê-la ver que no seu melhor interesse devia aceitar as suas ambições. — Um belo rapaz, madame — continuou — que precisa de um pai.

Jeanette limitou-se a olhar para ele. Sir Simon tinha um rosto grosseiro. O nariz era bolboso, o queixo firme e não denotava o mínimo sinal de inteligência ou espírito. Tinha, porém, confiança suficiente para estar convencido de que ela se

casaria com ele. Seria mesmo isso que tencionava fazer? Abriu a boca, soltando depois uma exclamação sobressaltada, quando um grito furioso soou debaixo da janela. Alguns arqueiros tentavam ultrapassar os homens que guardavam o portão. Sir Simon abriu bruscamente os batentes.

— Este lugar é meu — disse, com desprezo, em inglês. — Ide procurar outros patos para depenar. — Voltou-se para Jeanette. —

Vedes, madame, como vos protejo?

— Então as leis da cavalaria sempre valem na guerra?

— Na guerra há oportunidades, madame. Sois rica, sois viúva.

Precisais de um homem.

Ela fitou-o com os olhos perturbadamente grandes, mal se atrevendo a acreditar na temeridade dele.

— Por quê? — perguntou simplesmente.

— Por quê? — Sir Simon ficara desconcertado com a pergunta.

Apontou para a janela. — Escutai os gritos, senhora! Que pensais que acontece às mulheres quando uma cidade cai?

— Mas haveis dito que me protegeríeis — recordou ela.

— E assim farei — estava a perder-se naquela conversa. Pensou que a mulher, embora fosse muito bela, era extremamente estúpida.

— Eu proteger-vos-ei — continuou — e vós cuidareis de mim.

— Como?

Sir Simon suspirou.

— Não tendes dinheiro? Jeanette encolheu os ombros.

— Há algum lá em baixo, senhor, escondido na cozinha.

Sir Simon, zangado, franziu o sobrolho. Considerá-lo-ia ela um imbecil? Que morderia o isco de descer as escadas, deixando-a ali para sair pela janela?

— Há uma coisa que sei acerca do dinheiro, senhora. Nunca se esconde onde os criados o possam encontrar. Esconde-se, sim nos aposentos privados. Nas alcovas — abriu uma arca e despejou no chão a roupa que continha, mas nada lá havia oculto. Depois, como se subitamente inspirado, começou a bater no forro de madeira.

Ouvira dizer que aqueles painéis ocultavam muitas vezes um esconderijo e foi quase instantaneamente recompensado por um bom covo, muito aceitável.

— Não, monsieur! — exclamou Jeanette.

Sir Simon ignorou-a, ergueu a espada, atacou os painéis de madeira de tília que se fizeram em tiras e retirou-os. Embainhou a espada e puxou as lascas, com as mãos enluvadas.

— Não! — gemeu Jeanette.

Sir Simon espreitou. Havia dinheiro escondido por trás dos painéis, uma barrica cheia de moedas, mas não seria isso o mais interessante. O seu trofeu seria uma armadura e um conjunto de

armas como apenas ele conseguia imaginar. Uma armadura cintilante, cada peça ornamentada com subtis gravações e toda incrustada a ouro. Trabalho italiano? E a espada! Quando a retirou da bainha, foi como se empunhasse a própria Excalibur. A lâmina tinha um tom azulado, não era tão pesada como a sua, mas miraculosamente equilibrada. Provavelmente fabricada pelos famosos armeiros de Poitiers, ou, melhor ainda, talvez em Espanha?

— Pertenciam a meu marido — apelou Jeanette. — É tudo o que me resta dele. É a herança de Charles.

Sir Simon ignorou-a. Passou o dedo enluvado pela incrustação de ouro do plastrão. Só essa peça valia um reino.

— É tudo o que lhe resta do pai — implorou Jeanette.

Sir Simon desapertou o cinto e deixou cair no chão a velha espada, prendendo

depois a do conde de Armórica à cintura. Voltou-se e fitou Jeanette, admirando o seu rosto imaculado. Eram estes os despojos de guerra com que sonhara, tendo começado já a reear nunca mais dar com eles: uma barrica de moedas, uma armadura digna de um rei, uma espada feita para um campeão e uma mulher que faria a inveja de toda a Inglaterra.

— A armadura pertence-me — afirmou. — Tal como a espada.

— Não, monsieur, por favor.

— Que quereis fazer? Comprar-ma?

— Se necessário for — disse Jeanette, apontando para a barrica.

— Também me pertence, madame — disse sir Simon e, para o provar, dirigiu-se à porta, a passos largos, retirou o que servia para a tapar e gritou a dois dos seus arqueiros que subissem a escada.

Apontou para a barrica e para a armadura.

— Levai tudo para baixo — disse. — Guardem tudo muito bem. E

não pensem que não contei o dinheiro, porque o fiz. Ide!

Jeanette apercebeu-se do roubo. Queria implorar piedade, mas esforçou-se por manter calma.

— Se me haveis roubado tudo o que possuía — disse a sir Simon

— como poderia comprar-vos a armadura?

Sir Simon empurrou de novo a cama da criança de encontro à porta e ofereceu a Jeanette o seu melhor sorriso.

— Há urna coisa que podeis usar para comprar a armadura, minha querida — disse vitorioso. — Possuis aquilo que todas as mulheres possuem. Podeis utilizá-lo.

Jeanette fechou os olhos por uns instantes.

— Todos os gentis-homens de Inglaterra são como vós? —

perguntou.

— Poucos são tão hábeis com as armas — respondeu sir Simon orgulhoso.

Ia contar-lhe os seus triunfos nos torneios, certo de que ela se mostraria interessada. Porém Jeanette interrompeu-o:

— Só queria saber — disse ela em tom gelado — se os cavaleiros de Inglaterra são todos ladrões, cobardes e violentos.

Sir Simon ficou verdadeiramente desconcertado com o insulto.

Aquela mulher parecia não apreciar a sua boa sorte, erro que apenas poderia atribuir a uma estupidez inata.

— Esqueceis, madame — explicou ele — que os vencedores da guerra recebem troféus?

— E eu sou o vosso troféu?

A mulher era mais do que estúpida, pensou sir Simon, mas quem queria uma mulher inteligente?

— Madame, sou o vosso protector — declarou. — Se vos deixar,

se retirar a minha protecção, haverá uma fila de homens na escada para vos arrebatam. Compreendeis?

— Creio — disse ela firmemente — que o conde de Northampton me conferirá melhor protecção.

Cristo redentor, pensou sir Simon, a cabra era perfeitamente obtusa. Era inútil discutir com ela, pois era demasiado imbecil para compreender, de modo que seria preciso forçá-la. Atravessou rapidamente o quarto, arrebatou-lhe Charles dos braços e atirou-o para cima da cama mais pequena. Jeanette gritou e tentou agredi-lo, mas sir Simon pegou-lhe no braço e esbofeteou-lhe o rosto com a mão enluvada; quando a viu imóvel de dor e espanto, arrancou-lhe os cordões da capa e com as mãos enormes rasgou-lhe a camisa que lhe cobria o corpo. Ela gritou, tentando esconder a nudez com as mãos, mas sir Simon obrigou-a a abrir os braços e fitou-a estonteado.

Sem qualquer marca!

— Não! — chorou Jeanette.

Sir Simon atirou-a com força para cima da cama.

— Quereis que vosso filho herde a armadura do vosso marido traidor? — perguntou. — Ou a espada? Então, madame, deveis ser boa para com o seu novo proprietário. Eu estou pronto a ser bom para vós. — Desapertou a espada, deixou-a cair no chão. Depois ergueu a cota de malha e tentou abrir os calções.

— Não! — Jeanette gemia e tentava escapar-se de cima da cama, mas sir Simon agarrou-lhe a camisa, e com um puxão baixou-lha até à cintura. O rapazinho gritava, sir Simon tentava retirar as manoplas enferrujadas e Jeanette sentia que o diabo lhe tinha entrado em casa.

Tentava cobrir a sua nudez, mas o inglês esbofeteou-a de novo e ergueu mais uma vez a cota de malha. Fora da janela, o sino rachado

da igreja da Virgem calara-se por fim, pois os ingleses tinham chegado, Jeanette tinha um admirador e a cidade chorava.

o primeiro pensamento de Thomas, depois de abrir o portão, não fora o saque, mas sim um sítio onde lavar as pernas da lama do rio, acto que levou a cabo num barril de cerveja na primeira taberna que encontrou. O taberneiro era um homem enorme e careca, que atacava estupidamente os ingleses com um pau, de modo que Jake rasteirou-o com o seu arco, abrindo-lhe depois o ventre.

— Patife imbecil — disse Jake. — Se calhar até nem lhe ia fazer mal.

As botas do morto ficavam bem a Thomas, o que foi uma óptima surpresa, pois muito poucas lhe serviam e, uma vez encontrado o esconderijo das moedas, partiram em busca de outros divertimentos.

O conde de Northampton picava o cavalo de um lado para outro da rua principal, gritando aos homens furiosos que não incendiassem cidade. Queria manter La Roche-Derrien como fortaleza e ser-lhe-ia inútil ficar com um monte de cinzas.

Nem todos saqueavam. Entre os homens mais velhos e até alguns mais novos, havia quem quisesse limitar os excessos mais violentos, mas eram largamente

ultrapassados pelos que nada mais viam senão a oportunidade de roubarem a cidade derrotada. O padre Hobbe, sacerdote inglês que gostava dos homens de Will Skeat tentou convencer Thomas e o seu grupo a guardarem uma igreja; todavia eles tinham em mente outros prazeres.

— Não manches a tua alma, Thomas — disse o padre Hobbe, recordando que Thomas, tal como todos os outros, tinha ouvido missa no dia anterior. Mas este considerava que, de qualquer modo, a sua alma havia de ficar manchada e o melhor seria que tal acontecesse o mais depressa possível. Andava à procura de uma rapariga, qualquer lhe serviria, pois a maior parte dos homens de Will tinham uma mulher no acampamento. Thomas vivera com uma bretã muito meiga, mas esta apanhara uma febre antes do início da campanha de Inverno e o padre Hobbe tivera de dizer uma missa de defuntos por ela. Thomas vira descer à terra o corpo sem mortalha da jovem e pensara nas sepulturas de Hookton e na promessa que fizera ao pai moribundo, mas tratara de a esquecer. Era jovem e não tinha qualquer gosto por pesos de consciência.

La Roche-Derrien encontrava-se já sob a fúria inglesa. Os homens derrubavam telhados de colmo e destruíam o recheio das casas em busca de dinheiro. Os habitantes da cidade que tentassem proteger as mulheres eram mortos e aquelas que se tentassem defender eram espancadas até se submeterem. Algumas pessoas tinham escapado ao saque, atravessando a ponte, mas a pequena guarnição da barbacã fugira do inevitável ataque e já os homens-de-armas do conde dominavam a pequena cidade de La Roche-Derrien, que se rendera ao seu destino. Algumas mulheres tinham-se refugiado nas igrejas e as mais felizes encontraram aí protecção. Porém, a maioria não teve tal sorte.

Thomas, Jake e Sam descobriram finalmente uma casa não saqueada que pertencia a um curtidor, um homem fedorento com uma mulher feia e três filhos pequenos. Sam, cujo rosto inocente fazia com que os desconhecidos confiassem nele à primeira vista, só

teve de erguer uma faca junto ao pescoço da criança mais pequena para que o pai se lembrasse imediatamente do local onde escondia o dinheiro. Thomas vigiara o companheiro, temendo que ele realmente cortasse a garganta ao rapazinho, pois, apesar das faces rosadas e olhos alegres, era tão cruel como qualquer outro homem do bando de Skeat. Jake não era melhor, porém Thomas considerava-os seus amigos.

— O homem é tão pobre como nós — disse Jake, estupefato ao contar as moedas do curtidor. Empurrou um terço do monte em direcção a Thomas. — Queres a mulher dele? — ofereceu Jake, generoso.

— Valha-me Deus, não! É vesga como tu.

— É?

Thomas deixou Jake e Thomas a divertirem-se e partiu em busca de uma taberna onde encontrasse comida, bebida e calor. Calculava que as raparigas que valiam a pena deveriam já ter sido arrebatadas, de modo que enrolou a corda do arco, empurrou um grupo de homens que destruíam a carga de uma carroça e descobriu uma estalagem onde uma mãe viúva tinha sensatamente protegido a propriedade e as filhas, dando as boas-vindas aos primeiros soldados.

Oferecera-lhes comida de graça e cerveja abundante, enquanto se zangava por lhe sujarem o chão com os pés enlameados. Gritava agora com eles, embora poucos entendessem o que lhes dizia; um dos homens rosnou um aviso a Thomas para que ela e as filhas não fossem incomodadas.

Thomas ergueu as mãos para mostrar que não tinha más intenções e depois pegou num prato com pão, ovos e queijo.

— Agora paga-lhe — resmungou um dos soldados e, obediente,

Thomas poisou no balcão as poucas moedas do curtidor.

— Aquele é bem-parecido — disse a viúva às filhas, que soltavam risinhos.

Thomas voltou-se e fingiu inspeccionar as raparigas.

— São as meninas mais belas de toda a Bretanha — afirmou em francês à viúva.
— Parecem-se convosco, madame.

O cumprimento, embora fosse evidentemente falso, causou enormes risadas. Lá fora, atrás da taberna, havia gritos e lágrimas, porém no seu interior o ambiente era quente e acolhedor. Thomas comeu avidamente e depois tentou esconder-se junto à janela, quando o padre Hobbe entrou a toda a pressa. Contudo, o sacerdote já o tinha visto.

— Continuo em busca de homens para guardar as igrejas, Thomas.

— Vou embriagar-me, padre — disse Thomas alegremente. —

Uma bebedeira tão grande, que qualquer destas raparigas me vai parecer atraente — apontou com a cabeça para as filhas da viúva.

O padre Hobbe observou-as com ar crítico e depois suspirou.

— Vais matar-te se beberes assim tanto, Thomas — sentou-se à mesa, acenou às raparigas e apontou para a caneca.

— Vou beber contigo — disse o padre.

— E as igrejas?

— Em breve todos estarão embriagados — respondeu o padre Hobbe. — O horror terminará. É sempre assim. Cerveja e vinho, só Deus sabe, são as grandes causas de pecado, mas também o encurtam.

Valha-me Deus, mas que frio que está aqui! — sorriu para Thomas. —

E como está tua negra alma, Tom?

Thomas observou o sacerdote. Gostava do padre Hobbe, que era

pequeno e magro, com uma massa de cabelo hirsuto sobre um rosto alegre marcado, pela varíola que contraíra em criança. Era de nascimento humilde, filho de um carpinteiro de carroças do Sussex e, como qualquer outro rapaz do campo, sabia disparar o arco como os melhores. Acompanhava por vezes os homens de Skeat nos seus assaltos ao país do duque Charles e de boa vontade se juntava aos arqueiros, quando desmontavam para formar uma linha de batalha.

As leis da igreja proibiam um sacerdote de empunhar uma arma cortante, porém o padre Hobbe afirmava usar sempre setas embotadas, que afinal pareciam penetrar nas cotas de malha do inimigo com a mesma facilidade das outras. Em resumo, o padre Hobbe era um bom homem, cujo único defeito era um interesse excessivo pela alma de Thomas.

— A minha alma dissolve-se em cerveja — afirmou Thomas.

— Muito boa idéia — disse o padre Hobbe. — Com que então, dissolve-se? — Pegou no enorme arco negro e apontou a insígnia de prata com o dedo sujo. — Já descobriste alguma coisa sobre isto?

— Não.

— Ou sobre quem roubou a lança?

— Não.

— Já não te importas?

Thomas encostou-se na cadeira e esticou as longas pernas.

— Estou a fazer um bom trabalho, padre. Estamos a ganhar esta guerra e quem sabe o que acontecerá para o ano? Pode ser que estejamos a esmurrar o nariz ao Rei de França.

O padre Hobbe concordou com um aceno, embora o seu rosto sugerisse que as palavras de Thomas eram irrelevantes. Molhou o dedo numa pequena poça de cerveja sobre a mesa.

— Thomas, fizeste uma promessa a teu pai e fizeste-a numa igreja. Não foi o que me disseste? Uma promessa solene, Thomas?

Que recuperarias a lança? Deus escuta esses votos.

Thomas sorriu.

— Padre, fora desta taberna há tantos assassinatos, violações e roubos, que nem todas as penas que há no céu conseguem assentar o rol dos pecados. E estais preocupado comigo?

— Sim, Thomas, estou. Há almas que são melhores que outras.

Tenho de olhar por todas elas, mas quando se tem no rebanho uma ovelha premiada, então, o melhor será guardá-la bem.

Thomas suspirou.

— Um dia, padre, encontrarei o homem que roubou a maldita lança e meto-lha

pelo traseiro acima até lhe chegar à cabeça. Um dia.

Está bem assim?

O padre Hobbe sorriu beatificamente.

— Está sim, Thomas, mas por enquanto, há uma pequena igreja que precisava de mais um homem à porta. Está cheia de mulheres!

Algumas delas tão belas que se nos parte o coração só de as olhar.

Podes embriagar-te depois.

— As mulheres são realmente belas?

— O que achas, Thomas? A maior parte parecem morcegos e cheiram como cabras, mas mesmo assim, necessitam de protecção.

Thomas ajudou então a guardar a igreja e depois, quando o exército estava tão etilizado que não podia causar mais danos, voltou para a taberna da viúva onde bebeu até perder a consciência. Tomara uma cidade, servira bem o seu senhor e estava satisfeito.

thomas foi acordado por um pontapé. Uma pausa e novo pontapé, acompanhado de uma caneca de água fria pelo rosto.

— Jesus!

— Sou eu — disse Will Skeat. — O padre Hobbe disse-me que estavas aqui.

— Oh, Jesus — repetiu Thomas. Doí-lhe a cabeça e o ventre e sentia-se enjoado. Pestanejou ao de leve, à luz do dia, e depois franziu a testa para Skeat. — És tu!

— Deve ser muito bom ser tão esperto — proferiu Skeat. Sorriu para Thomas, nu sobre a palha do estábulo da taberna, que partilhava com uma das filhas da viúva. — E devias estar bêbado que nem um cacho, para meteres a tua espada numa bainha como essa —

acrescentou Skeat, olhando para a rapariga, que puxava uma manta sobre si.

— Estava bêbado — gemeu Thomas. — Ainda estou. — Ergueu-se com passos

vacilantes e vestiu a camisa.

— O conde mandou-te chamar — disse Skeat, divertido.

— A mim? — Thomas parecia aflito. — Porquê?

— Talvez queira casar-te com a filha — gracejou Skeat. — Pelas chagas de Cristo, Tom, olha em que estado estás!

Thomas calçou as botas e vestiu a cota de malha, depois foi buscar umas calças à equipagem que tinha no acampamento e vestiu

um gibão de fazenda sobre a cota. Este tinha a insígnia do conde de Northampton, três estrelas vermelhas e três verdes, para as quais se precipitavam três leões. Salpicou o rosto com água e barbeou-se com uma navalha afiada.

— Deixa crescer a barba, rapaz — disse Skeat. — Poupa-te trabalho.

— Porque é que o Eilly me quer ver? — perguntou Thomas, referindo-se ao conde pela alcunha.

— Depois do que aconteceu ontem, na cidade? — sugeriu Skeat pensativo. — Pensa que deve enforcar alguém para servir de exemplo, de modo que me perguntou se eu tinha algum patifório inútil de quem me quisesse ver livre. Lembrei-me logo de ti.

— Até poderia enforcar-me, da maneira como me sinto —

respondeu Thomas, vomitando em seco e bebendo um gole de água a seguir.

Voltou com Will Skeat para a cidade, onde encontrou o conde de Northampton recebendo as queixas dos habitantes. O edifício onde suspendera a sua bandeira pertencia às corporações, porém era provavelmente mais exíguo que a casa da guarda do seu próprio castelo. Contudo, estava sentado num extremo, enquanto uma sucessão de peticionários implorava justiça. Queixavam-se de ter sido roubados, o que era despropositado, já que se tinham recusado a entregar a cidade, porém o conde escutava-os com toda a delicadeza.

Depois, um advogado, com cara de doninha chamado Belas, fez uma reverência diante do nobre e deu início a uma longa queixa acerca do tratamento dado à

condessa de Armórica. A princípio, Thomas nem reparava nas palavras, mas a insistência na voz do homem obrigou-o a tomar atenção.

— Se vossa senhoria não tivesse intervindo — dizia Belas dirigindo ao conde um sorriso tolo — a condessa teria sido violada por sir Simon Jekyll.

Sir Simon estava num dos lados da sala.

— É mentira — protestou em francês. O conde suspirou.

— Então porque tínheis os vosso calções caídos em volta dos tornozelos quando eu entrei na casa?

Sir Simon corou, para gáudio dos outros homens. Thomas teve de traduzir para Will Skeat, que acenou afirmativamente, pois já tinha ouvido a história.

— O patife ia atirar-se a uma viúva titular, quando o conde entrou — explicou a Thomas. — Ouviu-a gritar, percebes? E viu o brasão sobre a porta. Os membros da aristocracia protegem-se uns dos outros.

O advogado enumerava agora uma longa lista de acusações contra sir Simon. Parecia que este reclamara a viúva e o filho como prisioneiros e exigia um resgate. Roubara-lhe também dois barcos, a armadura do marido, a espada e todo o dinheiro. Belas fazia as queixas em tom indignado e depois inclinou-se diante do conde.

— Sois considerado um homem justo, meu senhor — disse, obsequioso. — Coloco o destino da viúva nas vossas mãos.

O conde de Northampton pareceu surpreendido por ter tal reputação.

— Que desejais? — perguntou.

Belas aprumou-se.

— A restituição dos bens roubados, meu senhor, e a protecção do Rei de Inglaterra para uma viúva e para o seu nobre filho.

O conde tamborilou com os dedos no braço da cadeira e depois

franziu as sobrancelhas, olhando para sir Simon.

— Não podeis pedir resgate por uma criança de três anos — disse.

— É um conde! — protestou sir Simon. — Uma criança de nobre estirpe!

O conde suspirou. Apercebera-se de que sir Simon tinha a inteligência de um simples boi que procurava alimento. Não enxergava outro ponto de vista, que não o seu, e era determinado na satisfação dos seus apetites. Talvez fosse por isso que era um soldado tão formidável, mesmo assim, não passava de um imbecil.

— Não pedimos resgate por crianças de três anos — disse o conde com firmeza.

— E não mantemos mulheres prisioneiras, a menos que haja alguma vantagem que possa ultrapassar a simples cortesia, coisa que não vejo aqui — o conde voltou-se para os escrivães que tinha atrás da sua cadeira.

— A quem apoiava Armórica?

— Charles de Blois, senhor — respondeu um clérigo bretão, muito alto.

— É um feudo rico?

— Muito pequeno, senhor — o escrivão falava de cor, com o nariz a pingar. — Há uma propriedade em Finisterra que já está nas nossas mãos, umas casas em Guingamp, creio eu, e mais nada.

— Pronto — disse o conde voltando-se para sir Simon. — Que vantagem quereis tirar de uma criança de três anos sem um tostão?

— Não é bem assim — protestou sir Simon. — Encontrei lá uma rica armadura.

— Que sem dúvida o pai do rapaz usou para combater!

— E a casa é rica — sir Simon estava a ficar zangado. — Há barcos, armazéns, estábulos.

— A casa pertencia ao sogro do conde de Armórica — o escrivão falava num tom enfadado. — Um negociante de vinho, creio.

O conde ergueu o sobrolho para sir Simon, com ar intrigado, vendo-o abanar a cabeça, face à obstinação do escrivão.

— O rapaz, senhor — respondeu sir Simon fazendo uma elaborada vénia que raiava a insolência —, é parente de Charles de Blois.

— Mas não tendo um tostão, duvido que lhe tenha grande carinho — ripostou o conde. — Seria mais um peso, não concordais?

Além do mais, que quereis que faça? Que obrigue a criança a prestar vassalagem ao verdadeiro duque da Bretanha? O verdadeiro duque, sir Simon, é uma criança de cinco anos que está em Londres. Será uma farsa infantil. Um menino de três anos a curvar-se diante de um de cinco! Será que levam também as amas de leite? Depois festejamos com leite e bolinhos? Ou talvez possamos jogar as escondidas quando a cerimónia terminar.

— A condessa combateu contra nós, das muralhas! — disse sir Simon, tentando um último protesto.

— Não me contrarieis! — gritou o conde, batendo no braço da cadeira. — Esqueceis que sou o enviado do Rei e tenho os seus poderes — o conde encostou-se, rígido de raiva, e sir Simon teve de engolir a fúria, embora não conseguisse resistir a murmurar que a condessa usara uma besta contra os ingleses.

— Será o Melro? — perguntou Thomas a Skeat.

— A condessa? Sim, é o que dizem,

— É uma beldade.

— Depois daquela com quem te vi esta manhã... — disse Skeat.

— Como é que sabes?

O conde lançou um olhar irritado a Skeat e a Thomas e, a seguir, voltou-se de novo para sir Simon.

— Se a condessa nos combateu do alto das muralhas, admiro a sua coragem — disse. — Quanto aos outros assuntos... — fez uma pausa e suspirou.

Belas parecia ansioso e sir Simon prudente.

— Os dois barcos — decretou o conde — são troféus a ser vendidos em Inglaterra ou entregues para serviço real e vós, sir Simon, recebereis um terço do seu valor — era esta a regra, segundo a lei. O rei ficava com um terço, o conde com outro e a última parte pertencia ao homem que capturara o troféu. — Quanto à espada e à armadura... — o conde fez nova pausa.

Salvara Jeanette da violação e gostara dela, vira-lhe a angústia no rosto e escutara a sua súplica apaixonada, afirmando nada ter que tivesse pertencido ao marido, excepto a preciosa armadura e a bela espada, mas essas coisas eram, por natureza, legítimos despojos de guerra.

— A armadura as armas e os cavalos são vossos, sir Simon — disse o conde, lamentando ter de tomar aquela decisão, mas sabendo que era justa.

— Quanto à criança, decreto que fique sob a protecção da Coroa Inglesa e, quando tiver idade, poderá decidir a quem prestar vassalagem — olhou para os escrevães, para se certificar que assentavam as suas decisões. — Dizeis vós que quereis aboletar-vos em casa da viúva? — perguntou a sir Simon.

— Tomei-a — disse sir Simon, laconicamente.

— E havei-la deixado sem nada, segundo ouvi dizer — replicou o conde, em tom gelado. — A condessa afirma que lhe haveis roubado

dinheiro.

— Mente — sir Simon tinha um ar indignado. — Mentiras, senhor, só mentiras!

O conde duvidava, contudo, seria difícil acusar um gentil-homem de perjúrio sem provocar um duelo e, embora William Bohun não temesse ninguém, que não o seu Rei, não queria combater por uma causa tão mesquinha. Deixou passar o assunto.

— Porém — continuou — prometi à senhora protecção contra o assédio.

— Fitava sir Simon, enquanto falava, e depois voltou-se para Will Skeat e falou em inglês: — Queres aquartelar os teus homens todos juntos, Will?

— Quero, meu senhor!

— Então ficais na casa da viúva. E ela deve ser tratada honradamente, percebes? Honradamente! Diz isso aos teus homens, Will!

Skeat acenou com a cabeça.

— Corto-lhes as orelhas, se lhe tocarem, meu senhor!

— As orelhas, não, Will. Corta-lhes qualquer coisa mais própria.

Sir Simon mostrar-vos-á a casa e, quanto a vós, sir Simon — o conde falava de novo em francês. — Tereis de arranjar cama noutro lado.

Sir Simon abriu a boca para protestar, mas um olhar do conde silenciou-o. Aproximou-se outro peticionário, querendo uma compensação pelo assalto a uma cave cheia de vinho, porém o conde enviou-o a um escrivão para que assentasse as queixas do homem num pergaminho que o conde duvidava ter alguma vez tempo para ler.

Depois dirigiu-se a Thomas:

— Tenho de te agradecer, Thomas de Hookton.

— Agradecer, senhor? O conde sorriu.

— Arranjaste maneira de entrar na cidade, depois de tudo o resto ter falhado.

Thomas corou.

— Foi um prazer, senhor.

— Podes exigir uma recompensa da minha parte — afirmou o conde. — É de costume.

Thomas encolheu os ombros.

— Estou satisfeito, meu senhor.

— És então uma homem de sorte, Thomas. Mas lembrar-me-ei da minha dívida. E obrigado a ti também, Will.

Will Skeat sorriu.

— Se este idiota chapado não quer a recompensa, eu posso recebê-la, meu senhor.

O conde gostou daquilo.

— A minha recompensa para ti, Will, é deixar-te aqui. Vou dar-te toda uma parcela de campo para saqueares. Deus me acuda, qualquer dia, já és mais rico do que eu — ergueu-se. — Sir Simon conduzir-vos-

á ao vosso aquartelamento.

Sir Simon poderia ter-se irritado por lhe terem laconicamente ordenado que fosse um mero guia, mas, surpreendentemente, obedeceu sem se mostrar ofendido, talvez por querer uma nova oportunidade de se encontrar com Jeanette. Assim, ao meio-dia, conduziu Will Skeat e os seus homens pelas ruas, até à enorme casa na margem do rio. Vestira a sua nova armadura, sem qualquer capa por cima, de modo que o metal brilhante e os entalhes dourados cintilassem ao fraco sol de Inverno. Meteu a cabeça sob o arco do

pátio, e imediatamente Jeanette apareceu a correr à porta da cozinha, que ficava justamente à esquerda do portão.

— Ide-vos! — gritou em francês. — Ide-vos!

Thomas, que cavalgava ao lado de sir Simon, ficou a olhá-la. Era, de fato, o Melro e tão bela de perto, como quando a vira ao longe, nas muralhas.

— Ide-vos todos! — Ali estava, aos gritos, de mãos nas ancas e cabeça descoberta.

Sir Simon ergueu a viseira do elmo.

— Esta casa está requisitada, senhora — disse com ar feliz. — Foi o conde que o ordenou.

— O conde prometeu-me que me deixariam em paz! — protestou Jeanette, em tom acalorado.

— Então, sua senhoria mudou de idéia — disse sir Simon. Ela insultou-o.

— Já me haveis roubado tudo o que me pertencia, quereis agora levar-me também a casa?

— Sim, madame — declarou sir Simon, picando o cavalo para que avançasse e lhe impedisse o caminho. — Sim, madame —

repetiu, e puxou as rédeas obrigando o animal a voltar-se e a empurrar Jeanette, deitando-a ao chão. — Fico com a vossa casa —

afirmou sir Simon — e com tudo o mais que quiser, madame.

Os arqueiros soltaram gritos de prazer, ao verem as longas pernas nuas de Jeanette. Esta puxou as saias para baixo e tentou soerguer-se, porém sir Simon fez o cavalo avançar mais uma vez, forçando a condessa a tomar uma posição pouco digna, no chão do pátio.

— Deixai que a mulher se levante — gritou Will Skeat, zangado.

— Ela e eu somos velhos amigos, mestre Skeat — respondeu sir

Simon, continuando a ameaçar Jeanette com os cascos do cavalo.

— Disse-vos que a deixeis levantar e seguir em paz — repetiu Will, em tom de poucos amigos.

Sir Simon, ofendido por receber ordens de um homem do povo, diante dos arqueiros, voltou-se, zangado. Porém havia uma seriedade em Will Skeat que obrigou o cavaleiro a deter-se. Tinha o dobro da sua idade e, passara muitos anos em combate, de modo que o cavaleiro resolveu usar o seu bom senso para evitar um confronto.

— A casa é vossa, mestre Skeat — disse, condescendente. — Mas cuidai da senhora! Tenho planos para ela. — Afastou o cavalo de Jeanette, que chorava, envergonhada, picou-o e conduziu-o para fora do pátio.

Jeanette não compreendia inglês, mas apercebera-se que Will Skeat intercedera em sua defesa, de modo que ali ficou, para apelar para ele.

— Roubou-me tudo o que eu tinha — disse, apontando para o cavaleiro que se afastava. — Tudo!

— Sabes o que diz a mulher, Tom? — perguntou Skeat.

— Não gosta de sir Simon — respondeu Thomas, lacónico, encostado ao arção, a olhar para Jeanette.

— Acalma-a, por amor de Deus — implorou Skeat, voltando-se na sela. — Jake? Vê se há água e feno para os cavalos. Peter mata dois bezerros para que possamos comer, antes do pôr do Sol. E vós todos?

Deixai de olhar para a mulher de boca aberta e tratai de vos instalardes!

— Ladrão! — gritou Jeanette, atrás de sir Simon, voltando-se logo para Thomas.

— E vós, quem sois?

— O meu nome é Thomas, madame — deslizou de cima da sela e atirou as rédeas a Sam. — O conde ordenou-nos que viéssemos viver para aqui — continuou. — E que vos protegêssemos.

— Que me protegessem! — Jeanette olhou-a furiosa. — Sois todos ladrões! Como podereis proteger-me? Há um lugar no Inferno para os gatunos como vós, e é parecido com a Inglaterra. Sois ladrões, todos, agora ide! Ide!

— Não vamos! — disse Thomas em tom firme.

— Como podeis aqui ficar? — perguntou Jeanette. — Sou viúva!

Não é próprio ter-vos aqui.

— Estamos aqui, madame — disse Thomas. — Teremos de tirar o melhor partido possível de tudo isto. Não nos vamos intrometer.

Mostrai-me onde são os vossos aposentos privados e asseguro-vos que ninguém lá entrará.

— Vós? Assegurais-me? Ah! — Jeanette deu meia volta, mas arrependeu-se imediatamente. — Quereis que vos mostre os meus aposentos, não é verdade?

Para saberdes onde se encontram os meus bens de valor? É isso? Quereis que vos mostre onde me podeis roubar? Porque será que não vos entrego tudo já?

Thomas sorriu.

— Pensei que tínheis dito que sir Simon já vos tinha roubado tudo.

— Levou tudo, tudo! Não é um gentil-homem. É um porco. É isso mesmo. — Jeanette fez uma pausa, para procurar um insulto apropriado. — É inglês! — Cuspiu para os pés de Thomas e abriu a porta da cozinha. — Vedes esta porta, inglês? Lá dentro é tudo privado. Tudo! — entrou, bateu com a porta para imediatamente a voltar a abrir de novo. — E o duque vem aí. O verdadeiro duque, não

a criança ranhosa que vos serve de fantoche. Assim, haveis todos de morrer. Pronto! — A porta bateu de novo.

Will Skeat soltou uma gargalhada.

— Também não gosta de ti, Tom! Que dizia a mulher?

— Que havíamos todos de morrer.

— Pois, isso é verdade. Mas nas nossas camas, pela graça de Deus!

— E disse para não passarmos aquela porta.

— Há muito espaço cá fora — disse Skeat, placidamente, vendo um homem erguer um machado para matar um vitelo. O sangue correu pelo pátio, atraindo uma matilha de cães que imediatamente se puseram aos saltos enquanto dois arqueiros começavam a cortar o animal, que ainda estremecia.

— Escutai! — Skeat subira a um cepo que se encontrava junto ao estábulo e gritava agora a todos os seus homens. — O conde deu-nos ordens para que a mulher que cuspiu em cima de Tom não fosse molestada. Compreendem, filhos de uma cabra? Tratem de conservar os calções apertados, quando ela andar por perto, porque, senão, capo-vos! Tratem-na bem e não passem por aquela porta. Já gozaram bastante, de modo que agora podem dedicar-se um pouco a ser soldados.

o conde de Northumberland partiu uma semana depois, levando consigo a maior parte do seu exército, para a fortaleza de Finisterra, onde se aquartelavam os apoiantes do duque John. Deixara Richard Totesham a comandar a nova guarnição, mas também investira sir Simon Jekyll como seu delegado.

— O conde não quer esse bastardo — disse Will Skeat para Thomas. — Por isso no-lo impingiu.

Como Skeat e Totesham eram ambos capitães independentes, não havia invejas entre eles. Os dois homens respeitavam-se mutuamente e, enquanto Totesham e os seus homens ficavam em La Roche-Derrien para fortalecerem as suas defesas, Skeat percorria o campo, para castigar quem pagasse as rendas e prestasse vassalagem ao duque Charles. Os hellequin tornaram-se assim uma maldição no norte da Bretanha.

Não era difícil arruinar uma terra. As casas e celeiros podiam ser feitos de pedra, mas os telhados ardiam. O gado era capturado e, se houvesse demasiados animais que não pudessem ser transportados, matavam-nos e lançavam as carcaças para dentro dos poços, de modo a inquinarem a água. Os homens de Skeat queimavam tudo o que ardia, partiam tudo o que se quebrava e roubavam tudo o que pudesse ser vendido. Matavam, violavam e saqueavam. O medo que lhes tinham, levava as pessoas a abandonar as quintas, deixando a

terra desolada. Eram os cavaleiros do demónio e cumpriam a vontade do rei Eduardo ao provocar a devastação na terra do inimigo.

Destruíam aldeia atrás de aldeia — Kervec e Lanvellec, Saint Laurent e Lês Sept Saints, Tonquedec e Berhet, bem como mais de uma vintena de lugares cujos nomes nunca souberam. Era Natal e, na pátria, arrastavam-se cepos de madeira pelos campos endurecidos pela geada, levando-os para os salões de tectos altos, onde os trovadores cantavam o rei Artur e os seus cavaleiros, os gentis guerreiros que aliavam a compaixão à força. Porém, na Bretanha, os hellequin combatiam numa verdadeira guerra. Os soldados não eram modelos de virtudes; eram homens marcados e cruéis, que tinham prazer na destruição. Lançavam archotes em chamas para o colmo dos telhados e derrubavam o que levava gerações a construir. Locais demasiado pequenos para terem nome, morriam simplesmente e apenas as quintas na larga península entre os dois rios, a norte de La Roche-Derrien, foram poupadas, pois eram necessárias para alimentar a guarnição. Alguns servos, arrancados à terra, foram encarregados de elevar as

muralhas de La Roche-Derrien, de limpar o campo de morte diante dos parapeitos e de construir novas barreiras à beira-rio. Foi um Inverno da mais completa miséria para os bretões. As chuvas frias açoitavam a terra, vindas do Atlântico em fúria, e os ingleses destruíam as terras de cultivo.

De vez em quando, deparavam-se com alguma resistência. Um ou outro homem corajoso que disparava a besta atrás de uma sebe, porém os soldados de Skeat eram especialistas em encurralar e matar tais inimigos. Uma dezena de arqueiros desmontava e afastava-o pela frente, enquanto outros vinte lhe galopavam na retaguarda; em breve se ouvia um grito e outra besta era acrescentada aos despojos. O dono

era despido, mutilado e enforcado numa árvore, para servir de aviso a outros que não se deveriam meter com os hellequin; as lições davam resultado, pois as emboscadas rareavam cada vez mais. Era o tempo da destruição, e os homens de Skeat enriqueciam. Eram dias difíceis, em que tinham de andar encharcados pela chuva fria, com as mãos gretadas e a roupa molhada e Thomas detestava quando os seus homens tinham de conduzir os cavalos e o gado capturado. Os gansos eram mais fáceis — torcia-se-lhes o pescoço e penduravam-se na sela — porém, as vacas eram lentas, as cabras caprichosas, as ovelhas estúpidas e os porcos obstinados. Felizmente havia sempre nas fileiras rapazes criados no campo, que conseguiam fazer chegar os animais em segurança a La Roche-Derrien. Uma vez lá, eram levados para uma pequena praça que se tinha transformado no matadouro e fedia a sangue. Will Skeat mandava também carradas de despojos para a cidade e muita coisa era enviada para Inglaterra, geralmente objetos humildes: panelas, facas, lâminas de arados, grades de lavoura, tamboretas, baldes, fusos, tudo o que pudesse ser vendido, até que se dissesse que não havia uma casa no sul do país que não possuísse pelos menos um objeto proveniente do saque da Bretanha.

Em Inglaterra cantavam Artur, Lancelote, Gawain e Percival, mas na Bretanha os hellequin andavam à solta.

E Thomas era um homem feliz.

jeanette detestava ter de o admitir, mas a presença dos homens de Will Skeat só lhe trazia vantagens. Desde que se mantivessem no pátio, sentia-se em segurança dentro de casa e começara a detestar os longos períodos que passavam longe da cidade, pois nessa altura era perseguida por sir Simon Jekyll. Começara a

considerá-lo um demónio, ainda por cima estúpido e sem remorsos, um homem grosseiro e insensível, que se convencera que Jeanette nada mais desejava do que ser sua esposa. Por vezes, esforçava-se por lhe fazer uma reverência desajeitada, embora a maior parte das vezes fosse pretensioso e cruel, olhando-a sempre como um cão para uma fatia de carne. Assistia à missa na igreja de São Renano só para a poder cortejar e a condessa tinha a sensação de não poder ir à cidade sem o encontrar. Uma vez, tendo-a visto na ruela junto à igreja da Virgem, saíra-lhe ao caminho, obrigando-a a encostar-se à parede para lhe acariciar os seios com os dedos fortes.

— Creio, madame, que estamos feitos um para o outro — disselhe com toda a sinceridade.

— Necessitais de uma mulher com dinheiro — disselhe ela, pois umas pessoas da cidade tinham-lhe dado a conhecer da situação financeira de sir Simon.

— Tenho o vosso dinheiro — declarou. — Paguei metade das minhas dívidas e o que receberei dos barcos pagará o resto. Mas não é

o vosso dinheiro que desejo, meu amor, mas sim, a vós.

Jeanette tentou escapar-lhe, porém ele encurralara-a de encontro à parede.

— Precisaís de um protector, minha querida — disse, beijando-a ternamente na testa. Tinha uma boca curiosamente grande, de lábios carnudos e sempre húmidos como se a língua não coubesse dentro deles. O beijo foi molhado e cheirava a vinho azedo. Poisou-lhe a mão no ventre e, embora Jeanette tentasse livrar-se com todas as suas forças, encostou o corpo ao dela garrando-lhe o cabelo por baixo da touca.

— Havíeis de gostar de Berkshire, minha querida.

— Preferia viver no Inferno.

Quis desatar-lhe as fitas do corpete e Jeanette tentava em vão afastá-lo, sendo salva apenas quando um grupo de homens entrou na rua e o comandante saudou sir Simon, que foi obrigado a voltar-se para lhe responder. Jeanette conseguiu então libertar-se. Deixou-lhe a touca na mão e correu para casa, onde trancou as portas, para se sentar a chorar, furiosa e impotente. Odiava-o.

Odiava todos os ingleses, porém, à medida que as semanas passavam, via que os habitantes da cidade acabavam por aceitar os ocupantes, e que estes gastavam muito dinheiro em La Roche-Derrien. Ao contrário da francesa, podia confiar-se na prata inglesa, que não estava misturada com chumbo ou com latão. A presença dos ingleses impedira o comércio habitual com Rennes e Guingamp, mas os donos dos barcos tinham agora liberdade para fazer trocas com a Gasconha e Inglaterra, de modo que os lucros aumentaram. Os navios dali eram fretados para importar flechas para as tropas inglesas e alguns dos seus proprietários traziam também rolos de lã inglesa

que revendiam noutros portos bretões ainda leais ao duque Charles.

Poucas pessoas se atreviam a viajar por terra para fora de La Roche-Derrien, pois precisavam de um salvo-conduto de Richard Totesham, o comandante da guarnição; embora o bocado de pergaminho os protegesse dos hellequin, o mesmo não se passava em relação aos fora-da-lei que viviam nas quintas saqueadas pelos homens de Skeat.

Porém, os barcos de La Roche-Derrien e Tréguier estavam autorizados a navegar para Oriente até Paimpol ou para Ocidente até Lannion e a comerciar com os inimigos de Inglaterra. Era assim que as cartas saíam de La Roche-Derrien e Jeanette escrevia-as quase diariamente ao duque Charles, dando-lhe notícias das alterações que os ingleses estavam a fazer nas defesas da cidade. Nunca recebeu dele qualquer resposta, mas convencia-se de que os escritos eram úteis.

La Roche-Derrien prosperava, mas Jeanette sofria. O negócio do pai continuava a subsistir, mas, misteriosamente, os lucros desapareciam. Os barcos maiores tinham partido sempre dos cais de Tréguier, que ficava uma hora a montante, e embora Jeanette os enviasse para a Gasconha para trazer vinho para o mercado inglês, nunca tinham regressado. Tinham sido tomados pelos navios franceses ou, provavelmente, os capitães tinham decidido fazer negócio por conta própria. As quintas da família ficavam a sul de La Roche-Derrien, no campo destruído pelos homens de Will Skeat, de modo que as suas rendas tinham desaparecido. Plabennec, a propriedade do marido, estava situada em Finisterra e fora tomada pelos ingleses. Em três anos, Jeanette não vira de lá um tostão, e assim, nas primeiras semanas de 1346 estava desesperada e, mandou chamar a sua casa o advogado Belas.

Este sentiu um prazer perverso em recordar-lhe que ignorara os

seus conselhos e que nunca deveria ter equipado os dois barcos para a guerra. Jeanette suportou-lhe a vaidade e depois pediu-lhe que redigisse uma petição de restituição que enviaria para a corte de Inglaterra. A petição solicitava que lhe devolvessem as rendas de Plabennec, de que os invasores se tinham apropriado. Irritava-a ter de pedir dinheiro ao rei Eduardo III de Inglaterra, mas não tinha outra alternativa. Sir Simon Jekyll tinha-a arruinado.

Belas sentou-se à mesa e tomou notas num bocado de pergaminho.

— Quantos moinhos há em Plabennec? — perguntou.

— Havia dois.

— Dois — repetiu, apontando o número. — Sabeis —

acrescentou, cauteloso — que o duque reclamou essas rendas?

— O duque? — perguntou Jeanette desconcertada. — De Plabennec?

— O duque afirma que o feudo lhe pertence — disse Belas.

— Pode ser, mas o meu filho é o conde.

— O duque considera-se tutor do rapaz — afirmou Belas.

— Como tendes conhecimento de tais coisas? — perguntou Jeanette. Belas encolheu os ombros.

— Troquei correspondência com os administradores do duque, que estão em Paris.

— Que correspondência? — perguntou Jeanette bruscamente.

— Acerca de outros assuntos — disse Belas com ar terminante. —

Assuntos totalmente diferentes. Presumo que as rendas de Plabennec fossem cobradas de três em três meses.

Jeanette suspeitou do advogado.

— Porque haveriam os homens do duque de vos falar em

Plabennec?

— Perguntaram-me se conhecia a família. Naturalmente que nada revelei. Estava a mentir, pensou Jeanette. Devia dinheiro a Belas, estava mesmo endividada com metade dos comerciantes de La Roche-Derrien. Sem dúvida, o advogado pensara que as suas contas nunca seriam saldadas, de modo que procurara um acordo final com o duque Charles.

— Monsieur Belas — disse ela friamente. — Quereis dizer-me exactamente aquilo que haveis contado ao duque e porque razão o fizestes?

Belas encolheu os ombros.

— Nada tenho a dizer-vos.

— Como está a vossa esposa? — perguntou Jeanette, afectuosamente.

— As dores vão melhorando, à medida que o Inverno avança, graças a Deus. Está bem, madame.

— Talvez não estivesse tão bem — disse Jeanette maldosamente

— se soubesse aquilo que fazeis com a filha do vosso escrivão. Que idade tem a menina, Belas? Doze anos?

— Madame!

— Qual madame, qual quê! — Jeanette bateu com o punho na mesa, quase entornando o tinteiro. — Que se passou então entre vós e os administradores do duque?

Belas suspirou. Tapou o tinteiro, poisou a pena e esfregou as faces magras.

— Sempre cuidei dos assuntos legais desta família — disse. — É

meu dever, madame, e por vezes tenho de fazer coisas que não me agradam, mas tudo isso faz parte da minha função — esboçou um

sorriso. — Estais endividada, madame. — Podíeis restabelecer as vossas finanças casando com um homem abastado, mas como pareceis relutante em

seguir esse caminho, apenas vejo a ruína no vosso futuro. Ruína. Quereis um conselho? Vendei a casa e tereis dinheiro para viver durante dois ou três anos, entretanto, decerto que o duque expulsará os ingleses da Bretanha e restituir-vos-ão Plabennec a vós e a vosso filho.

Jeanette estremeceu.

— Pensais então que estes demónios serão derrotados com tanta facilidade? — ouviu os cascos no pátio e viu que os homens de Skeat tinham regressado. Riam, ainda a cavalo. Não pareciam homens prestes a sofrer uma derrota. De fato, Jeanette receava que fossem imbatíveis, já que notava neles uma confiança jovial que a fazia sentir humilhada...

— Creio, madame, que deveis decidir quem sois — disse Belas. —

A filha de Louis Halevy ou a viúva de Henri Chenier? Mercadora ou aristocrata? Se sois mercadora, madame, casai então aqui e dai-vos por satisfeita. Se sois aristocrata, tendes de conseguir dinheiro para ir ter com o duque e arranjar outro marido titular.

Jeanette considerou o conselho impertinente, mas não deu parte de fraca.

— Quanto poderíamos fazer com esta casa? — perguntou então.

— Vou investigar, madame — disse Belas. Já conhecia a resposta, que sabia não poder agradar a Jeanette, já que uma casa na cidade, ocupada pelo inimigo angariaria apenas uma fração do seu verdadeiro valor. Mas não era aquela a altura apropriada para lhe dar tal notícia.

Seria melhor, pensou o advogado, esperar até a ver verdadeiramente desesperada, para poder depois poder comprar a casa e as suas quintas

arruinadas por quase nada.

— Há uma ponte para atravessar o rio em Plabennec? —

perguntou ele, puxando o pergaminho para junto de si.

— Esquecei a petição — disse Jeanette.

— Como queirais, madame.

— Vou pensar nos vossos conselhos, Belas.

— Não vos arrependereis — disse, com ar sério.

Estava perdida, pensou. Perdida e derrotada. Ficar-lhe-ia com a casa e as quintas, o duque reclamaria Plabennec e ela ficaria sem nada. Que era o que bem merecia, por ser teimosa e orgulhosa e se ter querido erguer acima da sua condição.

— Estarei sempre ao serviço de vossa senhoria — disse Belas com humildade. Na adversidade, pensou, um homem inteligente pode sempre lucrar e Jeanette estava pronta para ser enganada. Basta pôr o gato de guarda ao rebanho, para que os lobos tenham um festim.

Jeanette não sabia o que fazer. Não lhe agradava ter de vender a casa, pois receava que o preço fosse muito baixo, mas também não sabia de que outro modo poderia arranjar dinheiro. O duque Charles recebê-la-ia? Nunca se interessara por ela e sempre se opusera ao seu casamento com o sobrinho; mas talvez agora o conseguisse comover.

Talvez a protegesse. Decidiu ir rezar para obter orientação; assim, passou um xale em volta dos ombros, atravessou o pátio, ignorando os recém-chegados soldados, e entrou na igreja de São Renano. Lá dentro havia uma imagem da Virgem, tristemente desprovida do seu resplendor dourado, arrebatado pelos ingleses. Jeanette rezava muitas vezes à mãe de Cristo, crente de que ela sentia um amor especial pelas mulheres em apuros.

A princípio, pensou que a igreja mal iluminada estava vazia.

Depois, viu um arco inglês encostado a um pilar e um arqueiro ajoelhado junto ao altar-mor. Era um homem bem-parecido, aquele que usava o cabelo apanhado numa trança presa com corda de arco.

Tratava-se decerto de um irritante sinal de vaidade. A maior parte dos ingleses usava o cabelo cortado, mas alguns deixavam-no crescer de modo extravagante e pareciam ser esses os mais ostensivamente confiantes. Teve vontade de sair da igreja, porém sentiu-se intrigada pelo arco abandonado e pegou-lhe, espantada com o peso que tinha.

A corda estava solta, o que a fez pensar na força necessária para dobrar o arco e atá-la à ponta de osso. Encostou uma das extremidades ao chão de pedra e tentou dobrar o arco; nesse momento uma flecha deslizou pelas lajes e chegou-lhe junto aos pés.

— Se sabeis atar a corda do arco — disse Thomas que continuava de joelhos no altar —, tendes direito a disparar uma flecha.

Jeanette era demasiado orgulhosa para querer que ele a visse sofrer um desaire e a raiva que sentia obrigava-a a tentar. Teve contudo de disfarçar o seu esforço, que mal curvou o arco de teixo.

Afastou a flecha com um pontapé.

— O meu marido foi morto por um destes arcos — disse, com amargura.

— Já muitas vezes tenho perguntado a mim próprio — disse Thomas — qual será a razão pela qual vós, bretões ou os franceses, não aprendem a manejá-los. Iniciais vosso filho aos sete ou oito anos, madame, e daqui por dez anos será mortal.

— Há-de lutar como um cavaleiro, tal como o pai. Thomas soltou uma gargalhada.

— Nós matamos os cavaleiros. Ainda não fizeram uma armadura suficientemente forte para resistir a uma flecha inglesa.

Jeanette estremeceu.

— Por que rezais, inglês? — perguntou. — Quereis pedir perdão?

Thomas sorriu.

— Dou graças, madame, pelo fato de termos andado seis dias em terreno inimigo, sem perder um único homem — ergueu-se e apontou para uma bela caixa de prata que se encontrava sobre o altar.

Tratava-se de um relicário com uma tampa de cristal ornamentada com contas de vidro colorido. Thomas espreitara a tampa e nada vira, senão um vulto escuro do tamanho do polegar de um homem.

— O que é? — perguntou.

— A língua de São Renano — respondeu Jeanette, em tom de desafio. — Foi roubada quando viestes para a nossa cidade, mas Deus é grande, de modo que o ladrão morreu no dia seguinte e recuperámos a relíquia.

— Deus é de fato grande — disse Thomas secamente. — E quem foi São Renano?

— Um grande pregador — esclareceu ela. — Expulsou os nains e os qorics das nossas terras. Ainda existem nas que ficaram desertas, porém uma oração ao santo, afasta-os imediatamente.

— Nains e qorics? — perguntou Thomas.

— São espíritos — disse ela. — Malignos. Antigamente assombravam toda a terra e eu rezo todos os dias para que o santo afaste os hellequin como expulsou os nains. Sabeis o que são hellequin?

— Somos nós — respondeu Thomas orgulhoso. Ela franziu o rosto ao ouvir tal tom de voz.

— Os hellequin são os mortos sem alma — disse em voz gelada.

— Tão maus em vida que o diabo não os quer castigar no Inferno,

pois aprecia-os muito. Oferece-lhes cavalos e solta-os por entre os vivos — Jeanette ergueu o arco negro e apontou para a placa de prata pregada na curvatura. — Ten— des até a figura do diabo no vosso arco.

— É um yale — explicou Thomas.

— É um demónio — insistiu ela, atirando-lho.

Thomas apanhou-o, pois era demasiado jovem para resistir a exhibir-se e atou naturalmente a corda. Pareceu fazê-lo sem o menor esforço.

— Rezai a São Renano que eu rezarei a São Guinefort — disse ele.

— Veremos qual deles é mais forte.

— Guinefort? Nunca ouvi falar dela.

— Dele — corrigiu Thomas. — E vivia em Lyonnaise.

— Rezais a um santo francês? — perguntou Jeanette, intrigada.

— Sempre — disse Thomas, tocando na pata mumificada do cão que trazia ao pescoço. Nada mais disse a Jeanette acerca do santo que era o preferido do pai — que nos seus melhores momentos se rira da história. Segundo o pai de Thomas, Guinefort fora um cão, o único animal a ser canonizado. O animal salvara um bebé de um lobo, fora martirizado pelo dono, que pensara que o cão tinha comido a criança quando, afinal, este estava escondido atrás do berço. «Rezem ao bendito São Guinefort!» tinha sido a reação do padre Ralph a todas as crises domésticas e Thomas adoptara o santo como seu. Por vezes, interrogava-se se este não intercederia no céu, pois os ganidos e latidos de Guinefort talvez fossem tão eficazes como as súplicas de qualquer outro santo, mas tinha a certeza de que poucas pessoas usariam o cão como seu representante junto de Deus. Talvez por isso, ele recebesse uma protecção especial. O padre Hobbe ficara chocado

ao ouvir falar de um cão sagrado, mas Thomas, embora partilhando o divertimento do pai, considerava agora genuinamente que o animal era o seu guardião.

Jeanette queria saber mais acerca do bendito São Guinefort, mas não tinha vontade de encorajar quaisquer intimidades com um dos homens de Skeat. Escondeu assim a sua curiosidade e dirigiu-se-lhe de novo num tom gelado.

— Queria falar convosco — disse. — Deveis dizer aos vossos homens e mulheres para não usarem o pátio como latrina. Vejo-os da minha janela. É repugnante! Talvez se costumem comportar assim em Inglaterra, mas estamos na Bretanha. Podeis servir-vos do rio.

Thomas acenou afirmativamente, mas nada disse. Pegou no arco e percorreu a nave, que tinha as paredes altas cobertas de redes de pesca a secar. Foi até ao extremo poente da igreja, lugubrememente decorado com um quadro do juízo final. Os bons desapareciam por entre as traves, enquanto os pecadores condenados caíam num inferno de chamas, aclamados por anjos e santos. Thomas deteve-se diante do quadro.

— Já haveis notado que as mulheres mais bonitas caem sempre no Inferno e as feias vão para o céu? — perguntou.

Jeanette quase sorriu, já que muitas vezes se tinha interrogado acerca dessa mesma questão, mas calou-se e nada disse enquanto Thomas percorria a nave e recuava diante de um quadro de Cristo caminhando sobre um mar cinzento e com ondas brancas, como o oceano na Bretanha. Um cardume de cavalas mostravam a cabeça fora das águas, para observar o milagre.

— Tendes de entender, madame, que os nossos homens não gostam de se sentir mal recebidos — disse Thomas, olhando para a

cavala curiosa. — Nem sequer os deixais usar a cozinha. Porque não?

É suficientemente grande e gostariam de ter um sítio para secar as botas depois de cavalgarem numa noite de chuva.

— Porque haveria eu de ter ingleses na minha cozinha? Para também se servirem dela como se fosse uma latrina?

Thomas voltou-se e olhou-a.

— Não tendes respeito por nós, madame. Porque teremos então de respeitar a vossa casa?

— Respeito! — disse a palavra em tom trocista. — Como poderia respeitar-vos? Tudo o que para mim era precioso foi-me roubado.

Roubado por vós!

— Por sir Simon Jekyll — corrigiu Thomas.

— Vós ou sir Simon, qual será a diferença? — perguntou Jeanette.

Thomas pegou na flecha e meteu-a na aljava.

— A diferença, madame, é que, de vez em quando, eu falo com Deus, enquanto sir Simon pensa que é Deus. Pedirei aos rapazes que urinem no rio, mas duvido que vos queiram agradecer assim tanto —

sorriu-lhe e desapareceu.

a Primavera coloria a terra de verde, dando um brilho às árvores e enchendo de flores os atalhos serpenteantes. O musgo novo crescia no colmo, havia morugem branca nas sebes e os guarda-rios rodopiavam por entre as novas folhas amarelas dos salgueiros da margem. Os homens de Skeat tinham de se afastar cada vez mais de La Roche-Derrien para conseguirem novos saques e as longas cavalgadas faziam-nos aproximar perigosamente de Guingamp, quartel-general do duque Charles, apesar da guarnição da cidade raramente sair para desafiar os assaltantes. Guingamp ficava a sul e Lannion, a oeste, era uma cidade mais pequena, com uma guarnição muito mais beligerante, inspirada por sir Geoffrey de Pont Blanc, cavaleiro que jurara levar um dia os homens de Skeat acorrentados para lá. Anunciara que os ingleses arderiam na fogueira na praça da cidade, pois eram hereges, e criaturas do demónio.

Will Skeat não se preocupava com a ameaça.

— Talvez perdesse umas horas de sono, se o patife tivesse bons arqueiros — dissera a Thomas. — Mas não tem, por isso pode dizer disparates à vontade. É mesmo assim que se chama?

— Geoffrey da Ponte Branca.

— Bastardo imbecil. É bretão ou francês?

— Disseram-me que era francês.

— Terei então de lhe dar uma lição, não é verdade?

Sir Geoffrey mostrou ser um aluno pouco persistente. Will Skeat aproximava-se cada vez mais de Lannion, queimando casas à vista das muralhas, tentando atrair sir Geoffrey a uma emboscada de arqueiros. Mas este tinha visto o que as setas inglesas faziam aos cavaleiros, de modo que se recusava a conduzir os homens numa carga violenta que, inevitavelmente terminaria num monte de cavalos a relinchar e homens ensanguentados. Pelo contrário, perseguia Skeat, procurando um local para armar uma emboscada aos ingleses. Porém, tal como sir Geoffrey, Skeat não era imbecil e, durante três semanas, os dois exércitos andaram em círculos, atrás um do outro. A presença de sir Geoffrey obrigava Skeat a abrandar, mas não detinha a destruição. As duas forças defrontaram-se por duas vezes, e em ambas, sir Geoffrey fez avançar a pé os seus besteiros, na esperança

que dessem cabo dos arqueiros de Skeat, mas os arcos grandes venceram das duas vezes e sir Geoffrey retirou, sem forçar uma luta que sabia ir perder. Depois do segundo choque inconclusivo, tentou mesmo apelar para a honra de Will Skeat.

Avançou, sozinho, vestido com uma armadura tão bela como a de sir Simon Jekyll, embora o seu elmo fosse uma panela antiquada, com buracos para os olhos. A sua capa e o caparazão do cavalo eram azuis-escuros, com pontes brancas bordadas, a mesma insígnia que se via no escudo. Trazia uma lança pintada de azul, da qual pendia um lenço branco para mostrar que vinha em paz. Skeat avançou para ir ter com ele, levando Thomas como intérprete. Sir Geoffrey ergueu a viseira e passou a mão pelo cabelo molhado de suor. Era um homem jovem, loiro e de olhos azuis, com um rosto bem-humorado, que fez Thomas sentir que, se não se tratasse de um inimigo, teria gostado dele. Sir Geoffrey sorriu, enquanto os dois ingleses continham os

cavalos.

— É muito aborrecido dispararmos flechas um ao outro por entre as sombras — disse. — Sugiro que venhais até ao meio do campo com os vossos homens-de-armas e que nos defrontemos em iguais condições.

Thomas nem se deu ao trabalho de traduzir, pois sabia qual seria a resposta de Skeat.

— Tenho uma idéia melhor — disse. — Trazeis vós os vossos homens-de-armas e nós os nossos arqueiros.

Sir Geoffrey pareceu desconcertado.

— Sois vós o comandante? — perguntou a Thomas. Pensara que o capitão fosse Skeat, o homem mais velho e grisalho, mas este mantinha-se em silêncio.

— Perdeu a língua no combate com os escoceses — disse Thomas.

— Por isso falo por ele.

— Então dissei-lhe que desejo uma luta honrada — disse animadamente sir Geoffrey. — Deixai os meus cavaleiros competir com os vossos — sorriu, como se quisesse mostrar que a sua sugestão tinha tanto de razoável, como de

cavalheiresca e ridícula.

Thomas traduziu para Skeat, que se voltou na sela e cuspiu para cima dos trevos.

— Ele diz que os nossos arqueiros se defrontarão com os vossos soldados — declarou Thomas. — Uma dúzia dos nosso arqueiros contra vinte dos vossos homens-de-armas.

Sir Geoffrey abanou tristemente a cabeça.

— Vós, ingleses, não tendes qualquer sentido desportivo — disse, enfiando na cabeça a panela forrada de couro, para depois se afastar.

Thomas contou a Skeat o que se tinha passado entre os dois.

— Que patife imbecil! — comentou Skeat. — O que queria ele?

Um tor— neio? Quem pensa ele que somos? Os cavaleiros dessa tal Távola Redonda? Não sei o que acontece a algumas pessoas. Pões-lhes o sir a frente do nome e ficam com os miolos ocos. Lutam contra o ar! Quem já ouviu tal coisa? Quando se luta honestamente, perde-se.

Que grande idiota!

Sir Geoffrey da Ponte Branca continuou a perseguir os hellequin, mas Skeat não lhe deu oportunidade para lutar. Havia sempre um enorme bando de arqueiros a vigiar as forças do francês e, sempre que os homens de Lannion se tornavam ousados demais, o mais provável era que lhes enfiassem flechas de penas brancas nos cavalos. Assim, sir Geoffrey ficou reduzido a uma sombra, mas uma sombra irritante e persistente, que seguia os homens de Skeat quase até às portas de La Roche-Derrien.

Os dissabores ocorreram da terceira vez que decidiu perseguir Skeat e aproximar-se da cidade. Sir Simon Jekyll ouvira falar de sir Geoffrey e, avisado pela sentinela da torre mais alta da igreja, da aproximação dos homens de Skeat, conduziu vinte soldados da guarnição ao encontro dos hellequin. Skeat estava a pouco mais de uma milha da cidade e sir Geoffrey com cinquenta soldados e outros tantos arqueiros a cavalo, cerca de meia milha mais atrás. Os franceses não tinham causado grandes problemas a Skeat e, se sir Geoffrey queria voltar para Lannion e dizer que tinha perseguido os hellequin até à sua toca, então

Skeat estava disposto a dar-lhe essa satisfação.

Depois chegou sir Simon e tudo se transformou em exibição e arrogância. As lanças inglesas ergueram-se, as viseiras dos elmos fecharam-se e os cavalos empinaram-se. Sir Simon galopou ao

encontro dos cavaleiros franceses e bretões, desafiando-os aos berros.

Will Skeat seguiu-o, aconselhando-o a deixá-los em paz, mas o homem do Yorkshire gastava em vão o seu fôlego.

Os homens-de-armas de Skeat vinham à frente da coluna escoltando o gado capturado e três carroças cheias de despojos, enquanto que a retaguarda era formada por sessenta arqueiros a cavalo. Esses sessenta homens tinham acabado de chegar ao bosque frondoso, onde o exército acampara durante o cerco a La Roche-Derrien e, a um sinal de Skeat, separaram-se em dois grupos e cavalgaram em direcção às árvores, de ambos os lados da estrada. Aí desmontaram, prenderam as rédeas dos cavalos e deixaram-se ficar, empunhando os arcos à beira das árvores. A estrada ficava entre os dois grupos, ladeada por bermas de altas ervas.

Sir Simon colocou o cavalo diante de Will Skeat.

— Quero trinta dos teus soldados, Skeat — exigiu peremptório.

— Podeis querê-los — respondeu Will Skeat — mas não os levareis.

— Por amor de Cristo, homem, a minha patente é superior à tua!

— Sir Simon parecia incrédulo, face à recusa de Skeat. — A minha patente é superior à tua, Skeat! Não estou a pedir-te, imbecil! Estou a ordenar.

Skeat olhou para o céu.

— Parece que vai chover, não é verdade? E não era mau. Os campos estão secos e há pouca água nos ribeiros.

Sir Simon estendeu a mão e agarrou o braço de Skeat, obrigando o outro a voltar-se para ele.

— Tem cinquenta cavaleiros — disse sir Simon, referindo-se a sir Geoffrey de Pont Blanc. — Eu tenho vinte. Dá-me trinta homens e

faço-o prisioneiro. Só vinte! — implorava agora, tendo perdido toda a arrogância. Era esta a oportunidade que tinha de combater numa verdadeira escaramuça, cavaleiro contra cavaleiro e o vencedor teria o renome e o troféu de homens e cavalos capturados.

Todavia Will Skeat já conhecia aquela conversa.

— Não estou aqui para brincar — disse, sacudindo o braço para se libertar. — E podeis dar-me ordens até que nasçam asas às vacas, mas não levareis um único dos meus homens.

Sir Simon parecia angustiado, porém, nessa ocasião, sir Geoffrey de Pont Blanc decidiu o assunto. Viu que o número dos seus soldados era superior ao dos cavaleiros ingleses e ordenou então que trinta dos seus seguidores recuassem e se fossem juntar aos besteiros. Agora, os dois exércitos estavam iguais e sir Geoffrey aproximou-se, no seu garanhão negro coberto com o caparazão azul e com uma máscara de cabedal a protegê-lo o focinho. Sir Simon cavalgou ao seu encontro, envergando a armadura nova, porém o seu cavalo não tinha caparazão nem máscara e ele queria consegui-las tanto como desejava combater. Durante todo o Inverno suportara a miséria de uma guerra de camponeses, feita só de estrume e assassínios, e agora, o inimigo oferecia-lhe honra, glória e a possibilidade de capturar bons animais, armaduras e belas armas. Os dois homens saudaram-se, baixando as lanças, declinaram os seus nomes e trocaram cumprimentos.

Will Skeat juntara-se a Thomas, no bosque.

— Podes ser um perfeito idiota, Tom — disse Skeat. — Mas há gente mais estúpida do que tu. Olha para aqueles bastardos imbecis!

Entre os dois, não reúnem um cérebro que se aproveite. Se os sacudíssemos pelos tornozelos, só lhes sairia estrume seco pelas orelhas — cuspiu.

Sir Geoffrey e sir Simon acordaram as regras do combate.

Verdadeiras regras de torneio, mas com a morte para dar tempero ao desporto. Concordaram em que um homem desmontado ficaria fora de combate, e seria

poupado, mas poderia ser feito prisioneiro.

Desejaram felicidades um ao outro e cavalgaram para junto dos seus homens.

Skeat prendeu o cavalo a uma árvore e enrolou a corda do arco.

— Há um sítio em York onde podemos ir ver os loucos — disse.

— Estão metidos em jaulas e pagamos uma moeda para os podermos olhar e rir deles. Esses dois tontos deveriam lá estar.

— A dada altura o meu pai esteve louco — afirmou Thomas.

— Não me espanta nada, rapaz, não me espanta nada — disse Skeat. Enrolou a corda do arco na madeira trabalhada com cruces.

Os seus arqueiros observavam os soldados à beira do bosque.

Como espectáculo era assombroso, parecia um torneio, só que, naquele prado primaveril não havia juízes para pouparem a vida de um homem. Os dois, grupos de cavaleiros aprontaram-se. Os escudeiros apertavam as cintas, os homens ergueram as lanças e verificaram se as correias dos escudos estavam bem presas. As viseiras fechavam-se com um ruído metálico, transformando o mundo dos cavaleiros num local escuro, fendido apenas por riscos; de luz do dia.

Soltaram as rédeas, pois, a partir daquele instante, os bem, treinados corcéis seriam guiados por toques de esporas e pressão dos joelhos; os cavaleiros precisavam de ambas as mãos para os escudos e para as armas. Alguns homens usavam duas espadas, uma, mais pesada, para cortar e outra mais fina, para apunhalar e ambas tinham de deslizar perfeitamente das bainhas. Outros entregaram as lanças aos escudeiros, para terem a mão livre e poderem fazer o sinal da Cruz,

recuperando-as logo a seguir. Os cavalos batiam violentamente com as patas no solo, depois, sir Geoffrey baixou a lança para dar o sinal de que estava pronto e o mesmo fez sir Simon antes que os quarenta cavaleiros esporeassem as montadas, obrigando-as a avançar. Não eram estas as éguas leves e os cavalos castrados utilizados pelos arqueiros, mas sim pesados corcéis, todos eles garanhões, suficientemente fortes para poderem transportar o peso de um homem com a sua armadura. Os animais resfolegavam, abanavam as cabeças e partiram a trote,

assim que os cavaleiros baixaram as lanças compridas. Um dos homens de sir Geoffrey cometeu o erro de principiante de baixar demasiado a sua, de modo que a ponta bateu na turfa seca, mas afortunadamente não caiu da montada. Deixou a arma para trás e empunhou a espada. Os cavaleiros puseram os cavalos num galope leve e um dos homens de sir Simon voltou à esquerda, provavelmente porque o animal estava mal treinado, e foi embater no seguinte. Houve um movimento de montadas a colidir por toda a linha, quando as esporas recuaram a exigir o galope.

Depois atacaram.

O som das lanças de madeira a bater nos escudos e nas cotas de malha imitava bem o do rachar dos ossos. Dois cavaleiros foram derrubados das suas altas selas, mas os escudos apararam a maior parte dos golpes de lança e, depois, os cavaleiros deixavam cair as armas partidas, enquanto galopavam por entre os oponentes.

Agitavam as rédeas e empunhavam as espadas, mas os arqueiros, que observavam o combate, apercebiam-se de que o inimigo tinha conseguido ganhar vantagem. Os dois cavaleiros derrubados eram ingleses e, como alinhamento dos homens de sir Geoffrey era muito mais apertado, quando se voltaram, para erguer as armas na refrega,

fizeram-no como um grupo disciplinado, que atacou os homens de sir Simon, fazendo entrechocar espada contra espada. Um inglês saiu da refrega sem a mão. As patas dos cavalos cuspiam pó e turfa. Um cavaleiro sem montada afastou-se, a coxear. As espadas batiam como martelos em bigornas. Os homens gemiam, ao atacar. Um enorme bretão, sem qualquer insígnia no seu escudo liso, erguia um alfange, arma que era em parte espada em parte machado, usando a lâmina larga com extraordinária perícia. Um soldado inglês ficara com o capacete e o crânio cortados ao meio e cavalgava às cegas, afastando-se do combate, com o sangue a correr-lhe pela cota de malha. O

cavalo deteve-se a alguns passos do turbilhão e o soldado inclinou-se lentamente, muito lentamente, até escorregar da sela. Ficou com um pé preso no estribo, mas o cavalo não pareceu notar e continuou a pastar na relva.

Dois homens de sir Simon renderam-se e foram retirados, como prisioneiros, pelos escudeiros bretões e franceses. O próprio sir Simon combatia

selvaticamente, obrigando o cavalo a dar meia volta, de modo a derrubar dois oponentes. Um foi posto fora de combate com um braço inutilizado e o outro foi castigado pelos rápidos golpes da sua espada roubada. Os franceses tinham ainda quinze homens, mas os ingleses estavam reduzidos a dez, quando o enorme brutamontes decidiu usar o alfange para acabar com sir Simon. Rugia, ao mesmo tempo que carregava, porém o cavaleiro inglês aparou o alfange com o seu escudo e enfiou a espada na cota de malha, sob a axila do bretão. Arrancou-a depois, deixando o sangue a correr do rasgão na malha e na túnica de couro do inimigo. O homem enorme contorceu-se na sela e sir Simon bateu-lhe com a arma na nuca, voltando depois o cavalo para afastar outro assaltante. A seguir

recuou para lançar a sua pesada arma contra a maçã de Adão do enorme bretão. O homem deixou cair o alfange e afastou-se, agarrado ao pescoço.

— Ele é muito bom, não achas? — perguntou francamente Skeat.

— Tem sebo em vez de miolos, mas sabe combater.

Porém, apesar das proezas de sir Simon, o inimigo vencia e Thomas queria utilizar os arqueiros. Bastava-lhes avançar trinta passos para que os alvoroçados cavaleiros inimigos lhes ficassem ao alcance. Porém Will Skeat abanou a cabeça.

— Nunca mates dois franceses, se puderes matar uma dúzia, Tom

— disse, com ar de reprovação.

— Os nossos homens estão a ser derrotados — protestou Thomas.

— É para aprenderem a não ser estúpidos, não achas? —

perguntou Skeat, mas depois sorriu. — Espera rapaz, espera, para podermos esfolar o gato como deve ser.

Os soldados ingleses eram obrigados a recuar e apenas sir Simon combatia com coragem. Era de fato muito bom. Afastara do combate o enorme bretão, pondo em fuga, ao mesmo tempo e com enorme perícia, quatro inimigos. Porém os restantes soldados, ao verem que a batalha estava perdida e sem se poderem chegar a ele, já que havia demasiados cavaleiros inimigos à sua volta, acabaram por fugir.

— Sam! — gritou Will do outro lado da estrada. — Quando te fizer sinal, pegas numa dúzia de homens e começa a correr! Ouviste, Sam?

— Começo a correr — respondeu Sam.

Os soldados ingleses, a sangrar e metade deles quase a cair das selas altas, recuaram a toda a pressa pela estrada, em direcção a La Roche-Derrien. Os franceses e os bretões tinham rodeado sir Simon,

porém sir Geoffrey da Ponte Branca era um homem sonhador e recusou-se a tirar a vida a um opositor tão valente, de modo que ordenou aos seus homens que poupassem o cavaleiro inglês.

Sir Simon, suando como um porco, sob a armadura de couro e ferro, ergueu a viseira do elmo.

— Não me rendo — disse a sir Geoffrey. A armadura ficara riscada, o fio da espada embotado, mas a boa qualidade das duas tinha-o auxiliado na luta. — Não me rendo — repetiu. — Continuai a combater!

Sir Geoffrey inclinou-se na sela.

— Saúdo a vossa valentia, sir Simon! — disse, magnânimo. —

Liberto-vos com todas as honras. — Acenou aos soldados para que se afastassem e miraculosamente sir Simon, vivo e livre, pôde cavalgar de cabeça erguida. Conduzira os seus homens à desgraça e à morte, porém saíra do combate com todas as honras.

Sir Geoffrey viu que atrás do seu opositor, a longa estrada estava cheia de soldados em fuga e, atrás deles, o gado capturado e as carroças cheias de despojos, escoltadas pelos homens de Skeat.

Depois, Will Skeat gritou para Sam e logo a seguir sir Geoffrey pôde ver um bando de arqueiros em pânico cavalcando para norte, a toda a velocidade.

— Vai cair na história — disse Skeat com ar entendido. — Vamos lá ver se não cai.

Nas últimas semanas, sir Geoffrey provara não ser um idiota, mas nesse dia

perdeu a cabeça. Viu a oportunidade de fazer frente aos odiados arqueiros hellequin e de reaver três carroças de despojos.

Assim, ordenou aos restantes trinta soldados que se juntassem a ele e, abandonando os seus quatro prisioneiros e nove cavalos capturados

ao cuidado dos besteiros, acenou aos cavaleiros para que avançassem.

Will Skeat esperara várias semanas por aquilo.

Sir Simon voltou-se, alarmado, ao ouvir o som de cascos. Ao ver quase cinquenta homens de armadura, montando enormes corcéis de batalha, que carregavam na sua direcção, pensou por um momento que o tentavam capturar e, assim, esporeou o cavalo em direcção ao bosque, mas viu que os cavaleiros franceses e bretões passavam por ele a galope rápido. Sir Simon baixou-se sob os ramos e praguejou na direcção de Will Skeat, que fingiu não o ver. Observava o inimigo.

Sir Geoffrey de Pont Blanc conduziu a carga, pensando apenas na glória. Esquecera os arqueiros no bosque ou então julgou que todos tinham fugido, depois da derrota dos homens de sir Simon. Estava na eminência de uma grande vitória. Recuperaria os despojos e, melhor ainda, conduziria os temíveis hellequin a um destino ardente na praça do mercado de Lannion.

— Agora! — gritou Skeat com as mãos em concha. — Agora!

Havia arqueiros de ambos os lados da estrada que avançaram por entre a folhagem e dispararam. A segunda flecha lançada por Thomas partira no ar ainda antes da primeira descer. Olha, dispara, não penses, pois não é necessário fazer pontaria, já que o inimigo se apresenta num grupo compacto e tudo o que havia a fazer era disparar flechas em direcção aos cavaleiros. Num abrir e fechar de olhos, a carga seria reduzida a um emaranhado de garanhões em fuga, homens derrubados, cavalos aos guinchos e sangue derramado.

O inimigo não tinha possibilidades. Na retaguarda, alguns conseguiram voltar-se e partir a galope, porém, a maioria tinha sido encurralada dentro de um apertado anel de arqueiros que disparavam apontando inexoravelmente através das cotas de malha e do couro.

Um homem que apenas estremecesse, convidava imediatamente três ou quatro

flechas. O monte de ferro e carne estava trespassado por penas e, mesmo assim, as flechas continuavam a chegar, cortando as cotas de malha e enterrando-se na carne dos animais. Apenas uma mão-cheia de homens, na retaguarda, e um único, à frente da carga, conseguiram sobreviver.

Este último era o próprio sir Geoffrey. Encontrava-se dez passos adiante dos seus homens e talvez fosse por isso que fora poupado, ou talvez os arqueiros se tivessem sentido impressionados pelo modo como tratara sir Simon. Fosse porque fosse, adiantara-se à carnificina como uma alma enfeitiçada. Nem uma flecha se aproximou, mas, ao escutar os gritos e o estrépito atrás de si, abrandou a montada, para ver o horror. Incrédulo, olhou tudo aquilo por instantes, obrigando o garanhão a recuar até junto do monte espetado por setas que tinham sido os seus homens. Skeat gritou a alguns do seus arqueiros para se voltarem para os besteiros inimigos, mas estes, ao verem o destino dos soldados, não tinham vontade de enfrentar as flechas inglesas.

Retiraram para Sul.

Nessa altura, espalhou-se uma estranha quietude. Os cavalos caídos estremeciam e alguns batiam na estrada com os cascos. Um homem gemeu, outro invocou Cristo e os restantes limitaram-se a chorar. Thomas, ainda com uma flecha metida no arco, ouvia as cotovias, o grito das tarambolas e o murmúrio do vento por entre as árvores. Caiu um pingo de chuva, espalhando o pó da estrada, mas foi apenas uma gota solitária, pertencendo a um aguaceiro que se afastava para Ocidente. Sir Geoffrey parou o cavalo junto aos seus mortos e moribundos, como se quisesse convidar os arqueiros a acrescentar o seu cadáver ao monte ensanguentado e raiado de penas

de ganso.

— Estás a ver, Tom? — perguntou Skeat. — Basta esperar algum tempo e os idiotas fazem sempre o que desejas. Muito bem, rapazes!

Dai cabo dos bastardos! — Os homens largaram os arcos, empunharam espadas e correram na direcção dos homens que estrebuchavam.

Porém, Skeat deteve Thomas.

— Vai dizer ao estúpido da ponte branca que se ponha a andar daqui. Thomas dirigiu-se ao francês, que deveria ter pensado que a sua rendição era aguardada,

pois tirou o elmo e estendeu o punho da espada.

— A minha família não pode pagar um grande resgate — disse, como se o lamentasse.

— Não sois prisioneiro — afirmou Thomas.

Sir Geoffrey pareceu perplexo, ao ouvir tais palavras.

— Liberta-me?

— Não vos queremos — disse Thomas. — Porque não ides para Espanha? — sugeriu. — Ou para a Terra Santa? Não há hellequin nessas paragens.

Sir Geoffrey embainhou a espada.

— Devo lutar contra os inimigos do meu rei, de modo que terei de ficar por aqui. Mas agradeço-vos — pegou nas rédeas e, nesse preciso momento, sir Simon Jekyll saiu de entre as árvores, apontando a espada a sir Geoffrey.

— É meu prisioneiro! — exclamou para Thomas. — É meu prisioneiro!

— Não é prisioneiro de ninguém — afirmou Thomas. —

Deixámo-lo partir.

— Havei-lo deixado partir? — perguntou sir Simon, em tom de desprezo. — Sabeis quem manda aqui?

— O que sei é que este homem não é prisioneiro — disse Thomas. Bateu com força na garupa do cavalo de sir Geoffrey, coberta pelo caparazão, e pôs o animal em movimento. — Espanha ou a Terra Santa — gritou ainda ao cavaleiro.

Sir Simon obrigou o cavalo a fazer meia volta para o seguir, mas viu que Will Skeat estava pronto a intervir para deter a sua perseguição. Voltou-se então para Thomas.

— Não tinhas o direito de o libertar! Não tinhas!

— Ele libertou-vos! — recordou-lhe Thomas.

— Porque foi imbecil. E como foi imbecil, também terei de o ser?

— Sir Simon estremecia de raiva. Sir Geoffrey podia ter declarado ser um homem pobre, quase incapaz de conseguir um resgate, mas só o seu cavalo valia pelo menos cinquenta libras e Skeat e Thomas tinham enviado esse dinheiro a trote para sul. Sir Simon via-o partir e depois baixou a lâmina da espada, de modo a ameaçar a garganta de Thomas.

— Desde o primeiro momento em que te vi, que foste insolente

— disse. — Sou o homem mais bemnascido deste campo e sou eu quem decide o destino dos prisioneiros. Compreendes?

— Ele rendeu-se a mim — esclareceu Thomas. — Não a vós. Por isso, não importa em que cama haveis nascido.

— Sois um jovem presumido! — exclamou sir Simon. — Skeat!

Quero a recompensa por aquele prisioneiro. Ouviste?

Skeat fingiu não ter ouvido, mas Thomas não teve a sensatez suficiente para o imitar.

— Jesus — disse com desagrado. — Esse homem poupou-vos a

vida e não quereis devolver-lhe o favor? Não sois um cavaleiro, sois apenas um selvagem. Ide aquecer o traseiro!

A espada ergueu-se ao mesmo tempo que o arco de Thomas. Sir Simon olhou para a ponta cintilante da flecha, adornada de penas brancas e teve a prudência suficiente de não atacar. Preferiu embainhar a espada, com toda a força, obrigando depois o corcel a dar a volta e, picando-o com as esporas, partiu.

Os homens de Skeat ficaram então, para apartar os mortos do inimigo. Eram dezoito e mais vinte e três gravemente feridos. Havia também dezasseis cavalos a sangrar e vinte e quatro corcéis mortos, o que, conforme Skeat fez notar era um desperdício de boa carne de cavalo.

E sir Geoffrey aprendera a lição.

houve um enorme alvoroço em La Roche-Derrien. Sir Simon Jekyll queixou-se a Richard Totesham que Will Skeat não lhe prestara apoio durante a batalha, afirmando, ao mesmo tempo, ter sido o responsável pela morte e pelos ferimentos de quarenta e um soldados inimigos. Gabou-se de ter vencido a escaramuça, para logo voltar ao assunto da perfídia de Skeat, mas Richard Totesham não esteve na disposição de aturar as queixas de sir Simon.

— Haveis ou não vencido a luta?

— É claro que vencemos! — Sir Simon pestanejava indignado. —

Estão mortos, não estão?

— Então para que precisastes dos homens-de-armas de Will? —

perguntou Totesham.

Sir Simon procurou em vão uma resposta.

— Foi impertinente comigo — queixou-se.

— Tereis de resolver vós o assunto com ele, não eu — disse Totesham, recusando-se abruptamente a falar mais do assunto.

Porém, ficou a pensar na conversa e nessa noite falou com Skeat.

— Quarenta e um mortos e feridos? — perguntou em voz alta. —

Deve ser um terço dos soldados de Lannion.

— Mais ou menos, sim.

O aquartelamento de Totesham ficava perto do rio e da janela da casa podia ver-se a água correr sob os arcos da ponte. Os morcegos

esvoaçavam em volta da torre da barbacã que guardava o extremo mais afastado, en— quanto que as casas para além do rio estavam iluminadas por um intenso quarto crescente.

— Vão ficar com falta de gente, Will — disse Totesham.

— Não estarão muito satisfeitos, isso com certeza.

— E o local deve estar cheio de coisas valiosas.

— Ai pois está! — concordou Skeat. Muita gente, temendo os hellequin, tinha levado os seus haveres para a fortaleza mais próxima e Lannion deveria estar repleta dessas mercadorias. E o mais importante é que Totesham encontraria aí alimentos. A guarnição recebia-os das quintas a norte de La Roche-Derrien, e também lhes chegavam de Inglaterra, do outro lado do Canal, mas a devastação do campo, provocada pelos hellequin trazia perigosamente a fome para bem perto.

— Deixar aqui cinquenta homens? — Totesham continuava a pensar em voz alta, mesmo sendo desnecessário explicar-se a um soldado tão experimentado como Skeat.

— Vamos precisar de novas escadas — disse este.

— O que aconteceu às velhas?

— Lenha. O Inverno foi frio.

— Um ataque nocturno? — sugeriu Totesham.

— A Lua cheia é daqui a cinco ou seis dias.

— Então, daqui a cinco dias — decidiu Totesham. — E quero os teus homens, Will.

— Se estiverem sóbrios, na ocasião.

— Bem merecem beber, depois do que fizeram hoje — afirmou calorosamente Totesham, sorrindo para Skeat. — Sir Simon queixou-se de ti. Diz que foste impertinente.

— Não fui eu, Dick, foi Tom, o meu rapaz. Disse ao patife que fosse aquecer o traseiro.

— Receio que sir Simon nunca aceite bons conselhos — disse Totesham, gravemente.

E os homens de Skeat também não. Deixara-os à solta na cidade, avisando-os de que passariam mal na manhã seguinte se bebessem demais mas, recusando-se a aceitar o conselho, foram festejar para as tabernas de La Roche-Derrien. Thomas acompanhado por cerca de duas dezenas de amigos e as suas mulheres dirigiram-se para uma estalagem onde cantaram, dançaram e tentaram provocar uma luta contra as ratazanas brancas do duque John, que tiveram a sensatez de não responder à provocação e desapareceram silenciosamente na noite. Momentos depois, entraram dois homens-de-armas, trajando ambos gibões com a insígnia do leão e das estrelas que pertencia ao duque de Northampton. Mesmo vaiados à chegada, suportaram-no com paciência e perguntaram se Thomas estava presente.

— É aquele patife horroroso ali — afirmou Jake, apontando Thomas, que dançava ao som da flauta e do tambor. Os homens-de-armas aguardaram até ele ter terminado a dança e explicaram-lhe que Will Skeat, o comandante da guarnição, queria falar com ele.

Thomas terminou a cerveja.

— O que é que se passa, que não conseguem tomar uma decisão sem mim — disse aos outros arqueiros. — Sou indispensável.

Os arqueiros troçaram, mas soltaram gritos de agrado quando Thomas saiu acompanhado pelos dois homens-de-armas.

Um deles era natural do Dorset e tinha realmente ouvido falar de Hookton.

— Os franceses não atacaram lá? — perguntou.

— Patifes, arrasaram tudo. Duvido que tenha restado alguma coisa — disse Thomas. — Porque razão me quer ver Will?

— Só Deus sabe, porque ele não disse — afirmou um dos homens. Conduziu Thomas na direcção dos aquartelamentos de Richard Totesham, mas depois apontou para um beco escuro. —

Estão numa taberna, ali ao fundo. Um sítio que tem uma âncora à porta.

— Ainda bem — disse Thomas. Se não estivesse meio bêbado teria percebido a improbabilidade de Totesham e Skeat o terem mandado chamar a uma taberna,

muito menos, à mais pequena que havia na cidade, ao fundo do beco mais escuro, perto do rio. Porém, Thomas de nada suspeitou até estar a meio de uma passagem estreita e ver dois homens saírem de uma porta. Só deu por eles quando recebeu uma pancada na nuca. Deixou-se cair de joelhos e o segundo desferiu-lhe um pontapé no rosto. Foi a seguir espancado por ambos, até não oferecer mais resistência e eles poderem pegar-lhe nos braços e arrastarem-no para dentro de uma pequena oficina. Thomas tinha sangue na boca e o nariz mais uma vez quebrado, uma costela rachada e o ventre a arder de cerveja.

Dentro da oficina, o lume ardia. Por entre os olhos semicerrados, Thomas via a forja. Depois rodearam-no mais homens, para o agredirem a pontapé, obrigando-o a enrolar-se numa vã tentativa de se proteger.

— Basta — disse uma voz.

Thomas abriu os olhos e viu sir Simon Jekyll. Os dois homens que o tinham trazido da taberna e que tão simpáticos lhe tinham parecido, entravam agora pela porta da oficina e despiam as túnicas falsas, que mostravam a insígnia do duque de Northampton.

— Muito bem — disselhes sir Simon, olhando depois para Thomas. — Os simples arqueiros não mandam os cavaleiros aquecer o traseiro.

Um homem alto, um brutamontes enorme, com cabelo loiro e liso e dentes escuros, encontrava-se junto a Thomas, preparado para o agredir, se respondesse de modo insolente. Mas Thomas conteve-se, preferindo rezar em silêncio a São Sebastião, padroeiro dos arqueiros.

Calculou que esta súplica seria demasiado grave para ser deixada à guarda de um cão.

— Despe-lhe os calções, Colley — ordenou sir Simon, aproximando-se do lume. Thomas viu uma enorme panela de três pés junto às brasas ardentes. Praguejou em surdina, apercebendo-se de que seria a ele que lhe aqueceriam o traseiro. Sir Simon espreitou para dentro da panela.

— Ides receber uma lição de cortesia — disse a Thomas, que gemeu quando o brutamontes louro lhe cortou o cinto e baixou os calções. Os outros revistaram-lhe os bolsos, roubando-lhe as moedas que encontraram, bem como uma boa faca e deitaram-no de barriga para baixo, de modo a poderem despejar-lhe água

a ferver sobre o traseiro nu.

Sir Simon viu os primeiras penachos de vapor saírem da panela.

— Levem-na para junto dele — ordenou aos homens.

Três soldados do cavaleiro seguravam Thomas, que estava demasiado magoado e fraco para reagir, e que fez a única coisa que podia. Gritou que o queriam assassinar. Encheu os pulmões de ar e gritou o mais alto que foi capaz. Pensou que estava numa pequena cidade cheia de gente e que alguém haveria de o ouvir, de modo que berrou «Assassinos! Assassinos!» para dar o alarme. Um homem agrediu-o no ventre, mas Thomas continuou a gritar.

— Por amor de Deus, calem-no — disse sir Simon em tom de desprezo e Colley, o homem louro, ajoelhou ao lado de Thomas para tentar encher-lhe a boca de palha, que logo foi cuspidas.

— Assassinos! — gritou. — Assassinos!

Colley praguejou, pegou numa mão-cheia de lama repugnante e enfiou-a na boca de Thomas, para abafar o alarido.

— Bastardo! — disse batendo-lhe na cabeça. — Bastardo! Sir Simon erguia-se agora junto a Thomas.

— Tens de aprender boas maneiras — disse e olhou para a panela a ferver que era trazida para o pátio da oficina.

Nesse momento abriu-se um portão e alguém apareceu.

— Em nome de Deus, que se passa aqui? — perguntou o homem e Thomas poderia ter entoado um Te Deum em louvor a São Sebastião, se a sua boca não estivesse cheia de lama. O seu salvador era o padre Hobbe que, ouvindo a aflitiva gritaria, viera a correr ao beco para investigar.

— Que fazeis? — perguntou o sacerdote a sir Simon.

— Não é da vossa conta, padre — respondeu este.

— Thomas, és tu? — voltou-se para o cavaleiro. — Por Deus, claro que é da minha conta! — O padre Hobbe tinha mau génio e dava-o agora a conhecer. — Quem diabo pensais ser?

— Cautela, padre — avisou sir Simon com desprezo.

— Cautela? Eu? Se não partirdes daqui imediatamente, enviar-vos-ei a alma para o Inferno — o pequeno padre agarrara o enorme atizador da forja e empunhava-o como uma espada. — Mandarei para o inferno todas as vossas almas! Daqui para fora! Todos! Todos daqui para fora! Fora! Em nome de Deus, saí! Saí imediatamente!

Sir Simon recuou. Uma coisa era torturar um arqueiro, outra entrar numa contenda com um padre cuja voz era suficientemente alta para atrair ainda mais atenção. Sir Simon disse indelicadamente ao padre Hobbe que este era um patife, por interferir no que não lhe dizia respeito, mas, mesmo assim, retirou-se.

O padre Hobbe ajoelhou ao lado de Thomas e limpou-lhe da boca a maior parte da lama, juntamente com coágulos de sangue e um dente partido.

— Pobre rapaz — disse, ajudando-o a levantar-se. — Vou levar-te para casa, Tom. Levar-te daqui, para te poder lavar.

Thomas precisou de vomitar, mas depois, subindo as calças, caminhou vacilante até casa de Jeanette, apoiando-se sempre no padre. Foi recebido por uma dúzia de arqueiros que queriam saber o que tinha acontecido, porém o padre Hobbe afastou-os.

— Onde é a cozinha? — perguntou.

— Ela não nos deixa lá entrar — disse Thomas, em voz quase ininteligível, devido à boca inchada e às gengivas ensanguentadas.

— Onde é? — insistiu o padre Hobbe.

Um dos arqueiros fez um gesto com a cabeça em direcção à porta, o padre empurrou-a e meteu Thomas lá dentro, levando-o quase em braços. Sentou-o numa cadeira, puxando o castiçal para a extremidade da mesa, de modo a poder observar-lhe o rosto.

— Bom Deus — disse. — Que te fizeram? — Deu-lhe umas pancadinhas na mão, indo depois buscar água.

Jeanette entrou, furiosa, na cozinha.

— Não podeis aqui estar! Saí! — depois viu o rosto de Thomas e vacilou. Se alguém lhe tivesse dito que haveria de ver um arqueiro inglês espancado, sentir-se ia mais que feliz, mas, para sua surpresa,

sentiu uma pontada de simpatia.

— Que aconteceu?

— Foi sir Simon Jekyll — conseguiu Thomas dizer.

— Sir Simon?

— É um homem cruel — o padre Hobbe ouvira o nome e vinha da copa com uma enorme tigela de água. — Cruel, muito cruel —

falava em inglês. — Tendes panos? — perguntou a Jeanette.

— Ela não fala inglês — disse Thomas, com o sangue a escorrer-lhe pela face.

— Sir Simon atacou-vos? — perguntou. — Porquê?

— Porque o mandei aquecer o traseiro — explicou Thomas, que foi recompensado com um sorriso.

— Ainda bem — disse Jeanette.

Não convidou Thomas a ficar, mas também não lhe ordenou que partisse. Preferiu deixar-se ali ficar a ver o padre lavar-lhe o rosto e depois tirar-lhe a camisa, para lhe ligar a costela partida.

— Diz-lhe que me podia ajudar — sugeriu o padre Hobbe.

— É muito orgulhosa para o fazer — respondeu Thomas.

— Que mundo triste e pecador — declarou o sacerdote, ajoelhando. — Não te mexas, Tom — disse. — Isto vai doer-te como o demónio. — Agarrou-lhe o

nariz partido e ouviu-se o som do raspar da cartilagem, antes de Thomas soltar um grito de dor. O padre Hobbe pôs-lhe um pano molhado sobre o nariz. — Deixa-o ficar aí, Tom, e a dor passa. Bom, não propriamente, mas vais habituar-te a ela — sentou-se numa barrica de sal vazia, abanando a cabeça. —

Valha-me Deus, Tom, que vamos fazer contigo?

— Já haveis feito — respondeu Thomas. — Estou-vos muito grato. Um dia ou dois e já ando aos saltos como um borrego pelo

campo.

— Há muito tempo que o fazes, Tom — disse o padre Hobbe com toda a franqueza. — Sem entender uma única palavra, Jeanette limitava-se a observar os dois homens. — Deus deu-te uma boa cabeça — continuou o padre. — Mas desperdiças o teu espírito, Tom, desperdiça-lo tanto.

— Quereis que eu seja padre? O padre Hobbe sorriu.

— Duvido que servisses de grande coisa à Igreja, Tom.

Certamente, poderias acabar como arcebispo, pois és inteligente e desonesto, porém, penso que serás mais feliz como soldado. Mas tens dívidas para com Deus, Tom. Recorda a promessa que fizeste a teu pai! Fizeste-a numa igreja e seria bom para a tua alma que a cumprisses, Tom.

Thomas riu-se e imediatamente desejou não o ter feito, pois a dor percorreu-lhe as costelas. Praguejou, pediu desculpa a Jeanette e voltou os olhos para o padre.

— E, em nome de Deus, padre, como poderei cumprir tal promessa? Nem sei quem foi o patife que roubou a lança.

— Que patife? — perguntou Jeanette, pois reconhecera a palavra.

— Sir Simon?

— É um patife — afirmou Thomas. — Mas não é o único — e contou-lhe da lança, do dia em que a sua aldeia fora destruída, a morte do pai e do homem que levava um pendão mostrando três falcões amarelos num campo azul. Contou-lhe a história lentamente, por entre os lábios ensanguentados e, quando terminou,

Jeanette encolheu os ombros.

— Quereis então matar esse homem?

— Um dia.

— Merece ser morto — afirmou Jeanette.

Thomas fitou-a por entre os olhos semicerrados, espantado ao ouvir tais palavras.

— Conhecei-lo?

— Chama-se sir Guillaume d'Evecque — disse Jeanette.

— Que diz ela? — perguntou o padre Hobbe.

— Conheço-o — disse Jeanette com ar lúgubre. — Em Caen, de onde é natural, chamam-lhe por vezes o senhor do mar e da terra.

— Porque luta em ambos? — quis saber Thomas.

— É um cavaleiro — explicou Jeanette. — Mas faz também assaltos no mar. Um pirata. O meu pai tinha dezasseis navios e Guillaume d'Evecque roubou três deles.

— Combateu contra vós? — Thomas parecia surpreso.

Jeanette encolheu os ombros.

— Pensa que qualquer navio que não seja francês é inimigo. Nós somos bretões.

Thomas olhou para o padre Hobbe.

— Aí tendes, padre — afirmou alegremente. — Para manter a promessa, tudo o que tenho a fazer é combater contra o cavaleiro do mar e da terra.

O padre Hobbe não compreendera o que fora dito em francês, porém abanava a cabeça tristemente.

— É contigo, o modo como vais cumprir a promessa, Thomas.

Mas Deus sabe bem que a fizeste e que ainda nada se passou a esse respeito — tocou na Cruz de madeira que usava ao pescoço, suspensa por uma fita de couro. — E que se há-de fazer com sir Simon?

— Nada — disse Thomas.

— Pelo menos terei de informar Totesham — insistiu o sacerdote.

— Nada, padre — Thomas falava no mesmo tom peremptório. —

Prometei. O padre Hobbe olhou desconfiado para Thomas.

— Não estás a pensar vingar-te por tua conta, pois não? Thomas benzeu-se e gemeu por causa da dor na costela.

— A Santa Madre Igreja não nos ordena que mostremos a outra face? — perguntou.

— É verdade — respondeu o padre em tom dubio. — Mas nunca aprovaria o que sir Simon te fez esta noite.

— Havemos de afastar a sua raiva de um modo mais suave —

disse Thomas e o padre Hobbe, impressionado com esta exibição de verdadeira cristandade, acenou com a cabeça e aceitou a decisão de Thomas.

Jeanette seguia a conversa o melhor que podia e entendera pelo menos o sentido das palavras.

— Discutis o que ides fazer com sir Simon? — perguntou a Thomas.

— Vou assassiná-lo — respondeu Thomas em francês. Ela fez-lhe uma careta de desagrado.

— Que idéia tão interessante, inglês. Sereis um assassino e depois enforcam-vos. E então, pela graça de Deus, haverá dois ingleses mortos.

— Que diz ela, Thomas? — perguntou o padre Hobbe.

— Concorda que devo perdoar aos meus inimigos, padre.

— É muito boa mulher, muito boa — disse o padre Hobbe.

— Quereis realmente matá-lo? — perguntou Jeanette friamente.

Thomas estremeceu de dor, mas não estava tão mal, que não conseguisse apreciar a proximidade de Jeanette. Na sua opinião, era uma mulher dura, mas, mesmo assim, tão bela como a Primavera e,

tal como todos os homens de Will Skeat, tinha acalentado sonhos impossíveis de a conhecer melhor. A pergunta deu-lhe a oportunidade.

— Matá-lo-ei, senhora — garantiu-lhe. — E, ao matá-lo, reaverei a armadura e a espada de vosso esposo.

Jeanette franziu a testa.

— Podereis fazê-lo?

— Se me ajudardes. Ela fez uma careta.

— Como?

Thomas disselhe então e, para seu espanto, ela não recusou a idéia horrorizada. Muito pelo contrário, acenou com a cabeça a sua concordância, um pouco ressentida.

— Deve dar resultado — disse, algum tempo depois. —

Realmente, deve dar resultado.

Significava que sir Simon tinha conseguido unir dois inimigos e que Thomas encontrara uma aliada.

a vida de Jeanette estava rodeada de inimigos. Tinha o filho mas, as outras pessoas que amara já haviam morrido e detestava aquelas que lhe restavam. Havia os ingleses, claro, a ocuparem a sua cidade, mas também Belas, o advogado, e os comandantes dos barcos que a tinham enganado, os rendeiros que se tinham aproveitado da presença dos ingleses para não pagarem as rendas e os mercadores que lhe exigiam o dinheiro que não possuía. Era condessa, porém o título não lhe valia de nada. À noite, reflectindo sobre a sua situação, sonhava

conhecer um belo campeão, talvez um duque que chegasse a La Roche-Derrien para castigar, um a um, os seus inimigos. Via-os gemer de medo, implorando misericórdia, sem a receber. Mas as manhãs nasciam sem que nenhum duque aparecesse ou os inimigos se encolhessem de terror e os problemas de Jeanette mantiveram-se, até Thomas lhe dizer que a ajudaria a matar o inimigo que, de todos, mais odiava.

Para tal, na manhã após esta conversa com Thomas, Jeanette foi ao aquartelamento de Richard Totesham. Foi muito cedo, na esperança que sir Simon Jekyll se encontrasse ainda na cama, embora fosse essencial que ele tivesse conhecimento da sua visita. Que a soubesse pelos outros, fora o que planeava.

O aquartelamento, tal como a sua própria casa, ficava em frente ao Jaudy e o pátio à beira-rio, apesar da hora matutina, continha já

duas dezenas de peticionários que buscavam os favores dos ingleses.

Disseram a Jeanette que esperasse junto aos outros.

— Sou a condessa de Armórica — afirmou ao escrivão.

— Deveis esperar, tal como os outros — respondeu-lhe este num mau francês, entalhando numa vara outra marca para contar os molhos de flechas que estavam a ser descarregados de uma barça que subira o rio, vinda do porto de Tréguier. Uma outra continha barricas de arenques vermelhos e o cheiro a peixe fez estremecer Jeanette. Comida inglesa! Nem sequer tiravam as tripas aos arenques antes de os fumarem e o peixe saía das barricas coberto com um bolor amarelo-esverdeado. Mesmo assim, os arqueiros comiam-no, deliciados. Tentou escapar ao fedor, atravessando o pátio até onde uma dezena de homens cortava madeira amontoada em cavaletes.

Um dos carpinteiros era um homem que, por vezes, tinha trabalhado para o pai de Jeanette, embora se encontrasse quase sempre embriagado e não conseguisse manter um emprego por mais de alguns dias. Estava descalço, esfarrapado, era corcunda e tinha o lábio leporino, mas quando estava sóbrio era um dos melhores operários da cidade.

— Jacques! — chamou Jeanette. — Que estás a fazer? — Falou-lhe em bretão. Jacques afastou a franja dos olhos e cumprimentou-a com a cabeça.

— Estais muito bem, senhora — poucas pessoas entendiam o que dizia, pois o lábio fendido obrigava-o a misturar os sons. — Vosso pai dizia sempre que éreis o seu anjo.

— Perguntei o que estavas a fazer.

— Escadas, senhora, escadas — Jacques limpou um ribeiro de ranho do nariz. Tinha uma úlcera purulenta no pescoço e o cheiro

era tão mau como o dos arenques. — Querem seis escadas altas.

— Porquê?

Jacques olhou à direita e à esquerda, para ter a certeza de que ninguém o poderia ouvir.

— O que ele diz — fez um gesto com a cabeça em direcção ao inglês que supostamente estava a vigiar o trabalho. — O que ele diz é que as vão levar para Lannion. E são bastante altas para essa grande muralha, não é verdade?

— Lannion?

— Gosta de cerveja, oh, se gosta — disse Jacques, para explicar a indiscrição do inglês.

— Hei! Oh, jeitoso! — gritou o supervisor para Jacques. — Toca a trabalhar! — Jacques sorriu a Jeanette e pegou nas ferramentas.

— Deixa os degraus soltos! — aconselhou-o Jeanette em bretão e logo se voltou pois ouvira chamar o seu nome.

Sir Simon Jekyll, de olhos pesados e sonolento, encontrava-se à porta e ao vê-lo, Jeanette sentiu-se esmorecer.

— Senhora — sir Simon inclinou-se diante dela. — Não deveríeis estar a espera juntamente com o povo.

— Dizei isso ao escrivão — respondeu Jeanette com frieza.

O escrivão que contava os molhos de flechas gritou, quando sir Simon lhe puxou

uma orelha.

— Este escrivão? — perguntou.

— Disseme que esperasse aqui.

Sir Simon deu um tabefe no rosto do homem.

— É uma senhora, seu idiota! Tens de a tratar como uma senhora

— mandou o homem embora com um pontapé e logo abriu a porta de par em par.

— Vinde, senhora — convidou.

Jeanette dirigiu-se à porta e ficou aliviada ao ver mais quatro escrivães que trabalhavam, sentados às mesas, dentro de casa.

— O exército tem quase tantos escrivães como arqueiros — disse sir Simon, enquanto a deixava passar. — Escrivães, ferradores, pedreiros, cozinheiros, pastores, carneiros, tudo o que tenha duas pernas e possa extorquir dinheiro ao Rei. — Sorriu-lhe e depois acariciou com a mão a sua velha túnica de lã debruada a pele. —

Senhora, se soubesse que hoje me honraríeis com a vossa visita, ter-me-ia arranjado a preceito.

Jeanette reparou satisfeita, que sir Simon estava de bom humor naquela manhã. Habitualmente, ou se mostrava aborrecido ou era desastradamente delicado e ela detestava qualquer dessas duas disposições. Pelo menos era mais fácil tratar com ele quando tentava impressioná-la com as suas boas maneiras.

— Vim cá — disse —, para solicitar um salvo-conduto a monsieur Totesham. Os escrivães espreitaram-na sub-repticiamente, fazendo as penas arranhar o papel e espalhar a tinta no pergaminho rabiscado.

— Eu próprio vos posso dar um salvo-conduto — afirmou, galante, sir Simon.
— Mas não acredito que desejeis abandonar permanentemente La Roche-Derrien.

— Apenas desejo visitar Louannec — afirmou Jeanette.

— E, minha querida senhora, onde fica Louannec?

— Junto à costa — explicou Jeanette. — A norte de Lannion.

— Com que então, Lannion — empoleirou-se numa mesa, balançando a perna nua. — Não vos posso deixar andar a passear perto de Lannion. Pelo menos esta semana. Talvez para a próxima, mas apenas se me convencerdes que tendes uma boa razão para viajar

— alisou o bigode louro. — E eu, de boa vontade me deixo convencer.

— Desejo ir orar no santuário que lá existe — disse Jeanette.

— Longe de mim querer afastar-vos das vossas orações —

garantiu sir Simon. Estava a pensar que a devia ter convidado para a sala, mas na verdade, naquela manhã, pouca disposição tinha para jogos amorosos. Consolara-se do seu desaire por não ter conseguido queimar o traseiro de Thorrtas, bebendo noite fora, e sentia o ventre líquido, a garganta seca e a cabeça a martelar como um timbale —

Que santo terá o prazer de ouvir a vossa voz? — perguntou.

— O santuário é dedicado ao Santo Ivo que protege os doentes. O meu filho está com febre.

— Pobre criança — disse sir Simon, fingindo-se condoído, e logo ordenou peremptoriamente ao escrivão que passasse um salvo-conduto a sua senhoria. — Não viajareis só, senhora?

— Levo os criados.

— Irias melhor com soldados. Há bandidos por todo o lado.

— Não receio os meus compatriotas, sir Simon.

— Mas deveríeis — disse asperamente. — Com quantos criados?

— Dois.

Sir

Simon

disse

ao

escrivão

que

acrescentasse

dois

acompanhantes no salvo-conduto e a seguir voltou-se de novo para Jeanette.

— Estaríeis realmente muito mais segura levando uma escolta de soldados.

— Deus guardar-me-á — afirmou Jeanette.

Sir Simon ficou a olhar, enquanto cobriam de areia a tinta do pergaminho. Colocou o seu selo no lacre e depois entregou o

documento a Jeanette.

— Talvez eu devesse ir convosco, não madame?

— Prefiro não viajar — disse Jeanette, recusando-se a aceitar o salvo-conduto.

— Então entrego os meus deveres a Deus — concluiu sir Simon.

Jeanette recebeu o salvo-conduto, esforçou-se por lhe agradecer e partiu imediatamente. Quase esperou que sir Simon a seguisse, mas este deixou-a ir sem a incomodar. Sentia-se suja, mas também triunfante, por a armadilha já estar montada. Muito bem montada.

Não voltou imediatamente para sua casa, foi antes à de Belas, que tomava ainda o seu pequeno-almoço de chouriço de sangue com pão.

O aroma do enchido atiçou-lhe a fome, mas Jeanette recusou o prato que ele lhe ofereceu. Era uma condessa e ele um mero advogado, não deveria rebaixar-se, comendo com ele à mesa.

Belas endireitou as vestes, pediu desculpa por a sala não estar aquecida e perguntou-lhe se decidira por fim vender a casa.

— Seria sensato da vossa parte, madame. As vossas dívidas acumulam-se.

— Digo-vos quando me decidir — disse. — Mas vim cá por outro assunto. Belas abriu os batentes da janela da sala.

— Os assuntos custam dinheiro, madame, e as vossas dívidas, perdoai, mas

acumulam-se.

— E um assunto do duque Charles — explicou Jeanette. —

Continuais a escrever aos seus administradores?

— De tempos a tempos — respondeu Belas, contido.

— Como chegais a eles? — perguntou Jeanette.

Belas desconfiou da pergunta, mas por fim, não viu qualquer impedimento em lhe responder.

— As mensagens seguem de barco, até Paimpol — disse. —

Depois por terra até Guingamp.

— Quanto tempo leva?

— Dois, três dias? Depende se os ingleses cavalgam ou não pelos caminhos entre Paimpol e Guingamp.

— Escrevei então ao duque — pediu Jeanette. — Dizei-lhe da minha parte que os ingleses vão atacar Lannion no fim desta semana.

Estão a construir escadas para escalar a muralha.

Decidira enviar o recado através de Belas, pois os seus próprios mensageiros eram dois pescadores que apenas vendiam a mercadoria em La Roche-Derrien à quinta-feira e qualquer mensagem enviada por eles chegaria atrasada. Por outro lado, os mensageiros de Belas poderiam chegar a Guingamp a tempo de contrariar os planos ingleses.

Belas limpou a barba fina, suja de ovo.

— Estais segura, senhora?

— Claro que estou! — Falou-lhe de Jacques, das escadas e do indiscreto supervisor inglês, bem como que sir Simon a obrigara a esperar uma semana antes de se aventurar a aproximar-se de Lannion, na sua expedição ao santuário de Louannec.

— O duque ficar-vos-á grato — afirmou Belas a Jeanette, enquanto a acompanhava à porta.

Belas enviou a mensagem nesse dia, embora omitindo que ia da parte da condessa. Pelo contrário reclamava o crédito para si.

Entregou a carta ao mestre do navio que saía nessa mesma tarde e, na manhã seguinte, um cavaleiro partiu com ela de Paimpol em direcção ao sul. Não havia hellequin no campo deserto entre o porto e a capital do duque, de modo que a mensagem chegou em segurança.

Em Guingamp, onde se encontravam os aquartelamentos do duque Charles, os ferreiros começaram a verificar as ferraduras das montadas de guerra, os arqueiros a olear as armas, os escudeiros a esfregar as cotas de malha, para que brilhassem e mil espadas foram afiadas.

O ataque inglês a Lannion fora traído.

a curiosa aliança entre Jeanette e Thomas aliviara a hostilidade dentro da sua casa. Os homens de Skeat utilizavam agora o rio como latrina e não o pátio, e a condessa permitira-lhes o acesso à cozinha, o que acabara por lhe ser benéfico, já que traziam as suas rações e, assim, na sua casa comia-se agora melhor do que quando a cidade caíra. Mesmo assim, não conseguira ainda provar os arenques fumados com as suas escamas vermelho-vivo cobertas de bolor. O

melhor de tudo fora o tratamento dado a dois importunos mercadores que tinham aparecido a exigir de Jeanette um pagamento, para serem tão maltratados por uma vintena de arqueiros, que os expulsaram dali, de cabeça descoberta, a coxear, ensanguentados e sem o dinheiro.

— Pago-lhes logo que possa — disse ela a Thomas.

— Sir Simon deve ter dinheiro consigo — respondeu ele.

— Terá?

— Apenas os imbecis deixam o dinheiro onde um criado o possa encontrar — disse Thomas.

Quatro dias depois de ter sido espancado, tinha ainda o rosto inchado e os lábios

negros com coágulos de sangue. A costela doía-lhe e o corpo era uma massa de nódoas negras, porém insistira com Skeat que estava suficientemente bem para cavalgar até Lannion.

Partiriam nessa tarde. Ao meio-dia, Jeanette encontrou-o na igreja de São Renano.

— Porque rezais? — perguntou-lhe.

— Faço-o sempre, antes de um combate.

— Haverá hoje um combate? Pensei que apenas partiríeis amanhã.

— Adoro um segredo bem guardado — disse Thomas, divertido.

— Seguimos um dia antes. Se tudo está a postos, porquê esperar?

— E para onde ides? — perguntou Jeanette, embora o soubesse já.

— Para onde nos levarem — respondeu Thomas.

Jeanette fez uma careta e rezou em silêncio para que a sua mensagem tivesse chegado ao duque Charles.

— Tende cuidado — disse a Thomas, não por temer por ele, mas sim por ele ser o seu agente na vingança contra sir Simon Jekyll.

— Talvez matem sir Simon — sugeriu.

— Deus há-de poupá-lo para mim — respondeu Thomas.

— Talvez ele não me siga até Louannec.

— Vai seguir-vos como um cão — disse Thomas. — Mas será perigoso para vós.

— Vou reaver a armadura — disse Jeanette. — Nada mais importa. Rezais a São Renano?

— A São Sebastião — respondeu Thomas. — E a São Guinefort.

— Perguntei ao padre quem era São Guinefort — afirmou Jeanette em tom acusatório. — Disse-me que nunca tinha ouvido falar dele.

— Provavelmente também nunca ouviu falar de Wilgefortis — disse Thomas.

— Wilgefortis? — Jeanette tinha dificuldade em pronunciar o nome desconhecido. — Quem é ele?

— Ela — esclareceu Thomas. — Era uma virgem piedosa que vivia na Flandres e deixou crescer uma comprida barba. Todos os dias rezava para que Deus a conservasse tão feia, que se pudesse manter casta.

Jeanette não resistiu e soltou uma gargalhada.

— Não pode ser verdade!

— É verdade, senhora — garantiu-lhe Thomas. — Uma vez, ofereceram ao meu pai um cabelo da sua santa barba, mas ele recusou-se a comprá-lo.

— Então vou rezar à santa barbuda para que escapeis com vida do ataque — prometeu Jeanette. — Apenas para que depois me possais ajudar contra sir Simon. De contrário, espero que morram todos.

a guarnição de Guingamp tinha os mesmos desejos e, querendo realizá-los reuniu uma forte tropa de besteiros e homens-de-armas para emboscar os ingleses a caminho de Lannion. Mas tal como Jeanette, também estes estavam convencidos de que a guarnição de La Roche-Derrien faria a sua investida na sexta-feira, de modo que não partiram senão já muito tarde, na quinta-feira e a essa hora já as forças de Totesham estavam a légua e meia do seu objectivo. A diminuída guarnição de Lannion não sabia que os ingleses estavam para chegar, pois os capitães do duque Charles, comandantes das forças em Guingamp, enquanto o duque se encontrava em Paris, tinham decidido não avisar a cidade. Se toda a gente tivesse conhecimento da traição, então os próprios ingleses poderiam vir a sabê-lo e abandonarem os planos, negando assim aos homens do duque a rara possibilidade de um êxito completo.

Os ingleses esperavam eles próprios a vitória. A noite estava seca e, perto da meia-noite, a Lua cheia saiu de trás de uma nuvem prateada, pondo em relevo as

muralhas de Lannion. Os assaltantes estavam escondidos nos bosques, de onde observavam as poucas sentinelas sobre os parapeitos. Estas mostravam-se já sonolentas e, algum tempo depois, dirigiram-se para os bastiões, onde ardiam fogueiras, portanto não viram os seis grupos de homens com escadas que atravessavam os campos na noite, nem os cem arqueiros que os

seguiram. E dormiam já, quando estes trepavam os degraus e a força principal de Totesham surgiu dos bosques, pronta para entrar pela porta nascente, que os arqueiros abririam.

As sentinelas morreram. Os primeiros cães acordaram na cidade, depois o sino de uma igreja começou a tocar e a guarnição de Lannion despertou, mas demasiado tarde, pois a porta fora aberta e os soldados de Totesham de cota de malha, gritavam já «Ao ataque!», pelas ruelas escuras. Entretanto, ainda mais homens-de-armas e arqueiros surgiam pela estreita porta.

Os homens de Skeat eram a retaguarda, de modo que esperavam do lado de fora da cidade, quando o saque começou. Os sinos das igrejas tocavam a rebate, à medida que as paróquias acordavam para aquele pesadelo. Mas, aos poucos, o dobre cessou.

Will Skeat olhava para os campos brilhantes ao luar, a sul de Lannion.

— Disseram-me que foi sir Simon Jekyll que te melhorou a beleza

— disse para Thomas.

— Ele mesmo.

— Porque lhe disseste que fosse aquecer o traseiro? — Skeat sorriu. — Não o podes censurar por te ter esmurrado — afirmou Skeat. — Mas primeiro, deveria ter falado comigo.

— Que terias feito?

— Ter-me-ia assegurado que não te esmurrasse demais, evidentemente — disse Skeat, vigiando a paisagem com olhar firme.

Thomas tinha adquirido o mesmo hábito, mas a terra para lá da cidade, estava em sossego. Erguia-se do chão uma leve bruma. — Que estás a pensar fazer a

esse respeito? — perguntou Skeat.

— Falar contigo.

— Eu não entro nessas tuas batalhas, rapaz — resmungou Skeat.

— Que pensas então fazer?

— Pedir-te que me emprestes Jake e Sam no sábado. E quero três bestas.

— Com que então, bestas! — disse Skeat simplesmente. Via que a restante força de Totesham tinha já entrado na cidade, de modo que levou dois dedos aos lábios e fez soar um penetrante assobio, sinal de que os seus homens podiam partir. — Para as muralhas! — gritou e os hellequin avançaram. — Para as muralhas! — Era aquela a função da retaguarda: guarnecer de soldados as defesas caídas da cidade. —

Metade desses malditos imbecis vai embebedar-se — resmungou Skeat. — Por isso, fica comigo, Tom.

A maioria dos homens de Skeat cumpriu o seu dever e trepou pelos degraus de pedra até aos parapeitos das muralhas, mas alguns escaparam-se, em busca do saque e de bebida. Skeat, Thomas e meia dúzia de arqueiros percorreram a cidade, para descobrir os vadios e leválos de volta para as muralhas. Duas dezenas de homens-de-armas de Totesham faziam exactamente o mesmo — arrastavam companheiros para fora das tabernas, para os obrigarem a carregar as múltiplas carroças que tinham sido escondidas na cidade, para que os hellequin lhes não chegassem. Totesham queria, em especial, comida para a sua guarnição e os seus homens-de-armas de maior confiança faziam os possíveis para afastar os soldados da bebida, mulheres ou qualquer outra coisa que atrasasse o saque.

A guarnição da cidade, acordada e surpreendida, fizera os possíveis para ripostar, mas reagira demasiado tarde e os seus corpos estavam agora estendidos pelas ruas iluminadas pelo luar. Porém, na parte poente da cidade, junto aos cais à beira do rio, em Léguer, a

batalha continuava ainda e Skeat sentiu-se atraído pelo tumulto. A maior parte dos homens ignorava-o, demasiado preocupados em deitar abaixo as portas a pontapé e em saquear os armazéns, porém Skeat achava que ninguém estaria em segurança na cidade, antes de todos os defensores terem morrido.

Thomas seguiu-o e encontraram um grupo de homens-de-armas de Totesham que acabara de sair de uma rua estreita.

— Há ali um idiota completamente louco — disse um deles a Skeat. — E tem com ele uma dúzia de besteiros.

O idiota completamente louco e os seus besteiros já tinham matado a sua conta de ingleses, pois havia cadáveres com a cruz vermelha na curva da rua em direcção ao rio.

— Queimai-os — sugeriu um dos soldados.

— Nunca antes de revistarmos os edifícios — contrariou Skeat, enviando dois dos seus arqueiros para irem buscar uma das escadas usada para chegar aos parapeitos. Assim que esta surgiu, encostou-a à parede da casa mais próxima e olhou para Thomas, que sorriu, subiu os degraus, trepando logo para a íngreme cobertura de colmo. Doíalhe a costela partida, mas chegou ao alto e aí retirou o arco do ombro e meteu uma flecha na corda. Caminhou pelo cimo do telhado, com a sombra do luar alongando-se sobre o colmo inclinado. O telhado terminava mesmo por cimo do sítio onde o inimigo aguardava e assim, antes de chegar ao ponto mais alto, retesou o arco ao máximo e avançou dois passos.

O inimigo avistou-o e ergueram-se uma dúzia de bestas e, do mesmo modo, o rosto nu de um homem louro, com uma longa espada na mão. Thomas reconheceu-o. Era sir Geoffrey de Pont Blanc e Thomas hesitou, porque o admirava. Mas depois, o primeiro virote

rodopiou-lhe tão perto do rosto, que sentiu o vento da sua passagem numa das faces. Soltou então a flecha, sabendo que iria direita à boca aberta do cavaleiro que o olhava. Porém, não a viu acertar, pois tivera de se afastar quando as outras bestas vibraram e os virotes se ergueram na direcção da Lua.

— Está morto! — exclamou Thomas.

Ouviu-se um bater de pés, quando os homens-de-armas carregaram, antes dos besteiros poderem voltar a usar as suas desajeitadas armas. Thomas voltou a subir ao telhado e viu espadas e machados erguerem-se, para logo baixarem. Viu o sangue salpicar a frontaria branca das casas. Viu os homens erguerem o cadáver de sir Geoffrey, para terem a certeza de que estava de fato morto. Uma mulher gritou de dentro da casa que sir Geoffrey estivera a defender.

Thomas escorregou pelo colmo e saltou para a rua onde sir Geoffrey morrera. Aí, recolheu três bestas e uma bolsa de virotes, que entregou a Will Skeat.

O homem do Yorkshire sorriu.

— Com que então bestas? Significa que vais fingir ser o inimigo, mas não o podes fazer em La Roche-Derrien, de modo que vais surpreender sir Simon algures no exterior da cidade. Não tenho razão?

— Mais ou menos isso.

— Leio em ti como num maldito livro, rapaz. Isto se eu soubesse ler, mas não sei, porque tive muito juízo — Skeat dirigiu-se a rio, onde três embarcações estavam a ser saqueadas e mais duas, com os porões já vazios, ardiam violentamente. — Mas como conseguirás afastar o patife da cidade? — perguntou Skeat. — Também não é completamente idiota.

— Claro que é, quando se trata da condessa.

— Ah! — Skeat sorriu. — E, de repente, a condessa passou a ser simpática com todos nós. Com que então entendeste-te com ela, não é verdade?

— Não, não me entendi com ela, não.

— Mas em breve te entenderás, não achas? — perguntou Skeat.

— Duvido.

— Porquê? Porque se trata de uma condessa? É também uma mulher, rapaz. Mas eu, se fosse a ti, acautelava-me com ela.

— Acautelavas-te?

— É uma cabra difícil, essa. Parece muito bela por fora, mas por dentro é feita de pederneira. Vai partir-te o coração, rapaz.

Skeat detivera-se nos enormes cais de pedra, onde os homens esvaziavam os armazéns de peles, cereais, peixe fumado, vinho e rolos de tecido. Sir Simon encontrava-se entre eles, gritando aos seus homens que arranjassem mais carroças. A cidade rendia-lhes a sua enorme fortuna. Era um local muito maior

do que La Roche-Derrien e, como tinha combatido sempre com êxito o cerco de Inverno do conde de Northampton, os bretões consideravam-na um sítio seguro para guardar os seus bens. Estava agora a ser esventrada. Um homem passou por Thomas a cambalear sob o peso de um carregamento de travessas de prata, outro arrastava uma mulher meio-nua, puxando-a pela camisa de dormir em tiras. Um grupo de arqueiros tinha aberto um tonel e mergulhavam nele o rosto para beber o vinho.

— Foi bastante fácil chegar aqui — disse Skeat. — Mas nem o diabo vai conseguir retirar estes imbecis.

Sir Simon bateu com a espada nas costas de dois bêbados que impediam o caminho aos seus homens, agora a esvaziarem um

armazém de rolos de fazenda. Viu Thomas e pareceu surpreendido, mas como receava Will Skeat resolveu nada dizer. Limitou-se a dar meia volta.

— O patife deve já ter pago as suas dívidas — disse Skeat, sem tirar os olhos das costas de sir Simon. — A guerra é uma ótima maneira de se enriquecer, desde que não nos façam prisioneiros para pedir resgate.

Não que o fizessem comigo ou contigo, rapaz. Abriam-nos a barriga, arrancavam-nos os olhos, era o mais certo. Já alguma vez disparaste uma besta?

— Não.

— Não é tão fácil quanto parece. Nem tão difícil como manejar um verdadeiro arco, claro, mas é preciso prática. Essas malditas coisas podem disparar alto demais, quando não se está habituado a elas.

Jake e Sam querem ajudar-te?

— Disseram-me que sim.

— Claro que querem, são uns bons patifes — Skeat continuava a olhar para sir Simon, que trazia a sua nova e cintilante armadura. —

Julgo que esse idiota traz o dinheiro consigo.

— Sim, julgo que sim.

— Metade para mim, Tom, e no sábado não faço perguntas.

— Obrigado, Will.

— Mas faz tudo como deve ser, Tom — disse Skeat, violento. —

Tudo como deve ser. Não quero ver-te enforcado. Não me importo de ver a maior parte dos imbecis fazerem a dança da corda com o mijo a escorrer-lhes pelas pernas, mas seria pena ver-te estrebuchar a caminho do Inferno.

Voltaram para as muralhas. Nenhum deles tinha recolhido

qualquer saque, pois já haviam tirado mais do que o suficiente dos assaltos às quintas na Bretanha do norte e era agora a vez dos homens de Totesham se encherem numa cidade capturada.

As casas foram revistadas uma a uma e esgotados os barris das tabernas. Richard Totesham queria que a sua força saísse de Lannion de madrugada, porém eram inúmeras as carroças capturadas que esperavam para atravessar a estreita porta oriental, sem que houvesse cavalos suficientes. Assim, eram os próprios homens que as puxavam, preferindo fazê-lo, a deixar para trás o que tinham capturado. Havia homens embriagados, completamente inconscientes e os soldados de Totesham percorriam a cidade em busca deles. Mas foi o fogo que afastou a maioria dos bêbados dos seus esconderijos. A gente da cidade fugiu para sul, quando os ingleses lhes incendiaram os telhados de colmo. O fumo inclinava-se na mesma direcção, numa vasta coluna escura, empurrada pela brisa marítima. Cintilava-lhe por baixo um brilho avermelhado e fora provavelmente essa visão que mostrara à força que então se aproximava de Guingamp, o fato de haverem chegado tarde demais para salvar a cidade. Tinham marchado durante a noite, esperando encontrar um lugar qualquer para montarem uma emboscada aos homens de Totesham, porém o mal já estava feito. Lannion ardia e a sua riqueza empilhava-se em carroças que ainda não tinham atravessado as portas. Mas se os odiados ingleses já não podiam ser emboscados a caminho da cidade, era possível surpreendê-los na saída, e assim os comandantes inimigos levaram as suas forças para Oriente, em direcção à estrada, de volta a La Roche-Derrien.

Foi o vesgo Jake quem primeiro viu o inimigo. Estava a olhar para Sul através da leve bruma que cobria a terra plana e avistou as

sombras por entre a névoa. A princípio, pensou tratar-se de uma manada de

vacas, depois concluiu serem refugiados da cidade. Mas, a seguir, divisou um nendão e uma lança, bem como a cor cinzenta de uma cota de malha e logo gritou a Skeat que havia cavaleiros à vista.

Skeat espreitou por sobre os parapeitos.

— Vês alguma coisa, Tom?

Era antes do nascer do Sol e o campo estava coberto de cinzento, raiado de bruma. Thomas olhava fixamente. Viu um bosque frondoso, a menos de um quarto de légua a sul, e um cume baixo erguendo-se acima da névoa. Depois avistou os pendões e as cotas cinzentas à luz baça e logo a seguir, uma floresta de lanças.

— Homens-de-armas — disse. — E são muitos, os bastardos!

Skeat praguejou. Os homens de Totesham estavam ainda na cidade ou espalhados pela estrada de La Roche-Derrien, já tão longe, que seria impensável levá-los de novo para dentro das muralhas de Lannion — mesmo que fosse possível, não seria muito prático, já que todo o lado poente da cidade ardia violentamente e as chamas espalhavam-se, velozes. Retirar para aí seria arriscar-se a ser assado vivo e, além do mais, os homens de Totesham não estavam em condições de combater, muitos deles embriagados e todos carregados com o saque.

— A sebe — gritou Skeat laconicamente, apontado uma linha quebrada de espinheiros negros e sabugueiros, que corria paralela à estrada por onde seguiam as carroças. — Os arqueiros para a sebe, Tom. Tomamos conta das vossas montadas. Só Deus sabe como vamos deter esses patifes — fez o sinal da Cruz. — Mas não temos outra alternativa.

Thomas forçou a passagem por entre a porta cheia de gente e

conduziu quarenta arqueiros através de uma pastagem ensopada, até à sebe que parecia uma ténue barreira contra o inimigo amontoado na bruma prateada. Eram pelo menos trezentos cavaleiros. Ainda não avançavam, parecendo querer agrupar-se para uma carga e Thomas tinha apenas quarenta homens para se lhes opor.

— Espalhai-vos! — gritou. — Espalhai-vos! — ajoelhou rapidamente e fez o

sinal da Cruz. — São Sebastião esteja connosco —

implorou. — São Guinefort, protege-me. — Tocou na pata de cão seca e fez de novo o sinal da Cruz.

Mais uma dúzia de arqueiros se juntou à sua força, mas era ainda muito pouco. Duas dezenas de pajens, montados em póneis e armados com espadas de brinquedo, poderiam ter dizimado os homens que seguiam pela estrada, pois a sebe de Thomas não lhes oferecia uma protecção completa, antes desaparecia a cerca de meia milha da cidade. Os cavaleiros teriam apenas de galopar em redor dessa extremidade desprotegida e nada os deteria. Thomas podia levar os seus arqueiros para campo aberto, porém cinquenta homens nunca poderiam deter trezentos. Podia tirar-se o melhor partido dos arqueiros em grupo, de modo a que as suas flechas formassem uma chuva forte de pontas de aço. Cinquenta homens poderiam provocar um aguaceiro, mas, mesmo assim, seriam atropelados e massacrados pelos cavaleiros.

— Besteiros — resmungou Jake e Thomas viu os homens de gibão verde e vermelho a saírem do bosque por trás dos soldados inimigos.

A luz da madrugada reflectia o frio da malha, das espadas e dos capacetes.

— Os bastardos estão a fazer tempo — disse Jake, nervoso.

Colocara uma dúzia de flechas na base da sebe, que era

suficientemente espessa para impedir os cavaleiros, mas não tão densa, que pudesse abrandar um virotel de besta.

Will Skeat juntara sessenta homens-de-armas dos lados da estrada, prontos a contra-atacar aquele inimigo, cujo número aumentava a cada minuto. Os homens do duque Charles e os seus aliados franceses cavalgavam agora para leste, procurando avançar para junto da extremidade aberta da sebe onde havia uma convidativa faixa de terreno verde e aberta, até a estrada. Thomas gostaria de saber de que diabo estariam à espera. Perguntava a si próprio se morreria ali. Meu Deus, pensava, os homens não são suficientes para deter o inimigo. Os incêndios continuavam a grassar em Lannion, lançando fumo no céu pálido.

Correu para a esquerda da linha, onde deu com o padre Hobbe, que empunhava um arco.

— Padre, não devíeis aqui estar — afirmou.

— Deus há-de perdoar-me — respondeu o sacerdote. Prendera a sotaina no cinto e metera algumas flechas na sebe. Thomas olhava para o campo aberto, perguntando a si próprio quanto tempo os seus homens se aguentariam naquela imensidão de relva. Era justamente o que o inimigo queria, pensou, uma faixa de terra plana onde os cavalos pudessem galopar com velocidade e a direito. Só que a terra não era inteiramente plana pois estava cheia de pequenas elevações de erva por entre as quais duas garças cinzentas de pernas muito direitas, procuravam sapos ou patinhos. Sapos, pensou Thomas, e patinhos. Deus Bendito! Era um pântano! A Primavera fora invulgarmente seca, porém Thomas tinha as botas encharcadas do campo húmido que atravessara para chegar à sebe. A idéia surgiu nele como um Sol nascente. A terra aberta era um pântano! Não admirava

que o inimigo estivesse à espera. Viam os homens de Totesham em fila para a matança, mas não viam maneira de atravessar o chão lamacento.

— Por aqui! — gritou Thomas aos arqueiros. — Por aqui!

Depressa! Depressa! Vamos, seus degenerados!

Conduziu-os para que contornassem o extremo da sebe, e entrassem no pântano, espalhando-se por entre as moitas onde saltavam fazendo espalhar a água de um emaranhado de sapais e arroios. Dirigiram-se para sul, direitos ao inimigo e, tendo-o ao seu alcance, Thomas espalhou os homens, dizendo-lhes que praticassem tiro ao alvo. O medo desaparecera, sendo substituído por júbilo. O

pântano impedia o inimigo, pois os cavalos não avançavam. Mas os leves arqueiros de Thomas saltavam por sobre as moitas como demónios. Como hellequin.

— Matai esses bastardos! — gritou.

As flechas ornadas de penas brancas silvaram pelo sapal, para atingir homens e montadas. Alguns dos inimigos tentaram carregar sobre os arqueiros, mas os cavalos chafurdavam no terreno mole, tornando-se alvos das revoadas de setas. Os besteiros desmontaram e avançaram a pé, porém os arqueiros passaram então a alvejá-los.

Chegavam ainda mais homens, enviados por Skeat e Totesham, de modo que o pântano ficou de súbito cheio de arqueiros ingleses e galeses, que despejavam um inferno de pontas de aço sobre o inimigo desorientado. Tudo se transformou num jogo. Os homens apostavam se conseguiam ou não acertar num alvo em particular. O Sol subia no céu, lançando sombras sobre os cavalos mortos. O inimigo afastava-se para junto das árvores. Um grupo corajoso tentou uma última carga, na esperança de contornar o pântano, mas os cavalos tropeçaram no

terreno mole, ao mesmo tempo que eram atingidos pelas flechas cuspidas para cima deles. Homens e bestas gritavam, ao cair. Um cavaleiro tentou resistir, vergastando a montada com o punho da espada. Thomas meteu uma flecha no pescoço do cavalo e Jake espetou-lhe o quadril. O animal relinchou aflitivamente, invadido pelas dores, para cair dentro do pântano. O cavaleiro conseguiu retirar os pés dos estribos e cambaleou, a praguejar, em direcção aos arqueiros, com a espada em baixo e o escudo erguido, mas Sam meteu-lhe uma flecha na virilha, antes que outra dezena de arqueiros acrescentasse as suas setas, antes de se atirar ao inimigo caído.

Empunharam facas, abriram gargantas e poderia então seguir-se a pilhagem. Os cadáveres foram despojados das suas cotas de malha, das suas armas e os cavalos das rédeas e selas. A seguir, o padre Hobbe rezou uma prece pela alma dos mortos, enquanto os arqueiros guardavam os despojos.

A meio da manhã, o inimigo partiu. Deixaram duas vintenas de cadáveres e duas vezes esse número de feridos, mas nem um único arqueiro inglês ou galês morreria.

Os homens do duque Charles partiram furtivamente para Guingamp. Tinham sido humilhados, Lannion fora destruída, e os homens de Will Skeat festejaram em La Roche-Derrien. Eram hellequin, eram os melhores e ninguém os conseguia derrotar.

na manhã seguinte, Thomas, Sam e Jake saíram de La Roche-Derrien antes do dia nascer. Cavalgaram para poente, em direcção a Lannion, mas uma vez nos bosques, saíram da estrada e esconderam os cavalos no fundo da floresta. Depois, movendo-se como caçadores furtivos, voltaram para a entrada do bosque. Cada um tinha ao ombro o seu arco e transportava também uma besta. Enquanto esperavam, dedicavam-se a praticar com as armas a que não estavam

habituaados, num campo de campainhas, à entrada da floresta, de onde podiam ver a porta poente de La Roche-Derrien. Thomas trouxera consigo apenas uma dúzia de virotes, curtos e com penas, para que cada um deles disparasse duas vezes. Will Skeat tinha razão: as armas davam um coice quando os arqueiros as soltavam, de modo que os primeiros projecteis espetaram-se muito alto no tronco que lhes servia de alvo. O segundo tiro de Thomas foi mais certo, mas nada que se parecesse com uma verdadeira flecha lançada de bom arco. O fato de quase falhar tornou-o apreensivo dos riscos da manhã, porém Jake e Sam estavam os dois alegres com a perspectiva de roubo e assassínio.

— Não posso falhar — disse Sam, depois do segundo virote ter também acertado alto demais. — Talvez não atinja o patife na barriga, mas espetamo-lo noutra parte qualquer. — Puxou mais uma vez a corda para trás, gemendo com o esforço. Ninguém conseguia

puxar, à força de braços, a corda de uma besta de modo que tinham de empregar um mecanismo. As bestas mais caras, as que tinham maior alcance, usavam um macaco de rosca. O arqueiro colocava uma manivela na ponta da rosca e enrolava a corda para trás, polegada a polegada, até que a lingueta sobre alavanca engrenasse o fio. Alguns besteiros usavam o corpo como alavanca. Traziam enormes cintos de couro, onde penduravam um gancho e, ao dobrarem-se, ligavam a corda a esse gancho e depois endireitavam-se.

Assim, puxavam para trás as cordas torcidas. Porém, as bestas que Thomas trouxera de Lannion precisavam de uma alavanca com a forma da perna traseira de uma cabra, que forçava a corda e dobrava a estrutura da besta, que era feita de camadas de osso, madeira e cola. A alavanca seria provavelmente a maneira mais rápida de armar a besta, embora não oferecesse a mesma força do que as que utilizavam a rosca e, mesmo assim, esta arma era lenta comparada com um arco de teixo. Na verdade, não havia nada igual ao longo arco inglês e os homens de Skeat discutiam constantemente as razões pelas quais o inimigo não adoptava a arma.

— Porque são tolos — era a opinião simples de Sam, embora Thomas soubesse que, o problema estava em que as outras nações não iniciavam crianças suficientemente cedo. Para se ser arqueiro, tinha de se começar pequeno e depois praticar, praticar muito, até se ter o peito largo e a flecha parecer voar sem que o arqueiro pensasse no alvo.

Jake lançou o seu segundo virote a um carvalho e praguejou horivelmente, quando falhou o alvo. Olhou para a besta.

— Bocado de trampa — disse. — Vamos aproximarmo-nos muito?

— O mais que pudermos — disse Thomas. Jake fungou.

— Se eu pudesse enfiar a ponta do arco na barriga desse patife, decerto não falhava.

— Dez, quinze metros, deve estar bem — calculou Sam.

— Apontem-lhe às partes baixas — encorajou-o Thomas. —

Assim, furamos-lhe as tripas.

— Vai correr tudo bem — disse Jake. — Somos três. Um de nós há-de espetar esse bastardo.

— Para a sombra, rapazes — disse Thomas, acenando-lhes para que se internassem mais na floresta.

Vira Jeanette sair a porta, onde os guardas lhe inspeccionaram o salvo-conduto e fizeram sinal para que passasse. Vinha sentada de lado num pequeno cavalo que Will Skeat lhe emprestara e seguia, acompanhada de um casal de criados já grisalhos; tendo ambos envelhecido ao serviço do pai dela, caminhavam agora ao lado da montada da sua ama. Se Jeanette tivesse verdadeiramente planeado seguir até Louannec, aquela escolta tão fraca e avançada em anos, teria sido um convite a grandes trabalhos, mas eram exactamente esses trabalhos que ela desejava. Assim que chegou junto das árvores, estes apareceram-lhe na pessoa de sir Simon Jekyll que saía da sombra de uma arcada, cavalgando com mais dois homens.

— E se os dois patifes ficam junto dele? — perguntou Sam.

— Não ficam — disse Thomas. Tinha a certeza disso, tal como ele e Jeanette a tinham tido a respeito de que sir Simon haveria de seguir a condessa, vestido com a rica armadura que lhe tinha roubado.

— É uma mulher valente — resmungou Jake.

— Tem coragem — disse Thomas. — E sabe odiar. Jake experimentou a ponta de uma seta quadrada.

— Tu e ela? — perguntou a Thomas. — Entendem-se, não é verdade?

— Não.

— Mas gostavas. Eu também.

— Não sei — respondeu Thomas. Pensava que Jeanette era muito bela, Skeat tinha razão, havia nela uma dureza que o repelia.

— Suponho que sim — admitiu.

— Claro que sim — disse Jake. — De contrário, serias tolo.

Assim que Jeanette entrou no bosque, Thomas e os seus companheiros seguiram-na, mantendo-se escondidos, sempre conscientes que sir Simon e os seus dois lacaios se aproximavam rapidamente. Esses três cavaleiros seguiram a trote, uma vez chegados à floresta, e conseguiram apanhar Jeanette num local quase perfeito para a emboscada de Thomas. A estrada contornava uma clareira, onde um regato serpenteante cortara a parte inferior de uma raiz de salgueiro. O tronco caído estava podre e cheio de fungos em forma de discos. Jeanette, fingindo dar passagem aos três cavaleiros de armadura, voltou para a clareira e esperou ao lado da árvore morta. Melhor ainda, junto ao tronco do salgueiro havia um tufo de pequenos amieiros que ofereciam cobertura a Thomas.

Sir Simon afastou-se da estrada, baixou-se sob os ramos e aproximou o cavalo de Jeanette. Um dos seus companheiros era Henry Colley, o louro violento que espancara brutalmente Thomas e o outro era o escudeiro de queixo caído de sir Simon, que sorria na expectativa do divertimento. Sir Simon retirou o elmo bicudo, pendurou-o no arção da sela e sorriu triunfante.

— Não é seguro, madame, viajar sem uma escolta armada.

— Estou em perfeita segurança — declarou Jeanette. Os dois

criados esconderam-se junto ao cavalo da ama, mas o escudeiro impedia Jeanette de sair do lugar.

Sir Simon desmontou, fazendo entrechocar a armadura.

— Esperava, estimada senhora, que pudéssemos conversar a caminho de Louannec.

— Desejais orar ao Santo Ivo? — perguntou Jeanette. — Que lhe pediríeis? Que vos torne mais cortês?

— Falarei apenas convosco, madame — respondeu sir Simon.

— Falareis de quê?

— Da queixa que haveis feito de mim ao conde de Northampton.

Haveis manchado a minha honra, senhora.

— A vossa honra? — Jeanette soltou uma risada. — Que honra tendes para ser manchada? Sabeis, por acaso, o significado dessa palavra?

Thomas, escondido atrás da moita de amieiros, traduzia em surdina as palavras para Jake e para Sam. As três bestas estavam carregadas, com os pequenos virotes na calha.

— Se não quereis falar comigo no caminho, madame, teremos então de ter a nossa conversa aqui — declarou sir Simon.

— Nada tenho a dizer-vos.

— Então será fácil ouvirdes — disse, estendendo a mão, para a obrigar a descer da sela. Jeanette bateu-lhe nas manoplas da armadura, mas nenhuma resistência da parte dela o impediria de a arrastar para o chão. Os dois criados gritavam os seus protestos, porém Colley e o escudeiro silenciaram-nos agarrando-os pelos cabelos e puxando-os para fora da clareira, para deixarem Jeanette e sir Simon a sós.

Jeanette recuara e encontrava-se agora junto da árvore caída.

Thomas erguera o arco, mas Jake baixara-lho, pois a escolta de sir Simon estava ainda muito próxima.

Sir Simon empurrou-a com tanta força, que Jeanette caiu sentada, sobre o tronco apodrecido, retirou depois um comprido punhal do cinto da espada e meteu a lâmina fina pelas saias da condessa de modo a prendê-la ao salgueiro caído. Carregou no punho da faca com o pé calçado de ferro, para ter a certeza que penetrara fundo no tronco. Colley e o escudeiro tinham já desaparecido e o ruído dos cascos dos cavalos afastava-se por entre as árvores.

Sir Simon sorriu, depois aproximou-se e retirou a capa dos ombros de Jeanette.

— Quando vos vi pela primeira vez, senhora, confesso que pensei em casamento — disse. — Mas fostes perversa, de modo que mudei de idéia — meteu-lhe as mãos no decote do corpete e rasgou-lho, arrancando as fitas dos orifícios bordados. Jeanette gritou, ao mesmo tempo que tentava cobrir-se e Jake segurou mais uma vez o braço de Thomas.

— Espera que ele tire a armadura — murmurou. Sabiam que os virotes podiam espetar a cota de malha, mas todos ignoravam a resistência das placas da armadura.

Sir Simon batia nas mãos de Jeanette, para as afastar.

— Pronto, madame — disse, olhando-lhe os seios. — Podemos então conversar.

Sir Simon afastou-se e começou a despir a armadura. Retirou em primeiro lugar, as manoplas metálicas, desapertou o cinto da espada, depois ergueu sobre a cabeça as espaldeiras nas suas correias de couro.

Teve alguma dificuldade com as fivelas laterais das placas do peito e das costas, que estavam ligadas a um forro de couro que também

suportava os braços e cotoveleiras, para a protecção dos braços. O

colete tinha uma faldra que, devido ao peso do metal e da cota de malha, foi difícil sir Simon retirar pela cabeça. Vacilou, enquanto puxava a pesada armadura e de novo Thomas ergueu a besta, porém, o cavaleiro andava para trás e para diante, enquanto se tentava firmar. Assim, Thomas não podia ter a certeza do alvo e mantinha o dedo afastado do gatilho.

A armadura forrada de cabedal caiu no chão com um ruído surdo, deixando o cavaleiro com o cabelo em desalinho e de peito nu, e mais uma vez Thomas

ergueu a besta ao ombro. Porém, sir Simon sentara-se agora para retirar coxotes, grevas, polainas e botas, e fizera-o de uma tal maneira as suas pernas ainda cobertas estavam voltadas na direcção da emboscada, interferindo com a pontaria de Thomas.

Jeanette estrebuchava, tentando ver-se livre da faca, morta de medo que Thomas não estivesse ali perto, mas, por mais que puxasse, o punhal não se movia do lugar.

Sir Simon retirou as polainas que lhe cobriam os pés, viu-se depois, livre dos calções de couro onde estavam ligados os coxotes.

— Agora, madame — disse, erguendo-se nu e branco. — Já podemos; falar como é devido.

Jeanette fez um último esforço para se livrar da faca, esperando conseguir enfiá-la no ventre de sir Simon, mas nesse preciso momento, Thomas disparou.

O virote arranhou o peito do cavaleiro. Thomas fizera-lhe pontaria ao baixo-ventre, na esperança de lhe enterrar na barriga a seta curta, porém o virote passara por um dos compridos ramos do salgueiro e fora desviado. O sangue brotava da pele de sir Simon; este deixou-se cair no chão com tanta rapidez que o projectil ainda lhe

rodopiou sobre a cabeça. Tentou afastar-se, querendo apanhar primeiro a armadura que despira, mas apercebendo-se então que seria impossível salvá-la, correu antes para o cavalo. Foi nessa ocasião que o virote disparado por Sam lhe apanhou a carne da coxa direita, obrigando-o a soltar um grito e a quase cair; decidiu então que também não seria altura de tentar salvar o animal, de modo que, a coxear, a sangrar e nu, correu a esconder-se no bosque. Thomas soltou um segundo virote que passou mesmo junto a sir Simon, para se espetar numa árvore e, nessa altura, o cavaleiro nu desapareceu.

Thomas praguejou. Quisera matá-lo, mas sir Simon ainda estava bem vivo.

— Pensei que não estaríeis aí! — gritou Jeanette, quando Thomas apareceu. Tentava cobrir os seios com a roupa rasgada.

— Não apanhamos o patife — disse Thomas furioso. Soltou-lhe as saias do punhal, enquanto Jake e Sam metiam a armadura dentro de duas sacas. Thomas

viu-se livre da besta e retirou do ombro o arco negro. O que deveria fazer agora era seguir sir Simon por entre as árvores e matá-lo. Poderia arrancar a flecha com penas brancas e meter um virote de besta na ferida, para que quem o encontrasse acreditasse que os bandidos ou o inimigo o tinham morto.

— Revistai os alforges do desgraçado — ordenou a Jake e a Sam.

Jeanette atara a capa ao pescoço e abriu desmesuradamente os olhos, quando viu ouro a sair dos sacos.

— Ficareis aqui com Jake e Sam — ordenou-lhe Thomas.

— Que ides fazer? — perguntou.

— Terminar o serviço — disse Thomas, com ar sinistro. Abriu os cordões da aljava e meteu um virote de besta entre as flechas mais compridas.

— Esperai aqui — disse a Jake e a Sam.

— Eu ajudo-te — disse Sam.

— Não — insistiu Thomas. — Espera aqui e olha pela condessa.

Estava furioso consigo próprio. Deveria ter logo usado o arco, retirado simplesmente a flecha denunciadora e disparado um virote para o cadáver de Simon. Acabara por malograr a emboscada. Pelo menos, sir Simon tinha fugido para poente, afastando-se dos seus dois homens-de-armas e estava nu, a sangrar e desarmado. Seria uma presa fácil, disse Thomas para consigo, seguindo o rasto de sangue por entre as árvores, que indicava o Ocidente e depois, à medida que se tornava mais ténue, o Sul. Sir Simon traçava obviamente o seu caminho de regresso para se ir encontrar com os companheiros, de modo que Thomas abandonou as cautelas e limitou-se a galopar, esperando interceptar o fugitivo. Logo, ao atravessar umas azeleiras, viu-o curvado, a coxear. Thomas puxou a corda do arco e nesse momento Colley e o escudeiro apareceram, ambos de espada em riste, esporeando os cavalos na sua direcção. Mudou o alvo para o que lhe estava mais próximo e soltou a corda sem pensar. Fê-lo como bom arqueiro que era e a flecha seguiu rápida e a direito, batendo no peito coberto de malha do escudeiro, que lançado para trás, tombou da sela. A espada caiu-lhe ao chão, enquanto o cavalo guinava para a esquerda, dirigindo-se para a frente de sir Simon.

Colley puxou as rédeas e estendeu a mão ao cavaleiro, que se agarrou ao braço estendido e foi transportado quase a correr para dentro do bosque. Thomas retirara uma segunda flecha da aljava mas, quando a disparou, os dois homens estavam já meio escondidos e esta resvalou num ramo e perdeu-se por entre as folhas.

Thomas praguejou. Colley olhara-o fixamente por uns instantes.

Sir Simon também o vira, e Thomas com uma terceira flecha metida no arco, olhou para as árvores, compreendendo que tudo se desmoronava. Num instante. Tudo.

Seguindo o ribeiro, voltou à clareira.

— Levai a condessa para a cidade — disse a Jake e a Sam. — Mas, por amor de Deus, ide com cautela. Em breve andarão à nossa procura. Tereis de vos esconder.

Os companheiros olharam-no, sem compreender, e Thomas disselhes então o que se passava. Ao matar o escudeiro de sir Simon, transformara-se num assassino em fuga. Fora visto por sir Simon e pelo louro Colley, que seriam ambos testemunhas do seu julgamento e celebrantes da sua execução.

A Jeanette disse o mesmo, mas em francês.

— Confiai em Jake e em Sam — disselhe. — Mas não deveis ser apanhada de volta para casa. Acautelai-vos!

Jake e Sam argumentaram, mas Thomas conhecia bem as consequências da flecha mortal.

— Contai a Will o que se passou — pediu-lhes. — Dizei-lhe que assumo toda a culpa e que espero por ele em Quatre Vents — tratava-se de uma aldeia devastada pelos hellequin, a sul de La Roche-Derrien. — Dizei-lhe que preciso de um conselho seu.

Jeanette tentou convencê-lo de que aquele pânico era desnecessário.

— Talvez não vos tenham reconhecido — sugeriu.

— Reconheceram-me, senhora — disse Thomas, com ar sério.

Sorriu depois, com ar arrependido. — Lamento, mas pelo menos tendes a armadura e a espada. Escondei-las bem. — Subiu para a sela de sir Simon. — Quatre Vents — repetiu a Jake e a Sam, picou o

cavalo e seguiu para sul, por entre as árvores.

Era um assassino, um homem procurado, um fugitivo, o que significava que passara a ser uma presa para qualquer um, só, num deserto feito pelos hellequin. Não tinha a mínima ideia do que deveria fazer, ou para onde poderia ir, apenas que, se queria sobreviver precisava de galopar como o cavaleiro do demónio que era.

E foi o que fez.

quatre Vents fora uma pequena aldeia, pouco maior que Hookton, com uma igreja estreita, semelhante a um celeiro, um grupo de cabanas, onde as vacas e as pessoas dividiam os mesmos telhados cobertos de colmo, uma azenha e algumas quintas nas imediações, aconchegadas em vales protegidos. Restavam apenas as paredes de pedra da igreja e da azenha, sendo o resto apenas cinzas, pó e ervas daninhas. As árvores de fruto, embora descuidadas, floriam agora, à chegada de Thomas montado num cavalo coberto de suor branco devido à longa jornada. Soltou o garanhão, para que pastasse num campo verdejante, protegido por sebes, e depois dirigiu-se ao bosque para lá da igreja. Estava abalado, assustado e nervoso, pois o que a princípio lhe parecera um jogo, enegrecera a sua vida. Poucas horas atrás era um arqueiro do exército inglês e, embora o seu futuro pudesse não parecer atraente para os jovens com quem se divertira em Oxford, Thomas tinha a certeza de que, pelo menos, chegaria ao posto de Will Skeat. Imaginara-se a chefiar um bando de soldados, a enriquecer, seguindo sempre o seu arco negro, até à fortuna e talvez a um posto, mas, agora, era apenas um homem perseguido. O pânico que sentia era de tal ordem, que começara mesmo a duvidar da reação de Will Skeat. Temia que este se sentisse tão desgostoso com o revés da emboscada, que prendesse Thomas e o levasse a uma dança na ponta de uma corda, na praça de La Roche-Derrien. Preocupava-se

que Jeanette pudesse ter sido apanhada de volta para a cidade.

Também a acusariam de assassinio? Estremeceu, quando viu que a noite caía. Tinha vinte e dois anos e fracassara por completo, estava só e perdido.

Acordou na madrugada fria e chuvosa. As lebres corriam pelo pasto, onde o alazão de sir Simon Jekyll pastava a erva. Thomas abriu a bolsa que guardava sob a cota de malha e contou as moedas. Havia o ouro do alforge da sela do cavaleiro e algumas moedas suas, de modo que não estava pobre roas, como quase todos os hellequin, deixara a maior parte do seu dinheiro a guarda de Will Skeat. Mesmo quando partiam para os assaltos, ficavam sempre alguns homens em La Roche-Derrien, para guardarem o saque. Que haveria de fazer?

Tinha o arco e algumas flechas e talvez pudesse ir para a Gasconha, embora não fizesse a mínima idéia da distância a que ficava. Pelo menos, sabia que havia lá guarnições inglesas que dariam por certo as boas-vindas a mais um arqueiro experimentado. Talvez conseguisse arranjar maneira de atravessar o canal? Ir para a sua terra, arranjar outro nome, começar de novo — só que não tinha terra. Aquilo que nunca deveria, era encontrar-se com sir Simon Jekyll à distância de uma forca.

Os hellequin chegaram pouco depois do meio-dia. Os arqueiros entraram primeiro na aldeia, seguidos de homens-de-armas, que escoltavam uma carroça, com aros de madeira a prender uma cobertura larga de pano castanho, puxada por um cavalo. O padre Hobbe e Will Skeat cavalgavam ao lado do carro, fato que espantou Thomas, pois nunca vira os hellequin a usarem tal veículo. Mas depois, Skeat e o padre afastaram-se dos homens-de-armas e picaram os cavalos na direcção do campo onde pastava o garranhão.

Os dois homens pararam junto à sebe e Skeat gritou com as mãos em concha, na direcção do bosque.

— Sai daí, meu perfeito idiota!

Thomas pareceu bastante envergonhado, e foi recebido por uma irónica ovação da parte dos arqueiros. Skeat olhou-o amargurado.

— Valha-te Deus, Tom — disse. — O diabo fez um rico trabalho quando engravidou a tua mãe!

O padre Hobbe gemeu com a blasfémia e depois ergueu a mão para o abençoar.

— Perdeste um belo espectáculo, Tom — disse alegremente. — Sir Simon a chegar a La Roche-Derrien, meio nu e a sangrar como um porco pasmado. Antes de partires, quero ouvir-te em confissão.

— Não te rias, grande estúpido — zangou-se Skeat. — Por amor de Cristo, Tom, se queres fazer um serviço, tens de o fazer como deve ser. Como deve ser! Porque deixaste o patife vivo?

— Falhei.

— Então, em vez dele, matas um desgraçado de um escudeiro idiota! Valha-me Deus, se não és um completo imbecil!

— Não me querem enforcar? — perguntou Thomas.

— Oh, não — respondeu Skeat, fingindo surpresa. — Claro que não! Querem festejar-te, enfiar-te grinaldas no pescoço e oferecerem-te uma dúzia de virgens para te aquecerem o leito. Que diabo pensas que querem fazer contigo? Claro que te querem morto e eu jurei pela vida da minha mãe que te levaria de volta, se te encontrasse vivo.

Padre, ele parece-vos vivo?

O padre Hobbe examinou Thomas.

— A mim parece-me perfeitamente morto, mestre Skeat.

— Bem merece estar morto, o grande idiota.

— A condessa chegou em segurança? — perguntou Thomas.

— Chegou, está descansado — respondeu Skeat. — Mas que pensas tu que sir Simon quis no momento que conseguiu cobrir as sua encolhidas partes? Mandou revistar-lhe a casa, Tom, em busca de uma armadura e de uma espada que legitimamente lhe pertenciam.

Também não é completamente imbecil; sabe que tu e ela estão os dois metidos nisto. — Thomas praguejou e Skeat repetiu a blasfémia.

— Pressionaram os criados, que admitiram que a condessa planeara tudo.

— Fizeram o quê? — perguntou Thomas.

— Pressionaram-nos — repetiu Skeat, o que queria dizer que tinham deitado no

chão o idoso casal, para lhe amontoarem pedras sobre peito.

— A velha contou tudo à primeira pedra, de modo que não ficaram muito magoados — continuou Skeat. — Agora, sir Simon quer acusar sua senhoria de assassinato. E, naturalmente, mandou revistar-lhe a casa em busca da espada e da armadura, mas nada encontraram, pois eu tinha-a bem escondida. Mas ela está tão atolada em trampa como tu. Não podes andar por aí a espetar cavaleiros com virotes e a matar escudeiros, Tom! Altera a ordem das coisas!

— Desculpa, Will! — disse Thomas.

— Então, para encurtar a história — disse Skeat. — A condessa vai em busca da protecção do tio do marido — apontou com um dedo para a carroça. — Está ali metida, juntamente com o rapaz, dois criados cheios de nódoas negras, uma armadura e uma espada.

— Jesus me valha! — disse Thomas, olhando a carroça.

— Foste tu que a meteste nisto — resmungou Skeat. — Não foi Jesus. E só eu sei o que passei para a esconder de Sir Simon. Dick

Totesham suspeita que também estou envolvido e não aprova, embora, por fim, tenha aceite a minha palavra. Mesmo assim, tive de lhe prometer que te arrastava pelo teu miserável pescoço. Só que, não te encontrei, Tom.

— Desculpa, Will — repetiu Thomas.

— Bem podes pedir desculpa — disse Skeat, embora parecesse exultar de silenciosa satisfação, por ter conseguido limpar com tanta eficácia, o que Thomas tinha feito. Nem sir Simon, nem o seu homem-de-armas sobrevivente tinham visto Jake e Sam, de modo que estes estavam em segurança. Thomas era um fugitivo e Jeanette saíra, às escondidas, de La Roche-Derrien antes que sir Simon lhe conseguisse dar cabo da vida.

— Vai para Guingamp — continuou Skeat. — Mando uma dúzia de homens para a escoltar e só Deus sabe se o inimigo respeitará uma bandeira de tréguas. Se eu tivesse um pinga de juízo, esfolava-te vivo e, com a tua pele, fazia uma cobertura para o arco.

— Sim, Will — respondeu Thomas, envergonhado.

— Não me venhas com esses «sim, Will» — disse Skeat. — Que vais fazer nestes poucos dias que ainda tens de vida?

— Não sei.

Skeat fungou.

— Para começar, poderias crescer, embora acredite que haja poucas probabilidades de tal acontecer. Não é, rapaz? — tomou fôlego e atacou: — Tirei o teu dinheiro da arca e aqui está — entregou a Thomas uma bolsa de pele.

— E meti três molhos de flechas na carroça da senhora, para que te mantenhas uns dias. Se tivesses juízo, coisa que não tens, irias para Sul, ou para Norte. Poderias partir para a Gasconha, mas é longe

como o raio. A Flandres é mais perto e tem muitas tropas inglesas que, se estiverem desesperadas, te aceitam logo. É esse o meu conselho, rapaz. Vai para o Norte e reza para que sir Simon nunca vá à Flandres.

— Obrigado — disse Thomas.

— Mas como irás para a Flandres? — perguntou Skeat.

— A pé? — sugeriu Thomas.

— Deus bendito — respondeu Will. — És mesmo um inútil, comido pelos vermes. A pé, vestido dessa maneira e com um arco ao ombro, mais valia cortares já o pescoço. Seria mais rápido do que se fossem os franceses a fazê-lo.

— Pode ser que isto te seja útil — interveio o padre Hobbe, oferecendo a Thomas um embrulho de fazenda negra que, desenrolado, mostrou ser o hábito de um frade dominicano. — Falas latim, Tom — disse o padre. — Podes passar muito bem por um pregador itinerante. Se te perguntarem, dizes que vais de Avinhão para Aachen.

Thomas agradeceu-lhe.

— Há muitos dominicanos a viajar com um arco?

— Rapaz — respondeu o padre Hobbe, tristemente. — Posso sabotar-te os

calções e pôr-te as partes ao vento, mas, nem mesmo com a ajuda do Senhor, poderei urinar por ti.

— Por outras palavras — explicou Skeat. — Arranja-te. Foste tu que te meteste em todo este sarilho, Tom, tens de ser tu a sair dele.

Apreciei muito a tua companhia, rapaz. Quando te vi pela primeira vez, pensei que fosses um inútil e não eras, mas agora és. Mas, boa sorte, rapaz — estendeu a mão que Thomas apertou. — Podes até ir para Guingamp com a condessa — terminou Skeat. — Depois

encontras o teu caminho. Mas o padre Hobbe quer primeiro salvar-te a alma. Só Deus sabe porquê.

O padre Hobbe desmontou e levou Thomas para a igreja sem telhado, onde a relva e as ervas daninhas cresciam por entre as lajes e onde insistiu em ouvir Thomas em confissão. Este sentia-se suficientemente abjecto e mostrava-se contrito.

O padre Hobbe fez-lhe sinal que estava preparado.

— Mataste um homem, Tom — disse, em tom grave. — É um grande pecado.

— Padre... — começou Thomas.

— Não, não, Tom, nada de desculpas. A Igreja diz que matar em combate é o dever de um homem para com o seu senhor, mas tu mataste à margem da lei. Que mal te tinha feito o pobre escudeiro? E

ele tinha mãe, Tom? Pensa nela. Não. Pecaste gravemente e tenho de te dar uma penitência pesada.

Thomas, de joelhos, olhou para cima e viu um milhafre a voar por entre as nuvens esparsas sobre as paredes queimadas da igreja.

Depois, o padre Hobbe aproximou-se mais, assomando-se por cima dele.

— Não te quero a resmungar padre-nossos, Tom — disse o padre.

— Vai ser uma coisa difícil. Uma coisa muito difícil — poisou a mão na cabeça

de Thomas. — A tua penitência é manteres a promessa que fizeste a teu pai — fez uma pausa, até ouvir a resposta de Thomas, mas o jovem nada disse.

— Ouviste? — perguntou furiosamente o padre Hobbe.

— Sim, padre.

— Vais encontrar a lança de São Jorge, Thomas, e devolvê-la a Inglaterra. É essa a tua penitência. E agora... — mudou para um latim

execrável. — Absolvo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

— fez o sinal da Cruz. — Não desperdices a tua vida, Tom.

— Creio que já o fiz, padre.

— És muito jovem. Nessa idade é o que nos parece. Quando somos novos, a vida tem de ser tristeza ou alegria — ajudou Thomas a erguer-se.

— Não estás pendurado numa corda, pois não? Estás vivo, Tom, e há ainda muita vida em ti — sorriu. — Pressinto que nos vamos encontrar de novo.

Thomas fez as suas despedidas e depois viu Will Skeat recolher o cavalo de sir Simon Jekyll e levar os hellequin para a nascente, deixando a carroça e a sua pequena escolta na aldeia em ruínas.

O chefe da escolta chamava-se Hugh Boltby. Era um dos melhores soldados de Skeat e acreditava que seria possível encontrar o inimigo no dia seguinte, próximo de Guingamp. Entregaria a condessa e depois regressaria para ir ter com Skeat.

— O melhor era não estares vestido de arqueiro, Tom —

acrescentou. Thomas caminhava ao lado da carroça conduzida por Pierre, o velho que fora pressionado por sir Simon. Jeanette não o convidou a entrar, fingindo até que ele nem existia, embora na manhã seguinte, depois de terem acampado numa quinta abandonada, tenha dado uma gargalhada, ao vê-lo com o hábito de frade.

— Lamento o que aconteceu — disselhe Thomas. Jeanette encolheu os ombros.

— Pode ter sido melhor assim. Já deveria ter ido ter com o duque Charles no Inverno passado.

— Porque não haveis ido, senhora?

— Nem sempre foi bom para mim — respondeu, pensativa. —

Mas talvez agora já seja diferente.

Convencera-se de que a atitude do duque se poderia ter alterado devido às cartas que lhe enviara, cartas que o tinham ajudado, quando conduzira as suas tropas contra a guarnição de La Roche-Derrien. Também precisava de acreditar que o duque a receberia bem, pois necessitava desesperadamente de um lar seguro para o filho, Charles, que gozava agora a aventura de viajar numa carroça velha e desgongçada. Jeanette despertara cheia de optimismo acerca da sua nova vida e pensava que, juntos, poderiam começar vida nova em Guingamp. Vira-se forçada a sair de La Roche-Derrien numa pressa frenética, metendo na carroça a armadura recuperada, a espada e algumas roupas. Thomas suspeitava que Will lhe tivesse dado algum dinheiro, mas as suas verdadeiras esperanças recaíam sobre o duque Charles que, segundo disse a Thomas, decerto lhe arranjará uma casa e emprestaria dinheiro de avanço sobre as rendas de Plabennec.

— De certeza que vai gostar de Charles, não é verdade? —

perguntou a Thomas.

— Claro — disse Thomas, olhando para o filho de Jeanette que sacudia as rédeas e dava estalos com a língua num esforço vão de obrigar o cavalo a seguir mais depressa.

— E vós o que fareis? — perguntou Jeanette.

— Hei-de sobreviver — respondeu Thomas, sem querer admitir que não sabia. Provavelmente iria para a Flandres, se lá conseguisse chegar. Juntarse-ia a qualquer outro grupo de arqueiros e rezaria todas as noites para que sir Simon Jekyll nunca mais lhe surgisse ao caminho. Quanto à penitência, a lança, não fazia a mínima idéia onde haveria de a encontrar ou, se a encontrasse, onde a devolver.

No segundo dia de viagem, Jeanette decidiu que, afinal, Thomas era amigo.

— Quando chegarmos a Guingamp — disselhe. — Encontrareis um sítio para ficar e convencerei o duque a dar-vos um salvo-conduto. Até um frade itinerante poderá lucrar com um salvo-conduto do duque da Bretanha.

Mas os frades não transportavam arcos, muito menos os longos arcos de guerra ingleses e Thomas não sabia o que fazer com o seu.

Detestava ter de o abandonar, mas teve uma idéia ao ver umas tábuas queimadas, esquecidas na quinta. Partiu um bocado de pau enegrecido e pregou-o, atravessado, sobre o arco sem a corda, transformando-o assim numa cruz de peregrino. Lembrava-se de um dominicano que uma vez visitara Hookton e que tinha um bordão semelhante. Esse frade com o cabelo tão curto, que parecia careca, pregara um violento sermão no exterior da igreja, até que o pai de Thomas se cansou do discurso e o mandou embora. Thomas pensou que agora poderia imitar esse homem. Jeanette sugeriu que prendesse umas flores no bordão, para melhor o disfarçar, de modo que enrolou nele trevos que cresciam altos e ásperos pelos campos abandonados.

A carroça, puxada por um cavalo magro, proveniente do saque de Lannion, seguia aos solavancos em direcção ao Sul. Os homens-de-armas mostravam-se cada vez mais cautelosos, à medida que se aproximavam de Guingamp, temendo uma emboscada de besteiros proveniente dos bosques que rodeavam a estrada deserta. Um dos homens tinha uma trompa de caça que fazia soar constantemente, para avisar o inimigo da sua aproximação e para mostrar que vinham em paz, enquanto que Boltby amarrara um bocado de pano branco à ponta da lança. Não houve qualquer emboscada mas, a poucas

milhas de Guingamp avistaram um vau onde um bando de soldados inimigos os aguardava. Dois homens-de-armas e uma dúzia de besteiros avançaram, com as armas prontas a disparar. Boltby chamou Thomas, que seguia na carroça.

— Fala com eles — ordenou. Thomas ficou nervoso.

— O que é que lhes digo?

— Dá-lhes a bênção, por amor de Deus — disse Boltby, com desagrado. — Depois, diz-lhes que estamos aqui em paz.

Assim, com o coração aos saltos e a boca seca, Thomas seguiu pela estrada. O hábito negro esvoaçava-lhe em volta dos tornozelos, enquanto acenava para os

besteiros.

— Baixai as armas — gritava em francês. — Baixai as armas. Os ingleses vêm em paz.

Um dos cavaleiros picou a montada e avançou. Tinha no escudo, como insígnia, o mesmo arminho branco que o dos homens do duque John. Mas estes apoiantes do duque Charles tinham rodeado o animal com uma cercadura azul, com flores-de-lis pintadas.

— Quem sois, padre? — perguntou o cavaleiro.

Thomas ia responder, mas não lhe saíram palavras. Olhou de boca aberta para o cavaleiro que tinha um bigode ruivo e estranhos olhos amarelos. Um patife com ar perigoso, pensou Thomas, erguendo a mão para tocar na pata de São Guinefort. Talvez que o santo o tivesse inspirado, pois sentiu-se, de súbito, possuído de malícia e começou a apreciar o seu papel de padre.

— Sou apenas um dos mais humildes filhos de Deus —

respondeu em tom untuoso.

— Sois inglês? — perguntou, desconfiado, o soldado. O francês de Thomas era quase perfeito, mas era o francês falado pelos

governantes de Inglaterra e não a língua de França.

Thomas sentiu de novo o pânico a agitar-lhe o peito, mas ganhou tempo a fazer o sinal da Cruz e, à medida que a mão se movia, chegava-lhe a inspiração.

— Sou escocês, meu filho — disse, o que afastou as suspeitas do homem dos olhos amarelos, pois os Escoceses tinham sido sempre aliados de França. Thomas nada sabia da Escócia, mas duvidava que existissem muitos franceses e bretões que o soubessem, pois ficava longe e era, pelo que se dizia, um local pouco convidativo. Skeat sempre afirmara tratar-se de um país de pântanos, rochas e pagãos duas vezes mais difíceis de matar que qualquer francês.

— Sou escocês — repetiu Thomas. — E trago uma parente do duque, que arrebatei às mãos dos ingleses.

O homem-de-armas olhou para a carroça.

— Uma parente do duque Charles?

— Haverá por aí outro duque? — perguntou Thomas com ar inocente. — Trata-se da condessa de Armórica — prosseguiu. — O

filho vem com ela, é sobrinho-neto do duque e conde por direito próprio. Os ingleses tinham-nos prisioneiros há seis meses, mas pela graça de Deus, concordaram em libertá-los. Sei que o duque a quererá receber.

Thomas apresentou o título de Jeanette e o seu parentesco com o duque como uma tigela de nata que o inimigo engoliu. Permitiram que a carroça prosseguisse e Thomas ficou a ver Hugh Boltby afastar-se para conduzir os seus homens num rápido galope, desejoso de se distanciar o mais possível dos besteiros. O chefe dos soldados inimigos falou com Jeanette e ficou impressionado com a sua altivez.

Sentir-se-ia honrado de escoltar a condessa até Guingamp, embora a

avisasse de que o duque não tinha ainda chegado, mas vinha já de regresso de Paris. Sabia-se que estava em Rennes, uma cidade que ficava a um dia de viagem, para nascente.

— Levais-me a Rennes? — perguntou Jeanette a Thomas.

— É o que desejais, senhora?

— Um jovem é sempre útil — disse. — Pierre é velho — apontou para o criado. — E já perdeu a força. Além do mais, se quereis ir para a Flandres, tereis de atravessar o rio em Rennes.

Assim, Thomas fez-lhe companhia durante os três dias que a velha carroça levou a fazer a viagem. Para lá de Guingamp, não era necessária escolta, pois havia pouco perigo de assaltos ingleses neste ponto da Bretanha e a estrada estava bem patrulhada pelas forças do duque. A região parecia estranha a Thomas, que se acostumara a campos verdejantes, pomares descuidados e aldeias desertas, mas aqui, as quintas estavam habitadas e pareciam prósperas. As igrejas eram maiores e com vitrais, e cada vez menos pessoas falavam bretão.

Estavam ainda na Bretanha, mas a língua aí usada era o francês.

Ficaram em tabernas do campo que tinham pulgas na palha.

Jeanette e o filho ocupavam o que passava por ser o melhor quarto, enquanto Thomas dividia o estábulo com os dois criados.

Encontraram dois padres na estrada, mas nenhum deles desconfiou que Thomas fosse um impostor. Saudou-os em latim, que falava melhor que eles, e ambos lhe desejaram um bom dia e uma fervorosa bênção de Deus. Thomas quase lhes sentiu o alívio, por não terem de continuar a conversa. Os dominicanos não eram apreciados pelos padres das paróquias. Os frades eram também sacerdotes, mas estavam encarregados da supressão da heresia, de modo que uma visita dos dominicanos sugeria que o pároco não cumpria o seu

dever; nem um frade rude, alegre e jovem, como Thomas, seria bem-vindo.

Chegaram a Rennes à tarde. Viam-se nuvens escuras a oriente, contra as quais a cidade parecia maior que qualquer terra em que Thomas tivesse estado. As muralhas eram duas vezes mais altas que as de Lannion ou de La Roche-Derrien e tinham torres com telhados pontiagudos, de poucos em poucos metros, para servirem de botaréus, de onde os besteiros podiam lançar virotes sobre qualquer força atacante. Sobre as muralhas, ainda mais alta que as ameias, as torres das igrejas ou da catedral, estava a cidadela, um bastião de pedra clara ornamentada com pendões. O cheiro da cidade, um fedor a fossa, curtumes e fumo, flutuava para poente, levado pelo vento frio.

Os guardas da porta poente ficaram entusiasmados ao descobrirem as flechas dentro da carroça, mas Jeanette convenceu-os de que se tratavam de troféus que queria entregar ao duque. Depois quiseram lançar um imposto sobre a bela armadura e Jeanette convenceu-os de novo, usando copiosamente o nome do nobre. Os soldados acabaram por ceder, permitindo que a carroça entrasse nas ruas estreitas, onde as tendas de comércio vinham até à estrada. Os pedintes corriam à volta e os soldados empurravam Thomas, que conduzia o cavalo. A cidade estava cheia de tropas. A maior parte dos homens-de-armas usava a insígnia do arminho branco dentro da cercadura, mas muitos apresentavam o graal verde de Génova nas suas túnicas. A presença de tantos soldados confirmava que o duque estava de fato na cidade, preparando-se para a campanha que haveria de expulsar os ingleses da Bretanha.

Encontraram uma taberna por baixo das enormes torres gémeas

da catedral. Jeanette queria aprontar-se para a audiência com o duque e pediu um quarto particular, embora tudo o que conseguisse com o dinheiro fosse um compartimento cheio de aranhas, por baixo das traves do telhado da taberna. O estalajadeiro, um homem pálido, com um tique, sugeriu que Thomas ficaria mais bem instalado no convento dominicano, junto à igreja de São Germano, a norte da catedral. Porém, Thomas declarou que a sua missão era ficar entre os pecadores e não entre os santos, de modo que o estalajadeiro lhe disse, de má vontade, para dormir na carroça de Jeanette, estacionada no pátio.

— Mas nada de pregações, padre — acrescentou o homem. —

Nada de pregações. Já há que chegue na cidade. Não é preciso virem estragar as Três Chaves.

A criada de Jeanette escovou o cabelo da sua ama e enrolou-lhe as tranças negras por cima das orelhas e a seguir envergou-lhe um vestido de veludo vermelho que escapara ao saque da casa. Tinha uma saia que saía justamente por baixo dos seios e chegava até ao chão, enquanto o corpete, cingido ao pescoço, mostrava um complicado bordado de flores de milho e margaridas. As mangas cheias, debruadas a pele de raposa caíam-lhe até aos sapatos vermelhos, com fivelas de osso. O toucado era idêntico ao vestido e estava debruado com a mesma pele, adornado com um véu de renda azul-escuro. Cuspiu no rosto do filho para lhe limpar a sujidade e depois levou-o para o pátio da taberna.

— Achais bem o véu? — perguntou ansiosamente a Thomas. Este encolheu os ombros.

— A mim parece-me bem.

— Não. A cor! Fica bem com o vermelho?

Ele acenou afirmativamente, escondendo a surpresa. Nunca a vira tão elegantemente vestida. Agora sim, parecia uma condessa, enquanto o filho vestira um fatinho limpo e tinha o cabelo húmido e penteado.

— Vais conhecer o teu tio-avô! — disse Jeanette a Charles, lambendo um dedo para lhe esfregar de novo a sujidade do rosto. —

E ele é sobrinho do rei de França. Quer dizer que ainda és aparentado com o Rei! Claro que és! Não és um felizardo?

Charles encolheu-se para escapar aos carinhos da mãe, mas esta nem deu por isso, pois estava ocupada a instruir Pierre, o criado, de como haveria de meter a armadura e a espada numa saca enorme.

Queria que o duque as visse.

— Quero que ele saiba — disse a Thomas — que quando o meu filho tiver idade, lutará por ele.

Pierre, que afirmava ter setenta anos, ergueu a saca e quase caiu sobre ela com o peso. Thomas ofereceu-se para a transportar até à cidadela, mas Jeanette nem quis ouvir tal coisa.

— Podeis passar por escocês por entre o povo, mas no séquito do duque pode haver alguém que já tenha estado nessas paragens —

alisou as rugas da saia de veludo vermelho. — Esperai aqui — disse a Thomas. — Depois mando Pierre com um recado, talvez até com algum dinheiro. Decerto o duque há-de ser generoso. Vou exigir um salvo-conduto para vós. Que nome haveis de utilizar? Um nome escocês? Apenas Thomas, o frade? Assim que te vir — falava agora para o filho — vai imediatamente abrir a bolsa, não achas? Claro que sim.

Pierre conseguiu pôr ao ombro a saca da armadura, sem cair sobre ela, e Jeanette deu a mão ao filho.

— Mando-vos um recado — prometeu a Thomas.

— Deus te abençoe, minha filha — disse Thomas. — E que o bendito São Guinefort te proteja.

Jeanette franziu o nariz ao ouvi-lo mencionar São Guinefort, que soubera por Thomas ser realmente um cão.

— Prefiro confiar em São Renano — disse com ar reprovador e com essas palavras, saiu.

Pierre e a mulher seguiram-na e Thomas ficou à espera no pátio, oferecendo a sua bênção aos moços de estrebaria, gatos vadios e taberneiros. Se fores suficientemente louco, dissera-lhe o pai uma vez, ou te fecham no manicómio ou fazem de ti um santo.

A noite caiu, húmida e fria, com rajadas de vento suspirando por entre as torres da catedral e fazendo restolhar o tecto de colmo da estalagem. Thomas lembrou-se da penitência exigida pelo padre Hobbe.

A lança seria verdadeira? Teria realmente esmagado as escamas de um dragão, espetado as suas costelas e lacerado um coração pelo qual passava sangue frio? Pensava que fosse verdadeira. O pai acreditara e, embora pudesse ter sido louco, nunca fora tolo. E a lança parecia velha, muito, muito velha. Dantes, Thomas rezava a São Jorge, mas já não o fazia, o que lhe causava remorsos. Assim, ajoelhou ao lado da carroça e pediu ao santo que lhe perdoasse os pecados, que lhe perdoasse a morte do escudeiro e por estar a fingir ser frade. Não quero ser uma pessoa má, disse ao matador do dragão, mas é tão fácil esquecer o céu e os santos. E se desejardes, rezou, encontrarei a lança, mas deveis dizer-me o que fazer com ela. Deveria devolvê-la a Hookton, que, tanto quando sabia, tinha deixado de existir? Ou talvez a quem a possuísse antes do avô a ter roubado? E quem seria o

seu avô? E porque se teria o pai escondido da família? E porque o teria a família perseguido para recuperar a lança? Thomas não o sabia e, durante os últimos três anos, pouco se importara, mas de súbito, ali, no pátio da taberna, sentiu-se consumido pela curiosidade. Tinha de fato uma família, algures. O avô fora soldado e ladrão, mas quem seria? Acrescentou mais uma oração a São Jorge para que lhe permitisse descobri-lo.

— Estais a rezar para que chova, padre? — perguntou um dos moços de estrebaria. — Parece que sim. Bem precisamos.

Thomas poderia ter comido na taberna, mas sentiu-se repentinamente nervoso por ter de se encontrar num aposento cheio de gente, onde os soldados do duque e as suas mulheres falavam com jactância, cantavam, e brigavam. Nem conseguia enfrentar as cínicas suspeitas do estalajadeiro. O homem ficara intrigado por Thomas não querer ir para o convento e ainda mais por ver um frade a viajar com uma mulher tão bela.

— E minha prima — dissera Thomas ao homem, que fingira acreditar na mentira, mas Thomas não tinha vontade de responder a mais perguntas, de modo que se deixou ficar no pátio, onde comeu uma pobre refeição de pão seco, cebolas ácidas e queijo duro, o único alimento que restava na carroça.

Começou a chover e Thomas retirou-se para dentro da carroça, escutando os pingos a bater na cobertura de lona. Pensou em Jeanette e no rapazinho, que deveriam estar a comer delícias açucaradas em pratos de prata antes de os mandarem deitar em lençóis de linho numa alcova de paredes cobertas de tapeçarias. Começou a ter pena de si próprio. Era um fugitivo, Jeanette a sua única aliada, era demasiado nobre e poderosa para ele.

Os sinos anunciaram o fecho das portas da cidade. Os guardas percorriam-na em busca de fogueiras que pudessem destruí-la em poucas horas. As sentinelas tremiam de frio sobre as muralhas e os pendões do duque Charles esvoaçavam no alto da cidadela. Thomas estava entre os seus inimigos, protegido apenas pela sua inteligência e por um hábito dominicano. E estava só.

Jeanette sentia-se cada vez mais nervosa, ao aproximar-se da cidadela, mas convencera-se de que Charles de Blois a aceitaria como sua dependente, uma vez que conhecesse a criança que recebera o seu nome. Além do mais, o marido de Jeanette sempre dissera que o duque gostaria dela, se a pudesse conhecer melhor. Era verdade que, no passado, sempre se mostrara frio, mas as cartas dela deveriam tê-lo convencido da sua fidelidade. Pelo menos, haveria certamente de ter a delicadeza de acudir a uma mulher em apuros.

Para sua grande surpresa foi mais fácil entrar na cidadela do que passar a porta da cidade. Com um aceno, as sentinelas mandaram-na atravessar a ponte levadiça e depois a arcada que a conduziu a um pátio todo à volta com estábulos, cocheiras e armazéns. Duas dezenas de homens-de-armas treinavam o manejo da espada, o que na semi-obscuridade do fim da tarde, gerava centelhas de luz. Mais centelhas saíam da forja onde um cavalo estava a ser ferrado e Jeanette sentiu o cheiro do casco queimado misturado com o fedor do estrume e de um cadáver em decomposição, suspenso por correntes no muro do pátio. Uma tabuleta lacónica e mal escrita informava que o homem fora um ladrão.

Um camareiro fê-la passar por uma segunda arcada e entrar numa câmara gelada, onde cerca de vinte peticionários esperavam para falar com o duque. Um escrivão anotou o seu nome, erguendo uma

sobrancelha, num gesto de silenciosa surpresa, quando ela se fez anunciar.

— Sua graça será informada da vossa presença — disse o homem, numa voz enfadada, indicando depois um banco de pedra encostado às paredes altas do aposento.

Pierre poisou a armadura no chão e acocorou-se ao lado, enquanto Jeanette se sentou. Alguns dos peticionários andavam de um lado para outro, apertando contra si rolos de pergaminho, murmurando silenciosamente as palavras que utilizariam quando fossem recebidos pelo duque, enquanto que outros se queixavam aos escrivães que esperavam já havia três, quatro, ou até mesmo cinco dias. Quanto tempo mais? Um cão levantou a pata contra um pilar, depois dois rapazinhos de seis ou sete anos correram pelo aposento com espadas de madeira. Olharam uns segundos para os peticionários e depois subiram a correr a escadaria guardada por homens-de-armas.

Jeanette gostaria de saber se seriam filhos do duque e já imaginava Charles a fazer amizade com os rapazes.

— Vais ser feliz aqui — disselhe.

— Tenho fome, mamã.

— Já vamos comer.

Esperou. Duas mulheres atravessaram a galeria no cimo das escadas, envergando pálidos vestidos de linho rico que parecia flutuar enquanto caminhavam, e Jeanette sentiu-se de súbito mal arranjada no seu amarrotado traje de veludo vermelho.

— Tens de se ser delicado na presença do duque — disse a Charles, que começava a ficar impertinente com fome. — Ajoelhas diante dele, sabes como é? Ajoelha para eu ver.

— Quero ir para casa — disse Charles.

— Mostra à mamã como sabes ajoelhar. Pronto!

Jeanette despenteou o cabelo do filho, num gesto de agrado e imediatamente o tentou assentar de novo. Lá de cima, chegava o som doce e leve de uma harpa e

de uma flauta e Jeanette pensou, ansiosa, na vida que desejava. Uma vida adequada a uma condessa, cheia de música e homens bem-parecidos, elegância e poder. Reconstruiria Plabennec, embora não soubesse com quê, mas faria uma torre maior e uma escadaria como a daquele aposento. Passou uma hora e depois outra. Estava já escuro e o salão era fracamente iluminado por dois archotes que lançavam fumo na direcção ao tecto ornamentado de cercaduras. Charles mostrava-se cada vez mais impertinente e ela pegou-lhe ao colo, tentando embalar-lo para que adormecesse. Dois padres, de braço dado, desceram lentamente as escadas, rindo, e logo a seguir veio para baixo um criado, com a libré do duque. Todos os peticionários se ergueram e olharam-no ansiosamente. Este dirigiu-se à mesa do escrivão, falou uns instantes com ele, depois voltou-se e fez uma reverência a Jeanette.

Esta levantou-se.

— Esperem aqui — disse aos dois criados.

Os outros peticionários lançaram-lhe olhares cheios de ressentimento. Fora a última a entrar no aposento e era primeira a ser chamada. Charles arrastava os pés e Jeanette deu-lhe uma leve palmada na cabeça para lhe recordar as boas maneiras. O criado caminhava silenciosamente a seu lado.

— Sua graça está de boa saúde? — perguntou Jeanette nervosa.

O criado não respondeu, limitando-se a conduzi-la pelas escadas acima, voltando depois à direita, na galeria, por cujas janelas a chuva entrava. Passaram um arco, subiram mais um lanço de degraus no

cimo dos quais um outro criado abriu uma porta de par em par.

— O conde de Armórica — anunciou. — E sua mãe!

O aposento circular estava por certo situado numa das torres da cidadela. Havia uma enorme lareira de um lado, enquanto que seteiras cruciformes se abriam para a enorme humidade escura para além das paredes. A câmara estava profusamente iluminada por quarenta ou cinquenta velas lançando a sua luz sobre as tapeçarias suspensas, uma enorme mesa polida, uma cadeira, um genuflexório com cenas da paixão de Cristo entalhadas e um divã coberto de peles.

O chão estava atapetado com peles de veado. Dois escrivães trabalhavam numa mesa mais pequena, enquanto o duque, maravilhoso nas suas vestes azul forte debruadas a arminho, com uma touca a condizer, se sentava à mesa grande. Um padre de meia-idade, magro, grisalho e de rosto comprido, estava de pé, junto ao genuflexório e observava Jeanette com uma expressão de desagrado.

Esta inclinou-se diante do duque e empurrou o filho.

— Ajoelha — murmurou.

Charles começou a chorar escondendo o rosto nas saias da mãe.

O duque estremeceu ao ouvir o ruído da criança, mas nada disse.

Era ainda jovem, mais perto dos trinta que dos vinte anos, com um rosto pálido e atento. Era magro, de barba e bigode louros e mãos longas e ossudas que apertava diante da boca contraída. Tinha reputação de homem sábio e piedoso, mas havia uma certa petulância na sua expressão, que fez com que Jeanette se acautelasse.

Desejou ouvi-lo falar, mas os quatro homens que se encontravam no aposento, limitavam-se a observá-la em silêncio.

— Tenho a honra de apresentar a vossa graça, o vosso sobrinho-neto — disse Jeanette, empurrando o choroso filho para diante. — O

conde de Armórica.

O duque olhou para o rapazinho. O seu rosto nada traía.

— Chama-se Charles — disse Jeanette, mas bem poderia ter ficado calada, pois o duque não lhe respondeu. O silêncio era apenas quebrado pelo choro da criança e o estalar das chamas na enorme lareira. — Julgo que vossa graça tenha recebido as minhas cartas —

disse Jeanette nervosa.

De súbito o padre falou, sobressaltando a condessa.

— Haveis chegado com um criado que carrega um fardo — disse este em voz

aguda. — De que se trata?

Jeanette apercebeu-se de que provavelmente o sacerdote teria pensado tratar-se de um presente para o duque e corou, por não se ter lembrado de o trazer. Mesmo uma coisa pequena seria um gesto tácito, mas olvidara simplesmente tal cortesia.

— Contém a armadura do meu defunto marido — respondeu. —

Foi resgatada aos ingleses, que me deixaram sem nada. Nada. Guardo a armadura e a espada para o meu filho, para que ele um dia possa combater pelo seu legítimo senhor — inclinou a cabeça na direcção do duque.

Este ergueu os dedos. Pareceu a Jeanette que nunca pestanejava, o que era tão perturbador como o seu silêncio.

— Sua graça gostaria de ver a armadura — anunciou o padre, embora o duque não tivesse mostrado qualquer sinal de desejar o que quer que fosse. O padre estalou os dedos e um dos escrivães saiu do aposento. O segundo, armado de uma pequena tesoura percorreu a sala cortando os pavios das muitas velas nos seus candelabros de ferro. O duque e o padre ignoraram-no.

Este falou de novo.

— Dizíeis haver enviado cartas a sua graça. A respeito de quê?

— Escrevi a respeito das defesas de La Roche-Derrien, padre, e avisei sua graça do ataque inglês a Lannion.

— Vós o dizeis — respondeu o padre. — Sois vós que o dizeis. —

Charles continuava a chorar e Jeanette apertou-lhe a mão com força, na esperança de o sossegar, porém apenas o fez soluçar ainda mais. O

escrivão, de costas para o duque, ia de vela em vela. A tesoura estalava, uma leve baforada de fumo ondulava por um momento, depois a chama aumentava e ficava mais firme. Charles começou a chorar ainda mais.

— Sua graça não gosta de crianças birrentas — afirmou o sacerdote.

— Tem fome, padre — explicou Jeanette, nervosa.

— Haveis vindo com dois criados?

— Sim, padre — respondeu Jeanette.

— Podem ir comer com o rapaz na cozinha — disse o padre, fazendo estalar os dedos na direcção do escrivão que tratava das velas e que, abandonando a tesoura sobre o tapete, pegou na mão do assustado Charles. O rapazinho não queria deixar a mãe, mas foi arrastado e Jeanette estremeceu, quando o som do seu choro foi desaparecendo, à medida que descia as escadas.

O duque, para além de mexer os dedos, não se movera. Limitava-se a observar Jeanette com uma expressão enigmática.

— Dizeis que os ingleses vos deixaram sem nada? — O padre retomava o interrogatório.

— Roubaram-me tudo o que tinha!

O padre estremeceu ao escutar o tom apaixonado da sua voz.

— Se vos deixaram na penúria, senhora, porque não haveis antes buscado o nosso auxílio?

— Não desejava ser um fardo, padre.

— Mas agora já desejais ser um fardo?

Jeanette franziu a testa.

— Trouxe o sobrinho de vossa graça, o senhor de Plabennec. Ou preferireis que crescesse entre os ingleses?

— Não deveis ser impertinente, menina — disse o padre, pacientemente. O primeiro escrivão voltara a entrar no aposento transportando a saca, que esvaziou sobre as peles de veado diante da mesa do duque. Este olhou para a armadura durante alguns instantes e voltou a instalar-se na sua cadeira alta e entalhada.

— É muito bela — declarou o padre.

— Preciosa — concordou Jeanette.

O duque espreitou de novo a armadura. Não mexeu um único músculo do rosto.

— Sua graça aceita — disse o padre, fazendo logo depois um gesto com, a longa mão branca e o escrivão, que pareceu entender o que lhe era pedido e sem palavras, pegou na espada e na armadura e levou-os para fora do aposento.

— Ainda bem que sua graça aceita — disse Jeanette, fazendo outra reverência. Tinha uma idéia confusa de que o duque, apesar das suas anteriores palavras, concluía que a armadura e a espada eram um presente, mas não quais certificarse. Tudo seria aclarado mais tarde. Uma rajada de vento frio entrou pelas seteiras, trazendo pingos de chuva e fazendo estremecer violentamente a chama das velas.

— Então — continuou o padre —, o que desejais de nós?

— O meu filho precisa de abrigo, padre — disse Jeanette, nervosa.

— Necessita de um lar, de um sítio para crescer e aprender a ser um guerreiro.

— Sua graça aceita de boa vontade o vosso pedido — respondeu o sacerdote.

Jeanette sentiu-se invadida por uma enorme sensação de alívio. A atmosfera no aposento era tão pouco acolhedora que temeu ser expulsa sem nada, tal como chegara, porém as palavras do padre, embora friamente pronunciadas, diziam-lhe agora que não houvera razão para se ter preocupado. O duque aceitava as suas responsabilidades; fez então uma terceira reverência.

— Fico muito grata a vossa graça.

O sacerdote preparava-se para responder, mas, para surpresa de Jeanette, o duque ergueu uma mão branca e o padre curvou-se.

— É um grande prazer — disse o duque, num estranho tom de voz. — O vosso filho é-nos muito querido e desejamos que cresça para ser um guerreiro, como o pai — voltou-se para o padre e inclinou a cabeça. O sacerdote curvou-se gravemente e saiu do aposento.

O duque ergueu-se e dirigiu-se ao lume onde estendeu as mãos para as pequenas chamas.

— Viemos a saber — disse com ar distante — que as rendas de Plabennec não foram pagas nos últimos doze trimestres.

— Saiba vossa graça que os ingleses estão na posse do domínio.

— E vós estais em dívida para comigo — disse o duque franzindo a testa para o lume.

— Se vossa graça proteger o meu filho, estarei eternamente em dívida para convosco — disse Jeanette, humildemente.

O duque retirou a touca e passou a mão pelo cabelo louro.

Jeanette pensou que ele parecia mais novo e mais bondoso sem o

chapéu, mas ficou gelada ao ouvir as palavras que seguidamente pronunciou.

— Não quis que Henri se casasse convosco — deteve-se, abruptamente. Por um instante, Jeanette ficou muda, diante de tanta franqueza.

— O meu marido sempre lamentou a reprovação de vossa graça

— disse finalmente, em voz baixa.

O duque ignorou as palavras de Jeanette.

— Deveria ter-se casado com Lisette da Picardia. Tinha dinheiro, terras, rendeiros. Teria trazido enormes riquezas para a nossa família.

Em tempos difíceis, a riqueza é... — fez uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. — É uma almofada. Vós madame, não tendes almofada.

— Apenas a bondade de vossa graça — afirmou Jeanette.

— Encarrego-me de vosso filho — disse o duque. — Será educado na minha casa e treinado nas artes da guerra e da civilização, como compete à sua posição.

— Fico-vos muito grata — Jeanette estava cansada de tanta bajulação. Desejava

um sinal de afecto da parte do duque, mas desde que se dirigira à lareira, este não a olhava de frente.

De repente voltou-se.

— Há um advogado chamado Belas em La Roche-Derrien?

— De fato, saiba vossa graça que há.

— Disseme que vossa mãe era judia — pronunciou a última palavra com o maior desprezo.

Jeanette olhou-o, de boca aberta. Por momentos foi incapaz de pronunciar palavra. Recusava-se a acreditar que Belas tivesse dito tal coisa, mas por fim conseguiu abanar a cabeça.

— Não era tal! — protestou.

— Também nos disse — continuou o duque — que haveis feito uma petição a Eduardo de Inglaterra para que as rendas de Plabennec vos fossem pagas.

— Que outra alternativa teria eu?

— E que vosso filho tinha sido colocado sob a tutela de Eduardo

— acrescentou o duque intencionalmente.

Jeanette abriu e fechou a boca. As acusações vinham a tal velocidade, que não sabia como se defender. Era verdade que o filho tinha sido colocado sob a tutela do rei Eduardo, mas não por Jeanette. De fato, nem tinha estado presente, quando o duque de Northampton tomara tal decisão, mas antes de poder protestar ou explicar-se, o duque falou de novo.

— Belas disse-nos que muita gente na cidade de La Roche-Derrien se mostrava satisfeita com a ocupação inglesa.

— Algumas pessoas sim — admitiu Jeanette.

— E que vós, madame, tendes soldados ingleses em casa, para vos guardarem.

— Obrigaram-me a aquartelá-los! — exclamou, indignada. —

Vossa graça terá de acreditar em mim! Não os quis lá!

O duque abanou a cabeça.

— Parece-nos, madame, que haveis dado as boas-vindas aos nossos inimigos. Vosso pai era vinhateiro, não é verdade?

Jeanette estava demasiado aturdida para dizer o que quer que fosse. Apercebia-se aos poucos de que Belas a traíra ignobilmente, porém agarrava-se ainda à esperança de que o duque se convenceria da sua inocência.

— Não lhes dei as boas-vindas — insistiu. — Opus-me a eles!

— Mercadores! — disse o duque. — Gentes apenas leais ao dinheiro. Não têm honra. A honra não se aprende, madame. Nasce-se com ela. Tal como se cria um cavalo pela bravura e velocidade, ou um cão pela sua agilidade e ferocidade, assim se cria um nobre pela honra. Não podíeis transformar um cavalo de lavoura num alazão, nem um mercador num gentil-homem. É contra a natureza e as leis de Deus — fez o sinal da Cruz. — Vosso filho é o conde de Armórica e educá-lo-emos na honra, mas vós, madame, sois a filha de um mercador e de uma judia.

— Não é verdade! — protestou Jeanette.

— Não me griteis, madame — disse o duque em tom gelado. —

Sois um fardo para mim. Atreveis-vos a vir aqui, envolta em peles de raposa, esperando que vos desse abrigo? Que mais? Dinheiro?

Oferecerei um lar a vosso filho, madame, mas a vós, dar-vos-ei um marido. — Encaminhou-se para ela, com passo silenciosos sobre os tapetes de pele de veado. — Não vos mostrais adequada a ser a mãe do conde de Armórica. Haveis acolhido o inimigo, não tendes honra.

— Eu... — Jeanette começou de novo a protestar, mas o duque esbofeteou-a com toda a força.

— Vós ficareis em silêncio, madame — ordenou. — Em silêncio

— puxoulhe os cordões do corpete e quando ela se atreveu a resistir, voltou a

agredi-la. — Sois uma rameira, senhora — disse o duque e, depois, tendo perdido a paciência com as complicadas fitas cruzadas, agarrou na tesoura de cima do tapete e utilizou-a para as cortar e expor os seios de Jeanette. Esta estava tão desconcertada, atordoada e horrorizada que nem tentou proteger-se. Não se tratava de sir Simon Jekyll, mas do seu senhor, o sobrinho do rei e tio de seu esposo. —

Sois uma bela rameira, senhora — disse o duque, em tom de desprezo. — Como haveis enfeitado Henri? Bruxaria de judeus?

— Não — chorou Jeanette. — Não, por favor!

O duque abriu as vestes e Jeanette viu que estava nu por baixo.

— Não! — exclamou mais uma vez. — Não!

O duque empurrou-a com tanta força que ela caiu no divã. O

rosto dele continuava sem mostrar qualquer emoção — nem luxúria, nem prazer, nem raiva. Levantou-lhe as saias, ajoelhou sobre o divã e violou-a sem o menor sinal de deleite. Parecia vagamente raivoso e, quando terminou, deixou-se cair sobre ela e depois estremeceu.

Jeanette chorava. Ele limpou-se à saia de veludo.

— Vou tomar esta experiência, como pagamento das rendas de Plabennec, que estão em falta — afirmou. Saiu de cima dela, pôs-se de pé e aconchegou as vestes puxando-as pelo debrum de arminho. —

Sereis colocada numa alcova aqui, madame, e amanhã dada em casamento a um dos meus homens-de-armas. Vosso filho ficará cá, mas vós ireis para onde o vosso marido for enviado.

Jeanette chorava sobre o divã. O duque fez uma careta de desagrado, atravessou o aposento e ajoelhou no genuflexório.

— Componde o vosso vestido, madame — disse friamente. — E

acalmai-vos. Jeanette conseguiu recuperar as fitas cortadas para apertar o corpete

e depois olhou para o duque por entre a chama das velas.

— Não tendes honra — disse num murmúrio. — Não tendes honra.

O duque ignorou-a. Fez soar uma campainha, depois pôs as mãos e fechou os olhos para rezar. Continuava a fazê-lo, quando o padre e o criado chegaram para, sem uma palavra, levarem Jeanette pelo braço, conduzindo-a um pequeno quarto no andar inferior ao dos

aposentos do duque. Atiraram-na lá para dentro, fecharam a porta e ela ouviu correr uma tranca do outro lado. Havia um colchão de palha e uma molho de vassouras na improvisada cela, mas mais nada.

Deitou-se no colchão e soluçou até lhe doer o coração.

O vento uivava, a chuva batia na janela e Jeanette desejou estar morta.

os galos da cidade acordaram Thomas por entre o vento forte e a chuva torrencial que batia e repassava a cobertura da carroça.

Entreabriu o pano e sentou-se a olhar as poças que se formavam sobre o empedrado do pátio da estalagem. Não lhe chegara qualquer recado de Jeanette, mas também não esperara que tal acontecesse. Will Skeat tivera razão. Era dura como o aço e agora estava no local que lhe competia — e que naquela madrugada fria e húmida seria provavelmente um quarto aquecido com uma lareira acesa por um dos criados do duque — e já se teria esquecido da existência de Thomas.

Gostaria de saber de que recado estaria afinal à espera. De uma declaração de afecto? Sabia que era exactamente o que desejava, mas convencera-se de que apenas aguardava que Jeanette lhe enviasse o salvo-conduto assinado pelo duque, mesmo sabendo que não precisava dele. Poderia encaminhar-se para Oriente e para Norte, confiando na protecção do hábito dominicano. Não fazia a mínima idêia de como havia de chegar à Flandres, mas pensava que Paris ficasse mais ou menos perto dessa região, de modo que, o melhor seria começar a seguir o rio Sena desde Rennes até essa cidade. A sua maior preocupação era poder encontrar um verdadeiro dominicano pelo caminho, que rapidamente descobriria que Thomas mal tinha uma vaga idêia das regras da irmandade e desconhecia toda a sua

hierarquia. Consolava-se a pensar que os dominicanos escoceses estavam provavelmente tão afastados da civilização que tal ignorância não seria de espantar. Disse para consigo que haveria de sobreviver.

Olhava para a chuva a cair nas poças de água. Nada esperes de Jeanette ordenou a si próprio e, para provar que acreditava nessa agoirenta profecia, aprontou a sua parca bagagem. Desagradava-lhe deixar ficar a cota de malha, mas pesava demasiado, de modo que a abandonou dentro da carroça, porém, meteu os três molhos de flechas numa saca. As setenta e duas setas eram pesadas, com as pontas ameaçando romper o pano, mas sentia-se relutante a viajar sem elas, amarradas com corda de cânhamo, também usada para atar a faca à perna esquerda e que, tal como a bolsa do dinheiro, escondia sob o hábito negro.

Estava pronto a seguir, mas a chuva martelava agora a cidade como uma tempestade de flechas. Os trovões ribombavam a oeste, a chuva caía como chumbos sobre o colmo, escorria em catadupas dos telhados, fazendo deitar por fora os barris de água que lavavam o pátio da sujidade da noite. Chegou o meio-dia, marcado pelo repique abafado dos sinos e a cidade afogava-se ainda. Nuvens negras empurradas pelo vento rodopiavam em volta das torres da catedral e Thomas disse para consigo que partiria no momento em que a chuva abrandasse, só que o temporal se limitou a piorar. Os raios cintilavam sobre a catedral e o estrondo dos trovões fazia estremecer a cidade.

Thomas tremia assustado com a fúria dos céus. Via os relâmpagos reflectidos na grande janela do lado poente da catedral, assombrado com o espectáculo. Tantos vidros! Continuava a chover e receou ter de permanecer metido na carroça até ao dia seguinte. Depois, logo

seguir ao ribombar de um trovão que parecia querer assustar toda a cidade com a sua violência, viu Jeanette.

A princípio não a reconheceu. Viu apenas uma mulher, junto ao arco que servia de entrada ao pátio da estalagem, com a água a correr-lhe junto aos sapatos. Toda a gente em Rennes procurara abrigo, mas aquela mulher aparecia-lhe de súbito encharcada e infeliz. O cabelo que tão cuidadosamente enrolara sobre as orelhas, pendia liso e escuro sobre o ensopado vestido de veludo vermelho, e foi esse que Thomas reconheceu, mesmo antes de lhe notar a tristeza do rosto.

Saiu com dificuldade da carroça.

— Jeanette!

Ela chorava, a boca contorcida pelo desgosto. Parecia incapaz de pronunciar palavra, apenas estava ali a soluçar.

— Senhora! — disse Thomas. — Jeanette!

— Temos de ir — conseguiu ela dizer. — Temos de ir. — Usara fuligem em volta dos olhos como cosmético que agora escorrera, deixando-lhe traços cinzentos no rosto.

— Não podemos ir nisto! — afirmou Thomas.

— Temos de ir! — gritou-lhe zangada. — Temos de ir!

— Vou buscar o cavalo — respondeu Thomas.

— Não há tempo! Não há tempo — arrepanhava o vestido. —

Temos de ir. Já! — Tentava puxá-lo, para o fazer sair para a rua.

Thomas soltou-se e correu para a carroça, de onde retirou o seu arco disfarçado e a pesada saca. Pegou também na capa de Jeanette, que lá se encontrava, e passou-lha em volta dos ombros, embora ela não parecesse reparar.

— Que se passa? — perguntou Thomas.

— Vão descobrir-me aqui, vão descobrir-me aqui! — afirmava

Jeanette em pânico, puxando-o às cegas, para que saísse a arcada da taberna. Thomas conduziu-a para sul, metendo por uma rua íngreme que levava a uma bonita ponte de pedra sobre o Sena e depois à porta da cidade. Os portões principais estavam barrados, mas num deles havia uma portinha aberta e os guardas da torre não se preocuparam que um frade louco e encharcado quisesse levar uma maluca a soluçar para fora da cidade. Jeanette continuava a olhar para trás, temendo que a perseguissem mas, mesmo assim, não explicou a Thomas a razão do seu pânico e das suas lágrimas. Apenas caminhava a toda a pressa para Oriente, insensível à chuva, ao vento e à trovoadas.

O temporal acalmou ao cair da noite, quando estavam já perto de uma aldeia

onde encontraram o que parecia ser uma pobre taberna.

Thomas curvou-se para passar a porta baixa e pediu abrigo. Pôs umas moedas sobre a mesa.

— Preciso de abrigo para a minha irmã — disse, calculando que um padre que viajasse com uma mulher poderia levantar suspeitas. —

Abrigo, comida e lume — disse, acrescentando outra moeda.

— Vossa irmã? — o taberneiro, com o rosto marcado da varíola e cheio de quistos, espreitou Jeanette que se acorara à porta.

Thomas tocou na cabeça para indicar que ela era louca.

— Vou levá-la ao santuário de São Guinefort — explicou.

O taberneiro olhou para as moedas, espreitou novamente Jeanette e resolveu que o estranho casal poderia usar um estábulo vazio.

— Podeis fazer lá o lume — disse num resmungo. — Mas não queimeis o colmo.

Thomas acendeu o lume com brasas da cozinha, indo depois buscar comida e cerveja. Obrigou Jeanette a comer sopa e pão e a

aproximar-se do fogo. Levou quase duas horas a convencê-la, antes que ela lhe contasse a história, o que apenas a fez chorar de novo.

Thomas escutou estupefato.

— Mas como haveis escapado? — quis saber quando ela terminou. Uma mulher destrancara o quarto para ir buscar uma vassoura. Ficara desorientada ao ver que Jeanette lá se encontrava e ainda mais, quando a viu sair a correr. Jeanette fugira da cidadela, receando que os soldados a impedissem, mas nenhum reparara e tornara-se agora numa fugitiva. Tal como Thomas, só que havia perdido muito mais que ele. O filho, a honra, o futuro.

— Odeio os homens — declarou. Tremia de frio, pois o miserável lume feito com palha húmida e madeira podre mal lhe secara as roupas. — Odeio os

homens — repetiu, olhando para Thomas. —

Que vamos fazer?

— Vamos dormir — respondeu ele. — Amanhã seguimos para Norte. Jeanette acenou afirmativamente, mas Thomas pensou que ela não entendera as suas palavras. Jeanette estava desesperada. A roda da fortuna que a tão alto a guindara, levava-a agora às profundezas.

Dormiu durante algum tempo, mas quando Thomas acordou, na madrugada cinzenta, ouviu-a chorar baixinho e ficou sem saber o que dizer ou fazer: Resolveu deixar-se ficar estendido na palha até ouvir o ranger da porta da taberna e poder lá ir buscar comida e água. A mulher do taberneiro cortoulhe algum pão e queijo, enquanto o marido perguntou a Thomas se ia para muito longe.

— O santuário de São Guinefort é na Flandres — disse Thomas.

— Flandres! — disse o homem como se ele tivesse mencionado a outra face da Lua.

— A família já não sabe o que há-de fazer com ela — explicou

Thomas. — E eu não sei como hei-de chegar à Flandres. Pensei em ir primeiro a Paris.

— A Paris, não — disse a mulher do taberneiro com ar de desprezo. — Deveis ir a Fougères.

O pai dela, disse, tinha muitas vezes feito trocas comerciais com os países do Norte e estava certa de que o caminho de Thomas se faria por Fougères e Ruão. Não conhecia as estradas para lá de Ruão, mas tinha a certeza de que teria de lá chegar. Para começar, aconselhou a mulher, deveriam tomar uma pequena estrada em direcção ao Norte, à saída da aldeia. Atravessava o bosque, acrescentou o marido e teriam de ter cuidado, pois as árvores serviam de esconderijo a homens terríveis que fugiam à justiça, mas algumas milhas adiante chegariam à estrada principal para Fougères, patrulhada pelos homens do duque.

Thomas agradeceu-lhes, abençoou a casa e levou a comida a Jeanette, que se recusou a comer. Parecia ter esgotado as lágrimas e até a vida, mas, de boa

vontade, seguiu Thomas para Norte. A estrada, profundamente sulcada pelas rodas das carroças e escorregadia devido à lama provocada pela chuva do dia anterior, serpenteava pelo interior do bosque onde a água ainda pingava. Jeanette andou aos tropeções durante algumas milhas e logo começou a chorar.

— Tenho de voltar para Rennes — insistiu. — Quero voltar, para ir buscar o meu filho.

Thomas argumentou, mas não a demoveu. Por fim cedeu, mas quando deu meia volta para seguir para sul, ela começou a chorar ainda mais. Continuava a repetir que o duque dissera que ela não era capaz de ser mãe.

— Não sou capaz! Não sou capaz! — gritava aos céus. — Fez de

mim uma rameira! — depois ajoelhou na berma da estrada e soluçou descontroladamente. Tremia de novo e Thomas pensou que se não morresse de sezões, o desgosto, decerto, acabaria com ela.

— Vamos voltar para Rennes — disse Thomas, tentando encorajá-la.

— Não posso! — gemeu ela. — Vai fazer de mim uma rameira!

Uma rameira! — exclamou, balançando-se para trás e para diante a gritar num tom aflito e estridente.

Thomas tentou levantá-la, tentou obrigá-la a caminhar, mas ela recusou-se. Queria morrer, disse, só queria morrer.

— Uma rameira — gritava, arrancando a pele de raposa do vestido vermelho. — Uma rameira! Disse que não deveria usar peles.

Fez de mim uma rameira — atirou com a pele arrancada para os arbustos.

Não chovera de manhã, mas as nuvens amontoavam-se de novo a Oriente e Thomas, nervoso, tinha diante de si a alma desesperada de Jeanette. Como se recusasse a caminhar, pegou-lhe ao colo e levou-a até encontrar um atalho muito utilizado, que se internava por entre as árvores. Seguiu-o até chegar a uma cabana tão baixa e com o colmo de tal modo coberto de musgo, que a princípio pensou que fosse apenas um monte de terra entre as árvores; mas depois, viu o fumo cinzento azulado da madeira queimada a sair por um buraco do telhado.

Thomas estava preocupado com os fora-da-lei que deviam assolar a floresta, mas começava a chover e a cabana era o único refúgio à vista. Assim, Thomas poisou Jeanette no chão e gritou pelo que mais parecia a entrada de uma toca. Um velho, de cabelos grisalhos, olhos vermelhos e a pele escurecida pelo fumo, espreitou para ver quem era. Falava francês, com palavras e um sotaque da

região, tão cerrado que Thomas quase não o entendia; calculou que se tratasse de um guarda-florestal que ali vivesse com a mulher; o homem olhou avidamente para as moedas que Thomas lhe ofereceu e disse que podiam utilizar a pocilga vazia. O lugar fedia a palha podre e a trampa, mas o colmo era quase impermeável e Jeanette não pareceu importar-se. Thomas remexeu a palha velha e fez para Jeanette uma cama de fetos. O guarda-florestal, tendo recebido o dinheiro, pouco pareceu incomodar-se mais com os hóspedes. Mas a meio da tarde quando a chuva parou, Thomas escutou a mulher falar em surdina com o marido e, momentos depois, o velho saiu em direcção à estrada, mas sem levar consigo qualquer das ferramentas da sua profissão: nem machado, nem podadeira, nem serra.

Exausta, Jeanette dormia, de maneira que Thomas retirou do seu arco negro os trevos murchos, desprende a travessa que fazia de cruz e colocou de novo as extremidades de osso. Retesou a corda no teixo, meteu meia dúzia de flechas no cinto e seguiu o velho até à estrada, para se esconder atrás de uma moita.

O guarda-florestal voltou perto da noite com dois jovens, que Thomas calculou serem os fora-da-lei, contra os quais o tinham prevenido. O velho deveria ter calculado que Thomas e a mulher eram fugitivos, pois embora transportassem sacos e dinheiro andavam à procura de um esconderijo, o que fora suficiente para levantar suspeitas. Um frade não necessitava esconder-se por entre as árvores e mulheres que usavam vestidos debruados com restos de pele não procuravam a hospitalidade de um guarda-florestal. Sem dúvida que os dois jovens tinham sido chamados para ajudar a cortar o pescoço a Thomas, podendo depois dividir as moedas que encontrassem nele. O destino de Jeanette seria semelhante, mas mais

demorado.

Thomas lançou a primeira flecha para o chão, entre os pés do velho e a segunda, para uma árvore próxima.

— A seguinte mata — disse, sem que o pudessem ver, pois estava escondido nas sombras da moita. Com os olhos muito abertos, fitavam os arbustos, em que Thomas se escondia falando em voz lenta e profunda.

— Viestes com o assassinio na alma — disse. — Mas eu posso erguer os hellequin das profundezas do Inferno. Posso fazer com que as garras do demónio cortem o vosso coração e com que os mortos vos assombrem a existência. Deixareis em paz o frade e a irmã.

O velho caiu de joelhos. As suas superstições eram mais antigas do que o tempo e o Cristianismo mal lhes tinha tocado. Acreditava que havia duendes na floresta e gigantes na bruma. Sabia que existiam dragões. Ouvira falar de homens, de pele negra, que habitavam a Lua e que caíam na terra quando aquela encolhia, tomando a forma de foice. Tinha a certeza de que os fantasmas caçavam por entre as árvores. Conhecia tudo isto tão bem como os freixos, os lariços, os carvalhos e as faias, e não duvidava de que tivesse sido o demónio a cuspir a flecha estranhamente longa que saíra da moita.

— Ide-vos — disse aos companheiros. — Ide-vos! — Os dois fugiram e o velho tocou com a testa no monte de folhas. — Não foi por mal!

— Ide para casa! — ordenou Thomas

Esperou até o velho ter partido, depois arrancou a flecha da árvore e, nessa noite, dirigiu-se à cabana do guarda-florestal, baixou-se para entrar pela porta baixa e sentou-se junto à lareira, diante do

velho casal.

— Vou ficar aqui até a minha irmã recuperar o juízo — disselhes.

— Desejávamos esconder a sua vergonha do mundo, mais nada.

Quando partirmos oferecer-vos-emos uma recompensa, mas se de novo tentarem matar-nos, chamarei os demónios para que vos atormentem e deixarei os vossos cadáveres a servir de festim aos animais selvagens, que se escondem nas árvores — poisou uma moeda pequena no chão da lareira. — Levai-nos de comer todas as noites — disse à mulher — e agradecereis a Deus por eu vos perdoar, apesar de saber ler nos vossos corações.

Depois disso não causaram mais problemas. Todos os dias, o velho metia-se pelo bosque, com a podadeira e o machado, e todas as noites a mulher levava aos hóspedes papas de aveia ou pão. Thomas mungiu a vaca, matou um veado e pensou que Jeanette fosse morrer.

Durante muitos dias recusou-se a comer e, por vezes, ia encontrá-la balançando-se para trás e para diante no telheiro sujo, soltando um profundo lamento. Thomas receava que tivesse enlouquecido para sempre. O pai contava-lhe, às vezes, como eram tratados os loucos, como ele próprio fora tratado, e como a fome e a pancada eram as únicas curas.

— O diabo entra na alma — dissera o padre Ralph — e nunca poderá sair a bem. Só pela fome ou com pancadas. Pancadas e fome, rapaz, pancadas e fome, é o único tratamento que o diabo entende.

Mas Thomas não poderia, nem matar à fome, nem bater em Jeanette, e assim, tratou-a o melhor possível. Mantinha-a seca, convencia-a a beber leite quente, acabado de mungir, falava com ela durante a noite, penteava-a, lavava-lhe o rosto e, por vezes, enquanto ela dormia e ele estava sentado no telheiro a olhar para as estrelas,

através do emaranhado das árvores, interrogava-se se ele e os hellequin teriam deixado algumas vez mulheres tão perturbadas como Jeanette. Rezou para obter perdão. Rezou muito nesses dias e não a São Guinefort, mas sim à Virgem e a São Jorge.

As orações deveriam ter resultado, pois acordou uma madrugada e viu Jeanette sentada, à entrada da pocilga, o corpo magro, recortado na luz do novo dia. Voltou-se para ele, que já não lhe leu a loucura no rosto, mas sim uma profunda tristeza. Olhou-o longamente antes de falar.

— Foi Deus que vos mandou para junto de mim, Thomas?

— Se assim foi, fez-me um grande favor — replicou Thomas.

Ela sorriu, o primeiro sorriso que lhe vira no rosto, desde Rennes.

— Terei de me conformar — disse com toda a franqueza. —

Porque o meu filho está vivo e é bem tratado e um dia hei de encontrá-lo.

— Encontrá-lo-emos ambos — afirmou Thomas.

— Ambos?

Ele fez uma careta.

— Nunca cumpri as minhas promessas — disse. — A lança ainda está na Normandia, sir Simon está vivo e não sei como hei-de encontrar o vosso filho. Creio que as promessas nada valem. Mas vou fazer o que puder.

Ela estendeu-lhe a mão, para que ele lha tomasse, e assim se deixou ficar.

— Vós e eu fomos castigados — disse. — Provavelmente pelo pecado do orgulho. O duque tinha razão. Não sou aristocrata. Sou a filha de um mercador, mas pensei estar mais acima. Olhai agora para mim.

— Estais mais magra — disse Thomas. — Mas muito bela. Ela estremeceu ao cumprimento.

— Onde estamos?

— A um dia de viagem de Rennes.

— Só?

— Numa pocilga — acrescentou Thomas. — A um dia de viagem de Rennes.

— Há quatro anos, eu vivia num castelo — disse melancólica. —

Plabennec não era grande, mas era muito bonito. Tinha uma torre, um pátio, dois moinhos, um ribeiro e um pomar de maçãs muito vermelhas.

— Haveis de ver tudo isso de novo — afirmou Thomas. — Vós e vosso filho.

Lamentou ter mencionado a criança, pois os olhos dela encheram-se de lágrimas, que rapidamente limpou.

— Foi o advogado — disse.

— O advogado?

— Belas. Mentiu ao duque — havia na voz dela uma espécie de assombro pela traição do homem. — Disse ao duque que eu apoiava o duque Jean. E é o que farei, Thomas, é o que farei. Passarei a apoiar o vosso duque. Se for essa a única maneira de recuperar Plabennec e encontrar o meu filho, então apoiarei o duque Jean — apertou a mão de Thomas. — Tenho fome.

Passaram ainda outra semana na floresta, enquanto Jeanette recuperava as forças. Durante algum tempo, como um animal que procura escapar a uma armadilha, imaginava artifícios para se vingar imediatamente do duque e recuperar o filho, mas estes eram fantasiosos e inúteis e, à medida que os dias passaram, acabou por

aceitar o seu destino.

— Não tenho amigos — disse uma noite a Thomas.

— Tendes-me a mim, senhora.

— Morreram — continuou parecendo não o ter ouvido. — A minha família morreu. O meu marido morreu. Pensais que sou uma maldição para aqueles que amo?

— Penso que devemos partir para Norte — respondeu Thomas.

Jeanette ficou irritada com a sensatez dele.

— Não tenho a certeza de querer ir para Norte.

— Tenho eu — disse Thomas teimoso.

Jeanette apercebera-se de que, quanto mais para norte fosse, mais se afastava do filho, mas também não sabia que mais fazer e, nessa noite, como se aceitasse que passaria a ser conduzida por Thomas, foi ter com ele à sua cama de fetos e tornaram-se amantes. Depois chorou, mas voltou a fazer amor com ele, desta vez mais violenta, como que para abandonar a tristeza nos consolos da carne.

Partiram para Norte na manhã seguinte. Chegara o Verão, cobrindo os campos de verde. Thomas disfarçara de novo o arco, pregando nele a ripa de madeira e enfeitando-o com bons-dias e salgueirinha em vez de trevo. O seu hábito negro estava esfarrapado e ninguém o tomaria já por um frade; entretanto Jeanette

tinha arrancado os restos da pele de raposa do vestido de veludo vermelho, sujo, amarrotado e gasto. Pareciam os vagabundos, que afinal eram, e andavam como fugitivos, evitando as cidades e as aldeias maiores para escaparem a possíveis dissabores. Banhavam-se em regatos, dormiam debaixo das árvores e apenas se aventuravam a entrar em pequenas aldeias quando a fome lhes exigia a compra de alimentos e cidra numa qualquer taberna decrépita. Se lhes perguntavam,

afirmavam ser bretões, irmão e irmã, de viagem ao encontro de um tio, carnicheiro na Flandres. Se alguém desconfiava da história, também não se atrevia a enfrentar Thomas, alto e forte, sempre com a faca a postos. Porém, evitavam, de preferência, as aldeias e ficavam nos bosques, onde Thomas ensinou a Jeanette a pescar trutas nos ribeiros. Acendiam fogueiras, cozinhavam o peixe e cortavam fetos para fazer a cama.

Mantinhavam-se nas proximidades da estrada, embora fossem obrigados a dar uma volta enorme para escaparem à fortaleza de Saint-Aubin-du-Cormier e outra para evitarem a cidade de Fougères.

Algures, a norte dessa cidade, entraram na Normandia. Mungiram vacas nos pastos, roubaram um queijo enorme de dentro de uma carroça, parada à porta de uma igreja, e dormiram sob um tecto de estrelas. Já não faziam a mínima ideia do dia da semana ou mesmo do mês em que se encontravam. Estavam os dois queimados do sol e endurecidos pela jornada. A tristeza de Jeanette dissolvera-se numa nova alegria que atingiu o seu extremo quando descobriram uma cabana em ruínas, abandonada — apenas paredes de lama e palha —

sem telhado, num pequeno bosque de avelheiras. Limparam-na de urtigas e silvas e aí viveram mais de uma semana, sem verem ninguém, sem quererem ver ninguém, adiando o futuro porque o presente era tão feliz. Jeanette chorava ainda pelo filho e passava horas delineando extraordinários planos de vingança contra o duque, contra Belas e contra sir Simon Jekyll, mas gozava também a liberdade daquele Verão. Thomas preparara de novo o arco para caçar e Jeanette, agora mais forte, já conseguia puxá-lo quase até ao queixo.

Ignoravam ambos o local onde se encontravam, mas também não se importavam. A mãe de Thomas contara-lhe uma história

quando era pequeno, em que duas crianças fugiam para a floresta e eram criadas pelos animais. «Cresceram-lhes pêlos por todo o corpo.

Tinham garras, cornos e presas» dizia-lhe. Por vezes, Thomas examinava as mãos para ver se lhe cresciam demais as unhas, mas nada. Sentia-se satisfeito, mesmo que se estivesse a transformar num animal. Raramente fora tão feliz, mesmo sabendo que o Inverno, embora ainda longe, haveria de chegar. Assim, talvez cerca de uma semana depois do dia de São João, seguiram de novo para Norte em busca de qualquer coisa que nenhum dos dois conseguia imaginar.

Thomas sabia ter prometido recuperar a lança e o filho de Jeanette, mas ignorava como poderia fazê-lo. Sabia apenas que teria de chegar a um sítio onde alguém, como Will Skeat, o tomasse ao seu serviço, mas também não podia falar com Jeanette acerca de tal futuro. Ela não queria saber de arqueiros, nem de exércitos, nem sequer de homens ou de cotas de malha.

Porem, tal como ele, sabia não poder manter-se escondida para sempre. — Vou para Inglaterra — disselhe. — Vou apelar ao teu rei.

— De todos os artifícios com que sonhara, este era o único que fazia sentido. O conde de Northampton colocara o filho sob a protecção do rei de Inglaterra. Assim, deveria apelar para Eduardo, na esperança de que ele a apoiasse.

Dirigiram-se para Norte, sem nunca perder de vista a estrada para Ruão. Atravessaram um rio a vau e entraram numa região dividida em pequenos campos, profundos bosques e montes íngremes e algures nessa terra verde, de que nenhum dos dois ouvira falar, a roda da fortuna girou de novo. Thomas sabia que essa roda governava a humanidade, que girava no escuro para determinar o bem e o mal, os altos e baixos, a saúde e a doença, a felicidade e a tristeza. Thomas

calculava que tivesse sido Deus a fabricá-la para ser o mecanismo, com o qual Ele governava o mundo. Estava ocupado no céu, mas nesse São João, quando as colheitas já se encontravam nas eiras, os gaivões no alto das árvores, as sorveiras-bravas estavam pejadas de bagas vermelhas e as pastagens brancas de margaridas, a roda girou para Thomas e Jeanette.

Um dia caminharam até à beira do bosque, para se certificarem de que ainda se avistava a estrada. Geralmente, pouco mais viam que um homem que levava vacas para a feira, seguido por um grupo de mulheres, com ovos e legumes para vender. Poderia passar um padre num cavalo velho e uma vez viram um cavaleiro com o seu séquito de criados e homens-de-armas. Todavia, na maior

parte dos dias, a estrada lá estava, branca, poeirenta e vazia sob o sol do Verão. Porém, naquele dia estava cheia. As gentes caminhavam para Sul, conduzindo vacas, porcos, carneiros, cabras e gansos. Uns empurravam carros de mão, outros tinham carroças puxadas por bois ou cavalos e todas carregadas com tamboretas altas, mesas, bancos e camas. Thomas apercebeu-se de que eram fugitivos.

Esperaram até ficar escuro. Depois Thomas sacudiu o melhor que pôde o seu hábito dominicano e, deixando Jeanette escondida por entre as árvores, avançou até à estrada, onde alguns viajantes tinham montado o acampamento, junto a pequenas fogueiras fumacentas.

— A paz de Deus esteja convosco — disse Thomas a um grupo.

— Não temos comida para partilhar, padre — respondeu um homem, olhando-o desconfiado.

— Já comi, meu filho — disse Thomas e acocorou-se junto ao lume.

— Sois padre, ou vagabundo? — perguntou o homem. Tinha um

machado que puxou para si, para se proteger, pois o cabelo emaranhado e sujo de Thomas estava demasiado comprido e tinha o rosto queimado como o de um fora-da-lei.

— Sou as duas coisas — disse Thomas, com um sorriso. — Venho a pé desde Avinhão — explicou. — Para cumprir uma penitência no santuário de São Guinefort.

Nenhum dos refugiados tinha ouvido falar do bendito Guinefort, mas as palavras de Thomas convenceram-nos, pois a idéia de peregrinação explicava o seu estado desolado, enquanto que o deles, afirmaram, era triste e fora causado pela guerra. Vinham da costa da Normandia, apenas a um dia de viagem e de manhã, deveriam meter-se de novo à estrada para fugir ao inimigo.

Thomas fez o sinal da Cruz.

— Que inimigo? — perguntou, esperando ouvir que dois senhores normandos se tivessem desentendido e andassem a atacar os domínios um do outro.

Porém, a pesada roda da fortuna girara inesperadamente. O rei Eduardo III de Inglaterra atravessara o canal. Tal expedição era aguardada, havia muito, porém o rei não se dirigira para as suas terras na Gasconha, como muitos pensavam, nem para a Flandres, onde combatiam outros ingleses, tendo, sim, vindo para a Normandia. O

exército estava apenas a um dia de viagem. Ao ouvir as novas, Thomas ficou de boca aberta.

— Deveis fugir deles, padre — avisou-o uma das mulheres. — São impiedosos, até mesmo para com os frades.

Thomas garantiu-lhe que assim faria, agradeceu-lhes as novidades e voltou para o monte onde Jeanette o aguardava. Tudo tinha mudado. O seu rei viera à Normandia.

nessa noite discutiram. Jeanette convencera-se subitamente de que deveria voltar para a Bretanha e Thomas limitava-se a olhá-la assombrado.

— Para a Bretanha? — perguntou-lhe em voz fraca.

Ela não o olhava de frente, fitando teimosamente as fogueiras do acampamento, que ardiam ao longo da estrada, enquanto mais para Norte, no horizonte nocturno, enormes clarões avermelhados indicavam haver aí fogueiras maiores. Thomas sabia que os soldados ingleses deveriam ter devastado os campos da Normandia, tal como os hellequin tinham feito na Bretanha.

— Se estiver na Bretanha, fico perto de Charles — afirmou Jeanette. Thomas abanou a cabeça. Estava vagamente consciente que a idéia da destruição causada pelo exército, os tinha obrigado a voltar a uma realidade, da qual andavam fugidos naquelas últimas semanas de liberdade, porém não conseguia relacioná-lo com o súbito desejo de Jeanette regressar à Bretanha.

— Podes estar perto de Charles — disse ele, cauteloso. — Mas poderás vê-lo? O duque permitirá que te aproximes dele?

— Talvez mude de idéia — disse Jeanette, sem grande convicção.

— E talvez te viole mais uma vez — disse Thomas, brutalmente.

— E se não for, talvez não volte a ver o meu filho — continuou ela com veemência. — Nunca mais!

— Então por quê teres vindo até aqui?

— Não sei, não sei — estava zangada, como era seu hábito, quando Thomas a conhecera em La Roche-Derrien. — Porque estava louca — disse amuada.

— Disseste que querias apelar ao rei — afirmou Thomas. — Ele está cá! — Apontou direito ao lívido clarão das fogueiras. — Apela para ele, aqui.

— Talvez não me creia — disse Jeanette, teimosa.

— E que faremos na Bretanha? — perguntou Thomas, mas Jeanette não lhe respondeu. Parecia amuada e continuava a evitar-lhe o olhar. — Podes casar-te com um dos soldados do duque —

continuou Thomas. — Não era isso que ele queria? Uma mulher complacente, de um seguidor complacente, para que possa servir-se, a seu prazer, quando lhe apetecer.

— Não é o que tu fazes? — perguntou-lhe em tom de desafio, olhando-o por fim no rosto.

— Amo-te — disse Thomas.

Jeanette não pronunciou palavra.

— Amo-te — repetiu Thomas e sentiu-se um imbecil, pois ela nunca lhe tinha dito o mesmo.

Jeanette olhava para o brilho do horizonte, semi-oculto pelas folhas da floresta.

— O rei acreditará em mim? — inquiriu.

— Como poderá não o fazer?

— Pareço uma condessa?

Estava esfarrapada, pobre, mas muito bela.

— Falas como uma condessa — disse Thomas. — E os escrivães do rei poderão inquirir junto do conde de Northampton — ignorava

se era ou não possível, mas queria dar-lhe alento.

Jeanette sentou-se cabisbaixa.

— Sabes o que o duque me disse? Que a minha mãe era judia! —

olhou-o na esperança de que ele partilhasse a sua indignação.

Thomas franziu a testa.

— Não conheci nenhum judeu — afirmou.

Jeanette quase explodiu.

— E pensas que eu conheci? Será preciso conhecer o demónio para saber que é mau? Ou um porco para descobrir que cheira mal?

— Começou a chorar. — Não sei que fazer.

— Vamos ter com o rei — disse Thomas.

Na manhã seguinte, partiu para Norte, e Jeanette, depois de algumas hesitações, seguiu-o. Tentara limpar o vestido, embora este estivesse tão sujo, que tudo o que conseguiu, foi sacudir os raminhos e as folhas do veludo. Apanhou o cabelo e segurou-o com pequenas ripas de madeira.

— Que tipo de homem é o rei? — perguntou a Thomas.

— Dizem que é bom homem.

— Quem diz?

— Todos. Que é franco.

— Mesmo assim é inglês — disse Jeanette em voz baixa, mas Thomas fingiu não ouvir. — É bondoso? — perguntou-lhe.

— Nunca ouvi ninguém dizer que era cruel — disse Thomas, erguendo a mão

para lhe pedir silêncio.

Vira cavaleiros de cota de malha.

Muitas vezes Thomas pensara ser estranho que, quando os monges e os escrivães faziam os livros, pintassem a guerra com cores garridas. Os seus pincéis de pêlo de esquilo, mostravam homens com

túnicas e saíotes muito coloridos e cavalos de arreios brilhantes.

Porém, na maioria das vezes, a guerra era cinzenta, até que as pontas das flechas a manchassem de vermelho. Cinzento era a cor das cotas de malha e fora essa a cor que Thomas vira por entre as folhas verdes.

Não sabia se eram franceses ou ingleses, mas receava ambos. Os franceses eram seus inimigos, mas também o seriam os ingleses até se convencerem de que era um deles e não um desertor do seu exército.

Das árvores distantes saíam mais cavaleiros armados e, como traziam arcos, teriam de ser ingleses. Mesmo assim, Thomas hesitou, relutante em enfrentar o problema de os convencer de que não era desertor. Atrás dos cavaleiros, escondido pelas árvores, deveria estar uma casa incendiada, pois o fumo começava a subir por sobre as folhas de Verão. Os cavaleiros olhavam agora em direcção a Thomas e a Jeanette, que estavam, ambos escondidos num valado, coberto de giestas; algum tempo depois, satisfeitas por não haver qualquer ameaça inimiga, as tropas deram meia volta e partiram para leste.

Thomas esperou que desaparecessem, antes de, com Jeanette, atravessar o campo aberto, entrar no bosque e chegar ao sítio em que ardia uma quinta. As chamas pareciam pálidas com o brilho do sol.

Não havia ninguém à vista. Era apenas uma quinta incendiada, com um cão estendido junto ao charco dos patos, rodeado de penas. O cão gania e Jeanette gritou por ver que o tinham apunhalado na barriga.

Thomas inclinou-se para o animal, fez-lhe uma festa na cabeça e acariciou-lhe as orelhas e o cão moribundo lambeu-lhe a mão e tentou abanar a cauda. Thomas meteu-lhe a faca no coração, para que morresse mais depressa.

— Não teria sobrevivido — explicou a Jeanette que nada dizia, limitando-se a

olhar para o colmo e para as traves a arder. Thomas

retirou a faca e tocou na cabeça do cão. — Vai ter com São Guinefort

— disse, limpando a lâmina. — Sempre quis ter um cão, quando era criança — disse a Jeanette. — Mas o meu pai não os suportava.

— Porquê?

— Porque era um homem estranho — embainhou a faca e ergueu-se. Um atalho, marcado pelos cascos dos animais, saía da quinta em direcção ao norte; seguiram-no cautelosamente por entre sebes cobertas de flores do milho, margaridas e cornizo. Estavam numa região de pequenos campos, altos valados, bosques e colinas, uma região própria para emboscadas, que não viram, até que, do cimo de um outeiro, divisaram a torre de uma pequena igreja, no interior de um vale, depois os telhados intactos de uma aldeia e a seguir, soldados. Eram centenas, acampados por detrás das cabanas e mais ainda, dentro da própria aldeia. Tinham erguido tendas enormes junto à igreja e haviam ornamentado a entrada com pendões nobres.

Thomas hesitava ainda, relutante em terminar os dias felizes com Jeanette, mas sabendo não ter escolha. Assim, de arco ao ombro, levou-a até à aldeia. Os soldados viram-nos chegar e uma dúzia de arqueiros conduzidos por um homem corpulento de lorigão de malha, aproximou-se.

— Quem diabos sois? — foi a primeira pergunta do homem corpulento. Os arqueiros sorriram com avidez, ao verem o vestido rasgado de Jeanette.

— Ou sois um maldito padre que roubou um arco — continuou o homem — ou um arqueiro que se apoderou do hábito de um frade.

— Sou inglês — afirmou Thomas.

O homem enorme não pareceu impressionar-se.

— E a quem servis?

— Estive com Will Skeat, na Bretanha — disse Thomas.

— Na Bretanha! — O homem franziu a testa, sem saber se havia ou não de

acreditar.

— Diz-lhes que sou condessa — insistiu Jeanette, dirigindo-se a Thomas em francês.

— Que diz ela?

— Nada — respondeu Thomas.

— Que estais aqui a fazer? — perguntou o homem.

— Perdi-me das minhas tropas na Bretanha — disse Thomas em voz fraca. Não se atrevia a contar a verdade, que era um fugitivo da justiça, mas também não tinha outra história preparada. — Limitei-me a meter pernas ao caminho.

Era uma fraca explicação e o homem corpulento tratou-a com o devido desprezo.

— Estás a dizer-me, rapaz, que és um maldito desertor.

— Se o fosse não teria aqui vindo, não é verdade? — respondeu Thomas em tom de desafio.

— Seria difícil teres cá chegado, vindo da Bretanha, se só te tivesses perdido! — declarou o homem e a seguir cuspiu. — Terás de ir ter com Scoresby para que ele resolva quem és.

— Scoresby? — perguntou Thomas.

— Já ouviste falar dele? — perguntou o homem corpulento, em tom beligerante.

Thomas ouvira falar de Walter Scoresby que, tal como Skeat, conduzia o seu próprio bando de homens-de-armas e arqueiros, sem ter porém a boa reputação do outro. Dizia-se que era um homem mal-humorado, mas evidentemente seria ele a decidir o destino de Thomas, pois os arqueiros rodeavam-no já, para conduzirem o casal

em direcção à aldeia.

— É a tua mulher? — perguntou um deles a Thomas.

— É a condessa de Armórica — respondeu este.

— E eu sou o conde de Londres — retorquiu o arqueiro.

Jeanette agarrou-se ao braço de Thomas, aterrorizada com tantas caras de poucos amigos. Thomas sentia-se igualmente infeliz. Na Bretanha, quando as coisas estavam mal, quando os hellequin resmungavam por haver frio e chuva, Skeat gostava de dizer «dêem-se por felizes por não estarem com Scoresby», o que, agora, para Thomas já não parecia ser verdade.

— Costumamos enforcar os desertores — disse o homem corpulento com satisfação.

Thomas reparou que os arqueiros, como todas as tropas que avistara na aldeia, usavam nas túnicas a cruz vermelha de São Jorge.

Uma enorme multidão de soldados reunia-se agora num pasto por detrás da igreja e de um mosteiro ou priorato da ordem de Cister que, pelos vistos, escapara à destruição pois havia monges de hábito branco a ajudar o sacerdote que dizia missa para os soldados.

— Será domingo? — perguntou Thomas a um dos arqueiros.

— Terça-feira — respondeu o homem tirando o chapéu em presença dos Sacramentos. — É dia de São Tiago.

Esperaram à beira da pastagem, junto à igreja da aldeia, onde uma fila de recentes sepulturas indicava que alguns dos aldeãos tinham morrido à chegada do exército, mas que a maior parte provavelmente fugira para sul ou para ocidente. Tinham ficado alguns. Um velho, curvado do trabalho e com uma barba branca que quase lhe chegava ao chão, respondia ao padre, entre dentes e de longe, enquanto um rapazinho, talvez de seis ou sete anos, tentava

disparar um arco inglês, para divertimento do dono.

A missa terminou e os homens de cota de malha que a tinham ouvido ajoelhados, ergueram-se para se dirigirem às tendas e às casas.

Um dos arqueiros da escolta de Thomas fora até junto da multidão que dispersava, para aparecer de novo acompanhado por um grupo de homens. Destacava-se um deles por ser mais alto que os outros e ter uma cota de malha nova, tão polida que parecia cintilar. Calçava botas altas, uma capa verde e uma

espada de punho dourado, com uma bainha coberta de tecido vermelho. Os ornamentos não pareciam de acordo com o seu rosto zangado e sinistro. Era calvo, mas tinha uma barba dupla, cujas pontas entrançara.

— É Scoresby — murmurou um dos arqueiros e Thomas não precisou adivinhar a qual dos soldados, que se aproximavam, se referia.

Scoresby deteve-se a uns passos dele e o arqueiro enorme, que prendera Thomas, sorriu com desprezo.

— Um desertor — anunciou orgulhoso. — Diz que veio a pé desde a Bretanha.

Scoresby lançou a Thomas um olhar duro e a Jeanette outro, mas muito mais demorado. O vestido rasgado revelava-lhe uma parte da coxa e o colo e Scoresby desejava sem dúvida ver mais. Tal como Will Skeat, tinha começado a sua vida militar como arqueiro, subindo à força de argúcia e, por isso, Thomas duvidava que na sua alma houvesse lugar para a piedade.

Scoresby encolheu os ombros.

— Se se trata de um desertor — disse — enforcai o degenerado. —

Depois, sorriu. — Mas ficamos-lhe com a mulher.

— Não sou um desertor — afirmou Thomas. — Esta mulher é a

condessa de Armórica, aparentada com o conde de Blois, sobrinho do rei de França.

A maioria dos arqueiros vaiou esta ofensiva declaração, porém Scoresby era um homem cauteloso e tinha consciência da pequena multidão que se juntara perto da igreja. Entre os espectadores havia dois sacerdotes e alguns homens-de-armas com brasão nobre, de modo que a confiança de Thomas instalara-lhe a dúvida no espírito.

Franziu a testa, ao olhar para Jeanette que, à primeira vista não passava de uma camponesa mas, apesar da face queimada do sol, era indiscutivelmente bela e os restos do vestido sugeriam que já conhecera a elegância.

— Ela é quem? — perguntou Scoresby.

— Já vos disse quem era — respondeu Thomas em tom beligerante. — Mas vou dizer-vos mais. Roubaram-lhe o filho, que estava sob a tutela do nosso rei. Veio em busca do auxílio de Sua Majestade — Thomas traduziu apressadamente a Jeanette o que acabara de dizer e, para seu alívio, esta acenou a sua concordância.

Scoresby fitava-a e qualquer coisa nela lhe aumentou as dúvidas.

— Que lhe sois vós a ela? — perguntou a Thomas.

— Salvei-a — respondeu ele.

— Ele diz — uma voz soou em francês no meio da multidão, sem que Thomas pudesse perceber a quem pertencia. Certamente o dono estava rodeado de homens-de-armas, todos eles de libré verde e branca. — Ele diz que vos salvou, madame. É verdade?

— Sim — respondeu Jeanette. Franziu a testa, incapaz de ver quem a interrogava.

— Dizei-nos quem sois — exigiu o homem, ainda sem se deixar ver.

— Sou Jeanette, condessa viúva de Armórica.

— Quem era vosso marido? — O tom de voz sugeria um jovem, mas um jovem muito confiante.

Jeanette empertigou-se ao ouvir o tom da pergunta, mas respondeu.

— Henri Chenier, conde de Armórica.

— E porque vos encontrais aqui, madame?

— Porque Charles de Blois raptou o meu filho! — respondeu Jeanette zangada.

— Uma criança que foi colocada sob a protecção do rei de Inglaterra.

Durante algum tempo, o jovem nada disse. Alguns de entre a multidão afastavam-se nervosamente dos homens-de-armas de libré verde e branca que o rodeavam e Scoresby parecia apreensivo.

— Quem o colocou sob essa protecção? — perguntou por fim a voz.

— William Bohun — respondeu Jeanette. — Conde de Northampton.

— Acredito nela — disse a voz, e os homens-de-armas afastaram-se para que Thomas e Jeanette pudessem ver quem falara e que pouco mais era que um rapazinho.

De fato, Thomas pensou mesmo que ainda nem sequer tinha barba, embora estivesse perfeitamente desenvolvido e fosse muito alto — até mesmo mais do que Thomas — conseguindo ficar escondido, apenas porque os seus homens-de-armas usavam plumas verde e brancas nos elmos. Era um jovem louro, com o rosto levemente crestado pelo sol, vestido com uma capa verde, calções lisos, uma camisa de linho e nada, excepto a sua altura, podia explicar a razão pela qual os homens se tinham subitamente

ajoelhado na relva.

— Para baixo — sussurrou Scoresby a Thomas que, perplexo, pôs um joelho em terra. Agora apenas Jeanette, o rapaz e a sua escolta de oito homens-de-armas se mantinham de pé.

O rapaz olhou para Thomas.

— Viestes realmente a pé desde a Bretanha? — perguntou em inglês, embora tal como muitos nobres, o falasse com um leve toque francês.

— Viemos ambos, senhor — respondeu Thomas, em francês.

— Por quê? — perguntou asperamente.

— Em busca da protecção do rei de Inglaterra, que é o guardião do filho da minha senhora — respondeu Thomas. — E que foi traiçoeiramente aprisionado pelos inimigos de Inglaterra.

O rapaz olhou para Jeanette quase com a mesma avidez e apreço mostrados por Scoresby. Poderia não ter barba, mas reconhecia à primeira vista uma mulher bela.

— Sois muito bem-vinda, senhora — sorriu. — Conheço a reputação de vosso

esposo, admirei-o e lamento nunca ter tido oportunidade de me defrontar com ele em combate — curvou-se diante de Jeanette, depois desapertou a sua capa verde e dirigiu-se a ela. Colocou-lha sobre os ombros para lhe cobrir o vestido rasgado. —

Vou assegurar-me, senhora que sejais tratada com a cortesia que a vossa posição exige e juro manter todas as promessas que a Inglaterra fez, em defesa do vosso filho — inclinou-se mais uma vez.

Jeanette, maravilhada e satisfeita com os modos do jovem, fez a pergunta que Thomas queria ver respondida.

— Quem sois, meu senhor? — perguntou com uma reverência.

— Sou Eduardo de Woodstock, senhora — respondeu, oferecendo-lhe o braço.

Para Jeanette nada significava, mas Thomas ficou aturdido.

— É o filho mais velho do rei — sussurrou-lhe.

Ela caiu de joelhos, mas o rapaz de rosto macio obrigou-a a erguer-se e conduziu-a ao priorato. Tratava-se de Eduardo de Woodstock, Conde de Chester, Duque da Cornualha e Príncipe de Gales. A roda da fortuna tinha mais uma vez elevado Jeanette.

a roda parecia indiferente à existência de Thomas. Foi deixado em paz, mas abandonado. Jeanette partira pelo braço do príncipe e mal olhara para trás, para o ver. Thomas escutou-lhe o riso e ficou a olhá-

la. Tratara-a, alimentara-a, transportara-a e amara-a e agora, ela dispensava-o. Ninguém mais se interessou por ele. Scoresby e os seus homens, defraudados por terem perdido um enforcamento, tinham partido para a aldeia e Thomas perguntava agora a si próprio o que haveria de fazer.

— Raios! — exclamou em voz alta, sentindo-se um perfeito imbecil no seu velho hábito. — Raios! — repetiu. Erguia-se nele a raiva, espessa como o negro humor que provocava doenças nos homens, mas como o poderia evitar? Não passava de um tolo, com um hábito feito em tiras, e o príncipe era filho do rei.

O príncipe levava Jeanette para o valado coberto de relva onde, numa fileira colorida tinham erguido as tendas grandes. Cada uma delas possuía um mastro e no mais alto esvoaçava o pendão esquartelado do Príncipe de Gales, mostrando os leões doirados de Inglaterra nos dois quartos vermelhos e as flores-de-lis da mesma cor nos dois azuis. As flores-de-lis serviam para mostrar que era a do rei que reclamava o trono francês, enquanto que toda a bandeira, que pertencia ao rei de Inglaterra, estava atravessada por uma branca faixa denteada, com saliências, mostrando tratar-se do pendão do filho

mais velho do rei.

Thomas sentiu-se tentado a seguir Jeanette, para exigir o auxílio do príncipe, mas nessa ocasião um dos pendões inferiores, o que estava mais afastado dele, foi agitado ao de leve pelo vento e endireitou lentamente as suas dobras. Thomas olhou-o fixamente.

O pendão tinha um campo azul, cortado na diagonal por uma risca branca. Três leões amarelos erguiam-se de ambos os lados da risca, decorada com três estrelas vermelhas de centros verdes. Era uma bandeira que Thomas bem conhecia e mal se atrevia a acreditar que a via aqui na Normandia. Eram as armas de William Bohun, conde de Northampton, delegado do Rei na Bretanha. Porém a sua bandeira era inconfundível e Thomas dirigiu-se para lá, temendo que, afinal, acabasse por ser uma cota de armas apenas semelhante à do conde, que ele confundira por causa do vento.

Todavia tratava-se realmente do pendão do conde e a sua tenda, que em contraste com os outros elegantes pavilhões da colina, era ainda o mesmo abrigo sujo feito com duas velas já gastas. Meia dúzia de homens-de-armas, com a libré do nobre, barraram o caminho quando Thomas se aproximou.

— Haveis vindo ouvir sua senhoria em confissão ou meter-lhe uma flecha na barriga? — perguntou um deles.

— Queria falar com sua senhoria — disse Thomas, mal conseguindo esconder a raiva provocada pelo abandono de Jeanette.

— Mas quererá ele falar contigo? — perguntou o homem divertido com as pretensões do esfarrapado arqueiro.

— Há-de querer — disse Thomas com uma confiança que não sentia

inteiramente. — Dizei-lhe que está aqui o homem que lhe entregou La Roche-Derrien.

O homem-de-armas ficou desconcertado. Franziu a testa, mas justamente nessa ocasião, o pano da tenda ergueu-se e apareceu o próprio conde, em tronco nu, revelando um corpo musculoso, coberto de pelos ruivos. Chupava um osso de ganso e espreitava o céu, como se receasse a chuva. O homem-de-armas voltou-se para ele, indicando Thomas e encolhendo os ombros, como que para se livrar da responsabilidade de lhe ter aparecido um louco, sem se fazer anunciar.

O conde olhou para Thomas. — Bom Deus — disse algum tempo depois — Tomaste o hábito?

— Não, meu senhor.

O conde arrancou, com os dentes, um bocado de carne do osso.

— Thomas, não é verdade?

— Sim, meu senhor.

— Nunca esqueço uma cara — afirmou o conde. — E tenho boas razões para me recordar da tua, embora nunca esperasse ver-te por aqui. Vieste a pé?

Thomas acenou com a cabeça.

— Assim é, senhor. — Qualquer coisa o confundia na atitude do conde que quase parecia não estar surpreso por ver Thomas na Normandia.

— Will contou-me o que se passou contigo — afirmou. —

Contou-me tudo. Com que então Thomas, o meu modesto herói de La Roche-Derrien é um assassino, não é verdade? — falava com ar sinistro.

— Sim, meu senhor — respondeu Thomas humildemente.

O conde deitou fora o osso descarnado e logo a seguir, fez estalar os dedos e um criado atirou-lhe uma camisa de dentro da tenda.

Vestiu-a e meteu-a nas calças.

— Com os diabos, rapaz, esperas que te salve da vingança de sir Simon? Sabes que veio para cá?

Thomas olhou para o conde de boca aberta. Nada disse. Sir Simon Jekyll estava ali? E Thomas que trouxera Jeanette para a Normandia. Sir Simon nada lhe poderia fazer, desde que estivesse sob a protecção do príncipe, mas poderia prejudicar Thomas. E com enorme satisfação.

O conde viu Thomas empalidecer e acenou com a cabeça.

— Está com os homens do Rei, porque eu não o quis, mas, mesmo assim, insistiu em viajar pois calcula poder conseguir saques melhores, aqui na Normandia do que na Bretanha e atrevo-me a dizer que terá razão. Mas o que verdadeiramente lhe dará alegria será verte. Já foste enforcado, Thomas?

— Enforcado, meu senhor? — perguntou Thomas em tom vago.

Ainda não se recompusera da notícia de que sir Simon tinha vindo para a Normandia. Teria percorrido aquele longo caminho para encontrar o inimigo à sua espera?

— Sir Simon enforca-te — disse o conde mostrando uma indecente satisfação. — Vai deixar-te sufocar, pendurado na corda e não haverá nenhuma alma caridosa que te puxe pelos tornozelos para te apressar a morte. Poderás durar uma hora, duas, na mais completa agonia. Podes até aguentar muito mais tempo. Uma vez enforquei um homem, que durou das matinas às primas, e mesmo assim conseguiu amaldiçoar-me. Suponho então que queiras que te ajude, não é verdade?

Embora com algum atraso, Thomas pôs o joelho em terra.

— Haveis-me oferecido uma recompensa depois de La Roche-

Derrien, meu senhor. Poderei reclamá-la agora?

O criado trouxe um tamborete de dentro da tenda e o conde sentou-se com as pernas abertas.

— Assassínio é assassínio — disse, palitando os dentes, com uma lasca de madeira.

— Metade dos homens de Will Skeat são assassinos, meu senhor

— declarou Thomas.

O conde reflectiu naquelas palavras e depois acenou afirmativamente, mas com certa relutância.

— Mas são assassinos perdoados — respondeu suspirando. —

Quem me dera que Will aqui estivesse — disse, iludindo o pedido de Thomas. — Quis que viesse, mas não pode até que Charles de Blois seja reconduzido à sua jaula — olhou para Thomas, com ar zangado.

— Se eu te perdoar, tenho um inimigo em sir Simon — continuou. —

Não que neste momento seja meu amigo, mas mesmo assim, porque hei-de poupar-te?

— Por La Roche-Derrien — respondeu Thomas.

— Que é uma grande dívida — concordou o conde. — Mesmo muito grande. Teríamos feito figura de imbecis, se não tivéssemos tomado aquela cidade, por mais desgraçada que fosse. Que raio, rapaz! Porque não decidiste ir para sul? Há muitos patifes para matar na Gasconha — olhou para Thomas durante algum tempo, nitidamente irritado pela dívida inegável que tinha para com o arqueiro e pelo incómodo de ter de a pagar. Por fim encolheu os ombros. — Vou falar com sir Simon, ofereço-lhe dinheiro e, se for suficiente, vai fingir que não estás cá. Quanto a ti — fez uma pausa, franzindo a testa e recordando os seus primeiros encontros com Thomas. — Tu és aquele que não me quis dizer quem era o seu pai,

não é verdade?

— Não vo-lo disse, senhor porque o meu pai era um sacerdote.

O conde achou que era uma boa ironia.

— Com mil raios! Um sacerdote? Então és uma cria do diabo, não é verdade? Em Guiena dizem que os filhos dos padres são as crias dos demónio — olhou Thomas de alto a baixo, mais uma vez achando graça ao seu hábito rasgado. —

Dizem que as crias do diabo dão bons soldados — afirmou. — Bons soldados e melhores rameiras. Suponho que tenhas perdido o teu cavalo?

— Sim, meu senhor.

— Todos os meus arqueiros têm montada — disse o conde, voltando-se em seguida para um dos seus homens-de-armas. —

Arranja aqui para este patife uma pileca qualquer, até ele conseguir rapinar um cavalo melhor, a seguir dá-lhe uma túnica e entrega-o a John Armstrong — olhou de novo para Thomas. — Vais passar a fazer parte dos meus arqueiros, o que quer dizer que usarás a minha insígnia. És um dos meus homens, cria do demónio, e talvez isso te proteja, se sir Simon quiser exigir um pagamento alto demais pela tua miserável alma.

— Tentarei retribuir a vossa senhoria — disse Thomas.

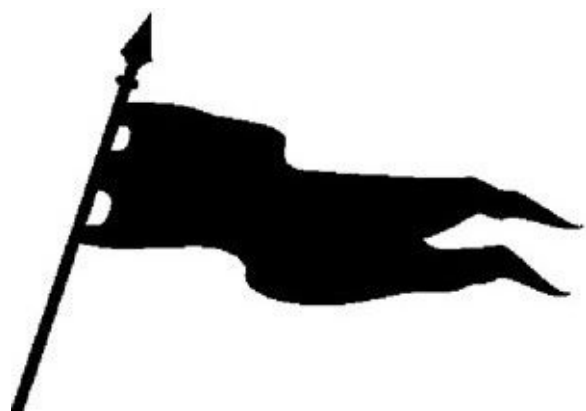
— Retribui-me, rapaz, fazendo-nos entrar em Caen. Conseguieste meter-nos em La Roche-Derrien, mas essa terrinha nada é comparada com Caen. Caen é verdadeiramente difícil. Vamos amanhã para lá, mas duvido que possamos ver as muralhas por dentro durante mais de um mês, se é que alguma vez lá entramos. Leva-nos a Caen, rapaz e eu perdoo-te duas dezenas de assassínios — ergueu-se, despediu-o com um aceno e voltou para a tenda.

Thomas ficou imóvel. Caen, pensou. Caen. Caen era a cidade

onde vivia sir Guillaume d'Evecque. Fez o sinal da Cruz, pois sabia que o destino de tudo se encarrega. Determinara que a sua flecha não atingisse sir Simon Jekyll e trouxera-o para perto de Caen. O destino queria que cumprisse a penitência que o padre Hobbe lhe exigira.

Deus, concluiu Thomas arrebatara-lhe Jeanette por ele ser tão lento a cumprir a promessa.

Mas agora chegara a altura de o fazer, já que Deus o levava para Caen.



Segunda Parte

NORMANDIA, JUNHO DE 1346

o conde de Northampton fora chamado da Bretanha para ser um dos conselheiros do Príncipe de Gales. Este tinha apenas dezasseis anos embora, na opinião de John Armstrong, fosse tão competente como um adulto.

— Não há nada de errado com o jovem Eduardo — disse a Thomas. — Conhece as armas. Talvez seja teimoso, mas é valente.

Aquilo, no mundo de John Armstrong era um importante louvor.

Este homem-de-armas, que conduzia os arqueiros privativos do conde, tinha quarenta anos e era um daqueles vulgares soldados que o amo tanto apreciava. Armstrong, tal como Skeat vinha da região norte e era conhecido por ter combatido contra os escoceses, desde que fora desmamado. A sua arma pessoal era o alfange, uma espada curva, de lâmina larga como a de um machado, mas sabia também disparar um arco, como os melhores dos seus arqueiros. Comandava três vintenais de hobelars, uma cavalaria ligeira, montada em pôneis peludos e empunhando lanças.

— Não são muito respeitadores — disse a Thomas que olhava fixamente os pequenos cavaleiros, todos de cabelo comprido e pernas arqueadas. — Mas são especiais como batedores. Enviamos enxames deles para que encontrassem o inimigo nos montes escoceses. De contrário, estaríamos mortos.

Armstrong estivera em La Roche-Derrien e recordava o feito de

Thomas quando derrubara as defesas do rio, junto à cidade, por isso, aceitou-o imediatamente. Entregou-lhe um gibão cheio de piolhos —

um casaco acolchoado que conseguia impedir pequenos cortes de espada — uma camisa de tela curta, uma túnica com as estrelas e os leões do conde, no peito, e a cruz de São Jorge na manga direita. O

gibão e a túnica, bem como os calções e a aljava que completavam o traje de Thomas, tinham pertencido a um arqueiro que morrera de uma febre, pouco depois de chegar à Normandia.

— Poderás arranjar coisa melhor em Caen — disselhe Armstrong.

— Se alguma vez lá chegarmos.

Deram a Thomas uma égua cinzenta, de dorso demasiado baixo, boca dura e andar desajeitado. Molhou o animal, esfregou-o com palha e depois comeu arenques vermelhos e feijões secos, com os homens de Armstrong.

Descobriu um ribeiro e lavou o cabelo, enrolando-o a seguir, ainda molhado, numa trança com a corda do arco. Pediu uma navalha emprestada e barbeou-se, lançando os pêlos duros para o ribeiro com medo que alguém fizesse um feitiço com eles. Parecia-lhe estranho passar a noite no acampamento de soldados e dormir sem Jeanette. Sentia-se ainda amargurado pelo que ela lhe tinha feito e, quando acordou a meio da negra noite, sentiu esse azedume, como uma lasca de ferro no coração. Sentia-se só, gelado e indesejado, quando os arqueiros deram início à marcha. Pensou em Jeanette, na tenda do príncipe, e recordou o ciúme que sentira em Rennes quando ela partira ao encontro do duque Charles. Fazia-lhe lembrar uma borboleta de traça, voando em direcção à vela mais brilhante do aposento. Apesar de ter já queimado as asas, a chama ainda a atraía.

O exército avançou sobre Caen com três batalhões, cada um com

cerca de quatro mil homens. O rei comandava o primeiro, o Príncipe de Gales o segundo, enquanto o terceiro avançava sob o comando do bispo de Durham, que preferia mil vezes a matança à santidade. O

príncipe deixara o acampamento de manhã cedo para deter o cavalo na beira da estrada, de onde podia ver os seus homens passar na madrugada estival. Envergara uma armadura negra, com uma juba de leão no elmo e acompanhava-o uma escolta de uma dezena de padres e cinquenta cavaleiros. Quando Thomas se aproximou, viu que Jeanette se encontrava entre os cavaleiros com a insígnia verde e branca. Usava essas mesmas cores, um vestido de pálido tecido verde, debruado a branco com punhos e corpete da mesma cor e montava um palafrém com freio de prata, a crina entrançada com fitas verdes e brancas e uma sela branca com os leões de Inglaterra bordados. Tinha o cabelo lavado, escovado e recolhido, enfeitado com flores de milho e, quando Thomas se aproximou viu que o seu aspecto era magnífico.

Lia-se-lhe no rosto uma felicidade radiosa e tinha os olhos brilhantes.

Estava ao lado do príncipe, cerca de um passo mais atrás e Thomas não pôde deixar de notar as muitas vezes que o jovem se voltava para falar com ela. À sua frente, os homens descobriam-se de elmos e chapéus para saudar o príncipe, que afastava os olhos de Jeanette para lhes responder acenando com a cabeça ou chamando com um ou outro cavaleiro, que reconhecia.

Thomas, cavalgando a montada emprestada, tão pequena que as suas longas pernas quase chegavam ao chão, ergueu a mão para saudar Jeanette. Esta fitou-lhe o rosto sorridente e afastou os olhos, sem mostrar a mínima expressão. Falava com um sacerdote que era por certo o capelão do Príncipe. Thomas baixou a mão.

— Quando se é príncipe — disse um homem ao lado de Thomas

— fica-se com a nata, não é verdade? Nós ficamos com os piolhos e ele com o melhor.

Thomas nada disse. A recusa de Jeanette deixara-o embaraçado.

As últimas semanas teriam sido um sonho? Voltou-se na sela para a ver rir de um comentário do príncipe. És um imbecil, disse Thomas para consigo, um imbecil, e gostaria de saber porque razão se sentiria tão magoado. Jeanette nunca lhe declarara o seu amor, porém, o abandono mordia-lhe o coração como uma serpente. A estrada descia para uma cova, onde cresciam sícamoros e freixos. Voltando-se de novo, já não conseguiu ver a condessa.

— Haverá muitas mulheres em Caen — afirmou um arqueiro, encantado.

— Se alguma vez lá chegarmos — comentou outro, usando as cinco palavras, sempre utilizadas, quando se nomeava a cidade.

Na noite anterior, Thomas escutara a conversa, sempre acerca de Caen, junto à fogueira do acampamento. Dela concluiu que se tratava de uma cidade muito grande, umas das maiores em França, defendida por um enorme castelo e uma imensa muralha. Parecia que os franceses tinham adoptado a estratégia de se recolher nestas cidadelas, preferindo fazê-lo a enfrentar os arqueiros ingleses em campo aberto. Estes receavam ficar durante várias semanas encalhados diante de Caen. A cidade não poderia ser ignorada, se não fosse tomada, pois a sua enorme guarnição poderia ameaçar as linhas de abastecimento dos ingleses. Assim, Caen teria de cair, mas ninguém acreditava que fosse fácil, embora alguns homens

achassem que as novas armas que o rei trouxera de França derrubariam as ameias da cidade com a mesma facilidade que as trompetas de Josué tinham deitado abaixo as muralhas de Jericó.

O próprio rei deveria ter duvidado da eficiência de tais armas, pois decidira assustar a cidade e levá-la a render-se, apenas pelo número imenso de homens no seu exército. Os três batalhões ingleses avançavam para Leste em todas as estradas, veredas ou prados que lhes servissem de atalho, mas uma ou duas horas depois do nascer do Sol, os homens-de-armas que serviam de marechais-de-campo, começavam a mandar parar os vários contingentes. Cavaleiros suados galopavam para trás e para diante, ao lado das massas de homens, gritando-lhes que formassem uma linha imperfeita. Thomas, pelejando contra a sua égua teimosa, percebeu que todo o exército iria formar uma enorme meia-lua. Diante havia um pequeno monte e uma leve bruma traía os milhares de fumos das cozinhas de Caen.

Quando fosse dado o sinal, a meia-lua de homens, de cota de malha, avançaria até ao alto da colina, de modo a que os defensores, em vez de verem uns quantos batedores ingleses a sair dos bosques, teriam de se defrontar com uma hoste avassaladora e, para fazer parecer que o exército tinha o dobro das suas verdadeiras dimensões, os marechais-de-campo empurravam aos gritos, as pessoas que acompanhavam o exército para a linha curva. Cozinheiros, escrevães, mulheres, pedreiros, ferradores, carpinteiros, moços de cozinha, todas aquelas que pudessem andar, rastejar, cavalgar ou manter-se de pé eram acrescentados à meia-lua, e uma hoste de coloridas bandeiras erguia-se sobre essa multidão confusa. Era uma manhã quente e o couro e a malha obrigava os homens a suar. O vento levantava pó. O conde de Warwick, marechal das hostes, galopava de um lado para o outro da meia-lua, de rosto vermelho e praguejando; lentamente a linha irregular ia tomando forma, a seu contento.

— Quando soar a trombeta — gritou um cavaleiro para os

homens de Armstrong —, avançai até ao cimo do monte! Só quando a trombeta soar! Antes não!

O exército de Inglaterra parecia ser constituído por vinte mil homens, quando as trombetas rasgaram o céu de Verão, com o seu ruidoso desafio. Para os defensores de Caen foi um pesadelo. O

horizonte estava vazio, embora por detrás, o céu mostrasse, havia muito, nuvens de pó, levantadas por cascos e botas. De repente, apareceu uma hoste, uma horda, um mar de homens de ferro a cintilar ao sol, encimado por uma floresta de lanças e ban— deiras erguidas. A norte e a oriente Caen estava rodeada de homens que, ao avistarem a cidade, soltaram um forte rugido de incoerente desprezo.

Esperava-os a pilhagem de uma cidade rica, toda inteira, para ser tomada.

Era uma cidade bela e famosa, mesmo superior a Londres, que era a maior de Inglaterra. De fato, Caen era uma das maiores cidades de França. O Conquistador dotara-a com a riqueza que roubara de Inglaterra e que ainda era patente. Dentro das muralhas da cidade os pináculos e as torres das igrejas estavam tão próximos como as bandeiras e as lanças do exército de Eduardo, enquanto que, de cada lado da cidade se podiam ver duas enormes abadias. O castelo estava situado a norte e, nas suas ameias, tal como na pedra pálida das altas muralhas da cidade, estavam suspensos os pendões de guerra. O

rugido inglês obteve por resposta uma ovação de desafio da parte dos franceses que se encontravam agrupados em grande número, junto às ameias. Tantas bestas, pensou Thomas, recordando os pesados virotes que voavam das seteiras de La Roche-Derrien.

A cidade espalhara-se para lá dos seus muros, mas em vez de se construírem casas junto às ameias, como na maior parte das urbes,

aqui tinham sido erguidas sobre uma ilha que se espalhava a sul da velha cidade. Formada no centro de um emaranhado de afluentes que alimentava os dois rios principais de Caen, a ilha não tinha muralhas, por estar protegida pelos canais. Tal protecção era necessária, pois, mesmo do cimo do monte, Thomas pôde ver que era nela que se encontrava a riqueza de Caen. A cidade antiga, dentro das suas altas muralhas, seria certamente um labirinto de ruelas estreitas e casas apertadas, mas a ilha estava repleta de enormes mansões, grandes igrejas e largos jardins. Mas mesmo sendo a parte mais abastada de Caen não parecia estar defendida. Não se viam tropas no local. Pelo contrário, estavam todas nos parapeitos da cidade antiga.

Os barcos estavam ancorados na orla da ilha, do lado oposto à muralha e Thomas interrogou-se se algum deles pertenceria a Sir Guillaume d'Evêque.

O conde de Northampton, liberto do séquito do príncipe, juntou-se a John Armstrong à frente dos arqueiros e olhou para as muralhas da cidade.

— Que lugar impressionante, John! — exclamou o conde, satisfeito.

— Formidável, meu senhor — resmungou Armstrong.

— A ilha recebeu o teu nome — disse o conde com humor.

— O meu? — Armstrong pareceu desconfiado.

— É a Ile Saint-Jean — afirmou o conde, apontando depois para a mais próxima das duas abadias, um mosteiro enorme rodeado pelas suas próprias ameias que se uniam às das muralhas mais altas da cidade.

— A Abbaye aux Hommes — disse o conde. — Sabes o que aconteceu quando enterraram aqui o Conquistador? Deixaram-no

tempo demais dentro da abadia e quando chegou a altura de o meterem na cripta, estava podre e inchado. O cadáver rebentou e o fedor fez a congregação fugir de dentro da igreja.

— Foi a vingança de Deus, meu senhor — afirmou Armstrong com valentia.

O conde lançou-lhe um olhar intrigado.

— Talvez — disse com alguma dúvida.

— Ninguém gosta de Guilherme na região do norte — afirmou Armstrong.

— Foi há muito tempo, John.

— Não há tanto, que não lhe possa cuspir na sepultura —

declarou Armstrong e depois explicou-se: — Pode ter sido o nosso rei, meu senhor, mas não era inglês.

— Suponho que não — condescendeu o conde.

— Chegou a altura da vingança — disse Armstrong em voz suficientemente sonora para ser ouvido pelos arqueiros que se encontravam mais próximo. —

Vamos conquistá-lo, vamos conquistar a sua cidade e as suas malditas mulheres!

Os arqueiros aplaudiram, embora Thomas não estivesse a ver como poderia o exército tomar Caen. As muralhas eram enormes e bem apoiadas por torres, os parapeitos largos e cheios de defensores que pareciam tão valentes como os atacantes. Thomas procurava os pendões, em busca dos três falcões amarelos num campo azul, mas havia tantas bandeiras e o vento agitava-as com tanta força que não conseguia distinguir as três aves de sir Guillaume d'Evecque naquela ondulação colorida por baixo das seteiras.

— E tu o que és, Thomas? — O conde deixou-se atrasar para ficar junto dele. Montava um enorme corcel, de modo que, apesar de ser

muito mais baixo que Thomas, ficava acima dele. Falava-lhe em francês. — Inglês ou norrnando?

Thomas fez uma careta.

— Inglês, meu senhor. Até ao meu dorido traseiro — havia tanto tempo que cavalgava que tinha as coxas feridas.

— Somos todos ingleses, não é verdade? — O conde parecia levemente surpreendido.

— Desejaríeis ser outra coisa? — perguntou Thomas, olhando para os arqueiros em redor. — Só Deus sabe, meu senhor que eu não gostaria de combater contra eles.

— Nem eu — resmungou o conde. — E poupei-te uma luta contra sir Simon. Ou antes, salvei a tua miserável vida. Ontem à noite falei com ele. Não posso dizer que estivesse muito disposto a poupar-te à força e nem sequer o posso censurar por isso — o conde deu uma palmada para matar um moscardo. — Mas por fim a ganância dele ultrapassou o ódio que sente por ti. Custou-me a minha parte no dinheiro dos dois barcos da condessa, jovem Thomas. Um navio pelo seu escudeiro morto e, o outro, pelo buraco que lhe fizeste na perna.

— Muito obrigado, meu senhor — disse Thomas, efusivo. Sentia o alívio invadi-lo. — Muito obrigado — repetiu.

— És agora um homem livre — disse o conde. — Sir Simon apertou-me a mão,

um escrивão tomou nota e um padre serviu de testemunha. Agora, por amor de Deus não lhe vás matar outro dos companheiros.

— Não vou, não, senhor — prometeu Thomas.

— E agora estás em dívida para comigo — afirmou o conde.

— Eu sei, senhor.

O conde soltou uma exclamação de dúvida, sugerindo ser pouco

provável que Thomas alguma vez lhe pagasse tal dívida, e depois lançou um olhar desconfiado ao arqueiro.

— E, por falar da condessa — continuou. — Não me tinhas dito que a tinhas trazido para Norte.

— Não me pareceu importante, senhor.

— Ontem à noite — continuou o conde — depois de ter discutido com Jekyll por tua causa, encontrei sua senhoria nos aquartelamentos do príncipe. Diz que a trataste com a maior delicadeza. Parece que te comportaste com discrição e respeito. Será mesmo verdade?

Thomas corou.

— Se ela assim o diz, meu senhor, então deverá ser verdade. O

conde riu-se, depois picou o corcel com as esporas.

— Comprei a tua alma — disse satisfeito. — Luta bem por mim!

— Afastou-se para se ir juntar aos seus homens-de-armas.

— O nosso Billy é boa pessoa — disse um arqueiro fazendo um sinal com a cabeça na direcção do conde. — Muito boa.

— Se ao menos fossem todos como ele — concordou Thomas.

— Como é que tu falas francês? — perguntou o arqueiro desconfiado.

— Aprendi na Bretanha — disse vagamente Thomas.

A vanguarda do exército chegara nesse momento ao espaço vazio diante das muralhas e, como aviso, um virote de besta espetou-se na turfa. Aqueles que seguiam o exército, que tinham ajudado a dar a ilusão de força avassaladora, armavam as tendas nas colinas a norte, enquanto que os soldados se espalhavam na planície que rodeava a cidade. Os marechais galopavam entre as unidades, gritando que os homens do príncipe deveriam dirigir-se para junto das muralhas até à

Abbaye aux Dames, no outro lado da cidade. Era ainda cedo, estava-se mais ou menos a meio da manhã, e o vento trazia o aroma dos cozinhados de Caen, enquanto os homens do conde marchavam pelas quintas desertas. O castelo elevava-se acima deles.

Dirigiram-se para o lado poente da cidade. O Príncipe de Gales, montado num enorme cavalo e seguido por um porta-estandarte e por um bando de homens-de-armas, galopou até ao convento quê, por ficar bem fora das muralhas da cidade, fora abandonado. Faria dele a sua casa, enquanto durasse o cerco e Thomas, desmontando no local do acampamento dos homens de Armstrong, viu Jeanette atrás do príncipe. Seguia-o como um cãozinho, pensou amargurado, mas logo se censurou por ter ciúmes. Por quê ter ciúmes de um príncipe?

O mesmo seria ofender-se com o Sol ou amaldiçoar o oceano. Há outras mulheres, disse para consigo, enquanto levava o cavalo para uma das pastagens da abadia.

Um grupo de arqueiros explorava os edifícios desertos que se situavam junto ao convento. A maior parte eram cabanas, mas uma delas fora uma carpintaria, agora cheia de aparas de madeira e serradura, enquanto por trás ficava uma oficina de curtumes, fedendo ainda a urina, cal e estrume, utilizados para secar o couro. Por trás, havia apenas um terreno baldio, cheio de cardos e urtigas, que levava directamente à grande muralha da cidade. Thomas viu que dezenas de arqueiros se aventuravam por entre as ervas para olhar para os parapeitos. O dia estava quente e o ar diante das muralhas parecia tremer. Uma leve brisa do Norte empurrava as nuvens altas e fazia ondular a erva que crescia dentro do fosso, na base das ameias. Cerca de uma centena de arqueiros encontrava-se agora no solo, ao alcance das bestas, embora nenhum francês tivesse ainda disparado. As duas

dezenas de atrevidos arqueiros levavam consigo machados para cortar lenha, mas a curiosidade mórbida conduzia-os em direcção às ameias e não aos bosques; Thomas seguia-os agora, querendo julgar por si que horrores enfrentavam os sitiados. Foi obrigado a voltar-se pelo ranger de eixos não oleados, de duas carroças de camponeses, que eram puxadas para o convento. Continham ambas armas, coisas enormes, arredondadas com inchados ventres metálicos e bocas enormes. Gostaria de saber se a magia dessas armas conseguiria abrir um buraco nos parapeitos, mas mesmo que assim fosse, então os homens teriam de continuar a combater através da brecha. Fez o sinal da Cruz. Talvez arranjasse uma mulher dentro da cidade. Tinha quase tudo o que um homem necessitava: um cavalo, um gibão, o arco e a aljava. Precisava apenas de uma mulher.

Não via como um exército, mesmo com o dobro do tamanho, pudesse atravessar as enormes muralhas de Caen. Erguiam-se, como rochedos, do fosso lamacento e a cada cinquenta passos havia um bastião cónico, coberto para dar aos besteiros da guarnição a possibilidade de lançarem os seus virotes no flanco dos atacantes.

Seria uma carnificina, pensou Thomas, muito pior que a matança que ocorrera, de cada vez que os homens do conde de Northampton tinham assaltado a muralha sul de La Roche-Derrien.

No terreno baldio, apareciam cada vez mais arqueiros, a olhar para cidade. A maior parte estava ao alcance das bestas, mas os franceses continuavam a ignorá-los. Pelo contrário, os defensores começavam a erguer os alegres pendões, suspensos das seteiras.

Thomas procurou os três falcões de sir Guillaume, sem conseguir encontrá-los. A maioria estava decorada com cruzes e figuras de santos. Um mostrava as chaves do céu, outro o leão de São Marcos e

um terceiro um anjo de asas abertas ceifando as tropas inglesas com uma espada flamejante. Esse pendão desapareceu.

— Mas que raio estarão os malditos bastardos a fazer? —

perguntou um arqueiro.

— Os bastardos estão a preparar-se para fugir! — respondeu outro homem. Olhava para a ponte de pedra que levava da cidade antiga à Ile de Saint Jean.

Essa ponte estava cheia de soldados, uns a cavalo, a maioria apeados, todos saindo da cidade murada, dirigindo-se para a ilha das casas grandes, igrejas e jardins. Thomas deslocou-se uns passos mais para sul, de modo a obter uma vista melhor e apercebeu-se de que os besteiros e os homens-de-armas apareciam nas ruelas por entre as casas da ilha.

— Vão defender a ilha — disse, para quem o podia ouvir.

Nesta ocasião, havia carroças puxadas sobre a ponte e podiam ver-se mulheres e crianças escoltadas por homens-de-armas.

Restavam apenas meia dúzia de pendões nas muralhas, depois dos defensores terem atravessado a ponte. As grandes bandeiras dos senhores nobres continuavam a flutuar das torres mais altas do castelo e os pendões religiosos suspensos das altas paredes da torre de menagem, mas os parapeitos da cidade estavam quase vazios, observados agora por quase um milhar de arqueiros do batalhão do Príncipe de Gales. Deveriam ter ido cortar lenha, construir abrigos ou escavar latrinas, mas começavam aos poucos a suspeitar de que os franceses não planeavam defender a cidade e a ilha, mas sim unicamente esta última. Queria isto dizer que a cidade fora abandonada. Parecia tão improvável que ninguém se atrevia a mencioná-lo. Limitavam-se a observar os habitantes e defensores da

cidade a atravessar a ponte de pedra e depois, quando o último pendão desapareceu dos parapeitos, alguém se encaminhou para a porta mais próxima.

Ninguém deu ordens. O príncipe, o conde, os oficiais ou os cavaleiros, nenhum deles mandou os arqueiros avançar. Estes decidiram simplesmente abordar a cidade, de modo próprio. A maior parte usava a libré verde e branca do Príncipe de Gales, mas outros, como Thomas, tinham as estrelas e os leões do conde de Northampton. Thomas quase esperava ver aparecer os besteiros para receberem o avanço disperso com uma terrível revoada de virotes; todavia as seteiras mantinham-se vazias, e os arqueiros sentiram-se animados ao ver que os pássaros se tinham atrevido a pousar nas ameias, sinal seguro de que os defensores as tinham abandonado. Os soldados, empunhando machados começaram a estilhaçar a madeira da porta, sem que fossem atingidos por virotes dos bastiões adjacentes. A gigantesca cidade murada de Guilherme, o Conquistador, tinha sido deixada sem guarda.

Os homens, armados de machados, racharam a madeira, com pregos de ferro, ergueram a tranca e abriram de par em par os enormes portões para revelarem uma rua vazia. Sobre as pedras havia um carro de mão abandonado, com uma roda partida, mas nada de franceses. Houve uma pausa, enquanto os arqueiros olhavam incrédulos, mas depois a gritaria começou: «Ao ataque! Ao ataque!» A idéia principal era a pilhagem, e os homens metiam-se ávidos pelas casas adentro, para encontrar unicamente cadeiras, mesas e armários.

Para a ilha tinha ido tudo, de verdadeiro valor, bem como as pessoas.

Mesmo assim, mais arqueiros entravam na cidade. Alguns subiram até ao campo aberto que rodeava o castelo, onde dois

morreram de virotes de besta disparados dos altos parapeitos, mas o resto espalhou-se pela cidade para a encontrar nua; assim, cada vez mais homens eram atraídos para a ponte que ligava as duas margens do rio Odon e conduzia à Ile de Saint Jean. No extremo sul, onde aquela chegava à ilha, havia uma torre de barbacã cheia de bestas.

Mas, não querendo que os ingleses se aproximassem dela, os franceses ergueram apressadamente uma barricada no lado norte da ponte com um monte de carroças e restos de móveis, guarnecendo a barreira com duas dezenas de homens-de-armas, reforçados por outros tantos besteiros. Havia outra ponte no lado oposto da ilha, mas os arqueiros ignoravam a sua existência e, além do mais, ficava longe e a barricada era o caminho mais próximo para as riquezas do inimigo.

Começaram a voar as primeiras setas de penas brancas. Depois ouviram-se os ruídos mais sonoros das bestas inimigas a descarregar e o estalo dos virotes a bater nas pedras da igreja, por baixo da ponte.

Morreram os Primeiros homens.

Mesmo assim, não chegavam ordens. Nenhum responsável entrara ainda na cidade, apenas uma massa de arqueiros, tão estúpidos como lobos ao cheiro de sangue. Lançavam setas para a barricada, obrigando os seus defensores a esconder-se por trás das carroças voltadas até que o primeiro grupo de ingleses soltou uma ovação e carregou contra a barricada com espadas, machados e lanças. Seguiram-nos mais homens, enquanto os primeiros tentavam ultrapassar o tosco amontoado. As bestas disparavam da barbacã e os homens eram obrigados a recuar pelos pesados projecteis. Os homens-de-armas franceses

ergueram-se para repelir os sobreviventes e as espadas entrechocaram-se com os machados. O sangue corria

pelo acesso à ponte, fazendo um arqueiro escorregar e cair, para ser pisado pelos companheiros que se dirigiam ao combate. Os ingleses berravam, os franceses gritavam, uma trombeta soava na barbacã e todos os sinos das igrejas da Ile de Saint Jean tocavam a rebate.

Thomas, sem espada, mantinha-se escondido sob o pórtico de uma igreja, situada por baixo da ponte, de onde disparava setas para a torre da barbacã, porém o seu alvo era difícil de distinguir, já que, na cidade antiga, um telhado de colmo começara a arder e o fumo subia pelo rio, numa nuvem baixa. Os franceses mantinham todas as vantagens. Os besteiros podiam disparar a partir da barbacã e do abrigo da barricada e, para atacar, os ingleses tinham de se afunilar, no estreito acesso à ponte, coberto de cadáveres, sangue e virotes.

Mesmo assim, havia mais besteiros inimigos estacionados junto à linha dos barcos ancorados na orla da ilha, aí encalhados na baixa-mar. Os defensores, ocultos pelas fortes amuradas de madeira, podiam disparar em direcção aos arqueiros imbecis, que se atrevessem a aparecer nestas partes da muralha da cidade, não totalmente ocultas pelo fumo. Cada vez mais besteiros chegavam à ponte e, tantos eram os virotes lançados, que o céu, por cima do rio, parecia coberto por um bando de estorninhos. Outra onda de arqueiros carregou, vinda das azinhagas, para encher a rua estreita que conduzia à barricada.

Atacavam aos berros. Não utilizavam arcos no combate, mas sim machados, espadas, podões e lanças. Estas últimas eram empunhadas pelos hobelars, muitos deles galeses, que soltavam, um uivo agudo, enquanto corriam na companhia dos arqueiros. Pelo menos uma dúzia destes novos atacantes deveriam ter caído, vítimas dos virotes, mas os sobreviventes empilhavam os cadáveres e chegavam-se à barricada agora defendida por, pelo menos, trinta homens-de-armas e

outros tantos besteiros. Thomas correu para apanhar a aljava de um morto. Os atacantes juntavam-se contra a barricada, furada pelas setas, com pouco espaço para brandir machados espadas e lanças. Os soldados franceses espetavam com as lanças, agrediam com espadas e malhavam com clavas, mas quando os arqueiros da primeira fila morreram, a segunda foi empurrada para as armas inimigas, enquanto que os virotes das bestas voavam das ameias da torre da barbacã e subiam dos barcos ancorados no rio. Thomas viu um homem

despenhar-se da ponte com um virote de besta metido no elmo. O sangue corria-lhe pelo rosto e soltava um miado estranho e incoerente antes de cair de joelhos, para depois, lentamente, tombar na estrada, onde foi pisado por nova onda de atacantes. Alguns arqueiros ingleses abriram caminho para o telhado da igreja e mataram meia dúzia de defensores da barricada antes dos besteiros da barbacã os terem varrido com os seus virotes. O acesso à ponte estava agora coberto de corpos, tantos que obstruíam a carga dos ingleses, obrigando meia dúzia de homens a atirá-los pelo parapeito. Um arqueiro alto, armado com um machado, de cabo comprido, conseguiu chegar ao cimo da barricada, onde brandindo várias vezes a enorme lâmina, abateu um francês com fitas no elmo; foi depois derrubado por dois virotes de besta que o obrigaram a dobrar-se agarrado ao ventre e deixando cair a arma. Os franceses içaram-no para o seu lado da barricada, onde três homens o espetaram com as suas espadas, usando a seguir o seu próprio machado para lhe cortarem a cabeça. Espetaram o troféu ensanguentado numa lança e acenaram com ele por sobre a barricada, numa provocação aos atacantes.

Um homem-de-armas a cavalo, ostentando a insígnia do conde

de Warwick com um urso e uma lança partida, gritavam para que os arqueiros retirassem. O próprio conde encontrava-se na cidade, enviado pelo rei para fazer recuar os seus arqueiros, afastando-os da luta desigual, mas estes não se mostraram dispostos a escutá-lo. Os franceses vaiavam-nos, matavam-nos, mas mesmo assim, os arqueiros queriam quebrar as defesas da ponte e saciarem-se com a riqueza de Caen. Assim, ainda mais homens enlouquecidos pelo sangue carregaram contra a barricada — tantos que enchiam a estrada, enquanto os virotes rodopiavam, vindos do céu fumacento. Os atacantes da retaguarda avançaram e os homens da frente morriam, de encontro às lanças e às espadas francesas.

Os franceses venciam. Os virotes das suas bestas batiam no amontoado de homens; os da frente começaram a recuar para escapar à matança, enquanto os da retaguarda continuavam a empurrar para diante; os que se encontravam no meio, ameaçados por uma morte por esmagamento, quebraram uma forte sebe de madeira que lhes permitiu espalharem-se, saindo do acesso à ponte, para uma estreita faixa de terreno entre o rio e as muralhas da cidade. Mais homens os seguiram.

Thomas continuava acorrido no pórtico da igreja. De vez em quando lançava

uma flecha directamente para a barbacã, mas o fumo, cada vez mais espesso, pairava como um nevoeiro, quase o impedindo de ver o alvo. Viu os homens saírem da ponte, para a estreita margem do rio, mas não quis segui-los, pois apenas lhe pareceu um modo de cometer suicídio. Estavam ali encurralados, com a alta muralha da cidade por trás, o rio serpenteando pela frente e a margem oposta com uma linha de barcos de onde os besteiros lançavam virotes para aqueles alvos novos e convidativos.

O retirar dos cadáveres pelo parapeito da ponte abriu de novo o caminho para a barricada e os recém-chegados, que não tinham experimentado a carnificina dos primeiros ataques, retomaram o combate. Um hobelar conseguiu subir a uma carroça voltada, apunhalando todos com a sua curta lança. Tinha já virotes de besta espetados no peito, mas continuava a gritar e a apunhalar e tentou continuar a combater mesmo depois de esventrado por um homem-de-armas francês. As tripas saíram-lhe, mas mesmo assim, conseguiu energia para erguer a lança e desferir um último golpe antes de cair entre os defensores. Meia dúzia de arqueiros tentavam dismantelar a barricada, enquanto outros lançavam os mortos da ponte para limpar a estrada. Pelo menos um ferido, ainda vivo, foi também lançado ao rio. Gritava enquanto caía.

— Para trás, cães! Para trás! — o conde de Warwick chegara ao caos e brandia a sua lança de marechal em todas as direcções.

Mandou um trombeteiro tocar as quatro últimas notas da retirada, enquanto que o lado francês lançava o sinal de ataque, bruscos grupos de notas que agitavam o sangue; os ingleses e os galeses obedeciam mais à trombeta francesa do que à que lhes competia.

Mais homens — às centenas — entravam na cidade antiga, esquivando-se aos oficiais do conde de Warwick e aproximando-se da ponte onde, incapazes de ultrapassar a barricada, seguiam os homens até à margem e disparavam os arcos, para os besteiros das barcas.

Os homens do conde de Warwick começaram a expulsar os arqueiros da rua que levava à ponte, mas por cada um que de lá retiravam passavam dois sem serem impedidos. Uma multidão de gente de Caen, alguns armados com pouco mais do que paus, esperava depois da barbacã, prometendo um novo combate, se a barricada fosse

vencida. A loucura apoderara-se do exército inglês, uma loucura que os levava a atacar a ponte, extraordinariamente bem defendida. Os homens morriam a gritar e, atrás deles, surgiam outros. O conde de Warwick berrava-lhes que recuassem, mas todos pareciam surdos aos seus apelos. Um enorme rugido de desafio soava na margem do Odon e Thomas saiu do pórtico para ver que grupos de homens tentavam agora passá-lo a vau. E conseguiam. O Verão fora seco, o rio corria ainda mais baixo na vazante, havia pouca água que, na parte mais profunda, apenas chegava ao peito de um homem. Dezenas de soldados mergulhavam agora. Thomas, evitando dois oficiais do conde, saltou os restos da sebe e deslizou pela margem agora coberta de virotes de bestas, enterrados. O local cheirava a trampa, pois era aqui que a cidade fazia os despejos da noite. Uma dúzia de hobelars galeses passava o rio e Thomas juntou-se-lhes, erguendo o arco acima da cabeça para manter a corda seca. Os besteiros tiveram de sair do seu abrigo atrás das amuradas das barcaças, para poderem disparar contra os atacantes dentro do rio e, uma vez erguidos, tornaram-se um alvo fácil para os arqueiros, que se encontravam na margem, do lado da cidade.

A corrente era forte e Thomas apenas conseguia dar passos curtos. Os projecteis caíam na água, à sua volta. O homem que justamente o precedia, foi atingido na garganta e arrastado pelo peso da cota de malha nada mais deixando atrás de si do que um remoinho na água ensanguentada. As amuradas dos navios tinham espetadas uma multidão de flechas de penas brancas. Um francês estava caído sobre a amurada de um barco e o corpo estremecia de cada vez que se lhe espetava uma nova flecha. O sangue escorria de um embornal.

— Matai os bastardos, matai os bastardos! — resmungava um homem junto de Thomas, que viu tratar-se de um dos oficiais do conde de Warwick, que concluindo não poder terminar o ataque, decidira juntarse aos outros. Levava consigo um alfange curvo, meio espada, meio cutelo de carnicheiro.

O vento afastava o fumo das casas incendiadas, afazendo-o baixar até junto do rio e enchendo o ar de fragmentos de palha incandescente. Alguns desses fragmentos tinham-se metido por entre as velas recolhidas de dois dos barcos que agora ardiam violentamente. Os seus defensores tinham escapado para terra a muito custo. Outros arqueiros inimigos fugiam dos primeiros soldados ingleses e galeses que, cobertos de lama, trepavam para a margem entre os barcos ancorados. O ar estava cheio do rápido zumbido das flechas a voar por cima das cabeças. Os sinos da ilha continuavam a tocar. Um francês gritava da torre da barbacã, ordenando que os homens se espalhassem ao longo do rio e atacassem

os grupos de galeses e ingleses que, aos tropeções, escorregavam na lama do rio.

Thomas continuava a andar. A água chegava-lhe ao peito para depois começar a baixar. Lutava contra a lama mole do leito do rio, ignorando os virotes que caíam na água em seu redor. Um besteiro ergueu-se de trás da amurada de um barco, e apontou-lhe ao peito.

Porém, nesse momento, duas flechas atingiram o homem que caiu para trás. Thomas continuava, e subia agora para a margem. De súbito viu-se fora do rio, quase caindo na lama escorregadia, ao abrigo da proa alta da barçaça mais próxima. Via que os homens continuavam a lutar na barricada, mas também que o rio estava agora cheio de arqueiros e hobelars que, salpicados de lama e encharcados,

começaram a içar-se para os barcos. Os restantes defensores poucas armas tinham, para além das bestas, enquanto os arqueiros estavam na posse de espadas ou machados. O combate sobre os barcos ancorados foi unilateral, a matança breve e, a seguir, as massas de atacantes, desorganizadas e sem chefe, elevaram-se sobre os ensanguentados conveses dos barcos e subiram do rio para a ilha.

O homem-de-armas do conde de Warwick adiantou-se a Thomas.

Subiu com dificuldade a margem inclinada e coberta de erva e foi imediatamente atingido no rosto por um virote de besta, sendo obrigado a recuar quando uma onda de sangue que lhe cobriu o elmo. O virote atravessara-lhe a cana do nariz, matando-o instantaneamente e deixando-o com uma expressão ofendida. O

alfange aterrou na lama aos pés de Thomas que logo lhe pegou, pondo o arco ao ombro. Era surpreendentemente pesado. Nada havia de sofisticado num alfange; era um simples instrumento de morte, com um gume destinado a cortar em profundidade, servindo-se do peso da enorme lâmina. Era uma boa arma para usar numa refrega.

Will Skeat dissera uma vez a Thomas, ter visto um cavalo escocês decapitado com um único golpe de alfange e só de olhar para uma lâmina tão brutal, fazia-o sentir o terror nas entranhas.

Os hobelars galeses, que entravam na barçaça, acabaram com os defensores e soltaram um grito na sua estranha língua, saltando depois para terra. Thomas seguiu-os, para se encontrar numa linha pouco unida de atacantes enlouquecidos,

que corriam em direcção a uma fileira de casas ricas, defendidas por homens, fugidos dos barcos, e por cidadãos de Caen. Os besteiros tiveram tempo de disparar cada um deles um virote, mas estavam nervosos e a maior parte apontou para longe demais, pelo que, os atacantes atiraram-se logo a eles

como cães a um veado ferido.

Thomas brandiu o alfange com as duas mãos. Um besteiro tentou defender-se com a sua besta, mas a pesada lâmina caiu sobre a parte inferior da outra arma como se esta fosse feita de marfim. Thomas enterrou o alfange no pescoço do francês. Um esguicho de sangue espirrou-lhe para a cabeça, enquanto tentava soltar a pesada arma, dando ao besteiro um pontapé entre as pernas. Um galês metia a lâmina da lança por entre as costelas de um francês. Thomas tropeçou no homem que tinha abatido, tentou equilibrar-se e soltou o grito de guerra inglês: «São Jorge!» Brandiu de novo a lâmina, cortando o braço de um homem que erguera um pau. Estava suficientemente próximo dele, para lhe sentir o hálito e o mau cheiro das roupas. Um francês brandia a espada, enquanto outro batia nos galeses com uma clava com incrustações de metal. Parecia uma luta de taberna, de foras-da-lei, e Thomas gritava como um demónio.

Malditos, todos eles. Salpicado de sangue descia a rua desferindo pontapés, arranhando e cortando quem lhe aparecesse pela frente. O

ar estava invulgarmente carregado, húmido e quente; cheirava a sangue. Uma clava, com pregos de metal incrustados, falhou-lhe a cabeça por um dedo, atingindo antes uma parede, Thomas ergueu o alfange e cortou as partes baixas do homem. Este gritou e Thomas carregou com o pé, para que a lâmina se enterrasse mais.

— Bastardo! — disse, voltando a carregar. — Bastardo!

Um galês espetou a lança no homem e mais outros dois assaltaram-lhe em cima e, com as barbas e os longos cabelos manchados de sangue, espetaram as longas lanças de lâminas vermelhas, na fileira seguinte de defensores.

Deveria haver vinte ou mais inimigos na azinhaga, enquanto que

Thomas, com os seus companheiros, eram menos de uma dúzia, mas os franceses estavam nervosos e os atacantes com mais confiança, de modo que se atiraram a eles de lança, espada e alfange em riste, e agredindo, apunhalando,

cortando e insultando, matavam num tumulto de ódio estival. Um enxame cada vez maior de ingleses e galeses subia o rio, causando um ruído fúnebre, um uivo sedento de sangue e um gemido de desprezo pelo abastado inimigo. Eram estes os cães de guerra fugidos dos canis para tomarem a grande cidade que os senhores do exército tinham calculado poder aguentar o avanço dos ingleses durante um mês.

Os defensores da azinhaga cederam e fugiram. Thomas atingiu um homem pelas costas e soltou a lâmina com um raspar de aço no osso. Os hobelars abriram uma porta a pontapé, reclamando a casa como propriedade sua. Uma onda de arqueiros, com a libré verde e branca do Príncipe de Gales, entrou na rua, atrás de Thomas, seguindo-o até um jardim comprido e muito bonito onde cresciam pereiras em canteiros bem tratados. Thomas sentiu-se perturbado pela incongruência de um sítio tão belo, sob um céu cheio de fumo e gritos horríveis. O jardim tinha uma orla de violetas, goivos e peonias, bem como bancos sob uma latada e pareceu-lhe por instantes um bocado de céu, mas logo os arqueiros pisaram as plantas, deitaram abaixo o canto da vinha e correram por cima das flores.

Um grupo de franceses tentou conduzir os invasores para fora do jardim. Aproximaram-se vindos de leste, saídos da massa de homens que aguardavam atrás da barbacã da ponte. Eram conduzidos por três homens-de-armas a cavalo, todos eles com as camisas azuis, decoradas com as estrelas amarelas. Obrigavam os cavalos a saltar as

sebes baixas e gritavam, erguendo as longas espadas, prontos a atacar.

As flechas espetaram-se nos cavalos. Thomas não tinha ainda tirado o arco do ombro, mas dois arqueiros do príncipe já tinham as flechas prontas, para apontar às montadas e não aos cavaleiros. As setas enterraram-se profundamente nos aramais que relincharam, recuaram e caíram, e os arqueiros correram sobre os homens caídos, com machados e espadas. Thomas seguiu para a direita, decapitando os franceses apeados, a maior parte dos quais parecia ser gente da cidade, armada com tudo desde pequenos machados a ganchos do feno, até antigas espadas, que eram manobradas com as duas mãos.

Cortou um casaco de couro com o alfange, soltou a lâmina com um pontapé, sacudiu-a, para que o sangue caísse dela em gotas e depois atacou de novo. Os franceses vacilaram ao ver mais arqueiros vindos da azinhaga e fugiram em

direcção à barbacã.

Os arqueiros atacavam quem estivesse apeado. Um dos homens caídos gritava, enquanto as lâminas lhe cortavam os braços e o tronco. As camisas de tela azuis e amarelas estavam ensopadas em sangue. Logo a seguir, Thomas viu que não se tratava de estrelas amarelas num campo azul, mas sim de falcões. Falcões de asas abertas e garras saídas. Os homens de sir Guillaume d'Everque! Talvez o próprio sir Guillaume! Porém, ao olhar para os rostos contraídos, salpicados de sangue, Thomas viu que todos três eram jovens. Porém, sir Guillaume estava ali em Caen e a lança, pensou Thomas, deveria andar por perto. Atravessou a sebe e dirigiu-se para outra rua. Atrás dele, na casa em que os hobelars tinham entrado, uma mulher gritava, a primeira de muitas. Os sinos das igrejas calavam-se agora.

Eduardo III, rei de Inglaterra, pela Graça de Deus, conduziu perto de doze mil soldados e, nessa ocasião, um quinto deles encontrava-se

na ilha e mais se aproximavam. Ninguém os conduzira para lá. As únicas ordens recebidas tinham sido de retirada. Todavia, desobedeceram e assim, tinham capturado Caen, mesmo que o inimigo detivesse a barbacã da ponte de onde continuavam a lançar virotes de besta.

Thomas saiu da azinhaga para a rua principal, onde se tinha reunido um grupo de arqueiros para invadir a torre das ameias.

Juntamente, vinha também uma multidão uivante de galeses e ingleses, que avassalaram os franceses, escondidos sob o arco da barbacã, antes de carregarem sobre os defensores da barricada da ponte, já invadida de ambos os lados. Os franceses, apercebendo-se da sua condenação, largavam as armas e gritavam que se rendiam, mas os arqueiros não estavam com disposição para tréguas. Uivaram e atacaram. Os franceses foram atirados ao rio e depois, dezenas de homens desfizeram a barricada, lançando os móveis e as carroças pelo parapeito da ponte.

A grande massa de franceses, que esperava atrás da barbacã, espalhou-se pela ilha, a maior parte deles, calculava Thomas, para acudir às mulheres e às filhas. Foram perseguidos pelos vingativos arqueiros, que esperavam no lado oposto da ponte e a agorenta multidão passou por Thomas, internando-se no coração da Ile Saint-Jean, onde os gritos eram agora constantes. O grito de ataque ouvia-se por todo o lado. Os franceses detinham ainda a torre da barbacã, embora já não

disparassem as bestas por temerem a retaliação das flechas inglesas. Ninguém tentou tomar a torre, embora um pequeno grupo de arqueiros se mantivesse no centro da ponte a olhar para os pendões suspensos nos parapeitos.

Thomas estava prestes a seguir para o centro da ilha, quando

ouviu o estrondo dos cascos sobre o empedrado e olhou para trás. Viu uma dúzia de cavaleiros franceses, que possivelmente se tinham ocultado por trás da barbacã. Esses homens surgiam agora de uma porta e, com as viseiras fechadas e as lanças deitadas, picavam os cavalos em direcção à ponte. Queriam simplesmente carregar pela cidade antiga e chegar ao castelo, onde ficariam mais seguros.

Thomas avançou uns passos na direcção dos franceses, depois pensou melhor. Ninguém poderia resistir a doze cavaleiros de armadura completa. Porém, viu a túnica azul e amarela e os falcões sobre o escudo de um cavaleiro. Pegou então no arco e retirou uma flecha da aljava. Retesou a corda. Os franceses galopavam justamente junto à ponte quando Thomas gritou:

— Evecque! Evecque! — Queria sir Guillaume, se é que era ele, queria ver o assassino.

O homem de túnica azul e amarela voltou-se na sela, embora Thomas não lhe conseguisse divisar o rosto, pois mantinha a viseira descida. Disparou, mas assim que sentiu o estalo da corda, percebeu que a seta estava empenada. Voara baixo, batendo na perna esquerda do cavaleiro e não nos rins, para onde Thomas tinha feito pontaria.

Puxou de um segunda, mas o grupo de cavaleiros já se encontrava na ponte, e os cascos dos cavalos soltavam faíscas sobre as pedras; os homens da frente baixaram as lanças, para afastar um pequeno grupo de arqueiros e depois seguiram a galope pelas ruas, em direcção ao castelo. A flecha de penas brancas sobressaía ainda da coxa do cavaleiro, onde se espetara. Thomas acabou por lançar uma segunda, mas essa desapareceu no fumo, enquanto que os fugitivos franceses desapareciam nas estreitas ruas da cidade antiga.

O castelo não caíra, mas a cidade e a ilha pertenciam aos ingleses.

Não ainda ao rei, pois os grandes senhores — condes e barões — não haviam capturado nenhum dos locais. Eram sim, dos arqueiros e dos hobelars que agora

se dispunham a pilhar a riqueza de Caen.

A Ile de Saint Jean era, exceptuando Paris, a cidade mais bela, rica e elegante do norte de França. Possuía casas magníficas, jardins flagrantemente, ruas largas, igrejas ricas, e os seus cidadãos eram adequadamente civilizados. Naquele local aprazível entrava agora uma horda selvagem de homens enlameados e ensanguentados, que iam encontrar riquezas, muito para além dos seus sonhos. Aquilo que os hellequins tinham feito em inúmeras aldeias bretãs, acontecia agora numa grande cidade. Era o tempo de matar, violar e praticar a crueldade gratuita. Qualquer francês era inimigo e os inimigos eram mortos. Os chefes da guarnição da cidade, magnatas franceses, estavam a salvo nos andares superiores da torre da barbacã e ali ficaram até reconhecerem senhores ingleses, a quem se pudessem render em segurança. Entretanto, uma dezena de cavaleiros tinha fugido para o castelo. Outros senhores e cavaleiros tinham conseguido galopar e escapar aos inimigos ingleses, pela ponte do lado sul da ilha. Todavia, pelo menos, uns quantos nobres titulares, cujos resgates poderiam ter enriquecido principescamente uma centena de arqueiros, foram cortados, como cães e reduzidos a um indistinto monte de carne e sangue. Os cavaleiros e homens-de-armas, que poderiam ter pago cem ou duzentas libras pela sua liberdade, foram mortos com setas ou com paus, no meio da raiva enlouquecida, que possuía o exército. Quanto aos homens mais humildes, cidadãos armados com bocados de madeira, picaretas ou simples facas, foram simplesmente mortos.

Caen, a cidade do Conquistador, que enriquecera com o saque

inglês, morreu nesse dia e a riqueza foi devolvida aos primeiros donos.

Não apenas a riqueza, as mulheres também. Nesse dia, ser mulher em Caen foi provar o inferno. O fogo não era extenso, pois os soldados preferiram saquear as casas a incendiá-las, mas os demónios eram muitos. Os homens que imploravam pelas mulheres e pelas filhas, eram forçados a assistir à sua desonra. Muitas se esconderam, mas em breve eram encontradas por homens habituados a descobri-las em sótãos ou sob as escadas. As mulheres eram puxadas para as ruas, desnudadas e passeadas como troféus. A mulher de um mercador, monstruosamente gorda, foi atada a uma pequena carroça e chicoteada, nua, para trás e para diante, na rua principal que passava a todo o comprimento da ilha. Durante mais de uma hora os arqueiros obrigaram-na a correr, com alguns homens a rir até às lágrimas do espectáculo dos enormes rolos de gordura e, quando se aborreceram, lançaram-na ao rio, onde a infeliz se acocorou, chorando

e chamando pelos filhos: por fim, um arqueiro, que experimentava uma besta capturada, fazendo pontaria aos cisnes, enfiou-lhe um virote na garganta. Homens carregados de prata, vacilavam a atravessar a ponte, outros ainda, em busca de riquezas, encontravam antes cerveja, cidra ou vinho, de modo que os excessos aumentaram. Um padre foi enforcado na tabuleta de uma taberna depois de ter tentado impedir uma violação. Alguns homens-de-armas, muito poucos, tentavam deter o horror, mas eram largamente ultrapassados e obrigados a recuar até à ponte. A igreja de São João, conhecida por guardar os ossos dos dedos de São João Divino, um casco do cavalo montado por São Paulo na estrada de Damasco e um dos cestos que tinham contido os pães e os peixes do milagre de

Jesus, foi transformada num bordel, onde as mulheres que lá se tinham refugiado eram vendidas a sorridentes soldados. Os homens exibiam-se com sedas e rendas e lançavam os dados pelas mulheres a quem tinham roubado as roupas finas.

Thomas não participou, mas era-lhe impossível impedir o que estava a acontecer. Nem cem homens o conseguiriam, quanto mais um. Outro exército poderia ter evitado a violação em massa, mas por fim, Thomas apercebeu-se de que seria o estupor da embriaguez que terminaria toda aquela violência. Resolveu antes revistar a casa do seu inimigo. Foi de rua em rua, até encontrar um francês moribundo, a quem deu um gole de água, antes de perguntar onde morava sir Guillaume d'Evèque. O homem revirou os olhos, tentou recuperar o fôlego e gaguejou que a casa ficava na parte sul da ilha.

— Não há engano possível — garantiu. — É de pedra, toda de pedra, e tem três falcões gravados por cima da porta.

Thomas dirigiu-se para sul. Os bandos dos soldados do conde de Warwick chegavam em força à ilha, para restabelecer a ordem, mas lutavam ainda com os arqueiros, junto à ponte. Thomas ia para a parte sul que não sofrera tanto como as ruas e azinhagas da outra zona. Viu a casa de pedra, por cima dos telhados de algumas lojas saqueadas. Quase todos os outros edifícios eram feitos de madeira até meio, e tinham telhado de colmo, enquanto a mansão de dois andares de sir Guillaume quase parecia uma fortaleza. Tinha paredes de pedra, telhado de telhas e pequenas janelas, mas mesmo assim, alguns arqueiros tinham lá entrado e Thomas conseguia ouvir os gritos. Atravessou uma pequena praça, onde crescia um carvalho por entre as pedras, subiu a correr os degraus da casa e, passou por baixo de um arco, encimado pelos três falcões gravados. Surpreendeu-o a

violência da raiva que sentiu à vista do brasão. Seria a vingança, disse para consigo, por Hookton.

Atravessou o vestíbulo e encontrou um grupo de arqueiros e hobelars a discutir por causa das panelas da cozinha. Estavam dois criados mortos junto à lareira, onde o fogo ainda ardia. Um dos arqueiros rosnou a Thomas, com ar de desprezo, que tinham chegado à casa em primeiro lugar, e que o seu conteúdo lhe pertencia, mas antes que este pudesse responder, ouviu um grito do andar de cima, que o fez dar meia volta e subir a correr a enorme escada de madeira.

Dois quartos abriam-se para um corredor e Thomas empurrou uma das portas, para ver um arqueiro com a libré do Príncipe de Gales a lutar com uma jovem. O homem já lhe tinha rasgado parte do vestido azul-pálido, mas ela lutava como uma megera, arranhando-lhe o rosto e dando-lhe pontapés nas pernas. Mas, no preciso momento em que Thomas entrava, o homem conseguira dominá-la com uma enorme pancada na cabeça. A rapariga gemeu e caiu na enorme lareira vazia, enquanto o arqueiro se voltava para Thomas.

— É minha — limitou-se a dizer. — Vai arranjar outra para ti.

Thomas olhou para a jovem. Era loura, magra e chorava. Recordou-se da angústia de Jeanette, depois de ter sido violada pelo duque e não aguentou ver dor igual infligida noutra jovem, nem mesmo dentro da mansão de sir Guillaume d'Evecque.

— Penso que já a magoaste o suficiente — afirmou. Persignou-se, recordando os seus pecados na Bretanha. — Deixa-a ir — acrescentou.

O arqueiro, um homem de barbas com mais uma dezena de anos que Thomas, sacou da espada. Era velha, de lâmina larga e forte e o homem erguia-a confiante.

— Escuta, rapaz — disse. — Quero ver-te porta fora e, se não fores, estico-te as tripas de parede a parede.

Thomas ergueu o alfange.

— Fiz um juramento sagrado a São Guinefort, que protegeria todas as mulheres — disse ao homem.

— Maldito imbecil.

O homem investiu, saltando para Thomas, que recuou e aparou o golpe. As lâminas fizeram saltar faíscas, ao entrechocarem-se. O

homem barbudo recuperou rapidamente, investiu de novo, mas Thomas deu mais um passo atrás e afastou a espada para o lado, com o alfange. A rapariga observava-os da lareira, com os olhos azuis, muito abertos. Thomas brandiu de novo o alfange, falhou e a espada quase o atingiu, mas afastou-se a tempo para o lado e deu um pontapé nos joelhos do homem das barbas, obrigando-o a soltar um gemido de dor. Depois brandiu a pesada arma num golpe terrível e cortou o pescoço. O sangue espirrou pelo quarto, enquanto o homem, caía no chão sem soltar um som. O alfange quase lhe separara a cabeça do corpo e o sangue ainda brotava da ferida aberta quando Thomas se ajoelhou junto à sua vítima.

— Se alguém perguntar — disse à jovem em francês — foi o teu pai que o matou e depois fugiu. — Já lhe bastavam os trabalhos depois de ter assassinado o escudeiro, na Bretanha e não queria aumentar o crime com mais a morte de um arqueiro. Retirou quatro moedas da bolsa do morto e depois sorriu para a jovem, que se mantivera invulgarmente calma, mesmo com um soldado a ser quase decapitado, diante dos seus olhos.

— Não te vou fazer mal — prometeu.

Ela olhou-o da lareira.

— Não?

— Hoje não — afirmou, com delicadeza.

Ela levantou-se, sacudindo a cabeça para se livrar de uma tontura. Ajeitou o vestido no pescoço e juntou as partes rasgadas com os fios soltos.

— Podeis não me fazer mal — disse ela. — Mas outros o farão.

— Não, se ficares comigo — disse Thomas. — Olha — tirou do ombro o enorme arco negro, soltou a corda e lançou-lha. — Leva isto e toda a gente saberá que és a mulher de um arqueiro — disselhe. —

Ninguém te tocará.

Ela franziu a testa com o peso do arco.

— Ninguém me fará mal?

— Se lebares isto, não — prometeu-lhe de novo Thomas. — A casa é tua?

— Trabalho aqui — respondeu.

— Para sir Guillaume d'Evecque? — perguntou ele e ela acenou afirmativamente. — Está cá?

Ela abanou a cabeça.

— Não sei onde ele está.

Thomas calculou que o seu inimigo se encontraria no castelo onde, àquela hora, estaria provavelmente a tentar extrair uma flecha da coxa.

— Ele guarda aqui uma lança? — perguntou. — Uma lança grande com uma lâmina de prata?

Ela abanou rapidamente a cabeça. Thomas franziu a testa. Via que a rapariga tremia. Mostrara valentia, mas talvez o sangue que saía do pescoço do morto a perturbasse. Notou também que era bonita apesar das nódoas negras no rosto e do cabelo sujo e emaranhado.

Tinha o rosto comprido, solene devido aos olhos grandes.

— Tens cá família? — perguntou-lhe Thomas.

— A minha mãe morreu. Não tenho ninguém excepto sir Guillaume.

— E ele deixou-te aqui sozinha? — perguntou Thomas com desprezo.

— Não! — protestou ela. — Pensou que ficaríamos em segurança na cidade, mas depois, quando o exército chegou, os homens resolveram antes defender a ilha. Abandonaram a cidade! Porque as casas boas estão todas aqui. — Parecia indignada.

— Que fazes então para sir Guillaume? — perguntou-lhe Thomas.

— Limpo a casa — disse ela. — Munjo as vacas do outro lado do rio — estremeceu, quando ouviu os homens aos gritos, lá fora na praça.

Thomas sorriu.

— Está muito bem, ninguém te fará mal. Agarra o arco. Se alguém olhar para ti diz: «Sou mulher de um arqueiro.» — Repetiu a frase lentamente e obrigou-a a dizê-la várias vezes até estar satisfeito.

— Muito bem! — sorriu-lhe. — Como te chamas?

— Eleanor.

Duvidava que servisse de muito revistar a casa, embora o tivesse feito. Não encontrou a lança de São Jorge escondida em nenhum armário. Não havia móveis, nem tapeçarias, nada de valor, excepto os espetos, as panelas e os pratos da cozinha. Tudo o que era bom, disse Eleanor, fora levado para o castelo na semana anterior. Thomas olhou para os pratos partidos sobre as lajes do chão.

— Há quanto tempo trabalhas para ele? — perguntou.

— Toda a minha vida — disse Eleanor e depois acrescentou timidamente: — Tenho quinze anos.

— E nunca viste uma grande lança que ele tenha trazido de Inglaterra?

— Não — respondeu ela, com os olhos muito abertos, expressão que fez com que Thomas desconfiasse que estava a mentir, embora não insistisse. Decidira interrogá-la mais tarde, quando aprendesse a ter confiança nele.

— É melhor que fiques comigo — disse a Eleanor. — Assim, ninguém te faz mal. Vou levar-te para o acampamento e, quando o exército partir, podes voltar para aqui.

O que lhe estava a dizer era que poderia ficar com ele e tornar-se a verdadeira mulher de um arqueiro, mas isso, tal como a lança, poderia esperar mais um ou dois dias.

Ela acenou com a cabeça, aceitando o destino com serenidade de espírito. Deveria ter rezado para ser poupada à violação que torturava Caen e Thomas era

a resposta às suas preces. Ele entregou-lhe a aljava, para que se parecesse ainda mais ser a mulher de um arqueiro.

— Teremos de atravessar a cidade — disse a Eleanor levando-a pelas escadas.
— Por isso não te afastes.

Desceram os degraus exteriores da casa. A pequena praça estava agora cheio de homens-de-armas a cavalo, com a insígnia do urso e da lança partida. Tinham sido enviados pelo conde de Warwick, para acabar com a pilhagem e com os roubos e olhavam duramente para Thomas, que ergueu as mãos, mostrando que nada levava consigo.

Depois, passou por entre os cavalos. Tinha talvez dado uma dezena de passos, quando se apercebeu de que Eleanor não estava com ele.

Ficara aterrorizada com os cavaleiros, de sujas cotas de malha e rostos escuros, emoldurados pelo aço e hesitara em sair a porta de casa.

Thomas abriu a boca para chamar por ela e, nesse preciso

momento, um cavaleiro que se encontrava por baixo dos ramos do carvalho, picou a montada na sua direcção. Thomas ergueu os olhos e sentiu a aresta lisa de uma espada bater-lhe do lado da cabeça, obrigando-o a cair para a frente, e a bater nas pedras, com a orelha a sangrar. O alfange caiu-lhe da mão, depois as patas do cavalo pisaram-lhe a cabeça e Thomas sentiu a visão atra— vessada por relâmpagos.

O homem desceu da sela e bateu com a bota da armadura na cabeça de Thomas. Este sentiu a dor, ouviu os protestos dos outros homens-de-armas e já não sentiu um segundo pontapé. Porém, nos breves instantes, antes de perder a consciência, reconheceu o assaltante.

Sir Simon Jekyll, apesar do acordo com o conde, queria vingança.

talvez Thomas tivesse sorte. Talvez o seu santo protector, cão ou homem, se ocupasse realmente dele, pois se tivesse ficado consciente teria sofrido torturas. Na noite anterior, sir Simon bem poderia ter apostado a sua assinatura no acordo com o conde mas, ao ver Thomas, toda a idéia de misericórdia lhe desaparecera do espírito. Recordou-se da humilhação de ter sido perseguido nu, no meio do bosque e a dor causada pelo virote de besta enterrado na perna, ferimento que

ainda o obrigava a coxear. Essas lembranças provocaram-lhe apenas o desejo de oferecer a Thomas um longo e lento sofrimento que o deixasse a gritar. Porém, este perdera os sentidos ao ser agredido com a espada e com os pontapés na cabeça, e nem deu por que os dois homens-de-armas o tivessem arrastado até ao carvalho. A princípio, os homens do conde de Warwick tentaram protegê-lo de sir Simon, mas quando este lhes garantiu que Thomas era um desertor, e também ladrão e assassino, mudaram de idéia. Iam enforcá-lo.

Sir Simon permitiu. Se aqueles homens matassem Thomas como desertor, ninguém o poderia acusar da execução do arqueiro. Teria mantido a sua palavra e o conde de Northampton haveria de lhe adiantar a sua parte do dinheiro dos barcos. Thomas estaria morto e sir Simon mais rico e mais feliz.

Os homens-de-armas dispuseram-se a fazê-lo, logo que souberam que Thomas era um criminoso. Tinham ordens para enforcar

desordeiros, ladrões e violadores para acalmar os ardores do exército, mas este lado da cidade, o mais distante da parte antiga, não vira as mesmas atrocidades que a zona norte, de modo que aqueles homens-de-armas não tinham tido oportunidade de fazer uso das cordas fornecidas pelo conde. Agora que tinham um vítima, um deles lançou a corda sobre um ramo do carvalho.

Thomas de pouco teve consciência. Nada sentiu, enquanto sir Simon o revistava e lhe subtraía a bolsa de dinheiro que tinha debaixo da túnica, e não se apercebeu quando lhe ataram a corda em redor do pescoço, mas teve a leve percepção do cheiro a urina de cavalo, quando sentiu que lhe apertavam o pescoço e a visão, que lentamente recuperava, ficou manchada de vermelho. Sentiu-se içado no ar, tentou gemer, apesar do horrível aperto na garganta, mas não foi capaz, tal como lhe foi impossível respirar; tinha apenas uma sensação de queimadura e asfixia, enquanto o ar cheio de fumo lhe entrava na respiração. Queria gritar de terror, mas os pulmões apenas lhe ofereciam uma lenta agonia. Teve um instante de lucidez, ao aperceber-se que estava pendurado e às voltas e, apesar de se agarrar ao pescoço com os dedos enclavinados, não conseguiu alargar o nó da corda que o estrangulava. Depois, aterrorizado, deixou-se urinar.

— Patife covarde — disse sir Simon, em tom de desprezo, e bateu com a espada em Thomas, embora o golpe pouco mais fizesse que abrir-lhe um corte na carne da cintura e fazer o corpo balançar na corda.

— Deixai-o — disse um dos homens-de-armas. — Já está morto.

— E viram os movimentos de Thomas tornar-se espasmódicos.

Depois montaram e seguiram. Um grupo de arqueiros ficara a olhar de uma das casas da praça e sir Simon receou que pudessem ser

amigos de Thomas, de modo que, quando os soldados do conde saíram da praça, acompanhou-os. Os seus próprios seguidores pilhavam a vizinha igreja de São Miguel e sir Simon apenas se chegara até à praça, porque vira a alta casa de pedra e quisera saber se conteria alguma coisa digna de ser saqueada. Mas encontrara antes Thomas que fora enforcado. Não era a vingança com que sir Simon sonhara, mas dera-lhe um certo prazer, o que já era uma compensação.

Thomas já nada sentia. Tudo era escuridão, a dor não existia.

Dançava na corda a caminho do inferno, com a cabeça de lado, o corpo a balançar, as pernas torcidas, as mãos arrepanhadas e os pés a pingar.

o exército ficou cinco dias em Caen. Cerca de trezentos franceses, todos homens de estirpe, que podiam pagar resgate, foram feitos prisioneiros e escoltados para norte, onde embarcariam para Inglaterra. Os soldados ingleses e galeses feridos foram levados para a Abbaye aux Dames e ficaram nos claustros, com as feridas a cheirar tão mal, que o príncipe e o seu séquito tiveram de se mudar para a Abbaye aux Hommes, onde o rei tinha os seus aposentos. Os corpos dos cidadãos massacrados foram retirados das ruas. Um padre da casa real tentou enterrar decentemente os mortos, como competia aos cristãos, mas a vala comum aberta no cemitério de Saint Jean apenas pôde conter quinhentos cadáveres e ninguém teve tempo ou pás que chegassem para enterrar o resto. Assim, quatro mil e quinhentos mortos foram lançados aos rios. Os sobreviventes da cidade rastejaram para fora dos seus esconderijos logo que a loucura da pilhagem terminou, e percorriam as margens em busca dos familiares, por entre os cadáveres que apareciam na maré vazia. As buscas perturbavam os cães selvagens, os ruidosos bandos de corvos e as gaivotas que gritavam enquanto se saciavam com a carne inchada dos mortos.

O castelo continuava ainda nas mãos dos franceses. As paredes eram altas e grossas e não havia escada que as pudesse escalar. O rei enviou um arauto para exigir a rendição da guarnição, mas os

senhores franceses na grande fortaleza, recusaram delicadamente e convidaram os ingleses a fazer o seu pior, confiando em que nenhum tipo de catapulta poderia lançar uma pedra a altura suficiente para abrir uma brecha naqueles imponentes muros. O rei deu-lhes razão, e logo ordenou aos seus artilheiros que quebrassem as pedras do castelo, para o que, os cinco maiores trons do exército atravessaram a cidade antiga nas suas carroças. Três deles tinham a forma de longos tubos, feitos de tiras de ferro forjado ligadas por anéis de aço, enquanto os outros dois eram de bronze fundido por fabricantes de sinos e pareciam recipientes bojudos, com barrigas ovais e inchadas, pescoços estreitos e bocas enormes. Tinham todos cerca de cinco pés de comprimento e precisaram de tripés para passarem das carroças para os suportes de madeira.

Os suportes estavam apoiados em pranchas também de madeira.

O chão por baixo das carretas dos canhões tivera de ser inclinado, para que estes pudessem apontar para a porta do castelo. Deitem a porta abaixo, ordenara o rei e poderia soltar os seus arqueiros e homens-de-armas num assalto ao castelo. Os artilheiros, a maioria homens vindos da Flandres ou de Itália e especialistas neste trabalho, misturavam a pólvora. Faziam-na com salitre, enxofre e carvão, mas o salitre era mais pesado que os outros ingredientes e assentava sempre no fundo dos barris, enquanto que o carvão vinha ao de cima. Por isso, os artilheiros tinham de misturar tudo, cuidadosamente, antes de despejarem o pó mortífero dentro das barrigas dos trons.

Colocavam uma camada de greda feita de água e terra barrenta, na parte estreita do pescoço do canhão, antes de o carregarem com as bolas de pedra rudemente esculpidas, que faziam as vezes de projecteis. A greda servia para selar a câmara de fogo, para que não se

perdesse a potência da explosão, antes de toda a pólvora estar incendiada. Metia-se ainda mais greda em volta das bolas de pedra, para preencher o espaço entre as bolas e os canos e depois os artilheiros tinham de esperar que a greda secasse e se transformasse num isolamento firme.

Os outros três trons eram mais fáceis de carregar. Cada tubo de ferro era amarrado a um enorme suporte de madeira, a todo o comprimento do canhão e depois voltado, em ângulo recto, para que a culatra da arma ficasse encostada a uma trave de sólida madeira de carvalho. Essa culatra, com um quarto do comprimento do canhão, ficava separada do cano e erguia-se acima do suporte,

podendo manter-se direita, no chão, para se encher com o precioso pó negro.

Uma vez cheias, as três câmaras eram seladas, com tampões de salgueiro que continham a explosão, e depois colocadas de novo nos seus apoios. Os três canos cilíndricos já tinham sido carregados, dois com bolas de pedra e um terceiro com um garro, uma gigantesca flecha, de uma jarda de comprimento.

As três câmaras da culatra tinham de ser firmemente encostadas ao cano de modo a que a potência da explosão não se escapasse por entre a união das duas partes do trom. Os artilheiros usavam cunhas de madeira que martelavam entre a culatra e a madeira, na parte posterior do suporte para que, a cada pancada do malho, as juntas ficassem imperceptivelmente mais apertadas. Outros artilheiros metiam a pólvora nas restantes câmaras da culatra, a fim de se poderem disparar os tiros seguintes. Tudo aquilo levava o seu tempo

— bem mais de uma hora, para a greda dos dois canhões bojudos ficar bem firme — e o trabalho atraía uma enorme multidão de curiosos, que se mantinham a uma judiciosa distância, para não

serem atingidos pelos fragmentos, se alguma daquelas estranhas máquinas se lembrasse de explodir. Os franceses, igualmente curiosos, observavam das ameias do castelo. De vez em quando, um defensor lançava um virote de besta, mas a distância era demasiada.

Um projectil ficou a uma dúzia de jardas dos trons, mas o resto caiu muito longe e cada revés provocava uma vaia da parte dos arqueiros.

Por fim, os franceses desistiram da provocação e limitavam-se a olhar.

Os três canhões tubulares, poderiam ter sido disparados em primeiro lugar, pois não precisavam de greda, mas o rei desejava que a primeira rajada fosse simultânea. Esperava que os cinco projecteis estilhaçassem a porta do castelo, com enorme estrondo e, uma vez esta aberta, os seus artilheiros dariam conta do arco da entrada. O

artilheiro-mor, um italiano alto e lúgubre, declarou finalmente as armas prontas, e que fossem trazidas as mechas. Tratava-se de pequenas extensões de palha oca, cheia de pólvora, com as extremidades tapadas com barro, que eram metidas em pequenos orifícios chamados ouvidos. O artilheiro-mor carregou no selo de barro de cada uma das extremidades da mecha, fazendo a seguir o sinal da Cruz.

Um padre tinha já abençoado os trons, salpicando-os com água benta, e assim, o artilheiro-mor ajoelhou e olhou para o rei, que montava um enorme garanhão cinzento.

O monarca, de barba loira e olhos azuis, ergueu os olhos para o castelo. Havia um novo pendão suspenso dos parapeitos, mostrando a mão de Deus, a abençoar uma flor-de-lis. Era tempo, pensou, de mostrar aos franceses de que lado Deus realmente estava.

— Podeis disparar — ordenou solenemente.

Cinco artilheiros armados de bota-fogos — varas compridas, com uma extensão de linho incandescente. Mantinham-se ao lado dos

trons e, a um sinal do italiano, tocavam com o lume nas mechas expostas. Houve um breve borbulhar, um sopro de fumo dos bota-fogos e depois as cinco bocas desapareciam numa nuvem de fumo acinzentado, no qual cinco monstruosas chamas se agitavam e contorciam, enquanto os próprios canhões, bem firmes nos seus suportes, batiam nas traves de madeira e chocavam contra os montes de terra erguidos atrás de cada culatra. O estrondo das armas ribombou mais que o mais forte dos trovões. Bateu fisicamente nos tímpanos e ecoou nas pálidas paredes do castelo; quando, por fim, desapareceu, o vapor continuou a pairar em farrapos diante dos canhões, agora tortos nos suportes e com as bocas levemente fumegantes.

O barulho assustara um milhar de pássaros, com ninhos nos telhados da cidade antiga, e nas torres mais altas do castelo, porém a porta não parecia ter sofrido qualquer dano. As bolas de pedra despedaçaram-se contra as paredes, enquanto que o garro nada fizera, excepto abrir um sulco no caminho de acesso. Os franceses, que se tinham escondido atrás das ameias quando do estrondo e do fumo, levantavam-se agora, lançando impropérios, enquanto os artilheiros recomeçavam estoicamente a alinhar as suas armas.

O rei, com trinta e quatro anos e menos confiante do que a sua atitude aparentava, franziu a testa, quando o fumo se desfez.

— Teremos usado pólvora suficiente? — perguntou ao artilheiro-mor. A pergunta teve de ser traduzida para italiano por um padre.

— Se usarmos mais pólvora, senhor, os canhões estilhaçam-se —

respondeu o italiano, em tom lamentoso. Os homens esperavam sempre que as máquinas fizessem milagres e estava já cansado de explicar que, mesmo a pólvora negra, necessitava de tempo e

paciência para fazer o seu efeito.

— Vós é que sabeis — respondeu rei em tom dúbio. — Decerto que vós é que sabeis — escondia o seu desapontamento, pois tinha algumas esperanças de que todo o castelo se estilhaçasse como vidro, quando os projecteis o atingissem. O seu séquito era formado quase exclusivamente por homens mais velhos que olhavam com ares de desprezo, pois tinham pouca fé nos canhões e, ainda menos, nos artilheiros italianos.

— Quem é aquela mulher que está com o meu filho? —

perguntou o rei a um companheiro.

— A condessa de Armórica, senhor. Fugiu da Bretanha.

O rei estremeceu, não por causa de Jeanette, mas porque o mau cheiro da pólvora era incomodativo.

— Cresceu depressa — disse, com alguma inveja na voz. Levava para a cama uma camponesa qualquer, que era bastante agradável e percebia do que estava a fazer, mas não era tão bela como a condessa de negros cabelos que via junto ao príncipe.

Jeanette sem se aperceber que o rei a observava, olhava para o castelo, em busca de uma prova de que tivesse sido atacado por canhões.

— Afinal o que aconteceu? — perguntou ao príncipe.

— Leva tempo — disse o príncipe, escondendo a sua surpresa, por a porta do castelo não ter desaparecido por magia numa erupção de fragmentos de madeira.

— Dizem que, de futuro, combateremos apenas com canhões. Mas não o consigo imaginar.

— São engraçados — disse Jeanette, enquanto um artilheiro transportava um balde de greda lamacenta, para o canhão mais próximo. A erva diante dos trons ardia em vários lugares e o ar estava

cheio de um fedor a ovos podres, ainda mais repugnante que o dos cadáveres no rio.

— Se vos diverte, minha querida, então ainda bem que temos estas máquinas — disse o príncipe e depois franziu a testa, ao ver que um grupo de arqueiros, vestidos de verde e branco, vaiava os artilheiros. — Que aconteceu ao homem que vos trouxe para a Normandia? — perguntou. — Gostaria de lhe agradecer pelos serviços que vos prestou.

Jeanette recebeu poder corar.

— Não o vi desde que viemos para aqui — respondeu num tom descuidado.

O príncipe voltou-se na sela.

— Bohun! — gritou para o conde de Northampton. — O arqueiro pessoal da minha senhora, não se juntou aos vossos homens?

— Assim foi, senhor

— E onde está ele?

O conde encolheu os ombros.

— Desapareceu. Pensamos que tenha morrido, ao atravessar o rio.

— Pobre homem — disse o príncipe. — Pobre homem.

E Jeanette, para sua surpresa, sentiu uma punhalada de desgosto.

Depois pensou que provavelmente seria melhor assim. Era viúva de um conde e agora amante de um príncipe e Thomas, se estava no fundo do rio, nunca poderia contar a verdade.

— Pobre homem — disse em tom despreocupado. — Comportou-se comigo de uma forma tão galante — desviou o olhar do príncipe, não querendo que ele a visse corar e deu por si a olhar fixamente, completamente desconcertada, para sir Simon Jekyll que, com um

grupo de cavaleiros, viera assistir ao espectáculo dos canhões. Sir Simon ria,

evidentemente divertido por tanto barulho e fumo terem produzido tão pouco efeito. Jeanette, não querendo acreditar nos seus olhos, limitava-se a fitá-lo. Empalidecera. O estar a ver sir Simon, trouxera-lhe de volta recordações dos seus piores dias em La Roche-Derrien, dias de medo, de pobreza, de humilhação e da incerteza em relação a para quem se voltar para pedir ajuda.

— Receio que nunca o possamos recompensar — afirmou o príncipe continuando a falar de Thomas, mas depois reparou que Jeanette não estava a tomar atenção. — Minha querida? — insistiu o príncipe, mas continuava a olhar para outro lado. — Minha senhora?

— O príncipe falava mais alto, tocando-lhe no braço.

Sir Simon reparara que havia uma mulher junto do príncipe, mas não se apercebera de que se tratava de Jeanette. Viu apenas uma senhora esguia, com um pálido vestido dourado, sentada de lado na sela de um rico parlafrém, enfeitado com fitas verde e brancas. Usava um chapéu alto com um véu que ondulava ao vento, escondendo-lhe o perfil. Mas percebeu que, naquele momento, olhava de frente para ele, apontando mesmo para a sua pessoa e, para seu horror, reconheceu a condessa. Reconheceu também o pendão do jovem a seu lado, apesar de, a princípio, nem querer acreditar que ela estava com o príncipe. Depois viu o séquito agourento dos homens de cota de malha, atrás do jovem louro e o seu primeiro impulso foi fugir, mas por fim, sem forças, caiu de joelhos. Quando o príncipe, Jeanette e os outros cavaleiros se aproximaram dele, estendeu-se ao comprido no chão. Tinha o coração a bater desordenadamente e o espírito num redemoinho de pânico.

— O vosso nome? — perguntou rapidamente o príncipe. Sir

Simon abriu a boca, mas dela não saíram palavras.

— O nome dele é sir Simon Jekyll — esclareceu Jeanette, vingativa. — Tentou desnudar-me, senhor e ter-me-ia violado se não tivesse sido resgatada. Roubou o meu dinheiro, a minha armadura, os meus cavalos, os meus barcos e ter-me-ia arrebatado a honra com a mesma delicadeza com que um lobo arrebatava um cordeiro.

— É verdade? — perguntou o príncipe.

Sir Simon ainda não conseguia falar, porém o conde de Northampton interveio.

— Os barcos, armadura e cavalos, senhor, eram despojos de guerra. Fui eu que lhe conferi autorização para os tomar.

— E o resto, Bohun?

— O resto, senhor? — o conde encolheu os ombros. — O resto terá o próprio sir Simon de explicar.

— Mas parece ter ficado sem fala — disse o príncipe. — Haveis perdido a língua, Jekyll?

Sir Simon ergueu a cabeça e viu que Jeanette o fitava com um ar tão triunfante que teve de a baixar de novo. Sabia que deveria dizer qualquer coisa, o que quer que fosse, mas a língua aparecia não lhe caber na boca e receava apenas conseguir gaguejar disparates. Assim, manteve o silêncio.

— Haveis tentado manchar a honra de uma senhora — acusou o príncipe, dirigindo-se a sir Simon.

Eduardo de Woodstock tinha idéias elevadas, provenientes do código de cavalaria, pois os seus tutores sempre o tinham ensinado a partir dos romances. Sabia que a guerra não era tão delicada, como os livros escritos gostavam de sugerir, mas acreditava que, quem estivesse em lugares de honra, deveria mostrá-la, mesmo que um

homem vulgar pudesse comportar-se de outro modo. O príncipe estava também apaixonado, outro ideal encorajado pelos romances.

Jeanette cativara-o e ele determinara que a sua honra fosse confirmada. Falou de novo, mas as palavras foram abafadas pelo som do canhão a disparar. Todos se voltaram para olhar para o castelo, mas a bola de pedra apenas se estilhaçara contra a torre da entrada, sem causar danos.

— Quereis combater comigo, pela honra da senhora? —

perguntou o príncipe a sir Simon.

Sir Simon ficaria satisfeito por combater contra o príncipe, desde que tivesse a certeza de que a sua vitória não traria represálias. Sabia que o jovem tinha a reputação de ser um guerreiro, porém não era ainda um adulto e nem por

sombras tão forte e experiente como sir Simon. Apenas um louco combateria contra um príncipe com esperanças de o vencer. Era verdade que o rei entrava em torneios, mas fazia-o disfarçado, com uma simples armadura, sem capa, para que os seus opositores não tivessem idéia da sua identidade, mas, se sir Simon combatesse contra o príncipe, nunca se atreveria a usar toda a sua força, pois qualquer ferimento seria vingado mil vezes pelos seus apoiantes. De fato, enquanto sir Simon hesitava, os homens sinistros, atrás de sua alteza, picavam os cavalos e aproximavam-se como se se viessem oferecer como campeões para a luta. Sir Simon, ultrapassado pela realidade, abanou a cabeça.

— Se não quereis combater — concluiu o príncipe na sua voz estridente e clara — terei de vos assumir como culpado e exijo uma compensação. Deveis a esta senhora a armadura e a espada.

— A armadura foi tomada com justiça, senhor — disse o conde de Northampton.

— Nenhum homem pode roubar, com justiça, uma armadura e as armas a uma simples mulher — exclamou o príncipe. — Onde está a armadura, Jekyll?

— Perdi-a, senhor — sir Simon falou pela primeira vez. Queria contar toda a história ao príncipe, como Jeanette lhe tinha armado a emboscada, mas a história terminava com a sua própria humilhação e teve a sensatez de se manter calado.

— Então essa cota de malha será suficiente — declarou o príncipe. — Despi-a. E deixai também a espada.

Sir Simon olhou para o príncipe de boca aberta, mas viu que este falava a sério. Desapertou o cinto da espada e deixou-o cair, depois retirou a cota de malha, pela cabeça, ficando apenas de camisa e calções.

— Que tendes na bolsa? — perguntou o príncipe, apontando para o pesado saco de couro, suspenso do pescoço de sir Simon.

Este procurou uma resposta e não encontrou senão a verdade, que era que a bolsa estava cheia com o dinheiro roubado a Thomas.

— É dinheiro, senhor.

— Então entregai-o à sua senhoria.

Sir Simon retirou a bolsa pela cabeça e entregou-a a Jeanette que esboçou um doce sorriso.

— Muito obrigada, sir Simon.

— O vosso cavalo está também confiscado — decretou o príncipe. — Deixareis este acampamento ao meio-dia, pois não sois bem-vindo na nossa companhia. Podeis ir embora, Jekyll, mas em Inglaterra não tereis o nosso favor.

Pela primeira vez, sir Simon fitou o príncipe nos olhos. Miserável cachorro danado, pensou, que o leite da tua mãe azede nos teus

lábios imberbes; depois abanou a cabeça como se tivesse sido atingido pela frieza dos olhos do outro. Fez uma reverência, sabendo que estava a ser banido, sabia que era injusto, mas nada mais poderia fazer senão apelar ao rei; porém, o rei não lhe devia qualquer favor, nenhum homem importante no reino lhe falaria e era realmente um proscrito. Poderia regressar a Inglaterra, mas aí, em breve, todos saberiam que tinha incorrido no desagrado real e a sua vida seria uma interminável desgraça. Inclinou-se, deu meia volta e afastou-se com a sua camisa suja, enquanto em silêncio, os homens abriam caminho para que passasse.

O trom continuava a disparar. Quatro vezes nesse dia e oito no seguinte e, no final dos dois dias, havia uma racha na porta do castelo que poderia dar entrada a um pardal esfomeado. Os canhões nada tinham feito, para além de ensurdecer os artilheiros e partir as bolas de pedra contra os parapeitos do castelo. Nem um francês fora atingido, embora um artilheiro e um arqueiro tivessem morrido, quando um dos canhões de bronze explodira numa miríade de fragmentos de metal, incandescentes. O rei, apercebendo-se de que as tentativas eram ridículas, ordenou a retirada dos trons e o cerco ao castelo foi abandonado.

No dia seguinte todo o exército saiu de Caen. Marcharam para Oriente, em direcção a Paris e, atrás dele, seguiram as carroças, os seguidores, as manadas de gado e, por muito tempo, o céu a Oriente ficou branco, marcado pela nuvem de poeira que levantaram no ar.

Por fim, o pó assentou, e a cidade, devastada e saqueada, foi deixada em paz. As gentes que tinham conseguido fugir da ilha voltaram aos poucos para as suas casas. A porta rachada do castelo foi aberta e a guarnição saiu, para ver o que restava de Caen. Durante uma semana,

os padres transportaram uma imagem de São João pelas ruas sujas enquanto as salpicavam com água benta, para se verem livres da sujidade do inimigo. Disseram-se missas pelas almas dos mortos e orou-se fervorosamente para que os malditos ingleses encontrassem o rei de França para que a ruína também caísse sobre ele.

Todavia, e pelo menos, os ingleses tinham partido e a cidade violada e arruinada poderia voltar a viver.

primeiro chegou a luz. A princípio enevoada, manchada, na qual Thomas pensou poder ver uma enorme janela, mas a sombra movia-se junto a ela e a luz desapareceu. Ouviu vozes, que depois se foram.

In pascuis herbanmi addinavit me. Ouvia as palavras dentro da cabeça. Ele faz-me deitar em verdes pastagens. Um salmo, o mesmo salmo do qual o pai citara as suas últimas palavras. Cálix meus inebrians. A minha taça embriaga-me. Só que não estava embriagado.

Doíalhe respirar e sentia no peito uma pressão como a da tortura das pedras. Depois de novo a bendita escuridão e, com ela, o esquecimento.

A luz regressou uma vez mais, mas vacilava. Lá estava a sombra, a sombra aproximava-se e uma mão fresca poisou-lhe na testa.

— Creio que haveis de sobreviver — disse a voz surpreendida de um homem.

Thomas tentou falar, mas apenas conseguiu extrair de dentro de si um som estrangulado e rouco.

— Fico assombrado com o que os jovens conseguem suportar —

continuou a voz. — E os bebés também. A vida é maravilhosamente forte. Só é pena que a desperdicemos.

— É bastante plena — disse outro homem.

— A voz dos privilegiados — respondeu o primeiro homem, cuja mão se mantinha ainda sobre a testa de Thomas. — Tomais a vida —

disse. — Por isso avalia-la como um ladrão avalia as suas vítimas.

— E sois uma vítima?

— Claro. Uma vítima sabedora, uma vítima entendida, uma vítima valiosa, até. Mas sempre uma vítima. E este jovem, quem é?

— Um arqueiro inglês — disse a segunda voz, com azedume. —

Se tivéssemos juízo, matá-lo-íamos imediatamente.

— Creio que será melhor tentarmos dar-lhe algum alimento.

Ajudai-me a erguê-lo.

Umas mãos puxaram Thomas, para o endireitar no leito e uma colher de sopa quente entrou-lhe na boca. Porém não conseguiu engoli-la e cuspiu para cima dos cobertores. A dor invadiu-o e a escuridão voltou.

A luz apareceu por uma terceira vez, ou talvez pela quarta, não sabia. Talvez tivesse sonhado, mas, desta vez, havia um velho recortado contra a janela iluminada. Usava longas vestes, mas não era padre nem monge, pois o fato não estava preso na cintura e tinha o cabelo branco com um pequeno chapéu negro e quadrado.

— Meu Deus — tentou Thomas dizer, embora apenas lhe saísse um gemido gutural.

O velho voltou-se. Tinha uma longa barba de duas pontas e segurava um vaso de cama. Era um frasco de gargalo estreito e bojudo, cheio de um líquido amarelo pálido que observava à contraluz. Espreitou-o, agitou-o e depois cheirou a boca do frasco.

— Estais acordado?

— Sim.

— E podeis falar! Que belo físico sou! A minha inteligência assombra-me. Se ao menos conseguisse convencer os doentes a pagarem-me. Mas a maioria pensa que lhes deveria estar agradecida

por não me cuspirem. Diríeis que esta urina está límpida?

Thomas acenou afirmativamente, para logo se arrepender, pois a dor percorreu-lhe o pescoço e a espinha.

— Não a considerais túrgida? Nem escura? Não, de fato, não.

Tem um cheiro e um sabor saudável. Não há melhor sinal de saúde que um belo frasco de límpida urina amarela. Infelizmente não vos pertence — o físico abriu a janela e despejou a urina. — Engoli —

ordenou a Thomas.

Thomas tinha a boca seca mas obedeceu e tentou engolir, mas soltou imediatamente um gemido de dor.

— Creio que o melhor será experimentarmos uma papa de aveia muito fina. Muito fina, com um pouco de azeite, creio, ou talvez melhor, manteiga. À volta do pescoço tendes uma tira de pano fino, embebido em água benta. Não foi idéia minha, mas não o proibi. Vós cristãos acreditais em magia, afinal não se pode ter fé, sem confiar na magia, de modo que tenho de aceitar as vossas crenças. É uma pata de cão que usais em redor do pescoço? Deixai estar, de certo não vou querer saber. Porém, quando recuperardes, confio que entenderéis que não foram patas de cão nem panos molhados que vos curaram, mas sim a minha perícia. Sangreiros, apliquei-vos cataplasmas de estrume, musgo e alho e provoqueei-vos suadouros. Mesmo assim, Eleanor insiste em que foram as suas orações e esse espalhafatoso pano molhado que vos ressuscitaram.

— Eleanor?

— Foi ela que cortou a corda para vos descer, meu rapaz. Quase havíeis morrido. Quando eu cheguei, estáveis mais morto que vivo e aconselhei-a mesmo a deixar-vos expirar em paz. Disselhe que vos encontráveis a meio caminho daquilo a que chamais o inferno e que

era velho demais para entrar em competição com o demónio, mas Eleanor insistiu e sempre achei muito difícil resistir às suas súplicas.

Papa de aveia com manteiga rançosa, penso eu. Estais fraco, meu rapaz, muito fraco. Tendes nome?

— Thomas.

— O meu é Mordecai, embora me possais chamar Doutor. Claro que não o fareis. Haveis de me chamar judeu maldito, assassino de Cristo, adorador secreto de porcos e raptor de crianças cristãs — disse tudo isto em tom satisfeito. — Que absurdo! Quem quererá raptar crianças cristãs ou quaisquer outras? Que coisas tão horrorosas! A única graça das crianças está em que crescem, tal como aconteceu com o meu filho, mas depois, tragicamente, geram mais crianças.

Não sabemos aprender com as lições da vida.

— Doutor? — disse Thomas em voz rouca.

— Thomas?

— Muito obrigado.

— Um inglês com maneiras! Ainda há maravilhas neste mundo.

Esperai aqui, Thomas, e não tenhais a indelicadeza de morrer enquanto me ausento. Vou buscar a papa.

— Doutor?

— Ainda aqui estou.

— Onde estou eu?

— Em casa do meu amigo e em completa segurança.

— Vosso amigo?

— Sir Guillaume d'Evecque, cavaleiro do mar e da terra, e o maior imbecil que conheço, mas um imbecil de bom coração. Pelo menos paga-me.

Thomas fechou os olhos. Não compreendera bem o que o físico

lhe dissera, ou pelo menos não acreditara. Doíalhe a cabeça. Sentia dores por todo o corpo desde a cabeça até aos dedos dos pés que latejavam. Pensou na mãe, porque o reconfortava mas depois, lembrou-se de que o tinham içado para a árvore e estremeceu.

Desejou poder adormecer mais uma vez, pois no sono não sentia dor, mas foi

obrigado a sentar-se e o físico meteu-lhe à força na boca uma papa oleosa e acre que, porém, conseguiu não a cuspir nem vomitar.

Deveria conter cogumelos, ou talvez uma infusão de folhas de cânhamo, a que os aldeãos de Hookton chamavam salada-de-anjo, porque depois de comer teve sonhos muito reais, mas menos dores.

Quando acordou, estava escuro e encontrava-se só, mas conseguiu sentar-se e depois pôr-se de pé, mas cambaleou e teve de voltar a sentar-se.

Na manhã seguinte quando os pássaros cantavam nos ramos do carvalho em que quase tinha morrido, um homem alto entrou-lhe no quarto. Vinha de muletas e tinha a coxa esquerda enfaixada em ligaduras. Voltou-se para Thomas e mostrou-lhe a face cheia de terríveis cicatrizes. Uma lâmina cortara-o da testa até ao queixo, levando-lhe o olho esquerdo, num golpe selvagem. Tinha o cabelo louro e comprido, espesso e volumoso, que fez Thomas pensar que teria sido um belo homem, mas que agora parecia saído de um pesadelo.

— Mordecai disse-me que sobrevivereis — resmungou o homem.

— Com a ajuda de Deus — respondeu Thomas.

— Duvido que Deus se interesse muito por vós — disse o homem com amargura. Parecia ter menos de quarenta anos, as pernas arqueadas de cavaleiro e o peito largo de quem pratica muito com as armas. Dirigiu-se à janela, apoiado nas muletas, e sentou-se no

parapeito. Tinha fios brancos na barba, onde a lâmina lhe cortara o queixo, e a voz invulgarmente profunda e áspera. — Mas conseguireis viver com a ajuda de Mordecai. Não há físico que se lhe compare em toda a Normandia, embora só Cristo saiba como o consegue. Há uma semana que espreita o meu mijo. Estou aleijado, judeu tonto, não fui ferido na bexiga, mas ele manda-me calar e extrai mais umas gotas.

Em breve começará convosco. — O homem, que nada mais vestia para além de uma longa camisa branca, contemplava Thomas com ar rabugento. — Tenho uma vaga idéia — resmungou — de que sois vós o maldito degenerado que me meteu uma flecha na perna. Lembro-me de ver o filho de uma rameira, com o cabelo comprido como o vosso e depois, fui atingido.

— Sois sir Guillaume?

— Sou.

— Queria matar-vos — disse Thomas.

— Então porque será que não vos mato eu? — ripostou o outro.

— Estais deitado na minha cama, haveis comido a minha papa de aveia e respirado o meu ar. Bastardo inglês. E pior ainda, sois um Vexille.

Thomas voltou a cabeça para olhar para o assustador sir Guillaume. Nada disse, pois as últimas palavras tinham-no surpreendido.

— Mas preferi não vos matar — disse sir Guillaume. — Haveis impedido a violação da minha filha.

— Da vossa filha?

— Eleanor, imbecil. É uma filha bastarda, claro — disse sir Guillaume. — A mãe dela era criada do meu pai, mas Eleanor é tudo o que me resta e gosto dela. Disseme que haveis sido bom e foi por

isso que cortou a corda para vos descer, e é por isso que estais deitado na minha cama. Sempre foi exageradamente sentimental — franziu a testa. — Mas ainda tenho idéia de vos cortar esse maldito pescoço.

— Durante quatro anos sonhei em cortar o vosso — disse Thomas. Sir Guillaume lançou-lhe um terrível olhar.

— Claro que sim, sois um Vexille.

— Nunca ouvi falar de Vexilles — disse Thomas. — Chamo-me Thomas de Hookton.

Thomas esperava ver sir Guillaume franzir o sobrolho, ao tentar recordar-se de Hookton, mas o homem reconheceu imediatamente o nome da terra.

— Hookton — disse. — Hookton. Bom Deus, Hookton! — ficou em silêncio por alguns instantes. — E claro que sois um maldito Vexille. Tendes a insígnia

no arco.

— No meu arco?

— Havei-lo dado a Eleanor para que o levasse! Ela guardou-o.

Thomas fechou os olhos. Doíam-lhe, as costas e a cabeça.

— Creio que se trata da insígnia de meu pai — disse. — Mas não tenho a certeza, pois nunca falava da família. Sei que odiava o seu próprio pai. Também eu não gostava lá muito do meu, mas os vossos homens mataram-no e eu jurei vingar-me.

Sir Guillaume voltou-se para olhar para janela.

— É verdade que nunca haveis ouvido falar dos Vexilles?

— Nunca.

— Então sois afortunado — ergueu-se. — São crias do demónio, e vós, suspeito bem, sois um deles. Matar-vos-ia, meu rapaz, com os mesmos remorsos com que pisaria uma aranha, mas haveis sido bom para a minha filha bastarda e por isso agradeço-vos — saiu a coxear

do quarto.

E deixou Thomas cheio de dores e completamente aturdido.

thomas convalesceu no jardim de sir Guillaume, protegido do sol por dois marmeleiros, sob os quais aguardava o veredicto diário do doutor Mordecai a respeito da cor, consistência, sabor e cheiro da sua urina. Para o físico, parecia não ter importância que o inchaço do pescoço de Thomas diminuísse, nem o fato de já poder engolir de novo pão e carne. O que lhe interessava era o estado da urina. Não havia, declarava o físico, melhor método de diagnóstico.

— A urina tudo trai. Se cheira mal, ou se é escura, se sabe a vinagre ou está turva é sinal que é necessário um grande tratamento.

Mas uma boa urina, pálida, de cheiro agradável, como esta, é o pior que pode haver.

— O pior? — perguntou Thomas alarmado.

— Significa menos dinheiro para o físico, meu rapaz.

O físico sobrevivera ao saque de Caen, escondendo-se na pocilga de um vizinho.

— Mataram os porcos, mas não chegaram ao judeu. Sabei que me partiram todos os instrumentos, espalharam as drogas, partiram todos os meus frascos, excepto três e incendiaram-me a casa. E por isso que sou obrigado a viver aqui — estremeceu como se morar em casa de sir Guillaume fosse uma coisa terrível. Cheirou a urina de Thomas e depois, hesitando no seu diagnóstico, deixou cair uma gota num dedo e provou-a.

— Muito boa — afirmou. — Infelizmente — despejou o conteúdo do frasco num canteiro de alfazema onde as abelhas se afadigavam.

— Assim, perdi tudo. E isto depois dos nossos grandes senhores nos terem garantido que a cidade era segura! — O físico tinha já dito a Thomas que os chefes da guarnição tinham insistido em defender apenas a cidade murada e o castelo, mas precisavam da ajuda dos habitantes para controlar as muralhas. Estes insistiram para que a Ile de Saint Jean fosse defendida, pois era aí que se encontrava a riqueza da cidade e assim, no último minuto, a guarnição atravessara a ponte para se desgragar. — Loucos — exclamou Mordecai com desprezo. —

Loucos pelo aço e pela glória. Loucos.

Thomas e Mordecai partilharam casa, enquanto sir Guillaume visitou os seus domínios em Evécque, cerca de dez léguas a sul de Caen, onde fora contratar mais homens.

— Vai continuar a combater, com a perna ferida ou não.

— Que irá fazer comigo?

— Nada — confidenciou-lhe o físico. — Aprecia-vos apesar das suas ameaças. Haveis salvo Eleanor, não é verdade? Sempre gostou dela. A mulher não, mas ele sim.

— O que aconteceu à mulher?

— Morreu — disse Mordecai. — Morreu e pronto.

Thomas já conseguia comer bem e recuperava tão rapidamente as forças que já conseguia passear na Ile Saint Jean com Eleanor. A ilha parecia ter sido atacada pela peste, com metade das casas vazias e as ocupadas, ainda destruídas pela pilhagem. Faltavam os batentes das janelas, as portas estavam desfeitas e, nas lojas, não havia mercadoria.

Alguns camponeses vendiam feijão, ervilhas e queijo em carroças e uns rapazinhos ofereciam percas acabadas de pescar nos rios, mas

mesmo assim eram tempos de fome. E também de nervosismo, pois os sobreviventes da cidade receavam que os odiados ingleses pudessem regressar e a ilha estava ainda assolada pelo fedor doentio dos cadáveres lançados aos dois rios, onde engordavam as gaivotas, as ratazanas e os cães.

Eleanor detestava passear ali, preferindo ir para Sul, para o campo, onde voavam libelinhas azuis sobre os lírios de água e os ribeiros serpenteavam por entre cearas maduras de cevada, centeio e trigo.

— Adoro o tempo das ceifas — disse a Thomas. —

Costumávamos vir ajudar aqui no campo. — A ceifa seria fraca naquele ano, sem gente para a fazer; os trigueirões comiam o grão das espigas e os pombos disputavam as sobras. — Deveria haver uma festa no fim das ceifas — disse Eleanor melancólica.

— Também nós fazíamos uma festa — afirmou Thomas. — E costumávamos pendurar bonecos na igreja.

— Bonecos de milho?

Thomas fez-lhe um pequeno boneco de palha.

— Costumávamos pendurar treze como este por cima do altar —

disse. — Um por Cristo e um por cada Apóstolo. — Apanhou umas flores do milho e ofereceu-as a Eleanor que as meteu no cabelo. Tinha uma cabeleira muito loira, como oiro ao sol.

Falavam sem cessar e, um dia, Thomas voltou a perguntar-lhe pela lança. Dessa vez Eleanor acenou com a cabeça.

— Menti-vos — disse ela. — Ele teve-a, mas foi roubada.

— Quem a roubou?

Ela levou a mão ao rosto.

— O homem que lhe tirou o olho.

— Um homem chamado Vexille?

Ela acenou com a cabeça e ar solene.

— Creio que sim. Mas não estava cá em casa, estava em Evecque.

É lá que ele realmente vive. Arranjou a casa em Caen quando se casou.

— Fala-me dos Vexilles — insistiu Thomas.

— Não sei nada a respeito deles — respondeu Eleanor e ele acreditou. Estavam sentados junto a um ribeiro onde nadavam dois cisnes e uma garça apanhava sapos no canavial. Thomas falara já em se afastar de Caen para ir ter com o exército inglês, mas as suas palavras deviam ter preocupado Eleanor, que franzia o sobrolho.

— Ireis realmente?

— Não sei — queria voltar para o exército, pois era lá que pertencia, embora não soubesse onde o encontrar, nem como sobreviver num país onde os ingleses se tinham feito odiar; e, ao mesmo tempo, queria ficar. Queria saber mais dos Vexilles e apenas sir Guillaume lhe poderia satisfazer essa ansiedade. E, queria, cada vez mais, estar com Eleanor. Havia nela uma calma doçura que Jeanette nunca possuíra, uma delicadeza que o fazia querer tratá-la com ternura, como se receasse que, de contrário, a pudesse partir. Nunca se cansava de lhe olhar para o rosto longo, de faces levemente cavadas, nariz alto e olhos grandes. Ela ficava embaraçada com o escrutínio, mas não lhe dizia que não o fizesse.

— Sir Guillaume disse-me que me pareço com a minha mãe —

afirmou. — Mas não me lembro muito bem como ela era.

Sir Guillaume voltou para Caen com uma dezena de homens-de-armas que contratara a norte, em Alençon. Leválos-ia para a guerra, afirmou, juntamente com a meia dúzia dos seus homens que

sobrevivera à queda de Caen. Ainda lhe doía a perna, mas já podia andar sem muletas e, no dia do seu regresso, ordenou sumariamente a Thomas que o acompanhasse à igreja de Saint Jean. Eleanor, que estava na cozinha, veio ter com eles à saída de casa e sir Guillaume não a proibiu de os acompanhar.

O povo inclinava-se à passagem do cavaleiro e muitos procuravam assegurar-se junto dele, que os ingleses tinham de fato partido.

— Marcham em direcção a Paris — respondia. — O nosso rei vai apanha-los e matá-los.

— É isso que pensais? — perguntou Thomas depois de o ouvir dizer tal coisa.

— Rezo para que sim — resmungou sir Guillaume. — É para isso que serve o rei. Não tem de proteger o seu povo? E só Deus sabe como necessitamos de protecção. Disseram-me que se subirmos a essa torre

— apontou com o queixo para a igreja de Saint Jean, onde se dirigiam

— podemos ver o fumo das cidades que o vosso exército incendiou.

Conduzem uma chevauchée.

— Chevauchée? — perguntou Eleanor. O pai suspirou.

— Chevanchée, menina, é uma marcha a direito pelo país do inimigo, durante a qual se vai incendiando, destruindo e arruinando tudo o que aparece à frente. O objectivo de tal barbaridade é obrigar o inimigo a sair da sua fortaleza e combater, e creio que o nosso rei fará a vontade aos ingleses.

— E os arcos ingleses — avisou Thomas — ceifam-lhe o exército como se fosse feno.

Sir Guillaume fez um ar zangado, mas depois encolheu os ombros.

— Um exército em marcha, acaba por se desgastar — disse. — Os cavalos ficam coxos, as botas gastam-se e acabam-se as flechas. E

nunca haveis visto o poder de França, meu rapaz. Por cada cavaleiro vosso, nós temos seis. Podeis disparar as vossas flechas até mais não, mas continuaremos a ter homens suficientes para vos matarem.

Sacou da bolsa que trazia à cintura e entregou algumas moedas aos pedintes que se mantinham à porta da igreja, junto à nova sepultura, com os quinhentos cadáveres. Não passava agora de um monte de terra remexida, salpicada de dentes de leão e com um cheiro terrível, pois quando os ingleses abriram a vala, tinham atingido o lençol de água a poucos metros da superfície, de modo que ficou pouco profunda e a terra era fina demais para conter a corrupção que a sepultura escondia.

Eleanor levou a mão à boca e apressou-se a subir os degraus da igreja, onde os arqueiros tinham leiloado as esposas e as filhas da cidade. Os padres haviam já exorcizado três vezes a igreja com preces e água benta, mas a atmosfera continuava triste, pois as imagens estavam partidas e as janelas estilhaçadas. Sir Guillaume ajoelhou no altar-mor, conduzindo depois Thomas e Eleanor por uma nave lateral, onde um fresco, na parede caiada mostrava São João fugindo ao caldeirão de azeite a ferver, que o imperador Domiciano lhe tinha preparado. O santo apresentava-se na sua forma etérea, meio fumo, meio homem, flutuando no ar, enquanto os soldados romanos o olhavam perplexos.

Sir Guillaume aproximou-se de um altar lateral, onde caiu de joelhos diante de uma enorme laje negra e, para sua grande surpresa, Thomas viu que o francês chorava do seu único olho.

— Trouxe-vos aqui, para vos dar uma lição acerca da vossa

família — disse Sir Guillaume.

Thomas não o contradisse. Não sabia que era um Vexille, porém o yale na insígnia de prata assim o sugeria.

— Sob esta pedra jazem a minha mulher e os meus dois filhos —

disse sir Guillaume. — Um rapaz e uma rapariga. Ele tinha seis anos e ela oito e a mãe vinte cinco. A casa, aqui, pertencia ao pai dela. Deu-me a filha para

resgatar um barco que eu capturara. Foi um mero acto de pirataria, não de guerra, mas ganhei dele uma boa esposa — as lágrimas corriam-lhe pelo rosto e fechou o seu único olho. Eleanor mantinha-se a seu lado, poisando-lhe uma mão no ombro, enquanto Thomas aguardava.

— Sabeis porque fomos a Hookton? — perguntou algum tempo depois.

— Pensamos ter sido por a maré vos ter afastado de Poole.

— Não. Fomos lá propositadamente. Um homem, que dava a si próprio o nome de Harlequin, pagou-me para lá ir.

— Como hellequin? — perguntou Thomas.

— A palavra é a mesma, apenas usada na sua forma italiana. Uma alma diabólica, troçando de Deus e até se parecia convosco — disse sir Guillaume, fazendo o sinal da Cruz e passando a seguir o dedo por cima da pedra. — Fomos buscar um relíquia a uma igreja. Decerto já o sabíeis?

— E jurei devolvê-la.

Sir Guillaume pareceu desprezar tal ambição.

— Pensei que fosse uma loucura, mas nesses tempos pensava que a vida era de fato assim. Porque haveria uma miserável igreja de uma insignificante aldeia inglesa ter uma relíquia preciosa? Porém, o Harlequin insistia que assim era e, quando tomamos a aldeia,

encontramo-la.

— A lança de São Jorge — disse Thomas, simplesmente.

— A lança de São Jorge — concordou sir Guillaume. — Tinha um contrato com o Harlequin. Pagou-me algum dinheiro e o restante foi guardado por um monge, aqui da abadia. Era um monge em quem toda a gente confiava, um sábio, um homem terrível, que todos diziam ser um santo mas, quando regresssei, descobri que o Irmão Martin fugira, levando consigo o meu dinheiro. Assim, recusei-me a entregar a lança ao Harlequin. Trazei-me as novecentas libras em prata de lei e a lança é vossa, mas ele não quis pagar. Portanto, guardei a lança. Guardei-a em Evèque. Os meses passaram, nada mais ouvi sobre o assunto e

pensei que a lança tivesse sido esquecida.

Mas, há dois anos, na Primavera, o Harlequin regressou. Vinha acompanhado de homens-de-armas e invadiu o domínio. Matou toda a gente, toda a gente, e levou a lança.

Thomas olhou para a laje negra.

— Haveis sobrevivido?

— Mal — disse sir Guillaume. Ergueu o gibão negro e mostrou uma terrível cicatriz no ventre. — Fez-me três feridas — continuou. —

Uma na cabeça, uma no ventre e outra na perna. Disse-me que a da cabeça era por ser um imbecil sem miolos, a das tripas era uma recordação da minha ganância e a da perna para poder coxear, a caminho do inferno. Depois deixou-me a olhar para os cadáveres da minha mulher e dos meus filhos enquanto morria. Contudo, graças a Mordecai, sobrevivi. — Ergueu-se, estremecendo, quando assentou o peso do corpo sobre a perna esquerda. — Sobrevivi — acrescentou tristemente. — E jurei encontrar o homem que o tinha feito —

apontou para a laje. — Quero mandar a sua alma aos gritos para a cova. Levei um ano para descobrir quem era e sabeis como foi?

Quando veio a Evecque mandara cobrir os escudos dos seus homens com panos negros, mas eu rasguei um deles com a minha espada e vi o yale. Perguntei a toda agente o que era. Perguntei em Paris e em Anjou, na Borgonha e em Dauphiné e por fim obtive resposta. E onde a encontrei? Depois de investigar em toda a França, descobria aqui em Caen. Um homem aqui, reconheceu a insígnia. O Harlequin é um homem chamado Vexille. Não conheço o seu primeiro nome, não sei qual é a sua posição. Só sei que se trata de um demónio chamado Vexille.

— Então os Vexilles têm a lança?

— Têm. E o homem que matou a minha família, matou o vosso pai — sir Guillaume pareceu envergonhado por uns instantes. —

Matei a vossa mãe. Creio que era ela, seja como for. Mas atacou-me e eu estava raivoso — encolheu os ombros. — Mas não matei o vosso pai e, ao matar a

vossa mãe, nada mais fiz do que o que vós haveis feito na Bretanha.

— É verdade — admitiu Thomas. — Fitou o olho de sir Guillaume e não sentiu ódio pela morte da mãe. — Quer dizer que temos o mesmo inimigo — disse Thomas.

— E esse inimigo é o demónio — afirmou sir Guillaume.

Disse-o em tom lúgubre, fazendo logo o sinal da Cruz. Thomas sentiu-se subitamente gelado, pois descobrira o seu inimigo e o seu inimigo era Lúcifer.

nessa noite, Mordecai esfregou um unguento no pescoço de Thomas.

— Creio que esteja quase curado — disse. — A dor vai desaparecer, embora fique sempre alguma coisa para vos recordar o próximo que haveis estado da morte — aspirou os aromas do jardim.

— Então sir Guillaume contou-vos a história da sua esposa?

— Sim.

— E sois aparentado com o homem que a matou?

— Não sei — disse Thomas. — Realmente não sei, mas o yale sugere que o seja.

— Provavelmente, sir Guillaume matou vossa mãe e o homem que lhe matou a mulher matou também vosso pai e sir Simon Jekyll tentou matar-vos — Mordecai abanou a cabeça. — Todas as noites lamento não ter nascido cristão. Poderia trazer comigo uma arma e juntar-me à diversão — entregou uma garrafa a Thomas.

— Fazei — ordenou. — E, a propósito, o que é um yale?

— Um animal heráldico — explicou Thomas. O físico fungou.

— Deus, na sua infinita sabedoria, criou os peixes e as baleias no quinto dia e, no sexto os animais da terra e olhou para o que tinha feito e viu que era bom. Mas não suficientemente bom para os brasões que tiveram de acrescentar asas, cornos, presas e garras à Sua imperfeita obra. Não conseguis fazer mais?

— De momento...

— Conseguiria mais sumo se espremesse uma avelã —

resmungou e afastou-se, arrastando os pés.

Eleanor deveria ter estado à espreita da sua partida, pois apareceu debaixo da pereira, que crescia ao fundo do jardim, e apontou para a porta do lado do rio. Thomas seguiu-a até à beira do Orne, onde ficaram ambos a ver um entusiasmado trio de rapazinhos tentar apanhar um lúcio, com flechas inglesas abandonadas após a captura da cidade.

— Ajudareis o meu pai? — perguntou Eleanor.

— Ajudá-lo?

— Haveis dito que o vosso inimigo era o dele. Thomas sentou-se sobre a relva e ela a seu lado.

— Não sei — respondeu. Ainda não acreditava em tudo aquilo.

Sabia que havia uma lança e um mistério na sua família, mas sentia-se relutante em admitir que a lança e o mistério deveriam governar toda a sua vida.

— Significa que quereis voltar para o exército inglês? —

perguntou Eleanor, em voz baixa.

— Quero ficar aqui — disse Thomas depois de uma pausa. — Para ficar contigo.

Ela deveria estar à espera que ele dissesse tal coisa. Mesmo assim corou e olhou para a água revolta, onde os peixes se erguiam para os enxames de insectos e os três rapazes tentavam pescar, em vão.

— Deveis ter uma mulher — disse em voz baixa.

— Tive — respondeu Thomas e contou-lhe o que se passara com Jeanette, como ela conhecera o Príncipe de Gales e o abandonara, sem um simples olhar.

— Nunca a entenderei — admitiu.

— Mas amai-la? — perguntou Eleanor directamente.

— Não — respondeu Thomas.

— Dizeis isso, porque estais comigo — declarou Eleanor. Ele abanou a cabeça.

— O meu pai tinha um livro com citações de Santo Agostinho e havia uma que sempre me intrigou — franziu a testa, tentando lembrar-se do latim — Nondum amabam, et amare amabam. Não amava, mas ansiava amar.

Eleanor lançou-lhe um olhar céptico.

— Um modo muito elaborado de dizerdes que estais só.

— Sim — concordou Thomas.

— Que fareis, então? — perguntou.

Thomas ficou em silêncio, por algum tempo. Pensava na penitência imposta pelo padre Hobbe.

— Suponho que um dia terei de encontrar o homem que matou o meu pai — disse, depois.

— E se for o demónio? — perguntou ela muito séria.

— Então começarei a usar alho — disse Thomas em tom ligeiro.

— E rezarei a São Guinefort.

Ela olhou para a água escura.

— Santo Agostinho disse realmente isso?

— Nondum amabam, et amare amabam? — perguntou Thomas.

— Disse, pois.

— Sei como se sentia — continuou Eleanor, descansando a cabeça no ombro de Thomas.

Este manteve-se imóvel. Não tinha escolha. Seguir a lança ou voltar com o arco negro para o exército. Na verdade ignorava o que

fazer. Mas o corpo de Eleanor encostava-se morno ao seu, tão reconfortante e, de momento, bastava-lhe. Assim, também de momento, iria ficar.

na manhã seguinte, sir Guillaume, agora escoltado por meia dúzia de homens, conduziu Thomas à Abbaye aux Hommes. Havia uma multidão de peticionários que aguardavam na escadaria, para pedir comida e roupa que os monges não tinham, embora a abadia em si tivesse escapado à pilhagem mais grave, já que servira de aquartelamento ao rei e ao Príncipe de Gales. Os próprios monges tinham fugido à aproximação do exército inglês. Alguns tinham morrido na Ile de Saint Jean mas, a maior parte fora para sul para uma casa irmã e entre estes estivera o Irmão Germain que, quando sir Guillaume chegou, acabava de regressar do seu breve exílio.

O Irmão Germain era pequeno, velho e curvado, um homem de aspecto insignificante, de cabelos brancos, olhos míopes e mãos delicadas com as quais aparava uma pena de pato.

— Os ingleses usam estas penas nas suas flechas — disse o velho.

— Nós usamo-la para escrever a palavra de Deus. — Tinham dito a Thomas que o Irmão Germain estava encarregado do scriptorium do mosteiro havia mais de trinta anos.

— Quer se queira, quer não, enquanto se copiam os livros, descobre-se sabedoria — explicou o monge. — A maior parte é perfeitamente inútil, claro. Como está Mordecai? Sobreviveu?

— Sobreviveu — garantiu sir Guillaume. — E envia-vos isto. —

Poisou um pote de barro, selado com cera, na superfície inclinada da

escrivaninha. O pote deslizou até o Irmão Germain o conseguir apanhar e o meter numa bolsa.

— Um unguento, para as articulações do Irmão Germain —

explicou sir Guillaume a Thomas.

— Que me doem — afirmou o monge. — E só Mordecai as consegue aliviar. É uma pena que vá arder no inferno, mas no céu, tenho a certeza, de que não vou precisar de pomadas. Quem é este?

— perguntou a olhar para Thomas.

— Um amigo, que me trouxe isto — respondeu sir Guillaume.

Carregava o arco de Thomas, que poisara agora sobre a escrivaninha, apontando a placa de prata. O Irmão Germain inclinou-se para inspeccionar a insígnia e Thomas ouviu-o respirar fundo.

— O yale — disse o Irmão Germain. Empurrou o arco e depois assoprou as aparas da pena, de cima do tampo. — O animal foi introduzido na heráldica no século passado. Claro que, nesses tempos, havia do mundo verdadeira sabedoria. Não era como hoje.

Recebo jovens de Paris com as cabeças cheias de cotão, porém afirmam ter doutoramentos.

Retirou de uma prateleira uma folha de pergaminho, poisou-a na escrivaninha e mergulhou a pena num pote de vermelhão. Deixou cair uma gota cintilante no pergaminho e, a seguir, com a perícia adquirida durante toda uma vida, usou a tinta com traços rápidos.

Mal parecia reparar no que estava a fazer, mas Thomas, para seu assombro, via o desenho de um yale tomar forma no pergaminho.

— Diz-se que é um animal mítico — explicou o monge, movimentando rapidamente a pena para desenhar uma presa. — E

talvez seja. A maior parte dos animais heráldicos parecem ser invenções. Quem já viu um unicórnio? — deixou cair outra gota de

tinta no pergaminho, fez uma leve pausa e depois começou as patas erguidas do animal. — Porém surgiu a idéia de que o yale existe na Etiópia. Não posso garanti-lo, pois nunca viajei para lá de Ruão, nem conheci nenhum viajante que lá tivesse estado, se é que a Etiópia existe — franziu a testa. — Porém, Plínio menciona o yale. O que sugere que os Romanos o deveriam conhecer, embora só Deus saiba como essa raça era crédula. Diz-se que o animal possui chifres e

presas, o que me parece muito extravagante, e é geralmente representado como sendo prateado com manchas amarelas. Ai de mim, os nossos pigmentos foram roubados pelos ingleses; porém deixaram-nos o vermelhão, o que suponho, tenha sido muita bondade da parte deles. Disseram-me que provinha do cinábrio. Será uma planta? O padre Jacques, Deus lhe tenha a alma em descanso, afirmou sempre que crescia na Terra Santa e talvez seja verdade.

Parece-me notar que coxeais, sir Guillaume.

— Um degenerado arqueiro inglês meteu-me uma flecha na perna — disse sir Guillaume. — Rezo todas as noites para que a sua alma arda no Inferno.

— Pelo contrário, deveríeis dar graças por lhe ter falhado a pontaria. Porque me trazeis um arco de guerra inglês, adornado com um yale?

— Porque pensei que vos poderia interessar — respondeu sir Guillaume.

— E porque aqui, o meu jovem amigo — tocou no ombro de Thomas — quer saber coisas dos Vexilles.

— Faria melhor se os esquecesse — resmungou o Irmão Germain.

Estava empoleirado numa cadeira alta e observava agora a sala, onde um grupo de monges limpava a sujidade deixada pelos ocupantes

ingleses do mosteiro. Alguns conversavam durante o trabalho, o que obrigou o Irmão Germain a franzir a testa.

— Não estamos no mercado de Caen! — exclamou aborrecido. —

Se quereis dar à língua deveis ir para as retretes. Quem me dera ir também. Haveis de perguntar a Mordecai se não tem também um unguento para os intestinos, está bem? — Lançou um breve olhar furioso pela sala e depois pegou a custo no arco, que encostara à escrivaninha. Olhou atentamente para o yale e logo poisou a arma. —

Sempre houve rumores de que um ramo da família Vexille tinha ido para Inglaterra. Isto parece confirmá-lo.

— Quem são? — perguntou Thomas.

O Irmão Germain pareceu irritar-se com uma questão tão directa, ou talvez que o assunto dos Vexilles o incomodasse.

— Eram senhores de Astarac — disse. — Um condado que faz fronteira com o Languedoque e o Agenais. Isso, claro, deverá dizer-vos tudo o precisais de saber a respeito deles.

— Não me diz nada — confessou Thomas.

— Então talvez seja melhor arranjardes um doutoramento em Paris! — disse o velho, rindo da sua própria graça. — Os condes de Astarac, jovem, eram cátaros. O sul de França estava infestado por essa maldita heresia e Astarac era o centro do mal — fez o sinal da Cruz com os dedos manchados pelos pigmentos. — Habere non potest — disse solenemente. — Deum parem qui ecdesiam non habet matrem.

— São Cipriano — disse Thomas. — Não pode ter Deus por pai quem não tem a Igreja por mãe.

— Vejo que afinal não vindes de Paris — disse o Irmão Germain.

— Os Cátaros rejeitaram a Igreja, buscando a salvação dentro das suas

negras almas. Que seria da igreja se todos fizéssemos o mesmo? Se todos perseguíssemos os nossos caprichos? Se Deus está dentro de nós, então não precisamos de Igreja nem de Santo Padre para nos conduzir à Sua misericórdia. Essa idéia é a mais perniciosa das heresias e até onde conduziu os cátaros? A uma vida de dissipação, de prazeres da carne, de orgulho e perversão. Negaram a divindade de Cristo! — o Irmão Germain persignou-se mais uma vez.

— E os Vexilles eram cátaros?

— Suspeito que fossem adoradores do demónio — retorquiu o Irmão Germain.
— Mas o fato é que os condes de Astarac protegiam os cátaros, eles e mais uma dezena de senhores. Chamavam-lhes os senhores negros e muito poucos entre eles eram perfeitos. Os perfeitos eram os chefes da seita, os heresiarcas, abstinham-se de vinho, de relações amorosas e de carne e nenhum Vexille abandonaria de bom grado estes três prazeres. Todavia os cátaros permitiam que estes pecadores entrassem para as suas fileiras e prometiam-lhes as alegrias do céu, se abjurassem antes de morrer. Os senhores negros gostaram dessa

promessa e, quando a heresia foi atacada pela igreja, ripostaram violentamente — abanou a cabeça. —

Tudo isto se passou há cem anos! O Santo Padre e o rei de França destruíram os cátaros e Astarac foi uma das últimas fortalezas a cair.

O combate foi terrível, com inúmeros mortos, mas os heresiarcas e os senhores negros foram finalmente travados.

— Mas escaparam alguns — sugeriu, delicadamente, sir Guillaume. O Irmão Germain ficou algum tempo em silêncio, olhando o vermelhão que secava já.

— Contava-se que alguns senhores cátaros sobreviveram — disse.

— Levaram as suas riquezas para outros países da Europa. Há mesmo

um rumor de que a heresia ainda subsiste, escondida nas terras onde a Borgonha faz fronteira com os estados italianos — fez o sinal da Cruz. — Creio que uma parte da família Vexille foi esconder-se em Inglaterra, pois foi lá, sir Guillaume, que haveis encontrado a lança de São Jorge. Vexille... — repetiu pensativamente o nome. — É claro que deriva de vexillaire, porta-estandarte, e diz-se que um antigo Vexille descobriu a lança, quando estava nas Cruzadas e depois a trouxe consigo como se fosse um estandarte. Certamente que, nesses tempos antigos, se tratava de um símbolo de poder. Quanto a mim, sou muito céptico dessas relíquias. O abade garantiu-me ter visto três prepúcios do Menino Jesus e, até eu, que O venero acima de todas as coisas, duvido que fosse tão ricamente dotado. Mas, quanto à lança, já andei a fazer inquirições. Há uma lenda ligada a ela. Diz que quem a usar em combate, nunca será derrotado. Uma simples lenda, evidentemente, mas a crença nessas coisas inspira os ignorantes e há quem seja mais ignorante que os soldados. O que mais me preocupa é a intenção deles.

— A intenção de quem? — perguntou Thomas.

— Conta-se — disse o Irmão Germain, ignorando a pergunta —, que antes da queda da última fortaleza herética, os senhores negros que escaparam fizeram um juramento. Sabiam que a guerra estava perdida, sabiam que os seus bastiões cairiam e que a Inquisição e as forças de Deus, destruiriam a sua gente. Assim, juraram vingarse dos seus inimigos. Um dia, garantiam, derrubariam o trono de França e a Santa Madre Igreja e para isso usariam o poder das suas mais sagradas relíquias.

— A lança de São Jorge?

— Ela também — respondeu o Irmão Germain.

— Ela também? — sir Guillaume repetiu as palavras, confuso.

O Irmão Germain, mergulhou a pena e deixou cair outra gota brilhante sobre o pergaminho. Depois, terminou habilmente a cópia da insígnia que adornava o arco de Thomas.

— Já antes tinha visto o yale — disse. — Porém, a insígnia que me haveis mostrado é diferente. O animal segura um cálice. Mas não é um cálice qualquer, sir Guillaume. Tendes razão, o arco interessa-me e causa-me receios, pois o yale segura o Graal. O santo, bendito e precioso Graal. Correu sempre o rumor de que os cátaros o possuíam.

Há um espalhafatoso bocado de vidro verde na catedral de Génova que se diz ser o Graal, mas duvido que o Nosso Senhor alguma vez tenha bebido naquela bugiganga. Não. O verdadeiro Graal existe e, quem o possui, tem poder sobre todos os homens deste mundo —

poisou a pena. — Receio, sir Guillaume, que os senhores negros queiram vingança. Reúnem as forças. Mas continuam escondidos e a Igreja ainda não deu por eles. Nem dará, até o perigo ser óbvio e, nesse momento, será tarde demais — o Irmão Germain baixou a cabeça e Thomas viu-lhe a calva rosada por entre o cabelo branco. —

Está nas profecias — disse o monge. — Está tudo nos livros.

— Que livros? — perguntou sir Guillaume.

— Ei confortabitur rex austri et de principibus eius praevalabit super eiim — disse o Irmão Germain em voz baixa.

Sir Guillaume olhou intrigado para Thomas.

— E o rei do sul será poderoso — traduziu Thomas com alguma relutância. — Mas um dos seus príncipes será mais forte que ele.

— Os cátaros são do sul — disse o Irmão Germain. — E o profeta Daniel tudo

previu — ergueu as mãos manchadas de pigmento. — A luta será terrível, pois estará em causa a alma do mundo, e usarão

qualquer arma. Até mesmo uma mulher, filiaque regis austri veniet ad regem aquilonis facere amicitiam.

— A filha do rei do sul virá fazer um tratado com o rei do norte

— disse Thomas.

O Irmão Germain percebeu o tom de desagrado na voz de Thomas.

— Não credes? — sussurrou. — Porque achais que escondemos as Escrituras dos ignorantes? Contêm todo o tipo de profecias, jovem, e todas elas directamente recebidas de Deus, mas tal conhecimento é confuso para os leigos. Os homens enlouquecem quando sabem demais — persignou-se. — Agradeço a Deus poder morrer em breve e ser levado para o céu, enquanto vós tereis de combater na escuridão.

Thomas dirigiu-se à janela e avistou duas carroças de grão a serem descarregadas pelos noviços. Os homens-de-armas de sir Guillaume jogavam aos dados no claustro. Aquilo era real, pensou, não as palavras loucas de um profeta. O pai sempre o tinha posto de sobreaviso em relação a profecias. Distorcem as mentes dos homens, dissera. Teria sido o que acontecera à sua?

— A lança — disse Thomas, tentando agarrar-se a fatos e não a fantasias — foi levada para Inglaterra pela família Vexille. O meu pai era um deles, mas incompatibilizou-se com a família, roubou a lança e escondeu-a na sua igreja. Lá o mataram e foi antes de expirar que me disse que, quem o atacara, fora o filho do seu irmão. Creio que é esse homem, meu primo, que diz chamar-se Harlequin — voltou-se para o Irmão Germain. — O meu pai era um Vexille, mas não era herético. Era um pecador, sim, mas lutava contra o seu pecado, odiava o seu próprio pai, mas era um filho leal da Igreja.

— Era padre — explicou sir Guillaume ao monge.

— E vós sois seu filho? — perguntou o Irmão Germain em tom reprovador. Os outros monges tinham abandonado a limpeza e escutavam avidamente.

— Sou filho de um padre — disse Thomas. — E um bom cristão.

— Então a família descobriu onde estava escondida a lança — sir Guillaume retomava a história. — Contrataram-me para a recuperar, mas esqueceram-se de me pagar.

O Irmão Germain pareceu não ter ouvido. Olhava para Thomas.

— Sois inglês?

— O arco pertence-me — admitiu Thomas.

— Então sois um Vexille? Thomas encolheu os ombros.

— Parece que sim.

— Sois então um dos senhores negros — afirmou o Irmão Germain. Thomas abanou a cabeça.

— Sou cristão — disse com firmeza.

— Então tendes um dever conferido por Deus — disse o pequeno monge, com uma força surpreendente. — Terminai o trabalho que ficou incompleto há cem anos. Matai-os a todos! Matai-os a todos! E

matai a mulher. Escutai, rapaz! Matai a filha do rei do sul, antes que seduza a França para a heresia e para a maldade.

— Se nós conseguirmos ainda encontrar os Vexilles — disse sir Guillaume em tom dubio e Thomas notou o uso de «nós». — Não mostram a sua insígnia. Duvido até que usem o nome Vexille.

Escondem-se.

— Mas agora estão na posse da lança — disse o Irmão Germain —

e vão utilizá-la para a primeira das suas vinganças. Vão destruir a França, e no caos que se seguirá, atacarão a Igreja — gemeu, como se sentisse uma dor física. — Tereis de lhes retirar o poder, e o poder

deles é o Graal.

Assim, não era apenas a lança que Thomas teria de salvar. À

penitência do padre Hobbe fora acrescentada a de toda a Cristandade.

Teve vontade de rir. O catarismo morrera havia cem anos, destruído, queimado e desenraizado como as ervas daninhas arrancadas de um campo! Senhores negros, filhas de reis e príncipes das trevas eram invenções dos trovadores, não coisas de arqueiros. Só que quando olhou para sir Guillaume viu que o francês não troçava da incumbência. Olhava para o crucifixo suspenso na parede do scriptorium e murmurava uma prece silenciosa. Deus me ajude, pensava Thomas, Deus me ajude, porque estão a pedir-me que faça aquilo que nenhum dos grandes cavaleiros do rei Artur conseguiu: encontrar o Graal.

Filipe de Valois, rei de França, ordenou que todos os franceses em idade militar se reunissem em Ruão. As exigências chegaram aos vassalos e os apelos levados até aos aliados. Esperara que as muralhas de Caen tivessem contido os ingleses durante várias semanas, porém a cidade caíra num único dia e os sobreviventes em pânico espalhavam-se pelo norte de França com histórias terríveis de demónios à solta.

A cidade de Ruão, aninhada numa ampla curva do Sena, enchia-se de guerreiros. Milhares de besteiros genoveses vinham de galera, ancorando os navios na margem do rio e enchendo as tabernas da cidade, enquanto cavaleiros e homens-de-armas chegavam de Anjou, da Picardia, de Alençon, da Champagne, do Maine, da Touraine e de Berry. Qualquer forja de ferrador se transformara num armeiro, qualquer casa num aquartelamento, qualquer taberna num bordel.

Chegavam cada vez mais homens, até a cidade mal os poder conter e as tendas terem de ser montadas nos campos a sul. As carroças atravessavam a ponte, carregadas de feno e cereais recém-ceifados nas ricas searas a norte do rio, enquanto que, da margem sul do Sena, chegavam rumores. Os ingleses teriam tomado Evereux, ou talvez Bernay? Fora visto fumo em Lisieux e os arqueiros infestavam a floresta de Brotonne. Uma freira, em Louviers, teve um sonho, no qual o dragão matara São Jorge. O rei Filipe ordenou que trouxessem

a mulher a Ruão, mas esta tinha o lábio leporino, era corcunda e gaga e, ao ser levada à presença do rei, não conseguiu contar o sonho a Sua Majestade e, muito menos, a estratégia de Deus. Tremia e chorava e o rei, zangado, mandou-a embora, consolando-se, porém, com o astrólogo do bispo que lhe disse estar Marte ascendente, o que significava vitória certa.

Um rumor dizia que os ingleses marchavam para Paris, depois outro afirmava que se dirigiam para Sul, para proteger os seus territórios na Gasconha. Dizia-se que morrera toda a gente em Caen, que o castelo era um monte de pedras; logo a seguir correu a história de que os ingleses estavam a morrer de uma doença. O rei Filipe sempre nervoso, tornava-se petulante e exigia notícias, mas os conselheiros convenceram o seu irritável amo de que, onde quer que os ingleses estivessem, deveriam em breve morrer de fome, se os mantivessem a sul do grande rio Sena, que ondulava como uma serpente entre Paris e o mar. Os homens de Eduardo destruíam a terra, portanto teriam forçosamente de continuar em movimento para arranjar provisões e se o Sena estivesse bloqueado, não haveria maneira de seguirem para Norte, em direcção aos portos da costa do canal da Mancha, onde deveriam chegar mantimentos de Inglaterra.

— Gastam flechas como uma mulher gasta dinheiro — era o que Charles, conde de Alençon e irmão mais novo do rei, dizia a Filipe. —

E não podem arranjá-las em França. Chegam-lhes por mar e, quanto mais se afastarem dele, maiores serão os seus dissabores.

Assim, se os ingleses fossem mantidos a sul do Sena, acabariam por ter de fugir, ou de fazer uma infame retirada através da Normandia.

— E então Paris? Paris? E Paris? — perguntava o rei.

— Paris não cairá — garantia o conde ao irmão.

A cidade ficava a norte do Sena, de modo que os ingleses teriam de atravessar o rio para assaltar as maiores muralhas da Cristandade e entretanto a guarnição cobri-los-ia com uma chuva de virotes de besta, lançando igualmente projecteis de centenas de pequenas armas de ferro, montadas nos parapeitos da cidade.

— E se foram para Sul? — preocupava-se Filipe. — Para a Gasconha?

— Se marcharem para a Gasconha, não terão botas quando lá chegarem — disse o conde. — Além do mais, terão esgotado a reserva de flechas. Vamos rezar para que, de fato, sigam para a Gasconha, mas sobretudo para que não cheguem à margem norte do Sena.

Se os ingleses atravessassem o Sena, seguiriam para o porto mais próximo do canal para receberem reforços e mantimentos, e o conde sabia que nessa altura já

deveriam estar bem necessitados deles. Um exército em movimento cansa-se, os homens adoecem e os cavalos coxeiam. Um exército que marcha demasiado tempo acaba por se gastar, como uma besta muito usada.

Por isso, os franceses reforçaram a grande fortaleza que guardava as travessias do Sena e onde uma ponte que não podia ser guardada, tal como a de Poissy, com dezasseis arcos, foi simplesmente derrubada. Uma centena de homens, armados de malhos, partiam os parapeitos e martelavam a pedra dos arcos, fazendo-a cair dentro de água; deixaram à tona, os quinze coutos dos pilares partidos que atravessavam o Sena como as pedras do atalho de um gigante. A cidade de Poissy, a sul do rio e considerada indefensável, foi abandonada e a sua gente evacuada para Paris. O largo Sena foi, assim, transformado numa barreira intransponível para emboscar os

ingleses, numa zona onde os alimentos acabariam por lhes escassear.

Depois, quando os demónios estivessem enfraquecidos, os franceses castigá-los iam pelos terríveis estragos causados no país. Os ingleses continuavam a incendiar cidades e a destruir quintas, de modo que, nesses longos dias de Verão, o céu, a poente e a sul, parecia manchado por colunas de fumo, quais nuvens permanentes, na linha do horizonte. A noite parecia incandescente e as pessoas que fugiam dos incêndios, chegavam a Ruão, onde como não podiam ser alojadas e alimentadas, recebiam ordens para atravessar o rio e para se dirigirem onde conseguissem abrigo.

Sir Simon Jekyll e o seu homem-de-armas, Henry Colley, encontravam-se entre os fugitivos, mas não lhes recusaram a entrada, pois ambos cavalgavam alazões e traziam cotas de malha. Colley usava a sua e montava o seu próprio cavalo, porém, a montada e o equipamento de sir Simon tinham sido roubados a um dos seus homens-de-armas, antes de fugir de Caen. Ambos transportavam escudos, mas tinham arrancado a cobertura de couro da madeira do salgueiro, para que não mostrassem qualquer insígnia, declarando-se assim livres para serem contratados. Dezenas como eles chegavam à cidade, procurando senhor que lhes desse de comer e lhes pagasse, mas nenhum tão cheio de raiva como sir Simon.

Amargurava-o a injustiça. Queimava-lhe a alma, enchendo-o de desejos de vingança. Estivera muito perto de pagar todas as suas dívidas — de fato, quando lhe foi entregue em Inglaterra o dinheiro da venda do barco de Jeanette esperara ver-se livre de todos os seus incómodos — mas agora era um fugitivo. Sabia que

poderia ter voltado furtivamente para o seu país, mas qualquer homem, desfavorecido pelo rei ou pelo seu filho mais velho, podia esperar que

o tratassem como um rebelde e considerar-se afortunado se mantivesse uma faixa de terra, quanto mais a liberdade. Assim, preferiu fugir, confiando que a sua espada lhe devolveria os privilégios que perdera para a cabra bretã e para o seu amante desmamado; Henry Colley acompanhara-o acreditando que um homem tão hábil com as armas como sir Simon não poderia falhar.

Ninguém lhes questionou a presença em Ruão. O francês de sir Simon tinha o sotaque da nobreza inglesa, mas o mesmo acontecia com o de outros normandos. Sir Simon necessitava agora de um amo, de um homem que lhe desse de comer e a possibilidade de lutar contra os seus perseguidores, e havia muitos homens poderosos em busca de quem os apoiasse. Nos campos a sul de Ruão, onde as curvas do rio estreitavam a terra, uma pastagem fora destinada para campo de torneio onde, diante de uma multidão de homens-de-armas experientes, qualquer pessoa podia entrar nas liças para exhibir as suas proezas. Não seria um verdadeiro torneio — as espadas não tinham corte e as pontas das lanças estavam protegidas por bocados de madeira — mas tratava-se da possibilidade de homens sem amo mostrarem as suas proezas com as armas diante de uma dezena de cavaleiros, campeões dos duques, condes, viscondes e simples senhores que faziam de juízes. Vários homens entravam nas liças, cheios de esperança e, qualquer cavaleiro que conseguisse manter-se mais de alguns minutos a combater contra os campeões bem montados e soberbamente armados, tinha, por certo, lugar no séquito de um importante nobre.

Sir Simon, no seu cavalo roubado e empunhando a sua antiga espada, era um dos que menos impressão causava ao cavalgar pela pastagem. Não tinha lança, e logo um dos campeões sacou da espada

e se aproximou para acabar com ele. A princípio, ninguém se interessou pelos dois homens, pois realizavam-se outros combates, mas quando o campeão ficou estendido sobre a erva e sir Simon, incólume, continuou a cavalgar, passaram a dar-lhes atenção. Um segundo campeão desafiou sir Simon e ficou desconcertado com a fúria com que teve de se confrontar. Gritou que o combate não era de morte, mas apenas uma exibição com a espada, porém, sir Simon rangeu os dentes e desferiu uma ataque tão violento que o campeão esporeou a montada e se afastou para não ser ferido. Sir Simon voltou o cavalo para o centro da pastagem, desafiando outro homem para que o enfrentasse. Nessa ocasião,

apareceu um escudeiro a trote numa égua e, em silêncio ofereceu-lhe uma lança.

— Quem a mandou? — perguntou sir Simon

— O meu senhor.

— Quem é?

— Está ali — disse o escudeiro, apontando para o extremo da pastagem, onde um homem alto, de armadura negra, montando um cavalo da mesma cor, esperava de lança em riste.

Sir Simon embainhou a espada e pegou na lança. Era pesada, não estava bem calibrada e ele não tinha na armadura apoio para o longo cabo, de modo a poder manter a ponta erguida. Mas era um homem forte e raivoso e calculou que conseguiria manobrar a desajeitada arma, durante o tempo suficiente para poder quebrar a confiança do desconhecido.

Ninguém mais lutava no campo. Limitavam-se a olhar. Faziam-se apostas, todas elas a favor do homem de negro. A maior parte dos assistentes já o vira combater e o cavalo, a armadura e as armas era declaradamente superiores. Usava uma cota de prata e o cavalo era

pelo menos um palmo mais alto que a triste montada de sir Simon.

Tinha a viseira descida, de modo que não se lhe podia ver o rosto, enquanto sir Simon não possuía qualquer protecção para a cara, apenas um elmo velho e de má qualidade, como os usados pelos arqueiros ingleses. Apenas Henry Colley apostou nele, apesar das dificuldades com que falava francês. Por fim, aceitaram-lhe o dinheiro.

O escudo do desconhecido era negro e adornado com uma simples cruz branca, insígnia desconhecida de sir Simon, enquanto o cavalo tinha um negro caparazão que arrastou pelo pasto quando o animal começou a andar. Foi o único sinal dado pelo desconhecido e, sir Simon reagiu baixando a lança e picando a montada. Estavam a cem passos de distância e ambos passaram rapidamente a meio galope. Sir Simon observou a lança do adversário, avaliando a firmeza com que a segurava. O homem era bom, pois a ponta mal vacilava mesmo com o movimento irregular do cavalo. O escudo cobria-lhe o tronco, como era devido.

Se se tratasse de uma batalha, se o homem com o estranho escudo não tivesse oferecido a sir Simon uma possibilidade de avanço, poderia ter baixado a sua lança para atacar o cavalo do adversário. Ou, num golpe mais difícil, meter-lhe a ponta no alto arção da sela. Sir Simon vira já uma lança atravessar a madeira e o couro da sela, para se enfiar no baixo-ventre do cavaleiro e era sempre um golpe mortífero. Porém, naquele momento, tinha de mostrar perícia de cavaleiro, atacando bem e com força e, ao mesmo tempo, defender-se da arma, que se aproximava. A habilidade estava em afastar a investida que, tendo o peso do cavalo por detrás, lhe poderia partir a espinha, lançando-o sobre a alta patilha do arção. O choque

de dois pesados cavaleiros, com todo o peso concentrado nas pontas das lanças, era como ser atingido pelo projectil de um trom.

Sir Simon não pensava em nada disto. Olhava para a lança que se aproximava e para a cruz branca do escudo, para onde apontava a sua, enquanto guiava o cavalo com a pressão dos joelhos. Treinara-se para o fazer, desde a primeira vez que montara um pônei. Passara horas a apontar a uma quintana, no pátio do pai, e ainda mais a adestrar garanhões para suportarem o ruído e o caos da batalha.

Levou o cavalo ligeiramente para a esquerda, como se quisesse aumentar o ângulo de ataque das lanças e assim desviar alguma força e notou que o desconhecido não seguia o movimento para se alinhar, parecendo contentar-se em aceitar um risco menor. Os dois cavaleiros fizeram rolar as esporas e os alazões partiram a galope. Sir Simon tocou o flanco direito do cavalo, para endireitar o alinhamento, carregando agora com toda a força em direcção ao desconhecido e inclinando-se para a frente, a fim de se preparar para o embate. O

adversário tentava oscilar na sua direcção, mas era demasiado tarde. A lança de sir Simon partiu-se contra o escudo negro e branco, com uma pancada que o obrigou a recuar, mas a do adversário não estava centrada, chocou contra o escudo liso de sir Simon e desviou-se.

A lança de sir Simon partiu-se em três bocados e ele deixou-a cair, enquanto fazia pressão com um joelho para voltar o cavalo. A do adversário atravessava-se diante do corpo do cavaleiro de armadura negra, dificultando-lhe os movimentos. Sir Simon sacou da espada e, enquanto o outro ainda tentava livrar-se da lança, fez um movimento para trás que atingiu o outro como o golpe de um

martelo.

O campo ficou em silêncio. Henry Colley estendeu a mão para receber os ganhos. O homem fingiu não perceber o seu mau francês,

mas viu a faca que o inglês, de olhos amarelos, fez subitamente aparecer e as moedas surgiram com a mesma rapidez.

O cavaleiro de armadura negra não continuou o combate. Deteve antes o cavalo e ergueu a viseira.

— Quem sois?

— O meu nome é sir Simon Jekyll.

— Inglês?

— Era.

As duas montadas estavam lado a lado. O desconhecido deixou cair a lança e pendurou o escudo no arçã. Tinha um rosto pálido, com um fino bigode, olhos inteligentes e o nariz partido. Era um homem jovem, já não um rapaz, mas um ou dois anos mais velho que sir Simon.

— Que desejais? — perguntou a sir Simon.

— Uma oportunidade para matar o Príncipe de Gales.

O homem sorriu.

— Mais nada?

— Dinheiro, comida, terra e mulheres — respondeu sir Simon. O

homem fez um gesto para o lado da pastagem.

— Há aqui importantes senhores, sir Simon, que poderão oferecer-vos paga, comida e mulheres. Também vos posso pagar, mas não tão bem; posso alimentar-vos, mas a comida será vulgar; e as mulheres tereis vós mesmo de encontrar. O que vos prometo é equipar-vos com um cavalo melhor, armadura e armas. Conduzi os melhores cavaleiros deste exército e fazemos um juramento

para capturar homens que nos possam fazer enriquecer. Nenhum deles, penso eu, tão rico como o rei de Inglaterra e a sua cria. Reparaí que não é matar, mas sim capturar.

Sir Simon encolheu os ombros.

— Contento-me em capturar o bastardo — afirmou.

— E o pai — disse o homem. — Também quero o pai.

Havia um tom vingativo na voz do outro, que intrigou sir Simon.

— Por quê? — perguntou.

— A minha família vivia em Inglaterra — disse. — Mas, quando este rei tomou o poder, nós apoiamos a mãe dele.

— Haveis então perdido a vossa terra? — perguntou sir Simon.

Era demasiado jovem para se recordar desses tempos tumultuosos em que a mãe do rei tentara reter o poder para si própria e para o seu amante e o jovem Eduardo combatera contra ela, para se libertar.

Vencera, e alguns dos seus inimigos não o tinham podido esquecer.

— Perdemos tudo — declarou o homem. — Mas tudo haveremos de reaver. Quereis ajudar?

Sir Simon hesitou, perguntando a si próprio, se não se daria melhor com um senhor mais rico; porém, ficara intrigado com a calma e determinação do homem em arrancar o coração de Inglaterra.

— Quem sois? — perguntou

— Por vezes chamam-me o Harlequin — respondeu. O nome nada significava para sir Simon.

— E contratais apenas os melhores? — perguntou.

— Já vos disse que sim.

— Então o melhor será mesmo contratares-me — disse sir Simon.

— Com o meu homem — apontou para Henry Colley.

— Muito bem — disse o Harlequin.

Assim, sir Simon arranjava um novo amo e o rei de França reunira o exército. Os grandes senhores: Alençon, John de Hainault,

Aumale, o conde de Blois, irmão do ambicioso duque da Bretanha, o duque da Lorena, o conde de Sancerre — todos se encontravam em Ruão com os seus enormes séquitos de homens pesadamente armados. Os números do exército eram tão elevados que não se conseguiam contar as fileiras, mas os escrivães calculavam que haveria pelo menos oito mil homens-de-armas e cinco mil besteiros em Ruão, o que significava que o exército de Filipe de Valois ultrapassava já as forças de Eduardo de Inglaterra e, mesmo assim, continuavam a chegar mais homens. John, conde do Luxemburgo e rei da Boémia, amigo de Filipe de França, trazia os seus formidáveis cavaleiros. O rei de Maiorca chegou com as suas famosas lanças e o duque da Normandia recebeu ordens para abandonar o cerco de uma fortaleza inglesa no sul e trazer o seu exército para norte. Os padres abençoavam os soldados, prometendo-lhes que Deus reconheceria a virtude da causa francesa e esmagaria impiedosamente os ingleses.

O exército não podia ser alimentado em Ruão, portanto acabou por atravessar a ponte para a margem norte do Sena, deixando atrás de si uma formidável guarnição a defender a travessia do rio. Uma vez fora da cidade e nas longas estradas que se estendiam pelos campos recém-ceifados, os homens mal podiam aperceber-se de quão vasto era o exército. Estendia-se por longas distâncias, em enormes colunas de homens armados, tropas de cavaleiros, batalhões de besteiros e, na retaguarda, a infindável hoste de infantaria, armada de machados, podadeiras e lanças. Era esse o poder francês e os amigos de França tinham-se juntado à causa. Havia um batalhão de cavaleiros escoceses — homens enormes, de aspecto selvagem que alimentavam um raro ódio pelos ingleses. Havia mercenários da Alemanha e da Itália, bem como cavaleiros, cujos nomes se tinham

tornado famosos nos torneios da cristandade, elegantes assassinos, enriquecidos no desporto da guerra. Os cavaleiros franceses falavam, não apenas em derrotar

Eduardo de Inglaterra, mas também em levar a guerra ao seu reino, prevendo conseguir condados no Essex e ducados no Devonshire. O bispo de Meaux encorajava o seu cozinheiro a preparar uma receita de dedos de arqueiro, talvez um estufado, temperado com tomilho? O bispo insistia que haveria de meter a iguaria pela garganta de Eduardo de Inglaterra.

Sir Simon montava agora um belo corcel cinzento, de sete anos, que deveria ter custado ao Harlequin perto de uma centena de libras.

Trajava um lorigão de malha apertada, com uma túnica com a cruz branca. O cavalo tinha uma protecção para o focinho, feita de couro endurecido, e um caparazão negro, enquanto que, à cinta, sir Simon, trazia suspensa uma espada feita em Poitiers. Henry Colley estava quase tão bem equipado, embora, em lugar da espada levasse uma barra de madeira de carvalho, tendo na ponta uma bola de metal com bicos.

— São um grupo muito solene — queixou-se a sir Simon acerca dos outros homens que seguiam o Harlequin. — Os malditos parecem monges.

— Sabem combater — disse sir Simon, embora também ele estivesse assombrado pela sinistra concentração dos homens do Harlequin.

Estavam todos confiantes, porém nenhum deles tomava os ingleses com a mesma leveza que o resto do exército, convencido de que qualquer batalha seria vencida apenas por números. O Harlequin questionou sir Simon e Hemy Colley acerca do modo de combater inglês, e as suas perguntas foram suficientemente inteligentes para

obrigarem os dois homens a esquecer os habituais empolamentos e a reflectir.

— Vão combater a pé — concluiu sir Simon. Ele, como todos os cavaleiros sonhava com uma batalha conduzida a cavalo, com homens a rodopiar e lanças erguidas, mas os ingleses tinham aprendido a sua arte nas guerras contra os escoceses e sabiam que, homens apeados defendiam o território muito melhor que os cavaleiros. — Até os cavaleiros vão lutar a pé — previu sir Simon. — E

por cada homem-de-armas, terão dois ou três arqueiros. São esses patifes que é preciso vigiar.

O Harlequin acenou afirmativamente.

— Mas como derrotar os arqueiros?

— Deixai-os ficar sem flechas — disse sir Simon. — Acabará por acontecer. Deixai que todos os exaltados do exército ataquem e aguardai que esvaziem as aljafas. Depois podereis vingar-vos.

— Quero mais do que vingança — disse calmamente o Harlequin.

— O quê?

O Harlequin, um belo homem, esboçou um sorriso pouco caloroso na direcção de sir Simon.

— Poder — respondeu muito calmo. — Com o poder, sir Simon, vêm os privilégios e, com os privilégios a riqueza. O que são os reis —

perguntou — senão homens que se ergueram mais alto? Assim faremos, e usaremos a derrota dos reis como degraus da nossa escada.

Aquela conversa impressionou sir Simon, embora não a tivesse entendido totalmente. Parecia-lhe que o Harlequin era um homem de grandes fantasias, o que não importava, pois era também inabalavelmente dedicado à derrota dos inimigos de sir Simon. Este

sonhava acordado com a batalha, via o rosto assustado do príncipe inglês, escutava os seus gritos e gozava a idéia de fazer prisioneira aquela cria insolente. Jeanette também. O Harlequin poderia ser discreto e subtil à sua vontade, desde que conduzisse sir Simon à realização desses simples desejos.

E assim marchava o exército francês, crescendo em número, pois chegavam homens das partes mais longínquas do reino e dos estados vassalos, fora das fronteiras de França, marchava para fechar o Sena e assim emboscar os ingleses. A confiança aumentou, ao saber-se que o rei fizera a sua peregrinação à Abadia de São Dinis, para ir buscar a auriflama. Tratava-se do símbolo francês mais sagrado, um pendão escarlate, guardado pelos beneditinos na abadia em que os reis de França estavam sepultados e todos sabiam que, quando a auriflama era desfraldada, não seriam dadas tréguas. Dizia-se que tinha sido levada pelo próprio Carlos Magno e a sua seda era vermelha como o sangue, prometendo a carnificina aos inimigos de França. Os ingleses tinham vindo combater, a auriflama fora erguida e a dança dos exércitos começara.

sir Guillaume deu a Thomas uma camisa de linho, uma boa cota de malha, um elmo forrado de cabedal e uma espada.

— É antiga, mas boa — disse da espada. — É melhor a cortar, que a espetar. Ofereceu-lhe um cavalo, uma sela, arreios e dinheiro.

Thomas tentou recusar este último presente, mas sir Guillaume não deu atenção aos seus protestos.

— Já que haveis tomado de mim o que desejáveis, bem podeis levar o resto.

— Tomado? — Thomas ficou desconcertado, ofendido até, com a acusação.

— Eleanor.

— Não a tomei — protestou Thomas.

O rosto esfacelado de sir Guillaume abriu-se num sorriso.

— Mas haveis de tomar, meu rapaz, haveis de tomar.

Partiram no dia seguinte para Oriente, na esteira do exército inglês, que agora estava muito afastado. A Caen chegavam notícias de cidades incendiadas, mas ninguém sabia onde se encontrava o inimigo, portanto sir Guillaume planeava conduzir os seus doze homens-de-armas, o escudeiro e o criado até Paris.

— Alguém há-de saber onde está o rei — disse. — E vós, Thomas, que pensais fazer?

Thomas tentava decidir isso mesmo, desde que acordara para a

luz, em casa de sir Guillaume, mas agora tinha de se resolver e para sua grande surpresa, não sentiu qualquer conflito.

— Irei ter com o meu rei — afirmou.

— E esse tal sir Simon? Se vos enforcar outra vez?

— Tenho a protecção do conde de Northampton — disse Thomas, embora já tivesse pensado que esta de nada lhe servira até ali.

— E Eleanor? — Sir Guillaume voltou-se para olhar para a filha que, para surpresa de Thomas os acompanhava. O pai dera-lhe um pequeno parlafrém e, pouco habituada a montar, a jovem sentava-se desajeitadamente na sela, agarrada ao arção. Desconhecia a razão porque o pai a tinha trazido, sugerindo a Thomas que talvez fosse para cozinhar para ele.

A pergunta fez Thomas corar. Sabia não poder lutar contra os amigos, mas não queria deixar Eleanor.

— Virei buscá-la — disse a sir Guillaume.

— Se ficardes vivo — resmungou o francês. — Porque não combateis por mim?

— Porque sou inglês.

Sir Guillaume deixou escapar uma exclamação de desprezo.

— Sois cátaro, sois francês, sois do Languedoque, quem sabe o que sois? Sois filho de um padre, um bastardo rafeiro de uma raça de hereges.

— Sou inglês — repetiu Thomas.

— Sois cristão — retorquiu sir Guillaume. — E Deus deu-me a mim e a vós uma incumbência. Como podeis cumprir esse dever, juntando-vos ao exército inglês?

Thomas não respondeu logo. Deus tinha-lhe dado uma

incumbência? E se não a quisesse aceitar, pois fazê-lo seria acreditar nas lendas dos Vexilles? Na noite a seguir a ter conhecido o Irmão Germain, Thomas falara com Mordecai no jardim de sir Guillaume e perguntara ao velho se havia lido alguma vez o livro de Daniel.

Mordecai suspirara, como se achasse a pergunta enfadonha.

— Há muitos anos — respondeu. — Muitos mesmo. Faz parte do Ketuvim, as escrituras que todos o judeus têm de ler. Porquê?

— É um profeta, não é verdade? Diz-nos o futuro.

— Essa agora! — exclamara Mordecai, sentado no banco e metendo os dedos

pela barba. — Vós os cristãos insistis que os profetas previram o futuro, mas não foi isso que eles fizeram.

Avisaram Israel. Disseram-nos que seríamos visitados pela morte, pela destruição e pelo horror se não nos emendássemos. Eram pregadores, Thomas, meros pregadores, embora só Deus saiba porquê, tiveram razão no que diz respeito à morte, destruição e horror. Quanto a Daniel... é estranho, muito estranho. Tinha a cabeça cheia de sonhos e visões. Estava embriagado de Deus.

— Mas pensais — perguntara Thomas — que Daniel pode ter previsto o que acontece agora?

Mordecai franzira a testa.

— Se Deus assim o quisesse, sim, mas porque haveria Deus de desejar tal coisa? Parece-me, Thomas, que pensas que Daniel pôde prever o que acontece aqui e agora em França. Mas que interesse poderia isso ter para o Deus de Israel? O Ketuvim está cheio de fantasias, visões e mistérios e vós cristãos, vedes mais nele do que nós, alguma vez. Terei de tomar uma decisão, só porque Daniel comeu uma ostra estragada e teve esses sonhos reais há tantos anos?

Não, não, não — levantou-se, erguendo bem alto um vaso de cama.

— Confiai no que tendes diante dos olhos, Thomas, no que podeis cheirar, ouvir, provar, tocar e ver. O resto é perigoso.

Thomas olhava agora para sir Guillaume. Acabara por vir a gostar do francês, cujo exterior endurecido pela guerra escondia uma riqueza de bondade. E Thomas sabia estar apaixonado pela sua filha, porém, mesmo assim, tinha uma lealdade maior.

— Não posso combater contra Inglaterra — disse. — Tal qual como vós não ergueríeis uma lança contra o rei Filipe.

Sir Guillaume encolheu os ombros.

— Então lutai contra os Vexilles.

Contudo, Thomas não podia cheirar, ouvir, provar, tocar ou ver os Vexilles. Não acreditava que o rei do sul fosse enviar a sua filha para o norte. Não acreditava

que o Santo Graal estivesse escondido, na posse de um qualquer herege. Acreditava na força do seu arco de teixo, na tensão de uma corda de cânhamo e no poder de uma flecha com penas brancas, para matar os inimigos do rei. Pensar em senhores negros e heresiarcas era cortejar a loucura que ceifara o seu próprio pai.

— Se encontrar o homem que matou o meu pai, acabo com ele

— iludiu assim o pedido de sir Guillaume.

— Mas não o buscareis?

— Onde hei-de procurá-lo? Onde? — perguntou Thomas, oferecendo, logo a seguir, a sua resposta. — Se os Vexilles, de fato, existem, se realmente querem destruir França, então onde começariam? No exército inglês. Por isso, será lá que os hei-de procurar — a resposta era uma evasiva, mas quase convenceu sir Guillaume que, de má vontade, aceitou que os Vexilles poderiam, de fato, oferecer as suas forças a Eduardo de Inglaterra.

Nessa noite, abrigaram-se nas ruínas de uma quinta incendiada e juntaram-se em redor de uma pequena fogueira para assarem os quartos traseiros de um javali caçado por Thomas. Os homens-de-armas tratavam-no com cautela. Afinal, era um dos odiados arqueiros ingleses, cujas armas podiam furar até as malhas de metal. Se não fosse amigo de sir Guillaume, ter-lhe-iam cortado os dedos que usava para disparar o arco, como vingança pela dor que as flechas de penas brancas tinham causado aos cavaleiros, franceses. Porém, preferiam tratá-lo com uma curiosidade distante. Depois da refeição, sir Guillaume fez um gesto para que Eleanor e Thomas o acompanhassem lá fora. O escudeiro estava de guarda e sir Guillaume afastou-os do rapaz, dirigindo-se à margem de um ribeiro onde, com estranha formalidade, olhou para Thomas.

— Então ides deixar-nos — disse. — Combatareis por Eduardo de Inglaterra.

— Sim.

— Mas se virdes o meu inimigo, se virdes a lança, que fareis?

— Mato-o — respondeu Thomas. Eleanor estava ligeiramente à parte, observando-os e à escuta.

— Não estará só — acautelou-o sir Guillaume. — Mas garantis-me que é vosso inimigo?

— Juro — afirmou Thomas, espantado por a pergunta ter sido feita. Sir Guillaume tomou a mão direita de Thomas.

— Haveis ouvido falar em irmãos em armas?

Thomas

acenu

afirmativamente.

Os

nobres

faziam

frequentemente tais pactos, jurando ajudar-se uns aos outros nas batalhas e dividindo a pilhagem.

— Então juro ser vosso irmão — disse sir Guillaume. — Mesmo

que combatamos em campos opostos.

— Também juro — disse Thomas, pouco à vontade. Sir Guillaume soltou-lhe a mão.

— Pronto — disse para Eleanor. — Já estou a salvo de um maldito arqueiro. — continuou a olhá-la. — Casarei de novo — disse abruptamente. — Terei mais filhos que serão meus herdeiros. Sabes o que te digo, não é verdade?

Eleanor baixara a cabeça, mas ergueu-a então para olhar para o pai. Depois voltou à mesma posição, sem nada dizer.

— E se Deus quiser que eu tenha mais filhos — perguntou sir Guillaume — que restará para ti, Eleanor?

A jovem encolheu levemente os ombros, como que para demonstrar que a questão não era de grande interesse para ela.

— Nunca vos pedi nada.

— Mas o que terias pedido?

Ela olhou para a ondulação do ribeiro.

— Aquilo que me haveis dado — disse uns momentos depois. —

Bondade.

— Nada mais?

Ela fez uma pausa

— Gostaria de vos chamar pai.

Sir Guillaume pareceu pouco à vontade com a resposta. Fixou o olhar no Norte.

— Sois ambos bastardos — disse, algum tempo depois. — E eu invejo-vos.

— Invejais-nos?

— Uma família é como as margens de um ribeiro. Mantém-nos no lugar, mas os bastardos vão por onde querem. Nada levam, mas podem seguir qualquer caminho — franziu a testa e depois lançou à água uma pequena pedra. — Sempre pensei, Eleanor, que te casaria com um dos meus homens-de-armas. Benoit pediu-me a tua mão e o mesmo fez Fossat. E já é mais que tempo que te cases. Quantos anos tens? Quinze?

— Quinze — confirmou ela.

— Vais apodrecer, rapariga, se esperares mais — disse sir Guillaume, impaciente. — Então quem há-de ser? Benoit? Fossat? —

fez uma pausa. — Ou preferes Thomas?

Eleanor nada disse e Thomas, embaraçado, continuou em silêncio.

— Querei-la? — perguntou-lhe bruscamente sir Guillaume.

— Sim.

— Eleanor?

Ele olhou para Thomas e a seguir, de novo para o ribeiro.

— Sim — disse, com simplicidade.

— O cavalo, a cota, a espada e o dinheiro são o dote da minha filha bastarda — disse sir Guillaume a Thomas. — Tomai bem conta dela, ou sereis de novo meu inimigo — e voltou-lhe as costas.

— Sir Guillaume! — chamou Thomas. O francês voltou-se. —

Quando estivestes em Hookton, fizestes prisioneira uma jovem de cabelo escuro — continuou Thomas, sem saber porque estava a fazer a pergunta. — Estava grávida. Chamava-se Jane.

Sir Guillaume acenou afirmativamente.

— Casou com um dos meus homens. Depois morreu de parto. O
bebé também. Porquê? — Franziu a testa. — A criança era vossa?
— Era só uma amiga — respondeu Thomas, evitando a pergunta.

— Era uma amiga muito bonita — disse sir Guillaume. —

Lembro-me bem. E quando morreu, mandamos dizer doze missas pela sua alma inglesa.

— Obrigado.

Sir Guillaume olhou para Thomas, depois para Eleanor e de novo para Thomas.

— Uma bela noite para dormir sob as estrelas — disse. —

Partiremos de madrugada — afastou-se.

Thomas e Eleanor sentaram-se junto ao ribeiro. O céu ainda não estava completamente escuro, mas tinha um tom luminoso, como a chama de uma vela por trás de uma placa de osso. Uma lontra deslizou da outra margem, com a pele a brilhar por cima da água.

Ergueu o focinho, olhou um momento para Thomas e mergulhou de novo, desaparecendo da vista, deixando um rasto de bolhas prateadas sobre a superfície escura.

Eleanor quebrou o silêncio, dizendo as únicas palavras que sabia em inglês.

— Sou a mulher de um arqueiro. Thomas sorriu.

— Sim.

E, partiram, nessa manhã e na noite seguinte avistaram uma

mancha de fumo no horizonte a Norte, e souberam que era o sinal de que o exército inglês andava fazer das suas. Separaram-se na outra madrugada.

— Não sei como chegareis até esses bastardos — disse sir Guillaume —, mas quando estiver tudo acabado, procurai-me.

Abraçou Thomas, beijou Eleanor e subiu para a sela. O cavalo estava coberto por um longo caparazão azul decorado com falcões amarelos. Meteu o pé direito no estribo, pegou nas rédeas e picou a montada.

Um atalho conduzia a norte através da charneca perfumada do tomilho e, sobre a qual, esvoaçavam borboletas azuis. Thomas, com o elmo suspenso do arçã da sela e a espada a bater ao lado, cavalgou na direcção do fumo. Eleanor, que insistia em levar o arco, porque era mulher de um arqueiro, acompanhou-o. Voltaram-se para trás, no meio da charneca, mas sir Guillaume já se distanciara meia milha para Ocidente, sem olhar para trás, em direcção à auriflama.

Assim, Thomas e Eleanor continuaram o seu caminho.

os ingleses marchavam para Oriente, afastando-se ainda mais do mar, em busca de um local para atravessarem o Sena, mas encontravam as pontes todas destruídas ou guardadas por uma fortaleza. Continuavam a destruir tudo aquilo em que tocavam. A sua chevanchée era uma linha de oito léguas e para trás ficava um rasto queimado de mais de trinta. Todas as casas incendiadas, todos os moinhos destruídos. O povo de França fugia do exército, levando consigo o gado e a ceifa recém-feita, de modo que os homens de Eduardo tinham de avançar ainda mais para arranjar alimentos. Atrás deles ficava a desolação, enquanto que, à sua frente, se erguiam as formidáveis muralhas de Paris. Havia quem pensasse que o rei atacaria esta cidade, outros achavam que não iria desperdiçar as suas tropas nessas enormes muralhas, preferindo assaltar uma das pontes, fortemente guardadas, que o levariam a norte do rio. De fato o exército tentara capturar a ponte de Meulan, mas o bastião que guardava o extremo sul, era demasiado massivo e os besteiros numerosos, de modo que o assalto falhou. Os franceses mantiveram-se nos parapeitos, desnudaram os traseiros e insultaram os derrotados ingleses. Dizia-se que o rei, confiante de que atravessaria o rio, ordenara que lhe enviassem mantimentos para o porto de Lê Crotoy, mais a norte, para lá do Sena e do Somme. Porém, se os abastecimentos os aguardavam, eram inatingíveis, pois o Sena era

uma muralha atrás da qual os ingleses se tinham encerrado numa terra que eles próprios haviam esvaziado de comida. Os primeiros cavalos começavam a coxear e os homens, com as botas feitas em tiras pela marcha, já caminhavam

descalços.

Os ingleses aproximavam-se mais de Paris, entrando nos vastos montados dos reis franceses. Tomaram os pavilhões de caça de Filipe, arrancando-lhes as tapeçarias e as pratas, e foi enquanto caçava o seu veado real, que o rei francês enviou a Eduardo um convite formal para a batalha. Era um acto cavalheiresco que terminaria, com a graça de Deus, com a destruição das terras de cultivo. Assim, Filipe de Valois enviou o bispo aos ingleses, sugerindo de modo cortês que aguardava com o seu exército a sul de Paris. O rei inglês aceitou graciosamente a proposta e assim os franceses fizeram o exército atravessar a cidade e espalharam-no pelos vinhedos numa encosta, junto a Bourg-la-Reine. Fariam com que os ingleses os atacassem daí, obrigando os arqueiros e homens-de-armas a subir com dificuldade o monte e a combater contra os numerosos besteiros genoveses. Os nobres de França calculavam já o valor dos resgates que pediriam pelos seus prisioneiros.

A linha de batalha francesa aguardou, mas assim que o exército de Filipe tomou as suas posições, os ingleses, deram meia volta e, num gesto traiçoeiro, marcharam na direcção oposta, dirigindo-se a Poissy, onde a ponte sobre o Sena fora destruída e a cidade evacuada.

Alguns soldados da infantaria francesa, homens pobres, armados com lanças e machados, tinham ficado a guardar a margem norte, mas nada puderam fazer para impedir o enxame de arqueiros, carpinteiros e pedreiros que, usando a madeira roubada dos telhados de Poissy, construíram uma nova ponte sobre os quinze pilares cortados da

antiga. Levaram dois dias a repará-la e os franceses continuavam à espera da batalha combinada, por ente as uvas maduras de Bourg-la-Reine, enquanto os ingleses atravessavam o Sena, iniciando a sua marcha para norte. Os demónios tinham escapado à cilada e estavam de novo à solta.

Foi em Poissy que Thomas, com Eleanor a seu lado, se juntou ao exército. E foi aí, pela graça de Deus, que começaram os tempos difíceis.

eleanor ficara apreensiva por se ir juntar ao exército inglês.

— Não hão-de gostar de mim, porque sou francesa — disse.

— O exército está cheio de franceses — dissera-lhe Thomas. — Há gascões,

bretões, até alguns normandos e metade das mulheres são também francesas.

— As mulheres dos arqueiros? — perguntou com um tímido sorriso. — Mas não são boas mulheres?

— Umas são boas, outras más — disse Thomas, vagamente. —

Mas de ti, vou fazer a minha mulher e todos saberão que és especial.

Eleanor não deu mostras de que isto lhe tivesse agradado, mas estavam agora nas ruas destruídas de Poissy, onde uma retaguarda de arqueiros ingleses lhes gritava que se apressassem. A improvisada ponte ia ser desmontada e os retardatários do exército mandavam avançar rapidamente por cima das tábuas. A ponte não tinha parapeitos e fora apressadamente construída com toda a madeira encontrada pelos soldados na cidade abandonada, pelo que, as pranchas balançavam instáveis, estalavam e dobravam-se enquanto Thomas e Eleanor conduziam as montadas pelo tabuleiro, e, de tal forma, que o parlafrém de Eleanor ficou tão assustado com o piso incerto que se recusou a avançar. Thomas teve de lhe vender os olhos e, mesmo assim, o animal tremia, ao pisar vagarosamente as tábuas cheias de fendas, através das quais se conseguia ver correr o rio.

Foram dos últimos a atravessar. O exército abandonara algumas carroças em Poissy, tendo distribuído a sua carga por centenas de cavalos, capturados a sul do Sena.

Uma vez que os últimos vagabundos tinham já atravessado a ponte, os arqueiros puderam começar a empurrar as pranchas para dentro do rio, quebrando a frágil ligação que permitira aos ingleses atravessarem-no. Agora o rei Eduardo esperava que encontrassem nova terra para destruir nas amplas planícies entre o Sena e o Somme, e os três batalhões espalharam-se numa linha de seis léguas da chevauchée e avançaram para Norte acampando naquela noite, a pouca distância do rio.

Thomas olhou para as tropas do Príncipe de Gales, enquanto Eleanor tentava ignorar os arqueiros sujos, esfarrapados e queimados do sol que mais pareciam foras-da-lei que soldados. Deveriam estar a preparar os abrigos para a noite, mas preferiam olhar para as mulheres e incomodá-las com convites obscenos.

— Que dizem eles? — perguntou Eleanor a Thomas.

— Que és a mais bela criatura em toda a França — respondeu.

— Estás a mentir — retorquiu ela, estremecendo quando um homem lhe gritou.

— Nunca viram uma mulher?

— Como tu, não. Provavelmente julgam-te uma princesa.

Ela riu-se, mas não lhe desagradou o que ouviu. Reparou que havia mulheres por todo o lado. Apanhavam lenha, enquanto os homens montavam os abrigos e apercebeu-se de que a maioria falava francês.

— Vai haver muitos bebés para o ano — disse.

— É verdade.

— Vão voltar para Inglaterra? — perguntou.

— Alguns, talvez — Thomas não estava bem certo. — Ou regressarão às suas guarnições na Gasconha.

— Se me casar contigo, passo a ser inglesa? — perguntou.

— Sim — respondeu Thomas.

Estava a fazer-se tarde e, pelos campos, via-se já o fumo das fogueiras embora muito pouco houvesse para cozinhar. Em cada pastagem havia duas dezenas de cavalos e Thomas sabia que deveriam descansar e alimentar e dar água aos animais. Tinha perguntado a muitos soldados onde se encontravam os homens do Príncipe de Gales, mas uns mandavam-nos para poente, outros para nascente, e Thomas dirigiu simplesmente os seus cansados cavalos para a aldeia mais próxima, pois não sabia onde mais ir. A terra estava cheia de tropas, mas Thomas e Eleanor encontraram um local bastante sossegado no extremo de um campo, onde ele acendeu uma fogueira, enquanto ela, com o arco negro ao ombro para mostrar que pertencia ao exército, levava as montadas a beber num ribeiro.

Cozinharam o resto da comida e depois sentaram-se sob uma sebe e ficaram a olhar para as estrelas que brilhavam sobre um bosque escuro. Chegavam vozes da aldeia, onde as mulheres entoavam uma canção francesa e Eleanor cantarolou os versos em voz baixa.

— Lembro-me da minha mãe me cantar — disse pegando em folhas de erva que entrançou numa pequena pulseira. — Não fui a sua única bastarda — disse com alguma tristeza. — Que eu saiba havia mais dois. Uma morreu muito pequena e o outro é agora soldado.

— É teu irmão.

— Meio-irmão — encolheu os ombros. — Não o conheço. Foi-se embora — meteu a pulseira no braço fino. — Porque andas com uma

pata de cão ao pescoço? — perguntou.

— Porque sou tolo — disse. — E troço de Deus.

Era essa a verdade, pensou infeliz. Arrancou num gesto brusco a pata seca, partindo o cordão e atirando-a depois para o meio do campo. Não acreditava realmente em São Guinefort; era um fingimento. Um cão não o ajudaria a recuperar a lança e essa incumbência fazia-o estremecer e sentir na consciência e na alma, o peso da penitência.

— Troças realmente de Deus? — perguntou-lhe Eleanor preocupada.

— Não, mas brincamos com aquilo de que temos medo.

— Tens medo de Deus?

— Claro — respondeu Thomas e depois ficou rígido, pois tinha ouvido um restolhar na sebe atrás de si e sentira uma lâmina fria subitamente encostada à nuca. O metal parecia muito afiado.

— O que deveríamos fazer era enforcar este bastardo como deve ser — disse uma voz. — E ficávamos-lhe com a mulher. É muito bonita.

— Bem bonita — concordou outro homem. — Mas ele não presta para nada.

— Seus imbecis! — disse Thomas, voltando-se para olhar para dois rostos sorridentes. Eram Jake e Sam. A princípio não acreditou e fitou-os durante algum tempo.

— Sois vós! Que fazeis aqui?

Jake abriu a sebe com o seu podão, passou através dela e lançou a Eleanor o que pensava ser um sorriso tranquilizador, embora, com o seu rosto marcado e olhos tortos, parecesse ter acabado de sair de um pesadelo.

— Charlie Blois levou no focinho — disse Jake. — Por isso, Will trouxe-nos para aqui para partirmos o nariz ao rei de França. É a tua mulher?

— É a Rainha do Sabá, raios! — respondeu-lhe Thomas.

— E ouvi dizer que a condessa anda metida com o príncipe —

Jake sorriu. — Will já te tinha visto, só que tu não nos viste. Andavas de nariz no ar. Ouvimos dizer que tinhas morrido.

— Quase.

— Will quer ver-te.

Só de pensar em Will Skeat, Jake e Sam, Thomas ficou imensamente aliviado, pois aqueles homens viviam num mundo muito distante de lúgubres profecias, lanças roubadas e senhores negros. Disse a Eleanor que aqueles homens eram seus amigos, os seus melhores amigos, e que podia confiar neles, apesar de a terem assustado com a irónica ovação com que presentearam Thomas à entrada da taberna. Os arqueiros levaram as mãos ao pescoço e contorceram as caras para imitar um enforcado, enquanto Will Skeat abanava a cabeça, com desespero fingido.

— Valha-me Deus — disse. — Não conseguiram enforcar-te como deve ser — olhou para Eleanor. — Outra condessa?

— A filha de sir Guillaume d'Evecque, cavaleiro do mar e da terra

— disse Thomas. — Chama-se Eleanor.

— É tua? — perguntou Skeat.

— Vamos casar.

— Com todos os raios do Inferno — disse Skeat. — Continuas tolo como uma cenoura! Não é preciso casar com elas, Tom, não é para isso que servem. Mesmo

assim não é feia de todo, pois não? —

Com toda a cortesia, arranjou espaço para que Eleanor se sentasse no

banco. — Não havia muita cerveja — continuou — e nós bebemos o resto — olhou em redor da taberna. Estava tão nua, que nem mesmo um molho de ervas pendia das traves do tecto. — Os patifes limpavam tudo antes de partirem — disse com azedume. — Aqui, o que se consegue pilhar é igual aos cabelos que se arrancam da cabeça de um careca.

— Que aconteceu na Bretanha? — perguntou Thomas. Will encolheu os ombros.

— Não teve que ver conosco. O duque Charles conduziu os homens para o nosso território e emboscou Tommy Dugdale no cimo de um monte. Três mil deles e trezentos de Tommy mas, no fim do dia, o duque Charles corria como uma lebre escaldada. Flechas, rapaz, flechas.

Thomas Dugdale recebera as responsabilidades do conde de Northampton na Bretanha e andava a viajar entre as fortalezas inglesas, quando o exército do duque o apanhou, mas os seus arqueiros e homens-de-armas escondidos atrás da enorme sebe de uma pastagem no cimo de um monte, fizeram o inimigo em tiras.

— Combateram todo o dia — disse Skeat. — De manhã à noite e os bastardos não quiseram aprender a lição e continuaram a mandar os homens subir o monte. Calculavam que Tommy em breve esgotaria as flechas, mas ele transportava canadas delas para as fortalezas, portanto tinha que chegassem até ao dia do Juízo Final.

Assim, o duque Charles perdeu os seus melhores homens, as fortalezas estão a salvo, até ele tomar mais algumas e nós estamos aqui. O conde mandou-nos vir. Traz só cinquenta arqueiros, disseme e eu assim fiz. E o padre Hobbe, claro. Fomos de barco para Caen e juntámo-nos ao exército, quando este começou a marcha. E que

diabo te aconteceu?

Thomas contou a sua história. Skeat abanou a cabeça quando o ouviu falar do enforcamento.

— Sir Simon partiu — disse. — Provavelmente juntou-se aos franceses.

— Juntou-se a quem?

— Desapareceu. A tua condessa ajustou as contas com ele e, pelo que ouvi, tratou-lhe bem da saúde — Skeat sorriu.— Tens uma sorte dos diabos. Só Deus sabe porque te guardei isto — pôs sobre a mesa uma caneca de barro cheia de cerveja e depois apontou para o arco que Eleanor trazia.

— Ainda sabes disparar? Isto é, como te passeias há tanto tempo na companhia da aristocracia, talvez te tenhas esquecido daquilo para que Deus te pôs na terra.

— Ainda sei usá-lo.

— Então podias juntar-te a nós — disse Skeat, logo confessando ignorar o que andava o exército a fazer. — Ninguém me diz — disse despeitado. — Mas consta que há outro rio a norte e teremos de o atravessar. Quanto mais cedo melhor, acho eu, pois os «franciús»

levaram tudo desta terra. Nem se consegue dar de comer a um gatinho.

Era de fato uma terra nua. Thomas viu-o por si próprio no dia seguinte, quando os homens de Will Skeat se dirigiram lentamente para norte atravessando campos ceifados. No entanto, o grão, em vez de armazenado nos celeiros fora já levado pelo exército francês e o gado já também desaparecera. A sul do Sena, os franceses tinham ceifado campos abandonados e a sua guarda avançada movimentara-se rapidamente para capturar milhares de rezes, porcos e cabras. Aqui

a terra fora totalmente arrasada por um exército ainda maior e o rei ordenara rapidez. Queria que os homens atravessassem o outro rio, o Somme, para lá do qual, o exército francês poderia não ter ainda despojado a terra e onde, em Lê Crotoy, esperava encontrar uma frota com o abastecimento. Porém, apesar das ordens reais, o exército marchava com dolorosa lentidão. Havia cidades fortificadas que prometiam mantimentos e os homens insistiam em assaltar-lhes as muralhas. Capturaram algumas, foram repelidos por outras, mas tudo isso levava o tempo que o rei não tinha, e enquanto tentava disciplinar um exército mais interessado na pilhagem, do que no avanço, o rei de França conduzia o seu para que atravessasse o Sena, e a cidade de Paris e seguisse em direcção ao Norte, para o Somme.

Foi armada uma nova emboscada, ainda mais mortífera, pois os ingleses estavam agora encurralados numa terra despojada de alimentos. O exército de Eduardo chegou por fim ao Somme, para o encontrar bloqueado tal como o Sena o fora. As pontes estavam destruídas ou guardadas por fortificações sinistras, com pesadas guarnições que, para serem desalojadas, necessitariam de semanas que os ingleses não tinham. Enfraqueciam de dia para dia. Tinham marchado desde a Normandia até à entrada de Paris, depois haviam atravessado o Sena, deixando um rasto de destruição até à margem sul do Somme e a longa jornada tinha desgastado o exército. Havia agora centenas de homens descalços, enquanto que outros se arrastavam com sapatos em tiras. Tinham bastantes cavalos, mas poucas ferraduras e cravos e, assim, os homens conduziam os animais apeados, para lhes pouparem os cascos.

A erva era abundante para alimentar as montadas, mas pouco cereal havia para os homens. Os grupos tinham pois, de se afastar

muito em busca de alimento, procurando aldeias em que os camponeses tivessem escondido parte da ceifa. Os franceses tornavam-se agora mais ousados e havia freqüentes escaramuças à margem do exército, quando sentiam a vulnerabilidade dos ingleses.

Os homens comiam fruta verde que lhes azedava o estômago e soltava os intestinos. Alguns diziam não ter outra alternativa senão voltar à Normandia, mas outros sabiam que o exército se desintegraria muito antes de conseguirem abrigar-se nos portos normandos. O único caminho seria atravessar o Somme e marchar para os bastiões ingleses na Flandres, mas as pontes tinham desaparecido ou tinham guarnição e, quando o exército passou pelos sapais desolados querendo encontrar um vau, descobriu o inimigo à espera na margem oposta. Tentaram por duas vezes forçar uma passagem, mas de ambas os franceses, em segurança num terreno seco e mais elevado, conseguiram interceptar os arqueiros, no rio, enchendo a margem de bestas genovesas. Assim, os ingleses retiraram e marcharam para Ocidente, chegando ainda mais perto da foz e reduzindo, a cada passo, o número de possíveis pontos para a travessia, à medida que o rio se tornava mais largo e mais profundo.

Marcharam durante oito dias, entre esses cursos de água, oito dias cada vez com mais fome e mais frustrados.

— Poupai as flechas — aconselhava Will Skeat, preocupado, uma tarde aos seus

homens. Acampavam perto de uma pequena aldeia deserta, tão nua como qualquer outra que tinham encontrado desde a travessia do Sena. — Precisamos de todas as que temos para a batalha

— prosseguiu Skeat. — Só Deus sabe que não as podemos desperdiçar.

Uma hora depois, quando Thomas procurava bagas numa sebe, uma voz chamou-o lá do alto.

— Thomas, traz os teus ossos do inferno até cá acima! — Thomas vol— tou-se e viu Will Skeat na pequena torre da igreja da aldeia.

Correu para lá, subiu a escada e passou a trave onde estivera pendurado o sino, até os aldeãos o terem levado, para impedir que os ingleses o roubassem. Depois içou-se pelo alçapão, até ao telhado direito da torre, onde se encontravam meia dúzia de homens, sendo um deles o conde de Northampton, que lançou a Thomas um olhar muito estranho.

— Ouvi dizer que tinhas sido enforcado!

— Escapei, senhor — disse Thomas, num tom lúgubre.

O conde hesitou, desejando saber se o autor fora sir Simon Jekyll, mas não valia a pena continuar tal questão. Sir Simon fugira e o acordo do conde com ele, era nulo. Preferiu fazer uma careta.

— Ninguém consegue matar a cria do demónio, não é verdade?

— per— guntou apontando para Oriente e Thomas lançando os olhos nessa direcção, viu, ao crepúsculo, um exército em movimento.

Estava muito distante, na margem norte do rio, que corria entre vastos canaviais, mas viu também que as filas de cavaleiros, carroças, infantaria e besteiros enchiam todos os atalhos e trilhos da margem distante. O exército aproximava-se de uma cidade murada, Abbeville, disse o conde, onde havia uma ponte sobre o rio e Thomas, ao fitar as filas negras que serpenteavam em direcção a ela, sentia como se as portas do inferno se tivessem aberto para cuspir uma gigantesca horda de lanças, espadas e bestas. Depois ao recordar-se de que sir Guillaume se encontrava ali, fez o sinal da Cruz e murmurou uma prece silenciosa, para que o pai de Eleanor sobrevivesse.

— Cristo na Cruz! — exclamou Will Skeat, tomando por receio o gesto de Thomas. — Querem mesmo as nossas almas.

— Sabem que estamos cansados — disse o conde. — Sabem também que, por fim, as flechas hão-de esgotar-se e que têm mais homens do que nós. Muitos mais — voltou-se para poente. — E não podemos avançar muito mais — apontou de novo e Thomas viu a extensão lisa do mar. — Apanharam-nos — afirmou o conde. — Vão atravessar em Abbeville e atacam amanhã.

— E nós far-lhe-emos frente — resmungou Will Skeat.

— Neste terreno, Will? — perguntou o conde. A terra era plana, ideal para a cavalaria e com algumas sebes ou moitas altas para esconder os arqueiros. — E contra tantos? — acrescentou, a olhar fixamente o inimigo distante. — São muito mais do que nós, muito mais. Meu Deus, se são — encolheu os ombros. — É tempo de partirmos.

— Partirmos para onde? — perguntou Skeat. — Porque não havemos de encontrar um poiso e ficar por aí?

— A Sul? — o conde parecia indeciso. — Crês que possamos atravessar o Sena de novo e ir de barco para a Normandia? Só Deus sabe que nos é impossível passar o Somme — pôs a mão em pala sobre os olhos para observar o rio. — Cristo! — blasfemou. — Porque demónio não existe um vau? Podíamos ter perseguido esses bastardos até à nossa fortaleza na Flandres e deixar Filipe derrotado, como imbecil maldito que é.

— E não combatíamos? — perguntou Thomas, em ar de espanto.

O conde abanou a cabeça.

— Ferimo-lo. Roubámos-lhe tudo. Marchámos pelo seu reino e deixámo-lo a arder, para quê combater contra ele? Gastou uma fortuna a contratar cavaleiros e besteiros, porque não deixá-lo desperdiçar a riqueza? Depois voltamos para o ano e fazemos o

mesmo — encolheu os ombros. — A menos que não possamos fugir-lhe — com essas agoirentas palavras desceu do telhado, seguido do seu séquito e deixando Thomas e Skeat sós.

— A verdadeira razão porque não querem combater, é o recearem ser feitos prisioneiros — disse Skeat com azedume, quando o conde já não o podia ouvir.
— Um resgate pode limpar a fortuna de uma família, num abrir e fechar de olhos
— cuspiu por cima do parapeito, e depois levou Thomas para o lado oriental. —
Porém, a verdadeira razão porque aqui te trouxe, Tom, é porque os teus olhos são melhores que os meus. Consegues ver uma aldeia ali? — apontou para Norte.

Thomas levou algum tempo, mas acabou por divisar um grupo de telhados baixos por entre os canaviais.

— Que aldeia tão pobre — disse em tom azedo.

— Mas ainda não fomos lá procurar comida — afirmou Skeat. —

E como fica num pântano, talvez tenham enguias fumadas. Gosto muito de enguias fumadas, oh se gosto! Melhor que maçãs azedas e sopa de urtigas. Podias ir lá ver.

— Esta noite?

— Porque não para a semana? — perguntou Skeat, passando para o telhado de colmo. — Ou talvez para o ano? Claro que é esta noite, meu sapo. Despacha-te.

Thomas levou vinte arqueiros. Nenhum deles queria ir, pois era tarde e receavam que as patrulhas francesas pudessem estar à espera no atalho que serpenteava por entre dunas e canaviais, em direcção ao Somme. Era uma região desolada. Os pássaros voavam por entre as canas, enquanto os cavalos abriam caminho ao longo de um atalho tão baixo que em certos sítios havia sarrafos de colmo para permitir a

passagem e, em seu redor, a água gorgolejava e rodopiava por entre margens de lama esverdeada.

— A maré está a descer — comentou Jake.

Thomas sentia o cheiro a sal, vindo da água. Estavam suficientemente próximos do mar e as marés exerciam a sua influência naquele emaranhado de canaviais e sapais, embora nalguns pontos a estrada fosse mais firme, e atravessasse grandes bancos de areia inclinados, onde cresciam ervas secas e pálidas. No Inverno, pensou Thomas, deve ser um sítio esquecido por Deus com ventos frios a

fazerem voar a espuma sobre o pântano gelado.

Era quase noite quando chegaram à aldeia, que era afinal um miserável aglomerado deserto, apenas com uma dezena de cabanas de tecto de cana. Os habitantes deveriam ter fugido justamente antes de Thomas lá ter chegado com os arqueiros, pois ardiam ainda fogueiras baixas, nas pequenas lareiras de pedra.

— Procurai comida — ordenou Thomas. — Principalmente enguias fumadas.

— Mais depressa pescávamos as enguias e as defumávamos nós — afirmou Jake.

— Faz o que te digo — ordenou Thomas, dirigindo-se a seguir para o extremo da aldeia, onde havia uma pequena igreja de madeira que empurrada pelo vento, tomara uma permanente posição inclinada. A igreja pouco mais era que um telheiro — talvez o altar de algum santo daqueles pântanos esquecidos — mas Thomas calculou que a estrutura aguentaria o seu peso. Com alguma dificuldade, desmontou do cavalo para cima do telhado coberto de musgo, e depois trepou até ao cimo, onde se agarrou à cruz que decorava uma das empenas.

Não viu qualquer movimento pelos sapais embora, na semi-obscuridade do céu a norte de Abbeville, avistasse uma mancha de fumo proveniente das fogueiras dos acampamentos franceses.

Amanhã, pensou, os franceses vão atravessar a ponte e entrar pelas portas da cidade, para se defrontarem com o exército inglês, cujos fogos ardiam a sul e, pelas dimensões das colunas de fumo, se percebia quão inferior era, comparado com o outro. Jake apareceu, vindo de uma cabana próxima, com uma saca na mão.

— O que é isso? — perguntou Thomas.

— Grão — Jake ergueu o saco. — Todo molhado, a germinar.

— Não há enguias?

— Claro que não há enguias — resmungou Jake. — As enguias têm juízo e não vêm habitar sítios desgraçados como este.

Thomas sorriu e olhou para o mar que, a Ocidente, parecia a lâmina de uma espada manchada de sangue. Via-se uma vela distante, uma mancha branca, no horizonte cheio de nuvens. As gaivotas rodopiavam e pairavam sobre o rio, que aqui se transformara num largo canal, interrompido por canaviais e bancos de areia, deslizando para o mar. Era difícil distinguir entre rio e sapal, tão emaranhada parecia a paisagem. Depois Thomas interrogou-se sobre a razão que levava as gaivotas a mergulhar, soltando gritos agudos.

Olhou para elas, e viu aquilo que a princípio lhe pareceu ser uma dezena de cabeças de gado na margem do rio. Abriu a boca para gritar a novidade a Jake, mas depois viu que havia homens com o gado.

Homens e mulheres, talvez duas dezenas? Franziu a testa e ficou a olhar, pensando estar a ver os habitantes daquela aldeia.

Provavelmente teriam visto os arqueiros aproximarem-se e tinham fugido com os animais, mas para onde? Para o sapal? Seria o mais

provável, pois o terreno húmido teria certamente múltiplos atalhos secretos, onde se podiam esconder; mas porque se teriam arriscado a subir à duna, onde Thomas os podia avistar? Apercebeu-se então de que os aldeãos não se queriam ocultar, mas sim fugir e que entravam na água mais funda, para chegar à margem norte.

Meu Deus, afinal havia um vau! Ficou a olhar sem se atrever a acreditar no que os seus olhos viam. As pessoas atravessavam o rio com passos firmes, arrastando as vacas atrás de si. Era um vau baixo e calculou que apenas poderia ser atravessado na maré baixa, mas pelo menos existia.

— Jake! — gritou. — Jake!

Jake correu para a igreja e Thomas inclinou-se e içou-o para o colmo podre do telhado. A construção balançou perigosamente, sob o peso de ambos, enquanto Jake subia e se agarrava à cruz de madeira manchada do sol, para olhar na direcção apontada por Thomas.

— Com mil raios! — exclamou. — Há ali um maldito vau.

— E malditos franceses — disse Thomas, pois na margem do rio, onde do emaranhado de sapais e de água, se erguia terra mais firme, surgiam agora

homens de cota de malha cinzenta. Tinham acabado de chegar, de contrário Thomas já os teria visto e as primeiras fogueiras para cozinhar cintilavam por entre o escuro grupo de árvores, onde tinham acampado. A sua presença mostrava que os franceses conheciam a existência do vau e queriam evitar a travessia dos ingleses, mas isso não era da conta de Thomas. O seu dever era dar a conhecer ao exército que existia uma passagem, um caminho possível para escaparem à emboscada.

Thomas deslizou de cima do colmo que cobria a igreja e saltou para o chão.

— Vai ter com Will e diz-lhe que há um vau — disse a Jake. —

Diz-lhe também que vou queimar uma cabana de cada vez para se poderem orientar. — Em breve seria noite e, sem uma luz que os guiasse, não conseguiriam encontrar a aldeia.

Jake levou seis homens e cavalgou de volta para o sul. Thomas aguardou. De vez em quando voltava a subir ao telhado da igreja, olhava para o outro lado do vau e, de cada vez, via mais fogueiras por entre as árvores. Calculava que os franceses tivessem colocado aí uma força formidável, o que não admirava pois era a última rota de fuga e tinham de a obstruir. Porém Thomas incendiava as cabanas, uma a uma, para mostrar aos ingleses onde poderia estar esse caminho.

As chamas rugiam na noite, lançando fagulhas pelos sapais. Os arqueiros tinham encontrado algum peixe seco, escondido na parede de uma cabana que, juntamente com água salobra, lhes serviu de ceia. Não admirava que se sentissem desconsolados.

— Deveríamos ter ficado na Bretanha — disse um.

— Vão encurralar-nos — sugeriu outro. Tinha feito uma flauta com uma cana seca e tocava uma ária melancólica.

— Temos flechas — disse um terceiro.

— Suficientes para matar os patifes?

— Têm de chegar.

O tocador de flauta soltou mais algumas notas, depois aborreceu-se e lançou o

instrumento para a fogueira mais próxima. Thomas, com a noite a arrastar-se-lhe na paciência, voltou para a igreja. Mas em vez de subir ao telhado, abriu a porta apodrecida e os batentes de uma das janelas para deixar entrar a luz das fogueiras. Viu então que não se tratava de uma verdadeira igreja, mas sim de um santuário de pescadores. Continha um altar feito de tábuas manchadas pela água

salgada, equilibrado sobre dois barris partidos e tendo em cima, uma imagem rude, uma boneca vestida com farrapos de pano branco e coroada com uma tira de algas marinhas. Os pescadores de Hookton tinham erigido altares assim, principalmente quando se perdia um barco no mar, mas o pai de Thomas sempre os odiara. Queimara completamente um deles, chamando-lhe altar de ídolos, mas Thomas acreditava que os pescadores precisassem de santuários. O mar era cruel e a boneca, que lhe parecia ser do sexo feminino, talvez representasse um santo daquela região. As mulheres dos pescadores há muito saídas para o mar podiam vir aqui orar-lhe, implorando o regresso do barco. O telhado do santuário era baixo e, de joelhos estava-se melhor. Thomas murmurou uma prece. Deixai-me viver, implorou, deixai-me viver, e deu por si a pensar na lança, a pensar no Irmão Germain, em sir Guillaume e nos seus receios de que um novo mal, vindo dos senhores negros, estivesse a nascer no Sul. Não é da tua conta, disse para consigo. É superstição. Os cátaros morreram já, queimados, em fogueiras, ateadas pela igreja, que os mandou para o Inferno. Acautela-te com os loucos, dissera-lhe o pai e quem melhor que ele para conhecer a verdade? Mas seria um Vexille? Baixou a cabeça e orou a Deus para que o guardasse da loucura.

— E agora, estás a rezar para quê? — perguntou subitamente uma voz. Sobressaltado, Thomas voltou-se imediatamente, para dar de caras com o padre Hobbe que lhe sorria da porta baixa. Conversara com ele durante os últimos dias, mas nunca se tinham encontrado a sós. Thomas nem tinha a certeza de o desejar, pois a presença do padre fazia-lhe sentir a consciência pesada.

— Estou a rezar para que cheguem mais flechas, padre.

— Queira Deus que a prece seja atendida — respondeu-lhe o

padre Hobbe, sentando-se depois no chão de terra batida da igreja. —

Foi um trabalho dos demónios dar com o caminho para atravessar o pântano, mas preciso ter uma conversa contigo. Tenho a sensação de que me andas a evitar.

— Padre! — respondeu Thomas com ar reprovador.

— Eis-te aqui, e com uma linda rapariga! Só te digo, Thomas, que se te obrigassem a lambar o traseiro de um leproso, saber-te-ia a mel.

Enfeitiçado é o que estás. Nem te conseguem enforcar.

— Conseguem, mas não como deve ser — disse Thomas.

— Graças a Deus por isso — respondeu o padre e depois sorriu. —

Então, que tal vai a penitência?

— Não encontrei a lança — disse Thomas simplesmente.

— Mas incomodaste-te em procurá-la? — perguntou o padre Hobbe, tirando um pequeno pão da sua bolsa. Partiu-o e entregou metade a Thomas. — Não me perguntes como o arranjei, mas não foi roubado. Lembra-te, Thomas que podes não cumprir uma penitência, mas mesmo assim seres absolvido, se tiveres feito um esforço sincero.

Thomas fez uma careta, não devida às palavras do padre Hobbe, mas Porque mordera uma lasca da mó, que ficara metida no pão.

Cuspiu-a.

— A minha alma não é tão negra como a quereis fazer parecer, padre.

— Como sabes? Todas as almas são negras.

— Fiz um esforço — disse Thomas e deu por si a contar-lhe toda a história, de como fora para Caen e procurara a casa de sir Guillaume, de como ficara seu hóspede, acerca do padre Germain, dos Vexilles cátaros, da profecia de Daniel e do conselho de Mordecai.

O padre Hobbe fez o sinal da Cruz, quando Thomas lhe falou de

Mordecai.

— Não podes aceitar a palavra desse homem — disse o padre seriamente. — Pode ser ou não um bom médico, mas os judeus sempre foram inimigos de

Cristo. Se está do lado de alguém, deve ser do demónio.

— É um bom homem — insistiu Thomas.

— Thomas! Thomas! — disse tristemente o padre Hobbe e depois franziu a testa durante algum tempo. — Ouvi dizer que a heresia catara continua viva — disse depois.

— Mas não pode desafiar França e a Igreja.

— Porque não? — perguntou o padre Hobbe. — Chegou ao outro lado do mar para roubar a lança a teu pai e dizes que atravessou a França para matar a mulher de sir Guillaume. O demónio faz as suas coisas na escuridão, Thomas.

— Há mais — disse Thomas, e contou ao padre a história de que os cátaros tinham o Graal. A luz vinda das cabanas incendiadas cintilava nas paredes, dando à imagem coroada de algas no altar um ar sinistro. — Não creio em nada disso — concluiu Thomas.

— E porque não?

— Porque se a história fosse verdadeira eu não me chamava Thomas de Hookton, mas sim Thomas Vexille — disse Thomas. —

Não sou inglês, sou metade francês. Não sou um arqueiro, nasci nobre.

— Ainda é pior — disse o padre Hobbe, com um sorriso. —

Significa que tens uma incumbência.

— Não passam de histórias — disse Thomas em tom de desprezo.

— Dai-me outra penitência, padre. Faço uma peregrinação por vós.

Vou de joelhos a Cantuária, se assim o desejardes.

— Não quero nada de ti, Thomas, mas Deus sim, quer muito.

— Dizei então a Deus que escolha outra pessoa.

— Não tenho por costume dar conselhos ao Altíssimo — disse o padre Hobbe.

— Porém, oiço os que vêm d'Ele. Pensas que o Graal não existe?

— Há mil anos que os homens o procuram e ninguém o encontrou — disse Thomas. — A menos que o que está em Génova seja verdadeiro.

O padre Hobbe encostou a cabeça à parede de juncos.

— Ouvi dizer que o verdadeiro Graal é feito de barro vulgar —

disse em voz baixa. — Uma simples taça rústica, como aquela de que a minha mãe tanto gostava, Deus lhe tenha a alma em descanso, porque era a única que se podia dar ao luxo de possuir. E um dia, eu, estúpido e desastrado partilha. Mas disseram-me que o Graal não se pode partir. Poderias metê-lo num desses trons que divertiram toda a gente em Caen e não se quebraria, mesmo sendo lançado contra a muralha de um castelo. E quando na Missa se coloca o pão e o vinho, o corpo e o sangue, nesse simples bocado de barro, este transforma-se em ouro, Thomas. Ouro puro e brilhante. É esse o Graal e, assim Deus me ajude, existe realmente.

— Quereis então que percorra a terra, em busca de uma rústica taça de barro? — perguntou Thomas.

— Deus quer — disse o padre Hobbe. — E com boas razões. —

Parecia triste. — Há heresia por toda a parte, Thomas. A Igreja está sitiada. Os bispos, os cardeais e os abades corrompem-se com a riqueza, os padres de aldeia são completamente ignorantes, o demónio cozinha o seu mal. Porém, há alguns de nós, poucos, que acreditam que a Igreja pode ser renovada, que pode brilhar de novo,

com a glória de Deus. Creio que o Graal o poderia fazer. Creio que Deus te escolheu.

— Padre!

— E talvez eu — disse o padre Hobbe, ignorando o protesto de Thomas. — Quando tudo isto terminar — acenou com a mão, para abranger o exército e a sua luta — creio que me juntarei a ti.

Procuraremos juntos a tua família.

— Vós? — perguntou Thomas. — Por quê?

— Porque Deus chama-nos — disse, com simplicidade, o padre Hobbe. Depois abanou fortemente a cabeça. — Tens de ir Thomas, tens de ir. Rezarei por ti.

Thomas teve de ir porque a noite fora perturbada pelo som dos cascos dos cavalos e pelas vozes estridentes dos homens. Pegou no arco, baixou a cabeça para sair da igreja, e viu que duas dezenas de homens tinham chegado à aldeia. Os escudos mostravam os leões e as estrelas do conde de Northumberland e o seu comandante exigia saber quem estava encarregado dos arqueiros.

— Estou eu — respondeu Thomas.

— Onde fica esse tal vau?

Thomas fez para si um archote, atando um bocado de colmo a um pau e, enquanto a chama durou, conduziu-os através do sapal, na direcção do vau distante. Algum tempo depois a chama apagou-se, mas ele estava perto de encontrar o caminho por onde vira seguir o gado. A maré subira novamente e a água negra infiltrava-se, inundando tudo em redor dos cavaleiros agrupados numa estreita faixa de areia.

— Podeis ver onde está o inimigo — disse Thomas aos homens-de-armas, apontando para as fogueiras dos franceses, talvez a cerca de

dois quilómetros de distância.

— Os bastardos estão à nossa espera?

— E são muitos.

— De qualquer modo atravessamos — disse o comandante dos homens-de-armas. — O rei já o decidiu e fazemo-lo, quando a maré vazar — voltou-se para os seus homens: — Descei dos cavalos, encontrai o atalho Marcaí-o — apontou para uns salgueiros cortados.

— Cortai estacas e marcai o atalho com elas.

Thomas retomou o caminho para a aldeia, por vezes andando com a água até à cintura. Uma leve bruma erguera-se na enchente e, se não fossem as cabanas a

arder, ter-se-ia certamente perdido.

A aldeia, construída na parte de terra mais elevada de todo o pântano, atraíra já uma multidão de cavaleiros, quando Thomas regressou. Arqueiros e homens-de-armas aí se juntaram e alguns tinham já deitado abaixo o santuário para fazer uma fogueira com as suas tábuas.

Will Skeat viera com o resto dos seus arqueiros.

— As mulheres estão com a bagagem — disse a Thomas. — Que belo caos ficou lá atrás. Esperam atravessar toda a gente de manhã.

— Primeiro vai haver luta — disse Thomas.

— Se não for isso, teremos de nos defrontar mais tarde com todo o exército. Encontraram enguias?

— Comemo-las.

Skeat sorriu, depois voltou-se ao ouvir uma voz chamá-lo. Era o conde de Northampton, com o caparazão do cavalo salpicado de lama até à sela.

— Muito bem, Will!

— Não fui eu, meu senhor, foi este patife esperto — Skeat

apontou com o polegar para Thomas.

— Fez-te bem ser enforcado, não? — perguntou-lhe o conde e ficou a olhar a fila de homens-de-armas, que seguiam para a faixa de areia da aldeia. — Prepara-te para avançar de madrugada, Will, vamos atravessar na vazante. Quero os teus rapazes à frente. Deixa aqui os cavalos. Vou mandar que os homens os vigiem bem.

Pouco dormiram naquela noite, embora Thomas dormitasse de fato, deitado na areia, à espera da madrugada que trouxe consigo uma luz pálida e brumosa. Os salgueiros erguiam-se na névoa, enquanto os homens-de-armas se baixavam junto à água e olhavam para norte, para onde o nevoeiro aumentava, juntando-se ao fumo do acampamento inimigo. O rio corria ilusoriamente rápido, apressado pela maré vazante, mas mesmo assim, ainda muito alto, para se poder atravessar.

Sobre o banco de areia, junto ao vau, viam-se agora os cinquenta arqueiros de Skeat e mais cinquenta comandados por John Armstrong. Havia o mesmo número de homens-de-armas, todos apeados, conduzidos pelo conde de Northampton que recebera a incumbência de conduzir a travessia. O Príncipe de Gales quisera ser ele a comandar o combate, mas o pai proibira-lho. O conde, muito mais experiente, ficara com uma responsabilidade que pouco lhe agradava. Gostaria de ter consigo muito mais homens, mas o banco de areia não os comportava e os atalhos através do sapal eram estreitos e traiçoeiros, tornando difícil trazer reforços.

— Sabeis o que fazer? — perguntou o conde a Skeat e a Armstrong,

— Sabemos.

— Talvez mais duas horas?

— O conde calculava a maré. O tempo passou lentamente e, através da bruma, os ingleses podiam ver o inimigo formar uma linha de batalha do outro lado do vau. Ao recuar, a água permitiu a passagem a mais soldados para o banco de areia, mas a força do conde era tristemente reduzida — talvez duzentos homens no máximo — enquanto que os franceses tinham o dobro só em homens-de-armas. Thomas contou-os, o melhor que pôde, utilizando o método que Will Skeat lhe ensinara: dividir o inimigo em dois, dividir novamente, depois contar essa pequena unidade e multiplicá-

la por quatro. Desejou não o ter feito, pois eram muitos e juntamente com os homens-de-armas, havia também quatrocentos ou quinhentos soldados de infantaria, provavelmente recrutados na região a norte de Abbeville. Não eram uma grave ameaça pois, como a maior parte da infantaria, estariam mal treinados e mal equipados com armas antigas e instrumentos de lavoura. Mas mesmo assim poderiam causar embarços, se os homens do conde se vissem em dificuldades. A única coisa boa que Thomas encontrava na enevoadada madrugada era o fato de os franceses parecerem ter muito poucos besteiros, mas para que precisariam deles com tantos homens-de-armas? E a formidável força, que agora se juntava na margem norte do rio, combateria sabendo que, se repelisse o ataque inglês, o inimigo seria barrado pelo mar junto ao qual o exército francês, muito superior, o poderia esmagar.

Duas bestas de carga traziam os preciosos feixes de flechas que foram

distribuídos pelos arqueiros.

— Ignorai os malditos camponeses — disse Skeat aos seus homens. — Matai os homens-de-armas. Quero os bastardos a berrar pelas cabras, a quem chamam mães.

— Há comida do outro lado — disse John Armstrong, aos seus esfomeados arqueiros. — Esses malditos têm carne, pão e cerveja e tudo isso será vosso se derem cabo deles.

— E não desperdicem flechas — berrou Skeat. — Atirai bem!

Apontai, rapazes, apontai. Quero ver os bastardos cobertos de sangue.

— Cautela com o vento! — gritou John Armstrong. — Vai levar as flechas para a direita.

Duzentos homens-de-armas franceses estavam apeados na margem do rio, enquanto outros tantos, montados, aguardavam uma centena de passos mais atrás. A turba de infantaria dividiu-se em dois grandes grupos, um para cada flanco. Os homens-de-armas apeados estavam ali para deter os ingleses, à beira de água e os homens a cavalo carregariam se alguns conseguissem passar; entretanto, a infantaria estava presente para aparentar grande número e ajudar no massacre que se seguiria à vitória francesa. Os franceses deveriam sentir-se muito confiantes, pois tinham impedido todas as outras tentativas para passar o Somme a vau.

Só que nos outros pontos o inimigo possuía besteiros capazes de manter os arqueiros dentro de água, onde não podiam usar convenientemente os arcos, receando molhar as cordas. Mas não havia bestas.

O conde de Northampton, a pé como os seus homens, cuspiu para o rio.

— Deveria ter deixado para trás a tropa apeada e trazido um milhar de genoveses — afirmou a Will Skeat. — Se assim fosse estávamos em apuros.

— Têm algumas bestas — afirmou Skeat.

— Não chegam, Will, não chegam — o conde usava um velho

elmo, sem viseira. Estava acompanhado por um homem-de-armas de barba grisalha, com o rosto profundamente enrugado e trajando uma cota de malha muito remendada.

— Conheces Reginald Cobham, Will? — perguntou o conde.

— Já ouvi falar de vós, mestre Cobham — disse Will, respeitoso.

— E eu de vós, mestre Skeat — respondeu Cobham. Por entre os arqueiros de Skeat, passou a palavra de que Reginald Cobham se encontrava no vau e os homens voltaram-se para ver o homem da barba grisalha, cujo nome era célebre no exército. Um homem vulgar, como eles, mas velho na guerra e temido pelos inimigos dos ingleses.

O conde olhava para a vara que marcava o extremo do vau.

— Creio que a água já baixou o suficiente — disse, e bateu no ombro de Skeat.
— Vai lá matar uns quantos, Will.

Thomas olhou para trás e viu que todos os pontos secos do sapal estavam cheios de soldados, cavalos e mulheres. O exército inglês viera para as terras baixas e dependia do conde para efectuar a travessia.

Para nascente, embora ninguém o soubesse no vau, o principal exército francês atravessava a ponte em Abbeville, pronto a cair sobre a retaguarda inglesa.

Do mar vinha um vento forte que trazia o frio matinal e um cheiro salgado. As gaivotas soltavam gritos desesperados, sobre os pálidos canaviais. O principal canal do rio tinha meia milha de largura e os cem arqueiros pareciam uma minúscula força quando formaram em linha e se meteram à água. Os homens de Armstrong estavam à esquerda, os de Skeat à direita, enquanto atrás deles vinham os primeiros homens-de-armas do conde. Vinham todos apeados e deveriam esperar até as flechas terem enfraquecido o

inimigo, carregando depois sobre os franceses com espadas, machados e alfanges. O inimigo tinha dois tambores que começaram a bater nas peles de cabra; a seguir, um trombeteiro sobressaltou os pássaros das árvores, junto às quais os franceses tinham acampado.

— Atenção ao vento — gritou Skeat, aos seus homens. — As rajadas são fortes,

oh se são! Mesmo muito fortes.

O vento soprava contra a maré vazante, criando sobre o rio pequenas ondas agitadas, coroadas por cristas brancas. A infantaria francesa gritava. Nuvens cinzentas corriam no céu sobre a terra verde.

Os tambores mantinham um ritmo ameaçador. Os pendões ondulavam por cima dos homens-de-armas estacionados e Thomas sentiu-se aliviado por nenhum deles exibir os falcões amarelos num campo azul. A água estava fria e chegava-lhe às coxas. Segurou o arco com força, observou o inimigo e aguardou que os primeiros virotes de besta surgissem sobre a água

Mas tal não aconteceu. Os arqueiros estavam já a distância de poder disparar, mas Will Skeat queria-os mais próximo. Um cavaleiro francês sobre um cavalo negro, coberto com um caparazão verde e azul, passou pelos companheiros apeados, girou para o lado e meteu-se pelo rio.

— O imbecil quer exibir-se — disse Skeat. — Jake! Dan! Peter!

Sosseguem-no. — Três arcos foram puxados atrás para dispararem três flechas.

O cavaleiro francês foi lançado para trás na sua sela, numa queda que provocou a fúria dos compatriotas. Soltaram o seu grito de guerra, «Montjoie Saint Denis!» e os homens-de-armas meteram-se imediatamente no rio, prontos a desafiar os arqueiros que retesavam já as cordas dos seus arcos.

— Aguentem! — gritava Skeat. — Aguentem! Mais perto, avancem mais! — Os tambores soavam mais fortes. O cavaleiro morto era arrastado pelo cavalo, enquanto outros franceses recuavam para terra. Nesse momento, a água chegava apenas aos joelhos de Thomas e o seu raio de ação era mais curto. Apenas mais cem passos e Will Skeat deu-se por satisfeito.

— Comecem a dar cabo deles! — gritou.

As cordas foram puxadas atrás, até às orelhas dos arqueiros, que logo as soltaram. As flechas voaram e, enquanto a primeira revoada sussurrava ainda sobre a água agitada pelo vento, dispararam a segunda; só quando os homens meteram a terceira flecha na corda é que a primeira atingiu o alvo. Ouvia-se um som de metal contra metal, como o bater de uma centena de leves martelos, e as fileiras francesas ficaram de súbito escondidas atrás de escudos levantados.

— Escolham os alvos! — gritava Skeat. — Escolham os alvos! —

Usava também o seu arco, disparando-o de vez em quando, mas sempre aguardando que o inimigo baixasse o escudo antes de disparar a flecha. Thomas observava a turba da infantaria à sua direita.

Pareciam prontos a fazer uma violenta carga e queria meter-lhes umas quantas flechas nos ventres, antes que se aproximassem da água.

Duas dezenas de homens-de-armas franceses morreram ou ficaram feridos e o comandante gritava para que os outros erguessem os escudos. Uma dezena dos homens-de-armas da retaguarda desmontou e apressou-se a vir reforçar a margem.

— Firmes, rapazes, firmes — exclamava John Armstrong. —

Aproveitem as flechas.

Os escudos dos inimigos estavam cobertos de setas. Os franceses confiavam neles, por serem suficientemente grossos, para resistir ao

avanço das flechas. Mantinham-se abrigados na esperança que estas se esgotassem ou que os homens-de-armas ingleses se aproximassem mais. Thomas calculava que talvez algumas setas os tivessem atravessado, causando ferimentos, mas a maior parte tinham sido desperdiçadas. Olhou para trás, para a infantaria e viu que continuava imóvel. Os arcos ingleses disparavam com menor frequência, aguardando os alvos; porém, o conde de Northampton talvez cansado da demora, ou receando a subida da maré, mandou avançar os homens.

— São Jorge! São Jorge!

— Espalhai-vos! — gritava Will Skeat, aguardando que os seus arqueiros se situassem nos flancos do ataque do conde, de modo a poderem usar as flechas, quando os franceses se erguessem para receber a carga. Contudo, a água subia rapidamente à medida que Thomas se dirigia para montante, impedindo-o de chegar aonde queria.

— Matai-os! Matai-os! — o conde estava agora a chegar à margem.

— Mantenham-se nos vossos postos — gritava Reginald Cobham.

Os homens-de-armas franceses soltaram uma ovação, pois a proximidade da carga dos ingleses significava que o alvo dos arqueiros ficaria oculto. Thomas conseguiu ainda disparar duas flechas, quando os defensores se ergueram e antes dos dois grupos de soldados se encontrarem à beira do rio, fazendo entrechocar armas e escudos. Os homens soltavam os seus gritos de guerra, Saint Denis contra São Jorge.

— Atenção à direita! Atenção à direita! — gritava Thomas, pois os camponeses da infantaria avançavam já. Disparou então duas flechas

que assobiaram nessa direcção. Retirava-as da aljava, o mais rapidamente que podia.

— Atacai os cavaleiros! — berrou Will Keat e Thomas mudou o alvo para enviar uma flecha sobre as cabeças dos combatentes, e atingir os cavaleiros franceses que avançavam já pela margem, para ajudar os companheiros. Alguns cavaleiros ingleses entravam agora no vau, mas não podiam apressar-se para se defrontar com os adversários, pois a saída norte da passagem estava impedida por uma violenta refrega entre homens-de-armas.

Desferiam cortes e golpes. Espadas e machados chocavam entre si. Os alfanges abriam elmos e crânios. O barulho era o de uma forja do inferno e a água arrastava o sangue pelos baixios. Um inglês berrou ao ser atingido e lançado à água, e gritou de novo quando dois franceses dirigira os machados para lhe cortar as pernas e o tronco. O

conde manobrava a espada em golpes curtos e violentos, ignorando as pancadas que lhe atingiam o escudo.

— Aproximem-se! Aproximem-se! — gritava Richard Cobham.

Um homem tropeçou num cadáver, abrindo uma fenda na linha inglesa e três franceses aos gritos tentaram explorá-la. Porém, ao seu encontro, veio um homem com um machado de duas cabeças, desferindo golpes tão violentos que a arma arrancou a um deles o elmo e a cabeça, da nuca à garganta.

— Ataquem-nos de flanco! Ataquem-nos o flanco! — gritava Skeat e os arqueiros aproximavam-se da margem, para enfiar as flechas nos lados da formação francesa. Duzentos cavaleiros franceses combatiam contra oitenta ou noventa homens-de-armas ingleses, num alarido de espadas e escudos que se

entrechocavam com um monstruoso eco. Os homens gemiam, ao brandir as espadas no ar.

Combatiam as duas filas da frente, escudos contra escudos, e os que vinham atrás completavam a matança, brandido as armas sobre a fila da frente, para matar os homens que os defrontavam. A maior parte dos arqueiros despejava as flechas nos flancos franceses enquanto alguns, conduzidos por John Armstrong, se tinham colocado por detrás dos homens-de-armas, para disparar no rosto dos inimigos.

A infantaria francesa, pensando ter detido a carga inglesa, lançou um grito e começou a avançar.

— Matai-os! Matai-os! — gritava Thomas. Usara um feixe inteiro de flechas, vinte e quatro ao todo, e tinha apenas mais outro. Puxou a corda atrás, soltou-a, puxou-a de novo. Alguns soldados da infantaria francesa tinham gibões almofadados, que não lhes serviam de protecção contra as flechas. A melhor defesa era simplesmente o número; soltavam violentos gritos de guerra, pisando a margem. Mas depois, duas dezenas de cavaleiros ingleses apareceram por trás dos arqueiros, empurrando-os para fazer frente à violenta carga. De cota de malha dizimavam as primeiras fileiras da infantaria, brandindo as espadas à direita e à esquerda, enquanto os camponeses recuavam. Os cavalos mordiam o inimigo, sempre em movimento para que ninguém lhes atingisse os tendões do jarrete. Um homem-de— -

armas foi arrancado à sela e gritou terrivelmente, enquanto era ferido até à morte, nos baixios. Enquanto Thomas e os seus arqueiros lançavam flechas para o tumulto, mais cavaleiros se aproximavam para os ajudar, mas mesmo assim a turba em fúria enchia a margem.

De súbito, Thomas viu-se sem flechas, de modo que pendurou o arco ao pescoço, desembainhou a espada e correu para a beira do rio.

Um francês atacou-o com um lança. Thomas aparou-a e encostou o cintilante gume da sua espada ao pescoço do homem. O sangue

espirrou da cor da madrugada e diluiu-se no rio. Agrediu outro homem. Sam, com cara de bebé, estava junto dele com um podão que lhe servira para abrir um crânio. Ali ficara preso e Sam, frustrado, afastou o morto com um pontapé, abandonou a arma onde estava, e pegou no machado da vítima, fazendo-o

descrever um enorme arco para obrigar o inimigo a recuar. Jake ainda tinha flechas e disparava-as com toda a rapidez.

Uma ovação e salpicos de água anunciaram a chegada de mais soldados montados, que se atiraram à infantaria, com pesadas lanças.

Os cavalos enormes, treinados para esta carnificina, passavam por cima de vivos e mortos, enquanto os homens-de-armas largavam as lanças e começavam a atacar com espadas. Chegavam mais arqueiros, com novas flechas e disparavam do centro do rio.

Thomas encontrava-se agora na margem, com a parte da frente da cota de malha vermelha de sangue, que não era seu. A infantaria retirava. Depois, Will Skeat soltou um grito enorme, para avisar que tinham chegado mais setas e Thomas e os arqueiros correram para dentro do rio onde encontraram o padre Hobbe com uma mula carregada com dois cabazes, cheios de feixes de flechas.

— Faz o trabalho do Senhor — disse o padre Hobbe, atirando um a Thomas, que imediatamente o desfez para meter as flechas na aljava. Soou uma trombeta na margem norte, que o fez dar meia volta para ver que os cavaleiros franceses vinham juntarse ao combate.

— Acaba com eles! — gritava Skeat. — Acaba com esses bastardos!

As flechas atingiam e feriam os cavalos. Mais homens-de-armas ingleses atravessavam o rio, para engrossar a força do conde e, passo a passo, avançavam pela margem mas, nessa altura, os cavaleiros

inimigos atiraram-se para a refrega, com lanças e espadas. Thomas meteu uma flecha na cota de malha que cobria a garganta de um francês e outra na protecção do focinho do cavalo, de modo que o animal recuou, relinchou e derrubou o cavaleiro.

— Mata! Mata! Mata!

— O conde de Northampton, ensanguentado desde o elmo às botas, brandia a espada uma e outra vez. Estava cansado até aos ossos e ensurdecido pelo estrondo do metal, mas subia para a margem, com os seus homens junto a si. Cobham matava com uma calma certeza, com anos de experiência atrás de cada golpe. Os cavaleiros ingleses entravam agora na refrega, usando as lanças sobre

as cabeças dos compatriotas, para fazer recuar os cavalos do inimigo, mas bloqueavam também o alvo aos arqueiros. De novo Thomas pendurou o arco ao pescoço e sacou da espada.

— São Jorge! São Jorge!

O conde encontrava-se agora sobre a erva, fora dos canaviais, junto à marca da praia-mar e, atrás dele, a margem do rio era uma vala de homens mortos e feridos, sangue e gritos.

O padre Hobbe, com as saias da sotaina presas à cintura combatia com uma vara enorme, brandindo-a no rosto dos franceses.

— Em nome do Pai — gritava, e um francês caiu para trás com um olho esfacelado — do Filho — rosnou o padre Hobbe, enquanto partia o nariz do homem — e do Espírito Santo!

Outro cavaleiro francês meteu-se por entre as fileiras inglesas, mas uma dezena de arqueiros atiraram-se à montada, estropiaram-na e derrubaram o soldado para a lama, onde o atacaram com um machado, um podão e uma espada.

— Arqueiros! — gritou o conde. — Arqueiros!

— Os últimos cavaleiros franceses tinham-se formado para uma carga que ameaçava varrer para o rio toda a confusa massa de homens aos gritos, ingleses e franceses. Porém, duas dezenas de arqueiros, os únicos a quem ainda restavam flechas, dispararam para a margem e derrubaram toda a fila de cavaleiros, que imediatamente se transformou num emaranhado de patas de cavalo e armas caídas.

Soou outra trombeta, agora do lado inglês e os reforços atravessaram subitamente o vau e picaram os cavalos para se dirigirem a terreno mais alto.

— Estão a ceder! Estão a ceder!

— Thomas não sabia quem gritava a boa-nova, mas era verdade.

Os franceses recuavam penosamente. A infantaria com a vontade de combater refreada pelas mortes sofridas, retirara já, mas agora os cavaleiros e os homens-de-armas franceses recuavam perante a fúria do assalto inglês.

— Matem-nos! Matem-nos! Nada de prisioneiros! Nada de prisioneiros! — gritava o conde de Northampton em francês e os seus homens-de-armas, ensanguentados, molhados, cansados e zangados, percorriam a margem e atacavam de novo os franceses que recuavam mais um passo.

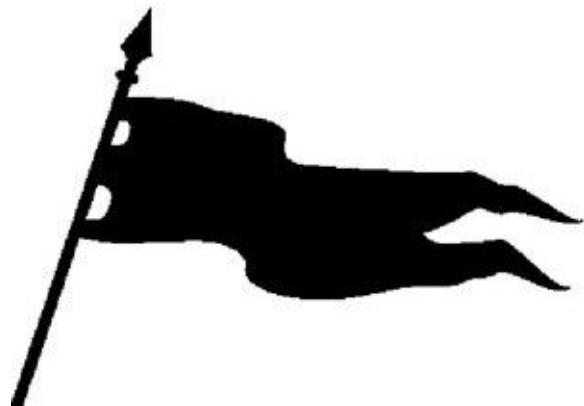
Depois o inimigo cedeu. Foi de repente. As duas forças envolvidas no combate gemiam, empurravam, lutavam e, de súbito, os franceses fugiram e o vau ficou repleto de homens-de-armas a cavalo, que atravessavam vindos da margem sul, para perseguir o inimigo derrotado.

— Jesus! — exclamou Will Skeat, caindo de joelhos e fazendo o sinal da Cruz. Um francês moribundo gemia perto dele, mas Skeat ignorou-o. — Jesus! — repetiu. — Ainda tens flechas, Tom?

— Sobraram-me duas.

— Jesus! — Skeat ergueu-se. Tinha sangue nas faces. — Grandes bastardos — disse raivoso. Falava dos recém-chegados homens-de-armas ingleses que pisavam os restos da batalha para saquear o inimigo em fuga. — Grandes bastardos! Entram primeiro no acampamento, não é verdade? Vão ficar com a comida toda!

Mas o vau fora tomado, a emboscada vencida e os ingleses atravessaram o Somme.



Terceira Parte

CRÉCY, AGOSTO DE 1346

o exército inglês completou a travessia antes da maré encher de novo. Cavalos, carroças, homens e mulheres — todos passaram em segurança, e assim, as tropas francesas, que marchavam vindas de Abbeville, para os emboscar, encontraram vazio aquele bocado de terra, entre o rio e o mar.

Durante todo o dia seguinte, os exércitos enfrentaram-se, cada um do seu lado do vau. Os ingleses estavam prontos para o combate com os seus quatro mil arqueiros alinhados na margem do rio e, por trás deles, três enormes blocos de homens-de-armas, situados em terreno mais elevado. Porém, os franceses, colocados nos atalhos que levavam ao vau, não se mostravam tentados a forçar a travessia.

Alguns cavaleiros entraram na água e gritavam desafios e insultos, porém, o rei não permitiu que nenhum soldado inglês lhes respondesse e, os arqueiros, sabendo que deveriam poupar as flechas, suportaram os impropérios sem reagir.

— Deixem gritar os bastardos — rosnava Will Skeat. — Os gritos nunca fizeram mal a ninguém — sorriu para Thomas. — Depende do homem, claro. Perturbaram sir Simon, não é verdade?

— Era apenas um bastardo.

— Não Thomas — corrigiu-o Skeat. — O bastardo és tu, ele é um gentil-homem. — Skeat olhou para os franceses do outro lado, que não davam sinal de querer disputar o vau. — A maior parte deles são

boas pessoas — continuou, falando, evidentemente, de cavaleiros e nobres. — Uma vez que lutem algum tempo com arqueiros, aprendem a respeitar-nos, pois somos nós os patifes nojentos que os conservamos vivos, mas, há sempre uns quantos imbecis. O nosso Billy, não, claro — voltou-se e olhou para o conde de Northampton que andava de um lado para outro, nos baixios, desejando que os franceses viessem combater. — É um perfeito gentil-homem. Sabe matar os malditos franceses.

Na manhã seguinte, estes tinham desaparecido e o único sinal da sua presença

era uma nuvem de poeira sobre a estrada, por onde o gigantesco exército seguia para Abbeville. Os ingleses iam para Norte, atrasados pela fome e pelos cavalos coxos que tinham relutância em abandonar. O exército subia dos sapais do Somme para uma região densamente arborizada que não lhes cedeu cereais, gado ou pilhagem, enquanto que o tempo, que estivera seco e quente, se tornava frio e húmido durante a manhã. A chuva caía sem cessar vinda de Leste, pingava das árvores para aumentar a tristeza dos homens, de tal forma que, o que fora uma campanha vitoriosa a sul do Sena, parecia agora uma ignóbil retirada. E era exactamente disso que se tratava, pois os ingleses fugiam dos franceses e todos o sabiam, tal como também tinham consciência que, a menos que arranjassem de comer, a sua fraqueza transformá-los-ia em presa fácil para o inimigo.

O rei enviara uma poderosa força até à foz do Somme onde, no pequeno porto de Lê Crotoy deveriam aguardá-los reforços e mantimentos, mas o porto estava afinal protegido por uma guarnição de besteiros genoveses. Como as muralhas se apresentavam em mau estado e os atacantes esfomeados, os genoveses morreram sob uma

chuva de setas e uma tempestade de homens-de-armas. Os ingleses esvaziaram de alimentos os armazéns do porto e encontraram uma manada destinada a fornecer a carne para o exército francês. Mas quando treparam à torre da igreja não viram barcos ancorados na foz do rio, nem qualquer frota que os esperasse no mar. As flechas, os arqueiros e os cereais que teriam reabastecido o exército, encontravam-se ainda em Inglaterra.

A chuva caiu mais forte na primeira noite e as tropas acamparam na floresta. Segundo os rumores que corriam, o rei e os seus homens estavam numa aldeia próxima, mas a maior parte dos soldados foram forçados a abrigar-se debaixo das árvores molhadas e a comer o pouco que tinham conseguido arranjar.

— Guisado de bolotas — resmungou Jake.

— Já comemos pior — declarou Thomas.

— E há um mês comemo-lo em pratos de prata — Jake cuspiu a mistura granulosa. — Mas porque raio não combatemos contra esses bastardos?

— Porque são muitos — disse Thomas, desconsolado. — Porque não temos flechas que cheguem. Porque estamos desgastados.

O exército marchara escondido. Jake, tal como mais uma dezena de arqueiros de Will Skeat, já não tinha botas. Os feridos coxeavam porque não havia carroças suficientes e os doentes, que não podiam caminhar ou arrastar-se, eram deixados para trás. Os vivos cheiravam mal.

Thomas fizera para si e para Eleanor um abrigo de ramos e turfa.

Mantinhm-se secos dentro da cabana com uma pequena fogueira que tinham acendido e que lançava um fumo espesso.

— Se perderdes, o que me acontece? — perguntou-lhe Eleanor.

— Não perdemos — respondeu Thomas, embora com pouca convicção na voz.

— Que me vai acontecer? — perguntou ela de novo.

— Agradeces aos franceses que te encontrarem — disse. — Dizes-lhes que foste obrigada a marchar conosco, contra tua vontade.

Depois mandas chamar o teu pai.

Eleanor reflectiu algum tempo sobre estas respostas, mas não pareceu ficar tranqüila. Aprendera em Caen que, depois de uma vitória, os homens não são dados à razão, mas sim escravos dos seus apetites. Encolheu os ombros.

— E o que te acontece a ti?

— Se ficar vivo? — Thomas abanou a cabeça. — Sou feito prisioneiro. Ouvi dizer que nos mandavam para as galés. Se nos deixarem com vida.

— E porque não haveriam de deixar?

— Não gostam de arqueiros. Detestam-nos — empurrou um monte de fetos húmidos para junto do lume, tentando secar a folhagem que depois lhes serviria de cama. — Talvez nem haja batalha, porque lhes roubamos um dia de marcha.

Dizia-se que os franceses tinham voltado a Abbeville para lá atravessarem o rio, o que queria dizer que vinham a caminho, mas os ingleses tinham, mesmo assim, um dia de avanço sobre eles e talvez conseguissem alcançar as fortalezas da Flandres. Talvez.

Eleanor pestanejou por causa do fumo.

— Viste algum cavaleiro com a lança? Thomas abanou a cabeça.

— Nem sequer reparei — confessou. A última coisa de que nessa noite se lembrara fora do mistério dos Vexilles. Nem mesmo esperara ver a lança. Era a fantasia de sir Guillaume e, agora, o entusiasmo do

padre Hobbe, mas não uma obsessão sua. O que o consumia era ter de se manter vivo e arranjar de comer.

— Thomas! — chamou Will Skeat lá de fora.

Thomas espreitou pela abertura da cabana e viu uma figura embuçada junto a Skeat.

— Estou aqui — respondeu

— Tens uma visita — disse Skeat em tom azedo, e deu meia volta.

A figura baixou-se para entrar na cabana e, para sua surpresa, Thomas viu que se tratava de Jeanette.

— Não devia estar aqui — disse, saudando-o e entrando no interior cheio de fumo, onde ao retirar o capuz da cabeça, viu Eleanor.

— Quem é esta?

— A minha mulher — respondeu Thomas em inglês.

— Diz-lhe que se vá — ordenou Jeanette em francês.

— Fica — disse Thomas a Eleanor. — Esta é a condessa de Armórica. Jeanette irritou-se ao ser contrariada por Thomas, mas não insistiu para que Eleanor saísse. Preferiu entregar ao arqueiro um saco que continha um presunto, um pão e uma botija de pedra com vinho. Thomas percebeu que se tratava de pão branco e fino, que apenas os ricos podiam dar-se ao luxo de comer, enquanto o presunto estava temperado com cravinho e coberto de mel.

Entregou o saco a Eleanor.

— Comida digna de príncipes — disselhe.

— Queres que a leve a Will? — perguntou Eleanor, pois os arqueiros tinham concordado em partilhar toda a comida.

— Sim, mas pode esperar — respondeu Thomas.

— Vou levá-la já — disse Eleanor e, cobrindo-se com uma capa, desapareceu na noite chuvosa.

— É muito bonita — disse Jeanette em francês.

— Todas as minhas mulheres são bonitas — afirmou Thomas. —

Dignas de príncipes, não é verdade?

Jeanette tinha uma expressão zangada, ou talvez fosse apenas o fumo da pequena fogueira que a irritava. Tocou na parede da cabana.

— Faz-me lembrar a nossa viagem.

— Não chovia nem fazia frio — respondeu Thomas. E estavas louca, teve vontade de acrescentar, e eu tratei de ti, e tu abandonaste-me sem olhar para trás.

Jeanette percebeu-lhe a hostilidade no tom de voz.

— Ele pensa que me vim confessar — afirmou.

— Dizei então os vossos pecados e não tereis mentido a Sua Alteza.

Jeanette fingiu não ter ouvido.

— Sabes o que vai acontecer agora?

— Fugimos, perseguem-nos e, ou nos apanham, ou não — falava bruscamente.

— Se nos alcançarem vai haver derramamento de sangue.

— Vão alcançar-nos — disse Jeanette em tom de confiança. —

E vai travar-se uma batalha.

— Como o sabeis?

— Escuto o que contam ao príncipe — disse. — E os franceses avançam por estradas boas. Nós não.

Fazia sentido. O vau, por onde o exército inglês tinha atravessado o Sena levava apenas a uma região de sapais e florestas. Era uma ligação entre aldeias, longe das grandes vias de comércio, por isso não havia bons caminhos a partir das margens. Porém, os franceses

tinham atravessado o rio em Abbeville, cidade de mercadores, com estradas largas para apressar a marcha para a Picardia. Estavam bem alimentados, descansados e podiam agora marchar rapidamente.

— Então, haverá batalha — disse Thomas, tocando no arco negro.

— Tem de haver batalha — confirmou Jeanette. — Já está decidido. Provavelmente amanhã ou no dia seguinte. O rei diz que há um monte a saída da floresta, onde se pode combater. Diz que é melhor isso que deixar os franceses avançarem e cortarem-nos a estrada. Mas seja como for... — fez uma pausa. — Hão-de vencer.

— Talvez — concedeu Thomas.

— Hão-de vencer — insistiu Jeanette. — Oiço as conversas, Thomas. São muitos.

Thomas fez o sinal da Cruz. Se Jeanette estivesse certa, e não tinha razões para pensar que ela o queria enganar, então os comandantes do exército tinham já perdido a esperança, o que não significava que fosse um caso perdido.

— Primeiro, terão de nos vencer — disse, teimoso.

— E é o que farão — disse Jeanette bruscamente. — E o que me vai acontecer depois?

— O que vos vai acontecer? — perguntou Thomas surpreso.

Encostou-se com cautela à frágil parede do abrigo. Percebeu que Eleanor já entregara a comida e se apressara para poder ficar à escuta.

— Porque me haveria de importar com o que vos possa acontecer?

Jeanette lançou-lhe um olhar malévolo.

— Uma vez juraste que haverias de me ajudar a reaver o meu filho. Thomas fez de novo o sinal da Cruz.

— Assim foi, senhora — admitiu, reflectindo que prometia com

demasiada facilidade. Uma promessa seria suficiente para uma vida inteira e ele já nem se lembrava de quantas fizera, mas eram, decerto, mais do que as que poderia cumprir.

— Então ajuda-me a encontrá-lo — exigiu Jeanette. Thomas sorriu.

— Primeiro há uma batalha a vencer, senhora.

Jeanette franziu a cara, devido ao fumo, que ardia no pequeno abrigo.

— Se me encontrarem no acampamento inglês depois da batalha, Thomas, nunca mais vejo Charles. Nunca mais.

— Porque não? — perguntou Thomas. — Não correis perigo, senhora. Não sois uma mulher vulgar. Pode não haver muita cortesia quando os exércitos se defrontam, mas esta chega sempre às tendas da realeza.

Jeanette abanou a cabeça impaciente.

— Se os ingleses vencerem — disse — talvez volte a ver Charles, pois o duque desejará cair nas boas graças do rei. Mas se forem derrotados, não precisará de fazer qualquer gesto. E se assim for, Thomas, perco tudo.

Isso seria provavelmente verdade, pensou Thomas. Se os ingleses perdessem, então Jeanette arriscava-se a ficar sem a riqueza que acumulara nas últimas semanas, riqueza essa que provinha dos presentes de um príncipe. Via um colar feito com o que parecia serem rubis, quase escondido sob a enorme capa, e não tinha dúvidas de que teria dezenas de outras pedras encastoadas em ouro.

— Que quereis então de mim? — perguntou. Ela inclinou-se e baixou a voz.

— Vós e alguns homens — respondeu. — Para me levarem para

Sul. Posso arranjar um navio em Lê Crotoy para navegar até à Bretanha. Agora tenho dinheiro. Posso pagar as minhas dívidas em La Roche-Derrien e até negociar com aquele maldito advogado.

Ninguém precisa sequer de saber que aqui estive.

— O príncipe sabe — disse Thomas. Ela irritou-se.

— Pensas que me vai querer para sempre?

— Que sei eu dele?

— Vai cansar-se de mim — disse Jeanette. — É um príncipe. Tem aquilo que quer e quando se farta das coisas, segue em frente. Mas tem sido bom para mim, não posso queixar-me.

Thomas nada disse, durante algum tempo. Reflectiu que ela não era assim tão dura nos calmos dias de Verão em que tinham vivido como vagabundos.

— E vosso filho? — perguntou. — Como pensais reavê-lo?

Quereis pagar para isso?

— Arranjarei maneira — disse, de modo evasivo. Provavelmente tentará raptar o rapaz, pensou Thomas, e porque não?

Se conseguisse arranjar alguns homens, seria possível. Talvez esperasse que o próprio Thomas o fizesse e, no momento em que o pensamento lhe ocorreu, Jeanette fitou-o nos olhos.

— Ajuda-me — pediu. — Por favor.

— Não — respondeu Thomas. — Agora, não — ergueu a mão para evitar os protestos dela. — Um dia, se Deus o permitir, ajudar-vos-ei a encontrar o vosso filho — continuou. — Mas, agora, não vou deixar o exército. Se houver uma batalha, senhora, entro nela como todos os outros.

— Imploro-te!

— Não.

— Então, maldito sejas — exclamou. Cobriu a cabeça com o capuz e saiu para a escuridão. Houve uma curta pausa e, depois, Eleanor entrou.

— Que pensas disto? — perguntou Thomas.

— Acho-a muito bonita — disse Eleanor, num tom evasivo para depois franzir a testa. — E acho que amanhã na batalha, alguém te pode prender pelos cabelos. Deverias cortá-los.

Thomas estremeceu.

— Queres ir para Sul? Fugir à batalha? Eleanor lançou-lhe um olhar censura.

— Sou a mulher de um arqueiro — disse. — Tu não irás para Sul.

Will diz que és louco varrido — disse as últimas palavras num inglês desajeitado. — Porque entregaste uma comida tão boa, mas, mesmo assim, manda agradecer. E o padre Hobbe vai dizer missa amanhã de manhã e espera que lá estejas.

Thomas sacou da faca e entregou-lha, baixando em seguida a cabeça. Ela cortoulhe a trança e lançou no fogo as mãos cheias de cabelo negro. Entretanto Thomas manteve-se em silêncio a pensar na missa do padre Hobbe. Uma missa de defuntos, lembrou-se, ou por aqueles que se preparavam para morrer.

Porque na noite chuvosa para lá da floresta, as forças francesas aproximavam-se. Os ingleses tinham por duas vezes fugido ao inimigo, atravessando rios considerados intransponíveis, mas não poderiam escapar uma terceira. Os franceses tinham-nos, por fim, apanhado.

a aldeia ficava a curta distância da saída da floresta, da qual estava separada por um pequeno rio que serpenteava através de plácidas campinas. Era um local vulgar: um lago com patos, uma pequena igreja e duas dezenas de cabanas com grandes telhados de colmo, pequenos jardins e enormes montes de estrume. A aldeia, tal como a floresta, chamava-se Crécý.

Os campos erguiam-se sobre um extenso monte que ia de norte a sul. Uma estrada rural, marcada pelas carroças, passava pelo cume e ligava Crécý a outra

aldeia, também vulgar, chamada Wadicourt. Se um exército tivesse marchado desde Abbeville, contornando a floresta de Crécy, entraria pelo lado poente em busca dos ingleses e, algum tempo depois, veriam erguer-se na sua frente o monte entre Crécy e Wadicourt. Avistariam as torres baixas nas igrejas das duas pequenas aldeias e entre elas, mas muito mais perto de Crécy, quase no cimo da encosta, onde as velas podiam aproveitar o vento, havia um moinho. A vertente, do lado dos franceses, era longa e suave, livre de sebes ou valas, um perfeito pátio de recreio para homens a cavalo.

O exército foi acordado antes do nascer do Sol. Era sábado, 26 de agosto, e os homens resmungaram do frio despropositado. Enquanto esperavam, espevitaram as fogueiras, cujas chamas se reflectiam nas cotas de malha e nas armaduras. A aldeia de Crécy fora ocupada pelo

rei e pelos grandes senhores, alguns dos quais tinham dormido dentro da igreja. Armavam-se ainda quando um capelão da casa real entrou para dizer missa. Acenderam-se as velas, soou uma campainha e o padre, ignorando o eco do entrechocar das armaduras dentro da pequena nave, solicitou o auxílio de São Zéfiro, São Gelasino e de dois santos chamados Genésio, cujas festas se celebravam nesse mesmo dia. Invocou ainda em seu socorro o pequeno sir Hugh de Lincoln, uma criança assassinada pelos judeus também nessa data, duzentos anos atrás. Dizia-se que o rapazinho, que demonstrara notável piedade, fora encontrado morto e ninguém entendia como Deus pudera permitir que tal modelo de perfeição tivesse sido arrebatado tão jovem deste mundo, mas como havia judeus em Lincoln, a sua presença forneceu a resposta conveniente. O sacerdote orou a todos eles. São Zéfiro, rezou, concedei-nos a vitória. São Gelasino, implorou, acompanhai os nossos homens. São Genésio, olhai por nós e São Genésio, dai-nos força. Pequeno sir Hugh, implorou, embora sejais apenas uma criança nos braços de Deus, intercedei por nós. Meu Deus, rezou, na vossa grande misericórdia, poupai-nos. Os cavaleiros vieram junto ao altar, nas suas camisas de linho, para receber os sacramentos.

Na floresta, os arqueiros ajoelhavam junto de outros padres.

Confessaram-se e tomaram o pão seco e ázimo que era o corpo de Cristo. Persignaram-se. Ninguém sabia se se iria ou não travar uma batalha, mas sentia-se que a campanha tinha chegado ao fim e que haveriam de combater naquele dia ou no seguinte. Dai-nos flechas suficientes, rezavam os arqueiros, e cobriremos a terra de vermelho, e erguiam os arcos de teixo para que os padres

os tocassem e dissessem as suas orações.

Descobriram-se as lanças. Estas tinham sido transportadas por bestas de carga ou em carroças e mal haviam sido utilizadas na campanha. Porém, todos os cavaleiros sonhavam com uma batalha em que homens e montadas rodopiassem, tocados pelo choque das lanças contra os escudos. Os mais velhos e sensatos sabiam que deveriam lutar apeados e que as suas armas seriam principalmente espadas, machados e alfanges. Mesmo assim, as lanças pintadas foram retiradas das suas capas de pano ou de couro onde as haviam abrigado do sol, para que não as queimasse, ou da chuva para que não as fizesse empenar.

— Podemos usá-las como piques — sugerira o conde de Northampton.

Escudeiros e pajens armaram os seus cavaleiros, ajudando-os a envergar as pesadas cotas de couro, malha e metal. Ataram com força as correias. Os corcéis foram esfregados com palha, enquanto os ferreiros afiaram as longas espadas dos cavaleiros com as suas pedras de amolar. O rei, que começara a armar-se às quatro horas da manhã, ajoelhou, beijou um relicário que continha uma pena da asa do Arcanjo São Gabriel e, depois de se persignar, disse ao padre que levasse o relicário ao filho. Depois, com a coroa de ouro a rodear-lhe o elmo, foi ajudado a montar uma égua cinzenta e cavalgou para o norte da aldeia.

De madrugada, o monte entre as duas aldeias estava vazio. O

moinho, com as suas velas de linho bem dobradas e amarradas, rangia ao vento que fazia ondular a erva alta, onde pastavam lebres.

Estas espetavam as orelhas e fugiam, à medida que os cavaleiros subiam o atalho.

O rei comandava, montado na égua, coberta por um caparazão

de cores vivas e com as armas reais. A bainha da espada era de veludo vermelho com flores-de-lis douradas, enquanto que o punho tinha incrustados doze enormes rubis. Transportava uma longa haste branca e, como escolta, trouxera consigo doze companheiros e duas dezenas de cavaleiros. Porém, como todos eram grandes senhores, tinham se ser lentamente acompanhados pelos seus séquitos, e, assim, cerca de trezentos homens subiam o sinuoso atalho. Quanto mais elevada era a estirpe do nobre, mais perto este cavalgava do rei.

Entretanto, os pajens e escudeiros vinham na retaguarda, onde mesmo assim, tentavam escutar as conversas dos seus melhores.

Um homem-de-armas desmontou e entrou no moinho. Subiu as escadas, abriu a pequena porta, que dava acesso às velas e aí, trepou ao eixo e montou-o para olhar para nascente.

— Vedes alguma coisa? — perguntou o rei em tom animado, mas o homem ficou tão atordoado por o soberano se lhe dirigir, que apenas conseguiu abanar a cabeça em silêncio.

O céu estava meio coberto de nuvens e o campo parecia escuro.

Do alto do moinho, o homem-de-armas avistava a longa encosta, que descia até aos pequenos campos e depois uma outra que subia até um bosque, para lá do qual se encontrava uma estrada vazia em direcção a Leste. O rio, onde bebiam inúmeros cavalos ingleses, descrevia uma curva à direita, marcando a orla da floresta. Era o que o rei, com a viseira erguida, junto da coroa, avistava. Um aldeão, encontrado no bosque confirmara que a estrada de Abbeville vinha de leste, o que significava que os franceses teriam de atravessar os pequenos campos no sopé da encosta, se quisessem levar a cabo um ataque frontal ao monte. Os campos não tinham sebes, apenas valas baixas que não seriam obstáculo para um cavaleiro montado.

— Se eu fosse Filipe, contornaria o nosso flanco norte, senhor —
sugeriu o conde de Northampton.

— Não o sois e agradeço-o a Deus — respondeu Eduardo de Inglaterra. — Filipe não é inteligente.

— E eu sou? — O conde parecia surpreendido.

— Sois inteligente na guerra, William — disse o rei, ficando, durante algum tempo a olhar para o fundo da encosta. — Se eu fosse Filipe — disse por fim — sentir-me-ia fortemente tentado por aqueles campos — apontou nessa direcção. — Principalmente se visse os nossos homens à espera lá em cima.

A longa encosta, coberta por uma pastagem verdejante e aberta, parecia perfeita para uma carga de cavalaria. Era um convite às lanças e à glória, um local feito

por Deus para os senhores de França poderem desfazer um desvergonhado inimigo.

— O monte é íngreme, senhor — avisou o conde de Warwick.

— Garanto-vos que, a partir da base, não o parece — respondeu o rei. A seguir voltou a montada e esporeou-a em direcção ao norte, ao longo do cume. A égua trotava com facilidade, gozando o ar da manhã.

— É espanhola — disse o rei ao conde. — Comprei-a a Grindley.

Não usais os serviços dele?

— Não posso pagar os seus preços.

— Claro que podeis, William! Um homem rico, como vós? Vou cruzá-la. Talvez dê bons corcéis.

— Se assim for, senhor, compro-vos um.

— Se não podeis pagar os preços de Grindley — troçou o rei —, como podereis pagar os meus?

Picou a égua para galope, fazendo entrechocar a armadura, e o

longo cortejo de homens apressou-se a segui-lo, em direcção a norte, pelo atalho do cimo do monte. Rebentos de trigo e cevada, condenados a morrer no Inverno, cresciam no local em que tinham caído das carroças que traziam o grão para o moinho. O rei deteve-se no cume, mesmo por cima da aldeia de Wadicourt e ficou a olhar para norte. O primo tinha razão, pensou. Filipe deveria marchar por aquele campo vazio, para lhe impedir o caminho para a Flandres. Os franceses, embora não o soubessem, eram aqui senhores e amos. O

seu exército era maior, as tropas estavam mais frescas e podiam dançar de roda em volta dos cansados inimigos, até estes os obrigarem a realizar um ataque desesperado, para não ficarem encurralados num ponto que não lhes trazia qualquer vantagem. Mas Eduardo sabia que não havia necessidade de deixar o medo invadir-lhe o espírito. Também os franceses estavam desesperados. Tinham sofrido a humilhação de ver o exército inimigo devastar a sua terra e não estavam na disposição de serem inteligentes. Queriam vingança.

Se lhes fosse oferecida a possibilidade, provavelmente aproveitavam-na. Assim, o rei afastou os seus receios e cavalgou até à aldeia de Wadicourt. Uns quantos habitantes tinham-se atrevido a ficar e, ao verem a coroa de ouro, em redor do elmo do rei, e o freio de prata da sua égua, caíram de joelhos.

— Não queremos fazer-vos mal — disse o rei com ar petulante, sabendo perfeitamente que, no fim da manhã, as casas teriam sido completamente saqueadas.

Voltou-se de novo para sul, cavalgando pelo terreno junto ao sopé do monte. A turfa do vale era mole, mas não traiçoeira. Um cavalo não se atolaria ali, seria possível uma carga e — melhor ainda, tal como calculara — daquele ângulo, o monte dava a ilusão de não

ser tão íngreme. A longa extensão de ervas altas parecia até suave, mas a verdade é que haveria de esgotar os pulmões dos cavalos antes destes chegarem junto dos homens-de-armas ingleses. Se alguma vez chegassem.

— Quantas flechas temos? — perguntou a todos os que o podiam ouvir.

— Mil e duzentos feixes — disse o bispo de Durham.

— Duas carroças cheias — respondeu o conde de Warwick.

— Oitocentos e sessenta feixes — disse o conde de Northampton.

Fez-se silêncio durante algum tempo.

— Os homens terão algumas consigo? — perguntou o Rei.

— Talvez um feixe cada um — respondeu o conde de Northampton com ar lúgubre.

— Terá de bastar — disse o rei friamente. Teria gostado de ter duas vezes mais flechas, mas também de muitas outras coisas. Poderia desejar duas vezes mais homens, um monte duas vezes mais íngreme e um inimigo conduzido por um homem duas vezes mais nervoso do que Filipe de Valois que, só Deus sabia, já o era bastante. Mas de nada lhe serviriam tais anseios. Tinha de lutar e vencer. Franziu o sobrolho, olhando para o lado sul do monte, onde a encosta começava a descer para a aldeia de Crécy. Seria o local mais fácil para os franceses

atacarem e também o mais próximo, o que significava um combate renhido naquele local.

— Os trons, William — disse para o conde de Northampton.

— Os trons, senhor?

— Colocaremos os trons nos flancos. As malditas armas terão de ser úteis alguma vez!

— Talvez os possamos fazer rolar pelo monte abaixo, senhor?

Talvez esmaguem um ou dois homens.

O rei riu-se e prosseguiu a cavalgada.

— Parece que vai chover.

— Deveria aguentar mais um pouco — respondeu o conde de Warwick. — E os franceses também, senhor.

— Pensais que não vêm, William? O conde abanou a cabeça.

— Vêm senhor, mas vão levar algum tempo. Muito tempo.

Talvez vejamos a vanguarda ao meio-dia, mas a retaguarda estará ainda a atravessar a ponte em Abbeville. Aposto que esperam até amanhã de manhã, para começar o combate.

— Hoje ou amanhã — disse o rei, sem cuidados. — Será o mesmo.

— Podíamos continuar a marcha — sugeriu o conde de Warwick.

— E encontraríamos um monte melhor? — O rei sorriu. Era mais jovem e menos experiente do que muitos condes, mas era também o rei e assim a decisão seria sempre sua. Na verdade, estava cheio de dúvidas, mas sabia que tinha de aparentar confiança. Combateriam ali. Disse-o, e fê-lo em tom firme.

— Travaremos aqui mesmo o combate — repetiu, olhando para a encosta. Imaginava o exército, vendo-o já como os franceses o veriam, e sabia que as suas suspeitas estavam certas e que a parte inferior do cume, perto de Crécy,

seria terreno perigoso. Aí colocaria o seu flanco direito, logo abaixo do moinho.

— O meu filho comandará à direita — disse apontando. — Vós, William, acompanhá-lo-eis.

— Sim, senhor — concordou o conde de Northampton.

— E vós, meu senhor, à esquerda — disse o rei, ao conde de Warwick. — Vamos formar a nossa linha ocupando até dois terços da

subida do monte, com arqueiros à frente e nos flancos.

— E vós, senhor? — perguntou o conde de Warwick.

— Vou ficar no moinho — respondeu o rei e logo conduziu o cavalo para subir o monte. Desmontou depois de ter percorrido dois terços da encosta e aguardou que um escudeiro lhe tomasse as rédeas da égua para começar o verdadeiro trabalho daquela manhã.

Percorreu o monte, marcando os locais, picando a turfa com a lança branca e dando instruções aos nobres que o acompanhavam para que os homens ficassem em tal ou tal sítio. Esses senhores mandaram vir os seus comandantes, para que quando o exército marchasse em direcção à longa encosta verdejante, soubessem para onde ir.

— Trazei para aqui os pendões — ordenou o rei. — Colocai-os onde os homens têm de se reunir.

Manteve o exército dividido nos três batalhões que tinham vindo da Normandia. Dois deles, os maiores, formariam uma longa linha de soldados, estendendo-se até aos pontos mais altos da encosta.

— Vão combater apeados — ordenou o rei, confirmando aquilo que todos esperavam, embora um ou dois nobres mais jovens resmungassem que seria mais honrado combater a cavalo. Mas Eduardo estava mais preocupado com a vitória, do que com a honra.

Sabia perfeitamente que, se os seus homens-de-armas estivessem montados, carregariam, assim que os franceses atacassem, e a batalha acabaria por degenerar numa refrega no sopé do monte, que os inimigos venceriam com a

vantagem de serem mais numerosos.

Porém, se os seus homens estivessem apeados, podiam não carregar sobre os cavaleiros e aguardariam o ataque atrás dos escudos.

— Os cavalos ficarão na retaguarda, para lá do cume — ordenou.

Ele próprio comandaria o batalhão mais pequeno no cimo do monte, onde ficaria de reserva.

— Ficareis comigo, meu senhor bispo — disse o rei ao bispo de Durham. Este, armado dos pés à cabeça e com uma enorme clava com pontas de ferro, irritou-se.

— Ides negar-me a possibilidade de partir a cabeça a uns franceses, senhor?

— Prefiro que insistais junto de Deus com as vossas preces —

disse o rei e os nobres riram. — E os nossos arqueiros — continuou o monarca — ficarão aqui, aqui e aqui. — Andava de um lado para outro e, de poucos em poucos passos, batia com força com a lança branca na erva. Cobriria a linha com arqueiros e reuniria outros nos flancos. Eduardo sabia que estes eram a sua única vantagem. As longas flechas, com penas brancas, matariam naquele lugar, que convidava os cavaleiros inimigos a uma gloriosa carga. — Aqui —

avançou e bateu de novo na turfa. — E aqui.

— Quereis abrir buracos, senhor? — perguntou o conde de Northampton.

— Tantos quantos queirais, William — respondeu o rei. Uma vez reunidos os arqueiros nos seus grupos, ao longo da linha, dir-lhes-iam que abrissem covas na turfa, pela encosta abaixo. Não teriam de ser fundas, apenas o suficiente para partir as pernas aos cavalos que não as vissem. Fazendo bastantes, conseguiriam abrandar e desbaratar a carga. — E aqui colocaremos umas carroças vazias — o rei tinha chegado ao lado sul do cume. — Metade dos trons aqui, a outra metade no outro extremo. E quero cá mais arqueiros.

— Se ainda sobrarem alguns — resmungou o conde de Warwick.

— Carroças? — perguntou o conde de Northampton.

— Não se pode obrigar um cavalo a carregar sobre uma linha de

carroças, William — disse o rei animadamente e depois mandou avançar a montada mas, como a armadura era tão pesada, dois pajens tiveram quase de o erguer e empurrar para a sela, num esforço pouco digno. Uma vez instalado, voltou-se para lançar os olhos sobre o cume e viu que este já não estava vazio, mas sim salpicado com os primeiros pendões, a indicar onde os homens se deveriam reunir.

Dentro de uma ou duas horas, pensou, todo exército estaria ali para atrair os franceses de encontro às flechas dos arqueiros. Limpou a terra da lança e, a seguir, picou o cavalo em direcção a Crécy.

— Vamos lá ver se arranjam os mantimentos — disse.

As primeiras bandeiras flutuavam já no cume deserto. O céu era pesado e cinzento sobre campos e bosques distantes. A chuva caía a norte e o vento era frio. A leste, a estrada, pela qual os franceses deveriam chegar, estava ainda deserta. Os padres rezavam.

Tende piedade de nós, Senhor, na vossa infinita misericórdia, tende piedade de nós.

o homem que dizia chamar-se Harlequin estava no bosque, no monte a leste do cume, entre Crécy e Wadicourt. Saíra de Abbeville a meio da noite, obrigando as sentinelas a abrirem a porta norte e conduzira os seus homens por entre a escuridão, auxiliado por um padre que conhecia bem as estradas daquelas paragens. Depois, escondido pelas faias, observara o rei de Inglaterra a cavalo e a pé sobre o cume mais afastado. Já tinha partido, mas a turfa verde ficara salpicada de pendões e as primeiras tropas inglesas subiam agora da aldeia.

— Estão à espera que combatamos aqui — afirmou.

— É um local como qualquer outro — observou sir Simon Jekyll, de mau humor. Não gostava que o obrigassem a levantar-se a meio da noite.

Sabia que o estranho homem, vestido de negro, que dizia chamar-se Harlequin, se oferecera como batedor ao exército francês, mas nunca pensara que todos os

seus seguidores tivessem de desistir do pequeno-almoço, para atravessar o campo escuro e vazio durante seis geladas horas.

— É um local ridículo para uma batalha — respondeu o Harlequin. — Vão alinhar os arqueiros naquele monte e teremos de cavalgar directamente contra eles. Deveríamos contornar-lhes os flancos — apontou para norte.

— Dizei-o a Sua Majestade — disse sir Simon despeitado.

— Duvido que me dê atenção — o Harlequin escutou-lhe o desprezo na voz, mas não reagiu. — Ainda não. Quando nos tornarmos conhecidos, então ouvir-nos-á — bateu no pescoço do cavalo. — Só uma vez enfrentei as flechas inglesas e apenas as de um mero arqueiro, mas vi que podem penetrar numa cota de malha.

— Já vi uma flecha entrar duas polegadas dentro de um carvalho

— afirmou sir Simon.

— Três polegadas — corrigiu Henry Colley. Tal como sir Simon, também ele poderia ter de enfrentar essas flechas naquele dia, mas continuava orgulhoso do que as armas inglesas eram capazes de fazer.

— É uma arma perigosa — reconheceu o Harlequin, sem se mostrar preocupado. Parecia nunca ter cuidados, mostrava-se sempre confiante e perpetuamente calmo. Aquele autodomínio irritava sir Simon e mais ainda o exasperavam os olhos fundos do Harlequin que, conforme se apercebia, lhe faziam lembrar os de Thomas de Hookton. Tinha a mesma beleza, mas pelo menos o outro estava morto e era menos um que teria de enfrentar naquele dia. — Mas os arqueiros podem ser derrotados — acrescentou o Harlequin.

Sir Simon espantou-se que um francês, que apenas tivera de enfrentar um único arqueiro em toda a sua vida, soubesse já como os poderia derrotar.

— Como?

— Haveis-me dito como — recordou o Harlequin a sir Simon. —

Obrigamo-los a esgotar as flechas, claro. Enviamos-lhes menos alvos, deixamos que matem camponeses, imbecis e mercenários, durante uma ou duas horas e

depois libertamos a força principal. — O que faremos — obrigou o cavalo a dar meia volta — é carregar com a

segunda linha. Não importa as ordens que recebamos, esperaremos até que se acabem as flechas. Quem quer ser morto por um sujo camponês? Não há qualquer glória nisso, sir Simon.

Sir Simon tinha de reconhecer que era verdade. Seguiu o Harlequin para o lado oposto do bosque de faias, onde aguardavam escudeiros e criados com as bestas de carga. Enviaram-se dois mensageiros com as notícias das posições inglesas, enquanto o resto desmontava e tirava a sela aos cavalos. Havia tempo para homens e animais descansarem e comerem, tempo para envergarem a armadura e para rezar.

O Harlequin orava freqüentemente, embaraçando sir Simon que se considerava um bom cristão, mas daqueles que não tinham a alma completamente dependente de Deus. Confessava-se uma ou duas vezes por ano, ia à missa e descobria-se diante dos sacramentos mas, de contrário, pouco tempo perdia com devoções. Por outro lado, o Harlequin confiava-se todos os dias a Deus, embora raramente entrasse numa igreja e pouco tempo perdesse com padres. Era como se tivesse uma relação privada com o céu, o que, ao mesmo tempo, parecia a sir Simon, aborrecido e reconfortante. Aborrecia-o porque parecia indigno de um homem que se prezasse e reconfortava-o pois se Deus servia de alguma coisa a um combatente, seria no dia da batalha.

Esse dia, porém, parecia especial para o Harlequin, pois depois de ter posto o joelho em terra e orado em silêncio, durante algum tempo, ergueu-se e ordenou ao escudeiro que lhe trouxesse a lança.

Sir Simon, desejando poder terminar com aquela piedosa patetice para ir comer, concluiu que deveriam ter de se armar e enviou Colley em busca da sua, porém, o Harlequin deteve-o.

— Esperai — ordenou.

As lanças, envolvidas em couro, tinham sido transportadas numa besta de carga porém, o escudeiro do Harlequin trouxe uma outra, separada, que viajara sobre o seu próprio cavalo e estava também enrolada num pano de linho. Sir Simon concluíra tratar-se de uma lança pessoal e, no entanto, quando desenrolaram da haste a cobertura de linho, viu que a arma, muito antiga e feita de madeira, era

tão velha e escura que se quebraria sujeita à menor força. A lâmina parecia ser de prata, uma tolice, já que esse metal era demasiado fraco para a transformar numa arma mortífera.

Sir Simon sorriu.

— Não ides lutar com isso!

— Lutamos todos com isto — disse o Harlequin e, para espanto de sir Simon, o cavaleiro vestido de negro, caiu uma vez mais de joelhos. — Para baixo! — ordenou a sir Simon.

Este ajoelhou, sentindo-se um imbecil.

— Sois um bom soldado, sir Simon — disse o Harlequin. —

Conheci poucos homens que soubessem manejar as armas com vós e não desejaria lutar ao lado de nenhum outro, mas o combate não é feito apenas de espadas, lanças e flechas. É preciso pensar e, sobretudo, orar, pois se Deus estiver do nosso lado, nenhum homem nos vencerá.

Sir Simon, vagamente consciente de que estava a ser criticado, fez o sinal da Cruz.

— Eu rezo — disse para se defender.

— Então dai graças a Deus por poderdes levar esta lança para a batalha.

— Por quê?

— Porque é a lança de São Jorge e o homem que combate sob a sua protecção, será recebido nos braços de Deus.

Sir Simon ficou a olhar para a lança, que fora poisada na relva com toda a reverência. Poucas vezes durante a sua vida, provavelmente só quando se embriagava, se apercebera dos mistérios de Deus. Uma vez, vira-se reduzido às lágrimas por um feroz dominicano, embora o efeito não tivesse perdurado para além da visita que a seguir fizera à taberna. Sentira-se também diminuído da primeira vez que entrara numa catedral e olhara para a abóbada fracamente iluminada pelas velas. Todavia, tais momentos tinham sido poucos, raros e

desagradáveis. Porém, agora e subitamente o mistério de Cristo tocava-lhe o coração. Fitou a lança e não viu nela a velha arma baça, com uma impraticável lâmina de prata, mas um objeto detentor de um poder conferido por Deus. Viera do Céu para tornar invencíveis os homens da terra e sir Simon ficou desconcertado por sentir as lágrimas arderem-lhe nos olhos.

— A minha família trouxe-a da Terra Santa — disse o Harlequin.

— E afirmava que os homens que combatiam sob a sua protecção não poderiam ser derrotados, o que, porém, não é verdade. Foram-no, mas sobreviveram quando todos os seus aliados pereceram, quando os próprios fogos do Inferno se acenderam para fazer arder até à morte os seus seguidores. Saíram de França, levando a lança com eles, mas o meu tio roubou-a e ocultou-a. Mais tarde, descobria e agora abençoará a nossa batalha.

Sir Simon nada disse. Limitou-se a fitar a lança com um olhar de quase assombro.

Henry Colley, alheio a esse momento de fervor, puxava o nariz.

— O mundo está podre — disse o Harlequin. — A Igreja é

corrupta e os reis fracos. Está no nosso poder, sir Simon, fazermos um mundo novo, amado por Deus. Porém, para que assim seja, será necessário destruir o antigo. Teremos de tomar nós o poder e depois devolvê-lo a Deus. É por isso que lutamos.

Henry Colley pensou que o francês estava simplesmente louco, mas sir Simon tinha uma expressão maravilhada.

— Dizei-me — o Harlequin olhava para sir Simon —, qual é a bandeira de batalha do rei inglês.

— É o pendão do dragão — respondeu sir Simon.

O Harlequin ofereceu-lhe um dos seus raros sorrisos.

— Não será um presságio? — perguntou e, a seguir fez uma pausa. — Vou dizer-vos o que acontecerá hoje — continuou. — O rei de França chegará impaciente e quererá atacar sem demora. O dia correrá mal para o nosso lado. Os

ingleses vão escarnecer de nós, pois não conseguiremos romper as suas fileiras, mas depois, levarei a lança para a batalha e veremos Deus alterar o combate. Arrebataremos a vitória a partir de um desaire. Ides fazer prisioneiro o filho do rei inglês e talvez mesmo capturemos o próprio Eduardo. A nossa recompensa será o favor de Filipe de Valois. É por isso que combatemos, sir Simon, pelo favor do rei, um favor que significa poder, riquezas e terras. Partilhareis dessa riqueza, mas apenas desde que entendeis ter de usar esse poder para purgar a Cristandade daquilo que está podre. Seremos um flagelo contra o mal.

Louco varrido, pensou Henry Colley. Completamente tonto. Viu o Harlequin erguer-se e dirigir-se ao cesto de uma besta de onde retirou um quadrado de pano que, depois de desdobrado, mostrou ser afinal um pendão vermelho, no qual um estranho animal com chifres, presas e garras, se erguia nos quartos traseiros para tocar, com

as patas da frente numa taça.

— É este o pendão da minha família — disse o Harlequin, prendendo a bandeira com fitas negras, à longa lança de prata. —

Durante muitos anos, sir Simon, este pendão esteve proibido em França, pois os seus donos combateram contra o rei e contra a Igreja.

As nossas terras foram destruídas e o castelo está ainda danificado, mas hoje seremos heróis e este pendão receberá de novo os devidos favores — enrolou a bandeira na lança para esconder o yale. — Hoje, a minha família ressuscitará — declarou com fervor.

— Qual é a vossa família? — perguntou sir Simon.

— Chamo-me Guy de Vexille — admitiu o Harlequin. — E sou conde de Astarac.

Sir Simon nunca ouvira falar de Astarac, mas gostou de saber que o seu amo era um digno nobre e, para demonstrar a sua obediência, ergueu as mãos em homenagem a Guy de Vexille.

— Não vos desapontarei, senhor — afirmou sir Simon com humildade pouco habitual.

— Deus não nos desapontará hoje — afirmou Guy de Vexille.

Tomou nas suas as mãos de sir Simon. — Hoje — ergueu a voz para falar a todos os cavaleiros —, destruiremos Inglaterra.

Porque tinha a lança.

E aproximava-se o real exército francês.

E os ingleses tinham-se oferecido para a matança.

— flechas — disse Will Skeat. Encontrava-se à entrada do bosque, junto a um monte de feixes acabados de descarregar de uma carroça, mas logo se deteve. — Deus do Céu! — olhava para Thomas. —

Parece que uma ratazana te comeu o cabelo — franziu a testa. — Mas fica-te bem. Finalmente parece que crescestes. Flechas! — repetiu. —

Não as desperdicem — atirou os feixes, um a um, aos arqueiros. —

Parecem muitas, mas a maior parte de vós, leprosos malditos, nunca entraram numa batalha como deve ser, e as batalhas engolem flechas como as rameiras engolem... Bom dia, padre Hobbe!

— Arranjas-me um feixe, Will?

— Não o desperdiceis com pecadores, padre — disse Will, lançando um molho ao padre. — Matai uns franceses, tementes a Deus.

— Não existe tal coisa. São todos crias de Satanás.

Thomas desfez o feixe e meteu as flechas na aljava, prendendo outro ao cinto. Tinha duas cordas no elmo, a salvo da chuva que ameaçava cair.

Ao acampamento dos arqueiros, viera um ferreiro, martelar as lâminas das espadas, machados, facas e podões e a seguir afiar-lhes os gumes com a sua pedra de amolar. O homem, que tinha percorrido o exército, afirmou que o rei fora para Norte, procurar um campo de batalha, mas que ele próprio calculava que os franceses não viriam

naquele dia.

— Tanto trabalho para nada — resmungara ao afiar a espada de Thomas. — Isto é um trabalho francês — disse, espreitando a comprida lâmina.

— De Caen.

— Podias vender isto por bom dinheiro — elogiou de má vontade. — Aço bom. Antigo, claro, mas muito bom.

Agora, já fornecidos de flechas, os arqueiros meteram os seus haveres numa carroça que se juntaria ao resto da equipagem do exército. Um homem, doente da barriga, guardá-la-ia durante aquele dia, enquanto um segundo inválido serviria de sentinela às montadas. Will Skeat ordenou que levassem a carroça e depois fitou os arqueiros reunidos.

— Os bastardos vêm aí — rosnou. — Se não for hoje é amanhã, e são muito mais do que nós, não têm fome, todos possuem boas botas e pensam que a sua trampa cheira a rosas, só por serem franceses, mas morrem como toda a gente. Atirai-lhes aos cavalos e estareis vivos para ver o pôr do Sol. Lembrai-vos de que não têm bons arqueiros, de modo que não vão vencer. Não é difícil de perceber. Mantende a calma, apontai aos cavalos, não desperdiceis flechas e escutai as ordens. Vamos, rapazes.

Atravessaram o rio baixo, mais um dos muitos bandos de arqueiros que saíam de entre as árvores para entrar na aldeia de Crécy, onde os cavaleiros andavam de um lado para outro, batendo com os pés e chamando escudeiros e pajens para lhes apertarem uma correia ou soltarem uma fivela para tornarem a armadura mais confortável. Inúmeros cavalos, ligados uns aos outros pelos arreios, eram conduzidos para trás do monte, juntamente com as mulheres,

as crianças e a equipagem do exército, que deveriam instalar-se dentro de um círculo de carroças. O Príncipe de Gales, armado da cintura para baixo, comia uma maçã verde junto à igreja, acenando distraidamente com a cabeça aos homens de Skeat que respeitosa e se descobriam. Não havia sinais de Jeanette e Thomas perguntava a si próprio se teria fugido sozinha. Depois achou que não se importava.

Eleanor caminhava a seu lado. Tocou-lhe na aljava.

— Tens flechas suficientes?

— Depende de quantos franceses vierem — respondeu Thomas.

— Quantos ingleses há? — Os rumores falavam de oito mil homens, metade dos quais arqueiros, e Thomas calculava que fosse verdade. Foi o número que adiantou a Eleanor, fazendo-a franzir a testa.

— E quantos são os franceses? — perguntou.

— Só o Senhor sabe — disse Thomas, calculando que seriam bem mais do que oito mil, muitos mais, mas nada poderia fazer, de modo que tentou esquecer a disparidade dos números enquanto os arqueiros subiam ao monte em direcção ao moinho.

Passaram para o lado de lá do cume e viram diante de si a longa encosta. Por instantes, Thomas teve a impressão de que uma enorme feira estava a ser montada. Alegres bandeiras, pontilhavam o monte, com grupos de homens passeando entre elas, faltando apenas os ursos a dançar e alguns malabaristas para ser semelhante à feira de Dorchester.

Will Skeat detivera-se em busca do pendão do conde de Northampton, depois deu por ele no lado direito da encosta, mesmo abaixo do moinho. Desceu com os seus homens e um soldado

mostrou-lhe a marca do local de onde os arqueiros deveriam combater.

— E o conde quer que escavem buracos para os cavalos — disse o homem-de-armas.

— Ouviram todos? — gritou Will Skeat. — Toca a cavar!

Eleanor ajudou Thomas a abrir as covas. O solo estava duro e tiveram de usar as facas para soltar a terra que depois retiravam com as mãos.

— Porque abris buracos? — perguntou Eleanor.

— Para fazer cair os cavalos — respondeu Thomas, afastando com os pés a terra, antes de começar a abrir outro. Perto da encosta do monte os arqueiros dedicavam-se a abrir covas idênticas, a vinte passos das suas posições. Os

cavaleiros inimigos poderiam carregar num galope rápido, mas os buracos haveriam de os impedir.

Poderiam atravessá-los, mas lentamente, o que lhes quebraria o ímpeto da carga. Enquanto tentassem ultrapassar as covas traiçoeiras, ficariam sob o ataque dos arqueiros.

— Pronto — disse Eleanor, apontando e Thomas viu um grupo de cavaleiros no cimo do monte. Tinham chegado os primeiros franceses e olhavam para o vale, onde o exército inglês se reunia lentamente sob os seus pendões.

— Ainda vai levar horas — afirmou Thomas. Aqueles franceses eram apenas a vanguarda enviada para observar o inimigo, enquanto o corpo principal viria ainda a marchar de Abbeville. Os besteiros, que certamente conduziriam o ataque, estariam todos apeados.

À direita de Thomas, onde a encosta descia até ao rio e à aldeia, erguia-se uma improvisada fortaleza de carroças vazias. Tinham-nas juntado para formar uma barreira contra os cavaleiros e entre elas

tinham sido colocados os trons. Não os que se tinham demonstrado incapazes de deitar abaixo o castelo de Caen, mas outros muito mais pequenos.

— Ribaldos — disse Will Skeat a Thomas.

— Ribaldos?

— Ribaldos, é assim que se chamam — acompanhou Thomas e Eleanor pela encosta para verem os trons, que mais pareciam estranhos feixes de tubos de ferro.

Os artilheiros remexiam a pólvora, enquanto outros desfaziam os feixes de garros, os longos projecteis de ferro, semelhantes a flechas que seriam metidos dentro dos tubos. Alguns ribaldos tinham oito canos, outros sete e ainda outros, apenas quatro.

— Malditas coisas inúteis — exclamou Skeat, com despeito. —

Mas talvez assustem os cavalos — fez um aceno aos arqueiros que escavavam os buracos diante dos ribaldos. Havia ali vários, Thomas contou trinta e quatro e

estavam ainda outros a ser arrastados. Porém, continua a ser necessária a protecção dos arqueiros.

Skeat encostou-se a uma carroça e ficou a olhar o monte distante.

Não estava calor, mas sentia-se a transpirar.

— Estás doente? — perguntou Thomas.

— Tenho as entranhas a arder — admitiu Skeat. — Mas não vale a pena fazeres uma festa. — Havia agora cerca de quatrocentos cavaleiros franceses sobre o monte e mais outros apareciam por entre as árvores. — Pode não acontecer — disse Skeat em voz baixa.

— A batalha?

— Filipe de França está nervoso — respondeu Skeat. — Tem o costume de marchar para combater, e depois decidir que prefere ficar a divertir-se em casa. — É o que tenho ouvido dizer. Bastardo nervoso

— encolheu os ombros. — Mas se pensar que hoje tem possibilidades, então, Tom, a coisa vai ser feia.

Thomas sorriu.

— E as covas? E os arqueiros?

— Não sejas imbecil, rapaz — retorquiu Skeat. — Nem todos os buracos vão partir pernas, nem todas as flechas vão acertar no alvo.

Podemos impedir a primeira carga, talvez a segunda, mas continuarão a avançar e por fim, hão-de conseguir. São muitos. Vão ficar por cima de nós, Tom, e terão de ser os homens-de-armas a dar-lhes uma boa coça. Mantém a calma, rapaz e lembra-te que têm de ser os soldados a fazer o trabalho mais perto deles. Se os bastardos conseguirem passar os buracos, então pega no arco, espera por um alvo e tenta ficar vivo.

Se perdermos? — encolheu os ombros. — Foge para a floresta e esconde-te lá.

— Que diz ele? — perguntou Eleanor.

— Que hoje vai ser fácil.

— Não sabes mentir, Thomas.

— São muitos — continuou Skeat, quase falando sozinho. —

Tommy Dugdale enfrentou piores trabalhos na Bretanha, Tom, mas tinha muitas flechas. Aqui são escassas.

— Vai tudo correr bem, Will.

— Sim, sim. Talvez — Skeat desencostou-se da carroça. — Vão andando. Preciso de encontrar um lugar sossegado por uns minutos.

Thomas e Eleanor dirigiram-se para norte. A linha inglesa formava-se agora, com as bandeiras a serem recolhidas pelos homens-de-armas agrupados em bloco. Os arqueiros ficavam adiante de cada formação, enquanto os marechais, armados com hastes brancas, se asseguravam de que existiam fendas na linha, através das quais, os

arqueiros pudessem escapar, se os cavaleiros se aproximassem demasiado. Tinham ido à aldeia buscar feixes de lanças, que eram entregues aos homens-de-armas da primeira fila para que, se os franceses ultrapassassem as covas e as flechas, elas pudessem ser usadas como piques.

A meio da manhã todo o exército se reunira no monte. Parecia muito maior do que realmente era, pois as mulheres tinham ficado com os seus companheiros e estavam agora sentadas sobre a erva ou então deitadas a dormir. O Sol fraco apareceu e desapareceu fazendo correr sombras pelo vale. Os buracos tinham sido escavados e os trons carregados. Talvez uns mil franceses olhavam do monte distante, mas nenhum se aventurava a descer a encosta.

— Pelo menos é melhor que marchar — disse Jake. — Assim podemos descansar, não é?

— Vai ser um dia fácil — alvitrou Sam e apontou com a cabeça para o monte. — Afinal não são assim tantos.

— É apenas a vanguarda, idiota — respondeu Jake.

— Vão vir mais? — Sam parecia verdadeiramente surpreendido.

— Vão aparecer todos os bastardos que há em França — disse Jake. Thomas manteve-se em silêncio. Imaginava o exército a percorrer a estrada de Abbeville. Todos os franceses saberiam que os ingleses tinham deixado de fugir, que estavam à espera e, apressavam-se sem dúvida para não perderem a batalha. Estariam confiantes. Fez o sinal da Cruz e Eleanor, sentindo o seu receio, tocou-lhe no braço.

— Não te vai acontecer nada — disse.

— A ti também não, meu amor.

— Lembras-te da promessa que fizeste ao meu pai? — perguntou.

Thomas acenou com a cabeça, mas não conseguiu convencer-se de que veria a lança de São Jorge naquele dia. Aquele dia era real, enquanto que a lança pertencia a um mundo misterioso do qual Thomas não queria verdadeiramente fazer parte. Pensou que todos se preocupavam apaixonadamente com a relíquia e apenas ele, que até tinha algumas razões para querer saber a verdade, ficava indiferente.

Desejou nunca ter visto a lança, desejou que o homem que dava pelo nome de Harlequin nunca tivesse ido a Hookton. Porém, se os franceses não tivessem lá desembarcado, não carregaria agora o arco negro, não estaria naquela encosta verdejante, nem sequer teria conhecido Eleanor. Disse para consigo que não poderia voltar as costas a Deus.

— Se vir a lança, lutarei por ela — prometeu a Eleanor. Era essa a sua penitência, embora continuasse a ter esperança de não ser obrigado a cumpri-la.

Comeram pão bolorento à refeição do meio-dia. Os franceses eram uma massa negra no monte distante, demasiados para se poderem contar e a primeira parte da infantaria chegara já. Um aguaceiro obrigou os arqueiros a recolher apressadamente as cordas que tinham já penduradas da ponta do arco e a guardarem-nas debaixo do elmo ou do chapéu até a chuva passar. O vento fazia ondular a erva.

E os franceses continuavam a chegar ao monte. Eram uma horda e tinham vindo a Crécy em busca de vingança.

os ingleses aguardaram. Dois arqueiros de Skeat tocavam flautas de cana, enquanto os hobelardos, que ajudavam a proteger os trons nos flancos do exército, cantavam canções que falavam de bosques verdes e regatos serpenteantes. Alguns homens executavam danças como se se encontrassem nas festas da sua aldeia, outros tinham adormecido, alguns lançavam dados e todos, excepto os que estavam a dormir, lançavam continuamente o olhar para o outro lado do vale, até ao cume longínquo, que se enchia de homens.

Jake fazia passar pelos outros arqueiros um bocado de cera de abelha embrulhado em linho, para que todos pudessem polir os arcos. Não que fosse necessário, apenas porque lhes ocupava o tempo.

— Onde arranjaste a cera? — perguntou-lhe Thomas.

— Roubei-a, claro, a um homem-de-armas imbecil. Creio que é polimento para selas.

Iniciaram uma discussão, a respeito da melhor madeira para fazer flechas. Era uma antiga quezília, mas assim o tempo passava mais depressa. Todos sabiam que as melhores eram de freixo, mas alguns homens gostavam de dizer que as de videiro, de faia-branca ou até mesmo de carvalho também davam bons resultados. O amieiro, embora pesado, era bom para matar veados, mas exigia uma cabeça pesada e não tinha alcance suficiente numa batalha.

Sam retirou uma das novas flechas da aljava e mostrou a todos como estava empenada.

— Deve ter sido feita de um maldito espinheiro negro —

queixou-se amargamente. — Esta até dá a volta a uma esquina.

— Já não fazem flechas como antigamente — disse Will Skeat, e os arqueiros troçaram pois a queixa já era antiga.

— É verdade — continuou Will. — Hoje em dia faz-se tudo à pressa e nada com arte. Quem se importa? Os patifes são pagos ao feixe, os feixes são mandados para Londres e ninguém olha para eles até que nos chegam às mãos. Depois, que havemos nós de fazer?

Olhem para isto! — Pegou na flecha de Sam e fê-la girar por entre os dedos. —

Isto não é uma pena de ganso!

É do raio de um pardal. Não serve senão para coçar o traseiro —

atirou-a a Sam. — Não. Um arqueiro que se preze faz as suas próprias flechas.

— Eu costumava fazê-las.

— Mas agora és um preguiçoso, não é verdade, Tom? — Skeat sorriu mas ficou imediatamente sério ao olhar para o vale. —

Quantos bastardos malditos — resmungou, olhando para os franceses que se reuniam e logo fez uma careta, quando um solitário pingo de chuva lhe caiu sobre as botas gastas.

— Quem me dera que chovesse para acabar já com tudo. É o que vai acontecer. E se nos chover em cima quando os bastardos atacarem, o melhor será fugirmos para casa, pois os arcos não disparam.

Eleanor estava sentada junto de Thomas e olhava o monte distante. Naquele momento, havia lá, pelo menos, tantos homens quantos os que faziam parte do exército inglês e o principal batalhão

francês só agora começara a chegar. Homens-de-armas a cavalo espalhavam-se pelo monte, organizando-se em conrois. Um conroi era a unidade básica de combate para um cavaleiro ou homem-de-armas e a maior parte tinha entre doze e vinte homens, mas aqueles que formavam a guarda pessoal dos grandes senhores eram muito maiores. Havia agora tantos cavaleiros no cume distante que alguns tinham já de se espalhar pela encosta, transformada numa onda de cor. Os homens-de-armas usavam túnicas bordadas, com as insígnias dos seus amos, e os cavalos estavam cobertos por coloridos caparazões, enquanto que os pendões franceses acrescentavam mais azul, vermelho, amarelo e verde. Porém, apesar das cores, continuava a predominar o cinzento do aço e da malha. Em frente dos cavaleiros estavam os primeiros gibões verdes e vermelhos dos besteiros genoveses. Eram ainda poucos, mas muitos mais percorriam já o monte para se juntarem aos seus camaradas.

Soou uma ovação no centro inglês. Thomas inclinou-se e viu que os arqueiros tentavam pôr-se de pé. O seu primeiro pensamento foi que os franceses deveriam ter atacado, contudo, não viu cavaleiros inimigos, nem flechas a voar.

— De pé! — gritou Will Skeat de repente. — Já de pé!

— Que se passa? — perguntou Jake.

Foi então que Thomas viu os cavaleiros. Não eram franceses, mas sim uma dezena de ingleses que cavalgavam ao longo da linha de batalha, mantendo cuidadosamente os cavalos afastados dos buracos dos arqueiros. Três deles transportavam pendões e uma das bandeiras era um enorme estandarte com lírios e leopardos emoldurados a ouro.

— É o rei — disse um homem e os arqueiros de Skeat soltaram gritos de entusiasmo.

O rei deteve-se e falou com os soldados no centro da linha, para depois partir a trote em direcção à direita inglesa. A sua escolta estava montada em enormes corcéis mas o rei cavalgava uma égua cinzenta.

Envergara a sua túnica colorida e estava de cabeça descoberta, tendo pendurado no arção da sela o elmo com a coroa. O estandarte real, vermelho, dourado e azul adiantava-se às bandeiras e, logo atrás, via-se a insígnia pessoal do rei, ostentando um flamejante sol nascente; em terceiro lugar, e provocando a maior ovação, surgiu o galhardete com o dragão de Wessex a cuspir fogo. Era a bandeira de Inglaterra, dos homens que tinham combatido contra o Conquistador e o descendente deste rei, cavalgando a sua égua cinzenta, fazia-a agora flutuar, mostrando que era inglês, tal como os homens que, entretanto, o aclamavam.

Deteve-se junto aos homens de Will Skeat e ergueu a lança branca para silenciar os gritos. Os arqueiros haviam tirado os elmos da cabeça e alguns tinham mesmo ajoelhado. O rei parecia ainda jovem, de cabelo e barba tão loiros como o sol do seu estandarte.

— Sinto-me grato — começou numa voz rouca, que o obrigou a fazer uma pausa, para de novo recomeçar. — Sinto-me grato por aqui estardes. — Recomeçaram as aclamações e Thomas, que gritava juntamente com os outros, nem perguntou a si próprio se teriam tido outra alternativa. O rei ergueu a lança branca a pedir silêncio. —

Como vedes, os franceses, decidiram reunir-se a nós! Talvez se sintam sós! — Não tivera grande graça, mas provocara gritos e risos que se transformaram em

vaías ao inimigo. O rei sorriu, enquanto esperava que os gritos terminassem. — Viemos aqui — prosseguiu — apenas para procurar os direitos, as terras e os privilégios que são nossos,

pelas leis de Deus e dos homens. O meu primo francês desafia-nos e ao fazê-lo, desafia Deus — os homens estavam agora em silêncio, escutando com toda a atenção. Os corcéis da escolta do Rei batiam com as patas no solo, mas os homens continuavam imóveis. — Deus não suportará a falta de pudor de Filipe — continuou o rei. —

Castigará a França e vós — ergueu a mão para apontar os arqueiros —

sereis o Seu instrumento. Deus está convosco e prometo-vos, juro-vos diante de Deus e pela minha vida, que não abandonarei este campo, até que o último homem do meu exército tenha marchado para sair daqui. Ficaremos juntos neste monte, combateremos juntos e venceremos juntos, por Deus, por São Jorge e pela Inglaterra!

Os gritos de aclamação recomeçaram e o rei sorria e acenava com a cabeça, voltando-se depois, quando o conde de Northampton saiu da linha. O rei inclinou-se na sela e escutou-o por momentos, depois endireitou-se e sorriu mais uma vez.

— Há aqui um mestre Skeat?

Skeat corou imediatamente, mas não quis denunciar a sua presença. O conde sorria, o rei aguardava e, por fim, duas dezenas de arqueiros apontaram o seu chefe.

— Está aqui!

— Vinde cá! — ordenou o rei, muito sério.

Will Skeat parecia embaraçado ao passar em frente aos arqueiros, para se aproximar do cavalo do rei, junto ao qual pôs um joelho em terra. Sua Majestade ergueu a espada de punho de rubis e tocou com ela no ombro de Skeat.

— Disseram-nos que éreis um dos nossos melhores arqueiros, assim, e a partir de agora, sereis sir William Skeat.

Os arqueiros gritaram ainda mais. Will Skeat, agora sir William,

manteve-se ajoelhado, enquanto o rei picou o cavalo e avançou, para poder fazer o mesmo discurso aos últimos homens da linha e àqueles que manobravam os trons no círculo das carroças. O conde de Northampton que fora, simplesmente, o responsável pela investidura de Skeat como cavaleiro, fê-lo erguer-se e conduziu-o de volta aos seus homens, que o aclamaram. Skeat continuava ruborizado enquanto os arqueiros batiam-lhe nas costas.

— Que grande disparate — disse a Thomas.

— Bem o mereces, Will — disse Thomas, mas depois sorriu. — Sir William.

— Só que vou ter de pagar ainda mais caros os malditos impostos, não é verdade? — disse Skeat, mesmo assim satisfeito.

Depois, franziu a testa quando um pingo de chuva lhe caiu na cabeça descoberta. — As cordas dos arcos! — gritou.

A maior parte dos homens mantinha ainda as cordas guardadas, mas alguns tiveram de as enrolar quando a chuva começou a cair com mais força. Um dos homens-de-armas do conde foi ter com os arqueiros, e ordenou que as mulheres voltassem para junto da equipagem no cimo do monte.

— Ouvistes o que disse! — gritou Will Skeat. — As mulheres para junto da equipagem!

Algumas delas choravam, porém, Eleanor agarrou-se a Thomas apenas mais um momento.

— Vive — disse simplesmente e depois afastou-se à chuva, passando pelo Príncipe de Gales que, com mais seis homens a cavalo, se dirigia ao seu posto entre os soldados, por trás dos arqueiros de Will Skeat. O príncipe decidira combater a cavalo, para poder ver por cima das cabeças dos homens apeados; para marcar a sua chegada, o

pendão, maior que qualquer outro, fora içado debaixo da forte chuvada, no lado direito do campo.

Thomas já não conseguia ver o outro extremo do vale, porque as pesadas

cortinas de chuva vindas de Norte o varriam, e obscureciam o ar. Nada mais havia a fazer senão sentar-se à espera, enquanto as costas de couro da sua cota de malha iam ficando frias e moles.

Encolhia-se desanimado, olhando para o dia cinzento, sabendo que nenhum arco poderia disparar com precisão se aquela chuva não terminasse.

— O que eles deveriam fazer era carregar já — alvitrou o padre Hobbe, que se sentara ao lado de Thomas.

— Não encontram o caminho nesta bruma, padre — disse Thomas. Viu que o sacerdote tinha um arco e uma aljava, mas mais nenhum equipamento para a batalha. — Deveríeis arranjar uma cota de malha — disse. — Ou pelo menos um gibão almofadado.

— Estou armado com a minha fé, meu filho.

— Onde estão as cordas do vosso arco? — perguntou Thomas, pois o padre não tinha nem elmo, nem barrete.

— Enrolei-as em redor do meu... ora, não interessa. Tem de servir para mais alguma coisa que não seja urinar, não achas? E, ao menos lá, ficam secas — o padre Hobbe parecia indecentemente alegre. —

Percorri as linhas, Tom, procurei a tua lança. Não está lá.

— Não me surpreende nada, com mil demónios — respondeu Thomas. — Nunca pensei que estivesse.

O padre Hobbe ignorou a blasfémia.

— Tive uma conversa com o padre Pryke. Conhece-lo?

— Não — disse Thomas, sem desperdiçar palavras. A chuva caía em bátegas diante do seu elmo e batia-lhe na cana do nariz. — Como

raio haveria eu de conhecer o padre Pryke?

O padre Hobbe não desanimou, diante do mau humor de Thomas.

— E o confessor do rei é um grande homem. Em breve será bispo.

Perguntei-lhe o que sabia dos Vexilles — o padre Hobbe fez uma pausa, mas Thomas nada disse. — Lembra-se da família — continuou.

— Disse-me que tinham terras no Cheshire, mas que apoiavam os Mortimers no começo do reinado de Sua Majestade, por isso foram ilegalizados. Disse mais uma coisa. Sempre foram considerados piedosos, mas o seu bispo suspeitava que tivessem idéias estranhas.

Um toque de gnosticismo.

— Cátaros — respondeu Thomas.

— Parece provável, não achas?

— E se é uma família piedosa, então decerto não lhe pertença —
ripostou Thomas. — Não é bom?

— Não te escapas, Thomas — disse o padre Hobbe em voz baixa.

O seu cabelo geralmente despenteado estava colado à cabeça com a chuva. —
Prometeste a teu pai. Aceitaste a penitência.

Thomas abanou a cabeça, zangado.

— Há aqui muitos patifes, padre, que assassinaram mais homens do que eu —
apontou os arqueiros acorados, açotados pela chuva.

— Ide tratar das almas deles e deixai a minha em paz.

O padre Hobbe abanou a cabeça.

— Foste escolhido, Thomas e eu sou a tua consciência. Ocorre-me, vê lá, que se os Vexilles apoiaram os Mortimers não podem amar o nosso rei. Provavelmente hoje estarão ali em frente — apontou com o queixo para o outro lado do vale, ainda oculto pela chuva torrencial.

— Então viverão mais um dia, não é verdade? — perguntou Thomas. O padre Hobbe franziu a testa.

— Pensas que vamos perder? — perguntou sério. — Não!

Thomas estremeceu.

— Parece que a tarde está a avançar, padre. Se não atacarem agora, vão esperar até amanhã de manhã, o que lhes dará um dia inteiro para nos dizimarem.

— Ah, Thomas! Como Deus te ama.

Thomas nada disse, mas pensou que tudo o que desejava era ser arqueiro, e tornar-se sir Thomas de Hookton, tal como Will se tornara sir William. Sentia-se feliz a servir o rei e não precisava de um amo celeste, que o levasse para estranhas batalhas, contra senhores negros.

— Permite que vos dê um conselho, padre.

— Será sempre bem-vindo, Thomas.

— Ficai com o elmo e a cota de malha do primeiro bastardo que cair. Olhai por vós.

O padre Hobbe bateu nas costas de Thomas.

— Deus está do nosso lado. Ouviste o próprio rei dizê-lo —

ergueu-se e foi falar com outros homens, deixando Thomas sentado, sozinho, a ver a chuva diminuir, por fim. Já via as árvores ao longe, as cores dos pendões e das túnicas francesas e agora, a massa vermelha e verde dos arqueiros, do outro lado do vale. Calculou que não sairiam dali, pois as cordas das bestas eram tão susceptíveis à humidade, como quaisquer outras.

— Vai ser amanhã — disse para Jake. — Amanhã repetiremos tudo.

— Esperemos que haja sol — respondeu Jake.

O vento trouxe os últimos pingos de chuva, vindos do Norte. Era

tarde. Thomas pôs-se de pé, espreguiçou-se e bateu com os pés. Um dia desperdiçado, pensou, tendo por diante uma noite de fome.

E no dia seguinte, a sua primeira batalha.

um grupo de entusiasmados cavaleiros juntara-se em volta do rei francês, que se encontrava ainda a meia milha do monte, onde se reunira a maior parte do seu exército. Pelo menos dois mil homens-de-armas marchavam ainda à retaguarda, mas os que tinham chegado ao vale eram em número muito superior aos ingleses que os aguardavam.

— Dois para um, senhor! — disse veementemente Charles, conde de Alençon e irmão mais novo do rei. Como o resto dos cavaleiros, tinha a túnica encharcada e a cor da insígnia a debotar para o linho branco. O elmo estava coberto de gotas de água. — Temos de os matar já! — insistia o conde.

Mas o instinto de Filipe de Valois ordenava-lhe que aguardasse.

Pensou que seria mais sensato, deixar que todo o exército se reunisse, para fazer o devido reconhecimento e depois atacar na manhã seguinte. Porém, tinha consciência de que os seus companheiros, principalmente o irmão, pensavam que exagerava nas cautelas.

Julgavam-no mesmo tímido, já que evitara até ali um combate com os ingleses. A proposta de mais um dia de espera poderia levá-los a pensar que não tinha coragem suficiente para a sua elevada função de rei. Mesmo assim atreveu-se a fazer a sugestão de que a vitória seria mais completa, se adiada por mais um dia.

— Mas se esperardes — disse Alençon, sarcástico —, Eduardo

escapa-se durante a noite e amanhã enfrentaremos um monte vazio.

— Estão encharcados, têm frio e fome, estão prontos a ser dizimados — insistiu o duque da Lorena.

— E se não partirem, senhor — avisou o conde da Flandres. —

Terão ainda mais tempo para cavar trincheiras e covas.

— E os sinais são bons — acrescentou John Hainault, companheiro do rei e senhor de Beaumont.

— Os sinais? — perguntou o rei.

John Hainault fez sinal a um homem de longa barba branca, abrigado numa capa

negra, para que se aproximasse. Este assim o fez e logo se inclinou numa profunda reverência.

— Senhor, o Sol está em conjunção com Mercúrio e oposto a Saturno — disse.
— E o melhor, nobre senhor, é que Marte se encontra na casa da Virgem. Indica vitória e não poderia ser mais propício.

Filipe gostaria de saber quanto ouro teria sido pago ao astrólogo para avançar com aquela profecia mas, mesmo assim, sentia-se também tentado a acreditar. Considerava insensato fazer o que quer que fosse, sem um horóscopo, mas não sabia onde se encontrava o seu próprio astrólogo. Provavelmente ainda na estrada de Abbeville.

— Avancemos agora! — Alençon insistia com o irmão.

Guy Vexille, conde de Astarac, levou o cavalo por entre a multidão que rodeava o rei. Viu um besteiro de gibão vermelho e verde, que era evidentemente o comandante dos genoveses, e dirigiu-se-lhe em italiano.

— A chuva afectou as cordas?

— Muito — admitiu Cario Grimaldi, chefe genovês. As cordas das bestas não podiam ser soltas como as dos vulgares arcos, pois a tensão

era demasiado forte. Os homens tinham simplesmente tentado abrigar as armas sob os seus pouco apropriados gibões. — Deveríamos esperar até amanhã — insistiu Grimaldi. — E não podemos avançar sem os paveses.

— Que diz ele? — perguntou Alençon.

O conde de Astarac traduziu, para benefício de Sua Majestade e o rei, de longo rosto pálido, franziu a testa ao ouvir dizer que ainda não tinham chegado os enormes escudos ao abrigo dos quais, os besteiros ficavam protegidos das flechas inimigas, enquanto carregavam as suas desajeitadas armas.

— Quanto tempo demorarão ainda? — perguntou num lamento, mas ninguém sabia. — Quem sois? — perguntou finalmente o rei ao conde.

— Astarac, senhor — respondeu Guy de Vexille.

— Ah — era evidente que o rei não tinha a mínima idéia do que ou de quem era Astarac. Também não reconheceu o escudo de Vexille que exhibia apenas o simples símbolo da Cruz. Todavia a montada e a armadura do conde eram ricas e o rei não negava a um homem o direito de lhe oferecer conselho. — Dizíeis, então, que as bestas não dispararam?

— Claro que dispararam! — interrompeu o conde de Alençon. —

Os malditos genoveses não querem combater. Bastardos! —

exclamou. — Os arcos ingleses também estarão molhados — acrescentou.

— As bestas ficarão mais fracas, senhor — explicou cuidadosamente Vexille, ignorando a hostilidade do irmão mais novo do rei. — As bestas dispararam, mas sem o seu pleno alcance e força.

— Seria melhor aguardar? — perguntou o rei.

— Seria avisado, senhor — respondeu Vexille. — E principalmente deveríamos esperar pelos paveses.

— Qual o horóscopo para amanhã? — perguntou John Hainault ao astrólogo.

O homem abanou a cabeça.

— Amanhã, Neptuno aproxima-se das curvaturas, senhor. Não será uma conjunção benéfica.

— Ataquemos já! Estão molhados, cansados e com fome — insistiu Alençon. — Ataquemos já.

O rei continuava na dúvida, mas a maior parte dos grandes senhores mostrava-se confiante e insistiam nos seus argumentos. Os ingleses estavam encurralados e a demora de mais um dia sequer, poderia dar-lhes a possibilidade de fuga. Talvez que a sua frota tivesse mesmo chegado a Lê Crotoy? Ide, insistiam, mesmo com o dia já tão avançado. Ide e matai. Ide e vencei. Mostrai à Cristandade que Deus

está do lado dos franceses. Ide, já. E o rei, porque era fraco e porque desejava parecer forte, rendeu-se aos desejos dos outros.

Assim, a auriflama foi retirada do rolo de couro e transportada para o seu lugar de honra, à frente dos homens-de-armas. Não era permitido a nenhuma outra bandeira marchar adiante do longo pendão vermelho que ondulava no seu pau cruzado, guardado por trinta cavaleiros escolhidos, com fitas vermelhas no braço direito. Os cavaleiros receberam as suas longas lanças e fechou-se o conrois, de modo que estes e homens-de-armas ficassem lado a lado. Os tambores retiraram as coberturas para a chuva das suas enormes caixas e Grimaldi, o comandante genovês, recebeu ordens peremptórias para avançar e matar os arqueiros ingleses. O rei persignou-se, enquanto duas dezenas de sacerdotes caíam de joelhos, sobre a erva molhada, e

começavam a rezar.

Os nobres de França cavalgaram para o cimo do monte, onde os aguardavam os seus cavaleiros de cota de malha. Ao cair da noite teriam todos usado as espadas e haveria prisioneiros que bastassem para derrotar para sempre a Inglaterra.

Porque a auriflama se dirigia para a batalha.

— com mil raios! — gritou Will Skeat assombrado, enquanto se levantava do chão. — Os bastardos vêm aí! — Justificava-se a sua surpresa pelo avanço da tarde, hora a que camponeses começavam a pensar regressar a casa, depois de terminada a sua lida.

Os arqueiros ergueram-se e ficaram a olhar. O inimigo não avançava ainda, mas uma horda de besteiros espalhava-se pelo fundo do vale enquanto, mais acima, cavaleiros e homens-de-armas franceses se armavam com as lanças.

Thomas pensou que se tratasse de uma simulação. Mais duas ou três horas e seria de noite, mas talvez os franceses se sentissem suficientemente confiantes da rápida derrota do adversário. Os besteiros avançavam por fim. Thomas retirou o elmo, para de lá tirar a corda, enrolou um extremo à ponta de osso, dobrou o arco para a fixar no outro entalhe. Teve de fazer um esforço e, só à terceira tentativa conseguiu ter a postos a arma negra. Jesus do Céu, pensou, avançavam realmente! Calma, disse para consigo, calma, mas sentia-se tão nervoso, como quando dera por si na encosta sobranceira a Hookton e, pela primeira vez, se atrevera a matar um homem. Abriu os cordões da aljava.

Os tambores começaram a soar do lado francês do vale e seguiu-se um enorme e inexplicável clamor; os homens-de-armas não se moviam e os besteiros continuavam muito distantes. As trombetas

inglesas respondiam doces e claras, no moinho onde o rei estacionara uma reserva de soldados. Os arqueiros esticavam-se e batiam com os pés no chão por toda a encosta. Quatro mil arcos ingleses estavam retesados e prontos, mas uma vez e meia esse número de besteiros avançava já em direcção a eles; atrás desses seis mil genoveses, havia milhares de cavaleiros de cota de malha.

— Não têm paveses! — exclamou Will Skeat. — E as cordas devem estar húmidas.

— Não terão de se aproximar muito — o padre Hobbe apareceu de novo, junto de Thomas.

Este acenou com a cabeça, mas tinha a boca seca e não conseguiu responder. Uma besta em boas mãos, e as melhores eram certamente as dos genoveses, deveria ter mais alcance que um arco direito, mas não com a corda húmida. Esse alcance superior não seria grande vantagem, pois levava muito tempo a recarregar e, entretanto, um arqueiro poderia avançar e disparar seis ou sete flechas, antes do inimigo estar preparado para lançar o segundo virote; mesmo ciente desse desequilíbrio, Thomas sentia-se nervoso. O inimigo aparecia ser em tão grande número, os tambores franceses eram enormes panelas com peles grossas que faziam ressoar um eco infernal por todo o vale.

Os cavaleiros inimigos avançavam, desejosos de picar as montadas, em direcção à linha inglesa que, esperavam, estivesse já profundamente ferida pelo assalto das bestas; entretanto os soldados ingleses reuniam-se, fechando a linha de modo a conseguir sólidas fileiras de escudos e aço. A malha tinia e chocalhava.

— Deus está convosco! — gritou um padre.

— Não desperdiceis flechas — ordenou Will Skeat. — Apontai bem, rapazes, apontai bem! Não vão aguentar muito — repetiu a

mensagem enquanto avançava pela linha. — Parece que viste um fantasma, Tom.

— Dez mil fantasmas — respondeu este.

— Os bastardos são ainda mais — afirmou Will Skeat. Voltou-se para olhar para o monte. — Talvez doze mil cavaleiros? — sorriu. —

São doze mil flechas, rapaz.

Havia seis mil besteiros e duas vezes mais homens-de-armas, reforçados pela infantaria, que surgia de ambos os flancos franceses.

Thomas duvidava que aqueles soldados apeados pudessem tomar parte num qualquer combate, a menos que o quisessem transformar numa debandada. Apercebeu-se de que os besteiros poderiam provavelmente ser obrigados a recuar, pois apareciam sem paveses e empunhavam armas deterioradas pela chuva. Mas, para que tal acontecesse, seriam necessárias flechas, muitas flechas, que depois fariam falta para a massa de cavaleiros, cujas lanças pintadas e erguidas formavam uma floresta sobre o cume distante.

— Precisamos de mais flechas — disse para Skeat.

— Terás de te arranjar com as que tens — respondeu este. —

Todos teremos de o fazer. Não podemos desejar o impossível.

Os besteiros fizeram uma pausa no sopé da encosta inglesa e formaram a linha, ainda antes de colocarem os virotes nas calhas.

Thomas pegou na primeira flecha e beijou-lhe supersticiosamente a cabeça, formada por uma seta de aço, levemente ferrugento, com uma ponta afiada e duas farpas aguçadas. Assentou-a na palma da mão esquerda e enfiou o entalhe da parte de trás no centro da corda, protegida do desgaste com um fio de cânhamo.

Começou retesar o arco, sentindo-se satisfeito com a sua resistência. A flecha estava já em posição à esquerda do punho.

Soltou a tensão, segurou a flecha com o polegar esquerdo e dobrou os dedos da mão direita.

Sobressaltou-o um súbito toque de trombeta. Todos os trombeteiros e tambores franceses tinham entrado em ação, fazendo uma ruidosa cacofonia que obrigara os genoveses a avançar de novo.

Trepavam a encosta inglesa, os seus rostos, manchas brancas, emolduradas pelo cinzento dos elmos. Os cavaleiros franceses desciam a encosta mas, lentamente e aos arranques, como se tentassem antecipar a ordem de carga.

— Deus está connosco! — exclamou o padre Hobbe. — Mantinha uma posição de arqueiro, com o pé esquerdo à frente, e Thomas viu que o sacerdote estava descalço.

— Que aconteceu às vossas botas, padre?

— Um pobre rapaz precisava mais delas do que eu. Já arranjo um par francês.

Thomas alisou as penas da sua primeira flecha.

— Esperai! — gritou Will Skeat. — Esperai! — Um cão saíra a correr da linha inglesa e o dono gritava-lhe que voltasse e, num segundo, metade dos arqueiros chamava o animal pelo nome.

— Biter! Biter! Vem cá, patife! Biter!

— Silêncio — rosnou Will Skeat, enquanto o cão, completamente confundido corria em direcção às linhas inimigas.

À direita de Thomas, os artilheiros, com os bota-fogos a fumegar, estavam acorados junto às carroças. Os arqueiros encontravam-se dentro destas, com as armas preparadas. O conde de Northampton viera para o meio deles.

— Não devíeis estar aqui, meu senhor — disse Will Skeat.

— O rei arma-o cavaleiro — disse o conde — e ele pensa já poder

dar-me ordens! — Os arqueiros sorriram. — Não mates todos os homens-de-armas, Will — continuou. — Deixa alguns para nós, que só temos espadas.

— Tereis a vossa oportunidade — respondeu, lúgubre, Will Skeat.

— Esperai! — gritou para os arqueiros. — Esperai!

Os genoveses gritavam, à medida que vinham avançando, mas as suas vozes eram abafadas pelo violento troar dos tambores. O Biter voltava a correr para os

ingleses e ouviu-se um clamor quando, por fim, o cão ficou ao abrigo da linha de batalha.

— Não desperdiceis as malditas flechas — gritava Will Skeat. —

Apontai bem, como vos ensinaram as vossas mães!

Os genoveses estavam, por fim, ao alcance dos arcos, mas as flechas não voavam e os homens de gibão encarnado e verde continuavam a avançar, inclinando-se levemente enquanto desciam a encosta. Não vinham direitos aos ingleses, mas num ligeiro ângulo, o que significava que a direita da linha inglesa, onde Thomas se encontrava, seria atingida em primeiro lugar. Era também o local onde a encosta era mais íngreme e Thomas, com o coração aflito, apercebeu-se de que estaria provavelmente no centro do combate. Depois os genoveses detiveram-se, formaram uma linha e soltaram o seu grito de guerra.

— Demasiado cedo — resmungou o conde.

As bestas tomaram posição. Estavam erguidas, pois os genoveses esperavam lançar uma grossa chuva de morte sobre a linha inglesa.

— Disparai! — disse Skeat e Thomas sentiu o coração acelerado ao puxar a corda dura, até junto da orelha direita. Escolheu um homem na linha inimiga, colocou a ponta da flecha directamente entre ele e o seu olho direito, inclinou o arco para a direita, para

compensar o ângulo da arma, depois ergueu a mão esquerda e inclinou-o, para esse lado, pois era essa a direcção do vento, que nem era muito. Não pensara enquanto apontara a arma, era tudo instinto, mas estava ainda nervoso e um músculo estremecia-lhe na perna direita. A linha inglesa estava completamente silenciosa enquanto os besteiros gritavam e os tambores e as trombetas francesas faziam ouvir o seu toque ensurdecedor. A linha genovesa parecia formada por estátuas vermelhas e verdes.

— Vamos, seus bastardos! — resmungou um homem e os genoveses obedeceram-lhe. Seis mil virotes de besta descreveram uma curva no céu.

— Agora — disse Will, com calma surpreendente. E as flechas voaram.

eleanor escondera-se junto à carroça que continha a equipagem dos arqueiros.

Encontravam-se ali trinta ou quarenta mulheres, muitas delas com crianças e todas estremeciam ao ouvirem as trombetas, os tambores e os gritos distantes. Na sua maioria eram francesas ou bretãs, mas nenhuma desejava a vitória do lado oposto, com os seus homens a combater no monte verde.

Eleanor rezou por Thomas, por Will Skeat e pelo pai. As carroças da equipagem tinham sido estacionadas logo abaixo do cume do monte, de modo que não podia ver o que se passava; porém, ouvia a nota profunda e aguda do retesar das cordas dos arcos ingleses e depois a agitação do ar através das penas de milhares de flechas em voo. Estremeceu. Um cão, um dos muitos vadios adoptados pelos arqueiros, aproximou-se da carroça, a ganir. Afagou-o.

— Esta noite temos carne — disse ao animal. Corriam notícias de que o gado capturado em Lê Crotoy chegaria naquele dia ao exército.

Se dele restasse alguém capaz de comer. Os arcos soavam de novo, mais espaçados. As trombetas continuavam a tocar e o troar dos tambores era constante. Olhou para cima, para o cume do monte, esperando ver as flechas no ar, mas apenas divisou uma nuvem cinzenta contra a qual se recortavam dezenas de cavaleiros. Esses homens faziam parte da pequena reserva de tropas do rei e Eleanor sabia que se os visse picar os cavalos e avançar, seria porque a linha

principal fora ultrapassada. O estandarte do rei ondulava na vela mais alta do moinho, agitando-se na brisa para mostrar o doirado, o carmesim e o azul.

O vasto recinto da equipagem estava guardado apenas por duas dezenas de soldados doentes ou feridos, que não durariam mais de um minuto se os franceses irrompessem pela linha inglesa. A equipagem do rei, amontoada em três carroças, pintadas de branco, tinha uma dúzia de homens-de-armas a guardar as jóias reais mas, de contrário, havia apenas o grupo de mulheres e crianças e alguns dos jovens pajens, armados de curtas espadas. Os milhares de cavalos do exército também ali se encontravam, presos à entrada da floresta e vigiados por alguns aleijados. Eleanor reparou que a maior parte dos animais estavam selados como se homens-de-armas e arqueiros os quisessem a postos, no caso de terem de fugir.

Um padre estivera junto à equipagem real, mas quando soaram os arcos apressara-se a partir para o cume e Eleanor sentiu-se tentada a segui-lo. Pensou que seria melhor ver o que se passava, do que esperar ali, junto à entrada da

floresta, temendo o que poderia acontecer. Fez uma festa ao cão e levantou-se, para se dirigir ao cimo do monte mas, nesse momento, viu a mulher que fora ter com Thomas naquela noite húmida na floresta de Crécy. A condessa de Armórica. Ricamente vestida, com um fato vermelho e o cabelo apanhado numa rede de prata, cavalgava uma pequena égua branca de um lado para outro, junto às carroças do príncipe. Fazia de vez em quando uma pausa para fitar o cimo do monte, lançando depois os olhos para a floresta de Crécy-Grange, a poente.

Um estrondo sobressaltou Eleanor, obrigando-a a voltar-se. Nada explicava o terrível ruído que misteriosamente soara como um

trovão, sem que, no entanto, se tivesse visto o relâmpago ou que chovesse e o moinho continuava intacto. Depois, uma coluna de fumo branco acinzentado apareceu sobre as velas dobradas e Eleanor percebeu que os trons tinham sido disparados. Lembrou-se que se chamavam ribaldos e imaginava as suas flechas de ferro enferrujadas a cortarem a encosta.

Olhou de novo para a condessa, mas Jeanette desaparecera.

Tinha cavalgado para a floresta, levando as jóias consigo. Eleanor viu o fato vermelho serpentear por entre as árvores. Assim, a condessa fugira, temendo as consequências da derrota e Eleanor, suspeitando que a mulher do príncipe pudesse saber mais que os arqueiros das perspectivas inglesas, fez o sinal da Cruz. Depois, sem poder aguentar a espera, subiu o monte. Se o seu amante morresse, pensou, queria estar junto a ele.

Outras mulheres a seguiram. Nenhuma falou. Ficaram apenas a olhar. E a rezar pelos seus homens.

a segunda flecha de Thomas estava no ar antes da primeira ter chegado ao ponto mais alto e começado a descer. Pegou na terceira, depois apercebeu-se de que disparara a segunda em pânico e fez uma pausa. Olhou para o céu nublado, estranhamente coberto com as negras flechas, densas como um bando de estorninhos e mais mortíferas que falcões. Não viu virotes de bestas, pegou depois na terceira flecha com a mão esquerda e escolheu um homem na linha dos genoveses. Ouviu-se uma estranha pancada que o sobressaltou e viu uma revoada de virotes genoveses baterem na turfa, junto às covas.

Um instante depois a primeira nuvem de flechas inglesas atingiu o alvo. Dezenas de besteiros foram obrigados a recuar, incluindo aquele que Thomas escolhera

para o seu terceiro disparo; mudou então o alvo para outro homem, puxou a corda até à orelha e deixou a flecha voar.

— Estão a falhar! — exclamou exultante o conde de Northampton e alguns dos arqueiros soltaram impropérios, pensado que falava deles. Mas o nobre referia-se aos virotes genoveses que, enfraquecidos pela chuva, não tinham conseguido chegar aos arqueiros ingleses. Estes, por sua vez, ao verem a possibilidade de uma matança, soltaram uma ruidosa ovação e correram alguns passos pela encosta abaixo.

— Matai-os! — gritou Will Skeat.

Mataram-nos. Os enormes arcos soltaram-se mais uma vez e ainda outra e as flechas de penas brancas voavam pela encosta, para se espetarem na malha e no pano, transformando a parte inferior do monte num campo de morte. Alguns besteiros fugiam a coxear, outros rastejavam e os que se mantinham incólumes recuavam, em vez de disparar as suas armas.

— Apontai bem! — gritava o conde.

— Não desperdiceis flechas! — ordenava Will Skeat.

Thomas disparou de novo, retirou nova flecha da aljava, procurou outro alvo, pois a flecha anterior voara baixo e atingira a perna de um homem. A erva junto à linha genovesa estava cheia de setas que não tinham atingido o alvo mas, haviam acertado mais do que suficientes. A linha genovesa era agora muito mais débil e silenciosa, exceptuando os gritos dos que eram atingidos e os gemidos dos feridos. Os arqueiros avançaram uma vez mais até à beira das covas e uma nova onda de aço despejou-se pela encosta.

Os besteiros fugiram.

A princípio eram uma linha quebrada, ainda com muitos homens por trás dos corpos dos camaradas, depois uma turba em fuga para escapar às setas.

— Deixai de atirar! — gritou Will Skeat. — Basta!

— Basta! — gritou John Armstrong, cujos homens se encontravam à esquerda do bando de Skeat.

— Muito bem! — exclamou o conde de Northampton.

— Para trás rapazes, para trás! — ordenou Will Skeat aos arqueiros. — Sam! David! Ide rapidamente recuperar as flechas —

apontou para a encosta onde, por entre genoveses, mortos e

moribundos, as flechas de ponta branca esta— vam espetadas na erva. — Rápido, rapazes! John! Peter! Ide ajudá-los! Ide!

Os arqueiros corriam ao longo da linha, para as recuperarem mas, logo a seguir, um grito de aviso chegou dos homens que se tinham mantido nos seus postos.

— Para trás! Para trás! — gritou Will Skeat. Os cavaleiros avançavam.

sir Guillaume d'Evecque comandava um conroi de doze homens, no extremo esquerdo da segunda linha de cavaleiros franceses. Diante de si havia a massa da cavalaria, pertencente ao primeiro batalhão e, à sua esquerda, espalhavam-se os homens de infantaria sentados na relva. Atrás deles, o pequeno rio serpenteava pelos prados junto à floresta. À direita, havia apenas um ajuntamento de cavaleiros, a aguardar que os besteiros enfraquecessem a linha inimiga.

Esta parecia tristemente pequena, talvez porque os homens-de-armas estivessem apeados e ocupassem menos espaço que os cavaleiros. Mesmo assim, sir Guillaume reconheceu de má vontade que o rei inglês tinha escolhido bem a sua posição. Os cavaleiros franceses poderiam não assaltar qualquer dos flancos, que estavam ambos bem protegidos por uma aldeia. Não poderiam cavalgar em redor da direita inglesa, guardada pelas terras húmidas, junto ao rio, enquanto que percorrer em círculo à esquerda de Eduardo, implicaria percorrer um longo caminho em redor de Wadicourt. No momento em que de novo os avistassem, já os arqueiros estariam decerto recolocados em linha, para seguirem de encontro à força francesa, entretanto espaçada pela volta enorme. Significava que apenas um ataque frontal poderia trazer-lhes uma rápida vitória, o que, por sua vez, significava cavalgar de encontro às flechas.

— Cabeças baixas, escudos ao alto e mantende-vos juntos —

disse aos seus homens, antes de fechar a viseira do elmo. Depois, sabendo que não iria carregar tão depressa, voltou a erguê-la. Os homens-de-armas mudaram a posição dos cavalos até se encontrarem lado a lado. Dizia-se que o vento não

deveria conseguir soprar por entre as lanças durante a carga de um conroi.

— Vai demorar ainda um pouco — avisou sir Guillaume.

Os besteiros fugitivos corriam pelo monte dominado pelos franceses. Sir Guillaume vira-os avançar e murmurara uma prece silenciosa para que Deus estivesse por trás daqueles genoveses. Que matem alguns dos malditos arqueiros, mas que poupem Thomas. Os tambores martelavam as enormes caixas, agitando os paus como se pudessem derrotar os ingleses só com barulho e sir Guillaume, emocionado pelo momento, poisara o cabo da lança no chão e utilizara-o como apoio para se erguer nos estribos e poder ver, sobre as cabeças dos homens, o que se passava na frente. Vira os genoveses soltarem os virotes, vira os projecteis, como uma rápida neblina no céu; depois os ingleses haviam disparado, as suas flechas pareciam uma mancha negra contra a verde encosta e as nuvens cinzentas e sir Guillaume apercebera-se de que os genoveses vacilavam. Olhara nessa direcção, para poder ver cair os arqueiros, mas pelo contrário, estes avançavam, continuando a disparar. Depois, os dois flancos da pequena linha inglesa tinham-se erguido numa onda branca, enquanto os trons juntavam os seus projecteis à nuvem de setas que girava pela encosta abaixo. O cavalo agitou-se com o eco dos canhões a ressoar pelo vale e sir Guillaume fez estalar a língua e sentou-se de novo na sela. Não podia afagar o animal, pois tinha a lança na mão direita e, com o braço esquerdo, sustentava o escudo com os três falcões amarelos num campo azul.

Os genoveses tinham desbaratado. A princípio sir Guillaume não quis acreditar, julgando que talvez o comandante tentasse enganar os arqueiros inimigos, provocando uma indisciplinada perseguição, que os espalharia pelo sopé do monte, onde as bestas se voltariam contra eles. Porém, os ingleses não se moveram e os genoveses em fuga não se detiveram. Corriam, deixando atrás uma densa linha de mortos e moribundos, trepando agora em pânico, na direcção dos cavaleiros franceses.

Entre estes soou um grito de fúria que logo se transformou num enorme clamor.

— Cobardes! — gritou um homem junto de sir Guillaume.

O conde de Alençon sentiu invadi-lo uma onda de pura raiva.

— Foram pagos! — disse em tom de desprezo para um companheiro. — Bastardos, aceitaram um suborno!

— Derrubai-os! — exclamou o rei, do seu posto, à entrada do bosque de faias.
— Derrubai-os!

O irmão ouviu-o e imediatamente lhe quis obedecer. O conde encontrava-se na segunda linha, não na primeira, mas picou o cavalo, meteu-se por uma abertura entre dois homens do conroi principal e gritou aos seus homens que o seguissem.

— Derrubai-os! — gritou. — Derrubai os bastardos!

Os genoveses encontraram-se condenados entre os cavaleiros e a linha inglesa, pois por todo o monte os franceses começavam a avançar. Homens raivosos do segundo batalhão envolviam-se no conrois da primeira linha, formando uma massa irregular de pendões, lanças e cavalos. Deveriam ter conduzido as montadas pelo monte abaixo, para se manterem em ordem e todos juntos, até chegarem à encosta do outro lado, mas, pelo contrário, partiram a toda a pressa, conduzidos pelo ódio aos seus próprios aliados e tentando ultrapassar-se uns aos outros, para os matar.

— Nós ficamos! — gritou aos seus homens Guy Vexille, conde de Astarac.

— Esperai! — exclamou sir Guillaume. Seria melhor deixar terminar a primeira carga desenfreada, sem se juntar à loucura.

No monte ficaram talvez metade dos cavaleiros franceses. O

resto, conduzido pelo irmão do rei, cavalgou atrás dos genoveses. Os besteiros tentavam fugir. Corriam pelo vale numa tentativa de atingir os extremos sul ou norte, mas a massa de cavaleiros atropelou-os e não houve saída possível. Alguns, mais sensatos, atiraram-se ao chão e enrolaram-se, outros acocoraram-se nas valas baixas, mas a maioria morreu ou ficou ferida quando os cavaleiros carregaram sobre eles. Os corcéis eram animais enormes, com cascos como martelos, treinados para derrubar homens. Os genoveses gritavam, ao serem atingidos e pisados.

Alguns cavaleiros atacavam os besteiros com lanças que, com o peso do cavalo e de um homem armado facilmente atravessavam as suas vítimas; porém, essas armas foram todas perdidas, deixadas nos troncos contorcidos dos mortos e obrigando depois os cavaleiros a erguerem as espadas. Por momentos houve o caos no fundo do vale, com os cavaleiros a perseguir os besteiros por mil

atalhos. Depois ficaram apenas os restos mutilados dos mercenários genoveses, com os gibões verdes e vermelhos encharcados em sangue e as armas destruídas na lama.

Os cavaleiros, já com uma vitória fácil nas mãos, aclamavam-se uns aos outros.

— Montjoie Saint Denis! — gritavam. — Montjoie Saint Denis!

Centenas de bandeiras avançavam, transportadas pelos cavaleiros, ameaçando ultrapassar a auriflama. Contudo, os cavaleiros das fitas vermelhas, que guardavam o pendão sagrado, picaram os cavalos para a frente da carga, gritando o seu desafio, ao partirem pela encosta em direcção aos ingleses, subindo do fundo do vale agora cheio de cavaleiros. As restantes lanças foram recolhidas, as esporas recuaram, mas alguns dos homens mais sensatos, que tinham ficado para trás, aguardando o assalto seguinte, não escutaram o troar dos cascos proveniente de uma enorme carga.

— Estão a pisar a lama — disse sir Guillaume sem, se dirigir a ninguém em particular.

No terreno baixo, amolecido pela chuva, a lama, espalhada pelos cascos, salpicava caparazões e túnicas. Por momentos a carga pareceu vacilar, depois os cavaleiros que a comandavam saíram do fundo húmido do vale e encontraram melhor terreno no monte inglês.

Afinal, Deus estava com eles e podiam soltar o seu grito de guerra.

— Montjoie Saint Denis!

O som dos tambores era mais rápido que nunca, as trombetas berravam ao céu e os cavalos subiam em direcção ao moinho.

— Imbecis — disse Guy Vexille.

— Pobres almas — disse sir Guillaume.

— Que se passa? — perguntou o rei, interrogando-se porque seria que o seu cuidadoso ordenamento das linhas de batalha fora quebrado, mesmo antes do início do combate.

Porém, ninguém lhe respondeu. Limitaram-se a olhar.

— Jesus, Maria e José! — exclamou o padre Hobbe, parecendo-lhe que metade dos cavaleiros da cristandade vinha a subir o monte.

— Em linha! — gritou Will Skeat.

— Deus esteja convosco! — exclamou o conde de Northampton, retirando-se para se reunir com os seus homens-de-armas.

— Apontai aos cavalos! — ordenou John Armstrong, aos seus homens.

— Os bastardos atropelaram os próprios besteiros — disse Jake com assombro.

— Então vamos matar esse maldito! — exclamou Thomas, vingativo. A carga aproximava-se da linha dos genoveses mortos na tempestade de flechas. Para Thomas, que olhava o monte, o ataque parecia uma agitação de caparazões garridos, escudos coloridos, lanças pintadas e numerosos pendões e agora, como os cavalos tinham já saído do solo molhado, os arqueiros ouviam os cascos ainda mais ruidosos que os tímbores do inimigo. O solo estremecia fazendo Thomas sentir a vibração através das solas gastas das suas botas, presente de sir Guillaume. Procurou os três falcões mas, não os vendo, esqueceu imediatamente o cavaleiro, ao mesmo tempo que a sua perna esquerda avançava e o braço direito recuava. Sentiu junto à boca as penas da flecha e beijou-as, depois fixou o olhar num homem que transportava um escudo negro e amarelo.

— Agora! — gritou Will Skeat.

As flechas subiram, assobiando. Thomas meteu outra na corda, puxou-a e disparou. Uma terceira, desta vez escolhendo um soldado com um elmo em forma de focinho de porco, decorado com fitas vermelhas. Apontava sempre aos cavalos, esperando conseguir enfiar as setas afiadas através dos caparazões almofadados, e fazê-las penetrar fundo no peito dos animais. Uma quarta flecha. Via os bocados de terra e erva saltarem atrás das patas dos primeiros cavalos.

A primeira flecha estava ainda no ar quando começou a retirar a quarta da aljava e procurou outro alvo. Fixou-se num homem sem túnica com um armadura de metal polido. Disparou mas, nessa altura o homem caiu para diante, enquanto o cavalo era atingido por outra flecha. Ao longo da encosta havia apenas cavalos a relinchar, cascos a bater e homens caídos; as flechas inglesas tinham atingido o

alvo.

Uma lança girou, subindo a encosta, um grito soou, por sobre o barulho dos cascos, um cavalo tropeçou noutro animal morto e partiu uma perna e os cavaleiros apertavam os joelhos de encontro às montadas, para as afastar das que já estavam mortas. Uma quinta flecha, uma sexta e, para os homens de armas por trás da linha de arqueiros, parecia que o céu estava repleto de um nunca acabar de setas de ponta branca, mais escuras que as nuvens, erguendo-se sobre a encosta, para depois mergulharem, ferindo os agitados soldados.

Dezenas de cavalos tinham caído, os cavaleiros presos nas altas selas, eram pisados no chão, impotentes. Mesmo assim, chegavam outros e os homens na retaguarda apercebiam-se de que havia intervalos entre os montes de moribundos que se contorciam, para logo morrerem.

— Montjoie Saint Denis! Montjoie Saint Denis!

As esporas recuavam e faziam sangue. Para Thomas, a encosta era

um pesadelo de agitados cavalos, de dentes amarelos e olhos brancos, de longas lanças e escudos espetados pelas setas, de lama, de pendões e de elmos cinzentos, com fendas para os olhos e orifícios para o nariz. Agitavam-se as bandeiras, conduzidas por uma enorme flâmula vermelha. Disparou uma e outra vez lançando as flechas para aquela loucura, porém, por cada cavalo caído outro tomava o seu lugar e ainda mais outro, lá atrás. Havia setas espetadas nos caparazões, nos cavalos nos homens, até nas lanças, as penas brancas estremecendo à medida que a carga estava mais próxima.

Depois a primeira ala francesa encontrou-se entre as covas; estalou o osso da perna de um corcel e o relincho do animal foi mais sonoro que os tambores, as trombetas, o entrechocar da malha e o bater dos cascos. Alguns homens contornavam os buracos, mas outros caíam levando os cavalos atrás de si. Os franceses tentavam acalmar as montadas e voltá-las, mas a carga estava agora em curso e os homens de trás empurravam os da frente de encontro às covas e às flechas. O arco bateu na mão de Thomas e a flecha que lançara enfiou-se na garganta de um homem, cortando-lhe a malha da cota como se fosse linho e obrigando-o a recuar e a erguer a lança ao céu.

— Para trás! — gritava Will Skeat. A carga estava muito próxima.

Demasiado próxima. — Para trás! Para trás! Para trás! Agora! Vão!

Os arqueiros correram para as aberturas deixadas por entre os homens-de-armas e os franceses vendo desaparecer aqueles que os atormentavam, soltaram uma enorme ovação.

— Montjoie Saint Denis!

— Escudos! — gritou o conde de Northampton e os homens-de-armas ingleses juntaram-nos e ergueram as lanças para formar uma barreira de pontas.

— São Jorge! — gritou o conde. — São Jorge!

— Montjoie Saint Denis!

— Muitos cavaleiros tinham ultrapassado as flechas e as covas e mais homens-de-armas subiam o monte.

E agora, por fim, a carga atingia o seu alvo.

dizem os entendidos que, se lançasse uma ameixa de encontro a um conroi, esta seria atravessada por uma lança. Era assim que os cavaleiros se deveriam manter unidos durante uma carga, pois desse modo haveria a possibilidade de que sobrevivessem. Porém, se o conroi se dividisse, cada um dos homens acabaria rodeado pelos inimigos. Os mais experientes contavam aos mais jovens que o vizinho numa carga de cavalaria, deveria ser-lhes mais próximo que uma esposa. Mais ainda, do que uma rameira. Porém, a primeira carga francesa fora um violento galope, e os homens espalharam-se depois de terem dizimado os genoveses e a confusão foi ainda maior enquanto subiam o monte para enfrentarem o inimigo.

A carga não deveria ser um violento galope, mas sim um assalto assustador, com ordem e disciplina. Os homens alinhados lado a lado, deveriam ter partido lentamente, todos juntos e só no último minuto terem picado as montadas para espetar ao mesmo tempo todas as lanças no alvo. Era assim que homens e corcéis estavam treinados para carregar. O instinto do cavalo, ao ter de enfrentar uma linha cerrada de homens ou de cavalaria era recuar, mas os enormes garanhões tinham sido violentamente treinados para continuarem a correr, atirando-se contra o inimigo e mantendo-se em movimento, esmagando, mordendo e escoiceando. Uma carga de cavaleiros deveria ser uma morte

trovejante sobre cascos, um malhar de metal

conduzido por um imenso peso de homens, cavalos e armaduras e, devidamente realizada, produzia um vasto número de viúvas.

Porém, os homens do exército de Filipe que tinham sonhado fazer o inimigo em tiras, dizimando os assombrados sobreviventes, não tinham contado com arqueiros e covas. Quando a primeira carga indisciplinada de franceses atingiu os homens-de-armas ingleses, estava já fragmentada e fora depois reduzida a passo devido à longa encosta, suave e convidativa, que acabara por se transformar numa corrida de obstáculos sobre cavalos mortos, cavaleiros derrubados, flechas sibilantes e poços que, escondidos na relva, partiam as pernas às montadas. Apenas uma meia dúzia de homens conseguiu aproximar-se do inimigo.

Estes aceleraram nos últimos metros, apontando as lanças aos homens-de-armas apeados, para serem recebidos por armas idênticas que se apoiavam no chão e se ergueram para espetar os peitos dos animais. Os garanhões atiraram-se de encontro às lanças, deram meia volta e derrubaram os franceses. Os soldados ingleses avançaram com machados e espadas para acabar com eles.

— Mantende-vos em linha — gritou o conde de Northampton.

Mais cavalos tropeçavam nas covas, sem arqueiros na frente para lhes abrandar a marcha. Eram as terceira e quarta alas da carga francesa.

Tinham sofrido menos danos das flechas e vinham ajudar os companheiros no ataque a linha inglesa que ainda lhes respondia com lanças. Soltavam gritos de batalha, investiam com espadas e machados e os cavalos moribundos arrastavam as lanças inimigas, para que os franceses pudessem, enfim, cercar os homens-de-armas. O

aço batia no aço, mas cada cavaleiro tinha de enfrentar dois ou três soldados e os franceses estavam a ser arrastados das selas e

esquartejados no chão.

— Nada de prisioneiros! — gritou o conde de Northampton. —

Nada de prisioneiros!

Eram aquelas as ordens do rei. Fazer um prisioneiro, significava uma possível riqueza, mas também um momento de cortesia para perguntar se o inimigo de fato se rendia e os ingleses não tinham tempo para tais delicadezas. Precisavam apenas de matar os cavaleiros que continuavam a aparecer no monte.

O rei, assistindo por baixo das velas do moinho que rangiam quando o vento torcia as suas cordas, viu que os franceses tinham ultrapassado os arqueiros apenas à direita, onde o filho combatia, onde a linha mais se aproximava do inimigo e onde a encosta era mais suave. A grande carga fora impedida por flechas, mas tinham sobrevivido cavaleiros mais do que suficientes que avançavam agora a toda pressa para o local onde já soavam espadas. Quando a carga começara, os franceses tinham-se espalhado por todo o campo, mas depois iam-se juntando, para formar uma cunha, à medida que os homens que enfrentavam a esquerda inglesa se afastavam dos arqueiros e acrescentavam o seu peso aos cavaleiros e homens-de-armas que atacavam o batalhão do Príncipe de Gales. Centenas de cavaleiros andavam ainda em círculo pelo fundo lamacento do vale, nada desejosos de enfrentar pela segunda vez uma tempestade de setas. Porém, os marechais franceses obrigaram-nos a formar de novo e enviavam-nos pelo monte acima, em direcção à refrega cada vez mais violenta, que se travava sob os pendões de Alençon e do Príncipe de Gales.

— Deixai-me ir até lá, senhor — implorou o bispo de Durham, deselegante na sua pesada cota de malha e empunhando a enorme

clava com espigões.

— Não vão passar — disse Eduardo, em voz baixa. A sua linha de homens-de-armas tinha quatro alas e apenas as primeiras duas combatiam, mas combatiam bem. A maior vantagem de um cavaleiro sobre a infantaria era a rapidez, mas a carga francesa fora destituída de velocidade. Os cavaleiros eram forçados a seguir a passo, para ultrapassarem os cadáveres e as covas, e não havia espaço em frente, para pôr a trote as montadas antes de se defrontarem com a cruel defesa de machados, espadas, clavas e lanças. Os franceses investiam, mas os ingleses erguiam bem alto os escudos, metendo as lâminas nos ventres dos cavalos ou passando-lhes as espadas pelos jarretes. Os corcéis caíam, relinchando e escoiceando, partindo as pernas dos homens com os movimentos bruscos mas, cada cavalo por terra era mais um obstáculo acrescentado e, embora violento, o assalto francês não conseguia ultrapassar a linha. Nenhum pendão inglês caíra ainda por terra, embora o rei temesse pela colorida bandeira

do filho, que era a que mais próxima estava de um combate violento.

— Haveis visto a auriflama? — perguntou aos membros do seu séquito.

— Caiu, senhor — disse um cavaleiro da casa real, apontando para a encosta, onde um monte de cavalos mortos e homens feridos era tudo o que restava do primeiro ataque francês.

— Algures por ali. Flechas.

— Deus abençoe as flechas — respondeu o rei.

Um conroi de catorze franceses conseguiu ultrapassar ileso todos os buracos.

— Montjoie Saint Denis! — gritavam, com as lanças em riste, enquanto picavam os cavalos para entrar na refrega, sendo recebidos

pelo conde de Northampton e por mais uma dezena de homens.

O conde usava uma lança quebrada como pique e, metendo a haste partida no peito de um cavalo, sentiu-a deslizar na armadura escondida pelo caparazão, o que instintivamente o fez erguer o escudo. Uma clava chocou contra ele fazendo penetrar um dos espigões no couro e na madeira de salgueiro. Mas o conde deixou cair a lança pois tinha a espada presa a uma correia, agarrou-lhe o punho e enfiou-a na pata do cavalo, obrigando o animal a girar sobre si.

Libertou o escudo do espigão da clava, brandiu a espada em direcção ao cavaleiro que aparou o golpe, mas depois, um soldado agarrou na arma do francês e puxou. Este fez o mesmo, mas o conde ajudou e o francês soltou um grito ao ser derrubado aos pés dos ingleses. Uma espada entrou-lhe na armadura no sítio do baixo-ventre obrigando-o a dobrar-se; depois uma clava bateu-lhe no elmo, deixando-o a estrebuchar, enquanto o conde e os seus homens lhe passavam por cima do corpo, para atacar o cavaleiro seguinte e a sua montada.

O Príncipe de Gales picou o cavalo para entrar na refrega e tornou-se notado pelo filete dourado que lhe rodeava o elmo escuro.

Tinha apenas dezasseis anos, era bem constituído, forte, alto e soberbamente treinado. Afastou um machado com o escudo e cortou com a espada a cota de malha de outro cavaleiro.

— Desmontai do maldito cavalo! — gritou o conde de Northampton. — Desmontai do maldito cavalo! — Correu em direcção ao Príncipe, pegou-lhe nas rédeas e afastou o animal do combate. Um francês picou a sua montada, tentando atingir com a lança as costas de Eduardo, mas um homem-de-armas com a libré verde e branca bateu com o escudo no focinho do corcel, o animal deu uma volta e afastou-se.

O conde obrigou o príncipe a recuar.

— Vêem um homem a cavalo, senhor — exclamou — e pensam logo que é francês.

O príncipe acenou com a cabeça. Neste momento já os cavaleiros da sua casa real tinham chegado junto dele e ajudavam-no a descer da sela. Nada disse. Se se sentiu ofendido pelo conde, escondeu-o por trás da viseira e voltou para o combate.

— São Jorge! São Jorge! — O porta-estandarte do príncipe esforçava-se por acompanhar os seu amo e a bandeira ricamente bordada atraía ainda mais franceses em fúria.

— Em linha — gritava o conde. — Em linha! — Porém, os cavalos mortos e os homens espartilhados transformavam-se em obstáculos que nem os franceses, nem os ingleses conseguiam ultrapassar, obrigando os homens-de-armas, conduzidos pelo príncipe a tropeçarem nos corpos para chegar ao inimigo. Um cavalo esventrado arrastou as tripas em direcção aos ingleses, depois dobrou os quartos dianteiros, lançando o seu cavaleiro na direcção do príncipe que imediatamente bateu com a espada no elmo do homem, lacerando-lhe a viseira e fazendo jorrar o sangue das fendas dos olhos.

— São Jorge! — o Príncipe exultava, com a armadura negra manchada de sangue do inimigo. Combatia com a viseira erguida, pois de contrário não conseguia ver bem e estava a adorar aquele momento. Provavam ter valido a pena as horas e horas de treino de armas, os dias estafantes em que os sargentos o tinham exercitado, batendo-lhe no escudo e soltando impropérios por ele não erguer bem alto a ponta da espada. Não queria mais nada da vida: uma mulher no acampamento e o inimigo aparecendo às centenas para ser morto.

A cunha francesa alargava-se, à medida que mais homens subiam o monte. Não tinham ultrapassado a linha, mas tinham puxado as duas primeiras alas inglesas

sobre um amontoado de mortos e feridos, dividindo os soldados em grupos de homens que se defendiam contra uma turba de cavaleiros. O príncipe encontrava-se entre eles. Alguns franceses, sem cavalo, mas incólumes, lutavam apeados.

— Avante! — gritou o conde de Northampton para a terceira ala.

Já não era possível manter a apertada muralha de escudos. Tinha de entrar no meio do horror para proteger o príncipe e os homens seguiram-no para dentro do turbilhão de cavalos, lâminas e carnificina. Tropeçavam nos cavalos mortos, tentavam evitar os cascos dos animais moribundos e enfiavam as espadas nos vivos para derrubar os cavaleiros que depois esquartejavam no chão.

Cada francês tinha dois ou três peões ingleses contra quem combater e apesar dos cavalos arreganharem os dentes e baterem com os cascos e os cavaleiros brandirem as espadas à direita e à esquerda, os ingleses apeados acabavam por mutilar, invariavelmente, os corcéis, fazendo com que cada vez mais franceses caíssem sobre a erva pisada, para serem mutilados ou apunhalados até à morte. Alguns franceses, embora reconhecendo a futilidade, recuavam para trás dos buracos para formar novos conrois entre os sobreviventes. Os escudeiros trouxeram-lhes novas lanças e os cavaleiros, de novo armados e sedentos de vingança, voltavam para a luta, cavalgando sempre em direcção à colorida bandeira do príncipe.

O conde de Northampton estava agora próximo do pendão.

Bateu com o escudo no focinho de um animal, cortoulhe as pernas e apunhalou a coxa do cavaleiro. Da direita surgiu um novo conroi, com três homens, ainda empunhando as lanças, e outros com

espadas bem erguidas. Batiam nos escudos da guarda pessoal do príncipe, obrigando esses homens a recuar, mas outros, de verde e branco, vieram em seu auxílio e o príncipe afastou dois deles para atingir o pescoço de um corcel. O conroi recuou deixando para trás dois cavaleiros mortos.

— Formai linha! — gritou o conde. — Formai linha!

Houve uma acalmia na luta em redor do estandarte do príncipe, enquanto os franceses se reagrupavam.

E, nesse momento, o segundo batalhão francês, tão grande como o primeiro, começou a descer o monte. Vinham a passo, lado a lado, com as lanças tão juntas que o vento não poderia passar entre elas.

Mostravam o que era uma formação.

Os trovejantes tambores impeliavam-nos. As trombetas enchiam o céu.

E os franceses chegavam para terminar a batalha.

— oito — disse Jake.

— Três — disse Sam a Will Skeat.

— Sete — disse Thomas.

Contavam as flechas. Nenhum arqueiro tinha ainda morrido, pelo menos no bando de Will Skeat, mas as flechas eram perigosamente escassas. Skeat continuava a olhar sobre as cabeças dos homens-de-armas, temendo que os franceses passassem, mas a linha aguentava. De vez em quando, quando não havia no caminho qualquer cabeça ou pendão inglês, um arqueiro soltava uma das preciosas flechas em direcção a um cavaleiro, mas quando a seta era desperdiçada por embater num elmo, Skeat dizia-lhes que poupassem as que ainda tinham. Um rapaz trouxera da equipagem uma dezena de odres com água e os homens passavam-nos entre si.

Skeat contou as flechas e abanou a cabeça. Ninguém tinha mais que dez, enquanto que o padre Hobbe, que admitia ter começado com menos que os outros, não tinha nenhuma.

— Ide ao cimo do monte, padre — pediu Skeat ao sacerdote. —

Vede se guardaram flechas. Pode ser que os arqueiros do rei tenham algumas que nos possam dispensar. O capitão chama-se Hal Crowley e é meu conhecido. De qualquer forma, perguntai-lhe — não parecia ter grandes esperanças. — Pronto rapazes, por aqui! — disse para os outros, e conduziu-os ao extremo sul da linha inglesa, que os

franceses não tinham bloqueado e depois para a frente dos homens-de-armas, para reforçar outros arqueiros que, com tão poucas flechas como os restantes,

mantinham um desorganizado assédio a qualquer grupo de cavaleiros que lhes ameaçassem as posições. Os trons continuavam a disparar intermitentes, junto ao campo de batalha, cuspidos um ruidoso fedor a fumo de pólvora. Porém, Thomas poucas provas via de que os ribaldos matassem franceses, embora o ruído e o assobio dos seus projecteis de ferro, mantivesse o inimigo montado, bem longe do flanco.

— Vamos esperar aqui — disse Skeat, praguejando em seguida, ao ver a segunda linha francesa abandonar o cume do monte distante.

Não se aproximava como a primeira, num caos entrecortado, mas com firmeza e em boa ordem. Skeat fez o sinal da Cruz.

— Rezai para que venham flechas — disse.

O rei observava o filho a combater. Ficara em cuidados, ao vê-lo avançar montado, mas acenou uma silenciosa aprovação quando viu que o jovem tivera o bom senso de desmontar. O bispo de Durham insistia para ser autorizado a partir em auxílio de Eduardo, mas o rei abanou a cabeça.

— Tem de aprender a vencer um combate — fez uma pausa. —

Eu aprendi. O rei não tinha a mínima intenção de se meter naquele horror, não por temer a luta, mas porque, uma vez misturado com os cavaleiros franceses, não poderia observar o resto da sua linha. O seu dever era ficar junto ao moinho e enviar reforços às partes mais ameaçadas do exército. Os homens da sua reserva imploravam continuamente que lhes permitisse entrar na refrega, mas o rei recusava-se obstinadamente, mesmo depois de os ouvir queixarem-se de que ficariam com a honra manchada por não combaterem. O

monarca não se atrevia a deixálos ir, pois observava o segundo batalhão francês a descer o monte e sabia que os devia conservar para o caso de uma forte invasão de cavaleiros lhe danificar a linha.

A segunda linha francesa, com quase uma milha de largura e com três ou quatro alas de fundo, descia a encosta, com os cavalos pisando os mutilados cadáveres genoveses.

— Formai! — gritavam os chefes do conroi, depois de terem ultrapassado os corpos dos besteiros e os homens obedeceram formando, de novo, lado a lado,

cavalgando no terreno mais mole.

Os cascos não se ouviam praticamente sobre o solo húmido, de modo que os maiores ruídos da carga eram apenas o tinir das cotas de malha, o bater das bainhas e o varrer dos caparazões sobre a erva alta.

Os tambores continuavam a tocar no monte, mas as trombetas ficaram mudas.

— Vedes o pendão do príncipe? — perguntou Guy Vexille a sir Simon Jekyll, que cavalgava a seu lado.

— Ali — Jekyll apontava com a arma para o local onde a refrega parecia mais violenta. Todo o conroi de Vexille tinha virolas nas lanças, colocadas a seguir à ponta, para que as hastes de madeira não se enfiassem no corpo das vítimas. Uma lança com virola podia ser arrancada de um mori— bundo e usada novamente. — A bandeira mais alta — acrescentou sir Simon.

— Segui-me! — gritou Vexille, fazendo sinal a Henry Colley, que recebera a incumbência de ser porta-estandarte. Sentia-se descontente com tal função, pensando que deveria ter sido autorizado a combater com lança e espada, mas sir Simon afirmara-lhe ser um privilégio transportar a lança de São Jorge e Colley viu-se forçado a aceitar.

Assim que entrasse na refrega, planeava ver-se livre da haste inútil

com a sua bandeira vermelha mas, por enquanto, erguia-a bem alto, enquanto cavalgava à frente da bem organizada linha. Os homens de Vexille seguiam o seu pendão e a partida do conroi deixou uma abertura na formação francesa. Alguns homens gritaram furiosos, acusando mesmo Vexille de cobardia, mas o conde de Astarac ignorou os insultos ao atravessar a traseira da linha até ao ponto em que julgou estarem os seus cavaleiros precisamente em posição oposta aos homens do príncipe e, encontrando aí uma abertura fortuita, meteu a montada nesse espaço e deixou que os homens o seguissem, o melhor que podiam.

Trinta passos à esquerda de Vexille, um conroi com insígnias mostrando falcões amarelos num campo azul, trotava subindo a encosta inglesa. Vexille não viu o pendão de sir Guillaume, nem este divisou o yale da insígnia inimiga. Observavam ambos o monte em frente, interrogando-se quando disparariam os arqueiros e admirando a bravura dos sobreviventes das primeiras cargas, que repetidamente se afastavam uns passos, formavam de novo e investiam sobre a

teimosa linha inglesa. Nenhum deles parecia ameaça para o inimigo, mas, mesmo assim, tentavam, apesar de feridos e das montadas coxas. Depois, quando a segunda carga francesa se aproximou da linha dos genoveses mortos pelos arqueiros ingleses, soaram as trombetas no monte francês, os cavalos espetaram as orelhas e tentaram passar a galope. Os homens contiveram os corcéis e voltaram-se desajeitadamente nas suas selas para espreitarem pelas fendas da viseira e saberem a razão dos toques. Viram então que o último dos cavaleiros franceses, o rei e os guerreiros da sua casa, bem como o rei cego da Boémia e os seus companheiros, avançavam a trote, juntando à matança o seu peso e as suas armas. O rei de França

cavalgava sob o seu pendão azul, salpicado de flores-de-lis douradas, enquanto a bandeira do rei da Boémia mostrava três plumas brancas num campo vermelho-escuro. Todos os cavaleiros de França estavam agora envolvidos. Os tambores transpiravam, os padres rezavam e os trombeteiros reais tocavam uma grande fanfarra como presságio de morte para o exército inglês.

O conde de Alençon, irmão do rei, que dera início à carga enfurecida que tantos franceses deixara mortos na distante encosta, tinha morrido, com uma perna partida, ao cair do cavalo, e o crânio esmagado por uma machado inimigo. Os homens que comandava, e que tinham sobrevivido estavam desorientados, picados pelas flechas, cobertos de suor e cansados, mas continuavam a combater, voltando os cavalos estafados para agredir com espadas, clavas e machados homens-de-armas que aparavam os golpes com escudos e agrediam com as suas espadas as patas dos animais. Depois uma nova trombeta soou, muito mais perto da refrega. Alguns cavaleiros, ouvindo as notas umas a seguir às outras, três a três e apressadas, registaram o aviso e perceberam que lhes davam ordem de se afastarem. Não ordem de retirar, mas de abrir caminho, pois o maior ataque estava ainda para vir.

— Deus salve o rei — disse severamente Will Skeat, já que lhe restavam dez flechas e meia França avançava na sua direcção.

thomas notou o invulgar ritmo da batalha, nos estranhos abrandamentos de violência e na súbita ressurreição do horror. Os homens combatiam como demónios e pareciam invencíveis e depois, quando os cavaleiros se afastavam para se reagruparem, encostavam-se aos escudos e armas, parecendo próximos da morte. Os cavalos mexiam-se de novo, as vozes inglesas gritavam avisos e os homens-de-armas endireitavam-se e erguiam as espadas amolgadas. O barulho

no monte era espantoso: de vez em quando, soavam os canhões, que pouco mais faziam que encher o campo de batalha com o negro fedor do inferno; ouviam-se relinchar os cavalos, o eco do bater do ferreiros nas armas e os homens ofegantes, aos gritos, a gemer. Os cavalos moribundos mostravam os dentes e batiam na erva. Thomas limpou o suor dos olhos e fitou a longa encosta coberta de animais mortos, às dezenas, talvez mesmo às centenas. Por trás, já junto aos corpos dos genoveses que tinham morrido sob o ataque das flechas, ainda mais cavaleiros se aproximavam sob uma nova onda de coloridas bandeiras. Sir Guillaume? Onde estaria? Estaria vivo? Depois Thomas apercebeu-se de que a primeira carga tão terrível, em que as flechas tinham morto tantos cavalos e homens, fora apenas um prelúdio. A verdadeira batalha ia agora começar.

— Will! Will! — a voz do padre Hobbe chamava, vinda de algures, por trás dos homens-de-armas. — Sir William!

— Aqui, padre!

Os homens-de-armas abriram caminho para o padre, que trazia uma braçada de feixes de flechas e vinha acompanhado por um assustado rapazinho que transportava ainda mais.

— Uma oferta dos arqueiros reais — disse o padre Hobbe e espalhou os feixes sobre a erva. Thomas viu que tinham as penas vermelhas dos arqueiros do rei. Pegou na faca, cortou o cordão que as prendia e meteu-as na aljava.

— Em linha! Em linha! — gritava o conde de Northampton já rouco. Tinha uma profunda moxa no elmo, sobre a têmpora direita e a túnica manchada de sangue. O Príncipe de Gales gritava insultos aos franceses, que retiravam os cavalos, recuando por entre um emaranhado de mortos e feridos.

— Arqueiros! — chamou o conde, enviando de novo o príncipe para junto dos homens-de-armas que se incorporavam lentamente na formação. Dois deles recuperavam as lanças caídas do inimigo, para armarem de novo a ala da frente.

— Arqueiros! — chamou de novo o conde.

Will Skeat fez voltar os homens à sua antiga posição, diante do conde.

— Aqui estamos, meu senhor.

— Tendes flechas?

— Algumas.

— Serão bastantes?

— Algumas — respondeu Skeat, teimoso.

Thomas afastou uma espada partida que se lhe metera debaixo dos pés. Dois ou três passos à sua frente estava um cavalo morto, com moscas a cobrirem-lhe os enormes olhos brancos e o sangue

brilhando-lhe no focinho negro. O caparazão era branco e amarelo e o cavaleiro que o montara estava debaixo dele, com a viseira erguida.

Muitos franceses e quase todos os ingleses lutavam assim. Thomas viu fitarem-no os olhos do morto que, de repente, pestanejaram.

— Meu Deus — disse Thomas, como se tivesse visto um fantasma.

— Tende piedade — murmurou o homem em francês. — Por amor de Cristo, tende piedade.

Thomas não conseguia ouvi-lo, pois o ar estava cheio do troar dos cascos e do clamor da trombetas.

— Deixai-os! Estão derrotados! — gritou Will Skeat, porque alguns dos seus homens erguiam já os arcos contra esses cavaleiros que tinham sobrevivido à primeira carga e se tinham afastado para voltar a alinhar as suas alas ao alcance dos arcos. — Esperai! — gritou Skeat. — Esperai!

Thomas olhou à esquerda. Havia mortos e cavalos a cobrir mais de uma milha da encosta, mas parecia que os franceses tinham penetrado na linha inglesa apenas no local onde se encontrava. Agora voltavam. Limpou o suor da testa e ficou a ver a carga subir a encosta.

Desta vez vinham lentamente, mantendo a disciplina. Um cavaleiro francês da ala da frente, usava no elmo plumas extravagantes, amarelas e brancas, como se participasse num torneio. Thomas pensou que era um homem morto, pois nenhum arqueiro resistiria a um alvo tão flamejante.

Thomas voltou-se para olhar a carnificina. Haveria ingleses entre os mortos? Parecia impossível que não os houvesse, mas não via nenhum. Um francês com uma flecha enfiada numa perna, andava em círculo por entre os cadáveres, e depois caiu de joelhos. Tinha a

cota de malha cortada na cintura e a viseira do elmo presa apenas por um cravo. Por uns instantes, com as mãos enclavinadas sobre o punho da espada, parecia estar em oração, depois caiu lentamente para a frente. Um cavalo ferido relinchou. Um homem tentou erguer-se e Thomas viu-lhe a cruz vermelha de São Jorge no braço, bem como as cores vermelha e amarela do conde Oxford no saiote. Afinal, havia também baixas inglesas.

— Esperai! — gritou Will Skeat e Thomas ergueu os olhos, para ver que os cavaleiros estavam mais perto, muito mais perto. Retesou o arco negro. Tinha disparado tantas flechas que os dois dedos calejados da sua mão direita estavam efectivamente feridos, e o lado da mão esquerda avermelhado do movimento das penas de ganso a roçarem-lhe a pele. Doíam-lhe os longos músculos das costas e dos braços. Tinha sede.

— Esperai! — gritou de novo Skeat e Thomas aliviou o arco umas polegadas. A ordem da segunda carga fora quebrada pelos corpos dos besteiros, mas os cavaleiros formavam de novo e estavam já ao alcance dos arcos. Porém Will Skeat, sabendo as poucas flechas que tinham, queria aproveitar todas elas.

— Apontai bem, rapazes — gritava. — Não as podemos desperdiçar, portanto apontem bem! Matem os malditos cavalos.

Os arcos esticavam-se ao máximo e a corda mordeu como fogo os dedos feridos de Thomas.

— Já! — gritou Skeat, e uma nova revoada de flechas partiu da encosta, desta vez com algumas penas vermelhas por entre as brancas. A corda do arco de Jake partiu-se e ele praguejou enquanto procurava substituí-la.

Partiu uma segunda revoada, com as penas a assobiar e, depois,

as terceiras flechas estavam já na corda quando as primeiras atingiram o alvo. Os cavalos relinchavam e recuavam. Os cavaleiros estremeciam, apertavam as esporas como se percebessem que o caminho mais rápido para fugir às flechas era derrubar os arqueiros com a montada. Thomas disparava continuamente, sem

pensar, procurando apenas um cavalo para atingir com a seta de aço, soltando a corda do arco. Pegou numa, de penas brancas e viu-a manchada de vermelho. Soube que tinha os dedos a sangrar pela primeira vez, desde a infância. Mesmo assim, voltou a disparar até ficar com eles em carne viva e quase chorar de dor. Entretanto, a segunda carga perdia coesão, à medida que as pontas aguçadas torturavam as montadas e os cavaleiros tropeçavam nos corpos, deixados pelo primeiro ataque. Os franceses viam-se impedidos, incapazes de investir contra a revoada de setas, mas sem querer retirar. Caíam cavalos e homens, os tambores continuavam a soar e os cavaleiros da retaguarda empurravam as alas da frente para o chão ensanguentado, onde as covas os esperavam e as flechas os atingiam.

Thomas disparou uma vez mais, viu as penas vermelhas entrarem no peito de um cavalo, depois procurou mais na aljava, e encontrou apenas uma. Praguejou.

— Flechas? — perguntou Sam, mas ninguém as podia dispensar.

Thomas disparou a última, depois deu meia volta para procurar, em vão, uma fenda entre os homens-de-armas por onde pudesse escapar aos cavaleiros, que certamente viriam agora que as flechas se tinham esgotado. Sentiu-se invadido por puro terror. Não havia fuga possível e os franceses avançavam. A seguir, quase sem pensar, meteu a mão direita por baixo da ponta de osso do arco e ergueu-o bem alto sobre os homens-de-armas ingleses para que caísse atrás deles. A arma

transformara-se agora num incômodo de que tinha de se livrar; pegou num escudo caído, pedindo a Deus que tivesse uma insígnia inglesa e enfiou o braço esquerdo nas correias apertadas. Sacou da espada e recuou entre duas lanças erguidas por homens-de-armas. Os outros arqueiros faziam o mesmo.

— Deixai entrar os arqueiros! — gritou o conde de Northampton.

— Deixai-os entrar! — Porém, os soldados temiam o rápido avanço dos franceses e não queriam abrir fileiras.

— Prontos! — gritou um homem. — Prontos! — Ouvia-se-lhe uma nota de histeria na voz. Agora que se tinham esgotado as flechas, os cavaleiros franceses subiam a encosta por entre cadáveres e covas. Tinham baixado as lanças e faziam rolar as esporas para conseguirem um último arranco dos animais antes de atacarem o inimigo. Os caparazões estavam manchados de sangue e picados

pelas flechas. Thomas viu uma lança, ergueu o escudo que não lhe pertencia e pensou que os rostos de aço do inimigo pareciam monstruosos.

— Vai correr tudo bem, rapaz — disse atrás dele uma voz calma.

— Segura bem o escudo e avança para o cavalo.

Thomas lançou-lhe um olhar e viu tratar-se do grisalho Reginald Cobham, o velho campeão, em pessoa, que se encontrava na ala da frente.

— Preparai-vos! — gritou Cobham.

Os cavalos estavam quase em cima deles, enormes e altos, com as lanças em riste, o ruído dos cascos e o som da malha a tinir em redor.

Ao mesmo tempo que atacavam, os franceses cantavam vitória.

— Agora matai-os! — gritou Cobham.

As lanças bateram nos escudos e Thomas foi lançado para trás,

sentiu um casco bater-lhe num ombro, mas um homem empurrou-o com força de encontro ao cavalo do inimigo. Não tinha espaço para usar a espada e o escudo esmagava-se-lhe contra a anca. Sentiu nas narinas o fedor do suor e do sangue do cavalo. Qualquer coisa lhe atingiu o elmo, fazendo-lhe estremecer o crânio e obscurecer a visão.

Depois, a pressão desapareceu milagrosamente, divisou a luz do dia e avançou hesitante, brandindo a espada na direcção em que pensava estar o inimigo.

— Levantai o escudo! — gritou uma voz que o levou a obedecer instintivamente, para logo sentir a pancada sobre ele, porém tinha já a visão mais nítida e viu à sua esquerda, um caparazão de cores vivas e um pé coberto de malha, num enorme estribo de couro. Enfiou a espada pelo caparazão, direita à barriga do cavalo e o animal torceu-se. Thomas foi arrastado, mas conseguiu libertar a lâmina com um forte puxão, que o obrigou a chocar contra um escudo inglês.

A carga não abriu a linha, mas chocara com ela como uma onda contra um rochedo. Os cavalos recuaram e os homens-de-armas ingleses avançaram de

encontro aos cavaleiros, que abandonavam as lanças e sacavam das espadas. Thomas foi empurrado para o lado pelos homens-de-armas. Estava ofegante, desorientado e o suor caía-lhe para os olhos e não o deixava ver. Doía-lhe a cabeça. Viu um arqueiro morto à sua frente com a cabeça esmagada pela pata de um cavalo. Porque não teria elmo? Depois, os homens-de-armas recuavam à medida que os cavaleiros se metiam por entre os mortos, engrossando a luta, chegando-se todos eles ao alto pendão do Príncipe de Gales. Thomas agrediu fortemente o focinho de um cavalo com o escudo, sentiu uma pancada de raspão na espada e enfiou a lâmina no flanco do animal. O cavaleiro combatia contra

um homem do outro lado da montada, permitindo que Thomas lhe visse uma pequena abertura entre o alto arção da sela e a cota de malha, por onde enfiou a lança atingindo-o no ventre. Depois ouviu o furioso rugido do cavaleiro transformar-se num grito e o cavalo caiu para cima dele. Conseguiu escapar com algum esforço, empurrando o homem do seu caminho, antes que o animal caísse num estrondo de armadura e cascos. Os homens-de-armas ingleses correram por cima da montada moribunda, tentando ir de encontro ao inimigo mais próximo. Um cavalo, com um enorme garro de ferro enfiado na garupa, escoiceava tentando atacar com as patas. Outro tentou morder Thomas que lhe bateu com o escudo e atacou o cavaleiro com a espada, porém, o homem afastou-se e Thomas procurou desesperado outro soldado inimigo.

— Nada de prisioneiros! — berrava o conde, vendo que um soldado tentava retirar um francês da refrega. O conde perdera o escudo e brandia a espada com ambas as mãos, como se se tratasse de um machado, desafiando os franceses a virem ter com ele. E foi o que fizeram. Cada vez mais cavaleiros entravam naquele horror que parecia não ter fim. O céu estava cheio da cor das bandeiras e manchado do aço, a erva arrancada pelo ferro e escorregadia do sangue. Um francês bateu com a extremidade inferior do escudo num elmo inglês, fez rodar o cavalo, enfiou uma espada nas costas de um arqueiro, girou mais uma vez a montada e atacou o homem ainda desorientado pela pancada do escudo.

— Montjoie Saint Denis! — gritou.

— São Jorge! — O conde de Northampton, com a viseira erguida e o rosto manchado de sangue, enfiou a espada numa fenda da protecção do focinho do cavalo e arrancou um olho ao animal. Este

recuou e o cavaleiro caiu, sendo pisado pela montada que vinha atrás. O conde

procurou o príncipe, não o viu, mas não pôde continuar a busca, pois um novo conroi com cruces brancas e escudos negros avançava por entre a refrega, empurrando amigos e inimigos para os afastar do caminho, lanças em riste em direcção ao estandarte do príncipe.

Thomas viu aproximar-se uma lança perdida e atirou-se para o chão, onde se enrolou sobre si mesmo, deixando passar os cascos dos cavalos.

— Montjoie Saint Denis! — gritavam as vozes sobre ele ao mesmo tempo que o conroi do conde de Astarac atingia o seu alvo.

sir Guillaume d'Evecque nunca vira nada igual. E esperava não o voltar a ver. Era um enorme exército, contra uma linha de homens apeados.

Na verdade, a batalha não estava ainda perdida e sir Guillaume convencera-se de que a poderiam vencer, mas tinha também consciência da estranha lentidão que o invadia. Gostava da guerra.

Adorava a libertação da batalha, o impor da sua vontade ao inimigo e sempre aproveitara do combate, porém, de súbito, não teve vontade de carregar monte acima, pois aquele local estava condenado. Tentou esquecer essa ideia e fez rolar as esporas.

— Montjoie Saint Denis! — gritou, sabendo porém que o entusiasmo era fingido.

Mais ninguém nas fileiras parecia afectado pela dúvida. Os cavaleiros começavam a empurrar-se uns aos outros, ao tentarem atirar as lanças para as fileiras inglesas. Muito poucas flechas voavam já e nenhuma proveniente do caos, mais adiante, onde a bandeira do Príncipe de Gales flutuava bem alta. Os cavaleiros carregavam agora ao longo da linha, atacando as fileiras inglesas com espadas e machados, mas cada vez mais homens apareciam na encosta para se juntarem à fúria da ala direita inglesa. Era ali, pensou sir Guillaume, que a batalha seria ganha e os inimigos derrotados. Evidentemente que o ataque às tropas do príncipe seria duro e com enorme

derramamento de sangue, mas uma vez que os cavaleiros franceses estivessem na retaguarda da linha inglesa, esta cairia como madeira podre e nenhum reforço do alto do monte poderiam deter o pânico.

Por isso luta, disse para consigo, luta, mas mesmo assim sentia ainda dentro de si um teimoso receio de cavalgar de encontro à desgraça.

Nunca sentira nada daquilo e detestava-o, amaldiçoando-se por ser tão covarde!

Um cavaleiro francês, apeado, com a viseira do elmo arrancada e o sangue a escorrer-lhe da mão, que segurava a espada partida, enquanto na outra agarrava os restos de um escudo feito em dois, vacilava monte abaixo, caindo depois de joelhos para vomitar. Um cavalo sem cavaleiro, com os estribos a bater, galopava de olhos em alvo, pela linha da carga, com o caparazão rasgado a arrastar pela erva. A turfa estava salpicada de penas brancas das flechas caídas e parecia um campo de flores.

— Ide! Ide! Ide! — gritou sir Guillaume aos seus homens, sabendo que era a si que se dirigia. Nunca enviava homens para o campo de batalha, pedia-lhes, sim, que viessem, que o acompanhassem.

Amaldiçoou-se por usar aquelas palavras e procurou uma vítima para a sua lança. Olhou para as covas e tentou ignorar a confusão que havia à sua direita. Planeava alargá-la entrando pela linha inimiga num local um pouco mais calmo. Morre como um herói, disse para consigo, ergue bem alto essa maldita lança, sobe o monte e não deixes que nenhum homem possa dizer que sir Guillaume d'Evecque era um covarde.

Depois, um enorme clamor ergueu-se à direita e ele atreveu-se a olhar, afastando-se das covas. Viu o enorme pendão do Príncipe de Gales sobre os combatentes. Os franceses aclamavam e a tristeza de

sir Guillaume desapareceu como por magia, pois era um pendão francês que avançava, dirigindo-se ao local onde flutuava a bandeira do príncipe. Sir Guillaume viu-a e ficou a olhar. Viu o yale segurando a taça, e fez pressão com o joelho para voltar o cavalo e gritar aos homens que o seguissem.

— Para a guerra! — exclamou. — Para matar! — E não mais sentiu lentidão ou dúvidas. Sir Guillaume encontrara o seu inimigo.

o rei olhou os cavaleiros inimigos, empunhando escudos com cruzeiras brancas atacarem o batalhão do filho e derrubarem-lhe o pendão. Não viu a armadura negra do príncipe, mas o seu rosto nada traiu.

— Deixai-me ir! — exigiu o bispo de Durham.

O rei afastou uma mosca do pescoço da sua montada.

— Rezai por ele — ordenou ao bispo.

— De que servem agora as orações? — perguntou o bispo, erguendo a temível clava. — Deixai-me ir, senhor!

— Preciso aqui de vós — disse o rei calmamente. — O rapaz tem de aprender como eu. — Tenho outros filhos, disse para consigo Eduardo de Inglaterra, apesar de nenhum ser como este. Aquele seria, um dia, um grande rei, um rei guerreiro, um flagelo para os nossos inimigos. Se sobreviver. E terá de aprender a viver no caos e no terror da batalha. — Ficareis — afirmou o rei com firmeza, chamando depois um oficial de armas. — Aquela insígnia — disse, apontando para o pendão vermelho com o yale. — De quem é?

O oficial olhou fixamente o pendão, por muito tempo. Depois franziu a testa, hesitando dar a sua opinião.

— Então? — insistiu o rei.

— Há dezasseis anos que não o via, senhor — disse o oficial, duvidoso ainda da sua opinião. — Mas creio bem tratar-se da insígnia

da família Vexille, senhor.

— Os Vexilles? — perguntou o rei.

— Os Vexilles! — rugiu o bispo. — Os Vexilles! Traidores malditos. Fugiram de França no reinado do vosso bisavô, senhor, e ele deu-lhes terras no Cheshire. Depois apoiaram Mortimer.

— Ah — disse o rei, esboçando um sorriso. Então os Vexilles tinham apoiado a sua mãe e Mortimer, o amante desta, quando juntos o tinham tentado afastar do trono. Não admirava que combatessem tão bem. Tentavam vingar a perda dos seus domínios no Cheshire.

— O filho mais velho nunca saiu de Inglaterra — afirmou o bispo, olhando para o combate que se alargava na encosta. Teve de erguer a voz para se fazer ouvir

sobre o estrondo do aço. — Era um homem estranho. Fez-se padre! Podeis acreditar? O filho mais velho?

Afirmava não gostar do pai, mas, mesmo assim, prendemo-lo.

— Por minha ordem? — perguntou o rei.

— Éreis ainda muito jovem, senhor. Por isso, um membro do vosso concelho assegurou-se de que o padre Vexille não causasse problemas. Foi encerrado num mosteiro, espancado e obrigado a passar fome até estar convencido de que era santo. Depois tornou-se inofensivo e foi mandado apodrecer numa paróquia rural. Já deve ter morrido — o bispo franziu a testa, pois a linha inglesa recuava, empurrada pelo conroi dos cavaleiros de Vexille.

— Deixai-me ir lá abaixo senhor — implorou. — Suplico-vos, deixai-me levar os meus homens.

— Pedi-vos que suplicasses a Deus e não a mim.

— Tenho dezenas de padres a rezar — retorquiu o bispo. — E os franceses também. Estamos a ensurdecer Deus com as nossas preces.

Por favor, senhor! Imploro-vos!

O rei cedeu.

— Ide apeados — disse ao bispo. — E apenas com um conroi.

O bispo soltou um grito de triunfo e deslizou com dificuldade de cima do seu corcel.

— Barratt! — gritou para um dos seus homens-de-armas. — Traz os teus companheiros! Vamos! — O bispo ergueu a temível clava e correu monte abaixo, berrando aos franceses que chegara a hora de morrerem.

O oficial de armas contou os elementos do conroi que seguia o bispo pela encosta abaixo.

— Vinte homens farão muita diferença, senhor? — perguntou ao rei.

— Farão pouca diferença para o meu filho — declarou o rei, esperançoso que o príncipe estivesse ainda vivo. — Mas muita para o bispo. Creio que ficaria para sempre com um inimigo na Igreja se não o deixasse seguir a sua paixão. — Viu o bispo abrir caminho por entre as fileiras inglesas, gritando e metendo-se na refrega. Não havia sinal da armadura negra do príncipe, nem do seu estandarte.

O oficial afastou o seu palafrém do rei, que fez o sinal da Cruz, girando a espada de punho de rubis para verificar se a chuva do dia anterior lhe tinha enferrujado a lâmina dentro da bainha de metal. A arma moveu-se com facilidade. O rei sabia quer talvez a tivesse de usar mas, de momento, cruzou as mãos enluvadas sobre o arção da sela e ficou a assistir à batalha.

Resolveu deixar que o príncipe a vencesse. Ou então perderia o filho.

O oficial de armas lançou ao rei um olhar furtivo e viu que

Eduardo de Inglaterra tinha os olhos fechados. O rei estava a rezar.

a batalha espalhara-se pelo monte. Todo o exército inglês estava agora envolvido, embora na maior parte dos locais o combate não fosse muito duro. As armas haviam atingido o seu alvo, mas tinham-se já esgotado, de modo que os franceses podiam aproximar-se dos soldados apeados. Alguns tentaram passar, mas a maior parte contentava-se em gritar insultos, na esperança de atrair alguns peões ingleses para fora da muralha de escudos. Porém, a disciplina destes manteve-se. Devolviam insulto por insulto, convidando o inimigo a vir morrer sob as suas espadas.

O combate era feroz apenas no local onde o Príncipe de Gales erguera o seu pendão e aí, e por numa centena de passos para cada lado,

OS

dois

exércitos

tinham

ficado

inextrincavelmente

emaranhados. A linha inglesa fora aberta, mas não penetrada. As fileiras da retaguarda continuavam a defender o monte, enquanto as da vanguarda se espalhavam por entre o inimigo e combatiam contra os cavaleiros que as rodeavam. Os condes de Northampton e Warwick tentavam firmar a linha, mas o Príncipe de Gales quebrara a formação, com a sua ansiedade por continuar a combater o inimigo e a sua guarda pessoal encontrava-se agora mais abaixo na encosta, junto às covas, onde tantos cavalos jaziam com as pernas partidas.

Fora aí que Guy Vexille espetara a lança no porta-estandarte do príncipe de modo que a bandeira com as flores-de-lis, leopardos e

franja dourada jazia pisada pelas ferraduras de metal do seu conroi.

Thomas encontrava-se a poucos metros de distância, agarrado ao ventre ensanguentado de um cavalo e estremecendo sempre que outro corcel se aproximava. O ruído aturdiava-o mas, por entre os gritos e o martelar das patas, ouvia ainda vozes inglesas a gritar em tom de desafio. Ergueu a cabeça e viu Will Skeat com o padre Hobbe, mais uns arqueiros e hornens-de-armas que se defendiam dos cavaleiros franceses. Sentiu-se tentado a ficar naquele refúgio a cheirar a sangue, mas com algum esforço, passou por cima do corpo do cavalo e correu para o lado de Skeat. Uma lança francesa quase lhe atingiu o elmo, teve de se afastar da garupa de um cavalo e depois tropeçou vindo cair junto ao pequeno grupo.

— Ainda estás vivo, rapaz? — perguntou Skeat.

— Jesus — exclamou Thomas.

— Esse não se interessa. Anda cá, patife, anda cá! — gritava Skeat para um francês, porém o inimigo preferia dirigir a sua lança ainda intacta para a refrega, em torno do estandarte caído.

— Continuam a vir — disse Skeat, em tom de assombro. — Estes malditos parecem não ter fim.

Um arqueiro com a libré verde e branca do príncipe, sem elmo e sangrando de uma profunda ferida no ombro aproximou-se do grupo de Skeat. Um francês

viu-o, fez voltar naturalmente o cavalo e atacou com o seu machado.

— Maldito! — exclamou Sam e, antes que Skeat o pudesse deter correu, afastando-se do grupo e saltou para o cavalo do francês.

Rodeou o pescoço do cavaleiro com o seu braço e deixou-se simplesmente cair para trás, arrastando o homem da alta sela. Dois homens-de-armas inimigos tentaram intervir, mas o cavalo da vítima

fugira.

— Protegei-o! — gritou Skeat, conduzindo o grupo para o local em que Sam esmurrava a armadura do francês. Skeat empurrou Sam, ergueu a couraça o suficiente para deixar entrar a espada e fez deslizar a lâmina no peito do homem.

— Bastardo — exclamou Skeat. — Não tens o direito de matar arqueiros, bastardo! — remexeu a espada, carregou mais e depois soltou-a.

Sam ergueu o machado e sorriu.

— Bela arma — disse e depois voltou-se ao ver aproximarem-se dois cavaleiros que vinham socorrer o companheiro.

— Bastardos! Bastardos! — gritava Sam brandindo o machado junto ao animal mais próximo. Skeat e outro homem-de-armas erguiam as espadas na direcção do outro cavalo. Thomas tentou protegê-los, ao mesmo tempo que apunhalava o francês e sentia a espada aparada por um escudo ou por uma armadura; depois os dois cavalos, ambos a sangrar, afastaram-se.

— Não vos separeis — disse Skeat. — Não vos separeis. Atenção às traseiras, Tom — Thomas não respondeu.

— Tom! — gritou Skeat.

Mas Thomas vira a lança. Havia milhares no campo, a maioria pintada de várias cores, enquanto esta era negra, empenada e frágil.

Era a lança de São Jorge que durante a sua infância vira suspensa das teias de aranha da nave da igreja e que agora era usada como pau de bandeira. O pendão ligado à lâmina de prata era vermelho como o sangue e tinha bordado um yale.

Sentiu o coração estremecer. A lança estava aqui! Todos os mistérios que tanto tentara evitar, encontravam-se neste campo de batalha. Os Vexilles estavam aqui. O

assassino do pai, provavelmente também.

— Tom! — gritou de novo Skeat.

Thomas limitou-se a apontar para a bandeira.

— Tenho de os matar.

— Não sejas louco, Tom — disse Skeat, recuando quando um cavaleiro atacou, vindo de baixo. O homem tentou desviar-se do grupo de infantaria, mas o padre Hobbe, o único que levava um arco, meteu a arma por entre as patas dianteiras do cavalo que tropeçou quando sentiu a pancada. O cavalo caiu com estrondo junto a eles e Sam enfiou o machado na espinha do cavaleiro aos berros.

— Vexille! — gritou Thomas o mais alto que pôde. — Vexille!

— Perdeu completamente a cabeça — disse Skeat ao padre Hobbe.

— Não — respondeu este. Já não tinha arma, mas assim que Sam deixou de brandir o seu novo machado, atravessando malha e couro, o padre pegou no alfange do francês morto e ergueu-o com ar apreciador.

— Vexille! Vexille! — gritava Thomas.

Um dos cavaleiros junto ao estandarte do yale ouviu o grito e voltou o elmo em forma de focinho de porco. Pareceu a Thomas que o homem o observara durante muito tempo através das fendas da viseira, embora pudesse apenas ser por uns momentos, pois o cavaleiro estava a ser atacado por peões. Defendia-se habilmente, com a montada a executar os passos devidos, para não ser estropiada, porém, o cavaleiro aparou a espada de um inglês e lançou a espada esquerda no rosto do outro, antes de obrigar o cavalo a voltar-se rapidamente e matar o primeiro homem de um só golpe de espada. O

segundo recuou e o cavaleiro, com o elmo de focinho de porco, deu

meia volta e trotou em direcção a Thomas.

— Estás a pedir sarilhos — resmungou Skeat, mas foi para o lado de Thomas. O cavaleiro voltou-se no último momento e agrediu-o com a espada. Thomas aparou o golpe e ficou chocado com a força que lhe atingiu o braço até ao ombro. O animal desaparecera, dera meia volta, girara e o cavaleiro atacava-o de novo. Skeat investiu para a montada, porém o corcel tinha uma cota de malha por baixo do caparazão e a espada escorregou. Thomas aparou novo golpe e quase foi derrubado, ficando de joelhos. Depois o cavaleiro ficou a três passos de distância, o corcel girou rapidamente e o homem ergueu a mão que empunhava a espada e abriu a viseira. Thomas viu que se tratava de sir Simon Jekyll.

A raiva subiu-lhe na garganta, como bÍlis e, ignorando o grito de aviso de Skeat, Thomas avançou a correr com a espada na mão. Sir Simon aparou o golpe com desprezível facilidade, o cavalo treinado afastou-se ligeiramente para o lado e sir Simon investiu a toda a velocidade. Thomas teve de dar meia volta e, mesmo com a sua rapidez, a lâmina bateu-lhe no elmo com uma força espantosa.

— Desta vez, morres — disse sir Simon, avançando com a espada num forte golpe em direcção ao peito de Thomas, coberto pela cota de malha. Porém este tinha tropeçado num cadáver e caía já de costas. O golpe empurrou-o mais para baixo e viu-se estendido no chão, com a cabeça à roda, da pancada desferida no elmo. Já ninguém o podia ajudar, pois afastara-se do grupo de Skeat que se defendia de uma nova onda de cavaleiros. Thomas tentou erguer-se, mas a dor invadia-lhe a cabeça e sentia-se fraco do golpe que recebera no peito. Sir Simon inclinou-se da sela procurando com a sua longa espada o rosto desprotegido de Thomas.

— Maldito bastardo! — disse mas, logo a seguir, abriu a boca, como se bocejasse. Olhou para Thomas e atingiu-o no rosto, cuspidando um jorro de sangue. Uma lança entrara-lhe pela anca e Thomas, sacudindo o sangue dos olhos, viu que um francês tinha enfiado uma haste azul e amarela. Um cavaleiro? Apenas os franceses estavam montados, mas Thomas vira um deles usar a lança que estava enfiada no corpo de sir Simon. Este balançou na sela, sufocado e morreu. A seguir, Thomas conseguiu aperceber-se de que o caparazão do cavaleiro que passava por ele, tinha os falcões amarelos num campo azul.

Thomas pôs-se de pé, vacilante. Deus do céu, tinha de aprender a manejar uma espada, pois o escudo não bastava. Os homens de sir Guillaume passavam por ele atacando o conroi dos Vexilles. Will Skeat gritou a Thomas que voltasse, mas

este seguia teimosamente aqueles homens. Franceses contra franceses! Os Vexilles quase haviam quebrado a linha inglesa, mas tinham agora de defender a traseira, enquanto os homens-de-armas ingleses tentavam derrubá-los de cima das selas.

— Vexille! Vexille! — gritava sir Guillaume, sem saber qual era o seu inimigo, escondido atrás da viseira. Agrediu várias vezes o escudo de um homem, obrigando-o a dobrar-se na sela, depois bateu com a espada no pescoço do cavalo e o animal caiu, enquanto um inglês, um padre, abria a cabeça do cavaleiro com um alfange.

Uma centelha de cor obrigou sir Guillaume a olhar para a direita.

O pendão do Príncipe de Gales fora resgatado e erguido. Voltou a olhar em busca de Vexille, mas viu apenas meia dúzia de cavaleiros, com a cruz branca nos escudos negros. Picou o cavalo nessa direcção, ergueu o escudo para se defender do golpe de um machado e enfiou a

espada na perna de um homem; retirou-a, sentiu um golpe nas costas, voltou o cavalo com o joelho e aparou a pancada de uma espada. Os homens gritavam-lhe, exigindo saber porque combatia contra o seu próprio lado, depois o porta-estandarte dos Vexilles começou a cair, quando alguém lhe estropiou a montada. Dois arqueiros golpeavam as pernas do animal e o yale de prata tombou durante a refrega quando Henry Colley largou a antiga lança, para erguer a sua espada.

— Bastardos! — gritou para os homens que lhe tinham estropiado a montada. — Bastardos! — brandia a lâmina, atingindo um ombro coberto por uma cota de malha. Depois, um enorme rugido obrigou-o a voltar-se para ver um homem enorme de armadura e cota de malha com um crucifixo ao pescoço, brandindo uma clava. Colley, ainda sobre o cavalo caído, brandiu a espada direita ao bispo, que aparou o golpe com o escudo, antes de lhe deixar cair pesadamente a clava sobre o elmo.

— Em nome de Deus! — exclamou o bispo libertando a clava do elmo amolgado. Colley estava morto, com o crânio esmagado e o bispo brandia a clava em direcção a um caparazão amarelo e azul, mas o cavaleiro afastou-se no último instante.

Sir Guillaume não chegou a ver o bispo com a clava. Apercebera-se, porém, de que um homem do conroi dos Vexilles tinha uma armadura melhor do que os

outros e fez rolar as esporas para ir ter com ele. Sentiu que o cavalo vacilava, voltou-se para olhar para trás e viu, por entre as limitadas fendas da viseira, que os ingleses lhe atacavam os quartos traseiros do animal. Defendeu-se das espadas, mas o animal caiu enquanto alguém vociferava.

— Abram caminho! Quero matar esse bastardo. Em nome de
Cristo, abram caminho!

Sir Guillaume não entendia as palavras, mas sentiu de súbito um braço em redor do pescoço e foi arrastado da sela. Gritou de raiva e ficou sem fôlego quando bateu no chão. Um homem segurava-o. Sir Guillaume tentava defender-se com a sua espada, mas o cavalo ferido estrebuchava a seu lado ameaçando rolar para cima dele. O assaltante libertou o cavaleiro e levou-lhe a espada.

— Ficai aí! — gritou-lhe uma voz.

— Esse maldito está morto? — perguntou o bispo com voz de trovão.

— Está morto! — respondeu Thomas.

— Graças a Deus! Avante! Avante! Á morte!

— Thomas? — sir Guillaume estrebuchava.

— Não vos movais! — respondeu Thomas.

— Quero o Vexille!

— Já se foram embora! — gritou Thomas. — Foram-se embora!

Deixai-vos ficar!

Guy Vexille, assaltado dos dois lados e com o pendão vermelho por terra, levava os três homens que lhe restavam, para se juntar aos outros cavaleiros franceses. O próprio rei, com o seu amigo rei da Boémia entrara na refrega. Embora João da Boémia fosse cego insistira em combater e assim a sua guarda pessoal atara as rédeas dos seus cavalos, metendo o corcel do rei no centro de modo a não o perderem.

— Praga! — era o seu grito de guerra. — Praga! — O filho do rei, o príncipe Charles, estava também unido ao grupo.

— Praga! — gritava enquanto os cavaleiros da Boémia conduziam a última carga. Porém, tratou-se apenas de um avanço às cegas, por

entre um emaranhado de cadáveres, corpos feridos e cavalos aterrorizados.

O Príncipe de Gales estava vivo. O filete de ouro fora-lhe arrancado do elmo e a extremidade do escudo rachada em meia dúzia de sítios, mas agora comandava a contra-carga seguido de uma centena de homens que, por entre gritos e exclamações, nada mais desejavam que acabar com os últimos inimigos que apareciam, ao crepúsculo, no campo onde tantos franceses tinham morrido. O

conde de Northampton que andara a reunir as alas da retaguarda do batalhão do príncipe para as manter em linha, apercebeu-se da reviravolta da batalha. Enfraquecia a enorme pressão contra os homens-de-armas ingleses e, apesar de os franceses tentarem de novo, os melhores homens estavam feridos ou mortos e os novos aproximavam-se com demasiada lentidão. Assim, gritou aos seus peões que o seguissem.

— Matai-os! — gritou. — Matai-os, já!

Arqueiros, homens-de-armas e até mesmo hobelardos que tinham vindo dos seus postos dentro dos círculos das carroças, que protegiam os trons, nos flancos da linha, atacavam os franceses. Para Thomas, que se baixara junto a sir Guillaume era como se visse repetida a fúria violenta da ponte de Caen. Era a loucura à solta, sedenta de sangue, que os franceses sofreriam. Os ingleses tinham aguentado aquela longa tarde de Verão e queriam vingarse do terror de verem os enormes cavalos vir contra eles, de modo que atacavam, batiam e mutilavam os cavaleiros reais. Conduzia-os o Príncipe de Gales, que combatia lado a lado com arqueiros e homens-de-armas, derrubando cavalos e esquartejando quem os montava num sangrento frenesim.

O rei de Maiorca, o conde de Saint Pol, o duque da Lorena e o conde da Flandres tinham morrido. A bandeira da Boémia, com as suas três plumas brancas, caíra por terra e o rei cego fora arrastado, atingido por machados, clavas e espadas. O resgate real morrera com ele e o filho sangrou até à morte sobre o corpo do pai. Os homens da sua guarda pessoal, arrastados pelos cavalos mortos ainda ligados aos vivos foram dizimados, uns a seguir aos outros pelos ingleses. Já não

soltavam o seu grito de guerra, mas sim um uivo próprio de almas perdidas. Estavam cobertos de sangue, manchados, salpicados, encharcados nele, mas o sangue era francês. O Príncipe de Gales amaldiçoava os boémios moribundos que o impediam de se aproximar do rei francês, cujo pendão azul e ouro continuava a ondular. Dois homens-de-armas ingleses atacaram o cavalo do rei, a guarda real perseguiu-os para os matar, avançavam mais homens, com a libré inglesa para derrubar Filipe e o príncipe queria também lá estar, para ser ele a levar o rei cativo. Porém, um dos cavalos da Boémia, moribundo, caiu para o lado, e o príncipe que ainda trazia as esporas, prendeu uma delas no caparazão do animal. Vacilou, tropeçou e foi nesse momento que Guy de Vexille viu a armadura negra, a túnica real e o filete de ouro arrancado e viu também que o príncipe se desequilibrara por entre os cavalos moribundos.

Guy de Vexille voltou-se e investiu.

Thomas viu-o dar meia volta. Não conseguia alcançá-lo com a sua espada, pois teria de tropeçar nos mesmos cavalos que prendiam o príncipe, mas, sob a sua mão direita, estava uma haste negra de freixo com ponta de prata; arrebatou a lança e correu contra o homem. Skeat também lá estava, esforçando-se por passar por cima dos cavalos com a sua velha espada.

A lança de São Jorge atingiu Guy de Vexille no peito. A lâmina de prata dobrou-se e enrolou-se no pendão vermelho, mas a bela haste de madeira tinha força suficiente para derrubar o cavaleiro e afastar a sua espada do príncipe, agora liberto por dois dos seus homens-de-armas. Vexille investiu de novo, erguendo-se da sela, mas Will Skeat berrou e enfiou a espada com toda a força no peito. Porém, o escudo negro aparou o golpe e o cavalo treinado voltou-se instintivamente para o ataque; o cavaleiro desferiu um forte golpe.

— Não! — gritou Thomas, brandindo de novo a lança. Porém, a arma era fraca e a madeira seca partiu-se de encontro ao escudo de Vexille. Will Skeat caía, com o sangue a escorrer da fenda aberta no elmo. Vexille ergueu a espada para atingir Skeat uma segunda vez, enquanto Thomas tropeçava e caía para a frente. A espada caiu abrindo a cabeça de Skeat e depois a máscara negra da viseira de Vexille avançou em direcção a Thomas. Will Skeat estava imóvel, no chão. O cavalo de Vexille voltou-se para levar o dono onde este pudesse matar com maior eficiência e Thomas viu a morte na espada brilhante do francês. Nesse momento, desesperado e em pânico, enfiou o bocado partido da lança negra na boca aberta do corcel, carregando com toda a força a madeira partida sobre a

língua do animal. O garanhão guinou, relinchando, recuou e Vexille bateu com força contra o arção da sela. O cavalo, com os olhos brancos por trás da protecção do focinho e a boca a escorrer sangue, voltou-se para Thomas, mas o Príncipe de Gales, já liberto do animal moribundo levou os dois homens-de-armas a atacarem o outro flanco de Vexille.

O cavaleiro aparou o golpe do príncipe, depois viu que ia ser vencido, fez rolar as esporas e afastou o cavalo por entre a refrega, afastando-se do perigo.

— Cálix meus inebrians! — gritou Thomas, sem saber porquê. As palavras tinham-lhe surgido, as últimas de seu pai antes de morrer, obrigando Vexille a voltar-se para olhar, por entre as fendas da viseira, o jovem moreno que empunhava o seu pendão. Mas, nesse momento, uma nova onda de ingleses vingativos corria já pela encosta abaixo, obrigando-o a enfiar a montada por entre a carnificina, os moribundos e os sonhos desfeitos de França.

Soou uma aclamação no cimo do monte inglês. O rei ordenara à sua reserva de cavaleiros montados que carregasse sobre os franceses e, enquanto estes homens baixavam as lanças, surgiam mais cavalos do recinto da equipagem, para que mais homens pudessem montar e perseguir o inimigo derrotado.

John de Hainault, senhor de Beaumont, pegou nas rédeas do rei francês e arrastou Filipe da refrega. O cavalo não era o seu, pois a montada real fora morta e o rei recebera um ferimento no rosto, pois insistira em combater com a viseira erguida para que os seus homens soubessem que estava no campo.

— É altura de partir, senhor — disse, delicadamente, o senhor de Beaumont.

— Terminou? — perguntou Filipe. Tinha lágrimas nos olhos e um tom incrédulo na voz.

— Terminou, senhor — respondeu o senhor de Beaumont. Os ingleses uivavam como cães e a cavalaria de França estrebuchava e sangrava sobre a colina. John de Hainault não sabia como pudera acontecer, apenas que a batalha, a auriflama e o orgulho de França se tinham perdido. — Vinde, senhor — disse, arrastando o cavalo do rei.

Em grupo, os cavaleiros franceses, com os caparazões dos cavalos, picados pelas flechas atravessavam o vale até ao bosque já escuro, ao

princípio da noite.

— Esse astrólogo, John — disse o rei francês.

— Senhor?

— Mandai-o matar. Cruelmente. Ouvistes? Cruelmente! — O rei chorava, ao partir com os poucos homens da sua guarda pessoal.

Cada vez mais franceses fugiam em busca da segurança da noite e a sua retirada transformou-se num galope, logo que os primeiros cavaleiros ingleses da batalha surgiram, por entre os restos da sua desgastada linha deram início à perseguição.

A encosta inglesa parecia estremecer, quando os homens-de-armas começaram a vaguear por entre os mortos e os feridos. O

movimento era o estrebuchar dos moribundos e dos cavalos. O chão do vale estava coberto de genoveses, mortos por quem os tinha contratado. De súbito, fez-se silêncio. Não se ouvia o bater do aço, os gritos roucos ou o troar dos tambores. Havia choros e gemidos, por vezes um estertor, mas tudo parecia calmo. O vento fazia ondular os pendões caídos e agitava no chão as penas brancas das setas que tinham feito lembrar a sir Guillaume um campo de flores.

E tudo terminara.

sir William Skeat sobrevivera. Não podia falar, não havia vida nos seus olhos e parecia surdo. Não podia andar, embora parecesse tentar quando Thomas o ergueu, mas depois as pernas cederam-lhe e deixou-se cair no solo ensanguentado.

O padre Hobbe retirou o elmo a Skeat com extraordinária delicadeza. O sangue brotava por entre o cabelo grisalho do arqueiro deixando Thomas mudo, ao ver que a espada lhe cortara o couro cabeludo. Havia bocados de osso, fios de cabelo e o cérebro de Skeat estava à vista.

— Will? — Thomas ajoelhou junto dele. — Will?

Skeat olhou-o, parecendo não o ver. Esboçava um sorriso e tinha os olhos vazios.

— Will! — disse Thomas.

— Vai morrer, Thomas — disse o padre Hobbe em voz baixa.

— Não vai! Maldito! Não vai! Ouvistes? Vai viver. Tratai de rezar por ele!

— Vou rezar e só Deus sabe como — o padre Hobbe acalmou Thomas. — Mas, primeiro, teremos de lhe arranjar um físico.

Eleanor ajudou. Banhou a cabeça de Will Skeat, depois ela e o padre Hobbe colocaram os bocados de osso como peças de um mosaico partido. A seguir, Eleanor rasgou uma tira de pano do seu vestido azul e atou-a em redor à cabeça de Will Skeat, prendendo-lha

debaixo do queixo, de forma que, quando terminou, parecia uma velha com um lenço. Nada dissera enquanto Eleanor e o padre o tinham ligado e, se sentia dores, a expressão rosto não o deixava entrever.

— Bebe, Will — disse Thomas, segurando o odre de água tomado a um francês morto, porém Skeat ignorou a oferta. Eleanor pegou no cantil e chegou-lho à boca, mas a água escorreu-lhe pelo queixo. Era já noite. Sam e Jake tinham feito uma fogueira usando o machado de batalha para cortar as lanças francesas que lhes serviram de lenha; Will Skeat ficou sentado junto ao lume. Respirava, mais nada.

— Já vi casos destes — disse sir Guillaume. Mal falara depois da batalha, mas agora sentava-se ao lado de Thomas. Vira a filha tratar de Skeat, aceitara dela de comer e de beber, mas evitara conversar.

— Será que recupera? — perguntou Thomas. Sir Guillaume encolheu os ombros.

— Já vi um homem com o crânio cortado. Viveu mais quatro anos, mas apenas porque as freiras da abadia tomaram conta dele.

— Vai viver! — disse Thomas.

Sir Guillaume ergueu uma das mãos de Skeat, segurou-a durante uns segundos e depois largou-a.

— Talvez — parecia céptico. — Gostas muito dele?

— É como um pai — respondeu Thomas.

— Os pais morrem — disse sir Guillaume em tom lúgubre.

Parecia esgotado, como um homem que tinha voltado a espada contra o seu rei e falhado naquilo que fora incumbido de fazer.

— Vai viver — repetiu Thomas teimosamente.

— Dorme — disse sir Guillaume. — Eu olho por ele.

Thomas dormiu entre os mortos, na linha de batalha onde os

feridos gemiam e o vento da noite agitava as penas brancas que manchavam o vale. De manhã, o estado de Will Skeat não se alterara.

Continuava sentado, com os olhos vagos, sem nada fixar e cheirando mal porque tinha defecado.

— Vou procurar o conde — disse o padre Hobbe. — Temos de mandar Will para Inglaterra.

O exército começou a mexer-se lentamente. Quarenta homens-de-armas ingleses e outros tantos arqueiros foram enterrados no cemitério da igreja de Crécy, mas as centenas de cadáveres franceses, excepto os dos príncipes e grandes nobres, foram deixados no monte.

As gentes de Crécy enterrá-los-iam se assim o desejassem. Eduardo de Inglaterra não queria saber.

O padre Hobbe procurou o conde de Northampton, mas dois soldados de infantaria franceses tinham chegado de madrugada para reforçar o exército, já derrotado e, na luz húmida, tinham pensado que os cavaleiros que os receberam eram amigos. Porém, viram-nos baixar as viseiras, e rolarem as esporas de lança em riste. O conde comandava-os.

A maior parte dos cavaleiros ingleses vira negada a possibilidade de combaterem montados na batalha do dia anterior. Agora, naquela manhã de domingo, chegara a sua hora, e os enormes corcéis abriram fendas sangrentas por entre as alas de peões e depois investiram para atacar os aterrorizados sobreviventes. Os franceses fugiram, perseguidos pelos implacáveis cavaleiros, que os golpeavam e atacavam, até sentirem os braços cansados da matança.

No monte entre Crécy e Wadicourt foram recolhidos os pendões inimigos. As bandeiras estavam rasgadas e algumas ainda húmidas de sangue. A auriflama foi levada a Eduardo que a dobrou e ordenou aos

padres que dessem graças. O filho estava vivo, a batalha fora ganha e toda a cristandade saberia que Deus favorecia a causa inglesa.

Declarou que passaria todo aquele dia no campo, para marcar a vitória e depois seguiria marcha. O exército estava cansado, mas agora tinha botas e poderia alimentar-se. O gado uivava, ao ser morto pelos arqueiros e outros soldados traziam comida do monte, onde o exército francês guardara os seus mantimentos. Outros ainda apanhavam as flechas do campo e atavam-nas em feixes, enquanto as mulheres saqueavam os mortos.

O conde de Northampton regressou ao monte de Crécy vociferando e a sorrir.

— Mortos como carneiros! — afirmava exultante, depois percorria a linha de um lado para o outro tentando reviver as emoções dos dois últimos dias. Deteve-se junto a Thomas e sorriu aos arqueiros e às suas mulheres.

— Estás diferente, jovem Thomas! — disse com ar feliz, mas depois viu Will Skeat sentado como um criança com o lenço azul a ligar-lhe a cabeça. — Will — disse admirado. — Sir William?

Skeat manteve-se na mesma posição.

— Abriram-lhe a cabeça, senhor — explicou Thomas.

A expressão satisfeita do conde desvaneceu-se como o ar de dentro de uma bexiga. Ficou sentado na sela, abanando a cabeça.

— Não — protestou. — Não. Will, não! — Tinha ainda a espada ensanguentada na mão, mas limpava agora a lâmina na crina do cavalo e guardava-a na bainha.

— Vou mandá-lo regressar à Bretanha

— disse. — Conseguirá sobreviver?

Ninguém respondeu.

— Will — chamou o conde, depois desmontou desajeitadamente

da sela pegajosa e acocorou-se junto ao homem do Yorkshire. — Will, fala comigo, Will!

— Deve ir para Inglaterra, senhor — disse o padre Hobbe.

— Claro — respondeu o conde.

— Não — disse Thomas. O conde franziu a testa.

— Não?

— Há um físico em Caen, senhor — Thomas falava agora em francês. — Quero levá-lo lá. Esse físico faz milagres, senhor.

O conde sorriu tristemente.

— Caen está de novo na mão dos franceses, Thomas — disse. —

Duvido que te recebam bem.

— Hão-de recebê-lo — disse sir Guillaume e, pela primeira vez, o conde reparou no francês e na sua libré desconhecida.

— Trata-se de um prisioneiro, senhor — explicou Thomas. —

Mas é também um amigo. Servimo-vos, portanto o resgate é vosso, mas só ele poderá levar Will para Caen.

— É um resgate grande? — perguntou o conde.

— Imenso — respondeu Thomas.

— Então, o vosso resgate, senhor, será a vida de Will Skeat —

disse o conde a sir Guillaume. Ergueu-se e tomou as rédeas das mãos de um arqueiro, depois voltou-se para Thomas. O rapaz parecia diferente, pensou, parecia um homem. Cortara o cabelo, era isso.

Cortara-o mesmo. Agora parecia um soldado, um homem que poderia conduzir arqueiros em combate.

— Quero-te na Primavera, Thomas — disse. — Haverá arqueiros para comandares e se Will não o puder fazer, terás de ser tu. Agora, olha por ele, mas na Primavera voltas a servir-me, estás a ouvir?

— Sim, meu senhor.

— Espero que o vosso físico faça milagres — disse o conde e logo prosseguiu o seu caminho.

Sir Guillaume percebera o que tinha sido dito em francês, mas não o resto e olhava agora para Thomas.

— Vamos para Caen? — perguntou.

— Vamos levar Will ao doutor Mordecai — disse Thomas.

— E depois?

— Volto para o conde — disse Thomas, sem desperdiçar palavras.

Sir Guillaume estremeceu.

— E Vexille, que fazemos com ele?

— Que fazemos com ele? — perguntou brutalmente Thomas. —

Perdeu a maldita lança — olhou para o padre Hobbe e falou em inglês. — Cumpri a minha penitência, padre?

O padre Hobbe acenou afirmativamente. Retirara a lança partida a Thomas e confiara-a ao confessor do rei que lhe prometera levar a relíquia para Westminster.

— Cumpriste a tua penitência — respondeu.

Sir Guillaume não falava inglês, mas devia ter entendido o tom do padre Hobbe, pois lançou a Thomas um olhar magoado.

— Vexille ainda está vivo — disse. — Matou o teu pai e a minha família. Até Deus o deseja ver morto! — Havia lágrimas nos seus olhos. — Quereis deixar-me tão quebrado como a lança? —

perguntou a Thomas.

— Que quereis que faça? — perguntou Thomas.

— Que encontres Vexille. Que o mateis — falava em tom raivoso, mas Thomas nada disse. — Tem o Graal! — insistiu o francês.

— Não o sabemos — disse Thomas, zangado. Deus do céu, pensou, poupai-me! Posso ser comandante de arqueiros. Posso ir para

Caen para que Mordecai faça um milagre e depois conduzir os homens de Skeat em combate. Podemos vencer por Deus, por Will, pelo rei e por Inglaterra. Voltou-se para o francês. — Sou um arqueiro inglês — disse asperamente. — Não um cavaleiro da Távola Redonda.

Sir Guillaume sorriu.

— Diz-me, Thomas — pediu delicadamente. — O teu pai era o filho mais velho ou um segundo?

Thomas abriu a boca. Ia dizer que o padre Ralph era sem dúvida um filho segundo, depois apercebeu-se de que não sabia. O pai nunca lho dissera, o que significava que escondera a verdade, como o fizera com tantas outras coisas.

— Pensai bem, senhor — disse sir Guillaume, contundente. —

Pensai bem. Lembrai-vos de que foi o Harlequin que mutilou o vosso amigo e que continua vivo.

Sou um arqueiro inglês, pensou Thomas, e nada mais quero. Mas Deus quer mais, pensou, embora não desejasse aquele fardo. Bastava-lhe que o Sol brilhasse sobre os campos estivais, sobre as penas brancas e sobre os mortos.

E que Hookton tivesse sido vingada.

Nota Histórica

apenas duas acções do livro são pura invenção: o ataque inicial a Hookton

(embora os franceses tivessem levado a cabo muitas destas invasões na costa inglesa) e o combate entre os homens de sir Simon Jekyll e os soldados de sir Geoffrey de Pont Blanc, nos arredores de La Roche-Derrien. À parte estes, todos os cercos, batalhas e escaramuças são retirados da história, tal como a morte de sir Geoffrey, em Lannion. La Roche-Derrien caiu sendo as suas muralhas escaladas e não devido a um ataque vindo da margem do rio, mas, como quis atribuir um feito a Thomas, tomei algumas liberdades em relação à empresa do conde de Northampton. Este realizou tudo o que lhe é atribuído no romance: a captura de La Roche-Derrien, o êxito da travessia do Somme no vau de Blanchetaque, bem como os seus feitos na batalha de Crécy. A conquista e o saque de Caen aconteceram conforme são descritos na obra, e o mesmo acontece com a famosa batalha de Crécy. Em resumo, tratou-se de um período histórico horrível e assustador, hoje em dia reconhecido como o início da Guerra dos Cem Anos. Quando comecei a ler e a investigar para escrever o romance, pensei que me preocuparia com as regras de cavalaria e galantaria cortês. Tais coisas devem de fato, ter existido, mas não nestes campos de batalha, onde tudo era brutal, inclemente

e cruel. A epígrafe do livro cita o rei João II de França e serve de correctivo: «...muitas batalhas mortíferas se travaram, com muitos seres humanos dizimados, igrejas roubadas, almas destruídas, donzelas e virgens desfloradas, respeitadas esposas e viúvas desonradas; cidades, propriedades e edifícios incendiados, e assaltos, crueldades e emboscadas levados a cabo nas estradas e caminhos.»

Estas palavras, escritas catorze anos depois da batalha de Crécy, justificaram as razões pelas quais o rei João entregou quase um terço do território francês aos ingleses; a humilhação era preferível a prosseguir de uma guerra tão sinistra e horrenda.

As batalhas, seguindo o padrão da de Crécy, foram comparativamente raras nas longas guerras anglo-francesas, talvez por serem tão destruidoras; mesmo assim, o número de baixas de Crécy mostra que foram os franceses quem mais sofreu. As perdas são difíceis de calcular mas estes perderam, no mínimo, dois mil homens, embora o número provavelmente se aproxime mais dos quatro mil, na sua maioria cavaleiros e homens-de-armas. As baixas genovesas foram muito numerosas e pelo menos metade foi dizimada pelo lado por que combatiam. As inglesas foram insignificantes, talvez menos de cem. O crédito deverá ir quase todo para os arqueiros, pois mesmo quando os franceses ultrapassaram a cortina

de flechas, sofreram pesadas baixas. Um cavaleiro que perdesse o movimento da carga e não fosse apoiado por outros, era uma presa fácil para os peões; foi assim que a cavalaria francesa foi dizimada na refrega. Depois da batalha, quando os franceses procuraram explicações para a sua derrota, acusaram os genoveses, o que provocou verdadeiros massacres destes mercenários em muitas cidades francesas. Porém, o verdadeiro erro foi o ataque apressado, ao fim da tarde de sábado, em

vez de ter sido realizado no domingo, com o exército mais bem organizado. Depois de ter sido tomada a decisão de atacar, a disciplina não foi respeitada, o que desperdiçou a primeira leva de cavaleiros, tendo os restantes dessa carga obstruído a segunda, mais bem comandada.

Tem havido grandes discussões acerca das disposições inglesas na batalha, a maior parte das quais centradas no local em que os arqueiros se encontravam. A maioria dos historiadores coloca-os nas pontas, mas decidi seguir a opinião de Robert Hardy que sugere que tenham sido dispostos ao longo da linha, e também nos extremos.

Quando se trata de arcos, de arqueiros e das suas façanhas, podemos confiar em Mr. Hardy.

Os combates eram raros, mas a chevauchée, expedição que partia para deliberadamente devassar o território inimigo, era vulgar.

Tratava-se, evidentemente de uma campanha económica, o equivalente do século XIV a um bombardeamento massivo. Os contemporâneos que descrevem o campo francês depois da passagem da chevauchée inglesa relatam que a França estava «massacrada e pisada», «à beira da mais completa ruína» ou «atormentada e devastada pela guerra». Não se respeitavam aqui as leis da cavalaria, e pouca ou nenhuma galantaria e cortesia. França acabaria por recuperar e expulsar os inimigos, mas apenas depois de ter aprendido a lidar com a chevauchée e, ainda mais, com os arqueiros ingleses (e galeses).

O arco é assim designado, pois a palavra longbow (arco longo) não era usada no século XIV (pela mesma razão Eduardo de Woodstock, Príncipe de Gales não aparece como Príncipe Negro, codnome que recebeu mais tarde). O arco era, simplesmente, um

arco, ou talvez um arco grande ou um arco de guerra. Muita tinta tem corrido em

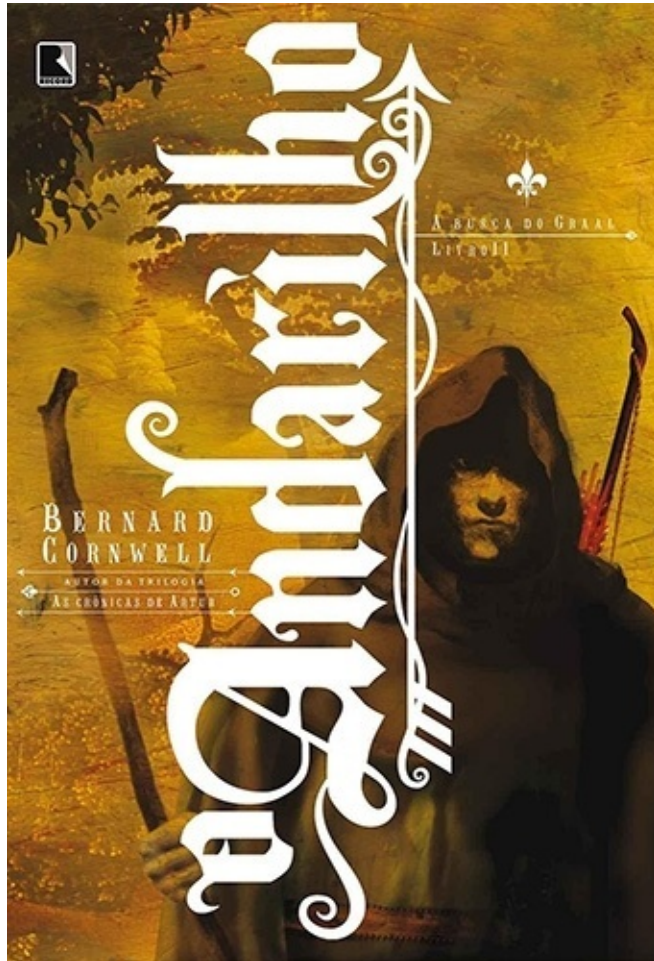
discussões acerca da origem do longbow, se galesa ou inglesa, se se tratava de invenção medieval ou era já proveniente do neolítico, mas o fato importante é que se salientou como arma de combate algum tempo antes da Guerra dos Cem Anos. Tornava-a tão eficiente a possibilidade de numerosos arqueiros se reunirem no mesmo exército. Um ou dois arcos produziam alguns danos, mas milhares, conseguiam destruir um exército e, na Europa, apenas os ingleses eram capazes de juntar esse número. Porquê? A tecnologia não poderia ser mais simples, mas mesmo assim os outros países não produziam arqueiros. A resposta está, em parte, nas grandes dificuldades de treinar arqueiros competentes. Eram necessárias horas e anos de prática, apenas levada a cabo nalgumas regiões de Inglaterra e do País de Gales. Na Grã-Bretanha terão existido provavelmente estes especialistas, desde o período neolítico (encontraram-se arcos de teixo, de dimensões semelhantes aos utilizados em Crécy, em sepulturas deste período), mas é igualmente provável que fossem pouco numerosos. Porém, fosse porque razão fosse, surgiu na Idade Média um grande entusiasmo por esta prática nalgumas regiões de Inglaterra e do País de Gales que conduziram à sua maior utilização como arma de guerra; do mesmo modo assim que o entusiasmo se desvaneceu o arco rapidamente desapareceu do arsenal inglês. Seria sensato dizer que foi substituído pelo mosquete, mas talvez fosse mais correcto afirmar que o arco deixou de ser usado, apesar do mosquete.

Benjamin Franklin, que não era tolo, afirmava que os rebeldes americanos teriam ganho a guerra com maior rapidez se tivessem arqueiros experientes e é certo que um batalhão destes homens teria

conseguido derrotar facilmente um batalhão de veteranos de Wellington, armados com espingardas de alma lisa. Porém, o mosquete (ou a besta) eram mais fáceis de manobrar. Resumindo, o arco foi um fenómeno provavelmente alimentado por uma gosto popular pela prática de tiro com flechas e traduziu-se na criação de uma arma de combate utilizada pelos reis de Inglaterra. Promoveu, do mesmo modo o estatuto dos homens da infantaria e até os menos inteligentes nobres ingleses acabaram por entender que a sua vida dependia dos arqueiros. Assim, não é de admirar que estes fossem em número muito superior aos homens-de-armas dos exércitos ingleses deste período.

Tenho de mencionar a minha enorme dívida a Jonathan Sumption, autor de *Trial by Battle, the Hundred Years War*, volume 1. É uma tremenda ofensa para os escritores a tempo inteiro como eu que, um advogado de sucesso possa escrever livros de tal modo soberbos durante o seu tempo livre. Mesmo assim, sinto-me

muito grato que o tenha feito e recomendo a sua história a todos aqueles que desejem aprender mais sobre este período. Os erros que mesmo assim surgirem, são da minha inteira responsabilidade.



BERNARD CORNWELL

o Andarilho



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Tradução de

LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

2014

Copyright © 2003 by Bernard Cornwell Copyright © 2011 by Editora Record
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

Título Original: Vagabond

Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva Revisão e Organização: Adriano T.
B. Cruz Arte da Capa: Daniel Morena e Marcelo Martinez Produção Editorial:
Edmundo Barreiros Revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua
portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Cornwell, Bernard,
1944—

O Andarilho / Bernard Cornwell ; tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva –
Rio de Janeiro, RJ : Editora Record, 2011

Título original: Vagabond

ISBN 978-85-01-06677-0

1. Romance histórico inglês.

2. Título.

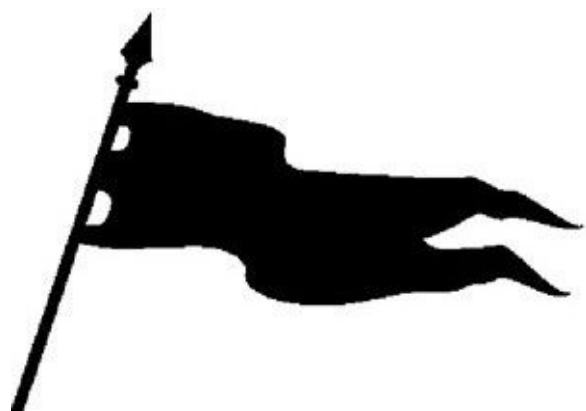
04-1390 CDD 821.111-3

O ANDARILHO

é dedicado a

June e Eddie Bell

com amizade e gratidão



Primeira Parte

INGLATERRA, OUTUBRO DE 1346

flechas no morro

era outubro, a época da morte do ano, quando o gado era abatido antes do inverno e quando os ventos do norte traziam uma promessa de gelo. As folhas dos castanheiros tinham-se tornado douradas, as faias eram árvores de fogo e os carvalhos eram feitos de bronze.

Thomas de Hookton com sua mulher, Eleanor, e seu amigo, o padre Hobbe, chegaram à fazenda do planalto ao anoitecer, e o fazendeiro recusou-se a abrir a porta, mas gritou através da parede que os viajantes podiam dormir no estábulo de vacas. A chuva retinha no sapé que se desfazia. Thomas conduziu o único cavalo deles para debaixo do telhado que eles dividiam com uma pilha de lenha, seis porcos num chiqueiro sólido e uma porção de penas espalhadas onde uma galinha fora depenada. As penas lembraram ao padre Hobbe que era o dia de São Galo, e ele contou a Eleanor que o bendito santo, ao voltar para casa numa noite de inverno, encontrara um urso roubando o seu jantar.

— Ele mandou o animal dar o fora! — disse o padre Hobbe. —

Passou um carão no bicho e depois mandou que ele fosse apanhar a lenha para o santo.

— Eu vi uma gravura disso — disse Eleanor. — O urso não ficou sendo criado dele?

— Isso porque Galo era um homem santo — explicou o padre Hobbe. — Os ursos não apanham lenha para qualquer um! Só para

um homem santo.

— Um homem santo — interveio Thomas — que é o padroeiro das galinhas. — Thomas sabia tudo sobre os santos, mais até do que o padre Hobbe. — Por que uma galinha iria querer um santo? —

perguntou ele em tom de sarcasmo.

— Galo é o santo padroeiro das galinhas? — perguntou Eleanor, confusa por causa do tom de voz de Thomas. — Não dos ursos?

— Das galinhas — confirmou o padre Hobbe. — Na verdade, de todas as aves domésticas.

— Mas por quê? — quis saber Eleanor.

— Porque certa vez ele expulsou um demônio malvado de uma jovem.

O padre Hobbe, rosto largo, cabelos como espinhos de um esgana-gata, nascido camponês, corpulento, jovem e ansioso, gostava de contar histórias dos benditos santos.

— Um monte de bispos tinha tentado expulsar o demônio —

continuou ele — e todos tinham fracassado, mas o bendito Galo apareceu e amaldiçoou o demônio. Ele o amaldiçoou! E o demônio ganiu, aterrorizado — o padre Hobbe agitou as mãos no ar para imitar o pânico do espírito mau —, e fugiu do corpo dela, isso mesmo, e parecia muito com uma galinha, uma franga. Uma franga preta.

— Eu nunca vi uma gravura disso — observou Eleanor no seu inglês com sotaque, e então, pensativa, olhando pela porta do estábulo: — Mas eu gostaria de ver um urso de verdade carregando lenha.

Thomas sentou-se ao lado dela e olhou para o crepúsculo molhado, que estava turvo por causa de um leve nevoeiro. Ele não tinha muita certeza de que era o dia de São Galo, porque perdera o

senso de cálculo enquanto viajavam. Talvez já estivessem no dia de Santa Audrey? Era outubro, disse ele sabia, e sabia que mil e trezentos e quarenta e seis anos tinham-se passado desde que Cristo nascera, mas não tinha certeza quanto ao dia em que estavam. Era fácil perder a conta. Certa vez seu pai recitara todas as missas de domingo num sábado e tivera de repetir tudo no dia seguinte. Sub-repticiamente, Thomas fez o sinalda-cruz. Era filho bastardo de um padre e diziam que aquilo dava azar. Ele estremeceu. Havia um peso no ar que nada tinha a ver com o sol poente nem com as nuvens carregadas de chuva, nem com o nevoeiro. Que Deus nos ajude, pensou, mas havia um mal naquele crepúsculo e ele tornou a fazer o sinalda-cruz e rezou em silêncio para São Galo e seu urso obediente. Tinha existido um urso dançarino em Londres, os dentes nada mais do que cotocos amarelos apodrecidos, os flancos marrons manchados de sangue provocado pela agulhada do dono. Os cachorros vira-latas tinham rosnado para

ele, girado em torno dele furtivamente e recuado quando ele os golpeará.

— Quanto falta para chegar a Durham? — perguntou Eleanor, desta vez falando em francês, sua língua natal.

— Acho que amanhã — respondeu Thomas, ainda olhando para o norte, para onde o escuro pesado amortilhava a terra. — Ela perguntou — explicou em inglês ao padre Hobbe — quando é que vamos chegar a Durham.

— Amanhã, se Deus quiser — disse o padre.

— Amanhã você poderá descansar — prometeu Thomas a Eleanor, em francês.

Ela estava grávida de um filho que, se Deus quisesse, iria nascer na primavera. Thomas não estava certo de como se sentia por ser pai.

Parecia cedo demais para assumir uma responsabilidade. Mas Eleanor estava feliz, e ele gostava de agradá-la, e por isso dizia que também se sentia feliz. Numa certa parte do tempo, até que era verdade.

— E amanhã — disse o padre Hobbe — vamos colher nossas respostas.

— Amanhã — corrigiu Thomas — vamos fazer nossas perguntas.

— Deus não vai nos deixar vir tão longe assim para ficarmos desapontados — disse o padre Hobbe. Depois, para evitar que Thomas apresentasse argumentos, serviu o escasso jantar. — Isto foi tudo o que restou do pão — disse ele — e nós devíamos guardar um pouco do queijo e uma maçã para o desjejum.

Ele fez o sinalda-cruz sobre a comida, abençoando-a, e depois partiu o pão duro em três pedaços.

— Devemos comer antes do anoitecer.

A escuridão trouxe um frio efêmero. Uma curta pancada de chuva passou e depois o vento diminuiu. Thomas dormiu mais próximo da porta do estábulo de vacas, e em determinado momento depois que o vento parou ele acordou, porque havia uma luz no céu do norte.

Rolou o corpo, sentou-se e esqueceu que estava com frio, esqueceu a fome,

esqueceu todos os irritantes desconfortos da vida, porque estava vendo o Graal. O Santo Graal, o mais precioso de todos os legados de Cristo ao homem, perdido naqueles mil e tantos anos, e ele o via brilhando no céu como um sangue reluzente, e à sua volta, brilhantes como a cintilante coroa de um santo, raios de um fulgor estonteante enchiam o céu.

Thomas queria acreditar. Ele queria que o Graal existisse. Achava que se o Graal fosse encontrado todo o mal do mundo iria escoar

pelas suas profundezas. Queria muito acreditar, e naquela noite de outubro ele via o Graal como um grande cálice em fogo no norte, e seus olhos encheram-se de lágrimas a ponto de a imagem ficar turva, e no entanto ainda o via, e parecia-lhe que um vapor saía do vaso sagrado. Por trás dele, em fileiras que subiam para as alturas do ar, estavam filas de anjos, as asas tocadas pelo fogo. Todo o céu do norte era fumaça e ouro e escarlate, brilhando na noite como um sinal para o indeciso Thomas.

— Oh, Deus — disse ele em voz alta, e tirou o cobertor com um gesto rápido e ajoelhou-se no frio portal do estábulo. — Oh, Deus!

— Thomas? — Eleanor, ao lado dele, acordara. Ela sentou-se e olhou para a noite. — Fogo — disse ela em francês — c'est un grand incendie.

Em sua voz transparecia um medo reverencial.

— C'est un incendie? — perguntou Thomas, e então ficou desperto por completo. Viu que realmente havia um grande incêndio no horizonte, do qual as chamas se erguiam para iluminar uma fenda com a forma de um cálice nas nuvens.

— Há um exército lá — sussurrou Eleanor em francês. — Olha! —

Ela apontou para um outro brilho, mais ao longe. Eles tinham visto luzes como aquelas no céu da França, luz das chamas refletida na nuvem onde o exército da Inglaterra assinalava com fogo a sua travessia da Normandia e da Picardia.

Thomas ainda olhava fixo para o norte, mas agora desapontado.

Era um exército? Não era o Graal?

— Thomas? — Eleanor estava preocupada.

— É só um boato — disse ele.

Ele era filho bastardo de um padre e tinha sido criado com as

escrituras sagradas. No Evangelho segundo Mateus fora prometido que no fim dos tempos haveria batalhas e rumores de batalhas. As escrituras prometiam que o mundo chegaria ao seu final numa confusão de guerra e sangue, e na última aldeia, onde os habitantes os tinham olhado com desconfiança, um padre mal-humorado os acusara de espiões escoceses. O padre Hobbe reagira ameaçando bater nas orelhas do seu colega de ofício, mas Thomas acalmara os dois homens e depois falara com um pastor que dissera ter visto fumaça nas montanhas ao sul. Os escoceses, dissera o pastor, estavam marchando para o sul, embora a mulher do padre zombasse da história dele alegando que as tropas escocesas não passavam de ladrões de gado.

— Tranquem as suas portas durante a noite — aconselhara ela —, e eles os deixarão em paz.

A luz distante diminuiu. Não era o Graal.

— Thomas? — disse Eleanor, o cenho franzido.

— Eu tive um sonho — disse ele —, só um sonho.

— Eu senti a criança se mexer — disse ela, e tocou o ombro dele.

— Você e eu vamos nos casar?

— Em Durham — prometeu ele. Ele era um bastardo e não queria que filho seu algum levasse o mesmo estigma. — Vamos chegar à cidade amanhã — assegurou à mulher —, e você e eu vamos nos casar numa igreja e depois faremos nossas perguntas.

E, rezou ele, que uma das respostas seja a de que o Graal nunca existiu. Que seja um sonho, uma simples ilusão de fogo e nuvem num céu noturno, porque, caso contrário, Thomas temia que aquilo levasse a pessoa à loucura. Ele queria abandonar sua busca, queria desistir do Graal e voltar a ser o que era e o que queria ser: um

arqueiro da Inglaterra.

bernard de Taillebourg, francês, frade dominicano e inquisidor, passou a noite de outono num chiqueiro e, quando o amanhecer chegou espesso e branco de tanto nevoeiro, ajoelhou-se e agradeceu a Deus pelo privilégio de dormir em cima de uma palha emporcalhada.

Depois, cômico de sua elevada tarefa, disse uma oração a São Domingos, implorando ao santo que intercedesse junto a Deus para tornar bom o trabalho daquele dia.

— Assim como a chama em sua boca nos ilumina para ver a verdade — disse ele em voz alta —, que ela ilumine o nosso caminho para o sucesso.

Ele se inclinou para a frente na intensidade da emoção, e sua cabeça bateu num rude pilar de pedra que sustentava um dos cantos do chiqueiro. A dor penetrou-lhe o crânio e ele provocou mais ao tornar a bater a cabeça contra a pedra, ralando a pele até sentir o sangue escorrer para o nariz.

— Bendito Domingos — bradou ele —, bendito Domingos!

Graças sejam dadas a Deus pela sua glória! Ilumine o nosso caminho!

O sangue agora estava nos lábios, e ele o lambeu e pensou em todo o sofrimento que os santos e mártires tinham suportado pela Igreja. Suas mãos estavam entrelaçadas e havia um sorriso no rosto desvairado.

Soldados que na noite anterior tinham posto fogo em grande

parte da aldeia, reduzindo-a a cinzas, e estuprado as mulheres que não conseguiram fugir, e matado os homens que tentaram proteger as mulheres, agora ficavam olhando o padre bater repetidas vezes a cabeça contra a pedra salpicada de sangue.

— Domingos — disse Bernard de Taillebourg, ofegante —, oh, Domingos!

Alguns soldados fizeram o sinal da cruz, porque sabiam identificar um homem santo só em olhar para ele. Um ou dois até se ajoelharam, embora isso fosse incômodo devido às cotas de malha, mas a maioria apenas ficou olhando desconfiada para o padre ou então observava o criado dele que, sentado do lado

de fora do chiqueiro, olhava para eles.

O criado, como Bernard de Taillebourg, era francês, mas alguma coisa na aparência do rapaz indicava um nascimento mais exótico. A pele era amarelada, quase tão escura quanto a de um mouro, e os longos cabelos eram de um preto liso que, com o rosto fino, davam-lhe uma aparência ferina. Ele vestia cota de malha, e levava uma espada e, embora não fosse nada mais do que o criado de um padre, portava-se com confiança e dignidade. O traje era elegante, um tanto estranho naquele exército maltrapilho. Ninguém sabia o seu nome. E

ninguém queria perguntar, assim como ninguém queria perguntar por que ele jamais comia ou conversava com os outros criados, antes mantendo-se fastidiosamente à parte. Agora o misterioso criado observava os soldados e na mão direita segurava uma faca com uma lâmina muito comprida e fina. Assim que percebeu que um número suficiente de homens olhava para ele, equilibrou a faca num dedo estendido. A faca estava apoiada na ponta afiada, que era impedida de furar a pele do criado pelo dedo cortado de uma luva de malhas

que ele usava como bainha. Então ele deu um impulso com o dedo e a faca girou no ar, lâmina brilhando, para cair de ponta e equilibrar-se no dedo outra vez. O criado não olhara uma vez sequer para a faca, mas mantivera os olhos negros fixos nos soldados. O padre, sem perceber a exibição, uivava orações, as faces magras rendadas de sangue.

— Domingos! Domingos! Ilumine o nosso caminho!

A faca tornou a girar, a lâmina maldosa refletindo a fraca luz da nevoenta manhã.

— Domingos! Guie-nos! Guie-nos!

— A cavalo! Montem! Mexam-se! — Um homem grisalho, um grande escudo pendurado no ombro esquerdo, forçou a passagem entre os espectadores. — Não temos o dia todo! O que em nome do diabo vocês estão olhando? Jesus Cristo em Sua maldita cruz, o que é isto, a porcaria da feira de Eskdale? Pelo amor de Deus, mexam-se!

Mexam-se!

O escudo no ombro exibia o emblema de um coração vermelho, mas a tinta

desbotara tanto, e a cobertura de couro do escudo estava tão arranhada, que era difícil distinguir o escudo.

— Ah, meu Cristo sofredor! — O homem localizara o dominicano e seu criado.
— Padre! Nós estamos indo agora. Agora mesmo! E não vou esperar por orações. — Ele voltou-se para os seus comandados. — Montem! Mexam os ossos! Há um trabalho dos diabos para fazer!

— Douglas! — vociferou o dominicano.

O homem grisalho voltou, rápido.

— Meu nome, padre, é Sir William, e é bom o senhor se lembrar dele.

O padre piscou os olhos. Parecia estar sofrendo de uma confusão momentânea, ainda dominado pelo êxtase de sua oração impulsionada pela dor, e então fez uma mesura maquinal como se admitindo sua falta por ter usado o sobrenome de Sir William.

— Eu estava falando com o bendito Domingos — explicou ele.

— Está bem, mas espero que tenha pedido a ele que mande para bem longe esse maldito nevoeiro.

— E ele vai nos liderar hoje! Ele vai nos guiar!

— Então é bom ele calçar suas malditas botas — resmungou Sir William Douglas, Cavaleiro de Liddesdale, para o padre —, porque nós vamos partir, quer o seu santo esteja pronto, quer não.

A cota de malha de Sir William estava rasgada de tanto combate e remendada com anéis mais novos. A ferrugem aparecia nas bordas e nos cotovelos. O escudo desbotado, como o rosto castigado pelo tempo, estava todo lanhado. Ele estava agora com quarenta e seis anos e calculava que tinha uma cicatriz feita por espada, flecha ou lança para cada um daqueles anos que tinham embranquecido seus cabelos e sua barba curta. Puxou a pesada porta do chiqueiro, abrindo-a.

— Levante-se, padre. Tenho um cavalo para o senhor.

— Eu vou a pé — disse Bernard de Taillebourg munindo-se de um bastão comprido com uma tira de couro enfiada na ponta —, como Nosso Senhor.

— Neste caso, o senhor não vai se molhar quando atravessarmos os rios, não é?
— Sir William fez um muxoxo. — Vai andar sobre as águas, não vai, padre? O senhor e seu criado?

O único entre os seus homens, ele não parecia impressionado com o padre francês ou desconfiado do bem armado criado dele, mas

Sir William Douglas tinha a fama de não ter medo de homem algum.

Ele era um capitão de fronteira que empregava assassinato, fogo, espada e lança para proteger sua terra, e um impetuoso padre vindo de Paris dificilmente iria impressioná-lo. Sir William, na verdade, não gostava muito de padres, mas o seu rei mandara que ele levasse Bernard de Taillebourg no ataque daquela manhã, e Sir William, embora relutante, concordara.

Em toda a sua volta, soldados subiram para as selas. Estavam com armas leves, porque não esperavam encontrar inimigo algum. Alguns, como Sir William, levavam escudos, mas a maioria se contentava com uma espada. Bernard de Taillebourg, a batina úmida e salpicada de lama, andava depressa ao lado de Sir William.

— O senhor vai entrar na cidade?

— É claro que não vou entrar na porcaria da cidade. Existe uma trégua, lembra-se?

— Mas se há uma trégua...

— Se há uma porcaria de trégua, nós os deixamos em paz.

O inglês do padre francês era bom, mas ele levou alguns instantes para decifrar o que as últimas três palavras de Sir William significavam.

— Não vai haver luta?

— Entre nós e a cidade, não. E não há nenhuma porcaria de exército inglês a menos de quatrocentos e oitenta quilômetros, de modo que não vai haver luta.

Tudo o que estamos fazendo é procurar por alimentos e forragem, padre, alimentos e forragem. Alimente seus homens e alimente seus animais, e é assim que se vencem as guerras.

Enquanto falava, Sir William montou em seu cavalo, que era seguro por um escudeiro. Enfiou as botas nos estribos, tirou o saiote

da cota de malha de sob as coxas e segurou as rédeas.

— Eu levo o senhor até perto da cidade, padre, mas depois vai ter de se deslocar sozinho.

— Deslocar? — perguntou Bernard de Taillebourg, mas Sir William já fizera um giro e esporeara o cavalo por uma pista lamacenta que corria entre muros de pedra baixos. Duzentos soldados montados, carrancudos e pálidos naquela nevoenta manhã, seguiam atrás dele, e o padre, fustigado pelos seus grandes cavalos sujos, esforçava-se para manter o ritmo. O criado ia atrás, sem aparentar preocupação. Era evidente que ele estava acostumado a ficar em meio a soldados e não mostrava apreensão alguma. Na verdade, seu comportamento indicava que ele poderia ser melhor com suas armas do que a maioria dos homens que cavalgavam atrás de Sir William.

O dominicano e seu criado tinham viajado até a Escócia com uma dúzia de outros mensageiros enviados ao rei David II por Filipe de Valois, rei da França. A delegação fora um pedido de socorro. Os ingleses tinham posto fogo em tudo o que encontravam ao atravessarem a Normandia e a Picardia, tinham trucidado o exército do rei francês perto de uma aldeia chamada Crécy, e seus arqueiros agora dominavam uma dúzia de fortes na Bretanha, enquanto seus selvagens cavalarianos seguiam das antigas possessões de Eduardo da Inglaterra na Gasconha. Tudo isso era ruim, mas ainda pior, e como para mostrar a toda a Europa que a França podia ser desmembrada impunemente, o rei inglês estava agora sitiando o grande porto-fortaleza de Calais. Filipe de Valois fazia todo o possível para levantar o cerco, mas o inverno estava chegando, os nobres resmungavam que seu rei não era guerreiro coisa nenhuma, e por isso ele apelara para a ajuda do rei David, da Escócia, filho do Robert the Bruce. Invada a

Inglaterra, implorara o rei francês, e com isso obrigue Eduardo a abandonar o cerco de Calais para proteger sua terra natal. Os escoceses tinham estudado o convite e depois foram persuadidos pela delegação do rei francês de que a

Inglaterra estava indefesa. Como poderia ser de outra maneira? O exército de Eduardo da Inglaterra estava todo em Calais, ou então na Bretanha ou na Gasconha, e não restara ninguém para defender a Inglaterra, e aquilo significava que o velho inimigo estava indefeso, estava pedindo para ser estuprado, e todas as riquezas da Inglaterra estavam apenas esperando para cair em mãos escocesas.

E por isso os escoceses tinham ido para o sul.

Era o maior exército que a Escócia já mandara para além da fronteira. Os grandes senhores estavam todos lá, os filhos e netos dos guerreiros que tinham humilhado a Inglaterra no sangrento massacre em torno do Bannockburn, e aqueles senhores tinham levado seus soldados já bastante calejados em incessantes batalhas nas fronteiras, mas dessa vez, farejando saques, faziam-se acompanhar dos chefes de clãs vindos das montanhas e das ilhas: chefes liderando membros selvagens das tribos que falavam uma língua própria e lutavam como demônios desvairados. Eles tinham chegado aos milhares, para ficar ricos, e os mensageiros franceses, o dever cumprido, tinham embarcado de volta para dizer a Filipe de Valois que Eduardo da Inglaterra iria, sem dúvida alguma, levantar o cerco de Calais quando soubesse que os escoceses estavam assolando suas terras ao norte.

A delegação francesa tinha voltado para casa, mas Bernard de Taillebourg ficara. Ele tinha negócios a resolver no norte da Inglaterra, mas nos primeiros dias da invasão não sentira senão frustração. O exército escocês tinha doze mil homens, era maior do

que o exército com o qual Eduardo da Inglaterra derrotara os franceses em Crécy, mas, uma vez do outro lado da fronteira, o grande exército havia parado para sitiar uma fortaleza solitária defendida por apenas trinta e oito homens e, embora todos eles tivessem morrido, havia perdido quatro dias na ação. Um tempo maior fora gasto negociando com os cidadãos de Carlisle, que pagaram em ouro para ter a cidade poupada. Em seguida, o jovem rei escocês desperdiçara mais três dias saqueando o grande priorado dos cônegos em Hexham. Agora, dez dias depois de cruzada a fronteira, e depois de perambular pelos terrenos turfosos ingleses do norte, o exército escocês chegara finalmente a Durham. A cidade oferecera mil libras de ouro para ser poupada, e o rei David lhe dera dois dias para levantar o dinheiro. O que significava que Bernard de Taillebourg tinha dois dias para achar um meio de entrar na cidade, objetivo pelo qual, escorregando na lama e meio cego pelo nevoeiro, ele seguia Sir William

Douglas até um vale, atravessava um rio e subia um monte íngreme.

— Para que lado fica a cidade? — perguntou a Sir William.

— Quando o nevoeiro acabar, padre, eu lhe direi.

— Eles vão respeitar a trégua?

— Em Durham, eles são homens santos, padre — respondeu Sir William com sarcasmo —, mas, o que é ainda melhor, são homens amedrontados.

Tinham sido os monges da cidade que negociaram o resgate, e Sir William se manifestara contra a aceitação da proposta. Se monges ofereciam mil libras, calculava ele, teria sido melhor matar os monges e levar duas mil, mas o rei David rejeitara o seu conselho. David the Bruce passara grande parte da juventude na França e por isso

considerava-se aculturado, mas Sir William não era tolhido assim por escrúpulos.

— O senhor estará a salvo se puder entender-se com eles para que o deixem entrar na cidade — assegurou Sir William ao padre.

Os cavalarianos tinham chegado ao alto do morro e Sir William seguiu para o sul ao longo da crista do monte, ainda seguindo uma trilha que era margeada por muros de pedra e que levou, depois de mais ou menos quilômetro e meio, a uma aldeia deserta onde quatro chalés, tão baixos que seus rudes telhados de sapé pareciam brotar da turfa irregular, estavam agrupados numa encruzilhada. No centro da encruzilhada, onde os enlameados sulcos dos carros cercavam uma faixa de urtigas e capim, uma cruz de pedra inclinava-se para o sul. Sir William parou seu cavalo ao lado do monumento e olhou para o dragão entalhado que cercava o tronco da cruz. Faltava um braço na cruz. Uma dúzia de seus soldados desmontou e curvou-se para entrar nos chalés baixos, mas não encontrou ninguém nem coisa alguma, embora em um dos chalés as brasas de uma lareira ainda brilhassem e, por isso, eles usaram a lenha que ardia para pôr fogo nos telhados de sapé. O sapé relutou em pegar fogo, porque estava tão úmido que cogumelos nasciam em seu musgoso emaranhado.

Sir William tirou o pé do estribo e tentou derrubar a cruz partida com pontapés, mas ela não se mexeu. Ele grunhia com o esforço, viu a expressão de censura de

Bernard de Taillebourg e franziu o cenho.

— Aqui não é terreno sagrado, padre. É apenas a porcaria da Inglaterra. — Olhou para o dragão entalhado, que estava com a boca aberta enquanto o resto do corpo se esticava pelo tronco da cruz. —

Que bicho feio, não?

— Os dragões são criaturas do pecado, coisas do demônio — disse

Bernard de Taillebourg —, e por isso é claro que ele é horrendo.

— Uma coisa do demônio, hein? — Sir William tornou a chutar a cruz. — Minha mãe — explicou enquanto dava um terceiro pontapé inútil — sempre me disse que a porcaria dos ingleses enterravam o produto do roubo embaixo de cruzes com dragões.

Dois minutos depois a cruz tinha sido erguida para o lado e meia dúzia de homens olhava, desapontada, para dentro do buraco que ela deixara. A fumaça dos telhados em chamas tornava o nevoeiro mais espesso, girava por cima da estrada e desaparecia no tom cinzento do ar matutino.

— Nada de ouro — resmungou Sir William, e chamou seus homens e liderou-os em direção sul, saindo da fumaça sufocante.

Ele procurava por qualquer cabeça de gado que pudesse ser levada para o exército escocês, mas os campos estavam vazios. O fogo dos chalés tinha tons turvos de vermelho e ouro no nevoeiro atrás dos atacantes, um brilho que morreu devagar até que só restou o cheiro do incêndio, e então, enorme, enchendo o mundo inteiro com o alarme do seu barulho, um soar de sinos tilintou pelo céu. Sir William, supondo que o som viesse do leste, passou por uma brecha no muro para o pasto, onde fez o cavalo parar e ficou em pé nos estribos. Prestava atenção ao som, mas no nevoeiro era impossível dizer onde estavam os sinos ou a que distância estavam sendo tocados. Mas o som parou tão de repente quanto começara. O

nevoeiro se diluía, agora desfazendo-se através das folhas laranja de uma floresta de olmos. Cogumelos brancos pontilhavam o pasto vazio onde Bernard de Taillebourg caiu de joelhos e começou a rezar em voz alta.

— Cale-se, padre! — vociferou Sir William.

O padre fez o sinalda-cruz como a implorar aos céus que perdoassem a irreverência de Sir William ao interromper a oração.

— O senhor disse que não havia inimigo algum — reclamou ele.

— Eu não estou tentando ouvir porcarias de inimigo algum —

disse Sir William —, mas animais. Estou de ouvido atento a sinos de gado vacum ou de ovelhas.

No entanto Sir William parecia estranhamente nervoso para um homem que só procurava cabeças de gado. Ele continuava girando o corpo na sela, olhando para o nevoeiro e franzindo o cenho diante dos leves ruídos de correntes de retenção ou patas pisando em terra úmida. Com rispidez, mandou os soldados que estavam mais próximos a ele que calassem a boca. Ele era soldado antes mesmo de alguns daqueles homens terem nascido e só continuava vivo porque nunca ignorara os instintos, e agora, naquele nevoeiro úmido, ele sentia o perigo no ar. A razão lhe dizia que nada havia a temer, que o exército inglês estava bem longe, do outro lado do mar, mas mesmo assim sentia o cheiro da morte e, inconsciente do que fazia, tirou o escudo do ombro e enfiou o braço esquerdo nas alças. Era um escudo grande, feito antes que os homens comesçassem a acrescentar placas de blindagem às suas malhas, um escudo com largura suficiente para proteger o corpo inteiro de um homem.

Um soldado soltou um brado da beira do pasto e Sir William agarrou o punho da espada, e então percebeu que o homem apenas tivera uma exclamação diante da repentina aparição de torres no nevoeiro, que agora era pouco mais do que uma névoa no topo da montanha, embora nos vales profundos dos dois lados o nevoeiro fluísse como um rio branco. E do lado oriental do rio, na direção norte onde surgiam da brancura espectral de um outro topo de

montanha, havia uma imponente catedral e um castelo. Eles se erguiam da névoa, imensos e escuros, como edifícios saídos da imaginação sinistra de um mágico. O criado de Bernard de Taillebourg, que acreditava não ver civilização havia semanas, olhou enfeitiçado para as duas construções. Monges de batina preta enchiam a mais alta das duas torres da catedral, e o criado os viu apontando para os cavalarianos escoceses.

— Durham — resmungou Sir William. Os sinos, concluiu, deviam estar convocando os fiéis para as orações matutinas.

— Eu tenho de ir até lá!

O dominicano pôs-se de pé e, agarrando o bastão, saiu em direção à cidade envolta em nevoeiro.

Sir William esporeou o cavalo na frente do francês.

— Que pressa é essa, padre? — perguntou, e de Taillebourg tentou esgueirar-se para passar pelo escocês, mas ouviu-se um som de metal arrastando-se em metal, e de repente uma lâmina, fria, pesada e cinzenta, estava no rosto do dominicano.

— Eu lhe perguntei, padre, que pressa é essa.

A voz de Sir William era tão fria quanto sua espada; então, alertado por um de seus soldados, ergueu o olhar e viu que o criado do padre sacara pela metade a espada.

— Se o seu criado bastardo não embainhar a espada dele, padre

— Sir William falava em tom suave, mas havia uma ameaça terrível na voz —, vou comer os bagos dele no jantar.

De Taillebourg disse alguma coisa em francês, e o criado, relutante, empurrou a espada toda para dentro da bainha. O padre ergueu o olhar para Sir William.

— O senhor não teme pela sua alma mortal? — perguntou ele.

Sir William sorriu, fez uma pausa e correu os olhos pelo topo da montanha, mas nada viu de irregular no nevoeiro que se esgarçava e concluiu que o seu nervosismo anterior fora provocado por sua imaginação. Resultado talvez de um excesso de carne de vaca, carne de porco e vinho na noite anterior. Os escoceses tinham festejado na casa capturada do prior de Durham, e o prior vivia bem, a julgar pela sua despensa e sua adega, mas jantares ricos davam premonições aos homens.

— Eu tenho um padre para se preocupar com a minha alma —

disse Sir William e ergueu a ponta da espada para obrigar o rosto de Bernard de Taillebourg a voltar-se para cima. — Por que um francês teria negócios a tratar com os nossos inimigos em Durham? —

perguntou.

— É assunto da Igreja — disse de Taillebourg com firmeza.

— Não dou a mínima para que negócio é esse — disse Sir William

—, mas mesmo assim quero saber.

— Impeça-me — disse de Taillebourg empurrando a lâmina da espada para longe —, e eu farei com que o rei o castigue, a Igreja o condene e o Santo Padre mande sua alma para a perdição eterna. Vou convocar...

— Cale a porcaria dessa boca! — disse Sir William. — O senhor acha, padre, que pode me amedrontar? Nosso rei é um fantoche, e a Igreja faz o que os seus pagadores mandam que ela faça. — Ele recolocou a lâmina da espada no ponto anterior, dessa vez apoiando-a no pescoço do dominicano. — Agora me conte qual é o assunto.

Diga-me por que um francês ficaria conosco em vez de voltar para casa com os seus conterrâneos. Diga-me o que o senhor quer em Durham.

Bernard de Taillebourg agarrou o crucifixo que lhe pendia do pescoço e ergueu-o na direção de Sir William. Em outro homem o gesto poderia ter sido interpretado como uma demonstração de medo, mas no dominicano parecia mais como se ele ameaçasse a alma de Sir William com os poderes do céu. Sir William limitou-se a lançar um olhar cobiçoso para o crucifixo como estimando o seu valor, mas a cruz era de madeira, ao passo que a pequena figura de Cristo, contorcida na agonia da morte, era apenas feita de um osso amarelado. Se a figura fosse de ouro, Sir William poderia ter tirado a jóia, mas em vez disso deu uma cusvida de zombaria. Alguns de seus soldados, temendo mais a Deus do que ao seu senhor, fizeram o sinalda-cruz, mas a maioria não deu importância. Eles vigiavam atentamente o criado, porque ele parecia perigoso, mas um clérigo de meia-idade vindo de Paris, por mais violento e magro que fosse, não os amedrontava.

— E o que é que o senhor vai fazer? — perguntou de Taillebourg a Sir William com desdém. — Me matar?

— Se for preciso — disse Sir William, implacável.

A presença do padre na delegação francesa tinha sido um enigma, e o fato de ele ter ficado quando os demais foram embora só aumentava o mistério, mas um soldado tagarela, um dos franceses que tinham levado duzentas armaduras como presente para os escoceses, dissera a Sir William que o padre estava à cata de um grande tesouro. Se esse tesouro estivesse em Durham, Sir William ia querer saber. Ia querer uma parte.

— Já matei padres antes — disse ele a de Taillebourg —, e um outro padre me vendeu uma indulgência pelas mortes. De modo que não pense que eu tenho medo do senhor ou da sua Igreja. Não há

pecado que não se possa anular pagando, nem perdão que não possa ser comprado.

O dominicano deu de ombros. Dois dos homens de Sir William estavam atrás dele, espadas desembainhadas, e ele percebeu que aqueles escoceses seriam mesmo capazes de matá-lo e matar seu criado. Aqueles homens que seguiam o coração vermelho de Douglas eram celerados de fronteira, criados para combater, tal como um cão era criado para a caça, e o dominicano sabia que de nada adiantava continuar a ameaçar-lhes as almas, porque eles não davam importância alguma a isso.

— Vou entrar em Durham — disse de Taillebourg — para procurar um homem.

— Que homem? — perguntou Sir William, a espada ainda no pescoço do padre.

— Ele é um monge — explicou de Taillebourg, paciente —, e agora um velho, tão velho que é até possível que nem mesmo esteja vivo. É francês, um beneditino que fugiu de Paris há muitos anos.

— Por que fugiu?

— Porque o rei queria a cabeça dele.

— A cabeça de um monge? — O tom de voz de Sir William denotava dúvida.

— Ele nem sempre foi beneditino — disse de Taillebourg —, antes já foi um templário.

— Ah! — Sir William começava a compreender.

— E ele sabe — continuou de Taillebourg — onde um grande tesouro está escondido.

— O tesouro dos templários?

— Dizem que está escondido em Paris — disse de Taillebourg —,

escondido todos esses anos, mas só no ano passado foi que se descobriu que o francês estava vivo e na Inglaterra. O beneditino, entende?, foi sacristão dos templários. O senhor sabe o que é isso?

— Não faça pouco-caso de mim, padre — disse Sir William com frieza.

De Taillebourg inclinou a cabeça para reconhecer a justiça da observação.

— Se alguém sabe onde está o tesouro dos templários —

continuou ele com humildade —, esse alguém é o homem que foi o sacristão deles, e agora, segundo soubemos, esse homem mora em Durham.

Sir William afastou a espada. Tudo o que o padre dizia fazia sentido. Os Cavaleiros do Templo, uma ordem de soldados monges que tinham feito o juramento de proteger as rotas dos peregrinos entre a cristandade e Jerusalém, tinham enriquecido muito acima do que os reis imaginavam possível, e isso fora uma tolice, porque fizeram com que os reis ficassem enciumados, e reis enciumados são inimigos terríveis. O rei da França era justamente um desses inimigos e mandara que os templários fossem destruídos: para alcançar tal fim inventaram uma heresia para eles, advogados distorceram verdades, sem dificuldade, e os templários foram extintos. Seus líderes tinham sido queimados e suas terras, confiscadas, mas os tesouros, os lendários tesouros dos templários, jamais tinham sido encontrados. O

sacristão da ordem, o homem responsável por mantê-los em segurança, devia sem dúvida alguma saber do paradeiro deles.

— Quando os templários foram dissolvidos? — perguntou Sir William.

— Há vinte e nove anos — respondeu de Taillebourg.

Nesse caso, o sacristão ainda podia estar vivo, pensou Sir William. Devia ser um homem velho, mas estaria vivo. Sir William embainhou a espada, plenamente convencido da história de Bernard de Taillebourg. No entanto nada daquilo era verdade, exceto que havia um velho monge em Durham, mas ele não era francês e nunca fora um templário. Com toda probabilidade, nada sabia sobre o tesouro dos templários. Mas de Taillebourg falara com persuasão e a história do tesouro desaparecido ecoava por toda a Europa, abordada sempre que homens se reuniam para trocar histórias fantásticas. Sir William queria que a história fosse verdadeira, e isso, mais do que qualquer outra coisa, o convenceu de que era.

— Se o senhor achar esse homem — disse ele a de Taillebourg —

e se ele estiver vivo, e se então o senhor achar o tesouro, será porque nós tornamos isso possível. Terá sido porque nós o trouxemos até aqui e porque nós o protegemos em sua viagem até Durham.

— É verdade, Sir William — disse de Taillebourg.

Sir William ficou surpreso com a pronta concordância do padre.

Franziu o cenho, mexeu-se na sela e olhou para o dominicano como avaliando o seu grau de confiabilidade.

— De modo que temos que compartilhar esse tesouro — ordenou ele.

— É claro — disse instantaneamente de Taillebourg.

Sir William não era bobo. Se deixasse o padre entrar em Durham, nunca mais voltaria a vê-lo. Torceu-se na sela e olhou para o norte, em direção à catedral. Dizia-se que o tesouro dos templários era o ouro de Jerusalém, mais ouro do que se poderia sonhar, e Sir William era suficientemente honesto para saber que não possuía os recursos para levar uma parte daquele tesouro descoberto para Liddesdale. O

rei tinha de ser usado. David II podia ser um rapaz fraco, pouco experiente e abrandado demais por ter vivido na França, mas os reis tinham recursos que eram negados aos cavaleiros, e David da Escócia podia falar com Filipe da França quase que de igual para igual, ao passo que qualquer mensagem enviada por William Douglas seria ignorada em Paris.

— Jamie! — berrou ele para seu sobrinho, que era um dos dois homens que vigiavam de Taillebourg. — Você e Dougal vão levar o padre de volta para o rei.

— O senhor tem de me soltar! — protestou Bernard de Taillebourg.

Sir William inclinou-se na sela.

— Quer que eu mande cortar o seu saco sacerdotal para fazer uma bolsa para mim? — Ele sorriu para o dominicano e depois olhou para trás, para o sobrinho. — Diga ao rei que este padre francês tem informações que nos dizem respeito e diga a ele que o mantenha em segurança até eu voltar.

Sir William tinha decidido que se houvesse um velho monge francês em Durham ele deveria ser interrogado pelos servidores do rei da Escócia, e a informação prestada pelo monge, se é que teria alguma informação a dar, poderia então ser vendida ao rei francês.

— Leve-o, Jamie — ordenou ele —, e vigie aquele maldito criado.

Tire a espada dele.

James Douglas sorriu da idéia de que um simples padre e seu criado lhe causassem problema, mas ainda assim obedeceu ao tio.

Mandou que o criado entregasse a espada e, quando o homem demonstrou reação à ordem, Jamie desembainhou a sua espada até a metade. De Taillebourg, ríspido, mandou seu criado obedecer e a

espada foi entregue de mau humor. Jamie Douglas sorriu enquanto pendurava a espada no seu próprio cinto.

— Eles não vão me importunar, tio.

— Vão indo — disse Sir William e ficou olhando enquanto o sobrinho e seu companheiro, ambos bem montados em belos garanhões capturados das terras de Percy em Northumberland, escoltavam o padre e seu criado de volta para o acampamento do rei.

Sem dúvida o padre iria queixar-se ao rei, mas David, muito mais fraco do que seu eminente pai, embora viesse a ficar preocupado com a contrariedade de Deus

e dos franceses, se preocuparia muito mais com a contrariedade de Sir William. Este sorriu ao pensar nisso, e então viu que alguns de seus homens lá do outro lado do campo tinham desmontado.

— Quem, diabos, mandou vocês desmontarem? — gritou ele, irado, só então reparando que não eram homens seus, mas estranhos revelados pelo nevoeiro que se desfazia, e lembrou-se de seus instintos, e amaldiçoou a si mesmo por haver perdido tempo com o padre.

E enquanto se amaldiçoava a primeira flecha adejou, vindo do sul. O som que ela fazia era um chiado, pena no ar, e então atingiu o alvo e o barulho foi como uma acha de armas cortando carne. Foi um choque surdo, com um rebordo de penetração de aço num músculo e terminando com a áspera raspagem de lâmina num osso, e então um grunhido da vítima e um segundo de silêncio.

E depois disso, o grito.

thomas de Hookton ouviu os sinos, graves e sonoros, não o som de sinos pendurados em alguma igreja de aldeia, mas sinos de uma força trovejante. Durham, pensou, e sentiu um grande cansaço, porque a viagem tinha sido muito longa.

Ela começara na Picardia, num campo fedendo a homens e cavalos mortos, um local de bandeiras caídas, armas quebradas e flechas desperdiçadas. Tinha sido uma grande vitória, e Thomas se perguntava por que ela o deixara insensível e nervoso. Os ingleses tinham marchado para o norte, para sitiar Calais, mas Thomas, preso ao dever de servir ao conde de Northampton, recebera a permissão dele para levar o companheiro ferido para Caen, onde havia um médico de uma competência extraordinária. Mas fora decretado que ninguém podia deixar o exército sem a permissão do rei, e por isso o conde abordara o rei e, assim, Eduardo Plantageneta ouviu falar em Thomas de Hookton e que o pai dele tinha sido um padre que nascera de uma família de exilados franceses chamada Vexille, e que, segundo se dizia, a família Vexille possuía, em determinada época, o Graal. Era apenas um rumor, claro, uma história tênue num mundo cruel, mas a história dizia respeito ao Santo Graal e este era a coisa mais preciosa que já existira, se é que realmente existira; e o rei interrogara Thomas de Hookton e este tentara zombar da autenticidade da história do Graal, levando o bispo de Durham, que

lutara na parede de escudos que acabara com os assaltos franceses, a dizer que o pai de Thomas estivera preso em certa ocasião em Durham.

— Ele era um louco — explicara o bispo ao rei —, com o juízo levado pelos ventos! Por isso eles o confinaram, para o seu próprio bem.

— Ele falou sobre o Graal? — perguntara o rei, e o bispo de Durham respondera que havia um homem em sua diocese que poderia saber, um velho monge chamado Hugh Collimore, que havia cuidado do louco Ralph Vexille, pai de Thomas. O rei poderia ter considerado que as histórias não passavam de mexericos de igreja, se Thomas não tivesse recuperado a herança de seu pai, a lança de São Jorge, na batalha que deixara tantos mortos na encosta verde acima da aldeia de Crécy. A batalha também deixara o amigo e comandante de Thomas, Sir William Skeat, ferido, e ele quisera levar Skeat ao médico na Normandia, mas o rei insistira em que Thomas fosse a Durham e falasse com o irmão Collimore. Por isso o pai de Eleanor levava Sir William Skeat para Caen, e Thomas, Eleanor e o padre Hobbe tinham acompanhado um capelão real e um cavaleiro da casa do rei Eduardo à Inglaterra, mas em Londres o capelão e o cavaleiro ficaram doentes, com uma febre do início do inverno, e Thomas e seus companheiros viajaram para o norte sozinhos e agora estavam perto de Durham, numa manhã nevoenta, ouvindo os sinos da catedral. Eleanor, como o padre Hobbe, ficou agitada, porque acreditava que descobrir o Graal traria paz e justiça para um mundo que fedia a chalés incendiados. Não haveria mais sofrimento, achava Eleanor, nem mais guerras, e talvez nem mesmo mais doenças.

Thomas queria acreditar nisso. Queria que sua visão noturna

fosse verdadeira, não chamas e fumaça, e no entanto se o Graal existisse mesmo ele achava que estaria numa grande catedral, protegido por anjos. Ou então fora embora deste mundo, e, se não havia Graal nenhum na terra, a fé de Thomas estava num arco de guerra feito de teixo italiano, pintado de preto, cordado com cânhamo, que disparava uma flecha feita de freixo, empenada com penas de ganso e com ponta de aço. Na barriga do arco, onde sua mão esquerda agarrava o teixo, havia uma placa de prata entalhada com um yale, um animal fabuloso de patas, chifres e presas e escamas que era o emblema da família de seu pai, os Vexille. O yale segurava uma taça, e tinham dito a Thomas que aquela taça era o Graal.

Sempre o Graal. O Graal o chamava, zombava dele, desviava sua vida, mudava

tudo, mas nunca aparecia, exceto num sonho com fogo. Era um mistério, assim como a família de Thomas era um mistério, mas talvez o irmão Collimore pudesse lançar uma luz sobre aquele mistério, e por isso Thomas tinha ido para o norte. Ele poderia não obter informações sobre o Graal, mas esperava descobrir mais sobre sua família, e isso, quando mais nada, fazia com que a viagem valesse a pena.

— De que lado? — perguntou o padre Hobbe.

— Deus sabe — disse Thomas. O nevoeiro amortalhava a terra.

— O som dos sinos veio de lá.

O padre Hobbe apontou para o norte e para o leste. Ele era agitado, cheio de entusiasmo, e confiava ingenuamente no senso de direção de Thomas, embora na verdade Thomas não soubesse onde estava. Mais cedo naquele dia eles tinham chegado a uma bifurcação na estrada e ele seguira, aleatoriamente, a trilha da esquerda que agora se reduzia a uma simples cicatriz no gramado à medida que

subia. Cogumelos cresciam no pasto, que estava úmido e pesado de orvalho, de modo que o cavalo deles escorregava enquanto subia. O

cavalo era a égua de Thomas, e ela estava levando a pequena bagagem deles e em uma das sacolas penduradas no arção dianteiro da sela estava uma carta do bispo de Durham para John Fossor, o prior de Durham. “Caríssimo irmão em Cristo”, começava a carta, e em seguida instruía Fossor a permitir que Thomas de Hookton e seus companheiros interrogassem o irmão Collimore sobre o padre Ralph Vexille, “de quem você não vai se lembrar, porque ele esteve internado em nossa casa antes de você ir para Durham, na verdade antes de eu vir para a Sé, mas haverá alguns que sabem a respeito dele, e o irmão Collimore, se Deus quiser que ele ainda esteja vivo, terá um certo conhecimento sobre ele e o grande tesouro que ele escondeu. Pedimos isso em nome do rei e a serviço de Deus Todo-Poderoso que abençoou nossas armas nesta empreitada.”

— Qu’est-ce que c’est? — perguntou Eleanor, apontando para a montanha, onde um opaco reflexo avermelhado descorava o nevoeiro.

— O quê? — perguntou o padre Hobbe, o único que não falava francês.

— Fique calado — disse Thomas erguendo a mão.

Ele sentia o cheiro de queimado e via o bruxulear das chamas, mas não se ouviam vozes. Tirou o arco de onde este pendia da sela e encordoou-o, curvando a enorme vara para prender a corda por cima do pedaço de osso entalhado. Tirou uma flecha da sacola e então, fazendo sinais para que Eleanor e o padre Hobbe ficassem onde estavam, esgueirou-se trilha acima até a proteção de uma espessa cerca viva onde cotovias e tentilhões voavam através das folhas

moribundas. As chamas aumentavam, sugerindo que tinham sido reanimadas. Ele se aproximou mais, sorrateiramente, o arco meio armado, até poder ver que tinha havido três ou quatro chalés em torno de uma encruzilhada e as vigas e os telhados de sapé queimavam bem e lançavam fagulhas que giravam para o cinza úmido. Os incêndios pareciam recentes, mas não havia ninguém à vista: nenhum inimigo, nada de homens em cotas de malha, e por isso ele fez um sinal para que Eleanor e o padre Hobbe avançassem.

Então, acima do som do incêndio, ouviu um grito. Foi muito longe, ou talvez perto mas abafado pelo nevoeiro, e Thomas olhou fixo através da fumaça e do nevoeiro e para além das chamas agitadas, e de repente dois homens em cotas de malha, ambos montados em garanhões pretos, surgiram a meio galope. Os cavaleiros usavam chapéus pretos, botas pretas e espadas pretas embainhadas, e escoltavam dois outros homens que estavam a pé. Um deles era um padre, um dominicano, a julgar pelo hábito preto e branco, e tinha o rosto ensanguentado, enquanto o outro era alto, trajando uma cota de malha, e tinha longos cabelos pretos e um rosto fino, parecendo inteligente. Os dois seguiram os cavaleiros através do nevoeiro enfumaçado, e então pararam na encruzilhada, onde o padre caiu de joelhos e fez o sinalda-cruz.

O cavaleiro no comando pareceu irritado com a prece do padre, porque volteou o cavalo e, desembainhando a espada, cutucou o homem ajoelhado com a lâmina. O padre ergueu os olhos e, para espanto de Thomas, de repente ergueu o bastão e bateu com ele no pescoço do garanhão. O animal afastou-se, torcendo o corpo, e o padre bateu com força o bastão no braço do cavaleiro que segurava a espada. O cavaleiro, desequilibrado pelo movimento espasmódico do

seu garanhão, tentou golpear do outro lado do corpo com a longa espada. O segundo cavaleiro já havia desmontado, embora Thomas não o tivesse visto cair, e o homem de cabelos compridos e cota de malha estava em pé, com uma perna de cada lado dele, uma longa faca desembainhada. Thomas limitou-se a olhar, intrigado, porque estava convencido de que nem os dois cavaleiros, nem o padre,

nem o homem de cabelos pretos tinham soltado o grito, mas não havia mais ninguém à vista. Um dos dois cavaleiros já estava morto, e o outro agora lutava com o padre em silêncio, e Thomas teve a sensação de que o conflito era irreal, que ele estava sonhando, que na verdade aquilo era uma representação com fundo moralista, numa peça muda: o cavaleiro vestido de preto era o diabo e o padre era a vontade de Deus, e as dúvidas de Thomas quanto ao Graal estavam para ser esclarecidas por quem ganhasse, e então o padre Hobbe tirou o grande arco de Thomas.

— Nós temos de ajudar!

Mas o padre praticamente não precisava de ajuda. Ele usava o seu bastão como uma espada, aparando os golpes do adversário, atacando com ímpeto para machucar as costelas do cavaleiro, e então o homem de cabelos compridos enfiou uma espada nas costas do cavaleiro e este arqueou-se, tremeu, e sua espada caiu. Por um instante ele olhou para o padre e depois caiu da sela para trás. Seus pés ficaram momentaneamente presos nos estribos, e o cavalo, em pânico, galopou montanha acima. O assassino limpou a lâmina da espada e apanhou uma bainha de um dos mortos.

O padre havia corrido para segurar o outro cavalo e agora, sentindo que estava sendo observado, voltou-se para ver dois homens e uma mulher no nevoeiro. Um dos homens era um padre, que estava

com uma flecha encaixada na corda de um arco.

— Eles iam me matar! — protestou Bernard de Taillebourg em francês. O homem de cabelos pretos voltou-se rápido, a espada erguida numa ameaça.

— Tudo bem — disse Thomas ao padre Hobbe e tirou o arco preto do amigo e pendurou-o no ombro. Deus havia falado, o padre vencera a luta e Thomas lembrou-se da sua visão noturna, quando o Graal surgira nas nuvens como uma taça de fogo. Então viu que, sob os arranhões e o sangue, o rosto do padre estranho era vigoroso e magro, o rosto de um mártir, com a expressão de quem ansiara por Deus e conseguira uma evidente santidade, e Thomas quase se pôs de joelhos.

— Quem é o senhor? — perguntou em voz alta ao dominicano.

— Sou um mensageiro.

Bernard de Taillebourg agarrava-se a qualquer explicação para disfarçar sua confusão. Ele escapara de sua escolta escocesa e agora se perguntava como iria escapar do jovem alto com o longo arco preto, mas naquele momento uma saraivada de flechas chiou, vinda do sul, e uma delas espetou-se, com uma batida surda, num tronco de olmo que ficava perto, enquanto uma segunda resvalava pela grama molhada. Um cavalo relinchou perto dali e homens gritavam, desordenados. O padre de Taillebourg mandou seu criado pegar o segundo cavalo, que trotava montanha acima, e, quando foi apanhado, de Taillebourg viu que o estranho com o arco esquecera-se dele e olhava para o sul, para o lugar de onde as flechas partiam.

Por isso voltou-se em direção à cidade, gritou para que o criado o seguisse e esporeou o cavalo.

Por Deus, pela França, por São Denis e pelo Graal.

sir William Douglas praguejou. Flechas chiavam a sua volta.

Cavalos gritavam e homens jaziam mortos ou feridos na grama. Por um instante, ele ficou perplexo, e depois percebeu que seu grupo de pilhagem esbarrara, numa mancada, com uma força inglesa, mas que tipo de força? Não havia exército inglês algum ali por perto! O

exército inglês inteiro estava na França, não ali! O que significava, sem dúvida alguma, que os cidadãos de Durham tinham rompido a trégua, e esta idéia encheu Sir William de uma raiva terrível. Cristo, pensou ele, mas não ficaria pedra sobre pedra quando ele tivesse acabado com a cidade, e ele puxou com força o grande escudo para proteger o corpo e esporeou o cavalo em direção ao sul, para os arqueiros que estavam alinhados ao longo de uma sebe baixa.

Calculou que não havia tantos assim, talvez apenas uns cinquenta, mas ele ainda tinha quase duzentos homens montados e, assim, berrou a ordem de atacar. Espadas saíram das bainhas.

— Matem os bastardos! — gritou Sir William. — Matem eles!

Ele castigava o cavalo com as esporas e empurrava outros cavaleiros confusos na ânsia de chegar à sebe. Sabia que a carga seria imperfeita, sabia que alguns de seus homens iriam morrer, mas, uma vez do outro lado do abrunheiro-bravo e entre os arqueiros, eles iriam matar todos eles.

Malditos arqueiros, pensou. Ele odiava arqueiros. Odiava, em

especial, os arqueiros ingleses e acima de tudo os arqueiros traiçoeiros, rompedores de trégua, de Durham.

— Avancem! Avancem! — gritava ele. — Douglas! Douglas!

Ele gostava de avisar aos inimigos quem os estava matando e quem estaria estuprando suas mulheres depois que eles estivessem mortos. Se a cidade tinha rompido a trégua, que Deus a ajudasse, porque ele iria saquear, estuprar e queimar tudo. Iria pôr fogo nas casas, sulcar as cinzas e deixar os ossos dos cidadãos para o castigo do inverno, e durante anos as pessoas iriam ver as pedras desnudas da catedral arruinada e observar os pássaros fazendo ninhos nas torres vazias do castelo e ficariam sabendo que o Cavaleiro de Liddesdale tivera a sua vingança.

— Douglas! — gritou ele. — Douglas! — e sentiu o barulho de flechas batendo no seu escudo e então seu cavalo gritou e ele percebeu que mais flechas deviam ter penetrado fundo no peito do animal, porque sentiu que escorregava. Tirou rápido os pés dos estribos enquanto o cavalo se torcia para o lado. Homens passaram por ele atacando, com gritos de desafio, e Sir William jogou-se da sela para o escudo, que deslizou pela grama molhada como se fosse um trenó, e ouviu seu cavalo berrar de dor, mas ele mesmo estava ileso, praticamente nem arranhado, e ergueu-se de um salto, achou a espada que largara ao cair e saiu correndo ao lado dos seus cavalariaos. Um deles tinha uma flecha espetada no joelho. Um cavalo caiu, olhos brancos, dentes à mostra, sangue saindo dos ferimentos causados por flechas. Os primeiros cavalariaos estavam na sebe e alguns tinham achado uma brecha e a estavam atravessando, e Sir William viu que os malditos arqueiros ingleses fugiam. Bastardos, pensou, covardes porcarias de ingleses bastardos,

podres filhos-da-puta, e então mais flechas zuniram à sua esquerda, e ele viu um homem cair do cavalo com uma flecha atravessada na cabeça. O nevoeiro melhorou o suficiente para mostrar que os arqueiros inimigos não tinham fugido, mas apenas se juntado a uma sólida massa de soldados desmontados. As cordas dos arcos voltaram a soar. Um cavalo empinou de dor e uma flecha penetrou-lhe a barriga. Um homem cambaleou, tornou a ser atingido e caiu para trás, com um ruído de malhas.

Doce Cristo, pensou Sir William, mas havia um maldito exército aqui! Um maldito exército completo!

— Voltem! Voltem! — berrou. — Vamos embora! Voltem!

Gritou até ficar rouco. Uma outra flecha penetrou no escudo, a ponta furando o salgueiro coberto de couro e, na raiva, ele bateu nela com a mão, quebrando a haste de freixo.

— Tio! Tio! — gritou um homem, e Sir William viu que era Robbie Douglas, um de seus oito sobrinhos que estavam com o exército escocês, levando-lhe um cavalo, mas duas flechas inglesas atingiram o quarto do animal e, alucinado de dor, ele se soltou do controle de Robbie.

— Vá para o norte! — gritou Sir William para o sobrinho. — Vá, Robbie!

Em vez disso, Robbie cavalgou até onde estava o tio. Uma flecha atingiu a sela dele, uma outra resvalou no seu elmo, mas ele se inclinou, agarrou a mão de Sir William e arrastou-o em direção ao norte. Flechas os seguiam, mas o nevoeiro veio espesso e os escondeu.

Sir William livrou-se, com uma sacudidela, da mão do sobrinho e cambaleou para o norte, desajeitado devido ao escudo com flechas espetadas e à pesada cota de malha. Maldição, maldição!

— Cuidado à esquerda! Cuidado à esquerda! — bradou uma voz escocesa, e Sir William viu alguns cavalarianos ingleses vindo da cerca viva. Um deles viu Sir William e achou que este seria uma presa fácil. Os ingleses não estavam mais preparados para o combate do que os escoceses. Uns poucos usavam cotas de malha. Nenhum deles, porém, estava protegido de forma adequada ou usava lança. Mas Sir William concluiu que eles deviam ter detectado a sua presença muito antes de dispararem as primeiras flechas, e a raiva de ser emboscado daquela maneira fez com que ele caminhasse em direção ao cavalariano que segurava a espada com o braço estendido, como se fosse uma lança. Sir William nem mesmo se importou com tentar aparar o golpe. Apenas ergueu o pesado escudo, batendo com ele na boca do cavalo, e ouviu o animal relinchar de dor quando golpeava com a espada as pernas e o animal se contorcia para escapar e o cavaleiro sacudia os braços para manter o equilíbrio e ainda tentava acalmar o cavalo, quando a espada de Sir William subiu por sob a cota de malha e penetrou-lhe o ventre.

— Bastardo! — vociferou Sir William, e o homem choramingava enquanto Sir William torceu a lâmina, e então Robbie aproximou-se, a cavalo, pelo outro lado e arriou a espada no pescoço do homem, de modo que a cabeça do inglês por pouco não se separou do corpo enquanto ele caía da sela. O outro cavalariano desaparecera misteriosamente, mas então flechas tornaram a voar e Sir William percebeu que o caprichoso nevoeiro se diluía. Ele tirou a espada do cadáver, embainhou a lâmina molhada e subiu para a sela do morto.

— Vamos embora! — gritou ele para Robbie, que parecia inclinado a enfrentar sozinho toda a força inglesa. — Vamos embora, rapaz! Venha!

Por Deus, pensou ele, é doloroso fugir de um inimigo, mas não era vergonha alguma duzentos homens fugirem de seiscentos ou setecentos. E quando o nevoeiro acabasse poderia haver uma batalha adequada, um choque assassino de homens e aço, e Sir William iria ensinar àqueles bastardos ingleses como é que se luta. Esporeou o cavalo que tomara por empréstimo, decidido a levar a notícia sobre o exército inglês para o resto do exército escocês, mas então viu um arqueiro à espreita numa sebe. Uma mulher e um padre estavam com ele. Sir William levou uma das mãos ao punho da espada e pensou em desviar-se para vingarse um pouco das flechas que tinham penetrado no seu grupo de pilhagem, mas atrás dele os outros ingleses lançavam seu grito de guerra: “São Jorge! São Jorge!”, e por isso Sir William deixou em paz o arqueiro isolado. Seguiu em frente, deixando bons homens no gramado de outono. Eles estavam mortos e morrendo, feridos e amedrontados. Mas ele era um Douglas. Ele iria voltar e iria vingarse.

uma onda de cavalarianos em pânico passou galopando pela sebe onde Thomas, Eleanor e o padre Hobbe estavam agachados. Uns seis cavalos estavam sem cavaleiros, enquanto pelo menos vinte outros sangravam de ferimentos dos quais sobressaíam as flechas com suas penas de ganso brancas sujas de sangue. Os cavalarianos foram seguidos por trinta ou quarenta homens a pé, alguns mancando, alguns com flechas espetadas na roupa e uns poucos levando selas.

Eles passaram depressa pelos chalés em chamas enquanto uma nova saraivada de flechas apressou a retirada, e então a batida surda de patas fez com que eles olhassem para trás, em pânico, e alguns dos fugitivos romperam numa corrida desajeitada quando uns vinte cavalarianos com cotas de malha surgiram do nevoeiro como um trovão. Grandes pedaços de terra molhada saltavam das patas dos cavalos. Os garanhões estavam sendo contidos, obrigados a dar passos

curtos enquanto seus cavalarianos miravam suas vítimas, e então as esporas voltaram quando os cavalos foram liberados para o golpe final, e Eleanor soltou um berro ao pressentir a carnificina. As pesadas espadas cortaram. Um ou dois dos fugitivos caíram de joelhos e ergueram as mãos em sinal de rendição, mas a maioria tentou fugir.

Um deles desviou-se atrás de um cavalariano a galope e correu em direção à sebe, viu Thomas e seu arco e voltou-se, indo direto para o caminho de um outro cavalariano que deu com o fio da espada no

rosto do homem. O escocês caiu de joelhos, a boca aberta como se ele fosse gritar, mas não saiu som algum, só sangue escorrendo por entre os dedos que se fechavam sobre o nariz e os olhos. O cavalariano, que não tinha escudo nem elmo, manobrou seu cavalo e inclinou-se para fora da sela para golpear com a espada o pescoço da vítima, matando o homem como se ele fosse uma vaca sendo abatida, e isso nada tinha de apropriado, porque Thomas viu que o matador montado usava o emblema de uma vaca marrom no gibão, que era um casaco curto, semelhante a uma jaqueta, cobrindo pela metade o casacão de malha. O gibão estava rasgado, manchado de sangue e o emblema da vaca desbotara de tal maneira que a princípio Thomas pensou que se tratasse de um touro. Então o cavalariano voltou-se em direção a Thomas, ergueu a espada suja de sangue num gesto de ameaça, mas, percebendo o arco, deteve o cavalo.

— Ingleses?

— E com orgulho! — respondeu o padre Hobbe por Thomas.

Um segundo cavalariano, este com três corvos pretos bordados no gibão branco, parou seu cavalo ao lado do primeiro. Três prisioneiros estavam sendo empurrados na direção dos dois cavalarianos.

— Que diabo, como foi que vocês chegaram assim tão longe na frente? — perguntou o recém-chegado a Thomas.

— Na frente? — perguntou Thomas.

— Do resto de nós.

— Nós viemos a pé — disse Thomas — da França. Ou pelo menos de Londres.

— De Southampton! — O padre Hobbe corrigiu Thomas com um pedantismo extremamente deslocado naquele topo de montanha

fedendo a fumaça, onde um escocês estrebuchava nas agonias da morte.

— França? — O primeiro homem, cabelos emaranhados, rosto moreno e um sotaque nortista tão carregado, que Thomas achou difícil entender, dava a impressão de que nunca ouvira falar na França. — Vocês estiveram na França? — perguntou ele.

— Com o rei.

— Vocês agora estão conosco — disse o segundo homem em tom ameaçador, e então olhou Eleanor de alto a baixo.

— Vocês trouxeram a boneca da França?

— Trouxemos — respondeu Thomas, ríspido.

— Ele está mentindo, ele está mentindo — disse uma nova voz, e um terceiro cavalariano forçou a passagem, avançando. Era um homem esguio, talvez com trinta anos de idade, com um rosto tão vermelho e liso que parecia ter arrancado a pele com os pêlos quando fizera a barba nas faces murchas e no queixo pontudo. Os cabelos pretos eram compridos e presos à altura da nuca com um laço de couro. O cavalo, um ruão cheio de cicatrizes, era tão magro quanto o cavaleiro e tinha olhos brancos, nervosos. — Eu odeio malditos mentirosos — disse o homem olhando fixo para Thomas, e depois voltou-se e lançou um olhar malfazejo para os prisioneiros, um dos quais exibia o emblema do coração vermelho do Cavaleiro de Liddesdale no gibão. — Quase tanto quanto odeio os malditos Douglas.

O recém-chegado usava uma túnica de couro forrada em vez de um casacão de malha. Era o tipo de proteção que um arqueiro poderia usar se não tivesse meios de pagar outra coisa melhor, mas aquele homem estava evidentemente acima dos arqueiros, porque

usava uma corrente de ouro no pescoço, uma marca de distinção reservada à pequena nobreza e acima dela. Um elmo amassado, com a proteção do nariz em forma de focinho de porco, tão arranhado quanto o cavalo, pendia do arção dianteiro da sela, uma espada, visivelmente embainhada em couro, estava à

cintura, enquanto um escudo, pintado de branco com um machado preto, pendia do ombro esquerdo. Ele também tinha um chicote enrolado, pendurado do cinto.

— Os escoceses têm arqueiros — disse o homem olhando para Thomas, e então o inamistoso olhar deslocou-se para Eleanor — e têm mulheres.

— Eu sou inglês — insistiu Thomas.

— Nós todos somos ingleses — disse o padre Hobbe com firmeza, esquecendo-se de que Eleanor era normanda.

— Um escocês diria que é inglês se isso o impedisse de ser estripado — disse o homem de rosto em carne viva, cáustico. Os outros

dois

cavalarianos

tinham

recuado,

evidentemente

desconfiados do homem magro que agora desenrolou o chicote e, com uma perícia casual, agitou-o de modo que a ponta serpenteou e estalou no ar a uns três centímetros do rosto de Eleanor. — Ela é inglesa?

— É francesa — disse Thomas.

O cavalariano não respondeu de pronto, mas limitou-se a olhar para Eleanor. O chicote ondulava enquanto sua mão tremia. Ele viu uma jovem loura, magra, de cabelos dourados e olhos grandes, amedrontados. A gravidez ainda não era visível e havia uma delicadeza que falava de luxo e de um deleite incomum.

— Escocesa, galesa, francesa, que importa? — perguntou o

homem. — Ela é mulher. Você se importa em saber onde o cavalo nasceu, antes de montar nele?

O cavalo dele, magro e arranhado, ficou com medo naquele exato momento, porque o vento que mudava de direção soprou uma amarga lufada de ar nas suas narinas. Andou de lado numa série de pequenos e nervosos passos até que o homem fincou as esporas com tanta selvageria que furou a manta forrada e fez com que o cavalo de combate ficasse parado, tremendo de medo.

— O que ela é — disse o homem a Thomas e apontou o cabo do chicote para Eleanor — não importa, mas você é escocês.

— Eu sou inglês — tornou a dizer Thomas.

Outros doze homens usando o emblema do machado preto tinham chegado para olhar para Thomas e seus companheiros. Os homens cercaram os três prisioneiros escoceses, que pareciam saber quem era o cavalariano com o chicote e não gostavam disso. Mais arqueiros e soldados observavam os chalés em chamas e riam dos ratos em pânico que saíam desordenadamente do que restava do musgoso telhado de sapé que desabara.

Thomas tirou uma flecha da sacola, e na mesma hora quatro ou cinco arqueiros usando a túnica com o machado preto colocaram flechas em seus arcos. Os outros homens com as túnicas que exibiam o machado preto sorriram na

expectativa, como se conhecessem aquele jogo e gostassem dele. Mas antes que ele pudesse ser jogado, o cavalariano teve a atenção distraída por um dos prisioneiros escoceses, o homem que usava o emblema de Sir William Douglas e que, aproveitando-se do interesse de seus captores por Thomas e Eleanor, livrara-se e corria para o norte. Não tinha avançado vinte passos antes de ser atropelado por um dos soldados ingleses, e o

homem magro, divertido com a desesperada tentativa de fuga do escocês, apontou para um dos chalés em chamas.

— Esquentem o bastardo — ordenou ele. — Dickon! Beggar! —

Ele falava para dois soldados desmontados. — Tomem conta desses três. — Ele fez um sinal com a cabeça em direção a Thomas. —

Vigiem-nos com muita atenção!

Dickon, o mais jovem dos dois, tinha um rosto redondo e sorria, mas Beggar era um homem enorme, um gigante que caminhava de forma desajeitada, com um rosto tão barbudo que só se viam os olhos e o nariz através dos cabelos emaranhados, sujos, por baixo da aba do enferrujado gorro de malha de ferro que servia como elmo. Thomas media um metro e oitenta de altura, o comprimento de um arco, mas era um anão perto de Beggar, cujo imenso peito repuxava um gibão de couro incrustado de placas de metal. Na cintura do gigante, suspensas por dois pedaços de corda, estavam uma espada e uma maça. [*A](#) espada não tinha bainha e seu fio estava lascado, enquanto que um dos espetos na grande bola de metal da estrela-d'alva estava torto e sujo de sangue e cabelos. O cabo de noventa centímetros da arma batia nas pernas nuas do gigante enquanto ele cambaleava em direção a Eleanor.

— Beleza — disse ele —, beleza!

— Beggar! Calma, rapaz! Calma! — ordenou Dickon, animado, e Beggar, obediente, afastou-se de Eleanor, embora ainda olhasse fixo para ela e rosnasse baixo. Então um grito fez com que ele olhasse para o chalé em chamas, mais próximo, onde o escocês, totalmente despido agora, tinha sido empurrado para dentro e para fora do fogo.

Os longos cabelos do prisioneiro estavam em chamas e ele, agitado, batia nas chamas enquanto corria em círculos em pânico, divertindo

seus captores ingleses. Dois outros prisioneiros escoceses estavam agachados

perto

dali,

mantidos

no

chão

por

espadas

desembainhadas.

O cavalariano magro ficou observando enquanto um arqueiro envolvia os cabelos do prisioneiro num pedaço de aniagem para apagar as chamas.

— Quantos são vocês? — perguntou o homem magro.

— Milhares! — respondeu o escocês, desafiador.

O cavalariano inclinou-se no arção dianteiro da sela.

— Quantos milhares, seu trouxa?

O escocês, a barba e os cabelos soltando fumaça e a pele nua escurecida por cinzas e lacerada por cortes, fez o possível para aparentar desafio.

— Mais do que o suficiente para levar vocês para casa numa jaula.

— Ele não devia dizer isso para o Espantalho! — disse Dickon divertido. — Não devia dizer isso!

— Espantalho? — perguntou Thomas. Parecia um apelido adequado, pois o cavalariano com o emblema do machado preto era esguio, pobre e amedrontador.

— Este é Sir Geoffrey Carr, seu trouxa — disse Dickon, olhando com admiração para o Espantalho.

— E quem é Sir Geoffrey Carr? — perguntou Thomas.

— Ele é o Espantalho e é o senhor de Lackby — disse Dickon num tom que indicava que todo mundo sabia quem era Sir Geoffrey Carr —, e agora ele vai fazer suas brincadeiras de Espantalho!

Dickon sorriu, porque Sir Geoffrey, o chicote enrolado outra vez à cintura, descera do cavalo e, com uma faca desembainhada,

aproximara-se do prisioneiro escocês.

— Mantenham ele deitado — ordenou Sir Geoffrey aos arqueiros

—, mantenham ele deitado e abram as pernas dele.

— *Non!* — gritou Eleanor em protesto.

— Beleza — disse Beggar na sua voz que trovejava fundo em seu imenso peito.

O escocês gritou e tentou libertar-se, mas recebeu uma rasteira e depois foi mantido deitado por três arqueiros, enquanto o homem evidentemente conhecido em todo o norte como o Espantalho ajoelhou-se entre suas pernas. Em algum lugar do nevoeiro que se levantava, um corvo grasnou. Alguns arqueiros olhavam fixo para o norte, para o caso de os escoceses voltarem, mas a maioria observava o Espantalho e sua faca.

— Você quer continuar com seus colhões enrugados? —

perguntou Sir Geoffrey ao escocês. — Então me diga quantos vocês são.

— Quinze mil? Dezesseis? — O escocês de repente ficou ansioso por falar.

— Ele quer dizer dez ou onze mil — anunciou Sir Geoffrey aos arqueiros que ouviam —, o que é mais do que suficiente para nossas poucas flechas. E o bastardo do seu rei está aqui?

O escocês empertigou-se ao ouvir aquilo, mas um toque da lâmina da faca na virilha o fez lembrar-se da situação em que se encontrava.

— David Bruce está aqui, sim.

— Quem mais?

O desesperado escocês citou os outros líderes de seu exército. O

meio-irmão do rei e herdeiro do trono, Lorde Robert Stewart, estava

com o exército invasor, assim como estavam os condes de Moray, de March, de Wigtown, Fife e Menteith. Ele citou outros, chefes de clãs e homens rebeldes do interior no extremo norte, mas Carr estava mais interessado em dois dos condes.

— Fife e Menteith? — perguntou ele. — Eles estão aqui?

— Estão, sim, senhor.

— Mas eles juraram fidelidade ao rei Eduardo — disse Geoffrey, evidentemente sem acreditar no homem.

— Eles agora marcham com a gente — insistiu o escocês —, tal como Douglas de Liddesdale.

— Aquele bastardo — disse Sir Geoffrey —, aquele merda do inferno.

Ele olhou para o norte através do nevoeiro que se esgarçava no topo, que estava sendo revelado como um platô estreito e rochoso que ia do norte ao sul. A pastagem no platô era rasa, e a pedra do topo, castigada pelo tempo, sobressaía através da grama como costelas de um homem faminto. Lá para o nordeste, depois do vale de nevoeiro, a catedral e o castelo de Durham erguiam-se em seu penhasco lambido pelo rio, enquanto a oeste havia montes e bosques e campos com muros de pedras cortados por pequenos cursos d'água.

Dois urubus voaram acima da cadeia de montanhas, na direção do exército escocês que ainda estava escondido pelo nevoeiro que continuava para o norte, mas Thomas pensava que não iria demorar para que tropas saíssem à procura dos homens que tinham expulsado seus conterrâneos escoceses das encruzilhadas.

Sir Geoffrey endireitou o corpo e ia devolver a faca à bainha, mas pareceu lembrar-se de alguma coisa e sorriu para o prisioneiro.

— Você ia me levar para a Escócia numa jaula, não é?

— Não!

— Mas ia, sim! E por que eu haveria de querer visitar a Escócia?

Eu posso olhar para dentro de uma privada sempre que tiver vontade.

— Ele cuspiu no prisioneiro e fez um sinal com a cabeça para os arqueiros. — Segurem ele.

— Não! — gritou o escocês, e então o grito se transformou num berro terrível quando Sir Geoffrey inclinou-se para a frente com a faca outra vez.

O prisioneiro contorceu-se e arquejou enquanto o Espantalho, a frente de sua túnica acolchoada coberta de sangue, pôs-se de pé. O

prisioneiro ainda gritava, mãos fechadas contra a virilha ensanguentada, e a visão levou um sorriso aos lábios do Espantalho.

— Joguem o resto dele no fogo. — E voltou-se para olhar para os outros dois prisioneiros escoceses. — Quem é o senhor de vocês? —

perguntou ele.

Eles hesitaram, e então um deles passou a língua pelos lábios.

— Nós servimos a Douglas — disse com orgulho.

— Eu odeio os Douglas. Odeio todos esses Douglas que foram cagados pelo diabo. — Sir Geoffrey estremeceu e voltou-se para o seu cavalo. — Queimem os dois — ordenou.

Thomas, desviando o olhar do sangue repentino, tinha visto uma cruz de pedra caída no centro da encruzilhada. Olhou fixo para ela, sem ver o dragão entalhado mas ouvindo os ecos do barulho e então os novos gritos quando os prisioneiros foram lançados nas chamas.

Eleanor correu até ele e apertou com força o seu braço direito.

— Beleza — disse Beggar.

— Calma, Beggar, calma! — bradou Sir Geoffrey. — Me levante!

O gigante fez um degrau com as mãos e Sir Geoffrey usou-o para

subir para a sela e depois esporeou o cavalo em direção a Thomas e Eleanor.

— Eu sempre fico com fome — disse Sir Geoffrey — depois de uma castração.

Ele se voltou para olhar a fogueira onde um dos escoceses, cabelos em chamas, tentava fugir, mas foi cutucado de volta para o inferno por uma dúzia de varas de arcos. O grito de dor do homem estancou abruptamente quando ele caiu.

— Hoje estou com vontade de castrar e queimar escoceses —

disse Sir Geoffrey —, e para mim você parece um escocês, garoto.

— Não sou garoto — disse Thomas, a raiva aumentando.

— Para mim, você parece a porcaria de um garoto, garoto. Um garoto escocês?

Sir Geoffrey, visivelmente deleitando-se com a raiva de Thomas, sorriu para sua mais recente vítima, que, na verdade, parecia jovem, embora Thomas tivesse vinte e dois verões e tivesse lutado nos últimos quatro na Bretanha, na Normandia e na Picardia.

— Você parece escocês, garoto — disse o Espantalho, provocando Thomas a desafiá-lo outra vez. — Todos os escoceses são pretos! — Ele apelou à multidão para julgar a cor da pele de Thomas, e era verdade que Thomas tinha uma pele queimada do sol e cabelos pretos, mas o mesmo acontecia com vinte ou mais dos arqueiros do próprio Espantalho. E, embora Thomas parecesse jovem, tinha também a aparência de um homem forte e destemido. Os cabelos estavam cortados rente ao crânio e quatro anos de guerra tinham-lhe encovado as faces, mas ainda havia algo de característico em sua aparência, uma beleza que atraía os olhares e servia para provocar a inveja de Sir Geoffrey.

— O que há em cima da sua égua? — Sir Geoffrey fez um gesto com a cabeça em direção à égua de Thomas.

— Nada que lhe pertença — disse Thomas.

— O que é meu é meu, garoto, e o que é seu é meu, se eu quiser.

Para fazer o que eu quiser. Beggar! Você quer aquela garota?

Beggar sorriu por trás da barba e sacudiu a cabeça para cima e para baixo.

— Beleza — disse ele. Coçou a sujeira da barba. — Beggar gosta da beleza.

— Acho que você poderá ficar com a beleza depois que eu tiver acabado de lidar com ela — disse Sir Geoffrey com um sorriso e tirou o chicote de onde ele estava pendurado e estalou-o no ar. Thomas viu que a comprida tira de couro tinha uma pequena garra de ferro na ponta. Sir Geoffrey tornou a sorrir para Thomas e então inclinou o chicote para trás, numa ameaça. — Tire a roupa dela, Beggar — disse ele —, vamos dar aos rapazes um pouquinho de prazer.

Ele ainda sorria quando Thomas golpeou forte, com a vara do seu arco, nos dentes do cavalo de Sir Geoffrey e o animal empinou, berrando, como Thomas sabia que ia acontecer, e o Espantalho, despreparado para o movimento, caiu para trás, agitando os membros para se equilibrar, e seus homens, que deveriam tê-lo protegido, estavam tão atentos aos prisioneiros escoceses que pegavam fogo que nenhum deles sacou um arco ou uma espada antes de Thomas arrastar Sir Geoffrey para fora da sela e tê-lo no chão com uma faca tocando-lhe na garganta.

— Venho matando homens há quatro anos — disse Thomas — e nem todos eram franceses.

— Thomas! — gritou Eleanor.

— Agarre-a, Beggar, agarre-a! — berrou Sir Geoffrey. Ele se esforçou para levantar-se, mas Thomas era um arqueiro, e anos de armar seu grande arco preto tinham-lhe dado uma força extraordinária nos braços e no peito, e Sir Geoffrey não conseguia deslocá-lo, e por isso cuspiu em Thomas.

— Pegue-a, Beggar! — tornou a gritar.

Os homens do Espantalho correram em direção ao seu líder, mas pararam quando viram que Thomas estava com uma faca encostada na garganta do prisioneiro.

— Tire a roupa dela, Beggar! Tire a roupa da beleza! Nós todos vamos possuí-la!
— vociferou Sir Geoffrey, aparentemente esquecido da lâmina na garganta.

— Quem sabe ler aqui? Quem sabe ler? — bradou o padre Hobbe.

A estranha pergunta fez todo mundo parar, até mesmo Beggar, que já tinha arrancado o chapéu de Eleanor e agora estava com o enorme braço esquerdo no pescoço dela, enquanto a mão direita agarrava o decote do vestido.

— Quem nesta companhia sabe ler? — tornou a perguntar o padre Hobbe enquanto brandia o pergaminho que tirara de um dos sacos que estavam na garupa do cavalo de Thomas. — Isto é uma carta do senhor bispo de Durham, que está com o nosso senhor, o rei, na França e é enviada a John Fossor, prior de Durham, e só ingleses que lutaram ao lado do nosso rei iriam portar uma carta dessas. Nós a trouxemos da França.

— Isso não prova nada! — berrou Sir Geoffrey, e depois tornou a cuspir em Thomas quando a lâmina foi pressionada com força contra a sua garganta.

— E em que língua essa carta está escrita?

Um novo cavalariano avançara passando pelos homens do Espantalho. Ele não usava casaco ou gibão, mas o emblema sobre o escudo castigado era uma venera sobre uma cruz, e proclamava que ele não era um dos seguidores de Sir Geoffrey.

— Em que língua? — insistiu ele.

— Latim — disse Thomas, a faca ainda pressionando com força o pescoço de Sir Geoffrey.

— Deixe Sir Geoffrey se levantar — ordenou o recém-chegado a Thomas —, e eu lerei a carta.

— Diga a ele para soltar minha mulher — vociferou Thomas.

O cavalariano pareceu surpreso por ter recebido ordem de um simples arqueiro, mas não protestou. Em vez disso, guiou seu cavalo em direção a Beggar.

— Solte-a — disse ele e, quando o grandalhão não obedeceu, sacou a espada até a metade. — Quer que eu lhe arranque as orelhas, Beggar? É isso? Ficar sem as duas orelhas? Depois o nariz, depois o pinto, é isso o que quer, Beggar? Quer ser fatiado como uma ovelha no verão? Cortado como um duende?

— Solte ela, Beggar — disse Sir Geoffrey, mal-humorado.

Beggar obedeceu e recuou, e o cavalariano inclinou-se da sela para tirar a carta do padre Hobbe.

— Solte Sir Geoffrey — ordenou o recém-chegado a Thomas —

porque vamos ter paz entre os ingleses hoje pelo menos por um dia.

O cavalariano era um homem idoso, com pelo menos cinquenta anos, com uma enorme cabeleira branca, desgrenhada, que parecia nunca ter chegado perto de uma escova ou de um pente. Era um homem grande, alto e barrigudo, num

cavalo robusto que não tinha arnês mas apenas um xairol esfarrapado. A cota de malha, de corpo

inteiro, estava lamentavelmente enferrujada em alguns pontos e rasgada em outros, enquanto por cima da cota usava uma couraça que perdera duas das fitas. Uma longa espada pendia sobre a coxa direita. Para Thomas, ele parecia um pequeno proprietário rural que se metera na guerra com o equipamento que os vizinhos puderam emprestar-lhe, mas tinha sido reconhecido pelos arqueiros de Sir Geoffrey, os quais, rápidos, tinham tirado os chapéus e elmos quando ele aparecera e agora o tratavam com deferência. Até Sir Geoffrey parecia intimidado pelo homem de cabelos brancos, que franzia o cenho enquanto lia a carta.

— *Thesaurus*, hein? — Ele falava consigo mesmo. — E isto é uma bela história! Um *Thesaurus* mesmo!

Thesaurus era latim, mas o restante de suas palavras foi dito em francês normando e, evidentemente, ele estava certo de que nenhum arqueiro poderia entender o que ele dizia.

— A menção de tesouro — Thomas usou a mesma língua, que lhe fora ensinada por seu pai — deixa os homens alvoroçados. Muito alvoroçados.

— Meu bom Deus, e bom, de fato, você fala francês! Os milagres nunca deixam de acontecer. *Thesaurus* significa tesouro, não? O meu latim não é o que era quando eu era jovem. Eu o aprendi a chibatadas por parte de um padre e parece que a maior parte foi esquecida de lá para cá. O tesouro, hein? E você fala francês!

O cavaleiro mostrou uma surpresa prazerosa pelo fato de Thomas falar a língua dos aristocratas, embora Sir Geoffrey, que não falava francês, parecesse alarmado, porque aquilo sugeria que Thomas poderia ter tido um berço muito melhor do que o que ele pensara. O

cavaleiro devolveu a carta ao padre Hobbe e depois aproximou-se de Sir Geoffrey.

— O senhor estava criando confusão com um inglês, Sir Geoffrey, um mensageiro, nada menos do que isso, de nosso senhor o rei. Como explica isso?

— Não tenho de explicar coisa alguma — disse Sir Geoffrey —, excelência. — A última palavra foi acrescentada com relutância.

— Eu deveria arrancar-lhe os ossos agora — disse sua alteza em tom brando — e depois mandar empalhá-lo e montá-lo num poste para espantar os corvos das minhas ovelhas recém-nascidas. Eu poderia exhibi-lo na feira de Skipton, Sir Geoffrey, como exemplo para outros pecadores.

Ele pareceu pensar na idéia por uns instantes e depois abanou a cabeça.

— Monte no seu cavalo — disse ele — e lute contra os escoceses hoje, em vez de discutir com seu conterrâneo inglês. — Ele voltou-se na sela e levantou a voz para que todos os arqueiros e soldados pudessem ouvi-lo. — Todos vocês, desçam do topo da montanha!

Depressa, antes que os escoceses venham e os expulsem daí! Querem juntarse àqueles patifes no fogo?

Ele apontou para os três prisioneiros escoceses que agora eram apenas escuras formas encolhidas nas chamas brilhantes e depois fez um gesto para Thomas; então ele mudou a língua para o francês.

— Você vem mesmo da França?

— Venho, excelência.

— Pois então me faça a gentileza, meu caro rapaz, de falar comigo.

Eles seguiram para o sul, deixando uma cruz de pedra quebrada e

cadáveres atingidos por flechas numa névoa que se desfazia, onde o exército da Escócia tinha chegado a Durham.

bernard de Taillebourg tirou o crucifixo do pescoço e beijou a contorcida figura de Cristo pregada na pequena cruz de madeira.

— Que Deus esteja com você, meu irmão — murmurou ele ao homem idoso que jazia no banco de pedra forrado por um colchão de palha e um cobertor dobrado. Um segundo cobertor, tão fino quanto o outro, cobria o idoso cujos cabelos eram brancos e finos.

— Está frio — disse o irmão Hugh Collimore com voz fraca —, muito frio.

Ele falou em francês, embora para de Taillebourg o sotaque do velho monge fosse bárbaro, porque era o francês da Normandia e dos governantes normandos da Inglaterra.

— O inverno está chegando — disse de Taillebourg. — Pode-se sentir o cheiro dele no vento.

— Eu estou morrendo — o irmão Collimore voltou os olhos com as bordas avermelhadas para o visitante — e não sinto o cheiro de nada. Quem é você?

— Tome isto — disse de Taillebourg e entregou o crucifixo ao velho monge.

Deu uma cutucada na lareira para aumentar o fogo, colocou mais duas achas de lenha na chama revitalizada e farejou uma botija de vinho quente que estava na lareira. O vinho não estava azedo demais, e por isso despejou um pouco dele numa taça de osso.

— Pelo menos você tem uma lareira — disse ele curvando-se para olhar pela pequena janela, não mais que um telho de flecha voltado para o lado ocidental do rio Wear, que rodeava o local.

O hospital do monge ficava na encosta do monte de Durham, abaixo da catedral, e de Taillebourg pôde ver os soldados escoceses carregando suas lanças através dos restos da névoa que se dispersava no horizonte. Percebeu que poucos dos homens que usavam cota de malha tinham cavalos, o que sugeria que os escoceses planejavam lutar a pé.

O irmão Collimore, o rosto pálido e a voz fraca, agarrou a pequena cruz.

— Os moribundos podem ter uma lareira — disse ele, como se tivesse sido acusado de dar-se àquele luxo. — Quem é você?

— Venho da parte do cardeal Bessières, em Paris — disse de Taillebourg —, e ele lhe manda suas saudações. Beba isto, que vai aquecê-lo. — Ele estendeu o vinho quente para o homem idoso.

Collimore recusou o vinho. Seus olhos eram cautelosos.

— Cardeal Bessières? — perguntou, o tom de voz dando a entender que o nome era novidade para ele.

— O legado papal na França.

De Taillebourg estranhou que o monge não reconhecesse o nome, mas concluiu que talvez a ignorância do moribundo fosse ser útil.

— E o cardeal — continuou o dominicano — é um homem que ama a Igreja com a mesma intensidade com que ama Deus.

— Se ele ama a Igreja — disse Collimore com uma força surpreendente —, irá usar sua influência para persuadir o Santo Padre a levar o papado de volta para Roma.

A declaração exauriu-o e ele fechou os olhos. Nunca fora um homem grande, mas agora, debaixo daquele cobertor cheio de piolhos, parecia ter encolhido para o tamanho de um menino de dez anos, e seus cabelos brancos eram escassos e finos como os de um pequeno infante.

— Que ele leve o papado para Roma — repetiu, embora com voz fraca —, porque todos os nossos problemas pioraram desde que ele foi transferido para Avignon.

— O cardeal Bessières quer, acima de tudo, levar o Santo Padre de volta para Roma — mentiu de Taillebourg —, e talvez você, irmão, possa nos ajudar a conseguir isso.

O irmão Collimore pareceu não ter ouvido as palavras. Tornara a abrir os olhos, mas ficou apenas olhando para cima, para as pedras caiadas do teto abobadado. O quarto era baixo, frio e branco. Às vezes, quando o sol de verão estava alto, ele via o cintilar da água refletida nas pedras brancas. No céu, pensou, ele estaria para sempre vendo rios cristalinos e sob um sol quente.

— Estive em Roma uma vez — disse ele, melancólico. — Lembro-me de ter descido alguns degraus para entrar numa igreja na qual um coro cantava. Tão bonito!

— O cardeal quer a sua ajuda — disse de Taillebourg.

— Lá havia uma santa. — Collimore estava de cenho franzido, tentando lembrar-se. — Os ossos dela eram amarelos.

— Por isso o cardeal me mandou para vir procurá-lo, irmão —

disse de Taillebourg com delicadeza. Seu criado, de olhos pretos e elegante, observava da porta.

— Cardeal Bessières — disse o irmão Collimore num suspiro.

— Ele lhe envia suas saudações em Cristo, irmão.

— O que o Bessières quer — disse Collimore, ainda num sussurro

—, ele tira com chicotes e escorpiões.

De Taillebourg sorriu com ironia. Afinal, Collimore sabia mesmo quem era Bessières, o que não era de admirar, mas talvez o medo que Bessières inspirava fosse suficiente para fazer surgir a verdade. O

monge tornara a fechar os olhos e seus lábios moviam-se em silêncio, sugerindo que estava rezando. De Taillebourg não perturbou as orações, mas limitou-se a olhar pela pequena janela para onde os escoceses formavam sua linha de combate no monte distante. Os invasores estavam voltados para o sul, de modo que a ponta esquerda da linha era a que ficava mais próximo da cidade, e de Taillebourg via homens acotovelando-se para tomar posição ao tentarem ocupar os lugares de honra mais próximos de seus senhores. Era evidente que os escoceses tinham decidido lutar a pé, para que os arqueiros ingleses não pudessem destruir seus soldados ao derrubarem os cavalos. Ainda não havia sinal daqueles ingleses, embora por tudo que de Taillebourg ouvira eles não pudessem ter reunido uma grande força.

O exército deles estava na França, fora de Calais, não ali, de modo que talvez se tratasse apenas de um senhor local chefiando seus contratados. No entanto era claro que havia homens em quantidade suficiente para convencer os escoceses a formar uma linha de combate, e de Taillebourg não esperava que o exército de David fosse contido por muito tempo. O que significava que, se ele quisesse ouvir a história do velho e estar longe de Durham antes de os escoceses entrarem na cidade, era melhor andar depressa. Tornou a olhar para o monge.

— O cardeal Bessières quer apenas a glória da Igreja e de Deus. E quer saber a respeito do padre Ralph Vexille.

— Meu Deus — disse Collimore, e seus dedos correram pela figura de osso sobre o pequeno crucifixo enquanto ele abria os olhos e voltava a cabeça para olhar para o padre. A expressão do monge dava a entender que era a primeira vez que ele realmente percebera a presença de Bernard de Taillebourg, e então estremeceu, reconhecendo no visitante um homem que acreditava que o sofrimento dava mérito. Um homem, refletiu Collimore, que seria tão implacável quanto o chefe dele em Paris. — Vexille! — repetiu Collimore, como quase esquecido do nome, e então suspirou. — É uma longa história — completou, cansado.

— Nesse caso, vou lhe contar o que sei dela — disse de Taillebourg.

O emaciado dominicano agora andava de um lado para o outro no quarto, voltando-se e tornando a voltar-se no pequeno espaço sob a parte mais alta do teto arqueado.

— Você soube — perguntou ele — que houve uma batalha na Picardia no verão? Eduardo da Inglaterra lutou contra o primo dele da França, e um homem chegou pelo sul para lutar pela França e no estandarte dele havia a figura de um yale segurando uma taça.

Collimore piscou os olhos mas nada disse. Seus olhos estavam fixos em de Taillebourg, que por sua vez parou de andar para encarar o monge.

— Um yale segurando uma taça — repetiu.

— Conheço o animal — disse Collimore com tristeza.

Um yale era um animal heráldico, desconhecido na natureza, com patas de leão, chifres de bode e coberto de escamas como um dragão.

— Ele veio do sul — disse de Taillebourg — e achou que ao lutar

pela França iria limpar do timbre de sua família as velhas manchas de heresia e traição.

O irmão Collimore estava doente demais para ver que o criado do padre escutava agora com atenção, quase com arrebatamento, ou para perceber que o dominicano erguera ligeiramente a voz para tornar mais fácil ao criado, ainda de pé no portal, ouvir o que ele dizia.

— Esse homem veio do sul, cavalgando com orgulho, acreditando que sua alma estava acima de censura, mas nenhum homem está fora do alcance de Deus. Ele achou que com a vitória iria penetrar no âmbito das afeições do rei, mas em vez disso compartilhou a derrota da França. Às vezes Deus nos torna humildes, irmão, antes de nos elevar à glória. — De Taillebourg falava para o velho monge, mas as palavras eram endereçadas aos ouvidos de seu criado. — E depois da batalha, irmão, quando a França chorava, eu encontrei esse homem e ele o mencionou.

O irmão Collimore pareceu assustado mas nada disse.

— Ele o mencionou para mim — disse o padre de Taillebourg —, e eu sou um inquisidor.

Os dedos do irmão Collimore oscilaram numa tentativa de fazer o sinalda-cruz.

— A Inquisição — disse ele, hesitante — não tem autoridade alguma na Inglaterra.

— A Inquisição tem autoridade no céu e no inferno, e você pensa que a pequena Inglaterra pode resistir a nós? — A fúria na voz de Bernard de Taillebourg ecoou na cela do hospital. — Para extirpar a heresia, irmão, nós cavalgaremos até os confins da Terra.

A Inquisição, tal como a ordem de frades dominicanos, era

dedicada à erradicação da heresia, e para isso empregava fogo e sofrimento. Eles não podiam derramar sangue, porque isso era contra a lei de Deus, mas qualquer sofrimento provocado sem derramamento de sangue era permitido, e a Inquisição sabia bem que o fogo cauterizava o sangramento e que a tortura não perfurava a pele de um herege e que grandes pesos colocados sobre o peito de um homem não rompiam veia alguma. Em porões fedendo a fogo, medo, urina e fumaça, numa escuridão cortada pela chama de um fogo e pelos gritos dos hereges, a Inquisição caçava os inimigos de Deus e, pela aplicação da dor sem sangue, levava suas almas à bendita unidade com Cristo.

— Um homem veio do sul — repetiu de Taillebourg para Collimore — e o timbre em seu escudo era um yale segurando um cálice.

— Um Vexille — disse Collimore.

— Um Vexille — disse de Taillebourg — que sabia o seu nome.

Ora, por que, irmão, um herege vindo das terras do Sul sabe o nome de um monge inglês em Durham?

O irmão Collimore suspirou.

— Todos eles sabiam — disse, cansado —, a família toda sabia.

Eles sabiam, porque Ralph Vexille foi mandado para mim. O bispo pensava que eu pudesse curá-lo da loucura, mas a família achava que em vez disso ele iria me contar segredos. Eles queriam que ele morresse, mas nós o isolamos numa cela onde ninguém, a não ser eu, podia ter acesso a ele.

— E que segredos ele lhe contou? — perguntou de Taillebourg.

— Loucura — disse o irmão Collimore —, só loucura.

O criado estava de pé à porta e o observava.

— Fale-me dessa loucura — ordenou o dominicano.

— Os loucos falam de mil coisas — disse o irmão Collimore —, falam de espíritos e fantasmas, de neve no verão e escuridão durante o dia.

— Mas o padre Ralph lhe falou sobre o Graal — disse de Taillebourg sem rodeios.

— Ele falou do Graal — confirmou o irmão Collimore.

O dominicano teve um suspiro de alívio.

— O que foi que ele lhe contou sobre o Graal?

Durante um certo tempo Hugh Collimore nada disse. Seu peito subia e descia com tamanha fraqueza que o movimento praticamente não era percebido, e então

ele abanou a cabeça.

— Ele me disse que sua família tinha possuído o Graal e que ele o roubara e escondera! Mas falava de uma centena de outras coisas.

Uma centena de coisas assim.

— Onde o teria escondido? — perguntou de Taillebourg.

— Ele era louco, louco. Meu serviço era cuidar dos loucos, sabe?

Nós os deixávamos sem comer ou batíamos neles para expulsar os demônios, mas nem sempre isso funcionava. No inverno, nós os mergulhávamos no rio, por dentro do gelo, e isso dava certo. Os demônios odeiam o frio. Deu certo com Ralph Vexille, quer dizer na maior parte do tempo funcionou. Nós o liberamos depois de algum tempo. Os demônios tinham ido embora, entende?

— Onde ele escondeu o Graal? — A voz de Taillebourg era mais ríspida e mais alta.

O irmão Collimore olhou fixo para o cintilar no teto da luz refletida na água.

— Ele era louco — sussurrou ele —, mas inofensivo. Inofensivo. E

quando foi embora, foi enviado para uma paróquia no sul. Bem lá no sul.

— Em Hookton, em Dorset?

— Em Hookton, em Dorset — concordou o irmão Collimore —, onde ele teve um filho. Ele era um grande pecador, entende?, muito embora fosse padre. Ele teve um filho.

O padre de Taillebourg olhou para o monge, que afinal lhe dera alguma novidade. Um filho?

— O que é que você sabe sobre o filho?

— Nada. — O irmão Collimore pareceu surpreso com a pergunta.

— E o que é que você sabe sobre o Graal? — sondou de Taillebourg.

— Sei apenas que Ralph Vexille era louco — disse Collimore num sussurro.

De Taillebourg sentou-se na cama dura.

— Louco até que ponto?

A voz de Collimore ficou ainda mais fraca.

— Ele dizia que mesmo que a pessoa achasse o Graal não iria reconhecê-lo, a menos que se tratasse de alguém de grande mérito. —

Ele fez uma pausa, e uma expressão de dúvida, quase espanto, surgiu-lhe no rosto por um instante. — Era preciso ser digno, dizia ele, para saber o que era o Graal, mas se a pessoa fosse merecedora ele iria brilhar como o sol. Iria deslumbrá-la.

De Taillebourg inclinou-se mais para perto do monge.

— Você acreditou nele?

— Eu acredito que Ralph Vexille era louco — disse o irmão Collimore.

— Às vezes os loucos dizem a verdade — disse de Taillebourg.

— Eu penso — continuou o irmão Collimore como se o inquisidor não tivesse falado — que Deus colocou sobre Ralph Vexille um ônus grande demais para ele suportar.

— O Graal? — perguntou de Taillebourg.

— Você poderia suportá-lo? Eu não poderia.

— Pois então, onde está ele? — insistiu de Taillebourg. — Onde está ele?

O irmão Collimore tornou a aparentar perplexidade.

— Como é que eu iria saber?

— Ele não estava em Hookton — disse de Taillebourg. — Guy Vexille procurou por ele.

— Guy Vexille? — perguntou o irmão Collimore.

— O homem que veio do sul, irmão, para lutar pela França e acabou sob minha custódia.

— Pobre homem — disse o monge.

O padre de Taillebourg abanou a cabeça.

— Eu simplesmente mostrei a ele a câmara de tortura, deixei-o tocar nas pinças e cheirar a fumaça. E então ofereci a ele a vida e ele me disse tudo o que sabia e me disse que o Graal não estava em Hookton.

O rosto do velho monge contorceu-se num sorriso.

— Você não ouviu o que eu disse, padre. Se um homem for indigno, o Graal não irá revelar-se. Guy Vexille não podia ser digno.

— Mas o padre Ralph o tinha em seu poder? — De Taillebourg procurava uma garantia. — Acha que ele o possuía mesmo?

— Eu não disse isso — alertou o monge.

— Mas acreditava que ele o possuía? — perguntou de Taillebourg e, quando o irmão Collimore não disse coisa alguma, balançou a

cabeça num gesto para si mesmo. — Você acredita que ele estava com o Graal.

Ele desceu da cama, ficando de joelhos, e uma expressão de respeito tomou conta do seu rosto enquanto as mãos postas apertavam uma à outra.

— O Graal — disse ele num tom de extrema admiração.

— Ele era louco — avisou-o o irmão Collimore.

De Taillebourg não estava prestando atenção.

— O Graal — disse ele outra vez —, *le Graal!* — Agora abraçava a si mesmo com força, balançando para trás e para a frente, em êxtase.

— *Le Graal!*

— Os loucos dizem coisas — sentenciou o irmão Collimore — e não sabem o que dizem.

— Ou Deus fala através deles — disse Taillebourg, inflamado.

— Nesse caso, às vezes Deus usa uma linguagem terrível — replicou o velho monge.

— Você tem que me dizer — insistiu de Taillebourg — tudo o que o padre Ralph lhe contou.

— Mas isso foi há tanto tempo!

— *É le Graal!* — berrou de Taillebourg e, na sua frustração, sacudia o velho homem. — *É le Graal!* Não me diga que esqueceu.

Ele olhou pela janela e viu, erguida no cume distante, a aspa vermelha sobre o estandarte amarelo do rei escocês e, abaixo dela, uma massa de homens com cotas de malha cinza com sua floresta de lanças e piques. Nenhum bandido inglês estava à vista, mas de Taillebourg não teria se importado se todos os inimigos da cristandade tivessem ido para Durham, porque ele encontrara a sua visão, era o Graal, e mesmo que o mundo tremesse com exércitos por toda a sua volta ele iria atrás do Graal.

E um velho monge falou.

o cavalariano com a cota de malha enferrujada, couraça de tiras rotas e escudo festonado disse chamar-se Lorde Outhwaite de Witcar.

— Conhece o lugar? — perguntou ele a Thomas.

— Witcar, excelência? Nunca ouvi falar.

— Não ouviu falar em Witcar! Meu Deus! E é um lugar aprazível, muito aprazível. Bom solo, água doce, ótima caça. Ah, você chegou!

A última observação foi dirigida a um menino montado num grande cavalo, trazendo um segundo corcel pelas rédeas. O menino vestia um gibão que tinha a

cruz festonada bordada em amarelo e vermelho e, puxando o corcel atrás de si, esporeou o cavalo em direção ao seu amo.

— Desculpe, excelência — disse o menino —, mas Hereward puxa a gente. — Era evidente que Hereward era o corcel que ele guiava. — E ele me puxou para longe do senhor!

— Dê Hereward a este jovem aqui — disse Lorde Outhwaite. —

Você sabe montar? — acrescentou, sério, para Thomas.

— Sei, excelência.

— Mas Hereward é difícil, de uma dificuldade rara. Esporeie com força para que ele saiba quem é que manda.

Uns vinte homens apareceram, vestindo o uniforme de Lorde Outhwaite, todos montados e todos com armaduras em melhor estado do que a do senhor deles. Lorde Outhwaite mandou-os de

volta para o sul.

— Nós estávamos marchando contra Durham — disse ele a Thomas —, cuidando da vida como devem fazer os bons cristãos, e os malditos escoceses apareceram! Agora não vamos atacar Durham. Eu me casei lá, sabe? Na catedral. Há trinta e dois anos, você acredita? —

Ele olhou satisfeito para Thomas. — E a minha querida Margaret ainda vive, graças a Deus. Ela gostaria de ouvir a sua história. Você esteve mesmo em Wadicourt?

— Estive, excelência.

— Que homem de sorte, que homem de sorte! — disse Lorde Outhwaite, e gritou para mais outros de seus homens para que dessem meia-volta antes que esbarrassem com os escoceses.

Thomas estava chegando rapidamente à conclusão de que Lorde Outhwaite, apesar da cota de malha em pedaços e da aparência desgrenhada, era um grande senhor, um dos maiores da região norte, e sua excelência confirmou essa

opinião resmungando que tinha sido proibido pelo rei de lutar na França, porque ele e seus homens poderiam ter de rechaçar uma invasão dos escoceses.

— E ele tinha toda razão! — Lorde Outhwaite parecia surpreso. —

Os patifes vieram para o sul! Eu lhe disse que meu filho mais velho estava na Picardia? É por isso que estou usando isto aqui. — Ele tocou num rasgão da velha cota de malha. — Dei a ele a melhor armadura que tínhamos, porque achei que não íamos precisar dela aqui! O

jovem David da Escócia me parecia bem pacífico, mas agora a Inglaterra está invadida pelos seguidores dele. É verdade que a chacina em Wadicourt foi enorme?

— Foi um campo de mortos, excelência.

— Deles, não nossos, graças a Deus e aos santos dele. — Sua

Excelência olhou para alguns arqueiros que se desgarravam em direção ao sul. — Não percam tempo! — bradou em inglês. — Daqui a pouco os escoceses estarão à procura de vocês. — Ele tornou a olhar para Thomas e sorriu. — Então, o que teria feito se eu não tivesse chegado? — perguntou ainda usando o inglês. — Ia cortar mesmo a garganta do Espantalho?

— Se fosse preciso.

— E ter a sua cortada pelos homens dele — observou Outhwaite, alegre. — Ele é um beerrão venenoso. Só Deus sabe por que a mãe dele não o matou afogado quando ele nasceu, mas acontece que ela era uma maldita bruxa de coração de merda, se é que já houve alguma assim. — Como muitos senhores que tinham sido criados falando francês, Lorde Outhwaite aprendera inglês com os criados dos pais, e por isso falava-o usando termos baixos. — O Espantalho merece uma garganta cortada, mas é mau tê-lo como inimigo. Ele guarda um ressentimento melhor do que ninguém, mas tem tantos ressentimentos que talvez não tenha lugar para mais um. Ele odeia Sir William Douglas acima de tudo.

— Por quê?

— Porque William o manteve preso. Veja bem, Willie Douglas manteve a maioria de nós presa numa ou outra ocasião, e um ou dois de nós até o

mantiveram preso em troca, mas o resgate quase matou Sir Geoffrey. Ele ficou reduzido à sua última vintena de servidores e eu ficaria surpreso se ele tivesse mais de três moedas de meio pênny num vidro. O Espantalho é um homem pobre, muito pobre, mas orgulhoso, e isso o torna um mau inimigo.

Lorde Outhwaite fez uma pausa para erguer a mão em saudação a um grupo de arqueiros que vestia seu uniforme.

— Sujeitos maravilhosos, maravilhosos. Mas me conte sobre a batalha de Wadicourt. É verdade que os franceses atropelaram seus próprios arqueiros?

— Atropelaram, excelência. Besteiros genoveses.

— Pois então conte-me tudo o que aconteceu.

Lorde Outhwaite tinha recebido uma carta de seu filho mais velho que lhe falara sobre a batalha na Picardia, mas estava muito ansioso por ouvir falar da luta por alguém que estivera naquela longa encosta verde entre as aldeias de Wadicourt e Crécy, e Thomas agora contou-lhe que o inimigo atacara quando a tarde já ia avançada e que as flechas tinham voado montanha abaixo para cortar o grande exército do rei da França em pilhas de homens e cavalos que berravam, e que alguns dos inimigos ainda tinham chegado através da linha de fossos recém-cavados e passado pelas flechas para atacar os soldados ingleses, e que, no fim da batalha, não restava flecha alguma, só arqueiros com dedos sangrando e um longo monte de homens e animais moribundos. O próprio céu parecera tinto de sangue.

O relato da história levou Thomas serra abaixo e para fora do ângulo de visão de Durham. Eleanor e o padre Hobbe caminhavam atrás, guiando a égua e às vezes fazendo os seus próprios comentários, enquanto vinte dos servidores de Lorde Outhwaite cavalgavam ao lado deles para ouvir a história da batalha. Thomas contou-a bem, e era evidente que Lorde Outhwaite tinha gostado dele. Thomas de Hookton sempre possuía um encanto que o protegera e recomendara, muito embora às vezes deixasse com inveja homens como Sir Geoffrey Carr. Sir Geoffrey tinha seguido na frente e, quando Thomas atingiu a pradaria irrigada pela inundação do rio,

onde as forças inglesas estavam reunidas, o cavaleiro apontou para ele como se estivesse lançando uma maldição e Thomas reagiu fazendo o sinalda-cruz. Sir Geoffrey cuspiu.

Lorde Outhwaite carregou o sobrolho para o Espantalho.

— Não me esqueci da carta que o seu padre me mostrou — disse ele, falando agora com Thomas em francês —, mas espero que você não nos deixe para poder entregá-la pessoalmente em Durham. Não enquanto tivermos inimigos a enfrentar.

— Posso ficar com os arqueiros de Vossa Excelência? —

perguntou Thomas.

Eleanor fez um muxoxo em sinal de desaprovação, mas os dois homens a ignoraram. Lorde Outhwaite acenou com a cabeça num gesto de aceitação da oferta de Thomas e depois fez outro gesto indicando que o jovem devia descer do cavalo.

— Mas uma coisa me deixa intrigado — continuou ele —, e é por que o senhor nosso rei foi confiar uma missão dessas a uma pessoa tão jovem.

— E de berço tão inferior? — perguntou Thomas com um sorriso, sabendo que aquela era a verdadeira pergunta que Lorde Outhwaite tinha sido cuidadoso demais para fazer.

Sua Excelência riu ao ser desmascarado.

— Você fala francês, meu jovem, mas carrega um arco. O que você é? Bemnascido ou de origem inferior?

— Bemnascido, excelência, mas fora do casamento.

— Ah!

— E a resposta à sua pergunta, excelência, é que o senhor nosso rei me enviou com um de seus capelães e um cavaleiro da casa real, mas os dois ficaram doentes em Londres e é lá que eles estão. Eu segui

viagem com os meus companheiros.

— Porque estava ansioso por conversar com esse velho monge?

— Se ele estiver vivo, sim, porque ele pode me falar sobre a família de meu pai. Minha família.

— E ele pode lhe falar sobre esse tesouro, esse *Thesaurus*. Você sabe a respeito dele?

— Sei alguma coisa, excelência — disse Thomas, cauteloso.

— Motivo pelo qual o rei o enviou, hein? — perguntou Lorde Outhwaite mas sem dar tempo a Thomas para responder. Pegou as rédeas. — Lute com os meus arqueiros, rapaz, mas tome o cuidado de ficar vivo, hein? Eu gostaria de saber mais sobre o seu *Thesaurus*. O

tesouro é assim tão grande quanto diz a carta?

Thomas deu as costas para o seu Lorde Outhwaite de cabelos desgrenhados e olhou para cima, para a crista da montanha onde agora nada havia para ser visto, exceto as árvores de folhas de cores vivas e uma pluma de fumaça, que se diluía, dos chalés consumidos pelo fogo.

— Se ele existir, excelência — disse em francês —, será o tipo de tesouro que é protegido pelos anjos e procurado pelos demônios.

— E você o procura? — perguntou Lorde Outhwaite com um sorriso.

Thomas devolveu o sorriso.

— Simplesmente procuro o prior de Durham, excelência, para entregar a ele a carta do bispo.

— Você procura o prior Fossor, não? — Lorde Outhwaite fez com a cabeça um gesto em direção a um grupo de monges. — Ele é aquele lá. O que está montado.

Ele indicara um monge alto, de cabelos brancos, montado numa égua cinza e cercado por uns vinte outros monges, todos a pé, um dos quais carregava um estranho estandarte que nada mais era do que um pedaço de pano branco pendurado de uma vara pintada.

— Fale com ele — disse Lorde Outhwaite — e depois procure a minha bandeira. Que Deus o acompanhe! — Ele disse as quatro últimas palavras em inglês.

— E acompanhe a Vossa Excelência — responderam, juntos, Thomas e o padre Hobbe.

Thomas caminhou em direção ao prior, passando com dificuldade por arqueiros que se aglomeravam em torno de três carroções para receber feixes de flechas de reserva. O pequeno exército inglês estivera marchando em direção a Durham em duas estradas separadas e agora os homens vagueavam por campos para ficarem juntos, para a eventualidade de os escoceses descerem da parte alta. Soldados passavam cotas de malha pela cabeça e os mais ricos entre eles abotoavam as peças de armadura que possuíam. Os líderes do exército deviam ter feito uma rápida conferência, porque os primeiros estandartes estavam sendo levados para o norte, mostrando que os ingleses queriam enfrentar os escoceses no terreno mais elevado da serra, em vez de serem atacados nos prados irrigados pelas inundações do rio ou tentarem alcançar Durham por um caminho indireto. Thomas se acostumara com os estandartes ingleses na Bretanha, na Normandia e na Picardia, mas aquelas bandeiras eram todas estranhas para ele: um crescente prateado, uma vaca marrom, um leão azul, o machado preto do Espantalho, a cabeça de um varrão vermelho, a cruz festonada de Lorde Outhwaite e, a mais espalhafatosa de todas, uma grande bandeira escarlate mostrando um

par de chaves cruzadas espessamente bordada com fios de ouro e prata. A bandeira do prior parecia surrada e barata comparada a todas as outras, porque não era mais do que um pequeno quadrado de pano puído, embaixo do qual o prior estava em delírio.

— Vão fazer o trabalho de Deus — gritava ele para alguns arqueiros que estavam próximos a ele —, porque os escoceses são animais! Derrubem-nos! Matem todos eles! Deus irá recompensar cada morte! Vão, e castiguem-nos! Matem-nos! — Ele viu Thomas se aproximando. — Você quer uma bênção, meu filho? Então, que Deus dê força ao seu arco e aumente o poder de penetração de suas flechas!

Que seu braço nunca se canse e seus olhos nunca se ofusquem. Que Deus e os anjos o abençoem enquanto você mata!

Thomas benzeu-se e depois estendeu a carta.

— Vim lhe dar isto, senhor — disse ele.

O prior estranhou bastante que um arqueiro se dirigisse a ele com tamanha

familiaridade e ainda por cima ter uma carta para ele. A princípio não pegou o pergaminho, mas um dos seus monges o arrancou da mão de Thomas e, vendo o lacre rompido, ergueu as sobrancelhas.

— O senhor bispo mandou uma carta para o senhor — disse ele.

— Eles são animais! — repetiu o prior ainda dominado pela sua peroração, só depois percebendo o que o monge dissera. — O senhor bispo escreveu?

— A você, irmão — disse o monge.

O prior agarrou a vara pintada e arriou a bandeira improvisada para que ela ficasse perto do rosto de Thomas.

— Pode beijá-la — disse ele, imponente.

— Beijá-la? — Thomas foi colhido de surpresa. O pano

esfarrapado, agora que estava perto do seu nariz, fedia a mofo.

— É o manto funerário de São Cuthbert — disse o prior, agitado

—, tirado do túmulo dele, meu filho! O abençoado São Cuthbert lutará por nós! Os próprios anjos do céu irão segui-lo na batalha!

Thomas, diante da relíquia do santo, ficou de joelhos e levou o pano aos lábios. Era linho, pensou, e então viu que estava bordado nas margens com um desenho complicado, com uma linha azul desbotada. No centro do pano, usado durante a missa para conter as hóstias, havia uma cruz trabalhada, bordada com fios de prata que praticamente não se destacavam contra o puído linho branco.

— É mesmo o manto de São Cuthbert? — perguntou.

— Dele mesmo! — exclamou o prior. — Nós abrimos o túmulo na catedral hoje mesmo pela manhã e rezamos para ele. Ele irá lutar por nós hoje! — O prior ergueu a bandeira num gesto rápido e agitou-a em direção a alguns soldados que dirigiam seus cavalos para o norte. — Façam o trabalho de Deus! Matem todos eles! Adubem os campos com a sua carne nociva, irriguem-nos com o seu sangue traiçoeiro!

— O bispo quer que este jovem fale com o irmão Hugh Collimore — disse naquele momento ao prior o homem que lera a carta — e o rei também quer. Sua Alteza diz que há um tesouro que precisa ser encontrado.

— O rei quer? — O prior olhou perplexo para Thomas. — O rei quer? — tornou a perguntar, e então caiu em si e percebeu que havia uma grande vantagem no apoio real. Por isso, agarrou a carta com um gesto repentino e leu-a, apenas para descobrir uma vantagem ainda maior do que previra. — Você veio à procura de um grande *Thesaurus*? — perguntou a Thomas, desconfiado.

— O bispo acredita que sim, senhor — respondeu Thomas.

— Que tesouro? — retrucou o prior, e todos os monges olharam para ele boquiabertos, quando a idéia de um tesouro os fez esquecer momentaneamente a proximidade do exército escocês.

— O tesouro, senhor — Thomas evitou dar uma resposta sincera

— é do conhecimento do irmão Collimore.

— Mas por que mandar você? — perguntou o bispo, e foi uma pergunta justa, porque Thomas parecia um jovem e não tinha nenhum posto aparente.

— Porque eu também tenho um certo conhecimento do assunto

— disse Thomas, perguntando-se se não teria falado demais.

O prior dobrou a carta, inadvertidamente rasgando o lacre ao fazê-lo, e enfiou-a numa bolsa que estava pendurada no seu cinto amarrado.

— Vamos conversar depois da batalha — disse ele —, e então, e só então, eu vou decidir se você poderá falar com o irmão Collimore.

Ele está doente, sabe? Doente, pobre homem. Talvez esteja morrendo.

Pode não ser conveniente você perturbá-lo. Vamos ver, vamos ver.

Era evidente que ele queria conversar com o velho monge e, assim, ser o único possuidor de qualquer que fosse o conhecimento que Collimore pudesse ter.

— Que Deus o abençoe, meu filho. — O prior dispensou Thomas e então ergueu sua sagrada bandeira e seguiu rápido para o norte. A maior parte do exército inglês já estava subindo a serra, deixando apenas seus carroções e uma multidão de mulheres, crianças e os homens doentes demais para caminhar. Os monges, fazendo uma procissão atrás de seu manto funerário, começaram a cantar enquanto seguiam os soldados.

Thomas correu até uma carroça e apanhou um feixe de flechas, que enfiou no cinto. Viu que os soldados de Lorde Outhwaite estavam cavalgando em direção à serra, seguidos por um grande grupo de arqueiros.

— Talvez vocês dois devam ficar aqui — disse ele ao padre Hobbe.

— Não! — disse Eleanor. — E você não devia estar lutando.

— Não lutar? — perguntou Thomas.

— A batalha não é sua! — insistiu Eleanor. — Nós devíamos ir para a cidade! Devíamos procurar o monge.

Thomas fez uma pausa. Estava pensando no padre que, no remoinho de nevoeiro e fumaça, matara o escocês e depois falara com ele em francês. Eu sou um mensageiro, dissera o padre. “Je suis un avant-coureur”, tinham sido suas palavras exatas, e um avant-coureur era mais do que um simples mensageiro. Um arauto, talvez? Até mesmo um anjo? Thomas não podia afastar a imagem daquela luta silenciosa, os homens tão desiguais, um soldado contra um padre, e no entanto o padre vencera e depois voltara o rosto magro, ensanguentado, para Thomas e se anunciara: “Je suis un avant-coureur.” Era um sinal, pensou Thomas, e ele não queria acreditar em sinais e visões, queria acreditar no seu arco. Pensou que talvez Eleanor tivesse razão e que o conflito com o seu vencedor inesperado era um sinal do céu de que ele devia entrar na cidade atrás do avant-coureur, mas também havia inimigos no alto da montanha e ele era um arqueiro, e arqueiros não abandonavam uma batalha.

— Nós iremos para a cidade — disse ele — depois da batalha.

— Por quê? — perguntou ela, impetuosa.

Mas Thomas não quis responder. Apenas começou a andar,

subindo um morro onde cotovias e tentilhões adejavam pelas sebes, enquanto tordos marrons e cinzentos chamavam das pastagens vazias. O nevoeiro desaparecera por completo e um vento seco soprou vindo do outro lado do rio Wear.

E então, de onde os escoceses esperavam no terreno mais elevado, os tambores começaram a tocar.

sir William Douglas, Cavaleiro de Liddesdale, preparou-se para a batalha. Vestiu calções de couro com espessura suficiente para reduzir um corte de espada e sobre a camisa de linho pendurou um crucifixo que tinha sido benzido por um padre em Santiago de Compostela, onde São Tiago estava enterrado. Sir William Douglas não era exatamente um homem religioso, mas pagava um padre para cuidar de sua alma e o padre lhe garantia que usar o crucifixo de São Tiago, o filho do trovão, iria assegurar que ele receberia os ritos finais em segurança, em seu próprio leito. Em torno da cintura, amarrou uma faixa de seda vermelha que tinha sido arrancada de um dos estandartes capturados dos ingleses em Bannockburn. A seda tinha sido mergulhada na água benta da fonte na capela do seu castelo em Hermitage, e Sir William tinha sido convencido de que o pedaço de seda iria garantir a vitória sobre o velho e muito odiado inimigo.

Ele usava uma cota de malha tirada de um inglês morto em um dos seus muitos ataques de surpresa ao sul da fronteira. Sir William lembrava-se bem daquela morte. Tinha reparado na qualidade da cota de malha do inglês logo no início do combate e gritara para seus homens que não tocassem no homem, e então o derrubara atingindo-lhe os tornozelos, e o inglês, de joelhos, soltara um som parecido com um miado que fizera com que os homens de Sir William caíssem na gargalhada. O homem tinha-se rendido, mas

mesmo assim Sir William cortara-lhe a garganta, porque achava que o homem que fizesse um som de miado não era um guerreiro de verdade. Os criados em Hermitage tinham levado duas semanas para lavar o sangue do fino trançado da malha. A maioria dos líderes escoceses vestia casacões de malha, que cobriam o corpo de um homem do pescoço à barriga das pernas, enquanto a cota de malha era muito mais curta e deixava as pernas desprotegidas. Mas Sir William pretendia lutar a pé e sabia que o peso de um casacão cansava o homem depressa, e homens cansados eram mortos com facilidade. Sobre a cota de malha usava uma capa de corpo inteiro que mostrava a sua insígnia do coração vermelho. O elmo era um morrião, sem visor nem protetor para o rosto, mas em

combate Sir William gostava de ver o que os inimigos à esquerda e à direita faziam. Um homem com um elmo completo ou com uma das viseiras em forma de focinho de porco, que era moda na época, não via nada, exceto aquilo que a fenda que ficava bem em frente aos olhos deixava que ele visse, motivo pelo qual quem usava elmos com viseira passava a batalha virando a cabeça para a esquerda e a direita, esquerda e direita, como uma galinha entre raposas, e torciam-se até o pescoço ficar doendo, e mesmo assim raramente viam o golpe que lhes esmagava o crânio. Sir William, em combate, procurava homens cujas cabeças se agitavam como galinhas, para trás e para a frente, porque sabia que se tratava de homens nervosos que tinham como pagar um belo elmo e, assim, pagar um resgate ainda melhor. Ele portava o seu grande escudo. O escudo era, na verdade, muito pesado para um homem a pé, mas ele esperava que os ingleses soltassem a sua tempestade de flechas e o escudo era grosso bastante para absorver o barulhento impacto de flechas de uma jardas de

comprimento, com ponta de aço. Ele podia apoiar a base do escudo no chão e agachar-se em segurança atrás dele e, quando os ingleses ficassem sem flechas, ele sempre poderia abandoná-lo. Ele levava uma lança, para o caso de os cavaleiros ingleses atacarem, e uma espada, que era a sua arma favorita para matar. O punho da espada guardava um pedaço de cabelo cortado do cadáver de Santo André, ou pelo menos fora isso que alegara o monge que vendia indulgências e que vendera o pedaço a Sir William.

Robbie Douglas, sobrinho de Sir William, usava cota de malha e um morrião e levava uma espada e um escudo. Tinha sido ele quem levava a Sir William a notícia de que Jamie Douglas, irmão mais velho de Robbie, fora morto, presumivelmente pelo criado de um padre dominicano. Ou talvez o próprio padre de Taillebourg cometera o crime? Pelo menos, tinha de ter sido ordem sua. Robbie Douglas, vinte e nove anos de idade, chorava pelo irmão.

— Como é que um padre pode fazer isso? — perguntou Robbie ao tio.

— Você faz uma idéia estranha dos padres, Robbie — disse Sir William. — A maioria dos padres é formada por homens fracos que receberam a autoridade de Deus, e isso os torna perigosos. Eu agradeço a Deus pelo fato de que jamais um Douglas vestiu uma batina de padre. Nós todos somos honestos demais.

— Quando o dia de hoje acabar — disse Robbie Douglas —, o senhor vai me deixar ir atrás daquele padre.

Sir William sorriu. Ele podia não ser um homem abertamente religioso, mas achava sagrado um credo, o de que o assassinato de qualquer membro da família devia ser vingado, e Robbie, na sua opinião, faria uma vingança perfeita. Era um jovem bom, rijo e

bonito, alto e íntegro, e Sir William sentia orgulho do filho de sua irmã caçula.

— Nós conversaremos no final do dia — prometeu Sir William

—, mas até lá, Robbie, fique perto de mim.

— Eu fico, tio.

— Vamos matar alguns ingleses, se Deus quiser — disse Sir William, e então levou o sobrinho para falar com o rei e para receber a bênção dos capelães reais.

Sir William, como a maioria dos cavaleiros e chefes escoceses, usava cota de malha, mas o rei usava uma armadura feita na França, uma coisa tão rara ao norte da fronteira que homens das tribos selvagens iam olhar aquela criatura que refletia o sol, feita de um metal que se mexia. O jovem rei parecia tão impressionado quanto eles, porque tirou a manta e andava de um lado para o outro admirando a si mesmo e sendo admirado enquanto seus senhores chegavam para uma bênção e para dar conselhos. O conde de Moray, que Sir William acreditava ser um bobo, queria lutar a cavalo, e o rei ficou tentado a concordar. O pai dele, o grande Robert the Bruce, derrotara os ingleses em Bannockburn montado a cavalo, e não apenas os derrotara, mas os humilhara. A flor da Escócia havia derrubado a nobreza da Inglaterra, e David, agora rei do país de seu pai, queria fazer o mesmo. Queria sangue sob suas patas e glória ligada ao seu nome; queria que sua reputação se espalhasse por toda a cristandade, e por isso voltou-se e olhou, com olhos compridos, para a sua lança pintada de vermelho e amarelo apoiada num galho de olmo.

Sir William Douglas viu para onde o rei estava olhando.

— Arqueiros — disse ele, lacônico.

— Havia arqueiros em Bannockburn — insistiu o conde de Moray.

— É, e os imbecis não sabiam usá-los — disse Sir William —, mas não podemos esperar que os ingleses sejam imbecis para sempre.

— E quantos arqueiros eles podem ter? — perguntou o conde. —

Dizem que há milhares de arqueiros na França, centenas mais na Bretanha e outros tantos na Gasconha. E então, quantos eles podem ter aqui?

— Têm o suficiente — resmungou Sir William, sucinto, sem se importar em esconder o desprezo que sentia por John Randolph, terceiro conde de Moray. O conde era tão experiente em guerras quanto Sir William mas passara muito tempo preso pelos ingleses e o ódio resultante disso fazia com que ele ficasse impetuoso.

O rei, jovem e inexperiente, queria ficar do lado do conde, de quem era amigo, mas viu que seus outros senhores concordavam com Sir William, que, embora não tivesse nenhum título de vulto nem cargo oficial, tinha mais experiência de guerra do que qualquer outro homem da Escócia. O conde de Moray percebeu que estava perdendo a discussão e insistiu na pressa.

— Ataque agora, senhor — sugeriu ele —, antes que eles possam formar uma linha de combate. — Ele apontou para o sul, onde os primeiros soldados ingleses apareciam nos pastos. — Derrube os bastardos antes que eles se preparem.

— Este — interveio o conde de Menteith com calma — foi o conselho dado a Filipe de Valois na Picardia. Não adiantou lá e não vai adiantar aqui.

— Além disso — observou Sir William Douglas em tom mordaz

—, temos de enfrentar muros de pedra.

Ele apontou para os muros que cercavam as pastagens onde os ingleses começavam a formar sua linha.

— Talvez Moray possa nos dizer como cavaleiros em armaduras ultrapassam muros de pedra — sugeriu ele.

O conde de Moray empertigou-se.

— Você pensa que eu sou bobo, Douglas?

— Penso que você é aquilo que demonstra ser, John Randolph —

respondeu Sir William.

— Cavalheiros! — retrucou o rei.

Ele não tinha percebido os muros de pedra quando formou sua linha de combate ao lado dos chalés incendiados e a cruz caída. Vira apenas os pastos verdes vazios, a estrada larga e o seu sonho ainda mais amplo de glória. Agora observava o inimigo surgindo das árvores ao longe e espalhando-se. Havia uma grande quantidade de arqueiros que chegavam, e ele ouvira falar que aqueles arqueiros podiam encher o céu com suas flechas e que as pontas de aço das flechas penetravam fundo em cavalos e que os cavalos ficavam loucos de dor. E ele não ousava perder aquela batalha. Prometera a seus nobres que iriam celebrar o Natal no salão do rei inglês em Londres, e se ele perdesse iria perder o respeito deles e estimular alguns a se rebelarem. Tinha de vencer e, por ser impaciente, queria vencer depressa.

— Se atacarmos com a rapidez necessária — sugeriu ele, especulativo — antes que todos eles alcancem suas linhas...

— Então Vossa Majestade irá quebrar as pernas de seu cavalo nos muros de pedra — disse Sir William com pouco respeito pelo seu senhor real. — Se o cavalo de Vossa Majestade chegar até lá. Não se pode proteger um cavalo das flechas, majestade, mas pode-se superar

as dificuldades a pé. Ponha seus piques na frente, mas misture-os com soldados que possam usar seus escudos para proteger os que estiverem portando piques. Escudos erguidos, cabeças baixas e aguentar firme, é assim que venceremos esta.

O rei puxou a ombreira que lhe cobria o ombro direito e tinha o incomodativo hábito de escorregar para a borda superior do peitoral da armadura. Por tradição, a defesa dos exércitos escoceses estava nas mãos dos piqueiros que usavam suas armas monstruosamente compridas para rechaçar os cavaleiros inimigos, mas piqueiros precisavam das duas mãos para segurar as lâminas pouco manejáveis e por isso tornavam-se alvos fáceis para os arqueiros ingleses, que gostavam de jactar-se de que levavam a vida dos piqueiros nas suas sacolas de flechas. Por isso protejam os piqueiros com os escudos dos soldados e deixem que o inimigo desperdice suas flechas. Fazia sentido, mas ainda assim deixava David Bruce aborrecido pelo fato de não poder liderar seus cavalariaos num assalto de abalar a terra enquanto as trombetas berravam aos céus.

Sir William percebeu a hesitação do rei e insistiu no seu argumento.

— Temos de ficar aqui, majestade, e temos de esperar, e temos de deixar que nossos escudos escorem as flechas, mas no fim eles irão se cansar de desperdiçar flechas e virão ao ataque, e é aí que nós vamos derrubá-los como se fossem cachorros.

Um rosar de concordância saudou aquela declaração. Os senhores escoceses, todos homens vigorosos, armados e vestindo armaduras, barbados e sérios, estavam confiantes em que poderiam vencer aquela luta, porque não havia um atalho para a vitória, não quando arqueiros os enfrentavam, e por isso teriam de fazer o que Sir

William dizia: resistir às flechas, açular o inimigo e depois dar a ele a matança.

O rei ouviu seus senhores concordarem com Sir William e por isso, com relutância, abandonou o sonho de vencer o inimigo com cavaleiros montados. Aquilo foi uma decepção, mas ele correu os olhos pelos seus senhores e refletiu que com tais homens ao seu lado não podia haver possibilidade de perder.

— Vamos lutar a pé — decretou ele — e abatê-los como se fossem cachorros. Vamos fazer deles picadinho! — E depois, pensou, quando os sobreviventes estivessem fugindo para o sul, a cavalaria escocesa completaria o massacre.

Mas por enquanto seria infantaria contra infantaria, de modo que os estandartes de guerra da Escócia foram levados para a frente e enfiados de um lado a outro da crista da montanha. Os chalés incendiados eram agora apenas cinzas que embalavam três cadáveres encolhidos, pretos e pequenos como se fossem crianças, e o rei plantou suas bandeiras perto daqueles mortos. Ele mandara fincar sua própria bandeira, uma aspa vermelha sobre campo amarelo, e o estandarte do santo da Escócia, aspa branca sobre azul, no centro da linha, e à esquerda e à direita agitavam-se os estandartes dos senhores menos importantes. O leão de Stuart brandiu a espada, o falcão de Randolph abriu as asas enquanto a leste e a oeste as estrelas, os machados e as cruzes estalavam ao vento. O exército estava disposto em três divisões, chamadas de *sheltrons*, e os três *sheltrons* eram tão grandes que os homens nos flancos mais extremos acotovelavam-se em direção ao centro para se manter no terreno mais plano do topo do morro.

As fileiras dos *sheltrons* que ficavam na extrema retaguarda eram compostas de

membros de tribos das ilhas e do norte, homens que lutavam de pernas nuas, sem proteção de metal, portando espadas imensas que podiam matar um homem tanto com a lâmina quanto com uma simples pancada. Eram guerreiros terríveis, mas a falta de armadura tornava-os horivelmente vulneráveis a flechas, de modo que eram colocados na retaguarda, e as principais fileiras dos três *sheltrons* estavam cheias de soldados e piqueiros. Os soldados levavam espadas, machados, clavas ou machados ou martelos de guerra e, o que era mais importante, os escudos que podiam proteger os piqueiros cujas armas tinham na ponta um pique, um gancho e uma cabeça de machado. O pique podia manter um inimigo à distância, o gancho podia arrancar da sela um homem vestindo uma armadura ou derrubá-lo se ele estivesse no chão, e o machado podia penetrar-lhe a malha ou a couraça. A linha ouriçava-se com os piques que formavam uma cerca de aço para receber os ingleses, e padres caminhavam pela cerca abençoando as armas e os homens que as portavam. Soldados ajoelhavam para receber as bênçãos. Alguns senhores, como o próprio rei, estavam a cavalo, mas apenas o suficiente para que pudessem ver por cima da cabeça de seus soldados, e aqueles homens olhavam para o sul, para verem surgir os últimos dos soldados ingleses. Eram muito poucos! Um exército muito pequeno para se derrotar! À esquerda dos escoceses ficava Durham, suas torres e reparos repletos de pessoas que assistiam à batalha, e em frente estava aquele pequeno exército de ingleses que não tinham o senso de bater em retirada em direção a York. Em vez disso, iriam lutar no topo da montanha, e os escoceses tinham a

vantagem da posição e da quantidade de homens.

— Se vocês têm raiva dos ingleses — gritou Sir William para os seus homens à direita da linha de combate escocesa —, transmitam isso a eles!

Os escoceses expressaram seu ódio aos berros. Bateram nos escudos com espadas e lanças, gritaram aos céus e, no centro da linha, onde o sheltron do rei aguardava sob os estandartes da cruz, uma tropa de tambores começou a tocar enormes tambores de pele de cabra. Cada tambor era um grande aro de carvalho sobre o qual eram esticadas com cordas duas peles de cabra até que uma bolota, deixada cair sobre uma das peles, pulasse até a altura da mão que a tivesse largado, e os tambores, tocados com varas finas, produziam um som agudo, quase metálico, que enchia o céu. Eles executavam um assalto só de barulho.

— Se vocês odeiam os ingleses, digam isso a eles! — gritou o conde de March da esquerda da linha escocesa que ficava mais perto da cidade. — Se vocês

odeiam os ingleses, digam isso a eles! — e o fragor ficou mais alto, o ruído do choque da vara da lança nos escudos ficou mais forte, e o barulho do ódio da Escócia espalhou-se pela crista da montanha de modo que nove mil homens uivavam para os três mil que eram loucos o bastante para enfrentá-los.

— Vamos ceifá-los como talos de cevada — prometeu um padre

—, vamos encharcar os campos com o fedorento sangue deles e encher o inferno com suas almas inglesas.

— As mulheres deles são de vocês! — disse Sir William a seus homens. — As mulheres e as filhas deles serão seus brinquedos hoje à noite! — Ele sorriu para o sobrinho Robbie. — Você vai poder escolher mulheres de Durham, Robbie.

— E as mulheres de Londres — disse Robbie — antes do Natal.

— É isso, elas também — prometeu Sir William.

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo — berrou o capelão mais antigo do rei —, mandem todos eles para o inferno!

Todos os asquerosos, sem sobrar nenhum, para o inferno! Cada inglês que vocês matarem hoje significa mil semanas a menos no purgatório!

— Se vocês odeiam os ingleses — bradou Lorde Robert Stewart, intendente da Escócia e herdeiro do trono —, digam isso a eles!

E o barulho daquele ódio parecia um trovão que encheu o vale profundo do Wear, e o trovão reverberou do rochedo em que se erguia Durham e ainda assim o barulho aumentou para dizer a toda a região norte que os escoceses tinham chegado ao sul.

E David, rei daqueles escoceses, ficou contente por ter ido até aquele lugar onde a cruz com o dragão tinha caído e as casas incendiadas queimavam e os ingleses esperavam para serem mortos.

Porque naquele dia ele iria levar a glória a Santo Andrew, à grande casa de Bruce e à Escócia.

Nota:

* No original: *morningstar*. O termo reflete a forma da extremidade da arma, que é uma bola de metal com espetos. (N. do T.)

thomas, o padre Hobbe e Eleanor seguiram o prior e seus monges, que ainda cantavam, embora as vozes dos irmãos àquela altura estivessem dissonantes, porque eles estavam ofegantes por andarem depressa. O manto funerário oscilava de um lado para o outro e o estandarte atraiu uma errante procissão de mulheres e crianças que, por não quererem esperar onde seus homens não os pudessem ver, levavam feixes de flechas extras para o alto do morro. Thomas queria seguir mais depressa, ultrapassar os monges e encontrar os homens de Lorde Outhwaite, mas Eleanor atrasou-se de propósito até que ele se voltou para ela, irritado.

— Você pode andar mais depressa — protestou ele em francês.

— Eu posso andar mais depressa — disse ela — e você pode ignorar uma batalha!

O padre Hobbe, conduzindo o cavalo, compreendeu o tom, apesar de não entender as palavras. Suspirou, merecendo com isso um olhar selvagem de Eleanor.

— Você não precisa lutar! — continuou ela.

— Eu sou um arqueiro — disse Thomas, obstinado — e há um inimigo lá em cima.

— Seu rei mandou você procurar o Graal! — insistiu Eleanor. —

Não para morrer! Não para me deixar sozinha! — Ela agora tinha parado, as mãos agarrando a barriga e com lágrimas nos olhos. — Eu

vou ficar aqui sozinha? Na Inglaterra?

— Não vou morrer aqui — disse Thomas, mordaz.

— Como sabe? — Eleanor era toda sarcasmo. — Deus por acaso falou com você? Você sabe o que outras pessoas não sabem? Sabe o dia em que vai morrer?

Thomas foi colhido de surpresa por aquela explosão. Eleanor era uma jovem forte, não dada a acessos de raiva, mas agora estava profundamente perturbada e chorava.

— Aqueles homens — disse Thomas — são o Espantalho e Beggar, e não vão tocar em você. Eu estarei aqui.

— Não são eles! — lamentou-se Eleanor. — Ontem à noite eu tive um sonho. Um sonho.

Thomas pôs as mãos nos ombros dela. Suas mãos eram grandes e fortalecidas por puxarem a corda de cânhamo do grande arco.

— Sonhei com o Graal na noite passada — disse ele, sabendo que aquilo não era bem verdade. Ele não sonhara com o Graal, mas acordara para ter uma visão que se revelara um engano, mas isso ele não podia dizer a Eleanor. — Ele era dourado e belo como um cálice de fogo.

— No meu sonho — disse Eleanor erguendo o olhar para ele —
você estava morto e seu corpo estava todo preto e inchado.

— O que é que ela está dizendo? — perguntou o padre Hobbe.

— Ela teve um sonho mau — disse Thomas em inglês —, um pesadelo.

— O diabo nos envia pesadelos — confirmou o padre. — Todo mundo sabe. Diga isso a ela.

Thomas traduziu para ela e depois afastou uma madeixa de cabelos dourados da testa de Eleanor e meteu-a por baixo do chapéu

de tricô. Ele adorava o rosto dela, muito decidido e estreito, muito felino, mas com olhos grandes e uma boca expressiva.

— Foi apenas um pesadelo — assegurou-lhe ele —, um cauchemar.

— O Espantalho — disse Eleanor com um estremecimento —, ele é o cauchemar.

Thomas atraiu-a para um abraço.

— Ele não vai chegar perto de você — prometeu. Ele ouviu um canto ao longe, mas nada parecido com as solenes orações dos monges. Era um canto zombeteiro, insistente, forte como a batida de tambor que lhe dava o ritmo. Não conseguia ouvir as palavras, mas não precisava. — O inimigo — disse a Eleanor — está esperando por nós.

— Eles não são meus inimigos — disse ela, impetuosa.

— Se entrarem em Durham — retorquiu Thomas —, eles não vão saber disso. Vão pegar você de qualquer maneira.

— Todo mundo odeia os ingleses. Você sabia disso? Os franceses odeiam vocês, os bretões odeiam vocês, os escoceses odeiam vocês, todo mundo na cristandade odeia vocês! E por quê? Porque vocês adoram brigar! Adoram, sim! Todo mundo sabe disso em relação aos ingleses. E você? Não precisa lutar hoje, a briga não é sua, mas está ansioso por estar lá, para matar de novo!

Thomas não sabia o que dizer, porque havia verdade no que Eleanor acabara de dizer. Ele deu de ombros e apanhou o pesado arco.

— Eu luto pelo meu rei, e há um exército de inimigos no morro.

Eles estão em superioridade numérica. Sabe o que vai acontecer se eles entrarem em Durham?

— Sei — disse Eleanor com firmeza, e sabia mesmo, porque

estivera em Caen quando os arqueiros ingleses, desobedecendo ao rei, tinham-se lançado em massa pela ponte e dizimado a cidade.

— Se nós não lutarmos contra eles e não os detivermos aqui —

disse Thomas —, os cavalarianos deles irão nos perseguir até acabarem com a gente. Um atrás do outro.

— Você disse que se casaria comigo — declarou Eleanor tornando a chorar. — Eu não quero que meu filho não tenha pai, não quero que ele seja como eu. — Ela queria dizer “ilegítimo”.

— Eu vou me casar com você, prometo. Quando a batalha terminar, nós nos casaremos em Durham. Na catedral, não? — Ele sorriu para ela. — Podemos nos casar na catedral.

Eleanor ficou contente com a promessa, mas estava furiosa demais para demonstrar a satisfação.

— Devíamos ir para a catedral agora — vociferou ela. — Lá ficaríamos a salvo. Devemos rezar no altar principal.

— Você pode ir para a cidade — disse Thomas. — Deixe eu combater os inimigos do meu rei e vá para a cidade, você e o padre Hobbe, e vocês encontrarão o velho monge e os dois poderão conversar com ele, e depois podem ir para a catedral e esperar por mim.

Ele desatrelou um dos grandes sacos que estavam no lombo da égua e tirou a cota de malha, que ergueu por cima da cabeça. O forro de couro estava duro e frio e cheirava a mofo. Forçou as mãos pelas mangas, prendeu o cinto da espada na cintura e pendurou a arma do lado direito.

— Vá para a cidade — disse ele a Eleanor — e fale com o monge.

Eleanor chorava.

— Você vai morrer — disse ela. — Eu sonhei com isso.

— Eu não posso ir para a cidade — protestou o padre Hobbe.

— O senhor é padre — vociferou Thomas —, não soldado! Leve Eleanor para Durham. Procure o irmão Collimore e converse com ele.

O prior insistira em que Thomas esperasse, e de repente pareceu muito sensato mandar o padre Hobbe para conversar com o velho monge antes que o prior envenenasse suas memórias.

— Vocês dois — insistiu Thomas — conversem com o irmão Collimore. Vocês sabem o que perguntar a ele. E eu me encontro com vocês lá, hoje à noite, na catedral.

Ele pegou seu morrião, com a aba larga para aparar o golpe de cima para baixo

de uma lâmina, e amarrou-o à cabeça. Estava zangado com Eleanor, porque percebia que ela estava certa. A batalha iminente nada tinha a ver com ele, exceto quanto ao fato de que lutar era a sua profissão e a Inglaterra era a sua pátria.

— Eu não vou morrer — disse ele a Eleanor com uma irracionalidade obstinada — e você vai me ver hoje à noite.

Ele atirou as rédeas do cavalo para o padre Hobbe.

— Mantenha Eleanor a salvo — disse ao padre. — O Espantalho não vai arriscar coisa alguma dentro do mosteiro ou na catedral.

Quis dar um beijo de despedida em Eleanor, mas ela estava zangada com ele e ele estava zangado com ela, de modo que pegou seu arco e a sacola de flechas e afastou-se. Ela não disse nada, porque, tal como Thomas, era orgulhosa demais para desistir da discussão.

Além do mais, sabia que tinha razão. Aquele embate com os escoceses não era uma luta de Thomas, ao passo que o Graal era dever dele. O

padre Hobbe, apanhado no meio da teimosia dos dois, caminhou em silêncio, mas percebeu que Eleanor voltou-se mais de uma vez, evidentemente na esperança de pegar Thomas olhando para trás, mas

tudo o que ela viu foi o amado subindo a trilha com o grande arco passado de través no ombro.

Era um arco enorme, mais alto do que a maioria dos homens e, à altura da barriga, era mais grosso do que o pulso de um homem. Era feito de teixo. Thomas estava razoavelmente certo de que era teixo italiano, embora nunca pudesse ter certeza, porque a aduela crua tinha sido jogada pelo mar na praia, vinda de um navio naufragado.

Ele dera forma à aduela, deixando o centro grosso, e aquecera com vapor as pontas para curvá-las no sentido contrário àquele em que o arco iria curvar-se quando fosse armado. Pintara o arco de preto, usando cera, óleo e fuligem, e depois colocara nas duas pontas da aduela pedaços de chifre de veado, entalhados para segurar a corda. A aduela fora cortada de modo a fazer com que na barriga do arco, onde ele ficava voltado para Thomas quando ele esticava a

corda de cânhamo, ficasse o cerne duro que era comprimido quando a flecha era puxada para trás, enquanto a parte externa da barriga era de alburno flexível. Quando ele soltava a corda o cerne saía da compressão e o alburno a puxava de novo para a forma original, os dois, atuando em conjunto, disparavam a flecha com uma força selvagem. A barriga do arco, no ponto em que a mão esquerda de Thomas segurava o teixo, estava enrolada com cânhamo, e acima do cânhamo, que tinha sido endurecido com cola feita de casco de animal, ele pregara um pedaço de prata cortado de um cálice de missa que seu pai usara na igreja de Hookton, e o pedaço de cálice de prata mostrava o yale com o Graal seguro por suas garras. O yale vinha do brasão de família de Thomas, embora ele não soubesse disso quando crescera, porque o pai nunca lhe contara a história. Ele nunca dissera a Thomas que ele era um Vexille, de uma família que tinha sido de

senhores dos hereges cátaros, uma família que tivera de fugir quando incendiaram sua casa no sul da França, indo esconder-se nos cantos mais escuros da cristandade.

Thomas sabia pouca coisa sobre a heresia cátara. Ele conhecia o seu arco e sabia escolher uma flecha de freixo tenro ou vidoeiro ou carpa, e sabia emplumar a vara com penas de ganso e colocar nela uma ponta de aço. Ele sabia tudo isso, mas não sabia como fazer com que aquela flecha penetrasse em escudo, malha ou carne. Isso era instinto, algo que ele treinara desde a infância; treinara até que os dedos que seguravam a corda sangrassem; treinara até não pensar mais quando puxava a corda até junto à orelha; treinara até que, como todos os arqueiros, ficara de peito largo e com músculos enormes nos braços. Ele não precisava saber como usar um arco, aquilo era instintivo, tal como respirar, andar ou lutar.

Ele se voltou quando chegou a uma plataforma de carpas que protegia a trilha superior como um baluarte. Eleanor caminhava, teimosa, para longe, e Thomas sentiu vontade de gritar para ela, mas sabia que ela já estava longe demais e não iria ouvi-lo. Ele já discutira com ela antes; a Thomas parecia que homens e mulheres passavam metade da vida brigando e metade amando, e a intensidade da primeira alimentava a paixão da segunda, e quase sorriu, porque reconhecia a teimosia de Eleanor e até mesmo gostava dela; e então voltou-se e caminhou pelos pisoteados montes de folhas de carpa ao longo da trilha entre pastagens com muros de pedra onde centenas de garanhões selados pastavam. Eram os corcéis dos cavaleiros e soldados ingleses, e sua presença nos pastos indicou a Thomas que os ingleses esperavam que os escoceses atacassem, porque um

cavaleiro tinha muito mais capacidade de se defender a pé. Os cavalos eram mantidos selados, para que os soldados com cotas de malha pudessem bater em retirada com rapidez ou então montar e perseguir um inimigo derrotado.

Thomas ainda não via o exército escocês, mas ouvia o canto dele, que era reforçado pelo infernal bater dos grandes tambores. O som estava deixando alguns dos garanhões no pasto nervosos, e três deles, perseguidos por pajens, galopavam ao lado do muro de pedra com os olhos mostrando o branco. Mais pajens exercitavam corcéis logo atrás da linha inglesa, que estava dividida em três batalhões. Cada batalhão tinha um grupo de cavalaria no centro da fileira de trás, com os homens montados sendo os comandantes sob os brilhantes estandartes, enquanto à frente deles havia quatro ou cinco fileiras de soldados carregando espadas, machados, lanças e escudos, e à frente dos soldados, formando um grupo compacto nos espaços entre os três batalhões, ficavam os arqueiros.

Os escoceses, a uma distância de dois disparos de flechas dos ingleses, estavam num terreno ligeiramente mais elevado e também divididos em três divisões que, tal como os batalhões ingleses, estavam dispostas sob os aglomerados de estandartes de comandantes. A bandeira mais alta, o pavilhão real vermelho e amarelo, estava ao centro. Os cavaleiros e soldados escoceses, como os ingleses, estavam a pé, mas cada um dos seus *sheltrons* era muito maior do que seu adversário batalhão inglês, três ou quatro vezes maior, mas Thomas, alto o bastante para olhar por cima da linha inglesa, viu que não havia muitos arqueiros nas fileiras inimigas.

Aqui e ali, ao longo da linha escocesa, ele viu algumas varas de arco longas e em meio ao maciço de piques viam-se algumas bestas, mas não havia, nem de longe, tantos arqueiros quanto na formação

inglesa, embora os ingleses, por sua vez, estivessem numa enorme desvantagem numérica em relação ao exército escocês. Por isso a batalha, se batalha houvesse, seria entre flechas e piques e soldados escoceses, e se não houvesse flechas em número suficiente, a crista da montanha iria tornar-se um cemitério inglês.

O estandarte de Lorde Outhwaite, com a cruz e a concha de vieira, estava no batalhão da esquerda, e Thomas dirigiu-se a ele. O

prior, agora desmontado, estava no espaço entre as divisões da esquerda e do

centro, onde um de seus monges balançava um turíbulo e um outro brandia a toalha da missa em sua vara pintada. O

próprio prior estava aos gritos, embora Thomas não soubesse dizer se ele gritava insultos ao inimigo ou orações a Deus, porque o cantar escocês estava muito alto. Thomas também não conseguia distinguir as palavras do inimigo, mas o sentido delas era bastante claro e tinha sua veemência aumentada pelo maciço som dos tambores.

Thomas via agora os enormes tambores e observava a paixão com que os tocadores batiam nos grandes couros para fazer um barulho tão surdo quanto o de um osso sendo quebrado. Alto, rítmico e reverberador, um assalto de trovão de romper o tímpano, e, à frente dos tambores, no centro da linha do inimigo, alguns homens barbados giravam numa dança selvagem. Eles chegaram vindos da retaguarda da linha escocesa e não usavam malha nem ferro, antes estavam envoltos em grossas camadas de tecido e brandiam espadas de lâmina comprida em volta da cabeça e tinham pequenos escudos redondos de couro, praticamente não maiores do que pratos usados para comida, amarrados ao antebraço esquerdo. Atrás deles, os soldados escoceses batiam os lados das espadas contra os escudos deles, enquanto os piqueiros batiam no chão com os cantos de suas armas compridas para aumentar o barulho dos enormes tambores. O

som era tão volumoso que os monges do prior tinham abandonado seus cantos e agora limitavam-se a olhar para o inimigo.

— O que eles estão fazendo — Lorde Outhwaite, a pé como seus homens, tendo de levantar a voz para fazer-se ouvir — é tentar nos amedrontar com barulho antes de nos matarem.

Sua Alteza mancava, se devido à idade ou a algum ferimento antigo, Thomas não queria perguntar; era evidente que o homem queria um lugar onde pudesse andar de um lado para o outro e chutar a turfa, e por isso tinha ido conversar com os monges, apesar de agora voltar o rosto amável na direção de Thomas.

— E você deve ter o máximo de cuidado com esses patifes —

disse ele apontando para os homens que dançavam —, porque eles são mais selvagens do que gatos escaldados. Dizem que esfolam os prisioneiros vivos. — Lorde Outhwaite fez o sinalda-cruz. — Não é frequente vê-los chegarem tanto

ao sul assim.

— Eles? — perguntou Thomas.

— Pertencem a tribos do extremo norte — explicou um dos monges. Era um homem alto com uma franja de cabelos grisalhos, um rosto com cicatrizes e apenas um olho. — Patifes, é o que são —

prosseguiu o monge —, patifes! Eles se curvam para ídolos! — Abanou a cabeça, triste. — Nunca fui tão ao norte assim, mas ouvi dizer que a terra deles está envolta num nevoeiro permanente e que se um homem morrer com um ferimento pelas costas, sua mulher come os filhos pequenos e atira-se dos penhascos, tamanha é a vergonha pelo acontecido.

— É mesmo? — perguntou Thomas.

— Foi o que ouvi dizer — disse o monge fazendo o sinalda-cruz.

— Eles vivem alimentando-se de ninhos de pássaros, algas marinhas e peixe cru. — Lorde Outhwaite assumiu a narrativa e sorriu. — Veja bem, algumas pessoas do meu povo em Witcar fazem isso, mas pelo menos também rezam a Deus. Pelo menos, acho que rezam.

— Mas o seu povo não tem pés fendidos — disse o monge olhando firme para o inimigo.

— Os escoceses têm? — perguntou, ansioso, um monge muito mais moço, com um rosto horivelmente marcado pela varíola.

— Os membros de clãs têm — disse Lorde Outhwaite. — Eles praticamente não são humanos! — Abanou a cabeça e estendeu uma das mãos para o monge mais velho. — É o irmão Michael, não é?

— Vossa Alteza me envaidece ao lembrar-se de mim — respondeu o monge, satisfeito.

— Ele já foi um soldado de Lorde Percy — explicou Lorde Outhwaite a Thomas —, e um bom soldado!

— Antes de eu perder isto para os escoceses — disse o irmão Michael erguendo

o braço direito de modo que a manga de sua túnica escorregou para revelar o cotoco à altura do pulso — e isto —

apontou para a órbita do olho vazia. — Por isso agora eu rezo em vez de lutar. — Voltou-se e olhou para a linha escocesa. — Eles hoje estão barulhentos — resmungou.

— Eles estão confiantes — disse placidamente Lorde Outhwaite

—, e devem estar mesmo. Quando foi a última vez que um exército escocês foi numericamente superior a nós?

— Eles podem levar vantagem numérica — disse o irmão Michael

—, mas escolheram um lugar estranho para isso. Deviam ter ido para a extremidade sul da crista da montanha.

— E deviam mesmo, irmão — concordou Lorde Outhwaite —, mas vamos dar graças por pequenos favores.

O que o irmão Michael queria dizer era que os escoceses estavam sacrificando a vantagem que tinham em número ao lutarem no estreito topo da montanha onde a linha inglesa, embora mais estreita e com muito menos homens, não podia ser envolvida. Se os escoceses tivessem ido mais para o sul, onde a crista se alargava à medida que descia até as planícies alagadas, eles poderiam ter desbordado o flanco do inimigo. A escolha de terreno podia ter sido um erro que ajudava os ingleses, mas isso era um pequeno consolo quando Thomas tentou fazer uma estimativa do tamanho do exército inimigo. Outros homens faziam o mesmo e os cálculos iam de seis a dezesseis mil, embora Lorde Outhwaite estimasse que não havia mais de oito mil escoceses.

— O que é apenas três ou quatro vezes o nosso tamanho — disse ele, alegre —, e eles não têm um número suficiente de arqueiros.

Graças a Deus pelos arqueiros ingleses.

— Amém — disse o irmão Michael.

O monge mais moço, marcado pela varíola, olhava fascinado para a espessa linha escocesa.

— Ouvi dizer que os escoceses pintam o rosto de azul. Mas não vejo nenhum deles assim.

Lorde Outhwaite ficou pasmo.

— Você ouviu dizer o quê?

— Que eles pintam o rosto de azul, excelência — disse o monge, agora encabulado —, ou talvez pintem apenas metade do rosto. Para assustar a gente.

— Para assustar a gente? — Sua Alteza estava achando graça. — O

mais provável é que seja para nos fazer rir. Nunca vi isso.

— Nem eu — interpôs o irmão Michael.

— Foi só o que eu ouvi dizer — disse o jovem monge.

— Eles já provocam medo sem pintura. — Lorde Outhwaite apontou para um estandarte em frente à sua parte da linha. — Vejo que Sir William está aqui.

— Sir William? — perguntou Thomas.

— Willie Douglas — disse Lorde Outhwaite. — Fui prisioneiro dele durante dois anos e ainda estou pagando aos banqueiros por causa disso. — Ele queria dizer que sua família tomara dinheiro emprestado para pagar o resgate. — Mas eu gostava dele, o canalha. E

está lutando ao lado de Moray.

— Moray? — perguntou o irmão Michael.

— John Randolph, conde de Moray. — Lorde Outhwaite fez um gesto com a cabeça em direção a um outro estandarte perto da bandeira com coração vermelho de Douglas. — Eles se odeiam. Deus sabe por que estão juntos na linha.

Ele tornou a olhar para os tambores escoceses que se inclinavam bem para trás para equilibrar os grandes instrumentos na barriga.

— Odeio esses tambores — disse ele em tom suave. — Pintar a cara de azul!

Nunca ouvi falar num absurdo desses! — Ele fez um muxoxo.

O prior agora estava discursando para os soldados mais próximos, dizendo-lhes que os escoceses tinham destruído a grande casa religiosa de Hexham.

— Eles profanaram a santa igreja de Deus! Mataram os confrades!

Roubaram do próprio Cristo e fizeram lágrimas rolar pelas faces de Deus! Apliquem a vingança dele! Não tenham misericórdia!

Os arqueiros mais próximos flexionaram os dedos, lamberam os lábios e olharam para o inimigo, que não dava sinais de que iria avançar.

— Vocês vão matá-los — gritou o prior —, e Deus os abençoará por isso! Ele despejará bênçãos sobre vocês!

— Eles querem que a gente os ataque — observou o irmão Michael secamente. Ele parecia constrangido pela paixão do prior.

— Isso mesmo — disse Lorde Outhwaite —, e eles acham que vamos atacar a cavalo. Está vendo os piques?

— Eles também são bons contra homens a pé, excelência — disse o irmão Michael.

— São, sim, são, sim — concordou Lorde Outhwaite. — Os piques são terríveis.

Ele remexeu em alguns dos anéis soltos de sua cota de malha e pareceu surpreso quando um deles se soltou em seus dedos.

— Eu gosto do Willie Douglas — disse ele. — Nós íamos caçar juntos quando eu era prisioneiro dele. Eu me lembro de que pegamos uns javalis muito bons em Liddesdale. — Ele franziu o cenho. — Que tambores barulhentos!

— Nós vamos atacá-los? — O jovem monge tinha tomado coragem para perguntar.

— Deus me livre, não, espero que não — disse Lorde Outhwaite.

— Nós estamos em inferioridade numérica! É muito melhor manter nossa

posição e deixar que eles venham até nós.

— E se não vierem? — perguntou Thomas.

— Nesse caso, eles vão escapulir de volta para casa de bolsos vazios — disse Lorde Outhwaite — e não vão gostar disso, não vão gostar nada disso. Eles só estão aqui para saquear! É por isso que nos

odeiam tanto.

— Odeiam a gente? Porque vieram aqui para saquear? — Thomas não compreendera o raciocínio de sua excelência.

— Eles são invejosos, meu rapaz! Simplesmente invejosos. Nós temos riqueza, eles não, e há poucas coisas mais calculadas para provocar o ódio do que um desequilíbrio desses. Eu tinha um vizinho em Witcar que parecia um sujeito razoável, mas ele e seus homens tentaram aproveitar-se de minha ausência quando eu era prisioneiro de Douglas. Tentaram roubar o dinheiro do meu resgate, se é que você pode acreditar! Parece que foi por pura inveja, porque ele era pobre.

— E agora ele está morto, excelência? — perguntou Thomas, achando graça.

— Meu Deus, não — disse Sua Excelência em tom de reprovação

—, ele está num buraco muito profundo nos fundos da minha propriedade. Bem lá no fundo, com os ratos. De vez em quando eu jogo algumas moedas para ele, para fazê-lo lembrar-se do motivo pelo qual está lá.

Ele ficou na ponta dos pés e olhou para oeste, onde as montanhas eram mais altas. Estava à procura de soldados escoceses a cavalo que pudessem fazer um ataque pelo sul, mas não viu nenhum.

— O pai dele — disse, referindo-se a Robert the Bruce — não ficaria esperando aqui. Teria mandado homens a cavalo para rodear nossos flancos, a fim de nos deixar mortos de medo, mas esse rapazola não conhece o seu ofício, conhece? Ele está completamente no lugar errado!

— Ele está se fiando no número de homens — disse o irmão Michael.

— E talvez a quantidade deles seja suficiente — replicou Lorde Outhwaite em tom de lamentação e fez o sinalda-cruz.

Thomas, agora que tinha a oportunidade de ver o terreno entre os dois exércitos, compreendeu o motivo pelo qual Lorde Outhwaite zombara tanto do rei escocês que dispusera seu exército logo ao sul dos chalés incendiados onde a cruz com o dragão tinha caído. Não era apenas o fato de a estreiteza da crista da montanha confinar os escoceses, negando-lhes a chance de flanquear os ingleses numericamente inferiores, mas que o campo de batalha mal escolhido era obstruído por espessas cercas de abrunheiro-bravo e pelo menos um muro de pedra. Nenhum exército poderia avançar através daqueles obstáculos e esperar manter a linha intacta, mas o rei escocês parecia confiante em que os ingleses iriam atacá-lo, porque não se mexia. Seus homens gritavam insultos na esperança de provocar um ataque, mas os ingleses mantinham-se teimosamente em suas posições.

Os escoceses zombaram ainda mais alto quando um homem alto, montando um majestoso cavalo, saiu do centro da linha inglesa. Seu garanhão tinha fitas roxas enroladas na crina preta e uma manta protetora roxa bordada com chaves douradas que era tão comprida que raspava no chão atrás das patas traseiras do cavalo. A cabeça do garanhão era protegida por uma máscara de couro na qual estava preso um chifre de prata, torcido como a arma de um unicórnio. O

homem que o montava usava uma armadura que brilhava de tão polida e tinha um sobretudo sem mangas, de roxo e ouro, as mesmas cores exibidas pelo seu pajem, pelo porta-bandeira e pelos doze cavaleiros que o seguiam. O alto cavaleiro não tinha espada trazendo, em vez disso, uma grande maça com pontas, como a de Beggar. Os

tamboreiros escoceses redobram os esforços, os soldados escoceses berraram insultos e os ingleses ovacionaram até que o homem alto ergueu uma mão protegida por malha, pedindo silêncio.

— Vamos ouvir uma homilia de sua Excelência Reverendíssima

— disse Lorde Outhwaite em tom de lamentação. — Sua Excelência Reverendíssima gosta muito do som de sua voz.

O homem alto era, evidentemente, o arcebispo de York e, quando as fileiras inglesas ficaram em silêncio, tornou a erguer a mão direita protegida por malha,

bem acima de seu elmo com plumas roxas e fez um extravagante sinalda-cruz.

— *Dominus vobiscum* — bradou ele. — *Dominus vobiscum*.

Ele percorria a fila repetindo a invocação.

— Vocês vão matar o inimigo de Deus hoje — bradava ele depois de cada promessa de que Deus estaria com os ingleses. Ele tinha que gritar para se fazer ouvir acima do barulho do inimigo. — Deus está com vocês, e vocês farão o trabalho dele fazendo muitas viúvas e órfãos. Irão encher a Escócia de dor, como um castigo justo pela impiedade atéia. O Senhor das Multidões está com vocês; a vingança de Deus é a tarefa de vocês!

O cavalo do arcebispo avançava altaneiro, a cabeça oscilando para cima e para baixo, enquanto Sua Excelência reverendíssima levava seu estímulo para os flancos do exército. Os últimos fiapos de névoa há muito se haviam derretido e, embora ainda houvesse um frio no ar, o sol tinha calor e sua luz refletia em milhares de lâminas escocesas. Duas carroças puxadas por um cavalo cada uma tinham chegado da cidade e doze mulheres distribuíam arenque seco, pão e odres de cerveja.

O escudeiro de Lorde Outhwaite levou um barril de arenque

vazio para que sua excelência pudesse sentar-se. Um homem tocava uma flauta de bambu perto dali e o irmão Michael cantou uma velha canção do interior sobre a pele de texugo e o monge que vendia indulgências, e Lorde Outhwaite riu da letra e depois fez um sinal com a cabeça em direção ao terreno entre os dois exércitos onde dois cavalarianos, um de cada exército, se encontravam.

— Estou vendo que hoje nós estamos corteses — observou.

Um arauto inglês num tabardo vistoso tinha ido em direção aos escocesas, e um padre, apressadamente nomeado arauto da Escócia, tinha ido recebê-lo. Os dois homens inclinaram-se na sela, conversaram algum tempo e depois voltaram aos seus respectivos exércitos. O inglês, chegando perto da linha, abriu os braços num gesto que dizia que os escocesas estavam sendo teimosos.

— Eles vêm assim tão longe, no sul, e não querem lutar? —

perguntou o prior, irritado.

— Eles querem que nós iniciemos a batalha — disse Lorde Outhwaite, tranquilo —, e nós queremos que eles façam o mesmo.

Os arautos tinham se encontrado para discutir como a batalha devia ser travada e era evidente que cada um exigia que o outro lado comesse fazendo um ataque, e os dois lados tinham recusado o convite, de modo que agora tornaram a tentar provocar os ingleses com insultos. Alguns homens do inimigo avançavam até o raio de ação de um disparo de arco e berravam que os ingleses eram porcos e que suas mães eram porcas, e quando um arqueiro ergueu o arco para responder aos insultos um capitão inglês gritou com ele.

— Não desperdice flechas contra palavras — ordenou.

— Covardes! — Um escocês ousara chegar ainda mais perto da linha inglesa, bem na metade da faixa de alcance de um tiro de arco.

— Seus bastardos covardes! Suas mães são putas que amamentaram vocês com mijo de bode! Suas mulheres são porcas! Putas e porcas!

Estão me ouvindo? Seus bastardos! Ingleses bastardos! Vocês são excrementos do diabo!

A fúria do ódio dele fazia-o tremer. Ele tinha uma barba eriçada, um gibão esfarrapado e uma cota de malha com um grande corte na parte de trás, de modo que quando virava de costas e se curvava mostrava a bunda nua aos ingleses. Aquilo tinha a intenção de insultar, mas era saudado por um estouro de gargalhadas.

— Eles vão ter de nos atacar mais cedo ou mais tarde — declarou Lorde Outhwaite com calma. — Ou atacam ou voltam para casa sem nada, e não imagino que façam isso. Não se levanta um exército desse tamanho sem ter a esperança de tirar lucro.

— Eles saquearam Hexham — observou o padre, taciturno.

— E não conseguiram coisa alguma, a não ser quinquilharias —

disse Lorde Outhwaite rejeitando a idéia. — Os verdadeiros tesouros de Hexham foram levados embora para um lugar seguro há muito tempo. Ouvi dizer que Carlisle pagou a eles o suficiente para ser deixado em paz, mas seria o bastante

para deixar ricos oito ou nove mil homens? — Abanou a cabeça. — Aqueles soldados não recebem salário — disse ele a Thomas —, não são como os nossos. O rei da Escócia não tem dinheiro para pagar aos seus soldados. Não, eles querem fazer alguns prisioneiros ricos hoje e depois saquear Durham e York, e se não quiserem voltar para casa pobres e de mãos vazias é melhor erguerem os escudos e nos atacarem.

Mas ainda assim os escoceses não se mexiam e os ingleses eram muito poucos para fazer um ataque, embora constantemente chegassem homens que tinham se desgarrado, para reforçar o

exército do arcebispo. Eram, em sua maioria, homens da região e poucos tinham qualquer tipo de armadura ou quaisquer armas além de ferramentas como machados e picaretas. Era quase meio-dia agora, e o sol expulsara o frio da terra, a ponto de Thomas estar suando debaixo do couro e da malha. Dois dos criados leigos do prior tinham chegado com uma carroça puxada a cavalo, carregada de tonéis de cerveja aguada, sacos de pão, uma caixa de maçãs e um grande queijo, e doze dos monges mais moços levaram as provisões ao longo da linha inglesa. A maioria dos membros do exército estava sentada agora, alguns até dormiam, e muitos dos escoceses faziam o mesmo.

Até os tambores deles tinham desistido, colocando os grandes instrumentos no pasto. Doze corvos circulavam lá em cima, e Thomas, achando que a presença deles pressagiava morte, fez o sinalda-cruz e depois ficou aliviado quando os pássaros pretos voaram para o norte, passando pelas tropas escocesas.

Um grupo de arqueiros chegara da cidade e estava enfiando quantas flechas pudessem em suas aljavas, sinal claro de que nunca tinham lutado com o arco, porque uma aljava era algo bastante inadequado em combate. As aljavas tendiam a derramar flechas quando o homem corria, e poucas tinham capacidade para mais de vinte pontas. Arqueiros como Thomas preferiam uma grande sacola feita de linho esticado sobre uma armação de vime, na qual as flechas ficavam em pé, evitando que as penas fossem esmagadas pela armação e com as pontas de aço projetando-se do pescoço da sacola, que era seguro por um cordão. Thomas selecionara suas flechas com cuidado, rejeitando todas que tivessem a haste empenada ou as penas tortas. Na França, onde muitos dos cavaleiros inimigos possuíam dispendiosas armaduras, os ingleses usavam flechas furadoras com

pontas compridas, estreitas e pesadas sem rebarbas e por isso tinham mais

probabilidade de furar peitorais ou elmos, mas ali ainda estavam usando as flechas de caça com as terríveis rebarbas que tornavam impossível retirá-las de um ferimento. Eram chamadas flechas de carne, mas mesmo uma flecha de carne podia furar malha a duzentos passos de distância.

Thomas dormiu um pouco no início da tarde, só acordando quando o cavalo de Lorde Outhwaite quase pisou nele. Sua Excelência, com os outros comandantes ingleses, tinha sido convocado pelo arcebispo, e por isso mandara trazer seu cavalo e, acompanhado do escudeiro, seguiu para o centro do exército. Um dos capelães do arcebispo percorreu a linha levando um crucifixo. O

crucifixo tinha um saco de couro pendurado logo abaixo dos pés de Cristo e no saco, alegava o capelão, estavam os ossos dos nós dos dedos do martirizado Santo Osvaldo.

— Beijem o saco e Deus os poupará — prometia o capelão, e arqueiros e soldados se acotovelavam para não perderem essa chance de obedecer. Thomas não conseguiu chegar perto o bastante para beijar o saco, mas pôde esticar o braço e tocá-lo. Muitos homens tinham amuletos ou tiras de pano que lhes foram dados pelas esposas, amantes ou filhas quando deixaram suas fazendas ou casas para marchar contra os invasores. Eles agora tocavam naqueles talismãs enquanto os escoceses, sentindo que finalmente alguma coisa estava para acontecer, punham-se de pé. Um dos grandes tambores começou seu terrível barulho.

Thomas olhou a sua direita, onde conseguia ver apenas o topo das torres gêmeas da catedral e o estandarte hasteado na defesa do castelo. Àquela altura Eleanor e o padre Hobbe já deviam estar na

cidade, e Thomas sentiu uma agonia de arrependimento por ter se separado de sua mulher com tanta raiva, e então agarrou o arco com força para que o toque da madeira pudesse protegê-la do mal.

Consolou a si mesmo com a certeza de que Eleanor estaria a salvo na cidade, e à noite, depois de vencida a batalha, eles poderiam fazer as pazes. Então, supunha, eles se casariam. Não tinha certeza de que queria se casar, parecia muito cedo em sua vida para ter uma esposa, ainda que se tratasse de Eleanor, a quem ele tinha certeza de amar, mas estava igualmente certo de que ela iria querer que ele abandonasse o arco de teixo e passasse a viver numa casa, e isso era a última

coisa que Thomas queria. O que ele queria era ser um chefe de arqueiros, ser um homem como Will Skeat. Queria ter o seu bando de arqueiros, que pudesse alugar a grandes senhores. Oportunidade não faltava. Dizia-se que os estados italianos pagariam uma fortuna por arqueiros ingleses, e Thomas queria uma parte daquilo, mas era preciso cuidar de Eleanor e ele não queria que o filho deles fosse um bastardo. Já havia bastardos suficientes no mundo.

Os senhores ingleses conversaram durante algum tempo. Havia uma dúzia deles e eles estavam sempre olhando para o inimigo e Thomas estava perto o bastante para ver a ansiedade estampada nos rostos. Seria preocupação com o fato de o inimigo ser numeroso demais? Ou de que os escoceses estavam se recusando a lutar e, no nevoeiro da manhã seguinte, pudessem desaparecer em direção ao norte?

O irmão Michael se aproximou e apoiou os velhos ossos no barril de arenque que servira de assento a Lorde Outhwaite.

— Eles vão mandar vocês, os arqueiros, avançarem. É o que eu faria. Mandar vocês, arqueiros, avançarem para provocar os bastardos.

Ou isso, ou fazêlos bater em retirada, mas não se expulsa escoceses com essa facilidade. São uns bastardos valentes.

— Valentes? Então por que não estão atacando?

— Porque não são bobos. Eles estão vendo isto. — O irmão Michael tocou a vara preta do arco de Thomas. — Sabem o que os arqueiros podem fazer. Já ouviu falar no monte Halidon? — Ergueu as sobrancelhas num gesto de surpresa quando Thomas abanou a cabeça. — É claro, você é do sul. Cristo poderia aparecer de novo no norte e vocês, sulistas, nunca ficariam sabendo ou nunca iriam acreditar, se o soubessem. Mas já faz treze anos que eles nos atacaram por Berwick e nós os dizimamos em ondas. Ou os nossos arqueiros dizimaram, e eles não devem sentir-se entusiasmados por terem o mesmo destino aqui.

O irmão Michael franziu o cenho quando se ouviu um pequeno estalido.

— O que foi isso?

Alguma coisa tocara o elmo de Thomas e ele se voltou para ver o Espantalho, Sir Geoffrey Carr, que estalara seu chicote, apenas roçando a garra de metal que

havia na ponta no alto do morrião de Thomas. Sir Geoffrey enrolou o chicote enquanto zombava de Thomas.

— Protegendo-se atrás das saias dos monges, é?

O irmão Michael conteve Thomas.

— Vá embora, Sir Geoffrey — ordenou o monge —, antes que eu lance uma maldição sobre a sua alma negra.

Sir Geoffrey enfiou um dedo em uma das narinas e tirou dali algo pegajoso que atirou na direção do monge.

— Pensa que me amedronta, seu bastardo caolho? Você, que

perdeu as bolas quando sua mão foi decepada? — Ele soltou uma gargalhada e tornou a olhar para Thomas. — Você provocou uma briga comigo, rapaz, e não me deu a chance de terminá-la.

— Agora, não! — retrucou o irmão Michael.

Sir Geoffrey ignorou o monge.

— Indo contra os seus superiores, rapaz? Você pode ser enforcado por isso. Não — ele estremeceu e apontou um longo e ossudo dedo para Thomas —, você vai ser mesmo enforcado por isso! Está ouvindo? Vai ser enforcado por isso.

Cuspiu em Thomas e girou seu ruão esporeando-o de volta para a linha.

— Como conhece o Espantalho? — perguntou o irmão Michael.

— Acabamos de nos conhecer.

— Uma criatura má — disse o irmão Michael fazendo o sinal-dacruz —, nascido numa noite de lua minguante, quando caía uma tempestade. — Ele continuava observando o Espantalho. — Dizem que Sir Geoffrey deve dinheiro ao próprio diabo. Ele teve de pagar um resgate a Douglas de Liddesdale e para isso levantou empréstimos altíssimos junto aos banqueiros. O solar, os campos, tudo o que ele tem corre perigo se não puder pagar, e mesmo que ele ganhe uma fortuna hoje irá jogá-la fora nos dados. O Espantalho é um tolo, mas um tolo

perigoso. — O irmão voltou o olho solitário para Thomas. —

Você provocou mesmo uma briga com ele?

— Ele quis estuprar minha mulher.

— Ah, esse é o nosso Espantalho. Pois tome cuidado, rapaz, porque ele não esquece desfeitas e nunca as perdoa.

Os senhores ingleses deviam ter chegado a algum acordo, porque estenderam os punhos protegidos com malha e tocaram nó de dedo

de metal em nó de dedo de metal; depois Lorde Outhwaite girou o cavalo e voltou para junto de seus homens.

— John! John! — bradou ele para o capitão de seus arqueiros. —

Não vamos esperar que eles tomem uma decisão — disse, desmontando. — Nós é que os provocaremos.

Parecia que o prognóstico do irmão Michael estava certo; os arqueiros teriam ordem de avançar para provocar os escoceses. O

plano era enraivecê-los com flechas e, assim, instigá-los a um ataque apressado.

Um escudeiro montou no cavalo de Lorde Outhwaite e levou-o de volta para o pasto murado, enquanto o arcebispo de York andava no seu corcel em frente ao exército.

— Deus irá ajudá-los! — bradava para os homens da divisão central que ele comandava. — Os escoceses têm medo de nós! —

gritou. — Eles sabem que com a ajuda de Deus deixaremos muitas crianças órfãs na sua terra empestada! Eles ficam parados e nos observam porque têm medo de nós. Por isso temos de atacá-los.

Aquele sentimento provocou uma ovação. O arcebispo ergueu a mão para calar seus homens.

— Quero que os arqueiros se adiantem — bradou —, só os arqueiros! Acertem-

nos! Matem-nos! E que Deus abençoe todos vocês.

Que Deus os abençoe muito!

Com que então os arqueiros iriam dar início ao combate... Os escoceses negavam-se teimosamente a se mexer, na esperança de que os ingleses fizessem o ataque, porque era muito mais fácil defender uma posição do que assaltar um inimigo formado, mas agora os arqueiros ingleses iriam adiantar-se para incitar, atormentar e hostilizar o inimigo até que ele fugisse ou, o que era mais provável, avançasse para vingarse.

Thomas já escolhera sua melhor flecha. Era nova, tão nova que a cola tingida de verde que fora passada em torno da linha que prendia as penas ainda estava pegajosa, mas tinha uma haste peituda, haste ligeiramente mais larga atrás da cabeça e que depois ia afinando no sentido das penas. Uma haste daquelas batia forte e era uma bela peça reta de freixo, com o terço do comprimento do braço de Thomas, e este não iria desperdiçá-la, muito embora seu disparo de abertura fosse feito a uma distância muito grande.

Seria um tiro longo, porque o rei escocês estava atrás do grande sheltron central de seu exército, mas não seria um lançamento impossível, porque o arco preto era enorme e Thomas era jovem, forte e preciso na mira.

— Deus esteja com vocês — disse o irmão Michael.

— Mirem bem! — bradou Lorde Outhwaite.

— Que Deus dirija suas flechas! — gritou o arcebispo de York.

Os tambores soaram mais alto, os escoceses zombaram e os arqueiros da Inglaterra avançaram.

bernard de Taillebourg já sabia muita coisa do que o velho monge estava contando, mas agora que a história fluía não o interrompeu.

Era a história de uma família cujos membros tinham sido senhores de um obscuro condado no sul da França. O condado tinha o nome de Astarac, ficava perto das terras cátaras e com o tempo fora contaminado pela heresia.

— O falso ensinamento espalhou-se — dissera o irmão Collimore

— como uma peste. Do mar interno ao oceano, e para o norte, entrando na Borgonha.

O padre de Taillebourg sabia de tudo isso, mas não disse nada, apenas deixou que o velho homem continuasse a descrever como, quando os cátaros foram obrigados a deixar a terra por força de incêndios e o fogo da morte deles enviara a fumaça aos céus, para dizer a Deus e Seus anjos que a verdadeira religião tinha sido restaurada nas terras entre a França e Aragão, os Vexille, que estavam entre os últimos membros da nobreza a serem contaminados pelo mal cátaro, tinham fugido para os pontos mais distantes da cristandade.

— Mas antes de ir embora — disse o irmão Collimore erguendo os olhos para o arco do teto pintado de branco — eles levaram os tesouros dos hereges para protegê-los.

— E o Graal estava entre esses tesouros?

— É o que dizem, mas quem pode saber? — O irmão Collimore voltou a cabeça e franziu o cenho para o dominicano. — Se possuíam o Graal, por que este não os ajudou? Eu nunca compreendi isso.

Fechou os olhos. Às vezes, quando o velho fazia uma pausa para tomar fôlego e quase parecia adormecido, de Taillebourg olhava pela janela para ver os dois exércitos na montanha ao longe. Eles não se mexiam, embora o barulho que faziam parecesse o estalar e o rugir de uma grande fogueira. O rugir era o barulho de vozes masculinas e o estalar eram os tambores, e os sons gêmeos subiam e desciam com os caprichos do vento que açoitava o desfiladeiro rochoso acima do rio Wear. O criado do padre de Taillebourg ainda estava em pé à porta, onde ficava meio escondido por uma das muitas pilhas de pedras sem revestimento que se erguiam no espaço aberto entre o castelo e a catedral. Andaimas escondiam a torre da catedral que ficava mais perto, e meninos, ansiosos por darem uma olhada no combate, subiam desajeitados pela teia de vigas amarradas. Os pedreiros tinham abandonado o trabalho para observar os dois exércitos.

Agora, depois de levantar a dúvida sobre o motivo pelo qual o Graal não ajudara os Vexille, o irmão Collimore caiu num breve sono profundo e de Taillebourg foi até o seu criado vestido de preto.

— Você acredita nele?

O criado deu de ombros e não disse nada.

— Algum detalhe o deixou surpreso? — perguntou de Taillebourg.

— O de que o padre Ralph tem um filho — respondeu o criado.

— Para mim, isso foi novidade.

— Temos de conversar com esse filho — disse o dominicano, sério, e então voltou para o seu lugar, porque o velho monge acordara.

— Onde é que eu estava? — perguntou o irmão Collimore, um pequeno fio de saliva escorrendo de um canto da boca.

— Estava se perguntando por que o Graal não ajudou os Vexille

— lembrou-lhe Bernard de Taillebourg.

— Devia ter ajudado — disse o velho monge. — Se possuíam o Graal, por que não ficaram poderosos?

O padre de Taillebourg sorriu.

— Suponha — disse ele ao velho monge — que os infiéis muçulmanos conseguissem apoderar-se do Graal. Acha que Deus daria esse poder a eles? O Graal é um grande tesouro, irmão, o maior de todos os tesouros da Terra, mas não é maior do que Deus.

— Não é — concordou o irmão Collimore.

— E se Deus não aprovar o possuidor do Graal, este não terá poder algum.

— É — reconheceu o irmão Collimore.

— Você disse que os Vexille fugiram?

— Eles fugiram dos inquisidores — disse o irmão Collimore com um olhar

sonso para de Taillebourg —, e um ramo da família veio aqui para a Inglaterra, onde prestou algum serviço ao rei. Não o nosso rei atual, claro — ressalvou o velho monge —, mas o bisavô dele, o último Henrique.

— Que serviço? — perguntou de Taillebourg.

— Eles deram ao rei uma pata do cavalo de São Jorge. — O

monge falava como se tais coisas fossem corriqueiras. — Uma pata engastada em ouro e capaz de fazer milagres. Pelo menos o rei acreditava que sim, porque o filho dele ficou curado de uma febre ao ser tocado com a pata. Disseram-me que a pata ainda está na abadia

de Westminster.

A família tinha sido recompensada com terras em Cheshire, prosseguiu Collimore, e se eram hereges, seus membros não o demonstravam, antes viviam como qualquer outra família nobre. A derrocada deles, disse ele, chegara no início do reinado presente, quando a mãe do jovem rei, ajudada pela família Mortimer, tentara evitar que o filho assumisse o poder. Os Vexille tinham se aliado à rainha, e quando ela perdeu eles fugiram de volta para o continente.

— Todos eles exceto um dos filhos — disse o irmão Collimore —, o mais velho, e era Ralph, claro. Pobre Ralph.

— Mas, se a família tinha fugido de volta para a França, por que você cuidou dele? — perguntou de Taillebourg, a perplexidade desfigurando o rosto que tinha crostas de sangue nos arranhões nos pontos em que ele se batera contra a pedra naquela manhã. — Por que não executá-lo como traidor?

— Ele se ordenara padre — protestou Collimore —, não podia ser executado! Além do mais, era sabido que ele odiava o pai e que se declarara a favor do rei.

— Com que então não era de todo louco — disse secamente de Taillebourg.

— Ele também tinha dinheiro — prosseguiu Collimore —, era nobre e alegara conhecer o segredo dos Vexille.

— Os tesouros cátaros?

— Mas o demônio estava nele até mesmo naquela época! Ele se dizia bispo e pregava sermões alucinados nas ruas de Londres. Dizia que iria chefiar uma nova cruzada para expulsar o infiel de Jerusalém e prometia que o Graal iria garantir o sucesso.

— E por isso você o trancafiou?

— Ele foi mandado para mim — disse o irmão Collimore em tom de reprovação —, porque sabiam que eu sabia derrotar demônios. —

Ele fez uma pausa, recordando-se. — Na minha vida, eu açoitiei centenas deles! Centenas!

— Mas você não curou Ralph Vexille por completo?

O monge abanou a cabeça.

— Ele parecia um homem esporeado e chicoteado por Deus, de modo que chorava e gritava e se autoflagelava até correr sangue. — O

irmão Collimore, sem saber que poderia estar descrevendo de Taillebourg, estremeceu. — E também era perseguido pelas mulheres.

Acho que nunca o curamos disso, mas, se não tiramos todos os demônios dele, conseguimos fazer com que eles se escondessem tão profundamente que raramente ousavam mostrar-se.

— Será que o Graal foi um sonho transmitido a ele por demônios? — perguntou o dominicano.

— Era o que queríamos saber — respondeu o irmão Collimore.

— E que resposta vocês obtiveram?

— Eu disse aos meus superiores que o padre Ralph mentia. Que ele tinha inventado o Graal. Que não havia nada de verdade na sua loucura. E então, quando os demônios dele já não o transformavam num flagelo, ele foi mandado para uma paróquia lá no sul, onde podia pregar para as gaivotas e as focas. Ele já não alegava ser um senhor, era simplesmente o padre Ralph, e nós o mandamos embora para ser esquecido.

— Para ser esquecido? — repetiu de Taillebourg. — No entanto vocês tiveram notícias dele. Descobriram que ele tinha um filho.

O velho monge confirmou com a cabeça.

— Tínhamos uma casa irmã perto de Dorchester e eles me

mandaram notícias. Disseram que o padre Ralph havia arranjado uma mulher, uma governanta, mas que padre do interior não faz isso? E

ele teve um filho e pendurou uma velha lança na igreja dele e disse que era a lança de São Jorge.

De Taillebourg olhou para a montanha a oeste, porque o barulho ficara muito mais alto. Parecia que os ingleses, que eram de longe o exército menor, estavam avançando e isso significava que iriam perder a batalha, e isso queria dizer que o padre de Taillebourg teria de sair daquele mosteiro, na verdade sair daquela cidade, antes que Sir William Douglas chegasse à procura de vingança.

— Você disse aos seus superiores que o padre Ralph mentia.

Mentia mesmo?

O velho monge fez uma pausa, e para de Taillebourg parecia que o próprio firmamento prendera a respiração.

— Não acho que ele mentisse — sussurrou Collimore.

— Então por que disse aos seus superiores que ele mentia?

— Porque eu gostava dele — disse o irmão Collimore — e não achava que devêssemos arrancar a verdade dele na base do chicote, ou fazê-lo passar fome até confessar, ou arrancá-la tentando afogá-lo em água fria. Eu achava que ele era inofensivo e devia ser deixado a cargo de Deus.

De Taillebourg olhou pela janela. O Graal, pensou ele, o Graal.

Os cães de Deus estavam seguindo o seu rastro. Ele iria encontrá-lo!

— Um dos membros da família voltou da França — disse o dominicano —, e

roubou a lança e matou o padre Ralph.

— Eu soube disso.

— Mas eles não acharam o Graal.

— Graças a Deus — disse baixinho o irmão Collimore.

De Taillebourg ouviu um movimento e viu que o seu criado, que estivera ouvindo com atenção, agora olhava para o pátio. O criado devia ter ouvido alguém se aproximando, e de Taillebourg, inclinando-se mais para perto do irmão Collimore, baixou a voz para que ninguém mais o ouvisse.

— Quantas pessoas sabem a respeito do padre Ralph e o Graal?

O irmão Collimore refletiu por alguns segundos.

— Ninguém falou nisso em anos — disse ele —, até que o novo bispo chegou. Ele deve ter ouvido rumores, porque me perguntou sobre o caso. Disselhe que Ralph Vexille era louco.

— Ele acreditou em você?

— Ficou desapontado. Ele queria o Graal para a catedral.

Claro que queria, pensou de Taillebourg, porque qualquer catedral que possuísse o Graal iria tornar-se a igreja mais rica da cristandade. Até mesmo Gênova, que tinha a vistosa peça de vidro verde que eles alegavam ser o Graal, tirava dinheiro de milhares de peregrinos. Mas coloque o verdadeiro Graal numa igreja, e o povo virá às centenas de milhares, trazendo moedas e jóias às toneladas.

Reis, rainhas, príncipes e duques vão encher a nave e competir para oferecer sua riqueza.

O criado desaparecera, esgueirando-se sem fazer barulho para trás de uma das pilhas de pedras de cantaria, e de Taillebourg esperou, vigiando a porta e imaginando que problema iria surgir por ali.

Então, em vez de encrenca, apareceu um padre jovem. Ele usava uma batina de tecido cru, tinha cabelos revoltos e um rosto largo, franco, queimado do sol.

Uma mulher jovem, pálida e frágil, estava com ele.

Ela parecia nervosa, mas o padre saudou de Taillebourg com animação.

— Bom dia, padre.

— Bom dia, padre — respondeu de Taillebourg, delicado. Seu criado reaparecera por trás dos estranhos, impedindo que eles saíssem, a menos que de Taillebourg desse permissão.

— Estou ouvindo a confissão do irmão Collimore — disse de Taillebourg.

— Uma boa confissão, espero eu — disse o padre Hobbe sorrindo.

— O senhor não parece inglês, padre.

— Sou francês — disse de Taillebourg.

— Como eu — disse Eleanor naquela língua —, e nós viemos conversar com o irmão Collimore.

— Conversar com ele? — perguntou de Taillebourg, cortês.

— O bispo nos mandou aqui — disse Eleanor, orgulhosa —, e o rei também.

— Que rei, minha jovem?

— Edouard d'Angleterre — jactou-se Eleanor. O padre Hobbe, que não falava francês, olhava de Eleanor para o dominicano.

— Por que Eduardo enviaria vocês? — perguntou de Taillebourg e, quando Eleanor pareceu confusa, repetiu a pergunta: — Por que Eduardo enviaria vocês?

— Não sei, padre — disse Eleanor.

— Acho que sabe, menina, acho que sabe.

Ele se levantou, e o padre Hobbe, pressentindo problemas, agarrou o pulso de Eleanor e tentou puxá-la para fora do quarto, mas de Taillebourg fez um sinal com a cabeça para o seu criado e um gesto em direção ao padre Hobbe, e este ainda tentava compreender por que desconfiava do dominicano quando a faca

deslizou entre suas costelas. Ele fez um ruído como se estivesse engasgado, depois tossiu,

e a respiração chocalhou em sua garganta enquanto ele desabava sobre as pedras do chão. Eleanor tentou fugir, mas não foi rápida o suficiente e de Taillebourg agarrou-a pelo pulso e empurrou-a com brutalidade de volta. Ela gritou, mas o dominicano silenciou-a pressionando uma das mãos sobre sua boca.

— O que está acontecendo? — perguntou o irmão Collimore.

— Estamos fazendo a obra de Deus — disse de Taillebourg acalmando-o. — A obra de Deus.

E na crista da montanha as flechas voaram.

thomas avançou com os arqueiros do batalhão esquerdo, e eles não tinham avançado mais de vinte metros quando, logo do outro lado de um fosso, uma encosta e alguns pés de abrunheiro-bravo recém-plantados, foram obrigados a desviar-se para a direita, porque uma grande cavidade tinha sido feita no flanco da crista do morro para deixar um buraco com lados íngremes demais para o arado. O buraco estava cheio de samambaia que ficara amarela e do outro lado havia um muro de pedras coberto de líquens, e a sacola de flechas de Thomas prendeu e rasgou-se num pedaço bruto da crista do muro enquanto ele subia para passar para o outro lado. Só uma flecha caiu, mas foi dentro de um círculo mais escuro de cogumelos, e ele tentou entender se aquilo era um sinal de azar ou de sorte, mas o barulho dos tambores escoceses desviou sua atenção. Ele apanhou a flecha e avançou depressa. Àquela altura, todos os tambores inimigos estavam trabalhando, batucando nos couros num frenesi, a ponto de o próprio ar parecer vibrar. Os soldados escoceses estavam erguendo os escudos, certificando-se de que protegiam os piqueiros, e um besteiro mexia no linguete de catraca que puxava a corda para trás e encaixou-a no gancho do gatilho. O homem ergueu os olhos, aflito, para os arqueiros ingleses que avançavam, e então jogou fora os cabos do linguete e colocou um quadrelo de metal no canaleta de disparo da besta. O inimigo começou a gritar e agora Thomas conseguia

distinguir algumas palavras. “Se você odeia os ingleses”, ouviu ele, e então uma seta de besta passou zumbindo por ele e ele esqueceu o canto do inimigo. Centenas de arqueiros ingleses estavam avançando pelos campos, a maioria correndo. Os escoceses tinham apenas umas poucas bestas, mas aquelas armas

tinham um alcance maior do que o dos arcos de guerra, mais compridos, dos ingleses, que estavam se apressando para diminuir a distância. Uma flecha resvalou na grama em frente a Thomas. Não uma seta de besta, mas uma flecha de um dos poucos arcos de teixo escoceses, e a visão da flecha disse a Thomas que ele estava quase no raio de alcance. Os primeiros dos arqueiros ingleses tinham parado e puxado as cordas, e então suas flechas adejaram no céu. Um arqueiro vestindo um gibão de couro forrado caiu para trás com uma seta de besta enfiada na testa. Sangue jorrou para o céu, para onde a sua última flecha, disparada quase que na vertical, voou inutilmente.

— Mirem nos arqueiros! — gritou um homem com um peitoral enferrujado. — Matem primeiro os arqueiros!

Thomas parou e procurou a bandeira real. Ela estava à sua direita, muito longe, mas no seu tempo ele já tinha atirado contra alvos mais distantes, e por isso voltou-se e se concentrou e então, em nome de Deus e de São Jorge, encaixou a flecha escolhida na corda e puxou as penas brancas de ganso até chegar à orelha. Ele estava olhando para o rei David II da Escócia, viu o sol refletir-se em ouro no elmo real, viu também que a viseira do rei estava aberta e mirou para o peito, deslocou o arco para a direita, a fim de compensar o vento, e soltou.

A flecha saiu perfeita, não vibrando como faria uma flecha malfeita, e Thomas a viu subir e viu-a cair e viu que o rei teve um movimento espasmódico para trás, e então os cortesãos cercaram-no e Thomas

colocou a segunda flecha na mão esquerda e procurou outro alvo.

Um arqueiro escocês saía da linha mancando, com uma flecha na perna. Os soldados rodearam o ferido, isolando a linha com escudos pesados. Thomas ouvia cães ladrando entre a formação inimiga ou talvez estivesse ouvindo o uivo de guerra dos homens das tribos. O rei se afastara e homens inclinavam-se em sua direção. O céu estava cheio do sussurro das flechas em vôo e o barulho dos arcos era uma música invariável, grave. Os franceses a chamavam de música da harpa do diabo. Thomas não via mais nenhum arqueiro escocês.

Todos eles tinham sido alvos para os arqueiros ingleses e as flechas tinham transformado os arqueiros inimigos numa miséria sangrenta, de modo que agora os ingleses voltavam seus projéteis para os homens com piques, espadas, machados e lanças. Os homens das tribos, todos cabelos, barba e fúria, ficavam

atrás dos soldados, que estavam dispostos em fileiras de seis ou oito homens, de modo que as flechas chocalhavam e retiniam em armaduras e escudos. Os cavaleiros, soldados e porta-piques escoceses protegiam-se da melhor maneira possível, agachando-se sob a cruel chuva de aço, mas algumas flechas sempre achavam as brechas entre os escudos, enquanto outras atravessavam com perfeição as placas de salgueiro cobertas de couro. O som surdo das flechas atingindo os escudos rivalizava com o barulho mais estridente dos tambores.

— Avancem, rapazes! Avancem! — Um dos líderes dos arqueiros encorajava seus homens a se aproximarem mais vinte passos do inimigo, para que suas flechas penetrassem mais nas fileiras escocesas. — Matem eles, rapazes!

Dois de seus homens jaziam na grama, prova de que os arqueiros escoceses tinham causado algum dano antes de serem abatidos pelas

flechas inglesas. Um outro inglês cambaleava como se estivesse bêbado, dando voltas e indo na direção de seu próprio lado e agarrando a barriga, da qual escorria sangue pelas pernas. A corda de um arco arrebentou, atirando a flecha para o lado, enquanto o arqueiro praguejava e enfiava a mão sob a túnica, à procura de uma sobressalente.

Os escoceses agora nada podiam fazer. Não lhes restavam arqueiros e os ingleses se aproximavam cada vez mais, até poderem disparar as flechas numa trajetória nivelada que fazia com que as pontas de aço perfurassem escudos, malha e até mesmo a rara armadura. Thomas estava a praticamente setenta metros da linha inimiga e escolhia os alvos com fria deliberação. Ele viu a perna de um homem aparecendo sob um escudo e mandou uma flecha que lhe atravessou a coxa. Os tambores tinham fugido, e dois de seus instrumentos, os couros rasgados como fruta podre, jaziam abandonados sobre a turfa. O cavalo de um nobre estava bem atrás das fileiras desmontadas e Thomas acertou uma flecha que penetrou fundo no peito do corcel e, da outra vez que olhou, o animal estava caído e houve uma comoção de homens em pânico que tentavam fugir de suas patas agitadas, e todos aqueles homens, expondo-se ao deixarem os escudos oscilar, caíram sob a ferroadada das flechas, e então, um instante depois, uns doze cães de caça, pêlos compridos, dentes amarelos e uivando, saíram das fileiras que se agachavam e foram derrubados pelas flechas cortantes.

— É sempre assim tão fácil? — perguntou um garoto, evidentemente em sua primeira batalha, a um arqueiro que estava perto.

— Se o outro lado não tiver arqueiros — respondeu o homem

mais velho — e enquanto as nossas flechas durarem, é fácil. Depois disso, é difícil pra cacete.

Thomas puxou e soltou, disparando num ângulo para a frente escocesa, para colocar uma flecha longa atrás de um escudo e no rosto de um homem barbudo. O rei escocês ainda estava montado em seu cavalo, mas agora protegido por quatro escudos que estavam, todos, cheios de flechas espetadas e Thomas lembrou-se dos cavalos franceses subindo com dificuldade a encosta da Picardia com as flechas com pontas de penas espetadas nos pescoços, pernas e corpos.

Ele remexeu na sacola usada de flechas, encontrou um outro projétil e disparou-a contra o cavalo do rei. O inimigo agora estava sob o ataque de manguai, e ou fugia da tempestade de flechas ou então, enfurecido, atacava o exército inglês, que era menor, e a julgar pelos gritos que vinham dos homens que estavam atrás dos escudos espetados de flechas Thomas suspeitou de que eles iriam atacar.

Estava certo. Teve tempo de disparar uma última flecha e então ouviu-se um súbito rugir aterrorizante. Toda a linha escocesa, aparentemente sem que ninguém tivesse dado a ordem, atacou. Eles corriam uivando e gritando, incitados ao ataque pelas flechas, e os arqueiros ingleses fugiram. Milhares de escoceses enfurecidos estavam atacando, e os arqueiros, ainda que disparassem todas as flechas que possuíam contra a horda que avançava, seriam dominados num instante, e por isso correram para procurar abrigo atrás de seus soldados. Thomas tropeçou enquanto trepava no muro de pedra, mas levantou-se e continuou correndo, e então viu que outros arqueiros tinham parado e atiravam contra os seus perseguidores. O muro de pedra estava dificultando o avanço dos escoceses e ele mesmo voltou-se e mandou duas flechas em homens indefesos antes de o inimigo

vencer a barreira numa onda e obrigá-lo a recuar de novo. Ele corria em direção à pequena brecha na linha inglesa, onde tremulava o manto de São Cuthbert, mas o espaço estava entupido de arqueiros que tentavam ir para trás da linha com armadura, de modo que Thomas foi para a direita, visando à faixa de chão aberto que ficava entre o flanco do exército e o lado íngreme da montanha.

— Escudos à frente! — gritou para os soldados ingleses um guerreiro grisalho, o visor do elmo erguido. — Aguentem firme!

Aguentem firme!

A linha inglesa, com apenas quatro ou cinco fileiras, firmara-se para enfrentar o ataque alucinado com os escudos à frente e a perna direita para trás, buscando apoio.

— São Jorge! São Jorge! — bradou um homem. — Aguentem firme agora! Golpeiem com força e aguentem firme!

Thomas estava agora no flanco do exército e voltou-se para ver que os escoceses, em seu avanço precipitado, tinham ampliado sua linha. Eles tinham sido dispostos ombro a ombro na primeira posição, mas agora, correndo, tinham-se espalhado e isso significava que o sheltron que ficava no extremo oeste tinha sido empurrado encosta abaixo e para dentro do fosso profundo que estreitava de forma tão inesperada o campo de batalha. Eles estavam no fundo do fosso olhando para cima, para o céu, condenados.

— Arqueiros! — berrou Thomas, imaginando-se de volta à França e responsável por uma tropa de arqueiros de Will Skeat. — Arqueiros!

— gritou, avançando até a borda do fosso. — Matem eles agora!

Homens foram para o lado dele, tiveram um grito de triunfo e puxaram suas cordas.

Agora era a hora da matança, a hora dos arqueiros. A ala direita

escocesa estava no terreno que afundara e os arqueiros estavam acima deles e não podiam errar. Dois monges estavam trazendo feixes de flechas sobressalentes, cada feixe contendo vinte e quatro flechas colocadas com a mesma distância entre si em torno de dois discos de couro que mantinham as flechas separadas e, com isso, protegiam as penas, evitando que fossem esmagadas. Os monges cortaram o barbante que segurava as flechas e despejaram-nas no chão ao lado dos arqueiros que puxavam uma após outra e matavam uma vez após outra, enquanto atiravam para baixo, para o fosso da morte. Thomas ouvia o barulho ensurdecedor quando os soldados colidiam no centro do campo, mas ali, na esquerda inglesa, os escoceses jamais chegariam aos escudos do inimigo, porque tinham mergulhado na baixa samambaia amarelada do reino da morte.

Thomas passara sua infância em Hookton, uma aldeia na costa sul da Inglaterra onde um rio, desaguardo no mar, cavara um canal profundo na praia de cascalho. O canal fazia uma curva para deixar um gancho de terra que protegia os barcos pesqueiros e uma vez ao ano, quando os ratos ficavam muito numerosos nos porões e fundos dos cascos, os pescadores encalhavam suas embarcações no fundo do rio, enchiam os porões com pedras e deixavam que a preamar inundasse os fedorentos cascos. Era um dia de festa para as crianças da aldeia que, em pé no alto do Hook, esperavam os ratos fugirem dos barcos e então, dando vivas e soltando gritos de alegria, apedrejavam os animais. Os ratos entravam em pânico, e isso só fazia aumentar o prazer das crianças, enquanto os adultos ficavam em volta e riam, aplaudiam e estimulavam.

Tal como agora. Os escoceses estavam no terreno baixo, os arqueiros estavam na borda da montanha e a morte era o domínio

deles. As flechas deslocavam-se como um relâmpago encosta abaixo, praticamente sem nenhum arco em seu vôo, e atingindo o alvo com o som de cutelos atingindo carne. Os escoceses contorciam-se e morriam na depressão, e a samambaia amarelada de outono ficava vermelha. Alguns dos inimigos tentavam subir em direção aos seus algozes, tornando-se alvos ainda mais fáceis. Alguns tentavam fugir pelo lado oposto e eram atingidos nas costas, enquanto outros fugiam montanha abaixo, em grande desordem. Sir Thomas Rokeby, xerife de Yorkshire e comandante da esquerda inglesa, viu a fuga e ordenou que vinte homens montassem em seus cavalos e limpassem o vale. Os soldados com cotas de malha brandiam as espadas e as maçãs para finalizar o trabalho sangrento dos arqueiros.

A base do vale era uma massa sangrenta, estrebuchante. Um homem de armadura, um elmo com plumas na cabeça, tentou subir para sair da carnificina e duas flechas atravessaram seu peitoral e uma terceira achou uma fresta na sua viseira e ele caiu para trás, contorcendo-se. Uma moita de flechas projetava-se do falcão que estava no seu escudo. As flechas diminuíram em quantidade agora, porque não restavam muitos escoceses para matar, e então os primeiros arqueiros desceram, agarrando-se com as mãos, pela encosta, com facas desembainhadas, para saquear os mortos e matar os feridos.

— Quem é que odeia os ingleses agora? — berrou um dos arqueiros. — Vamos, seus bastardos, falem! Quem é que odeia os ingleses agora?

Então, do centro veio um grito.

— Arqueiros! À direita! À direita! — A voz tinha um tom de puro pânico. — À direita! Pelo amor de Deus, agora!

os soldados da esquerda inglesa praticamente não tinham entrado na luta, porque os arqueiros estavam matando os escoceses que estavam na samambaia baixa. O centro inglês estava resistindo firme, porque os homens do arcebispo estavam dispostos atrás de um muro de pedras que, embora tivesse uma altura que só chegava à cintura, era uma barreira mais do que adequada contra o assalto escocês. Os invasores podiam arremeter, estocar e retalhar por cima do topo do muro, e podiam tentar subir nele e, até, tentar derrubar o muro pedra por pedra, mas não podiam empurrá-lo, e por isso eram impedidos por ele, e os ingleses, embora em número muito menor, podiam resistir, apesar de os escoceses arremeterem contra eles com seus pesados piques. Alguns cavaleiros ingleses gritaram pedindo seus cavalos e, uma vez montados e armados com lanças, aproximavam-se bem por trás dos companheiros atacados e enfiavam as lanças em olhos escoceses. Outros soldados agachavam-se por baixo dos piques rígidos e atacavam o inimigo com espadas e machados, e durante todo o tempo as flechas compridas chegavam, vindas da esquerda. O

barulho no centro eram os gritos de homens nas fileiras de retaguarda, os berros dos feridos, o clangor de lâmina contra lâmina, o estalo de lâmina contra escudo e o estrondo de lança contra pique, mas o muro significava que nenhum dos dois lados podia pressionar o outro para recuar, e por isso, apinhados contra as pedras e

atrapalhados pelos mortos, eles simplesmente arremetiam, cortavam, sofriam, sangravam e morriam.

Mas na direita inglesa, onde Lorde Neville e Lorde Percy comandavam, o muro estava inacabado, era nada mais do que uma pilha de pedras que não oferecia obstáculo algum ao assalto da ala esquerda escocesa, que era comandada pelo conde de March e pelo sobrinho do rei, Lorde Robert Stewart. O sheltron deles, que ficava mais próximo da cidade, era a maior das três divisões escocesas e lançou-se contra a direita inglesa como uma alcatéia que não comia há um mês. Os atacantes queriam sangue e os arqueiros fugiam de sua carga uivante como ovelhas dispersando-se diante de presas caninas, e então os escoceses atacaram a direita inglesa e o simples impulso do assalto fez com que os defensores

recuassem vinte passos antes que, de algum modo, os soldados conseguissem deter os escoceses que agora tropeçavam nos corpos dos homens que eles tinham ferido ou matado. Os ingleses, apertando-se ombro a ombro, agachavam-se atrás dos escudos e reagiam empurrando também, golpeando com as espadas em tornozelos e rostos, e gemendo com o esforço de resistir à imensa pressão da horda escocesa.

Era duro lutar nas fileiras de frente. Homens empurravam por trás, fazendo com que ingleses e escoceses ficassem próximos como amantes, perto demais para brandir uma espada de alguma maneira, exceto num golpe rudimentar. As fileiras de trás tinham mais espaço, e um escocês deu um golpe com um pique que ele brandia como se fosse um machado gigante, a lâmina esmagando a cabeça de um inimigo para rachar elmo, forro de couro, couro cabeludo e crânio com a facilidade com que se esmagava um ovo. Sangue jorrou num jato que atingiu doze homens enquanto o soldado morto caía e

outros escoceses penetraram na vaga que sua morte provocara, e um membro de um clã tropeçou no corpo e gritou quando um inglês serrou seu pescoço exposto com uma faca cega. O pique tornou a cair matando um segundo homem, e dessa vez, quando foi erguido, a viseira amassada do morto ficou presa na ponta ensanguentada do pique.

Os tambores, aqueles que ainda estavam inteiros, tinham recomeçado o barulho, e os escoceses agitavam-se no ritmo. “O

Bruce! O Bruce!” cantavam alguns, enquanto outros invocavam seu padroeiro: “Santo Andrew! Santo Andrew!” Lorde Robert Stewart, extravagante em suas cores azul e amarelo e com uma fina tira de ouro em torno da testa do elmo, usava um montante para golpear os soldados ingleses que se encolhiam de medo dos ferozes escoceses.

Lorde Robert, finalmente a salvo de flechas, erguera o visor para poder ver o inimigo.

— Venham! — gritava para os seus homens. — Venham!

Ataquem eles! Matem eles! Matem eles!

O rei tinha prometido que a festa de Natal seria em Londres e parecia haver apenas uma pequena barreira de homens amedrontados a romper antes que

aquela promessa se tornasse realidade. Os tesouros de Durham, York e Londres estavam a uma distância de uns poucos golpes de espada; toda a riqueza de Norwich e Oxford, de Bristol e Southampton estava a apenas um punhado de mortes das bolsas escocesas.

— Escócia! Escócia! Escócia! — bradava Lorde Robert. — Escócia!

E o piqueiro, devido ao fato de que a viseira presa estava obstruindo a sua lâmina, batia no elmo de um homem com o lado da cabeça de sua arma que tinha um gancho, não cortando o metal, mas

esmagando-o, martelando o elmo quebrado para dentro do cérebro do moribundo, de modo que sangue e uma substância gelatinosa escorriam pelas fendas da viseira. Um inglês berrou quando o pique de um escocês furou sua malha e penetrou-lhe a virilha. Um garoto, talvez um pajem, cambaleou para trás, com os olhos ensanguentados devido a um corte de espada.

— Escócia!

Lorde Robert sentia agora o cheiro da vitória. Muito perto! Ele foi empurrando, sentiu a linha inglesa agitar-se e recuar, viu o quanto ela era fina, desviou um golpe com o seu escudo, golpeou com a espada para matar um inimigo caído e ferido, gritou aos seus escudeiros para que procurassem qualquer nobre inglês rico cujo resgate pudesse enriquecer a casa de Stuart. Homens grunhiam enquanto davam estocadas e cortavam. Um membro de uma tribo cambaleou para fora do combate, fazendo esforço para respirar, tentando manter as entranhas dentro da barriga aberta. Um tambor tocava para estimular os escoceses.

— Traga o meu cavalo! — bradou Lorde Robert para um escudeiro. Ele sabia que a linha inglesa derrotada deveria romper-se dali a instantes, e então ele iria montar, apanhar sua lança e perseguir o inimigo vencido.

— Avancem! — gritava ele. — Avancem!

E o homem que brandia o pique de cabo longo, o enorme escocês que provocara uma abertura na fileira de frente inglesa e que parecia estar entalhando uma trilha sangrenta para o sul, sozinho, de repente fez um barulho que parecia um miado. Seu pique, voltado para cima, ainda enredado na viseira torta, vacilou. O homem sacudiu o corpo e sua boca abriu e fechou, tornou a abrir e fechar, mas

ele não

conseguiu falar porque uma flecha, as penas brancas ensanguentadas, projetava-se de sua cabeça.

Uma flecha, viu Lorde Robert, e de repente o ar ficou cheio delas e ele baixou a viseira do elmo, de modo que o dia escureceu.

Os malditos arqueiros ingleses estavam de volta.

Sir William Douglas não tinha percebido como era funda a selada coberta de samambaia e como eram íngremes suas paredes no flanco da crista, até chegar à sua base e lá, sob o mangual dos arqueiros, descobrir que não podia avançar nem recuar. Nas duas fileiras da frente dos soldados escoceses estavam todos mortos ou feridos, e seus corpos formavam uma pilha por sobre a qual ele não podia passar vestindo a pesada cota de malha. Robbie lançava gritos de desafio e tentava passar, desajeitado, por cima da pilha, mas Sir William, sem cerimônia, arrastou o sobrinho de volta e jogou-o na samambaia.

— Aqui não é lugar para se morrer, Robbie!

— Bastardos!

— Eles podem ser bastardos, mas nós não somos bobos!

Sir William agachou-se ao lado do sobrinho, cobrindo os dois com o enorme escudo. Voltar era impensável, porque seria correr do inimigo, mas ele não podia avançar e por isso limitou-se a ficar impressionado com a força das flechas enquanto elas batiam e penetravam na frente do escudo. Uma onda de homens tribais barbudos, mais ágeis do que os soldados porque se recusavam a usar armaduras, passou por ele agitada, uivando seu desafio selvagem enquanto engatinhavam, pernas nuas, por cima da pilha de escoceses moribundos, mas então as flechas inglesas começaram a atingir e lançar os membros dos clãs de volta. As flechas faziam sons de

bexigas se rompendo quando atingiam o alvo e os homens miavam e gemiam, contorcendo-se à medida que mais flechas chegavam ao seu destino. Cada uma provocava um jato de sangue, a ponto de Sir William e Robbie Douglas, ilesos debaixo do pesado escudo, ficarem salpicados de sangue.

Um súbito tumulto entre os soldados que estavam próximos provocou mais flechas e Sir William gritou, irritado, para que os soldados se deitassem, na esperança de que a imobilidade convencesse os arqueiros ingleses de que não havia escoceses vivos, mas os soldados retrucaram, dizendo que o conde de Moray tinha sido atingido.

— Já não era sem tempo — resmungou Sir William para Robbie.

Ele odiava o conde mais do que odiava os ingleses, e sorriu quando um homem gritou que sua excelência não estava apenas ferido, mas morto, e então uma nova saraivada de flechas calou os servidores do conde e Sir William ouviu os projéteis tilintando em metal, penetrando em carne e atingindo as placas de salgueiro dos escudos, e quando o retinir de flechas acabou restavam apenas o gemido e o choro, o chiar de respiração e o estalar de couro enquanto homens morriam ou tentavam sair de sob as pilhas de moribundos.

— O que aconteceu? — perguntou Robbie.

— Nós não fizemos um reconhecimento adequado da área —

respondeu Sir William. — Temos superioridade numérica sobre os bastardos, e isso nos deixou confiantes.

Agourentamente, no silêncio sem flechas, ele ouviu gargalhadas e o tropel de botas. Um grito soou e Sir William, que era veterano em guerras, sabia que os soldados ingleses estavam descendo para a selada para liquidar os feridos.

— Vamos sair correndo daqui a pouco — disse ele a Robbie —, não há escolha. Cubra o seu traseiro com o escudo e corra como um demônio.

— Vamos fugir? — perguntou Robbie, perplexo.

Sir William suspirou.

— Robbie, seu imbecil, você pode correr para a frente e pode morrer, e eu vou dizer à sua mãe que você morreu como um bravo e como um mentecapto, ou pode sair em disparada para o alto da montanha comigo e tentar vencer esta batalha.

Robbie não discutiu, mas apenas olhou para trás, para cima, para o lado escocês

da depressão onde a samambaia estava salpicada de flechas com penas brancas.

— Me diga quando for a hora de correr — disse ele.

Doze arqueiros e outros tantos soldados ingleses estavam usando facas para cortar gargantas escocesas. Eles faziam uma pausa antes de eliminar um soldado, para descobrir se ele tinha algum valor como fonte de resgate, mas poucos homens estavam nessa condição, e os homens dos clãs não tinham valor algum. Estes, odiados acima de todos os escoceses porque eram muito diferentes, eram tratados como vermes. Sir William levantou cautelosamente a cabeça e decidiu que aquele era o momento para a retirada. Era melhor sair engatinhando daquela maldita armadilha do que ser capturado, e por isso, ignorando os gritos indignados dos ingleses, ele e o sobrinho subiram a encosta. Para surpresa de Sir William, não lançaram flecha alguma.

Ele esperava que o gramado e a samambaia fossem açoiados por flechas enquanto ele subia com dificuldade para sair da depressão, mas ele e Robbie foram deixados em paz. Quando estava na metade da subida pela encosta, voltou-se e viu que os arqueiros ingleses

tinham desaparecido, deixando apenas soldados naquele flanco do campo. Na chefia deles, olhando em sua direção da borda mais distante da depressão, estava Lorde Outhwaite, que já tinha sido seu prisioneiro. Outhwaite, que mancava, usava uma lança como apoio e, ao ver Sir William, ergueu a arma numa saudação.

— Arranje uma armadura adequada, Willie! — gritou Sir William.

Lorde Outhwaite, como o cavaleiro de Liddesdale, tinha recebido o nome de batismo de William. — Ainda não acabamos com vocês.

— Eu não tenho medo, Sir William, não tenho mesmo —

retrucou Lorde Outhwaite. Ele se firmou na lança. — Espero que o senhor esteja bem.

— É claro que não estou bem, seu imbecil! Metade dos meus homens está lá embaixo.

— Meu caro senhor — disse Outhwaite com uma careta, e depois fez um gesto

genial enquanto Sir William empurrava Robbie para continuar a subir o morro e foi atrás dele para ficar a salvo.

Uma vez de volta ao planalto, Sir William fez um levantamento da situação. Via que os escoceses tinham sido derrotados na sua direita, mas isso fora por culpa deles mesmos, por atacarem de frente na baixada, onde os arqueiros tinham podido matar impunemente.

Aqueles arqueiros tinham desaparecido misteriosamente, mas Sir William imaginava que tivessem sido transferidos para o outro lado do campo, para o flanco esquerdo escocês que tinha avançado bastante à frente do centro. Ele podia confirmar aquilo, porque o estandarte azul e amarelo do leão de Lorde Robert Stewart estava muito à frente da bandeira vermelha e amarela do rei. Assim, a batalha estava indo bem à esquerda, mas Sir William via que ela não estava indo a lugar nenhum no centro por causa do muro de pedra

que obstruía o avanço escocês.

— Não vamos conseguir nada aqui — disse ele a Robbie. — Por isso vamos ser úteis.

Voltou-se e ergueu a espada ensanguentada.

— Douglas! — gritou ele. — Douglas!

Seu porta-bandeira tinha desaparecido e Sir William imaginou que o homem, com sua bandeira com o coração vermelho, estivesse morto na baixada.

— Douglas! — tornou a chamar e, quando um número suficiente de seus homens se aproximou dele, ele os liderou para o sheltron central em ordem de batalha. — Vamos lutar aqui — disselhes, e depois forçou a passagem até o rei, que estava a cavalo na segunda ou terceira fileira, lutando sob sua bandeira que estava cheia de flechas espetadas. Ele também lutava com a viseira erguida, e Sir William viu que o rosto do rei estava meio coberto de sangue. — Abaixе a viseira!

— berrou ele.

O rei tentava arremeter com uma lança comprida para o outro lado do muro, mas a pressão dos homens tornava inúteis os seus esforços. Seu casaco azul e

amarelo tinha sido rasgado para revelar a brilhante placa de metal que estava por baixo. Uma flecha penetrou na sua ombreira direita que outra vez tinha trepado no peitoral, e ele a arrancou no exato momento em que uma outra flecha fazia um rasgo na orelha esquerda do seu corcel. Viu Sir William e sorriu como se aquilo fosse um esporte de classe.

— Abaixе a viseira! — berrou Sir William, e viu finalmente que o rei não estava sorrindo. Na verdade toda a saliência da face tinha sido arrancada e o sangue ainda brotava do ferimento e vazava pela borda inferior do elmo para ensopar o casaco rasgado. — Mande fazer um

curativo no rosto! — gritou ainda acima do estrépito da batalha.

O rei deixou que seu cavalo, assustado, recuasse, afastando-se do muro.

— O que aconteceu à direita? — O ferimento tornava-lhe a voz indistinta.

— Eles nos mataram — disse Sir William, sucinto, inadvertidamente agitando sua longa espada e fazendo com que gotas de sangue fossem lançadas da ponta. — Não, eles nos assassinaram — resmungou. — Havia uma falha no terreno, e caímos numa cilada.

— A nossa esquerda está ganhando! Vamos derrotá-los lá!

A boca do rei continuava enchendo-se de sangue, que ele cuspia, mas apesar do abundante sangramento não parecia demasiado preocupado com o ferimento. Ele fora provocado logo no início da batalha, quando uma flecha passara chiando por cima das cabeças de seu exército para abrir um entalhe na sua bochecha antes de parar no forro do elmo.

— Nós os manteremos aqui — disse ele.

— John Randolph está morto — disse Sir William. — O conde de Moray — acrescentou ao ver que o rei não entendera as primeiras palavras.

— Morreu? — O rei David piscou e depois cuspiu mais sangue. —

Ele morreu? Não foi feito prisioneiro? — Uma outra flecha bateu na sua bandeira, mas o rei não percebia o perigo. Voltou-se e olhou para as bandeiras do inimigo. — Vamos mandar o arcebispo fazer uma oração ao lado da sepultura, e

depois o bastardo poderá dizer a ação de graças no nosso jantar.

Ele viu uma brecha na fileira escocesa da frente, esporeou o

cavalo para preenchê-la e arremeteu com sua lança contra um defensor inglês. O golpe do rei quebrou o ombro do homem, mutilando o sangrento ferimento com os pedaços de malha rasgada.

— Bastardos! — berrou o rei. — Nós estamos vencendo! —

bradou para os seus homens, e então uma onda de seguidores de Douglas forçou a passagem entre ele e o muro. Os recém-chegados chocaram-se contra o muro de pedra como uma grande onda, mas o muro mostrou ser mais forte e a onda quebrou-se em suas pedras.

Espadas e machados chocaram-se por cima da crista do muro e homens dos dois lados arrastavam os mortos para fora do caminho, a fim de desobstruir a passagem para a matança.

— Vamos segurar os bastardos aqui — garantiu o rei a Sir William

— e derrotar a direita deles.

Mas Sir William, os ouvidos sempre sintonizados no barulho do combate, tinha captado algo novo. Há poucos minutos ele estivera escutando gritos, clangores, berros e tambores, mas um som estivera faltando, e era o da música da harpa do diabo, o som grave do dedilhar de cordas de arcos, mas agora ele o ouvia outra vez e sabia que apesar de que vintenas do inimigo pudessem ter sido mortos poucos daqueles mortos eram arqueiros. E agora os arcos da Inglaterra tinham recommençado o seu horrível trabalho.

— Quer um conselho, majestade?

— Claro.

O rei parecia esperançoso. Seu corcel, ferido por várias flechas, deu pequenos passos nervosos para longe da mais populosa batalha que era travada a poucos passos de distância.

— Abaixei a viseira — disse Sir William — e depois recuei.

— Recuar? — O rei ficou imaginando se tinha ouvido mal.

— Recuar! — repetiu Sir William, e seu tom de voz era ríspido e seguro, e no entanto ele não tinha certeza quanto ao motivo pelo qual dera o conselho. Era outra maldita premonição como a que tivera no nevoeiro ao amanhecer, mas ele sabia que o conselho era bom. Recuar agora, recuar de volta até a Escócia, onde havia grandes castelos que podiam suportar uma tempestade de flechas, mas ele sabia que não podia explicar o conselho. Não conseguia achar um motivo para ele. Um temor tomara conta de seu coração e o enchera de pressentimentos. Partindo de qualquer outro homem, o conselho teria sido considerado uma covardia, mas ninguém jamais acusaria Sir William Douglas, o Cavaleiro de Liddesdale, de covardia.

O rei pensou que o conselho fosse uma brincadeira de mau gosto e soltou uma gargalhada de desdém.

— Nós estamos vencendo! — disse ele, enquanto mais sangue derramava-se do elmo e escorria para a sela. — Há algum perigo à direita? — perguntou.

— Nenhum — disse Sir William. A depressão do terreno seria tão eficiente na detenção do avanço inglês quanto o fora em frustrar o ataque escocês.

— Então vamos vencer esta batalha na nossa esquerda —

declarou o rei, e puxou as rédeas para afastar-se. — Recuar, ora, ora!

O rei soltou uma gargalhada e então tirou um pedaço de pano de um de seus capelães e enfiou-o entre o rosto e o elmo.

— Estamos vencendo! — tornou a dizer para Sir William, e depois esporeou o cavalo em direção ao leste. Cavalgava para levar a vitória à Escócia e para mostrar que era um filho digno do grande Bruce.

— Santo Andrew! — gritava ele através de um sangue espesso. —

Santo Andrew!

— O senhor acha que devíamos recuar, tio? — perguntou Robbie Douglas. Ele estava tão confuso quanto o rei. — Mas nós estamos vencendo!

— Estamos? — Sir William prestava atenção à música dos arcos.

— É melhor fazer suas orações, Robbie — disse ele —, é melhor dizer suas malditas orações e pedir a Deus que deixe o diabo levar os malditos arqueiros.

E rezar para que Deus ou o diabo estivesse ouvindo.

Sir Geoffrey Carr estava estacionado na esquerda inglesa, onde os escoceses tinham sido rechaçados de maneira muito decisiva pelo terreno e seus poucos soldados estavam agora lá na baixada fedendo a sangue, à procura de prisioneiros. O Espantalho tinha visto os escoceses encurralados na baixada e rira com ferino deleite enquanto as flechas desciam para penetrar nos atacantes. Um homem tribal, enfurecido, as grossas dobras de sua roupa de tecido enxadrezado cheio de tantas flechas que mais parecia um porco-espinho, tentara subir a encosta lutando. Ele xingou e amaldiçoou, foi atingido repetidas vezes por flechas, uma delas até estava espetada no crânio coberto por cabelos emaranhados, e uma outra estava presa na moita de sua barba, e no entanto ele ainda avançou, sangrando e resfolegando, tão cheio de ódio que nem mesmo sabia que devia estar morto, e conseguiu chegar a menos de cinco passos dos arqueiros antes que Sir Geoffrey estalasse seu chicote para tirar o olho esquerdo do homem de sua órbita, por inteiro, como uma avelã tirada da casca, e então um arqueiro avançara e casualmente rachara com um machado o crânio do homem espetado de flechas. O Espantalho enrolou o chicote e tocou com os dedos a umidade na garra de ferro da ponta. “Eu gosto muito de uma batalha”, disse para ninguém em especial.

Assim que o ataque tinha sido detido, ele viu que um dos

senhores escoceses, todo vistoso em azul e prata, jazia morto na pilha de corpos, e aquilo era uma pena. Era mesmo uma pena. Uma fortuna tinha sido perdida com aquela morte, e Sir Geoffrey, lembrando de suas dívidas, ordenou a seus homens que descessem para cortar gargantas, saquear cadáveres e encontrar qualquer prisioneiro que valesse um resgate de certa importância. Seus arqueiros tinham sido levados para o outro lado do campo, mas seus soldados ficaram para procurar algum dinheiro vivo.

— Depressa, Beggar! — berrou Sir Geoffrey. — Depressa!

Prisioneiros e butim! Procurem cavalheiros e senhores! Não que haja algum cavaleiro na Escócia! — Esta última observação, feita apenas para si mesmo,

divertiu o Espantalho a ponto de fazê-lo gargalhar. A piada pareceu melhorar enquanto ele pensava nela, e ele quase se dobrou de tanta satisfação. — Cavalheiros na Escócia! — repetiu, e então viu um jovem monge olhando para ele com expressão preocupada.

O monge era um dos homens do prior, distribuindo comida e cerveja aos soldados, mas ficara alarmado com a gargalhada alucinada de Sir Geoffrey. O Espantalho, ficando subitamente calado, olhou com olhos arregalados para o monge e então, em silêncio, deixou o rolo que ele fizera de seu chicote cair-lhe da mão. O couro macio não fez barulho enquanto se desenrolava e caía, e então Sir Geoffrey mexeu o braço direito com a rapidez de um relâmpago e o chicote enrolou-se no pescoço do jovem monge. Sir Geoffrey sacudiu o chicote.

— Venha cá, menino — ordenou.

A sacudidela fez o monge cambalear a ponto de largar o pão e as maçãs que estivera carregando, e no instante seguinte estava de pé

junto ao cavalo de Sir Geoffrey e o Espantalho se inclinava de cima da sela para que o monge pudesse sentir seu hálito fedorento.

— Escute aqui, seu piedoso montinho de merda — sussurrou Sir Geoffrey —, se não me disser a verdade, vou cortar aquilo de que você não precisa e não usa, a não ser para mijar, e dar ao meu porco para comer, está entendendo, garoto?

O monge, horrorizado, limitou-se a fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

Sir Geoffrey enrolou uma vez mais o chicote no pescoço do rapaz e deu um bom puxão, só para deixar bem claro quem é que mandava.

— Um arqueiro, um sujeito com um arco preto, trouxe uma carta para o seu prior.

— Trouxe sim, senhor.

— E o prior a leu?

— Leu sim, senhor.

— E ele lhe disse o que ela continha?

O monge abanou a cabeça instintivamente, depois viu a raiva no olho do Espantalho e, em pânico, deixou escapar a palavra que ouvira pela primeira vez quando a carta fora aberta.

— *Thesaurus*, senhor, é o que dizia a carta, *Thesaurus*.

— *Thesaurus*? — disse Sir Geoffrey, tropeçando na palavra estrangeira. — E o que, seu castrado pedaço de merda de doninha, o que, em nome de mil virgens, é um *Thesaurus*?

— Tesouro, senhor, tesouro. É latim, senhor. *Thesaurus*, senhor, é a palavra em latim para... — a voz do monge foi diminuindo de intensidade — ... tesouro — encerrou ele, claudicante.

— Tesouro. — Sir Geoffrey repetiu a palavra sem expressão.

O monge, meio sufocado, ficou subitamente ansioso por repetir o boato que circulava entre a irmandade desde que Thomas de Hookton tivera o encontro com o prior.

— O rei o enviou, senhor, sua majestade em pessoa, e o senhor meu bispo também, senhor, da França, e eles estão procurando um tesouro, senhor, mas ninguém sabe o que é.

— O rei?

— Ou onde o tesouro está, senhor, sim, senhor, o rei em pessoa, senhor. Ele o enviou, senhor.

Sir Geoffrey olhou o monge nos olhos, não viu falsidade alguma e por isso desenrolou o chicote.

— Você deixou cair algumas maçãs, rapaz.

— Deixei, sim, senhor, deixei.

— Dê uma delas ao meu cavalo. — Ele ficou observando o monge apanhar uma maçã, e então de repente sua fisionomia ficou distorcida de raiva. — Limpe a lama da maçã primeiro, seu filho de sapo! Limpe!

Ele estremeceu e olhou para o norte, mas não estava vendo os sobreviventes escoceses da ala direita do inimigo saindo desajeitados da baixada e nem mesmo percebeu a fuga de seu odiado inimigo, Sir William Douglas, que o deixara pobre. Não viu nenhuma daquelas coisas porque o Espantalho estava pensando em tesouro. Em ouro.

Em pilhas de ouro. No que ele mais queria. Em dinheiro, jóias, moedas, prataria, mulheres e tudo que alguém pudesse querer.

o sheltron da esquerda escocesa, agressivo e selvagem, forçou a direita inglesa a recuar tanto, que uma grande brecha surgiu entre o centro inglês, atrás do muro de pedra, e a divisão em retirada, à direita. Aquela retirada significava que o flanco direito da divisão central estava agora exposto aos escoceses, mas então, vindos lá do outro lado da crista, os arqueiros chegaram para salvá-los.

Chegaram para formar uma nova linha que protegesse o flanco do arcebispo, uma linha voltada para o lado, para o triunfante assalto escocês, e o enxame de arqueiros disparou suas flechas contra o sheltron de Lorde Robert Stewart. Eles não podiam errar. Eram arqueiros que começavam o treinamento da arte do arco e flecha a uma distância de cem passos e acabavam a mais de duzentos passos dos alvos cheios de palha, e agora estavam atirando a vinte passos, e as flechas voavam com tamanha força, que algumas furavam malha, corpo e malha outra vez. Homens em armaduras estavam sendo trespassados pelas flechas e o lado direito do avanço escocês desabava em sangue e dor, e cada homem que caía expunha uma outra vítima para os arqueiros, que atiravam com a rapidez com que conseguiam encaixar as flechas nas cordas. Os escoceses morriam às dúzias.

Estavam morrendo e estavam gritando. Alguns homens tentavam instintivamente atacar os arqueiros, mas eram logo derrubados; nenhum soldado podia resistir àquele assalto de aço com penas, e de

repente os escoceses estavam recuando, tropeçando nos mortos deixados pela sua carga, cambaleando de volta pelo pasto, para o ponto de onde tinham começado o ataque, e eram perseguidos a cada passo pelas flechas que assobiavam, até que finalmente uma voz inglesa ordenou que os arqueiros descansassem seus arcos.

— Mas fiquem aqui! — ordenou o homem, querendo que os arqueiros que tinham vindo da ala esquerda continuassem na direita assediada.

Thomas estava entre os arqueiros. Ele contou suas flechas, descobrindo que só restavam sete na sacola, e por isso começou a apanhar no gramado flechas disparadas que não estivessem muito danificadas, mas então um homem cutucou-o e apontou para uma carroça que atravessava o campo com feixes sobressalentes. Thomas ficou perplexo.

— Na França nós estávamos sempre ficando sem flechas.

— Aqui, não. — O homem tinha um lábio leporino, o que tornava difícil entendê-lo. — Eles as guardam em Durham. No castelo. Três condados as mandaram para cá. — Ele apanhou dois feixes novos.

As flechas eram feitas em toda a área da Inglaterra e do País de Gales. Alguns homens cortavam e aplainavam as hastes, outros colhiam as penas, mulheres teciam as cordas e homens ferviam a cola de couro, pata e azinhavre, enquanto ferreiros forjavam as pontas, e depois as peças separadas eram levadas a cidades onde as flechas eram montadas, enfeixadas e enviadas para Londres, York, Chester ou Durham, onde aguardavam uma emergência. Thomas rompeu o barbante de dois feixes e colocou as novas flechas numa sacola que ele tirara de um arqueiro morto. Ele tinha encontrado o homem

caído atrás das tropas do arcebispo e Thomas deixara sua velha sacola rasgada ao lado do corpo e agora tinha uma sacola nova, cheia de flechas novas. Ele flexionou os dedos da mão direita. Estavam doloridos, prova de que ele não tinha disparado uma quantidade suficiente de flechas desde a batalha da Picardia. Suas costas doíam, como sempre acontecia depois de disparar o arco umas vinte vezes ou mais. Cada puxada equivalia a levantar um homem com uma só mão, e o esforço fazia com que a dor lhe penetrasse na espinha, mas as flechas tinham levado a ala esquerda escocesa de volta ao ponto de partida e onde, como faziam seus inimigos ingleses, eles agora tomavam fôlego. O terreno entre os dois exércitos estava cheio de flechas perdidas, homens mortos e feridos, alguns dos quais se mexiam lentamente ao tentar se arrastar de volta para os companheiros. Dois cães cheiravam um corpo, mas saíram correndo quando um monge atirou uma pedra neles.

Thomas desprende a corda do arco e a vara ficou reta. Alguns arqueiros gostavam de deixar suas armas permanentemente amarradas até que a vara tivesse adquirido a curva de um arco retesado, e dizia-se que ele acompanhara a corda; a curvatura deveria mostrar que o arco estava bem usado, revelando seu

dono um soldado experiente, mas Thomas achava que um arco que tivesse acompanhado a corda ficava enfraquecido, e por isso tirava a corda do dele sempre que podia. Isso também ajudava a preservar a corda.

Era difícil fazer uma corda de comprimento exatamente correto pois, inevitavelmente, ela distendia, mas uma boa corda de cânhamo, encharcada de cola, podia durar quase um ano se fosse mantida seca e não fosse submetida a uma tensão constante. Como muitos outros arqueiros, Thomas gostava de reforçar suas cordas de arco com

cabelos de mulher porque protegiam as cordas de um rompimento numa luta. Isso, e rezar para São Sebastião. Thomas deixou a corda pendurada no topo do arco e agachou-se na grama, onde tirou as flechas da sacola uma a uma e passou-as entre os dedos para detectar quaisquer empenos nas hastes.

— Os bastardos vão voltar! — Um homem, com um crescente de prata no manto, percorria a linha a pé. — Eles vão voltar para atacar mais! Mas vocês trabalharam bem!

O crescente de prata estava quase oculto por sangue. Um arqueiro cuspiu e um outro tocou impulsivamente no seu arco sem corda. Thomas pensou que se ele se deitasse provavelmente iria dormir, mas foi tomado pelo medo ridículo de que os outros arqueiros iriam bater em retirada e deixá-lo ali, dormindo, e os escoceses iriam encontrá-lo e matá-lo. Mas os escoceses estavam descansando, como o faziam os ingleses. Alguns homens estavam curvados à altura da cintura como se estivessem recuperando o fôlego, outros estavam sentados na grama enquanto outros mais agrupavam-se em torno de um barril de água ou de cerveja. Os grandes tambores estavam silentes, mas Thomas ouvia o roçar de pedra em aço enquanto homens amolavam lâminas que tinham perdido o fio devido ao primeiro entrechoque da batalha. Nenhum insulto estava sendo berrado de nenhum dos lados agora, os homens apenas se entreolhavam desconfiados. Padres ajoelhavam-se ao lado de moribundos, rezando para que suas almas entrassem no céu, enquanto mulheres gritavam porque os maridos, amantes ou filhos estavam mortos. A ala direita inglesa, sua quantidade reduzida pela ferocidade do ataque escocês, voltara para o lugar de origem, e atrás dela estavam dezenas de mortos e moribundos. As baixas escocesas

abandonadas pela retirada precipitada estavam sendo despidas e revistadas, e logo rompeu uma briga entre dois homens por causa de um punhado de moedas

manchadas. Dois monges levavam água para os feridos. Uma criancinha brincava com os anéis rompidos de uma cota de malha, enquanto a mãe tentava soltar uma viseira quebrada de um pique que, segundo ela, daria um bom machado. Um escocês, dado por morto, de repente gemeu e virou-se, e um soldado dirigiu-se até ele e o golpeou com a espada de cima para baixo. O inimigo enrijeceu, relaxou e não tornou a se mexer.

— Ainda não chegou o dia da ressurreição, seu bastardo — disse o soldado enquanto liberava a espada. — Maldito filho de uma puta —

resmungou, enxugando a espada no casaco rasgado do morto —, acordando dessa maneira! Me deu um susto!

Ele não estava falando com ninguém em especial, tinha apenas se agachado ao lado do homem que matara e começado a revistar-lhe as roupas.

As torres da catedral e os muros do castelo estavam lotados de espectadores. Uma garça voou embaixo dos reparos, seguindo o rio cheio de curvas que cintilava lindamente sob o sol de outono.

Thomas ouvia codornizões na encosta. Borboletas, sem dúvida as últimas do ano, voavam acima do gramado lustroso de tanto sangue.

Os escoceses estavam se levantando, espreguiçando-se, colocando elmos, enfiando os antebraços nas alças dos escudos e erguendo espadas, piques e lanças recém-afiados. Alguns olhavam para a cidade e imaginavam os tesouros guardados na cripta da catedral e nos porões do castelo. Eles sonhavam com baús cheios de ouro, barris transbordando de moedas, salas com pilhas de prataria, tabernas despejando cerveja e ruas cheias de mulheres.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — bradou um padre. — Santo Andrew está com vocês. Vocês lutam pelo seu rei! Os inimigos são filhos ateus de Satã! Deus está conosco!

— Levantem-se, rapazes, levantem-se! — bradou um arqueiro do lado inglês.

Homens se levantaram, encordoaram seus arcos e tiraram a primeira flecha da sacola. Alguns se benzeram, sem perceber que os escoceses faziam o mesmo.

Lorde Robert Stewart, montado em um corcel cinza descansado, forçou a

passagem em direção à frente da ala esquerda escocesa.

— Eles têm poucas flechas sobrando — prometeu aos seus homens —, poucas flechas. Nós podemos derrotá-los!

Por muito pouco seus homens não tinham derrotado os malditos ingleses da última vez. Por muito pouco, e sem dúvida uma outra investida ululante iria liquidar o pequeno exército desafiador e abrir o caminho para as opulentas riquezas do sul.

— Por Santo Andrew! — bradou Lorde Robert e os tambores começaram a sua batida. — Pelo nosso rei! Pela Escócia!

E os uivos recomeçaram.

bernard de Taillebourg foi até a catedral quando seus negócios no pequeno hospital do mosteiro acabaram. Seu criado estava preparando os cavalos, quando o dominicano seguiu pela grande nave entre os imensos pilares pintados em listras irregulares de vermelho, amarelo, verde e azul. Ele foi até a tumba de São Cuthbert para fazer uma oração. Não tinha certeza de que Cuthbert era um santo importante —, sem dúvida, não era uma das almas abençoadas que podiam falar com Deus no céu — mas era muito venerado localmente, e sua tumba, fartamente decorada com jóias, ouro e prata, confirmava essa devoção.

Pelo menos cem mulheres estavam reunidas em torno do túmulo, a maioria chorando, e de Taillebourg empurrou algumas à sua frente para que pudesse chegar suficientemente perto a fim de tocar no manto bordado que envolvia a campa. Uma das mulheres resmungou contra ele. Percebeu então que era um padre e, vendo-lhe o rosto ensanguentado, arranhado, pediu perdão. Bernard de Taillebourg ignorou-a, curvando-se para a tumba. O manto era enfeitado com borlas e as mulheres tinham amarrado pequenas tiras de pano às borlas, cada tira uma oração. A maioria das orações pedia saúde, a restauração de um membro, o dom da visão, a cura de uma criança à beira da morte, mas naquele dia pediam a Cuthbert que tirasse os homens sãos e salvos da montanha.

Bernard de Taillebourg acrescentou sua oração. Vá procurar São Denis, rogou ele a Cuthbert, e peça-lhe que fale com Deus. Cuthbert, ainda que não pudesse atrair a atenção de Deus, poderia, sem dúvida alguma, encontrar São Denis que, sendo francês, deveria estar mais perto de Deus do que Cuthbert. Peça a Denis que reze para que minha missão tenha êxito e que a bênção de Deus recaia sobre

a busca e que a graça de Deus dê sucesso a ela. E reze a Deus para que perdoe os nossos pecados, mas saiba que nossos pecados, apesar de cruéis, são cometidos apenas a serviço de Deus. Ele gemeu ao se lembrar dos pecados daquele dia, depois beijou o manto e tirou uma moeda de sob a batina. Depositou a moeda na grande jarra de metal onde os peregrinos davam o que podiam para o santuário e voltou depressa pela nave da catedral. Um edifício despojado, pensou ele, os pilares coloridos muito grossos e toscos, e seus entalhes tão malfeitos quanto rabiscos de crianças, muito diferente das abadias e igrejas novas e graciosas que se erguiam na França. Ele molhou os dedos na água benta, fez o sinalda-cruz e saiu para a luz do sol onde seu criado estava esperando com as montarias.

— Você podia ter partido sem mim — disse ao criado.

— Teria sido mais fácil — disse o criado — matar você no caminho e depois continuar sem você.

— Mas não vai fazer isso — disse de Taillebourg — porque a graça de Deus apossou-se de sua alma.

— Graças a Deus — disse o criado.

O homem não era um criado de nascimento, mas um cavaleiro e bemnascido. Agora, pela vontade de Bernard de Taillebourg, ele estava sendo castigado por seus pecados e pelos pecados de sua família. Havia pessoas, e o cardeal Bessières estava entre elas, que

achavam que o homem devia ter sido esticado na roda, que devia ter sido imprensado por grandes pesos, que os ferros de queimar deviam ter cauterizado sua carne para que suas costas se arqueassem enquanto ele berrava arrependimento aos tetos, mas de Taillebourg convencera o cardeal a não fazer nada, exceto mostrar àquele homem os instrumentos de tortura da Inquisição.

— Depois entregue-o a mim — dissera de Taillebourg — e deixe que ele me conduza ao Graal.

— Mate-o em seguida. — Tinha sido essa instrução do cardeal ao inquisidor.

— Tudo será diferente quando tivermos o Graal — dissera de Taillebourg, evasivo.

Ele ainda não sabia se teria de matar aquele rapaz magro de pele queimada do sol e os olhos pretos e o rosto fino que em certa época dizia chamar-se o Arlequim. Ele adotara o nome por orgulho, porque os arlequins eram almas perdidas, mas de Taillebourg acreditava que poderia muito bem ter salvado a alma daquele arlequim. O

verdadeiro nome do Arlequim era Guy Vexille, conde de Astarac, e foi Guy Vexille que de Taillebourg descreveu quando falou com o irmão Collimore sobre o homem que viera do sul para lutar pela França na Picardia. Vexille tinha sido preso depois da batalha, quando o rei francês estava à procura de bodes expiatórios, e um homem que ousava exibir o timbre de uma família declarada herege e rebelde servira como um bom bode expiatório.

Vexille foi entregue à Inquisição na esperança de que tirassem a heresia dele à custa de torturas, mas de Taillebourg acabou gostando do Arlequim. Ele reconheceu uma alma irmã, um homem durão, um homem dedicado, um homem que sabia que sua vida nada

significava porque o que valia era a próxima, e por isso de Taillebourg poupou Vexille das agonias. Limitou-se apenas a mostrar a ele a câmara onde homens e mulheres pediam aos gritos desculpas a Deus, e então interrogou-o com delicadeza e Vexille revelou que certa vez navegara até a Inglaterra para procurar o Graal e, embora tivesse matado o tio, pai de Thomas, não o encontrara. Agora, com de Taillebourg, ele ouvira Eleanor contar a história de Thomas.

— Você acreditou nela? — perguntou o dominicano.

— Acreditei — disse Vexille.

— Mas será que ela foi enganada? — quis saber o inquisidor.

Eleanor tinha dito a eles que Thomas fora encarregado de procurar o Graal, mas que sua fé era fraca e a busca não o animava muito.

— Mas nós ainda teremos de matá-lo — acrescentou de Taillebourg.

— É claro.

De Taillebourg franziu o cenho.

— Você não se importa?

— De matar? — Guy Vexille parecia surpreso pelo simples fato de Bernard de Taillebourg ter perguntado. — Matar é o meu ofício, padre

— disse o Arlequim.

O cardeal Bessières tinha decretado que todo aquele que procurasse o Graal devia ser morto, todos exceto aqueles que o procurassem em nome do próprio cardeal, e Guy Vexille se tornara de bom grado o assassino de Deus. Claro que ele não tinha escrúpulo algum quanto a cortar a garganta de seu primo Thomas.

— Vai esperar por ele aqui? — perguntou ao inquisidor. — A garota disse que ele estaria na catedral depois da batalha.

De Taillebourg olhou para o outro lado da montanha. Os

escoceses iriam ganhar, ele estava certo, e isso tornava duvidoso que Thomas de Hookton fosse até a cidade. O mais provável era que fugisse para o sul, em pânico.

— Nós iremos a Hookton.

— Eu já revistei Hookton — disse Guy Vexille.

— Neste caso, vai revistá-la outra vez — retrucou de Taillebourg.

— Sim, padre.

Guy Vexille, humilde, baixou a cabeça. Ele era um pecador; dele se exigia que mostrasse penitência e, por isso, não discutia. Fazia apenas o que de Taillebourg mandava e a recompensa, segundo lhe fora prometido, seria a reintegração. Ele teria de volta o seu orgulho, teria permissão para liderar seus homens numa guerra outra vez e seria perdoado pela Igreja.

— Vamos embora agora — disse de Taillebourg.

Ele queria partir antes que William Douglas viesse à procura deles e, de modo ainda mais urgente, antes que alguém descobrisse os três corpos na cela do hospital. O dominicano fechara a porta, deixando os cadáveres lá dentro, e sem

dúvida os monges iriam acreditar que Collimore estava dormindo e, por isso, não iriam perturbá-lo, mas de Taillebourg ainda queria estar longe da cidade quando os corpos fossem encontrados, e por isso subiu para a sela de um dos cavalos que eles tinham roubado de Jamie Douglas na manhã daquele dia.

Àquela altura, parecia ter sido há muito tempo. Enfiou os pés nos estribos e deu um pontapé para afastar um pedinte. O homem tinha agarrado a perna do inquisidor, queixando-se de que estava com fome, mas então rodopiou para livrar-se do selvagem empurrão do padre.

O barulho da batalha aumentou. O dominicano tornou a olhar

para a crista da montanha, mas a luta não lhe dizia respeito. Se os ingleses e os escoceses queriam espancar uns aos outros, que o fizessem. Ele tinha assuntos mais importantes em mente, assuntos de Deus e do Graal do céu e do inferno. Também tinha pecados na consciência, mas estes seriam absolvidos pelo Santo Padre e até o céu seria indulgente com esses pecados depois que ele encontrasse o Graal.

As portas da cidade, embora fortemente protegidas, estavam abertas para que os feridos pudessem ser levados para dentro e comida e bebida fossem levadas para a crista da montanha. Os guardas eram homens mais velhos e tinham recebido ordens para não deixar nenhum atacante escocês tentar entrar na cidade, mas não tinham sido encarregados de impedir que alguém saísse, e por isso não prestaram atenção no padre pálido, com o rosto arranhado, montado num corcel, nem no seu elegante criado. Assim, de Taillebourg e o Arlequim saíram de Durham, viraram em direção à estrada para York, esporearam os cavalos e, enquanto o barulho da batalha ecoava do penhasco da cidade, afastaram-se em direção ao sul.

a tarde ia em meio quando os escoceses atacaram uma segunda vez, mas este assalto, ao contrário do primeiro, não veio em cima dos calcanhares de arqueiros em fuga. Agora os arqueiros estavam armados, prontos para receber a carga, e dessa vez as flechas voaram como um bando de estorninhos. Os que estavam na esquerda escocesa, que tinham chegado muito perto de romper a linha inglesa, enfrentavam agora o dobro de arqueiros, e sua carga, que começara com tanta confiança, reduziu o ritmo para um simples rastejar até que parou de todo, quando homens se agachavam atrás de escudos. A direita escocesa não chegou a avançar, enquanto o sheltron central do rei foi detido a cinquenta passos do muro

de pedra, atrás do qual uma multidão de arqueiros disparava uma incessante chuva de flechas. Os escoceses não queriam recuar, não podiam avançar, e durante um certo tempo as flechas de haste longa batiam e entravam em escudos em corpos descuidadamente expostos, e então os homens de Lorde Robert Stewart recuaram para fora do alcance e o sheltron do rei seguiu o exemplo deles. Assim, durante algum tempo uma outra pausa tomou conta do campo de batalha de terra vermelha. Os tambores estavam calados e não se gritavam mais insultos de um lado para o outro do pasto juncado. Os senhores escoceses, os que ainda viviam, reuniram-se sob o bandeira da aspa do rei e o arcebispo de York, vendo os inimigos reunidos em conselho, convocou os seus

senhores. Os ingleses estavam desalentados. O inimigo, alegavam eles, jamais iria expor-se ao que o arcebispo descrevia como um terceiro batismo de flechas.

— Os bastardos vão escapulir para o norte — predisse o arcebispo

—, e malditas sejam suas almas.

— Neste caso, nós iremos atrás deles — disse Lorde Percy.

— Eles se deslocam mais depressa do que nós — disse o arcebispo. Ele havia tirado o elmo, e o forro de couro deixara um sulco nos cabelos em volta do crânio.

— Vamos liquidar a infantaria deles — disse outro Lorde, voraz.

— A infantaria deles que vá para o inferno — retrucou o arcebispo, impaciente com tanta tolice. Ele queria capturar os senhores escoceses, os homens montados nos cavalos mais rápidos e mais caros, porque eram os resgates pagos por eles que iriam torná-lo rico, e ele queria, em especial, capturar os nobres escoceses como o conde de Menteith, que juraram fidelidade a Eduardo da Inglaterra e cuja presença no exército inimigo provava a sua traição. Homens assim não teriam resgates exigidos, mas seriam executados como exemplo para outros que quebrassem seus juramentos, mas se o arcebispo saísse vitorioso naquele dia poderia liderar seu pequeno exército e entrar na Escócia e tomar as propriedades dos traidores. Ele iria tirar tudo deles: a madeira de seus parques, os lençóis de suas camas, as próprias camas, as ardósias de seus telhados, seus vasos, suas panelas, seu gado, até mesmo o junco do fundo de seus rios.

— Mas eles não tornarão a atacar — disse o arcebispo.

— Então temos de ser inteligentes — disse Lorde Outhwaite, entusiasmado.

Os outros senhores olharam com desconfiança para Outhwaite.

Inteligência não era uma qualidade que eles apreciassem, porque não caçava javalis, não matava veados machos, não gostava de mulheres e não fazia prisioneiros. Os religiosos podiam ser inteligentes, e sem dúvida havia bobos inteligentes em Oxford, e até mesmo mulheres podiam ser inteligentes, desde que não alardeassem isso, mas no campo de batalha? Inteligência?

— Inteligentes? — perguntou Lorde Neville, sem rodeios.

— Eles têm medo dos nossos arqueiros — disse Lorde Outhwaite

—, mas se os nossos arqueiros parecerem ter poucas flechas esse medo acabará e eles bem poderão tornar a atacar.

— É verdade, é verdade... — começou a dizer o arcebispo, mas logo parou, porque era tão inteligente quanto Lorde Outhwaite, inteligente bastante, de fato, para esconder o quanto era inteligente.

— Mas, como é que nós vamos convencê-los? — perguntou.

Lorde Outhwaite atendeu o arcebispo, explicando o que desconfiava que o arcebispo já percebera.

— Acho, excelência, que se os nossos arqueiros forem vistos revirando o campo à procura de flechas o inimigo tirará a conclusão correta.

— Ou, neste caso — expôs o arcebispo para que os outros senhores entendessem —, a conclusão errada.

— Ah, essa é boa — disse entusiasmado um daqueles outros senhores.

— Poderia ficar ainda melhor, excelência — sugeriu Lorde Outhwaite, acanhado —, se nossos cavalos fossem levados para a frente: O inimigo poderia então presumir que estávamos nos preparando para fugir.

O arcebispo não hesitou.

— Tragam todos os cavalos para a frente — disse ele.

— Mas... — Um senhor estava de cenho franzido.

— Os arqueiros vão vasculhar à procura de flechas, escudeiros e pajens vão trazer os cavalos para os soldados — retrucou o arcebispo, compreendendo perfeitamente o que Lorde Outhwaite estava pensando e ansioso por executá-lo antes que o inimigo resolvesse retirar-se para o norte.

Lorde Outhwaite deu pessoalmente as ordens aos arqueiros, e, momentos depois, dezenas de arqueiros estavam no espaço aberto entre os exércitos, onde recolheram flechas perdidas. Alguns deles resmungavam, chamando aquilo de tolice, porque se sentiam expostos aos soldados escoceses que, uma vez mais, começaram a xingá-los. Um dos arqueiros, que se adiantara mais do que a maioria, foi atingido no peito por uma seta de besta e caiu de joelhos, uma expressão de espanto no rosto, cuspidando sangue na palma da mão posta em concha. Começou a chorar, e isso só fez piorar o engasgo.

Um segundo homem, indo em auxílio do primeiro, foi atingido na coxa pela mesma besta. Os escoceses ululavam seu escárnio para os feridos, mas se encolheram quando uma dúzia de arqueiros ingleses dispararam flechas contra o besteiro solitário.

— Poupem as flechas! Poupem as flechas! — berrou Lorde Outhwaite, montado em seu cavalo, para os arqueiros. Ele galopou até perto deles. — Poupem as flechas! Pelo amor de Deus! Poupem as flechas!

Ele gritava alto bastante para que o inimigo o escutasse, e então um grupo de escoceses, cansados de se proteger dos arqueiros, avançou correndo numa evidente tentativa de cortar a retirada de Lorde Outhwaite e todos os ingleses saíram em disparada de volta à

sua linha. Lorde Outhwaite esporeou o cavalo e facilmente fugiu da onda de homens que se contentaram em matar os dois arqueiros feridos. Os demais escoceses, vendo os ingleses fugirem, deram risadas e xingaram. Lorde Outhwaite voltou-se e olhou para os dois arqueiros mortos.

— Devíamos ter trazido aqueles rapazes para cá — censurou a si mesmo.

Ninguém respondeu. Alguns dos arqueiros olhavam ressentidos para os

soldados, supondo que os cavalos destes tinham sido trazidos para ajudar a fuga deles, mas então Lorde Outhwaite gritou para grupos de arqueiros, mandando que ficassem atrás dos soldados.

— Alinhem-se atrás! Não todos. Estamos tentando fazer com que eles acreditem que estamos com poucas flechas, e se vocês não tivessem flechas não estariam na frente, estariam? Mantenham os cavalos onde estão!

Ele gritou a última ordem para os escudeiros, pajens e criados que tinham levado os corcéis. Os soldados não deviam montar por enquanto, os cavalos estavam simplesmente sendo mantidos por trás da linha, logo atrás do lugar em que metade dos arqueiros estava formada. O inimigo, ao ver os cavalos, deveria concluir que os ingleses, com escassez de flechas, estavam pensando em fugir.

E assim a armadilha simples foi armada.

Um silêncio caiu sobre o campo de batalha, exceto que os feridos gemiam, corvos cantavam e algumas mulheres choravam. Os monges recomeçaram a cantar, mas ainda estavam na esquerda inglesa e a Thomas, agora na direita, o som chegava fraco. Um sino tocou na cidade.

— Acho que estamos sendo inteligentes demais — observou

Lorde Outhwaite a Thomas. Sua Excelência não era homem que pudesse ficar calado, e não havia mais ninguém, na divisão da direita, com quem manter uma conversa de certo nível e por isso ele escolhera Thomas. Ele soltou um suspiro. — Nem sempre agir com inteligência funciona.

— Para nós funcionou na Bretanha, excelência.

— Você esteve na Bretanha e também na Picardia? — perguntou Lorde Outhwaite. Ele ainda estava montado e olhava para os escoceses por cima dos soldados.

— Servi a um homem inteligente lá, excelência.

— E quem era ele? — Lorde Outhwaite fingia estar interessado, talvez lamentando até mesmo ter iniciado a conversa.

— Will Skeat, senhor, só que agora ele é Sir William. O rei o fez cavaleiro na

batalha.

— Will Skeat? — Lorde Outhwaite agora estava participando. —

Você serviu ao Will? Pela graça de Deus, serviu? Meu caro William.

Faz muitos anos que não ouço esse nome. Como vai ele?

— Não está bem, excelência — disse Thomas, e contou que Will Skeat, um homem do povo que se tornara líder de um bando de arqueiros e soldados que eram temidos onde quer que se falasse francês, tinha sido gravemente ferido na batalha da Picardia. — Ele foi levado para Caen, excelência.

Lorde Outhwaite franziu o cenho.

— Um francês o levou para lá, excelência — explicou Thomas —, um amigo, porque há um médico na cidade que sabe fazer milagres.

Ao terminar a batalha, quando finalmente se podia pensar que tinham sobrevivido ao horror, o crânio de Skeat tinha sido aberto e quando Thomas o vira pela última vez Skeat estava mudo, cego e

incapacitado.

— Não sei por que os franceses dão melhores médicos — disse Lorde Outhwaite com ligeira contrariedade —, mas parece que dão.

Meu pai sempre disse que davam, e ele tinha grandes problemas com o catarro.

— Esse homem é judeu, excelência.

— E com os ombros. Judeu! Você disse judeu? — Lorde Outhwaite parecia alarmado. — Eu nada tenho contra os judeus —

continuou, embora sem convicção —, mas posso pensar numa dúzia de boas razões pelas quais nunca se deveria procurar um médico judeu.

— É verdade, excelência?

— Meu caro rapaz, como é que eles podem utilizar o poder dos santos? Ou as propriedades curativas de relíquias? Ou a eficácia da água benta? Até a oração é

um mistério para eles. Minha mãe, que descanse em paz, sentia muitas dores nos joelhos. Eu sempre achei que era excesso de reza, mas o médico mandou que ela envolvesse as pernas em panos que tinham sido colocados no túmulo de São Cuthbert e rezasse três vezes ao dia para São Gregório de Nazianzeno, e deu certo! Deu certo! Mas nenhum judeu poderia receitar um tratamento desses, poderia? E se receitasse seria uma blasfêmia e iria fracassar. Devo dizer que acho muitíssimo contra-indicado ter colocado o pobre Will nas mãos de um judeu. Ele merece coisa melhor, merece mesmo. — Abanou a cabeça num gesto de desaprovação. — Will trabalhou para meu pai durante algum tempo, mas era um sujeito inteligente demais para ficar confinado na fronteira escocesa. Não há saques suficientes, entende? Ele foi trabalhar por conta própria. Pobre Will.

— O médico judeu — disse Thomas, teimoso — me curou.

— Só nos resta rezar. — Lorde Outhwaite ignorou a afirmativa de Thomas e falou num tom que indicava que era quase certo que a oração, embora necessária, viesse a ser inútil. Então, de repente, se animou. — Ah! Acho que os nossos amigos estão se mexendo!

Os tambores escoceses tinham começado a soar e ao longo de toda a linha do inimigo homens estavam engatando escudos, abaixando viseiras ou erguendo espadas. Eles viam que os ingleses tinham levado seus cavalos mais para perto, presumivelmente para ajudar a retirada deles, e que a linha inimiga parecia estar desfalcada de metade de seus arqueiros, de modo que deviam ter acreditado que aqueles arqueiros estavam com uma perigosa escassez de projéteis, e no entanto os escoceses ainda preferiram avançar a pé, sabendo que mesmo um punhado de flechas poderia enlouquecer seus cavalos e transformar em caos uma carga montada. Eles gritavam enquanto avançavam, tanto para animar a si mesmos quanto para provocar medo nos ingleses, mas ficaram mais confiantes quando chegaram ao local onde jaziam os corpos de sua última carga e ainda assim nenhuma flecha foi disparada.

— Ainda não, rapazes, ainda não.

Lorde Outhwaite tinha assumido o comando dos arqueiros na ala direita. Lorde Percy e Lorde Neville comandavam ali, mas os dois ficaram contentes por permitir que o homem mais velho desse ordens aos arqueiros enquanto eles aguardavam com seus soldados.

Lorde Outhwaite estava sempre olhando para o outro lado do campo para onde os escoceses avançavam contra a ala esquerda inglesa, onde estavam os homens dele, mas estava certo de que a depressão no terreno continuaria protegendo-os, tal como o muro de pedra

protegia o centro. Era ali, no lado da crista mais próxima de Durham, que os escoceses eram mais fortes, e os ingleses, mais vulneráveis.

— Deixem eles chegarem mais perto — avisou aos arqueiros. —

Queremos acabar com eles de uma vez por todas, coitados.

Ele começou a tamborilar com os dedos no arçã anterior da sela, acompanhando o ritmo dos poucos tambores grandes escoceses que restavam e aguardando até que a fileira de frente dos escoceses estivesse a uma distância de apenas cem passos.

— Arqueiros da frente — bradou quando achou que o inimigo estava numa distância boa —, são vocês, na frente da linha!

Comecem a atirar!

Cerca de metade dos arqueiros podia ser vista perfeitamente na frente do exército, e agora eles armaram os arcos, viraram as flechas para cima e soltaram. Os escoceses, vendo a saraivada chegando, começaram a correr na esperança de diminuir a distância, para que apenas umas poucas flechas atingissem o alvo.

— Todos os arqueiros! — ribombou Lorde Outhwaite, temendo ter esperado demais, e os arqueiros que tinham estado escondidos atrás dos soldados começaram a disparar por cima da cabeça dos homens da frente. Os escoceses estavam perto agora, perto o bastante para que mesmo o pior arqueiro não pudesse deixar de atingir o alvo, tão perto que as flechas estavam furando outra vez malha e corpos e cobrindo o campo com mais homens feridos e moribundos. Thomas ouvia as flechas atingindo o alvo. Algumas tilintavam resvalando em armaduras, algumas penetravam em escudos com uma batida seca, mas muitas faziam um barulho como o machado de um abatedor quando este abatia cabeças de gado com a aproximação do inverno.

Ele mirou num grandalhão cuja viseira estava erguida e enfioulhe

uma flecha pela garganta. Uma outra flecha num homem tribal cuja fisionomia estava contorcida de ódio. Então, o talho de uma flecha rachou, fazendo com que o projétil saísse descontrolado quando ele soltou a corda. Ele tirou os pedaços de penas da corda, apanhou uma nova flecha e atirou-a contra um outro homem tribal barbudo que era só fúria e cabelos. Um escocês a cavalo estimulava seus homens a avançarem e aí começou a agitar braços e pernas na sela, atingido por três flechas, e Thomas disparou outra haste, atingindo um soldado bem no peito, de modo que a ponta perfurou malha, couro, osso e carne. A flecha seguinte afundou-se num escudo. Os escoceses estavam cometendo erros, tentando meter-se na chuva da morte.

— Calma, rapazes, calma! — bradou um arqueiro para os companheiros, temendo que eles estivessem puxando as cordas com muita ânsia e, com isso, não estivessem usando a força plena dos arcos.

— Continuem atirando! — bradou Lorde Outhwaite. Seus dedos ainda tamborilavam no arção de sua sela, apesar de os tambores escoceses estarem falhando. — Belo trabalho! Belo trabalho!

— Cavalos! — ordenou Lorde Percy.

Ele via que os escoceses estavam à beira do desespero, porque os arqueiros ingleses não tinham, no final das contas, escassez de flechas.

— Cavalos! — tornou ele a gritar, e seus soldados correram de volta para pularem para as selas. Pajens e escudeiros entregaram as lanças grandes e pesadas enquanto homens encaixavam pés protegidos por aço nos estribos, olhavam para o inimigo sofrendo e abaixavam com um gesto rápido as viseiras.

— Atirem! Atirem! — bradou Lorde Outhwaite. — É isso, rapazes!

As flechas eram impiedosas. Os feridos escoceses gritavam por Deus, gritavam pelas suas mães e ainda assim a morte enfeitada de penas atingia o alvo. Um homem trajando o leão dos Stewart vomitou uma espuma rosa de sangue e saliva. Ele estava de joelhos, mas conseguiu se levantar, deu um passo, tornou a cair de joelhos, arrastou-se assim para a frente, vomitou mais bolhas manchadas de sangue e então uma flecha enfiou-se em seu olho e atravessou-lhe o cérebro para bater na parte de trás do crânio e ele foi lançado para trás como se tivesse sido atingido por um raio.

E então chegaram os grandes cavalos.

— Pela Inglaterra, Eduardo e São Jorge! — bradou Lorde Percy, e um trombeteiro acompanhou o desafio enquanto os grandes corcéis arremetiam. Sem cerimônia, eles empurravam os arqueiros para o lado enquanto as lanças desciam.

A turfa tremeu. Só uns poucos cavalarianos estavam atacando, mas o choque da carga atingiu o inimigo com uma força estonteante e os escoceses cambalearam para trás. Lanças eram abandonadas em corpos de homens e os cavaleiros sacaram as espadas e atacaram homens amedrontados, encolhidos, que não podiam correr porque a pressão dos corpos era demasiada. Mais cavalarianos estavam montando e os soldados que não queriam esperar seus corcéis corriam para juntarse à carnificina. Os arqueiros uniram-se a eles, sacando espadas ou brandindo machados. Os tambores, finalmente, estavam calados e a matança começara.

Thomas já vira aquilo acontecer antes. Ele já tinha visto como, num piscar de olhos, uma batalha podia mudar. Os escoceses tinham estado pressionando o dia todo, tinham chegado muito perto de estraçalhar os ingleses, estavam desenfreados e ganhando, e no

entanto agora estavam derrotados e os homens da esquerda escocesa, que tinham chegado tão perto de dar a vitória ao seu rei, foram os que perderam. Os corcéis ingleses entraram nas suas fileiras a galope para abrir trilhas sangrentas e os cavalarianos brandiam espadas, machados, porretes e maças contra homens em pânico. Os arqueiros ingleses juntaram-se a eles, atacando os escoceses mais lentos como bandos de cães de caça saltando contra corças.

— Prisioneiros! — gritava Lorde Percy a seus servidores. — Eu quero prisioneiros!

Um escocês tentou atingir o cavalo dele com um machado, errou, e foi derrubado pela espada de Sua Excelência, um arqueiro completou o trabalho com uma faca e depois cortou o gibão forrado do homem à procura de moedas. Dois carpinteiros de Durham retalharam com enxós um soldado que se debatia, golpeando-lhe o crânio, matando-o lentamente. Um arqueiro cambaleou para trás, ofegante, a barriga aberta com um corte e um escocês foi atrás dele, gritando de raiva, mas tropeçou numa vara de arco que colocaram em seu

caminho e caiu sob um enxame de homens. Os caparazões dos cavalos ingleses estavam gotejando sangue enquanto seus cavaleiros se voltavam para abrir a cortes o caminho de volta por entre a hoste escocesa. Eles tinham atravessado por completo e agora voltavam para ir ao encontro da onda seguinte de soldados ingleses que lutavam com as viseiras abertas, porque o inimigo, em pânico, não oferecia nenhuma resistência de verdade.

No entanto a direita e o centro escoceses estavam intatos.

A direita fora empurrada para a depressão do terreno, mas agora, em vez de os arqueiros lutarem contra eles da borda, eles enfrentavam os soldados que cometeram a loucura de descer para a

depressão para enfrentar a carga escocesa. Homens com cotas de malha chocavam-se por cima dos corpos dos escoceses mortos, cambaleando, desajeitados, em suas roupas de metal para brandir espadas e machados contra escudos e crânios. Homens grunhiam enquanto matavam. Rosnavam, atacavam e morriam na samambaia enlameada, e no entanto a luta era inútil, porque se qualquer um dos lados obtinha uma vantagem ele apenas forçava o inimigo a recuar encosta acima, e imediatamente o lado perdedor ficava com o terreno como aliado e pressionava de novo morro abaixo e mais mortos juntavam-se aos cadáveres no fundo da depressão, e assim a luta rolava para a frente e para trás, cada grande onda deixando homens chorando e morrendo, invocando Jesus, amaldiçoando o inimigo, sangrando.

Beggar estava lá, um grande rochedo de homem em pé por sobre o cadáver do conde de Moray, zombando dos escoceses e convidando-os a lutar, e seis deles atacaram e foram mortos antes de uma matilha de homens de clãs da Alta Escócia chegar gritando para matá-lo, e ele rugiu para eles, brandindo sua imensa maça cheia de pontas, e ao Espantalho, que observava lá de cima, ele parecia um grande urso felpudo assaltado por mastins. Sir William Douglas, esperto demais para ser apanhado uma segunda vez no terreno baixo, também observava da borda oposta e ficou impressionado com o fato de homens descerem de bom grado para o massacre. Depois, sabendo que a batalha não seria ganha nem perdida naquele fosso de morte, voltou para o centro onde o sheltron do rei ainda tinha uma chance de obter uma grande vitória, apesar do desastre na esquerda escocesa.

Porque os homens do rei tinham passado pelo muro de pedras.

Em certos pontos, eles o haviam derrubado e, em outros, o próprio

muro acabara por desabar diante da pressão dos homens, e embora as pedras caídas ainda representassem um enorme obstáculo para soldados sobrecarregados com pesados escudos e cotas de malha, eles o estavam atravessando desajeitados e empurrando para trás o centro inglês. Os escoceses tinham feito uma carga para dentro do raio de alcance das flechas, resistindo a elas e até mesmo encurralando vinte arqueiros, que eles mataram com satisfação e agora abriam caminho a golpes e arremetidas, em direção à grande bandeira do arcebispo. O

rei, com a viseira pegajosa do sangue de seu rosto ferido, estava na vanguarda do sheltron. O capelão do rei estava ao lado de seu senhor, brandindo um porrete com espetos, e Sir William e seu sobrinho juntaram-se ao ataque. Sir William ficou repentinamente envergonhado pela premonição que o fizera aconselhar uma retirada.

Era assim que os escoceses lutavam! Com paixão e selvageria. O

centro inglês recuava cambaleando, praticamente sem manter as fileiras. Sir William viu que o inimigo tinha levado seus cavalos para perto da linha de combate e presumiu que eles estavam se preparando para fugir, e por isso redobrou seus esforços.

— Matem-nos! — berrava.

Se os escoceses rompessem a linha, os ingleses estariam no caos, incapazes de chegar aos cavalos, e virariam simples carne para os carnicheiros.

— Matem! Matem! — gritava o rei para os seus homens, altaneiro em seu cavalo.

— Prisioneiros! — bradava o conde de Menteith, mais sensato. —

Façam prisioneiros!

— Destruam-nos! Destruam-nos agora! — berrava Sir William.

Ele levou o escudo à frente para receber um golpe de espada,

golpeou abaixo do escudo e sentiu a lâmina furar uma cota de malha.

Girou a espada e num safanão liberou-a antes que a carne pudesse agarrar o aço. Empurrou com o escudo, impossibilitado de olhar por cima da borda superior, sentiu o inimigo cambalear para trás, abaixou o escudo prevendo um golpe por baixo e depois empurrou-o para a frente outra vez, atirando o inimigo para trás. Ele cambaleou para a frente, quase perdendo o equilíbrio ao pisar no homem que havia ferido, mas apoiou o peso abaixando a borda inferior do escudo no chão, deu um impulso para tornar a ficar em pé e enfiou a espada num rosto barbudo. A lâmina resvalou no osso da face, levando um olho, e o homem caiu para trás, boca aberta, abandonando a luta. Sir William dobrou-se para evitar um golpe de machado, aparou outra espada no escudo e arremeteu alucinado contra os dois homens que o atacavam. Robbie, soltando palavrões e amaldiçoando, matou o homem que brandia o machado e depois chutou o rosto de um soldado caído. Sir William deu uma estocada com a mão por baixo e sentiu a espada raspar em malha rasgada e torceu para evitar que a lâmina ficasse presa e deu nela um puxão, fazendo com que um jato de sangue se derramasse através dos anéis de metal da armadura do homem ferido. O homem caiu, ofegante e contorcendo-se, e mais ingleses chegaram da direita, desesperados para deter o ataque escocês que ameaçava penetrar por completo a linha do arcebispo.

— Douglas! — berrou Sir William. — Douglas!

Ele clamava aos seus seguidores para que fossem ajudá-lo a arremeter e arrancar e retalhar o último inimigo. Ele e seu sobrinho tinham aberto uma trilha sangrenta pelas fileiras do arcebispo, e bastaria uma luta violenta de alguns instantes para romper o centro inglês, e depois o massacre de verdade poderia começar. Sir William

agachou-se quando um outro machado agitou-se em sua direção.

Robbie matou o homem que o empunhava, atravessando-lhe a garganta com a espada, mas imediatamente teve de aparar um golpe de lança e, ao fazê-lo, cambaleou para trás, contra o tio. Sir William empurrou o sobrinho para que ele ficasse ereto e bateu com o escudo na cara de um inimigo. Que diabo, onde estavam os seus homens?

— Douglas! — tornou a bradar Sir William. — Douglas!

E naquele exato momento uma espada ou uma lança enredou seus pés, e ele caiu,

e cobriu-se instintivamente com o escudo.

Homens passavam por ele pesadamente e ele rezou para que fossem seus seguidores que estivessem quebrando a última resistência inglesa e esperou o começo dos gritos do inimigo, mas em vez disso houve uma batida insistente no seu elmo. A batida parou, e recomeçou depois.

— Sir William? — perguntou uma voz delicada.

A gritaria começara, de modo que Sir William mal podia ouvir, mas as suaves batidas na coroa do elmo o convenceram de que não havia perigo em baixar o escudo. Levou uns instantes para ver o que estava acontecendo, porque seu elmo tinha sido deslocado para o lado quando ele havia caído e ele teve de colocá-lo na posição certa.

— Pelos dentes de Deus — disse ele quando o mundo apareceu.

— Caro Sir William — disse a voz delicada — presumo que o senhor se rende? Claro que sim. E esse é o jovem Robbie? Ora, como você cresceu, rapaz! Eu me lembro de você ainda guri.

— Oh, pelos dentes de Deus — repetiu Sir William, erguendo os olhos para Lorde Outhwaite.

— Permite que lhe dê a mão? — perguntou Lorde Outhwaite, solícito, estendendo a mão do alto da sela. — E depois poderemos

conversar sobre resgates.

— Jesus — disse Sir William. — Maldição! — Porque agora percebia que os pés que tinham passado pisando com força tinham sido pés ingleses e que os gritos vinham dos escoceses.

O centro inglês resistira, no final das contas, e para os escoceses a batalha se transformara num desastre total.

eram os arqueiros de novo. Os escoceses tinham perdido homens o dia inteiro e ainda assim tinham vantagem numérica sobre o inimigo, mas não podiam responder às flechas. Quando o centro escocês derrubou o muro e se lançou em massa pelos destroços, a esquerda escocesa bateu em retirada e expôs o flanco

do sheltron do rei às flechas inglesas.

Os arqueiros levaram poucos instantes para perceber a vantagem.

Eles aderiram à perseguição da rompida esquerda escocesa e não sabiam o quanto o centro escocês estava perto da vitória, mas então um dos homens de Lorde Neville percebeu o perigo.

— Arqueiros! — O seu berro podia ser ouvido na outra margem do Wear, em Durham. — Arqueiros!

Homens interromperam os saques e tiraram flechas das sacolas.

Os arcos começaram a soar de novo, cada nota grave de harpa mandando uma flecha no flanco dos escoceses desenfreados. O

sheltron de David tinha forçado o batalhão central inglês a recuar através de um pasto, tinha-o esticado tanto que ele afinara, e eles estavam fechando o cerco à grande bandeira do arcebispo, e então as flechas começaram a morder e depois das flechas vieram os soldados da ala direita inglesa, os seguidores de Lorde Percy e de Lorde Neville, e alguns já estavam montados em seus grandes cavalos que eram treinados a morder, empinar e escoicear com as patas com ferraduras.

Os arqueiros, abandonando uma vez mais os arcos, seguiram os cavalarianos com machados e espadas, e dessa vez suas mulheres também foram, com as facas desembainhadas.

O rei escocês deu uma estocada num inglês, viu-o cair, e ouviu seu porta-bandeira gritar aterrorizado. Voltou-se para ver a grande bandeira caindo. O cavalo do porta-bandeira tinha sido jarretado; o animal berrava enquanto desabava e uma turba de arqueiros e soldados agarrou homem e cavalo, arrebatou a bandeira e derrubou o porta-bandeira e arrastou-o para uma morte horrível, mas então o capelão real agarrou as rédeas do cavalo do rei e arrastou David Bruce para fora da refrega. Mais escoceses reuniram-se em torno de seu rei, escoltando-o para longe, e atrás deles os ingleses arremetiam de suas selas, cortando com as espadas, amaldiçoando enquanto matavam, e o rei tentou voltar e continuar a luta, mas o capelão obrigou o cavalo dele a se afastar.

— Vá embora, majestade! Vá embora! — gritou o capelão.

Homens amedrontados esbarraram no cavalo do rei que atropelou um homem de clã e depois tropeçou num cadáver. Havia ingleses na retaguarda escocesa agora, e o rei, vendo o perigo que corria, esporeou o cavalo. Um cavaleiro inimigo arremeteu contra ele, mas o rei aparou o golpe e passou a galope pelo perigo. Seu exército se desintegrara em grupos de fugitivos desesperados. Ele viu o conde de Menteith tentar montar num cavalo, mas um arqueiro agarrou a perna de sua excelência e puxou-o para trás, depois sentou em cima dele e encostou-lhe uma faca na garganta. O conde gritou que se rendia. O conde de Fife tinha sido feito prisioneiro, o conde de Strathearn estava morto, o conde de Wigtown estava sendo assaltado por dois cavaleiros ingleses cujas espadas tilintavam contra sua

armadura como martelos de ferreiros. Um dos grandes tambores escoceses, os couros rasgados e em frangalhos, rolou morro abaixo, indo cada vez mais depressa, à medida que a encosta ficava mais íngreme, fazendo um som surdo ao bater nas rochas, até que finalmente caiu de lado e rolou até parar.

A grande bandeira do rei estava em mãos inglesas agora, assim como os estandartes de uma dúzia de lordes escoceses. Alguns escoceses galopavam para o norte. Lorde Robert Stewart, que quase chegara a ganhar o dia, estava livre e desimpedido no lado leste da crista, enquanto o rei mergulhava pelo lado oeste, entrando na sombra, porque o sol agora estava mais baixo do que os morros em cuja direção o rei cavalgava, numa necessidade desesperada de refúgio. Ele pensou na mulher. Será que ela estava grávida? Tinham dito a ele que Lorde Robert contratara uma feiticeira para fazer um feitiço no ventre dela, para que o trono passasse de Bruce para Stewart.

— Senhor! Senhor!

Um de seus homens berrava para ele, e o rei saiu de seu devaneio para ver um grupo de arqueiros ingleses já lá embaixo, no vale. Como tinham passado a frente dele? Puxou as rédeas, inclinou-se para a direita para ajudar o cavalo a fazer o giro e sentiu a flecha bater e entrar no peito do garanhão. Outro de seus homens fora derrubado, rolando pelo chão pedregoso que lhe rasgava a cota de malha em tiras brilhantes. Um cavalo berrou, sangue espirrou em leque no crepúsculo, e outra flecha penetrou no escudo do rei que estava pendurado às costas. Uma terceira flecha ficou presa na crina de seu cavalo e o garanhão estava diminuindo o passo, arriando e erguendo o corpo enquanto respirava com dificuldade.

O rei apertou com força as esporas, mas o cavalo não podia ir mais depressa. O rei fez uma careta e isso abriu o ferimento na face que estava coberto por uma crosta, de modo que o sangue derramou-se pela viseira aberta, caindo pelo casaco rasgado. O cavalo tornou a tropeçar. Havia um curso d'água à frente e uma pequena ponte de pedra, e o rei ficou impressionado com o fato de alguém ter feito uma ponte de alvenaria sobre um curso d'água tão pequeno, e então as patas dianteiras do cavalo desabaram e o rei estava rolando no chão, milagrosamente fora de sua montaria moribunda e sem quaisquer ossos quebrados, e ele levantou-se desajeitado e correu para a ponte, onde três de seus homens esperavam a cavalo, um deles com um garanhão sem cavaleiro. Mas mesmo antes que o rei pudesse chegar aos três homens as flechas adejaram e atingiram o alvo, cada uma fazendo o cavalo cambalear para o lado com o choque do impacto. O

garanhão berrou, livrou-se com um safanão do controle do homem e galopou em direção leste com sangue pingando da barriga. Um outro cavalo desabou com uma flecha profundamente enfiada na anca, duas na barriga e outra na jugular.

— Debaixo da ponte! — gritou o rei.

Haveria abrigo sob o vão, um lugar onde se esconder, e quando tivesse uma dúzia de homens ele tentaria fugir. O crepúsculo não podia demorar, e se eles esperassem o cair da noite e então caminhassem a noite toda poderiam chegar à Escócia ao amanhecer.

E assim, quatro escoceses, um dos quais era rei, amontoaram-se debaixo da ponte de pedra e prenderam a respiração. As flechas tinham parado de voar, os cavalos deles estavam todos mortos e o rei ousou ter a esperança de que os arqueiros ingleses tivessem ido à procura de outras presas.

— Vamos esperar aqui — sussurrou ele.

Ele ouvia gritos vindos da parte alta, dava para ouvir patas na encosta, mas nenhum deles parecia vir de perto da pequena ponte baixa. Ele estremeceu, percebendo a magnitude do desastre. Seu exército acabara, suas grandes esperanças tinham morrido, a festa de Natal não seria em Londres, e a Escócia estava aberta aos inimigos.

Deu uma olhada para o norte. Um grupo de homens de clãs patinhava no curso d'água e de repente seis cavalarianos ingleses apareceram e dirigiram seus

corcéis para fora da encosta alta e as grandes espadas golpearam para baixo e houve sangue girando corrente abaixo para passar pelos pés do rei protegidos por malha, e ele encolheu-se para as sombras enquanto os soldados esporeavam seus cavalos para oeste, à procura de mais fugitivos. Cavalos passaram barulhentos pela ponte e os quatro escoceses não disseram nada, não tiveram coragem nem mesmo para se entreolharem enquanto o som das patas não tivesse desaparecido. Uma trombeta soava da crista da montanha, e seu tom era odioso: triunfante e zombeteiro. O rei fechou os olhos porque temia que fosse chorar.

— Vossa Majestade precisa consultar um médico — disse um homem, e o rei abriu os olhos para ver que quem falara era um de seus criados.

— Isso não tem cura — disse o rei, referindo-se à Escócia.

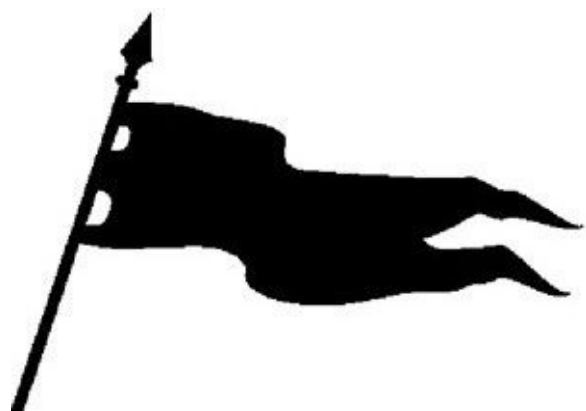
— A face vai cicatrizar, majestade — disse o criado, tranquilizador.

O rei olhou para o seu seguidor como se o homem tivesse falado em alguma língua estranha e então, terrível e subitamente, seu rosto gravemente ferido começou a doer. Não houvera dor o dia inteiro, mas agora era uma agonia, e o rei sentiu lágrimas brotarem nos olhos.

Não de dor, mas de vergonha, e então, quando tentou afastar as lágrimas piscando os olhos, houve gritos, sombras se projetando e o espadanar de botas quando homens pularam da ponte. Os atacantes tinham espadas e lanças e mergulharam sob o vão da ponte como caçadores de lontras partindo para a matança, e o rei rugiu, desafiante, e saltou contra o homem que estava à sua frente e a raiva era tanta que ele se esqueceu de sacar a espada e, em vez disso, deu um soco no homem com o punho protegido por aço e sentiu os dentes do inglês sendo esmagados com o golpe, viu o sangue jorrar e jogou o homem no rio, surrando-o, e então não conseguiu se mexer porque outros homens o estavam segurando. O homem que estava debaixo dele, quase afogado com dentes quebrados e lábios ensanguentados, começou a rir.

Porque ele tinha feito um prisioneiro. E iria ficar rico.

Ele tinha capturado o rei.



Segunda Parte

INGLATERRA E NORMANDIA, 1346-7

o cerco do inverno

estava escuro na catedral. Tão escuro, que as cores brilhantes pintadas nos pilares e nas paredes tinham desbotado para o tom de escuridão. A única luz vinha das velas sobre os altares laterais e do outro lado da tela da cruz, onde chamas tremeluziam no coro e monges de batina preta cantavam. A voz deles provocava um encantamento no escuro, unindo-se e abaixando, elevando-se e aumentando, um som que teria provocado lágrimas nos olhos de Thomas se ainda lhe restassem lágrimas para derramar. “Libera me, Domine, de morte aeterna”, cantavam os monges enquanto a fumaça das velas espiralava para o teto da catedral. Livrai-me, Senhor, da morte eterna, e nas lajotas do coro estava o caixão no qual o irmão Hugh Collimore jazia ainda não liberado, as mãos cruzadas sobre a túnica, os olhos fechados e, sem que o prior soubesse, uma moeda pagã colocada sob a língua por um dos outros monges que temia que o diabo levasse a alma de Collimore, se o barqueiro que transportava a alma dos mortos para o outro lado do rio do além não fosse pago.

“Requiem aeternam dona eis, Domine”, cantavam os monges, pedindo ao Senhor que desse ao irmão Collimore o descanso eterno, e na cidade, debaixo da catedral, nas pequenas casas que se penduravam no lado do rochedo, havia choro, porque eram muitos os homens de Durham que tinham sido mortos na batalha, mas o choro não era nada para as lágrimas que seriam derramadas quando a

notícia do desastre voltasse para a Escócia. O rei tinha sido feito prisioneiro, o mesmo acontecendo com Sir William Douglas e os condes de Fife, Menteith e Wigtown, e o conde de Moray estava morto, como o estavam também o condestável da Escócia, o marechal do rei e o camarista do rei, todos chacinados, os corpos desnudos e alvos da zombaria dos inimigos, e com eles estavam centenas de conterrâneos, a carne branca coberta de sangue e agora alimento para raposas, lobos, cães e corvos. Os estandartes escoceses manchados de sangue estavam no altar da catedral de Durham e os remanescentes do grande exército de David estavam em fuga noite adentro, e em seus calcanhares iam os ingleses vingativos, para devastar e saquear as terras baixas, para levar de volta o que tinha sido roubado e roubar mais alguma coisa. “Et lux perpetua luceat eis”, cantavam os monges, rezando para que a luz eterna brilhasse sobre o monge morto, enquanto na crista da montanha outros mortos jaziam sob a escuridão onde as corujas guinchavam.

— Você tem de confiar em mim — sussurrou o prior para Thomas nos fundos da catedral. Pequenas velas tremeluziam sobre as dezenas de altares laterais onde sacerdotes, muitos deles refugiados de aldeias próximas saqueadas pelos escoceses, diziam missas pelos mortos. O latim daqueles sacerdotes rurais era com frequência execrável, uma fonte de diversão para o clero próprio da catedral e para o prior que estava sentado ao lado de Thomas numa saliência de pedra.

— Eu sou o seu superior em Deus — insistiu o prior, mas ainda assim Thomas continuou calado e o prior se irritou. — O rei lhe deu uma ordem! A carta do bispo diz isso! Pois então diga-me o que está procurando.

— Quero minha mulher de volta — disse Thomas, e ficou satisfeito por estar escuro na catedral, porque seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Eleanor estava morta, o padre Hobbe estava morto e o irmão Collimore estava morto, todos eles esfaqueados e ninguém sabia por quem, embora um dos monges falasse de um homem moreno, um criado que chegara com o padre estrangeiro, e Thomas estava se lembrando do mensageiro que ele tinha visto ao amanhecer, e Eleanor estava viva àquela altura, e eles não tinham discutido. Agora ela estava morta, e a culpa era dele.

Dele. A tristeza tomou conta dele, dominou-o e ele expressou o sofrimento num uivo na nave da catedral.

— Cale a boca! — disse o prior, chocado com o barulho.

— Eu a amava!

— Há outras mulheres, centenas delas. — Enojado, ele fez o sinalda-cruz. — O que foi que o rei mandou você procurar? Ordeno-lhe que me conte.

— Ela estava grávida — disse Thomas olhando para o teto — e eu ia me casar com ela. — Sua alma sentia-se tão vazia e escura quanto o espaço acima dele.

— Eu lhe ordeno que me conte! — repetiu o prior. — Em nome de Deus, eu lhe ordeno!

— Se o rei quiser que o senhor saiba o que eu procuro — falou Thomas em francês, apesar de o prior estar usando o inglês —, o rei terá o prazer de lhe contar.

O prior olhou, irritado, para a tela da cruz. A língua francesa, língua dos aristocratas, o silenciara, fazendo com que se perguntasse quem era aquele arqueiro. Dois soldados, as cotas de malha tilintando ligeiramente, passaram pelas lajotas a caminho de

agradecer a São Cuthbert por terem escapado com vida. A maioria do exército inglês estava lá no norte, descansando durante as horas de escuridão antes de recomeçarem a perseguição do exército derrotado, mas alguns cavaleiros e soldados tinham ido para a cidade, onde vigiavam os prisioneiros valiosos que tinham sido colocados na residência do bispo no castelo. Talvez, pensou o prior, o tesouro que Thomas de Hookton procurava já não tivesse importância; afinal, um rei tinha sido capturado com metade dos condes da Escócia, e seus resgates iriam tirar o último tostão daquele maldito país, mas no entanto ele não conseguia livrar-se da palavra *Thesaurus*. Um tesouro, e a Igreja estava sempre necessitando de dinheiro. Ele se levantou.

— Você se esquece — disse ele com frieza — que é meu hóspede.

— Eu não me esqueço — disse Thomas. Tinham-lhe dado espaço nos aposentos de hóspedes dos monges, ou melhor, nos estábulos deles, porque havia homens de nível mais elevado que precisavam dos aposentos mais aquecidos. — Eu não me esqueço — repetiu ele, cansado.

O prior agora ergueu o olhar para a escuridão elevada do teto.

— Talvez — sugeriu ele — você saiba mais sobre o assassinato do irmão Collimore do que finge saber.

Thomas não respondeu; as palavras do prior eram absurdas, e o prior sabia disso, porque ele e Thomas estavam no campo de batalha quando o velho monge fora morto, e a dor de Thomas pelo assassinato de Eleanor era sincera, mas o prior estava zangado e frustrado, e falou sem pensar. A esperança de achar um tesouro fazia isso com um homem.

— Você vai ficar em Durham — ordenou o prior — até que eu lhe dê permissão para partir. Dei instruções para que o seu cavalo seja

mantido nos meus estábulos. Está entendendo?

— Eu entendo o senhor — disse Thomas, cansado, e depois ficou vendo o prior

afastar-se. Mais soldados entravam na catedral, as pesadas espadas tilintando ao bater em pilares e túmulos. Nas sombras, atrás de um dos altares laterais, o Espantalho, Beggar e Dickon observavam Thomas. Eles o vinham seguindo desde o término da batalha. Sir Geoffrey agora vestia uma bela cota de malha que tinha tirado de um escocês morto, e ele refletira sobre participar ou não da perseguição, mas em vez disso mandara um sargento e meia dúzia de homens com ordens de pegar o que pudessem quando começasse o saque da Escócia. O próprio Sir Geoffrey estava apostando que o tesouro de Thomas, pelo fato de ter provocado o interesse do rei, valeria o seu interesse, e por isso decidira seguir o arqueiro.

Thomas, sem perceber o olhar do Espantalho, curvou-se para a frente, olhos bem apertados, pensando que nunca mais voltaria ao normal. Os músculos das costas e dos braços ardiam por causa de um dia de armar um arco e os dedos da mão direita estavam em carne viva pelo atrito da corda. Se fechava os olhos, não via coisa alguma a não ser escoceses vindo em sua direção e o arco fazendo uma linha escura no quadro da memória e o branco das penas das flechas diminuindo ao voarem, e depois aquela imagem desaparecia e ele via Eleanor contorcendo-se sob a faca que a torturara. Eles a tinham feito falar. No entanto, o que ela sabia? Que Thomas duvidava da existência do Graal, que ele era um investigador relutante, que só queria ser um líder de arqueiros e que tinha deixado sua mulher e seu amigo irem para a morte.

Uma mão tocou-lhe a parte posterior da cabeça e Thomas quase

saltou para o lado na expectativa de algo pior, uma lâmina talvez, mas a voz que falou era a de Lorde Outhwaite.

— Vamos lá para fora, rapaz — ordenou ele a Thomas —, para algum lugar em que o Espantalho não possa ouvir o que conversarmos.

Ele disse aquilo em voz alta e em inglês, depois baixou o tom e usou o francês.

— Eu estava à sua procura. — Ele tocou o braço de Thomas, encorajando-o. — Soube sobre sua garota e fiquei triste. Ela era uma mulher bonita.

— Era sim, excelência.

— A voz dela indicava que era bem-nascida — disse Lorde Outhwaite —, de modo que sem dúvida a família dela vai ajudá-lo a se vingar.

— O pai dela tem um título, excelência, mas ela era filha bastarda.

— Ah! — Lorde Outhwaite continuou manquejando, ajudando o seu andar desigual com a lança que carregara a maior parte do dia. —

Neste caso é provável que ele não ajude, não é? Mas você pode fazer isso por conta própria. Parece perfeitamente capaz.

Sua Excelência tinha levado Thomas para uma noite fria, pura.

Uma lua alta flertava com nuvens de bordas prateadas enquanto na crista oeste grandes fogueiras queimavam para lançar sobre a cidade um véu de fumaça com toques de vermelho. As fogueiras iluminavam o campo de batalha para os homens e mulheres de Durham que revistavam os mortos para saquearem e esfaqueavam os escoceses feridos para deixálos mortos, a fim de que também pudessem ser saqueados.

— Estou muito velho para participar de uma perseguição — disse Lorde Outhwaite olhando para as fogueiras distantes —, muito velho e muito duro nas juntas. Esta é uma caçada para gente jovem, e eles vão persegui-los até Edimburgo. Você já viu o Castelo de Edimburgo?

— Não, excelência. — Thomas falou sem expressão, não se importando se algum dia fosse ver Edimburgo ou o castelo.

— Ah, ele é lindo! Muito bonito! — disse Lorde Outhwaite com entusiasmo. — Sir William Douglas capturou-o para nós. Ele infiltrou homens na cidade dentro de barris. Barris enormes. Homem esperto, não? E agora ele é meu prisioneiro.

Lorde Outhwaite olhou para o castelo como se esperasse ver Sir William Douglas e outros prisioneiros escoceses de berço nobre descendo das ameias. Duas tochas em fogaréus de metal inclinados iluminavam a entrada onde uma dúzia de soldados montava guarda.

— Um bandido, o nosso William, um bandido. Por que o Espantalho está seguindo você?

— Não faço idéia, excelência.

— Eu acho que faz.

Sua Excelência recostou-se numa pilha de pedra. A área perto da catedral estava cheia de pedra e madeira, porque os construtores estavam restaurando uma das grandes torres.

— Ele sabe que você procura um tesouro, e por isso agora ele também procura.

Thomas prestou atenção naquilo, olhando Sua Excelência com perspicácia, e depois tornando a olhar para a catedral. Sir Geoffrey e seus dois homens tinham chegado até a porta, mas era evidente que não ousavam chegar mais perto do que aquilo, com medo de contrariar Lorde Outhwaite.

— Como é que ele pode saber? — perguntou Thomas.

— Como é que ele pode deixar de ficar sabendo? — perguntou Lorde Outhwaite. — Os monges sabem, e isso é o mesmo que pedir a um arauto que anuncie a novidade. Os monges mexericam como mulheres no mercado! Por isso o Espantalho sabe que você pode ser a fonte de uma grande riqueza, e ele a quer. Qual é o tesouro?

— Só um tesouro, excelência, apesar de eu duvidar que ele tenha um grande valor intrínseco.

Lorde Outhwaite sorriu. Por algum tempo, não disse nada, mas limitou-se a olhar para o outro lado do golfo escuro acima do rio.

— Você me disse, não? — disse ele, por fim —, que o rei o enviou em companhia de um cavaleiro da equipe do rei e um capelão da casa real.

— Enviou, excelência.

— E eles ficaram doentes em Londres?

— Ficaram.

— Um lugar doentio. Eu estive lá duas vezes, e duas vezes é mais do que suficiente! Nocivo! Os meus porcos vivem em condições mais limpas! Mas um capelão real, hein? Sem dúvida um sujeito inteligente, não um padre do interior, hein? Não um camponês ignorante enfeitado com uma ou duas frases em latim, mas um homem que progride, um sujeito que em pouco tempo será bispo, se escapar da febre com vida. Ora, por que o rei iria enviar um homem desses?

— Vossa Excelência deve perguntar a ele.

— Um capelão real, nada menos do que isso — continuou Lorde Outhwaite como se Thomas não tivesse falado, e depois ficou calado.

Um punhado de estrelas apareceu entre as nuvens e ele ergueu o

olhar para elas e depois suspirou. — Certa vez — retornou —, faz muito tempo, eu vi um frasco de cristal contendo o sangue de nosso Senhor. Foi em Flandres, e o sangue se liquefazia em resposta a uma oração! Há um outro frasco em Gloucestershire, segundo me contaram, mas esse eu não vi. Eu toquei, certa vez, na barba de São Jerônimo em Nantes; segurei um fio do rabo do burro de Balaão; beijei uma pena da asa de São Gabriel e brandi a própria mandíbula com que Sansão abateu tantos filisteus! Eu vi uma sandália de São Paulo, uma unha de Maria Madalena e seis fragmentos da verdadeira cruz, um deles manchado com o mesmo sangue santo que eu vi em Flandres. Dei uma olhada nos ossos dos peixes com que nosso Senhor alimentou as cinco mil pessoas, senti o corte afiado de uma das pontas de flecha que abateram São Sebastião e cheirei uma folha da macieira do Jardim do Éden. Na minha capela, rapaz, eu tenho um nó de dedo de Santo Tomás e uma dobradiça da caixa na qual o olíbano foi dado ao Menino Jesus. Essa dobradiça me custou muito dinheiro, muito. Pois me diga, Thomas, que relíquia é mais preciosa do que todas essas que eu já vi e todas as que pretendo ver nas grandes igrejas da cristandade?

Thomas olhou para as fogueiras na crista da montanha, onde jaziam tantos mortos. Será que Eleanor já estava no céu? Ou estaria condenada a passar milhares de anos no purgatório? Aquele pensamento fez com que ele se lembrasse de que teria de pagar por missas pela alma dela.

— Você fica calado — observou Lorde Outhwaite. — Mas me diga, rapaz, acha que tenho realmente uma dobradiça da caixinha de brinquedo do Menino Jesus que continha olíbano?

— Não tenho como dizer, excelência.

— Às vezes, eu duvido — disse Lorde Outhwaite em tom genial

—, mas minha mulher acredita! E é isso que importa: crença! Se você acreditar que uma coisa possui o poder de Deus, ela irá usar esse poder em seu favor.

Ele fez uma pausa, a grande cabeça cabeluda erguida para a escuridão como se ele farejasse à procura de inimigos.

— Acho que você está procurando uma coisa que tem o poder de Deus, uma coisa muito importante, e acredito que o diabo está tentando impedi-lo.

Lorde Outhwaite voltou para Thomas um rosto que expressava ansiedade.

— Esse estranho padre e seu criado moreno são agentes do diabo, o mesmo acontecendo com Sir Geoffrey! Se alguma vez existiu um filho de Satanás, é ele.

Ele lançou um olhar para o alpendre da catedral, onde o Espantalho e seus dois capangas tinham recuado para as sombras enquanto uma procissão de monges encapuzados saía para a noite.

— Satanás está cometendo maldades — disse Lorde Outhwaite —

e você tem de lutar contra isso. Você tem recursos suficientes?

Depois da conversa sobre o diabo, a pergunta corriqueira sobre recursos causou surpresa a Thomas.

— Se tenho recursos, excelência?

— Se o diabo lutar contra você, rapaz, eu o ajudarei, e poucas coisas neste mundo são mais úteis do que o dinheiro. Você tem uma busca a realizar, tem jornadas a terminar e vai precisar de recursos.

Por isso, você tem o suficiente?

— Não, excelência — disse Thomas.

— Pois então permita que eu o ajude. — Lorde Outhwaite

colocou um saco de moedas sobre a pilha de pedras. — E talvez queira um companheiro na sua procura?

— Um companheiro? — perguntou Thomas, ainda bestificado.

— Não eu! Não eu! Eu estou velho demais. — Lorde Outhwaite fez um muxoxo.

— Não, mas confesso que gosto muito de Willie Douglas. O padre que eu penso

que matou sua mulher também matou o sobrinho de Douglas, e Douglas quer vingança. Ele pede, não, ele implora que o irmão do morto tenha permissão para viajar com você.

— Ele é um prisioneiro, certo?

— Eu acho que é, mas o jovem Robbie praticamente não vale um pedido de resgate. Suponho que eu poderia conseguir algumas libras por ele, mas nada como a fortuna que pretendo tirar do tio dele. Não, eu prefiro que Robbie viaje com você. Ele quer achar o padre e seu criado e eu acho que pode ajudar você.

Lorde Outhwaite fez uma pausa, e quando Thomas não respondeu insistiu no pedido.

— O Robbie é um bom rapaz. Eu o conheço, gosto dele e ele é competente. Um bom soldado também, segundo me disseram.

Thomas deu de ombros. Naquele momento não se importava se metade da Escócia viajasse com ele.

— Ele pode vir comigo, excelência — disse —, se eu tiver permissão para ir a qualquer lugar.

— O que quer dizer? Ter permissão?

— Não tenho permissão para viajar. — Thomas parecia ressentido. — O prior me proibiu de sair da cidade e tirou o meu cavalo.

Thomas encontrara o cavalo, levado para Durham pelo padre

Hobbe, amarrado na porta do mosteiro.

Lorde Outhwaite soltou uma gargalhada.

— E você vai obedecer ao prior?

— Não posso perder um bom cavalo, excelência — disse Thomas.

— Eu tenho cavalos — disse Lorde Outhwaite em tom de encerrar o assunto —, inclusive dois bons cavalos escoceses que peguei hoje, e ao amanhecer, amanhã,

os mensageiros do arcebispo partirão para o sul para levar a Londres notícias sobre o dia de hoje, e três de meus homens irão acompanhá-los. Sugiro que você e Robbie vão com eles. Isso levará vocês dois em segurança até Londres, e depois? Para onde você irá depois?

— Vou voltar para casa, excelência — disse Thomas —, para Hookton, para a aldeia onde meu pai morava.

— E será que aquele padre assassino espera que você vá até lá?

— Não sei.

— Ele vai procurar por você. Sem dúvida pensou em esperar por você aqui, mas isso era perigoso demais. Mas ele vai querer o que você sabe, Thomas, e irá atormentá-lo para conseguir. Sir Geoffrey vai fazer o mesmo. Aquele maldito Espantalho fará qualquer coisa por dinheiro, mas eu desconfio que o padre é o mais perigoso.

— Por isso eu fico de olho aberto e com as flechas afiadas.

— Eu seria mais esperto do que isso — disse Lorde Outhwaite. —

Sempre descobri que se um homem estiver caçando você é melhor que ele o encontre num lugar que você tenha escolhido. Não caia numa emboscada, mas esteja pronto para emboscá-lo.

Thomas aceitou a sabedoria do conselho, mas mesmo assim parecia em dúvida.

— E como é que eles vão saber para onde eu vou?

— Porque eu vou dizer a eles — disse Lorde Outhwaite —, ou melhor, quando o prior reclamar que você desobedeceu a ele ao sair da cidade, vou dizer a ele e os monges dele irão contar a todo mundo que puderem. Os monges são criaturas tagarelas. Assim, onde você gostaria de enfrentar seus inimigos, rapaz? Na sua cidade natal?

— Não, excelência — disse Thomas, apressado, e refletiu por alguns segundos.

— Em La Roche-Derrien — prosseguiu.

— Na Bretanha? — Lorde Outhwaite parecia surpreso. — O que você procura

está na Bretanha?

— Eu não sei onde está, excelência, mas tenho amigos na Bretanha.

— Ah, e eu espero que você também me considere um amigo. —

Ele empurrou o saco de moedas em direção a Thomas. — Tome.

— Eu pagarei a Vossa Excelência.

— Você vai me pagar — disse Sua Excelência, levantando-se —

trazendo-me o tesouro e deixando que eu o toque só uma vez, antes que ele vá para o rei. — Ele olhou para a catedral, de onde Sir Geoffrey espreitava. — Acho melhor você dormir no castelo esta noite. Tenho homens lá que podem manter o maldito Espantalho afastado. Venha.

Sir Geoffrey observou os dois homens se afastarem. Ele não podia atacar Thomas enquanto Lorde Outhwaite estivesse com ele, porque Lorde Outhwaite era poderoso demais; mas o poder, sabia o Espantalho, vinha do dinheiro, e parecia que havia um tesouro à deriva no mundo, um tesouro que interessava ao rei e que agora interessa também a Lorde Outhwaite.

Por isso o Espantalho, mesmo que o inferno e o diabo fossem contra ele, pretendia encontrá-lo primeiro.

thomas não estava indo para La Roche-Derrien. Ele mentira, citando a cidade porque a conhecia e porque não se importava se seus perseguidores fossem até lá, mas ele planejava estar em outro lugar. Ele iria a Hookton para ver se o pai tinha escondido o Graal lá, e depois, porque não esperava encontrá-lo, iria para a França, porque era lá que o exército inglês estava sitiando Calais e era lá que estavam seus amigos, e lá um arqueiro poderia arranjar um bom emprego. Os homens de Will Skeat estavam nas linhas que faziam o sítio e os arqueiros de Will quiseram que Thomas fosse o líder deles, e ele sabia que tinha capacidade para o cargo. Poderia chefiar um bando seu, ser temido como Will Skeat. Pensava nisso enquanto cavalgava para o sul, embora não raciocinasse de maneira consistente ou bem. Estava obcecado demais com as mortes de Eleanor e do padre Hobbe, e torturando-se com a lembrança do último olhar para trás, para Eleanor, e a recordação daquele olhar significava que ele via a região por onde cavalgava deturpada pelas lágrimas.

Thomas deveria seguir para o sul com os homens que levavam a notícia da vitória inglesa a Londres, mas não passou de York. Ele devia deixar York ao amanhecer, mas Robbie Douglas desaparecera. O

cavalo do escocês ainda estava nos estábulos do arcebispo e sua bagagem estava onde ele a deixara, no pátio, mas Robbie tinha desaparecido. Por um instante Thomas ficou tentado a deixar o

escocês para trás, mas um vago senso de dever contrariado fez com que ele ficasse. Ou talvez fosse porque ele não fazia muita questão da companhia dos soldados com suas notícias triunfantes, e por isso deixou que eles partissem e foi procurar pelo companheiro.

Encontrou o escocês olhando boquiaberto para as protuberâncias douradas do teto da igreja do mosteiro.

— Devíamos estar seguindo para o sul — disse Thomas.

— Sei — respondeu Robbie, ríspido, e, quanto ao mais, ignorando Thomas.

Thomas esperou. Depois de um curto intervalo:

— Eu disse que devíamos estar seguindo para o sul.

— Devíamos, sim — concordou Robbie —, e não estou detendo você. — Ele fez um gesto magnânimo com um braço. — Vá em frente!

— Você está desistindo da caça a de Taillebourg? — perguntou Thomas. Ele ficara sabendo o nome do padre por intermédio de Robbie.

— Não. — Robbie ainda estava de cabeça inclinada para trás enquanto olhava a suntuosidade do teto do transepto. — Vou encontrá-lo e então vou desventrar o bastardo.

Thomas não sabia o que era desventrar, mas concluiu que a palavra representava má notícia para de Taillebourg.

— Então, que diabo, por que é que você está aqui?

Robbie franziu o cenho. Ele tinha uma cabeleira espessa, de cabelos

encaracolados, e um rosto com nariz arrebitado que, à primeira vista, fazia com que parecesse um rapaz, embora um segundo olhar detectasse a força da linha do queixo e a dureza do olhar. Finalmente, ele voltou aqueles olhos para Thomas.

— O que não consigo aguentar — disse ele — são aqueles malditos sujeitos! Aqueles bastardos!

Passaram-se alguns segundos antes que Thomas percebesse que ele se referia aos soldados que tinham sido seus companheiros na viagem de Durham para York, os homens que agora estavam há duas horas seguindo para o sul, na estrada que ia para Londres.

— O que há de errado com eles?

— Você ouviu o que eles disseram ontem à noite? — A indignação de Robbie fervilhou, atraindo a atenção de dois homens que estavam num cavalete alto, onde pintavam a alimentação dos cinco mil na parede da nave. — E na noite anterior? — prosseguiu Robbie.

— Eles ficaram bêbados — disse Thomas —, mas nós também ficamos.

— Contando como foi que eles lutaram a batalha! — disse Robbie. — E ao ouvir os bastardos, dava a impressão de que nós fugimos!

— Fugiram — disse Thomas.

Robbie não o tinha ouvido.

— Dava a impressão de que nós não lutamos nada! Jactando-se, era o que eles estavam, e nós quase ganhamos. Está ouvindo? — Ele cutucou o peito de Thomas com um dedo agressivo. — Quase ganhamos, e aqueles bastardos faziam com que a gente parecesse covarde!

— Vocês perderam — disse Thomas.

Robbie olhou para Thomas como se não acreditasse no que ouvia.

— Nós fizemos vocês recuarem quase até metade do caminho

para a porcaria de Londres! Fizemos vocês correr! Mijando nas calças!

Quase vencemos, isso é que é, e aqueles bastardos estão se vangloriando. Só se vangloriando! Eu queria matar o bando todo!

Umas vinte pessoas estavam ouvindo. Dois peregrinos, que seguiam de joelhos até o santuário atrás do altar principal, olhavam boquiabertos para Robbie. Um padre franzira o cenho, nervoso, enquanto uma criança chupava o polegar e olhava perplexa para o homem de cabelos revoltos que gritava tanto.

— Está me ouvindo? — berrou Robbie. — Quase vencemos!

Thomas se afastou.

— Para onde está indo? — perguntou Robbie.

— Para o sul — disse Thomas.

Ele compreendia o constrangimento de Robbie. Os mensageiros, levando notícias sobre a batalha, não resistiam a embelezar a história da luta quando eram recebidos em castelo ou mosteiro, e com isso uma carnificina difícil, selvagem, tornara-se uma vitória fácil. Não era de admirar que Robbie ficasse ofendido, mas Thomas pouco ligava para isso. Ele se voltou e apontou para o escocês.

— Você devia ter ficado em casa.

Robbie deu uma cusparada de nojo e então ficou ciente da platéia.

— Fizemos vocês correrem — disse ele, inflamado, e depois deu saltos para chegar perto de Thomas. Sorriu, e havia na expressão dele um charme atraente.
— Eu não quis gritar com você — disse ele —, só estava zangado.

— Eu também — disse Thomas, mas a zanga era consigo mesmo e estava misturada com culpa e dor e não diminuiu enquanto os dois seguiam para o sul. Eles caíam na estrada em manhãs carregadas de

orvalho, cavalgavam através de nevoeiros de outono, encolhiam-se sob a batida de chuva, e a quase cada passo da viagem Thomas pensava em Eleanor. Lorde Outhwaite prometera sepultá-la e mandar rezar missas pela alma dela, e às vezes Thomas desejava estar compartilhando o túmulo com ela.

— E por que de Taillebourg está perseguindo você? — perguntou Robbie no dia em que eles partiram de York. Eles falavam em inglês, porque, apesar de Robbie ser da nobre casa de Douglas, não falava francês.

Por algum tempo Thomas não disse nada, e justo quando Robbie pensou que ele não iria responder coisa nenhuma ele deu uma risada de desdém.

— Porque — disse ele — o bastardo acredita que o meu pai possuía o Graal.

— O Graal! — Robbie fez o sinalda-cruz. — Ouvi dizer que ele estava na Escócia.

— Na Escócia? — perguntou Thomas, espantado. — Eu sei que Gênova alega estar com ele, mas a Escócia?

— E por que não? — Robbie eriçou-se. — Veja bem — ele abrandou o tom — ouvi dizer que também tem um na Espanha.

— Espanha?

— E se os espanhóis tiverem um — disse Robbie — os franceses também têm de ter um, e pelo que eu sei os portugueses também. —

Ele deu de ombros e voltou a olhar para Thomas. — Então seu pai tinha outro?

Thomas não sabia o que responder. Seu pai tinha sido intratável, louco, brilhante, difícil e torturado. Tinha sido um grande pecador e, apesar de tudo, bem que poderia ter sido um santo também. O padre

Ralph tinha rido dos alcances mais amplos da superstição, zombado dos ossos de porcos vendidos como relíquias de santos por monges que vendiam indulgências, e no entanto tinha pendurado uma lança antiga, escurecida e empenada nos caibros da igreja e dizia que era a lança de São Jorge. Ele nunca falara no Graal com Thomas, mas depois da sua morte Thomas ficara sabendo que a história de sua família estava entrelaçada com o Graal. Por fim decidiu contar a verdade a Robbie.

— Eu não sei — disse ele —, simplesmente não sei.

Robbie abaixou-se para passar sob um galho que crescera atravessado na estrada.

— Está me dizendo que este é o Graal verdadeiro?

— Se ele existir — disse Thomas, e uma vez mais perguntou-se se existia. Ele supunha que fosse possível, mas desejava que não fosse.

No entanto, fora incumbido do dever de descobrir, e por isso iria procurar o único amigo de seu pai e iria perguntar àquele homem sobre o Graal, e quando recebesse a resposta esperada iria voltar para a França e unir-se aos arqueiros de Skeat. O próprio Will Skeat, seu antigo comandante e amigo, estava detido em Caen, e Thomas não sabia se Will ainda estava vivo ou, se estivesse, se conseguia falar ou compreender ou até mesmo andar. Ele poderia descobrir enviando uma carta para Sir Guillaume d'Evêque, pai de Eleanor, e Will poderia receber um salvo-conduto em troca da liberação de algum nobre francês menos importante. Thomas iria pagar a Lorde Outhwaite com dinheiro saqueado do inimigo e depois, disse a si mesmo, encontraria consolo na prática de sua habilidade no arco e flecha, na matança dos inimigos do rei. Talvez de Taillebourg viesse e o achasse, e Thomas poderia matá-lo como se eliminasse um rato. E

quanto a Robbie? Thomas decidira que gostava do escocês, mas não se importava se ele ficasse ou fosse embora.

Robbie só entendia que de Taillebourg iria estar à procura de Thomas e por isso iria ficar ao lado do arqueiro até que pudesse matar o dominicano. Ele não tinha outra ambição, apenas a de vingar seu irmão: aquilo era um dever de família.

— Você toca num Douglas — disse ele a Thomas — e nós fatiamos você. Nós o esfolamos vivo. É uma disputa de sangue, entende?

— Mesmo se o assassino for o padre?

— Foi ele ou o criado dele — disse Robbie —, e o criado obedece ao patrão: seja como for, o padre é responsável, e por isso vai morrer.

Vou cortar a maldita garganta dele.

Cavalgou algum tempo em silêncio, então sorriu.

— E depois vou para o inferno, mas pelo menos haverá muitos Douglas fazendo companhia ao diabo. — Ele soltou uma gargalhada.

Eles levaram dez dias para chegar a Londres e, uma vez lá, Robbie fingiu não estar impressionado, como se a Escócia tivesse cidades daquele tamanho, um vale sim, outro não, mas depois de um certo tempo ele abandonou o fingimento e limitava-se a olhar impressionado os edifícios imponentes, as ruas cheias de gente e de bancas de mercado enfileiradas. Thomas usava as moedas de Lorde Outhwaite, e por isso puderam alojar-se numa taberna logo do lado de fora dos muros da cidade, ao lado do tanque de água para os cavalos em Smithfield e próximo do gramado no qual mais de trezentos comerciantes tinham suas bancas.

— E nem mesmo é dia de mercado? — exclamou Robbie, e então deu um puxão na manga de Thomas. — Olhe!

Um malabarista girava meia dúzia de bolas no ar — o que não tinha nada de extraordinário, porque qualquer feira do interior mostraria o mesmo —, mas aquele homem estava trepado em duas espadas, usando-as como pernas de pau, com os pés descalços apoiados na ponta das espadas.

— Como é que ele faz isso? — perguntou Robbie. — E olhe!

Um urso dançarino arrastava as patas ao som de uma flauta bem embaixo de um patíbulo do qual pendiam dois corpos. Era para lá que os criminosos de Londres eram levados para serem enviados rapidamente para o inferno. Os dois corpos estavam envoltos em correntes para manter a carne que apodrecia junto aos ossos, e o fedor de corpos em decomposição misturava-se com o cheiro de fumaça e o mau cheiro do gado amedrontado que era comprado e vendido no gramado, que se estendia entre o muro de Londres e o priorado de St. Bartholomew, onde Thomas pagou a um padre para rezar missas pelas almas de Eleanor e do padre Hobbe.

Thomas, fingindo para Robbie que estava muito mais familiarizado com Londres do que o estava na realidade, escolhera a taberna em Smithfield por nenhum outro motivo que não o de que a tabuleta representava duas flechas cruzadas. Aquela era apenas a sua segunda visita à cidade e ele estava tão impressionado, confuso, perplexo e surpreso quanto Robbie. Eles perambulavam pelas ruas, olhando boquiabertos as igrejas e as casas de nobres, e Thomas usou o dinheiro de Lorde Outhwaite para comprar botas novas, perneiras de couro de bezerro, um casaco de couro de boi e uma bela capa de lã. Ficou tentado por uma elegante navalha francesa num estojo de marfim, mas, sem saber o valor da

navalha, ficou com medo de estar sendo tapeado; reconheceu que podia roubar uma navalha do corpo

de um francês quando chegasse a Calais. Em vez da compra, pagou a um barbeiro para fazer-lhe a barba e depois, vestindo os novos trajes vistosos, gastou o preço da navalha não comprada com uma das mulheres da taberna, e, em seguida, ficou deitado com lágrimas nos olhos porque estava pensando em Eleanor.

— Existe algum motivo para estarmos em Londres? — perguntou Robbie aquela noite.

Thomas bebeu sua cerveja e acenou para a jovem para que trouxesse mais.

— Londres fica no nosso caminho para Dorset.

— É uma ótima razão.

Na verdade, Londres não estava no caminho entre Durham e Dorchester, mas as estradas para a capital eram muito melhores do que as que cortavam o interior, e por isso era mais rápido viajar passando pela grande cidade. No entanto, depois de três dias, Thomas sabia que eles tinham de seguir em frente, de modo que ele e Robbie cavalgaram para o oeste. Contornaram Westminster, e Thomas pensou, por um segundo, em visitar John Pryke, o capelão real enviado para acompanhá-lo a Durham e que caíra doente em Londres e agora vivia ou então morrera no hospital da abadia, mas Thomas não tinha estômago para conversar sobre o Graal e por isso seguiu viagem.

O ar ficou mais limpo à medida que eles avançavam pelo interior. Não era considerado seguro viajar por aquelas estradas, mas a fisionomia de Thomas estava tão fechada, que outros viajantes concluíam que ele era o perigo, não a presa. Ele estava com a barba por fazer, e, como sempre, vestido de preto, e o sofrimento dos últimos dias colocara rugas profundas em seu rosto magro. Com a

massa de cabelos desgrenhados de Robbie, os dois estavam parecidos com quaisquer outros vagabundos que perambulavam pelas estradas, exceto que aqueles estavam armados de meter medo. Thomas levava sua espada, seu arco e sua sacola de flechas, enquanto Robbie estava com a espada do tio, com o pedaço do cabelo de Sto. Andrew encaixado no punho. Sir William concluía

que praticamente não teria de usar a espada nos próximos anos, enquanto sua família tentava levantar o vultoso resgate, e por isso a emprestara a Robbie com o encorajamento para que fizesse bom uso dela.

— Você acha que de Taillebourg vai estar em Dorset? —

perguntou Robbie a Thomas enquanto eles seguiam sob uma picante chuva forte.

— Duvido.

— Então por que estamos indo?

— Porque ele pode acabar aparecendo por lá — disse Thomas —, ele e o maldito criado.

Ele nada sabia sobre o criado, exceto o que Robbie lhe contara: que o homem era exigente, elegante, moreno escuro e misterioso, mas Robbie nunca ouvira o nome dele. Thomas, achando difícil acreditar que um padre tivesse matado Eleanor, convencera-se de que o criado era o criminoso e por isso planejava fazer com que o homem sofresse em agonia.

A tarde já ia avançada quando eles se curvaram para passar pela porta leste de Dorchester. Um guarda de lá, alarmado pelas armas deles, mandou que se identificassem, mas desistiu quando Thomas respondeu em francês. Aquilo sugeria que ele era um aristocrata, e o guarda, emburrado, deixou passarem os dois homens a cavalo, e depois ficou observando enquanto eles subiam pela East Street,

passando pela igreja de Todos os Santos e pela prisão do condado. As casas ficavam mais prósperas à medida que se aproximavam do centro da cidade e, perto da igreja de São Pedro, as casas dos mercadores de lã poderiam não ficar deslocadas em Londres. Thomas sentia o cheiro dos matadouros atrás das casas, onde os açougueiros exerciam sua tarefa, e depois ele levou Robbie até Cornhill, passando pela casa do fabricante de utensílios de estanho, que gaguejava e tinha um olho gázeo, e depois pelo ferreiro, onde certa vez comprara algumas pontas de flecha. Ele conhecia a maioria daquelas pessoas. O

Homem-cão, um mendigo sem pernas que ganhara o apelido porque bebia água do rio Cerne lambendo como um cachorro, arfava pela South Street sobre os tijolos de madeira amarrados nas mãos. Dick Adyn, irmão do carcereiro da

cidade, guiava três ovelhas morro acima e fez uma parada para dirigir um benévolo insulto a Willie Palmer, que estava fechando sua loja de artigos de malha. Um jovem padre entrou apressado num beco abraçando um livro e desviou os olhos de uma mulher agachada na sarjeta. Uma lufada de vento soprou fumaça de madeira para a rua. Dorcas Galton, cabelos castanhos erguidos num coque, sacudiu um tapete de uma janela de um andar superior e deu uma risada devido a algo que Dick Adyn disse. Todos falavam com o mesmo sotaque local, sonoro, carregado e zumbidor, como o de Thomas, e este quase fez o cavalo parar para falar com eles, mas Dick Adyn olhou para ele e depois desviou rápido o olhar e Dorcas bateu com a janela, fechando-a. Robbie parecia ameaçador, mas o ar sombrio de Thomas era ainda mais amedrontador, e nenhum dos moradores da cidade reconheceu-o como o filho bastardo do último padre que Hookton tivera. Eles o reconheceriam se ele se apresentasse, mas a guerra mudara Thomas. Ela lhe dera uma

dureza que repelia os estranhos. Ele saíra de Dorset ainda criança, mas voltara como um dos melhores matadores de Eduardo da Inglaterra, e quando ele saiu da cidade pela porta sul um guarda desejou a ele e a Robbie que bons ventos os levassem e disselhes que não voltassem.

— Vocês têm sorte por não estarem na cadeia! — bradou o homem, encorajado pela sua cota de malha municipal e sua lança antiga.

Thomas parou o cavalo, voltou-se na sela e apenas olhou para o homem, que de repente achou motivo para voltar para o beco ao lado da porta. Thomas cuspiu e seguiu em frente.

— Sua cidade? — perguntou Robbie, mordaz.

— Agora, não — disse Thomas, e se perguntou onde ficava a cidade em que ele morava, e por algum motivo estranho La Roche-Derrien penetrou, sem ser convidada, em seus pensamentos e ele se viu recordando Jeanette Chenier em sua magnífica casa à margem do rio Jaudy, e aquela lembrança de um velho amor fez com que ele se sentisse culpado uma vez mais pelo que acontecera com Eleanor.

— Onde fica a sua cidade? — perguntou ele a Robbie, para não se aprofundar em recordações.

— Eu cresci perto de Langholm.

— Onde fica isso?

— À beira do rio Esk — disse Robbie —, não muito longe, ao norte da fronteira. É uma região inóspita, isso ela é. Não é como aqui.

— Esta região do interior é boa — disse Thomas, conciliador.

Ele ergueu os olhos para os altos muros verdes do Castelo Maiden, onde o diabo brincava na Véspera do Dia de Todos os Santos e onde codornizes agora emitiam sua canção dissonante. Havia

amoras silvestres maduras nas cercas vivas e, à medida que as sombras se alongavam, filhotes de raposa faziam suas investidas sorrateiras à beira dos campos. Poucos quilômetros adiante, e o crepúsculo quase se tornara noite, mas ele agora sentia o cheiro do mar e imaginava que podia ouvi-lo, sugando e rolando sobre o cascalho grosso de Dorset. Aquela era a hora dos fantasmas, quando as almas dos mortos cintilavam nas margens da visão dos homens e quando as pessoas de bem iam depressa para casa, para sua lareira, seu sapé e suas portas trancadas. Um cachorro uivou em uma das aldeias.

Thomas havia pensado em seguir até Down Mapperley, onde Sir Giles Marriott, o senhor de Hookton entre outras aldeias, tinha o seu solar, mas estava tarde e ele não achava prudente chegar ao solar depois do anoitecer. Além do mais, Thomas queria ver Hookton antes de falar com Sir Giles, e por isso dirigiu seu cavalo cansado em direção ao mar e conduziu Robbie sob o vulto gigantesco do monte Lipp.

— Matei meus primeiros homens lá em cima daquele monte —

jactou-se ele.

— Com o arco?

— Quatro deles — disse Thomas — com quatro flechas.

Aquilo não era de todo verdade, porque ele devia ter disparado sete ou oito flechas, talvez mais, mas ainda assim matara quatro dos assaltantes que tinham atravessado o Canal para saquear Hookton. E

agora ele estava bem dentro da sombra crepuscular do vale do mar de Hookton e

via o agitar das ondas que arrebatavam, com um cintilar branco no lusco-fusco adiantado enquanto cavalgava pela margem do rio até o local em que seu pai havia pregado e morrido.

Ninguém morava lá agora. Os assaltantes tinham deixado a

aldeia morta. As casas foram incendiadas, o telhado da igreja desabara e os aldeões estavam enterrados num cemitério sufocado por urtigas, espinhos e cardos. Fazia quatro anos e meio que o grupo assaltante desembarcara em Hookton liderado pelo primo de Thomas, Guy Vexille, o conde de Astarac, e pelo pai de Eleanor, Sir Guillaume d'Evecque. Thomas tinha matado quatro dos besteiros e isso fora o começo de sua vida de arqueiro. Ele abandonou os estudos em Oxford e até aquele momento nunca voltara a Hookton.

— Aqui era a minha cidade — disse ele a Robbie.

— O que aconteceu?

— Os franceses — disse Thomas, e fez um gesto para o mar às escuras. — Eles vieram da Normandia.

— Jesus. — Robbie, por algum motivo, estava surpreso. Sabia que as terras fronteiriças da Inglaterra e da Escócia eram lugares onde prédios eram incendiados, o gado roubado, as mulheres estupradas e os homens mortos, mas nunca imaginara que isso acontecia tão ao sul assim. Deixou o corpo escorregar do cavalo e andou até uma pilha de urtigas que tinha sido um chalé. — Havia uma aldeia aqui?

— Uma aldeia de pescadores — disse Thomas e encaminhou-se pelo que certa vez tinha sido a rua, para o lugar onde as redes tinham sido remendadas e as mulheres defumavam o peixe. A casa de seu pai era um monte de madeiras queimadas, agora cobertas de convólculo.

Os outros chalés estavam na mesma situação, o sapé e a latada reduzidos a cinza e imundície. Só a igreja a oeste do rio era reconhecível, as paredes altas abertas para o céu. Thomas e Robbie amarraram os cavalos a aveleiras novas no cemitério e levaram a bagagem para dentro da igreja em ruínas. Já estava escuro demais para uma exploração, mas Thomas não conseguia dormir e por isso

foi até a praia e recordou aquela manhã de Páscoa quando os navios normandos

encalharam no cascalho e os homens chegaram gritando de madrugada, com armas e bestas, machados e fogo. Eles tinham chegado à procura do Graal. Guy de Vexille acreditava que ele estava em poder do tio dele, e por isso o Arlequim havia passado a aldeia de Hookton na espada. Ele a incendiara, destruíra e saíra dela sem o Graal.

O rio fazia seu barulhinho enquanto se contorcia dentro do Hook de cascalho para ir se encontrar com o grande barulho do mar.

Thomas sentou-se no Hook, envolto em sua nova capa, com o grande arco preto ao lado. O capelão, John Pryke, falara sobre o Graal no mesmo tom reverente que o padre Hobbe usava quando falava da relíquia. O Graal, dissera o padre Pryke, não era apenas o cálice do qual Cristo bebera o vinho na Última Ceia, mas o receptáculo no qual o sangue de Cristo ao morrer caíra da cruz.

— Longino — tinha dito o padre Pryke em seu estilo excitável —

era o centurião que estava embaixo da cruz e, quando a lança desferiu o doloroso golpe, ele ergueu o cálice para apagar o sangue!

Como, perguntava-se Thomas, o cálice foi da sala superior, onde Cristo fizera sua última refeição, para a posse de um centurião romano? E, o que era ainda mais estranho, como é que ele chegara até Ralph Vexille? Ele fechou os olhos, oscilando para trás e para a frente, com vergonha de sua descrença. O padre Hobbe sempre o chamara de Thomas Duvidador.

— Você não deve procurar explicações — dissera o padre Hobbe repetidas vezes — porque o Graal é um milagre. Ele transcende explicações.

— C'est une tasse magique — acrescentara Eleanor, somando

implicitamente a sua reprovação à do padre Hobbe.

Thomas queria muito acreditar que se tratasse de um cálice mágico. Queria acreditar que o Graal existia fora do campo de visão humano, atrás de um véu de descrença, uma coisa meio visível, tremeluzente, maravilhosa, suspensa em luz e brilhando como fogo morto. Queria acreditar que um dia o Graal iria adquirir substância e que de seu bojo, que contivera o vinho e o sangue de Cristo, fluiriam paz e purificação. No entanto, se Deus quisesse que o mundo estivesse em paz e se Ele quisesse que a doença fosse derrotada, por que iria esconder o

Graal? A resposta do padre Hobbe tinha sido de que a humanidade não era digna de segurar a taça, e Thomas se perguntava se aquilo era verdade. Haveria alguém que fosse digno? E

talvez, pensou Thomas, se o Graal tinha qualquer poder mágico, este era o de exagerar os defeitos e as virtudes daqueles que o procuravam.

O padre Hobbe tornara-se mais santificado em sua busca e o estranho padre e seu criado moreno, mais malignos. Era como uma daquelas lentes de cristal que os joalheiros usavam para aumentar a sua obra, só que o Graal era um cristal que ampliava o caráter. O que, perguntava-se Thomas, ele revelava sobre si mesmo? Ele se lembrava de seu constrangimento diante da idéia de se casar com Eleanor, e de repente começou a chorar, sacudir-se com soluços, chorar mais do que já tinha chorado desde que ela fora assassinada. Ele sacudia o corpo para a frente e para trás, a dor tão profunda quanto o mar que batia no cascalho, e que era tornada pior por saber que ele era um pecador, sem absolvição, com a alma condenada ao inferno.

Ele tinha saudades daquela mulher, odiava a si mesmo, sentia-se vazio, solitário e condenado, e por isso, na aldeia morta de seu pai, ele chorava.

começou a chover mais tarde, uma chuva constante que ensopou a capa nova e esfriou Thomas e Robbie até os ossos. Eles tinham acendido uma fogueira que bruxuleava fracamente na velha igreja, chiando sob a chuva e dando a eles uma pequena ilusão de calor.

— Por aqui tem lobos? — perguntou Robbie.

— Deve haver — disse Thomas —, embora eu nunca tenha visto nenhum.

— Nós temos lobos em Eskdale — disse Robbie —, e de noite os olhos deles têm um brilho vermelho. Como fogo.

— Aqui há monstros no mar — disse Thomas. — Os corpos deles vêm dar na praia, às vezes, e é possível encontrar os ossos nos rochedos. Às vezes, mesmo em dias calmos, homens não voltavam da pesca e a gente sabia que os monstros os tinham pegado. — Ele estremeceu e benzeu-se.

— Quando o meu avô morreu — disse Robbie — os lobos rodeavam a casa e uivavam.

— A casa é grande?

Robbie pareceu surpreso com a pergunta. Pensou nela por um instante, e confirmou com a cabeça.

— É — disse ele. — Meu pai é proprietário de terras.

— Um senhor?

— Como um senhor — disse Robbie.

— Ele não estava na batalha?

— Ele perdeu uma perna e um braço em Berwick. Por isso nós, os filhos, temos de lutar por ele.

Ele disse que era o caçula de quatro filhos homens.

— Três agora — disse ele, benzendo-se e pensando em Jamie.

Eles dormiram mal, acordaram, tremeram de frio, e ao amanhecer Thomas voltou ao Hook para ver o novo dia filtrar-se cinzento ao longo do horizonte irregular do mar. A chuva parara, apesar de um vento frio retalhar as cristas das ondas. O cinza transformou-se num branco leproso, depois prateado quando as gaivotas chegaram sobre a longa faixa de cascalho onde, no alto da encosta do Hook, ele encontrou os restos de quatro estacas castigadas pelo tempo. Elas não estavam ali quando ele partira, mas embaixo de uma delas, meio enterrado em pedras, estava um amarelado pedaço de crânio e ele imaginou que aquele era um dos besteiros que ele matara com o seu longo arco preto naquele dia de Páscoa. Quatro estacas, quatro homens mortos, e Thomas supôs que as quatro cabeças estavam colocadas sobre as estacas para olharem para o mar até que as gaivotas arrancassem seus olhos com o bico e retalhassem a carne para deixar os crânios expostos.

Thomas olhou para a aldeia em ruínas, mas não conseguiu ver ninguém. Robbie ainda estava no interior da igreja, da qual saía um fiozinho de fumaça, mas fora isso Thomas estava sozinho com as gaivotas. Não havia nem mesmo ovelhas, cabeças de gado ou cabritos no monte Lipp. Ele se afastou da costa, os pés esmagando o cascalho, e então percebeu que ainda tinha na mão a curva quebrada de crânio e atirou-a no rio no qual os barcos pesqueiros eram

inundados para livrá-los dos ratos e então, sentindo fome, foi apanhar o pedaço de

queijo duro e pão preto do alforje que deixara ao lado da porta da igreja. As paredes da igreja, agora que podia vê-las de forma adequada à luz do dia, pareciam mais baixas do que ele se lembrava, talvez porque o pessoal local tivesse chegado com carroças e levado as pedras para paredes de galpões, chiqueiros ou casas. Dentro da igreja havia apenas um emaranhado de espinhos, urtigas e alguns pedaços retorcidos de madeira queimada havia muito cobertos por capim.

— Quase fui morto aqui — disse a Robbie, e descreveu como os assaltantes tinham batido na porta da igreja enquanto ele quebrava com os pés as vidraças de osso da janela leste e pulava para o cemitério. Lembrava-se de que seu pé havia esmagado o cálice de prata usado nas missas enquanto passava desajeitado por cima do altar.

Será que aquele cálice de prata era o Graal? Soltou uma gargalhada ao pensar naquilo. O cálice usado na missa era uma taça de prata, onde estava gravada a insígnia dos Vexille, e aquela insígnia, recortada da taça esmagada, estava agora presa ao arco de Thomas. Era tudo o que restava da velha taça, mas não tinha sido o Graal. O Graal era muito mais velho, muito mais misterioso e muito mais amedrontador.

O altar há muito que desaparecera, mas havia uma tigela de barro, rasa, nas urtigas no local onde ele se erguia. Thomas afastou as plantas com os pés e apanhou a tigela, lembrando-se que seu pai a enchia com hóstias antes da missa, cobria, com um pano de linho, e levava-a depressa para a igreja, zangando-se se nenhum dos aldeões tirava o chapéu e se inclinava para o sacramento enquanto ele passava. Thomas tinha chutado a tigela ao subir para o altar a fim de fugir dos franceses, e ela ainda ali estava. Ele deu um sorriso triste,

pensou em guardar a tigela, mas jogou-a de volta para as urtigas. Os arqueiros deviam viajar com pouca bagagem.

— Vem vindo alguém — avisou-o Robbie, correndo para apanhar a espada do tio. Thomas pegou o arco e tirou uma flecha da sacola, e naquele exato momento ouviu a batida de patas e o latido de cães de caça. Foi até as ruínas na porta e viu uma dúzia de grandes galgos veadeiros espadanando pelo rio com línguas

pendendo entre os dentes; ele não teve tempo para correr deles, só de espremer-se contra a parede enquanto os cães corriam para ele.

— Argos! Maera! Para trás! Comportem-se! — berrou o cavalariano aos seus cães, reforçando as ordens com o estalar de um chicote acima da cabeça deles, mas os animais cercaram Thomas e pularam nele. Mas não com ameaça: lambiam-lhe o rosto e abanavam o rabo.

— Orthos! — berrou o caçador para um daqueles cães, e só então olhou firme para Thomas.

Este não o reconheceu, mas era evidente que os cães o conheciam e isso proporcionou uma pausa ao caçador.

— Jake — disse Thomas.

— Meu doce Jesus Cristo! — disse Jake. — Doce Cristo! Vejam o que a maré nos trouxe. Orthos! Argos! Parem com isso e afastem-se, seus bastardos, parem com isso e afastem-se! — O chicote estalou forte, e os cães, ainda agitados, recuaram. Jake abanou a cabeça. — É

Thomas, não?

— Como vai, Jake?

— Estou mais velho — disse Jake Churchill, mal-humorado, e então desceu do cavalo, forçou a passagem por entre os cães e saudou Thomas com um abraço. — Foi o maldito do seu pai quem deu nome

a esses cães. Ele achou que era uma piada. É um prazer ver você, rapaz.

Jake estava com uma barba grisalha, o rosto moreno como uma castanha, devido ao tempo, e a pele cheia de cicatrizes devido a inúmeros arbustos com espinhos. Ele era o principal caçador de Sir Giles Marriott e ensinara Thomas a atirar com um arco, a espreitar um veado e a andar pelo interior escondido e em silêncio.

— Bom Deus Todo-Poderoso, rapaz — disse ele —, mas você cresceu um bocado. Olha só para o seu tamanho!

— Os rapazes crescem, Jake — disse Thomas, e fez um gesto em direção a

Robbie. — É um amigo meu.

Jake cumprimentou o escocês com a cabeça e empurrou os cães para longe de Thomas. Os cães, com os seus nomes tirados da mitologia grega e latina, ganiram agitados.

— E que diabo vocês dois estão fazendo aqui? — quis saber Jake.

— Deviam ter ido até o solar, como cristãos!

— Nós chegamos tarde — explicou Thomas — e eu queria ver o local.

— Não há nada para ver aqui — disse Jake, com desdém. —

Agora só tem lebres.

— Você agora caça lebres?

— Eu não trago dez pares de cães para pegar lebres, rapaz. Não, o filho de Lally Gooden viu vocês dois esgueirando-se por aqui à noite passada e por isso Sir Giles me mandou para ver o que vocês estavam tramando. Tivemos uma dupla de vagabundos tentando se instalar aqui na primavera e eles tiveram que ser obrigados a seguir caminho na base do chicote. E na semana passada dois estrangeiros andaram furtivamente por aqui.

— Estrangeiros? — perguntou Thomas, sabendo que Jake bem podia estar querendo dizer apenas que os estrangeiros tinham vindo da paróquia vizinha.

— Um padre e seu criado — disse Jake —, e se ele não fosse padre, eu teria soltado os cachorros em cima dele. Não gosto de estrangeiros, não acho nada de interessante neles. Esses seus cavalos parecem estar com fome. Vocês dois também. Querem tomar o desjejum? Ou vão ficar aí e mimar esses malditos cães de tanto tapinha?

Eles cavalgaram de volta para Down Mapperley, atravessando a pequena aldeia atrás dos cães. Thomas se lembrava que a aldeia era grande, com o dobro do tamanho de Hookton, e quando era menino achava que ela era quase uma cidade, mas agora via como era pequena. Pequena e baixa, de modo que montado a cavalo ele ficava mais alto do que os chalés com telhado de sapé que tinham parecido tão suntuosos quando ele era menino. Os montes de estrume ao lado de

cada chalé eram da altura do sapé. O solar de Sir Giles Marriott, logo depois da aldeia, também era coberto de sapé, com o telhado cheio de musgo chegando quase até o chão.

— Ele vai ficar contente por ver você — prometeu Jake.

E Sir Giles ficou mesmo. Ele agora era um homem idoso, um viúvo que antigamente desconfiara da rebeldia de Thomas mas agora o recebia como a um filho perdido.

— Você está magro, rapaz, muito magro. Não é bom um homem ser magro. Vocês dois querem tomar o desjejum? Pudim de ervilha e um pouco de cerveja, é o que temos. Ontem teve pão, mas hoje não.

Quando é que vamos fazer mais pão, Gooden? — A pergunta foi feita para um criado.

— Hoje é quarta-feira, excelência — disse o criado, em tom de recriminação.

— Amanhã então — disse Sir Giles a Thomas. — Pão amanhã, sem pão hoje. Dá azar fazer pão às quartas-feiras. O pão de quarta-feira envenena a gente. Eu devo ter comido o de segunda-feira. Você disse que é escocês? — Dirigia-se a Robbie.

— Sou, excelência.

— Eu pensava que todos os escoceses tivessem barba — disse Sir Giles. — Havia um escocês em Dorchester, não havia, Gooden? Você se lembra dele? Ele tinha barba. Ele tocava gaiterna e dançava bem.

Você deve se lembrar dele.

— Ele era das ilhas Scilly — disse o criado.

— Foi o que acabei de dizer. Mas ele tinha barba, não tinha?

— Tinha, Sir Giles. Uma barba grande.

— Pois é isso então. — Com uma colher, Sir Giles levou um pedaço de pudim de ervilha a uma boca na qual só restavam dois dentes. Era gordo, de cabelos brancos e rosto corado e tinha pelo menos cinquenta anos de idade. — Hoje já não posso andar a cavalo, Thomas — admitiu. — Já não sirvo para nada, a não ser ficar sentado por aí olhando o tempo. Jake lhe disse que uns estrangeiros andaram rondando aqui?

— Disse, excelência.

— Um padre! Batina preta e branca, como uma pega. Queria conversar sobre o seu pai e eu disse que não havia nada a dizer. O

padre Ralph morreu, disse eu, e que Deus dê descanso à sua pobre alma.

— O padre perguntou por mim, excelência? — indagou Thomas.

Sir Giles sorriu.

— Eu disse que não via você há anos e esperava nunca mais

tornar a vê-lo, e então o criado dele me perguntou onde ele poderia procurar por você e eu disse a ele que não falasse com seus superiores sem permissão. Ele não gostou! — Ele fez um muxoxo. — Então a pega fez perguntas sobre seu pai e eu disse que praticamente não o conhecera. Era mentira, claro, mas ele acreditou em mim e retirou-se.

Coloque um pouco de lenha naquele fogo, Gooden. Se dependesse de você, um homem poderia morrer congelado dentro de sua própria casa.

— Então o padre foi embora, excelência? — perguntou Robbie.

Não parecia normal de Taillebourg aceitar uma negativa e humildemente ir embora.

— Ele ficou com medo dos cachorros — disse Sir Giles, ainda achando graça.

— Eu estava com alguns cães aqui, e se ele não estivesse vestido como uma pega eu os teria soltado, mas não se deve matar padres. Sempre há encrenca depois. O diabo vem e apronta das suas se você matar um padre. Mas eu não gostei dele e disse que não tinha certeza quanto ao tempo que poderia manter os cães sob controle. Há um pouco de presunto na cozinha. Gostaria de um pouco

de presunto, Thomas?

— Não, excelência.

— Eu detesto o inverno.

Sir Giles olhou para a lareira ampla, onde as chamas agora estavam enormes. O solar tinha vigas escurecidas pela fumaça que sustentavam o imenso telhado de sapé. Em uma das extremidades, um biombo de madeira entalhada escondia a cozinha, enquanto os aposentos particulares ficavam na outra ponta, apesar de que desde que a mulher morrera Sir Giles não usava mais os aposentos pequenos, mas vivia, comia e dormia ao lado da lareira do salão.

— Acho que este vai ser o meu último inverno, Thomas.

— Espero que não, excelência.

— Você pode esperar o que bem quiser, mas eu não vou durar até o fim. Não quando o gelo chegar. Hoje em dia não é possível manter-se aquecido, Thomas. O frio penetra em você, morde a sua medula, e eu não gosto disso. Seu pai também não gostava. — Ele agora estava olhando fixo para Thomas. — Seu pai sempre dizia que você iria embora. Para Oxford, não. Ele sabia que você não gostava de lá. Era como chicotear um corcel entre as pernas, era o que ele costumava dizer. Ele sabia que você iria fugir e ser um soldado. Ele sempre disse que você tinha um sangue de rebelde. — Sir Giles sorriu ao recordar-se. — Mas ele também dizia que você voltaria para casa um dia. Dizia que você iria voltar para mostrar a ele o belo homem em que se transformara.

Thomas piscou para afastar as lágrimas. Será que seu pai realmente dissera aquilo?

— Voltei desta vez — disse ele — para lhe fazer uma pergunta, excelência. A mesma pergunta, acho eu, que o padre francês queria fazer ao senhor.

— Perguntas! — resmungou Sir Giles. — Jamais gostei de perguntas. Elas precisam de resposta, entende? É claro que você quer presunto! O que quer dizer com “não”? Gooden? Peça à sua filha para desembulhar aquele presunto, sim?

Sir Giles pôs-se de pé e atravessou o salão arrastando os pés, até uma grande arca de carvalho escuro, envernizado. Ergueu a tampa e, gemendo pelo esforço

de se curvar, começou a rebuscar entre as roupas e botas que se misturavam lá dentro.

— Descobri agora, Thomas — continuou ele —, que não preciso

de perguntas. Eu me sento no tribunal do solar de duas em duas semanas e sei se eles são culpados ou inocentes no momento em que são levados para o recinto! Veja bem, nós temos de fingir que não é assim, não temos? Ora, onde está ele? Ah! — Ele encontrou o que quer que estivesse procurando e levou-o para a mesa. — Pronto, Thomas, dane-se a sua pergunta e aqui está a sua resposta.

Empurrou o pacote para o outro lado da mesa.

Era um pequeno objeto embrulhado numa aniagem antiga.

Thomas teve uma absurda premonição de que aquilo era o próprio Graal e ficou ridiculamente decepcionado quando descobriu que o pacote continha um livro. A capa do livro era uma peça de couro macio, quatro ou cinco vezes maior do que as páginas, que podia ser usada para embrulhar o volume que, quando Thomas o abriu, revelou estar escrito na caligrafia de seu pai. Thomas folheou as páginas depressa, descobrindo notas escritas em latim, grego e uma língua estranha que ele achou que devia ser hebraico. Voltou para a primeira página, onde estavam escritas apenas três palavras e, lendo-as, sentiu o sangue esfriar. “*Calix meus inebrians*”.

— É a sua resposta? — perguntou Sir Giles.

— É, excelência.

Sir Giles deu uma espiada na primeira página.

— Isso daí é latim, não é?

— É, sim, excelência.

— Achei que fosse. Olhei, é claro, mas não consegui entender nada e não quis perguntar a Sir John — este era o padre da igreja de São Pedro em Dorchester — nem àquele advogado, como é o nome dele? aquele que baba quando fica agitado. Ele fala latim, ou diz que fala. O que está escrito aí?

— “Minha taça me deixa embriagado” — disse Thomas.

— “Minha taça me deixa embriagado”! — Sir Giles achou aquilo esplendidamente engraçado. — É, o juízo de seu pai estava bem à deriva. Um bom homem, um bom homem, mas nossa...! “Minha taça me deixa embriagado”!

— É de um dos salmos — disse Thomas, passando para a segunda página, que estava escrita na língua que ele achava ser hebraico, embora houvesse algo estranho nela. Um dos símbolos repetidos parecia um olho humano, e Thomas nunca vira aquilo na escrita hebraica antes, embora, com toda sinceridade, ele tivesse visto poucos textos em hebraico.

— É do salmo, excelência — continuou ele —, que começa dizendo “Deus é o nosso pastor”.

— Ele não é o meu pastor — resmungou Sir Giles. — Eu não sou a porcaria de uma ovelha.

— Nem eu, excelência — declarou Robbie.

— Ouvi dizer — Sir Giles olhou para Robbie — que o rei da Escócia foi feito prisioneiro.

— Foi, excelência? — perguntou Robbie, mostrando inocência.

— Provavelmente um absurdo — replicou Sir Giles, e então começou a contar uma longa história sobre conhecer um escocês barbudo em Londres, e Thomas ignorou a história para dar uma olhada nas páginas do livro de seu pai. Ele sentia uma espécie de estranha decepção, porque o livro sugeria que a procura pelo Graal era justificada. Ele queria alguém que lhe dissesse que aquilo era um absurdo, para liberá-lo da escravidão do cálice, mas seu pai tinha levado o caso a sério o bastante para escrever aquele livro. Mas seu pai, lembrou Thomas a si mesmo, tinha sido um louco.

Mary, filha de Gooden, trouxe o presunto. Thomas conhecia Mary desde quando os dois eram crianças que brincavam em poças de água suja e a cumprimentou com um sorriso, reparando em que Robbie olhava fixo para ela, como se se tratasse de uma aparição vinda do céu. Mary tinha cabelos compridos e lábios cheios e Thomas estava certo de que Robbie estaria descobrindo mais do que uns

poucos rivais em Down Mapperley. Ele esperou até Mary se retirar e então ergueu o livro.

— Meu pai alguma vez falou com o senhor sobre isso, excelência?

— Ele falava sobre tudo — disse Sir Giles. — Falava como uma mulher. Não parava nunca! Eu era amigo de seu pai, Thomas, mas nunca fui muito um homem interessado em religião. Se ele falava muito nela, eu pegava no sono. Ele gostava disso. — Sir Giles fez uma pausa para cortar uma fatia de presunto. — Mas seu pai era maluco.

— Vossa Excelência acha que isto é loucura? — Thomas tornou a erguer o livro.

— Seu pai era louco por Deus, mas não era bobo. Nunca conheci um homem com tanto senso comum, e disso eu sinto falta. Sinto falta dos conselhos.

— Aquela moça trabalha aqui? — perguntou Robbie fazendo um gesto para o biombo atrás do qual Mary desaparecera.

— Desde que nasceu — disse Sir Giles. — Você se lembra de Mary, Thomas?

— Tentei afogá-la quando nós dois éramos crianças — disse Thomas. Ele tornou a folhear o livro do pai, apesar de naquele momento não ter tempo de extrair quaisquer significados das palavras embaralhadas. — Vossa Excelência sabe o que é isto, não sabe?

Sir Giles fez uma pausa e sacudiu a cabeça.

— O que eu sei, Thomas, é que muitos homens querem o que seu pai diz ter possuído.

— Então ele fez mesmo essa afirmação?

Outra pausa.

— Dava a entender — disse Sir Giles, pesaroso —, e eu não invejo você.

— Eu?

— Porque ele me deu esse livro, Thomas, e disse que se alguma coisa

acontecesse a ele eu deveria guardá-lo até que você tivesse idade bastante e ficasse homem bastante para assumir a tarefa. Foi o que ele disse. — Sir Giles olhou para Thomas e viu o filho de seu velho amigo vacilar. — Mas se vocês dois quiserem ficar algum tempo aqui — disse ele — será um prazer. Jake Churchill precisa de ajuda. Ele me disse que nunca viu tantos filhotes de raposa, e se não matarmos alguns dos bastardos haverá massacres incomuns entre as ovelhas no ano que vem.

Thomas olhou para Robbie. A tarefa deles era achar de Taillebourg e vingar a morte de Eleanor, do padre Hobbe e do irmão de Robbie, mas não era provável, achava ele, que o dominicano fosse voltar ali. Contudo Robbie queria ficar: Mary Gooden tinha sido a causa. E Thomas estava cansado. Ele não sabia onde procurar o padre e por isso a chance de ficar naquele solar era muito bem-vinda. Seria uma oportunidade para estudar o livro e assim acompanhar seu pai pela longa e tortuosa trilha do Graal.

— Nós vamos ficar, excelência — disse Thomas.

Por uns tempos.

foi a primeira vez que Thomas viveu como um senhor. Não um grande senhor, talvez, não como um conde ou duque com dezenas de homens para comandar, mas ainda com privilégio, refestelado no solar — ainda que o solar fosse um solar de madeira coberto de sapé, com um chão de terra batida —, com os dias à sua disposição para passar o tempo, enquanto outras pessoas faziam o trabalho duro da vida, de cortar lenha, tirar água do poço, ordenhar vacas, bater manteiga, bater massa de fazer pão e lavar roupa. Robbie estava mais acostumado com aquilo, mas reconhecia que a vida era muito mais fácil em Dorset.

— Lá na minha terra — disse ele — há sempre alguns malditos assaltantes ingleses vindos pela montanha para roubar o nosso gado ou levar os nossos grãos.

— Enquanto você — disse Thomas — jamais sonharia em ir até o sul e roubar dos ingleses.

— Por que eu iria até mesmo pensar numa coisa dessas? —

perguntou Robbie sorrindo.

E assim, enquanto o inverno se fechava sobre a terra, eles caçavam nos acres de Sir Giles Marriott para deixar os campos seguros para a estação de nascimento de ovelhas e levar carne de veado para a mesa de Sir Giles; bebiam nas tabernas de Dorchester e riam dos pantomimeiros que foram para a feira do inverno. Thomas encontrou

velhos amigos e contou-lhes histórias sobre a Bretanha, a Normandia e a Picardia, algumas das quais eram verdadeiras, e ganhou a flecha de ouro na disputa de arco e flecha da feira e a deu de presente a Sir Giles, que a pendurou no solar e declarou que era o troféu mais bonito que ele já vira.

— Meu filho sabia atirar bem com um arco. Muito bem. Eu gostaria de pensar que ele poderia ter ganhado esse troféu.

O único filho de Sir Giles tinha morrido de febre e a única filha estava casada com um cavaleiro que tinha terras em Devon, e Sir Giles não gostava nem do genro nem da filha.

— Eles vão herdar a propriedade quando eu morrer — disse a Thomas —, de modo que é bom você e Robbie desfrutarem dela agora.

Thomas convenceu-se de que não estava ignorando a procura do Graal por causa das horas que passava debruçado no livro do pai. As páginas eram de papel velino grosso, caro e raro, o que mostrava o quanto aquelas anotações eram importantes para o padre Ralph, mas mesmo assim para Thomas elas faziam pouco sentido. Grande parte do livro era de histórias. Uma delas contava que um cego, ao acariciar o cálice, ganhara a visão, mas depois, decepcionado com a aparência do Graal, tornara a perdê-la. Uma outra contava que um guerreiro mouro tentara roubar o Graal e por sua infidelidade fora transformado numa serpente. A história mais longa era sobre Perceval, um cavaleiro da antiguidade que saiu numa cruzada e descobriu o Graal no túmulo de Cristo. Dessa vez, a palavra latina usada para descrever o Graal era *crater*, que significava *crater* a, enquanto em outras páginas era *calix*, um cálice, e Thomas se

perguntou se havia algum significado na distinção. Se seu pai tivesse possuído o Graal, será que não teria sabido se era um cálice ou uma *crater* a? Ou talvez não houvesse realmente diferença. Fosse como fosse, a longa história dizia que a *crater* a ficara numa prateleira no túmulo de Cristo, a plena vista de todos os que entravam no sepulcro, tanto peregrinos cristãos como seus inimigos pagãos, mas

só quando Sir Perceval entrou na gruta de joelhos foi que o Graal foi visto por alguém, porque Sir Perceval era um homem de retidão e por isso digno de estar de olhos abertos. Sir Perceval tirou a *crater* a, levando-a de volta para a cristandade, onde planejava construir um santuário digno do tesouro, mas, registrava laconicamente a história,

“ele morreu”. O pai de Thomas tinha escrito embaixo a seguinte conclusão abrupta: “Sir Perceval era conde de Astarac e era conhecido por outro nome. Ele se casou com uma Vexille.”

— Sir Perceval! — Sir Giles estava impressionado. — Ele era membro de sua família, hein? Seu pai nunca falou disso comigo. Pelo menos, acho que não. Peguei no sono durante muitas de suas histórias.

— Em geral, ele zombava de histórias como esta — disse Thomas.

— Nós costumamos zombar daquilo que tememos — observou Sir Giles, sentencioso. De repente sorriu. — Jake me disse que vocês pegaram aquela velha raposa macho perto das Cinco Marias.

As Cinco Marias eram antigos túmulos em forma de montes que os moradores do local diziam ter sido cavados por gigantes e Thomas nunca compreendera por que os túmulos eram seis.

— Não foi lá — disse Thomas —, mas atrás de White Nothe.

— Atrás de White Nothe? No alto dos rochedos? — Sir Giles

olhou fixo para Thomas e depois deu uma risada. — Vocês estiveram nas terras de Holgate! Seus safados!

Sir Giles, que sempre reclamara violentamente quando Thomas fazia incursões secretas nas suas terras para tirar coisas, agora achava aquela rapinagem contra um vizinho muitíssimo divertida.

— Ele é uma mulher velha, o Holgate. Então, está entendendo esse livro?

— Quem dera que eu soubesse — disse Thomas olhando fixo para o nome Astarac.

Tudo o que ele sabia era que Astarac era um feudo ou condado no sul da França e a residência da família Vexille antes que fosse declarada rebelde e herege. Aprendera igualmente que Astarac ficava perto do interior cátaro, perto o bastante para que a influência perniciosa pegasse os Vexille, e quando, cem anos antes, o rei francês e a verdadeira Igreja tinham expulsado os hereges da região à base da fogueira, também tinham obrigado os Vexille a fugir. Agora parecia que o lendário Sir Perceval era um Vexille? Parecia, entretanto, a Thomas que quanto mais ele penetrava no mistério, mais intrincado este ficava.

— Alguma vez meu pai lhe falou sobre Astarac, excelência? —

perguntou a Sir Giles.

— Astarac? O que é isso?

— É o lugar de onde veio a família dele.

— Não, não, ele cresceu em Cheshire. Era o que sempre me dizia.

Mas Cheshire não passara de um refúgio, um lugar para se esconder da Inquisição: seria lá que o Graal estava escondido agora?

Thomas virou uma página e encontrou um longo trecho descrevendo como uma coluna assaltante tentara atacar a torre de Astarac e tinha

sido rechaçada pela visão do Graal. “Ele os ofuscou” — escrevera o padre Ralph — “e com isso 364 deles foram mortos.” Uma outra página registrava que era impossível um homem contar uma mentira enquanto apoiasse a mão no Graal, “caso contrário, ele será fulminado”. Uma mulher estéril receberia o dom de ter filhos acariciando o Graal, e se um homem bebesse dele na Sexta-Feira Santa teria garantido um vislumbre “daquela com quem ele se casará no céu”. Uma outra história relatava que um cavaleiro, transportando o Graal através de um campo desolado, foi perseguido por pagãos e, quando tudo parecia perdido, Deus enviou uma águia imensa que o pegou, pegou seu cavalo e o precioso Graal e levou-os para o céu, deixando os guerreiros pagãos uivando de raiva frustrada.

Uma frase era copiada repetidas vezes nas páginas do livro:

“*Transfer calicem istem a me*”, e Thomas podia sentir o sofrimento e a frustração de seu pai ressaltados da frase repetida. “Tire este cálice de mim” era o que

significavam as palavras, e eram as mesmas que Cristo dissera no Jardim das Oliveiras ao implorar a Deus Pai que o poupasse da dor de ficar pendurado na árvore. Às vezes a frase era escrita em grego, uma língua que Thomas estudara mas nunca dominara por completo; conseguia decifrar a maioria do texto em grego, mas o hebraico continuava um mistério.

Sir John, o antigo vigário da igreja de São Pedro, concordou em que era um tipo estranho de hebraico.

— Já esqueci todo o hebraico que aprendi na vida — disse ele a Thomas —, mas não me lembro de ter visto uma letra como esta! —

Apontou para o símbolo que parecia um olho humano. — Muito estranho, Thomas, muito estranho. É quase hebraico. — Ele fez uma pausa, e depois disse, pesaroso: — Se ao menos Nathan ainda

estivesse aqui.

— Nathan?

— Foi antes do seu tempo, Thomas. Nathan coletava sanguessugas e as mandava para Londres. Os médicos de lá davam um grande valor às sanguessugas de Dorset, sabia disso? Mas, é claro, Nathan era judeu e foi embora com os outros.

Os judeus tinham sido expulsos da Inglaterra havia quase cinquenta anos, um acontecimento ainda fresco na memória do padre.

— Ninguém até agora descobriu onde ele encontrava as sanguessugas — prosseguiu Sir John —, e às vezes eu me pergunto se ele rogou alguma praga nelas. — Olhou para o livro com o cenho franzido. — Este livro pertenceu ao seu pai?

— Pertenceu.

— Pobre padre Ralph — disse Sir John, dando a entender que o livro devia ser produto de uma loucura. Fechou o volume e com cuidado envolveu as páginas na capa de couro macio.

Não havia sinal de Bernard de Taillebourg nem notícias dos amigos de Thomas na Normandia. Escreveu uma carta difícil a Sir Guillaume contando como a filha

dele tinha morrido e pedindo qualquer notícia de Will Skeat, que Sir Guillaume tinha levado para Caen a fim de ser tratado por Mordecai, o médico judeu. A carta foi para Southampton e de lá para Guernsey, e Thomas estava certo de que seria encaminhada para a Normandia, mas nenhuma resposta chegou até o Natal, e Thomas pensou que ela estivesse perdida.

Escreveu também a Lorde Outhwaite, assegurando-lhe que estava sendo assíduo em sua busca e contando algumas das histórias do livro de seu pai.

Lorde Outhwaite mandou uma resposta que dava os parabéns a Thomas pelo que ele descobrira e depois revelava que Sir Geoffrey Carr tinha partido para a Bretanha com meia dúzia de homens.

Corria o rumor, informava Lorde Outhwaite, de que as dívidas do Espantalho eram maiores do que nunca, “motivo, talvez, pelo qual ele tenha ido para a Bretanha”. Não seria apenas a esperança de butim que teria levado o Espantalho a La Roche-Derrien, mas a lei que diz que um devedor não seria obrigado a pagar suas dívidas enquanto servisse o rei no exterior. “Você vai atrás do Espantalho?”, perguntava Sir Outhwaite, e Thomas enviou uma resposta dizendo que já estaria em La Roche-Derrien quando Lorde Outhwaite lesse aquelas palavras, e então não fez coisa alguma quanto a sair de Dorset. Era a época de Natal, disse consigo, e ele sempre gostara do Natal.

Sir Giles celebrou os doze dias de festas em grande estilo. Não comia carne desde o primeiro domingo do Advento, o que não foi propriamente um sacrifício, porque ele adorava enguias e peixe, mas na véspera de Natal só comeu pão, preparando-se para a primeira festividade da temporada. Doze colmeias vazias foram levadas para o salão e decoradas com raminhos de hera e azevinho; uma vela enorme, grande o bastante para ficar acesa durante a temporada toda, foi colocada na mesa alta, e um imenso tronco para alimentar a lareira, e os vizinhos de Sir Giles foram convidados para beber vinho e cerveja e comer carne de boi, javali, veado, ganso e paio. A taça cheia de clarete aquecido e temperado com especiarias foi passada pelo salão, e Sir Giles, como fazia todas as noites de Natal, chorou pela esposa falecida e estava bebedamente adormecido quando as velas se exauriram. Na quarta noite das festas de Natal, Thomas e

Robbie uniram-se aos *hogglers*^{*} e, disfarçados de fantasmas e homens verdes e brincalhões, saracotearam em volta da paróquia extorquindo recursos para a

Igreja. Foram até Dorchester, invadindo duas outras paróquias pelo caminho, e meteram-se numa briga com os hogglers da de Todos os Santos e acabaram a noite na cadeia de Dorchester, da qual foram soltos por um George Adyn que achou graça no incidente e serviu-lhes uma jarra de cerveja e um dos famosos pudins de porco capado feitos por sua mulher. A festa da Décima Segunda Noite foi um javali que Thomas matou com uma lança, e, depois que ele foi comido, e quando os convidados estavam deitados, meio bêbados e saciados, nos juncos do salão, começou a nevar. Thomas ficou na porta e via os flocos girando à luz de uma tocha tremeluzente.

— Temos de partir em breve. — Robbie fora juntarse a ele.

— Partir?

— Temos trabalho a fazer — disse o escocês.

Thomas sabia que aquilo era verdade, mas não queria ir embora.

— Pensei que você estivesse bem feliz aqui.

— E estou mesmo — disse Robbie —, e Sir Giles é mais generoso do que eu mereço.

— E daí?

— É a Mary — disse Robbie. Ele ficou constrangido e não terminou.

— Grávida? — arriscou Thomas.

Robbie benzeu-se.

— Parece que sim.

Thomas olhou para a neve.

— Se der a ela dinheiro suficiente para constituir um dote —
disse ele —, ela vai se sustentar.

— Só me sobraram três libras — disse Robbie. Ele tinha recebido uma bolsa do tio, Sir William, com dinheiro que deveria dar para um ano.

— Isso deve ser o suficiente — disse Thomas. A neve girou numa lufada de vento.

— Eu vou ficar sem nada! — protestou Robbie.

— Devia ter pensado nisso antes de lavar o campo — disse Thomas, lembrando-se de que estivera exatamente naquela situação desagradável com uma jovem em Hookton. Ele voltou para o salão, onde um harpista e um flautista tocavam música para os bêbados.

— Devemos partir — disse ele —, mas não sei para onde.

— Você não disse que queria ir para Calais?

Thomas deu de ombros.

— Acha que de Taillebourg vai nos procurar por lá?

— O que eu acho — disse Robbie — é que assim que ele souber que você está com aquele livro irá atrás de você até o inferno.

Thomas sabia que Robbie tinha razão, mas o livro não estava se mostrando de muita valia. Em trecho algum dizia especificamente que o padre Ralph possuía o Graal, nem descrevia um lugar onde um pesquisador pudesse procurar por ele. Thomas e Robbie tinham procurado. Tinham vasculhado as grutas à beira-mar nos rochedos perto de Hookton, onde encontraram madeira lançada à costa pelo mar, lapas e algas marinhas. Não encontraram qualquer taça de ouro meio escondida no cascalho. Portanto, para onde ir agora? Onde procurar? Se Thomas fosse para Calais, iria juntarse ao exército, mas ele duvidava que de Taillebourg fosse procurá-lo no cerne do exército da Inglaterra. Talvez, pensou, devesse voltar para a Bretanha, e sabia que não era o Graal nem a necessidade de enfrentar de Taillebourg

que o atraía a La Roche-Derrien, mas a idéia de que Jeanette Chenier podia ter voltado para casa. Ele pensava muito nela, pensava nos seus cabelos pretos, no seu espírito forte e na sua rebeldia, e sempre que pensava nela sentia culpa por causa de Eleanor.

A neve não demorou. Derreteu, e do oeste veio uma chuva forte para açoitar a costa de Dorset. Um grande navio inglês naufragou na costa de cascalho de

Chesil e Thomas e Robbie levaram uma das carroças de Sir Giles até a praia e, com a ajuda de Jake Churchill e dois de seus filhos, lutaram para afastar vinte outros homens para salvar seis fardos de lã, que levaram para Down Mapperley e deram de presente a Sir Giles, o qual, com isso, ganhou a renda de um ano em um único dia.

E, na manhã seguinte, o padre francês chegou a Dorchester.

Notas:

* Camponeses da classe mais baixa que, durante as comemorações religiosas, fantasiavam-se para conseguir dinheiro para a igreja de sua localidade (Oxford, 1963). (N. do E.)

a notícia foi levada por George Adyn.

— Sei que vocês disseram que a gente devia ficar de olho em estrangeiros — disse ele a Thomas —, e esse é estrangeiro de verdade.

Vestido de padre, mas quem sabe? Parece um vagabundo. É só você dizer — piscou para Thomas —, e a gente vai dar uma surra de chicote no malandro e mandá-lo para Shaftsbury.

— O que é que eles vão fazer com ele lá? — perguntou Robbie.

— Dar mais uma surra de chicote e mandá-lo de volta — disse George.

— Ele é dominicano? — perguntou Thomas.

— Como é que vou saber? Ele está falando rápido e de modo incoerente. Não fala direito, como um cristão.

— De que cor é a batina dele?

— Preta, claro.

— Vou falar com ele — disse Thomas.

— Ele só fica falando sem sentido. Excelência! — Esta exclamação foi para

saudar Sir Giles, e Thomas então teve que esperar enquanto os dois homens discutiam a saúde de vários primos e sobrinhos e outros parentes, e era quase meio-dia quando ele e Robbie entraram a cavalo em Dorchester. Thomas pensou, pela milésima vez, em como aquela cidade era boa e como seria um prazer morar ali.

O padre foi levado para o pequeno pátio da cadeia. Estava um dia

lindo. Dois melros saltitavam no muro alto e um acônito floria no canto do pátio. O padre era um jovem, muito baixo, com um nariz achatado, olhos salientes e cabelos pretos eriçados. Vestia uma batina tão surrada, rasgada e manchada, que não era de admirar que os guardas tivessem pensado que aquele homem fosse um vagabundo; um engano que deixara o pequeno padre indignado.

— É assim que os ingleses tratam os servos de Deus? O inferno é bom demais para vocês, ingleses! Vou contar ao bispo e ele vai contar ao arcebispo e este vai comunicar ao Santo Padre, e vocês todos serão declarados excomungados! Vão ser excomungados!

— Percebeu o que eu disse? — perguntou George Adyn. — Ele estrila como uma raposa macho, mas não faz sentido.

— Ele está falando francês — disse Thomas, e depois voltou-se para o padre. — Qual é o seu nome?

— Quero ver o bispo agora. Aqui!

— Qual é o seu nome?

— Tragam-me o padre local.

— Primeiro vou ter de socar seus malditos ouvidos — disse Thomas. — Agora, como é o seu nome?

Ele se chamava padre Pascal e acabara de suportar uma viagem de extraordinário desconforto, atravessando os mares de inverno, da Normandia, de um lugar ao sul de Caen. Viajara primeiro para Guernsey e depois para Southampton, de onde seguira a pé, e tinha feito tudo isso sem saber nada de inglês. Para Thomas, era um milagre o padre Pascal ter chegado tão longe. E parecia um milagre ainda maior que o padre Pascal tivesse sido mandado a Hookton por Evecque com

uma mensagem para Thomas.

Sir Guillaume d'Evecque o enviara, ou melhor, o padre Pascal se

oferecera para fazer a viagem, e era urgente, porque ele trazia um pedido de socorro. Evecque estava sendo sitiado.

— É terrível! — disse o padre Pascal.

Àquela altura, acalmado e tranquilizado, ele estava ao lado da lareira no Três Galos, onde comia ganso e bebia bragget, uma mistura aquecida de hidromel e cerveja escura.

— É o conde de Coutances que o está sitiando. O conde!

— Por que é tão terrível? — perguntou Thomas.

— Porque o conde é o senhor feudal dele! — exclamou o padre, e Thomas compreendeu por que o padre Pascal dissera que a situação era terrível. Sir Guillaume tinha suas terras como benefício feudal do conde e, ao fazer guerra contra o seu arrendatário, o conde estava automaticamente declarando Sir Guillaume um fora-da-lei.

— Mas por quê? — perguntou Thomas.

O padre Pascal deu de ombros.

— O conde diz que é por causa do que aconteceu na batalha. O

senhor sabe o que aconteceu na batalha?

— Sei — disse Thomas, e por estar traduzindo para Robbie, tinha que explicar o caso de qualquer maneira.

O padre referia-se à batalha que tinha sido lutada no verão anterior, perto da floresta em Crécy. Sir Guillaume estivera no exército francês, mas no meio da luta ele vira seu inimigo, Guy Vexille, e voltara os seus soldados contra os de Vexille.

— O conde diz que isso é traição — explicou o padre —, e o rei o está apoiando.

Thomas não disse nada por um instante.

— Como foi que o senhor soube que eu estava aqui? —
perguntou por fim.

— O senhor mandou uma carta a Sir Guillaume.

— Achei que ela não tinha chegado até ele.

— Claro que chegou. No ano passado. Antes dessa confusão começar.

Sir Guillaume estava em dificuldades, mas o seu solar de Evecque, disse o padre Pascal, era feito de pedra e tinha o benefício de um fosso, e até agora o conde de Coutances achara impossível derrubar o muro ou atravessar o fosso, mas o conde tinha dezenas de homens, enquanto Sir Guillaume contava com uma guarnição de apenas nove.

— Há algumas mulheres também — o padre Pascal atacou uma perna de ganso com os dentes —, mas elas não contam.

— Ele tem alimentos?

— Bastante, e o poço é bom.

— Então ele pode resistir por algum tempo?

O padre deu de ombros.

— Talvez sim? Talvez não? Ele acha que sim, mas eu sei lá! E o conde tem uma máquina, um... — Ele franziu o cenho tentando encontrar a palavra.

— Um trabuco? [**](#)

— Não, não, uma springald! — Uma springald era como uma besta possante que disparava uma seta enorme. O padre Pascal arrancou o último pedaço de carne que estava no osso. — Ela é muito lenta, e uma vez quebrou. Mas eles a consertaram. Ela bombardeia o muro. Ah, e seu amigo está lá — balbuciou ele de boca cheia.

— Meu amigo?

— Skeat, é esse o nome? Ele está lá com o médico. Já pode falar e está andando. Está muito melhor. Mas não reconhece as pessoas, a não ser que elas falem.

— A não ser que elas falem? — perguntou Thomas, intrigado.

— Se ele vir o senhor — explicou o padre —, não o reconhecerá.

Então, o senhor fala e ele o reconhece. — Ele tornou a dar de ombros.

— Estranho, não? — Ele bebeu o último gole da jarra. — Então, o que vai fazer, *monsieur*?

— O que é que Sir Guillaume quer que eu faça?

— Ele o quer por perto, para a eventualidade de precisar fugir, mas escreveu uma carta ao rei explicando o que aconteceu na batalha. Eu mandei a carta para Paris. Sir Guillaume acha que o rei poderá compadecer-se, e por isso espera uma resposta. Mas eu? Eu acho que Sir Guillaume está como este ganso. Depenado e cozido.

— Ele disse alguma coisa sobre a filha dele?

— Filha dele? — O padre Pascal estava intrigado. — Ah! A filha bastarda? Ele disse que o senhor iria matar quem a tivesse matado.

— E vou também.

— E que ele quer a sua ajuda.

— Ele vai ter — disse Thomas. — Partiremos amanhã. — Olhou para Robbie.

— Vamos voltar para a guerra.

— Por quem estarei lutando?

Thomas sorriu.

— Por mim.

Notas:

[**No original, *trébuchet*. Antes de ser, também, a denominação de](#)

[uma arma de fogo, trabuco foi uma máquina de guerra na Idade](#)

[Média, similar à catapulta. \(N. do T.\)](#)

thomas, Robbie e o padre partiram na manhã seguinte. Thomas levou uma muda de roupa, uma sacola cheia de flechas, seu arco, sua espada e sua cota de malha e, envolto numa pele de veado, o livro de seu pai, que parecia uma peça de bagagem pesada. Na verdade, era mais leve do que um molhe de flechas, mas o dever que a sua posse significava pesava na consciência de Thomas. Ele dissera a si mesmo que estava apenas indo ajudar Sir Guillaume, mas sabia que estava continuando a busca do segredo de seu pai.

Dois dos locatários de Sir Giles seguiam com eles, para levar de volta a égua que o padre Pascal montava e os dois garanhões que Sir Giles comprara de Thomas e Robbie.

— Vocês não vão querer leválos num navio — dissera Sir Giles.

— Cavalos e navios não combinam.

— Ele nos pagou demais — observou Robbie enquanto se afastavam.

— Ele não quer que o genro dele pegue o dinheiro — disse Thomas. — Além do mais, é um homem generoso. Deu a Mary Gooden outras três libras também. Para o dote dela. Ele é um homem de sorte.

Alguma coisa no tom de voz de Thomas chamou a atenção de Robbie.

— “Ele” é? Você quer dizer que ela arranjou um marido?

— Um ótimo rapaz. Um construtor de telhados de sapé em Tolpuddle. Eles vão se casar na semana que vem.

— Na semana que vem! — Robbie parecia magoado pelo fato de que sua namorada ia se casar. Não importava que ele a estivesse abandonando, aquilo atingia o seu orgulho. — Mas por que ele iria se casar com ela? — perguntou depois de um instante. — Ou será que não sabe que ela está grávida?

— Ele pensa que o filho é dele — disse Thomas mantendo-se sério — e, pelo que ouvi falar, até que pode ser.

— Jesus! — Robbie blasfemou quando aquilo fez sentido, e depois voltou-se para olhar para a estrada atrás dele e sorriu, lembrando-se dos bons tempos. — Ele é um homem bom — disse ele a respeito de Sir Giles.

— Um homem solitário — disse Thomas. Sir Giles não queria que eles fossem embora, mas admitia que não podiam ficar.

Robbie farejou o ar.

— Vem mais neve por aí.

— Nunca!

Era uma manhã de suave luz do sol. Açafreão e acônito surgiam em pontos protegidos e as cercas vivas estavam barulhentas com os seus tentilhões e papos-roxos. Mas Robbie sentira de fato o cheiro de neve. À medida que o dia avançava, os céus tornaram-se baixos e cinzentos, o vento foi para o leste e atingiu o rosto deles com uma nova mordida e a neve veio atrás. Eles encontraram abrigo na casa de um guarda-florestal no bosque, instalando-se apertados com o homem, a mulher, cinco filhas e três filhos. Duas vacas tinham um estábulo em uma das extremidades da casa e quatro bodes estavam amarrados na outra. O padre Pascal confidenciou a Thomas que

aquilo se parecia muito com a casa na qual ele crescera, mas ele queria saber se as convenções na Inglaterra eram as mesmas que as do Limousin.

— Convenções? — perguntou Thomas.

— Na nossa casa — disse o padre Pascal enrubescendo — as mulheres mijavam com as vacas, e os homens, com os bodes. Não quero fazer a coisa errada.

— Aqui é a mesma coisa — garantiu Thomas.

O padre Pascal revelara-se um bom companheiro. Tinha uma bela voz e, depois que eles compartilharam sua comida com o guarda-florestal e sua família, cantou algumas canções francesas. Em seguida, enquanto a neve ainda caía e a fumaça da lareira girava espessa sob o telhado, sentou-se e conversou com Thomas. Ele tinha sido o padre da aldeia em Evecque e, quando o conde de Coutances atacou, refugiou-se no solar.

— Mas eu não gosto de ficar engaiolado — disse, e por isso se oferecera para levar a mensagem de Sir Guillaume à Inglaterra. Fugira de Evecque, prosseguiu, primeiro atirando suas roupas por cima do fosso e depois nadando para pegá-las. — Estava frio — disse —, nunca senti tanto frio! Mas considere comigo mesmo que era melhor sentir frio do que ficar no inferno, mas não sei. Foi terrível.

— O que Sir Guillaume quer que a gente faça? — perguntou Thomas.

— Ele não disse. Talvez, se os sitiadores fossem dissuadidos...? —

Ele deu de ombros. — Acho que o inverno não é uma boa época para um sítio. No interior de Evecque, eles estão com conforto, estão aquecidos, têm a safra estocada, e os sitiadores? Estão lá fora, molhados e com frio. Se você puder fazer com que eles fiquem com

um desconforto ainda maior, quem sabe? Talvez abandonem o cerco.

— E o senhor? O que vai fazer?

— Não deixei nada por fazer em Evecque — disse o padre. Sir Guillaume tinha sido declarado traidor e seus bens confiscados, de modo que os servos tinham sido levados para as propriedades do conde de Coutances, enquanto a maioria de seus locatários, saqueados e estuprados pelos sitiadores, tinha fugido. — De modo que talvez eu vá para Paris. Não posso ir procurar o bispo de Caen.

— Por que não?

— Porque ele enviou homens para ajudar o conde de Coutances.

— O padre Pascal abanou a cabeça, numa triste perplexidade. — O

bispo ficou empobrecido pelos ingleses no verão — explicou —, e por isso precisa de dinheiro, terra e produtos, e espera conseguir alguma coisa de Evecque. A ganância é uma grande provocadora de guerras.

— No entanto o senhor está do lado de Sir Guillaume?

O padre Pascal deu de ombros.

— Ele é um homem bom. Mas agora? Agora tenho de olhar para Paris para uma

promoção. Ou talvez Dijon. Tenho um primo lá.

Eles seguiram, com dificuldade, para o leste nos dois dias seguintes, atravessando as charnecas mortas da Nova Floresta, que jaziam sob uma brancura macia. À noite, as luzinhas das aldeias na floresta brilhavam forte no frio. Thomas tinha medo de que chegassem à Normandia tarde demais para ajudar Sir Guillaume, mas essa dúvida não era motivo suficiente para abandonar a tentativa, e por isso eles seguiram com dificuldade. Os últimos poucos quilômetros até Southampton foram percorridos através de um lodo semiderretido de lama e neve, e Thomas se perguntou como iriam chegar à Normandia, que era uma província inimiga. Duvidava que

alguma embarcação fosse até lá saindo de Southampton, porque qualquer barco inglês que se aproximasse da costa da Normandia corria o risco de ser assaltado por piratas. Sabia que muitos navios estariam seguindo para a Bretanha, mas de lá até Caen era uma longa caminhada.

— Iremos passando pelas ilhas, claro — disse o padre Pascal.

Eles passaram uma noite numa taberna e na manhã seguinte acharam lugar no *Ursula*, um cargueiro com destino a Guernsey que transportava barris de carne de porco salgada, pequenos barris de pregos, aduelas de barril, lingotes de ferro, vasos acondicionados em serragem, peças de lã, feixes de flechas e três engradados de chifres de bovinos. Transportava também doze arqueiros que viajavam para a guarnição do castelo que protegia o ancoradouro no porto de S.

Pedro. Se viesse um forte vento do oeste, disse o capitão do *Ursula*, dúzias de navios que transportavam vinho da Gasconha para a Inglaterra poderiam ser empurradas pelo Canal, e o porto de S. Pedro era um de seus últimos portos de refúgio, embora os marinheiros franceses também soubessem disso, e quando fazia mau tempo os navios deles se acumulavam ao largo da ilha, tentando pegar uma presa ou duas.

— Isso quer dizer que eles estarão à nossa espera? — perguntou Thomas. A ilha de Wight começava a ser vista da popa, e o navio mergulhava num mar com a cor cinza do inverno.

— À nossa espera, não, isso eles não vão fazer. Eles conhecem o *Ursula*. — O capitão, um homem desdentado com um rosto horivelmente marcado por cicatrizes de varíola, sorriu. — Eles conhecem este navio e o adoram.

O que significava, era de presumir, que ele tinha pago suas taxas aos homens de Cherburgo e Carteret. No entanto, não pagara taxa alguma a Netuno ou a qualquer que fosse o espírito que governava o mar de inverno, porque, embora ele alegasse uma previsão especial de ventos e ondas e afirmasse que os dois seriam calmos, o *Ursula* jogava como um sino balançando numa viga: para cima e para baixo, caindo com tanta força que a carga deslizava no porão com um barulho que parecia um trovão; e o céu do anoitecer estava cinzento como a morte, e então o granizo começou a fazer com que a água dilacerada parecesse ferver. O capitão, agarrado ao leme de ginga com um sorriso nos lábios, disse que aquilo não era nada, exceto um pequeno vendaval que não devia deixar preocupado nenhum bom cristão, mas outros de sua tripulação tocavam o crucifixo pregado no único mastro ou então inclinavam a cabeça para um pequeno santuário no convés de ré, onde uma rústica imagem de madeira estava envolta em fitas brilhantes. A imagem era tida como sendo de Santa Úrsula, a padroeira dos navios, e Thomas rezou para ela enquanto se agachava num pequeno espaço sob a coberta de proa, ostensivamente abrigando-se ali com os outros passageiros, mas as juntas do convés acima deles estavam abertas e uma mistura de água da chuva e água do mar estava sempre passando por elas. Três dos arqueiros ficaram enjoados e até mesmo Thomas, que já atravessara o canal duas vezes e tinha sido criado entre pescadores e passado dias a bordo dos pequenos barcos deles, sentia-se mal. Robbie, que nunca estivera no mar, parecia animado e interessado em tudo o que acontecia a bordo.

— São esses navios redondos — gritou acima do barulho —, eles jogam!

— Você conhece navios, não? — perguntou Thomas.

— Parece óbvio — disse Robbie.

Thomas tentou dormir. Enrolou-se na capa molhada, encolheu-se todo e ficou tão quieto quanto lhe permitia o navio que jogava e, o que foi impressionante, pegou no sono. Acordou uma dúzia de vezes naquela noite, sempre se perguntou onde estava, e quando se lembrava queria saber que em algum momento a noite acabaria ou ele voltaria a sentir calor.

O amanhecer foi de um cinzento doentio e o frio penetrava os ossos de Thomas, mas a tripulação estava mais animada, porque o vento cessara e o mar estava apenas mal-humorado, as longas ondas raiadas de espuma subindo e descendo indolentes contra um grupo malvado de rochedos que parecia ser o lar de uma

infinidade de aves marinhas. Eram a única terra à vista.

O capitão atravessou o convés a passos pesados para ficar ao lado de Thomas.

— Os Casquets — disse ele fazendo um gesto com a cabeça em direção aos rochedos. — Muitas viúvas foram feitas nessas velhas pedras.

Ele fez o sinalda-cruz, cuspiu por cima da amurada do navio para dar sorte e ergueu os olhos para uma fenda nas nuvens que aumentava.

— Estamos no horário — disse ele —, graças a Deus e a Úrsula. —

Olhou de soslaio para Thomas. — O que os leva até as ilhas?

Thomas pensou em mentir, inventar uma desculpa, a família, talvez, mas depois achou que a verdade poderia resultar em algo mais interessante.

— Queremos seguir para a Normandia — disse.

— Eles não gostam muito de ingleses na Normandia desde que o nosso rei lhes fez uma visita no ano passado.

— Eu estava lá.

— Então deve saber por que eles não gostam da gente.

Thomas sabia que o capitão estava certo. Os ingleses tinham matado milhares em Caen, depois queimaram fazendas, moinhos e aldeias numa grande área a leste e ao norte. Era uma maneira cruel de fazer guerra, mas podia levar o inimigo a sair de suas fortalezas e dar combate. Sem dúvida era por isso que o conde de Coutances estava sitiando as terras de Evecque, na esperança de que Sir Guillaume fosse atraído para fora de seus muros de pedra para defendê-las. Só que Sir Guillaume tinha apenas nove homens e não podia ter a esperança de enfrentar o conde numa batalha aberta.

— Temos negócios em Caen — admitiu Thomas —, se é que conseguiremos chegar lá.

O capitão meteu o dedo numa narina e depois deu um peteleco em alguma coisa,

jogando-a ao mar.

— Procure o Troi Fers — disse.

— O quê?

— Troi Fers — repetiu. — É um navio, e esse é o nome dele. É

francês. Ele não é grande, não é maior do que aquela banheira pequena. — Apontou para um barco de pesca pequeno, o casco alcatroado, do qual dois homens lançavam redes com pesos no mar picado perto dos Casquets. — Um homem chamado Peter Feio dirige o Troi Fers. Ele poderia levar vocês a Caen, ou talvez a Carteret ou Cherburgo. Eu não disse nada a vocês.

— Claro que não — disse Thomas.

Ele supunha que o capitão queria dizer que Peter Feio comandava um barco chamado Les Trois Frères. Olhou para o barco de pesca e se

perguntou que tipo de vida era tirar o seu sustento daquele mar agitado com uma rede. Era mais fácil, sem dúvida, contrabandear lã para a Normandia e vinho ao voltar para as ilhas.

Durante toda a manhã eles seguiram para o sul até que finalmente acharam terra. Uma pequena ilha ficava a leste, distante, e uma maior, Guernsey, a oeste, e das duas erguiam-se pilares de fumaça de fogões que prometiam abrigo e comida quente, mas embora aquela promessa flutuasse no céu o vento voltou, a maré virou e o *Ursula* levou o resto do dia para entrar no porto, onde ancorou sob o gigantesco vulto do castelo construído sobre a ilha rochosa. Thomas, Robbie e o padre Pascal foram levados em terra num barco a remo e encontraram uma trégua do vento frio numa taberna com um fogo aceso numa ampla lareira, ao lado da qual comeram cozido de peixe e pão preto regados a cerveja aguada.

Dormiram em sacos com enchimento de palha que eram moradia de piolhos.

Passaram-se quatro dias até Peter Feio, cujo nome verdadeiro era Pierre Savon, entrar no porto e mais dois dias até que estivesse pronto para partir de novo, com uma carga de lã sobre a qual não haveria pagamento de direitos. Ele teve prazer em aceitar passageiros, apesar de só por um preço que deixou Robbie e Thomas sentindo-se roubados. O padre Pascal foi transportado de graça, por ser

normando e padre, o que significava, segundo Pierre o Feio, que Deus o amara duas vezes e por isso não deveria afundar Les Trois Frères enquanto o padre Pascal estivesse a bordo.

Deus devia amar mesmo o padre, porque enviou um vento oeste brando, céus claros e mares calmos, de modo que Les Trois Frères parecia voar na sua viagem para o rio Orne. Eles subiram para Caen

com a maré, chegando de manhã, e assim que chegaram em terra o padre Pascal abençoou Thomas e Robbie e depois suspendeu a batina surrada e começou a caminhar para leste, em direção a Paris. Thomas e Robbie, levando pesadas trouxas de malha, armas, flechas e mudas de roupa, seguiram para o sul, atravessando a cidade.

Caen não parecia melhor do que quando Thomas a deixara no ano anterior depois de ter sido devastada por arqueiros ingleses que, desrespeitando ordens do rei para que parassem o ataque, atravessaram em massa o rio e mataram centenas de homens e mulheres dentro da cidade. Robbie olhava perplexo para a destruição na Île St. Jean, a parte mais nova de Caen, a que mais sofrera com o saque inglês. Poucas das casas incendiadas tinham sido reconstruídas, e havia costelas, crânios e ossos longos à mostra na lama do rio na margem da maré que baixava. As lojas estavam quase vazias, embora alguns habitantes do interior estivessem na cidade vendendo alimentos em carroças, e Thomas comprou peixe seco, pão e um queijo duro como pedra. Algumas pessoas olhavam de soslaio para a vara de seu arco, mas ele lhes garantia que era escocês e, com isso, aliado da França.

— Eles têm arcos bons na Escócia, não têm? — perguntou a Robbie.

— Claro que temos.

— Então por que vocês não os usaram em Durham?

— Não tínhamos uma quantidade suficiente — disse Robbie. —

Além do mais, preferimos matar vocês, seus bastardos, de perto. Para termos a certeza de que morreram, entende? — Ele olhou boquiaberto para uma jovem que carregava um balde de leite. —

Estou apaixonado.

— Se tem peitos, você se apaixona — disse Thomas. — Vamos andando.

Ele levou Robbie para a casa de Sir Guillaume na cidade, o lugar em que conhecera Eleanor, e apesar de o timbre de Sir Guillaume, de três falcões, ainda estar entalhado em pedra acima da porta, agora havia um novo estandarte balançando sobre a casa: uma bandeira mostrando um javali corcunda com grandes presas.

— De quem é essa bandeira? — Thomas tinha atravessado a pequena praça para falar com um tanoeiro que martelava um anel de ferro para encaixá-lo nos flancos de um novo barril.

— É do conde de Coutances — disse o tanoeiro —, e o bastardo já aumentou os nossos aluguéis. E eu não me importo se você trabalha para ele. — Ele endireitou o corpo e franziu o cenho ao olhar para a vara do arco. — Você é inglês?

— Écossais — disse Thomas.

— Ah! — O tanoeiro ficou intrigado e inclinou-se mais para perto de Thomas. — É verdade, *monsieur* — perguntou —, que vocês pintam a cara de azul nas batalhas?

— Sempre — disse Thomas —, e o traseiro também.

— Formidable! — disse o tanoeiro, impressionado.

— O que é que ele está dizendo? — perguntou Robbie.

— Nada.

Thomas apontou para o carvalho plantado no centro da pequena praça. Umas poucas folhas enrugadas ainda pendiam dos galhos.

— Fui enforcado naquela árvore — disse a Robbie.

— É, e eu sou o papa de Avignon. — Robbie ergueu sua trouxa. —

Perguntou a ele onde podemos comprar cavalos?

— Os cavalos são caros — disse Thomas —, e achei que poderíamos nos poupar o trabalho de comprá-los.

— Somos andarilhos agora?

— É verdade — disse Thomas.

Ele guiou Robbie para sair da ilha, atravessando a ponte onde tantos arqueiros tinham morrido no ataque alucinado e depois atravessando a cidade velha. Esta fora menos danificada do que a Île St. Jean, porque ninguém tentara defender as ruas estreitas, enquanto o castelo, que jamais caíra frente aos ingleses, sofrera apenas de balas de canhão que pouco tinham feito exceto lascas as pedras em torno da porta. Um estandarte vermelho e amarelo tremulava na defesa do castelo e soldados, usando o mesmo libré colorido, interpelaram Thomas e Robbie quando eles saíam da cidade velha. Thomas respondeu dizendo que eram soldados escoceses à procura de emprego pelo conde de Coutances.

— Pensei que ele estivesse aqui — mentiu Thomas —, mas soubemos que está em Evecque.

— E sem resultado algum — disse o comandante dos guardas. Era um homem barbudo cujo elmo tinha uma grande racha, sugerindo que ele o retirara de um morto. — Ele está mijando naqueles muros já faz dois meses e não resolveu nada, mas se vocês quiserem morrer em Evecque, rapazes, eu lhes desejo boa sorte.

Eles passaram a pé ao longo dos muros da Abbaye aux Dames e Thomas teve outra vez uma súbita visão de Jeanette. Ela fora sua amante, mas depois conhecera *Edward Woodstock*, o príncipe de Gales, e que chance Thomas poderia ter depois disso? Foi ali, na Abbaye aux Dames, que Jeanette e o príncipe viveram durante o breve cerco de Caen. Onde estaria Jeanette agora? Thomas gostaria de saber. De volta à Bretanha? Ainda procurando o filho pequeno? Será

que alguma vez pensou nele? Ou será que lamentava ter fugido do príncipe de Gales por acreditar que a batalha da Picardia seria perdida? Talvez, àquela altura, estivesse casada de novo. Thomas desconfiava que ela levara uma pequena fortuna em jóias ao fugir do exército inglês, e uma viúva rica, com pouco mais de vinte anos de idade, dava uma esposa atraente.

— O que acontecerá — indagou Robbie interrompendo os pensamentos dele — se descobrirem que você não é escocês?

Thomas ergueu os dois dedos da mão direita que puxavam a corda do arco.

— Eles cortam estes dois.

— Só isso?

— São as primeiras coisas que eles cortam.

Continuaram a andar para o sul, passando por uma região de pequenos morros íngremes, campos compactos, bosques espessos e sendas enlameadas. Thomas nunca estivera em Evecque e, embora não ficasse longe de Caen, alguns dos camponeses a quem eles perguntavam nunca tinham ouvido falar nela, mas quando Thomas perguntava para onde os soldados estavam indo durante o inverno eles apontavam para o sul. Os dois passaram a primeira noite numa choça sem telhado, um lugar que evidentemente fora abandonado quando os ingleses chegaram no verão e atravessaram a Normandia, devastando-a.

Acordaram ao amanhecer e Thomas atirou duas flechas numa árvore, só para manter a prática. Estava cortando o tronco em volta das pontas de aço para extraí-las, quando Robbie apanhou o arco.

— Pode me ensinar a usá-lo? — perguntou.

— O que eu posso lhe ensinar — disse Thomas — vai levar cinco

minutos. Mas para o resto será preciso a vida inteira. Comecei a atirar flechas quando tinha sete anos e só depois dos dez estava começando a ser bom nisso.

— Não pode ser tão difícil assim — protestou Robbie. — Já matei um veado com um arco.

— Era um arco de caça — disse Thomas. Ele deu a Robbie uma das flechas e apontou para um salgueiro que teimosamente conservara as folhas. — Acerte o tronco.

Robbie riu.

— Eu não posso errar! — O salgueiro não chegava a trinta passos de distância.

— Pois então atire.

Robbie puxou o arco, olhando uma vez para Thomas quando percebeu o quanto de força era necessário para envergar a grande vara de teixo. Ela era duas vezes mais dura do que os arcos de caça, mais curtos, que ele usara na Escócia.

— Jesus! — disse baixinho enquanto puxava a corda à altura do nariz e percebia que o braço esquerdo tremia ligeiramente com a tensão da arma, mas olhou ao longo da flecha para verificar a mira e estava prestes a soltar quando Thomas ergueu a mão.

— Você ainda não está pronto.

— Claro que estou — disse Robbie, apesar de as palavras saírem como grunhidos, porque o arco exigia uma grande força para ficar na posição de armado.

— Você não está pronto — disse Thomas — porque há oito centímetros de flecha aparecendo na frente do arco. Você tem de puxá-lo até a ponta da flecha tocar em sua mão esquerda.

— Ah, meu doce Jesus — disse Robbie, e respirou fundo, cobrou

ânimo e puxou até que a corda passou do seu nariz, do seu olho e quase tocou a orelha direita. A ponta de aço da flecha tocou-lhe a mão esquerda, mas agora ele já não podia mirar ao olhar ao longo da flecha. Franziu o cenho ao perceber a dificuldade que aquilo representava e então compensou chegando o arco para a direita. O

braço esquerdo tremia com a tensão e, incapaz de manter a flecha armada, ele soltou, e depois contorceu-se quando a corda de cânhamo fustigou ao longo do lado interno do seu antebraço esquerdo. As penas da flecha soltaram um lampejo branco ao passarem a uns trinta centímetros de distância do tronco do salgueiro. Robbie soltou um palavrão, perplexo, e então entregou o arco a Thomas.

— Então o truque da coisa — disse ele — é aprender a mirar?

— O truque — disse Thomas — é não mirar. É uma coisa que simplesmente

acontece. Você olha para o alvo e deixa a flecha voar.

Alguns arqueiros, os preguiçosos, só puxavam até à altura do olho, e isso fazia com que eles fossem precisos, mas faltava força às flechas. Os bons arqueiros, os arqueiros que derrotavam exércitos ou derrubavam reis vestindo armaduras vistosas, puxavam a corda até o limite.

— Ensinei uma mulher a atirar no verão passado — disse Thomas, pegando o arco de volta —, e ela aprendeu bem. Bem mesmo. Acertou uma lebre a setenta passos.

— Uma mulher!

— Eu a deixei usar uma corda mais comprida — disse Thomas —, de modo que o arco não precisava de tanta força, mas ainda assim ela era boa.

Ele se lembrou da alegria de Jeanette quando a lebre caiu na

grama, guinchando, a flecha espetada no quarto traseiro. Jeanette.

Por que estava pensando tanto nela?

Seguiram caminhando por um mundo orlado de branco de geada. As poças tinham congelado e as cercas vivas, desfolhadas, eram contornadas por uma forte geada branca que diminuía à medida que o sol subia. Eles atravessaram dois rios, subiram através de bosques de faia em direção a um platô que, uma vez lá, revelou-se um lugar selvagem de gramado raso que nunca sofrera a ação de um arado. Alguns arbustos de tojo rompiam a grama, mas, fora isso, a estrada cortava uma falsa planície sob um céu vazio. Thomas pensara que a charneca não seria mais do que uma faixa estreita de terreno elevado e que dali a pouco eles voltariam a penetrar nos vales cobertos de florestas, mas a estrada continuou e ele sentiu-se ainda mais como uma lebre numa região montanhosa calcária sob o olhar fixo de um búteo. Robbie sentia a mesma coisa, e os dois saíram da estrada para caminhar onde o tojo oferecia uma certa proteção, ainda que intermitente.

Thomas estava sempre olhando para a frente e para trás. Aquela era uma região de cavalos, um terreno elevado de gramado firme, onde cavaleiros podiam seguir a pleno galope e onde não havia bosques ou ravinas onde dois homens a pé pudessem esconder-se. E o planalto parecia se estender para sempre.

Ao meio-dia eles chegaram a um círculo de pedras em pé, cada uma da altura de um homem e fortemente incrustada de líquen. O

círculo tinha vinte metros de diâmetro e uma das pedras tinha caído.

Ambos apoiaram as costas nela enquanto faziam uma refeição de pão e queijo.

— A festa de casamento do diabo, hein? — disse Robbie.

— Você se refere às pedras?

— Nós temos dessas pedras na Escócia. — Robbie girou o corpo e afastou fragmentos de conchas de caracóis da pedra caída. — Elas são pessoas transformadas em pedra pelo diabo.

— Em Dorset — disse Thomas — o povo diz que Deus as transformou em pedra.

Robbie franziu o cenho diante daquela idéia.

— Por que Deus faria isso?

— Por dançarem no sábado.

— Elas apenas iriam para o inferno por causa disso — disse Robbie. Depois, sem outra coisa para fazer, esfregou a grama com o calcanhar. — Nós escavamos as pedras quando temos tempo. À

procura de ouro, sabe?

— Você já encontrou ouro?

— Às vezes achamos, nos montes de terra que cobrem túmulos.

Pelo menos, jarros e contas. Porcarias, na verdade. Sempre jogamos fora. E achamos pedras de elfos, claro.

Ele se referia às misteriosas pontas de pedra de flechas que se diziam disparadas por cordas de arco dos elfos. Ele se espreguiçou, desfrutando o fraco calor do sol que agora chegara ao ponto máximo ao qual subiria no céu de um inverno que ia em meio.

— Estou com saudade da Escócia.

— Nunca estive lá.

— É a terra de Deus — disse Robbie, convincente, e ainda falava sobre as maravilhas da Escócia quando Thomas caiu delicadamente no sono. Cochilou mas logo acordou porque Robbie lhe deu um toque com o pé.

— Temos companhia.

Thomas ficou de pé ao lado dele e viu quatro cavalarianos a cerca de dois quilômetros para o norte. Jogou-se ao gramado, puxou a trouxa e retirou dela um feixe de flechas, e depois encaixou a corda nas pontas da vara.

— Talvez eles não tenham visto a gente — disse ele, otimista.

— Viram — comentou Robbie, e Thomas voltou a trepar na pedra para ver que os cavalarianos tinham saído da estrada; agora estavam parados, e um deles ficou em pé nos estribos para ter uma visão melhor dos dois estranhos que estavam no círculo de pedra.

Thomas conseguiu ver que usavam cotas de malha por baixo dos casacos.

— Eu posso acertar três deles — disse dando palmadinhas no arco

—, se você cuidar do quarto.

— Ah, seja bondoso para com um pobre escocês — disse Robbie sacando a espada do tio. — Deixe dois para mim. Lembre-se que eu tenho de ganhar dinheiro.

Ele podia estar enfrentando uma luta com quatro cavalarianos na Normandia, mas ainda era um prisioneiro de Lorde Outhwaite e, por isso, obrigado a pagar seu resgate, que tinha sido fixado em meras duzentas libras. O de seu tio era de dez mil, e na Escócia o clã dos Douglas estaria cortando uma volta para levantar tal quantia.

Os cavalarianos ainda observavam Thomas e Robbie, sem dúvida se perguntando quem e o que podiam ser. Mas não deviam estar com medo; afinal, usavam cotas de malha e estavam armados, ao passo que os dois estranhos

estavam a pé, e homens a pé eram quase sempre camponeses, e estes não representavam ameaça alguma a cavalarianos com cotas de malha.

— Uma patrulha de Evecque? — perguntou Robbie a si mesmo, em voz alta.

— Provavelmente.

O conde de Coutances deveria ter homens vasculhando o interior à procura de alimentos. Ou talvez os cavalarianos fossem reforços que seguiam para ajudar o conde, mas fossem quem fossem iriam considerar que qualquer estranho naquela região era uma presa, por causa das armas.

— Eles estão vindo — disse Robbie quando os quatro cavalarianos espalharam-se para formar uma linha. Deviam ter presumido que os dois estranhos fossem tentar fugir e por isso formavam a linha para envolvê-los.

— Os quatro cavaleiros, hein? — disse Robbie. — Nunca me lembro do que o quarto cavaleiro representa.

— Morte, guerra, peste e fome — disse Thomas colocando a primeira flecha na corda.

— É a fome que eu sempre esqueço — disse Robbie.

Os quatro cavalarianos estavam a uma distância de oitocentos metros, espadas desembainhadas, vindo a galope curto sobre o belo e compacto gramado. Thomas segurava o arco voltado para baixo, para que eles não ficassem prontos para as flechas. Agora ouvia o tropel e pensou nos quatro cavaleiros do Apocalipse, o temível quarteto de cavaleiros cujo aparecimento iria ser o presságio do fim dos tempos e a última grande luta entre o céu e o inferno. A guerra apareceria num cavalo cor de sangue, a fome estaria num garanhão preto, a peste assolaria o mundo numa montaria branca, enquanto a morte cavalgaria um cavalo pálido. Thomas teve uma súbita lembrança do pai, sentando-se com as costas eretas, cabeça para trás, entoando em latim: “et ecce equus pallidus”. O padre Ralph costumava dizer

aquelas palavras para irritar sua governanta e amante, mãe de Thomas, que, apesar de não saber nada de latim, compreendia que as palavras se referiam à

morte e ao inferno e achava, e corretamente, como aconteceu, que o padre seu amante estava atraindo inferno e morte para Hookton.

— Veja um cavalo pálido — disse Thomas. Robbie dirigiu-lhe um olhar de interrogação. — “Eu vi um cavalo pálido” — citou Thomas

— “e o nome do seu cavaleiro era Morte, e o Inferno o acompanhava.”

— O inferno é outro dos cavaleiros? — perguntou Robbie.

— Inferno é o que esses bastardos vão ter — disse Thomas e ergueu o arco e puxou a corda para trás e sentiu uma súbita raiva e ódio no coração pelos quatro homens, e então o arco vibrou, a nota emitida pela corda seca e grave, e antes que o som morresse ele já estava pegando outra flecha do lugar em que espetara doze na grama, de ponta para baixo. Puxou a corda para trás e os quatro cavalarianos ainda galopavam direto para eles quando Thomas mirou no cavaleiro da esquerda. Ele soltou, apanhou uma terceira flecha, e agora o som das patas na grama endurecida pela geada era tão alto quanto os tambores escoceses em Durham, e o segundo homem, a contar da direita, agitava-se para a esquerda e para a direita, caiu para trás, uma flecha projetando-se do peito, e o cavaleiro à sua esquerda estava tombado para trás sobre a patilha da sela, e os outros dois, finalmente compreendendo o perigo que corriam, deram uma guinada para anular a mira de Thomas. Pedacos de terra e grama eram atirados para cima pelas patas dos cavalos enquanto eles se viravam e se afastavam.

Se os dois cavaleiros ilesos tivessem alguma gota de juízo, sairiam em disparada como se o Inferno e a Morte estivessem em seus

calcanhares, voltando por onde tinham vindo, numa tentativa desesperada de escapar das flechas, mas em vez disso, com a raiva de homens que tinham sido desafiados pelo que acreditavam ser um inimigo inferior, giraram seus cavalos em direção à presa deles, e Thomas disparou a terceira flecha. Os primeiros dois homens estavam fora de combate, um deles caído da sela e o outro inclinado em cima do cavalo que apenas mordiscava a grama empalidecida pelo inverno.

A terceira flecha voou forte e direta em direção à vítima, mas o cavalo ergueu a cabeça e a flecha resvalou no lado do crânio, o sangue brilhante sobre couro preto: o cavalo contorceu-se para afastar-se, sentindo a dor, e o cavaleiro, despreparado para a virada, agitou-se para manter o equilíbrio, mas Thomas não teve tempo de observá-lo porque o quarto cavaleiro estava dentro do círculo de

pedra e partia em sua direção. O homem tinha uma vasta capa preta que se agitava atrás quando ele girou o cavalo cinza pálido e soltou um grito de desafio enquanto esticava o braço com a espada para usar a ponta como uma lança no peito de Thomas, mas este estava com a quarta flecha na corda e o homem compreendeu, de repente, que tinha se atrasado uma fração de segundo. “*Non!*”, gritou ele, e Thomas nem chegou a puxar o arco até o fim, mas disparou com a corda puxada pela metade e a flecha ainda teve força suficiente para enterrar-se na cabeça do homem, rachando o cavalete do nariz e penetrando fundo no crânio. Ele estremeceu, a espada caiu, Thomas sentiu o deslocamento de ar quando o cavalo do homem passou por ele como um trovão e então o cavaleiro caiu para trás, por cima da anca do garanhão.

O terceiro homem, o que fora derrubado da sela do cavalo preto, caíra no centro do círculo de pedra e agora se aproximava de Robbie.

Thomas apanhou uma flecha da grama.

— Não! — gritou Robbie. — Ele é meu.

Thomas afrouxou a corda.

— Chian bâtard — disse o homem para Robbie.

Ele era muito mais velho do que o escocês e devia ter achado que Robbie não passava de um garoto, porque teve um meio sorriso quando avançou rápido para enfiar a espada. Robbie deu um passo para trás, escorou o golpe, e as lâminas tiniram como sinos no ar puro.

— Bâtard! — gritou o homem e tornou a atacar.

Robbie recuou uma vez mais, cedendo terreno até quase atingir o anel de pedra, e seu recuo preocupou a Thomas, que tornou a puxar a corda, mas então Robbie escorou o golpe com tanta rapidez e reagiu tão depressa, que agora era o francês quem recuava numa súbita e desesperada pressa.

— Seu inglês bastardo — disse Robbie.

Ele brandiu a espada por baixo e o homem abaixou a dele para escorar o golpe, e Robbie apenas chutou-a para o lado e investiu de modo que a lâmina de seu tio enfiou-se no pescoço do homem.

— Seu inglês bastardo — vociferou Robbie, liberando a lâmina num borrifar de sangue brilhante.

— Porco inglês bastardo! — Ele liberou a espada e golpeou outra vez para enterrar o gume no que restava do pescoço do homem.

Thomas ficou vendo o homem cair. O sangue brilhava sobre a grama.

— Ele não era inglês — disse Thomas.

— É só uma mania quando eu luto — disse Robbie. — Foi assim que meu tio me treinou. — Ele caminhou até a vítima. — Ele está morto?

— Você quase o decapitou — disse Thomas. — O que acha?

— Acho que vou pegar o dinheiro dele — disse Robbie e ajoelhou-se ao lado do morto.

Um dos dois primeiros homens a serem atingidos pelas flechas de Thomas ainda estava vivo. A respiração borbulhava na sua garganta e aparecia rosada e espumosa em seus lábios. Era o homem que tinha caído para trás na sela e gemeu quando Thomas derrubou-o no chão.

— Ele vai sobreviver? — Robbie se aproximara para ver o que Thomas estava fazendo.

— Por Cristo, não! — disse Thomas e sacou a faca.

— Meu Deus! — Robbie recuou quando a garganta do homem foi cortada. — Você tinha de fazer isso?

— Não quero que o conde de Coutances saiba que somos só nós dois — disse Thomas. — Quero que ele fique com um medo dos diabos de nós. Quero que pense que os cavaleiros do diabo estão caçando seus homens.

Eles revistaram os quatro corpos, e depois de uma perseguição complicada, conseguiram recuperar os quatro cavalos. Dos corpos e dos alforjes tiraram quase dezoito libras de dinheiro francês desvalorizado, em moedas de prata, dois

anéis, três boas adagas, quatro espadas, uma bela cota de malha que Robbie requisitou para substituir a dele, e uma corrente de ouro que os dois cortaram ao meio com uma das espadas capturadas. Depois Thomas usou as duas piores espadas para servir de estacas a fim de amarrar dois dos cavalos à margem da estrada, e sobre os cavalos amarrou dois dos corpos, fazendo com que se mantivessem na sela, inclinados para o lado com olhares vazios e a pele branca manchada de sangue. Os outros dois

corpos, sem as cotas de malha, foram colocados na estrada e em suas bocas mortas Thomas colocou gravetos de tojo. Aquele gesto nada significava, mas quem achasse os corpos pensaria em algo estranho, até mesmo satânico.

— Vai deixar os bastardos preocupados — explicou Thomas.

— Quatro homens mortos devem deixar eles nervosíssimos —

disse Robbie.

— Eles vão ficar mortos de medo se acharem que o diabo está solto — disse Thomas.

O conde de Coutances iria fazer chacota se soubesse que apenas dois homens tinham vindo a título de reforço para Sir Guillaume d'Evecque, mas não poderia ignorar quatro corpos e os indícios de um ritual fantástico. E não poderia ignorar a morte.

Finalidade para a qual, depois que os corpos foram arrumados, Thomas apanhou a grande capa preta, o dinheiro e as armas, o melhor dos garanhões e o cavalo pálido.

Porque o cavalo pálido pertencia à Morte.

E com Thomas, ele podia provocar pesadelos.

um único estrondo curto de um trovão soou quando Thomas e Robbie se aproximavam de Evecque. Eles não sabiam a que distância estavam, mas seguiam por uma região onde todas as fazendas e todos os chalés tinham sido destruídos, o que dizia a Thomas que eles deviam estar dentro das fronteiras do solar. Robbie, ao ouvir o trovão, pareceu intrigado, porque o céu logo acima deles estava claro embora houvesse nuvens escuras ao sul.

— Está frio demais para trovejar — disse ele.

— Talvez na França seja diferente.

Saíram da estrada e seguiram uma trilha de fazenda que ondeava por bosques e desapareceu ao lado de uma construção incendiada da qual ainda subia uma leve fumaça. Fazia pouco sentido pôr fogo em quintas como aquela, e Thomas duvidava que o conde de Coutances tivesse ordenado a destruição logo no início, mas o longo desafio de Sir Guillaume e o espírito sanguinário da maioria dos soldados iriam assegurar que o saque e os incêndios aconteceriam de qualquer maneira. Thomas fizera o mesmo na Bretanha. Ele ouvira os gritos e protestos de famílias que tinham de ver seus lares serem incendiados e depois tocara fogo no sapé. Era a guerra. Os escoceses faziam isso com os ingleses, os ingleses com os escoceses, e ali o conde de Coutances estava fazendo aquilo com o seu próprio arrendatário.

Um segundo estouro de trovão soou e, assim que o eco

desapareceu, Thomas viu um grande véu de fumaça no céu a leste.

Apontou para ele, e Robbie, reconhecendo o cheiro de fogueiras de acampamentos e percebendo a necessidade de silêncio, limitou-se a um gesto afirmativo com a cabeça. Eles deixaram os cavalos num bosque cerrado de pés novos de aveleira e subiram um morro alto coberto de árvores. O sol poente estava atrás deles, projetando suas sombras compridas sobre as folhas mortas. Um pica-pau, cabeça vermelha e asas com barras brancas, voava alto e baixo acima de suas cabeças enquanto eles atravessavam a linha da crista do morro para ver a aldeia e o solar de Evecque lá embaixo.

Thomas nunca vira o solar de Sir Guillaume antes. Ele tinha imaginado que seria como o de Sir Giles Marriott, com apenas um grande salão parecido com um galpão e uns poucos puxados cobertos de sapé, mas Evecque era muito mais parecido com um pequeno castelo. No canto mais perto de onde Thomas estava, ele tinha até uma torre: uma torre quadrada e não muito alta, mas ameaçada de maneira adequada e com seu estandarte de três falcões atacando a presa desfraldado, para mostrar que Sir Guillaume ainda não estava derrotado. O detalhe salvador do solar, porém, era o seu fosso, que era largo e estava coberto por uma camada grossa de espuma de um verde vivo. Os muros altos do solar subiam a prumo da água e tinham poucas janelas, que mesmo assim eram apenas

frestas estreitas. O telhado era de sapé e caído para dentro, para um pequeno pátio. Os sitiante, cujas tendas e abrigos ficavam na aldeia ao norte do solar, tinham conseguido tocar fogo no telhado em determinado momento, mas os poucos defensores de Sir Guillaume deviam ter conseguido extinguir as chamas, porque apenas uma pequena parte do sapé estava faltando ou escurecida. Nenhum daqueles defensores

podia ser visto naquele momento, embora alguns devessem estar olhando pelas frestas que apareciam como pequenas manchas pretas em contraste com a pedra cinza. O único dano visível ao solar eram algumas pedras quebradas em um canto da torre, onde parecia que algum animal gigante tinha mordiscado as pedras, e era provável que se tratasse do trabalho da springald que o padre Pascal mencionara, mas a besta gigante, evidentemente, tinha enguiçado outra vez, e de forma irremediável, porque Thomas conseguia vê-la em dois gigantescos pedaços no campo ao lado da igrejinha de pedra da aldeia. Ela tinha causado muito pouco dano antes de sua haste principal quebrar, e Thomas se perguntou se o lado leste, escondido, do prédio tinha sofrido mais danos. A entrada do solar devia ficar naquele lado distante e Thomas desconfiava que os principais equipamentos para o sítio também estivessem lá.

Só uns vinte sitiante estavam visíveis, a maioria não fazendo nada mais ameaçador do que ficar sentada do lado de fora das casas da aldeia, embora meia dúzia de homens estivesse reunida em torno do que parecia uma pequena mesa no adro da igreja. Nenhum dos homens do conde estava a menos de cento e cinquenta passos do solar, o que sugeria que os defensores tinham conseguido matar alguns inimigos com bestas, e o resto aprendera a manter-se à distância da guarnição.

A aldeia em si era pequena, não muito maior do que Down Mapperley e, como a aldeia de Dorset, tinha uma azenha. Havia doze tendas ao sul das casas e o dobro disso de pequenos abrigos de turfa.

Thomas tentou calcular quantos homens podiam estar abrigados na aldeia, nas tendas e nas choças de turfa e concluiu que o conde devia, no momento, ter cerca de 120 homens.

— O que vamos fazer? — perguntou Robbie.

— Por enquanto, nada. Só observar.

Foi uma vigília enfadonha, porque era pouca a atividade abaixo deles. Algumas mulheres levavam baldes de água da acéquia, outras cozinhavam em fogueiras ao ar livre ou recolhiam roupas que tinham sido estendidas para secar em cima de alguns arbustos à beira dos campos. O estandarte do conde de Coutances, exibindo o javali preto num campo branco semeado de flores azuis, tremulava num mastro improvisado do lado de fora da maior casa da aldeia. Seis outros estandartes pendiam acima dos telhados de sapé, mostrando que outros senhores tinham ido compartilhar o saque. Meia dúzia de escudeiros ou pajens exercitavam alguns corcéis na campina atrás do acampamento, mas fora isso os atacantes de Evecque pouco faziam exceto esperar. O trabalho de um cerco era enfadonho. Thomas se lembrava dos dias ociosos do lado de fora de La Roche-Derrien, embora aquelas longas horas tivessem sido interrompidas pelo terror e pela agitação do assalto ocasional. Aqueles homens, incapazes de assaltar os muros de Evecque por causa do fosso, só podiam esperar e ter a esperança de fazer a guarnição passar fome a ponto de se render ou então induzi-la a fazer uma surtida queimando fazendas. Talvez estivessem esperando uma longa peça de madeira seca ao ar para consertar o braço partido da springald abandonada.

Então, justo no momento em que Thomas chegava à conclusão de que já tinha visto o bastante, o grupo de homens que estivera reunido em torno do que ele pensara ser uma mesa baixa ao lado da cerca do adro, saiu correndo de repente para a igreja.

— Em nome de Deus, o que é aquilo? — perguntou Robbie, e Thomas viu que não tinha sido em torno de uma mesa que eles

tinham estado reunidos, mas de um imenso pote numa pesada armação de madeira.

— É um canhão — disse Thomas, incapaz de esconder o espanto.

Naquele exato momento o canhão disparou e o grande pote de metal e sua enorme base de madeira desapareceram numa crescente explosão de fumaça suja e, pelo canto dos olhos, ele viu um pedaço de pedra sair voando do canto danificado do solar. Mil pássaros levantaram vôo de cercas vivas, sapés e árvores quando o surdo trovejar do canhão rolou morro acima e passou por ele em grande velocidade. Aquele potente som seco era o trovão que eles tinham ouvido antes, à tarde. O conde de Coutances conseguira encontrar um canhão e o estava usando para tirar nacos do solar. Os ingleses tinham usado canhões em Caen no

verão passado, apesar de nem todos os canhões do exército, nem todos os melhores esforços dos artilheiros italianos, terem danificado o castelo de Caen. De fato, à medida que a fumaça dissolvia-se lentamente do acampamento, Thomas viu que aquele tiro tinha causado pouco impacto no solar. O

barulho pareceu mais violento do que a própria bala, mas ele imaginava que se os artilheiros do conde pudessem disparar pedras em número suficiente a estrutura de alvenaria acabaria cedendo, e a torre desabaria para dentro do fosso, propiciando um caminho de escombros que ligaria as duas margens da água. Pedra a pedra, fragmento a fragmento, talvez três ou quatro tiros por dia, e com isso os sitiados iriam solapar a torre, improvisando uma passagem para entrar em Evrecque.

Um homem rolou um pequeno barril para fora da igreja, mas um outro acenou para que ele voltasse, e o barril foi levado de volta para dentro. A igreja devia ser o paiol deles, pensou Thomas, e o homem

tinha sido mandado de volta porque os artilheiros tinham disparado o último projétil do dia e só iriam recarregar de manhã. E isso sugeriu uma idéia, mas ele a afastou por considerá-la impraticável e louca.

— Já viu o suficiente? — perguntou a Robbie.

— Eu nunca vi um canhão — disse Robbie olhando para o distante vaso lá embaixo, como esperando que ele fosse disparado outra vez, mas Thomas sabia que não era provável que os artilheiros voltassem a dispará-lo aquela noite.

Era muito demorado carregar um canhão e, depois que a pólvora negra estivesse acondicionada na sua barriga e o projétil colocado pela boca, o canhão tinha de ser fechado com marga úmida. A marga reteria a explosão que iria projetar o projétil e precisava de tempo para secar antes que o canhão fosse disparado, de modo que não era provável que houvesse um outro tiro antes do amanhecer.

— Parece dar mais trabalho do que resultado — disse Robbie, mal-humorado, depois que Thomas deu a explicação. — Então você acha que eles não vão disparar outra vez?

— Vão esperar até de manhã.

— Então já vi o suficiente — disse Robbie, e os dois rastejaram de volta pelas

faias até passarem pela crista do morro, e desceram para os cavalos amarrados e seguiram anoitecer adentro. Havia uma meia-lua, fria e alta, e a noite estava muito fria, tão fria que eles decidiram que deviam arriscar acender uma fogueira, embora fizessem o possível para ocultá-la refugiando-se num barranco profundo, de paredes de pedra, onde improvisaram um telhado de galhos cobertos de turfa cortada às pressas. O fogo bruxuleava através de buracos no telhado para projetar nas paredes rochosas uma luz vermelha, mas Thomas duvidava que algum dos sitiante fosse patrulhar os bosques no

escuro. Ninguém entrava à noite, de moto próprio, em bosques cerrados, porque todos os tipos de animais, monstros e fantasmas rondavam as florestas, e esse pensamento fez Thomas se lembrar daquela viagem que ele fizera com Jeanette no verão quando os dois dormiram uma noite atrás de outra na floresta. Tinha sido uma época feliz, e a lembrança o fez sentir pena de si mesmo e então, como sempre, sentir-se culpado pelo que acontecera a Eleanor, e ele estendeu as mãos para a pequena fogueira.

— Existem homens verdes na Escócia? — perguntou a Robbie.

— Quer dizer nas florestas? Existem duendes. São bastardinhos malvados.

Robbie fez o sinalda-cruz e, para o caso de isso não ser o bastante, inclinou-se e tocou no punho de ferro da espada de seu tio.

Thomas estava pensando em duendes e outras criaturas, coisas que espreitavam nas florestas à noite. Será que ele queria realmente voltar a Evecque naquela noite?

— Você percebeu — disse a Robbie — que ninguém no acampamento de Coutances parecia muito perturbado com o fato de quatro de seus cavalarianos não terem regressado? Nós não vimos ninguém sair à procura deles, vimos?

Robbie refletiu sobre aquilo e deu de ombros.

— Talvez os cavalarianos não tivessem saído do acampamento.

— Saíram — disse Thomas com uma confiança que não sentia de todo, e por um momento perguntou-se, com ar de culpa, se os quatro cavalarianos nada teriam a ver com Evecque, mas lembrou-se que os cavaleiros tinham começado a luta. — Eles devem ter vindo de Evecque — disse ele —, e a esta altura o pessoal de lá

já devia estar preocupado.

— E daí?

— Daí que... será que colocaram mais sentinelas no acampamento esta noite?

Robbie deu de ombros.

— Isso tem importância?

— Estou pensando — disse Thomas — que tenho de avisar a Sir Guillaume que nós estamos aqui, e não sei como conseguir isso senão fazendo um barulho enorme.

— Você podia escrever uma mensagem — sugeriu Robbie — e colocá-la numa flecha?

Thomas olhou fixo para ele.

— Não tenho pergaminho — disse ele, paciente — e não tenho tinta, e você já tentou disparar uma flecha envolta em pergaminho?

Provavelmente ela iria voar como um pássaro morto. Eu teria de ficar ao lado do fosso e seria melhor atirar a flecha de lá.

Robbie encolheu os ombros.

— Então o que vamos fazer?

— Fazer barulho. Anunciar nossa presença. — Thomas fez uma pausa. — Estou achando que o canhão vai acabar derrubando a torre se não fizermos alguma coisa.

— O canhão? — perguntou Robbie, e olhou para Thomas. —

Doce Jesus! — disse ele depois de um certo tempo, enquanto pensava nas dificuldades. — Esta noite?

— Assim que Coutances e seus homens souberem que estamos aqui — disse Thomas —, vão dobrar as sentinelas, mas aposto que os bastardos estão quase dormindo esta noite.

— É isso, e bem cobertos para se aquecerem, se tiverem algum senso — disse Robbie. Ele franziu o cenho. — Mas aquele canhão

parecia um belo jarro grande. Como é que se quebra ele?

— Eu estava pensando na pólvora negra na igreja — disse Thomas.

— Pôr fogo nela?

— Há muitas fogueiras nos acampamentos na aldeia — disse Thomas, e imaginou o que aconteceria se eles fossem capturados no acampamento inimigo, mas não fazia sentido preocupar-se com isso.

Se era para inutilizar o canhão, era melhor atacar antes que o conde de Coutances ficasse sabendo que um inimigo viera assediá-lo, e isso fazia daquela noite a oportunidade ideal.

— Você não precisa ir — disse Thomas a Robbie. — Não são amigos seus que estão no interior do solar.

— Poupe o fôlego — disse Robbie com sarcasmo. Ele tornou a franzir o cenho.
— O que é que vai acontecer depois?

— Depois? — Thomas raciocinou. — Depende de Sir Guillaume.

Se ele não receber resposta alguma do rei, irá querer romper o cerco.

Por isso ele tem de saber que estamos aqui.

— Por quê?

— Para o caso de ele precisar da nossa ajuda. Ele mandou nos chamar, não mandou? Pelo menos, mandou me chamar. Por isso nós entramos fazendo barulho. Vamos nos tornar uma praga. Vamos fazer com que o conde de Coutances tenha alguns pesadelos.

— Nós dois?

— Você e eu — disse Thomas, e o fato de dizê-lo o fez perceber que Robbie se tornara um amigo. — Acho que você e eu podemos provocar confusão —

acrescentou ele com um sorriso.

E eles iriam começar naquela noite. Naquela noite triste e fria, sob uma lua bem delineada, iriam conjurar o primeiro de seus

pesadelos.

eles seguiram a pé, e, apesar da meia-lua, estava escuro sob as árvores. Thomas começou a se preocupar com quais poderiam ser os demônios, duendes e espectros que assombravam aqueles bosques normandos. Jeanette lhe dissera que na Bretanha havia nains e golics que espreitavam a caça no escuro, enquanto em Dorset era o Homem Verde que batia os pés e rosnava nas árvores atrás do monte Lipp, e os pescadores falavam das almas dos homens que tinham morrido afogados, que às vezes se arrastavam pela costa e gemiam pelas mulheres que tinham deixado. Na véspera do Dia de Finados, o diabo e os mortos dançavam sobre o Castelo Maiden, e em outras noites havia fantasmas mais modestos na aldeia e em torno dela, no alto do monte, na torre da igreja e em qualquer ponto para o qual se olhasse, motivo pelo qual ninguém saía de casa à noite sem um pedaço de ferro ou um pedaço de visco ou, quando nada, um pedaço de pano que tivesse sido tocado pela hóstia sagrada. O pai de Thomas odiava essa superstição, mas quando o seu povo erguia as mãos para o sacramento e ele via um pedaço de pano amarrado nas palmas não se recusava a atendê-los.

E Thomas tinha lá as suas superstições. Ele só apanhava o arco, sempre, com a mão esquerda; a primeira flecha a ser disparada de um arco recém-encordado tinha de ser batida de leve por três vezes contra a haste, uma vez para o Pai, outra para o Filho e uma terceira

para o Espírito Santo; ele não usava roupas brancas e calçava a bota esquerda antes da direita. Durante muito tempo trouxera uma pata de cachorro pendurada no pescoço e depois a jogara fora na convicção de que ela dava azar, mas agora, depois da morte de Eleanor, ele se perguntava se não deveria ter ficado com ela.

Pensando em Eleanor, sua mente desviou-se de novo para a beleza mais morena de Jeanette. Será que Jeanette se lembrava dele? Depois tentou não pensar nela, porque pensar num antigo amor poderia dar azar, e ele tocou o tronco de uma árvore ao passar, para purgar o pensamento.

Thomas procurava pelo brilho vermelho das fogueiras dos acampamentos que estivessem se extinguindo do outro lado das árvores, o que lhe diria que eles

estavam perto de Evecque, mas a única luz era o prateado da lua emaranhado nos galhos altos. Nains e gorics, o que eram? Jeanette nunca lhe contara, dissera apenas que eram espíritos que assombravam o interior. Ali na Normandia deviam ter algo semelhante. Ou talvez tivessem bruxas? Ele tocou em outra árvore. Sua mãe acreditava firmemente em bruxas e seu pai o ensinara a dizer um padre-nosso se alguma vez ficasse perdido. As bruxas, acreditava o padre Ralph, atacavam crianças perdidas, e mais tarde, muito mais tarde, o pai de Thomas lhe contou que as bruxas começavam sua invocação do diabo dizendo o padre-nosso de trás para a frente, e Thomas, é claro, tentara aquilo, embora nunca tivesse a coragem de terminar a oração inteira. Olam a son arebil des, começava o padre-nosso, e ele ainda sabia dizê-lo, até mesmo conseguindo

as

difíceis

inversões

de

temptationem

e

supersubstantialem, apesar de ter o cuidado de nunca terminar a oração inteira, se houvesse um fedor de enxofre, um estalar de chama

e o terror do diabo descendo em asas pretas com olhos de fogo.

— O que está murmurando? — perguntou Robbie.

— Estou tentando dizer supersubstantialem de trás para a frente

— disse Thomas.

Robbie riu de boca fechada.

— Você é um sujeito estranho, Thomas.

— Melait nats bus repus — disse Thomas.

— Isso é francês? — disse Robbie. — Porque eu tenho que aprender.

— Vai aprender — prometeu Thomas, e então, finalmente, percebeu fogueiras por entre as árvores e os dois ficaram calados enquanto subiam a longa encosta até a crista entre as faias, de onde dava para ver Evecque lá embaixo.

Do solar não se via luz alguma. Um luar limpo e frio brilhava sobre o fosso de espuma verde, que parecia liso como gelo — talvez fosse gelo mesmo? — e a lua branca projetava uma sombra preta para dentro do canto danificado da torre, enquanto um brilho de luz de fogueira aparecia no lado oposto do solar, confirmando a suspeita de Thomas de que havia uma parte do sítio em frente à entrada do prédio. Ele calculou que os homens do conde tinham cavado trincheiras das quais pudessem inundar a entrada com setas de bestas enquanto outros homens tentavam cobrir o fosso no ponto em que a ponte levadiça não estivesse arriada. Thomas lembrou-se das setas de bestas sendo cuspidas dos muros de La Roche-Derrien e estremeceu.

Fazia um frio terrível. Em breve, pensou Thomas, o orvalho viraria geada, prateando o mundo. Tal como Robbie, ele usava uma camisa de lã por baixo de uma jaqueta de couro e uma cota de malha por cima da qual vestia uma capa, e

ainda assim tremia e desejava estar

de volta ao abrigo do barranco, onde uma fogueira estava acesa.

— Não vejo ninguém — disse Robbie.

Thomas também não, mas continuou a procurar por sentinelas.

Quem sabe o frio estivesse mantendo todo mundo sob um teto?

Procurou pelas sombras perto das fogueiras de acampamento que agonizavam, ficou observando à espera de qualquer movimento na escuridão em torno da igreja e também não viu ninguém. Sem dúvida havia sentinelas nas obras de sítio em frente à entrada do solar, mas com toda certeza elas estariam vigiando para o caso de qualquer defensor tentar escapular pelos fundos do solar. Mas quem iria atravessar um fosso a nado numa noite tão fria como aquela? E

àquela altura os sitiados deveriam estar enfiados e sua vigilância estaria relaxada. Ele viu uma nuvem de contornos prateados deslizando para mais perto da lua.

— Quando a nuvem cobrir a lua — disse a Robbie —, nós vamos.

— E que Deus nos abençoe — disse Robbie com fervor, fazendo o sinalda-cruz.

A nuvem parecia andar muito devagar, até que finalmente cobriu a lua e a paisagem bruxuleante desbotou para um tom cinza e preto.

Ainda havia uma luz pálida, vaga, mas Thomas duvidou que a noite fosse ficar mais escura, e por isso ergueu-se, sacudiu os gravetos da capa e seguiu em direção à aldeia por uma trilha que tinha sido aberta na encosta leste da crista do morro. Ele achava que a trilha fora aberta por porcos que eram levados para a engorda comendo nozes de faia no bosque e lembrou-se que os porcos de Hookton vagavam pelo cascalho comendo cabeças de peixe e que sua mãe sempre reclamara que aquilo contaminava o gosto do toucinho deles.

Toucinho com gosto de peixe, como ela chamava, e fazia uma

comparação desvantajosa com o toucinho de sua cidade natal, Weald, em Kent. Aquele, ela sempre dissera, era o verdadeiro toucinho, alimentado com nozes de

faia e bolota, o melhor que havia. Thomas tropeçou num tufo de grama. Era difícil seguir a trilha, porque de repente a noite ficara muito mais escura, talvez porque eles estivessem em terreno mais baixo.

Ele estava pensando em toucinho, e o tempo todo eles estavam chegando mais perto da aldeia, e subitamente Thomas ficou com medo. Ele não vira sentinela alguma, mas e cachorros? Uma cadela latindo à noite, e ele e Robbie poderiam ser homens mortos. Ele não levava o arco, mas de repente desejou que o tivesse levado — embora não soubesse o que poderia fazer com ele. Matar um cachorro? Pelo menos a trilha agora estava facilmente visível, devido às fogueiras do acampamento, e os dois caminharam confiantes, como se fossem moradores da aldeia.

— Você deve fazer isso o tempo todo — disse Thomas, baixinho.

— Isso?

— Quando faz incursões do outro lado da fronteira.

— Nada disso, nós ficamos em campo aberto. Vamos atrás de gado e cavalos.

Eles agora estavam entre os abrigos e pararam de falar. O som de um profundo ressonar veio de uma pequena choça de turfa e um cachorro invisível ganiu mas sem latir. Um homem estava sentado do lado de fora de uma tenda, presumivelmente para proteger quem quer que estivesse dormindo lá dentro, mas ele próprio dormia. Um vento fraco agitava os galhos em um pomar perto da igreja e o rio fazia um barulho de esparrinhar ao mergulhar sobre o pequeno açude ao lado do moinho. Uma mulher riu baixinho em uma das casas

onde alguns homens começaram a cantar. A melodia era nova para Thomas e as vozes graves abafaram o som do portão do adro da igreja, que rangeu quando ele o empurrou para abri-lo. A igreja tinha um pequeno campanário de madeira e Thomas ouvia o vento sussurrando no sino.

— É você, Georges? — perguntou um homem em voz alta, do alpendre.

— Non.

Thomas falou mais ríspido do que pretendia, e o tom de sua voz fez com que o homem saísse das sombras negras do arco do alpendre.

Pensando que tivesse provocado encrenca, Thomas levou a mão às costas para agarrar o punho da adaga.

— Desculpe, senhor. — O homem confundira Thomas com um oficial ou até mesmo com alguém mais importante. — Estou esperando um substituto, senhor.

— É provável que ele ainda esteja dormindo — disse Thomas.

O homem espreguiçou-se, dando um bocejo enorme.

— O bastardo não acorda nunca. — A sentinela era pouco mais do que uma sombra no escuro, mas Thomas pressentiu que era um sujeito grande. — E aqui faz frio — continuou o homem. — Meu Deus, como é frio. O Guy e os homens dele já voltaram?

— Um dos cavalos perdeu uma ferradura — disse Thomas.

— Então foi isso! E eu pensava que eles tivessem achado aquela cervejaria em Saint-Germain. Cristo e os anjos, mas aquela garota de um olho só! O senhor já viu ela?

— Ainda não — disse Thomas.

Ele ainda segurava a adaga, uma das armas que os arqueiros chamavam de misericórdia, porque era usada para acabar com o

sofrimento de soldados derrubados de seus cavalos e feridos. A lâmina era fina e flexível o bastante para deslizar entre as junções das armaduras e arrancar a vida que estava por baixo, mas ele relutava em sacá-la. A sentinela não desconfiou de nada, e sua única ofensa era estender aquela conversa.

— A igreja está aberta? — perguntou Thomas.

— Claro. Por que não estaria?

— Temos de rezar — disse Thomas.

— Tem de ser uma consciência culpada que faz os homens rezarem à noite, hein? — A sentinela estava afável.

— Muitas garotas caolhas — disse Thomas.

Robbie, que não falava francês, ficou de lado e olhou fixo para a grande sombra negra do canhão.

— Um pecado do qual vale a pena se arrepender — disse o homem reprimindo o riso, mas empertigou-se. — O senhor pode esperar aqui enquanto eu acordo o Georges? É só um instante.

— Demore o tempo que quiser — disse Thomas, magnânimo —, vamos ficar aqui até amanhecer. Se quiser, pode deixar o Georges dormir. Nós dois ficamos de sentinela.

— O senhor é um santo em carne e osso — disse o homem, e tirou o cobertor que estava no alpendre antes de afastar-se com um animado “boa noite”.

Thomas, depois que o homem foi embora, entrou no alpendre, onde foi logo chutando um barril vazio que rolou com grande barulho. Soltou um palavrão e ficou imóvel, mas ninguém bradou da aldeia para pedir uma explicação para o barulho.

Robbie agachou-se ao lado dele. A escuridão estava impenetrável no alpendre, mas eles tatearam com as mãos para descobrir meia

dúzia de barris vazios. Eles fediam a ovos podres e Thomas imaginou que já tinham contido pólvora negra. Sussurrou para Robbie os pontos essenciais da conversa que tivera com a sentinela.

— Mas o que não sei — continuou — é se ele vai acordar o Georges ou não. Acho que não vai, mas não tenho certeza.

— Quem ele pensa que somos?

— Provavelmente dois soldados — disse Thomas.

Ele empurrou os barris vazios para o lado, ergueu-se e bateu à procura da corda que erguia o trinco da porta da igreja. Encontrou-a, depois encolheu-se, estremeendo, quando as dobradiças rangeram.

Thomas ainda não conseguia ver nada, mas a igreja tinha o mesmo fedor que os

barris vazios.

— Precisamos de um pouco de luz — sussurrou.

Seus olhos acostumaram-se aos poucos com o escuro e ele viu um brilho fraquíssimo de luz aparecendo na grande janela leste sobre o altar. Não havia nem mesmo uma pequena chama queimando acima do santuário onde as hóstias eram guardadas, talvez porque fosse perigoso demais com toda aquela pólvora armazenada na nave da igreja. Thomas achou a pólvora com facilidade, ao esbarrar na pilha de barris que estava logo do lado de dentro da porta. Havia pelo menos uns quarenta, cada qual mais ou menos do tamanho de um balde de água, e Thomas calculou que o canhão usava um ou talvez dois barris para cada tiro. Digamos três ou quatro tiros por dia. Neste caso, havia ali o estoque de pólvora para duas semanas.

— Precisamos de um pouco de luz — repetiu, voltando-se, mas Robbie não respondeu. — Onde está você? — Thomas falou entre os dentes, mas outra vez não houve resposta e então ouviu uma bota dar uma batida seca num dos barris vazios no alpendre e viu a sombra de

Robbie aparecer num lampejo no luar enevoadado do cemitério.

Thomas esperou. Uma fogueira de acampamento estava em estado latente, não muito depois da cerca viva de espinhos que mantinha o gado longe dos túmulos da aldeia, e ele viu uma sombra agachar-se ao lado das chamas agonizantes e então houve um súbito clarão, como um relâmpago de estio, e Robbie jogou-se para trás.

Thomas, ofuscado e alarmado pelo clarão, não conseguia ver nada.

Tinha ido até a porta da igreja e esperava ouvir o grito de um dos homens que estavam na aldeia, mas em vez disso ouviu apenas o ranger do portão e as passadas do escocês.

— Usei um barril vazio — disse Robbie —, só que ele não estava tão vazio quanto eu pensava. Ou então a pólvora entranhou na madeira.

Ele estava de pé no alpendre e o barril estava em suas mãos; usara-o para avivar algumas brasas. O resíduo de pólvora se inflamara, queimando-lhe as sobrancelhas, e agora havia fogo saltando no interior do barril.

— O que é que eu faço com isso? — perguntou.

— Cristo! — Thomas imaginou a igreja explodindo. — Me dá aqui — disse ele. Pegou o barril, que estava quente, e correu com ele para dentro da igreja, o trajeto iluminado pelas chamas, e atirou a madeira em chamas bem entre duas pilhas de barris cheios. — Agora vamos sair daqui — disse a Robbie.

— Você procurou a caixa de coleta para os pobres? — disse Robbie. — Se vamos destruir a igreja, seria bom levar a caixa de esmolas.

— Vamos! — Thomas agarrou o braço de Robbie e arrastou-o pelo alpendre.

— É um desperdício deixar a caixa — disse Robbie.

— Não existe porcaria de caixa de esmolas nenhuma — disse Thomas. — A aldeia está cheia de soldados, seu idiota!

Eles correram, esquivando-se entre sepulturas e passando pelo bulboso canhão, que jazia em seu berço de madeira. Subiram numa cerca que preenchia uma brecha na cerca viva de espinhos e passaram correndo pelo vulto enorme da springald quebrada e pelos abrigos com telhado de turfa, sem se importarem se faziam barulho, e dois cachorros começaram a latir, depois um terceiro uivou para eles, e um homem saltou do lado da entrada de uma das tendas grandes.

— Qui va là? — gritou, e começou a armar sua besta, mas Thomas e Robbie já tinham passado por ele e estavam em campo aberto, onde tropeçavam na turfa irregular. A lua saiu de trás da nuvem e Thomas via o seu bafo sair como um nevoeiro.

— Halte! — gritou o homem.

Thomas e Robbie pararam. Não porque o homem lhes dera a ordem, mas porque uma luz vermelha estava enchendo o mundo.

Eles se voltaram e olharam. A sentinela que os interpelara logo esqueceu-se deles, enquanto a noite ficava escarlate.

Thomas não tinha certeza quanto ao que tinha esperado. Uma lança de chamas cortando o céu? Um grande barulho, como um trovão? Em vez disso, o barulho foi quase suave, como uma tomada de respiração de um gigante, e uma suave

chama escapou das janelas da igreja como se as portas do inferno tivessem acabado de ser abertas e as chamas da morte estivessem enchendo a nave, mas aquele grande brilho vermelho durou apenas um instante antes de o telhado da igreja ser levantado e Thomas viu, distintamente, os caibros pretos espalharem-se como costelas cortadas a machado.

— Meu doce Jesus Cristo! — blasfemou ele.

— Deus do céu! — disse Robbie, de olhos arregalados.

Agora as chamas, a fumaça e o ar ferviam acima do caldeirão da igreja destelhada, e novos barris ainda explodiam, um atrás do outro, cada qual lançando uma onda de fogo e fumaça para o céu. Nem Thomas nem Robbie sabiam, mas a pólvora precisara ser agitada, porque o salitre, que era mais pesado, escoava para o fundo dos barris e o carvão, mais leve, ficava em cima, e isso significava que grande parte da pólvora demorava a pegar fogo, mas as explosões estavam servindo para misturar a pólvora que restava e que vibrava com brilho e uma cor escarlate para cuspir uma nuvem vermelha por cima da aldeia.

Todos os cachorros de Evecque latiam ou uivavam, e homens, mulheres e crianças saíam rastejando da cama para ver o brilho infernal. O barulho das explosões rolava pelas planícies e ecoava nos muros do solar e assustou centenas de pássaros, fazendo com que saíssem de seus poleiros nos bosques. Destroços caíam no fosso, levantando cacos afiados de gelo fino que refletia o incêndio, de modo que parecia que o solar estivesse cercado por um lago chamejante.

— Jesus — disse Robbie, perplexo, e então os dois continuaram a correr em direção às faias no lado leste, elevado, do pasto.

Thomas começou a rir enquanto eles subiam aos tropeções pela trilha até as árvores.

— Eu vou para o inferno por causa disso — disse ele parando em meio às faias e fazendo o sinalda-cruz.

— Por incendiar uma igreja? — Robbie estava sorrindo, os olhos refletindo o brilho das chamas. — Você devia ver o que nós fizemos

com os frades agostinianos em Hexham! Cristo, metade da Escócia vai para o

inferno por causa daquilo.

Eles ficaram observando o incêndio por alguns instantes, e depois embrenharam-se na escuridão do bosque. O amanhecer não ia demorar. Havia uma claridade no leste, onde um cinza-claro, pálido como a morte, orlava o céu.

— Temos de penetrar mais na floresta — disse Thomas —, temos de nos esconder.

Porque a caça aos sabotadores estava prestes a começar, e à primeira luz, enquanto a fumaça ainda lançava um grande manto sobre Evecque, o conde de Coutances mandou vinte cavalaria e uma matilha procurar os homens que tinham destruído seu depósito de pólvora, mas o dia estava frio, o terreno estava duro de geada e o pequeno cheiro da presa desaparecia logo. No dia seguinte, na sua petulância, o conde ordenou que suas forças fizessem um ataque. Eles tinham preparado gabiões — grandes tubos de fibra de salgueiro entrelaçada que eram cheios de terra e pedras —, e o plano era encher o fosso com os gabiões e depois avançar em massa pela ponte daí resultante a fim de assaltar a porta fortificada. A porta não contava com a ponte levadiça, que tinha sido derrubada no início do cerco para deixar um arco aberto e convidativo só bloqueado por uma baixa barricada de pedra.

Os auxiliares do conde disseram-lhe que não havia gabiões suficientes, que o fosso era mais profundo do que ele pensara, que o momento não era propício, que Vênus estava no ascendente e Marte estava em declínio, e que ele, em suma, devia esperar até que as estrelas lhe fossem favoráveis, e que a guarnição estava com mais fome e mais desesperada, mas o conde perdera prestígio e, de

qualquer forma, ordenou o assalto e seus homens fizeram o possível.

Eles estariam protegidos enquanto segurassem os gabiões, porque os cestos cheios de terra eram à prova de qualquer seta de besta, mas depois que os gabiões fossem atirados no fosso, os atacantes estariam expostos aos seis besteiros de Sir Guillaume que estavam protegidos atrás do baixo muro de pedra que tinha sido construído cortando o arco da entrada do solar, onde antes estivera a ponte levadiça. O

conde tinha besteiros seus, e eles estavam protegidos por pavese, escudos de corpo inteiro levados por um segundo homem para proteger o arqueiro enquanto este armava penosamente a corda da besta, mas os homens que jogavam os

gabiões não teriam proteção alguma a partir do momento em que suas cargas fossem atiradas, e oito deles morreram antes que os demais percebessem que o fosso era na verdade demasiado profundo e que não havia gabiões em número suficiente. Dois portadores de pavese e um besteiro ficaram gravemente feridos antes que o conde aceitasse a idéia de que estava perdendo tempo e chamasse os atacantes de volta. Depois amaldiçoou Sir Guillaume com os quatorze diabos corcundas de St.

Cândace antes de se embriagar.

Thomas e Robbie sobreviveram. No dia seguinte àquele em que incendiaram a pólvora do conde, Thomas matou um veado, e um dia depois Robbie descobriu uma lebre em decomposição numa brecha de uma cerca viva, e quando puxou o corpo dela descobriu um laço que devia ter sido armado por um dos inquilinos de Sir Guillaume que tinha sido morto ou expulso pelos homens do conde. Robbie lavou o laço num riacho e armou-o em outra cerca viva. Na manhã seguinte achou uma lebre morrendo sufocada no laço que se fechava.

Eles não ousavam dormir no mesmo lugar duas noites seguidas,

mas havia abrigo bastante nas fazendas desertas e destruídas pelo fogo. Passaram a maior parte das semanas seguintes no interior ao sul de Evecque, onde os vales eram mais profundos, as montanhas mais íngremes e os bosques mais espessos. Ali havia muitos lugares para se esconder, e foi naquele ambiente complicado que eles tornaram o pesadelo do conde mais assustador. No acampamento dos sitiados começaram a circular histórias de um homem alto, vestido de preto, montando um cavalo pálido, e sempre que o homem no cavalo pálido aparecia alguém morria. A morte seria causada por uma flecha comprida, uma flecha inglesa, mas o homem a cavalo não tinha arco, apenas uma vara que levava, em cima, o crânio de um veado, e todo mundo sabia quem era a criatura que andava no cavalo pálido e o que um crânio numa vara indicava. Os homens que tinham visto a aparição contavam para as mulheres da família no acampamento do conde, e as mulheres da família contavam ao capelão do conde, e o conde dizia que elas estavam sonhando, mas os cadáveres eram verdadeiros. Quatro irmãos, vindos da longínqua Lyons para ganhar dinheiro servindo no sítio, empacotaram seus pertences e foram embora. Outros ameaçavam fazer o mesmo. A morte estava de tocaia em Evecque.

O capelão do conde dizia que as pessoas tinham sido afetadas pela lua e

penetrou, a cavalo, na perigosa região sul, cantando em voz alta orações e espalhando água benta, e quando o capelão escapou ileso o conde disse a seus homens que eles tinham sido uns bobos, que não havia Morte montada num cavalo pálido, e no dia seguinte dois homens morreram, só que dessa vez estavam no leste. As histórias aumentavam cada vez que eram contadas. O cavaleiro agora estava acompanhado de cães gigantescos, cujos olhos brilhavam, e o

cavaleiro nem precisava aparecer para explicar qualquer infortúnio.

Se um cavalo tropeçasse, se um homem quebrasse um osso, se uma mulher derramasse comida, se a corda de uma besta arrebentasse, a culpa era do homem misterioso que montava o cavalo pálido.

O moral dos sitiados despencou. Havia sussurros de juízo final e seis soldados foram para o sul procurar emprego na Gasconha. Os que ficaram resmungavam que estavam fazendo o trabalho do diabo, e nada que o conde de Coutances fazia parecia devolver o ânimo aos seus homens. Ele tentou derrubar árvores para impedir que o arqueiro misterioso atirasse no acampamento, mas havia árvores demais e machados de menos, e as flechas ainda chegavam. Escreveu uma carta ao bispo de Caen, que escreveu uma bênção num pedaço de velino e mandou-o de volta, mas isso não teve efeito algum sobre o cavaleiro de roupa preta cujo aparecimento era um presságio de morte, e por isso o conde, que acreditava fervorosamente estar fazendo a obra de Deus e tinha medo de fracassar no caso de provocar sua ira, apelou para Ele, pedindo ajuda.

Escreveu para Paris.

louis Bessièrès, cardeal arcebispo de Livorno, uma cidade que ele só vira uma vez, quando viajara a Roma (na volta fizera um desvio para que não fosse obrigado a ver Livorno uma segunda vez), caminhava lentamente pelo Quai des Orfèvres, na Île de la Cité, em Paris. Dois criados iam à sua frente, usando varas para abrir caminho para o cardeal, que parecia não estar prestando atenção ao padre magro, de covas profundas, que falava com ele muito agitado. Em vez disso, o cardeal examinava os artigos oferecidos nas ourivesarias que se alinhavam ao longo da margem que levava o nome do ramo de atividade deles: Cais dos Ourives. Admirou um colar de rubis e chegou a examinar a possibilidade de comprá-lo, mas então descobriu um defeito em uma das pedras.

— Lamentável — murmurou ele, e deslocou-se para a loja seguinte. — Primoroso! — exclamou sobre um saleiro de prata adornado com quatro painéis nos quais retratos da vida no campo estavam esmaltados em azul, vermelho, amarelo e preto. Um homem arava em um dos painéis e espalhava sementes no seguinte, uma mulher cortava a safra no terceiro, enquanto no último os dois sentavam-se à mesa admirando um brilhante pão. — Primorosíssimo

— disse o cardeal, entusiasmado —, não acha que ele é uma beleza?

Bernard de Taillebourg praticamente nem olhou para o saleiro.

— O diabo está trabalhando contra nós, eminência — falou, irritado.

— O diabo está sempre trabalhando contra nós, Bernard — disse o cardeal em tom de reprovação. — É o serviço dele. Haveria algo profundamente errado no mundo se o diabo não estivesse trabalhando contra nós.

Ele acariciou o saleiro, passando os dedos sobre as delicadas curvas dos painéis e concluiu que a forma da base não estava certa.

Algo imperfeito ali, pensou ele, um desleixo no desenho e, com um sorriso para o dono da loja, recolocou-o na mesa e seguiu em frente.

O sol brilhava; havia até um pouco de calor no ar de inverno e um brilho no Sena. Um homem sem pernas, com blocos de madeira nos cotocós, atravessou a estrada em muletas e estendeu a mão suja para o cardeal, cujos criados avançaram para o homem com suas varas.

— Não! Não! — bradou o cardeal e meteu a mão na bolsa à procura de algumas moedas. — Que Deus o abençoe, meu filho —

disse ele.

O cardeal Bessièrès gostava de dar esmolas, gostava da gratidão que cobria de ternura a fisionomia dos pobres, e em especial gostava da expressão de alívio quando ele detinha os criados um segundo antes que usassem as varas. Às vezes o cardeal fazia uma pausa, uma fração mais demorada, e também gostava disso. Mas aquele era um dia quente, ensolarado, roubado de um inverno cinza, e por

isso ele estava com um espírito de bondade.

Passado o Sabot d'Or, uma taberna para escrivães, ele se afastou do rio e entrou num emaranhado de becos que serpenteavam pelos labirínticos prédios do palácio real. O parlamento, fosse como fosse, reunia-se ali, e os advogados andavam às pressas pelas passagens escuras como se fossem ratos, mas aqui e ali, furando a obscuridade,

belos prédios erguiam-se para o sol. O cardeal adorava aqueles becos e tinha a impressão de que lojas desapareciam da noite para o dia, como num passe de mágica, para serem substituídas por outras.

Aquela lavanderia estivera sempre ali? E por que ele nunca reparara na padaria? E sem dúvida existira um luthier ao lado do sanitário público? Um peleiro pendurava casacos de pele de urso num cabide, e o cardeal fez uma pausa para apalpar as peles. De Taillebourg ainda tagarelava, mas ele praticamente não o escutava.

Logo depois do peleiro havia um arco vigiado por homens em libré azul e dourado. Eles usavam peitorais polidos, elmos com plumas, e seguravam piques com lâminas brilhando de tanto polimento. Poucas pessoas passavam por eles, mas os guardas apressaram-se a recuar e fizeram uma mesura quando o cardeal passou. Ele lhes fez um aceno benevolente que sugeria uma bênção e seguiu por uma passagem úmida até um pátio. Tudo aquilo agora era área real e os cortesãos dirigiam ao cardeal mesuras respeitosas, porque ele era mais do que um cardeal, era também o legado papal junto ao trono da França. Era embaixador de Deus, e Bessières encarnava o papel, porque era um homem alto, de físico forte e troncudo, o suficiente para inspirar um grande respeito à maioria dos homens sem o traje escarlate. Era bem-apegoado e sabia disso, vaidoso e, o que fingia desconhecer, ambicioso, o que escondia do mundo mas não de si mesmo. Afinal, um cardeal arcebispo tinha apenas mais um trono no qual subir antes de chegar aos degraus de cristal do mais alto trono de todos, e Bernard de Taillebourg parecia o improvável instrumento que poderia dar a Louis Bessières a tríplice coroa pela qual ele ansiava.

E por isso o cardeal penosamente voltou sua atenção para o

dominicano quando os dois saíram do pátio e subiram a escada para a Sainte-Chapelle.

— Fale-me — Bessières interrompeu o que quer que de Taillebourg estivera falando — sobre o seu criado. Ele lhe obedeceu?

Interrompido de modo tão grosseiro, o dominicano levou uns segundos para ajustar as idéias e depois sacudiu a cabeça.

— Ele me obedeceu em tudo.

— Mostrou humildade?

— Fez o possível.

— Ah! Então ele ainda tem orgulho?

— O orgulho está arraigado nele — disse de Taillebourg —, mas ele lutou contra.

— E não o abandonou?

— Não, eminência.

— Então ele voltou para Paris?

— É claro — disse de Taillebourg, ríspido, e então percebeu o tom que usara. — Ele está no mosteiro, eminência.

— Eu gostaria de saber se deveríamos tornar a mostrar a ele a galeria subterrânea — sugeriu o cardeal enquanto caminhava lentamente para o altar. Ele adorava a Sainte-Chapelle, adorava a luz que jorrava entre os altos pilares finos. Aquilo, segundo ele, era o mais próximo do céu que um homem chegava na Terra: um lugar de beleza flexível, brilho esmagador e graça encantadora. Ele gostaria de ter pensado em encomendar um pouco de canto, porque o som das vozes de eunucos penetrando na forma abobadada das pedras da capela podia levar um homem para muito perto do êxtase. Padres corriam para o altar principal, sabendo o que o cardeal tinha ido ver.

— Eu acho — continuou ele — que alguns instantes na galeria subterrânea podem levar um homem a buscar a graça de Deus.

De Taillebourg abanou a cabeça.

— Ele já esteve lá, eminência.

— Leve-o de novo. — Havia agora uma rispidez na voz do cardeal. — Mostre a ele os instrumentos. Mostre a ele uma alma na roda ou sob o fogo. Mas faça isso hoje. Podemos ter de mandar vocês dois para longe.

— Para longe? — De Taillebourg parecia surpreso.

O cardeal não explicou. Em vez disso, ajoelhou-se diante do altar principal e tirou o chapéu púrpura. Raramente, e só com relutância, ele tirava o chapéu em público, porque estava desagradavelmente cômico de que estava ficando careca, mas naquele momento era necessário. Necessário e inspirador de respeito, porque um dos padres tinha aberto o relicário embaixo do altar e retirado a almofada púrpura com borda de renda e borlas douradas, que agora apresentou ao cardeal. E sobre a almofada estava a coroa. Ela era tão velha, tão frágil, tão preta e tão quebradiça, que o cardeal prendeu a respiração enquanto estendia as mãos para pegá-la. A própria Terra parecia parar o seu movimento, todos os sons ficaram em silêncio, até o céu ficou parado enquanto ele estendia as mãos, tocava e levantava a coroa, que era tão leve que parecia não ter peso algum.

Era a coroa de espinhos.

Era exatamente a coroa que tinha sido colocada à força na cabeça de Cristo, onde ficara embebida com o Seu suor e Seu sangue, e os olhos do cardeal encheram-se de lágrimas enquanto ele a erguia até os lábios e a beijava com delicadeza. Os gravetos, entrelaçados para formar um diadema espinhoso, eram longos e finos. Estavam frágeis como os ossos das patas de uma cambaxirra, mas os espinhos ainda

estavam afiados, tão afiados quanto no dia em que tinham sido pressionados na cabeça do Salvador para fazer o sangue escorrer por Sua preciosa face, e o cardeal levantou a coroa bem alto, usando as duas mãos, e ficou maravilhado com a leveza dela enquanto a arriava na sua cabeleira que agora rareava, para deixá-la repousar ali. Depois, de mãos postas, ergueu o olhar para o crucifixo de ouro sobre o altar.

Ele sabia que o clero da Sainte-Chapelle não gostava que ele fosse lá e usasse a coroa de espinhos. Eles tinham reclamado ao arcebispo de Paris, e este se

queixara ao rei, mas Bessières ainda ia, porque tinha poderes para isso. Ele tinha o poder delegado do papa, e a França precisava do apoio do papa. A Inglaterra estava sitiando Calais, Flandres guerreava no norte, toda a Gasconha estava agora jurando outra vez fidelidade a Eduardo da Inglaterra e a Bretanha, que estava se revoltando contra o seu legítimo duque francês, fervilhava de arqueiros ingleses. A França estava sendo atacada e só o papa poderia convencer as potências da cristandade a irem em seu socorro.

E era provável que o papa fizesse isso, porque o próprio Santo Padre era francês. Clemente nascera no Limousin e tinha sido chanceler da França antes de ser eleito para o trono de São Pedro e instalar-se no imponente palácio papal de Avignon. E lá, em Avignon, Clemente dava ouvidos aos romanos que tentavam convencê-lo a levar o papado de volta para a Cidade Eterna. Eles sussurravam e tramavam, subornavam e tornavam a sussurrar, e Bessières temia que Clemente um dia cedesse àquelas vozes lisonjeiras.

Mas se Louis Bessières se tornasse papa não se falaria mais sobre Roma. Roma era uma ruína, um esgoto pestilento cercado por estados insignificantes sempre em guerra uns com os outros, e lá o Vigário de

Deus na Terra jamais estaria a salvo. Mas, apesar de Avignon ser um bom refúgio para o papado, a cidade não era perfeita, porque ela e seu condado de Venaissin pertenciam ao reino de Nápoles, e o papa, de acordo com o ponto de vista de Louis Bessières, não devia ser um locatário.

Nem devia o papa viver numa cidade provinciana. Roma certa vez governara o mundo, e por isso o papa ficava bem em Roma, mas em Avignon? O cardeal, os espinhos tão leves sobre a testa, ergueu os olhos para o grande azul e púrpura da vidraça que mostrava a paixão acima do altar; ele sabia qual era a cidade que merecia o papado. Só uma. E Louis Bessières estava certo de que quando fosse papa poderia convencer o rei da França a ceder a Île de la Cité ao Santo Padre, e com isso o cardeal Bessières levaria o papado para o norte e daria a ele um novo e glorioso refúgio. O palácio seria o seu lar, a Catedral de Notre Dame seria a sua nova São Pedro, e aquela gloriosa Sainte-Chapelle, o seu santuário particular, onde a coroa de espinhos seria a sua relíquia. Talvez, pensou, os espinhos devessem ser incorporados à tríplice coroa do papa. Ele gostava dessa idéia e imaginava-se rezando ali em sua ilha particular. Os ourives e os pedintes, os advogados e as prostitutas, as lavanderias e os luthiers seriam mandados pelas pontes para o resto de Paris e a Île de la Cité se tornaria um lugar santo. E

então o Vigário de Cristo teria o poder da França sempre ao seu lado, e com isso o reino de Deus iria espalhar-se. O infiel seria abatido e haveria paz na Terra.

Mas como se tornar papa? Havia uma dúzia de homens que queriam suceder a Clemente, mas de todos aqueles rivais só Bessières sabia da existência dos Vexille, e só ele sabia que certa vez eles tinham possuído o Santo Graal e que talvez ainda o possuíssem.

E era por isso que Bessières tinha mandado de Taillebourg à Escócia. O dominicano retornara de mãos vazias, mas ficara sabendo de algumas coisas.

— Com que então você não acha que o Graal esteja na Inglaterra? — perguntou Bessières, mantendo a voz baixa para que os padres da Sainte-Chapelle não ouvissem a conversa.

— Ele pode estar escondido lá — pelo tom de voz, de Taillebourg parecia desalentador —, mas não está em Hookton. Guy Vexille vasculhou a aldeia quando a atacou. Nós procuramos de novo, e a aldeia não é mais que uma ruína.

— Ainda acha que Sir Guillaume o levou para Evêque?

— Acho possível, eminência — disse de Taillebourg. E então, resguardando-se:
— Não é provável, mas possível.

— O cerco vai mal. Eu estava enganado a respeito de Coutances.

Ofereci a ele mil anos a menos no purgatório se ele capturasse Evêque até o Dia de São Timóteo, mas ele não tem o vigor para forçar um sítio. Fale-me sobre esse filho bastardo.

De Taillebourg fez um gesto que indicava rejeição.

— Ele não é nada. Ele duvida até que o Graal exista. Tudo o que quer é ser soldado.

— Um arqueiro, foi o que você me disse?

— Um arqueiro — confirmou de Taillebourg.

— Acho que você está errado a respeito dele. Coutances me escreveu dizendo

que o trabalho deles está sendo atrapalhado por um arqueiro. Um arqueiro que atira flechas compridas, do tipo inglês.

De Taillebourg não disse nada.

— Um arqueiro — insistiu o cardeal — que provavelmente destruiu todo o estoque de pólvora de Coutances. Era o único estoque

na Normandia! Se quisermos mais, terá de ser levado de Paris.

O cardeal ergueu a coroa da cabeça e colocou-a sobre a almofada.

Depois, lentamente, reverentemente, apertou o dedo indicador contra um dos espinhos e os padres que assistiam inclinaram-se para a frente. Temiam que ele estivesse tentando roubar um dos espinhos, mas o cardeal estava apenas tirando sangue. Ele tremeu quando o espinho rompeu-lhe a pele, levou o dedo à boca e chupou-o. Havia um pesado anel de ouro no dedo e, escondido por baixo do rubi, que engenhosamente girava numa dobradiça, estava um espinho que ele roubara oito meses antes. Às vezes, na privacidade de seu quarto de dormir, ele arranhava a testa com o espinho e imaginava ser o representante de Deus na Terra. E Guy Vexille era a chave para aquela ambição.

— O que você vai fazer — ordenou a de Taillebourg depois que o gosto de sangue desapareceu — é mostrar a galeria subterrânea a Guy Vexille outra vez, para lembrá-lo do tipo de inferno que o aguarda se ele falhar. Depois vá com ele para Evrecque.

— Vossa Eminência mandaria Vexille a Evrecque? — De Taillebourg não conseguiu esconder a surpresa.

— Ele é implacável e cruel — disse o cardeal enquanto se levantava e colocava o chapéu — e você me diz que ele é nosso. Por isso vamos gastar dinheiro e dar a ele pólvora negra e homens suficientes para esmagar Evrecque e trazer Sir Guillaume para a galeria subterrânea.

Ele ficou olhando enquanto a coroa de espinhos era levada de volta ao seu relicário. E em breve, pensou, nesta capela, neste lugar de luz e glória, receberia um prêmio maior. Iria receber um tesouro para levar toda a cristandade e suas riquezas ao seu trono de ouro. Ele teria

o Graal.

thomas e Robbie estavam imundos; as roupas tinham crostas de sujeira; suas cotas de malha estavam cheias de gravetos espetados, de folhas mortas e terra; os cabelos não tinham sido cortados e estavam gordurosos e sem brilho. À noite, eles tremiam, o frio penetrando-lhes a alma, mas durante o dia nunca tinham se sentido tão vivos, porque jogavam um jogo de vida e morte nos pequenos vales e bosques emaranhados em volta de Evecque. Robbie, usando uma envolvente capa preta e levando o crânio na vara, cavalgava o cavalo branco para levar homens de Coutances para uma emboscada, onde Thomas matava. Às vezes Thomas apenas feria, mas raramente errava, porque estava atirando a pouca distância, obrigado a isso pelo emaranhado dos bosques, e o jogo fazia-o lembrar-se das canções que os arqueiros gostavam de cantar e das histórias que as mulheres deles contavam sobre os acampamentos do exército. Eram canções e histórias de gente comum, que nunca era cantada pelos trovadores, e falavam de um fora-da-lei chamado Robin Hood. Era Hood ou Hude, Thomas não tinha certeza, porque nunca vira o nome escrito, mas sabia que Hood era um herói inglês que tinha vivido há algumas centenas de anos e seu inimigo tinha sido a nobreza inglesa que falava francês. Hood os combatera com uma arma inglesa, o arco de guerra, e sem dúvida a nobreza da atualidade considerava as histórias subversivas, motivo pelo qual nenhum trovador as cantava nos

grandes salões. Às vezes Thomas pensava que poderia, ele mesmo, transcrevê-las, só que ninguém escrevia em inglês, nunca. Todos os livros que Thomas já vira estavam em latim ou em francês. Mas por que as canções sobre Hood não podiam ser transformadas em livro?

Em certas noites, ele contava as histórias de Hood a Robbie, enquanto os dois tremiam de frio no precário abrigo que pudessem ter encontrado, mas o escocês achava as histórias enfadonhas.

— Prefiro as histórias do rei Artur — disse ele.

— Vocês têm essas histórias na Escócia? — perguntou Thomas, surpreso.

— Claro que temos! — afirmou Robbie. — Artur era escocês.

— Não seja idiota! — disse Thomas, ofendido.

— Ele era escocês — insistiu Robbie — e matava os porcarias dos ingleses.

— Ele era inglês — disse Thomas — e é provável que nunca tenha ouvido falar na porcaria dos escoceses.

— Vá para o inferno! — vociferou Robbie.

— Eu te levarei até lá primeiro — disse Thomas com veemência, e pensou que se algum dia escrevesse as histórias de Hood iria fazer com que o lendário arqueiro fosse até o norte e espetasse alguns escoceses com algumas belas flechas inglesas.

Na manhã seguinte os dois estavam com vergonha dos acessos de raiva que tiveram.

— É porque eu estou com fome — disse Robbie. — Sempre fico de mau humor quando estou com fome.

— Você está sempre com fome — disse Thomas.

Robbie deu uma risada, e depois colocou a sela sobre o cavalo branco. O animal tremia. Nenhum dos cavalos tinha comido bem e

os dois estavam fracos, de modo que Thomas e Robbie estavam sendo cautelosos, não querendo ser encurralados em campo aberto onde os melhores cavalos do conde podiam correr mais do que os dois cansados corcéis. Pelo menos o frio diminuía, mas grandes ondas de chuva vinham do oceano ocidental, e durante uma semana choveu forte e nenhum arco inglês podia ser armado num tempo daqueles. O

conde de Coutances estaria, sem dúvida, começando a acreditar que a água benta de seu capelão afastara o cavalo pálido de Evecque e por isso poupou seus homens, mas seus inimigos também foram poupados, porque não chegara mais pólvora para o canhão e agora as campinas em torno da casa cercada pelo fosso estavam tão alagadas que as trincheiras ficaram inundadas e os sitiante patinhavam na lama. Cavalos pegavam podridão do casco e homens ficavam nos abrigos, tremendo de febre.

A cada amanhecer, Thomas e Robbie cavalgavam primeiro para os bosques ao sul de Evecque e lá, no lado do solar onde o conde não tinha aberto trincheiras e tinha apenas um pequeno posto de sentinela, colocavam-se à beira dos bosques e acenavam. Eles tinham recebido um aceno de resposta na terceira manhã em que

fizeram sinal para a guarnição, mas depois disso nada aconteceu até a semana da chuva. Então, na manhã seguinte à discussão sobre o rei Artur, Thomas e Robbie acenaram para o solar e dessa vez viram um homem aparecer no telhado. Ele ergueu uma besta e disparou bem para o alto. O quadrelo não tinha sido mirado no posto de sentinela, e se os homens ali de guarda chegaram a ver o vôo dele nada fizeram, mas Thomas o viu cair no pasto, onde chapinhou numa poça e deslizou pela grama molhada.

Naquele dia eles não saíram a cavalo. Em vez disso, esperaram até

o anoitecer, até que a escuridão tivesse caído, e então Thomas e Robbie rastejaram até o pasto e, de quatro, vasculharam a espessa grama molhada e o estrume de vaca. Aquilo pareceu durar horas, mas finalmente Robbie encontrou a seta e descobriu que havia um pacote encerado enrolado na haste curta.

— Está vendo? — disse Robbie quando eles estavam de volta ao abrigo e tremiam ao lado de um fogo fraco. — É possível fazer isso.

Ele fez um gesto para a mensagem enrolada no quadrelo. Para fazer a seta voar, a mensagem tinha sido presa à haste com um cordão de algodão que havia encolhido e que Thomas teve de cortar para soltá-lo. Depois desenrolou o pergaminho encerado e levou-o para perto da fogueira para que ele pudesse ler a mensagem, que tinha sido escrita com carvão.

— É de Sir Guillaume — disse Thomas — e ele quer que a gente vá a Caen.

— Caen?

— E deveremos procurar um... — Thomas franziu o cenho e aproximou mais das chamas a carta com sua caligrafia ininteligível

—, deveremos procurar um comandante de navio mercante chamado Pierre Villeroy.

— Será que é o Peter Feio? — interpôs Robbie.

— Não — disse Thomas aproximando a vista do pergaminho —, o navio desse homem se chama *Pentecost*, e se ele não estiver lá devemos procurar Jean Lapoullier ou Guy Vergon.

Thomas estava segurando a mensagem tão perto da fogueira, que ela começou a ficar marrom e enroscar enquanto ele lia as últimas palavras em voz alta.

— Diga a Villeroy que eu quero o *Pentecost* pronto até o Dia de São Clemente e que ele deve tomar providências para dez passageiros que vão para Dunquerque. Espere com ele e nós o encontraremos em Caen. Acenda uma fogueira nos bosques hoje à noite para mostrar que recebeu esta mensagem.

Naquela noite eles acenderam uma fogueira nos bosques. Ela queimou por um curto espaço de tempo, depois a chuva chegou e o fogo apagou, mas Thomas estava certo de que a guarnição devia ter visto as chamas.

E ao amanhecer, molhados, cansados e imundos, eles estavam de volta a Caen.

thomas e Robbie percorreram os cais da cidade, mas não havia sinal de Pierre Villeroy ou de seu navio, o *Pentecost*, embora um taberneiro calculasse que Villeroy não estava longe.

— Ele levou um carregamento de pedras para Cabourg — disse o homem a Thomas — e achava que estaria de volta hoje ou amanhã, e as condições do tempo não devem ter feito ele se atrasar. — Olhou de soslaio para a vara do arco. — Isso daí é um maldito arco? — Ele se referia a um arco inglês.

— Arco de caça de Argentan — disse Thomas, despreocupado, e a mentira satisfez ao dono da taberna, porque havia alguns homens em toda comunidade francesa que sabiam usar o longo arco de caça, mas eram muito poucos e nunca o suficiente para formar o tipo de exército que tornava as encostas dos morros vermelhas de sangue nobre.

— Se Villeroy voltar hoje — disse o homem —, estará bebendo na minha taberna hoje à noite.

— Você o mostraria para mim? — perguntou Thomas.

— Não se pode deixar de notar o Pierre — disse o homem rindo

—, porque é um gigante! Um gigante careca, com uma barba na qual a gente pode criar camundongos e uma pele marcada pela bexiga.

Você vai reconhecer o Pierre sem a minha ajuda.

Thomas calculava que Sir Guillaume iria estar com pressa quando

chegasse a Caen e não iria querer perder tempo convencendo cavalos a entrarem no *Pentecost*, e por isso passou o dia regateando preços pelos dois garanhões e naquela noite, cheio de dinheiro, ele e Robbie voltaram para a taberna. Não havia sinal de um gigante barbudo, careca, mas estava chovendo, os dois estavam gelados e concluíram que seria melhor esperar, e por isso pediram um cozido de enguia, pão e vinho quente. Um cego tocava harpa a um canto da taberna, e depois começou a cantar sobre marinheiros, focas e os estranhos animais marinhos que se levantavam do fundo do oceano para uivar para a lua minguante. Então a comida chegou e, justo no momento em que Thomas ia prová-la, um homem corpulento, de nariz quebrado, atravessou a taberna e plantou-se beligerantemente em frente a Thomas. Apontou para o arco.

— Isso é um arco inglês — disse ele, categórico.

— É um arco de caça de Argentan — disse Thomas.

Ele sabia que era perigoso carregar uma arma tão chamativa, e no último verão, quando ele e Jeanette foram a pé da Bretanha até a Normandia, ele disfarçara o arco em vara de peregrino, mas naquela visita ele fora mais descuidado.

— É apenas um arco de caça — repetiu ele, tranquilo, e encolheu-se porque o cozido de enguia estava muito quente.

— O que é que esse bastardo quer? — perguntou Robbie.

O homem ouviu.

— Você é inglês.

— Eu falo como um inglês? — perguntou Thomas.

— E como é que ele fala? — O homem apontou para Robbie. —

Ou será que agora ele perdeu a língua?

— Ele é escocês.

— Ah, estou certo que é, e eu sou o porcaria do duque da Normandia.

— Você é o maldito de um chato — disse Thomas, falando com suavidade, e jogou a sopeira na cara do homem e, com os pés, empurrou a mesa contra a virilha dele. — Dá o fora! — disse então a Robbie.

— Cristo, eu adoro uma briga! — disse Robbie. Meia dúzia de amigos do homem escaldado avançavam do outro lado da taberna e Thomas lançou um banco nas pernas deles, derrubou dois, e Robbie brandiu a espada contra um outro.

— Eles são ingleses! — gritou do chão o homem escaldado. —

Eles são malditos! — Os ingleses eram odiados em Caen.

— Ele está te chamando de inglês — disse Thomas a Robbie.

— Eu vou fazer ele engolir o meu mijo — rosnou Robbie dando um pontapé na cabeça do homem, e depois bateu em outro homem com o punho da espada e bradava seu grito de guerra escocês enquanto avançava contra os sobreviventes.

Thomas havia apanhado às pressas a bagagem deles e seu arco e abriu uma porta.

— Venha! — gritou ele.

— Me chamem de inglês, seus beberrões! — desafiou Robbie. Sua espada mantinha os atacantes afastados, mas Thomas sabia que eles iriam tomar coragem e avançar, e era quase certo que Robbie teria de matar um deles para escapar, e então haveria um clamor público e eles teriam sorte se não acabassem pendurados numas cordas na defesa do castelo, e por isso arrastou Robbie para trás, passando pela porta da taberna.

— Corra!

— Eu estava gostando — insistiu Robbie e tentou voltar para dentro da taberna, mas Thomas puxou-o com força e atingiu com o ombro um homem que ia entrando no beco.

— Corra! — Thomas tornou a gritar e empurrou Robbie em direção da Île. Eles fugiram para um beco, atravessaram correndo uma pequena praça e finalmente foram jogar-se ao chão nas sombras do alpendre da igreja de St. Jean. Seus

perseguidores procuraram durante alguns minutos, mas a noite estava fria e a paciência dos caçadores era limitada. — Eles eram seis — disse Thomas.

— Nós estávamos ganhando! — disse Robbie com truculência.

— E amanhã — disse Thomas —, quando deveremos procurar Pierre Villeroy ou um dos outros, você preferiria estar numa prisão em Caen?

— Eu não esmurro um homem desde a briga em Durham — disse Robbie. — Não como devia.

— E a briga com os hoggliers em Dorchester?

— Nós estávamos muito bêbados. Isso não vale. — Ele começou a rir. — Seja como for, foi você quem começou.

— Eu?

— Foi — disse Robbie —, você atirou o cozido de enguia bem na cara dele! O cozido todo.

— Eu só estava tentando salvar a sua vida — assinalou Thomas.

— Cristo! Você estava falando inglês em Caen! Eles odeiam os ingleses!

— E devem odiar mesmo — disse Robbie —, e devem mesmo, mas o que é que eu devo fazer aqui? Ficar de boca calada? Diabo! O

inglês também é a minha língua. Deus sabe por que ela é chamada de inglês.

— Porque é inglês — disse Thomas —, e o rei Artur a falava.

— Meu doce Jesus! — disse Robbie e tornou a rir. — Que diabo, eu bati naquele sujeito com tanta força que quando acordar ele não vai saber que dia é hoje.

Eles encontraram abrigo em uma das muitas casas que ainda estavam abandonadas depois da selvageria do assalto inglês no verão.

Os donos da casa estavam muito longe ou o mais provável era que seus ossos estivessem na grande cova comum do cemitério da igreja ou atolados no leito do rio.

Na manhã seguinte eles voltaram aos cais. Thomas lembrou-se de ter vadeado a forte corrente enquanto os besteiros atiravam dos navios atracados. Os quadrellos espirravam pequenas fontes de água e, por nem pensar em deixar que a corda de seu arco ficasse molhada, ele não pudera responder aos disparos. Agora ele e Robbie andavam pelos cais para descobrir que o *Pentecost* aparecera como por mágica durante a noite. Era um navio do tamanho normal daqueles que podiam subir o rio, um navio com a capacidade de atravessar até a Inglaterra com uma vintena de homens e cavalos a bordo, mas agora estava em seco, já que a maré baixa o encalhara na lama. Thomas e Robbie atravessaram na ponta dos pés a estreita prancha de embarque para ouvir um monstruoso roncar vindo de uma pequena e fétida cabine na popa. Thomas achou que o próprio convés vibrava todas as vezes que o homem respirava e ficou imaginando como uma criatura que emitia um som daqueles reagiria ao ser acordado, mas naquele exato momento uma menina que mais parecia abandonada, pálida como nevoeiro matutino e magra como uma flecha, subiu pela escotilha e colocou algumas peças de roupa no convés e levou um dedo aos lábios. Ela parecia muito frágil e, ao levantar a camisola para

puxar meias com força, mostrou pernas que pareciam gravetos.

Thomas duvidava que ela pudesse ter mais de treze anos.

— Ele está dormindo — sussurrou ela.

— Foi o que eu ouvi — disse Thomas.

— Shh! — Ela tornou a levar o dedo aos lábios e depois colocou uma grossa blusa de lã por cima da camisola, colocou os pés magros em botas enormes e enrolou-se num grande casaco de couro. Pôs um chapéu de lã sebo sobre os cabelos louros e apanhou uma sacola que parecia feita de pano de vela velho e puído.

— Vou comprar comida — disse ela baixinho — e tem fogo para fazer no pique de vante. Vocês vão achar uma pederneira e aço na prateleira. Não o acordem!

Com aquele aviso, ela saiu do navio na ponta dos pés, envolta em seu grande casaco e metida nas botas, e Thomas, perplexo com a profundidade e o volume dos roncões, decidiu que discrição era o melhor caminho. Foi até o pique de vante, onde encontrou um braseiro de ferro sobre uma chapa de pedra. Lenha já havia sido colocada no braseiro e, depois de abrir a escotilha acima para servir

de chaminé, tirou centelhas da pederneira. Os gravetos estavam úmidos, mas depois de algum tempo o fogo pegou e ele colocou mais pedaços de madeira, de modo que quando a menina voltou havia uma chama respeitável.

— Eu sou Yvette — disse ela, aparentemente sem curiosidade por saber quem eram Thomas e Robbie. — Mulher do Pierre — explicou ela, e depois apanhou uma enorme panela escurecida na qual quebrou doze ovos. — Vocês também querem comer? — perguntou ela a Thomas.

— Gostaríamos.

— Vocês podem comprar ovos comigo — disse ela fazendo um gesto com a cabeça para a sacola de pano de vela —, e tem um pouco de presunto e pão ali. Ele gosta de presunto.

Thomas olhou para os ovos que embranqueciam no fogo.

— Aqueles são todos para o Pierre?

— Ele tem fome de manhã — explicou ela. — Por isso por que você não corta o presunto? Ele gosta de fatias grossas.

De repente o navio estalou e balançou ligeiramente na lama.

— Ele está acordado — disse Yvette tirando um prato de peltre da prateleira. Ouviu-se um gemido vindo do convés, depois passadas, e Thomas saiu de costas do pique de vante e voltou-se para se ver diante do maior homem que ele já vira.

Pierre Villeroy era trinta centímetros mais alto do que o arco de Thomas. Tinha um peito que parecia um barril, uma cabeça lisa, careca, um rosto terrivelmente marcado pela varíola que tivera quando criança e uma barba na qual uma lebre poderia perder-se. Ele piscou para Thomas.

— Veio para trabalhar? — grunhiu ele.

— Não, eu lhe trouxe uma mensagem.

— Só que nós temos de começar logo — disse Villeroy numa voz que parecia ribombar de alguma caverna profunda.

— Uma mensagem de Sir Guillaume d’Evecque — explicou Thomas.

— Eu tenho de aproveitar a maré baixa, entende? — disse Villeroy. — Tenho três banheiras de musgo no porão. Sempre usei musgo. Meu pai usava. Outros usam cânhamo em tiras, mas eu não gosto, não gosto nada. Nada funciona a metade do que um musgo fresco funciona. Ele gruda, entende? E combina melhor com o piche.

— A fisionomia feroz rompeu-se de repente num sorriso com falhas nos dentes. — Mon caneton! — declarou quando Yvette surgiu com o prato dele com um monte de comida.

Yvette, o patinho dele, serviu a Thomas e Robbie dois ovos para cada um, e depois mostrou dois martelos e dois estranhos instrumentos de ferro que pareciam cinzéis cegos.

— Nós estamos calafetando as juntas — explicou Villeroy —, de modo que eu vou esquentar o piche e vocês dois podem enfiar musgo entre as pranchas. — Ele levou à boca, com os dedos, uma porção de gema de ovo. — Temos de fazer isso enquanto o navio estiver encalhado entre as marés.

— Mas lhe trouxemos uma mensagem — insistiu Thomas.

— Eu sei que trouxeram. De Sir Guillaume. O que significa que ele quer o *Pentecost* para uma viagem, e o que Sir Guillaume quer ele consegue, porque tem sido bom para mim, tem, sim, mas o *Pentecost* não vale nada para ele se afundar, vale? Ele não serve de nada no fundo do mar, com todos os marinheiros afogados, serve? Ele tem de ser calafetado. A minha querida e eu quase morremos afogados ontem, não foi, meu patinho?

— Ele estava fazendo água — concordou Yvette.

— Ele navegava gorgolejando, isso, sim — declarou Villeroy em voz alta —, de Cabourg até aqui, e por isso, se Sir Guillaume quer ir para algum lugar, é melhor vocês dois comecem a trabalhar!

Ele sorriu para eles por cima da imensa barba, que agora estava com traços de gema de ovo.

— Ele quer ir para Dunquerque — disse Thomas.

— Ele está planejando fugir para lá, não é? — refletiu Villeroy em

voz alta. — Ele vai atravessar aquele fosso, montar no cavalo dele e dar o fora antes que o conde de Coutances saiba em que ano nós estamos.

— Por que Dunquerque? — quis saber Yvette.

— Ele vai se unir aos ingleses, é claro — disse Villeroy sem qualquer traço de ressentimento por aquela presumida traição de Sir Guillaume. — O senhor dele voltou-se contra ele, os bispos estão mijando na boca dele e dizem que o rei está envolvido nisso, de modo que é melhor ele mudar de lado agora. Dunquerque? Ele vai se juntar ao cerco de Calais. — Ele meteu mais ovos e presunto na boca.

— Pois quando é que Sir Guillaume quer partir?

— No Dia de São Clemente — disse Thomas.

— Quando é isso?

Nenhum deles sabia. Thomas sabia que dia do ano era a festa de São Clemente, mas não sabia quantos dias faltavam, e essa ignorância lhe deu uma desculpa para evitar o que ele tinha a certeza de ser um serviço repugnantemente sujo, frio e úmido.

— Vou descobrir — disse ele — e volto para ajudá-lo.

— Eu vou com você — ofereceu-se Robbie.

— Você fica aqui — disse Thomas, severo. — *Monsieur Villeroy* tem um serviço para você.

— Um serviço? — Robbie não tinha entendido a conversa anterior.

— Não é nada demais — assegurou-lhe Thomas. — Você vai gostar!

Robbie ficou desconfiado.

— E aonde você vai?

— À igreja, Robbie Douglas — disse Thomas —, vou à igreja.

os ingleses tinham capturado Caen no verão anterior e ocuparam a cidade só o tempo suficiente para estuprar suas mulheres e saquear suas riquezas. Eles tinham deixado Caen castigada, sangrando e chocada, mas Thomas havia ficado depois que o exército fora embora. Ele adoecera e o dr. Mordecai tratara dele na casa de Sir Guillaume. Quando Thomas melhorou a ponto de poder andar, Sir Guillaume o levou até a Abbaye aux Hommes para conhecer o irmão Germain, o chefe do escritório da abadia e um homem de uma cultura como Thomas jamais vira. Sem dúvida o irmão Germain iria saber quando era o Dia de São Clemente, mas aquele não era o único motivo pelo qual Thomas estava indo até a abadia. Ele chegara à conclusão de que se havia um homem que podia compreender o estranho texto no livro de notas de seu pai, esse homem era o velho monge, e a idéia de que talvez naquela manhã Thomas fosse descobrir uma resposta para o mistério do Graal dava nele uma agonia agitada. Aquilo o surpreendeu. Muitas vezes ele duvidara da existência do Graal, e com uma frequência ainda maior desejava que a taça deixasse de ser um problema seu, mas agora, de repente, sentia a emoção viva da busca. E mais, ficara repentinamente dominado pela solenidade da busca, a tal ponto que se deteve em sua caminhada e olhou fixo para a luz cintilante refletida pelo rio e tentou lembrar-se da visão que tivera de fogo e ouro na noite do

norte inglês. Que loucura duvidar, pensou de repente. Claro que o Graal existia! Só estava esperando ser encontrado e, assim, trazer felicidade a um mundo despedaçado.

— Olha a frente!

Thomas foi despertado com um susto do seu sonho por um homem que empurrava um pesado carrinho de mão cheio de ostras.

Um cachorro pequeno estava amarrado ao carrinho e avançou para Thomas, tentando em vão morder-lhe os calcanhares antes de soltar um grito quando a corda o arrastou para a frente. Thomas praticamente não prestou atenção ao homem nem ao cachorro. Em vez disso, pensava que o Graal devia esconder-se dos indignos dando-lhes dúvidas. Para encontrá-lo, então, tudo o que ele tinha de fazer era acreditar nele e talvez solicitar uma ajudazinha do irmão Germain.

Um porteiro dirigiu-lhe a palavra no portão da abadia, e imediatamente depois sofreu um acesso de tosse. O homem dobrou-se na cintura, fez esforço para respirar, então endireitou o corpo devagar e assoou o nariz nos dedos.

— Eu peguei a minha morte — disse ele resfolegando —, foi isso, peguei a minha morte. — Puxou uma bola de catarro da garganta e cuspiu-a na direção dos mendigos que estavam ao lado no portão. —

O escritório é por ali — disse ele —, depois da clausura.

Thomas seguiu para a sala iluminada pela luz do sol, onde vinte monges estavam de pé ao lado de carteiras altas, inclinadas. Uma pequena fogueira queimava numa lareira central, ostensivamente para evitar que a tinta congelasse, mas a sala de pé-direito alto ainda estava fria o bastante para que a respiração dos monges saísse como uma névoa acima dos pergaminhos. Estavam todos copiando livros e

a câmara de pedra estalava e arranhava com o som das penas. Dois noviços socavam pó para tintas em uma mesa lateral, um outro raspava uma pele de ovelha, e um quarto afiava a ponta de penas de ganso, todos temerosos do irmão Germain, que estava sentado num tablado onde trabalhava em seu manuscrito. Germain era idoso e pequeno, frágil e curvado, com finos cabelos brancos, olhos míopes leitosos e uma expressão de mau humor. O rosto estivera a apenas seis centímetros de seu trabalho, até que ele ouviu as passadas de Thomas e então ergueu os olhos de repente. Embora não pudesse enxergar direito, pelo menos observou que o visitante que não se anunciara tinha uma espada do lado.

— O que é que um soldado vem fazer na casa de Deus? —

vociferou o irmão Germain. — Veio acabar o que os ingleses começaram no verão passado?

— Vim procurar o senhor, irmão — disse Thomas. O raspar das penas havia cessado abruptamente, já que os monges tentavam ouvir a conversa.

— Trabalhem! — disse o irmão Germain com rispidez. —

Trabalhem! Vocês ainda não se transportaram para o céu! Vocês têm deveres, dediquem-se a eles!

Penas retiniam em tinteiros, e o arranhar e o socar e o raspar recomeçaram. O irmão pareceu alarmado quando Thomas subiu no tablado.

— Eu o conheço? — indagou, ríspido.

— Nós nos conhecemos no verão passado. Sir Guillaume me trouxe para falar com o senhor.

— Sir Guillaume! — O irmão Germain, perplexo, depôs a pena na mesa. — Sir Guillaume? Duvido muito que vamos tornar a vê-lo! Ha!

Engaiolado por Coutances, foi o que ouvi dizer, e isso é bom. Sabe o que ele fez?

— Coutances?

— Sir Guillaume, seu bobo! Ele se voltou contra o rei na Picardia!

Voltou-se contra o rei. Tornou-se um traidor. Ele sempre foi um tolo, sempre arriscando o pescoço, mas agora vai ter sorte se ficar com a cabeça. O que é isso?

Thomas havia desembrulhado o livro e agora colocou-o na mesa.

— Eu tinha a esperança, irmão — disse ele com humildade —, que o senhor pudesse tornar claro o...

— Você quer que eu o leia, hein? Você mesmo nunca aprendeu, e agora pensa que não tenho nada melhor para fazer do que ler alguma bobagem para que você possa determinar o valor dele?

Às vezes pessoas que não sabiam ler ficavam de posse de livros e os levavam ao mosteiro para mandá-los avaliar, na esperança, ainda que sabidamente não haja esperança, de que alguma coletânea de conselhos piedosos pudesse revelar-se um raro livro de teologia, astrologia ou filosofia.

— Como foi que disse que se chamava? — perguntou o irmão Germain.

— Eu não disse, mas eu me chamo Thomas.

O nome não representava lembrança alguma para o irmão Germain, mas também ele já não estava interessado, porque imergira no livro, movimentando os lábios em palavras à meia voz, virando páginas com longos dedos brancos, maravilhado, e então folheou de volta à primeira página e leu o latim em voz alta.

— *Calix meus inebrians.*

Ele disse as palavras à meia voz, como se elas fossem sagradas, e

depois fez o sinalda-cruz e virou para a página seguinte, que estava na estranha língua hebraica, e ficou ainda mais agitado.

— “Para o meu filho” — disse ele em voz alta, evidentemente traduzindo — “que é filho do Tirshatha e neto de Hachaliah.” — Ele dirigiu os olhos míopes para o rosto de Thomas. — É você?

— Eu?

— Você é neto de Hachaliah? — perguntou Germain e, apesar da visão deficiente, devia ter percebido a perplexidade no rosto de Thomas. — Ah, não importa! — disse ele, impaciente. — Você sabe o que é isso?

— Histórias — disse Thomas. — Histórias sobre o Graal.

— Histórias! Histórias! Vocês, soldados, parecem crianças.

Broncos, cruéis, sem instrução e gananciosos por histórias. Você sabe o que é este texto?

— É hebraico, não é?

— “É hebraico, não é?” — arremedou o irmão Germain, zombando de Thomas. — Claro que é hebraico, até mesmo um bobo que estudou na Universidade de Paris saberia isso, mas é o texto mágico deles. É a caligrafia que os judeus usam para fazer seus encantos, sua magia negra. — Ele olhou atentamente para uma das páginas. — Aqui, está vendo? O nome do diabo, Abracadabra! — Ele franziu o cenho por alguns segundos. — O autor alega que Abracadabra pode ser trazido para este mundo invocando-se seu nome acima do Graal. Parece plausível.

O irmão Germain tornou a fazer o sinalda-cruz para afastar o diabo e ergueu os olhos para Thomas.

— Onde conseguiu isto? — Ele fez a pergunta com rispidez, mas não esperou resposta. — Você é ele, não é?

— Ele?

— O Vexille que Sir Guillaume trouxe para falar comigo — disse o irmão Germain em tom acusador e tornou a fazer o sinalda-cruz.

— Você é inglês! — Ele fez com que isso parecesse ainda pior. — Para quem vai levar este livro?

— Primeiro quero entendê-lo — disse Thomas, confuso com a pergunta.

— Entendê-lo! Você? — zombou o irmão Germain. — Não, não.

Você tem de deixá-lo comigo, rapaz, para que eu possa fazer uma cópia dele, e depois o livro deverá ir para Paris, para os dominicanos de lá. Eles mandaram um homem para perguntar sobre você.

— Sobre mim? — Agora Thomas estava ainda mais confuso.

— Sobre a família Vexille. Parece que uma de suas pragas lutou ao lado do rei no verão passado e agora ele submeteu-se à Igreja. A Inquisição teve... — o irmão Germain fez uma pausa, evidentemente procurando a palavra certa — ... umas conversas com ele.

— Com o Guy? — perguntou Thomas. Ele sabia que Guy era seu primo, sabia que Guy lutara do lado francês na Picardia e sabia que Guy tinha matado seu pai à procura do Graal, mas não sabia mais do que isso.

— Quem mais? E agora, afirmam eles, Guy Vexille está reconciliado com a Igreja — disse o irmão Germain enquanto virava as páginas. — Reconciliado com a Igreja, hein! Será que um lobo pode deitar-se com ovelhas? Quem escreveu isto?

— Meu pai.

— Então você é neto de Hachaliah — disse o irmão Germain com reverência e fechou as magras mãos sobre o livro. — Obrigado por trazê-lo para mim — disse ele.

— Pode me dizer o que dizem os trechos em hebraico? —

perguntou Thomas, desconcertado pelas últimas palavras do irmão Germain.

— Dizer a você? Claro que posso dizer, mas não vai significar coisa alguma. Você sabe quem foi Hachaliah? Você conhece bem o Tirshatha? Claro que não. As respostas de nada adiantariam para você! Mas eu lhe agradeço por ter me trazido o livro. — Ele puxou um pedaço de pergaminho para perto dele, apanhou a pena e molhou-a na tinta. — Se levar este bilhete ao sacristão, ele lhe dará uma recompensa. Agora tenho de trabalhar.

Ele assinou o bilhete e estendeu-o em direção a Thomas.

Thomas estendeu a mão para o livro.

— Não posso deixá-lo aqui — disse ele.

— Não pode deixá-lo aqui! Claro que pode! Uma coisa dessas pertence à Igreja. Além do mais, tenho de fazer uma cópia. — O

irmão Germain cruzou as mãos sobre o livro e curvou-se sobre ele. —

Você vai deixá-lo aqui — disse ele quase rosnando.

Thomas havia pensado que o irmão Germain fosse um amigo ou pelo menos que não fosse um inimigo, e até mesmo as palavras duras do velho monge sobre a traição de Sir Guillaume não tinham alterado aquela opinião. Germain dissera que o livro tinha de ir para Paris, para os dominicanos, mas Thomas agora compreendia que Germain era aliado daqueles homens da Inquisição, os quais por sua vez tinham Guy Vexille do lado deles. E Thomas compreendia também que aqueles homens poderosos estavam à procura do Graal com uma avidez que ele não avaliara até aquele momento, e o caminho deles para o Graal passava por ele e aquele livro. Aqueles homens eram seus inimigos, e isso significava que o irmão Germain também era seu

inimigo, e que tinha sido um engano terrível levar o livro à abadia.

Sentiu um medo súbito e estendeu a mão para o livro.

— Eu tenho de ir embora — insistiu.

O irmão Germain tentou segurar o livro, mas seus braços, que pareciam dois

gravetos, não podiam competir com a força de Thomas que fora dada pelo arco. Mesmo assim, agarrou-se ao livro, teimoso, ameaçando rasgar a macia capa de couro.

— Para onde você vai? — perguntou o irmão Germain e tentou enganar Thomas com uma promessa falsa. — Se o deixar comigo —

disse ele —, farei uma cópia e lhe mandarei o livro quando ela estiver terminada.

Thomas estava indo para o norte, para Dunquerque, e por isso citou um lugar na direção oposta.

— Estou indo para La Roche-Derrien — disse ele.

— Uma guarnição inglesa? — O irmão Germain ainda tentou puxar o livro e depois gritou quando Thomas lhe deu um tapa nas mãos. — Você não pode levar isso para os ingleses!

— Eu o estou levando para La Roche-Derrien — disse Thomas, finalmente recuperando o livro. Dobrou a macia capa de couro sobre as páginas e puxou um pouco da espada quando viu vários dos monges mais jovens descerem dos bancos altos, parecendo querer detê-lo. A visão da lâmina dissuadiu-os da idéia de cometer qualquer violência. Ficaram apenas olhando enquanto ele se retirava.

O porteiro ainda estava tossindo, e encostou-se no arco e tentou recuperar a respiração enquanto lágrimas escorriam-lhe dos olhos.

— Pelo menos não é lepra — conseguiu dizer para Thomas —, sei que não é lepra. Meu irmão teve lepra e não tossia. Pelo menos, não tossia muito.

— Quando é o Dia de São Clemente? — Thomas lembrou-se de perguntar.

— Depois de amanhã, e se eu viver até lá é porque Deus me ama.

Ninguém seguiu Thomas, mas naquela tarde, enquanto ele e Robbie estavam mergulhados até a virilha em água fria do rio que subia e enfiando musgo grosso no entabamento do *Pentecost*, uma patrulha de soldados em libré vermelho e amarelo perguntou a Pierre Villeroy se ele tinha visto um inglês vestindo cota de malha e uma capa preta.

— É aquele ali embaixo — disse Villeroy apontando para Thomas, e depois soltou uma risada. — Se eu vir um inglês —

prosseguiu —, vou mijar na boca dele até ele morrer afogado.

— Em vez disso, leve ele ao castelo — disse o chefe da patrulha, e depois liderou seus homens para interrogar a tripulação do navio seguinte.

Villeroy esperou até que os soldados ficassem a uma distância em que não pudessem ouvir.

— Por esta — disse ele a Thomas — você me deve mais duas fileiras de calafetação.

— Jesus Cristo! — blasfemou Thomas.

— Ora, Ele foi um carpinteiro de muita competência — observou Villeroy através de um bocado da torta de maçã feita por Yvette —, mas Ele também era o filho de Deus, não era? Por isso não precisava fazer serviços subalternos como calafetar, e assim não adianta pedir a Sua ajuda. Pois enfie bem o musgo, rapaz, enfie bem.

Sir Guillaume havia defendido o solar contra os seus atacantes durante quase três meses e não duvidava de que poderia defendê-lo indefinidamente desde que o conde de Coutances não levasse mais pólvora para a aldeia, mas Sir Guillaume sabia que a sua fase na Normandia acabara. O conde de Coutances era o seu senhor feudal, Sir Guillaume controlava terra dele, assim como o conde controlava terra do rei, e se um homem era declarado traidor pelo seu senhor feudal, e se o rei apoiava a declaração, esse homem não tinha futuro, a menos que achasse um outro senhor que devesse lealdade a um rei diferente. Sir Guillaume tinha escrito ao rei e apelado a amigos com influência na corte, mas não recebera resposta alguma. O sítio continuara, e por isso Sir Guillaume tinha de abandonar o solar.

Aquilo o deixava triste porque Evecque era a sua cidade. Conhecia cada centímetro daqueles pastos, sabia onde encontrar os chifres de veado descartados na muda, sabia onde as jovens lebres jaziam tremendo no capim alto e sabia onde os lúcios procriavam como demônios nos córregos mais fundos. Era o seu lar, mas um homem declarado traidor não tinha lar, e por isso, na véspera do Dia de São Clemente, quando os seus sitiante estavam mergulhados numa úmida

escuridão de inverno, ele fugiu.

Nunca duvidara de sua capacidade de fugir. O conde de Coutances era um homem obtuso, sem imaginação, de meia-idade,

cuja experiência da guerra sempre fora a de servir a senhores maiores.

O conde era avesso a riscos e dado a um acesso de ameaças sempre que o mundo fugia à sua compreensão, o que acontecia com frequência. Era claro que o conde não entendia por que grandes homens em Paris o estimulavam a sitiar Evecque, mas via a oportunidade de ficar rico e por isso obedecia a eles, muito embora desconfiasse de Sir Guillaume. Sir Guillaume estava na casa dos trinta e passara metade da vida lutando, em geral por conta própria, e na Normandia era chamado o senhor do mar e da terra, porque lutava nos dois com entusiasmo e eficiência. Ele já fora bem-apegoado, de expressão dura e cabelos dourados, mas Guy Vexille, conde de Astarac, lhe arrancara um dos olhos e deixara cicatrizes que tornaram a expressão de Sir Guillaume ainda mais dura. Ele era um homem temível, um lutador, mas na hierarquia de reis, príncipes, duques e condes era um ser menor e suas terras justificavam a tentativa de declará-lo um traidor.

Havia doze homens, três mulheres e oito cavalos no interior do solar, o que significava que cada cavalo, exceto um, teria de levar duas pessoas. Depois do anoitecer, quando a chuva caía suavemente nos campos encharcados de Evecque, Sir Guillaume ordenou que pranchas fossem colocadas sobre o espaço onde a ponte levadiça deveria estar, e depois os cavalos, com vendas nos olhos, foram levados, um a um, pela perigosa ponte. Os sitiados, aconchegados para fugir do frio e da chuva, não viram nem ouviram coisa alguma, apesar de as sentinelas nas trincheiras mais avançadas terem sido colocadas ali exatamente para impedir qualquer tentativa de fuga.

As vendas foram retiradas dos olhos dos cavalos, os fugitivos montaram e seguiram para o norte. Foram interpelados apenas uma

vez por uma sentinela que lhes ordenou dizer quem eram.

— Que diabo, quem você pensa que somos? — retorquiu Sir Guillaume, e o tom selvagem de sua voz convenceu a sentinela a não fazer mais perguntas. Ao amanhecer, eles estavam em Caen e o conde de Coutances ainda não fazia a mínima idéia disso. Só quando uma das sentinelas viu as pranchas indo de uma

margem à outra do fosso, foi que os sitiantes perceberam que o inimigo tinha ido embora, e mesmo assim o conde perdeu tempo revistando o solar. Encontrou mobília, palha e panelas, mas nada de tesouros.

Uma hora depois cem homens com capas pretas chegaram a Evecque. O líder não levava estandarte algum, e seus escudos não tinham emblemas. Eles pareciam calejados de tanto combater, como homens que ganhavam a vida alugando suas lanças e espadas a quem pagasse mais, e pararam seus cavalos ao lado da ponte improvisada sobre o fosso de Evecque, e dois deles, um dos quais era padre, atravessaram para o pátio.

— O que é que foi levado? — perguntou o padre com rispidez.

O conde de Coutances voltou-se irritado para o homem que usava as vestes dominicanas.

— Quem é você?

— O que foi que seus homens saquearam daqui? — tornou a perguntar o padre, sombrio e irritado.

— Nada — garantiu o conde.

— Então onde está a guarnição?

— A guarnição? Fugiu.

Bernard de Taillebourg bufava de raiva. Guy Vexille, ao lado dele, ergueu os olhos para a torre que agora desfraldara o estandarte do conde.

— Quando foi que eles fugiram? — perguntou ele. — E para onde foram?

O conde empertigou-se diante do tom.

— Quem é você? — perguntou ele, porque Vexille não usava emblema nenhum no casaco preto.

— Seu par — disse Vexille friamente — e sua majestade, o rei, vai querer saber para onde eles foram.

Ninguém

sabia,

embora

algumas

perguntas

acabassem

esclarecendo que alguns dos sitiante tinham percebido pessoas a cavalo indo para o norte na noite fria, e isso significava, sem dúvida, que Sir Guillaume e seus homens tinham seguido para Caen. E se o Graal tivesse estado escondido em Evrecque, também teria ido para o norte, e por isso de Taillebourg ordenou que seus homens tornassem a montar os cavalos cansados.

Eles chegaram a Caen no início da tarde, mas àquela altura o *Pentecost* já estava na metade da viagem pelo rio até o mar, soprado para o norte por um vento variável que quase não proporcionava avanço contra o final da maré enchente. Pierre Villeroy resmungava contra a inutilidade de tentar navegar contra a maré, mas Sir Guillaume insistia, porque esperava que seus inimigos aparecessem a qualquer momento. Ele agora só tinha dois soldados com ele, porque os demais não quiseram acompanhar sua excelência a uma nova vassalagem. Nem mesmo Sir Guillaume sentia entusiasmo por aquela lealdade forçada.

— Você pensa que eu quero lutar por Eduardo da Inglaterra? —

resmungou ele para Thomas. — Mas que escolha eu tenho? O meu próprio senhor voltou-se contra mim. Por isso vou jurar vassalagem ao seu Eduardo, e pelo menos vou continuar vivo.

Era por isso que ele estava indo para Dunquerque, a fim de que pudesse fazer a curta viagem até as linhas de cerco inglesas em torno de Calais e fazer o juramento de obedecer ao rei Eduardo.

Os cavalos tiveram de ser abandonados no cais, de modo que tudo o que Sir Guillaume levava para bordo do *Pentecost* era sua armadura, algumas peças de roupa e três sacolas de couro de dinheiro, que ele jogou no convés antes de dar um abraço em Thomas. E depois Thomas voltara-se para o seu velho amigo, Will Skeat, que olhara para ele sem reconhecê-lo e depois desviara o olhar.

Thomas, prestes a falar, refreou-se. Skeat usava um morrião, e os cabelos, agora brancos como neve, caíam lisos por baixo da castigada aba de metal. O rosto estava magro como nunca, com rugas profundas, e com um olhar vago como se ele tivesse acabado de acordar e não soubesse onde estava. Ele também estava envelhecido.

Não podia ter mais de quarenta e cinco anos, e no entanto aparentava sessenta, embora ao menos estivesse vivo. Quando Thomas o viu pela última vez, ele estava gravemente ferido com um corte feito por uma espada que deixara o cérebro aberto, e tinha sido um milagre ter sobrevivido o tempo suficiente para chegar à Normandia e às hábeis atenções de Mordecai, o médico judeu que agora estava sendo ajudado a subir pela precária prancha de embarque.

Thomas deu outro passo em direção ao velho amigo, que uma vez mais olhou para ele sem reconhecê-lo.

— Will? — disse Thomas, intrigado. — Will?

E ao som da voz de Thomas uma luz surgiu nos olhos de Skeat.

— Thomas! — exclamou ele. — Meu Deus, é você! — Ele caminhou em direção a Thomas, cambaleando ligeiramente, e os dois

se abraçaram. — Por Deus, Thomas, é maravilhoso ouvir uma voz inglesa. O inverno todo eu só ouvi tagarelice estrangeira. Meu Deus, rapaz, você parece mais velho.

— Eu estou mais velho — disse Thomas. — Mas como é que você está, Will?

— Eu estou vivo, Tom, estou vivo, apesar de às vezes eu me perguntar se não teria sido melhor morrer. Estou fraco como um filhote de gato. — A fala era levemente arrastada, como se ele tivesse bebido demais, mas ele estava visivelmente sóbrio.

— Eu não devia chamar você só de Will, agora, não é? —

perguntou Thomas —, porque você agora é Sir William.

— Sir William! Eu? — Skeat soltou uma gargalhada. — Você só diz besteira, rapaz, como sempre. Sempre esperto demais, hein, Tom?

Skeat não se lembrava da batalha da Picardia, não se lembrava de que o rei lhe concedera o título de Cavaleiro antes da primeira carga francesa. Às vezes Thomas se perguntava se aquele ato tinha sido puro desespero na tentativa de levantar o ânimo dos arqueiros, porque sem dúvida o rei tinha visto como era imensa a inferioridade numérica do seu exército pequeno e doente e não

acreditava que seus homens fossem sobreviver. Mas eles sobreviveram, e venceram, embora para Skeat o custo tivesse sido terrível. Ele tirou o morrião para coçar a cachola, e um dos lados do couro cabeludo foi revelado como uma horrorosa e enrugada cicatriz encaroçada, rosa e branca.

— Fraco como um filhote de gato — repetiu Skeat — e faz semanas que não disparo um arco.

Mordecai insistiu em que Skeat tinha de repousar. Depois cumprimentou Thomas, enquanto Villeroy soltava as amarras de atracação e usava um remo de galera para empurrar o *Pentecost* para a

corrente do rio. Mordecai queixou-se do frio, das privações do sítio e dos horrores de estar a bordo de um navio, e depois sorriu o sábio e velho sorriso.

— Você está com bom aspecto, Thomas. Para um homem que já foi enforcado, está com um aspecto indecentemente bom. Como vai a sua urina?

— Clara e doce.

— Seu amigo Sir William agora... — Mordecai fez um gesto com a cabeça em direção à cabine de proa, onde Skeat tinha sido deitado numa pilha de peles de ovelha —, a urina dele está muito turva. Acho que você não me fez favor algum em mandá-lo para que eu tratasse dele.

— Ele está vivo.

— Eu não sei por quê.

— E eu o mandei porque o senhor é o melhor.

— Você me deixa lisonjeado.

Mordecai cambaleou levemente porque o navio balançou numa pequena onda do rio que ninguém mais percebeu, mas ele ficou alarmado; se fosse cristão, sem dúvida teria afastado o perigo iminente com o sinal-da-cruz. Em vez disso, olhou preocupado para a vela esfarrapada como se temesse que ela desabasse e o esmagasse.

— Detesto navios — disse ele em tom de lamentação. — São coisas desumanas.

Pobre Skeat. Admito que ele parece estar se recuperando, mas não posso me jactar de que fiz alguma coisa, exceto lavar o ferimento e impedir que colocassem amuletos de pão mofado e água benta na cabeça dele. Acho que religião e medicina não combinam bem. O Skeat vive, acho, porque a pobre da Eleanor fez o que era certo quando ele foi ferido.

Eleanor colocara o pedaço de crânio que quebrara em cima do cérebro exposto, fizera um cataplasma de musgo e teia de aranha e depois envolvera o ferimento em ataduras.

— Eu lamentei o que aconteceu a Eleanor.

— Eu também — disse Thomas. — Ela estava grávida. Nós íamos nos casar.

— Ela era uma doçura, uma doçura.

— Sir Guillaume deve estar zangado?

Mordecai balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Quando ele recebeu a sua carta? Isso foi antes do sítio, é claro.

— Ele franziu o cenho tentando se lembrar. — Zangado? Eu acho que não. Ele resmungou, foi só. Ele gostava de Eleanor, é claro, mas ela era filha de uma criada, não... — Ele fez uma pausa. — Ora, é triste.

Mas, como você disse, seu amigo Sir William sobreviveu. O cérebro é uma coisa estranha, Thomas. Ele compreende, acho eu, embora não consiga se lembrar. A fala é arrastada, e isso poderia ter sido esperado, mas o mais estranho de tudo é que ele não reconhece ninguém com os olhos. Eu entro numa sala e ele me ignora, aí eu falo e ele me reconhece. Nós todos adquirimos o hábito de falar quando chegamos perto dele. Você vai se acostumar com isso. — Mordecai sorriu. —

Mas é um prazer vê-lo.

— Então o senhor vai para Calais conosco? — perguntou Thomas.

— Meu Deus, não! Calais? — Ele estremeceu. — Mas eu não podia ficar na Normandia. Desconfio que o conde de Coutances, ludibriado por Sir Guillaume,

iria adorar fazer um exemplo de um judeu, de modo que de Dunquerque eu tornarei a seguir para o sul.

Primeiro para Montpellier, acho. Meu filho está estudando medicina

lá. E de Montpellier? Eu poderia ir para Avignon.

— Avignon?

— O papa é muito hospitaleiro com os judeus — disse Mordecai, estendendo a mão para a amurada do navio quando o *Pentecost* tremeu sob uma pequena rajada de vento —, e nós precisamos de hospitalidade.

Mordecai dera a entender que a reação de Sir Guillaume à morte de Eleanor fora insensível, mas isso não ficou evidente quando Sir Guillaume conversou com Thomas sobre a filha morta, enquanto o *Pentecost* saía da foz do rio e as ondas frias estendiam-se até o horizonte cinzento. Sir Guillaume, o rosto maltratado duro e fechado, parecia próximo às lágrimas enquanto ouvia como Eleanor tinha morrido.

— Sabe alguma coisa mais sobre os homens que a mataram? —

perguntou quando Thomas acabou sua narrativa. Thomas só podia repetir o que Lorde Outhwaite lhe contara depois da batalha, sobre o padre francês chamado de Taillebourg e seu estranho criado.

— De Taillebourg — disse Sir Guillaume, abatido —, outro homem para matar, hein? — Ele fez o sinalda-cruz. — Ela era ilegítima — ele falava sobre Eleanor não para Thomas, mas para o vento — mas era uma jovem doce. Todos os meus filhos estão mortos agora. — Ele olhou para o oceano, os cabelos compridos sujos agitando-se com a brisa. — Você e eu temos de matar tantos homens

— ele agora se dirigia a Thomas — e encontrar o Graal.

— Outras pessoas estão à procura dele — disse Thomas.

— Pois então temos de encontrá-lo antes delas — resmungou Sir Guillaume. — Mas primeiro vamos a Calais, eu presto minha

vassalagem a Eduardo e depois nós lutamos.

Ele se voltou e fez uma careta em direção aos seus dois soldados, como se refletisse como suas fortunas e seus seguidores tinham sido reduzidos pelo destino, e então viu Robbie e sorriu.

— Eu gosto do seu escocês.

— Ele sabe lutar — disse Thomas.

— É por isso que eu gosto dele. E ele também quer matar de Taillebourg?

— Nós três queremos matá-lo.

— Então que Deus ajude o bastardo, porque nós vamos dar suas tripas para os cães — resmungou Sir Guillaume. — Mas ele tem de ser avisado de que você está nas linhas de sítio de Calais, hein? Para que venha procurar por nós, ele tem de saber onde você está.

Para chegar a Calais, o *Pentecost* precisava ir para leste e norte, mas assim ao largo da costa ele simplesmente chapinhava em vez de navegar. Um fraco vento sudoeste o levava para fora da foz do rio, mas depois, muito antes dele ficar fora do alcance da vista da costa normanda, a brisa desapareceu e a grande vela esfarrapada batia e panejava na verga. O navio balançava como um barril numa longa onda fraca que veio do oeste, onde nuvens negras amontoavam-se como uma cadeia de montanhas carregada de tristeza. O dia de inverno acabou cedo, o final de sua luz fria um soturno lampejo atrás das nuvens. Uns poucos pontos de fogo apareciam na terra que escurecia.

— A maré vai nos levar para o canal — disse Villeroy, desalentador — e depois vai nos trazer para baixo de novo. Depois para cima e para baixo e para cima e para baixo até que Deus ou São Nicolau nos mande vento.

A maré levou-os pelo Canal da Mancha, como Villeroy havia predito, e depois os trouxe de volta de novo. Thomas, Robbie e os dois soldados de Sir Guillaume se revezavam na descida ao fundo do casco cheio de pedras e no levantar de baldes de água.

— É claro que ele faz água — disse Villeroy a Mordecai, que estava preocupado —, todos os navios fazem água. Ele deixaria a água passar como numa peneira se eu não o calafetasse a intervalos de poucos meses. Enfie com força o musgo e reze para São Lalau. Evita que a gente morra toda afogada.

A noite estava negra. As poucas luzes na costa cintilavam numa bruma úmida. O mar quebrava fracamente contra o casco, e a vela pendia inútil. Durante algum tempo, um barco pesqueiro ficou perto, uma lanterna acesa no convés, e Thomas ouviu o canto baixo enquanto os homens lançavam uma rede, e depois remaram para leste até sua luzinha tremeluzente desaparecer na névoa.

— Um vento oeste vai chegar — disse Villeroy. — Ele sempre vem. Oeste, vindo das terras perdidas.

— Terras perdidas? — perguntou Thomas.

— Lá — disse Villeroy apontando para o oeste negro. — Se você for até o ponto mais distante aonde o homem pode navegar, você vai encontrar as terras perdidas e ver uma montanha mais alta do que o céu, onde Artur dorme com os seus cavaleiros. — Villeroy fez o sinal da cruz. — E no alto dos rochedos sob a montanha, podem-se ver as almas dos marinheiros afogados chamando por suas mulheres. Lá é frio, sempre frio, frio e com um denso nevoeiro.

— Uma vez meu pai viu aquelas terras — disse Yvette.

— Ele disse que viu — comentou Villeroy —, mas ele era um bebedor fora do comum.

— Ele disse que o mar estava cheio de peixes — continuou Yvette, como se o marido não tivesse falado — e as árvores eram muito pequenas.

— Ele bebia cidra — esclareceu Villeroy. — Pomares inteiros desceram pela garganta dele, seu pai sabia manobrar um navio.

Bêbado ou sóbrio, era um marinheiro.

Thomas estava olhando fixo para a escuridão no oeste, imaginando uma viagem à terra em que o rei Artur e seus cavaleiros dormiam sob o nevoeiro e onde as almas dos afogados chamavam por suas amantes perdidas.

— Hora de achicar o navio — disse Villeroy, e Thomas desceu ao porão e colheu a água em baldes até que os braços ficaram doendo de cansados, e depois foi para o pique de vante e dormiu no casulo de peles de ovelhas que Villeroy mantinha ali, porque, dizia ele, no mar fazia mais frio do que em terra e um homem devia morrer afogado quente.

O amanhecer chegou devagar, filtrando-se no leste como uma mancha cinzenta. O remo de ginga estalava nas suas cordas, nada fazendo enquanto o navio balançava nas ondas sem vento. A costa normanda ainda estava à vista, um risco acinzentado ao sul, e à medida que a luz invernal aumentava Thomas viu três pequenos navios a remo afastando-se da costa. Os três seguiram canal acima até ficarem a leste do *Pentecost*; Thomas presumiu que fossem pescadores e desejou que o navio de Villeroy tivesse remos e, com isso, pudesse fazer algum progresso naquela frustrante mansidão. Havia um par de remos de galera amarrados ao convés, mas Yvette disse que eles só eram úteis no porto.

— O navio é pesado demais para remar por muito tempo — disse

ela —, especialmente quando está cheio.

— Cheio?

— Nós transportamos carga — disse Yvette. O homem dela estava dormindo na cabine da popa, os roncos parecendo fazer vibrar o navio todo. — Nós seguimos a costa pra cima e pra baixo — disse Yvette — com lã e vinho, bronze e ferro, pedras para construção e peles.

— Você gosta disso?

— Eu adoro. — Ela sorriu para ele e seu rosto jovem, que tinha estranhamente um formato cuneiforme, adquiria uma beleza quando ela fazia aquilo. — Mas a minha mãe — continuou ela — ia me mandar ficar a serviço do bispo. Limpar e lavar, cozinhar e limpar até as mãos ficarem bem gastas pelo trabalho, mas Pierre me disse que eu poderia viver livre como um pássaro no barco dele, e vivemos mesmo, vivemos mesmo.

— Só vocês dois? — O *Pentecost* parecia um navio grande para apenas duas pessoas, ainda que uma delas fosse um gigante.

— Ninguém mais navega com a gente — disse Yvette. — Dá azar ter uma mulher num navio. Meu pai sempre dizia isso.

— Ele era pescador?

— Um bom pescador — disse Yvette —, mas mesmo assim morreu afogado. Foi apanhado nos Casquets numa noite ruim. — Ela ergueu os olhos para Thomas,

grave. — Sabe, ele viu mesmo as terras perdidas.

— Eu acredito em você.

— Ele navegou lá para o norte e depois para oeste, e disse que os homens das terras do norte conhecem bem as áreas de pesca das terras perdidas, e tem peixe até onde a vista pode alcançar. Ele disse

que a gente podia caminhar por cima do mar, tamanha era a camada de peixes, e um dia ele ia andando devagar no nevoeiro e viu a terra e viu as árvores como selva e viu as almas mortas na costa. Elas eram pretas, disse ele, como se tivessem sido chamuscadas pelos fogos do inferno, e ele se apavorou, fez meia-volta e foi embora de lá. Ele levou dois meses para chegar até lá e um mês e meio para voltar para casa, e todo o peixe dele apodreceu, porque ele não quis ir a terra e defumar eles.

— Eu acredito em você — repetiu Thomas, embora não tivesse mesmo certeza de que acreditava.

— E eu acho que se eu morrer afogada — disse Yvette — eu e o Pierre iremos para as terras perdidas juntos e ele não vai ter de se sentar nos rochedos e chamar por mim.

Ela disse aquilo com muita naturalidade, e depois foi preparar o café da manhã para o homem dela, cujo roncar acabara de cessar.

Sir Guillaume surgiu da cabine de proa. Piscou diante da luz do dia de inverno, depois foi até a popa e mijou por cima da amurada enquanto olhava para os três barcos que saíam remando do rio e agora estavam a uns dois quilômetros a leste do *Pentecost*.

— Então você falou com o irmão Germain? — perguntou ele a Thomas.

— Quem dera que não tivesse falado.

— Ele é um estudioso — disse Sir Guillaume erguendo as calças justas e dando o nó da cintura —, o que significa que não tem colhões. Não precisa. Ele é esperto, veja bem, esperto, mas nunca esteve do nosso lado, Thomas.

— Eu pensei que ele fosse seu amigo.

— Quando eu tinha dinheiro e poder, Thomas — disse Sir

Guillaume —, eu tive muitos amigos, mas o irmão Germain nunca foi um deles. Ele sempre foi um bom filho da Igreja e eu nunca devia ter apresentado você a ele.

— Por que não?

— Assim que soube que você era um Vexille, ele comunicou a nossa conversa ao bispo, o bispo contou ao arcebispo, o arcebispo contou ao cardeal e o cardeal contou a quem quer que lhe dá suas migalhas, e de repente a Igreja ficou agitada com relação aos Vexille e com o fato de sua família, em determinada época, ter possuído o Graal. E foi justo nessa ocasião que Guy Vexille reapareceu, de modo que a Inquisição o pegou. — Ele fez uma pausa, olhando para o horizonte, e fez o sinal da cruz. — É o que o seu de Taillebourg é, eu aposto a minha vida. Ele é dominicano, e a maioria dos inquisidores é de cães de Deus. — Ele voltou o seu único olho para Thomas. — Por que eles os chamam de cães de Deus?

— É uma brincadeira — disse Thomas — de origem no latim.

Domini canis: o cão de Deus.

— Isso não me faz rir — disse Sir Guillaume, tristonho. — Se um daqueles bastardos pegar você, é ferro em brasa nos olhos e gritos durante a noite. Ouvi dizer que eles pegaram Guy Vexille e espero que o maltratem.

— Então Guy Vexille é um prisioneiro? — Thomas estava surpreso. O irmão Germain dissera que seu primo estava reconciliado com a Igreja.

— Foi o que eu soube. Soube que ele estava cantando salmos na roda da Inquisição. E sem dúvida contou a eles que seu pai tinha possuído o Graal, que ele, Guy, tinha ido até Hookton para procurar o cálice, e tinha fracassado. Mas quem mais foi até Hookton? Eu fui, e

por isso acho que Coutances recebeu ordens de procurar por mim, me prender e levar-me para Paris. E enquanto isso mandaram homens à Inglaterra para descobrir o que pudessem.

— E para matar Eleanor — disse Thomas, desolado.

— Pelo que eles irão pagar — disse Sir Guillaume.

— E agora — disse Thomas — eles mandaram homens até aqui.

— O quê? — perguntou Sir Guillaume, assustado.

Thomas apontou para os três barcos pesqueiros que agora remavam diretamente em direção ao *Pentecost*. Eles estavam longe demais para que ele visse quem ou o que estava a bordo, mas algo sobre a aproximação deliberada o deixou alarmado. Yvette, indo à popa levando pão, presunto e queijo, viu Thomas e Sir Guillaume olhando fixo e juntou-se a eles, e depois soltou uma imprecisão que só uma filha de pescador teria aprendido e correu para a cabine de popa e gritou pelo marido, chamando-o para o convés.

Os olhos de Yvette estavam acostumados ao mar e ela sabia que aqueles não eram barcos pesqueiros. Para início de conversa, tinham homens demais a bordo, e depois de um certo tempo o próprio Thomas conseguiu ver aqueles homens, e seus olhos, que estavam mais acostumados a procurar inimigos entre as folhas verdes, viram que alguns deles usavam cotas de malha, e sabia que ninguém navegava no mar trajando cotas de malha sem a intenção de matar.

— Eles devem ter bestas. — Villeroy agora estava no convés, amarrando os cordões para o pescoço de uma imensa capa de couro e olhando dos barcos que se aproximavam para as nuvens, como se pudesse ver um sopro de vento vindo dos céus. O mar ainda oscilava em grandes ondas, mas a água estava lisa como metal batido e não havia frisos provocados pelo vento riscando os longos flancos das

ondas.

— Bestas — repetiu Villeroy, desolado.

— Quer que eu me renda? — perguntou Sir Guillaume a Villeroy.

O tom de voz era agressivo, indicando que a pergunta não passava de sarcasmo.

— Não me cabe dizer a vossa excelência o que fazer — o tom de voz de Villeroy tinha o mesmo sarcasmo —, mas os seus homens podiam trazer algumas das pedras maiores lá do porão.

— Que resultado isso vai ter? — perguntou Sir Guillaume.

— Vou jogar elas em cima dos bastardos quando eles tentarem abordar. Aqueles barquinhos? Uma pedra vai atravessar direitinho os fundos deles e depois aqueles bastardos vão estar tentando nadar com cotas de malha amarradas ao peito. — Villeroy sorriu. — É difícil nadar quando se está envolto em ferro.

As pedras foram levadas, e Thomas preparou as flechas e o arco.

Robbie vestira a sua cota de malha e estava com a espada do tio do lado. Os dois soldados de Sir Guillaume estavam com ele no poço do navio, o local em que qualquer tentativa de abordagem seria feita, porque ali a amurada do navio ficava mais perto do mar. Thomas foi para a popa mais alta, onde Will Skeat juntou-se a ele e, embora não reconhecesse Thomas, viu o arco e estendeu a mão.

— Sou eu, Will — disse Thomas.

— Eu sei que é você — disse Skeat. Ele mentira e estava constrangido. — Me deixa experimentar o arco, rapaz.

Thomas entregou-lhe a grande vara preta e ficou observando, com tristeza, enquanto Skeat não conseguia puxá-la nem mesmo até a metade. Skeat devolveu com um gesto brusco o arco a Thomas, com uma expressão de constrangimento.

— Não sou mais o que era — murmurou.

— Voltará a ser, Will.

Skeat cuspiu por cima da amurada.

— O rei me concedeu realmente o título de cavaleiro?

— Concedeu.

— Às vezes eu penso que me lembro da batalha, Tom, e depois ela desaparece. Como um nevoeiro.

Skeat olhou para os três barcos que se aproximavam, que tinham se espalhado para formar uma linha. Os remadores puxavam com força e Thomas via

besteiros em pé na proa e na popa de cada barco.

— Já disparou uma flecha de um navio? — perguntou Skeat.

— Nunca.

— Você está se mexendo, e eles estão se mexendo. Isso torna a coisa difícil. Mas vá devagar, rapaz, vá devagar.

Um homem gritou do barco mais próximo, mas os perseguidores ainda estavam muito longe, e o que quer que o homem tivesse dito perdeu-se no ar.

— São Nicolau, Santa Úrsula — rezou Villeroy —, mandem vento pra nós, e mandem bastante.

— Ele vai disparar contra nós — disse Skeat, porque um besteiro na proa do barco que estava ao centro tinha levantado a sua arma.

Parecia apontá-la bem para o alto, depois disparou e a seta bateu com força impressionante na popa do *Pentecost*. Sir Guillaume, ignorando a ameaça, subiu na amurada e agarrou o brandal para manter o equilíbrio.

— São homens de Coutances — disse ele a Thomas, e este viu que alguns dos homens no barco que estava mais próximo usavam o libré verde e preto que tinha sido o uniforme dos sitiante de

Evecque. Mais bestas soaram e duas das setas entraram nas pranchas da popa e duas outras passaram zunindo por Sir Guillaume para penetrarem na vela impotente, mas a maioria caiu no mar. Este podia estar calmo, mas os besteiros ainda estavam tendo muita dificuldade para mirar suas armas dos pequenos barcos.

E os três barcos atacantes eram pequenos. Cada um transportava oito ou dez remadores e mais ou menos o mesmo número de arqueiros ou soldados. As três embarcações tinham sido evidentemente escolhidas pela velocidade à base dos remos, mas perto do *Pentecost* elas pareciam miniaturas, o que faria com que qualquer tentativa de abordar o navio maior fosse muito perigosa, embora um dos três barcos parecesse decidido a encostar o navio de Villeroy.

— O que eles vão fazer — disse Sir Guillaume — é deixar que aqueles dois

barcos nos mandem uma chuva de quadrelos enquanto aquele bastardo — ele fez um gesto em direção ao barco que remava com força para se aproximar do *Pentecost* — coloca seus homens a bordo.

Mais setas de bestas bateram contra o casco. Mais dois quadrelos furaram a vela e um outro atingiu o mastro logo acima de um crucifixo castigado pelo tempo, que estava pregado na madeira alcatroada. A imagem de Cristo, branca como um osso, perdera o braço esquerdo e Thomas se perguntou se aquilo era um mau agouro, e depois tentou esquecer enquanto puxava o grande arco e disparava uma flecha. Só lhe restavam trinta e quatro flechas, mas aquela não era a hora de poupá-las e por isso, enquanto a primeira ainda estava no ar, ele soltou uma segunda e os besteiros não tinham acabado de

armar suas cordas quando a primeira flecha rasgou o braço de um remador e a segunda tirou um naco da proa do barco, e depois uma terceira flecha passou chiando acima da cabeça dos remadores para cair no mar. Os remadores se agacharam, e então um deles arquejou e caiu para a frente com uma flecha nas costas, e no instante seguinte um soldado foi atingido na coxa e caiu em cima de dois dos remadores e houve um súbito caos a bordo, que volteou acentuadamente e se afastou, com os remos batendo uns nos outros.

Thomas abaixou o grande arco.

— Eu te ensinei bem — disse Will Skeat com fervor. — Ah, Tom, você sempre foi um bastardo letal.

O barco se afastou. As flechas de Thomas tinham sido muito mais certeiras do que as setas das bestas, porque ele estivera atirando de uma embarcação muito maior e mais estável do que os estreitos e sobrecarregados barcos a remo. Só um dos homens a bordo daqueles barcos menores tinha sido morto, mas a frequência das primeiras flechas de Thomas tinha incutido o temor a Deus nos remadores, que não podiam ver de onde vinham os projéteis, mas apenas ouvir o chiado de penas e os gritos dos feridos. Agora os outros dois barcos passaram à frente do terceiro e os besteiros apontaram suas armas.

Thomas tirou uma flecha da sacola e preocupou-se com o que iria acontecer quando ele não tivesse mais flechas, mas justo naquele momento um remoinho de ondulações mostrou que um vento vinha chegando pelo mar. Um vento leste, vejam só, o mais improvável de todos os ventos naquele mar, mas mesmo assim

veio do leste e a grande vela marrom do *Pentecost* encheu-se e depois voltou a murchar, depois tornou a encher-se, e de repente o navio se afastava de seus perseguidores e a água gorgolejava pelos flancos. Os homens

de Coutances remavam com força.

— Abaixem-se! — gritou Sir Guillaume e Thomas jogou-se no chão atrás da balaustrada enquanto uma rajada de setas de bestas cravava-se no casco do *Pentecost* ou subia bem alto para rasgar a vela esfarrapada. Villeroy gritou para que Yvette manobrasse o remo de ginga e depois prendeu a vela grande antes de mergulhar na cabine de popa para apanhar uma enorme e evidentemente antiga besta, que armou com uma comprida alavanca de ferro. Colocou uma seta enferrujada no sulco e depois disparou-a contra o perseguidor mais próximo.

— Bastardos! — gritou ele. — Suas mãos eram cabras! Eram cabras putas! Cabras putas bexigentas! Bastardos!

Ele tornou a engatilhar a arma, colocou outro projétil enferrujado e disparou-o, mas a seta mergulhou no mar. O *Pentecost* ganhava velocidade e já estava fora do alcance das bestas.

O vento aumentou e o *Pentecost* afastou-se ainda mais de seus perseguidores. Os três barcos a remo tinham seguido, no início, canal acima, na expectativa de que a maré enchente e um possível vento oeste levassem o *Pentecost* até eles, mas com o vento vindo do leste, os remadores não tinham como acompanhar a presa e, com isso, os três barcos ficaram para trás e, por fim, abandonaram a perseguição.

Mas assim que eles desistiram dois novos perseguidores apareceram na foz do rio Orne. Dois navios, ambos grandes e equipados com grandes velas quadradas como a vela mestra do *Pentecost*, saíam para o mar.

— O da frente é o *Saint-Esprit* — disse Villeroy. Até mesmo àquela distância da foz do rio ele podia distinguir os dois navios. — E o

outro é o Marie. Ele navega como uma porca grávida, mas o *Saint-Esprit* vai nos alcançar.

— O *Saint-Esprit*? — Pelo tom de voz de Sir Guillaume, ele estava perplexo. — Jean Lapoullier?

— Quem mais?

— Eu pensei que ele fosse amigo!

— Ele foi seu amigo — disse Villeroy — enquanto vossa excelência tinha terra e dinheiro, mas o que é que vossa excelência tem agora?

Sir Guillaume removeu a verdade daquela pergunta por alguns instantes.

— Então por que você está me ajudando?

— Porque eu sou maluco — disse Villeroy com alegria — e porque vossa excelência vai me pagar muito bem.

Sir Guillaume grunhiu ao ouvir aquele truísmo.

— Só se nós não seguirmos na direção errada — disse ele depois de um certo intervalo.

— A direção certa — assinalou Villeroy — é para longe do *Saint-Esprit* e a favor do vento, de modo que vamos continuar na direção oeste.

Eles se mantiveram em direção a oeste o dia todo. Seguiram a uma boa velocidade, mas ainda assim o grande *Saint-Esprit* diminuía lentamente a distância. Pela manhã ele tinha sido uma mancha no horizonte; ao meio-dia Thomas podia ver a pequena plataforma no galope do mastro onde, como Villeroy lhe dissera, besteiros deveriam estar posicionados; e quando a tarde ia em meio ele pôde ver os olhos pretos e brancos pintados na proa do navio. O vento leste aumentara

o dia todo, até ficar soprando forte e frio, agitando as cristas das ondas, que transformava em raias brancas. Sir Guillaume sugeriu que seguissem para o norte, talvez chegando até a costa inglesa, mas Villeroy alegou não conhecer a linha da costa e disse que não tinha certeza de que pudesse encontrar abrigo por lá, se o tempo piorasse.

— E nesta época do ano ele pode mudar com a rapidez do humor de uma mulher — acrescentou Villeroy, e como para provar que ele estava certo eles entraram em violentas rajadas de granizo que chiavam no mar e açoitavam o navio e reduziram a visibilidade a uns poucos metros. Sir Guillaume voltou a insistir

numa rota para o norte, sugerindo que mudassem o rumo enquanto o navio estava escondido na borrasca, mas Villeroy, teimoso, recusou, e Thomas achou que o grandalhão temia ser abordado por navios ingleses que não tinham prazer maior do que capturar embarcações francesas.

Uma outra borrasca passou por eles, violenta, a chuva saltando a um palmo do convés e o granizo fazendo uma cobertura branca, meio líquida, no flanco leste de cada driça e escota. Villeroy temia que a sua vela fosse rasgada ao meio, mas não tinha coragem de reduzir a lona porque sempre que as rajadas passavam, deixando o mar branco e frenético, o *Saint-Esprit* estava sempre à vista e sempre um pouco mais perto.

— Ele é veloz — disse Villeroy, reconhecendo de má vontade — e Lapoullier sabe manobrá-lo.

Mas o curto dia de inverno estava passando e a noite iria oferecer ao *Pentecost* uma oportunidade de escapar. Os perseguidores sabiam disso e deviam estar rezando para que o navio deles ganhasse um pouco mais de velocidade; enquanto o crepúsculo caía, ele diminuía a

diferença centímetro a centímetro, mas ainda assim o *Pentecost* mantinha a liderança. Eles agora estavam num ponto de onde já não se via terra, dois navios em um oceano revolto que escurecia, e então, quando a noite estava quase completa, a primeira flecha incendiária saltou da proa do *Saint-Esprit*.

Ela fora disparada por uma besta. As chamas cortavam a noite, subindo em arco e depois mergulhando para cair na esteira do *Pentecost*.

— Responda com uma flecha — grunhiu Sir Guillaume.

— Está muito longe — disse Thomas.

Uma boa besta sempre podia ter um alcance maior do que uma vara de teixo, embora no tempo que se levava para recarregar a besta o arqueiro inglês tivesse corrido para ficar no raio de alcance e disparado doze flechas. Mas Thomas não podia fazer isso naquela escuridão que aumentava, nem tinha coragem de desperdiçar flechas.

Só podia esperar e observar enquanto uma segunda seta em chamas subia rápido contra as nuvens. Ela também caiu aquém do alvo.

— Elas não voam tão bem — disse Will Skeat.

— O que foi que você disse, Will? — Thomas não ouvira com clareza.

— Eles envolvem a haste em pano, e isso as torna mais lentas. Já disparou alguma flecha incendiária, Tom?

— Nunca.

— Ela reduz o raio de alcance em cinquenta passos — disse Skeat, observando uma terceira flecha mergulhar no mar — e faz o diabo com a precisão.

— Aquela chegou mais perto — disse Sir Guillaume.

Villeroy tinha colocado um barril no convés e o estava enchendo com água do mar. Yvette, enquanto isso, subira com agilidade pelo cordame para empoleirar-se no travessão, do qual a única verga pendia do galope do mastro, e agora içava baldes de lona com água, que usava para encharcar a vela.

— Nós podemos usar flechas incendiárias? — perguntou Sir Guillaume. — Essa coisa aí deve ter raio de alcance. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção da monstruosa besta de Villeroy.

Thomas traduziu a pergunta para Will Skeat, cujo francês ainda era rudimentar.

— Flechas incendiárias? — O rosto de Skeat enrugou-se enquanto ele raciocinava. — É preciso ter piche, Tom — disse ele em dúvida —, e é preciso encharcar a lã com ele e depois prender com força o pano de lã na seta, mas tem que desfiar um pouco as bordas, para que o fogo queime direitinho. O fogo tem que vir bem de dentro do pano, e não apenas nas bordas, porque isso não vai durar, e quando o pano estiver queimando forte e profundamente você dispara a flecha antes que o fogo penetre na haste.

— Não — traduziu Thomas para Sir Guillaume —, não podemos.

Sir Guillaume soltou imprecações e depois afastou-se depressa quando a primeira flecha incendiária espetou-se no *Pentecost*, mas a seta bateu baixo na popa, tão baixo que o balanço seguinte de uma onda apagou as chamas com um chiado audível.

— Temos de poder fazer alguma coisa! — disse Sir Guillaume, irritado.

— Nós podemos ter paciência — disse Villeroy. Ele estava de pé no remo de popa.

— Posso usar o seu arco? — perguntou Sir Guillaume ao

corpulento marinheiro, e quando Villeroy confirmou com um gesto da cabeça, engatilhou a enorme besta e disparou um quadrelo em direção ao *Saint-Esprit*. Ele grunhiu enquanto puxava a alavanca para tornar a engatilhar a arma, impressionado com a força que era necessária. Uma besta engatilhada por uma alavanca era, em geral, muito mais fraca do que as bestas armadas com um parafuso sem fim e uma catraca, mas o arco de Villeroy era maciço. As setas de Sir Guillaume deviam ter atingido o navio perseguidor, mas estava escuro demais para dizer se houvera algum dano. Thomas duvidava, porque a proa do *Saint-Esprit* era alta e as amuradas eram sólidas. Sir Guillaume estava apenas enfiando metal em pranchas de madeira, mas os mísseis incendiários do *Saint-Esprit* começavam a ameaçar o *Pentecost*. Três ou quatro bestas inimigas estavam disparando agora, e Thomas e Robbie ocupavam-se em apagar as setas em chamas com água, e então um quadrelo aceso atingiu a vela e um fogo rastejante começou a brilhar na lona, mas Yvette conseguiu apagá-lo justo no momento em que Villeroy empurrou com força o remo de gunga.

Thomas ouviu a longa haste do remo estalar sob a pressão e sentiu o navio dar um bordo enquanto virava para o sul.

— O *Saint-Esprit* nunca foi tão rápido sem estar a favor do vento

— disse Villeroy —, e ele chapinha num mar desencontrado.

— E nós somos mais rápidos? — perguntou Thomas.

— Isso nós vamos descobrir — disse Villeroy.

— Por que não tentamos descobrir isso antes? — Sir Guillaume fizera a pergunta com rispidez.

— Porque não tínhamos espaço no mar — respondeu placidamente Villeroy, enquanto uma seta em chamas cortou o ar

por cima do convés da popa como um meteoro. — Mas agora estamos bem longe do cabo.

Ele queria dizer que eles estavam em segurança a oeste da península normanda e ao sul deles ficavam agora os braços de mar cheios de rochas, entre a Normandia e a Bretanha. O giro significava que a distância ficou reduzida de repente, pois o *Saint-Esprit* continuava em direção oeste e Thomas disparou um punhado de flechas contra os vultos tênues de homens em armaduras no poço do navio perseguidor. Yvette havia descido para o convés e puxava cordas e, quando ficou satisfeita com a nova posição da vela, tornou a subir para o seu ninho de águia, no exato momento em que mais duas setas incendiárias penetraram na lona e Thomas viu as chamas subirem pela vela enquanto Yvette alçava baldes. Thomas disparou outra flecha para o alto da noite escura, de modo que ela mergulhou no convés inimigo e Sir Guillaume disparava as setas de besta mais pesadas, com a rapidez que lhe era possível, mas nenhum dos dois homens foi recompensado por um grito de dor. Então a distância tornou a aumentar e Thomas tirou a corda do arco. O *Saint-Esprit* estava fazendo a volta para seguir o *Pentecost* em direção sul e, por alguns instantes, como que desapareceu no escuro, mas então uma outra flecha incendiária subiu do seu convés e na sua repentina luz Thomas viu que o navio dera a volta e estava outra vez na esteira do *Pentecost*. A vela de Villeroy ainda queimava, dando ao *Saint-Esprit* um sinal que ele não podia deixar de seguir, e os besteiros perseguidores dispararam três setas juntas, as chamas tremeluzindo famintas na noite, e Yvette arquejava desesperadamente usando os baldes, mas a vela estava em chamas agora, e o navio reduzia a

velocidade à medida que a lona perdia força e então, como uma bênção, ouviu um chiado penetrante e uma borrasca desabou, vinda do leste.

O granizo caía com uma violência extraordinária, matraqueando na vela chamuscada e tamborilando no convés, e Thomas pensou que aquilo não acabaria nunca, mas parou da mesma forma repentina com que começara, e todos os que estavam a bordo do *Pentecost* olharam para a popa, esperando que a próxima seta incendiária subisse do convés do *Saint-Esprit*, mas quando a chama finalmente cortou os céus errou muito o alvo, longe demais para que sua luz iluminasse o *Pentecost*, e Villeroy grunhiu.

— Eles imaginavam que nós fôssemos girar de volta para oeste naquela borrasca — disse ele, divertido —, mas estavam sendo espertos demais para o próprio bem deles.

O *Saint-Esprit* tentara passar a frente do *Pentecost* e enfrentá-lo, pensando que Villeroy fosse tornar a colocar seu navio a favor do vento, mas os perseguidores tinham errado no cálculo e agora estavam bem longe, a norte e a oeste da presa.

Mais flechas incendiárias brilharam no escuro, mas agora estavam sendo disparadas em todas as direções, na esperança de que a fraca luz de uma delas provocasse um fraco reflexo do casco do *Pentecost*, mas o navio de Villeroy afastava-se cada vez mais, puxado pelo que restava da vela chamuscada. Não fosse a borrasca, pensou Thomas, não havia dúvida de que eles teriam sido ultrapassados e capturados, e ele se perguntou se a mão de Deus o estava protegendo de algum modo porque ele possuía o livro sobre o Graal. Então o sentimento de culpa o assaltou; a culpa de duvidar da existência do

Graal; de desperdiçar o dinheiro de Lorde Outhwaite em vez de gastá-

lo na busca do Graal; e depois, a maior culpa e a pena pelas mortes perdulárias de Eleanor e do padre Hobbe, e por isso ele se pôs de joelhos no convés e olhou para o crucifixo que tinha apenas um braço. Perdoai-me, Senhor, rezou ele, perdoai-me.

— As velas custam dinheiro — disse Villeroy.

— Você vai ganhar uma vela nova, Pierre — prometeu Sir Guillaume.

— E vamos rezar para que o que sobrou dessa nos leve a algum lugar — disse Villeroy, mal-humorado.

Lá para o norte uma última flecha incendiária fez um risco vermelho no escuro, e depois não houve mais luz, apenas a infundável escuridão de um mar agitado no qual o *Pentecost* sobrevivia sob a vela em frangalhos.

O amanhecer encontrou-os num nevoeiro e com uma brisa intermitente que balançava uma vela tão enfraquecida que Villeroy e Yvette a dobraram em duas para que o vento tivesse mais do que buracos chamuscados contra os quais soprar, e quando eles a reajustaram o *Pentecost* moveu-se com dificuldade para sul e para oeste e todos a bordo agradeceram a Deus pelo nevoeiro, porque ele os escondia dos piratas que rondavam o golfo entre a Normandia e a Bretanha. Villeroy não tinha certeza sobre onde eles estavam, apesar de estar certo de que a costa normanda ficava a leste e que toda a terra naquela direção era feudo do conde de Coutances, e por isso eles mantiveram o rumo para o sul e o oeste, com

Yvette empoleirada na proa, para ficar vigiando a presença frequente dos recifes.

— Essas águas geram rochas — resmungou Villeroy.

— Neste caso, vá para águas mais profundas — sugeriu Sir Guillaume.

O grandalhão cuspiu no mar.

— Águas mais profundas geram piratas ingleses saídos das ilhas.

Eles avançavam para o sul, com o vento morrendo e o mar se acalmando. Ainda fazia frio, mas não havia mais granizo, e, quando um sol frágil começou a dissolver as névoas que se esgarçavam, Thomas sentou-se ao lado de Mordecai na proa.

— Tenho uma pergunta a lhe fazer — disse ele.

— Meu pai me aconselhou a nunca entrar num navio —

respondeu Mordecai. Seu rosto comprido estava pálido, e a barba, que de modo geral ele escovava com muito cuidado, toda emaranhada.

Ele tremia, apesar de uma capa improvisada de pele de carneiro. —

Você sabia que os marinheiros flamengos dizem que é possível acalmar uma tempestade atirando um judeu ao mar?

— É mesmo?

— Foi o que me disseram — disse Mordecai. — Se eu estivesse a bordo de um navio flamengo, poderia receber de bom grado a morte por afogamento como alternativa para esta existência. O que é isso?

Thomas havia desembrulhado o livro que o seu pai lhe legara.

— Minha pergunta — disse ele ignorando a pergunta de Mordecai — é quem é Hachaliah?

— Hachaliah? — Mordecai repetiu o nome e abanou a cabeça. —

Você acha que os flamengos levam judeus a bordo dos navios deles a título de

precaução? Pareceria uma coisa sensata, apesar de cruel. Por que morrer, quando um judeu pode morrer?

Thomas abriu o livro na primeira página do texto em hebraico, onde o irmão Germain decifrara o nome Hachaliah.

— Tome — disse ele entregando o livro ao médico. — Hachaliah.

Mordecai olhou para a página.

— Neto de Hachaliah — traduziu ele em voz alta — e filho de Tirshatha. É claro! É uma confusão sobre Jonas e o grande peixe.

— Hachaliah? — perguntou Thomas, olhando fixo para a página com a estranha escrita.

— Não, meu caro rapaz! — disse Mordecai. — A superstição sobre os judeus e as tempestades é uma confusão sobre Jonas, uma simples confusão ignorante. — Ele olhou para a página. — Você é filho do Tirshatha?

— Eu sou o filho bastardo de um padre — disse Thomas.

— E o seu pai escreveu isto?

— Escreveu.

— Para você?

Thomas balançou a cabeça.

— Acho que sim.

— Neste caso, você é filho do Tirshatha e neto de Hachaliah —

disse Mordecai, e depois sorriu. — Ah! É claro! Neemias. Minha memória está quase tão fraca quanto a do pobre Skeat, não está?

Imagine esquecer que Hachaliah era o pai de Neemias.

Thomas ainda não entendera nada.

— Neemias?

— E ele era o Tirshatha, claro que era. Extraordinário, não?, como os judeus prosperam em estados estrangeiros e depois eles se cansam de nós e nós somos acusados de todas as pequenas coisas que acontecem. Aí, o tempo passa e nós somos readmitidos nos nossos cargos. O Tirshatha, Thomas, era o governador da Judéia sob o domínio dos persas. Neemias era o Tirshatha, não o rei, é claro, só governador por algum tempo, sob o governo de Artaxerxes.

A erudição de Mordecai era impressionante, mas nada esclarecedora. Por que iria o padre Ralph identificar-se com Neemias, que devia ter vivido centenas de anos antes de Cristo, antes do Graal?

A única resposta que Thomas podia encontrar era a de costume, sobre a loucura de seu pai. Mordecai virava as páginas de pergaminho e encolhia-se, estremecendo, quando uma estalava.

— Como as pessoas ficam ansiosas por milagres — disse ele.

Tocou numa página com um dedo manchado por todos os remédios que ele socara e mexera. — “Uma taça de ouro na mão do Senhor que deixou embriagada a Terra toda.” Ora, o que é que isso pode significar?

— Ele está falando sobre o Graal — disse Thomas.

— Eu tinha compreendido isso, Thomas — brincou Mordecai com ele, delicado —, mas estas palavras não foram escritas sobre o Graal. Elas se referem à Babilônia. Parte das lamentações de Jeremias.

— Ele virou outra página. — O povo gosta de mistério. Ele não quer que nada seja explicado, porque quando as coisas são explicadas não resta esperança alguma. Tenho visto gente morrendo e sei que não há nada a fazer, e sou solicitado a me retirar porque dali a pouco o padre vai chegar com o seu prato coberto por um pano, e todos rezam por um milagre que nunca acontece. E a pessoa morre, e eu sou acusado, não Deus ou o padre, mas eu! — Ele deixou o livro cair-lhe no colo, onde as páginas se agitavam ao vento fraco. — Estas são apenas histórias do Graal, e algumas escrituras estranhas que poderiam referir-se a ele. Um livro, na verdade, de meditações. — Franziu o cenho. — Seu pai acreditava mesmo que o Graal existia?

Thomas estava para dar uma afirmativa vigorosa, mas se deteve,

lembrando-se. Na maior parte do tempo, seu pai tinha sido um homem irônico, divertido e inteligente, mas em outras ocasiões fora uma criatura alucinada, que gritava, lutando com Deus e desesperada na tentativa de entender os mistérios sagrados.

— Eu acho — disse Thomas, cauteloso — que ele acreditava mesmo no Graal.

— Claro que acreditava — disse Mordecai de repente —, que besteira a minha! É claro que seu pai acreditava no Graal, porque ele acreditava que o tinha em seu poder!

— Acreditava? — perguntou Thomas. Ele agora estava muitíssimo confuso.

— Neemias foi mais do que o Tirshatha da Judéia — disse o médico —, ele era o escanção, o copeiro, o serviçal encarregado de servir o vinho de Artaxerxes. Ele diz isso no começo dos seus escritos.

“Eu fui o copeiro do rei.” Aqui. — Ele apontou para uma linha na escrita em hebraico. — “Eu fui copeiro do rei.” Palavras de seu pai, Thomas, tiradas da história de Neemias.

Thomas olhou para o texto e viu que Mordecai estava certo.

Aquele era o depoimento de seu pai. Ele tinha sido o copeiro do maior de todos os reis, do próprio Deus, de Cristo, e a frase confirmava os sonhos de Thomas. O padre Ralph tinha sido o copeiro. Ele possuía o Graal. Este existia. Thomas teve um estremecimento.

— Eu acho — disse Mordecai falando com delicadeza — que seu pai acreditava possuir o Graal, mas isso parece improvável.

— Improvável! — protestou Thomas.

— Sou apenas um judeu — disse Mordecai, afável —, de modo que não posso saber muita coisa sobre o salvador da humanidade. E

há quem diga que eu nem devia falar dessas coisas, mas pelo que entendo Jesus não era rico. Estou certo?

— Ele era pobre — disse Thomas.

— Pois então estou certo, ele não era um homem rico, e no fim da vida ele comparece a um *seder*.

— Um *seder*?

— A festa da Páscoa, Thomas. E no *seder* ele come pão e bebe vinho, e o Graal, diga se eu estiver errado, foi o prato com o pão ou o cálice de vinho, certo?

— Certo.

— Certo — ecoou Mordecai e olhou a sua esquerda, onde um pequeno barco de pesca seguia pelo mar agitado. Não houvera sinal do *Saint-Esprit* a manhã toda, e nenhum dos barcos menores pelos quais eles passavam mostrara qualquer interesse pelo *Pentecost*. —

Mas se Jesus era pobre — prosseguiu Mordecai —, que tipo de prato de *seder* ele usaria? Um prato feito de ouro? Um prato com a borda de jóias? Ou uma peça de cerâmica comum?

— O que quer que ele tenha usado — disse Thomas — Deus poderia transformar.

— Ah, sim, é claro, já ia me esquecendo — disse Mordecai. Ele parecia desapontado, mas depois sorriu e entregou o livro a Thomas.

— Quando chegarmos aonde quer que estejamos indo — disse ele —, poderei anotar traduções do hebraico para você, e espero que ajude.

— Thomas! — gritou Sir Guillaume da popa. — Precisamos de braços descansados para tirar água!

A calafetação não tinha sido terminada, e o *Pentecost* estava fazendo água a uma velocidade alarmante, e por isso Thomas desceu

para o fundo do casco. Ele passava os baldes cheios para Robbie, que jogava a água pela lateral do navio. Sir Guillaume estava insistindo com Villeroy para que fosse para norte e leste outra vez, numa tentativa de passar por Caen e chegar a Dunquerque, mas Villeroy não estava satisfeito com a sua vela pequena e menos

satisfeito ainda com o casco fazendo água.

— Tenho de parar em algum lugar muito em breve — grunhiu ele

—, e o senhor vai ter de me comprar uma vela.

Eles não ousavam parar na Normandia. Era do conhecimento geral, em toda a província, que Sir Guillaume tinha sido declarado traidor, e se o *Pentecost* fosse revistado — e naquela costa onde havia contrabando era provável que o fosse — Sir Guillaume seria descoberto. Isso deixava a Bretanha sobrando, e Sir Guillaume estava ansioso por chegar a Saint-Malo ou Saint-Brieuc, mas Thomas protestou do fundo do casco, dizendo que ele e Will Skeat seriam considerados inimigos pelas autoridades bretãs que, naquelas cidades, deviam lealdade ao duque Charles, que lutava contra os rebeldes apoiados pelos ingleses que reconheciam o duque Jean como o verdadeiro governante da Bretanha.

— Então, para onde você iria? — perguntou Sir Guillaume. —

Inglaterra?

— Nunca chegaremos à Inglaterra — disse Villeroy, desanimado, olhando para a vela.

— As ilhas? — sugeriu Thomas, pensando em Guernsey ou Jersey.

— As ilhas! — Sir Guillaume gostou da idéia.

Dessa vez foi Villeroy quem protestou.

— Não posso — disse ele, com indelicadeza, e explicou que o

Pentecost era um navio de Guernsey e ele tinha sido um dos homens que ajudaram a capturá-lo. — Eu levo ele para as ilhas — disse ele —, e eles vão tomar ele de volta e eu com ele.

— Pelo amor de Deus! — rosnou Sir Guillaume. — Então para onde vamos?

— Você pode ir a Tréguier? — perguntou Will Skeat, e todos ficaram tão surpresos pelo fato de ele falar que por instantes ninguém respondeu.

— Tréguier? — perguntou Villeroy depois de um intervalo, e depois balançou a cabeça. — É possível.

— Por que Tréguier? — perguntou Sir Guillaume.

— A última notícia que eu tive foi de que ela estava em mãos dos ingleses — disse Skeat.

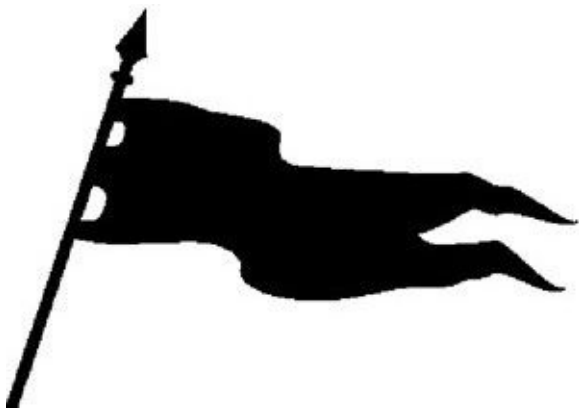
— Ainda está — confirmou Villeroy.

— E nós temos amigos lá — continuou Skeat.

E inimigos, pensou Thomas. Tréguier não era apenas o porto bretão mais próximo em mãos dos ingleses, mas também o porto mais próximo de La Roche-Derrien, para onde Sir Geoffrey Carr, o Espantalho, tinha ido. E Thomas dissera ao irmão Germain que estava indo para a mesma cidadezinha, e aquilo significaria, sem dúvida alguma, que de Taillebourg ficaria sabendo disso e iria para lá.

E talvez Jeanette também estivesse por lá, e de repente, apesar de Thomas dizer durante semanas que não voltaria, sentia uma vontade louca de chegar a La Roche-Derrien.

Porque era lá na Bretanha que ele tinha amigos, antigas amantes, e inimigos que ele queria matar.



Terceira Parte

BRETANHA, PRIMAVERA DE 1347

o copeiro do rei

Jeanette Chenier, condessa da Armórica, perdera o marido, os pais, a fortuna, a casa, o filho e o amante real, tudo isso antes de completar seus vinte anos de idade.

O marido sucumbira a uma flecha inglesa e morrera em agonia, chorando como uma criança.

Os pais tinham morrido de disenteria, e suas roupas de cama foram queimadas antes de eles serem enterrados perto do altar da igreja de St. Renan. Tinham deixado para Jeanette, a única filha que restara, uma pequena fortuna em ouro, uma empresa de transporte de vinho e a grande casa comercial à margem do rio em La Roche-Derrien.

Jeanette gastara grande parte da fortuna equipando navios e homens para combater os odiados ingleses que tinham matado seu marido, mas os ingleses ganharam, e assim sua fortuna desaparecera.

Jeanette implorara ajuda a Charles de Blois, duque da Bretanha e parente de seu falecido marido, e fora assim que ela perdera o filho.

Charles, de três anos de idade, que recebera o nome em homenagem ao duque, tinha sido tirado dela. Ela fora chamada de prostituta por ser filha de um mercador, portanto indigna de ser uma aristocrata.

Charles de Blois, para mostrar a Jeanette o quanto ele a desprezava, a estuprara. O filho dela, agora o conde da Armórica, estava sendo criado por um dos fiéis partidários de Charles de Blois, para garantir

que as extensas terras do menino ficassem prometidas sob juramento à casa de Blois. Assim, Jeanette, que perdera sua fortuna na tentativa de fazer com que o duque Charles fosse o indiscutível governante da Bretanha, adquirira um novo ódio e encontrara um novo amante, Thomas de Hookton. Ela fugira com ele para o norte, para o exército inglês na Normandia e, lá, atraíra a atenção de Eduardo de Woodstock, príncipe de Gales, e por isso Jeanette abandonara Thomas. Mas depois, temendo que os ingleses fossem massacrados pelos franceses na Picardia e que os vitoriosos franceses a fossem punir pela escolha do amante, tornara a fugir. Estivera enganada sobre a batalha, os ingleses tinham vencido, mas ela não

podia voltar.

Os reis, e os filhos dos reis, não recompensavam caprichos, e por isso Jeanette Chenier, viúva condessa da Armórica, voltara a La Roche-Derrien para descobrir que havia perdido a casa.

Quando saiu de La Roche-Derrien, ela estava muito endividada, e *Monsieur* Belas, um advogado, apossou-se da casa para pagar as dívidas. Jeanette, ao voltar, tinha dinheiro suficiente para pagar tudo o que devia, porque o príncipe de Gales tinha sido generoso com jóias, mas Belas não quis sair da casa. A lei estava do lado dele. Alguns dos

ingleses

que

ocuparam

La

Roche-Derrien

mostraram

solidariedade para com Jeanette, mas não interferiram na decisão do tribunal e não teria tido muita importância se o tivessem feito, porque todo mundo sabia que os ingleses não ficariam muito tempo na pequena cidade. O duque Charles estava reunindo um novo exército em Rennes, e La Roche-Derrien era o mais isolado e distante de todos os baluartes ingleses na Bretanha. Quando o duque Charles tomasse a cidade, iria recompensar *Monsieur* Belas, seu agente, e

desprezar Jeanette Chenier, que ele chamara de prostituta porque ela não era de berço nobre.

Assim, Jeanette, impossibilitada de requerer a devolução de sua casa, encontrou uma outra, muito menor, perto da porta sul de La Roche-Derrien, e confessou seus pecados ao padre da igreja de St.

Renan, que disse que ela havia pecado além dos limites do homem e talvez além dos limites de Deus também; o padre prometeu-lhe a absolvição se ela pecasse com ele. Ergueu a batina, tentou agarrá-la e soltou um berro quando Jeanette lhe deu um pontapé. Mas ela continuou a ir à missa na igreja de St. Renan, porque era a igreja de sua infância e seus pais estavam enterrados embaixo do quadro que retratava Cristo levantando-se do túmulo com uma luz dourada em torno da cabeça, e o padre não tinha coragem de recusar-lhe o sacramento, embora não ousasse mais encará-la.

Jeanette perdera os criados quando fugiu para o norte com Thomas, mas contratou uma menina de quatorze anos para ser a cozinheira e o irmão idiota da menina para apanhar água e lenha. As jóias do príncipe, calculava Jeanette, iriam durar um ano, e até lá alguma coisa iria aparecer. Ela era jovem, era realmente bonita, estava cheia de ódio, o filho ainda era refém e ela era inspirada pelo ódio.

Algumas pessoas da cidade temiam que ela estivesse louca, porque estava muito mais magra do que quando deixara La Roche-Derrien, mas os cabelos ainda eram negros como o corvo, a pele era macia como a seda rara que só os mais ricos podiam comprar, e os olhos eram grandes e brilhantes. Homens iam pedir seus favores, mas eram avisados de que não poderiam tornar a falar com ela a menos que lhe levassem o coração murcho de Belas, o advogado, e o membro viril murcho de Charles de Blois.

— Tragam os dois em relicários — dizia a eles —, mas quero o meu filho vivo.

Sua raiva repelia homens e alguns deles espalharam a história de que ela era aluada, talvez uma bruxa. O padre de St. Renan confidenciou a outros membros do clero na cidade que Jeanette procurara tentá-lo e falava em tom sinistro em requisitar a Inquisição, mas os ingleses não iriam permitir aquilo, porque o rei da Inglaterra recusava-se a deixar que os torturadores de Deus exercessem suas artes negras em suas possessões.

— Já existem reclamações suficientes — dizia Dick Totesham, comandante da guarnição inglesa em La Roche-Derrien — sem trazer malditos frades para provocar encrenca.

Totesham e sua guarnição sabiam que Charles de Blois estava recrutando um exército que iria atacar La Roche-Derrien antes de marchar em frente para sitiar os outros baluartes ingleses na Bretanha, e por isso trabalhavam com afinco para tornar os muros da cidade mais altos e construir novos reparos do lado de fora dos antigos. Camponeses da região eram obrigados a trabalhar na base do chicote. Eram forçados a empurrar carrinhos de mão cheios de barro e pedra, enfiavam madeiras no solo para fazer paliçadas e cavavam trincheiras. Odiavam os ingleses por obrigá-los a trabalhar de graça, mas os ingleses não se importavam, porque tinham de se defender, e Totesham implorava a Westminster para que mandasse mais homens, e na festa de São Félix, em meados de janeiro, uma tropa de arqueiros galeses desembarcou em Tréguier, que era o pequeno porto a uma hora e meia a pé de La Roche-Derrien, mas os únicos outros reforços foram alguns cavaleiros e soldados que estavam com pouca sorte e tinham ido para a pequena cidade na esperança de saques e

prisioneiros. Alguns daqueles cavaleiros vinham de Flandres, atraídos por falsos rumores sobre a riqueza a ser conseguida na Bretanha, e outros seis soldados chegaram do norte da Inglaterra, liderados por um homem malvado, expressão cruel, que levava um chicote e uma pesada carga de ressentimentos, e eles foram os últimos reforços de La Roche-Derrien antes de o *Pentecost* chegar ao rio.

A guarnição de La Roche-Derrien era pequena, ao passo que o exército do duque Charles era grande e ficava ainda maior. Espiões a soldo dos ingleses falavam de besteiros genoveses que chegavam a Rennes em companhias formadas por cem homens, e de soldados vindo a cavalo da França para jurar fidelidade a Charles de Blois. O

exército dele inchava, e o rei da Inglaterra, aparentemente descuidado quanto a suas guarnições na Bretanha, não lhes enviava ajuda alguma. O que significava que La Roche-Derrien, a menor de todas as cidades-fortalezas inglesas na Bretanha e a que mais perto estava do inimigo, estava condenada.

thomas sentiu-se estranhamente perturbado quando o *Pentecost* deslizou entre as baixas pontas rochosas que assinalavam a foz do rio Jaudy. Seria um fracasso, perguntava-se, voltar àquela cidade pequena? Ou o próprio Deus o enviara porque era ali que os inimigos do Graal estariam à procura de Thomas? Foi por isso que Thomas pensou no misterioso de Taillebourg e seu criado. Ou talvez, disse a si mesmo, ele estivesse nervoso devido à expectativa de rever Jeanette.

A história dos dois estava muito emaranhada, havia ódio demais misturado com o amor, e no entanto ele queria realmente vê-la e estava preocupado com a possibilidade de ela não querer vê-lo. Em vão tentou imaginar um retrato do rosto dela enquanto a maré alta levava o *Pentecost* para a foz do rio, onde alcas abriam suas asas felpudas para secar em cima de rochedos ornados de espuma branca.

Uma foca ergueu a cabeça reluzente, olhou indignada para Thomas e depois voltou para as profundezas. Os barrancos do rio ficaram mais próximos, trazendo um cheiro de terra. Havia pedras grandes e grama descorada e pequenas árvores curvadas pelo vento, enquanto nos baixios havia sinuosas armadilhas para peixes, feitas de estacas de salgueiro entrelaçadas. Uma garotinha, que não devia ter mais de seis anos, usava uma pedra para tirar lapas das rochas.

— Aquilo é um jantar pobre — observou Will Skeat.

— É sim, Will, é sim.

— Ah, Tom! — Skeat sorriu, reconhecendo-lhe a voz —, você nunca comeu lapas no jantar!

— Comi! — protestou Thomas. — E no desjejum também.

— Um homem que fala latim e francês? Comendo lapas? — Skeat sorriu. — Você sabe escrever, não é verdade, Tom?

— Tão bem quanto um padre, Will.

— Acho que devíamos mandar uma carta a sua excelência —

disse Skeat, referindo-se ao conde de Northampton — e pedir que os meus homens sejam despachados para cá. Só que ele não vai fazer isso sem dinheiro, vai?

— Ele te deve dinheiro — disse Thomas.

Skeat olhou para Thomas com o cenho franzido.

— Deve?

— Seus homens têm servido a ele nos últimos meses. Ele tem que pagar por isso.

Skeat abanou a cabeça.

— O conde nunca custou a pagar por bons soldados. Posso apostar que ele tem mantido a bolsa deles cheia, e se eu os quiser aqui terei de convencê-lo a liberá-los, e vou ter de pagar as passagens também.

Os homens de Skeat estavam contratados para lutar pelo conde de Northampton, o qual, depois de uma campanha na Bretanha, juntara-se ao rei na Normandia e agora o servia perto de Calais.

— Vou ter de pagar o transporte de homens e cavalos, Thomas —

prosseguiu Skeat —, e a menos que as coisas tenham mudado desde que me acertaram na cabeça, isso não vai ser barato. Não vai ser barato. E por que o conde iria querer que eles fossem embora de Calais? Eles vão brigar a mais não poder quando a primavera chegar.

A pergunta fazia sentido, refletiu Thomas, porque sem dúvida haveria embates violentos perto de Calais quando o inverno acabasse.

Pelo que Thomas sabia, a cidade não havia caído, mas os ingleses a tinham cercado e dizia-se que o rei francês estava reunindo um grande exército que iria atacar os sitiados na primavera.

— Vai haver um bocado de luta aqui quando a primavera chegar

— disse Thomas com um meneio de cabeça em direção à margem do rio, que agora estava muito perto. Os campos para lá da beira eram maninhos, mas pelo menos os celeiros e as casas de fazenda ainda estavam de pé, porque aquelas terras alimentavam a guarnição de La Roche-Derrien e por isso tinham sido poupadas do saque, estupro e incêndio que haviam crepitado pelo resto do ducado.

— Vai haver luta aqui — concordou Skeat —, mas muito mais em Calais. Acha que devemos ir para lá, Tom?

Thomas não disse nada. Ele achava que Skeat já não podia comandar um bando de soldados e arqueiros. Seu velho amigo estava sujeito demais a esquecimentos ou a repentinos acessos de confusão e melancolia, e aqueles ataques eram agravados pelos momentos em que Skeat parecia ter voltado ao que era — só que ele nunca era exatamente o velho Will Skeat que tinha sido tão rápido na guerra, selvagem na decisão e esperto em combate. Ele agora se repetia, ficava confuso e se intrigava com frequência — como acontecia naquele momento em relação a um barco de patrulha com a bandeira da Inglaterra, com a cruz vermelha sobre um campo branco, que seguia rio abaixo em direção ao *Pentecost*. Skeat olhou de cenho franzido para a pequena embarcação.

— É inimigo?

— Está com a nossa bandeira, Will.

— Está?

Um homem em cota de malha levantou-se na proa do barco a remo e gritou para o *Pentecost*.

— Quem são vocês?

— Sir William Skeat! — respondeu Thomas, gritando, usando o nome que seria muitíssimo bem recebido na Bretanha.

Houve uma pausa, talvez devido a incredulidade.

— Quer dizer Will Skeat?

— O rei deu a ele o título de cavaleiro — disse Thomas ao homem.

— Eu mesmo estou sempre me esquecendo disso — disse Skeat.

Os remadores da proa remaram ao contrário para que o barco de patrulha girasse na maré e ficasse ao lado do *Pentecost*.

— O que é que vocês estão levando? — perguntou o homem.

— O navio está vazio! — berrou Thomas.

O homem ergueu os olhos para a vela esfarrapada, chamuscada e dobrada.

— Tiveram problemas?

— Ao largo da Normandia.

— Já era hora daqueles bastardos serem mortos de uma vez por todas — resmungou o homem e fez um gesto na direção de rio acima, para onde as casas de Tréguier manchavam o céu com a sua fumaça de lenha.

— Atraquem ao lado do *Edward* — ordenou. — Há uma taxa portuária que terão de pagar. Seis xelins.

— Seis xelins? — explodiu Villeroy quando lhe contaram. — Seis malditos xelins! Será que eles pensam que tiramos dinheiro do fundo

do mar com as redes?

E assim Thomas e Will Skeat voltaram para Tréguier, onde a catedral perdera a torre depois que os bretões que apoiavam Charles de Blois dispararam bestas contra os ingleses do alto dela. Em represália, os ingleses tinham derrubado a torre e mandado as pedras para Londres. A pequena cidade portuária era escassamente habitada agora, porque não tinha muros e às vezes homens de Charles de Blois faziam ataques-relâmpago aos armazéns atrás do cais. Navios pequenos podiam subir o rio até La Roche-Derrien, mas o *Pentecost* tinha um calado muito grande, e por isso atracou ao lado do navio de pesca inglês e então doze homens vestindo gibão com a cruz vermelha subiram a bordo para cobrar a taxa portuária e procurar contrabando, ou mesmo uma boa propina para convencê-los a ignorar o que pudessem descobrir. Fosse como fosse, não encontraram produtos nem propina. O comandante deles, um homem gordo com uma ferida purulenta na testa, confirmou que Richard Totesham ainda estava no

comando em La Roche-Derrien.

— Ele está lá — disse o gordo — e Sir Thomas Dagworth está no comando em Brest.

— Dagworth! — Skeat parecia satisfeito. — Ele é bom. Dick Totesham também — acrescentou dirigindo-se a Thomas, mas pareceu intrigado quando Sir Guillaume surgiu da cabine de proa.

— É Sir Guillaume — disse Thomas em voz baixa.

— Claro que é — disse Skeat.

Sir Guillaume largou os alforjes no convés e o tilintar das moedas atraiu um olhar esperançoso por parte do homem gordo. Sir Guillaume encarou-o e puxou um pouco a espada da bainha.

— Acho que vou indo — disse o gordo.

— Eu acho que vai — disse Skeat com um muxoxo.

Robbie levantou sua bagagem para colocá-la no convés e olhou pelo poço do *Edward*, para onde quatro jovens estripavam arenques e jogavam os restos para o alto, e as gaivotas os pegavam no ar. As jovens amarravam o peixe estripado em longas varas que seriam colocadas nos defumadores no final do cais.

— São todas assim tão bonitas? — perguntou Robbie.

— Mais ainda — disse Thomas, imaginando como o escocês conseguia ver o rosto das jovens sob os chapéus que elas usavam.

— Vou gostar da Bretanha — disse Robbie.

Havia dívidas a pagar antes que eles pudessem partir. Sir Guillaume pagou a Villeroy e acrescentou dinheiro suficiente para comprar uma nova vela.

— Seria bom — aconselhou ao grandalhão — você evitar Caen durante algum tempo.

— Vamos seguir para a Gasconha — disse Villeroy. — Sempre há comércio na

Gasconha. Talvez a gente chegue até Portugal.

— Talvez — disse Mordecai com timidez — você deixe que eu vá junto?

— Você? — Sir Guillaume voltou-se para o médico. — Você odeia essas porcarias de navios.

— Preciso ir para o sul — disse Mordecai, cansado —, para Montpellier antes de tudo. Quanto mais ao sul se vai, mais amáveis são as pessoas. Eu preferiria sofrer um mês de mar e frio a enfrentar os homens do duque Charles.

— Passagem até a Gasconha — Sir Guillaume deu uma moeda de ouro a Villeroy — para um amigo meu.

Villeroy olhou para Yvette, que deu de ombros, e isso convenceu o grandalhão a aceitar.

— É um prazer, doutor — disse ele.

E assim eles se despediram de Mordecai e então Thomas, Robbie, Will Skeat e Sir Guillaume mais seus dois soldados desembarcaram.

Um barco iria subir o rio para La Roche-Derrien, mas só mais tarde naquele dia, e por isso os dois soldados foram deixados com a bagagem enquanto Thomas conduzia os outros pela trilha estreita que seguia a margem oeste do rio. Eles usavam cotas de malha e levavam armas, porque os camponeses locais não simpatizavam com os ingleses, mas os únicos homens pelos quais passaram foram doze trabalhadores sujos que tiravam com forcados estrume de duas carroças. Os homens pararam para ver os soldados passarem, mas nada disseram.

— E a essa hora, amanhã — comentou Thomas —, Charles de Blois vai ficar sabendo que chegamos.

— Vai ficar tremendo nas botas — disse Skeat com um sorriso.

Começou a chover quando eles chegaram à ponte que levava aos portões de La Roche-Derrien. Thomas parou sob o arco protetor da barbacã na margem oposta à cidade e apontou rio acima para o cais em ruínas onde ele e os outros arqueiros de Skeat tinham entrado às escondidas em La Roche-Derrien na noite em que ela

sucumbiu aos ingleses.

— Lembra-se daquele lugar, Will? — perguntou.

— Claro que me lembro — respondeu Skeat, embora parecesse incerto, e Thomas não disse mais nada.

Atravessaram a ponte de pedra e seguiram às pressas pela rua até a casa ao lado da taberna que sempre fora o quartel-general de Richard Totesham, e o próprio Totesham descia da sela quando eles

chegaram. Voltou-se e olhou os recém-chegados de cenho carregado, e então reconheceu Will Skeat e olhou fixo para o velho amigo, como se tivesse visto um fantasma. Skeat olhou para ele sem esboçar reação alguma, e a falta de reconhecimento perturbou Totesham.

— Will? — perguntou o comandante da guarnição. — Will? É

você, Will?

Uma expressão de prazer animou a fisionomia de Skeat.

— Dick Totesham! Imagine só, encontrar logo você!

Totesham ficou intrigado com o fato de Skeat ter se surpreendido por encontrá-lo numa guarnição que ele comandava, mas então viu o vazio no olhar do velho amigo e franziu o cenho.

— Você está bem, Will?

— Recebi um golpe na cabeça — disse Skeat —, mas um médico juntou os pedaços de novo. As coisas ficam embaçadas aqui e ali, só embaçadas.

Os dois apertaram-se as mãos. Eram homens que tinham nascido sem um tostão e tornaram-se soldados, depois conquistaram a confiança de seus patrões e ganharam os lucros com os resgates pagos por prisioneiros e com as propriedades saqueadas, até ficarem ricos o bastante para formar seus próprios bandos, que alugavam ao rei ou a um nobre e, assim, ficaram ainda mais ricos, já que assolavam mais terras inimigas. Quando os trovadores cantavam sobre uma batalha, citavam o rei como o herói combatente e louvavam as proezas de

duques, condes, barões e cavaleiros, mas eram homens como Totesham e Skeat que lutavam a maior parte das batalhas da Inglaterra.

Totesham deu uns tapinhas bem-humorados no ombro de Skeat.

— Me diga que você trouxe seus homens, Will.

— Deus sabe onde eles estão — disse Skeat. — Há meses que não os vejo.

— Eles estão do lado de fora de Calais — esclareceu Thomas.

— Meu Deus. — Totesham fez o sinalda-cruz. Ele era um homem atarracado, de cabelos grisalhos e rosto largo, que mantinha a guarnição de La Roche-Derrien junta pela simples força de caráter, mas sabia que tinha muito poucos homens. Pouquíssimos homens.

— Eu tenho cento e trinta e cinco homens sob minhas ordens —

disse ele a Skeat —, e a metade está doente. E há cinquenta ou sessenta mercenários que poderão ficar ou não até Charles de Blois chegar. É claro que os moradores da cidade vão lutar do nosso lado, pelo menos a maioria.

— A maioria vai? — interrompeu Thomas, impressionado com a afirmativa. Quando os ingleses capturaram a cidade no ano anterior, os habitantes lutaram ferozmente para defender seus muros e, ao serem derrotados, foram submetidos a estupros e saques. Agora apoiavam a guarnição?

— Os negócios vão bem — explicou Totesham. — Eles nunca foram tão ricos! Navios para a Gasconha, para Portugal, para Flandres e para a Inglaterra. Estão ganhando dinheiro. Não querem que a gente vá embora, de modo que sim, alguns irão lutar do nosso lado, e isso vai ajudar, mas não é como ter homens treinados.

As outras tropas inglesas na Bretanha estavam muito a oeste, de modo que quando Charles de Blois chegasse com o exército dele Totesham teria de defender a pequena cidade durante duas ou três semanas antes que pudesse esperar algum socorro e, mesmo com a ajuda dos habitantes, duvidava que pudesse fazer aquilo. Enviara uma solicitação ao rei em Calais pedindo que fossem mandados mais

homens para La Roche-Derrien. “Nós estamos sem ajuda” escrevera seu secretário enquanto Totesham ditava, “e nossos inimigos se reúnem perto daqui.” Totesham, ao ver Will Skeat, presumira que os homens de Skeat tinham chegado em resposta ao seu pedido e não conseguiu esconder a decepção.

— Você quer escrever pessoalmente ao rei? — perguntou Totesham a Will.

— O Tom aqui pode escrever por mim.

— Peça que seus homens sejam mandados para cá — insistiu Totesham. — Eu preciso de mais trezentos ou quatrocentos arqueiros, mas os seus cinquenta ou sessenta ajudariam.

— Tommy Dagworth não pode lhe mandar ninguém? —

perguntou Skeat.

— Ele está com tantas dificuldades quanto eu. Terra demais para defender, muito poucos homens, e o rei não quer saber de cedermos um único acre a Charles de Blois.

— Pois então, por que é que ele não manda reforços? —

perguntou Sir Guillaume.

— Porque não tem homens sobrando — disse Totesham —, o que não é motivo para que a gente não peça.

Totesham levou-os para dentro de casa, onde um fogo ardia numa grande lareira e os criados serviram jarras de vinho quente e pratos de pão e de carne de porco fria. Um bebê estava deitado num berço de madeira ao lado do fogo e Totesham enrubesceu quando admitiu que a criança era dele.

— Recém-casado — disse a Skeat, depois mandou que uma criada levasse o bebê embora antes que começasse a chorar.

Ele se encolheu quando Skeat tirou o chapéu para revelar seu

couro cabeludo com cicatrizes e com uma borda grossa. Insistiu em ouvir a história de Will, e quando lhe contaram agradeceu a Sir Guillaume a ajuda que o

francês dera ao amigo. Thomas e Robbie tiveram uma recepção mais fria, o segundo por ser escocês e o primeiro porque Totesham se lembrava de Thomas do ano anterior.

— Você era uma peste — disse Totesham, indelicado —, você e a condessa da Armórica.

— Ela está aqui? — perguntou Thomas.

— Ela voltou, sim. — Totesham parecia cauteloso.

— Nós podemos voltar à casa dela, Will — disse Thomas a Skeat.

— Não podem, não — disse Totesham com firmeza. — Ela perdeu a casa. A casa foi vendida para pagamento de dívidas, e ela tem protestado contra isso desde então, mas o imóvel foi vendido de forma honesta. E o advogado que a comprou nos pagou uma quitação, para ser deixado em paz, e eu não quero que ele seja perturbado, de modo que vocês dois podem achar acomodações no Two Foxes. Depois venham jantar aqui. — O convite foi feito a Will Skeat e a Sir Guillaume, e intencionalmente não a Thomas ou a Robbie.

Thomas não se importou. Ele e Robbie encontraram um quarto para dividir na taberna chamada Two Foxes, e, enquanto Robbie provava pela primeira vez a cerveja bretã, Thomas foi à igreja de St.

Renan, que era uma das menores de La Roche-Derrien, mas também uma das mais ricas, porque o pai de Jeanette estabelecera uma renda para ela. Ele construía um campanário e pagara para que belas pinturas fossem feitas em suas paredes, embora quando Thomas chegou a St. Renan estivesse muito escuro para ver o Salvador caminhando sobre o mar da Galiléia ou as almas despencando para o

chamejante inferno. A única luz na igreja vinha de algumas velas acesas no altar, onde um relicário de prata continha a língua de St.

Renan, mas Thomas sabia que havia um outro tesouro embaixo do altar, uma coisa quase tão rara quanto a silenciosa língua de um santo, e ele queria consultá-lo. Era um livro, um presente do pai de Jeanette, e Thomas ficara impressionado por encontrá-lo ali, não apenas porque o livro sobrevivera à queda da cidade — embora, na verdade, não fossem muitos os soldados que

iriam procurar livros para saquear —, mas também por existir qualquer livro numa pequena igreja de uma cidade bretã. Livros eram raros, e aquele era o tesouro de St. Renan: uma bíblia. A maior parte do Novo Testamento estava faltando, evidentemente porque alguns soldados tinham arrancado aquelas páginas para usar nas latrinas, mas todo o Antigo Testamento permanecera. Thomas foi passando em meio às senhoras idosas, vestidas de preto, que se ajoelhavam e rezavam na nave, e encontrou o livro embaixo do altar e soprou a poeira e as teias de aranha, e depois colocou-o ao lado das velas. Uma das mulheres disse entre dentes que ele estava sendo profano, mas Thomas ignorou-a.

Ele virou as páginas duras, às vezes parando para admirar uma maiúscula pintada. Havia uma bíblia na igreja de S. Pedro em Dorchester, e seu pai possuía uma, e Thomas devia ter visto uma dúzia em Oxford, mas vira poucas outras e, enquanto pesquisava as páginas, ficava maravilhado com o tempo que devia ter sido preciso para copiar um livro tão extenso. Mais mulheres reclamaram de sua anexação do altar e, para acalmá-las, ele se afastou alguns passos e sentou-se de pernas cruzadas com o pesado livro no colo. Agora estava muito longe das velas, e achava difícil ler o manuscrito, que em sua maioria tinha sido malfeito. As maiúsculas eram bonitas,

sugerindo que tinham sido feitas por uma mão habilidosa, mas a maior parte do texto era indecifrável, e a tarefa não era nada facilitada pela sua ignorância quanto ao trecho que devia procurar no imenso livro. Começou pelo fim do Antigo Testamento, mas não encontrou o que queria, e por isso folheou para trás, as páginas enormes estalando enquanto ele as virava. Ele sabia que aquilo que procurava não estava nos Salmos, de modo que virou aquelas páginas depressa, depois tornou a reduzir o ritmo, procurando palavras no texto mal escrito e então, de repente, os nomes saltaram da página.

“*Neemias Athersatha filius Achelai*”, “Neemias, o Governador, filho de Hachaliah”. Leu o trecho inteiro, mas não achou o que procurava, e por isso folheou ainda mais para trás, página dura por página dura, sabendo que estava perto, e lá, finalmente, estava ele.

“*Ego enim eram pincerna regis.* ”

Ele olhou para a frase e depois leu-a em voz alta:

— *Ego enim eram pincerna regis.* “Porque eu era o copeiro do rei.”

Mordecai pensara que o livro do padre Ralph fosse uma súplica a Deus para tornar o Graal uma realidade, mas Thomas não concordava. Seu pai não queria ser o copeiro. Não, o livro era uma maneira de desvelar e a um só tempo encobrir a verdade. Seu pai lhe deixara uma pista. Vá de Hachaliah para o Tirshatha e conclua que o governador era também o servidor de vinho: *Ego enim eram pincerna regis.* “Era”, refletiu Thomas. Será que aquilo significava que seu pai perdera o Graal? Era mais provável que ele soubesse que Thomas só iria ler o livro depois de sua morte. Mas Thomas estava certo de uma coisa: as palavras confirmavam que o Graal existia, de fato, e que seu pai tinha sido seu relutante depositário. Eu era o escanção do rei; que

este cálice saia das minhas mãos; o cálice me deixa embriagado. O

cálice existia e Thomas sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

Olhou para as velas no altar e seus olhos toldaram-se de lágrimas.

Eleanor tinha razão. O Graal existia e esperava ser descoberto para endireitar o mundo e levar Deus ao homem e o homem a Deus e paz à Terra. Ele existia. Era o Graal.

— Meu pai — disse uma mulher — deu esse livro à igreja.

— Eu sei — disse ele. Thomas fechou a bíblia e voltou-se para olhar para Jeanette. E ficou quase com medo de vê-la, porque ela poderia estar menos bonita do que ele se lembrava ou talvez porque temesse que a visão dela provocasse ódio. Afinal, ela o abandonara.

Mas em vez disso sentiu lágrimas nos olhos quando viu o rosto dela.

— Merle — disse baixinho, usando o apelido dela. Significava melro.

— Thomas. — A voz era indistinta, e então ela fez um gesto rápido com a cabeça em direção a uma mulher idosa vestida de preto e usando um véu também preto. — Madame Verlon — disse Jeanette

—, que fica nervosa por qualquer coisa, me disse que um soldado inglês estava roubando a bíblia.

— E por isso você veio lutar contra o soldado? — perguntou Thomas. Uma vela pingou à sua direita, a chama bruxuleando com a rapidez do coração de um passarinho.

Jeanette deu de ombros.

— O padre daqui é um covarde e não iria enfrentar um arqueiro inglês. Portanto, quem mais poderia vir?

— Madame Verlon pode ficar tranquila — disse Thomas enquanto tornava a colocar a Bíblia embaixo do altar.

— Ela também disse — a voz de Jeanette tremia — que o homem

que roubava a Bíblia tinha um enorme arco preto. — Dava assim a entender que ela fora ali pessoalmente em vez de mandar buscar ajuda. Ela adivinhara que era Thomas.

— Pelo menos você não teve que vir de longe — disse Thomas, fazendo um gesto para a porta lateral que dava para o quintal da casa do pai de Jeanette. Ele fingia não saber que ela perdera a casa.

A cabeça dela voltou à posição anterior.

— Não moro mais lá — disse ela, concisa.

Uma dúzia de mulheres estava escutando e elas recuaram, nervosas, quando Thomas seguiu em direção a elas.

— Então talvez a senhora, madame — disse ele a Jeanette —, vá me permitir que a acompanhe até em casa?

Ela confirmou com um gesto brusco da cabeça. Seus olhos pareciam muito brilhantes e grandes à luz das velas. Ela estava mais magra, pensou Thomas, ou talvez fosse a escuridão da igreja que lançasse sombras sobre as faces. Usava um chapéu amarrado sob o queixo e uma grande capa preta que varria as lajotas de pedra enquanto ela o seguia em direção à porta oeste.

— Se lembra de Belas? — perguntou ela.

— Eu me lembro do nome — disse Thomas. — Não era um advogado?

— Ele é advogado — disse Jeanette. — É feito de fel, uma criatura de limo, um vigarista. Qual foi aquela palavra em inglês que você me ensinou? Um beberrão. Ele é um beberrão. Quando voltei para cá, ele tinha comprado a casa, alegando que ela fora vendida para pagar minhas dívidas. Mas ele havia comprado as dívidas! Prometeu cuidar dos meus negócios, esperou que eu fosse embora, e tirou minha casa.

E agora que voltei, ele não me deixa pagar o que eu devia. Diz ele que

já está pago. Eu disse que compraria a casa pagando mais do que o que ele pagara, mas ele se limita a rir de mim.

Thomas segurou a porta para ela passar. A chuva cuspiu na rua.

— Você não quer a casa — disse ele —, se Charles de Blois voltar.

Quando isso acontecer, você já deverá ter ido embora.

— Você continua me dizendo o que fazer, Thomas? — perguntou ela, mas, como para atenuar a dureza de suas palavras, deu o braço a ele. Ou talvez tenha passado a mão pelo cotovelo dele porque a rua era íngreme e estava escorregadia. — Acho que vou ficar aqui.

— Se você não tivesse fugido dele — disse Thomas —, Charles iria casá-la com um de seus soldados. Se a encontrar aqui, é o que ele fará.

Ou coisa pior.

— Ele já está com o meu filho, já me estuprou. O que mais pode fazer? Não — ela agarrou com força o braço de Thomas —, eu vou ficar na minha casinha perto da porta sul, e quando ele entrar na cidade vou enfiar um quadrelo de besta na barriga dele.

— Estou surpreso que não tenha enfiado um quadrelo na barriga do Belas.

— E ser enforcada pela morte de um advogado? — retrucou Jeanette com uma risada curta e áspera. — Não, vou guardar minha vida para a vida de Charles de Blois, e toda a Bretanha e a França vão ficar sabendo que ele foi morto por uma

mulher.

— A menos que ele devolva o seu filho?

— Ele não vai devolver! — disse ela, enfática. — Ele não respondeu a nenhum apelo. — Ela queria dizer, Thomas estava certo, que o príncipe de Gales, talvez o próprio rei, tinha escrito a Charles de Blois, mas os apelos tinham dado em nada. E por que seria de outra forma? A Inglaterra era o inimigo mais ferrenho de Charles. —

Tudo tem a ver com terras, Thomas — disse, aborrecida —, terras e dinheiro.

Ela queria dizer que o seu filho, que aos três anos de idade era o conde de Armórica, era o legítimo herdeiro de grandes áreas do oeste da Bretanha que naquele momento estavam sob ocupação inglesa. Se o menino jurasse vassalagem ao duque Jean, que era o candidato de Eduardo da Inglaterra para governar a Bretanha, a reivindicação de Charles de Blois da soberania do ducado ficaria seriamente enfraquecida, e por isso Charles pegara a criança e iria ficar com o garoto até que este atingisse uma idade em que pudesse jurar vassalagem.

— Onde está Charles? — perguntou Thomas. Uma das ironias da vida de Jeanette era o filho ter recebido o nome em homenagem ao tio-avô, numa tentativa de obter os favores dele.

— Está na Torre de Roncelets — disse Jeanette —, que fica ao sul de Rennes. Ele está sendo criado pelo senhor de Roncelets. — Voltou-se para Thomas. — Já faz quase um ano que não o vejo!

— A Torre de Roncelets — disse Thomas. — É um castelo?

— Eu não vi. Acho que é uma torre. Sim, um castelo.

— Tem certeza que ele está lá?

— Não tenho certeza de nada — disse Jeanette, aborrecida —, mas recebi uma carta que dizia que Charles estava lá, e não tenho motivos para duvidar disso.

— Quem escreveu a carta?

— Não sei, não estava assinada. — Ela caminhou um instante em silêncio, a

mão quente no braço dele. — Foi o Belas — disse, por fim.

— Não tenho certeza, mas deve ter sido. Ele estava me irritando, me atormentando. Não basta ele estar com a minha casa e Charles de

Blois estar com o meu filho, o Belas quer que eu sofra. Ou então quer que eu vá a Roncelets sabendo que eu seria devolvida a Charles de Blois. Tenho certeza que foi o Belas. Ele me odeia.

— Por quê?

— O que é que você acha? — perguntou ela, zombeteira. —

Tenho uma coisa que ele quer, uma coisa que todos os homens querem, mas não vou dar isso a ele.

Eles continuaram a andar pelas ruas escuras. De algumas tabernas chegava o som de cantorias, e em algum lugar uma mulher gritou com o seu homem. Um cachorro latiu e foi silenciado. A chuva batia no sapé, pingava das abas dos telhados e deixava escorregadia a rua lamacenta. Um brilho vermelho foi aparecendo devagar à frente, aumentando à medida que eles se aproximavam, até que Thomas viu a chama de dois braseiros aquecendo os guardas que estavam na porta sul e ele se lembrou de que ele, Jack e Sam tinham aberto aquele portão para deixar o exército inglês entrar.

— Uma vez eu lhe prometi — disse ele — que iria trazer o Charles de volta.

— Você e eu, Thomas — disse Jeanette —, fizemos promessas demais. — Ela ainda parecia deprimida.

— Devo começar a cumprir algumas das minhas — disse Thomas.

— Mas para chegar a Roncelets preciso de cavalos.

— Posso fornecer os cavalos — disse Jeanette parando diante de uma entrada escura. — Eu moro aqui — continuou ela, e então o olhou de frente. Ele era alto, mas ela era quase da mesma altura. — O

conde de Roncelets é famoso como guerreiro. Você não deve morrer para cumprir uma promessa que nunca devia ter feito.

— Mas foi feita — disse Thomas.

Ela sacudiu a cabeça.

— É verdade.

Houve uma longa pausa. Thomas ouvia os passos de uma sentinela em cima do muro.

— Eu... — começou ele.

— Não — disse ela, rápida.

— Eu não...

— Uma outra hora. Tenho de me acostumar com o fato de você estar aqui. Estou cansada dos homens, Thomas. Desde a Picardia... —

Fez uma pausa, e Thomas pensou que ela não diria mais nada, mas então ela deu de ombros. — Desde a Picardia tenho vivido como uma freira.

Ele beijou-lhe a testa.

— Eu te amo — disse ele com sinceridade, mas mesmo assim surpreso por ter expressado o pensamento em voz alta.

Por um instante, ela não falou. A luz refletida dos braseiros dava um brilho vermelho aos seus olhos.

— O que houve com aquela garota? — perguntou ela. — Aquela coisinha pálida que tanto protegia você?

— Eu não consegui protegê-la — disse Thomas —, e ela morreu.

— Os homens são uns bastardos — disse, e voltou-se e puxou a corda que erguia a tranca da porta. Fez uma pausa. — Mas é um prazer ter você aqui — disse ela sem olhar para trás, e então a porta foi fechada, a tranca encaixou-se no lugar, e ela desapareceu.

sir Geoffrey Carr tinha começado a pensar que sua incursão à Bretanha era um erro. Durante muito tempo não houve sinal de Thomas de Hookton, e quando o

arqueiro chegou não se esforçou por procurar tesouro algum. Era um mistério, e o tempo todo as dívidas de Sir Geoffrey aumentavam. Mas então, finalmente, o Espantalho descobriu que planos Thomas de Hookton estava fazendo. A nova informação levou Sir Geoffrey à casa de *Monsieur Belas*.

A chuva caía forte em La Roche-Derrien. Era um dos invernos mais chuvosos de que se tinha memória. A trincheira depois do muro da cidade que tinha sido reforçado estava inundada, de modo que parecia um fosso, e muitas das campinas alagadas do rio Jaudy pareciam lagos. As ruas da cidade estavam pegajosas de tanta lama, as botas dos homens tinham camadas grossas de lodo e as mulheres iam ao mercado usando uns incômodos tamancos de madeira que escorregavam traiçoeiramente nas ruas mais íngremes e ainda assim a lameira sujava as bainhas dos vestidos e das capas. As únicas coisas boas numa chuva daquelas eram a proteção que ela oferecia contra incêndios e, para os ingleses, o conhecimento de que tornaria difícil qualquer cerco da cidade. As máquinas usadas nos sítios —

catapultas, trabucos ou canhões — precisavam de uma base sólida, não um atoleiro, e homens não podiam fazer um assalto através de um pântano. Dizia-se que Richard Totesham rezava para que

chovesse ainda mais e dava graças por todas as manhãs que nasciam cinzentas, carregadas e úmidas.

— Um inverno chuvoso, Sir Geoffrey — Belas saudou o Espantalho e depois inspecionou o visitante de forma dissimulada.

Um rosto pálido e feio, pensou, e, embora os trajes de Sir Geoffrey fossem de ótima qualidade, também tinham sido feitos para um homem mais gordo, o que sugeria que o inglês perdera peso há pouco tempo ou, o que era mais provável, as roupas tinham sido tiradas de um homem que ele matara em combate. Um chicote enrolado pendia do cinto, o que parecia um equipamento estranho, mas o advogado nunca tivera a pretensão de entender os soldados.

— Um inverno muito chuvoso — continuou Belas acenando ao Espantalho para que se sentasse.

— É um inverno desagradavelmente chuvoso — vociferou Sir Geoffrey para disfarçar o nervosismo. — Nada, a não ser chuva, frio e frieiras.

Ele estava nervoso porque não tinha certeza se aquele advogado magro e vigilante era tão a favor de Charles de Blois quanto o indicavam os rumores nas tavernas, e ele tinha sido obrigado a deixar Beggar e Dickon no pátio lá embaixo e sentia-se vulnerável sem a companhia protetora deles, em especial considerando-se que o advogado tinha um criado corpulento que vestia um gibão de couro e possuía uma espada comprida do lado.

— Pierre me protege — disse Belas. Ele tinha visto Sir Geoffrey olhando para o grandalhão. — Ele me protege dos inimigos que todos os advogados honestos fazemos. Por favor, Sir Geoffrey, sente-se.

Ele tornou a fazer um gesto em direção a uma cadeira. Um pequeno fogo queimava na lareira, a fumaça desaparecendo por uma

chaminé recém-construída. O advogado tinha no rosto uma expressão de tanta fome quanto a de um arminho e faces tão pálidas quanto a barriga de uma cobra-d'água. Vestia uma túnica preta, e uma capa preta com bordas de pele preta e um chapéu preto com abas que cobriam as orelhas, embora tivesse levantado uma das abas para ouvir melhor a voz do Espantalho.

— *Parlez-vous français?* — perguntou ele.

— Não.

— *Brezoneg a ouzit?* — perguntou o advogado e, quando viu a muda incompreensão no rosto do Espantalho, deu de ombros. — O

senhor não fala bretão?

— Acabei de dizer, não? Eu não falo francês.

— Francês e bretão não são a mesma língua, Sir Geoffrey.

— Não são inglês — disse Sir Geoffrey em tom beligerante.

— De fato, não são. Infelizmente, eu não falo inglês bem, mas aprendo depressa. Afinal de contas, é a língua dos nossos novos senhores.

— Senhores? — perguntou o Espantalho. — Ou inimigos?

Belas deu de ombros.

— Eu sou um homem de, como diria?, de negócios. Um homem de negócios. Acho que não é possível ser assim e não fazer inimigos.

— Tornou a encolher os ombros, como se falasse de coisas triviais, e então recostou-se na cadeira. — Mas o senhor veio tratar de negócios, Sir Geoffrey? O senhor tem uma propriedade a transferir, talvez? Um contrato para fazer?

— Jeanette Chenier, condessa da Armórica — disse Sir Geoffrey abruptamente.

Belas ficou surpreso, mas não demonstrou. Ficou alerta. Sabia muito bem que Jeanette queria vingança e estava sempre atento às maquinações dela, mas agora fingia indiferença.

— Conheço essa senhora — admitiu.

— Ela conhece o senhor. E não gosta do senhor, *Monsieur* Belas

— disse Sir Geoffrey, fazendo com que sua pronúncia parecesse uma zombaria.

— Ela não gosta do senhor nem um pouquinho. E gostaria de ter os seus colhões numa frigideira e acender um fogo forte embaixo deles.

Belas dirigiu a atenção aos papéis que estavam sobre a sua mesa, como se o visitante estivesse sendo enfadonho.

— Eu lhe disse, Sir Geoffrey, que um advogado inevitavelmente faz inimigos. Não é nada que possa preocupar. A lei me protege.

— A lei que vá para o inferno, Belas. — Sir Geoffrey era categórico. Seus olhos, curiosamente pálidos, observavam o advogado, que fingia estar ocupado fazendo ponta numa pena. —

Suponha que a mulher receba o filho de volta — prosseguiu o Espantalho. — Suponha que a mulher leve o filho à presença de Eduardo da Inglaterra e faça com que o menino jure vassalagem ao duque Jean. A lei não vai impedir que eles cortem os seus colhões, vai? Um, dois, corta, corta, e alimente o fogo, advogado.

— Uma eventualidade dessas — disse Belas com aparente enfado

— não pode ter repercussão alguma em mim.

— Então o seu inglês não é fraco, hein? — zombou Sir Geoffrey.

— Eu não finjo conhecer a lei, *monsieur*, mas conheço as pessoas. Se a condessa pegar o filho dela, ela irá a Calais e falará com o rei.

— E daí? — perguntou Belas, ainda fingindo-se de despreocupado.

— Três meses — Sir Geoffrey ergueu três dedos —, talvez quatro, para que o seu Charles de Blois possa chegar até aqui. E ela poderá estar em Calais dentro de quatro semanas e voltar para cá com a folha de pergaminho do rei dentro de oito semanas, e a essa altura ela será valiosa. O filho tem o que o rei quer e o rei dará a ela o que ela quiser, e o que ela quer são os seus colhões. Ela vai arrancá-los com os pequenos dentes brancos e depois irá esfolá-lo vivo, *monsieur*, e a lei não irá ajudá-lo. Contra o rei, não vai.

Belas estivera fingindo que lia um pergaminho, que então soltou, a folha enrolando-se com um estalo. Olhou para o Espantalho e deu de ombros.

— Duvido, Sir Geoffrey, que o que o senhor descreve venha a acontecer. O filho da condessa não está aqui.

— Mas suponha, *monsieur*, só suponha, que um grupo de homens esteja se preparando para ir a Roncelets para buscar o diabinho?

Belas fez uma pausa. Tinha ouvido um boato de que uma incursão daquelas estava sendo planejada, mas duvidara da veracidade do boato, porque histórias assim tinham sido contadas mais de vinte vezes e não tinham dado em nada. Mas algo no tom de Sir Geoffrey indicava que daquela vez devia haver algum pingão de verdade.

— Um grupo de homens — respondeu Belas, inexpressivo.

— Um grupo de homens — confirmou o Espantalho — que planeja ir até Roncelets e ficar esperando até que o queridinho seja levado para fora para a sua mijada matutina e então pegá-lo, trazê-lo de volta para cá e colocar os seus colhões na frigideira.

Belas desenrolou o pergaminho e fingiu tornar a lê-lo.

— Não há nada de surpreendente, Sir Geoffrey — disse ele, despreocupado —, no fato de madame Chenier conspirar para o retorno do filho. Isso já é de esperar. Mas por que o senhor vem me incomodar com isso? Que mal isso pode me causar? — Ele mergulhou no tinteiro a pena que acabara de ter a ponta feita. — E como é que o senhor sabe a respeito dessa incursão planejada?

— Porque eu faço as perguntas certas, não faço? — respondeu o Espantalho.

Na verdade, o Espantalho tinha ouvido rumores de que Thomas planejava uma incursão contra Rostrenen, mas outros homens da cidade tinham jurado que Rostrenen fora saqueada tantas vezes que agora um pardal morreria de fome lá. Por isso, imaginara o Espantalho, o que é que Thomas estava realmente fazendo? Sir Geoffrey estava certo de que Thomas estava à procura do tesouro, o mesmo tesouro que o levara até Durham, mas por que iria esse tesouro estar em Rostrenen? O que é que havia lá? Sir Geoffrey abordara um dos delegados de Richard Totesham numa taberna e pagara cerveja para o homem e perguntara a respeito de Rostrenen, e o homem dera uma risada e abanara a cabeça.

— O senhor não vai acreditar nesse absurdo — disse ele a Sir Geoffrey.

— Absurdo?

— Eles não vão a Rostrenen. Eles vão a Roncelets. Bem, nós não temos certeza disso — continuara o homem —, mas a condessa da Armórica está metida até o pescoço nessa história, de modo que isso significa que tem de ser Roncelets. E quer um conselho meu, Sir Geoffrey? Não se meta nisso. Não é à toa que chamam Roncelets de

ninho de vespas.

Sir Geoffrey, mais confuso do que nunca, fez mais algumas perguntas e aos poucos foi percebendo que o *Thesaurus* que Thomas procurava não eram grossas moedas de ouro, nem sacos de couro cheios de jóias, mas terras: as propriedades bretãs do conde da Armórica, e se o filhinho de Jeanette jurasse vassalagem ao duque Jean, a causa inglesa na Bretanha receberia um impulso. Era um tesouro, por assim dizer, um tesouro político: não tão prazeroso quanto o ouro, mas ainda assim valioso. Exatamente o que a terra tinha a ver com Durham, o Espantalho não sabia. Talvez Thomas tivesse ido até lá para procurar algumas escrituras? Ou

uma doação feita por um duque anterior? Algum absurdo criado por um advogado, e não tinha importância; o que importava era que Thomas estava viajando para capturar um menino que poderia trazer força política para o rei da Inglaterra, e Sir Geoffrey se perguntara, então, como poderia beneficiar-se do menino, e por algum tempo brincou com a idéia maluca de raptar o menino e levá-lo para Calais, mas então percebera que havia um lucro muito mais certo de obter simplesmente denunciando Thomas. Que era o motivo pelo qual ele ali estava, e Belas, segundo ele suspeitava, estava interessado, mas o advogado também fingia que a incursão contra Roncelets não era de sua conta, e por isso o Espantalho decidiu que estava na hora de forçar a mão do advogado. Levantou-se e tirou a jaqueta ensopada de chuva.

— O senhor não está interessado, *monsieur*? — perguntou. — Pois bem. O senhor conhece o seu metiê melhor do que eu, mas eu sei quantos homens vão a Roncelets e sei quem os lidera e posso lhe

dizer quando eles irão.

A pena já não se movia e pingos de tinta caíam de sua ponta para manchar o pergaminho, mas Belas não percebeu, enquanto a voz desagradável do Espantalho continuava.

— É claro que eles não disseram a Totesham o que vão fazer, porque oficialmente ele não vai concordar. O que ele pode ou não pode fazer, eu não sei, de modo que acha que eles vão incendiar algumas fazendas perto de Rostrenen, o que pode ser que eles façam, pode ser que não, mas seja lá o que dizem ou seja lá o que o senhor Totesham pode acreditar, eu sei que eles vão a Roncelets.

— Como é que o senhor sabe? — perguntou Belas calmamente.

— Eu sei! — disse Sir Geoffrey em tom áspero.

Belas largou a pena.

— Sente-se — ordenou ele ao Espantalho — e diga-me o que deseja.

— Duas coisas — disse Sir Geoffrey enquanto tornava a sentar-se.

— Vim para esta maldita cidade para ganhar dinheiro, mas temos colhido migalhas, *monsieur*, migalhas.

Muito pouco, porque as tropas inglesas passaram meses saqueando a Bretanha, e não havia fazendas num raio de um dia a cavalo que não tivessem sido incendiadas e roubadas, enquanto que ir mais longe no interior era arriscar-se e encontrar fortes patrulhas inimigas. Do lado de fora dos muros de suas fortalezas, a Bretanha era uma imensidão de emboscadas, perigos e ruínas, e o Espantalho descobrira logo que se tratava de um ambiente onde seria difícil ganhar uma fortuna.

— Então dinheiro é a primeira coisa que o senhor quer — disse Belas com azedume. — E a segunda?

— Refúgio — disse Sir Geoffrey.

— Refúgio?

— Quando Charles de Blois tomar a cidade — disse o Espantalho

—, quero estar no seu pátio.

— Não consigo pensar por quê — disse Belas secamente —, mas é claro que será um prazer recebê-lo. E quanto ao dinheiro? — Ele lambeu os lábios. — Primeiro vamos ver a qualidade de sua informação.

— E se ela for boa? — perguntou o Espantalho.

Belas refletiu por um instante.

— Setenta *écus*? — sugeriu ele. — Oitenta, talvez?

— Setenta *écus*? — O Espantalho fez uma pausa para converter aquilo em libras, e vociferou: — Só dez libras! Não! Quero cem libras, e em moeda cunhada na Inglaterra.

Mas chegaram a um acordo em sessenta libras esterlinas, a serem pagas quando Belas tivesse provas de que Sir Geoffrey dizia a verdade, e que a verdade era que Thomas de Hookton ia liderar homens até Roncelets, e que eles iriam partir na véspera da Festa de São Valentim, que deveria acontecer dali a pouco mais de duas semanas.

— Por que demorar tanto? — quis saber Belas.

— Ele quer mais homens. Ele agora só tem doze e está tentando convencer outros a seguirem com ele. Está dizendo a eles que existe ouro em Roncelets.

— Se o senhor quer dinheiro — perguntou Belas, mordaz —, por que não vai com ele?

— Porque em vez disso eu vim falar com o senhor — respondeu Sir Geoffrey.

Belas recostou-se na cadeira e juntou as mãos pelas pontas dos dedos pálidos e compridos.

— E isso é tudo o que o senhor quer? — perguntou ele ao inglês.

— Algum dinheiro e refúgio?

O Espantalho levantou-se, curvando a cabeça sob as vigas baixas do teto da sala.

— O senhor me paga uma vez — disse ele — e depois me paga outra vez.

— Talvez — disse Belas, evasivo.

— Eu lhe dou o que o senhor quer — disse Sir Geoffrey — e o senhor me paga.

Ele foi até a porta e então parou, porque Belas o chamara de volta.

— O senhor disse Thomas de Hookton? — perguntou Belas, e havia um inegável interesse no seu tom de voz.

— Thomas de Hookton — confirmou o Espantalho.

— Obrigado — disse Belas, e olhou para um pergaminho que acabara de desenrolar e pareceu que ele encontrara o nome de Thomas escrito nele, porque seu dedo confirmou e ele sorriu. —

Obrigado — repetiu e, para espanto de Sir Geoffrey, apanhou uma pequena bolsa de um baú ao lado da escrivaninha e empurrou-a em direção do Espantalho. — Por essa notícia, Sir Geoffrey, eu lhe agradeço.

Sir Geoffrey, de volta ao pátio, descobriu que tinha recebido dez libras em ouro inglês. Dez libras apenas por mencionar o nome de Thomas? Ele desconfiou que havia muito mais a saber sobre os planos de Thomas, mas pelo menos agora ele

tinha ouro no bolso, de modo que a visita ao advogado fora lucrativa e havia a promessa de mais

ouro do advogado.

Mas ainda caía aquela porcaria de chuva.

thomas convenceu Richard Totesham de que em vez de escrever um novo apelo ao rei eles deveriam apelar para o conde de Northampton, que agora estava entre os líderes do exército que sitiava Calais. A carta lembrava a sua excelência sua grande vitória em capturar La Roche-Derrien e salientava que aquela realização poderia ter sido em vão se a guarnição não fosse reforçada. Richard Totesham ditou a maioria das palavras e Will Skeat fez uma cruz ao lado do seu nome no fim da carta que afirmava, com exatidão, que Charles de Blois estava reunindo um novo e poderoso exército em Rennes.

“Mestre Totesham”, escreveu Thomas, “que envia a Vossa Excelência humildes saudações, calcula que o exército de Charles já conta com mil soldados, o dobro dessa quantidade de besteiros e outros homens, enquanto em nossa guarnição mal temos cem homens em plena saúde. Por outro lado seu parente Sir Thomas Dagworth, que está a uma distância de uma semana de marcha, não pode reunir mais de seiscentos ou setecentos homens.”

Sir Thomas Dagworth, o comandante inglês na Bretanha, era casado com a irmã do conde de Northampton e Totesham tinha esperança de que só o orgulho familiar convenceria o conde a evitar uma derrota na Bretanha, e se Northampton mandasse os arqueiros de Skeat, apenas os arqueiros e não os soldados, aquilo iria dobrar o número de arqueiros nos muros de La Roche-Derrien e dar a

Totesham uma chance de resistir a um sítio. Mande os arqueiros, pedia a carta, com seus arcos, suas flechas, mas sem os cavalos, e Totesham os devolveria a Calais depois que Charles de Blois fosse rechaçado.

— Ele não vai acreditar nisso — resmungou Totesham —, vai pensar que eu vou querer ficar com eles, e por isso providencie para que ele saiba que se trata de uma promessa solene. Diga-lhe que juro por Nossa Senhora e por São Jorge que os arqueiros voltarão.

A descrição do exército de Charles de Blois era bem verdadeira.

Espiões a soldo dos ingleses mandaram avisar que de fato Charles estava ansioso que seus inimigos ficassem sabendo, porque quanto maior fosse a inferioridade numérica da guarnição de La Roche-Derrien, menores seriam as esperanças dela. Charles já estava com quase quatro mil homens, toda semana chegavam mais, e seus engenheiros tinham contratado nove grandes máquinas de sítio para atirar pedras contra os muros das cidades e fortalezas inglesas no seu ducado. La Roche-Derrien seria atacada em primeiro lugar, e poucos eram os que lhe davam uma esperança de durar mais do que um mês.

— Espero que não seja verdade — disse Totesham a Thomas em tom amargurado, depois que a carta foi escrita — que você tem planos para Roncelets?

— Roncelets? — Thomas fingiu não ter ouvido falar na cidade. —

Roncelets não, senhor, mas Rostrenen.

Totesham olhou para Thomas com antipatia.

— Não há nada em Rostrenen — disse com frieza o comandante da guarnição.

— Ouvi dizer que lá existe comida, senhor — disse Thomas.

— Ao passo que — continuou Totesham como se Thomas não

tivesse falado — dizem que o filho da condessa da Armórica está preso em Roncelets.

— É mesmo, senhor? — perguntou Thomas, dissimulado.

— E se o que você quer é fornicar — Totesham ignorou as mentiras de Thomas —, posso recomendar o bordel atrás da capela de São Briec.

— Nós vamos a Rostrenen — insistiu Thomas.

— E nenhum de meus homens vai com você — disse Totesham, o que significava nenhum que recebesse salário dele, embora isso ainda deixasse de fora os mercenários.

Sir Guillaume tinha concordado em acompanhar Thomas, apesar de estar em

dúvida quanto às perspectivas de sucesso. Comprara cavalos para si e para seus dois soldados, mas reconhecia que eram de má qualidade.

— Se houver uma perseguição vinda de Roncelets — disse ele —, vamos levar uma surra. Por isso leve bastante gente para fazer uma briga decente.

O primeiro instinto de Thomas tinha sido seguir com apenas um número reduzido de pessoas, mas poucos homens em cavalos ruins seriam uma isca fácil. Mais homens tornavam a expedição mais segura.

— E por falar nisso, por que é que você vai? — perguntou Sir Guillaume. — Só para entrar nas saias da viúva?

— Porque eu fiz uma promessa a ela — disse Thomas, e era verdade, embora a razão sugerida por Sir Guillaume fosse mais verdadeira. — E porque — prosseguiu Thomas — preciso fazer com que os meus inimigos saibam que estou aqui.

— Você se refere a de Taillebourg? — perguntou Sir Guillaume. —

Ele já sabe.

— Você acha?

— O irmão Germain deve ter contado a ele — disse Sir Guillaume, confiante —, caso em que acho que o seu dominicano já está em Rennes. Ele virá atrás de você daqui a pouco.

— Se eu atacar Roncelets — disse Thomas —, eles vão ouvir falar sobre mim. Aí poderei ter a certeza de que virão.

Chegada a festa da Purificação da Virgem Maria, ele sabia que poderia contar com Robbie, com Sir Guillaume e seus dois soldados, além de haver encontrado outros sete que foram atraídos pelos rumores da riqueza de Roncelets ou pela perspectiva de bom conceito junto a Jeanette. Robbie queria partir de imediato, mas Will Skeat, da mesma forma que Sir Guillaume, aconselhou Thomas a levar um grupo maior.

— Isto aqui não é como o norte da Inglaterra — disse Skeat —, a gente não pode correr para a fronteira. Se você for apanhado, Thomas, vai precisar de uma dúzia

de bons homens para brigar com escudos e quebrar cabeças. Acho que devia ir com você.

— Não — apressou-se a dizer Thomas.

Skeat tinha seus momentos de lucidez, mas com demasiada frequência ficava confuso e desmemoriado, apesar de agora tentar ajudar Thomas ao recomendar outros homens para participarem da incursão. A maioria recusava o convite: a Torre de Roncelets ficava muito longe, alegavam eles, ou o senhor de Roncelets era poderoso demais e os riscos para os atacantes eram demasiado grandes. Alguns tinham medo de ofender Totesham, o qual, temendo perder alguém de sua guarnição, decretara que nenhuma incursão deveria ir a mais de um dia a cavalo da cidade. Sua cautela significava que era pouco o

que havia para saquear, e só os mercenários mais pobres, desesperados por qualquer coisa que pudessem transformar em dinheiro, se ofereceram para acompanhar Thomas.

— Doze homens são o bastante — insistiu Robbie. — Meu doce Cristo, eu já participei de muitas incursões contra a Inglaterra. Uma vez meu irmão e eu tiramos um gado de Lorde Percy com apenas três outros homens, e Percy colocou o condado todo atrás de nós. Entre rápido e saia mais depressa ainda. Doze homens chegam.

Thomas estava quase convencido pelas palavras ardentes de Robbie, mas preocupava-se com o fato de as chances ainda estarem muito desiguais e os cavalos em condições muito ruins para permitir que eles entrassem depressa e saíssem mais rapidamente.

— Eu quero mais homens — disse ele a Robbie.

— Se continuar agitado — disselhe Robbie —, os inimigos vão saber de suas intenções. Eles estarão à nossa espera.

— Não vão saber onde esperar — disse Thomas — nem o que pensar.

Ele espalhara vários rumores sobre a finalidade da incursão e esperava que o inimigo ficasse totalmente confuso.

— Mas nós partiremos em breve — prometeu ele a Robbie.

— Meu doce Deus, a quem falta perguntar? — perguntou Robbie.

— Vamos partir agora!

Mas naquele mesmo dia chegou um navio a Tréguier e mais três soldados flamengos foram para a guarnição. Thomas descobriu-os na noite daquele dia numa taberna à margem do rio. Os três reclamaram, dizendo que tinham estado nas linhas inglesas em Calais, mas que lá havia muito pouca luta e, com isso, eram poucas as perspectivas de prisioneiros ricos. Queriam tentar a sorte na Bretanha,

e por isso tinham ido para La Roche-Derrien. Thomas falou com o líder deles, um homem magro, com uma boca retorcida e sem dois dedos na mão direita, que ouviu, grunhiu um sinal de que entendera e disse que iria pensar no assunto. Na manhã seguinte todos os três flamengos foram à taberna Two Foxes e disseram que estavam dispostos a participar.

— Viemos aqui para lutar — disse o líder, que se chamava Lodewijk —, e por isso iremos.

— Pois então, vamos partir! — insistiu Robbie com Thomas.

Thomas gostaria de recrutar ainda mais homens, mas sabia que já tinha esperado bastante.

— Nós vamos — disse ele a Robbie, e foi procurar Will Skeat. Fez com que o homem mais velho promettesse ficar de olho em Jeanette.

Ela gostava de Skeat e confiava nele, e Thomas tinha confiança bastante para deixar com ela o livro de notas de seu pai.

— Voltaremos daqui a seis ou sete dias — disse ele.

— Que Deus o acompanhe — disse Jeanette. Ela agarrou-se a Thomas por um instante. — Que Deus o acompanhe — repetiu — e traga meu filho.

Na madrugada seguinte, num nevoeiro que emperolava suas longas cotas de malha, os quinze cavaleiros partiram.

lodewijk — ele insistia em que era Sir Lodewijk, mas seus dois companheiros

davam risadas abafadas sempre que ele o dizia —

recusava-se a falar francês, alegando que aquele idioma deixava sua língua amarga.

— Os franceses — afirmava — são um povo sujo. Sujo. O termo é bom, já? Sujo?

— O termo é bom — concordou Thomas.

Jan e Pieter, os companheiros de Sir Lodewijk, falavam apenas num flamengo gutural salpicado de um punhado de palavras ingleses que deviam ter aprendido em Calais.

— O que é que se passa em Calais? — perguntou Thomas a Sir Lodewijk enquanto cavalgavam para o sul.

— Nada. A cidade está... como se diz? — Sir Lodewijk fez um movimento circular com a mão.

— Cercada.

— Ja, a cidade está cercada. Pelos ingleses, já? E por... — Ele fez uma pausa, na dúvida quanto à palavra desejada, e então apontou para um trecho de terreno alagado que ficava a leste da estrada. —

Por aquilo.

— Pântanos.

— Ja! Por pântanos. E os danados dos franceses estão no... —

Uma vez mais ficou sem palavras, de modo que num gesto brusco

apontou o dedo protegido por malha para o céu ameaçador.

— Terreno mais alto? — adivinhou Thomas.

— Ja! Danado de terreno alto. Não tão danado de alto, eu acho, mas mais alto. E eles... — Ele colocou a mão sobre os olhos, como para fazer sombra sobre eles.

— Ficam olhando?

— Ja! Eles ficam olhando uns para os outros. De modo que não acontece nada, mas eles e nós ficamos danados de molhados.

Molhados pra cachorro, ja?

Eles ficaram molhados mais tarde naquela manhã, quando as chuvas vieram do oceano. Grandes cortinas cinzentas açoitavam as fazendas desertas e as charnecas dos terrenos elevados, onde as árvores estavam permanentemente curvadas para o leste. Quando Thomas foi à Bretanha pela primeira vez, aquela era uma área produtiva com fazendas, pomares, moinhos e pastagens, mas agora estava devastada. As árvores frutíferas, sem tratamento, estavam grossas de tantos piscos-chilreiros, os campos estavam sufocados por ervas daninhas, e os pastos enredados em grama de ponta. Aqui e ali algumas pessoas tentavam arrancar um sustento, mas estavam constantemente sendo obrigadas a ir para La Roche-Derrien para trabalhar nos reparos, e seus produtos e seu gado eram sempre roubados por patrulhas inglesas. Se alguns daqueles bretões notaram os quinze cavaleiros, tiveram o cuidado de esconder-se, e por isso parecia que Thomas e seus companheiros cavalgavam por uma região deserta.

Eles seguiam com um cavalo de reserva. Deveriam ter levado mais, porque só os três flamengos estavam montados em bons garanhões. Em geral, as viagens marítimas exerciam efeitos nocivos

aos cavalos, mas Sir Lodewijk deixou claro que a viagem deles tinha sido de uma rapidez fora do comum.

— Ventos danados, ja? — Ele girou a mão e emitiu um som de sopro para sugerir a força dos ventos que tinham feito com que os corcéis chegassem em tão boas condições. — Rápido! Rápido pra danar!

Os flamengos não só estavam bem montados, mas bem equipados. Jan e Pieter usavam belos casacões de malha, enquanto Sir Lodewijk estava com o peito, as coxas e um dos braços protegidos por boas armaduras que estavam amarradas por cima de uma cota de malha forrada de couro. Os três usavam casacos pretos com uma larga listra branca descendo na frente e nas costas, e todos tinham escudos sem ornamento algum, apesar de o manto do cavalo de Sir Lodewijk exibir um emblema mostrando uma faca da qual pingava sangue. Ele tentou explicar o motivo, mas o inglês dele não deu, e Thomas ficou com a vaga

impressão de que era a marca de uma guilda comercial de Bruges.

— Açougueiros? — sugeriu ele a Robbie. — Foi isso o que ele disse? Açougueiros?

— Açougueiros não fazem guerra. Exceto contra os porcos —

disse Robbie. Ele estava de ótimo humor. Fazer incursões estava no seu sangue, e ele ouvira histórias nas tabernas de La Roche-Derrien sobre o saque que podia ser roubado se o homem estivesse disposto a infringir o regulamento de Richard Totesham e afastar-se da cidade mais do que um dia de viagem. — O problema no norte da Inglaterra é que se uma coisa vale a pena ser roubada, ela está por trás de grandes muros. Nós nos arrumamos pegando algumas cabeças de gado de vez em quando, e há um ano roubamos um belo cavalo do

meu Lorde Percy, mas não há ouro e prata para se roubar. Nada que se pudesse chamar de saque de verdade. Os vasos usados nas missas são todos de madeira, peltre ou barro, e as caixas de esmolas estão mais duras que os pobres. E se a gente se afastar muito para o sul, os bastardos estarão à nossa espera na volta para casa. Odeio arqueiros ingleses.

— Eu sou um arqueiro inglês.

— Você é diferente — disse Robbie, e estava sendo sincero, porque estava intrigado com Thomas.

A maioria dos arqueiros tinha nascido no interior, filhos de pequenos proprietários rurais, ferreiros ou bailios, enquanto uns poucos eram filhos de operários, mas nenhum, segundo a experiência de Robbie, era bemnascido, o que, evidentemente, Thomas era, porque falava francês e latim, sentia-se à vontade em companhia de senhores, e outros arqueiros acatavam sua opinião. Robbie podia parecer um lutador escocês selvagem, mas era filho de um cavaleiro e sobrinho do Cavaleiro de Liddesdale, e por isso considerava os arqueiros seres inferiores que, num universo preparado de forma adequada, poderiam ser derrubados e mortos como caça. Mas ele gostava de Thomas.

— Você é diferente — voltou a dizer. — Veja bem, quando o meu resgate for pago e eu chegar em casa são e salvo, vou voltar para te matar.

Thomas soltou uma gargalhada, mas foi uma gargalhada forçada.

Ele estava nervoso. Atribuiu o nervosismo à situação estranha de chefiar uma incursão. Aquilo tinha sido idéia sua, foram suas promessas que levaram a maioria daqueles homens na longa viagem.

Ele alegara que Roncelets, por estar tão longe de qualquer baluarte

inglês, ficava em território que não tinha sido saqueado. Roubassem a criança, prometera ele, e depois poderiam saquear o quanto quisessem ou, pelo menos, até que o inimigo acordasse e organizasse uma perseguição, e aquela promessa convencera homens a segui-lo, e a responsabilidade daquilo pesava sobre Thomas. Ele também não gostava de se preocupar. Afinal, sua ambição era ser o líder de um bando de guerra, como Will Skeat tinha sido antes da contusão, e que esperança tinha ele de ser um bom líder se se preocupava com uma pequena incursão como aquela? No entanto se preocupava, e se preocupava ainda mais com a possibilidade de não ter previsto tudo que poderia dar errado; e os homens que tinham se juntado a ele não serviam de consolo, porque, à exceção de seus amigos e dos recém-chegados flamengos, eles eram os mais pobres e os menos bem equipados de todos os aventureiros que tinham ido para La Roche-Derrien em busca de riqueza. Um deles, um soldado brigão do oeste da Bretanha, ficou bêbado no primeiro dia e Thomas descobriu que ele tinha dois odres para levar água cheios de uma forte bebida feita de maçã. Ele rompeu os dois odres, e o enraivecido bretão sacou da espada e atacou Thomas, mas estava bêbado demais para enxergar com nitidez. Um joelho na virilha e um golpe em sua cabeça o derrubaram. Thomas tirou o cavalo do homem e deixou-o gemendo na lama, o que significava que estava reduzido agora a quatorze homens.

— Isso vai ajudar — disse Sir Guillaume, alegre.

Thomas não disse nada. Achou que merecia que zombassem dele.

— Não, eu estou sendo sincero! Você derruba um homem um dia e poderá derrubá-lo de novo. Sabe por que alguns homens são maus líderes?

— Por quê?

— Eles querem que os outros gostem deles.

— Isso é mau? — perguntou Thomas.

— Os homens querem admirar os seus líderes, querem temê-los, e acima de tudo

querem que ele tenha sucesso. O que é que gostarem dele tem alguma coisa a ver com qualquer desses detalhes? Se o líder for um homem bom, o pessoal vai gostar dele, e se não for, não vai gostar, e se ele for um homem bom e um mau líder é melhor morrer.

Está vendo? Eu tenho muita sabedoria.

Sir Guillaume riu. Ele podia estar com azar, seu solar perdido e sua fortuna acabada, mas ele estava seguindo para uma luta, e aquilo o animava.

— O lado bom dessa chuva — disse ele — é que o inimigo não vai esperar que você viaje nela. Isso é tempo para se ficar em casa.

— Eles vão saber que nós saímos de La Roche-Derrien — disse Thomas. Ele tinha certeza de que Charles de Blois tinha tantos espiões na cidade quanto os ingleses tinham em Rennes.

— Ele ainda não deve saber — disse Sir Guillaume. — Nós estamos viajando mais depressa do que qualquer mensageiro pode viajar. De qualquer modo, apesar de saberem que deixamos La Roche-Derrien, eles não sabem para onde vamos.

Eles seguiram para o sul na esperança de que o inimigo pensasse que planejavam saquear as fazendas perto de Guingamp e, quando o primeiro dia ia avançado, desviaram-se para leste e subiram para uma região descampada. As aveleiras estavam em flor e gralhas chamavam do alto dos olmos desfolhados, sinais de que o ano estava se afastando do inverno. Acamparam numa fazenda deserta, protegidos por baixos muros de pedra chamuscados, e antes de o último lampejo

de crepúsculo desaparecer, tiveram uma boa notícia quando Robbie, remexendo pelas ruínas do celeiro, descobriu uma sacola de couro semi-enterrada ao lado do muro irregular. A chuva exorbitante levara embora a terra que estava em cima da sacola, que continha uma pequena salva de prata e três punhados de moedas. Quem enterrara o dinheiro devia ter achado as moedas muito pesadas para carregar ou então tivera medo de ser roubado durante seu exílio da casa.

— Nós, como se diz? — Sir Lodewijk fez com a mão um gesto como se estivesse cortando uma torta em pedaços.

— Dividimos?

— Ja! Nós dividimos?

— Não — disse Thomas. Não tinha sido aquilo o combinado. Ele teria preferido ter dividido, porque era assim que Will Skeat tinha tratado dos espólios, mas os homens que andavam com ele queriam guardar tudo o que encontrassem.

Sir Lodewijk empertigou-se.

— É como nós fazemos, ja? Nós dividimos.

— Nós não dividimos — disse Sir Guillaume, ríspido —, ficou combinado assim.

Ele falou em francês, e Sir Lodewijk reagiu como se tivesse sido agredido, mas compreendeu perfeitamente e limitou-se a fazer meia-volta e afastar-se.

— Diga ao seu amigo escocês para vigiar as costas dele — disse Sir Guillaume a Thomas.

— Lodewijk não é tão mau assim — disse Thomas —, o senhor só não gosta dele porque ele é flamengo.

— Eu odeio os flamengos — concordou Sir Guillaume. — São uns porcos maçantes, brancos. Como os ingleses.

A pequena discussão com os flamengos não supurou. Na manhã seguinte Sir Lodewijk e seus companheiros estavam animados e, como os cavalos estavam muito mais descansados e em melhores condições do que quaisquer outros, eles se ofereceram, com muito inglês mal falado e esmerados sinais com as mãos, para seguir na frente como batedores, e o dia todo seus casacos preto-e-branco apareceram e desapareceram muito à frente, e todas as vezes eles acenavam para que o grupo principal avançasse, sinalizando que não havia perigo. Quanto mais penetravam em território inimigo, maior era o risco, mas a vigilância dos flamengos significou que tinham feito um bom progresso. Eles avançavam por uma trilha sinuosa de ambos os lados da estrada principal que ia de leste a oeste ao longo da espinha dorsal da Bretanha, uma estrada margeada por bosques cerrados, que escondiam os incursores das poucas pessoas que viajavam pela estrada. Viram apenas dois tropeiros com seu gado magricela e um padre levando um bando de peregrinos que caminhavam descalços, agitavam ramos em frangalhos e entoavam um canto fúnebre. Nada a arrecadar ali.

No dia seguinte seguiram para o sul novamente. Estavam entrando agora numa região na qual as fazendas tinham escapado dos atacantes ingleses, e em virtude disso as pessoas não tinham medo de homens a cavalo e os pastos estavam cheios de ovelhas e seus filhotes recém-nascidos, muitos dos quais tinham sido feitos em sangrentos pedaços, porque os homens da Bretanha estavam ocupados demais caçando uns aos outros, e por isso as raposas trabalhavam e as ovelhas morriam. Cães pastores latiram para os homens em cotas de malha cinza, e dessa vez Thomas já não mandou os flamengos seguirem na frente, mas ele e Sir Guillaume lideravam

os cavaleiros e, quando eram interpelados, respondiam em francês, dizendo-se partidários de Charles de Blois.

— Onde fica Roncelets? — perguntavam a toda hora, e a princípio não acharam ninguém que soubesse, mas à medida que a manhã avançava descobriram um homem que pelo menos tinha ouvido falar no lugar, e depois um outro que disse que uma vez o pai dele estivera lá e que ele achava que ficava depois da crista da montanha, da floresta e do rio, e então um terceiro, que lhes forneceu informações precisas. A torre, disse ele, não estava a mais de meio dia de viagem, no extremo de uma longa crista coberta de floresta que corria entre dois rios. Ele mostrou onde eles deviam vadear o rio mais próximo, disselhes que seguissem a crista da cadeia de montanhas em direção sul e depois curvou a cabeça em agradecimento pela moeda que Thomas lhe deu.

Eles atravessaram o rio, subiram a crista e seguiram para o sul.

Thomas percebeu que deviam estar perto de Roncelets quando pararam para passar a terceira noite, mas não insistiu porque reconheceu que seria melhor chegar à torre ao amanhecer, e assim eles acamparam sob faias, tremendo porque não ousavam acender uma fogueira, e Thomas dormiu muito mal, porque estava ouvindo coisas estranhas estalando e se arrastando no interior da floresta, e temia que aqueles ruídos pudessem ser feitos por patrulhas enviadas pelo senhor de Roncelets. No entanto nenhuma patrulha os encontrou. Thomas duvidava que houvesse quaisquer patrulhas, exceto na sua imaginação, mas mesmo assim não conseguiu dormir e muito cedo, enquanto os outros ressonavam, andou às cegas por entre as árvores até o flanco da crista que descia íngreme e olhou fixo para a noite, na esperança de ver um bruxulear de luz emitido das

ameias da Torre de Roncelets. Não viu nada, mas ouviu ovelhas emitindo um

balido de lamentação declive abaixo e imaginou que uma raposa tinha se metido entre as ovelhas e as estava matando.

— O pastor não está fazendo o seu trabalho.

Alguém falou em francês e Thomas se voltou, pensando que se tratasse de um dos soldados de Sir Guillaume, mas viu, à fraca luz da lua, que era Sir Lodewijk.

— Eu pensei que você não falasse francês — disse Thomas.

— Às vezes falo — disse Sir Lodewijk e caminhou para colocar-se ao lado de Thomas e então, sorrindo, bateu um porrete improvisado contra a barriga de Thomas e, quando Thomas ficou sem respiração e se curvou, o flamengo bateu com o galho quebrado na cabeça dele e depois chutou-o no peito. O ataque foi repentino, inesperado e avassalador. Thomas lutava para recuperar o fôlego, quase caiu dobrado em dois, cambaleando, e tentou endireitar o corpo e agarrar os olhos de Sir Lodewijk, mas o porrete atingiu-o num ruidoso golpe do lado da cabeça e Thomas foi ao chão.

Os três cavalos dos flamengos tinham sido amarrados a árvores a uma pequena distância dos outros. Ninguém achara aquilo estranho e ninguém observara que os animais tinham sido deixados selados e ninguém acordou quando os cavalos foram desamarrados e levados para longe. Só Sir Guillaume se mexera quando Sir Lodewijk apanhava suas peças de armadura.

— Já está amanhecendo? — perguntou ele.

— Ainda não — respondeu Sir Lodewijk num francês afável, e depois levou as armaduras e as armas para a beira da floresta, onde Jan e Pieter amarravam os pulsos e os calcanhares de Thomas. Eles o penduraram de barriga para baixo nas costas de um dos cavalos,

prenderam-no à barrigueira do animal e depois levaram-no em direção leste.

Sir Guillaume acordou de fato vinte minutos depois. Os pássaros enchiam as árvores de cantos e o sol era uma sugestão de luz no leste enevoadado.

Thomas tinha desaparecido. Sua cota de malha, a sacola de flechas, a espada, o elmo, a capa, a sela e o grande arco preto estavam todos lá, mas Thomas e os três flamengos tinham desaparecido.

thomas foi levado para a Torre de Roncelets, uma fortaleza quadrada, sem adornos, que se erguia de um afloramento de rocha acima de uma curva do rio. Uma ponte, feita com a mesma pedra cinza da torre, levava a estrada principal até Nantes, do outro lado do rio, e nenhum comerciante podia atravessar a ponte com seus produtos sem pagar direitos ao senhor de Roncelets, cujo estandarte de duas asnas pretas sobre um campo amarelo tremulava dos altos reparos da torre. Seus homens usavam as listras pretas e amarelas no libré e eram inevitavelmente chamados de guêpes, vespas. Àquela distância, na região leste da Bretanha, os habitantes falavam francês e não bretão, e a torre deles tinha o apelido de Guêpier, o vespeiro, embora naquela manhã de fins de inverno a maioria dos soldados da aldeia usasse librés pretos lisos, e não as listras que lembravam as vespas do senhor de Roncelets. Os recém-chegados foram acomodados nos pequenos chalés que ficavam entre a Guêpier e a ponte, e foi num daqueles chalés que Sir Lodewijk e seus dois companheiros voltaram a juntarse aos seus camaradas.

— Ele está lá no castelo — Sir Lodewijk fez um gesto com a cabeça em direção à torre — e que Deus o ajude.

— Sem problemas? — perguntou um homem.

— Sem problema nenhum — disse Sir Lodewijk. Ele havia sacado uma faca e soltava as listras brancas que tinham sido costuradas no

seu casaco. — Ele facilitou a coisa para nós. Um inglês idiota, hein?

— E por que é que eles o procuram?

— Deus sabe, e quem se importa? Tudo o que importa é que eles o pegaram e o diabo irá recebê-lo em breve. — Sir Lodewijk deu um bocejo enorme. — Há mais doze deles lá na floresta, de modo que vamos procurálos.

Cinquenta cavalarianos saíram da aldeia em direção oeste. O som das patas dos cavalos e das barbelas e das armaduras de couro que estalavam era alto, mas desapareceu rapidamente quando eles entraram no bosque cerrado da crista. Um par de pica-peixes, de um azul surpreendente, seguiu rio acima e desapareceu nas sombras.

Longas ervas daninhas ondulavam na corrente onde um faiscar de prata mostrava que os salmões estavam voltando. Uma jovem carregava um balde de

leite pela rua da aldeia e chorava porque durante a noite fora estuprada por um dos soldados de libré preto e sabia que era inútil reclamar, porque ninguém iria protegê-la ou mesmo fazer um protesto em seu nome. O padre da aldeia a viu, percebeu por que ela chorava e inverteu seu caminho para não ter de ficar cara a cara com ela. A bandeira preta e amarela sobre os reparos da Guêpier drapejou numa fraca lufada de vento e depois pendeu imóvel. Dois jovens com falcões encapuzados pousados nos braços saíram da torre a cavalo e viraram em direção sul. A grande porta rangeu ao fechar-se depois que eles passaram, e o barulho da pesada barra de trava encaixando-se nos suportes foi ouvido em toda a aldeia.

Thomas também ouviu. O barulho vibrou através da rocha sobre a qual a Guêpier fora construída e reverberara subindo a escada em espiral até o comprido e vazio aposento para onde ele tinha sido

levado. Duas janelas iluminavam a câmara, mas a parede era tão grossa e os vãos eram tão profundos, que Thomas, acorrentado entre as janelas, não conseguia olhar por nenhuma delas. Uma lareira vazia ficava na parede oposta, as pedras do chapéu da chaminé manchadas de preto. As largas tábuas do chão estavam arranhadas e gastas por um número demasiado de botas cheias de pregos, e Thomas concluiu que aquilo tinha sido um quarto para soldados. Provavelmente ainda era, mas agora precisavam do aposento para usá-lo como a prisão. Os soldados tinham com certeza recebido ordem de sair. Thomas fora carregado para lá e acorrentado à argola de ferro chumbada na parede entre as duas janelas. Os grilhões circundavam-lhe os pulsos e os mantinham em suas costas, ligados à argola de ferro na parede por quase um metro de corrente. Ele testara a argola, vendo se podia deslocá-la ou mesmo romper um elo, mas tudo o que conseguiu foi machucar os pulsos. Uma mulher soltou uma risada em algum lugar da torre. Pés soaram na escada em espiral do lado de fora da porta, mas ninguém entrou no aposento e as passadas desapareceram aos poucos.

Thomas ficou imaginando por que a argola de ferro tinha sido chumbada na parede. Ela parecia uma coisa estranha para existir tão alto na torre, onde nenhum cavalo precisaria ser amarrado. Talvez ela tivesse sido colocada ali quando o castelo foi construído. Certa vez, ele tinha visto homens transportando pedras para o alto de uma torre de igreja, e eles tinham usado uma roldana presa a uma argola como aquela. Era melhor pensar na argola e em pedras e em pedreiros construindo a torre, do que matutar sobre a sua idiotice ao ser capturado com tanta facilidade, ou ficar se perguntando o que estaria para lhe acontecer, embora, é claro, ele pensasse mesmo naquilo e em

ponto algum de sua imaginação a resposta era animadora. Tornou a forçar a argola, esperando que ela estivesse ali há muito tempo e que o reboco que a acolhia tivesse ficado fraco, mas tudo o que conseguiu foi arranhar a pele dos pulsos nas bordas afiadas dos grilhões. A mulher tornou a dar uma risada e ouviu-se a voz de uma criança.

Um pássaro voou para uma das janelas, bateu asas por alguns instantes e desapareceu de novo, evidentemente rejeitando o aposento como local para construir um ninho. Thomas fechou os olhos e recitou, baixinho, a oração do Graal, a mesma oração que Cristo rezara em Getsêmane: “Pater, si vis, transfer calicem istum a me.” Pai, se for tua vontade, afasta de mim este cálice. Thomas repetiu a oração várias vezes, desconfiando de que se tratava de um esforço em vão. Deus, que não havia poupado seu próprio filho da agonia do Gólgota, por que iria poupar Thomas? No entanto, que esperança tinha ele sem a oração? Sentia vontade de chorar por sua ingenuidade ao pensar que poderia ir até ali e de alguma maneira retirar o menino daquela cidadela que fedia a fumaça de lenha, estrume de cavalo e gordura rançosa. Tinha sido tudo muito estúpido, e ele sabia que não tinha feito aquilo pelo Graal, mas para impressionar Jeanette. Era um bobo, um bobalhão, e como um boboca caíra na armadilha do inimigo e sabia que ninguém pagaria resgate por ele. Que valor podia ter? Mas já que era assim, por que ainda estava vivo? Porque eles queriam alguma coisa que ele possuía, e naquele exato momento a porta do aposento foi aberta e Thomas abriu os olhos.

Um homem, usando a batina preta de um monge, levou dois cavaletes para dentro do aposento. Ele tinha cabelos sem tonsura, sugerindo que era um criado leigo de um mosteiro.

— Quem é você? — perguntou Thomas.

O homem, que era baixo e mancava ligeiramente, não deu resposta, mas apenas colocou os dois cavaletes no centro do chão e, um momento depois, levou cinco tábuas que colocou sobre os cavaletes para fazer uma mesa. Um segundo homem de cabelos sem tonsura, igualmente vestindo uma batina preta, entrou no aposento e olhou para Thomas.

— Quem é você? — tornou a perguntar Thomas, mas o segundo homem era tão calado quanto o primeiro. Ele era um homem grande, com saliências ossudas sobre os olhos e faces covadas, e inspecionou Thomas como se estivesse

analisando um boi na hora do abate.

— Vai acender a fogueira? — perguntou o primeiro homem.

— Daqui a pouco — disse o segundo homem e tirou uma faca de lâmina curta de uma bainha que estava no seu cinto e aproximou-se de Thomas.

— Não se mexa — grunhiu ele — e assim você não vai se machucar.

— Quem é você?

— Ninguém que você conheça e ninguém que um dia venha a conhecer — disse o homem. Agarrou a gola do gibão de lã de Thomas e, com um golpe violento, rasgou-o na frente. A lâmina tocou, mas não cortou a pele de Thomas. Thomas recuou, mas o homem simplesmente o seguiu, golpeando e puxando o pano rasgado até que o peito de Thomas ficou desnudo. Depois cortou as mangas e arrancou o gibão, de modo que Thomas ficou nu da cintura para cima. Então o homem apontou para o pé direito de Thomas.

— Levante-o — ordenou ele. Thomas hesitou e o homem suspirou. — Posso obrigar você a isso — disse ele — e vai doer, ou

você mesmo pode fazê-lo e aí não vai doer.

Ele tirou as duas botas de Thomas e depois cortou a cintura do calção.

— Não! — protestou Thomas.

— Poupe o fôlego — disse o homem, e serrou, puxou e rasgou com a lâmina até cortar o calção e poder arrancá-lo, para deixar Thomas tremendo e nu. Então o homem apanhou as botas e as roupas rasgadas e levou-as para fora.

O outro homem levava coisas para dentro do aposento e colocava-as em cima da mesa. Havia um livro e um vaso, presumivelmente de tinta, porque o homem colocou duas penas de ganso ao lado do livro e uma pequena faca de cabo de marfim para afiar as pontas. Depois colocou um crucifixo em cima da mesa, duas velas grandes como as que enfeitavam o altar de uma igreja, três atijadores, um par de torqueses e um instrumento curioso que Thomas não conseguia ver bem. Por último, colocou duas cadeiras atrás da mesa e um balde de madeira ao alcance de Thomas.

— Sabe para que serve isso, não sabe? — perguntou, derrubando o balde com o pé.

— Quem é você? Por favor!

— Nós não queremos que você suje o chão, não é?

O homem maior voltou para o aposento carregando um pouco de gravetos e um cesto de lenha.

— Pelo menos, vai ficar aquecido — disse a Thomas com evidente satisfação. Ele tinha um pequeno vaso de barro cheio de brasas brilhantes, que usou para acender os gravetos, depois empilhou as achas de lenha menores e estendeu as mãos para as chamas que aumentavam. — Bem quentinho — disse ele —, e isso é

uma bênção no inverno. Nunca vi um inverno igual a este! Chuva!

Devíamos estar construindo uma arca.

Bem ao longe, um sino tocou duas vezes. O fogo começou a estalar e um pouco da fumaça vazou para dentro do aposento, talvez porque a chaminé estivesse fria.

— O que ele gosta mesmo — disse o homem grande que preparara a lareira — é de um braseiro.

— Quem? — perguntou Thomas.

— Ele sempre gosta de um braseiro, mas eu disse a ele que num chão de madeira, não dá.

— Quem? — perguntou Thomas.

— Eu não quero tacar fogo em tudo! Eu disse a ele que um braseiro, num piso de madeira, não dá, de modo que tivemos que usar a lareira. — O grandalhão ficou observando o fogo por alguns instantes. — Parece que está queimando direito, não está?

Ele colocou meia dúzia de achas maiores na fogueira e recuou.

Dirigiu um olhar indiferente para Thomas, abanou a cabeça como se o prisioneiro não tivesse mais como ser ajudado, e os dois homens se retiraram do aposento.

A lenha estava seca, de modo que as chamas eram altas, determinadas e violentas. Mais fumaça vazou em golfadas para o aposento e saiu pelas janelas. Thomas, num súbito acesso de raiva, puxou os grilhões com toda a sua força de arqueiro para arrancar a argola da parede, mas tudo o que conseguiu foi fazer com que os grilhões cortassem mais fundo os pulsos que sangravam. Olhou para o teto, que era simplesmente feito de tábuas sobre vigas, presumivelmente o piso da câmara de cima. Ele não tinha ouvido passos lá em cima, mas então ouviu o som de passos logo do lado de

fora da porta e recuou para a parede.

Uma mulher e uma criança pequena entraram. Thomas agachou-se para esconder a nudez, e a mulher riu do seu recato. A criança também riu, e em segundos Thomas percebeu que o menino era o filho de Jeanette, Charles, que olhava para ele com interesse, curiosidade, mas não reconhecimento. A mulher era alta, de cabelos louros, muito bonita e estava visivelmente grávida. Usava um vestido azul-claro que estava amarrado acima da barriga inchada e tinha enfeites de renda branca e pequenas presilhas de pérolas. O chapéu era uma espiral azul com um pequeno véu que ela afastou dos olhos para poder ver Thomas melhor. Thomas ergueu os joelhos para se esconder, mas a mulher, ousada, atravessou o aposento para olhar bem para ele.

— É uma pena — disse ela.

— Pena? — perguntou Thomas.

Ela não deu esclarecimentos.

— Você é inglês mesmo? — perguntou ela e pareceu irritada quando Thomas não respondeu. — Eles estão armando uma roda lá embaixo, inglês. Sarilhos e cordas para esticá-lo. Já viu um homem depois de ter sido esticado? Ele desmonta. É divertido, mas não para ele, acho eu.

Thomas continuou a ignorá-la, olhando para o menino que tinha um rosto redondo, cabelos pretos e os ardentes olhos pretos de Jeanette, sua mãe.

— Você se lembra de mim, Charles? — perguntou Thomas, mas o menino limitou-se a olhar para ele, sem reação. — Sua mãe lhe manda lembranças — disse Thomas e viu a surpresa nos olhos do garoto.

— Mama? — perguntou Charles, que tinha quase quatro anos.

A mulher agarrou a mão de Charles e arrastou-o para longe, como se Thomas fosse portador de alguma doença contagiosa.

— Quem é você? — perguntou ela, irritada.

— Sua mãe te adora, Charles — disse Thomas ao menino de olhos arregalados.

— Quem é você? — insistiu a mulher, e então voltou-se quando a porta foi aberta.

Um frade dominicano entrou. Ele tinha um aspecto macilento, era magro e alto, com curtos cabelos grisalhos e uma fisionomia ameaçadora. Ele franziu o cenho quando viu a mulher e o menino.

— A senhora não devia estar aqui — disse ele, ríspido.

— O senhor se esquece, padre, de quem manda aqui — retorquiu a mulher grávida.

— Seu marido — disse o padre com firmeza —, e ele não vai querer a senhora aqui, de modo que a senhora vai se retirar.

O padre manteve a porta aberta, e a mulher, que Thomas deduziu ser lady Roncelets, hesitou por um instante e retirou-se, com andar altivo. Charles olhou para trás só uma vez e foi arrastado para fora do aposento justo antes de outro dominicano entrar, este um homem mais moço, baixo e careca, com uma toalha dobrada pendurada em um dos braços e uma bacia com água nas mãos. Ele foi seguido por dois criados vestindo túnicas, que caminharam de mãos postas e olhos baixos para se colocarem ao lado da lareira. O primeiro padre, o macilento, fechou a porta, e ele e seu colega padre caminharam até a mesa.

— Quem é você? — perguntou Thomas ao padre macilento, embora desconfiasse de que sabia a resposta. Ele tentava se lembrar

daquela nevoenta manhã em Durham, quando vira de Taillebourg lutar com o irmão de Robbie. Achou que era o mesmo homem, o padre que matara Eleanor ou então ordenara sua morte, mas não tinha certeza.

Os dois padres o ignoraram. O homem mais baixo colocou a água e a toalha sobre a mesa, e então os dois se ajoelharam.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — disse o mais velho, fazendo o sinalda-cruz —, amém.

Ele se levantou, abriu os olhos e olhou para Thomas, que ainda estava agachado no assoalho de tábuas arranhadas.

— Você é Thomas de Hookton — disse ele, formalmente —, filho bastardo do padre Ralph, padre daquela cidade?

— Quem é você?

— Responda, por favor — disse o dominicano.

Thomas ergueu os olhos para encarar o homem e reconheceu a terrível força do padre e percebeu que não ousaria ceder àquela força.

Ele tinha de resistir desde o início e por isso não disse nada.

O padre suspirou diante daquela demonstração de mesquinha teimosia.

— Você é Thomas de Hookton — declarou —, Lodewijk diz que é. E, neste caso, seja bem-vindo, Thomas. Meu nome é Bernard de Taillebourg e sou um frade da ordem dominicana e, pela graça de Deus e por vontade do Santo Padre, um Inquisidor da fé. Meu irmão em Cristo — e de Taillebourg fez um gesto na direção do padre mais moço, que se instalara à mesa, onde abriu o livro e apanhou uma das penas — é o padre Cailloux, que também é um Inquisidor da fé.

— Você é um bastardo — disse Thomas olhando fixo para de Taillebourg —, você é um bastardo assassino.

Ele poderia ter poupado o fôlego, porque de Taillebourg não demonstrou reação alguma.

— Levante-se, por favor — ordenou o padre.

— Um bastardo assassino, sem mãe — disse Thomas sem se mexer.

De Taillebourg fez um gesto curto e os dois criados acorreram e pegaram Thomas pelos braços e o forçaram a ficar em pé e, quando ele ameaçou desabar, o maior esbofeteou-o com força no rosto, fazendo doer o machucado deixado pelo golpe que Sir Lodewijk lhe dera antes do amanhecer. De Taillebourg esperou até que os homens voltassem para o lado da lareira.

— Eu estou encarregado pelo cardeal Bessières — disse ele em tom inexpressivo — para descobrir o paradeiro de uma relíquia, e fomos informados de que você pode nos ajudar neste caso, um caso de tamanha importância que temos poderes da Igreja e de Deus Todo-Poderoso para garantir que você nos diga a verdade.

Compreende o que isso significa, Thomas?

— Você matou minha mulher — disse Thomas —, e um dia, padre, você vai torrar no inferno e os demônios vão dançar em cima do seu traseiro murcho.

Uma vez mais de Taillebourg não mostrou reação alguma. Ele não estava usando a sua cadeira, mas estava em pé e magro como uma flecha atrás da mesa na qual apoiava as pontas dos compridos e pálidos dedos.

— Nós sabemos — disse ele — que seu pai pode ter possuído o Graal e sabemos que ele lhe deu um livro no qual escreveu sua narrativa daquele preciosíssimo objeto. Digo-lhe que estamos a par dessas coisas, para que você não desperdice o nosso tempo ou o seu

sofrimento negando-as. No entanto vamos precisar saber mais, e é por isso que estamos aqui. Você me compreende, Thomas?

— O diabo vai mijar na sua boca, padre, e cagar nas suas narinas.

De Taillebourg pareceu ligeiramente aborrecido, como se a crueza de Thomas fosse cansativa.

— A Igreja nos dá autoridade para interrogá-lo, Thomas —

continuou ele com voz calma —, mas na sua infinita misericórdia ela também

nos ordena que não derramemos sangue. Podemos usar a dor, na verdade é nosso dever empregar a dor, mas tem de ser dor sem derramamento de sangue. Isso significa que podemos usar o fogo

— seus dedos longos e pálidos tocaram um dos atizadores — e podemos apertá-lo e podemos esticá-lo, e Deus irá nos perdoar, porque isso será feito em Seu nome e a Seu santíssimo serviço.

— Amém — disse o irmão Cailloux e, como os dois criados, fez o sinalda-cruz. De Taillebourg empurrou todos os três atizadores para a beira da mesa e o criado mais baixo atravessou o aposento correndo, pegou os atizadores e mergulhou-os no fogo.

— Não empregamos a dor de forma leviana — disse de Taillebourg — ou aleatória, mas com devoto pesar, com piedade e com uma preocupação lacrimosa pela sua alma imortal.

— Você é um assassino — disse Thomas —, e a sua alma vai queimar no inferno.

— Agora — continuou de Taillebourg, ao que parecia ignorando os insultos de Thomas — vamos começar com o livro. Você disse ao irmão Germain, em Caen, que seu pai o escreveu. É verdade?

E assim foi o começo. Um suave interrogatório no início, ao qual Thomas não deu respostas porque estava dominado por um ódio a de Taillebourg, ódio alimentado pela lembrança do corpo pálido e

ensanguentado de Eleanor, mas era um interrogatório insistente e ininterrupto, e a ameaça de uma dor horrível estava nos três atizadores que esquentavam no fogo. Assim, Thomas convenceu-se de que Bernard de Taillebourg sabia de algumas coisas e haveria muito pouco prejuízo se ele contasse outras. Além do mais, o dominicano era muito razoável e muito paciente. Ele suportou a raiva de Thomas, ignorou as ofensas, expressou repetidas vezes não estar disposto a empregar a tortura e disse que só queria a verdade, por mais inadequada que fosse, e por isso, depois de uma hora, Thomas começou a responder às perguntas. Por que sofrer, perguntava a si mesmo, quando não tinha o que o dominicano queria? Ele não sabia onde estava o Graal, não estava nem certo de que o Graal existisse, e, assim, hesitante no início e depois mais disposto, ele falou.

Havia um livro, sim, e grande parte dele estava escrita em línguas e sinais estranhos, e Thomas alegou não ter idéia do que significavam aqueles trechos misteriosos. Quanto ao resto, ele admitiu saber latim e concordou que tinha lido aquelas partes do livro, mas classificou-as como vagas, repetitivas e inúteis.

— Eram apenas histórias — disse ele.

— Que tipo de histórias?

— Um homem recuperou a visão depois de olhar para o Graal e depois, quando ficou desapontado com a aparência do Graal, tornou a perder a visão.

— Deus seja louvado por isso — interveio o padre Cailloux, molhou a pena na tinta e anotou o milagre.

— O que mais? — perguntou de Taillebourg.

— Histórias de soldados vencendo batalhas por causa do Graal, histórias de curas — disse Thomas.

— Você acredita nelas?

— Nas histórias? — Thomas fingiu refletir e depois sacudiu a cabeça. — Se Deus nos deu o Graal, padre — disse ele —, não há dúvida de que ele deverá fazer milagres.

— Seu pai possuía o Graal?

— Eu não sei.

Então de Taillebourg perguntou-lhe sobre o padre Ralph e Thomas disse que seu pai tinha andado pela praia de cascalho de Hookton, lamentando-se dos seus pecados e às vezes pregando para os animais selvagens do mar e do céu.

— Está nos dizendo que ele era louco? — perguntou de Taillebourg.

— Ele estava louco com Deus — disse Thomas.

— Louco com Deus — repetiu de Taillebourg, como se as palavras o deixassem intrigado. — Você está dando a entender que ele era um santo?

— Acho que muitos santos devem ter sido como ele — respondeu Thomas, cauteloso —, mas ele também zombava muito das superstições.

— O que é que você quer dizer?

— Ele gostava muito de São Guinefort — disse Thomas — e o invocava sempre que surgia algum problema menos importante.

— É zombaria fazer isso? — perguntou de Taillebourg.

— São Guinefort era um cachorro — disse Thomas.

— Eu sei o que São Guinefort era — disse de Taillebourg, irritado

—, mas você está dizendo que Deus não poderia usar um cachorro para cumprir suas finalidades sagradas?

— Estou dizendo que meu pai não acreditava que um cachorro pudesse ser santo, e por isso zombava.

— Ele zombava do Graal?

— Nunca — respondeu Thomas com sinceridade —, nem uma única vez.

— E no livro dele — de Taillebourg voltou, de repente, ao tema anterior — ele conta como o Graal veio a cair em suas mãos?

Fazia alguns minutos que Thomas percebera que havia alguém em pé do lado de fora da porta. De Taillebourg a fechara, mas a tranca tinha sido erguida em silêncio e a porta empurrada para ficar ligeiramente entreaberta. Alguém estava lá, ouvindo, e Thomas presumiu que fosse a senhora de Roncelets.

— Ele nunca afirmou que o Graal estivesse em seu poder —

rebateu Thomas —, mas disse que o Graal pertencera à família dele em determinada época.

— Possuído, em determinada época — disse de Taillebourg —, pelos Vexille.

— É — respondeu e teve a certeza de que a porta se mexera uma fração.

A pena do padre Cailloux riscava o pergaminho. Tudo que Thomas dizia estava sendo anotado e ele se lembrou de um pregador franciscano itinerante numa feira em Dorchester gritando para as pessoas presentes que cada pecado por elas cometido estava sendo registrado num grande livro no céu, e quando elas morressem e fossem a julgamento perante Deus, o livro seria aberto e seus pecados lidos em voz alta, e George Adyn fizera a multidão gargalhar ao dizer em altos brados que não havia tinta suficiente na cristandade para registrar o que seu irmão estava fazendo com Dorcas Churchill em Puddletown. Os pecados, retrucara irritado o franciscano, eram

registrados em letras de fogo, o mesmo fogo que iria torrar os adúlteros nas profundezas do inferno.

— E quem é Hachaliah? — perguntou de Taillebourg.

Thomas ficou surpreso com a pergunta e hesitou. Depois tentou parecer intrigado.

— Quem?

— Hachaliah — repetiu de Taillebourg, paciente.

— Eu não sei — disse Thomas.

— Eu acho que sabe — declarou de Taillebourg em voz baixa.

Thomas olhou para o rosto forte, ossudo, do padre. Aquele rosto o fez lembrar-se do de seu pai, porque tinha a mesma determinação implacável, uma subjetividade teimosa que dava a entender que aquele homem não iria importar-se com o que outras pessoas pensassem do seu comportamento, porque ele só se justificava perante Deus.

— O irmão Germain mencionou esse nome — disse Thomas com cautela —, mas o que ele significa eu não sei.

— Não acredito em você — insistiu de Taillebourg.

— Padre — disse Thomas com firmeza —, eu não sei o que ele significa. Perguntei ao irmão Germain e ele se recusou a me dizer.

Disse que aquilo estava muito acima da inteligência de alguém como eu para entender.

De Taillebourg olhou fixo para Thomas em silêncio. O fogo estalava com um som cavernoso na chaminé e o criado grandalhão mexeu nos atiçadores quando uma das achas caiu.

— O prisioneiro diz que não sabe — ditou de Taillebourg para o padre Cailloux sem desviar o olhar de Thomas. Os criados colocaram mais lenha na fogueira e de Taillebourg deixou Thomas olhar para os

atiçadores e preocupar-se com eles por um instante antes de retomar o interrogatório.

— Então — perguntou o dominicano — onde o livro está agora?

— Em La Roche-Derrien — foi logo dizendo Thomas.

— Em que lugar de La Roche-Derrien?

— Com a minha bagagem — disse Thomas — que eu deixei com um velho amigo, Will Skeat.

Aquilo não era verdade. Ele deixara o livro aos cuidados de Jeanette, mas não queria expô-la a perigo. Will Skeat, mesmo com a memória danificada, podia cuidar de si mesmo melhor do que a Blackbird.

— Sir William Skeat — acrescentou Thomas.

— Sir William sabe o que o livro é? — perguntou de Taillebourg.

— Ele nem mesmo sabe ler! Não, não sabe.

Houve outras perguntas, dezenas delas. De Taillebourg queria saber a história da vida de Thomas, por que ele abandonara Oxford, por que se tornara um arqueiro, quando fora a última vez em que se confessara, o que tinha feito em Durham. O que o rei da Inglaterra sabia sobre o Graal? O que o bispo de Durham sabia? As perguntas continuaram sem parar, até que Thomas ficou fraco de fome e de permanecer em pé, mas de Taillebourg parecia incansável. Enquanto anoitecia e a luz que vinha das duas janelas empalidecia e escurecia, ele ainda insistia. Os

dois criados há muito que demonstravam irritação, enquanto o padre Cailloux continuava franzindo o cenho e olhando para as janelas como a dar a entender que a hora de uma refeição já passara há muito tempo, mas de Taillebourg não sentia fome. Ele apenas pressionava e pressionava. Com quem Thomas viajara para Londres? O que fizera ele em Dorset? Ele tinha procurado

o Graal em Hookton? O irmão Cailloux enchia uma página atrás da outra com as respostas de Thomas e, como o anoitecer progredisse, teve de acender as velas para que pudesse enxergar para escrever. As chamas da lareira projetavam sombras dos pés da mesa e Thomas balançava de fadiga quando, por fim, de Taillebourg sacudiu a cabeça.

— Hoje à noite, Thomas, vou pensar em todas as suas respostas e rezar por elas — disse ele — e de manhã nós continuamos.

— Água — disse Thomas com voz rachada — eu preciso de água.

— Você vai receber comida e bebida — disse de Taillebourg.

Um dos criados tirou os atizadores do fogo. O padre Cailloux fechou o livro e lançou para Thomas um olhar que parecia conter um pouco de compaixão. Um cobertor foi trazido, e com ele veio uma refeição de peixe defumado, feijão, pão e água, e uma das mãos de Thomas foi liberada dos grilhões para que ele pudesse comer. Dois guardas, ambos vestindo casacos pretos lisos, ficaram vendo ele comer, e quando ele terminou recolocaram os grilhões no seu pulso e ele sentiu um pino sendo empurrado pelo engate para prendê-lo.

Aquilo lhe deu esperança, e quando ficou sozinho tentou alcançar o pino com os dedos, mas os dois grilhões eram braceletes grossos e ele não conseguiu alcançar o fecho. Ele não tinha saída.

Ele se recostou na parede, encolhido no cobertor e olhando para o fogo que morria. Nenhum calor atravessava o aposento e Thomas tremia incontrolavelmente. Contorcia os dedos tentando alcançar o fecho dos grilhões, mas era impossível e, de repente, gemeu involuntariamente ao prever o sofrimento. Naquele dia tinha sido poupado da tortura, mas isso significava que escapara dela por completo? Achava que merecia escapar, porque na maioria das vezes dissera a verdade. Dissera a de Taillebourg que não sabia onde estava

o Graal, que nem tinha certeza de que ele existisse, que raramente ouvira seu pai

falar nele e que preferia ser um arqueiro do exército do rei da Inglaterra a ser um homem à procura do Graal. Mais uma vez sentiu uma tremenda vergonha por ter sido capturado com tanta facilidade. Devia estar voltando para La Roche-Derrien àquela altura, cavalgando para casa, para as tabernas, as risadas, a cerveja e a companhia simples de soldados. Havia lágrimas em seus olhos e ele sentia vergonha disso também. Vindas do interior do castelo ouviram-se risadas e ele achou que ouvia o som de uma harpa.

Então a porta se abriu.

Ele só conseguiu ver que um homem entrara no aposento. O

visitante vestia uma enorme capa preta que fazia com que parecesse uma sombra sinistra enquanto atravessava a câmara até a mesa, onde parou e olhou para Thomas. As achas de lenha agonizantes estavam atrás do homem, contornando de vermelho sua figura alta envolta na capa, mas iluminando Thomas.

— Eu soube que ele não queimou você hoje? — disse o homem.

Thomas não disse nada, limitando-se a encolher-se debaixo do cobertor.

— Ele gosta de queimar as pessoas — disse o visitante. — Gosta mesmo. Eu já vi. Ele treme enquanto a carne cria bolhas.

Ele foi até a lareira, apanhou um dos atizadores e enfiou-o nas brasas sem chama antes de empilhar novas achas de lenha sobre as chamas que morriam. A madeira seca queimou depressa e, à luz brilhante, Thomas conseguiu ver o homem pela primeira vez. Tinha um rosto estreito, amarelado, um nariz comprido, um queixo forte, e cabelos pretos puxados para trás a partir de uma testa alta. Era um rosto bom, inteligente e sério, e então ficou nas sombras quando o

homem se afastou da lareira.

— Eu sou seu primo — disse ele.

Uma pontada de ódio atravessou Thomas.

— Você é Guy Vexille?

— Eu sou o conde de Astarac — disse Vexille. Ele caminhou devagar em direção a Thomas. — Você estava na batalha perto da floresta de Crécy?

— Estava.

— Um arqueiro?

— Exato.

— E no fim da batalha — disse Guy Vexille — você gritou três palavras em latim.

— *Calix meus inebrians* — disse Thomas.

Guy Vexille empoleirou-se na borda da mesa e ficou olhando para Thomas muito tempo. Seu rosto estava na sombra, de modo que Thomas não podia ver-lhe a expressão, só o fraco brilho dos olhos.

— *Calix meus inebrians* — disse Vexille, por fim. — É o lema secreto da nossa família. Não o que nós mostramos no nosso timbre.

Sabe qual é ele?

— Não.

— *Pie repone te* — disse Guy Vexille.

— Confie no piedoso — traduziu Thomas.

— Você é estranhamente bem instruído para um arqueiro —

disse Vexille. Ele se pôs de pé e andou de um lado para o outro enquanto falava.

— Nós exibimos “*pie repone te*”, mas o nosso verdadeiro lema é “*Calix meus inebrians*”. Somos os guardiães secretos do Graal. Nossa família está com ele há gerações, ele nos foi confiado

por Deus, e seu pai o roubou.

— Você o matou — disse Thomas.

— E tenho orgulho disso — disse Guy Vexille, e de repente interrompeu-se e

voltou-se para Thomas. — Era você o arqueiro no alto do morro naquele dia?

— Era.

— Você atira bem, Thomas.

— Aquele foi o primeiro dia em que matei um homem — disse Thomas — e foi um engano.

— Um engano?

— Eu matei o homem errado.

Guy Vexille sorriu, depois voltou para perto da lareira e tirou o atizador para ver a ponta de um vermelho opaco. Tornou a empurrá-

lo para dentro da lareira.

— Eu matei seu pai — disse ele — e matei sua mulher em Durham e matei o padre que evidentemente era seu amigo.

— Você era o criado de Bernard de Taillebourg? — perguntou Thomas, perplexo. Ele odiara Guy Vexille por causa da morte de seu pai. Agora tinha mais duas mortes a acrescentar àquele ódio.

— Eu era o criado dele, sim — confirmou Vexille. — Foi a penitência que de Taillebourg me impôs, o castigo da humildade.

Mas agora sou um soldado outra vez e estou encarregado de recuperar o Graal.

Thomas abraçou com força os joelhos embaixo do cobertor.

— Se o Graal tem tanto poder assim — perguntou —, por que nossa família é tão desprovida de poder?

Guy Vexille pensou na pergunta por um instante mas depois deu de ombros.

— Porque andávamos às turras — disse ele —, porque éramos pecadores, porque não éramos dignos. Mas vamos mudar isso, Thomas. Vamos recuperar a nossa força e a nossa virtude.

Guy Vexille inclinou-se para o fogo, tirou o atizador das chamas e brandiu-o como se fosse uma espada, de modo que o atizador emitiu um chiado e a ponta em brasa riscou um arco de luz no aposento em penumbra.

— Você já pensou, Thomas, em me ajudar? — perguntou.

— Ajudar você?

Vexille andou perto de Thomas. Ele ainda agitava o atizador em largos golpes como se fosse uma foice, fazendo com que a luz parecesse uma estrela cadente para deixar linhas transparentes de fumaça no aposento escuro.

— Seu pai — continuou ele — era o irmão mais velho. Sabia disso? Se você fosse filho legítimo, seria o conde de Astarac. — Ele abaixou a ponta do atizador, que ficou perto do rosto de Thomas, tão perto que Thomas sentiu o calor causticante. — Junte-se a mim —

disse Guy Vexille, veemente —, me diga o que sabe, ajude-me a recuperar o livro e vá comigo em busca do Graal. — Ele se agachou para que seu rosto ficasse à mesma altura do de Thomas. — Traga a glória para a nossa família, Thomas — disse ele baixinho —, uma glória tamanha que você e eu poderíamos governar toda a cristandade e, com o poder do Graal, liderar uma cruzada contra os infiéis que os deixará estrebuchando em agonia. Você e eu, Thomas!

Nós somos os senhores ungidos, os guardiões do Graal, e se nos dermos as mãos durante gerações as pessoas irão falar de nós como os maiores santos guerreiros que a Igreja já teve. — A voz dele era grave, tranquila, quase musical. — Quer me ajudar, Thomas?

— Não — disse Thomas.

O atizador chegou mais perto do olho direito de Thomas, tão perto que parecia um grande sol maligno, mas Thomas não se afastou. Não achava que o primo fosse enfiar o atizador em seu olho, mas achou, sim, que Guy Vexille queria que ele se encolhesse, de modo que ficou imóvel.

— Seus amigos fugiram hoje — disse Vexille. — Cinquenta de nós saíram para pegá-los, mas eles deram um jeito e escaparam da gente. Eles penetraram bem fundo nos bosques.

— Ótimo.

— Mas tudo o que podem fazer é bater em retirada para La Roche-Derrien, e lá serão encurralados. Quando a primavera chegar, Thomas, vamos fechar aquela armadilha.

Thomas não disse nada. O atizador esfriou e escureceu, e finalmente Thomas ousou piscar os olhos.

— Como todos os Vexille — disse Guy, afastando o atizador e pondo-se de pé —, o que você tem de valente tem de bobo. Sabe onde está o Graal?

— Não.

Guy Vexille olhou fixo para ele, julgando a resposta, e deu de ombros.

— Acha que o Graal existe, Thomas?

Thomas fez uma pausa e deu a resposta que negara o dia inteiro a de Taillebourg.

— Acho.

— Tem razão — disse Vexille —, tem razão. Ele existe mesmo.

Nós o tínhamos e seu pai o roubou, e você é a chave para encontrá-lo.

— Eu não sei de nada a respeito dele! — protestou Thomas.

— Mas de Taillebourg não vai acreditar nisso — disse Vexille largando o atizador em cima da mesa. — De Taillebourg quer o Graal como um homem faminto quer pão. Sonha com ele. Geme enquanto dorme e chora por ele. — Vexille fez uma pausa e sorriu. — Quando a dor ficar forte demais para ser suportada, Thomas, e vai ficar, e quando você estiver desejando estar morto, e vai desejar, diga a de Taillebourg que você se arrepende e que vai se tornar meu vassalo. A dor vai acabar, e você viverá.

Tinha sido Vexille, concluiu Thomas, que estivera escutando do outro lado da porta. E amanhã ele iria escutar outra vez. Thomas fechou os olhos. Pater, rezou

ele, si vis, *Transfer calicem istem a me*. Ele tornou a abrir os olhos.

— Por que matou Eleanor? — perguntou.

— Por que não?

— Esta é uma resposta ridícula — vociferou Thomas.

A cabeça de Vexille projetou-se para trás como se ele tivesse sido atingido.

— Porque ela sabia que nós existíamos — disse ele —, foi por isso.

— Existiam?

— Ela sabia que estávamos na Inglaterra, sabia o que queríamos

— disse Vexille. — Sabia que tínhamos falado com o irmão Collimore. Se o rei da Inglaterra ficasse sabendo que estávamos procurando o Graal no reino dele, ele teria nos detido. Teria nos prendido. Teria feito conosco o que estamos fazendo com você.

— Acha que Eleanor poderia denunciar vocês ao rei? —

perguntou Thomas, incrédulo.

— Acho que era melhor que ninguém soubesse por que estávamos lá — disse Guy Vexille. — Mas sabe de uma coisa, Thomas? Aquele velho monge não sabia nos dizer nada, exceto que você existia. Todo aquele esforço, aquela longa viagem, as matanças, o tempo escocês, só para ficar sabendo a seu respeito! Ele não sabia onde o Graal estava, não conseguia imaginar onde seu pai poderia tê-

lo escondido, mas sabia que você existia, desde então nós temos andado à sua procura. O padre de Taillebourg quer interrogá-lo, Thomas, quer fazer você gritar de dor até que diga a ele o que eu desconfio que você não saberá dizer, mas não quero o seu sofrimento.

Quero a sua amizade.

— E eu quero você morto — disse Thomas.

Vexille abanou a cabeça, triste, e em seguida curvou-se para ficar bem perto de

Thomas.

— Primo — disse calmamente —, um dia você vai se ajoelhar para mim. Um dia você vai colocar as mãos entre as minhas e vai jurar vassalagem e nós trocaremos o beijo de senhor e vassalo e, assim, você se tornará meu vassalo e nós cavalgaremos juntos, sob a cruz, para a glória. Seremos como irmãos, isso eu prometo.

Ele beijou os dedos e tocou com a ponta o rosto de Thomas, e o toque foi quase uma carícia.

— Eu prometo, irmão — sussurrou Vexille —, agora, boa noite.

— Maldito seja, Guy Vexille — vociferou Thomas.

— *Calix meus inebrians* — disse Vexille, e retirou-se.

ao amanhecer, Thomas estava tremendo. Cada passo ouvido no castelo fazia com que se encolhesse. Do lado de fora das janelas profundas, galos novos cocoricavam, pássaros cantavam, e ele tinha a impressão, por uma razão que não identificava, de que havia bosques espessos perto da Torre de Roncelets e se perguntou se um dia voltaria a ver folhas verdes. Um criado mal-humorado levou-lhe uma refeição matinal de pão, queijo duro e água e, enquanto comia, seus grilhões foram soltos e um guarda de libré com a figura de uma vespa o vigiava, mas os grilhões tornaram a ser presos em seus pulsos assim que ele acabou. O balde foi levado embora para ser esvaziado, e colocaram outro em seu lugar.

Bernard de Taillebourg chegou pouco depois e, enquanto os criados reavivavam o fogo e o padre Cailloux se instalava à mesa improvisada, o dominicano alto saudou Thomas com delicadeza.

— Dormiu bem? O desjejum foi adequado? Hoje está mais frio, não? Eu nunca vi um inverno mais chuvoso. O rio transbordou em Rennes, pela primeira vez em vários anos! Todos aqueles porões estão debaixo d'água.

Thomas, com frio e amedrontado, não respondeu, mas de Taillebourg não ficou ofendido. Em vez disso, esperou o padre Cailloux molhar a pena na tinta e ordenou ao criado mais alto que tirasse o cobertor de Thomas.

— Agora — disse ele quando o prisioneiro ficou nu —, vamos aos negócios. Vamos falar sobre o livro de notas de seu pai. Quem mais sabe da existência do livro?

— Ninguém — disse Thomas — exceto o irmão Germain, e você o conhece.

De Taillebourg franziu o cenho.

— Mas, Thomas, alguém deve ter dado o livro a você! E é claro que essa pessoa sabe da existência dele! Quem o entregou a você?

— Um advogado em Dorchester — mentiu Thomas com naturalidade.

— Um nome, por favor, me dê um nome.

— John Rowley — disse Thomas inventando o nome.

— Soletre, por favor — disse de Taillebourg, e depois que Thomas obedeceu, o Inquisidor andou de um lado para outro, numa frustração aparente. — Esse Rowley deve ter ficado sabendo o que era o livro, sem dúvida...

— O livro estava envolto na capa do meu pai, num embrulho de outras roupas velhas. Ele não olhou.

— Ele poderia ter olhado.

— John Rowley — disse Thomas, tecendo a sua invenção — é velho e gordo. Não vai sair procurando o Graal. Além do mais, ele achava que meu pai era maluco, e por isso por que iria estar interessado num livro dele? Tudo o que interessa a Rowley é cerveja, hidromel e tortas de carne de carneiro.

Os três atizadores se esquentavam outra vez no fogo. Começara a chover e as lufadas de vento frio às vezes sopravam pingos pelas janelas abertas. Thomas lembrou-se do aviso de seu primo, durante a noite, de que de Taillebourg gostava de provocar dor, mas a voz do

dominicano era mansa e razoável, e Thomas achou que tinha sobrevivido ao pior. Ele suportara um dia de interrogatório por parte de Bernard de Taillebourg, e suas respostas pareciam ter deixado satisfeito o resoluto dominicano, que agora se dedicava a fechar os claros da história de Thomas. Ele queria saber a respeito

da lança de São Jorge, e Thomas contou que a arma ficara pendurada na igreja de Hookton e tinha sido roubada e que ele a recuperara na batalha à beira da floresta de Crécy. Será que Thomas acreditava tratar-se da verdadeira lança?, perguntou de Taillebourg, e Thomas abanou a cabeça.

— Eu não sei — disse ele —, mas meu pai acreditava que era.

— E seu primo roubou a lança da igreja de Hookton?

— Roubou.

— Presumivelmente — cogitou de Taillebourg — para que ninguém concluísse que ele tinha ido à Inglaterra à procura do Graal.

A lança foi um disfarce.

Ele pensou naquilo, e Thomas, não sentindo a necessidade de fazer um comentário, nada disse.

— A lança tinha lâmina? — perguntou de Taillebourg.

— Uma lâmina comprida.

— No entanto, certamente, se era a lança que matou o dragão —

observou de Taillebourg —, a lâmina teria derretido no sangue do animal?

— Será? — perguntou Thomas.

— Claro que sim! — insistiu de Taillebourg, olhando para Thomas como se ele estivesse maluco. — Sangue de dragão é fundido!

Fundido e inflamável.

Ele deu de ombros como para reconhecer que a lança era

irrelevante para a sua procura. A pena do padre Cailloux arranhava enquanto ele tentava acompanhar o ritmo do interrogatório e os dois criados estavam de pé ao lado do fogo, praticamente sem tentar disfarçar seu enfado enquanto de Taillebourg procurava um novo assunto a explorar. Ele escolheu Will Skeat por alguma razão e perguntou sobre o ferimento que ele sofrera e sobre os lapsos de

memória. Thomas tinha certeza mesmo de que Skeat não sabia ler?

— Ele não sabe ler! — disse Thomas.

Ele parecia agora estar assegurando a de Taillebourg e aquilo era uma medida de sua confiança. Começara o dia anterior com insultos e ódio, mas agora estava ajudando ansiosamente o dominicano a chegar ao fim do interrogatório. Ele havia escapado com vida.

— O Skeat não sabe ler — disse de Taillebourg enquanto andava de um lado para o outro. — Eu acho que isso não é de surpreender.

Quer dizer que ele não vai estar consultando o livro que você deixou sob a guarda dele?

— Eu terei sorte se ele não usar as páginas para limpar a bunda. É

a única utilidade que Will Skeat tem para papel ou pergaminho.

De Taillebourg teve um sorriso protocolar e ergueu os olhos para o teto. Ficou calado por muito tempo, mas finalmente lançou para Thomas um olhar intrigado.

— Quem é Hachaliah?

A pergunta pegou Thomas de surpresa, e ele deve ter demonstrado isso.

— Não sei — conseguiu dizer depois de uma pausa.

De Taillebourg observou Thomas. O aposento ficou tenso de repente; os criados ficaram plenamente alertas e o padre Cailloux já não escrevia mais, antes olhava para Thomas. De Taillebourg sorriu.

— Vou lhe dar uma última chance, Thomas — disse ele com sua voz grave. — Quem é Hachaliah?

Thomas sabia que tinha de sustentar aquilo descaradamente.

Passe por isso, pensou ele, e o interrogatório estará terminado.

— Eu nunca tinha ouvido falar nele — disse, esforçando-se ao máximo para parecer sincero — antes de o irmão Germain mencionar o nome dele.

O motivo pelo qual de Taillebourg escolhera Hachaliah como o ponto fraco das defesas de Thomas era um mistério, mas fora um golpe de astúcia, porque se o dominicano pudesse provar que Thomas sabia quem era Hachaliah, poderia provar que Thomas havia traduzido pelo menos um dos trechos do livro em hebraico. Poderia provar que Thomas havia mentido durante todo o interrogatório, e abriria áreas de revelação totalmente novas. Por isso de Taillebourg o pressionou, e quando Thomas continuou com as negativas o padre gesticulou para os criados. O padre Cailloux se encolheu.

— Eu já lhe disse — disse Thomas, nervoso —, eu não sei mesmo quem é Hachaliah.

— Mas o meu dever perante Deus — disse de Taillebourg enquanto pegava o primeiro dos atizadores em brasa do criado alto —

é me certificar de que você não está dizendo mentiras. — Ele olhou para Thomas com o que parecia ser pena. — Eu não quero machucá-

lo, Thomas. Só quero a verdade. Por isso, me diga: quem é Hachaliah?

Thomas engoliu.

— Eu não sei — disse ele, e repetiu com voz mais alta: — Eu não sei!

— Eu acho que sabe — disse de Taillebourg, e então a dor começou.

— Em nome do Pai — rezou de Taillebourg enquanto encostava o ferro na pele nua da perna de Thomas —, do Filho e do Espírito Santo.

Os dois criados seguraram Thomas para que ele não se mexesse, e a dor foi pior do que ele poderia ter acreditado, e ele tentou fugir dela contorcendo-se, mas não conseguiu se mexer e suas narinas encheram-se do fedor de carne queimada e ainda assim ele não queria responder à pergunta, por achar que ao revelar suas mentiras ele iria abrir-se para mais castigos. Em algum lugar de sua cabeça que berrava ele acreditava que se insistisse na mentira de Taillebourg teria de acreditar nele e pararia de usar o fogo, mas numa competição de paciência entre torturador e torturado, o prisioneiro não tinha chance. Um segundo atizador foi esquentado e a ponta riscou descendo pelas costelas de Thomas.

— Quem é Hachaliah? — perguntou de Taillebourg.

— Eu já disse...

O ferro em brasa foi encostado no seu peito e desceu até a barriga, para deixar uma linha de carne viva queimando, enrugada, e o ferimento foi instantaneamente cauterizado, de modo que não deixou sangue e o grito de Thomas ecoou do teto alto. O terceiro atizador estava esperando e o primeiro estava sendo reaquecido, para que a dor não precisasse parar, e então Thomas foi virado sobre a barriga queimada e o estranho aparelho que ele não tinha podido identificar quando fora posto em cima da mesa, foi colocado em cima de um nó de um dedo da mão esquerda e ele percebeu que era um torno de ferro, que funcionava à base de um parafuso de borboleta, e de Taillebourg apertou o parafuso e a dor fez Thomas contrair-se e gritar outra vez. Ele perdeu a consciência, mas o padre Cailloux o

reanimou com a toalha e água fria.

— Quem é Hachaliah? — perguntou de Taillebourg.

Que pergunta idiota, pensou Thomas. Como se a resposta fosse importante!

— Eu não sei!

Ele chorou as palavras e rezou para que de Taillebourg acreditasse nele, mas a dor voltou e os melhores momentos, exceto o simples esquecimento, eram quando Thomas perdia e recuperava a consciência, e parecia que o sofrimento era um sonho — um pesadelo, mas ainda assim apenas um sonho — e os piores momentos eram quando ele percebia que não se tratava de um sonho e que o seu mundo estava reduzido a agonia, pura agonia, e então de Taillebourg infligia mais dor, ou apertando o parafuso para esmagar um dedo ou então encostando o ferro em brasa na sua carne.

— Diga-me, Thomas — disse o dominicano, delicado —, diga, e a dor vai acabar. Ela vai acabar se você me disser. Por favor, Thomas, acha que eu gosto disso? Em nome de Deus, eu odeio isso. Pois então, por favor, me diga.

E Thomas disse. Hachaliah era o pai do Tirshatha, e o Tirshatha era o pai de Neemias.

— E Neemias — perguntou de Taillebourg — era o quê?

— Era o copeiro do rei — disse Thomas soluçando.

— Por que os homens mentem para Deus? — perguntou de Taillebourg.

Ele recolocou em cima da mesa o torno de apertar dedos, enquanto os três atiçadores continuavam no fogo.

— Por quê? — tornou a perguntar. — A verdade é sempre descoberta, Deus garante isso. Por isso, Thomas, afinal de contas você

sabia mais do que alegava e teremos de descobrir suas outras mentiras. Mas vamos conversar primeiro sobre Hachaliah. Você acha que essa citação do livro de Esdras é a maneira de seu pai para proclamar que ele tem o Graal em seu poder?

— Acho — disse Thomas —, acho, acho, acho.

Ele estava agachado contra a parede, as mãos quebradas presas às costas, o corpo uma massa de dor, mas talvez o sofrimento acabasse se ele confessasse tudo.

— Mas o irmão Germain me disse que o trecho sobre Hachaliah no livro de seu pai — disse de Taillebourg — está escrito em hebraico.

Você sabe hebraico, Thomas?

— Não.

— Então, quem traduziu o trecho para você?

— O irmão Germain.

— E o irmão Germain lhe disse quem era Hachaliah? —
perguntou de Taillebourg.

— Não — disse Thomas em tom de lamúria.

Não adiantava mentir, porque sem dúvida o dominicano iria verificar com o velho monge, mas a resposta abriu uma nova pergunta que, por sua vez, iria revelar outras situações nas quais Thomas havia mentido. Thomas sabia disso,

mas agora era tarde demais para resistir.

— Então, quem lhe contou? — perguntou de Taillebourg.

— Um doutor — disse Thomas baixinho.

— Um doutor — repetiu o dominicano. — Isso não me ajuda, Thomas. Quer que eu torne a usar o fogo? Que doutor? Um doutor em teologia? Um médico? E se você pediu a esse misterioso doutor para explicar o significado do trecho, ele não ficou curioso em

descobrir por que você queria saber?

E assim Thomas confessou que tinha sido Mordecai, e admitiu que Mordecai consultara o livro de notas, e de Taillebourg deu um murro na mesa na primeira demonstração de raiva que tivera em todas as longas horas de interrogatório.

— Você mostrou o livro a um judeu? — Ele fez a pergunta rosnando, um tom de incredulidade na voz. — A um judeu? Em nome de Deus e de todos os preciosos santos, o que é que você estava pensando? A um judeu! A um homem da raça que matou o nosso querido Salvador! Se os judeus acharem o Graal, seu idiota, eles criarão o Anticristo! Você vai sofrer por essa traição! Tem de sofrer! —

Ele atravessou o aposento, arrancou um atizador do fogo e o levou para onde Thomas se achava agachado contra a parede. — A um judeu! — gritou de Taillebourg, e passou a ponta em brasa do atizador pela perna de Thomas. — Seu nojento! — disse ele com rispidez, acima dos gritos de Thomas. — Você é um traidor de Deus, um traidor de Cristo, um traidor da Igreja! Você não é melhor do que Judas Iscariotes!

A dor continuou. As horas continuaram. A Thomas parecia que nada mais restava, a não ser a dor. Ele mentira quando não havia dor, e agora todas as suas respostas anteriores estavam sendo confirmadas contra o grau de agonia que ele podia suportar sem perder a consciência.

— Então onde está o Graal? — perguntou de Taillebourg.

— Eu não sei — disse Thomas, e depois, mais alto: — Eu não sei!

Ele ficou vendo o ferro em brasa aproximar-se da sua carne, e àquela altura já

gritava antes mesmo de senti-lo encostar-se na pele.

Os gritos de nada adiantavam, porque a tortura continuava. E

continuava. E Thomas falava, contando tudo o que sabia, e chegou até a ficar tentado a fazer como Guy Vexille sugerira e pedir a de Taillebourg que o deixasse jurar vassalagem ao seu primo, mas então, no terror rubro do seu tormento, pensou em Eleanor e ficou calado.

No quarto dia, quando ele tremia, quando até mesmo um movimento da mão de Bernard de Taillebourg era suficiente para fazê-lo chorar e pedir misericórdia, o senhor de Roncelets entrou no aposento. Ele era um homem alto com curtos cabelos eriçados e um nariz quebrado e sem dois dentes na frente. Vestia o seu libré com a vespa, as duas asnas pretas em campo amarelo, e teve um sorriso zombeteiro diante do corpo cheio de cicatrizes e quebrado de Thomas.

— O senhor não trouxe a roda cá para cima, padre. — Ele parecia decepcionado.

— Não foi necessário — disse de Taillebourg.

O senhor de Roncelets cutucou Thomas com um pé protegido por cota de malha.

— O senhor disse que o bastardo é um arqueiro inglês?

— É.

— Pois então corte os dedos que ele usa para disparar o arco —

disse Roncelets, violento.

— Não posso derramar sangue — disse de Taillebourg.

— Por Deus, mas eu posso. — Roncelets puxou uma faca do cinto.

— Ele está sob minha responsabilidade! — vociferou de Taillebourg. — Está nas mãos de Deus, e o senhor não vai tocar nele.

Não vai derramar o sangue dele!

— Este castelo é meu, padre — grunhiu Roncelets.

— E a sua alma está nas minhas mãos — retorquiu de Taillebourg.

— Ele é um arqueiro! Um arqueiro inglês! Ele veio aqui para capturar o menino Chenier! Isso é assunto meu!

— Os dedos foram esmagados pelo torno — disse de Taillebourg

—, de modo que ele já não é um arqueiro.

Roncelets acalmou-se com a notícia. Tornou a cutucar Thomas.

— Ele é uma titica, padre, é isso que ele é. Uma titica podre.

Cuspiu em Thomas, cuspiu não porque o odiasse, mas porque detestava todos os arqueiros que tinham destronado o cavaleiro do lugar que era dele por direito, de rei do campo de batalha.

— O que é que o senhor vai fazer com ele? — perguntou.

— Rezar pela alma dele — disse de Taillebourg sem rodeios, e depois que o senhor de Roncelets saiu fez exatamente o que dissera.

Era evidente que o interrogatório estava encerrado, porque ele tirou um pequeno vidro de óleo santo e deu a Thomas os ritos finais da Igreja, tocando o óleo na testa e no peito queimado, e depois disse as orações para os moribundos.

— Sana me, Domine — entouou de Taillebourg, os dedos suaves na testa de Thomas — quoniam conturbata sunt ossa mea. Curai-me, Senhor, porque meus ossos estão contorcidos de dor.

E depois que aquilo acabou, Thomas foi levado pelas escadas do castelo para uma masmorra enterrada numa cova do rochedo sobre o qual Guêpier fora construído. O chão era de pedra preta nua, tão úmido quanto frio. Os grilhões foram retirados, já que ele estava trancado na cela, e ele pensou que deveria enlouquecer, porque seu corpo estava doendo por inteiro e os dedos estavam esmagados e ele não era mais um arqueiro, porque como é que poderia puxar uma

corda com as mãos quebradas? Então veio a febre e ele chorou enquanto tremia e suave, e à noite, quando estava semi-adormecido, tagarelava em seus pesadelos;

e tornava a chorar quando acordava, porque não tinha resistido à tortura, mas contara tudo a de Taillebourg. Ele era um fracassado, perdido no escuro, morrendo.

Então um dia, ele não sabia há quantos dias tinha sido levado para os porões de Guêpier, os dois criados de Bernard de Taillebourg foram buscá-lo. Vestiram-lhe uma camisa de lã grossa, enfiaram-lhe um calção de lã, sujo, sobre as pernas imundas, e subiram com ele para o pátio do castelo e jogaram-no na parte traseira de uma carroça de transporte de estrume mas que estava vazia. A porta da torre rangeu ao abrir-se e, acompanhado por vinte soldados vestindo o libré do senhor de Roncelets e ofuscado pela pálida luz do sol, Thomas deixou o Guêpier. Ele praticamente não sabia o que estava acontecendo, limitou-se a ficar deitado nas tábuas sujas, encolhido de dor, o fedor da carga normal da carroça acre nas narinas, querendo morrer. A febre não passara, e ele tremia de fraqueza.

— Para onde estão me levando? — perguntou, mas ninguém respondeu; talvez ninguém tivesse ouvido, porque sua voz estava muito fraca. Chovia. A carroça seguia barulhenta para o norte e os aldeões benziam-se, Thomas mergulhava e saía do estupor. Achava que estava morrendo e supunha que o estivessem levando para o cemitério, e tentou gritar para o carroceiro que ele ainda estava vivo, mas em vez disso era o irmão Germain que respondia num tom de voz lamurioso, dizendo que ele devia ter deixado o livro com ele, em Caen.

— A culpa é sua — dizia o velho monge, e Thomas concluiu que estava sonhando.

Em seguida percebeu um toque de trombeta. A carroça havia parado, e ele ouviu o adejar de um pano e ergueu o olhar para ver que um dos cavaleiros agitava uma bandeira branca. Thomas se perguntou se não seria a sua mortalha. Eles enrolavam um bebê quando este chegava ao mundo e embrulhavam um cadáver quando era levado, e Thomas soluçou porque não queria ser enterrado. Então ouviu vozes inglesas e percebeu que estava sonhando quando mãos fortes o levantaram dos restos de estrume. Quis gritar, mas estava muito fraco, e aí toda a percepção o deixou e ele ficou inconsciente.

Quando acordou, se achava escuro e ele estava em outra carroça, esta limpa, e havia cobertores sobre ele e um colchão de palha embaixo. A carroça tinha uma cobertura de couro sobre arcos de madeira para evitar a chuva e a luz do sol.

— Vocês vão me enterrar agora? — perguntou Thomas.

— Está falando bobagem — disse um homem, e Thomas reconheceu a voz de Robbie.

— Robbie?

— Eu mesmo.

— Robbie?

— Seu pobre bastardo — disse Robbie e acariciou a testa de Thomas. — Seu pobre, pobre bastardo.

— Onde estou?

— Você está indo para casa, Thomas — disse Robbie —, está indo para casa.

Para La Roche-Derrien.

tinham pago resgate por ele. Uma semana depois do seu desaparecimento e dois dias depois que o resto do grupo que fizera a incursão voltara para La Roche-Derrien, um mensageiro fora até a guarnição sob uma bandeira de trégua. Levava uma carta de Bernard de Taillebourg dirigida a Sir William Skeat. Entregue o livro do padre Ralph, dizia a carta, e Thomas de Hookton será devolvido a seus amigos. Will Skeat mandou que a mensagem fosse traduzida e lida para ele, mas não sabia nada sobre livro algum, e por isso perguntou a Sir Guillaume se ele fazia alguma idéia do que o padre queria, e Sir Guillaume falou com Robbie, o qual, por sua vez, falou com Jeanette e no dia seguinte uma resposta foi mandada de volta para Roncelets.

Depois houve uma demora de quinze dias, porque o irmão Germain teve de ser levado da Normandia para Rennes. De Taillebourg insistia nessa precaução, porque o irmão Germain tinha visto o livro e poderia confirmar que o que fosse trocado por Thomas era realmente o livro de notas do padre Ralph.

— E era mesmo — disse Robbie.

Thomas olhou para o teto. Teve um vago sentimento de que fora um erro trocá-lo pelo livro, ainda que estivesse grato por estar vivo, voltar para casa e estar entre

os amigos.

— Foi o livro certo — continuou Robbie com prazer indecente —, mas nós acrescentamos alguma coisa a ele. — Ele sorriu para Thomas.

— Primeiro copiamos tudo, claro, e depois acrescentamos umas besteiras para enganá-los. Para confundi-los, entende? E aquele velho monge encarquilhado nem percebeu. Apenas agarrou o livro como um cão faminto que ganhou um osso.

Thomas estremeceu. Ele se sentia como se lhe tivessem tirado o orgulho, a força e até mesmo a masculinidade. Tinha sido extremamente humilhado, reduzido a uma coisa trêmula, lamurienta, que se contorcia. Lágrimas escorreram de seus olhos, embora ele não emitisse som algum. As mãos doíam, o corpo doía, tudo doía. Nem mesmo sabia onde estava, só que tinha sido levado de volta para La Roche-Derrien e carregado por uma escada íngreme para aquele pequeno quarto sob as vigas íngremes de um telhado, onde as paredes tinham recebido um reboco malfeito e um crucifixo pendia da cabeceira da cama. Uma janela com um anteparo de osso opaco deixava passar uma luz marrom suja.

Robbie continuou contando a ele sobre as falsas anotações que eles tinham acrescentado ao livro do padre Ralph. A idéia tinha sido dele, disse, e Jeanette copiara o livro todo primeiro, mas depois disso Robbie deixara sua imaginação à solta.

— Escrevi uma parte em escocês — jactou-se —, dizendo que o Graal está, na verdade, na Escócia. Vou fazer os bastardos revistarem a urze, hein?

Ele soltou uma gargalhada, mas viu que Thomas não estava prestando atenção. Mesmo assim continuou falando, até que uma outra pessoa entrou no quarto e enxugou as lágrimas das faces de Thomas. Era Jeanette.

— Thomas? — perguntou ela. — Thomas?

Ele queria dizer que tinha visto o filho dela e falado com ele, mas

não encontrou palavras. Guy Vexille dissera que Thomas iria querer morrer enquanto estivesse sendo torturado, e isso fora verdade, mas Thomas estava surpreso ao descobrir que ainda era verdade. Tire o orgulho de um homem, pensou, e você o deixa sem nada. A pior recordação não era a dor, nem a

humilhação de implorar para que a dor parasse, mas a gratidão que sentira para com de Taillebourg quando a dor realmente parou. Esse, sim, era o detalhe mais vergonhoso de todos.

— Thomas? — tornou a perguntar Jeanette. Ela se ajoelhou ao lado da cama e acariciou-lhe o rosto. — Está tudo bem — disse baixinho —, você agora está a salvo. Estamos na minha casa.

Ninguém irá maltratá-lo aqui.

— Eu deveria — disse uma nova voz, e Thomas tremeu de medo, e virou-se para ver que quem falara era Mordecai. Mordecai? O velho médico devia estar em algum lugar do sul, que estava quente. — Eu posso ter de recuperar os ossos de seus dedos das mãos e dos pés —

disse o médico —, e isso vai ser doloroso. — Ele colocou sua maleta no chão. — Olá, Thomas. Eu odeio navios. Nós esperamos pela vela nova e depois, quando eles tinham acabado de costurá-la no lugar, chegaram à conclusão de que havia pouca calefação entre as pranchas, e quando isso foi corrigido eles concluíram que o cordame precisava de conserto, e por isso o infeliz do navio ainda está parado lá. Marinheiros! Tudo o que eles fazem é falar sobre navegar. Mesmo assim, eu não devo reclamar, porque me deu tempo para inventar alguma matéria nova para o livro de notas de seu pai, e eu gostei muito de fazê-lo! Agora eu soube que você precisa de mim. Meu caro Thomas, o que foi que fizeram com você?

— Eles me machucaram — disse Thomas, e aquelas foram as primeiras palavras que pronunciava desde que chegara à casa de Jeanette.

— Neste caso, precisamos remendá-lo — disse Mordecai com muita calma.

Ele ergueu o cobertor de cima do corpo cheio de cicatrizes de Thomas e, apesar de Jeanette encolher-se de horror, Mordecai apenas sorriu.

— Já vi coisas piores feitas pelos dominicanos — disse ele —, muito piores.

E assim Thomas foi novamente tratado por Mordecai, e o tempo era medido pelas nuvens que passavam do lado de fora da janela opaca, pelo sol subindo cada vez mais alto no céu e pelo barulho dos pássaros pegando palha do telhado

para fazer seus ninhos. Houve dois dias de uma dor horrível quando Mordecai levou um corretor de ossos para tornar a quebrar e encanar os dedos das mãos e dos pés de Thomas, mas aquela dor passou depois de uma semana e as queimaduras pelo corpo cicatrizaram e a febre foi embora. Dia após dia Mordecai examinava a urina e dizia que estava clareando.

— Você tem a força de um touro, meu jovem Thomas.

— Eu tenho a estupidez de um touro — disse Thomas.

— Só impertinência — disse Mordecai —, só juventude e impertinência.

— Quando eles... — Thomas começou e encolheu-se ao lembrar-se do que de Taillebourg tinha feito. — Quando eles conversaram comigo — disse ele mudando de assunto —, eu lhes disse que o senhor tinha visto o livro.

— Eles não podem ter gostado disso — disse Mordecai. Tinha tirado um rolo de cordão de um bolso da túnica e agora enlaçava uma

das pontas da linha em uma ponta de madeira que se projetava de um caibro do telhado que não tinha sido aparado. — Eles não podem ter gostado da idéia de um judeu ficar curioso a respeito do Graal.

Sem dúvida, acharam que eu ia querer usá-lo como um urinol.

Apesar da irreverência, Thomas sorriu.

— Desculpe, Mordecai.

— Por falar de mim com eles? Que escolha você tinha? As pessoas sempre falam sob tortura, Thomas, e é por isso que a tortura é tão útil. É por isso que a tortura será usada enquanto o sol continuar a girar em volta da Terra. E você acha que eu agora corro um perigo maior do que antes? Sou judeu, Thomas, judeu. E agora, o que é que eu faço com isto?

Referia-se ao cordão, que agora pendia do caibro e que ele evidentemente queria prender ao chão, mas não havia nenhum ponto óbvio onde amarrá-lo.

— O que é isso? — perguntou Thomas.

— Um remédio — disse Mordecai, olhando impotente para o cordão e depois para o chão. — Sempre fui um desajeitado para essas coisas. Um martelo e um prego, não acha?

— Um grampo — sugeriu Thomas.

O menino idiota que era criado de Jeanette foi enviado com instruções cuidadosas e conseguiu encontrar o grampo que Mordecai pediu a Thomas que pregasse no chão de madeira, mas Thomas ergueu a mão direita torta, com os dedos dobrados como garras e disse que não podia fazer aquilo, de modo que Mordecai, sem habilidade, prendeu o grampo e depois amarrou o cordão e ajustou-o, deixando-o bem esticado do chão ao teto.

— O que terá de fazer — disse ele admirando seu trabalho

manual — é tangê-lo como se fosse a corda de um arco.

— Não posso — disse Thomas em pânico, tornando a erguer as mãos contorcidas.

— O que é que você é? — perguntou Mordecai.

— O que é que eu sou?

— Ignore as respostas capciosas. Sei que é inglês e presumo que seja um cristão, mas o que é que você é?

— Eu era um arqueiro — disse Thomas com amargura.

— E ainda é — disse Mordecai, impiedoso —, e se não for um arqueiro, não será nada. Por isso tanja este cordão! E continue tangendo até que seus dedos possam fechar-se sobre ele. Treine.

Treine. Que outra maneira você tem para passar o tempo?

E assim Thomas treinou e depois de uma semana conseguia apertar dois dedos contra o polegar e fazer o cordão reverberar como a corda de uma harpa, e depois de mais outra semana ele o tangia com tanto vigor que o cordão acabou por se partir devido à pressão.

Sua força estava voltando e as queimaduras tinham cicatrizado, deixando vergões enrugados onde o atizador tinha marcado a pele, mas as feridas na memória não cicatrizaram. Ele não queria falar sobre o que tinham feito com ele, porque não queria recordar; em vez disso, treinava tangendo o cordão até ele arrebentar, e depois aprendeu a empunhar um varapau e lutar batalhas de mentira no pátio da casa com Robbie. E, como os dias ficaram mais compridos enquanto saíam do inverno, fazia caminhadas para fora da cidade.

Havia um moinho numa leve elevação que não ficava muito longe da porta leste da cidade, e no princípio ele praticamente não conseguiu subir porque os dedos dos pés tinham sido quebrados no torno e os pés pareciam protuberâncias duras, mas quando abril já enchera as

campinas de primaveras, ele estava andando com confiança. Will Skeat saía muito com ele, e, embora o homem mais velho nunca falasse muito, a companhia era agradável. Quando falava, era para resmungar contra o tempo e reclamar que não tivera notícia alguma do conde de Northampton.

— Acha que a gente devia escrever de novo a sua excelência, Tom?

— Quem sabe ele não recebeu a primeira carta?

— Eu nunca gostei de coisas escritas — disse Skeat —, não é normal. Você pode escrever para ele?

— Posso tentar — disse Thomas, mas embora pudesse tanger uma corda de arco e empunhar um varapau ou mesmo uma espada, não conseguia manobrar a pena. Tentou, mas as letras saíam malfeitas e sem controle, e no fim um dos escreventes do chefe da guarnição incumbiu-se da tarefa embora Totesham achasse que a mensagem não adiantaria nada.

— Charles de Blois estará aqui antes de conseguirmos qualquer reforço — disse ele.

Totesham estava estremecido com Thomas, que lhe desobedecera ao ir até Roncelets, mas o castigo do arqueiro tinha sido muito maior do que o que Totesham teria desejado. Na verdade, sentia pena do rapaz.

— Quer levar a carta ao conde? — perguntou ele a Thomas.

Thomas sabia que estavam lhe oferecendo uma fuga, mas abanou a cabeça.

— Eu fico — disse, e a carta foi confiada ao comandante de um navio mercante que iria partir no dia seguinte.

A carta era um gesto inútil e Totesham sabia disso, porque sua

guarnição estava, quase com toda certeza, condenada. Cada dia trazia notícias da chegada de reforços para Charles de Blois, e os grupos de incursões do inimigo estavam agora chegando perto dos muros de La Roche-Derrien e hostilizando os grupos de pilhagem que vasculhavam o interior à procura de qualquer cabeça de gado, bodes e ovelhas que pudessem ser levados para a cidade para serem abatidos e colocados em salmoura. Sir Guillaume gostava muito daquelas incursões para saquear. Desde que perdera Evecque, tornara-se fatalista, e tão selvagem que o inimigo já aprendera a desconfiar do gibão azul com os três falcões amarelos. No entanto, num anoitecer, ao voltar para casa depois de um longo dia que rendera apenas dois bodes, ele estava rindo quando foi procurar Thomas.

— Meu inimigo juntou-se a Charles — disse ele. — O conde de Coutances, que Deus condene sua alma podre. Eu matei um dos homens dele hoje de manhã, e só desejo que tivesse sido o conde.

— Por que ele está aqui? — perguntou Thomas. — Ele não é bretão.

— Filipe da França está enviando homens para ajudar o sobrinho dele — disse Sir Guillaume —, e por que o rei da Inglaterra não envia homens para enfrentá-lo? Ele acha que Calais é mais importante?

— Acha.

— Calais — disse Sir Guillaume, enojado — é o cu da França. —

Ele tirou um pedaço de carne que estava entre os dentes. — E os seus amigos estavam cavalgando hoje — continuou.

— Meus amigos?

— Os vespas.

— Roncelets — disse Thomas.

— Nós enfrentamos meia dúzia dos bastardos numa aldeia

bárbara — disse Sir Guillaume — e eu traspassei uma lança numa barriga preto e amarelo. Depois ele ficou tossindo.

— Tossindo?

— É o tempo chuvoso, Thomas — explicou Sir Guillaume —, que faz um homem pegar uma tosse. Por isso eu o deixei em paz, matei outro dos bastardos, depois voltei e curei a tosse. Cortei a cabeça dele.

Robbie seguia com Sir Guillaume e, como ele, juntava moedas tiradas de patrulhas inimigas mortas, embora Robbie também saísse na esperança de um encontro com Guy Vexille. Ele agora sabia aquele nome, porque Thomas lhe contara que tinha sido Guy Vexille que matara seu irmão pouco antes da batalha fora de Durham, e Robbie tinha ido à igreja de São Renan, colocado a mão sobre o crucifixo que estava no altar e jurado vingança.

— Vou matar Guy Vexille e de Taillebourg — jurou ele.

— Eles são meus — insistia Thomas.

— Só se eu não os pegar primeiro — prometia Robbie.

Robbie arranjara uma namorada bretã, de olhos castanhos, chamada Oana, que odiava sair do lado dele e o acompanhava sempre que ele caminhava com Thomas. Um dia, quando eles partiram para o moinho, ela apareceu com o grande arco preto de Thomas.

— Eu não posso usar isso! — disse Thomas, com medo do arco.

— Então, para o que é que você serve? — perguntou Robbie e, com paciência, estimulou Thomas a puxar o arco e elogiou-o porque a força voltara. Os três levavam o arco para o moinho e Thomas disparava flechas contra a torre de madeira. Os disparos eram fracos no início, porque ele mal podia puxar a corda até a metade do caminho, e quanto mais força imprimia, mais traiçoeiros seus dedos

pareciam e mais errada ficava a mira. Mas quando as andorinhas e os taperuços apareceram como por mágica nos telhados da cidade, ele já conseguia puxar a corda por completo, até a orelha, e acertar uma flecha através dos braceletes de madeira de Oana a cem passos de distância.

— Você está curado — disse Mordecai quando Thomas lhe contou a novidade.

— Graças a você — disse Thomas, embora soubesse que não era apenas Mordecai, como também não tinha sido apenas a amizade de Will Skeat ou de Sir Guillaume ou de Robbie Douglas que o tinham ajudado a recuperar-se. Bernard de Taillebourg tinha ferido Thomas, mas aqueles ferimentos de Deus, sem sangue, não tinham sido infligidos só no seu corpo, mas na sua alma, e fora numa escura noite de primavera, quando o relâmpago cintilava no leste, que Jeanette subira para o sótão da casa dela. Ela só saíra de perto de Thomas depois que os galos da cidade saudaram o novo amanhecer, e se Mordecai compreendera por que Thomas estava sorrindo no dia seguinte, ele nada disse, mas percebeu que a partir daquele momento a recuperação de Thomas fora rápida.

Daquele dia em diante Thomas e Jeanette conversavam todas as noites. Ele lhe falou sobre Charles e da expressão no rosto do menino quando Thomas mencionara a mãe dele; Jeanette queria saber tudo a respeito daquela expressão e ficava preocupada com o fato de que ela nada significasse e que o filho a houvesse esquecido, mas acabou acreditando em Thomas quando ele disse que o menino quase chorara quando teve notícias dela.

— Você disse a ele que eu o amava? — perguntou ela.

— Disse — afirmou Thomas, e Jeanette ficou calada, lágrimas nos

olhos, e Thomas tentou tranquilizá-la, mas ela abanou a cabeça como se não houvesse nada que Thomas pudesse dizer que a consolasse. —

Desculpe — disse ele.

— Você tentou — disse Jeanette.

Eles se perguntavam como o inimigo ficara sabendo que Thomas estava chegando, e Jeanette disse estar certa de que Belas, o advogado, tinha alguma coisa a ver com aquilo.

— Eu sei que ele escreve para Charles de Blois — disse ela —, e aquele homem horrível, como é que você o chamava?, épouvantail?

— O Espantalho.

— Esse mesmo — confirmou Jeanette —, l'épouvantail. Ele conversa com o Belas.

— O Espantalho conversa com o Belas? — perguntou Thomas, surpreso.

— Ele agora mora lá. Ele e seus homens moram nos depósitos. —

Ela fez uma pausa. — Por que ele está na cidade?

Outros dos mercenários tinham escapulado para procurar emprego onde houvesse alguma esperança de vitória, em vez de ficar e suportar a derrota com que Charles de Blois ameaçava.

— Ele não pode voltar para a terra dele — disse Thomas —, porque tem muitas dívidas. Enquanto estiver aqui, estará protegido contra os credores.

— Mas por que La Roche-Derrien?

— Porque eu estou aqui — disse Thomas. — Ele acha que eu poderei levá-lo a um tesouro.

— O Graal?

— Ele não sabe disso — disse Thomas, mas estava errado, porque no dia seguinte, enquanto ele estava sozinho no moinho e atirando

flechas num alvo comprido e estreito que fincara a cento e cinquenta passos de distância, o Espantalho e seus seis soldados saíram a cavalo pela porta leste da cidade. Saíram da estrada de Pontrieux, passaram em fila por uma abertura na cerca viva e subiram a pequena ladeira em direção ao moinho. Estavam todos com cotas de malha e todos levavam espadas, exceto Beggar que, eclipsando seu cavalo, levava uma maça.

Sir Geoffrey sofreu o cavalo perto de Thomas, que o ignorou para disparar uma flecha que passou de raspão pelo alvo. O

Espantalho deixou as voltas de seu chicote escorrerem para o chão.

— Olhe para mim — ordenou a Thomas.

Thomas continuou ignorando-o. Tirou uma flecha do cinto e encaixou-a na corda, e então jogou a cabeça para o lado quando viu o chicote serpentear em sua direção. A ponta de metal tocou-lhe os cabelos, mas não causou dano algum.

— Mandei que olhasse para mim — vociferou Sir Geoffrey.

— Quer uma flecha na cara? — perguntou Thomas.

Sir Geoffrey inclinou-se sobre o arção anterior da sela, o rosto vermelho contorcido num espasmo de raiva.

— Você é um arqueiro — ele apontou o cabo do chicote para Thomas — e eu sou um cavaleiro. Se eu o abater, não haverá um juiz vivo que me condene.

— E se eu meter uma flecha no seu olho — disse Thomas —, o diabo vai me agradecer por eu lhe mandar um companheiro.

Beggar grunhiu e esporeou o cavalo, mas o Espantalho fez um gesto mandando o homem de volta.

— Sei o que você quer — disse ele.

Thomas puxou a corda para trás, corrigiu instintivamente a mira

para compensar o fraco vento que ondulava o capim da pradaria e disparou. A flecha fez o alvo tremer.

— Você não faz idéia do que eu quero — respondeu o arqueiro.

— Eu pensei que fosse ouro — disse o Espantalho —, depois pensei que fosse terra, mas nunca entendi por que ouro ou terra iriam levá-lo a Durham.

Ele fez uma pausa enquanto Thomas disparava outra flecha que passou silvando a um palmo do alvo distante.

— Mas agora eu sei — terminou ele —, agora finalmente eu sei.

— O que é que você sabe? — perguntou Thomas, com escárnio.

— Sei que foi a Durham para falar com os religiosos porque está à procura do maior tesouro da Igreja. Você está procurando o Graal.

Thomas deixou a corda do arco afrouxar e ergueu os olhos para Sir Geoffrey.

— Todos nós estamos à procura do Graal — disse Thomas, ainda com escárnio.

— Onde ele está? — rosnou Sir Geoffrey.

Thomas soltou uma gargalhada. Admirava-se de que o Espantalho soubesse a respeito do Graal, mas imaginou que os mexericos na guarnição talvez tivessem feito com que todos em La Roche-Derrien ficassem sabendo.

— Os melhores interrogadores da Igreja me perguntaram isso —

disse ele, erguendo uma mão encolhida —, e eu não lhes disse. Por que diria a você?

— Acho que um homem que está à procura do Graal — disse o Espantalho — não se fecha numa guarnição que tem apenas um ou dois meses de vida.

— Neste caso, talvez eu não esteja procurando o Graal — disse

Thomas e disparou outra flecha contra o alvo, mas a haste estava empenada e a flecha oscilou em pleno vôo e caiu longe. Acima dele, as grandes pás do moinho, enroladas em suas vergas e presas com cordas, rangeram quando uma lufada de vento tentou girá-las.

Sir Geoffrey enrolou o chicote.

— Você fracassou na primeira vez que saiu daqui. O que vai acontecer se tornar a sair? O que vai acontecer se partir atrás do Graal? E com certeza estará de partida em breve, antes de Charles de Blois chegar. Por isso, quando viajar, vai precisar de ajuda.

Thomas, incrédulo, concluiu que o Espantalho fora oferecer ajuda, ou talvez Sir Geoffrey estivesse pedindo ajuda. Ele estava em La Roche-Derrien por apenas um motivo, tesouro, e não estava mais próximo dele do que estivera quando

abordara Thomas do lado de fora de Durham.

— Você não pode se arriscar a fracassar outra vez — continuou o Espantalho —, de modo que da próxima vez leve combatentes de verdade com você.

— Acha que eu levaria você? — perguntou Thomas, perplexo.

— Eu sou inglês — disse o Espantalho, indignado —, e se o Graal existe eu o quero na Inglaterra. Não numa porcaria de lugar estrangeiro.

O som de uma espada arrastando-se numa bainha fez com que o Espantalho e seus soldados girassem o corpo nas selas. Jeanette e Robbie tinham ido para a pradaria com Oana ao lado de Robbie; Jeanette estava com sua besta engatilhada, enquanto Robbie, como se não se preocupasse com coisa alguma no mundo, cortava as pontas de cardos com a espada de seu tio. Sir Geoffrey tornou a voltar-se para Thomas.

— O que você não precisa é de um maldito escocês — disse ele, irritado — nem de uma puta francesa. Se procura o Graal, arqueiro, procure-o com ingleses leais! É o que o rei iria querer, não é?

Uma vez mais, Thomas não respondeu. Sir Geoffrey pendurou o chicote num gancho preso ao cinto e sacudiu as rédeas. Os sete homens saíram a meio galope morro abaixo, passando perto de Robbie como desafiando-o a atacá-los, mas o escocês ignorou-os.

— O que é que aquele bastardo queria?

Thomas atirou contra o alvo, raspando-o com as penas da flecha.

— Acho que ele queria me ajudar a procurar o Graal.

— Ajudar você! — exclamou Robbie. — Ajudar você a procurar o Graal? Uma ova. Quer é roubá-lo. Aquele bastardo seria capaz de roubar o leite dos seios da Virgem Maria.

— Robbie! — disse Jeanette, chocada, e então apontou a besta para o alvo.

— Observe-a — disse Thomas a Robbie. — Ela vai fechar os olhos quando disparar. Sempre faz isso.

— Vá para o inferno — disse Jeanette, mas, incapaz de evitar, fechou os olhos ao puxar o gatilho. A seta saiu do entalhe e milagrosamente tirou um pedaço de uns quinze centímetros do topo do alvo. Jeanette olhou para Thomas com ar triunfante. — Sei atirar melhor do que você de olhos fechados.

Robbie estivera em cima dos muros da cidade, tinha visto o Espantalho abordar Thomas e, por isso fora ajudar, mas agora, depois de Sir Geoffrey ter ido embora, eles ficaram sentados ao sol, as costas apoiadas na base de madeira do moinho. Jeanette olhava para o muro da cidade que ainda mostrava as cicatrizes onde a brecha feita pelos ingleses tinha sido consertada com uma pedra de cor mais clara.

— Você é mesmo de berço nobre? — perguntou a Thomas.

— De berço bastardo — respondeu o arqueiro.

— Mas de um nobre?

— Ele era o conde de Astarac — disse Thomas, mas logo deu uma risada, porque era estranho pensar que o padre Ralph, o louco padre Ralph que pregara para as gaivotas na praia de Hookton, tinha sido conde.

— E qual é o emblema de Astarac? — perguntou Jeanette.

— Um yale segurando uma taça — disse ele, e mostrou a Jeanette o pedaço de prata desbotado na vara preta de seu arco gravada com a estranha criatura que tinha chifres, patas fendidas, garras, presas e um rabo de leão.

— Vou mandar fazer um estandarte para você — disse Jeanette.

— Um estandarte? Por quê?

— Um homem deve exibir o seu emblema — disse Jeanette.

— E você devia ir embora de La Roche-Derrien — retorquiu Thomas.

Ele sempre tentava convencê-la a deixar a cidade, mas ela insistia em ficar. Jeanette agora duvidava que algum dia teria o filho de volta, e por isso estava decidida a matar Charles de Blois com uma de suas setas de besta, que eram feitas de teixo compacto com pontas de ferro e providas não de penas, mas de

peças duras de couro inseridas em fendas feitas em forma de cruz no teixo e depois presas com cordão e cola. Era por isso que ela treinava com tanta assiduidade, para a chance de eliminar o homem que a estuprara e tirara o seu filho.

A Páscoa chegou antes do inimigo. Fazia calor. As cercas vivas estavam cheias de ninhos e as campinas ecoavam com o grito das perdizes, e no dia seguinte à Páscoa, quando as pessoas comiam o que

restara da festa que quebrara o jejum da Quaresma, a temida notícia finalmente chegou de Rennes.

Charles de Blois tinha iniciado a marcha.

mais de quatro mil homens deixaram Rennes sob o estandarte com o arminho do duque da Bretanha. Dois mil eram besteiros, a maioria trajando o libré verde e vermelho de Gênova e usando no braço direito o emblema da cidade com o Santo Graal. Eram mercenários, contratados e apreciados pela sua destreza. Marchavam com eles mil elementos de infantaria, os homens que iriam cavar as trincheiras e assaltar os muros quebrados das fortalezas inglesas. Em seguida vinham mais de mil cavaleiros e soldados, a maioria franceses, que formavam o resistente cerne com armadura do exército do duque Charles. Eles marchavam em direção a La Roche-Derrien, mas o verdadeiro objetivo da campanha não era a captura da cidade, de valor desprezível, mas sim atrair Sir Thomas Dagworth e seu pequeno exército para uma batalha regular na qual os cavaleiros e os soldados, montados em seus grandes cavalos protegidos por armaduras, seriam lançados para abrir com violência um caminho pelas fileiras inglesas.

Um comboio de carroças pesadas levava nove máquinas de cerco, que precisavam da atenção de mais de cem engenheiros que sabiam montar e fazer funcionar os gigantescos aparelhos que podiam lançar pedras do tamanho de um barril de cerveja mais longe do que um arco podia disparar uma flecha. Um artilheiro florentino tinha oferecido seis de suas estranhas máquinas a Charles, mas o duque as

recusara. Canhões eram peças raras, dispendiosas e, acreditava ele, temperamentais, enquanto que os velhos aparelhos mecânicos funcionavam muito bem se estivessem lubrificados com sebo, e Charles não via motivos para abandoná-los.

Mais de cinco mil homens partiram de Rennes, mas muitos mais chegaram aos campos do lado de fora de La Roche-Derrien. Gente do interior que odiava os ingleses entrou para o exército a fim de se vingar por todas as cabeças de gado, produtos agrícolas, propriedades e virgindades que suas famílias tinham perdido para os estrangeiros.

Alguns estavam armados com nada mais do que picaretas ou machados, mas quando chegasse a hora de assaltar a cidade aqueles homens irados seriam úteis.

O exército chegou a La Roche-Derrien e Charles de Blois ouviu a última das portas da cidade bater ao ser fechada. Ele enviou um mensageiro para exigir a rendição da guarnição, sabendo que a proposta seria recusada, e enquanto suas tendas eram armadas ele mandou que outros cavalariares patrulhassem o lado oeste, nas estradas que levavam a Finisterra, o fim do mundo. Eles ficaram lá para avisá-lo sobre quando o exército de Sir Thomas Dagworth marchasse para ajudar a cidade, se é que marcharia mesmo. Os espiões de Charles tinham dito a ele que Dagworth não seria capaz de reunir nem mil homens.

— E quantos deles serão arqueiros? — perguntou ele.

— No máximo quinhentos, excelência.

O homem que respondeu era um padre, um dos muitos que serviam na comitiva de Charles. O duque era conhecido como um homem piedoso e gostava de empregar padres como conselheiros, secretários e, naquele caso, chefe dos espiões.

— No máximo quinhentos — repetiu o padre —, mas na verdade muito menos, excelência.

— Menos? Como assim?

— Febre em Finisterra — respondeu o padre com um sorriso irônico. — Deus é bom para nós.

— Amém. E quantos arqueiros estão na guarnição da cidade?

— Sessenta homens saudáveis, excelência — o padre estava com o mais recente relatório de Belas —, só sessenta.

Charles fez uma careta. Já tinha sido derrotado por arqueiros ingleses, mesmo quando estivera com tamanha superioridade numérica que a derrota parecia impossível e, em consequência, estava sempre precavido quanto a flechas compridas, mas era também um homem inteligente e refletira bastante sobre o problema do arco de guerra inglês. Achava que era possível derrotar aquela arma, e nessa campanha mostraria como isso podia ser feito. A inteligência, a mais desprezada das qualidades de um soldado, iria triunfar, e Charles de Blois, a quem os franceses chamavam de duque e governante da Bretanha, era, sem dúvida alguma, um homem inteligente. Lia e escrevia em seis línguas, falava latim melhor do que a maioria dos padres e era um mestre em retórica. Sua própria aparência era a de um homem inteligente, com o rosto fino e pálido, os olhos azuis muito vivos, a barba e o bigode louros. Estivera lutando contra os seus rivais pelo ducado quase toda a sua vida adulta, mas agora finalmente conquistara o predomínio. O rei da Inglaterra, cercando Calais, não reforçava suas guarnições na Bretanha, enquanto o rei da França, que era seu tio, tinha sido generoso em lhe ceder soldados, o que significava que afinal o duque Charles tinha superioridade numérica sobre os inimigos. Terminado o verão, assim esperava, ele

seria o senhor de todos os seus domínios ancestrais. De qualquer modo aconselhou a si mesmo que não se deixasse dominar pelo excesso de confiança.

— Até mesmo quinhentos arqueiros — pensou —, até mesmo quinhentos e sessenta arqueiros podem ser perigosos.

Ele tinha uma voz precisa, pedante e seca, e os padres de sua comitiva muitas vezes achavam que ele falava como um sacerdote.

— Os genoveses vão inundá-los de setas, excelência — garantiu um padre.

— Deus o queira — disse Charles com ar piedoso, embora o próprio Deus, segundo ele, fosse precisar de um pouco de ajuda da inteligência humana.

Na manhã seguinte, debaixo de um sol de fim de primavera, Charles cavalgou em volta de La Roche-Derrien, apesar de se manter longe o bastante para que nenhuma flecha inglesa pudesse alcançá-

lo. Os defensores tinham pendurado estandartes nos muros da cidade. Algumas bandeiras exibiam a cruz de São Jorge inglesa, outras, o emblema do arminho branco do duque de Montfort que se parecia muito com o de Charles. Muitas das

bandeiras continham palavras que eram verdadeiros insultos dirigidos a ele. Uma delas mostrava o arminho branco do duque com uma flecha inglesa atravessando-lhe a barriga ensanguentada, e uma outra era evidentemente um retrato de Charles sendo pisoteado por um grande cavalo preto, mas a maioria das bandeiras continha exortações piedosas pedindo a ajuda de Deus ou exibindo a cruz para mostrar aos atacantes com quem devia estar a solidariedade divina. A maioria das cidades sitiadas também teria desfraldado estandartes de seus defensores nobres, mas La Roche-Derrien tinha poucos nobres, ou

pelo menos poucos que exibissem seus emblemas, e nenhum do mesmo nível dos aristocratas que estavam no exército de Charles. Os três falcões de Evêque eram exibidos no muro, mas todo mundo sabia que Sir Guillaume tivera seus direitos cassados e não tinha mais do que três ou quatro adeptos. Uma bandeira mostrava um coração vermelho num campo claro, e um padre da comitiva de Charles achou que era o emblema da família Douglas na Escócia, um absurdo para ele, porque nenhum escocês estaria lutando ao lado dos ingleses.

Ao lado do coração vermelho estava um estandarte mais brilhante, mostrando um mar de linhas onduladas azul e branco.

— Aquele é... — começou a perguntar Charles, depois parou, franzindo o cenho.

— O emblema da Armórica, excelência — respondeu o senhor de Roncelets. Naquele dia, enquanto circundava a cidade, o duque Charles estivera acompanhado de seus grandes senhores para que os defensores vissem seus estandartes e ficassem com um temor reverencial. A maioria era de senhores da Bretanha; o visconde Rochan e o visconde Morgat seguiam logo atrás do duque, depois vinham os senhores de Châteaubriant e de Roncelets, Laval, Guingamp, Rougé, Dinan, Redon e Malestroit, todos montando corcéis de batalha imponentes, enquanto que da Normandia o conde de Coutances e os senhores de Valognes e Carteret tinham levado seus contratados para lutarem em favor do sobrinho do rei deles.

— Pensei que a Armórica tivesse morrido — observou um dos lordes normandos.

— Ele tem um filho — respondeu Roncelets.

— E uma viúva — disse o conde de Guingamp. — Foi essa puta traidora quem

desfraldou o estandarte.

— Mas é uma bela puta traidora — disse o visconde Rohan, e os senhores riram, porque todos sabiam como tratar viúvas rebeldes e bonitas.

Charles fez uma careta ao ouvir a risada inconveniente deles.

— Quando tomarmos a cidade — ordenou com frieza —, a viúva condessa da Armórica não será molestada. Deverá ser trazida à minha presença.

Ele tinha estuprado Jeanette uma vez, e iria estuprá-la outra vez, e quando aquele prazer tivesse sido satisfeito, iria casá-la com um de seus soldados, que iria ensiná-la a se comportar e a não falar tanto.

Ele agora fez o cavalo parar, para ficar olhando enquanto mais estandartes eram pendurados nos reparos, todos eles insultos dirigidos a ele e à sua casa.

— É uma guarnição atarefada — disse ele, seco.

— Cidadãos atarefados — vociferou o visconde Rohan. —

Malditos traidores atarefados.

— Cidadãos? — Charles parecia intrigado. — Por que os cidadãos iriam apoiar os ingleses?

— Comércio — respondeu Roncelets, sucinto.

— Comércio?

— Eles estão ficando ricos — grunhiu Roncelets — e estão gostando.

— O bastante para lutar contra o senhor deles? — perguntou Charles, incrédulo.

— Uma ralé desleal — disse Roncelets, taxativo.

— Uma ralé — disse Charles — que teremos de levar à pobreza.

Ele usou as esporas, só parando o cavalo quando viu outro estandarte de um nobre, dessa vez mostrando um yale exibindo um

cálice. Até aquele momento, não tinha visto um único estandarte que promettesse um vultoso resgate se o seu senhor fosse capturado, mas aquele emblema era um mistério.

— De quem é aquele? — perguntou ele.

Ninguém sabia, mas então um rapaz esguio, montando um grande cavalo preto alto, respondeu lá do fim da comitiva do duque.

— O emblema de Astarac, excelência, e pertence a um impostor.

O homem que respondera tinha vindo da França com cem cavalariaos usando um libré todo preto e estava acompanhado de um dominicano que tinha uma expressão amedrontadora. Charles de Blois tinha prazer em ter os homens de libré preto no seu exército, porque eram todos soldados vigorosos e experientes, mas se sentia um tanto nervoso em relação a eles. Eram vigorosos e experientes demais.

— Um impostor? — repetiu e esporeou o cavalo para que seguisse em frente. — Neste caso, não precisamos nos preocupar com ele.

Havia três portas dando para a terra e uma quarta, abrindo-se para a ponte, de frente para o rio. Charles planejava cercar cada uma daquelas portas, para que a guarnição ficasse encurralada como raposas em suas tocas fechadas.

— O exército — decretou quando os senhores voltaram para a tenda ducal, que tinha sido montada perto do moinho que se erguia no pequeno morro a leste da cidade — será dividido em quatro partes, e cada uma delas se posicionará diante de cada uma das portas.

Os senhores ouviram e um padre anotou os pronunciamentos, para que a História tivesse um registro autêntico do gênio marcial do duque.

Cada uma das quatro divisões do exército de Charles iria ter superioridade numérica sobre qualquer força de socorro que Sir Thomas Dagworth pudesse reunir, mas, para ficar ainda mais garantido, Charles ordenou que os quatro acampamentos se cercassem de obras de terra, a fim de que os ingleses fossem obrigados a atacar passando por trincheiras, encostas, paliçadas e cercas de espinhos. Os obstáculos iriam esconder os homens de Charles dos arqueiros e dar aos besteiros genoveses cobertura enquanto recarregassem suas armas. O

terreno entre os quatro acampamentos deveria ficar livre de cercas e outros obstáculos para deixar que houvesse apenas uma imensidão de grama e pântano.

— O arqueiro inglês — disse Charles a seus senhores — não é um homem que lute cara a cara. Ele mata de longe e esconde-se atrás de cercas, frustrando os nossos cavalos. Nós iremos virar essa tática contra ele.

A tenda era grande, branca e arejada, e o cheiro no seu interior era de grama pisada e de suor de homens. Do lado de fora das paredes de lona chegava o barulho surdo de batidas enquanto os engenheiros usavam martelos de madeira para montar o maior dos grandes aparelhos de sítio.

— Nossos homens — decretou ainda Charles — deverão ficar dentro de suas defesas. Com isso, vamos fazer quatro fortalezas que ficarão em frente às quatro portas da cidade, e se os ingleses enviarem uma força de socorro esses homens terão de atacar nossas fortalezas.

Arqueiros não conseguem matar quem eles não vêem. — Fez uma pausa para certificar-se de que aquelas palavras simples eram compreendidas. — Arqueiros — tornou a dizer — não conseguem matar quem eles não vêem. Lembrem-se disso! Nossas bestas estarão

atrás de barreiras de terra, estaremos protegidos por cercas e escondidos por paliçadas, e o inimigo estará em campo aberto, onde poderá ser abatido.

Houve murmúrios de concordância, porque o que o duque dizia fazia sentido. Arqueiros não podiam matar homens invisíveis. Até mesmo o aterrorizador dominicano que chegara com os soldados vestidos de preto parecia ter ficado impressionado.

Os sinos anunciando o meio-dia tocaram na cidade. Um deles, o mais alto, estava rachado e emitia uma nota dissonante.

— La Roche-Derrien — continuou o duque — não tem importância. Se ela cair, ou não, não fará diferença. O que importa é forçarmos o exército do inimigo a sair para nos atacar. É provável que Dagworth venha proteger La Roche-Derrien. Quando ele chegar, nós o esmagaremos, e depois que ele tiver sido derrotado só restarão as guarnições inglesas, e nós as pegaremos uma a uma. Findo o verão, toda a Bretanha será nossa.

Ele falava devagar e com simplicidade, sabendo que era melhor explicar bem a campanha para os homens que, embora fossem fortes como aríetes, não eram famosos como pensadores.

— E quando a Bretanha for nossa — continuou — haverá presentes de terra, de solares e de baluartes.

Houve um grunhido muito mais alto de aprovação e os homens que ouviam sorriram, porque haveria mais do que terra, solares e castelos como recompensas pela vitória. Haveria ouro, prata e mulheres. Mulheres em quantidade. O grunhido transformou-se em risadas quando os homens perceberam que estavam todos pensando na mesma coisa.

— Mas é aqui — a voz de Charles chamou a platéia à ordem —

que nós tornamos possível a nossa vitória, e nós o fazemos negando ao arqueiro inglês os seus alvos. Um arqueiro não pode matar homens que ele não consegue ver! — Ele fez nova pausa, olhando para a platéia, e viu que todos balançavam a cabeça enquanto a verdade simples daquela afirmativa finalmente penetrava-lhes o crânio.— Nós estaremos, todos, em nossas fortalezas, uma das quatro fortalezas, e quando o exército inglês vier para desafogar o cerco irá atacar uma dessas fortalezas. Esse exército inglês será pequeno. Menos de mil homens! Suponham então que ele comece atacando o forte que eu vou construir aqui. O que é que os demais dos senhores vão fazer?

Esperou uma resposta, e, depois de um certo tempo, o senhor de Roncelets, tão em dúvida quanto um aluno dando uma resposta ao seu mestre, franziu o cenho e fez uma sugestão.

— Viemos ajudar vossa excelência?

Os outros senhores sacudiram a cabeça e deram um sorriso de concordância.

— Não! — disse Charles, irritado. — Não! Não! Não! — Esperou um instante para ter a certeza de que eles tinham entendido aquela palavra simples. — Se os senhores saírem de suas fortalezas —

explicou —, irão oferecer ao arqueiro inglês um alvo. É isso que ele quer! Ele vai querer nos tentar a sair de trás dos nossos muros para nos abater com suas flechas. Por isso, o que é que nós fazemos?

Ficamos atrás dos nossos muros. Ficamos atrás dos nossos muros.

Será que eles tinham entendido? Aquilo era a chave da vitória.

Mantenham os homens escondidos, e os ingleses têm de perder. O

exército de Sir Thomas Dagworth seria obrigado a assaltar muros de terra e cercas de espinhos, e os besteiros iriam espetá-los em

quadrelos, e quando os ingleses estivessem tão reduzidos que só restassem algumas centenas em pé o duque liberaria seus soldados para massacrar os remanescentes.

— Os senhores não saem de suas fortalezas — insistiu, determinado. — Aquele que sair perderá o direito à minha generosidade.

A ameaça trouxe os ouvintes do duque de volta à realidade.

— Se até mesmo um de seus homens deixar a proteção dos muros

— continuou Charles —, vamos providenciar para que os senhores não sejam incluídos na distribuição de terras quando a campanha terminar. Ficou claro, cavalheiros? Ficou claro?

Ficou claro. Era simples.

Charles de Blois iria construir quatro fortalezas para se oporem às quatro portas da cidade, e os ingleses, quando viessem, seriam obrigados a assaltar aqueles muros recém-erguidos. E mesmo o menor dos quatro fortes do duque teria mais defensores do que os ingleses tinham de atacantes, e os defensores estariam protegidos, suas armas seriam letais, e os ingleses morreriam. Com isso, a Bretanha passaria para a casa de Blois.

Inteligência. Ela ganharia guerras e construiria reputações. E

depois que Charles tivesse mostrado como derrotar os ingleses ali, iria derrotá-los em toda a França.

Porque Charles sonhava com uma coroa mais pesada do que a coroa aberta de duque da Bretanha. Sonhava com a França, mas o começo teria de ser ali, nos

campos alagados em torno de La Roche-Derrien, onde ensinaria ao arqueiro inglês qual era o lugar dele.

No inferno.

as nove máquinas de cerco eram todas trabucos, o maior deles capaz de atirar uma pedra pesando o dobro de um homem adulto, a uma distância de quase trezentos passos. Todos os nove tinham sido feitos em Regensburg, na Baviera, e os engenheiros experientes que acompanhavam as altas máquinas eram, todos, bávaros que entendiam as complicações das armas. Os dois maiores trabucos tinham um braço lançador com mais de dezesseis metros de comprimento, e mesmo os dois menores, instalados na margem distante do Jaudy para ameaçar a ponte e sua barbacã, tinham braços que mediam onze metros.

Os dois maiores, que se chamavam Infernal e Fazedor de Viúvas, foram colocados ao pé do morro onde imperava o moinho. A rigor, cada um deles era uma máquina simples, apenas um braço comprido montado num eixo como uma balança de gigante ou uma gangorra para crianças, só que uma das extremidades da gangorra tinha o triplo do comprimento da outra. A ponta mais curta era sobrecarregada com uma enorme caixa de madeira cheia de pesos de chumbo, enquanto a mais longa, a que atirava o projétil, ficava presa a um grande guincho que a arriava até o chão e, com isso, levantava as dez toneladas de contrapesos de chumbo. O projétil de pedra era colocado numa funda de couro com cerca de cinco metros de comprimento, presa ao braço mais longo. Liberado, o braço com o

contrapeso caía com força e o braço mais longo lançava-se com força para o alto. A funda subia ainda mais depressa, e a pedra era solta do seu berço de couro para descrever uma curva no céu e desabar em cima do alvo. Simples. O difícil era manter o mecanismo lubrificado com sebo, construir um guincho forte o bastante para arriar o braço longo até o chão, fazer um caixote com resistência suficiente para bater repetidas vezes e não derramar as dez toneladas de pesos de chumbo e, o mais difícil de tudo, projetar um dispositivo com força suficiente para manter o braço longo arriado contra o peso do chumbo mas capaz de liberar o braço com segurança. Esses eram os detalhes nos quais os bávaros eram peritos e pelos quais eram pagos com muita generosidade.

Muita gente dizia que a perícia dos bávaros era redundante. Os canhões eram muito menores e atiravam seus mísseis com muito mais força, mas o duque

Charles usara a inteligência para uma comparação e concluíra em favor da tecnologia mais antiga. Os canhões eram lentos e sujeitos a explosões que matavam os dispendiosos artilheiros. Eram também dolorosamente lentos, porque a folga entre o projétil e o cano do canhão tinha de ser vedada para conter a força da pólvora, e por isso era necessário envolver a bala do canhão em marga molhada, exigindo tempo para secar antes que a pólvora pudesse ser acesa, mas até os artilheiros mais experientes, vindos da Itália, não conseguiam disparar uma arma mais de três ou quatro vezes por dia. E quando um canhão disparava cuspiam uma bala que pesava apenas poucos quilos. Embora fosse verdade que a pequena bala voava a uma velocidade tão grande que nem era possível vê-la, os trabucos, mais antigos, podiam atirar um projétil com vinte ou trinta vezes mais de peso, três ou quatro vezes por hora.

La Roche-Derrien, decidira o duque, seria martelada à maneira antiga, e por isso a cidadezinha foi cercada por nove trabucos. Além do Infernal e do Fazedor de Viúvas, havia ainda o Lança-Pedras, o Esmagador, o Coveiro, o Chicote de Pedra, o Odiento, o Destruidor e o Mão de Deus.

Cada trabuco era construído sobre uma plataforma feita com vigas de madeira e protegido por uma paliçada alta e resistente o bastante para deter qualquer flecha. Alguns camponeses que tinham entrado para o exército foram treinados para ficar perto das paliçadas e prontos para jogar água em quaisquer flechas incendiárias que os ingleses pudessem usar para destruir as cercas e com isso deixar expostos os engenheiros dos trabucos. Outros camponeses cavavam as valas e erguiam as barreiras de terra que formavam as quatro fortalezas do duque. Onde era possível, eles usavam valas já existentes ou incorporavam as grossas cercas de espinhos às defesas.

Fizeram barreiras de estacas pontudas e cavaram fossos para quebrar patas de cavalos. As quatro partes do exército do duque cercaram-se de muitas defesas e, dia após dia, à medida que os muros subiam e os trabucos tomavam forma com as peças transportadas nos carroções, o duque mandava seus homens treinarem a formação de suas linhas de combate. Os besteiros genoveses guarneciam os muros semi-acabados, enquanto atrás deles os cavaleiros e os soldados desfilavam a pé. Alguns homens resmungavam, dizendo que aqueles treinos eram uma perda de tempo, mas outros percebiam como o duque queria lutar e aprovavam. Os arqueiros ingleses seriam frustrados pelos muros, valas e paliçadas, e as bestas iriam eliminá-los um a um, e por fim o inimigo seria obrigado a atacar passando pelos muros de terra e pelas valas alagadas, para

serem massacrados pelos soldados

que os aguardavam.

Depois de uma semana de um trabalho de castigar as costas, os trabucos foram montados e as caixas de contrapeso tinham sido cheias com grandes lingotes de chumbo. Agora os engenheiros tinham de demonstrar uma habilidade ainda mais sutil, a arte de lançar as grandes pedras, uma atrás da outra, concentrando-se no mesmo ponto do muro para que as defesas fossem derrubadas e se abrisse um caminho para dentro da cidade. Então, depois que o exército de socorro fosse derrotado, os homens do duque poderiam assaltar La Roche-Derrien e passar na espada seus habitantes traidores.

Os engenheiros bávaros escolheram as primeiras pedras com cuidado, depois encurtaram o comprimento das fundas para alterar o raio de alcance das máquinas. Era uma bela manhã de primavera.

Francelhos voavam alto, ranúnculos pontilhavam os campos, trutas subiam para pegar as efeméridas, o alho selvagem florescia de branco e pombos voavam pelas novas folhas dos verdes bosques. Era a época mais bonita do ano, e o duque Charles, cujos espiões lhe disseram que o exército inglês de Sir Thomas Dagworth ainda não deixara a Bretanha ocidental, previa o triunfo.

— Os bávaros — disse ele a um de seus assistentes padres —

podem começar.

O trabuco chamado Infernal disparou primeiro. Foi puxada uma alavanca que retirou um grosso pino de metal de um grampo preso no longo braço da viga do Infernal. Dez toneladas de chumbo caíram com um estrondo que foi ouvido em Tréguier, o braço comprido deu um salto para cima e a funda girou na ponta do braço com o barulho de uma súbita rajada de vento e uma pedra traçou um arco no céu.

Ela pareceu parar um instante, um grande pedaço de pedra no céu cheio de francelhos, e depois, como um raio, caiu.

A matança começara.

a primeira pedra, atirada pelo Infernal, caiu sobre o telhado da casa de um

tintureiro perto da igreja de São Briec e arrancou a cabeça de um soldado inglês e a da mulher do tintureiro. Pela guarnição correu a piada de que os dois corpos foram esmagados tão juntinhos que continuariam copulando por toda a eternidade. A pedra assassina, do tamanho de um barril, errara as defesas do leste por não mais do que sete metros. Os engenheiros bávaros fizeram uns ajustes na funda, e a pedra seguinte caiu bem rente ao muro, espirrando sujeira e esgoto da fossa. A terceira acertou o muro em cheio e então uma pancada surda anunciou que o Fazedor de Viúvas acabara de atirar seu primeiro primeiro projétil e assim, um atrás do outro, Lança-Pedra, Esmagador, Coveiro, Chicote de Pedra, Odiento, Destruidor e Mão de Deus deram suas contribuições.

Richard Totesham fez o possível para anular o assalto dos trabucos. Era evidente que Charles tentava abrir quatro brechas, uma de cada lado da cidade, e por isso Totesham ordenou que fossem feitos sacos imensos e que os enchessem de palha, e os sacos foram colocados para calçar os muros, que ainda eram protegidos por vigas de madeira. Aquelas precauções serviram para reduzir o ritmo do processo de abrir as brechas, mas os bávaros mandavam seus mísseis bem dentro da cidade, e nada podia ser feito para proteger as casas daquelas pedras que mergulhavam. Alguns habitantes alegavam que

Totesham devia construir um trabuco e tentar quebrar as máquinas do inimigo, mas ele duvidava que houvesse tempo, e em vez disso foi montada uma besta gigantesca com mastreação de navios que tinha sido levada rio acima de Tréguier antes do sítio começar. Tréguier estava deserta agora. Como não tinha muros, seus habitantes tinham ido para La Roche-Derrien à procura de abrigo, fugido para o mar em seus navios ou passado para o lado de Charles.

A springald de Totesham tinha dez metros de largura e disparava uma seta de dois metros e meio de comprimento impulsionada por uma corda feita de couro trançado. Era armada por meio de um sarilho de navio. Foram precisos quatro dias para fazer a arma e justo na primeira vez que tentaram usá-la a verga quebrou. Foi um mau agouro, e houve outro ainda pior no dia seguinte, quando um cavalo que puxava uma carroça de despejos noturnos livrou-se dos arreios e escoiceou uma criança na cabeça. A criança morreu. Mais tarde naquele dia uma pedra de uma das catapultas menores do outro lado do rio despencou sobre a casa de Richard Totesham e derrubou metade do andar superior e por muito pouco não lhe matava o filho pequeno. Mais de uma vintena de mercenários tentou desertar da guarnição naquela noite e alguns deles deviam ter fugido, outros juntaram-se ao exército de Charles, e um, que ia levando uma mensagem

para Sir Thomas Dagworth escondida numa bota, foi capturado e decapitado. Na manhã seguinte, a cabeça, com a carta presa entre os dentes, foi lançada para dentro da cidade pelo trabuco chamado Mão de Deus e o moral da guarnição despencou ainda mais.

— Não tenho muita certeza — disse Mordecai a Thomas — se se pode confiar nos presságios.

— Claro que se pode.

— Eu gostaria de ouvir suas razões. Mas primeiro mostre-me sua urina.

— Você disse que eu estava curado — protestou Thomas.

— O preço da saúde, meu caro Thomas, é a eterna vigilância.

Mije para mim.

Thomas obedeceu, Mordecai ergueu o líquido contra o sol, molhou um dedo nele e tocou a língua com ele.

— Maravilha! — disse ele. — Clara, pura e não muito salina. É um bom presságio, não é?

— Isso é um sintoma — disse Thomas —, não um presságio.

— Ah. — Mordecai sorriu diante da correção.

Eles estavam no pequeno quintal atrás da cozinha da casa de Jeanette, onde o médico observava as andorinhas-de-casa levando lama para os novos ninhos embaixo dos beirais do telhado.

— Ilustre-me, Thomas — disse ele com outro sorriso —, quanto aos presságios.

— Quando nosso Senhor foi crucificado — disse Thomas — fez-se escuridão durante o dia e uma cortina do templo rasgou-se em duas.

— Está me dizendo que os presságios estão escondidos no próprio cerne da sua fé?

— E da sua também, sem dúvida? — perguntou Thomas.

Mordecai encolheu-se de medo quando uma pedra despencou em alguma parte da cidade. O barulho reverberou, depois ouviu-se um outro choque estilhaçante quando um telhado enfraquecido cedeu. Cachorros uivaram e uma mulher gritou.

— Eles estão fazendo isso de propósito — disse Mordecai.

— É claro — disse Thomas.

O inimigo estava não só mandando pedras para caírem sobre as

pequenas casas apertadas da cidade, mas às vezes usava os trabucos para jogarem as carcaças em decomposição de gado bovino, suíno e caprino para espalhar sujeira e fedor pelas ruas.

Mordecai esperou até que a mulher parasse de gritar.

— Acho que não acredito em presságios — disse ele. — Temos um pouco de azar na cidade e todo mundo pensa que estamos condenados, mas como é que sabemos que não há algum azar afligindo o inimigo?

Thomas não disse nada. Pássaros se envolviam num bate-boca no telhado de sapé sem perceber que um gato estava à espreita embaixo da cumeeira.

— O que é que você quer, Thomas? — perguntou Mordecai.

— Quero?

— O que é que você quer?

Thomas fez uma careta e estendeu a mão direita com os dedos tortos.

— Que estes fiquem direitos.

— E eu queria ser jovem de novo — disse Mordecai com impaciência. — Seus dedos estão reparados. Estão tortos, mas reparados. Agora diga-me o que é que você quer.

— O que eu quero — disse Thomas — é matar os homens que mataram Eleanor. Trazer o filho de Jeanette de volta. E depois, ser um arqueiro. Só isso. Um

arqueiro. — Ele queria o Graal também, mas não gostava de falar sobre isso com Mordecai.

Mordecai puxou a barba.

— Matar os homens que mataram Eleanor? — meditou em voz alta. — Eu acho que você vai fazer isso. O filho de Jeanette? Talvez faça isso também, embora eu não compreenda por que você quer

agradá-la. Não quer se casar com Jeanette, quer?

— Casar com ela! — Thomas deu uma risada. — Não!

— Ótimo.

— Ótimo? — Agora Thomas se ofendera.

— Sempre gostei de conversar com alquimistas — disse Mordecai

— e muitas vezes os vi misturar enxofre com mercúrio. Existe uma teoria segundo a qual todos os metais são compostos dessas duas substâncias, sabia? As proporções variam, é claro, mas o meu ponto de vista, meu caro Thomas, é que se você colocar mercúrio e enxofre num vaso e depois aquecer este vaso, o mais frequente é o resultado ser calamitoso. — Ele imitou uma explosão com as mãos. — Isso, acho eu, acontece com você e Jeanette. Além do mais, não consigo imaginá-la casada com um arqueiro. Com um rei? Sim. Com um duque? Talvez. Com um conde? Claro. Mas com um arqueiro? — Ele abanou a cabeça. — Não há nada de errado em ser um arqueiro, Thomas. Neste mundo malvado, é uma habilidade útil. — Ficou calado por alguns segundos. — Meu filho está estudando para ser médico.

Thomas sorriu.

— Eu sinto uma reprovação.

— Uma reprovação?

— Seu filho vai ser um curador, e eu sou um matador.

Mordecai abanou a cabeça.

— Benjamim está estudando para ser médico, mas ele preferiria ser soldado. Ele quer ser um matador.

— Então, por quê... — Thomas parou porque a resposta era óbvia.

— Os judeus não podem portar armas — disse Mordecai —, eis o porquê. Não, eu não pretendia manifestar uma reprovação. Acho que para um soldado, Thomas, você é um homem bom.

Ele fez uma pausa e franziu o cenho, porque outra pedra de um dos trabucos maiores batera contra um prédio não muito longe e, depois que o barulho que ecoava diminuiu, ele ficou esperando pelos gritos. Não se ouviu grito algum.

— Seu amigo Will também é um homem bom — continuou Mordecai —, mas eu receio que ele já não seja um arqueiro.

Thomas sacudiu a cabeça. Will Skeat estava curado, mas não recuperado.

— Às vezes penso que teria sido melhor... — começou Thomas.

— Se ele tivesse morrido? — Mordecai terminou o pensamento.

— Não deseje a morte de ninguém, Thomas, porque ela já chega cedo bastante sem um desejo. Sir William vai voltar para a Inglaterra, sem dúvida, e o seu conde cuidará dele.

O destino de todos os soldados idosos, pensou Thomas. Voltar para casa e morrer por conta da caridade da família a que serviram.

— Então eu irei para o sítio de Calais quando tudo isso acabar —

disse Thomas — e ver se os arqueiros do Will precisam de um novo chefe.

Mordecai sorriu.

— Não vai procurar o Graal?

— Não sei onde ele está — disse Thomas.

— E o livro de seu pai? — perguntou Mordecai. — Não ajudou?

Thomas andara lendo atentamente a cópia que Jeanette fizera.

Ele achava que seu pai devia ter usado algum tipo de código, embora por mais que tentasse não conseguisse desvendar o segredo do código. Ou então, em suas digressões, o livro era simplesmente um

sintoma da mente perturbada do padre Ralph. Mas Thomas estava certo de uma coisa. Seu pai acreditava ter possuído o Graal.

— Vou procurar o Graal — disse Thomas —, mas às vezes acho que a única maneira de ser bem-sucedido é não procurá-lo.

Ele ergueu o olhar, assustado, porque ouviu-se um repentino barulho de uma luta desordenada no telhado. O gato fizera uma investida e quase perdera o equilíbrio quando os pássaros espalharam-se para cima.

— Mais um presságio? — sugeriu Mordecai olhando para os pássaros que fugiam. — Sem dúvida, um bom presságio.

— Além do mais — disse Thomas —, o que é que você sabe sobre o Graal?

— Eu sou judeu. O que é que eu sei sobre qualquer coisa? —

perguntou Mordecai com ar de inocência. — O que aconteceria, Thomas, se você achasse o Graal? — Ele não esperou a resposta. Em vez disso, continuou: — Pensa que o mundo vai se tornar um lugar melhor? Que o mundo só está precisando do Graal? Só isso? — Ainda não houve resposta. — Ele é uma coisa parecida com “Abracadabra”, é isso? — disse Mordecai com tristeza.

— O diabo? — Thomas estava chocado.

— Abracadabra não é o diabo! — respondeu Mordecai, igualmente chocado. — É simplesmente um encantamento. Alguns judeus bobocas acreditam que se você o escrever na forma de um triângulo e pendurá-lo ao pescoço, vai ficar livre de seção! Que absurdo! A única cura para seção é uma cataplasma quente de estreme de vaca, mas o povo deposita confiança em amuletos e, o que lamento, também em presságios, mas eu não acho que Deus trabalhe através de um ou se revele através do outro.

— O seu Deus — disse Thomas — está muito longe.

— Receio que sim.

— O meu está perto — disse Thomas — e Ele se revela.

— Então você é um felizardo — disse Mordecai.

A roca e o fuso de Jeanette estavam no banco ao lado dele e ele colocou a roca sob o braço esquerdo e tentou fiar um fio da lã enrolado em torno da cabeça da roca, mas não conseguiu nada.

— Você é um felizardo — repetiu ele —, e espero que quando as tropas de Charles invadirem, o seu Deus esteja por perto. Quanto a nós, os demais, suponho que estejamos condenados.

— Se eles invadirem — disse Thomas — refugie-se numa igreja ou tente fugir pelo rio.

— Eu não sei nadar.

— Neste caso, a igreja é a melhor esperança.

— Eu duvido — disse Mordecai, largando a roca. — O que o Totesham devia fazer é renderse — disse ele, com tristeza. — Deixar todos nós irmos embora.

— Ele não vai fazer isso.

Mordecai deu de ombros.

— Então, temos que morrer.

No entanto, no dia seguinte, ele recebeu uma chance de fugir quando Totesham disse que quem não quisesse sofrer as privações do sítio poderia deixar a cidade pela porta sul, mas assim que ela foi aberta uma força de soldados de Charles, todos com cotas de malha e com os rostos escondidos pelas viseiras cinzentas dos elmos, bloqueou a estrada. Não mais de cem pessoas tinham decidido ir embora, todas elas mulheres e crianças, mas os soldados de Charles estavam lá para dizer que elas não teriam permissão para abandonar

La Roche-Derrien. Não interessava aos sitiantes ter menos bocas para a guarnição alimentar, e por isso os homens de cinza barraram a estrada, e os

soldados de Totesham fecharam a porta e as mulheres e as crianças ficaram empacadas o dia inteiro.

Ao anoitecer, os trabucos pararam de funcionar pela primeira vez desde que a pedra matara a mulher do tintureiro e o amante e, no estranho silêncio, chegou um mensageiro vindo do acampamento de Charles. Um trombeteiro e uma bandeira branca anunciaram que ele queria uma trégua e Totesham ordenou que um trombeteiro inglês respondesse ao bretão e que uma bandeira branca fosse agitada acima da porta sul. O mensageiro bretão esperou até que um homem de posto elevado chegasse aos muros e então fez um gesto em direção às mulheres e às crianças.

— Essa gente — disse ele — não pode ter permissão para atravessar nossas linhas. Elas vão morrer de fome aqui.

— É essa a piedade que o seu senhor tem do povo dele? —

retrucou o enviado de Totesham. Ele era um padre inglês que falava bretão e francês.

— Ele tem tamanha piedade deles — respondeu o mensageiro —

que quer livrá-los dos grilhões da Inglaterra. Diga ao seu senhor que ele tem até o Ângelus desta noite para entregar a cidade. Se fizer isso, terá permissão para retirar-se com todas as suas armas, estandartes, cavalos, famílias, criados e pertences.

Era uma oferta generosa, mas o padre nem mesmo a examinou.

— Vou dizer a ele — disse o padre —, mas só se você disser ao seu senhor que nós temos comida para um ano e armas suficientes para matar todos vocês duas vezes.

O mensageiro fez uma mesura, o padre retribuiu o cumprimento

e a parlamentação acabou. Os trabucos começaram seu trabalho e, ao cair da noite, Totesham ordenou que as portas da cidade fossem abertas e os fugitivos tiveram permissão para voltar para dentro, sob os apupos daqueles que não tinham fugido.

Thomas, como todo homem de La Roche-Derrien, fazia plantão nas defesas. Era um trabalho enfadonho, porque Charles de Blois tinha um cuidado muito grande para que nenhuma de suas forças se desviasse para dentro do raio de alcance dos arqueiros ingleses, mas era um tanto divertido observar os grandes trabucos. Eles eram arriados tão devagar, que parecia que os imensos braços praticamente não se mexiam, mas aos poucos, quase imperceptivelmente, a grande caixa de madeira com seus pesos de chumbo erguia-se por trás da paliçada protetora e o braço comprido desaparecia de vista. Depois, quando o braço comprido tinha sido arriado ao máximo, nada acontecia durante muito tempo, presumivelmente porque os engenheiros estavam carregando a funda e então, quando parecia que nada iria acontecer, o contrapeso caía, a paliçada tremia, pássaros assustados levantavam-se velozes do gramado e o braço comprido vergastava para cima, dava uma sacudidela violenta, a funda se projetava e uma pedra fazia um arco no ar. Então chegava o som, o monstruoso choque do contrapeso ao cair, seguido um segundo depois pelo baque da pedra nas defesas rompidas. Mais sacos cheios de palha eram atirados para dentro da brecha que aumentava, mas os projéteis ainda causavam os seus danos e por isso Totesham ordenou que seus homens começassem a erguer novos muros atrás das brechas que iam ficando maiores.

Alguns homens, inclusive Thomas e Robbie, queriam fazer uma surtida. Junte sessenta homens, argumentavam eles, e deixe-os sair da

cidade à primeira luz do dia. Eles poderiam dominar facilmente um ou dois trabucos, ensopar as máquinas de óleo e piche e jogar tições em chamas no emaranhado de cordas e madeira, mas Totesham não permitiu. Alegou que sua guarnição era muito pequena e ele não queria perder nem mesmo meia dúzia de homens antes de precisar combater os soldados de Charles nas brechas.

Mesmo assim, perdia homens. Quando a terceira semana de sítio chegou, Charles de Blois terminara suas obras defensivas e as quatro posições do seu exército estavam todas protegidas atrás de paredes de terra, cercas, paliçadas e valas. Tinha eliminado quaisquer obstáculos na área entre seus acampamentos, para que quando um exército de socorro chegasse seus arqueiros não tivessem onde se esconder.

Agora, com seus acampamentos fortificados e os trabucos abrindo buracos cada vez maiores nos muros de La Roche-Derrien, ele mandou que os besteiros avançassem para molestar as defesas. Eles chegaram aos pares, um homem com a besta e seu companheiro segurando um pavês, um escudo tão alto, largo e

resistente que podia proteger os dois. Os paveses eram pintados, alguns com palavrões horríveis, mas a maioria com insultos em francês, inglês e, em certos casos, porque os besteiros eram genoveses, em italiano. Os quadrelos deles castigavam o muro, passavam assobiando perto das cabeças dos defensores e chocavam-se no telhado das casas atrás dos muros. Às vezes, os genoveses disparavam setas incendiárias e Totesham tinha seis esquadrões de homens que não faziam nada a não ser perseguir incêndios nos telhados de sapé e, quando não estavam extinguindo chamas, tiravam água do rio Jaudy e encharcavam os telhados que ficavam mais perto das defesas e, por isso, corriam mais risco de serem atingidos pelos besteiros.

Os arqueiros ingleses respondiam com flechadas, mas os besteiros, em sua maioria, estavam escondidos atrás de seus paveses e, quando disparavam, expunham-se por apenas um segundo. Mesmo assim alguns morriam, mas eles também derrubavam arqueiros que estavam nos muros da cidade. Jeanette muitas vezes unia-se a Thomas na defesa sul e disparava suas setas de um ameado ao lado da porta. Uma besta podia ser disparada de uma posição ajoelhada, de modo que ela não expunha muito do seu corpo ao perigo, enquanto Thomas tinha que ficar em pé para disparar uma flecha.

— Você não devia estar aqui — dizia ele todas as vezes, e ela repetia as palavras dele só mexendo os lábios, sem emitir som algum, e depois se curvava para armar o arco.

— Você se lembra — perguntou ela — do primeiro cerco?

— Quando você atirava em mim?

— Vamos esperar que eu agora tenha mais pontaria — disse ela, e apoiou o arco no muro, mirou e apertou o gatilho. A seta acertou num pavês que já estava espetado com flechas inglesas adornadas de penas. Atrás dos besteiros estava o muro de terra do acampamento mais próximo, acima do qual apareciam as deselegantes vigas de dois trabucos e, depois delas, as vistosas bandeiras de alguns dos senhores de Charles. Jeanette reconheceu os estandartes de Rohan, Laval, Malestroit e Roncelets, e a primeira visão daquele estandarte semelhante a uma vespa a enchera de raiva e ela chorara ao pensar no filho na distante torre de Roncelets.

— Eu queria que eles assaltassem agora — disse ela — e que eu pudesse acertar

uma seta em Roncelets e também em Blois.

— Eles não atacam enquanto não derrotarem Dagworth — disse Thomas.

— Você acha que ele vem?

— Acho que é por isso que eles estão aqui — disse Thomas fazendo com a cabeça um gesto em direção a um besteiro que acabara de sair de trás de seu escudo. O homem recuou, abaixando-se, um segundo antes da flecha de Thomas passar chiando por ele. Thomas tornou a se acocorar.

— Charles sabe que pode nos derrotar quando quiser — disse ele

—, mas o que ele realmente quer é esmagar Dagworth.

Porque quando Sir Thomas Dagworth fosse esmagado, não restaria mais nenhum exército de campo inglês na Bretanha e as fortalezas cairiam inevitavelmente, uma a uma, e Charles conquistaria o seu ducado.

Então, um mês depois de Charles ter chegado, quando as cercas em torno de suas fortalezas estavam brancas com as flores dos pilriteiros e as pétalas das macieiras estavam sendo sopradas pelo vento e as margens do rio estavam espessas com íris e as papoulas estavam de um vermelho brilhante no centeio que crescia, viu-se uma nuvem de fumaça no céu do sudoeste. Os vigias nos muros de La Roche-Derrien viram batedores partindo do acampamento inimigo e sabiam que a fumaça devia vir de fogueiras em acampamentos, o que significava que um exército estava vindo. Alguns temiam que pudesse ser um reforço para o inimigo, mas outros garantiam que na verdade só amigos estariam se aproximando pelo sudoeste. O que Richard Totesham e os outros que sabiam a verdade não revelaram foi que qualquer força de auxílio seria pequena, muito menor do que o exército de Charles, e estaria se dirigindo para uma armadilha que Charles preparara.

Porque a manobra de Charles funcionara e Sir Thomas Dagworth

mordera a isca.

Charles de Blois convocou seus senhores e comandantes para a grande tenda ao lado do moinho. Era sábado, a força inimiga estava a pouca distância e, inevitavelmente, havia gente impetuosa nas suas fileiras que queria vestir a

armadura, erguer as lanças e sair a cavalo para ser morta pelos arqueiros ingleses. Havia uma abundância de idiotas, pensou Charles, e então liquidou as esperanças deles ao deixar claro que ninguém, exceto os batedores, poderia sair de nenhum dos quatro acampamentos.

— Ninguém! — Ele deu um murro na mesa quase derrubando o tinteiro do escrevente que anotava suas palavras. — Ninguém vai sair!

Entenderam todos?

Ele olhou de uma cara para outra e tornou a pensar em como eram idiotas os seus senhores.

— Nós vamos ficar atrás das nossas fortificações — disse ele —, e eles virão até nós. Eles virão e serão mortos.

Alguns entre os senhores pareceram descontentes, porque praticamente não havia glória em lutar atrás de barreiras de terra e valas úmidas quando um homem poderia estar galopando um corcel de guerra, mas Charles de Blois estava inflexível e até mesmo os mais ricos de seus senhores temiam a sua ameaça de que quem lhe desobedecesse não participaria da distribuição de terras e riquezas que se seguiria à conquista da Bretanha.

Charles pegou uma folha de pergaminho.

— Nossos batedores chegaram perto das colunas de Sir Thomas Dagworth — disse em sua voz precisa — e agora temos uma estimativa correta de quantos eles são.

Sabendo que todos os que estavam na tenda queriam saber da força do inimigo, ele fez uma pausa, porque queria conferir um certo drama àquele anúncio, mas não pôde deixar de sorrir ao revelar os números.

— Nossos inimigos — disse ele — nos ameaçam com trezentos soldados e quatrocentos arqueiros.

Houve uma pausa enquanto os números eram assimilados, e depois veio uma explosão de gargalhadas. Até mesmo Charles, em geral muito pálido, inflexível e severo, juntou-se a eles. Era risível! Na verdade, era impertinente! Bravo, talvez, mas de extrema loucura.

Charles de Blois tinha quatro mil homens e centenas de camponeses voluntários que, embora não estivessem realmente acampados dentro das defesas de terra dele, mereciam a sua confiança quanto a ajudar a massacrar um inimigo. Ele tinha dois mil dos melhores besteiros da Europa, tinha mil cavaleiros com armaduras, muitos deles grandes campeões de torneios famosos, e Sir Thomas Dagworth estava se aproximando com setecentos homens? A cidade poderia contribuir com outros cem ou duzentos, mas mesmo nas suas hipóteses mais esperançosas os ingleses não poderiam reunir mais de mil homens, e Charles tinha quatro vezes aquela quantidade.

— Eles virão, cavalheiros — disse ele a seus agitados senhores —, e vão morrer aqui.

Havia duas estradas pelas quais eles poderiam aproximar-se. Uma vinha do oeste e era o caminho mais direto, mas levava à margem

mais distante do rio Jaudy e Charles não achava que Dagworth fosse usá-la. A outra rodeava a cidade sitiada para se aproximar vinda do sudeste, e ia direto para o maior dos quatro acampamentos de Charles, o do leste, onde ele estava no comando em pessoa e onde os maiores trabucos martelavam os muros de La Roche-Derrien.

— Permitam que lhes conte, cavalheiros — Charles acabou com a diversão dos comandantes —, o que acredito que Sir Thomas vai fazer. O que eu faria se tivesse a infelicidade de estar no lugar dele.

Acredito que vai enviar uma força pequena mas barulhenta para se aproximar de nós pela estrada de Lannion — esta era a estrada que vinha do oeste, à direita — e irá enviá-la durante a noite, para tentar nos levar a acreditar que ele irá atacar o nosso acampamento do outro lado do rio. Ele deverá esperar que reforçemos aquele acampamento e então, ao amanhecer, o ataque verdadeiro virá do leste. Ele espera que a maior parte do nosso exército fique presa do outro lado do rio e ele possa chegar ao amanhecer e destruir os três acampamentos desta margem. Isto, cavalheiros, é o que ele provavelmente vai tentar, e vai fracassar. Vai fracassar, porque nós temos uma regra clara e rígida que não será descumprida! Ninguém sai do acampamento! Ninguém!

Fiquem atrás dos seus muros! Nós lutamos a pé, formamos nossas linhas de batalha e deixamos que eles nos ataquem. Nossos besteiros irão dizimar os

arqueiros deles, e então nós, cavalheiros, destruiremos os soldados deles. Mas ninguém sai dos acampamentos! Ninguém!

Nós não vamos nos tornar alvos para os arcos deles. Entenderam?

O senhor de Châteaubriant quis saber o que deveria fazer se estivesse em seu acampamento no sul e houvesse um combate em um outro forte.

— Eu fico só olhando? — perguntou ele, incrédulo.

— O senhor fica só olhando — disse o duque Charles com frieza.

— O senhor não deixa seu acampamento. Entendeu? Arqueiros não podem matar o que não vêem! Fique escondido!

O senhor de Roncelets salientou que o céu estava claro e que a lua estava quase cheia.

— Dagworth não é bobo — continuou ele — e vai saber que construímos essas fortalezas e desbastamos a área para impedir que eles tivessem proteção. Por isso, por que ele não vai atacar à noite?

— À noite? — perguntou Charles.

— Assim, os nossos besteiros não poderão ver os alvos, mas os ingleses vão ter luz da lua suficiente para enxergar o caminho pelas nossas fortificações.

Era um bom argumento que Charles reconheceu com um brusco sacudir de cabeça.

— Fogueiras — disse ele.

— Fogueiras? — perguntou alguém.

— Armem fogueiras agora! Grandes fogueiras! Quando eles chegarem, acendam as fogueiras. Transformem a noite em dia!

Os homens riram, gostando da idéia. Não era lutando a pé que senhores e cavaleiros adquiriam suas reputações, mas todos entendiam que Charles estivera pensando em como derrotar os temíveis arqueiros ingleses e suas idéias faziam

sentido, ainda que a eles fosse oferecida uma chance de glória praticamente nula, mas Charles lhes oferecia um consolo.

— Eles vão se dispersar, cavalheiros — disse ele —, e quando isso acontecer vou mandar meu trombeteiro dar sete toques. Sete! E

quando ouvirem a trombeta, os senhores poderão sair de seus acampamentos e persegui-los.

Houve grunhidos de aprovação, porque os sete toques de trombeta iriam liberar os homens com armaduras, em seus cavalos enormes, para abater os remanescentes da força de Dagworth.

— Lembrem-se! — Mais uma vez, Charles deu um murro na mesa para chamar a atenção de seus homens. — Lembrem-se! Os senhores não saem dos acampamentos enquanto a trombeta não tocar! Fiquem atrás das trincheiras, fiquem atrás dos muros, deixem que o inimigo vá até os senhores, e nós venceremos. — Ele sacudiu a cabeça num sinal de que tinha encerrado. — E agora, cavalheiros, nossos padres irão ouvir confissões. Limpemos nossa alma, para que Deus possa nos recompensar com a vitória.

A vinte e quatro quilômetros dali, no refeitório sem telhado de um mosteiro saqueado e abandonado, reunia-se um grupo muito menor de homens. O comandante era um homem de cabelos grisalhos vindo de Suffolk, atarracado e mal-humorado, que sabia que estava diante de um desafio enorme se quisesse ajudar La Roche-Derrien. Sir Thomas Dagworth ouviu um cavaleiro bretão contar o que seus batedores tinham descoberto: que os homens de Charles de Blois ainda estavam nos quatro acampamentos colocados em frente às quatro portas da cidade. O maior deles, onde estava desfraldado o grande estandarte de Charles com um arminho branco, ficava a leste.

— Ele foi construído em torno do moinho — informou o cavaleiro.

— Eu me lembro desse moinho — disse Sir Thomas. Passou os dedos pela curta barba grisalha, um hábito seu quando estava pensando. — É lá que devemos atacar — decidiu, mas disse isso tão baixinho que poderia estar falando consigo mesmo.

— É ali que eles estão mais fortes — avisou um homem.

— Então nós vamos desviar a atenção deles. — Sir Thomas despertou de seus sonhos. — John — ele se voltou para um homem que vestia uma cota de malha esfrangalhada — pegue todos os criados do acampamento. Pegue os cozinheiros, os escreventes, os cavaleiros, todos os que não forem combatentes. Depois pegue todas as carroças e todos os cavalos de tração e faça uma aproximação pela estrada de Lannion. Você a conhece?

— Posso descobrir.

— Parta antes da meia-noite. Faça bastante barulho, John! Pode levar o meu trombeteiro e alguns tambores. Faça com que eles pensem que o exército inteiro está chegando pelo oeste. Quero que eles enviem homens para o acampamento do oeste muito antes do amanhecer.

— E os demais? — perguntou o cavaleiro bretão.

— Nós marcharemos à meia-noite — disse Sir Thomas — e iremos para o leste até chegarmos à estrada de Guingamp.

Aquela estrada chegava a La Roche-Derrien para quem vinha do sudeste. Como a pequena força de Sir Thomas marchara do oeste, ele esperava que a estrada de Guingamp fosse exatamente a última que Charles esperasse que ele fosse usar.

— Vai ser uma marcha silenciosa — ordenou — e iremos a pé, todos nós! Arqueiros na frente, soldados atrás, e vamos atacar o forte leste deles no escuro.

Ao atacar no escuro, Sir Thomas esperava enganar os besteiros, impedindo que eles enxergassem o alvo e, ainda melhor, pegar o inimigo dormindo.

E assim seus planos foram feitos: ele faria um ataque simulado no oeste e atacaria do leste. E era exatamente isso que Charles de Blois

esperava que ele fizesse.

A noite caiu. Os ingleses marcharam, os homens de Charles se armaram e a cidade ficou aguardando.

thomas ouvia os armeiros no acampamento de Charles. Escutava os martelos fechando os rebites das armaduras e o esfregar de pedras em lâminas. As fogueiras nas quatro fortalezas não se extinguíram como de costume, mas eram

alimentadas para se manterem fortes e com chamas altas, de modo que a luz se refletia nas tiras de aço que prendiam as armações dos grandes trabucos cujo vulto era visto contra o brilho das fogueiras. Das defesas, Thomas via homens se movimentando no acampamento inimigo mais próximo. A intervalos de poucos minutos, uma fogueira ficava mais viva quando os armeiros usavam foles para atizar as chamas.

Uma criança chorou numa casa perto dali. Um cachorro ganiu. A maioria dos membros da pequena guarnição de Totesham estava nas defesas e uma boa quantidade de gente da cidade também estava lá.

Ninguém tinha muita certeza quanto ao motivo pelo qual tinham ido para os muros, porque o exército de socorro ainda devia estar bem longe, mas poucas pessoas quiseram ir dormir. Esperavam que alguma coisa fosse acontecer, e por isso aguardavam. O dia do juízo final, pensou Thomas, seria parecido com aquele, com homens e mulheres esperando que os céus se abrissem e os anjos descessem e os túmulos se abrissem para que os mortos virtuosos subissem aos céus.

Seu pai, lembrou-se ele, sempre quisera ser enterrado voltado para o oeste, mas do lado leste do cemitério, a fim de que ao ressuscitar

ficasse vendo seus paroquianos saindo da terra. “Eles vão precisar da minha ajuda”, dissera o padre Ralph, e Thomas providenciara para que tudo fosse feito como ele queria. Os paroquianos de Hookton, enterrados de modo a que se sentassem estariam olhando para o leste, em direção à glória da segunda vinda de Cristo, encontrariam o seu pároco diante deles, restituindo-lhes a confiança.

Thomas aceitaria algum grau de restituição de confiança naquela noite. E estava com Sir Guillaume e seus dois soldados e eles observavam os preparativos do inimigo de um baluarte no canto sudeste da cidade, perto de onde a torre da igreja de São Barnabé oferecia um lugar vantajoso. Os restos da gigantesca springald de Totesham tinham sido usados para fazer uma ponte frágil do baluarte para uma janela da torre da igreja, e depois de se passar pela janela havia uma escada que subia para um buraco aberto por uma das pedras do Fazedor de Viúvas no parapeito da torre. Thomas devia ter feito o trajeto meia dúzia de vezes antes da meia-noite, porque do parapeito era possível olhar por cima da paliçada e ver o maior dos acampamentos de Charles. Foi enquanto ele estava na torre que Robbie chegou à defesa abaixo dele.

— Quero que dê uma olhada nisto — disse Robbie em voz alta e exibiu um escudo que acabara de ser pintado. — Gostou?

Thomas olhou para baixo e, à luz da lua, viu alguma coisa vermelha.

— O que é isso? — perguntou ele. — Uma mancha de sangue?

— Seu bastardo inglês cego — disse Robbie —, isto é o coração vermelho de Douglas!

— Ah! Daqui parece alguma coisa que secou no escudo.

Mas Robbie estava orgulhoso do seu escudo. Admirou-o à luz da lua.

— Tinha um sujeito pintando um novo diabo na parede da igreja de S. Goran — disse ele — e eu paguei para ele fazer isto.

— Espero que não tenha pagado caro demais — disse Thomas.

— Você está é com inveja. — Robbie encostou o escudo no parapeito antes de esgueirar-se pela ponte improvisada até a torre.

Desapareceu pela janela e reapareceu ao lado de Thomas. — O que é que eles estão fazendo? — perguntou, olhando para o leste.

— Jesus! — Thomas blasfemou, porque alguma coisa estava finalmente acontecendo. Ele estava olhando para além dos grandes vultos negros do Infernal e do Fazedor de Viúvas, para o acampamento do leste, onde homens, centenas de homens, formavam uma linha de batalha. Thomas partira do pressuposto de que qualquer luta só iria começar depois que amanhecesse, mas agora parecia que Charles de Blois estava se preparando para lutar no coração negro da noite.

— Meu doce Jesus — disse Sir Guillaume, chamado para o alto da torre, ecoando a surpresa de Thomas.

— Os bastardos estão esperando uma luta — disse Robbie, porque os homens de Charlie estavam se alinhando ombro a ombro. Estavam de costas para a cidade e a lua se refletia nas ombreiras que cobriam os ombros dos cavaleiros e tocava as

lâminas de lanças e machados, deixando-os brancos.

— O Dagworth deve estar chegando — disse Sir Guillaume.

— À noite? — perguntou Robbie.

— Por que não? — retorquiu Sir Guillaume, e depois gritou para um de seus soldados lá embaixo para que fosse contar a Totesham o que estava acontecendo.

— Acorde-o — vociferou, quando o homem

quis saber o que deveria fazer se o comandante da guarnição estivesse dormindo.

— É claro que ele não está dormindo — acrescentou ele para Thomas. —

Totesham pode ser uma droga de inglês, mas é um bom soldado.

Totesham não estava dormindo, mas também não estava ciente de que o inimigo estava formado para combate e, depois de atravessar a precária ponte para a torre da igreja de São Barnabé, olhou para as tropas de Charles com a expressão agressiva de sempre.

— Acho que vamos ter que dar uma mãozinha — disse ele.

— Pensei que não aprovasse surtidas além do muro — observou Sir Guillaume, que se irritara com aquela restrição.

— Esta é a batalha que vai nos salvar — disse Totesham. — Se perdermos esta luta, a cidade cairá, e por isso temos de fazer o possível para vencê-la. — Ele parecia desolado, mas depois deu de ombros e voltou-se para a escada da torre.

— Que Deus nos ajude —

disse baixinho enquanto descia para as sombras.

Ele sabia que o exército de socorro de Sir Thomas Dagworth seria pequeno e temia que fosse muito menor do que ele poderia imaginar, mas quando atacasse o acampamento inimigo a guarnição tinha de estar preparada para ajudar. Ele não queria alertar o inimigo para a possibilidade de uma surtida a partir das portas castigadas, e por isso não tocou os sinos da igreja para reunir os soldados, mas enviou homens por todas as ruas para convocar os arqueiros e soldados para a praça do mercado, do lado de fora da igreja de S. Briec. Thomas voltou para a casa de Jeanette e vestiu sua cota de malha, que Robbie trouxera do ataque a Roncelets, e depois colocou o cinto da espada, tendo trabalho com a fivela

porque seus dedos ainda estavam desajeitados para coisas meticulosas como aquela. Pendurou a sacola

de flechas no ombro esquerdo, tirou o arco preto da capa de linho, pôs uma corda sobressalente no morrião e colocou o morrião na cabeça. Estava pronto.

E o mesmo acontecia com Jeanette, pelo que pôde ver. Ela vestia uma cota de malha e um elmo, e Thomas olhou para ela boquiaberto.

— Você não pode participar da surtida! — disse ele.

— Participar da surtida? — Ela parecia surpresa. — Quando vocês todos saírem da cidade, Thomas, quem vai vigiar os muros?

— Oh! — Ele se sentiu um bobo.

Ela sorriu, aproximou-se dele e deu-lhe um beijo.

— Vá — disse ela — e que Deus o acompanhe.

Thomas foi para o mercado. A guarnição estava se reunindo lá, mas o número de seus componentes era desesperadamente pequeno.

Um taberneiro rolou um barril de cerveja para a praça, colocou-lhe uma torneira e deixou que os homens se servissem. Um ferreiro amolava espadas e machados à luz de uma tocha que queimava do lado de fora do alpendre da igreja de S. Brieuç, e sua pedra soava em longas lâminas de aço, o som estranhamente triste na noite. Fazia calor. Morcegos voavam em volta da igreja e mergulhavam nas emaranhadas sombras lançadas pela lua, de uma casa arruinada pelo tiro certo de um trabuco. Mulheres levavam comida para os soldados e Thomas lembrou-se que no ano anterior aquelas mesmas mulheres

tinham

gritado

enquanto

OS

ingleses

entravam

desordenadamente na cidade. Tinha sido uma noite de estupro, roubo e assassinato, mas agora os habitantes da cidade não queriam que os ocupantes fossem embora, e a praça do mercado ficava cada vez mais cheia de gente, à medida que homens da cidade levavam armas improvisadas para ajudar a surtida. A maioria estava armada de

machados que usavam para cortar lenha, embora alguns tivessem espadas ou lanças, e alguns até possuísem armaduras de couro ou cotas de malha. Eles tinham uma grande vantagem numérica sobre a guarnição e pelo menos iriam fazer com que a surtida parecesse contar com um número de respeito.

— Jesus Cristo. — Uma voz rouca falou atrás de Thomas. — Em nome de Cristo, o que é aquilo?

Thomas voltou-se e viu a figura esguia de Sir Geoffrey Carr olhando para o escudo de Robbie, que estava apoiado nos degraus de uma cruz de pedra no centro do mercado. Robbie também se voltou para olhar para o Espantalho, que liderava seus seis homens.

— Parece um monte de excremento esmagado — disse o Espantalho. A voz era arrastada e era evidente que ele passara o anoitecer em uma das muitas tabernas da cidade.

— É meu — disse Robbie.

Sir Geoffrey chutou o escudo.

— Isso daí é a porcaria do coração de Douglas, rapaz?

— É o meu emblema — disse Robbie exagerando o sotaque escocês —, se é a isso que está se referindo.

Homens de todos os lados tinham parado para ouvir.

— Eu sabia que você era escocês — disse o Espantalho, parecendo ainda mais bêbado —, mas não sabia que era o maldito de um Douglas. E que diabo um Douglas está fazendo aqui? — O Espantalho ergueu a voz para atrair os homens

reunidos. — De que lado a porcaria da Escócia está, hein? De que lado? E os malditos Douglas têm lutado contra nós desde que foram expelidos pelo cu do diabo!

O Espantalho cambaleou, depois tirou o chicote do cinto e deixou as voltas se desenrolarem.

— Meu doce Jesus — gritou ele —, essa maldita família tem deixado bons ingleses pobres. Eles são uns malditos ladrões! Espiões!

Robbie arrastou sua espada para soltá-la, e o chicote vibrou, mas Sir Guillaume empurrou Robbie da frente antes que a ponta em forma de garra pudesse cortar-lhe o rosto, e então a espada de Sir Guillaume foi sacada e Thomas estava em pé ao lado de Robbie nos degraus da cruz.

— Robbie Douglas — berrou Sir Guillaume — é meu amigo.

— E meu — disse Thomas.

— Já chega! — Furioso, Richard Totesham abriu caminho na multidão. — Já chega!

O Espantalho apelou para Totesham.

— Ele é o maldito de um escocês!

— Meu Deus, homem — vociferou Totesham —, temos franceses, galeses, flamengos, irlandeses e bretões nesta guarnição. Que diferença isso faz?

— Ele é um Douglas! — insistiu o Espantalho, bêbado. — Ele é inimigo!

— Ele é meu amigo! — gritou Thomas, dispondo-se a lutar com quem quisesse ficar do lado de Sir Geoffrey.

— Chega! — A raiva de Totesham era grande o bastante para encher todo o mercado. — Já temos briga suficiente nas mãos sem nos comportarmos como crianças! Você responde por ele? —

perguntou ele a Thomas.

— Respondo. — Foi Will Skeat quem respondeu. Abriu caminho no meio da multidão e passou um braço no ombro de Robbie. — Eu respondo por ele, Dick.

— Neste caso, Douglas ou não — disse Totesham —, ele não é meu inimigo. — Ele se voltou e afastou-se. — Meu doce Jesus!

O Espantalho ainda estava irritado. Tinha ficado pobre por causa dos Douglas, e ainda estava — o risco que correria indo atrás de Thomas não compensara, porque ainda não tinha encontrado tesouro algum —, e agora todos os seus inimigos pareciam unidos em Thomas e Robbie. Tornou a cambalear, e depois cuspiu na direção de Robbie. — Ponho fogo em homens que usam o coração de Douglas —

disse ele. — Ponho fogo neles!

— E põe mesmo — disse Thomas baixinho.

— Põe fogo neles? — perguntou Robbie.

— Em Durham — disse Thomas, o olhar fixo nos olhos de Sir Geoffrey — ele queimou três prisioneiros.

— Você fez o quê? — perguntou Robbie.

O Espantalho, apesar de bêbado, ficou repentinamente cômico da intensidade da raiva de Robbie, e cômico também de que não conquistara a solidariedade dos homens que estavam no mercado, que preferiam a opinião de Will Skeat à dele. Enrolou o chicote, cuspiu na direção de Robbie e afastou-se com passos incertos.

Agora era Robbie que queria brigar.

— Ei, você! — gritou ele.

— Deixa pra lá — disse Thomas. — Esta noite, não, Robbie.

— Ele pôs fogo em três homens? — perguntou Robbie.

— Esta noite, não — repetiu Thomas e empurrou Robbie com força para trás, a ponto de o escocês cair sentado nos degraus da cruz.

Robbie olhava fixo para o Espantalho que se retirava.

— Ele é um homem morto — disse ele, sério. — Eu lhe digo, Thomas, esse bastardo é um homem morto.

— Nós todos somos homens mortos — disse Sir Guillaume com

calma, porque o inimigo estava pronto para eles e com uma esmagadora superioridade numérica.

E Sir Thomas Dagworth se aproximava da armadilha que eles tinham preparado.

John Hammond, auxiliar de Sir Thomas Dagworth, liderou o ataque simulado que vinha do oeste pela estrada de Lannion. Tinha sessenta homens, a mesma quantidade de mulheres, doze carroças e trinta cavalos, e usava-os para fazer o barulho que fosse possível, assim que chegaram a um ponto do qual dava para ver mais a oeste dos acampamentos do duque Charles.

Fogueiras delineavam os entrincheiramentos e a luz delas aparecia nas pequeninas frestas entre as madeiras da paliçada. Parecia haver uma grande quantidade de fogueiras no acampamento, e acenderam-se muitas outras assim que a pequena força de Hammond começou a bater potes e panelas, bater com varas nas árvores e soprar suas trombetas. Os tambores batiam freneticamente, mas nenhum pânico ficou demonstrado nas defesas de terra. Alguns soldados inimigos apareceram por lá, olharam por uns instantes pela estrada iluminada pelo luar onde os homens e mulheres de Hammond eram sombras debaixo das árvores, depois voltaram-se e foram embora.

Hammond ordenou que seu pessoal fizesse mais barulho ainda, e seus seis arqueiros, os únicos soldados de verdade em sua força de mentira, chegaram mais perto do acampamento e dispararam suas flechas por cima das paliçadas, mas ainda assim não houve reação imediata. Hammond esperava ver homens vindo em grande quantidade do outro lado do rio, cujas margens, segundo os espiões

de Sir Thomas, estavam ligadas por barcos, mas ninguém parecia estar se deslocando entre os acampamentos inimigos. O ataque simulado, ao que parecia, fracassara.

— Se ficarmos aqui — disse um homem —, eles vão nos crucificar.

— E vão mesmo — concordou Hammond com veemência. —

Vamos voltar pela estrada um pouco, só um pouco. Voltar para onde haja mais sombra.

A noite começara muito mal, com o fracasso do assalto simulado, mas os homens de Sir Thomas, os verdadeiros atacantes, tinham feito um progresso melhor do que esperavam e chegaram em frente ao flanco leste do acampamento do duque Charles não muito tempo depois que o grupo de mentira começou sua diversão barulhenta a uns cinco quilômetros a oeste. Os homens de Sir Thomas agacharam-se na margem de um bosque e olharam para o outro lado da terra devastada, para o vulto dos entrincheiramentos mais próximos. A estrada, pálida à luz da lua, ia vazia até uma grande porta de madeira, onde era engolida pelo forte improvisado.

Sir Thomas tinha dividido seus homens em dois grupos que iriam atacar cada um dos lados da porta de madeira. Não haveria nada de sutil no ataque, apenas uma investida pelo escuro e depois um ataque muro acima e matar quem fosse apanhado do outro lado.

— Que Deus lhes dê alegria — disse Sir Thomas a seus homens enquanto caminhava em frente à linha. Sacou da espada e acenou para que o grupo avançasse.

Eles iriam aproximar-se com o máximo de silêncio possível, e Sir Thomas ainda esperava que fosse causar surpresa, mas a luz das fogueiras do lado de lá das defesas parecia ter uma claridade fora do

comum, e ele teve uma sensação desanimadora de que o inimigo estava pronto para recebê-lo. No entanto ninguém apareceu no muro de terra e nenhum quadrelho de besta assobiou no escuro, e então ele teve a ousadia de deixar suas esperanças aumentarem e chegou à vala e atravessou-a pisando no fundo lamacento e espadanando água.

Havia arqueiros à esquerda e à direita, todos subindo desajeitados pela encosta da paliçada. Ainda nenhum disparo de bestas, nenhum toque de trombeta, nenhum inimigo por perto. Os arqueiros estavam na cerca agora, e ela se mostrou mais fraca do que à distância, porque as toras não estavam inteiramente enfiadas no chão e podiam ser derrubadas a pontapés, sem muito esforço. As defesas não eram impressionantes, na verdade parecia não haver defesas, porque

nenhum inimigo os interpelou enquanto os soldados de Sir Thomas atravessavam a vala, espalhando água, as espadas brilhando ao luar.

Os arqueiros acabaram de demolir a paliçada e Sir Thomas passou pisando as madeiras derrubadas e desceu pelo barranco para o acampamento de Charles.

Só que ele não estava dentro do acampamento, mas sim num amplo espaço aberto que levava a outro barranco e outra vala e outra paliçada. O local era um labirinto! Mas ainda assim nenhuma seta voou no escuro, e seus arqueiros corriam na frente outra vez, apesar de alguns soltarem palavrões quando tropeçavam em buracos cavados para pegar patas de cavalos. As fogueiras brilhavam atrás da paliçada seguinte. Onde estavam as sentinelas? Sir Thomas ergueu seu escudo com o símbolo da bainha da folha de trigo e olhou para a esquerda, e viu que seu segundo grupo passava pelo primeiro talude e deslocava-se em grande número em direção ao segundo. Seus arqueiros puxaram a nova paliçada e, como a primeira, ela desabou com

facilidade. Ninguém falava, ninguém gritava ordens, ninguém apelava a São Jorge por uma ajuda, estavam apenas fazendo sua obrigação, mas sem dúvida o inimigo tinha de ouvir as madeiras caindo. Mas a segunda paliçada estava no chão e Sir Thomas acotovelou-se com os arqueiros para passar pela nova brecha e havia uma campina em frente e uma cerca lá no fim, e depois daquela cerca havia as tendas inimigas e aquele moinho no alto com as lonas das pás enroladas e os vultos monstruosos dos dois maiores trabucos, todos iluminados pelas fortes fogueiras. Tão perto agora! E Sir Thomas sentiu uma violenta onda de felicidade, porque conseguira agir de surpresa e o inimigo era dele, e naquele exato momento ouviu o som das bestas.

As setas vieram do seu flanco direito, de um barranco de terra que passava entre o segundo entrincheiramento e a cerca. Arqueiros caíam xingando. Sir Thomas voltou-se em direção aos besteiros que estavam escondidos, e mais setas vieram da espessa cerca em frente e ele percebeu que não havia surpreendido ninguém, que o inimigo estivera à sua espera, e que seus homens gritavam agora, mas pelo menos os primeiros arqueiros estavam respondendo aos disparos. Os longos arcos ingleses brilhavam ao luar, mas Sir Thomas não conseguia ver nenhum alvo e concluiu que os arqueiros atiravam às cegas.

— Para mim! — gritou ele. — Dagworth! Dagworth! Escudos!

Talvez uns seis soldados ouviram e obedeceram, fazendo um aglomerado que unia os escudos que se sobrepunham parcialmente e depois correram desajeitados em direção à cerca. Se penetrarmos por ali, pensou Sir Thomas, pelo menos alguns dos besteiros ficarão visíveis. Arqueiros atiravam para a frente e para o lado, confusos com

as setas do inimigo. Sir Thomas arriscou uma olhadela para o outro lado da estrada e viu que seus outros homens estavam sendo atacados da mesma forma.

— Temos de atravessar a cerca — gritou —, atravessar a cerca!

Arqueiros! Atravessem a cerca!

Uma seta de besta espetou-se no seu escudo e o fez girar um pouco o corpo. Uma outra passou sibilando acima dele. Um arqueiro contorcia-se na grama, a barriga furada por um quadrelo.

Agora havia outros homens gritando. Alguns invocavam São Jorge, outros amaldiçoavam o diabo, alguns gritavam por suas mulheres ou mães. O inimigo colocara suas bestas em formação cerrada e despejava as setas da escuridão. Um arqueiro cambaleou para trás, um quadrelo no ombro. Um outro gritou de dar pena, atingido na virilha. Um soldado caiu de joelhos, gritando: “Jesus!”, e agora Sir Thomas ouvia o inimigo gritar ordens e insultos.

— A cerca! — berrou ele. Atravessar a cerca, pensou, e talvez os arqueiros finalmente tenham alvos nítidos. — Atravessem a cerca! —

gritou, e alguns de seus arqueiros acharam uma brecha tapada apenas com tapumes de vime, derrubaram as barreiras a pontapés e passaram por ela.

A noite parecia viva de tantas setas, violenta como elas, e um homem gritou para que Sir Thomas olhasse para trás. Ele se virou e viu que o inimigo enviara dezenas de besteiros para cortar-lhe a retirada e que uma nova força empurrava os homens de Sir Thomas para o centro do acampamento. Tinha sido uma armadilha, pensou, uma maldita armadilha. Charles quisera que ele entrasse no acampamento, ele aceitara e agora os homens de Charles enroscavam-se à sua volta. Por isso, lute, disse a si mesmo, lute!

— Atravessem a cerca! — berrou Sir Thomas. — Atravessem a maldita cerca!

Ele se esquivava pelos corpos de seus homens, atravessou a brecha e procurou um inimigo para matar, mas em vez disso viu que os soldados de Charles tinham formado uma linha de combate, todos com armaduras, viseiras arriadas e escudos erguidos. Alguns arqueiros atiravam neles agora, as longas flechas penetrando em escudos, barrigas, peitos e pernas, mas o número de arqueiros era muito pequeno, e os besteiros, ainda escondidos por cercas, muros ou paveses, estavam matando os arqueiros ingleses.

— Reagrupem-se no moinho! — gritou Sir Thomas, porque aquele era o marco mais destacado. Ele queria reunir seus homens, formá-los em fileiras e começar a lutar de forma adequada, mas as bestas apertavam o cerco, centenas delas, e seus homens, amedrontados, espalhavam-se para as tendas e os abrigos.

Sir Thomas praguejou de plena frustração. Os sobreviventes do outro grupo de assalto estavam com ele agora, mas todos os homens estavam enredados nas tendas, tropeçando em cordas, e as setas de bestas ainda disparavam pela escuridão, rasgando a lona enquanto acertavam na moribunda força de Sir Thomas.

— Formem aqui! Formem aqui! — berrava ele, escolhendo um espaço aberto entre três tendas, e talvez uns vinte ou trinta homens correram em sua direção, mas os besteiros os viram e despejaram suas setas nos becos escuros entre as tendas, e então os soldados inimigos chegaram, escudos erguidos, e os arqueiros ingleses tornaram a se espalhar, tentando achar um lugar vantajoso para tomar fôlego, achar alguma proteção e procurar alvos. Os grandes estandartes dos senhores franceses e bretões estavam sendo levados à frente e Sir

Thomas, reconhecendo que cometera o erro de cair naquela armadilha e fora compreensivelmente derrotado, sentiu uma onda de raiva.

— Matem os bastardos! — gritou ele e liderou seus homens contra o inimigo mais próximo, as espadas tiniram no escuro, e pelo menos, agora que era um corpo-a-corpo, os besteiros não podiam atirar contra os soldados ingleses. Em vez disso, os genoveses estavam caçando os odiados arqueiros ingleses, mas alguns destes tinham encontrado um estacionamento de carroças e, protegidos pelos veículos, finalmente reagiam.

Mas Sir Thomas não tinha abrigo e não tinha vantagem alguma.

Tinha uma pequena força e o inimigo, uma grande força, e seus homens estavam

sendo obrigados a recuar pela simples pressão dos números. Escudos chocavam-se com escudos, espadas martelavam elmos, lanças passavam por baixo de escudos para penetrar em botas, um bretão brandiu um machado derrubando dois ingleses e deixando entrar uma onda de homens usando o emblema de arminho branco que gritaram de triunfo e derrubaram ainda mais ingleses. Um soldado soltou um grito quando machados penetraram na malha que lhe cobria as coxas, e então um outro machado abateu-se contra o seu elmo e ele se calou. Sir Thomas cambaleou para trás, aparando um golpe de espada, e viu alguns de seus homens correndo para os espaços escuros entre as tendas à procura de refúgio. As viseiras deles estavam abaixadas e eles praticamente não conseguiam ver para onde iam ou o inimigo que vinha para matá-los. Ele cortou com a espada um homem com um elmo com protetor de nariz, golpeou com a lâmina para trás, batendo num escudo com listras amarelas e pretas, deu um passo para trás para fazer espaço para um outro golpe e então

seus pés foram enredados pelas cordas de retenção de uma tenda e ele caiu de costas na lona.

O cavaleiro com o elmo com protetor de nariz ficou em pé olhando para ele, a armadura brilhando à luz da lua e a espada encostada na garganta de Sir Thomas.

— Eu me rendo — disse Sir Thomas depressa, repetiu a rendição em francês.

— E você é? — perguntou o cavaleiro.

— Sir Thomas Dagworth — disse Sir Thomas com amargor e estendeu a espada para o inimigo, que pegou a arma e ergueu a viseira com focinho.

— Eu sou o visconde Morgat — disse o cavaleiro — e aceito sua rendição.

Ele fez uma mesura para Sir Thomas, devolveu a espada e estendeu a mão para ajudar o inglês a se levantar. A luta continuava, mas agora era esporádica, enquanto os franceses e os bretões caçavam os sobreviventes, matavam os feridos que não valiam um pedido de resgate e martelavam as próprias carroças com setas de bestas para matar os arqueiros ingleses que ainda se protegiam lá.

O visconde Morgat escoltou Sir Thomas até o moinho, onde o apresentou a Charles de Blois. Uma grande fogueira ardia a poucos metros dali, e à luz dela Charles estava de pé embaixo das velas das pás enroladas com o gibão manchado de sangue, porque ele ajudara a derrotar o bando de soldados de Sir

Thomas. Ele embainhou a espada, ainda suja de sangue, tirou o elmo enfeitado com plumas e olhou para o prisioneiro que por duas vezes o derrotara em combate.

— Eu me compadeço de você — disse Charles com frieza.

— E eu congratulo vossa excelência — disse Sir Thomas.

— A vitória pertence a Deus — disse Charles —, não a mim — e no entanto ao mesmo tempo sentiu um súbito regozijo, porque tinha conseguido! Ele derrotara o exército de campo inglês na Bretanha e agora, tão certo quanto o abençoado amanhecer segue-se à mais escura das noites, o ducado passaria às suas mãos. — A vitória pertence apenas a Deus — repetiu, piedoso, e lembrou-se que era, agora, muito cedo na manhã de domingo, e voltou-se para um padre para dizer que mandasse cantar um Te Deum dando graças por aquela grande vitória.

E o padre sacudiu a cabeça, olhos arregalados, embora o duque ainda não lhe tivesse falado coisa alguma, e então resfolegou, e Charles viu que havia uma flecha de um comprimento fora do comum na barriga do homem, e então outra haste com penas brancas penetrou no flanco do moinho e um grunhido rouco, quase bestial, veio do escuro.

Porque embora Sir Thomas tivesse sido capturado e seu exército derrotado por completo, a batalha, ao que parecia, ainda não terminara.

Richard Totesham assistia à luta entre os homens de Sir Thomas e as forças de Charles do alto da torre da porta leste. Ele não conseguia ver muita coisa daquele ponto, porque as paliçadas em cima do entrincheiramento, os dois grandes trabucos e o moinho obscureciam uma grande parte da batalha, embora estivesse abundantemente claro que ninguém saía dos outros três acampamentos franceses para ajudar Charles na fortaleza dele, que era a maior de todas.

— Era de pensar que buscassem auxiliar-se uns aos outros — disse a Will Skeat, que estava de pé ao seu lado.

— É você, Dick? — exclamou Will Skeat.

— Sou eu, sim, Will — disse Totesham, paciente. Ele viu que Skeat estava vestindo uma cota de malha e tinha uma espada ao lado, e pôs a mão no ombro do velho amigo. — Ora, você não vai lutar esta noite, Will, vai?

— Se vai ter briga — disse Skeat —, eu gostaria de ajudar.

— Deixe isso para os jovens, Will — insistiu Totesham —, deixe isso para os jovens. Você fica e protege a cidade para mim. Está bem?

Skeat confirmou com a cabeça e Totesham voltou-se para olhar para o acampamento do inimigo. Era impossível dizer que lado estava ganhando, porque os únicos soldados que ele conseguia ver pertenciam ao inimigo e estavam de costas para ele, embora de vez em quando uma flecha que voava refletisse o clarão da fogueira como

prova de que os homens de Sir Thomas ainda lutavam, mas Totesham considerava um mau sinal o fato de não haver tropas vindo das outras fortalezas para ajudar Charles de Blois. Aquilo dava a entender que o duque não precisava de ajuda, o que, por sua vez, sugeria que Sir Thomas Dagworth precisava, e por isso Totesham debruçou-se no parapeito interno.

— Abram a porta! — gritou ele.

Ainda estava escuro. Faltavam duas ou mais horas para o amanhecer, mas a lua estava brilhante e as fogueiras do acampamento inimigo projetavam uma luz berrante. Totesham desceu rápido a escada das defesas enquanto homens tiravam os barris cheios de pedras que tinham formado uma barricada do lado de dentro da entrada, e depois erguiam a grande tranca que não tinha sido mexida durante um mês. As portas rangeram ao se abrirem e os homens que esperavam ovacionaram. Totesham desejou que eles tivessem ficado calados, porque não queria alertar o inimigo para o fato de que a guarnição ia fazer uma surtida, mas agora era tarde demais, e por isso achou a sua tropa de soldados e liderou-os para juntarse à onda de soldados e habitantes da cidade que se despejou pela porta.

Thomas foi ao ataque ao lado de Robbie e Sir Guillaume e seus dois soldados. Will Skeat, apesar da promessa a Totesham, quis ir com eles, mas Thomas o empurrou para as defesas e pediu que ficasse assistindo à luta de lá.

— Você ainda não está em condições, Will — insistiu Thomas.

— Você é quem manda, Tom — concordou Skeat, submisso, e subiu a escada. Thomas, assim que passou pela porta, olhou para trás e viu Skeat na torre da porta. Ergueu a mão, mas Skeat não o viu ou,

se viu, não o reconheceu.

Era uma sensação estranha estar do lado de fora das portas que estavam trancadas há tanto tempo. O ar era mais puro, sem o fedor do esgoto da cidade. Os atacantes pegaram a estrada que seguia reta por trezentos passos antes de desaparecer embaixo da paliçada que protegia as plataformas de madeira sobre as quais Infernal e Fazedor de Viúvas estavam montados. Aquela paliçada era mais alta do que um homem alto, e alguns dos arqueiros levavam escadas para ultrapassar o obstáculo, mas Thomas concluiu que as paliçadas tinham sido feitas às pressas e talvez caíssem com um bom empurrão.

Ele correu, ainda desajeitado com os dedos dos pés retorcidos.

Esperava que as bestas comessem a atirar a qualquer momento, mas nenhuma seta saiu do entrincheiramento de Charles; o inimigo, ao que Thomas supôs, estava ocupado com os homens de Dagworth.

Então, os primeiros dos arqueiros de Totesham alcançaram a paliçada e as escadas foram levantadas, mas, tal como Thomas imaginara, todo um pedaço da pesada cerca desabou com um estalo quando homens puseram seu peso nas escadas. As barreiras e paliçadas não tinham sido construídas para impedir a entrada de homens, mas para proteger os besteiros, embora estes ainda não soubessem que uma surtida havia partido da cidade, e por isso a barreira estava sem defesa.

Quatrocentos ou quinhentos homens atravessaram a paliçada caída. A maioria não era de soldados treinados, mas gente da cidade que ficara enraivecida com a queda de projéteis do inimigo em cima de suas casas. Suas mulheres e seus filhos tinham sido mutilados e mortos pelos trabucos e os homens de La Roche-Derrien queriam vingança, assim como queriam manter a prosperidade causada pela

ocupação inglesa, e por isso gritavam enquanto se derramavam pelo acampamento inimigo.

— Arqueiros! — gritou Totesham com voz de trovão. —

Arqueiros, aqui! Arqueiros!

Sessenta ou setenta arqueiros correram para obedecer, fazendo uma linha ao sul

das plataformas onde estavam montados os dois maiores trabucos. O resto da surtida atacava o inimigo que já não estava formado em sua linha de combate, mas espalhara-se em pequenos grupos que estavam tão concentrados em completar a vitória sobre Sir Thomas Dagworth que não tinham vigiado a retaguarda. Agora eles se voltaram, alarmados, quando um rugir animal anunciou a chegada da guarnição.

— Matem os bastardos! — gritou um habitante da cidade em bretão.

— Matem! — berrou uma voz inglesa.

— Nada de prisioneiros! — gritou outro homem, e apesar de Totesham, temendo a perda de resgates, gritar que era preciso fazer prisioneiros, ninguém o ouviu no barulho selvagem que os atacantes faziam.

Os soldados de Charles formaram instintivamente uma linha, mas Totesham, preparado para ela, tinha reunido seus arqueiros e agora lhes ordenava que atirassem: os arcos começaram a sua música do diabo e as flechas sibilavam no escuro para se enfiarem em malha, carne e osso. Os arqueiros eram poucos, mas disparavam a pouca distância, não podiam errar, e os homens de Charles encolhiam-se atrás dos escudos enquanto os projéteis atingiam o alvo, mas as flechas perfuravam escudos com facilidade, e os soldados se dispersaram e espalharam-se para procurar abrigo entre as tendas.

— Cacem-nos! Cacem-nos! — Totesham liberou seus arqueiros para a matança.

Menos de cem dos homens de Sir Thomas Dagworth ainda estavam lutando e a maioria deles eram os arqueiros que tinham caído no terreno destinado às carroças. Outros tinham sido feitos prisioneiros, muitos estavam mortos, enquanto grande parte tentava fugir pelos entrincheiramentos e paliçadas, mas estes, ao ouvirem o grande alarido atrás deles, voltaram. Os homens de Charles estavam espalhados: muitos ainda caçavam os remanescentes do primeiro ataque e aqueles que tinham tentado resistir à surtida de Totesham estavam mortos ou fugindo para as sombras. Os homens de Totesham chegavam agora ao centro do acampamento com a selvageria de uma tempestade. Os habitantes da cidade estavam cheios de raiva. Não havia sutileza no seu assalto, só uma sede de vingança enquanto passavam pelos dois grandes trabucos. As primeiras cabanas que encontraram foram os abrigos dos engenheiros bávaros que, não querendo participar da carnificina que estava liquidando os sobreviventes do assalto de Sir

Thomas Dagworth, tinham permanecido em seus alojamentos, e foi ali que eles morreram. Os habitantes da cidade não faziam idéia de quem eram as suas vítimas, só de que elas eram o inimigo e por isso eram abatidas com machados, picaretas e martelos. O engenheiro-chefe tentou proteger o filho de onze anos, mas os dois morreram juntos sob um furor de golpes, e enquanto isso os soldados ingleses e flamengos passavam correndo.

Thomas disparara o seu arco com os outros arqueiros, mas agora procurava Robbie, que ele vira pela primeira vez perto dos dois grandes trabucos. O Fazedor de Viúvas tinha sido arriado, pronto para

lançar o primeiro projétil ao amanhecer, e Thomas tropeçou num resistente pino de metal que se erguia a um metro da viga e funcionava como âncora para a funda. Ele praguejou, porque o metal lhe machucara as canelas, e depois trepou na armação do trabuco e disparou uma flecha por cima da cabeça dos homens que abatiam os bávaros. Ele estivera mirando no inimigo ainda reunido aos pés do moinho e viu um homem cair antes de os vistosos escudos serem erguidos. Atirou de novo e percebeu que suas mãos feridas estavam fazendo o que sempre tinham feito, e fazendo muito bem, e por isso tirou uma terceira flecha da sacola e meteu-a num escudo iluminado pintado com um arminho branco, e então os soldados ingleses e seus aliados estavam subindo o morro e toldando a sua mira, de modo que ele pulou do trabuco e retomou a busca por Robbie.

O inimigo defendia o moinho com denodo, e a maioria dos homens de Totesham tinha se desviado em direção às tendas, onde tinham mais esperança de encontrar butim. Os homens da cidade, seus algozes bávaros mortos, iam atrás, com machados sujos de sangue. Um homem de armadura saiu de trás de uma tenda e investiu contra um homem com uma espada, fazendo-o dobrar-se à altura da cintura, e Thomas não pensou, mas encaixou uma flecha na corda, puxou e soltou. A flecha passou pela fresta da viseira do homem com perfeição, como se Thomas estivesse atirando contra os troncos de árvore em casa, e sangue envernizado pelo luar, brilhando como uma jóia, escorreu das frestas da viseira enquanto o homem caía de costas na lona.

Thomas continuou a correr, passando por cima de corpos, contornando tendas quase derrubadas. Não era lugar para um arco, tudo estava muito atravancado, e por isso ele pendurou a vara de

teixo no ombro e sacou a espada. Abaixou-se para entrar numa tenda, passou por

cima de um banco caído, ouviu um grito e voltou-se, espada erguida, e viu uma mulher no chão, meio escondida por roupas de cama, abanando a cabeça para ele. Ele a deixou lá, saiu para a noite iluminada pelas fogueiras e viu um inimigo mirando uma besta nos soldados ingleses que atacavam o moinho. Deu dois passos e golpeou o homem por trás, à altura dos rins, e a vítima arqueou a espinha ferida, contorceu-se e estremeceu. Thomas, puxando a espada para soltá-la, ficou tão aterrorizado pelo barulho que o moribundo fazia, que golpeou repetidas vezes, cortando o homem caído, que estrebuchava, para fazê-lo calar-se.

— Ele está morto! Cristo, rapaz, ele está morto! — gritou Robbie para ele, e depois agarrou-lhe a manga do gibão e puxou-o em direção ao moinho. Thomas tirou o arco do ombro e acertou dois homens que usavam o emblema do arminho branco em seus gibões. Eles tentavam fugir, descendo pelo lado de trás do morro. Um cachorro passou veloz pelo rebordo da ladeira, tendo nas mandíbulas algo vermelho que pingava. Havia duas grandes fogueiras em cima do morro, flanqueando o moinho, e um soldado caiu de costas numa delas, levado até lá pelo golpe de uma flecha inglesa. Fagulhas explodiram para cima quando ele caiu, e então ele começou a gritar enquanto sua carne era torrada dentro da armadura. Tentou sair cambaleando das chamas, mas um homem da cidade empurrou-o de volta com o cabo de uma lança e riu dos gritos desesperados do homem. O barulho do choque de espadas, escudos e machados era enorme, enchia a noite, mas no estranho caos havia uma área tranquila atrás do moinho. Robbie tinha visto um homem esgueirar-se por uma pequena porta e puxou Thomas naquela direção.

— Ele está se escondendo ou fugindo! — gritou Robbie. — Deve ter dinheiro!

Thomas não sabia muito bem do que Robbie estava falando, mas mesmo assim acompanhou-o; só teve tempo de colocar o arco no ombro e sacar da espada uma segunda vez antes de Robbie derrubar a porta com o ombro coberto por malha e mergulhar na escuridão.

— Venha cá, seu bastardo inglês! — berrou ele.

— Você quer ser morto? — gritou Thomas para ele. — Você está lutando em favor dos malditos ingleses!

Robbie praguejou ao ouvir aquele lembrete, e então Thomas viu uma sombra à

sua direita, apenas uma sombra, e brandiu a espada naquela direção. Ela tilintou contra uma outra espada e Robbie estava gritando no poeirento escuro e o homem gritava com eles em francês e Thomas recuou, mas Robbie golpeou com a espada uma vez, duas, e a lâmina cortou osso e carne e ouviu-se um barulho quando um homem de armadura caiu na mó superior.

— Que diabo ele estava me dizendo? — quis saber Robbie.

— Ele estava tentando se render.

Uma voz falou, vinda do outro lado do moinho, e Thomas e Robbie voltaram-se rápido na direção do som, as espadas batendo contra a confusão de madeira de barrotes, vigas, rodas denteadas e eixos, e então o homem invisível tornou a falar.

— Epa, rapazes, epa! Eu sou inglês.

Ouviu-se um baque surdo quando uma flecha atingiu a parede externa. As velas enroladas davam puxões nas cordas que as prendiam e faziam com que a maquinaria de madeira estalasse e tremesse. Mais flechas cravaram-se nas tábuas.

— Eu sou um prisioneiro — disse o homem.

— Agora não é mais — disse Thomas.

— Acho que não. — O homem trepou pelas mós e abriu a porta e Thomas viu que ele era um homem de meia-idade e de cabelos grisalhos. — O que está acontecendo? — perguntou o homem.

— Nós estamos estripando os diabos — disse Robbie.

— Deus queira que estejam. — O homem voltou-se e estendeu a mão para Robbie. — Eu sou Sir Thomas Dagworth e agradeço a vocês dois.

Ele sacou da espada e abaixou-se para sair para a noite enluarada, e Robbie olhou firme para Thomas.

— Você ouviu isso?

— Ele agradeceu — disse Thomas.

— É, mas ele disse que era Sir Thomas Dagworth!

— Então, talvez seja.

— E então, que diabo estava fazendo aqui? — perguntou Robbie antes de segurar o homem que ele tinha matado e, com muito esforço e com o tilintar de armadura contra pedra e madeira, arrastou-o para a porta, onde as fogueiras proporcionavam iluminação. O homem havia tirado o elmo e a espada de Robbie lhe rachara o crânio, mas sob o sangue havia o brilho de ouro e Robbie arrastou uma corrente de debaixo do peitoral do homem.

— Ele deve ter sido um homem importante — disse Robbie, observando a corrente de ouro, e sorriu para Thomas. — Nós vamos dividir mais tarde, hein?

— Dividir?

— Nós somos amigos, não somos? — perguntou Robbie, e enfiou o ouro embaixo de sua cota de malha antes de jogar o corpo de volta para o moinho. — Uma armadura valiosa aquela — disse ele. —

Vamos voltar depois que tudo acabar e esperar que nenhum bastardo a tenha roubado.

Havia agora um horror confuso e sangrento no acampamento.

Sobreviventes do ataque de Sir Thomas Dagworth ainda lutavam, notadamente os arqueiros no terreno das carroças, mas, à medida que a guarnição da cidade precipitava-se pelas tendas, libertava prisioneiros ou tirava outros sobreviventes dos lugares escuros onde tinham estado escondidos. Os besteiros de Charles, que poderiam ter detido o ataque da guarnição, em sua maioria estavam lutando contra os arqueiros ingleses no terreno das carroças. Os genoveses usavam seus imensos pavesees como abrigo, mas os novos atacantes vinham por trás e os besteiros não tinham onde se esconder enquanto as longas flechas sibilavam pela noite. Os arcos de guerra cantavam sua melodia do diabo, dez flechas voando para cada quadrelo disparado, e os besteiros não podiam resistir à matança. Eles fugiram.

Os arqueiros vitoriosos, reforçados, àquela altura, pelos homens que tinham se

escondido entre as carroças, voltaram-se para os abrigos e tendas onde uma brincadeira mortal de esconde-esconde estava sendo encenada nas avenidas às escuras entre as paredes de lona, mas então um arqueiro galês descobriu que o inimigo podia ser expulso se tocassem fogo nas tendas. Em pouco tempo havia fumaça e chamas sendo vomitadas por todo o acampamento e soldados inimigos corriam dos incêndios para as flechas e lâminas dos incendiários.

Charles de Blois se retirara do moinho, reconhecendo que sua posição em cima do morro fazia com que ele chamasse atenção, e tentara reunir alguns cavaleiros em frente de sua suntuosa tenda, mas uma onda avassaladora de habitantes da cidade atropelara aqueles

cavaleiros e Charles ficou olhando, horrorizado, enquanto açougueiros, tanoeiros, carpinteiros de rodas e instaladores de colmo massacravam seus superiores com machados, cutelos de açougueiros e foices. Ele se retirara às pressas para dentro de sua tenda, mas agora um de seus servidores puxou-o, sem cerimônia, para a entrada dos fundos.

— Por aqui, excelência.

Charles livrou-se da mão do homem.

— Aonde podemos ir? — perguntou ele em tom de lamentação.

— Nós iremos para o campo sul, excelência, e vamos buscar homens para nos ajudar.

Charles fez um gesto afirmativo com a cabeça, refletindo que ele mesmo deveria ter dado a ordem naquele sentido e lamentando sua insistência para que nenhum de seus homens deixasse seus acampamentos. Bem mais da metade do seu exército estava nos outros três acampamentos, todos perto dali e todos ansiosos por lutar e mais do que capazes de acabar com aquela turba desorganizada, e no entanto eles estavam obedecendo às suas ordens e mantendo-se quietos enquanto o acampamento dele era passado na espada.

— Onde está o meu trombeteiro? — perguntou ele.

— Senhor? Eu estou aqui, excelência! Estou aqui. — O

trombeteiro sobrevivera milagrosamente à luta e permanecera perto de seu

senhor.

— Dê os sete toques — ordenou Charles.

— Aqui, não! — disse um padre, ríspido, e quando Charles pareceu ofendido, deu uma rápida explicação. — Vai atrair o inimigo, excelência. Depois de dois toques, eles vão cair em cima de nós como cães de caça!

Charles reconheceu a sabedoria do conselho com um curto gesto da cabeça. Doze cavaleiros estavam com ele naquele momento e faziam uma força de respeito naquela noite de combate desigual. Um deles deu uma espiada da tenda e viu labaredas cortando o céu e percebeu que as tendas do duque seriam incendiadas dali a pouco.

— Temos de ir embora, excelência — insistiu —, temos de procurar nossos cavalos.

Eles saíram da tenda, andando depressa pelo trecho de grama batida onde as sentinelas do duque costumavam ficar, e então uma flecha veio adejando do escuro para resvalar num peitoral. Gritos ficaram subitamente altos e uma onda de homens veio da direita e por isso Charles recuou para a sua esquerda, o que o levou de volta morro acima, em direção ao moinho iluminado pelas fogueiras, e então um grito anunciou que ele tinha sido avistado e as primeiras flechas cortaram morro acima.

— Trombeteiro! — gritou Charles. — Sete toques! Sete toques!

Charles e seus homens, impedidos de chegarem até seus cavalos, agora estavam de costas para a base do moinho, que estava espetado com dezenas de flechas com penas brancas. Uma outra flecha espetou um homem à altura da cintura, perfurando sua cota de malha, furando a barriga e a malha das costas, para espetá-lo nas tábuas do moinho, e então uma voz inglesa gritou para que os arqueiros parassem de atirar.

— É o duque deles! — berrou o homem —, é o duque deles!

Queremos ele vivo! Parem de atirar! Abaixem os arcos!

A notícia de que Charles de Blois estava encurralado no moinho provocou um grunhido por parte dos atacantes. As flechas pararam de voar e os soldados

batidos e sangrando de Charles que defendiam

o morro olharam para baixo e viram, logo depois da luz das duas fogueiras do moinho, uma massa de criaturas escuras rondando como lobos.

— Que Deus nos ajude — disse um padre com terror na voz.

— Trombeteiro! — disse Charles de Blois com brusquidão.

— Senhor — respondeu o trombeteiro.

Ele

tinha

encontrado

bocal

de

seu

instrumento

misteriosamente entupido de terra. O homem devia ter caído, embora ele não se lembrasse disso. Sacudiu os últimos grãos de terra do bocal de prata e levou a trombeta à boca e o primeiro toque soou doce e alto na noite. O duque sacou da espada. Ele tinha apenas que defender o moinho o tempo suficiente para que os reforços viessem dos outros acampamentos e varrer aquela impertinente ralé para o inferno. A segunda nota da trombeta soou.

Thomas ouviu a trombeta, voltou-se e viu o brilho de prata ao lado do moinho, depois viu o reflexo da luz das chamas caindo da campânula do instrumento quando o trombeteiro ergueu-o em direção à lua pela terceira vez. Thomas não tinha ouvido ordem nenhuma para parar de disparar flechas, e por isso puxou a corda de seu arco, torceu a mão esquerda uma fração para cima e soltou. A flecha disparou por cima da cabeça dos soldados ingleses e atingiu o trombeteiro no exato momento em que ele tomava fôlego para o terceiro toque, e o ar saiu chiando e borbulhando de seu pulmão perfurado enquanto ele caía de lado na turfa. As coisas escuras que rondavam na base do morro viram o homem cair e, de repente, atacaram.

Nenhuma ajuda chegou a Charles das três fortalezas restantes.

Eles tinham ouvido dois toques de trombeta, mas apenas dois, e

imaginaram que Charles devia estar ganhando; além do mais, tinham ordens dele, estritas e constantemente repetidas, para que ficassem onde estavam, sob pena de serem prejudicados quando as terras conquistadas fossem distribuídas entre os vencedores. Por isso ali ficaram, vendo a fumaça sair das labaredas e perguntando-se o que se passava no grande acampamento do leste.

Acontecia o caos. Aquela luta, reconhecia Thomas, era parecida com o ataque a Caen: não planejada, desordenada e extremamente brutal. Os ingleses e seus aliados tinham ficado irritados, nervosos, esperando a derrota, enquanto os homens de Charles tinham esperado a vitória — na verdade, tinham conquistado a vitória inicial

—, mas agora o nervosismo inglês estava se transformando num assalto, enlouquecido, sangrento, rancoroso e os franceses e bretões estavam sendo aterrorizados. Ouviu-se um barulho dissonante quando soldados ingleses

chocaram-se com os homens de Charles que defendiam o moinho. Thomas quis participar daquela luta, mas de repente Robbie deu um puxão na manga de sua cota de malha.

— Olhe! — Robbie apontava para as tendas em chamas.

Robbie tinha visto três homens a cavalo com casacos pretos lisos e com eles, a pé, um dominicano. Thomas viu as túnicas brancas e pretas e seguiu Robbie através das tendas, pisando uma peça de lona azul e branca que tinha sido derrubada, passando por um estandarte caído, correndo entre duas fogueiras e depois atravessando um espaço aberto que rodopiava com fumaça e retalhos de tecidos que voavam em chamas. Uma mulher, com um vestido quase arrancado do corpo, gritou e atravessou correndo na frente deles e um homem espalhou fogo com as botas enquanto a perseguia até dentro de uma cabana com telhado de turfa. Por um instante, eles perderam o padre de

vista, e depois Robbie tornou a ver as túnicas pretas e brancas: o dominicano tentava montar num cavalo sem sela que os homens de casaco preto seguravam para ele. Thomas puxou o arco, disparou a flecha e viu-a enterrar-se até as penas no peito do cavalo; o animal empinou, patas amarelas debatendo-se, e o dominicano caiu de costas. Os homens de casaco preto fugiram a galope da ameaça do arco e o padre, abandonado, voltou-se e viu seus perseguidores e Thomas reconheceu de Taillebourg, o torturador de Deus. Thomas berrou um desafio e tornou a armar o arco, mas de Taillebourg correu para algumas tendas que restavam. Um besteiro genovês surgiu de repente, os viu, ergueu sua arma e Thomas soltou a corda. A flecha cortou a garganta do homem, derramando sangue pela túnica vermelho e verde. A mulher gritou dentro do abrigo, depois foi abruptamente silenciada enquanto Thomas seguia Robbie para onde o inquisidor tinha desaparecido por entre as tendas. A aba da porta de uma delas ainda balançava e Robbie, espada desembainhada, empurrou a lona para o lado e curvou-se para entrar no que se revelou ser uma capela.

De Taillebourg estava em pé junto ao altar com o frontal branco da Páscoa. Um crucifixo estava em cima do altar entre duas velas bruxuleantes. O acampamento lá fora era um tumulto de gritos, dor e flechas, de cavalos choramingando e homens gritando, mas estava estranhamente calmo na capela improvisada.

— Seu bastardo. — Thomas sacou da espada e avançou contra o dominicano. — Seu maldito, fedorento, cara de excremento, pedaço de merda sacerdotal.

Bernard de Taillebourg estava com uma das mãos sobre o altar.

Ele ergueu a outra para fazer o sinalda-cruz.

— *Dominus vobiscum* — disse ele na sua voz grave. Uma flecha raspou o teto da tenda com um som agudo de arranhar, uma outra atravessou uma parede lateral e caiu atrás do altar.

— O Vexille está com você? — perguntou Thomas.

— Que Deus o abençoe, Thomas — disse de Taillebourg. Ele estava com uma expressão ameaçadora, resoluta, olhos duros, e fez o sinalda-cruz em direção a Thomas, e então recuou quando Thomas ergueu a espada.

— O Vexille está com você? — tornou a perguntar Thomas.

— Você o está vendo? — perguntou o dominicano, correndo os olhos pela capela, e depois sorriu. — Não, Thomas, ele não está aqui.

Ele foi para a escuridão. Foi buscar ajuda, e você não pode me matar.

— Me dê um motivo — disse Robbie —, porque você matou meu irmão, seu bastardo.

De Taillebourg olhou para o escocês. Ele não reconheceu Robbie, mas viu a raiva e deu a ele a mesma bênção que dera a Thomas.

— Você não pode me matar — disse ele depois de fazer o sinalda-cruz — porque eu sou padre, meu filho, porque eu sou ungido de Deus, e sua alma será condenada por todos os tempos se você até mesmo tocar em mim.

A reação de Thomas foi dar uma estocada com a espada contra a barriga de Bernard de Taillebourg, obrigando o padre a recuar rápido contra o altar. Um homem gritou do lado de fora, o som falhando e diminuindo, acabando num soluçar. Uma criança chorou inconsolável, a respiração sendo feita com grandes arfadas, e um cachorro latiu desvairadamente. A luz das tendas em chamas era avermelhada contra as paredes de lona da capela.

— Você é um bastardo — disse Thomas — e eu não me importo

se matar você pelo que você me fez.

— O que eu fiz! — A raiva de de Taillebourg brilhou como as fogueiras lá de fora. — Eu não fiz nada! — Ele agora falava em francês. — Seu primo implorou para que eu o poupasse do pior, e foi o que fiz. Um dia, disse ele, você ficaria do lado dele! Um dia você iria passar para o lado do Graal! Um dia ficaria do lado de Deus, e por isso eu o poupei, Thomas. Eu lhe deixei os olhos! Eu não queimei os seus olhos!

— Eu terei prazer em matá-lo — disse Thomas, embora na verdade estivesse nervoso por estar atacando um padre. O céu estaria vendo e a pena do anjo encarregado dos registros estaria escrevendo letras de fogo num grande livro.

— E Deus te ama, meu filho — disse de Taillebourg com delicadeza —, Deus te ama. E Deus castiga a quem ele ama.

— O que é que ele está dizendo? — interrompeu Robbie.

— Ele está dizendo que se nós o matarmos — disse Thomas —
nossas almas serão condenadas.

— Até que outro padre retire a condenação — disse Robbie. —

Não tem um pecado sobre a Terra que algum padre não perdoe se o preço estiver certo. Por isso pare de falar com o bastardo e mate-o. —

Ele avançou contra de Taillebourg, espada erguida, mas Thomas o conteve.

— Onde está o livro de meu pai? — perguntou Thomas ao padre.

— O seu primo está com ele — respondeu de Taillebourg. — Eu juro, o seu primo está com ele.

— Pois então, onde está meu primo?

— Eu lhe disse, ele foi buscar ajuda — disse de Taillebourg — e agora você também tem de ir, Thomas. Você tem que me deixar aqui

para rezar.

Thomas quase obedeceu, mas aí lembrou-se de sua patética gratidão para com aquele homem quando ele parara a tortura, e a lembrança daquela gratidão foi tão vergonhosa, tão dolorosa, que de repente ele estremeceu e, quase sem pensar, brandiu a espada contra o padre.

— Não! — gritou de Taillebourg, o braço esquerdo cortado até o osso no ponto em que ele tentara defender-se da espada de Thomas.

— Sim — disse Thomas, e a raiva o estava consumindo, enchendo-o, e ele golpeou de novo, e Robbie estava ao seu lado, dando estocadas com a espada, e Thomas golpeou uma terceira vez, mas com um gesto tão largo que a espada ficou presa no teto da tenda.

De Taillebourg cambaleava.

— Vocês não podem me matar! — gritou ele. — Eu sou padre!

Ele berrou a última palavra e ainda gritava quando Robbie cortoulhe o pescoço com a espada de Sir William Douglas. Thomas desprende sua espada. De Taillebourg, a frente da batina ensopada de sangue, olhava para ele perplexo, e então o padre tentou falar e não conseguiu, e o sangue se espalhava pelo trançado de sua vestimenta com uma rapidez extraordinária. Ele caiu de joelhos, ainda tentando falar, e o golpe de espada de Thomas pegou-o no outro lado do pescoço, e mais sangue jorrou para lançar pingos sobre o frontal branco do altar. De Taillebourg ergueu os olhos, dessa vez com perplexidade no rosto, e então o último golpe de Thomas matou o dominicano, arrancando a traquéia do pescoço. Robbie teve de dar um pulo para trás para evitar o borrico de sangue. O padre contorceu-se e na agonia da morte sua mão esquerda puxou o frontal ensopado

de sangue, arrancando-o do altar, derrubando velas e crucifixo. Ele fez um ruído de chocalhar, contorceu-se e ficou imóvel.

— Isso foi bom — disse Robbie na escuridão repentina quando as velas se apagaram. — Eu odeio padres. Sempre quis matar um.

— Eu tinha um amigo que era padre — disse Thomas fazendo o sinalda-cruz —, mas ele foi assassinado, pelo meu primo ou por este bastardo.

Ele sacudiu o corpo de Bernard de Taillebourg com o pé, curvou-se e limpou a lâmina da espada na bainha da vestimenta do padre.

Robbie foi até a porta da tenda.

— Meu pai acha que o inferno está cheio de padres — falou.

— Neste caso, tem mais um indo lá para baixo — disse Thomas.

Apanhou o seu arco, e ele e Robbie voltaram para a escuridão, onde os gritos e as flechas fustigavam a noite. Eram tantas as tendas e cabanas em chamas, que era como se fosse dia, e no brilho avermelhado Thomas viu uma besteira ajoelhada entre dois cavalos amarrados e horrorizados. A besta estava apontada para o alto do morro, para onde tantos ingleses lutavam. Thomas encaixou uma flecha na corda do seu arco, puxou, e no último segundo, quando estava prestes a enfiar a flecha na espinha da besteira, reconheceu o estampado azul e branco sobre o gibão e desviou a mira, e a flecha atingiu a besta e arrancou-a das mãos de Jeanette.

— Você vai ser morta! — gritou ele para ela, irritado.

— Aquele é o Charles! — Ela apontou para o alto do morro, igualmente zangada com ele.

— As únicas bestas estão com o inimigo — disse ele. — Quer ser morta por um arqueiro? — Ele pegou o arco dela pela manivela e jogou-o nas sombras. — E que diabo está fazendo aqui?

— Vim matá-lo! — disse ela apontando outra vez para Charles de Blois que, com seus servidores, resistia a um assalto desesperado. Ele estava com oito cavaleiros sobreviventes a seu lado e todos estavam lutando com selvageria, embora estivessem numa imensa inferioridade numérica e todos estivessem feridos. Thomas levou Jeanette morro acima, bem a tempo de ver um soldado inglês, alto, arremeter contra Charles, que aparou o golpe com o escudo e enfiou sua espada por baixo da borda do escudo para atingir o inglês na coxa. Um outro homem atacou e foi derrubado por um machado, um terceiro puxou um dos servidores de Charles para fora do morro e golpeou o elmo do homem. Parecia haver uns vinte ingleses tentando chegar até Charles, indo com os escudos de encontro às armas de seus servidores, arremetendo com espadas e golpeando com grandes machados de guerra.

— Dêem espaço a ele! — berrou uma voz autoritária. — Dêem espaço a ele! Recuem! Recuem! Deixem ele se render!

Com relutância, os atacantes recuaram. Charles estava com a viseira levantada e havia sangue em seu rosto pálido e mais sangue na espada. Um padre estava de joelhos ao seu lado.

— Renda-se! — gritou um homem para o duque, que pareceu entender porque, impetuoso, abanou a cabeça num gesto de recusa, mas então Thomas encaixou uma flecha na corda, puxou e apontou-a para o rosto de Charles. Charles viu a ameaça e hesitou.

— Renda-se! — gritou outro homem.

— Só a um homem de posição! — declarou Charles em francês.

— Quem tem posição aqui? — perguntou Thomas em inglês, e depois repetiu em francês. Um dos soldados de Charles que restavam caiu devagar, primeiro de joelhos, depois de bruços, com um barulho

de armadura.

Um cavaleiro avançou das fileiras inglesas. Era um bretão, um dos auxiliares de Totesham, e anunciou seu nome para provar a Charles que era um homem de berço nobre e então estendeu a mão e Charles de Blois, sobrinho do rei da França e pretendente ao ducado da Bretanha, adiantou-se desajeitado e apresentou a espada. Uma imensa ovação fez-se ouvir, e os homens que estavam no morro separaram-se para deixar o duque e seu captor se afastarem. Charles esperava receber a espada de volta e pareceu surpreso quando o bretão não se prontificou a devolvê-la, e o derrotado duque desceu o morro constrangido, ignorando o inglês triunfante, mas de repente parou porque uma figura de cabelos pretos se metera à sua frente.

Era Jeanette.

— Lembra-se de mim? — perguntou ela.

Charles olhou-a de alto a baixo e encolheu-se como se tivesse sido agredido quando reconheceu o emblema no gibão dela. E tornou a encolher-se quando viu a raiva nos olhos dela. Não disse nada.

Jeanette sorriu.

— Estuprador — disse ela, e cuspiu pela viseira dele, que estava aberta. O duque fez um gesto rápido com a cabeça, mas era tarde demais, e Jeanette tornou a cuspir no seu rosto. Ele tremeu de raiva.

Ela o estava desafiando a agredi-la, mas ele se conteve e Jeanette, impossibilitada de fazer o mesmo, cuspiu uma terceira vez.

— *Ver* — disse ela com desdém e afastou-se ao som de uma irônica ovação.

— O que é *ver*? — perguntou Robbie.

— Verme — disse Thomas, e sorriu para Jeanette. — Muito bem, senhora.

— Eu ia chutar o maldito do saco dele — disse ela —, mas me lembrei de que ele estava de armadura.

Thomas soltou uma gargalhada e desviou-se para o lado quando Richard Totesham ordenou que meia dúzia de soldados escoltasse Charles de volta para La Roche-Derrien. À exceção de capturar o rei da França, ele era o prisioneiro mais valioso que se podia conseguir na guerra. Thomas ficou olhando enquanto ele se afastava. Charles de Blois iria juntarse agora ao rei da Escócia como prisioneiro da Inglaterra, e os dois teriam de levantar uma fortuna se quisessem ter seus resgates pagos.

— Ainda não acabou! — gritou Totesham. Ele tinha visto a multidão de homens que zombavam indo atrás do duque capturado e apressou-se a afastá-los. — Não acabou! Terminem o trabalho!

— Cavalos! — bradou Sir Thomas Dagworth. — Peguem os cavalos deles!

A luta no acampamento de Charles fora vencida, mas não terminara. O assalto vindo da cidade chegara como uma tempestade e atravessara por completo o centro da linha de combate do duque Charles que tinha sido cuidadosamente preparada, e o que restava de sua força estava agora dividido em pequenos grupos. Dezenas já estavam mortos, e outros fugiam para a escuridão.

— Arqueiros! — ouviu-se alguém gritar. — Arqueiros, aqui comigo!

Dúzias de arqueiros correram para os fundos do acampamento, onde os franceses e bretões em fuga tentavam chegar às outras fortalezas, e os arcos derrubaram os fugitivos sem piedade.

— Tirem tudo deles! — gritou Totesham. — Tirem tudo deles!

Um tipo primitivo de organização surgira no teatro de carnificina quando a guarnição e os habitantes da cidade, aumentados pelos sobreviventes da força de Sir Thomas Dagworth, caçavam pelo acampamento em chamas para levar quaisquer sobreviventes para onde os arqueiros esperavam. Era um trabalho lento, não porque o inimigo estivesse oferecendo qualquer resistência de fato, mas porque homens estavam sempre parando para saquear tendas e abrigos.

Mulheres e crianças eram levadas para fora, para a luz da lua, e seus homens eram mortos. Prisioneiros que valiam um resgate vultoso eram abatidos na confusão e no escuro. O visconde Rohan foi abatido, como também o foram os senhores de Laval e de Châteaubriant, de Dinan e de Redon.

Uma luz cinzenta cintilou no leste, o primeiro sinal do amanhecer. No acampamento destruído pelo fogo ouvia-se uma choradeira.

— Acabamos com eles? — Richard Totesham, finalmente, encontrara Sir Thomas Dagworth. Os dois estavam nas defesas do acampamento, de onde olhavam para a fortaleza inimiga do sul.

— Não podemos deixálos sentados lá — disse Sir Thomas, e estendeu a mão. — Obrigado, Dick.

— Por cumprir minha obrigação? — respondeu Totesham, desconcertado. — Pois então vamos varrer os bastardos dos outros acampamentos, hein?

Uma trombeta deu o toque de reunir para os ingleses.

Charles de Blois dissera aos seus combatentes que um arqueiro não podia atirar num homem que ele não visse, e era verdade, mas os homens no acampamento sul, que formavam a segunda maior porção do exército de Charles, aglomeravam-se na defesa externa

numa tentativa de ver o que acontecia no acampamento do leste em volta do moinho. Eles tinham acendido fogueiras para proporcionar iluminação aos seus

besteiros, mas aquelas fogueiras agora serviam para delineá-los enquanto eles ficavam em pé na barreira de terra, que não tinha paliçada, e os arqueiros ingleses, com um alvo daqueles, não podiam errar. Os arqueiros estavam na área limpa entre os acampamentos, encobertos pela sombra do vulto gigantesco dos longos entrincheiramentos, e suas flechas saíam vibrando da noite para atingir os franceses e bretões que observavam com atenção.

Besteiros tentaram responder, mas formavam o mais fácil dos alvos, porque poucos possuíam cotas de malha, e então, com um rugido, os soldados ingleses atacaram as defesas e a matança recomeçou.

Habitantes da cidade, ansiosos por saques, acompanharam a carga, e os arqueiros, vendo a trincheira sem defensores, correram para juntarse a eles.

Thomas deu uma parada na defesa de terra para disparar uma dúzia de flechas contra o inimigo em pânico que construía aquele acampamento no local em que no ano anterior ficara o acampamento de sítio inglês. Ele perdera Sir Guillaume de vista e, embora tivesse dito a Jeanette que voltasse para a cidade, ela ainda estava com ele, mas agora armada com uma espada que tirara de um bretão morto.

— Você não devia estar aqui — disse, ríspido.

— Vespas! — retrucou ela, e apontou para uma dúzia de soldados usando os casacos pretos e amarelos do senhor de Roncelets.

O inimigo ali oferecia pouca resistência. Eles não tinham sabido do desastre sofrido por Charles e foram surpreendidos pelo súbito ataque que saíra da escuridão. Os besteiros sobreviventes agora

batiam em retirada, em pânico, entrando nas tendas, e os ingleses, uma vez mais, tiravam lenha em brasa das grandes fogueiras e jogavam-na nos telhados de lona para queimarem forte e berrante na escuridão que antecedia o amanhecer. Os arqueiros ingleses e galeses tinham pendurado os arcos no ombro e, impiedosos, abriam caminho pela fila de tendas com machados, espadas e porretes. Era outro massacre, alimentado pela perspectiva de saque, e alguns dos franceses e bretões, em vez de enfrentarem a massa de homens enlouquecidos que berravam, montaram em seus cavalos e fugiram para o leste, em direção à fina luz cinzenta que agora deixava vazar um toque de vermelho ao longo do horizonte.

Thomas e Robbie dirigiram-se para os homens usando as listras semelhantes a vespas de Roncelets. Aqueles homens tinham tentado oferecer uma resistência ao lado de um trabuco que tinha pintado o nome de Chicote de Pedra em sua grande armação, mas foram flanqueados por arqueiros e agora tentavam fugir e no caos não sabiam para onde ir. Dois deles correram em direção a Thomas e este espetou um na sua espada, enquanto Robbie deixava o outro tonto com um golpe violento no elmo, e depois uma onda de arqueiros empurrou os homens de preto e amarelo para o lado e Thomas embainhou a espada molhada e tirou do ombro o arco antes de investir para dentro de uma tenda que não fora incendiada e estava ao lado de um mastro com o estandarte preto e amarelo desfraldado e, lá, entre uma cama e uma arca que estava aberta, estava o senhor de Roncelets em pessoa. Ele e um escudeiro transferiam, com as mãos em concha, moedas da arca para pequenos sacos, e os dois se voltaram quando Thomas e Robbie entraram e o senhor de Roncelets apanhou depressa uma espada que estava na cama, no exato

momento em que Thomas puxava a corda do arco. O escudeiro lançou-se sobre Robbie, mas Thomas soltou a flecha e o escudeiro foi sacudido para trás como puxado por uma corda fortíssima e o sangue do ferimento na testa derramou-se vermelho no chão da tenda. O

escudeiro sacudiu-se espasmodicamente duas vezes e depois ficou imóvel, e o senhor de Roncelets ainda estava a três passos de distância de Thomas quando a segunda flecha foi colocada na corda.

— Vamos, excelência — disse Thomas —, me dê um motivo para mandá-lo para o inferno.

O senhor de Roncelets parecia um lutador. Tinha cabelos curtos eriçados, um nariz quebrado e falta de dentes, mas não havia beligerância nele agora. Ouvia os gritos da derrota em toda a sua volta, sentia o cheiro da carne queimada dos homens presos entre as tendas e via a flecha no arco de Thomas apontada para o seu rosto, e simplesmente ofereceu a espada em rendição instantânea.

— Você tem posição de destaque? — perguntou ele a Robbie. Ele não reconheceu Thomas e, de qualquer modo, partia do pressuposto de que quem usasse um arco tinha de ser uma pessoa sem título de nobreza.

Robbie não entendeu a pergunta, que tinha sido feita em francês, e por isso

Thomas respondeu por ele.

— Ele é um senhor escocês — disse Thomas exagerando a posição de Robbie.

— Então eu me rendo a ele — disse Roncelets irritado e jogou a espada aos pés de Robbie.

— Meu Deus — disse Robbie sem compreender o diálogo —, ele ficou com medo depressa!

Thomas liberou com cuidado a pressão da corda do arco e ergueu os dedos tortos na mão direita.

— Foi bom o senhor se render — disse ele a Roncelets. —

Lembra-se de que o senhor quis decepar estes dedos?

Ele não conseguiu reprimir o sorriso quando primeiro o reconhecimento e depois o medo abjeto apareceram na expressão do rosto de Roncelets.

— Jeanette! — gritou Thomas, a pequena vitória conquistada. —

Jeanette!

Jeanette entrou pela aba da tenda e com ela, vejam só, estava Will Skeat.

— Que diabo você está fazendo aqui? — perguntou Thomas, irritado.

— Você não ia querer que um velho amigo fosse impedido de entrar numa briga, ia, Tom? — perguntou Skeat com um sorriso e Thomas pensou que naquele sorriso ele via o verdadeiro caráter do amigo.

— Você é um velho maluco — resmungou Thomas, e depois apanhou a espada do senhor de Roncelets e entregou-a a Jeanette. —

Ele é nosso prisioneiro — disse ele — e seu também.

— Nosso? — Jeanette estava intrigada.

— Ele é o senhor de Roncelets — disse Thomas sem poder evitar outro sorriso

—, e eu não tenho dúvidas de que podemos extrair dele um resgate. E não me refiro àquele dinheiro vivo — ele apontou para a arca aberta —, que de qualquer modo já é nosso.

Jeanette olhou fixo para Roncelets e aos poucos foi percebendo que se o senhor de Roncelets era seu prisioneiro, seu filho estava praticamente devolvido a ela. Ela estourou numa gargalhada e deu um beijo em Thomas.

— Com que então, Thomas, você cumpre mesmo suas promessas.

— E você, vigie-o bem — disse Thomas —, porque o resgate dele vai deixar todos nós ricos. Robbie, você, eu e Will. Vamos todos ficar ricos. — Ele sorriu para Skeat. — Você fica com ela, Will? Toma conta dele?

— Fico — concordou Will.

— Quem é ela? — perguntou o senhor de Roncelets a Thomas.

— A condessa da Armórica — respondeu Jeanette por ele e riu de novo quando viu a expressão de choque no rosto de Roncelets.

— Levem-no para a cidade. — Thomas agachou-se para sair da tenda. Lá fora encontrou dois habitantes da cidade procurando butim entre as tendas mais próximas.

— Vocês dois! — gritou, ríspido, para eles —, vão ajudar a vigiar um prisioneiro. Levem-no para a cidade, e serão bem recompensados.

Vigiem bem! — Thomas puxou os dois homens para dentro da tenda.

Ele achava que o senhor de Roncelets não conseguiria escapar se Jeanette, Skeat e os dois homens o estivessem vigiando. — Apenas vigiem-no — disse a eles — e levem-no para a casa que era sua. — A última observação foi dirigida a Jeanette.

— Para a casa que era minha? — Ela estava intrigada.

— Você queria matar alguém hoje à noite — disse Thomas — e não pode matar Charles de Blois. Então por que não vai matar Belas?

Ele riu da expressão no rosto dela, e depois ele e Robbie fecharam com força a tampa da arca e cobriram-na com cobertores tirados da cama, na esperança de escondê-la por alguns instantes, e voltaram para a luta.

Durante toda a batalha iluminada por fogueiras Thomas vira de relance homens de casacos pretos lisos, e sabia que Guy Vexille devia

estar por perto, mas não conseguira vê-lo. Agora gritos e o barulho de lâminas se entrechocando vinham do lado sul do acampamento e Thomas e Robbie correram para ver o que era aquela agitação. Viram que um grupo de homens a cavalo, usando casacos pretos, rechaçava vinte soldados ingleses.

— Vexille! — berrou Thomas. — Vexille!

— É ele? — perguntou Robbie.

— De qualquer modo, são homens dele — disse Thomas.

Ele calculava que seu primo estivera no acampamento do leste com de Taillebourg e que tinha ido até lá na esperança de levar uma força para ajudar Charles, mas chegara tarde demais e agora seus homens participavam de um combate de retaguarda para proteger outros homens que fugiam.

— Onde está ele? — perguntou Robbie.

Thomas não conseguia ver o primo. Tornou a gritar.

— Vexille! Vexille!

E lá estava ele. O Arlequim, conde de Astarac, com armadura de chapas, viseira erguida, montando um corcel de batalha preto e segurando um escudo preto, liso. Ele viu Thomas e ergueu a espada numa saudação irônica. Thomas tirou o arco do ombro, mas Guy Vexille viu a ameaça, voltou-se para se afastar e os cavaleiros cercaram-no para protegê-lo.

— Vexille!

Thomas gritou e correu em direção ao primo. Robbie lançou um aviso e Thomas agachou-se enquanto um cavaleiro brandia uma espada contra ele, e então jogou-se contra o cavalo, sentindo o cheiro de couro e suor, e um outro

cavalariano bateu nele, quase o derrubando.

— Vexille! — berrou ele. E tornou a ver Guy Vexille, só que agora seu primo estava voltando, galopando em sua direção, e Thomas puxou a corda do arco, mas Vexille ergueu a mão direita para mostrar que havia embainhado a espada, e o gesto fez Thomas abaixar o arco preto.

Guy Vexille, a viseira erguida e o rosto bonito iluminado pelas fogueiras, sorriu.

— Eu estou com o livro, Thomas.

Thomas não disse nada, mas apenas tornou a erguer o arco.

Guy Vexille abanou a cabeça, num gesto de reprovação.

— Não há necessidade disso, Thomas. Junte-se a mim.

— No inferno, seu bastardo — disse Thomas. Aquele era o homem que tinha matado seu pai, matara Eleanor, matara o padre Hobbe, e Thomas puxou a flecha toda para trás e Vexille pegou uma pequena faca que estivera escondida na mão que segurava o escudo e calmamente curvou-se para a frente e cortou a corda do arco. A corda partida fez com que o arco pulasse com violência na mão de Thomas e a flecha foi cuspidada sem causar dano. A corda tinha sido cortada com tanta rapidez que Thomas não tivera tempo de reagir.

— Um dia você se juntará a mim, Thomas — disse Vexille, e então viu que os arqueiros ingleses tinham finalmente percebido a presença de seus homens e começavam a fazer baixas, e por isso ele girou o cavalo, gritou para que seus homens batessem em retirada e saiu galopando.

— Jesus! — blasfemou Thomas, frustrado.

— *Calix meus inebrians!* — gritou Guy Vexille, e depois desapareceu entre os homens que galopavam para o sul. Uma rajada de flechas inglesas foi atrás deles, mas nenhuma atingiu Vexille.

— Bastardo! — xingou Robbie na direção da figura que fugia.

Ouviu-se um grito de mulher vindo das tendas em chamas.

— O que foi que ele lhe disse? — perguntou Robbie.

— Ele queria que eu me unisse a ele — disse Thomas com amargura. Ele jogou fora a corda cortada e tirou a sobressalente de sob seu morrião. Os dedos desajeitados mexeram-se enquanto procurava reencordoar o arco, mas ele conseguiu na segunda tentativa. — E disse também que está com o livro.

— É, mas muito bem, o que é que isso vai adiantar para ele? —

indagou Robbie.

A luta acabara e ele ajoelhou-se junto a um cadáver bem-vestido e começou a procurar moedas. Sir Thomas Dagworth mandava, aos gritos, que homens se reunissem na margem oeste do acampamento para assaltar a fortaleza seguinte, onde alguns dos defensores, percebendo que a batalha estava perdida, já estavam fugindo. Sinos de igreja tocavam em La Roche-Derrien, celebrando a entrada de Charles de Blois na cidade, como prisioneiro.

Thomas olhou para o ponto em que o primo desaparecera. Ele estava envergonhado, porque uma pequena parte dele, uma parte pequena e traiçoeira, ficara tentada a aceitar a oferta. Juntarse ao primo, voltar a pertencer a uma família, procurar o Graal e utilizar seu poder. A vergonha era amarga, como a vergonha da gratidão que ele sentira para com de Taillebourg quando a tortura acabara.

— Bastardo! — gritou inutilmente. — Bastardo.

— Bastardo! — Foi a voz de Sir Guillaume que se meteu na de Thomas. Sir Guillaume, com seus dois soldados, cutucava um prisioneiro nas costas com uma espada. O preso usava uma armadura e a espada resvalava nela a cada cutucada. — Bastardo! — vociferou

Sir Guillaume de novo, e então viu Thomas. — É o Coutances!

Coutances! — Ele arrancou o elmo do prisioneiro. — Olhe para ele!

O conde de Coutances era um homem de aparência melancólica, careca como um ovo, que fazia o possível para manter a dignidade.

Sir Guillaume tornou a cutucá-lo.

— Eu lhe digo, Thomas — ele falou em francês — que a mulher e as filhas deste bastardo vão ter que se prostituir para levantar esse resgate! Elas vão ter que trepar com todos os homens da Normandia para comprar a volta deste bastardo sem caráter! — Ele voltou a cutucar o conde de Coutances. — Eu vou espremer você até a última gota! — vociferou Sir Guillaume e, exultante, fez o prisioneiro seguir em frente.

A mulher gritou outra vez.

Naquela noite muitas mulheres haviam gritado, mas alguma coisa naquele som despertou a atenção de Thomas, e ele se voltou, alarmado. O grito foi ouvido uma terceira vez, e Thomas começou a correr.

— Robbie! — gritou ele. — Venha comigo!

Thomas atravessou correndo os restos de uma tenda incendiada, as botas levantando centelhas e brasas. Contornou um braseiro que expelia fumaça, quase tropeçou num homem ferido que vomitava num elmo virado para cima, correu por um beco entre cabanas de armeiros onde bigornas, foles, martelos, tenazes e barris cheios de rebites e anéis para cotas de malha estavam espalhados sobre a grama.

Um homem com avental de ferreiro e sangue escorrendo de um ferimento na cabeça meteu-se cambaleando na sua frente e Thomas empurrou-o para o lado para correr em direção ao estandarte preto e amarelo que ainda tremulava do lado de fora da tenda em chamas do

senhor de Roncelets.

— Jeanette! — chamou ele. — Jeanette!

Mas Jeanette estava presa. Ela estava sendo segura por um homem enorme que lhe imprensara a espinha contra o guincho do trabuco chamado Chicote de Pedra, que ficava logo depois da tenda do senhor de Roncelets. O homem ouviu Thomas gritar e voltou-se para olhar, sorrindo. Era Beggar, todo barba e dentes podres, e ele empurrou Jeanette com força quando ela lutou para escapar dele.

— Segure ela, Beggar! — gritou Sir Geoffrey Carr. — Segure a puta!

— A belezinha não vai a lugar nenhum — disse Beggar —, não vai a lugar

nenhum, querida — e tentou levantar a cota de malha dela, mas a cota era pesada e complicada demais e Jeanette debatia-se com muita violência.

O senhor de Roncelets, ainda sem sua espada, estava sentado na armação do Chicote de Pedra. Estava com uma marca vermelha no rosto, indicando que tinha sido agredido, e Sir Geoffrey Carr, com cinco outros soldados, estava em pé ao lado dele. O Espantalho olhou com ar desafiador para Thomas.

— Ele é meu prisioneiro! — disse ele, incisivo.

— Ele nos pertence — disse Thomas —, nós o pegamos.

— Escute, rapaz — disse o Espantalho, a voz ainda arrastada pela bebida — sou um cavaleiro e você é um monte de merda. Está entendendo? — Ele cambaleou ligeiramente enquanto se aproximava de Thomas. — Eu sou um cavaleiro — disse outra vez, mais alto — e você não é nada! — O rosto vermelho, tornado sinistro pelas chamas, estava contorcido numa expressão de escárnio. — Você não é nada!

— gritou outra vez, e girou o corpo para se certificar de que seus

homens estavam vigiando o senhor de Roncelets. Um prisioneiro tão rico assim iria resolver todos os problemas de Sir Geoffrey, e ele estava decidido a agarrar-se a ele e ficar com o resgate. — Ela não pode fazer um prisioneiro — disse ele apontando a espada para Jeanette —, porque tem tetas, e você não pode prendê-lo, porque é um monte de merda. Mas eu sou um cavaleiro! Um cavaleiro! — Ele dirigiu o termo com veemência para Thomas, que, incitado pelos insultos, armou o arco. A corda nova estava ligeiramente comprida demais e ele sentiu a falta de potência na vara preta por causa disso, mas concluiu que, para o que ele queria, havia força suficiente.

— Beggar! — gritou o Espantalho —, se ele disparar aquele arco, mate a puta.

— Mato a beleza — disse Beggar. Ele babava saliva, que escorria pela enorme barba enquanto acariciava os anéis de malha sobre os seios de Jeanette. Ela ainda lutava, mas ele a mantinha dolorosamente curvada para trás em cima do guincho, e ela praticamente não conseguia se mexer.

Thomas manteve o arco armado. Ele viu que o longo braço do trabuco tinha sido arriado até o chão, embora os engenheiros devessem ter sido interrompidos antes

de poderem carregar uma pedra, porque a grande funda de couro estava vazia. Uma pilha de pedras erguia-se à direita, e um súbito movimento nela fez com que Thomas visse que havia um homem ferido reclinado contra as pedras.

O homem tentava ficar em pé, mas não conseguia. Havia sangue em seu rosto.

— Will? — perguntou Thomas.

— Tom! — Will Skeat tentou esforçar-se para ficar de pé outra vez. — É você, Tom!

— O que foi que aconteceu? — perguntou Thomas.

— Eu não sou o que era, Tom — disse Skeat. Os dois habitantes da cidade que tinham ajudado a vigiar o senhor de Roncelets estavam mortos aos pés de Skeat, e o próprio Skeat parecia estar morrendo.

Estava pálido, fraco, e cada respiração era um grande esforço. Havia lágrimas em seu rosto. — Eu tentei lutar — disse ele em tom de lamentação —, tentei mesmo, mas já não sou o que era.

— Quem atacou vocês? — perguntou Thomas, mas Skeat parecia incapaz de responder.

— Will estava apenas tentando me proteger — gritou Jeanette, e então gritou quando Beggar empurrou-a com tanta força para trás que por fim ela foi obrigada a subir no guincho e Beggar conseguiu levantar-lhe as saias de malhas. Ele disse palavras desconexas, de tanta excitação, no momento em que Sir Geoffrey berrou de raiva.

— É o bastardo do Douglas!

Thomas soltou a corda. Com uma corda nova no arco, ele gostava de disparar algumas flechas para verificar como a fibra de cânhamo iria se comportar, mas agora ele não tinha tempo para essas minúcias. Limitou-se a soltar a flecha e ela penetrou no emaranhado da barba de Beggar para cortar-lhe a garganta, a ponta larga da flecha dividindo a traquéia com a precisão de uma faca de açougueiro, e Jeanette gritou quando o sangue esguichou no seu gibão e no seu rosto. O Espantalho berrou de raiva e correu para Thomas, que cravou a vara do arco, com ponta de osso, na cara vermelha e depois largou a arma enquanto sacava da

espada. Robbie passou por ele correndo e arremeteu com a espada de seu tio contra a barriga do Espantalho, mas mesmo bêbado Sir Geoffrey era rápido e conseguiu escorar o golpe e contra-atacar. Dois de seus soldados corriam para

ajudar — os outros vigiavam o senhor de Roncelets —, e Thomas viu os dois homens chegando. Deslocou-se para a esquerda, esperando colocar a grande armação do Chicote de Pedra entre si e os homens que usavam o emblema de Sir Geoffrey com o machado preto, mas Sir Geoffrey quase o abateu e Thomas deu um golpe desesperado para trás com a espada que acabara de sacar, batendo na espada do Espantalho com uma força que deixou o braço de Thomas dormente.

O golpe empurrou o Espantalho para trás, ele se recuperou e deu um salto à frente e Thomas ficou defendendo-se desesperadamente enquanto o Espantalho desferia uma chuva de golpes nele. Thomas não era espadachim e estava apanhando a ponto de ser levado a ficar de joelhos, e Robbie não podia ajudá-lo porque estava rechaçando os dois seguidores de Sir Geoffrey, e então ouviu-se um forte estrondo, uma explosão que soava como se as portas do inferno tivessem acabado de abrir-se, e o chão tremeu enquanto o Espantalho gritava em agonia extrema. Seu uivo, que levava sangue, cortou os ares.

Jeanette havia puxado a alavanca que soltava o braço longo. Dez toneladas de contrapeso tinham desabado no chão e o grosso pino de metal que segurava a funda levantara-se com força entre as pernas de Sir Geoffrey e abrira um buraco sangrento que ia da virilha até a barriga. Ele devia ter sido lançado a meio caminho da cidade pelo braço do trabuco, mas em vez disso a ponta do pino ficara presa nas suas entranhas e ele estava preso na base do braço, onde se contorcia em agonia, o sangue escorrendo para o chão.

Seus homens, vendo o chefe morrendo, recuaram. Por que lutar por um homem que não podia oferecer recompensa alguma? Robbie ficou boquiaberto enquanto o Espantalho se contorcia e estrebuchava, e de algum modo o moribundo conseguiu libertar-se

do grande pino de ferro e caiu, arrastando intestinos e borrifando sangue. Bateu no chão com um barulho surdo, repicou espalhando sangue, mas continuou vivo. Os olhos contraíam-se e a boca estava puxada para trás num rosnar.

— Maldito Douglas — ainda conseguiu dizer, arquejando, antes de Robbie se aproximar dele, erguer a espada de seu tio e arriá-la com força uma única vez,

bem entre os olhos do Espantalho.

O senhor de Roncelets vira tudo acontecer, sem acreditar. Agora Jeanette segurava uma espada junto ao seu rosto, desafiando-o a fugir, e ele, em silêncio, abanou a cabeça para mostrar que não tinha intenção alguma de arriscar a vida entre os homens bêbados, selvagens, que berravam, que tinham surgido da noite para destruir o maior exército que o ducado da Bretanha já reunira.

Thomas foi até onde estava Sir William Skeat, mas o seu velho amigo estava morto. Ele tinha sido ferido no pescoço e sangrara até morrer na pilha de pedras. Sua aparência estava estranhamente tranquila. Um primeiro facho do sol do novo dia atravessou a borda do mundo para iluminar o sangue brilhante no alto do braço do Chicote de Pedra enquanto Thomas fechava os olhos de seu mentor.

— Quem matou Will Skeat? — perguntou Thomas aos homens de Sir Geoffrey, e Dickon, o jovem, apontou para os destroços de malha, carne, entranhas e ossos que tinham sido o Espantalho.

Thomas inspecionou as mossas em sua espada. Ele tinha de aprender a usar uma espada, pensou, senão iria morrer pela espada, e depois ergueu os olhos para os homens de Sir Geoffrey.

— Vão ajudar o ataque ao forte seguinte — disse a eles. Eles olharam para ele com olhos arregalados. — Andem! — disse ele, ríspido, e, espantados, os homens correram em direção ao oeste.

Thomas apontou a espada para o senhor de Roncelets.

— Leve-o de volta para a cidade — disse ele a Robbie — e proteja-o bem.

— E você? — perguntou Robbie.

— Vou enterrar Will — disse Thomas. — Ele era meu amigo. —

Ele achou que deveria derramar algumas lágrimas por Will Skeat, mas não havia uma única lágrima. Pelo menos agora. Embainhou a espada e sorriu para Robbie.

— Você pode voltar para casa, Robbie.

— Posso? — Robbie parecia intrigado.

— De Taillebourg está morto. Roncelets vai pagar o seu resgate a lorde Outhwaite. Você pode ir para Eskdale, ir para casa, voltar a matar ingleses.

Robbie abanou a cabeça.

— Guy Vexille está vivo.

— Quem vai matar ele sou eu.

— E eu — disse Robbie. — Você se esquece de que ele matou meu irmão. Fico até ele morrer.

— Se vocês um dia o encontrarem — disse Jeanette baixinho.

O sol iluminava a fumaça dos acampamentos em chamas e projetava longas sombras pela área onde os últimos componentes do exército de Charles abandonaram suas trincheiras e fugiram para Rennes. Eles tinham chegado em grande esplendor e agora escapuliam em abjeta derrota.

Thomas foi até as tendas dos engenheiros e encontrou uma picareta, um enxadão e uma pá. Cavou uma sepultura ao lado do Chicote de Pedra e colocou Skeat no chão úmido e tentou fazer uma oração, mas não conseguiu pensar em nenhuma, e depois lembrou-se

da moeda para o barqueiro e foi até a tenda do senhor de Roncelets, afastou a lona chamuscada da arca e apanhou uma moeda de ouro e voltou para o túmulo. Pulou para dentro, ao lado do amigo, e colocou a moeda debaixo da língua de Skeat. O barqueiro iria encontrá-la e ficaria sabendo, ao ver o ouro, que Sir William Skeat era um homem especial.

— Deus te abençoe, Will — disse Thomas, saiu desajeitado da sepultura e encheu-a de terra, embora sempre fizesse uma pausa na esperança de que os olhos de Will se abrissem, mas claro que não se abriram e por fim Thomas chorou enquanto despejava terra sobre o rosto pálido do amigo. O sol já ia alto quando ele acabou, e mulheres e crianças chegavam da cidade à procura de despojos. Um francelho voou alto e Thomas sentou-se na arca de moedas e esperou Robbie voltar da cidade.

Ele achou que iria para o sul. Para Astarac. Iria procurar o livro de notas de seu pai e resolver o mistério do texto. Os sinos de La Roche-Derrien tocavam em

homenagem à vitória, uma vitória grandiosa, e Thomas ficou sentado entre os mortos e percebeu que não teria paz enquanto não encontrasse o fardo de seu pai. *Calix meus inebrians*.

Transfer calicem istem a me. Ego enim eram pincerna regis.

Quisesse o cargo ou não, ele era o copeiro do rei e iria para o sul.

Nota Histórica

o livro começa com a batalha da Cruz de Neville. O nome da batalha tem origem na cruz de pedra que Lorde Neville ergueu para assinalar a vitória, embora seja possível que já existisse uma outra cruz no local, substituída depois pelo memorial de Lorde Neville. A batalha, travada por um grande exército escocês contra uma pequena força heterogênea reunida às pressas pelo arcebispo de York e pelos senhores do Norte, foi um desastre para os escoceses. O rei deles, David II, foi capturado tal como descrito em *O andarilho*, encurralado debaixo de uma ponte. Ele conseguiu quebrar os dentes de alguns de seus captores, mas depois foi subjugado. Passou um longo tempo no castelo de Bamburgh recuperando-se do ferimento no rosto e em seguida foi levado para Londres e colocado na Torre com a maioria dos outros aristocratas escoceses capturados naquele dia, inclusive Sir William Douglas, o Cavaleiro de Liddesdale. Os dois condes escoceses que anteriormente tinham jurado vassalagem a Eduardo foram decapitados, depois esquartejados, e os pedaços dos corpos foram expostos por todo o reino como um aviso contra a traição. Mais tarde, naquele mesmo ano, Charles de Blois, sobrinho do rei da França e pretenso duque da Bretanha, juntou-se a David II na Torre de Londres. Foi uma notável vitória dupla por parte dos ingleses que

irão, em mais uma década, acrescentar o próprio rei da França ao arrastão.

Os escoceses invadiram a Inglaterra a pedido dos franceses, de quem eram aliados, e é provável que David II realmente acreditasse que o exército da Inglaterra estivesse todo no norte da França. Mas a Inglaterra havia previsto esse tipo de problema e certos senhores do Norte foram encarregados de ficar em casa e estar preparados para levantar forças se os escoceses um dia marchassem. A espinha dorsal dessas forças era, é claro, o arqueiro, e essa é a grande fase do arco e flecha inglês (e, em grau menor, escocês). A arma usada era o arco longo

(nome que foi cunhado muito mais tarde), que era um arco de teixo com pelo menos um metro e oitenta centímetros de comprimento, com uma potência de puxada de mais de cinquenta quilos (mais do dobro do peso dos modernos arcos de competição). É

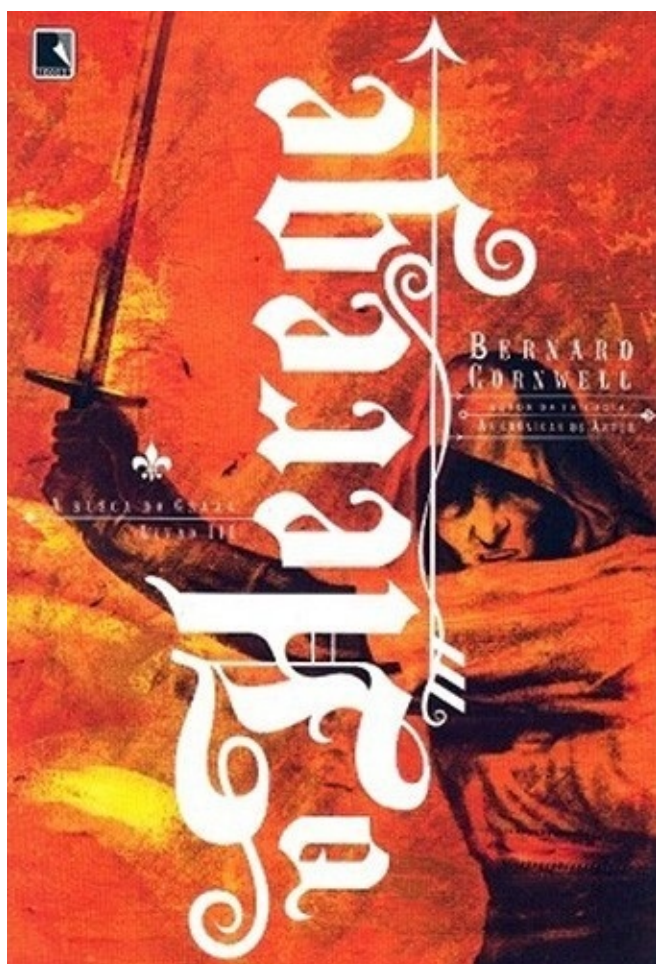
um mistério o fato de só a Inglaterra poder reunir exércitos de campo de arqueiros letais que, na verdade, tornaram-se os reis dos campos de batalha europeus, mas a resposta mais provável é que o domínio do arco longo era um entusiasmo inglês, praticado como esporte em centenas de aldeias. Com o tempo, promulgaram-se leis tornando obrigatória a prática do arco e flecha, presumivelmente porque o entusiasmo estava diminuindo. Ele era, sem dúvida, uma arma de uso extremamente difícil, requerendo uma força tremenda, e os franceses, apesar de tentarem adotar a arma em suas fileiras, nunca dominaram o arco longo. Os escoceses estavam acostumados com aqueles arqueiros e tinham aprendido a nunca atacá-los montados em cavalos, mas na verdade não havia uma resposta para o arco longo até que as armas de fogo começassem a ser usadas no campo de batalha.

Os prisioneiros eram importantes. Um homem como Sir William Douglas só seria libertado mediante o pagamento de um vultoso resgate, apesar de Sir William receber um livramento condicional antes do tempo para ajudar a negociar o resgate do rei da Escócia.

Quando fracassou, ele voltou, obediente, à sua prisão na Torre de Londres. Os resgates por homens como Charles de Blois e o rei David II eram vultosíssimos e poderiam levar anos para serem negociados e levantados. No caso de David, o resgate foi de £66.000, uma quantia que tem de ser multiplicada pelo menos cem vezes para chegarmos a uma aproximação do seu valor atual. Os escoceses foram autorizados a pagá-lo em dez prestações, e vinte nobres tiveram de ser entregues como reféns para garantir o pagamento antes que David fosse libertado em 1357, quando, ironicamente, suas simpatias tinham se tornado inteiramente pró-ingleses. Sir Thomas Dagworth foi oficialmente o captor de Charles de Blois e vendeu-o a Eduardo III pela quantia muito menor de £3.500, mas sem dúvida era melhor ter aquele dinheiro nas mãos do que esperar enquanto um resgate maior era arrecadado na França e na Bretanha. O captor do rei David foi um inglês chamado John Coupland, que também vendeu seu prisioneiro para Eduardo, no caso de Coupland em troca de um título de cavaleiro e terras.

A derrota de Charles em La Roche-Derrien é um dos grandes triunfos ingleses do período que não foram alardeados. Charles tinha enfrentado arqueiros antes e concluíra, com toda razão, que a maneira de derrotá-los era fazer com que eles atacassem posições bem protegidas. O que o arqueiro não via ele não podia matar. A tática funcionou contra o assalto de Sir Thomas Dagworth, mas aí veio da cidade a frenética surtida de Richard Totesham e, como Charles

insistira em que as quatro partes do exército ficassem atrás de seus entrincheiramentos protetores, ele foi dominado e depois as outras partes de seu exército foram derrotadas. A derrota e a captura dele foram um imenso choque para seus aliados, os franceses, que não estavam conseguindo levantar o cerco de Calais. Devo registrar minha dívida para com Jonathan Sumption, cujo livro, *Trial by Battle*, foi de utilidade especial para mim. Os erros no romance são todos meus, é claro, embora no interesse de diminuir o peso da minha sacola de correspondência eu deva salientar gentilmente que a catedral de Durham só tinha duas torres em 1347 e que coloquei a referência a Hachaliah no livro de Esdras, em vez de no de Neemias, porque estava usando a *Vulgata*, e não a *King James Bible*.



BERNARD CORNWELL

O Herege



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Tradução de

LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

2014

Copyright © 2003 by Bernard Cornwell Copyright © 2011 by Editora Record
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

Título Original: Heretic

Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva Revisão e Organização: Adriano T.
B. Cruz Arte da Capa: Daniel Morena e Marcelo Martinez Produção Editorial:
Edmundo Barreiros Revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua
portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Cornwell, Bernard,
1944—

O Herege / Bernard Cornwell ; tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva – Rio
de Janeiro, RJ : Editora Record, 2011

Título original: Heretic

ISBN 978-85-01-06867-5

1. Romance histórico inglês.

2. Título.

04-1390 CDD 821.111-3

O HEREGE

é dedicado a

Dorothy Carroll,

que sabe o porquê

Prólogo

vinte mil franceses alinhavam-se nas colinas, os estandartes abundantes ao vento que soprava do mar. A auriflama, o sagrado galhardete de guerra da França, estava lá. Era uma bandeira comprida, com três caudas pontudas, uma ondulação vermelho-sangue de preciosa seda, e se a bandeira tinha uma cor viva era porque era nova.

A antiga auriflama estava na Inglaterra, um troféu apanhado na larga montanha verde entre Wadicourt e Crécy no verão anterior. Mas a nova bandeira era tão sagrada quanto a antiga, e em torno dela tremulavam os estandartes dos grandes senhores da França: os estandartes de Bourbon, de Montmorency e do conde de Armagnac.

Bandeiras menos importantes eram vistas entre as nobres, mas todas proclamavam que os maiores guerreiros do reino de Filipe tinham ido combater os ingleses. No entanto, entre eles e o inimigo estavam o rio Ham e a ponte em Nieulay, que era defendida por uma torre de pedra, em volta da qual os ingleses haviam cavado trincheiras, as quais tinham enchido de arqueiros e soldados. Do outro lado daquela força estava o rio, depois os pântanos, e no terreno mais elevado, perto do alto muro de Calais e seu fosso duplo, havia uma cidade improvisada, de casas e tendas, onde vivia o exército inglês. E um exército como nunca se vira na França. O acampamento dos sitiados

era maior do que a própria Calais. Até onde a vista alcançava havia ruas margeadas por lonas, com casas de madeira e cercados para cavalos, e entre eles havia soldados e arqueiros. A auriflama bem que poderia ter ficado enrolada.

— Nós podemos tomar a torre, majestade. — Sir Geoffrey de Charny, soldado valente como qualquer outro no exército de Filipe, fez um gesto para baixo da montanha, no ponto em que a guarnição inglesa de Nieulay estava isolada do lado francês do rio.

— Com que finalidade? — perguntou Filipe.

Ele era um homem fraco, hesitante em combate, mas a pergunta era pertinente. Se a torre caísse e, com isso, a ponte de Nieulay ficasse em seu poder, de que serviria ela? A ponte simplesmente levava a um exército inglês ainda maior, que já se dispunha em ordem de batalha na terra firme à beira do acampamento.

Os cidadãos de Calais, com fome e sem esperança, viram os estandartes franceses na crista sul e responderam pendurando as bandeiras deles em suas defesas. Eles exibiam imagens da Virgem, retratos de S. Denis da França e, no alto da cidadela, a bandeira real azul e amarelo, para dizer a Filipe que seus súditos ainda viviam, ainda lutavam. Mas a brava exibição não conseguia esconder o fato de que tinham ficado sitiados por onze meses. Eles precisavam de ajuda.

— Tome a torre, majestade — insistiu Sir Geoffrey, — e depois ataque o outro lado da ponte! Meu bom Cristo, se os malditos nos virem conseguir uma única vitória, poderão perder o ânimo!

Um grunhido de concordância veio dos senhores reunidos.

O rei estava menos otimista. Era verdade que a guarnição de Calais ainda resistia, e que os ingleses praticamente não tinham

danificado os muros da cidade, ainda menos encontrado um meio de atravessar os fossos gêmeos. Mas também os franceses não haviam conseguido levar suprimento algum para a cidade sitiada. O povo de lá não precisava de estímulo, precisava de comida. Um jato de fumaça surgiu do outro lado do acampamento e, poucos segundos depois, o som de um canhão ecoou pelos pântanos. O projétil devia ter atingido o muro, mas Filipe estava muito longe para ver o efeito.

— Uma vitória aqui irá estimular a guarnição — insistiu lorde de Montmorency — e implantar o desespero nos corações ingleses.

Mas por que iriam os ingleses perder o ânimo se a torre de Nieulay caísse? Filipe achava que aquilo iria apenas enchê-los de vontade de defender a estrada no lado oposto da ponte, mas também entendia que ele não poderia manter seus cães contidos quando um inimigo odiado estava à vista, e por isso deu a permissão.

— Tomem a torre — disse —, e que Deus lhes conceda a vitória.

O rei permaneceu onde estava enquanto os senhores reuniam homens e se armavam. O vento que vinha do mar trazia um cheiro de sal, mas também um odor de decomposição talvez proveniente de algas que apodreciam nos longos alagadiços que recebiam a maré.

Aquilo deixou Filipe melancólico. Seu novo astrólogo recusara-se a atendê-lo

durante semanas, alegando estar febril, mas Filipe soubera que ele gozava de boa saúde, o que significava que devia ter visto algum grande desastre nas estrelas e simplesmente receava contar ao rei. Gaivotas gritavam sob as nuvens. Bem lá ao longe, no mar, uma vela desbotada enfunava-se em direção à Inglaterra, enquanto outro navio ancorava ao largo das praias ocupadas pelos ingleses e, em pequenos barcos, transferia homens para terra, a fim de aumentarem as fileiras inimigas. Filipe olhou para trás, para a estrada, e viu um

grupo de cerca de quarenta ou cinquenta cavaleiros ingleses cavalgando em direção à ponte. Ele fez o sinal-da-cruz, rezando para que os cavaleiros fossem encurralados pelo seu ataque. Ele odiava os ingleses. Odiava.

O duque de Bourbon havia delegado a organização do assalto a Sir Geoffrey de Charny e Edouard de Beaujeu, e isso era bom. O rei confiava em que os dois seriam sensatos. Ele não duvidava de que pudessem tomar a torre, embora ainda não soubesse do que aquilo adiantaria; mas achava que era melhor do que deixar seus nobres mais afoitos usarem as lanças numa carga alucinada pela ponte, para sofrerem uma derrota total nos pântanos. Ele sabia que nada lhes traria maior prazer do que um ataque daqueles. Eles pensavam que a guerra era um jogo, e cada derrota os deixava mais ansiosos por jogarem. Tolos, pensou ele, e tornou a fazer o sinal-da-cruz, perguntando-se que funesta profecia o astrólogo estava escondendo dele. O que precisamos, pensou ele, é de um milagre. Algum grande sinal de Deus. Então estremeceu, assustado, porque um timbaleiro acabara de tocar o seu grande timbale. Uma trombeta soou.

A música não pressagiava o avanço. Eram, isso sim, os músicos que faziam o aquecimento, prontos para o ataque. Edouard de Beaujeu estava à direita, onde reunira mais de mil besteiros e outros tantos soldados, e era evidente que ele queria atacar os ingleses por um flanco, enquanto Sir Geoffrey de Charny e pelo menos quinhentos soldados atacavam montanha abaixo, contra as trincheiras dos ingleses. Sir Geoffrey percorria as fileiras mandando, em voz alta, que cavaleiros e soldados desmontassem. Eles obedeceram, relutantes. Acreditavam que a essência da guerra era a carga da cavalaria, mas Sir Geoffrey sabia que cavalos de nada

adiantavam contra uma torre de pedra protegida por trincheiras, e por isso insistia em que lutassem a pé.

— Escudos e espadas — gritou —, nada de lanças. A pé! A pé! Sir Geoffrey

aprendera a duras penas que os cavalos eram lamentavelmente vulneráveis às flechas inglesas, enquanto que homens a pé podiam avançar agachados, atrás de escudos compridos.

Alguns dos homens de berço nobre recusavam-se a desmontar, mas ele não lhes deu importância. Um número ainda maior de soldados franceses apressava-se para participar da carga.

O pequeno grupo de cavaleiros ingleses tinha atravessado a ponte agora. Parecia que pretendiam cavalgar pela estrada para desafiarem toda a linha de batalha francesa, mas em vez disso detiveram seus cavalos e olharam para a horda agrupada na crista do monte. O rei, observando-os, viu que eram comandados por um grão-senhor. Ele sabia disso devido ao tamanho do pavilhão do homem, enquanto que pelo menos uma dúzia dos outros cavaleiros levava as bandeiras quadradas de galhardetes em suas lanças. Um grupo rico, pensou ele, que valia uma pequena fortuna em resgates. Ele esperava que cavalgassem até a torre e, com isso, ficassem encurralados.

O duque de Bourbon voltou para perto de Filipe com o cavalo a trote. O duque vestia uma armadura que tinha sido raspada com areia, vinagre e arame até ficar branca de tanto brilho. O elmo, ainda pendurado no arção anterior da sela, tinha em cima penas tingidas de azul. Ele se recusara a desmontar de seu corcel, equipado com uma testeira de aço para protegê-lo o rosto e um caparazão de malha brilhante para protegê-lo o corpo dos arqueiros ingleses que, sem dúvida, estavam colocando as cordas nos arcos nas trincheiras.

— A auriflama, majestade — disse o duque. Devia ser um pedido, mas de algum modo parecia uma ordem.

— A auriflama? — O rei fingiu não entender.

— Posso ter a honra, majestade, de levá-la na batalha? O rei suspirou.

— Vocês têm em relação ao inimigo uma superioridade numérica de dez para um — disse ele — e por isso praticamente não precisam da auriflama. Deixe-a aqui. O inimigo já deve tê-la visto.

E o inimigo iria ver o que a auriflama enrolada significava. Ela instruíra os franceses a não fazer prisioneiros, a matar todos, embora não houvesse dúvida de

que qualquer cavaleiro inglês rico ainda seria capturado em vez de morto, porque um cadáver não rendia resgate.

Ainda assim, a bandeira de três tiras, enrolada, deveria incutir o terror nos corações ingleses.

— Ela vai ficar aqui — insistiu o rei.

O duque iniciou um protesto, mas naquele exato momento uma trombeta soou e os besteiros iniciaram a descida. Eles vestiam túnicas verde e vermelho, com o emblema do cálice de Gênova no braço esquerdo, e cada qual era acompanhado por um infante segurando um pavês, um escudo enorme que iria proteger o besteiro enquanto ele recarregava sua desajeitada arma. A uns oitocentos metros de distância, à margem do rio, ingleses corriam da torre para as trincheiras de terra que tinham sido cavadas há tantos meses, que agora estavam cobertas com uma camada espessa de capim e algas.

— Você vai perder a sua batalha — disse o rei para o duque que, esquecendo o estandarte escarlate, girou o seu grande corcel protegido por armadura em direção aos homens de Sir Geoffrey.

— Montjoie St. Denis!

O duque soltou o grito de guerra da França e os timbaleiros

bateram seus grandes timbales e uma dúzia de trombeteiros clamou seu desafio para os ares. Ouviram-se estalos quando as viseiras foram abaixadas. Os besteiros já estavam no sopé da encosta, espalhando-se para a direita a fim de envolver o flanco inglês. Então as primeiras flechas voaram: flechas inglesas, de penas brancas, adejando sobre a terra verde, e o rei, inclinando-se à frente em sua sela, viu que do lado do inimigo os arqueiros eram muito poucos. Em geral, sempre que os malditos

ingleses

combatiam,

seus

arqueiros

estavam

em

superioridade numérica em relação a seus cavaleiros e soldados, no mínimo de três para um, mas o posto avançado de Nieulay parecia estar guarnecido, em sua maioria, por soldados.

— Que Deus os acompanhe! — gritou o rei para seus soldados.

Ele fora tomado por um súbito entusiasmo, porque sentia o cheiro da vitória.

As trombetas tornaram a soar, e agora a onda metálica de soldados despejou-se encosta abaixo. Berravam o grito de guerra e o som tinha a concorrência dos tambores, que martelavam as peles de cabra esticadas, e dos trombeteiros que tocavam como se pudessem derrotar os ingleses apenas com o som.

— Deus e São Denis! — gritava o rei.

Os quadrelos agora voavam. Cada dardo curto de ferro era dotado de alhetas de couro, e estas faziam um chiado enquanto riscavam o ar em direção às trincheiras de terra. Centenas de dardos voavam, e depois os genoveses foram para trás dos enormes escudos para manejar as linguetas que tornavam a curvar os dardos reforçados com aço. Algumas flechas inglesas enfiavam-se nos paveses, mas então os arqueiros voltaram-se para o ataque de Sir Geoffrey.

Colocaram flechas com ponta de estilete nas cordas, flechas que

tinham na ponta sete ou dez centímetros de haste de aço que podia furar malha como se fosse pano. Eles puxavam e soltavam, puxavam e soltavam, e as flechas penetravam em escudos e nas fileiras cerradas francesas. Um dos homens foi atingido na coxa e cambaleou, e os soldados o cercaram e tornaram a cerrar fileiras. Um arqueiro inglês, de pé para disparar seu arco, foi atingido no ombro por uma seta de besta e sua flecha subiu alucinada.

— Montjoie St. Denis!

Os soldados berravam seu desafio enquanto a carga chegava ao terreno plano na base da encosta. As flechas entravam nos escudos com uma força desesperadora, mas os franceses mantinham a formação cerrada, escudo sobrepondo-se a escudo, e os besteiros chegavam mais perto para mirar nos arqueiros ingleses,

que eram obrigados a ficar de pé em suas trincheiras para disparar suas armas.

Um dardo trespassou um morrião de ferro e perfurou um crânio inglês. O homem caiu para o lado, o sangue escorrendo-lhe pela face.

Uma rajada de flechas saiu do alto da torre e os dardos de bestas que respondiam bateram nas pedras enquanto os soldados ingleses, vendo que suas flechas não tinham detido o inimigo, ficaram em pé, espadas desembainhadas, para enfrentar a carga.

— São Jorge! — gritavam eles, e então os atacantes franceses estavam na primeira trincheira e golpeavam os ingleses abaixo deles.

Alguns franceses descobriram passagens estreitas que cortavam a trincheira e correram por elas para atacar os defensores pelas costas.

Os arqueiros postados nas duas trincheiras mais recuadas tinham alvos fáceis, porém o mesmo acontecia com os besteiros genoveses que saíam de trás de seus pavese para despejar uma chuva de ferro sobre o inimigo. Alguns ingleses, sentindo a matança iminente,

estavam deixando suas trincheiras para correr em direção ao Ham.

Edouard de Beaujeu, liderando os besteiros, viu os fugitivos e gritou para que os genoveses largassem as bestas e participassem do ataque.

Eles sacaram espadas ou machados e lançaram-se em grande quantidade sobre o inimigo.

— Matem! — gritava Edouard de Beaujeu. Ele montava um corcel e, a espada desembainhada, esporeou o animal para que avançasse. —

Matem!

Os ingleses a postos na trincheira avançada estavam condenados.

Eles lutavam para proteger-se da massa de soldados franceses, mas as espadas, os machados e as lanças desciam com força. Alguns tentaram renderse, mas a auriflama estava erguida e aquilo significava que não deveria haver prisioneiros, de modo que os franceses encharcaram a lama pegajosa do fundo da trincheira

com sangue inglês. Os defensores das trincheiras da retaguarda estavam todos correndo agora, mas os poucos cavaleiros franceses, aqueles que eram orgulhosos demais para lutar a pé, forçaram a passagem por entre seus próprios soldados e soltaram o grito de guerra enquanto lançavam seus grandes cavalos contra os fugitivos à margem do rio.

Garanhões giravam enquanto espadas cortavam. Um arqueiro perdeu a cabeça na margem do rio que, de repente, ficou vermelho. Um soldado gritou ao ser pisoteado por um corcel, e depois golpeou com uma lança. Um cavaleiro inglês ergueu as mãos, oferecendo uma manopla como sinal de rendição e foi derrubado por trás, a espinha perfurada por uma espada, e depois um outro cavalariano acertou-lhe o rosto com um machado.

— Matem-nos! — berrava o duque de Bourbon, a espada molhada. — Matem-nos! — Ele viu um grupo de arqueiros fugindo

em direção à ponte e gritou para seus seguidores: — Comigo!

Comigo! Montjoie St. Denis!

Os arqueiros, quase trinta, tinham fugido em direção à ponte, mas quando chegaram ao grupo de casas de telhado de bambu à margem do rio, ouviram o tropel e voltaram-se, alarmados. Por um instante, parecia que entrariam em pânico de novo, mas um homem os conteve.

— Atirem nos cavalos, rapazes! — disse ele, e os arqueiros puxaram as cordas, soltaram, e as flechas com penas brancas penetraram nos corcéis. O garanhão do duque de Bourbon cambaleou para o lado quando duas flechas atravessaram sua armadura de malha e couro, e depois caiu enquanto outros dois cavalos eram derrubados, as patas agitando-se no ar. Os outros cavalarianos, por instinto, fizeram meia-volta, procurando alvos mais fáceis. O escudeiro do duque cedeu o cavalo ao seu amo e depois morreu quando uma segunda rajada inglesa chegou chiando da aldeia. O duque, em vez de perder tempo tentando montar no cavalo do escudeiro, afastou-se andando com dificuldade com sua preciosa armadura, que o tinha protegido as flechas. À frente dele, em torno da base da torre de Nieulay, os sobreviventes das trincheiras inglesas haviam formado uma parede de escudos que agora estava cercada por franceses vingativos.

— Nada de prisioneiros! — gritou um cavaleiro francês. — Nada de prisioneiros!

O duque pediu que seus homens o ajudassem a montar.

Dois dos soldados do duque desmontaram para ajudar seu líder a montar o novo cavalo, e naquele exato momento ouviram o troar de patas. Voltaram-se e viram um grupo de cavaleiros ingleses que

atacavam, vindo da aldeia.

— Meu bom Jesus!

O duque estava metade na sela e metade fora dela, a espada na bainha, e começou a cair para trás quando os homens que o ajudavam sacaram suas espadas. Que diabo, de onde tinham surgido aqueles ingleses? Então, seus outros soldados, no desespero de proteger o seu senhor, arriaram as viseiras e voltaram-se para enfrentar o desafio. O duque, esparramando-se na turfa, ouviu o estridor de cavaleiros vestindo armaduras.

Os ingleses eram o grupo de homens que o rei francês tinha visto. Eles haviam feito uma parada na aldeia para assistir ao massacre nas trincheiras e estavam para atravessar de volta a ponte quando os homens do duque de Bourbon se aproximaram. Chegaram perto demais: um desafio que não podia ser ignorado. Por isso, o senhor inglês liderou seus cavaleiros numa carga que penetrou no grupo de homens do duque de Bourbon. Os franceses não se haviam preparado para o ataque, e os ingleses investiram com a disposição adequada, joelho tocando joelho, e as longas lanças de freixo, levadas erguidas enquanto atacavam, de repente baixaram para a posição de matar e atravessaram malha e couro. O líder inglês usava um manto azul atravessado por uma tira branca diagonal na qual estavam pintadas três estrelas vermelhas. Leões amarelos ocupavam o campo azul que de repente ficou preto com o sangue inimigo quando ele golpeou com a espada para cima, na axila desprotegida de um soldado francês.

O homem tremeu de dor, tentou golpear com a espada, mas então um outro inglês meteu uma maça na sua viseira, que amassou com o golpe e projetou sangue de umas doze rachaduras. Um cavalo jarretado berrou e caiu.

— Fiquem juntos! — gritava para seus homens o inglês com o manto vistoso. — Fiquem juntos!

O cavalo dele empinou, agitando as patas para um francês que fora derrubado da

montaria. Aquele homem caiu, elmo e crânio esmagados por uma ferradura, e aí o cavaleiro viu o duque em pé, indefeso, ao lado de um cavalo; reconheceu o valor da armadura do homem, que brilhava, e girou seu cavalo na direção dele. O duque desviou com o escudo o golpe da espada e brandiu a dele, que vibrou contra a armadura da perna do inimigo, e de repente o cavalariano foi embora.

Um outro inglês tinha puxado o cavalo do seu líder para longe.

Uma massa de cavaleiros franceses descia a montanha. O rei os mandara na esperança de capturar o senhor inglês e seus homens, e ainda mais franceses, impossibilitados de participar do ataque à torre porque um número demasiado de seus companheiros se reunia para ajudar a matar o que restava da guarnição, agora atacavam a ponte.

— Voltem! — berrou o líder inglês, mas a rua da aldeia e a estreita ponte estavam bloqueadas por fugitivos e ameaçadas por franceses. Ele poderia abrir caminho à força, mas isso significaria matar seus próprios arqueiros e perder alguns de seus cavaleiros no pânico caótico, de modo que, em vez disso, olhou para o outro lado da estrada e viu uma trilha que corria junto ao rio. Pensou que ela poderia levar à praia e, lá, talvez ele pudesse dobrar e seguir para o leste e voltar para as linhas inglesas.

Os cavaleiros ingleses cutucaram forte com as esporas. A trilha era estreita, só dois cavaleiros podiam cavalgar juntos; de um lado estava o rio Ham e, do outro, um trecho de terreno alagadiço, mas a trilha era firme e os ingleses seguiram por ela até alcançar um trecho

de terreno mais alto, onde puderam se reunir. Mas não poderiam escapar. O pequeno trecho de terreno mais elevado era quase uma ilha, que só podia ser atingido pela trilha e estava cercado por um atoleiro de junco e lama. Eles estavam encurralados.

Cem cavaleiros franceses estavam prontos para segui-los pela trilha, mas os ingleses tinham desmontado e feito uma parede com os escudos, e a idéia de forçar a passagem por aquela barreira de aço convenceu os franceses a regressar à torre, onde o inimigo era mais vulnerável. Arqueiros ainda disparavam das defesas, mas os besteiros genoveses reagiam, e agora os franceses lançaram-se contra os soldados ingleses formados aos pés da fortificação.

Os franceses atacaram a pé. O terreno estava escorregadio por causa da chuva de

verão, e os pés revestidos com cota de malha transformavam-no em lama enquanto os soldados na dianteira berravam seu grito de guerra e atiravam-se contra os ingleses que estavam em inferioridade numérica. Aqueles ingleses tinham colado seus escudos uns nos outros e empurravam-nos para a frente a fim de enfrentar a carga. Houve um entrechoque de aço e madeira, um grito quando uma lâmina enfiou-se por baixo da beira de um escudo e achou carne. Os homens da segunda fileira inglesa, que era a retaguarda deles, brandiram maças e espadas por sobre a cabeça de seus companheiros.

— São Jorge! — ergueu-se um grito. — São Jorge! — E os soldados inclinavam-se à frente a fim de tirar os mortos e os moribundos de seus escudos. — Matem os bastardos!

— Matem-nos! — gritou Sir Geoffrey de Charny em resposta, e os franceses voltaram, aos tropeções devido às cotas de malha e às armaduras, passando pelos feridos e mortos, e dessa vez os escudos

ingleses não estavam com as bordas encostadas umas nas outras, e os franceses encontraram brechas. Espadas batiam em armaduras, atravessavam malhas, batiam em elmos. Uns poucos defensores que restavam tentavam fugir para o outro lado do rio, mas os besteiros genoveses os perseguiram, e foi uma simples questão de segurar dentro d'água um homem vestindo uma armadura, até que ele morresse afogado, e depois saquear-lhe o corpo. Uns poucos fugitivos ingleses saíram cambaleantes na outra margem, indo para onde uma linha de combate inglesa formada por arqueiros agrupava-se para repelir qualquer ataque vindo do outro lado do Ham.

Lá na torre, um francês com um machado de batalha golpeava repetidas vezes um inglês, abrindo a ombreira que protegia o ombro direito, cortando a malha que estava por baixo, batendo no homem a ponto de fazê-lo acocorar-se, e ainda assim os golpes continuaram até que o machado tivesse aberto o peito do inimigo e houvesse um esvaziar de costelas brancas entre a carne moída e a armadura cortada. Sangue e lama formavam uma pasta sob os pés. Para cada inglês havia três inimigos, e a porta da torre tinha sido deixada destrancada, para dar aos homens que estavam fora um lugar para o qual pudessem recuar, mas em vez disso foram os franceses que forçaram a entrada. Os últimos defensores que se encontravam fora da torre foram abatidos e mortos, enquanto que lá dentro os atacantes começavam a subir as escadas lutando.

Os degraus voltavam-se para a direita à medida que subiam.

Aquilo significava que os defensores podiam usar o braço direito sem problemas, enquanto os atacantes ficavam sempre prejudicados pelo grande pilar central da escada, mas um cavaleiro francês com uma lança curta fez a primeira investida e eviscerou um inglês com a

lâmina antes de outro defensor matá-lo com um golpe de espada por cima da cabeça do moribundo. Ali, as viseiras foram erguidas, porque estava escuro na torre e não era possível enxergar com os olhos meio cobertos de aço. com isso, os ingleses golpeavam olhos franceses.

Soldados puxavam os mortos dos degraus, deixando uma trilha de entranhas, e então mais dois homens atacaram escada acima, escorregando em fezes. Aparavam golpes ingleses, enfiavam as espadas em virilhas, e ainda mais franceses entravam pela torre. Um grito horrível encheu o poço da escada e depois outro corpo ensanguentado foi jogado para baixo e para fora do caminho: outros três degraus ficaram livres e os franceses tornaram a avançar subindo.

— Montjoie St. Denis!

Um inglês, segurando um martelo de ferreiro, desceu a escada e bateu em elmos franceses, matando um homem ao esmagar-lhe o crânio e fazendo os outros recuarem até que um cavaleiro teve a idéia de agarrar uma besta e avançar sorrateiramente escada acima até conseguir uma visão livre de empecilhos. O dardo atravessou a boca do inglês e ergueu a parte posterior do crânio. Os franceses avançaram de novo, com gritos de ódio e vitória, pisoteando o moribundo com os pés sujos de dejetos e levando suas espadas ao alto da torre. Lá, doze homens tentaram empurrá-los de volta escada abaixo, mas ainda havia mais franceses subindo. Eles forçaram os atacantes que iam à frente contra as espadas dos defensores e os homens que vinham em seguida passaram desajeitados por cima dos moribundos e dos mortos para aniquilar o que restava da guarnição.

Todos os homens foram abatidos. Um arqueiro viveu o suficiente para ter os dedos decepados, depois os olhos arrancados, e ainda estava gritando quando foi atirado da torre sobre as espadas que

aguardavam lá embaixo.

Os franceses ovacionaram. A torre era uma capela mortuária, mas o estandarte da França iria ser hasteado em suas defesas. As trincheiras tinham-se tornado sepulturas para os ingleses. Homens vitoriosos começaram a tirar as roupas dos mortos à procura de moedas, quando soou uma trombeta.

Ainda havia alguns ingleses no lado francês do rio: cavaleiros encurralados num pedaço de terreno mais firme.

De modo que a matança ainda não acabara.

Calais, 1347

o St. James ancorou ao largo da praia ao sul de Calais e transferiu os passageiros para terra em barcos a remo. Três dos passageiros, todos em cotas de malha, tinham tanta bagagem que pagaram a dois tripulantes do St. James para levá-la para as ruas do acampamento inglês, onde eles procuravam o conde de Northampton. Algumas casas tinham dois pavimentos, e sapateiros, armeiros, ferreiros, fruteiros, padeiros e açougueiros tinham, todos, pendurado cartazes nos andares superiores. Havia bordéis e igrejas, tendas de cartomantes e tabernas construídas entre as tendas e as casas. Crianças brincavam nas ruas. Algumas tinham pequenos arcos e atiravam flechas sem ponta contra cachorros irritados. As moradias dos nobres estavam com seus estandartes pendurados no lado de fora e guardas com cotas de malha postados junto às portas. Um cemitério espalhava-se pântanos adentro, as covas úmidas cheias de homens, mulheres e crianças que haviam sucumbido à febre que assolava os pântanos de Calais.

Os três homens acharam a moradia do conde, que era um grande prédio de madeira perto do pavilhão onde tremulava a bandeira real.

Dois deles, o mais jovem e o mais velho, ficaram com a bagagem enquanto o terceiro, o mais alto, dirigiu-se a pé até Nieulay. Tinham

dito a ele que o conde liderara alguns cavaleiros numa incursão em direção ao exército francês.

— Milhares de bastardos — informara o intendente do conde —

sem fazer nada lá em cima, só de dedo no nariz, de modo que sua excelência

quer desafiar alguns deles. Ele está ficando entediado. —

Olhou para a grande arca de madeira que os dois homens vigiavam.

— E o que é que tem aí dentro?

— Meleca — dissera o homem alto. Depois levou ao ombro um longo arco preto, apanhou uma sacola de flechas e saiu.

O nome dele era Thomas. Às vezes, Thomas de Hookton. Outras vezes era Thomas, o Bastardo, e, se quisesse ser muito formal, podia chamar-se Thomas Vexille, embora raramente fizesse isso. Os Vexille eram uma família nobre gascã e Thomas de Hookton era filho ilegítimo de um Vexille fugitivo, que não o deixara nem nobre nem Vexille. E, sem dúvida alguma, nem gascão. Ele era um arqueiro inglês.

Thomas atraía olhares enquanto caminhava pelo acampamento.

Ele era alto. Cabelos pretos apareciam sob a borda do elmo de ferro.

Era jovem, mas o rosto fora curtido pela guerra. Tinha faces cavadas, vigilantes olhos pretos e um nariz comprido que fora quebrado numa briga e posto no lugar de forma errada. A cota de malha perdera o brilho devido a viagens, e debaixo dela usava uma jaqueta de couro, calções pretos e botas de montaria de cano longo, sem esporas. Uma espada embainhada em couro preto pendia de seu flanco direito, um embornal estava pendurado nas costas e uma sacola branca de flechas no quadril direito. Ele mancava muito de leve, sugerindo que devia ter sido ferido em combate, embora na verdade a contusão tivesse sido provocada por um religioso, em nome de Deus. As cicatrizes

daquela tortura estavam escondidas agora, exceto quanto ao dano às mãos, que tinham ficado tortas e encaroçadas, mas ele ainda podia disparar um arco. Ele tinha 23 anos e era um matador.

Ele passou pelos acampamentos dos arqueiros. A maioria tinha troféus pendurados. Ele viu uma couraça de armadura francesa de aço maciço, que havia sido perfurada por uma flecha, pendurada bem alto para alardear o que os arqueiros faziam com cavaleiros. Um outro grupo de tendas exibia uns vinte rabos de cavalo pendurados num poste. Uma cota de malha enferrujada tinha sido enchida de palha, pendurada numa árvore nova e furada por flechas. Para

além das tendas ficava uma área pantanosa que fedia a esgoto. Thomas seguiu em frente, observando a disposição de tropas francesas nos planaltos do sul. Eles eram bem numerosos, pensou, muito mais do que os que apareceram para ser massacrados entre Wadicourt e Crécy. Para cada francês morto, pensou, surgiam mais dois. Ele agora via a ponte à sua frente e a pequena aldeia depois dela, e atrás dele chegavam homens vindos do acampamento para formar uma linha de combate e defender a ponte, porque os franceses estavam atacando o pequeno posto avançado inglês na margem mais distante. Thomas os via descendo em grande número pela encosta, e também viu um pequeno grupo de cavaleiros que presumiu serem o conde e seus homens. Atrás dele, o barulho abafado pela distância, um canhão inglês disparou um projétil de pedra contra os castigados muros de Calais. O som rolou por cima dos pântanos e desapareceu, para ser substituído pelo entrecostar de armas vindo das trincheiras inglesas.

Thomas não se apressou. Aquela briga não era dele. Mesmo assim, tirou o arco das costas e encordoou-o, e percebeu como aquele ato se tornara fácil. O arco era velho e estava ficando cansado. A

negra vara de teixo, antigamente reta, agora se achava ligeiramente curva. Tinha acompanhado a corda, como diziam os arqueiros, e ele viu que era preciso fazer uma nova arma. Mas reconheceu que o velho arco, que ele pintara de preto e no qual prendera uma placa de prata mostrando um estranho animal segurando um cálice, ainda tinha nele a alma de alguns franceses.

Ele não viu os cavaleiros ingleses investindo contra o flanco do ataque francês, porque os casebres de Nieulay escondiam a breve luta.

Viu, sim, a ponte encher-se de fugitivos que atrapalhavam uns aos outros na pressa de escapar da fúria francesa, e por cima da cabeça deles ele viu os cavaleiros seguirem em direção ao mar, na margem mais distante do rio. Ele foi atrás deles pelo lado inglês do rio, saindo da estrada aterrada para saltar de tufo para tufo, às vezes espirrando água ao passar por poças, ou patinando pela lama que tentava roubar-lhe as botas. E então viu-se à beira do rio e viu a maré cor de lama avançar em remoinho terra adentro, enquanto o mar subia de nível. O vento fedia a sal e decomposição.

E então, ele viu o conde. O conde de Northampton era o senhor de Thomas, o homem a quem ele servia, apesar de a rédea do conde ser frouxa e sua bolsa, generosa. O conde observava os franceses vitoriosos, sabendo que iriam atacá-

lo, e um de seus soldados tinha desmontado e tentava encontrar uma trilha firme bastante para permitir que os cavalos com armaduras chegassem ao rio. Outros doze de seus soldados estavam ajoelhados ou em pé fechando a trilha de aproximação dos franceses, prontos para enfrentar uma carga com escudos e espadas. E lá na aldeia, onde a matança da guarnição inglesa terminara, os franceses voltavam-se, sedentos, para os homens encurralados.

Thomas entrou no rio. Manteve o arco elevado, porque uma corda molhada não esticava, e vadeou contra o puxar da maré. A água chegava-lhe na cintura, e depois ele saiu com dificuldade para a margem lamacenta e correu para onde os soldados esperavam para receber os primeiros atacantes franceses. Thomas ajoelhou-se bem junto deles, no pântano; espalhou as flechas na lama e pegou uma.

Uns vinte franceses estavam se aproximando. Doze estavam montados, e os cavaleiros mantinham-se na trilha, mas em seus flancos soldados desmontados patinhavam pelos pântanos e Thomas não se preocupou com eles, porque iriam demorar a chegar em terra firme, e em vez disso começou a disparar contra os cavaleiros montados.

Ele atirava sem pensar. Sem mirar. Aquilo era a sua vida, sua perícia e seu orgulho. Pegar um arco, mais alto do que um homem, feito de teixo, e usá-lo para disparar flechas de freixo, com penas de ganso na extremidade e armadas com ponta de estilete. Como o grande arco era puxado até a orelha, de nada adiantava tentar mirar com o olho. Eram anos de prática que permitiam saber aonde iriam suas flechas, e Thomas as disparava em ritmo alucinado, uma flecha a cada três ou quatro segundos, e as penas brancas cortavam o ar em direção ao outro lado do pântano, e as compridas pontas de aço atravessavam cotas de malha e couro e penetravam em barrigas, peitos e coxas franceses. Elas atingiam o alvo com o som de um machado de açougueiro caindo sobre carne, e faziam com que os cavalarianos parassem. Os dois que lideravam o grupo estavam morrendo, um terceiro estava com uma flecha no alto da coxa, e os homens que vinham atrás não podiam passar pelos feridos que estavam na frente porque a trilha era estreita demais, e por isso

Thomas começou a atirar contra os soldados desmontados. A força do impacto de uma flecha era suficiente para jogar um homem para trás.

Se um francês erguia um escudo para proteger a parte superior do corpo, Thomas

mandava uma flecha nas pernas, e se o arco dele estava velho, ainda era perverso. Thomas estivera navegando mais de uma semana e sentia a dor nos músculos das costas enquanto puxava a corda. Mesmo puxar o arco enfraquecido era o equivalente a levantar do chão um homem adulto, e toda aquela potência era transferida para a flecha. Um cavaleiro tentou avançar pela lama, mas o seu pesado corcel patinhou no terreno encharcado; Thomas escolheu uma flecha para penetrar carne, com uma ponta grossa, que furasse as entranhas e os vasos sanguíneos, e disparou-a a baixa altura, viu o cavalo estremecer, apanhou uma furadora do chão e disparou-a contra um soldado que estava com a viseira levantada.

Thomas não olhou para ver se qualquer uma das flechas tinha atingido o alvo, disparou e apanhou outro projétil, depois tornou a disparar, e a corda do arco raspou o braçal de osso que ele usava no pulso esquerdo. Ele nunca se preocupara em proteger o pulso antes, gostando do calor deixado pela corda, mas o dominicano torturara o seu antebraço esquerdo e o deixara encrespado com cicatrizes, de modo que agora a bainha de osso protegia a pele.

O dominicano tinha morrido.

Faltavam seis flechas. Os franceses estavam recuando, mas não vencidos. Gritavam por besteiros e por mais soldados e Thomas, respondendo, pôs na boca os dois dedos que usava para puxar a corda e soltou um assobio estridente. Duas notas, alta e baixa, repetidas três vezes, depois uma pausa e ele tornou a assobiar as duas notas e viu arqueiros que corriam para o rio. Alguns eram os homens que tinham

se retirado de Nieulay e outros vinham da linha de combate, porque reconheceram o sinal de que um colega arqueiro precisava de ajuda.

Thomas apanhou as seis flechas e voltou-se para ver que os primeiros dos cavaleiros do conde tinham encontrado uma passagem para o rio e estavam conduzindo seus animais pesadamente protegidos por armaduras pela maré que se agitava. Minutos iriam passar antes que todos eles chegassem ao outro lado, mas arqueiros seguiam patinando em direção à margem mais distante, agora, e os que estavam mais perto de Nieulay já atiravam contra um grupo de besteiros levado às pressas para a luta inacabada. Mais cavalarianos desciam das colinas de Sangatte, com raiva pelo fato de os cavaleiros ingleses estarem fugindo. Dois deles galoparam para dentro do pântano, onde os cavalos começaram a entrar em

pânico no terreno traiçoeiro. Thomas encaixou uma das últimas flechas na corda, e então concluiu que o pântano estava derrotando os dois homens e uma flecha seria supérflua.

Uma voz veio de um ponto logo atrás dele.

— É o Thomas, não é?

— Excelência. — Thomas tirou o elmo, rápido, e voltou-se, ainda de joelhos.

— Você é bom com esse arco, não é? — O conde falava com ironia.

— Prática, excelência.

— Uma mente maldosa ajuda — disse o conde, fazendo um gesto para que Thomas se levantasse.

O conde era um homem de baixa estatura, atarracado, com um rosto castigado pelo tempo, que os arqueiros dele gostavam de dizer que parecia o traseiro de um touro, mas também reconheciam que ele

era um lutador, um homem bom e tão resistente quanto qualquer um de seus homens. Ele era amigo do rei, mas também amigo de quem quer que usasse o seu emblema. Não era homem de mandar outros para o combate a menos que os chefiasse, e ele desmontara e retirara o elmo para que a sua retaguarda o reconhecesse e ficasse sabendo que ele partilhava do perigo deles.

— Pensei que você estivesse na Inglaterra — disse a Thomas.

— Eu estava — respondeu ele, agora falando francês, porque sabia que o conde sentia-se mais à vontade naquela língua —, e depois estive na Bretanha.

— E agora está me salvando. — O conde sorriu, revelando os claros onde perdera os dentes. — Acho que você vai querer uma garrafa de cerveja por causa disso, não?

— Tudo isso, excelência?

O conde soltou uma gargalhada.

— Nós bancamos os bobos, não? — Ele observava os franceses que, agora que uma centena ou mais de arqueiros ingleses estavam dispostos em linha na margem do rio, pensavam duas vezes antes de lançar um novo ataque. — Pensamos que poderíamos tentar quarenta deles para uma batalha de honra perto da aldeia, e então metade do exército deles desceu da montanha. Você me traz notícias de Will Skeat?

— Ele morreu, excelência. Morreu no combate em La Roche-Derrien. O conde vacilou e depois fez o sinalda-cruz.

— Pobre Will. Deus sabe o quanto eu gostava dele. Nunca houve um soldado melhor. — Olhou para Thomas. — E a outra coisa? Você o trouxe para mim?

Ele se referia ao Graal.

— Eu lhe trago ouro, senhor — disse Thomas —, mas não ele. O conde deu uma batidinha no braço de Thomas.

— Nós vamos conversar, mas não aqui. — Ele olhou para os homens e ergueu a voz: — Voltem, agora! Voltem!

A retaguarda desmontada, os cavalos já levados para um lugar seguro através da maré que subia, seguiu depressa para o rio e o atravessou. Thomas foi atrás e o conde, a espada desembainhada, foi o último homem a vadear a água que ficava mais profunda. Os franceses, privados da presa valiosa, zombaram da sua retirada.

E o combate daquele dia acabara.

o exército francês não permaneceu ali. Eles tinham matado a guarnição de Nieulay, mas até mesmo os mais sanguinários entre eles sabiam que não podiam fazer mais do que aquilo. Havia ingleses demais. Milhares de arqueiros estavam rezando para que os franceses atravessassem o rio e dessem combate a eles, de modo que em vez disso os homens de Filipe retiraram-se marchando, deixando as trincheiras de Nieulay cheias com os mortos e a crista de Sangatte, varrida pelo vento, vazia, e no dia seguinte a cidade de Calais se rendeu. O primeiro instinto do rei Eduardo foi matar todos os habitantes, colocá-los em fila ao lado do fosso e cortar as cabeças de seus corpos macilentos, mas seus grandes senhores protestaram que os franceses iriam fazer o mesmo com qualquer cidade

ocupada pelos ingleses que eles capturassem na Gasconha ou em Flandres, e por isso o rei, com relutância, reduziu a exigência a apenas seis vidas.

Seis homens, faces encovadas e vestindo os mantos de penitentes, com laços de força em volta do pescoço, foram levados da cidade. Eram todos cidadãos importantes, mercadores ou cavaleiros, homens de posses e posição, o tipo de gente que havia desafiado Eduardo da Inglaterra durante onze meses. Eles levavam as chaves das portas da cidade sobre almofadas que depuseram diante do rei, depois prostraram-se em frente à plataforma de madeira onde estavam sentados o rei e a rainha da Inglaterra e os grandes magnatas do

reino. Os seis homens pediram por suas vidas, mas Eduardo estava zangado. Eles o tinham desafiado, e por isso o carrasco foi chamado, porém uma vez mais os grandes senhores alegaram que ele estava provocando represálias, e a própria rainha ajoelhou-se diante do marido e pediu que os seis homens fossem poupados. Eduardo resmungou, fez uma pausa enquanto os seis mantinham-se imóveis sob o tablado, e então permitiu que continuassem vivos.

Foram levados alimentos para os cidadãos que estavam famintos, mas nenhum outro sinal de misericórdia foi mostrado. Eles foram expulsos, sem permissão para levar coisa alguma, exceto as roupas que vestiam, e até elas foram revistadas para ter-se a certeza de que nenhuma moeda ou jóia fosse contrabandeada para fora das linhas inglesas. Uma cidade vazia, com casas para oito mil pessoas, com armazéns e lojas e tabernas e cais, e uma cidadela e fossos, pertencia à Inglaterra.

— Uma porta para a França — disse o conde de Northampton, entusiasmado.

Ele ficou com uma casa que pertencera a um dos seis, um homem que agora caminhava pela Picardia com a família como um pedinte. Era uma luxuosa casa de pedra, abaixo da cidadela, com vista para o cais, que, agora, estava lotado de navios ingleses.

— Vamos encher a cidade com gente boa inglesa — disse o conde. — Quer morar aqui, Thomas?

— Não, excelência — disse Thomas.

— Nem eu — admitiu o conde. — Ela não passa de um chiqueiro num pântano. Mesmo assim, é nossa. Pois então, meu jovem Thomas, o que é que você quer?

Era de manhã, três dias depois da rendição da cidade, e a riqueza confiscada de Calais estava sendo distribuída aos vencedores. O

conde ficara ainda mais rico do que esperava, porque o grande baú que Thomas trouxera da Bretanha estava cheio de moedas de ouro e prata capturadas no acampamento de Charles de Blois depois da batalha de La Roche-Derrien. Um terço daquilo pertencia ao senhor de Thomas e os homens do conde tinham contado as moedas, separando um terço da cota do conde para o rei.

Thomas havia contado sua história. Disse que, seguindo instruções do conde, ele tinha ido à Inglaterra para investigar o passado de seu falecido pai, à procura de uma pista para o Graal. Não encontrara coisa alguma, exceto um livro no qual seu pai, que era padre, escrevera sobre o Graal, mas o padre Ralph tinha uma inteligência que vagava e sonhos que pareciam verdadeiros, e Thomas nada entendera dos escritos, que foram tirados dele pelo dominicano que o torturou. Mas o livro tinha sido copiado antes de o dominicano roubá-lo e agora, no novo aposento do conde iluminado pela luz do sol, um jovem padre inglês tentava entender a cópia.

— O que quero — disse Thomas ao conde — é chefiar arqueiros.

— Só Deus sabe se haverá algum lugar para onde chefiá-los —

respondeu o conde, pesaroso. — O Eduardo fala em atacar Paris, mas isso não vai acontecer. Vai haver uma trégua, Thomas. Iremos jurar amizade eterna, e depois voltar para casa e afiar nossas espadas.

Ouviu-se um estalar de pergaminho quando o padre virou outra página. O padre Ralph escrevera em latim, grego, hebraico e francês, e era evidente que o padre entendia todas. De vez em quando ele fazia uma anotação num pedaço de pergaminho à medida que ia lendo.

Barris de cerveja estavam sendo descarregados no cais, com o ribombar dos grandes toneis parecendo trovoadas. A bandeira do rei

da Inglaterra, leopardos e flor-de-lis, tremulava na cidadela capturada acima da francesa, que estava hasteada de cabeça para baixo, em sinal de escárnio. Dois homens, companheiros de Thomas, estavam à entrada do aposento, à espera de que o conde os incluísse.

— Só Deus sabe que tipo de emprego haverá para os arqueiros —
prosseguiu o conde —, a menos que seja proteger muros de fortalezas.

É isso que você quer?

— Eu só sou bom nisso, excelência. Atirar com um arco. —

Thomas falava em francês normando, a língua da aristocracia da Inglaterra e a língua que seu pai lhe ensinara. — E eu tenho dinheiro, excelência.

Ele queria dizer que agora podia recrutar arqueiros, equipá-los com cavalos e levá-los a serviço do conde, que nada custaria ao conde, mas este poderia ficar com a terça parte de tudo que eles saqueassem.

Foi assim que Will Skeat, de origem plebéia, fez o seu nome. O

conde gostava de homens assim, lucrava com eles, e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas chefiá-los para onde? — perguntou ele. — Odeio tréguas.

De sua mesa ao lado da janela, o jovem padre interveio.

— O rei preferiria que o Graal fosse encontrado.

— O nome dele é John Buckingham — disse o conde, referindo-se ao padre —, e é camareiro da receita do Tesouro, o que pode não lhe dizer muita coisa, jovem Thomas, mas significa que ele serve ao rei e é provável que venha a ser arcebispo de Canterbury antes de completar trinta anos de idade.

— Dificilmente — disse o padre.

— E é claro que o rei quer que o Graal seja encontrado — falou o

conde —, e nós todos queremos. Eu quero ver essa coisa na Abadia de Westminster! Quero que o rei da maldita França rasteje na porcária dos joelhos para rezar a ele. Quero que peregrinos de toda a cristandade nos tragam ouro. Pelo amor de Deus, Thomas, essa porcária de coisa existe? Seu pai o tinha?

— Não sei, excelência — respondeu Thomas.

— Você não serve para grande coisa — resmungou o conde. John Buckingham olhou para suas anotações.

— Você tem um primo, Guy Vexille?

— Tenho — disse Thomas.

— E ele está à procura do Graal?

— Ele faz isso procurando por mim — disse Thomas. — E não sei onde o Graal está.

— Mas ele estava procurando pelo Graal antes de saber que você existia — assinalou o jovem padre —, o que me parece que ele tem alguma informação que nos foi negada. Eu aconselharia, excelência, procurarmos esse Guy Vexille.

— Seríamos dois cachorros correndo atrás um do outro —

interveio Thomas com amargor.

O conde fez um sinal para que Thomas ficasse calado. O padre voltou a olhar para suas anotações.

— E, por mais opacos que estes escritos sejam — disse ele, em tom de censura — há um fio de luz. Eles parecem confirmar que o Graal esteve em Astarac. Que estava escondido lá.

— E foi roubado de novo! — protestou Thomas.

— Quando se perde algo de valor — perguntou Buckingham, paciente — por onde se começa a busca? No lugar em que o objeto foi visto pela última vez. Onde fica Astarac?

— Na Gasconha — respondeu Thomas —, no feudo de Berat.

— Ah! — exclamou o conde, mas depois calou-se.

— E você foi a Astarac? — perguntou Buckingham. Ele podia ser jovem, mas tinha uma autoridade que provinha de mais alguma coisa do que o cargo junto ao tesoureiro do rei.

— Não.

— Pois então, sugiro que vá — disse o padre — e veja o que pode apurar. E se fizer bastante alarde durante a busca, é bem possível que seu primo vá à sua procura, e você possa encontrá-lo e descobrir o que ele sabe.

O padre sorriu, como que para indicar que tinha resolvido o problema.

Fez-se silêncio, exceto quanto a um dos cães de caça do conde coçando-se a um canto do aposento, e no caos um marinheiro soltou uma torrente de palavrões que poderiam ter feito corar as faces do diabo.

— Não posso capturar o Guy sozinho — protestou Thomas —, e Berat não jurou vassalagem ao nosso rei.

— Oficialmente — observou Buckingham —, Berat jura vassalagem ao conde de Toulouse, que hoje significa ao rei da França.

O conde de Berat é, sem Dúvida alguma, um inimigo.

— Nenhuma trégua foi assinada até agora — disse o conde, hesitante.

— E eu desconfio que vai levar dias para ser assinada —

concordou Buckingham

O conde olhou para Thomas.

— E você quer arqueiros?

— Eu gostaria de ficar com os homens de Will Skeat, excelência.

— E não há dúvida de que eles irão servi-lo — disse o conde —, mas você não pode comandar soldados, Thomas.

Ele queria dizer que Thomas, sem berço nobre e ainda jovem, poderia ter autoridade para comandar arqueiros, mas soldados, que se consideravam de categoria mais elevada, ficariam ressentidos com a sua liderança. Will Skeat, que nascera em classe mais baixa do que a de Thomas, conseguira, mas Will era muito mais velho e muito mais experiente.

— Eu posso comandar soldados — anunciou um dos dois homens que estavam junto à parede.

Thomas apresentou os dois. O que falara era um homem mais velho, com cicatrizes, sem um olho, resistente como malha. Seu nome era Sir Guillaume d'Evecque, lorde de Evecque, e ele já tivera um feudo na Norinandia até que seu rei se voltara contra ele, e agora era um guerreiro sem terras e amigo de Thomas. O outro, mais jovem, também era amigo. Era Robbie Douglas, um escocês que tinha sido preso em Durham no ano anterior.

— Pelos ossos de Cristo — disse o conde quando soube da situação de Robbie —, mas a esta altura você já deve ter conseguido o seu resgate, não?

— Consegui, excelência — admitiu Robbie —, e depois perdi.

— Perdeu!

Robbie baixou os olhos para o chão, de modo que Thomas explicou numa palavra curta.

— Dados.

O conde pareceu enojado, e depois voltou-se outra vez para Sir Guillaume.

— Eu ouvi falar no senhor — disse ele, e aquilo era um cumprimento — e sei que pode liderar soldados, mas a quem o senhor serve?

— A homem nenhum, excelência.

— Neste caso, não pode comandar soldados — disse o conde, mordaz, e ficou esperando.

Sir Guillaume hesitou. Era um homem orgulhoso, tinha 35 anos de idade, experiência em guerras, e uma reputação que começara a ser feita ao lutar contra os ingleses. Mas agora não possuía terra alguma, não tinha um senhor, e como tal era um pouco mais do que um andarilho, e por isso, depois de uma pausa, caminhou até o conde e ajoelhou-se diante dele e ergueu as mãos como se estivesse rezando.

O conde envolveu as mãos de Guillaume com as suas.

— Promete servir a mim — perguntou ele —, ser meu vassalo, não servir a mais ninguém?

— Prometo — disse Sir Guillaume, enfático, e o conde ergueu-o e os dois homens beijaram-se nos lábios.

— Eu me sinto honrado — disse o conde, dando uma batida no ombro de Sir Guillaume, depois tornou a voltar-se para Thomas. —

Então, você pode levantar uma força adequada. Vai precisar de quanto? Cinquenta homens? A metade de arqueiros.

— Cinquenta homens no feudo distante? — disse Thomas. —

Eles não vão durar um mês, excelência.

— Mas vão, sim — disse o conde e explicou a sua reação anterior, de surpresa, diante da notícia de que Astarac ficava no condado de Berat. — Há muitos anos, jovem Thomas, antes de você ser desmamado, nós tínhamos uma propriedade na Gasconha. Nós a perdemos, mas nunca a entregamos oficialmente, de modo que

há, em Berat, três ou quatro praças fortes sobre as quais eu tenho um direito legítimo.

John Buckingham, lendo as anotações do padre Ralph outra vez, ergueu uma sobrancelha para indicar que o direito, na melhor das hipóteses, era tênue, mas nada disse.

— Vão, e tomem um daqueles castelos — disse o conde —, façam ataques relâmpagos, juntem dinheiro, e homens irão juntarse a vocês.

— E homens virão contra nós — observou Thomas, com tranquilidade.

— E Guy Vexille será um deles — disse o conde —, de modo que esta é a sua oportunidade. Aceite-a, Thomas, e saia daqui antes que se faça a trégua.

Thomas hesitou por uns instantes. O que o conde sugeria parecia quase uma loucura. Ele iria levar uma força para o extremo sul do território francês, capturar uma fortaleza, defendê-la, ter a esperança de capturar seu primo, achar Astarac, explorá-la, perseguir o Graal. Só um louco aceitaria uma missão daquelas, mas a alternativa era apodrecer com todos os outros arqueiros desempregados.

— Vou fazer isso, excelência — disse ele.

— Ótimo. Retirem-se, todos vocês! — O conde levou Thomas até a porta, mas assim que Robbie e Sir Guillaume estavam na escada, puxou Thomas de volta para uma conversa em particular. — Não leve o escocês com você — disse o conde.

— Não, excelência? Ele é meu amigo.

— Ele é um maldito de um escocês e eu não confio neles. São todos uns malditos ladrões e mentirosos. Pior do que os porcarias dos franceses. Quem o mantém prisioneiro?

— Lorde Outhwaite.

— E lorde Outhwaite deixou que ele viajasse com você? Estou surpreso. Pouco importa, mande o seu amigo escocês de volta para Outhwaite e deixe-o

apodrecer até que a família levante o dinheiro para o resgate. Mas não quero um porcaria de escocês tirando o Graal da Inglaterra. Está entendendo?

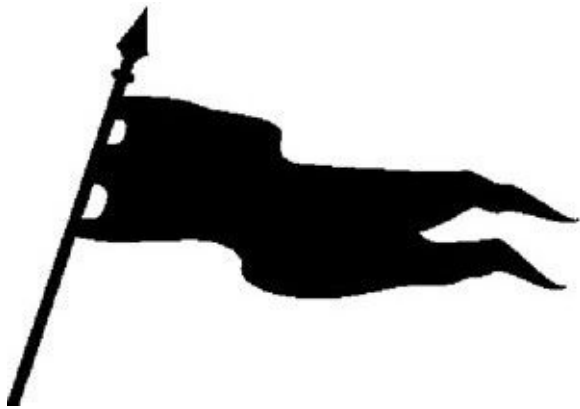
— Estou, excelência.

— Ótimo — disse o conde e deu um tapa nas costas de Thomas.

— Agora vá, e tenha sucesso.

Vá e morra, era o mais provável. Vá numa missão infrutífera, porque Thomas não acreditava que o Graal existisse. Ele queria que existisse, queria acreditar nas palavras do pai, mas seu pai às vezes era um louco, outras vezes malicioso, e Thomas tinha uma ambição, que era ser um líder tão bom quanto Will Skeat. Ser arqueiro. No entanto, a missão infrutífera lhe dava uma oportunidade de reunir homens, chefiá-los e perseguir o seu sonho. Por isso, iria atrás do Graal e veria o que acontecia.

Ele se dirigiu ao acampamento inglês e bateu num tambor. A paz estava chegando, mas Thomas de Hookton estava reunindo homens e indo à guerra.



Primeira Parte

BERAT, SETEMBRO DE 1347

o brinquedo do diabo

o Conde de Berat era velho, piedoso e culto. Vivera 65 anos e gostava de jactar-se de que não saíra de seu feudo nos últimos quarenta. Sua fortaleza era o grande castelo de Berat. Ficava num morro de calcário acima da cidade de Berat, que era quase cercada pelo rio Berat, que tornava o condado de Berat tão fértil assim. Havia azeitonas, uvas, peras, ameixas, cevada e mulheres. O conde gostava de todas elas. Casara-se cinco vezes, cada nova mulher mais moça do que a anterior, mas nenhuma lhe proporcionara um filho. Ele nem mesmo implantara um bastardo numa ordenhadora, apesar de, como Deus sabia, não ser por falta de tentativa.

A ausência de filhos convencera o conde de que Deus o amaldiçoara, de modo que em sua idade avançada ele se cercou de padres. A cidade tinha uma catedral e dezoito igrejas, com um bispo, cônegos e padres para enchê-las, e havia uma casa de frades dominicanos ao lado da porta leste. O conde abençoou a cidade com duas novas igrejas e construiu um convento no alto do monte oeste do outro lado do rio e depois dos vinhedos. Ele empregava um capelão e, por um alto preço, comprou um punhado da palha que havia forrado a manjedoura na qual o menino Jesus fora colocado ao nascer. O conde guardou a palha numa caixa de cristal, ouro e Pedras preciosas, colocou o relicário no altar da capela do castelo e rezava a ela todos os dias, mas nem mesmo aquele talismã sagrado ajudou.

Sua quinta esposa tinha dezessete anos e era rechonchuda e saudável e, como as outras, estéril.

No início, o conde desconfiara de que tinha sido tapeado na compra da palha santa, mas seu capelão lhe garantiu que a relíquia viera do palácio papal em Avignon e mostrou uma carta assinada pelo Santo Padre em pessoa, garantindo que a palha era realmente do leito do menino Jesus. Então, o conde mandou que sua nova esposa fosse examinada por quatro eminentes médicos e aquelas sumidades declararam que a urina dela era clara, suas partes estavam perfeitas e seus apetites eram saudáveis, e assim o conde empregou seus próprios conhecimentos na busca de um herdeiro. Hipócrates escrevera sobre o efeito de quadros sobre a concepção, e por isso o conde mandou que um pintor decorasse as paredes do quarto de sua esposa com retratos da Virgem e do menino; ele comia feijões vermelhos e mantinha seus aposentos aquecidos. Nada funcionava. A culpa não era do conde, disso ele sabia. Ele tinha plantado sementes de cevada

em dois vasos e regado uma com a urina da mulher e a outra com a urina dele, e os dois vasos tinham produzido brotos e isso, disseram os médicos, provava que o conde e a condessa eram férteis.

O que significava, concluíra o conde, que ele estava amaldiçoado.

Por isso, voltou-se mais avidamente para a religião, porque sabia que não lhe restava muito mais tempo de vida. Aristóteles escreveu que os setenta anos de idade eram o limite da capacidade de um homem, e sendo assim, o conde dispunha de apenas cinco anos para fazer o seu milagre. Então, uma certa manhã de outono, embora na ocasião ele não percebesse, suas preces foram atendidas.

Religiosos vieram de Paris. Três padres e um monge chegaram a Berat, levando uma carta de Louis Bessières, cardeal e arcebispo de

Livorno, legado papal junto à corte da França, e a carta era em termos humildes, respeitosos e ameaçadores. Ela solicitava que o irmão Jerome, um jovem monge de impressionante saber, tivesse permissão para examinar os registros de Berat.

”É do nosso conhecimento”, escreveu o cardeal num latim elegante, ”que o senhor dedica um grande amor a todos os manuscritos, tanto pagãos como cristãos, e por isso rogamos a Vossa Excelência, por amor a Cristo e para promover o Seu reino, que permita que o nosso irmão Jerome examine seus registros de propriedade.”

O que era ótimo, tanto quanto se podia entender, porque o conde de Berat possuía realmente uma biblioteca e uma coleção de manuscritos que talvez fosse a mais ampla em toda a Gasconha, se não em todo o sul da cristandade, mas o que a carta não deixava claro era o motivo pelo qual o cardeal arcebispo estava tão interessado nos registros de propriedade do castelo. Quanto à referência a obras pagas, aquilo era uma ameaça. Recuse este pedido, estava dizendo o cardeal-arcebispo, e soltarei os santos cães dos dominicanos e os inquisidores em seu condado e eles irão descobrir que as obras pagas estimulam a heresia. Aí, teriam início os julgamentos e as fogueiras, nenhum dos quais iria afetar o conde diretamente, mas seria necessário comprar indulgências, para que sua alma não fosse condenada. A Igreja tinha um apetite de glutão por dinheiro, e todo mundo sabia que o conde de Berat era rico. Por isso, ele não queria ofender o cardeal-arcebispo, mas queria saber por que Sua Eminência ficara, de repente, interessado em Berat.

O que era o motivo pelo qual o conde convocara o padre Roubert, o principal dominicano na cidade de Berat, ao grande salão

do castelo, que há muito tempo deixara de ser um lugar de festas mas, em vez disso, estava cercado de estantes nas quais velhos documentos mofavam e preciosos livros manuscritos estavam envoltos em couro oleado.

O padre Roubert tinha apenas 32 anos de idade. Era filho de um curtidor da cidade e subira na hierarquia da Igreja graças à proteção do conde. Era muito alto, muito rigoroso, com cabelos pretos cortados tão curtos, que faziam o conde lembrar-se das escovas de pêlos duros que os armeiros usavam para polir as cotas de malha.

Naquela bela manhã, o padre Roubert também estava irritado.

— Eu tenho compromisso em Castillon d’Arbizon amanhã —

disse ele —, e vou precisar sair daqui dentro de uma hora, se quiser chegar à cidade à luz do dia.

O conde ignorou a rudeza do tom do padre Roubert. O

dominicano gostava de tratar o conde como um igual, petulância que o conde tolerava porque achava aquilo divertido.

— O senhor tem compromisso em Castillon d’Arbizon? —

perguntou ele, e então se lembrou. — Mas é claro! O senhor vai queimar a beguina, não vai?

— Amanhã de manhã.

— Ela vai ser queimada com ou sem o senhor, padre — disse o conde — e o diabo irá pegar a alma dela, quer o senhor esteja lá para regozijar-se, quer não.

— Ele olhou para o padre. — Ou será que é porque o senhor gosta de ver mulheres sendo queimadas?

— Trata-se do meu dever — disse o padre Roubert, resolutivo.

— Ah, sim, o seu dever. Claro. Seu dever.

O conde olhou de cenho franzido para o tabuleiro de xadrez em cima da mesa, tentando decidir se devia avançar um peão ou recuar

um bispo. Ele era um homem baixo, gordo, com rosto redondo e barba aparada. Costumava usar um gorro de lã na cabeça calva e, mesmo no verão, raramente estava sem um manto forrado de pele.

Os dedos estavam eternamente manchados de tinta, de modo que ele parecia mais um escrevente trapalhão do que um governante de um grande domínio.

— Mas você tem um dever para comigo, Roubert — ele censurou o dominicano —, e o dever é este aqui. — Ele entregou ao dominicano a carta do cardeal-arcebispo e ficou olhando enquanto o frade lia o longo documento. — Ele escreve muito bem em latim, não? — disse o conde.

— Ele emprega um secretário que é bem culto — disse o padre Roubert com rispidez, e depois examinou o grande selo vermelho para certificar-se de que o documento era autêntico. — Dizem — o padre agora usava um tom de respeito — que o cardeal Bessières é considerado o possível sucessor do Santo Padre.

— Por isso, não se deve ofendê-lo?

— Nenhum homem da Igreja deve ser ofendido, em momento algum — respondeu o padre Roubert, com firmeza.

— E, com toda certeza, nunca um homem que possa vir a ser papa — concluiu o conde. — Mas o que ele quer?

O padre Roubert foi até uma janela que tinha como proteção uma treliça de chumbo apoiando caixilhos de osso aplanado que deixavam entrar uma luz difusa no aposento, mas impediam a entrada da chuva, de pássaros e de alguns dos ventos frios do inverno. Ele ergueu a treliça da moldura e respirou o ar que, no alto da torre de menagem do castelo, estava maravilhosamente livre do fedor de latrina na cidade mais baixa. Era outono e havia no ar um

leve cheiro de uvas prensadas. Roubert gostava daquele cheiro. Ele se voltou de novo para o conde.

— O monge está aqui?

— Num quarto de hóspedes — disse o conde. — Está descansando. Ele é jovem, e está muito nervoso. Curvou-se para mim, com muita propriedade, mas recusou-se a dizer o que o cardeal deseja.

Um grande barulho no pátio lá embaixo fez com que o padre Roubert tornasse a olhar pela janela. Ele teve de se inclinar muito à frente, porque mesmo ali, a doze metros de altura na torre, as paredes ainda tinham metro e meio de espessura. Um cavaleiro vestindo uma armadura completa acabara de atacar o quintana no pátio e sua lança atingiu o escudo de madeira com tanta força, que toda a armação desabou.

— O seu sobrinho está brincando — disse ele enquanto recuava da janela e endireitava o corpo.

— Meu sobrinho e os amigos dele estão treinando — corrigiu o conde.

— Seria melhor ele cuidar da alma — disse o padre Roubert, mal-humorado.

— Ele não tem alma, é soldado.

— Um soldado de torneios — disse o padre com ar zombeteiro. O

conde deu de ombros.

— Não basta ser rico, padre. Um homem também tem de ser forte, e Joscelyn é o meu braço forte. — O conde disse aquilo em tom enérgico, embora na verdade não tivesse certeza de que o sobrinho fosse o melhor herdeiro para Berat, mas se o conde não tinha filhos, o feudo deveria passar para um de seus sobrinhos, e Joscelyn talvez

fosse o melhor de uma ninhada má. O que fazia com que fosse importantíssimo ter um herdeiro. — Eu lhe pedi que viesse aqui —

disse ele, escolhendo o verbo "pedir" e não "ordenar" — porque você poderia ter alguma informação sobre os interesses de Sua Eminência.

O frade tornou a olhar para a carta do cardeal.

— Registros de propriedades — disse ele.

— Também percebi o termo — disse o conde. Ele se afastou da janela aberta. — Você está provocando uma corrente de ar, padre.

Com relutância, o padre Roubert recolocou a tela de osso. O

conde, sabia ele, deduzira pela leitura de seus livros que para um homem ser fértil tinha de estar aquecido, e o frade se perguntou como é que as pessoas nos frios países do norte conseguiam reproduzir-se.

— Então o cardeal não está interessado nos seus livros — disse o dominicano —, mas apenas nos registros do condado!

— É o que parece. Duzentos anos de rolos referentes a impostos?

— O conde riu à socapa. — O irmão Jerome vai gostar muito de decifrá-los.

O frade não disse nada durante um certo tempo. O barulho de espadas se entrechocando ecoou da muralha do castelo enquanto o sobrinho do conde e seus companheiros treinavam o uso das armas no pátio. Se lorde Joscelyn herdar isto aqui, pensou o frade, esses livros e pergaminhos serão todos queimados. Ele se aproximou mais da lareira na qual, apesar de não estar frio lá fora, ardia uma grande fogueira, e pensou na jovem que devia ser morta na fogueira na manhã do dia seguinte, em Castillon d'Arbizon. Ela era uma herege, uma criatura má, um brinquedo do diabo, e ele se lembrava da agonia que ela sentira enquanto a torturava para arrancar-lhe a confissão. Ele

queria vê-la queimando e ouvir os gritos que anunciariam sua chegada às portas do inferno, e por isso, quanto mais cedo respondesse ao conde, mais cedo poderia partir.

— Você está escondendo alguma coisa, Roubert — instigou-o o conde antes que o frade pudesse falar.

O frade odiava ser chamado pelo seu simples nome de batismo, uma lembrança de que o conde o conhecera quando menino e pagara pelo seu progresso.

— Não estou escondendo nada — protestou ele.

— Então me diga por que um cardeal arcebispo iria mandar um monge a Berat?

O frade virou-se de costas para a lareira.

— Será que preciso lembrá-lo — disse ele — de que o condado de Astarac agora faz parte do seu domínio?

O conde olhou fixo para o padre Roubert, e então percebeu o que o frade dizia.

— Ah, meu Deus, não! — disse o conde. Ele fez o sinalda-cruz e voltou para a sua cadeira. Olhou para o tabuleiro de xadrez, coçou um ponto que comichava embaixo da boina de lã, e voltou-se para o dominicano. — Não é aquela velha história?

— Têm circulado rumores — disse o padre Roubert, altaneiro. —

Houve um membro da nossa ordem, um homem excelente, Bernard de Taillebourg, que morreu este ano na Bretanha. Ele estava à procura de alguma coisa, nunca nos disseram o que era, mas os rumores dizem que ele se uniu a um membro da família Vexille.

— Meu Deus Todo-Poderoso — disse o conde. — Por que você não me disse isso antes?

— O senhor quer que eu o incomode com toda história sem consistência que é contada nas tabernas? — retorquiu o padre Roubert.

O conde não respondeu. Ele estava pensando nos Vexille. Os antigos condes de Astarac. Houve época em que eles tinham sido poderosos, grandes senhores de vastas terras, mas a família envolvera-se com a heresia dos cátaros, e quando a Igreja queimou aquela praga, eliminando-a da terra, a família Vexille fugiu para sua última fortaleza, o castelo de Astarac, e lá tinha sido derrotada. A maioria foi morta, mas alguns conseguiram fugir, chegando até, pelo que o conde sabia, à Inglaterra, enquanto que a Astarac em ruínas, morada de corvos e raposas, tinha sido engolida pelo feudo de Berat e com o castelo em ruínas veio uma história insistente que dizia que os Vexilles derrotados tiveram a posse, durante um certo tempo, dos fabulosos tesouros dos cátaros, e que um dos tesouros era o próprio Santo Graal. E é claro que o motivo pelo qual o padre Roubert não fizera menção das novas histórias era que ele queria achar o Graal antes que qualquer outra pessoa o descobrisse. Ora, o conde lhe perdoaria isso. Ele olhou para o outro lado do amplo aposento.

— Então o cardeal-arcebispo acredita que o Graal será encontrado entre essas coisas? — Ele fez um gesto em direção aos seus livros e documentos.

— Louis Bessières — disse o frade — é um homem ganancioso, um homem violento e um homem ambicioso. Para encontrar o Graal, ele vai virar a Terra de cabeça para baixo.

Então o conde compreendeu. Compreendeu o padrão de sua vida.

— Havia uma história, não? — pensou ele em voz alta — De que aquele que estivesse com o Graal seria amaldiçoado até devolver o

cálice a Deus?

— Histórias — disse o padre Roubert, com ar de zombaria.

— E se o Graal estiver aqui, padre, mesmo que se encontre escondido, serei o guardião.

— Se — o dominicano voltou a manifestar desprezo.

— E assim Deus me amaldiçoou — disse o conde, perplexo —, porque sem fazer a mínima idéia disso estou com o Seu tesouro e não dei a ele o devido valor. — Abanou a cabeça. — Ele não me deu um filho porque não dei a Ele o cálice de seu filho. — O conde lançou um olhar surpreendentemente duro ao jovem frade. — Ele existe mesmo, padre?

O padre Roubert hesitou, e fez um relutante aceno com a cabeça.

— É possível.

— Neste caso, é melhor darmos ao monge a permissão para procurar — disse o conde —, mas também temos de fazer tudo para encontrar o que ele procura antes que o ache. Você irá consultar os registros de propriedade, padre Roubert, e passar para o irmão Jerome apenas aqueles que não mencionem tesouros, relíquias ou cálices.

Está entendendo?

— Vou procurar obter do meu regente a permissão para realizar essa tarefa —

respondeu o padre Roubert, inflexível.

— Você não vai procurar nada, a não ser o Graal! — O conde deu um tapa no braço da cadeira. — Vai começar agora, Roubert, e não vai parar enquanto não tiver lido todos os pergaminhos que estão naquelas estantes. Ou vai preferir que eu expulse de casa sua mãe, seus irmãos e suas irmãs?

O padre Roubert era um homem orgulhoso e empertigou-se, mas não era bobo e, por isso, depois de uma pausa, fez uma medida.

— Vou consultar os documentos, excelência — disse, humilde.

— Começando agora — insistiu o conde.

— Isso mesmo, excelência — disse o padre Roubert e suspirou porque não iria ver a jovem ser queimada.

— E eu o ajudarei — disse o conde, entusiasmado. Porque nenhum cardeal arcebispo iria tirar de Berat o tesouro mais sagrado da Terra ou do céu. O conde iria encontrá-lo primeiro.

o frade dominicano chegou a Castillon d'Arbizon no crepúsculo de outono, justo quando o vigia fechava a porta oeste. Uma fogueira tinha sido acesa num grande braseiro que ficava do lado de dentro do arco da porta, para aquecer os vigias da cidade no que prometia ser a primeira noite fria do ano que terminava. Morcegos esvoaçavam acima dos muros semiconsertados e em volta da torre do alto castelo que coroava a íngreme montanha de Castillon d'Arbizon.

— Deus esteja com o senhor, padre — disse um dos vigias quando fez uma pausa para deixar o frade alto passar pela porta, mas o vigia falou em occitano, sua língua natal, e o frade não falava aquela língua e, por isso, apenas sorriu vagamente e esboçou um sinalda-cruz antes de erguer as abas de suas vestes pretas e avançar com dificuldade pela rua principal da cidade em direção ao castelo.

Mulheres jovens, o trabalho do dia terminado, caminhavam pelas ruas e algumas davam risadinhas, porque o frade era um homem bem-apegoado, apesar de um mancar muito leve. Ele tinha cabelos pretos espessos, rosto de traços firmes e olhos pretos. Uma prostituta o chamou da porta de uma taberna e provocou gargalhadas de homens que bebiam a uma mesa colocada na rua. Um açougueiro

molhou a frente de sua loja com um balde de madeira com água, fazendo com que sangue diluído escoasse pela sarjeta, passando pelo frade, enquanto acima dele, de uma janela do último andar onde

estava secando a roupa numa Vara comprida, uma mulher gritou insultos para uma vizinha. A porta oeste fechou com uma batida forte no fim da rua e a tranca encaixou-se no lugar com um som seco.

O frade não ligou para nada daquilo. Simplesmente subiu para onde a igreja de São Sardos acorava-se embaixo do pálido baluarte do castelo e, assim que entrou na igreja, ajoelhou-se junto aos degraus do altar, fez o sinalda-cruz e prostrou-se. Uma mulher vestida de preto, que rezava no altar lateral de Santa Inês, perturbada pela presença malfazeja do frade, também fez o sinalda-cruz e saiu depressa da igreja. O frade, deitado por inteiro no degrau superior, limitou-se a esperar.

Um sargento municipal, vestindo libre cinza e vermelho de Castillon d'Arbizon, observara o frade subir o morro. Ele percebera que a batina do dominicano era velha e remendada e que o frade era jovem e forte, e por isso o sargento foi procurar um dos cônsules da cidade e aquela autoridade, enfiando sobre os cabelos grisalhos o chapéu guarnecido de pele, mandou que o sargento levasse mais dois homens armados enquanto ele foi buscar o padre Medous e um dos dois livros do padre. O grupo reuniu-se do lado de fora da igreja e o cônsul ordenou que os curiosos aglomerados para ver a agitação se afastassem.

— Não há nada para ver — disse ele, solícito.

Mas havia. Um estranho chegara a Castillon d'Arbizon, e todos os estranhos eram motivo de suspeita, por isso a multidão permaneceu e ficou olhando enquanto o cônsul vestia sua toga oficial, de tecido cinza e vermelho, adornado com pele de lebre, e depois mandou que os três sargentos abrissem a porta da igreja.

O que é que as pessoas esperavam? Que um diabo brotasse da

igreja de São Sardos? Será que pensavam que iriam ver um grande animal chamuscado, com asas pretas batendo e uma trilha de fumaça atrás da cauda bifurcada? Em vez disso, o padre e o cônsul e dois dos sargentos entraram, enquanto o terceiro sargento, o bastão que representava o seu cargo mostrando o emblema de Castillon d'Arbizon, que era um gavião levando uma folha de

centeio, vigiava a porta. A multidão esperava. A mulher que fugira da igreja disse que o frade estava rezando.

— Mas ele parece mau — acrescentou ela —, parece o diabo. — E, rápida, tornou a fazer o sinalda-cruz.

Quando o padre, o cônsul e os dois guardas entraram na igreja, o frade ainda estava deitado por inteiro diante do altar, com os braços bem abertos, de modo que seu corpo tinha o formato da cruz. Ele devia ter ouvido as botas com solas pregadas pisando nas pedras irregulares da nave, mas não se mexeu nem falou.

— Padre? — chamou o padre de Castillon d'Arbizon, nervoso. Ele falou em occitano e o frade não respondeu. — Padre? — O padre tentou o francês.

— O senhor é dominicano? — O cônsul estava muito impaciente para esperar qualquer resposta à abordagem insegura do padre Medous. — Responda! — Ele também falou em francês, e com rispidez também, como ficava bem nos principais cidadãos de Castillon d'Arbizon. — O senhor é dominicano?

O frade rezou por mais um instante, uniu as mãos acima da cabeça, fez uma rápida pausa e depois levantou-se e voltou-se para os quatro homens.

— Eu vim de muito longe — disse ele, com altivez — e preciso de uma cama, comida e vinho.

O cônsul repetiu a pergunta.

— O senhor é dominicano?

— Sigo a orientação do bendito São Domingos — confirmou o padre. — O vinho não precisa ser bom, a comida, apenas o que os seus membros mais pobres comem, e a cama pode ser de palha.

O cônsul hesitou, porque o frade era alto, evidentemente forte e um pouquinho amedrontador, mas o cônsul, que era um homem rico e devidamente respeitado em Castillon d'Arbizon, empertigou-se todo.

— O senhor é moço — disse, em tom acusador — para ser frade.

— É para a glória de Deus — disse o dominicano, com ar de quem queria

encerrar o assunto — homens jovens seguirem a cruz em vez de a espada. Posso dormir num estábulo.

— Qual é o seu nome? — ordenou o cônsul.

— Thomas.

— Um nome inglês! — Havia alarme na voz do cônsul e os dois sargentos reagiram erguendo seus bastões.

— Tomas, se o senhor preferir — disse o frade, aparentemente sem se preocupar, enquanto os dois sargentos davam um passo ameaçador em sua direção. — É meu nome de batismo — explicou ele —, e o nome daquele pobre discípulo que duvidou da divindade de Nosso Senhor. Se o senhor não tem esse tipo de dúvidas, eu o invejo e rogo a Deus que me conceda tamanha certeza.

— O senhor é francês? — perguntou o cônsul.

— Sou normando — disse o frade e depois confirmou com a cabeça. — Sou francês, sim. — Ele olhou para o padre. — O senhor fala francês?

— Falo. — O padre parecia nervoso. — Um pouco. Pouquinho.

— Neste caso, posso comer em sua casa esta noite, padre?

O cônsul não quis deixar o padre Medous responder, mas em vez disso instruiu o padre a entregar o livro ao frade. Era um livro muito antigo, com páginas comidas por traças e uma capa preta de couro que o frade desembalhou.

— O que é que o senhor quer de mim? — perguntou o frade.

— Leia um trecho deste livro. — O cônsul percebera que as mãos do frade estavam cheias de cicatrizes e os dedos, ligeiramente tortos.

Danos, refletiu ele, mais próprios a um soldado do que a um padre. —

Leia para mim! — insistiu o cônsul.

— O senhor não sabe ler? — perguntou o frade, em tom de troça.

— Se sei ler ou não — disse o cônsul — não é da sua conta. Mas se você sabe

ler, jovem, é da nossa conta, porque se você não for padre, não terá condições de ler. Por isso, leia para mim.

O frade deu de ombros, abriu uma página ao acaso e fez uma pausa. As desconfianças do cônsul foram provocadas pela pausa e ele ergueu a mão para fazer um sinal aos sargentos para que se aproximassem, mas de repente o dominicano começou a ler em voz alta. Ele tinha uma voz boa, confiante e possante, e as palavras em latim soavam melodiosas ao ecoarem nas paredes pintadas da igreja.

Depois de um instante, o cônsul ergueu a mão para calar o frade e lançou um olhar inquiridor para o padre Medous.

Então?

— Ele lê bem — disse o padre Medous com voz fraca. O latim do padre não era bom e ele não gostava de admitir que não tinha entendido exatamente todas as palavras que ecoavam, apesar de estar certíssimo de que o dominicano sabia ler.

— Você sabe que livro é esse? — perguntou o cônsul.

— Presumo — disse o frade — que se trata da vida de São Gregório. O trecho, como sem dúvida o senhor reconheceu — havia sarcasmo em sua voz — descreve a peste que atingirá aqueles que desobedecerem ao Senhor seu Deus. — Ele envolveu o livro de capa preta, mole, e estendeu-o para o padre. — É provável que o senhor conheça o livro como *Flores Sanctorum*?

— Exatamente. — O padre recebeu o livro e fez um aceno de cabeça para o cônsul.

Aquela autoridade ainda não estava de todo satisfeita.

— Suas mãos — disse ele. — Como foi que elas se machucaram?

E o nariz? Foi quebrado?

— Quando era criança — disse o frade, estendendo as mãos — eu dormia com o gado. Fui pisoteado por um boi. E o meu nariz foi quebrado quando minha mãe me bateu com uma caçarola.

O cônsul entendeu aqueles acidentes comuns à infância e ficou visivelmente tranquilizado.

— O senhor há de compreender, padre — disse ele ao frade —, que temos de ser cautelosos com os visitantes.

— Cautelosos com os padres de Deus? — perguntou o dominicano, mordaz.

— Tínhamos que ter certeza — explicou o cônsul. — Chegou uma mensagem de Auch dizendo que os ingleses estão por aí, mas ninguém sabe onde.

— Existe uma trégua — assinalou o frade.

— Quando foi que os ingleses respeitaram uma trégua? —

retorquiu o cônsul.

— Se é que são realmente ingleses — disse o dominicano com desprezo. — Hoje em dia, qualquer grupo de bandidos é chamado de

inglês.

O senhor tem homens — ele fez um gesto para os sargentos, que não entendiam uma única palavra da conversa em francês — e tem igrejas e padres. Por isso, por que iria ter medo de bandidos?

— Os bandidos são ingleses — insistiu o cônsul. — Eles levavam arcos de guerra.

— O que não altera o fato de que venho de muito longe e estou com fome, com sede e cansado.

— O padre Medous irá cuidar do senhor — disse o cônsul. Fez um gesto para os sargentos, liderou-os pela nave e saiu para a pequena praça. — Não há nada com que se preocuparem! — anunciou o cônsul à multidão. — O nosso visitante é padre. É um homem de Deus.

A pequena multidão se dispersou. O crepúsculo coroava a torre da igreja e envolveu as ameias do castelo. Um homem de Deus chegara a Castillon d'Arbizon e a cidadezinha estava em paz.

o homem de Deus comeu um prato de repolho, feijão e bacon salgado. Ele explicou ao padre Medous que tinha feito uma peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, para rezar junto à tumba de São Tiago, e que agora estava caminhando até Avignon para receber novas ordens de seus superiores. Ele não tinha visto assaltantes, ingleses ou de outra nacionalidade.

— Não vemos um inglês há muitos anos — replicou o padre Medous, fazendo um apressado sinal-da-cruz para evitar o mal que acabara de mencionar — mas não faz muito tempo, eles mandavam aqui.

O frade, comendo sua refeição, parecia não estar interessado.

— Pagávamos impostos a eles — continuou o padre Medous —, mas então eles foram embora e agora pertencemos ao conde de Berat.

— Espero que ele seja um homem temente a Deus, não é? —

perguntou frei Thomas.

— Muito piedoso — confirmou o padre. — Ele guarda um pouco de palha da manjedoura de Belém na igreja dele. Eu gostaria de vê-la.

— Os homens dele guarnecem o castelo? — quis saber o frade, ignorando o tópico mais interessante do leito de Jesus recém-nascido.

— Guarnecem — confirmou o padre Medous.

— A guarnição vai à missa?

O padre Medous fez uma pausa, obviamente tentado a dizer uma mentira, e depois decidiu-se por uma meia-verdade.

— Alguns, vão.

O frade largou a colher de madeira e olhou sério para o padre constrangido.

— Quantos eles são? E quantos vão à missa?

O padre Medous ficou nervoso. Todos os padres ficavam nervosos quando dominicanos apareciam, porque os frades eram os implacáveis guerreiros de

Deus na luta contra a heresia, e se aquele jovem alto comunicasse que os habitantes de Castillon d'Arbizon não eram tão piedosos, ele poderia levar para a cidade a Inquisição e seus instrumentos de tortura.

— Existem dez homens na guarnição — disse o padre Medous —

e são todos bons cristãos. Como é todo o meu povo.

O frade Thomas pareceu cético.

— Todos eles?

— Fazem o possível — disse o padre Medous com lealdade —, mas... — voltou a fazer uma pausa, evidentemente lamentando que estivera prestes a acrescentar uma ressalva e, para encobrir a sua hesitação, foi até a pequena fogueira e acrescentou uma acha de lenha. O vento vibrou na chaminé e devolveu uma corrente de fumaça rodopiando pelo aposento. — Um vento norte — disse o padre Medous —, e ele traz a primeira noite fria do outono. O

inverno não está longe, eh?

— Mas? — O frade notara a hesitação.

O padre Medous suspirou enquanto se sentava.

— Há uma jovem. Uma herege. Ela não era de Castillon d'Arbizon, graças a Deus, mas ficou aqui depois que o pai morreu. Ela é beguina.

— E não achava que os beguinos chegassem tão ao sul assim —

disse o frade. Os beguinos eram mendigos, mas não apenas gente perturbadora. Em vez disso, eram hereges que negavam a Igreja e negavam a necessidade de trabalhar e alegavam que todas as coisas vinham de Deus e, portanto, todas as coisas deviam ser gratuitas para todos os homens e mulheres. A Igreja, para proteger-se contra horrores daquele tipo, queimava os beguinos sempre que os encontrava.

— Eles perambulam pelas estradas — assinalou o padre Medous

— e ela chegou aqui, mas nós a mandamos para o tribunal do bispo e ela foi

declarada culpada. Agora, ela está de volta aqui.

— De volta? — O frade parecia chocado.

— Para ser queimada — apressou-se a explicar o padre Medous.

— Foi mandada de volta para ser queimada pelas autoridades civis. O

bispo quer que o povo presencie sua morte, para que todos saibam que o mal que havia no meio deles foi embora.

O frade Thomas franziu o cenho.

— O senhor diz que essa beguina foi declarada culpada de heresia, que foi mandada para cá para morrer, e no entanto ela ainda está viva. Por quê?

— Ela deve ser queimada amanhã — disse o padre, ainda depressa. — Eu esperava que o padre Roubert estivesse aqui. Ele é dominicano como o senhor e foi ele que descobriu a heresia da jovem. Será que está doente? Ele me mandou uma carta explicando como a fogueira devia ser armada.

O frade Thomas teve uma expressão zombeteira.

— Tudo o que é preciso — disse ele, como para encerrar o assunto — é uma pilha de lenha, um poste, gravetos para tocar fogo e

um herege. O que mais se pode querer?

— O padre Roubert insistiu para que usemos pequenos feixes de gravetos e que eles fiquem em pé. — O padre ilustrou a exigência juntando os dedos como talos de aspargo. — Feixes de gravetos, escreveu ele, e todos apontando para o céu. Eles não devem ficar deitados. Ele foi enfático quanto a isso.

O frade Thomas sorriu quando compreendeu.

— Para que o fogo queime forte, mas não violento, eh? Ela vai morrer devagar.

— É a vontade de Deus — disse o padre Medous.

— Devagar e em grande agonia — disse o frade, saboreando as palavras —, é mesmo esta a vontade de Deus para os hereges.

— E eu armei a fogueira segundo as instruções dele —

acrescentou, com voz fraca, o padre Medous.

— Ótimo. A jovem não merece nada melhor do que isso. — O

frade raspou o prato com um pedaço de pão preto. — Vou assistir à morte da jovem com alegria, e depois seguirei meu caminho. — Ele fez o sinalda-cruz — Eu lhe agradeço esta comida.

O padre Medous fez um gesto para a lareira, onde ele empilhara alguns cobertores.

— Pode dormir aqui.

— Vou dormir, padre — disse o frade —, mas primeiro vou rezar para São Sardos. Mas nunca ouvi falar nele. Pode me dizer quem é ele?

— Um cabreiro — respondeu o padre Medous. Ele não tinha certeza plena de que Sardos existira, mas o povo local insistia que sim e sempre o venerara. — Ele viu o cordeiro de Deus em cima da montanha, onde a cidade se ergue agora. O cordeiro estava sendo

ameaçado por um lobo e ele o salvou, e Deus o recompensou com uma chuva de ouro.

— O que é correto e adequado — disse o frade e pôs-se de pé. —

O senhor me acompanha para rezar para o bendito Sardos?

O padre Medous abafou um bocejo.

— Eu gostaria — disse ele, sem entusiasmo algum.

— Não vou insistir — disse o frade, com generosidade. — Pode fazer o favor de deixar a porta destrancada?

— Minha porta está sempre aberta — disse o padre e sentiu um forte alívio quando o incômodo hóspede inclinou-se para passar pelo lintel da porta e saiu para a noite.

A governanta do padre Medous sorriu da porta da cozinha.

— Para um frade, ele é bem bonito. Vai passar a noite aqui?

— Vai, sim.

— Então, é melhor eu dormir na cozinha — disse a governanta

—, porque você não vai querer que um dominicano o encontre entre as minhas pernas à meia-noite. Ele vai colocar nós dois na fogueira, junto com a beguina.

— Ela deu uma gargalhada e foi tirar a mesa.

O frade não foi à igreja, mas desceu os poucos passos pelo morro até a taberna mais próxima e empurrou a porta, abrindo-a. O barulho que havia lá dentro foi diminuindo aos poucos enquanto os ocupantes do aposento lotado olhavam para o rosto sério do frade.

Quando se fez silêncio, o frade estremeceu como se estivesse horrorizado com a farra, e depois voltou para a rua e fechou a porta.

Houve um instante de silêncio no interior da taberna, e então homens soltaram gargalhadas. Alguns imaginaram que o jovem padre estivera à procura de uma prostituta, outros simplesmente acharam que ele tinha aberto a porta errada, mas em poucos momentos todos

se esqueceram dele.

Mancando, o padre subiu o morro de novo em direção à igreja de São Sardos, onde, em vez de entrar no santuário do cabreiro, fez uma parada nas sombras negras de um contraforte. Ali esperou, invisível e silencioso, observando os poucos sons da noite de Castillon d'Arbizon. Cantos e risos vinham da taberna, mas ele estava mais interessado nas passadas do vigia que percorria o muro da cidade que se ligava à defesa mais forte do castelo logo atrás da igreja. Os passos vinham em sua direção, pararam a poucos passos, no muro, e depois recuaram. O frade contou até mil e o vigia não voltou, e por isso tornou a contar até mil, dessa vez em latim, e quando ainda não aconteceu nada a não ser o silêncio acima dele, deslocou-se para os degraus de madeira que davam acesso ao muro. Os degraus estalaram sob o seu peso, mas ninguém o interpelou. Uma vez em cima do muro, ele agachou-se ao lado da alta torre do castelo, a batina preta invisível na sombra projetada pela lua minguante. Ele observou o trecho em que

o muro acompanhava o contorno do morro até fazer a virada para a porta oeste, onde um leve brilho vermelho mostrava que o braseiro queimava com intensidade. Não se viam vigias. O

frade imaginou que os homens deviam estar se aquecendo na porta.

Ergueu o olhar, mas não viu ninguém na defesa do castelo, nem qualquer movimento nas duas frestas semi-iluminadas que brilhavam graças a lanternas que estavam dentro da torre alta. Ele tinha visto três homens de libré no interior da taberna lotada e poderia haver outros que ele não vira, e concluiu que a guarnição estava bebendo ou dormindo, e por isso ergueu as saias pretas e desenrolou uma corda que estivera enrolada na cintura. A corda era feita de cânhamo endurecido com cola, o mesmo tipo de corda que impulsionava os

temíveis arcos de guerra ingleses, e era comprida bastante para permitir que ele enlaçasse uma das ameias do muro e depois a deixasse cair até o terreno íngreme lá embaixo. O frade ficou um momento olhando para baixo. A cidade e o castelo estavam construídos num rochedo íngreme que um rio contornava, e ele ouvia a água chiando ao passar sobre um açude. Conseguiu apenas ver um brilho de luar refletido num lago, porém nada mais. O vento o cutucava, o esfriava, e ele recuou para a sombra projetada pela lua e cobriu o rosto com o capuz.

O vigia reapareceu, mas só foi até a metade do caminho no muro, onde parou, inclinou-se no parapeito por algum tempo e depois voltou para a porta. Um instante depois, ouviu-se um assobio baixinho, irregular e sem melodia como o cantar de um pássaro, e o frade voltou até a corda e puxou-a para cima. Amarrada a ela, agora, havia uma corda, que ele prendeu em torno da ameia.

— Não há perigo — disse ele baixinho em inglês, e depois encolheu-se ao ouvir o barulho das botas de um homem raspando no muro enquanto o homem subia pela corda.

Ouviu-se um resfolegar quando o homem ergueu-se pela defesa e um estalo forte quando sua bainha bateu na pedra, mas o homem chegou em cima e agachou-se ao lado do frade.

— Tome. — Ele deu ao frade um arco de guerra inglês e uma sacola de flechas. Agora, um outro homem estava subindo. Ele tinha um arco de guerra atravessado nas costas e uma sacola de flechas na cintura. Era mais ágil do que o primeiro e não fez barulho ao atravessar a defesa, e então um terceiro homem

apareceu e agachou-se ao lado dos outros dois.

— Como foi a coisa? — perguntou ao frade o primeiro homem.

— Assustadora.

— Eles não desconfiaram de você?

— Me fizeram ler latim para provar que eu era padre.

— São uns bobos, eh? — disse o homem. Ele tinha um sotaque irlandês. — E agora?

— O castelo.

— Que Deus nos ajude.

— Até agora, Ele tem ajudado. Como vai você, Sam?

— Estou com sede — respondeu um dos outros homens.

— Segure isso para mim — disse Thomas, dando a Sam o seu arco e a sua sacola de flechas e, convencido de que o vigia não estava à vista, liderou os três companheiros, descendo os degraus de madeira até o beco que passava ao lado da igreja e levava à pequena praça em frente à porta do castelo. Os gravetos de madeira empilhados, prontos para a morte da herege, estavam pretos à luz da lua. Um poste, com uma corrente para segurar a cintura da beguina, projetava-se da madeira que esperava.

Os altos portões do castelo eram largos o bastante para deixar que uma carroça entrasse no pátio, mas encaixada numa das folhas havia uma portinhola, e o frade seguiu à frente dos companheiros e bateu com força na porta pequena. Houve uma pausa, depois um arrastar de pés e um homem fez uma pergunta do outro lado da porta. Thomas não respondeu, mas tornou a bater, e o guarda, que esperava que seus companheiros voltassem da taberna, não desconfiou de nada e puxou as duas trancas para abrir a porta.

Thomas entrou na parte iluminada por duas tochas altas que estavam acesas no arco interior, e no brilho trêmulo viu o ar de espanto do guarda pelo fato de um padre ter ido ao castelo de Castillon

d'Arbizon no escuro, e o homem ainda parecia perplexo quando o frade o golpeou com força, direto no rosto e depois na barriga. O

guarda caiu para trás, contra o muro, e o frade colocou a mão sobre a boca dele. Sam e os outros dois passaram pela porta, que fecharam ao passar. O guarda lutava e Thomas deu uma joelhada que fez com que o homem soltasse um grito abafado.

— Procurem na sala da guarda — ordenou Thomas aos companheiros.

Sam, com uma flecha na corda do arco, empurrou para dentro a porta que levava para fora da entrada do castelo. Um único guarda estava lá, em pé ao lado de uma mesa sobre a qual havia um odre de vinho, dois dados e algumas moedas espalhadas. O guarda olhou para o rosto redondo e alegre de Sam e ainda olhava boquiaberto quando a flecha atingiu-o no peito e o atirou de costas contra a parede. Sam foi atrás, sacando uma faca, e sangue jorrou pedras acima quando ele cortou a garganta do homem.

— Ele precisava morrer? — perguntou Thomas, levando o primeiro guarda para dentro da sala.

— Ele estava me olhando com um olhar esquisito — disse Sam

—, como se tivesse visto um fantasma. — Ele recolheu o dinheiro que estava na mesa e despejou-o na sua sacola de flechas. — Mato ele também? — perguntou, fazendo com a cabeça um gesto em direção ao primeiro guarda.

— Não — respondeu Thomas. — Robbie? Amarre ele.

— E se ele fizer barulho? — perguntou Robbie, o escocês.

— Neste caso, deixe o Sam matá-lo.

O terceiro dos homens de Thomas entrou na sala da guarda. Ele se chamava Jake e era um homem magro, vesgo. Sorriu ao ver sangue

fresco na parede. Tal como Sam, ele levava um arco e uma sacola de flechas, e tinha uma espada na cintura. Ele apanhou o odre de vinho.

— Agora não, Jake — disse Thomas, e o homem magro, que parecia mais velho

e muito mais cruel do que Thomas, que era mais moço, obedeceu docemente. Thomas foi até a porta da sala da guarda. Ele sabia que a guarnição era composta de dez homens, e também sabia que um deles estava morto, um estava preso e pelo menos três ainda se encontravam na taberna. Assim, podia-se considerar que restavam cinco homens. Deu uma olhada para o pátio, mas achava-se vazio, exceto quanto a uma carroça cheia de fardos e barris, e por isso foi até ao armeiro na sala da guarda e escolheu uma espada curta. Testou o corte e achou-o bem afiado.

— Você fala francês? — perguntou ele ao guarda prisioneiro.

O homem balançou a cabeça negativamente, aterrorizado demais Para falar.

Thomas deixou Sam para vigiar o prisioneiro.

— Se alguém bater na porta do castelo — disse ele —, não dê atenção. Se ele fizer um barulho — ele agitou a cabeça em direção ao prisioneiro. — mate-o. Não beba o vinho. Fique acordado.

Thomas pendurou o arco no ombro, enfiou duas flechas na corda que amarrava a batina de frade, e depois fez um sinal para Jake e Robbie. O escocês, vestindo um casaco curto de cota de malha, estava com a espada desembainhada.

— Não façam barulho — disse Thomas a eles, e os três escapuliram para o pátio.

Castillon d'Arbizon estivera em paz por um período demasiadamente longo. A guarnição era pequena e descuidada, seus deveres pouco mais do que cobrar tarifas sobre bens que chegavam à

cidade e enviar os impostos para Berat, onde morava o senhor deles.

Os homens tinham ficado preguiçosos, mas Thomas de Hookton, que se fizera passar por frade, estivera lutando há meses e seus instintos eram os de um homem que sabia que a morte poderia estar esperando a cada esquina. Robbie, embora fosse três anos mais moço do que Thomas, era quase tão experiente em guerra quanto o amigo, enquanto que o vesgo do Jake tinha sido um assassino a vida toda.

Eles começaram com a galeria subterrânea do castelo, onde seis masmorras existiam em fétida escuridão, mas uma tremeluzente lamparina aparecia na sala

do carcereiro, onde encontraram um homem monstruosamente gordo e sua mulher, igualmente corpulenta. Os dois estavam dormindo. Thomas picou o pescoço do homem com a ponta da espada, para deixar que ele sentisse o cheiro de sangue, e depois levou o casal a uma masmorra, onde foi trancafiado. Uma jovem chamou de uma das celas, mas Thomas chiou para que se calasse. Em troca, ela o xingou e depois ficou em silêncio.

Um fora, e faltavam quatro.

Eles subiram de volta para o pátio. Três criados, dois dos quais eram meninos, dormiam nos estábulos e Robbie e Jake os levaram para as celas embaixo e depois voltaram para junto de Thomas para subirem os doze degraus largos que levavam à porta da torre de menagem, e depois à escada circular. Os criados, segundo cálculo de Thomas, não seriam contados como membros da guarnição, e sem dúvida haveria outros criados, cozinheiros, cavaleiros e escreventes, mas por enquanto ele se preocupava Castillon d'Arbizon, sentava-se quando visitava a cidade e onde sua mesa seria posta para quaisquer festividades. A plataforma agora estava vazia, só que ao fundo,

escondido por uma tapeçaria, havia um espaço arqueado onde um outro tremeluzir de luz podia ser visto através do tecido comido por traças.

Robbie passou por Thomas, esgueirando-se pelo lado do salão embaixo das janelas em forma de fendas, que deixavam entrar barras oblíquas de luar prateado. Thomas colocou uma flecha no arco preto e puxou a corda e sentiu o imenso poder da verga de teixo enquanto levava a corda até à altura do seu ouvido direito. Robbie olhou para ele, viu que ele estava pronto, e esticou o braço que segurava a espada para afastar a tapeçaria puída.

Mas antes que a lâmina chegasse a tocar na tapeçaria, esta foi afastada num gesto rápido, enquanto um grandalhão atacava Robbie.

Ele chegou rugindo e repentinamente, deixando perplexo o escocês, que tentou recuar a espada para enfrentar o ataque, mas Robbie foi lento demais e o grandalhão saltou para cima dele, punhos agitados.

Só então o grande arco preto cantou. A flecha, que podia derrubar um cavaleiro em armadura a duzentos passos de distância, enfiou-se pela caixa torácica do homem e fez com que ele girasse, agitando-se ensanguentado pelo chão. Robbie ainda estava com a metade do corpo embaixo dele, a espada que caíra tilintando

nas grossas tábuas do piso. Uma mulher gritava. Thomas concluiu que o homem ferido era o castelão, o comandante da guarnição, e ficou imaginando se o homem iria viver o suficiente para responder algumas perguntas, mas Robbie havia sacado sua adaga e, sem saber que seu assaltante já estava perfurado por uma flecha, agitava a lâmina curta contra o pescoço gordo do homem, e um lençol de sangue escuro e brilhante espirrou nas tábuas do assoalho, e mesmo depois que o homem morreu Robbie continuou a cortá-lo. A mulher continuava a gritar.

— Pare esse barulho — disse Thomas a Jake e foi tirar o pesado cadáver de cima do escocês. A comprida camisola branca de dormir do homem estava vermelha agora. Jake esbofeteou a mulher e então, afortunadamente, fez-se silêncio.

Não havia mais soldados no castelo. Doze criados dormiam nas cozinhas e nas despensas, mas não causaram problema. Os homens foram todos levados para as masmorras, e depois Thomas subiu para a defesa mais alta da torre de menagem, de onde pôde olhar para os telhados de Castillon d'Arbizon, que de nada desconfiavam, e lá agitou uma tocha acesa. Agitou-a para a frente e para trás três vezes e jogou-a longe, nas moitas no sopé da íngreme encosta sobre a qual o castelo e a cidade foram construídos. A seguir dirigiu-se para o lado oeste da defesa, onde espalhou doze flechas no parapeito. Jake juntou-se a ele ali.

— O Sam está com Sir Robbie na porta — disse Jake.

Robbie Douglas nunca recebera o grau de cavaleiro, mas era bemnascido e soldado, e os homens de Thomas tinham lhe dado o título. Eles gostavam do escocês, como Thomas também gostava, motivo pelo qual Thomas desobedecera ao seu senhor e deixara que Robbie o acompanhasse. Jake colocou mais flechas no parapeito.

— Com eles, foi fácil.

— Eles não estavam esperando encrenca — disse Thomas.

Aquilo não era bem verdade. A cidade tinha ficado ciente da existência de atacantes ingleses, os incursores de Thomas, mas de algum modo tinham convencido a si mesmos de que eles não chegariam a Castillon d'Arbizon. A cidade estivera tanto tempo em paz, que seus habitantes achavam que a fase tranquila iria continuar.

Os muros e os vigias não estavam lá para protegê-los dos ingleses,
mas contra os grandes grupos de bandidos que infestavam o interior.

Um vigia sonolento e um muro alto poderiam deter aqueles bandidos, mas tinham fracassado contra soldados de verdade.

— Como foi que você atravessou o rio? — perguntou ele a Jake.

— Pelo açude — respondeu Jake.

Tinham feito um reconhecimento da cidade no crepúsculo e Thomas vira que o açude do moinho seria o ponto mais fácil para atravessar o rio Profundo e rápido.

— E o moleiro?

— Ficou com medo e calado — disse Jake.

Thomas ouviu o estalar de gravetos se quebrando, o arrastar de pés e um barulho surdo quando uma escada foi colocada contra o ângulo entre o castelo e o muro da cidade. Ele se inclinou no parapeito.

— Pode abrir a porta, Robbie — avisou ele lá para baixo.

Encaixou uma flecha na corda e deu uma olhada pelo muro comprido banhado pelo luar.

Abaixo dele, homens subiam a escada, levando armas e sacolas que atiravam por cima do parapeito e depois seguiam atrás. A luz de uma chama brilhou pela portinhola aberta, onde Robbie e Sam estavam de guarda, e um instante depois uma fileira de homens, as cotas de malha tilintando na noite, subiu pelos degraus do muro para a porta do castelo. A nova guarnição de Castillon d'Arbizon estava chegando.

Um vigia apareceu na ponta oposta do muro. Caminhou em direção ao castelo, e de repente percebeu o barulho de espadas, arcos e bagagem batendo em pedra, enquanto homens chegavam, com esforço, em cima do muro. O vigia hesitou, no dilema entre uma

vontade de chegar mais perto e ver o que realmente se passava e o desejo de procurar reforços, e enquanto ele hesitava Thomas e Jake dispararam suas flechas.

O vigia usava uma jaqueta de couro forrada, proteção suficiente para a vara de um bêbedo, mas as flechas atravessaram o couro, a forração e o peito dele, até que as duas pontas surgiram nas suas costas. Ele foi atirado para trás, o bastão caiu com um estalo forte, e ele se agitou ao luar, resfolegou algumas vezes e depois ficou imóvel.

— O que é que a gente faz agora? — perguntou Jake.

— Cobramos os impostos — disse Thomas — e nos transformamos numa praga.

— Até quando?

— Até que alguém venha nos matar — respondeu Thomas, pensando no primo.

— E a gente mata ele? — Jake podia ser vesgo, mas tinha uma visão muito correta da vida.

— com a boa ajuda de Deus — disse Thomas e fez o sinalda-cruz sobre a batina de frade.

O último dos homens de Thomas subiu pelo muro e arrastou a escada para cima. Ainda havia seis homens a quase dois quilômetros de distância do outro lado do rio e escondidos na floresta, onde vigiavam os cavalos, mas o grosso da força de Thomas estava agora dentro do castelo, cuja porta tornou a ser trancada. O vigia morto jazia em cima do muro com duas hastes, com penas de ganso, espetadas no peito. Ninguém mais havia percebido os invasores.

Castillon d'Arbizon estava dormindo ou bebendo.

E então começaram os gritos.

Não passara pela cabeça de Thomas que a jovem beguina que

deveria morrer de manhã fosse estar presa no castelo. Ele achava que a cidade devia ter uma cadeia própria, mas era evidente que ela fora entregue aos cuidados da guarnição, e agora berrava palavrões para os homens recém-

aprisionados nas outras celas, o barulho que ela fazia estava perturbando os arqueiros e soldados que tinham subido pelo muro de Castillon d'Arbizon e ocupado o castelo. A gorda mulher do carcereiro, que falava um pouco de francês, gritara mandando que os ingleses matassem a jovem.

— Ela é uma beguina — alegava a mulher — que trabalha com o diabo!

Sir Guillaume d'Evecque havia concordado com a mulher.

— Tragam-na para o pátio — disse ele a Thomas — que eu corto a cabeça dela.

— Ela tem de ser queimada — disse Thomas. — Foi o que a Igreja decretou.

— Pois então, quem vai queimá-la? Thomas deu de ombros.

— Os sargentos da cidade? Talvez nós, não sei.

— Então, se você não quer deixar que eu a mate agora — disse Sir

—, pelo menos feche a maldita boca da mulher. — Ele sacou a faca e estendeu-a a Thomas. — Corte a língua dela.

Thomas não deu importância à faca. Ainda não arranjava tempo para tirar a batina de frade, de modo que levantou a saia e desceu para as masmorras, onde a jovem estava gritando em francês para dizer aos presos nas outras celas que todos eles iriam morrer e que o diabo dançaria sobre seus ossos, ao som de uma melodia tocada por demônios. Thomas acendeu uma lamparina nos tremeluzentes restos de uma tocha, foi até a cela da beguina e abriu as duas trancas.

Ela se calou ao ouvir o barulho das trancas e, quando empurrou a

pesada porta para abri-la, correu para a parede oposta da cela. Jake havia descido a escada atrás de Thomas e, ao ver a jovem à fraca luz da lamparina, deu uma risadinha.

— Posso manter ela calada para você — propôs ele.

— Vá dormir um pouco, Jake — disse Thomas.

— Não, eu não me importo — insistiu Jake.

— Durma! — vociferou Thomas, subitamente irritado porque a jovem parecia muito vulnerável.

Ela estava vulnerável porque estava nua. Nua como um ovo recém-posto, um fiapo de tão magra, mordida por pulgas, cabelos engordurados, olhos arregalados, e ferina. Sentou-se na palha imunda, os braços envolvendo os joelhos erguidos para esconder a nudez, e então respirou fundo como se provocando os últimos restos de coragem.

— Você é inglês — disse ela em francês. A voz estava rouca devido aos berros.

— Sou inglês — concordou Thomas.

— Mas um padre inglês é tão ruim quanto qualquer outro —
acusou ela.

— É provável — concordou Thomas.

Ele colocou a lamparina no chão e sentou-se ao lado da porta aberta, porque o fedor na cela estava opressivo.

— Eu quero que você pare de gritar — continuou ele —, porque isso perturba as pessoas.

Ela virou os olhos ao ouvir aquilo.

— Amanhã eles vão me queimar — disse ela. — Você acha que me importo que idiotas fiquem perturbados esta noite?

— Você devia cuidar de sua alma — disse Thomas, mas suas

palavras fervorosas não provocaram reação da beguina. O pavio da lamparina queimava de forma imprecisa, e sua cúpula de chifre transformava a fraca luz num amarelo leproso, tremeluzente. — Por que a deixaram nua? — perguntou ele.

— Porque rasguei uma tira do vestido e tentei estrangular aquele carcereiro

gordo.

Ela disse aquilo com calma, mas com um olhar desafiador, como que provocando Thomas a desaprovar.

Thomas quase sorriu ao pensar numa jovem tão magra assim atacando o corpulento carcereiro, mas resistiu à satisfação. Em vez disso, perguntou: — Como se chama?

Ela continuava desafiadora.

— Não tenho nome — disse ela. — Eles me classificaram de herege e tiraram o meu nome. Fui banida da cristandade. Já estou metade no outro mundo.

Ela desviou o olhar dele com uma expressão de indignação e Thomas viu que Robbie Douglas estava de pé à porta entreaberta. O

escocês olhava para a beguina com a expressão de admiração, até mesmo de medo respeitoso. Thomas olhou de novo para a jovem e viu que, sob restos de palha e da sujeira aderente, ela era bonita. Os cabelos pareciam ouro pálido, a pele não tinha marcas de varíola e a fisionomia era forte. Tinha uma testa alta, boca de lábios cheios e faces encovadas. Um rosto notável, e o escocês limitava-se a olhar fixo para ela e a jovem, constrangida com o olhar franco dele, apertou os joelhos para mais perto dos seios.

— Vá embora — disse Thomas a Robbie. Thomas achava que o jovem escocês se apaixonava como os outros homens sentiam fome, e estava claro, pela expressão do rosto de Robbie, que ele ficara

abalado pela aparência da jovem com a força de uma lança batendo num escudo.

Robbie franziu o cenho como não tivesse entendido bem a instrução de Thomas.

— Eu queria perguntar — disse ele e então parou.

— Perguntar o quê?

— Lá em Calais — disse Robbie —, o conde disse a você para me deixar por lá?

Naquelas circunstâncias, a pergunta parecia estranha, mas Thomas decidiu que

ela merecia uma resposta.

— Como é que você sabe?

— Aquele padre me contou. O Buckingham.

Thomas ficou imaginando por que Robbie teria falado com o padre, e depois concluiu que o amigo estava simplesmente iniciando uma conversa para que pudesse ficar perto da mais recente jovem pela qual ele ficara tão perdidamente apaixonado.

— Robbie — disse ele —, ela vai ser queimada de manhã. Robbie se mexeu, irrequieto.

— Ela não precisa ser queimada.

— Pelo amor de Deus — protestou Thomas —, a Igreja a condenou!

— Então, por que você está aqui? — perguntou Robbie.

— Porque estou no comando aqui. Porque alguém tem que mantê-la calada.

— Eu posso fazer isso — disse Robbie com um sorriso. Como Thomas não respondeu, o sorriso virou um franzir de cenho. — Pois então, por que é que você me deixou vir à Gasconha?

— Porque você é meu amigo.

— O Buckingham disse que eu iria roubar o Graal — disse Robbie. — Ele disse que eu o levaria para a Escócia.

— Primeiro, temos que achá-lo — disse Thomas, mas Robbie não estava prestando atenção. Estava só olhando com desejo para a jovem que se acorava no canto. — Robbie — disse Thomas, com firmeza

— ela vai ser queimada.

— Neste caso, não importa o que aconteça com ela esta noite —

disse o escocês, desafiador.

Thomas lutou para abafar a raiva.

— Deixe-nos em paz, Robbie — disse ele.

— É atrás da alma dela que você está? — perguntou Robbie. —

Ou da carne dela?

— Vá embora! — vociferou Thomas com mais veemência do que realmente sentia, e Robbie ficou perplexo, até mesmo beligerante, mas depois piscou algumas vezes e foi embora.

A jovem não entendera a conversa em Inglês, mas reconheceu a luxúria na expressão de Robbie e agora dirigiu-se a Thomas.

— Você me quer para você, padre? — perguntou ela em francês.

Thomas não ligou para a pergunta debochada.

— De onde você é?

Ela fez uma pausa, como se estivesse decidindo se respondia ou não, e então deu de ombros.

— Da Picardia — declarou.

— Fica bem longe, ao norte — disse Thomas.

— Como é que uma jovem da Picardia vem para a Gasconha?

Ela tornou a hesitar. Thomas achou que talvez ela tivesse quinze ou dezesseis anos de idade, o que a tornava passada da idade de casar.

Os olhos, pelo que ele percebeu, tinham uma curiosa qualidade

penetrante, o que lhe dava a desconfortável sensação de que ela podia ver o negro cerne de sua alma.

— Meu pai — disse ela. — Ele era saltimbanco e comedor de fogo.

— Já vi homens assim — replicou Thomas.

— íamos para onde quiséssemos — prosseguiu ela — e ganhávamos dinheiro nas feiras. Meu pai fazia o público rir e eu arrecadava as moedas.

— Sua mãe?

— Morreu. — Ela disse aquilo com indiferença, como que a sugerir que nem mesmo conseguia se lembrar da mãe. — Então, meu pai morreu aqui. Há seis meses. Por isso, fiquei aqui.

— Por que ficou?

Ela dirigiu-lhe um olhar zombeteiro, como para sugerir que a resposta era tão óbvia que nem precisava ser dada, mas então, presumindo que ele fosse um padre que não entendia como as pessoas de verdade viviam, deu-lhe a resposta.

— Sabe o quanto as estradas são perigosas? — perguntou ela. —

Existem os *coredors*.

— *Coredors*?

— Bandidos — explicou ela. — Os moradores daqui os chamam de *coredors*. E tem também os soldados de estrada, que são tão ruins quanto eles.

Soldados de estrada eram companhias de soldados dispensados que vagavam pelas estradas à procura de um senhor que os empregasse, e quando ficavam com fome, o que acontecia a maior parte do tempo, tiravam à força o que pudessem. Alguns até capturavam cidades e as controlavam para obter resgate. Mas, tal

como os *coredors*, iriam considerar uma jovem viajando sozinha como um presente mandado pelo diabo para distração deles.

— Quanto tempo você acha que eu ia durar na estrada? —

perguntou ela.

— Você podia ter viajado acompanhada — sugeriu Thomas.

— Nós sempre viajávamos, eu e meu pai, ele estava sempre ali para me proteger. Mas sozinha? — Ele deu de ombros. — Por isso, fiquei. Trabalhei numa

cozinha.

— E preparava heresia?

— Vocês, padres, adoram a heresia — disse ela, com amargura. —

Ela dá a vocês algo para queimar.

— Antes de ser condenada — disse Thomas —, como era o seu nome?

— Genevieve.

— Recebeu o nome em homenagem à santa?

— Eu acho que sim — disse ela.

— E sempre que Genevieve rezava — continuou Thomas —, o diabo apagava as velas que ela acendia.

— Vocês, padres, são cheios de histórias — zombou Genevieve.

— Acredita nisso? Acredita que o diabo entrava na igreja e soprava as velas que ela acendia?

— É provável.

— Por que ele não se limitou a matá-la, já que é o diabo? Que truque patético, só soprar velas! Ele não pode ser grande coisa como diabo se isso for tudo o que sabe fazer.

Thomas não ligou para a zombaria.

— Me disseram que você é uma beguina.

— Conheci beguinas — disse ela — e gostei delas.

— Elas são filhas do diabo — declarou Thomas.

— Já conheceu alguma? — perguntou ela. Thomas não conhecera. Só ouvira falar delas e a jovem sentiu o seu constrangimento. — Se acreditar que Deus concedeu tudo a todos e quer que todos compartilhem de tudo, sou tão má

quanto uma beguina — admitiu ela —, mas nunca me uni a elas.

— Você deve ter feito alguma coisa para merecer a fogueira.

Ela olhou fixo para ele. Talvez fosse alguma coisa no seu tom de voz que fazia com que confiasse nele, mas o desafio parecia ter-se esgotado nela. Fechou os olhos e recostou a cabeça na parede e Thomas desconfiou que ela queria chorar. Observando o rosto delicado, ele se perguntou por que não percebera a beleza da jovem no mesmo instante, como acontecera com Robbie. Então, ela abriu os olhos e olhou para ele.

— O que foi que aconteceu aqui esta noite? — perguntou ela, ignorando a acusação dele.

— Nós capturamos o castelo — respondeu Thomas.

— Nós?

— Os ingleses.

Ela olhou para ele, tentando ler a expressão de seu rosto.

— Quer dizer que agora os ingleses são o poder civil?

Thomas imaginou que ela tivesse aprendido a frase durante o julgamento. A Igreja não queimava hereges, simplesmente os condenava e depois os pecadores eram entregues ao poder civil para que fossem mortos. Dessa maneira, a Igreja mantinha as mãos limpas, Deus recebia a garantia de que sua Igreja estava pura e que o diabo ganhara uma alma.

— Nós agora somos o poder civil — concordou Thomas.

— Quer dizer, então, que os ingleses vão me queimar, e não os gascões?

— Alguém terá que queimar você, se for uma herege.

— Se? — perguntou Genevieve. Mas quando Thomas não respondeu, ela fechou os olhos e voltou a apoiar a cabeça nas pedras úmidas. — Eles disseram que insultei a Deus. — Ela falava com voz cansada. — Que declarei que os padres da Igreja de Deus eram corruptos, que dancei nua debaixo dos relâmpagos, que

usei o poder do diabo para encontrar água, que usei magia para curar males das pessoas, que previ o futuro e que amaldiçoei a mulher de Galat Lorret e o gado dele.

Thomas franziu o cenho.

— Eles não a condenaram por ser uma beguina? — perguntou ele.

— Isso também — acrescentou ela, secamente.

Ele ficou calado por alguns instantes. Água pingava em algum ponto, no escuro além da porta, e a lamparina tremeluziu, quase morreu e depois se recuperou.

— A mulher de quem você amaldiçoou? — perguntou Thomas.

— A mulher do Galat Lorret. Ele é vendedor de tecido aqui, e muito rico. É o cônsul principal e um homem que gostaria de ter uma carne mais jovem do que a de sua mulher.

— E você a amaldiçoou?

— Não só ela — disse Genevieve, com vigor —, mas ele também.

Alguma vez já amaldiçoou alguém?

— Você previa o futuro? — perguntou Thomas.

— Eu disse que todos eles iam morrer, e isso é uma verdade evidente.

— Não se Cristo voltar à Terra, como Ele prometeu — disse Thomas. Ela lhe lançou um olhar demorado e pensativo, e um pequeno sorriso esboçou-se em seu rosto antes que desse de ombros.

— Pois então eu estava errada — replicou ela, sarcástica.

— E o diabo lhe mostrou como encontrar água?

— Até você pode fazer isso — disse ela. — Pegue uma forquilha de um graveto e ande devagar por um campo, e quando o graveto vibrar, cave!

— E as curas mágicas?

— Remédios antigos — disse ela, com ar de cansada. — Coisas que a gente aprende com tias, avós e velhinhas. Tire o ferro de um aposente onde uma mulher estiver dando à luz. Todo mundo faz isso.

Até o senhor, padre, bate na madeira para espantar o mal. Será que esse tipo de magia é suficiente para mandá-lo para a fogueira?

Thomas tornou a não ligar para a resposta que ela deu.

— Você insultou Deus? — perguntou ele.

— Deus me ama, e eu não insulto aqueles que me amam. Mas eu disse, sim, que os padres dele, o que o senhor é, eram corruptos e por isso me acusaram de insultar Deus. O senhor é corrupto, padre?

— E você dançou nua à luz dos relâmpagos — disse Thomas, encerrando a acusação.

— Isso — confirmou ela — eu confesso que fiz.

— Por que dançou?

— Porque meu pai sempre dizia que Deus nos daria orientação se fizéssemos isso.

— Deus faria isso? — perguntou Thomas, surpreso.

— Era no que acreditávamos. Estávamos enganados. Deus me disse que ficasse em Castillon d'Arbizon e isso só levou à tortura e à

fogueira de amanhã.

— Tortura? — perguntou Thomas.

Algo em sua voz, um horror, fez com que ela olhasse para ele, e então esticou lentamente a perna esquerda para que Thomas pudesse ver o lado interno da coxa e a marca em carne viva, vermelha, torcida, que desfigurava a pele branca.

— Eles me queimaram — disse ela —, repetidas vezes. Foi por isso que confessei ser o que não era, uma beguina, porque eles me queimaram. — De

repente, ela chorava, lembrando-se do sofrimento.

— Eles usavam metal em brasa, e quando eu gritava diziam que era o diabo tentando sair da minha alma. — Ela encolheu a perna e mostrou-lhe o braço direito, que tinha as mesmas cicatrizes. — Mas deixaram isto — disse ela, com raiva, revelando os seios pequenos —

porque o padre Roubert disse que o diabo iria querer mamar neles e a dor causada pelas mandíbulas dele seria pior que qualquer coisa que a Igreja pudesse aplicar. — Ela tornou a encolher os joelhos e ficou calada por um certo tempo, enquanto lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. — A Igreja gosta de maltratar as pessoas — continuou ela, depois de um intervalo. — O senhor deve saber disso.

— Eu sei — disse Thomas, e quase ergueu as saias da batina de frade para mostrar a ela algumas das cicatrizes do seu corpo, cicatrizes do ferro quente que tinha sido encostado com força nas suas pernas para fazer com que revelasse os segredos do Graal. Era uma tortura que não provocava sangramento, porque a Igreja estava proibida de tirar sangue, mas um homem habilidoso podia fazer uma alma gritar de tormento sem sequer romper a pele. — Eu sei — repetiu Thomas.

— Pois então, dane-se — disse Genevieve, recuperando a rebeldia. — Dane-se o senhor e danem-se todos os malditos padres.

Thomas levantou-se e ergueu a lamparina.

— Vou buscar alguma coisa para você vestir.

— Com medo de mim, padre? — zombou ela.

— Com medo? — Thomas estava intrigado.

— Por causa disto, padre! — disse ela e mostrou sua nudez.

Thomas girou nos calcanhares e fechou a porta, abafando a risada que ela soltou. Depois, quando as trancas tinham sido encaixadas no lugar, ele recostou-se na parede e olhou para o nada. Estava se lembrando dos olhos de Genevieve, tão cheios de fogo e mistério. Ela estava suja, nua, desfigurada, pálida, quase morta de fome, e era uma herege, e ele a achara bonita. Mas tinha um dever a cumprir de manhã, que ele não esperava. Um dever que lhe fora designado por Deus.

Subiu de volta para o pátio e encontrou tudo calmo. Castillon d'Arbizon dormia.

E Thomas, filho bastardo de um padre, rezou.

a torre erguia-se num bosque, a um dia de cavalo de Paris, sobre uma crista baixa, não muito longe de Soissons. Era um local solitário.

Antigamente, fora residência de um senhor cujos servos cultivavam os vales dos dois flancos da crista, mas o senhor morrera sem deixar filhos e os parentes distantes tinham discutido sobre a propriedade, o que significava que os advogados tinham ficado ricos e a torre decaía e os campos tinham sido dominados por aveleiras, depois pelo carvalho, e corujas faziam ninho nos altos aposentos de pedras onde os ventos sopravam e as estações do ano passavam. Até os advogados que tinham discutido a sua posse já estavam mortos e o pequeno castelo pertencia a um duque que nunca o vira e jamais sonharia em morar lá, e os servos, os que restavam, cultivavam campos mais próximos da aldeia de Melun, onde o arrendatário do duque tinha uma fazenda.

A torre, diziam os moradores da aldeia, era mal-assombrada.

Espíritos brancos a coroavam nas noites de inverno. Dizia-se que animais estranhos rondavam as árvores. As crianças recebiam ordens para se manter afastadas, embora fosse inevitável que as mais valentes entrassem na floresta e algumas chegassem até a subir na torre, para descobri-la vazia.

Mas então chegaram os estranhos.

Chegaram com a distante permissão do duque. Eram

arrendatários, mas não foram para cultivar a terra ou desbastar a crista de sua valiosa madeira. Eram soldados. Quinze homens vigorosos, com cicatrizes obtidas nas guerras contra a Inglaterra, com cotas de malha, bestas e espadas. Levaram suas mulheres, que provocavam encrenca na aldeia e ninguém tinha coragem de reclamar porque as mulheres eram tão vigorosas quanto os soldados, mas não tanto quanto o homem que os chefiava. Ele era alto, magro, feio, com cicatrizes e vingativo. Chamava-se Charles, nunca fora soldado e nunca usara uma cota de malha, mas ninguém gostava de perguntar-lhe o que ele era ou tinha sido, porque só o seu olhar era aterrorizador.

De Soissons vieram pedreiros. As corujas foram expulsas e a torre, reformada.

Um novo pátio foi construído ao pé da torre, um pátio com um muro alto e uma fornalha de tijolos, e logo depois que a obra acabou, uma carroça coberta, seu conteúdo escondido por uma cobertura de linho, chegou à torre e a nova porta no muro do pátio fechou-se com força depois que ela passou. Algumas das crianças mais corajosas, curiosas quanto aos estranhos acontecimentos na torre, esgueiraram-se pelo bosque, mas foram avistadas por um dos guardas e fugiram, aterrorizadas, enquanto ele as Perseguia aos berros e a sua seta de besta errou por pouco um menino. Nenhuma criança voltou. Ninguém ia lá. Os soldados compravam alimentos e vinho no mercado, mas mesmo quando bebiam na taberna de Melun não contavam o que se passava na torre.

— Vocês têm que perguntar a Monsieur Charles — diziam eles, referindo-se ao homem feio, cheio de cicatrizes, e ninguém da aldeia tinha coragem de se aproximar de Monsieur Charles.

Às vezes, erguia-se fumaça do pátio. Ela podia ser vista da aldeia,

e foi o padre quem deduziu que a torre era, agora, a moradia de um alquimista. Suprimentos estranhos eram levados para a crista da montanha e um dia uma carroça carregada com um barril de enxofre e lingotes de chumbo fez uma parada na aldeia enquanto o cocheiro bebia vinho. O padre sentiu o cheiro do enxofre.

— Eles estão fazendo ouro — disse ele à sua governanta, sabendo que ela contaria ao resto da aldeia.

— Ouro? — perguntou ela.

— É o que fazem os alquimistas.

O padre era um homem culto que poderia ter progredido muito na Igreja, não fosse o fato de gostar de vinho e estar sempre bêbedo quando soava o sino para o Ângelus, mas ele se lembrava do seu tempo de estudante em Paris e de que houvera época em que pensava em aderir à busca pela pedra filosofal, aquela indefinível substância que se combinaria com qualquer metal para transformá-lo em ouro.

— Noé a possuía — disse ele.

— Possuía o quê?

— A pedra filosofal, mas ele a perdeu.

— Porque estava bêbedo e nu? — perguntou a governanta. Ela se lembrava ligeiramente da história de Noé. — Como você?

O padre estava deitado na cama dele, meio bêbedo e totalmente despido, e lembrou-se das oficinas enfumaçadas de Paris onde prata e mercúrio, chumbo e enxofre, bronze e ferro eram derretidos e mesclados e derretidos de novo.

— Calcinação — recitou ele — e dissolução, e separação, e conjunção, e putrefação, e congelação, e alimentação, e sublimação, e fermentação, e exaltação, e multiplicação, e projeção.

A governanta não tinha a mínima idéia do que ele estava falando.

— A Marie Condrot perdeu o filho hoje — disse ela. — Nasceu do tamanho de um gatinho. Todo ensanguentado, e morto. Mas tinha cabelos. Cabelos ruivos. Ela quer que você batize ele.

— Copelação — disse ele, não se importando com a notícia que ela lhe dera —, e cementação, e reverberação, e destilação. Sempre destilarão. *Per ascendum* é o método preferido. — Ele teve um soluço.

— Jesus! murmurou ele, e depois voltou a raciocinar. — Flogisto. Se ao menos pudéssemos achar flogisto, todos nós poderíamos fazer ouro.

— E como é que a gente ia fazer ouro?

— Acabei de lhe dizer. — Ele virou-se na cama e olhou para os seios dela, que apareciam brancos e pesados ao luar. — É preciso ser muito inteligente — disse ele, estendendo os braços para ela — para descobrir o flogisto, que é uma substância que ao queimar gera um calor mais intenso do que o fogo do inferno, e com ele faz-se a pedra filosofal que Noé perdeu e se coloca na fornalha com qualquer metal, e depois de três dias e três noites, tem-se ouro. O Corday não disse que eles construíram uma fornalha lá em cima?

— Ele disse que transformaram a torre numa prisão — respondeu ela.

— Uma fornalha — insistiu ele — para descobrir a pedra filosofal.

A suposição do padre estava mais próxima da verdade do que ele imaginava, e em pouco tempo a vizinhança toda ficou convencida de que um grande filósofo estava trancado na torre, onde se esforçava para fazer ouro. Se ele conseguisse, dizia-se, ninguém precisaria trabalhar de novo, porque todos ficariam ricos. Camponeses iriam comer em pratos de ouro e montar cavalos ajaezados de prata, mas

algumas pessoas observavam que se tratava de um tipo estranho de alquimia, porque uma certa manhã dois dos soldados foram à aldeia e levaram três chifres de boi e um balde de esterco de vaca.

— Nós vamos ficar ricos — disse a governanta com sarcasmo de tanta merda —, mas o padre estava roncando.

Então, no outono que se seguiu à queda de Calais, o cardeal chegou de Paris instalou-se em Soissons, na abadia de St. Jean-de-Vignes que, apesar de mais rica do que a maioria das casas monásticas, não conseguiu acomodar toda a comitiva do cardeal, e assim doze de seus homens ocuparam quartos numa taberna, onde, com total desembaraço, mandaram que o proprietário enviasse a conta para Paris.

— O cardeal vai pagar — prometeram eles e riram, porque sabiam que Louis Bessières, cardeal-arcebispo de Livorno e legado papal junto à corte da França, não iria levar em consideração nenhuma exigência trivial de pagamento.

Apesar de, ultimamente, Sua Eminência estar gastando dinheiro a rodo. Tinha sido o cardeal que restaurara a torre, construía o novo muro e contratara os guardas, e na manhã seguinte à sua chegada em Soissons, ele cavalgou até a torre com uma escolta de sessenta homens armados e quatorze padres. Na metade do caminho para a torre, eles foram recebidos por Monsieur Charles, que estava todo vestido de preto e tinha ao lado uma comprida faca de lâmina estreita. Ele não saudou o cardeal com o respeito que outros homens teriam, mas fez um gesto curto com a cabeça e depois manobrou o cavalo para seguir ao lado do prelado. Os padres e soldados, a um sinal do cardeal, mantiveram distância, para que não ouvissem a conversa.

— Você está com boa aparência, Charles — disse o cardeal em tom de zombaria.

— Estou enfarado. — O feio Charles tinha uma voz que parecia ferro sendo arrastado em cascalho.

— O serviço de Deus pode ser duro — disse o cardeal. Charles não ligou para o sarcasmo. A cicatriz ia do lábio ao osso da face, os olhos eram empapuçados, o nariz era quebrado. Os trajes pretos pendiam dele como os trapos de um espantalho, e o olhar estava sempre indo de um lado para o outro da estrada, como se temesse uma emboscada. Quaisquer viajantes que encontrassem a procissão, se tivessem tido a ousadia de erguer os olhos para ver o cardeal e seu companheiro em farrapos, teria achado que Charles era um soldado, porque a cicatriz e a espada indicavam que ele servira em guerras, mas Charles Bessières jamais seguira uma bandeira de guerra. Em vez disso, cortara gargantas e bolsas, roubara e matara, e tinha sido poupado da força por ser o irmão mais velho do cardeal.

Charles e Louis Bessières tinham nascido no Limusino, filhos mais velhos de um comerciante de velas de sebo que dera educação ao filho mais moço, enquanto o mais velho entregava-se a uma vida desregrada. Louis subira na igreja enquanto Charles percorria becos escuros. Mas por mais diferentes que fossem, havia confiança entre os dois. Um segredo estava assegurado entre os únicos filhos do mercador de velas que ainda viviam, e era por isso que os padres e os soldados tinham recebido ordens para se manterem afastados.

— Como vai o nosso prisioneiro? — perguntou o cardeal.

— Ele resmunga. Se lamenta como uma mulher.

— Mas trabalha?

— Ah, trabalha, sim — disse Charles, sério. — Está assustado demais para ficar ocioso.

— Ele come? Goza de boa saúde?

— Ele come, dorme e agarra a mulher dele — disse Charles.

— Ele tem mulher? — O cardeal parecia chocado.

— Ele queria uma mulher. Disse que não conseguia trabalhar direito, por isso

arranjei uma para ele.

— De que tipo?

— Uma mulher dos lupanares de Paris.

— E talvez uma velha companheira sua? — perguntou o cardeal, achando graça.

— Mas espero que não seja uma mulher de quem você goste muito.

— Quando tudo acabar — disse Charles — ela vai ter a garganta cortada, tal como ele. É só me dizer a hora.

— Depois que ele tiver feito o milagre, é claro — disse o cardeal.

Eles seguiram por uma trilha estreita que subia para a crista e, uma vez na torre, os padres e os homens armados ficaram no pátio enquanto Os irmãos desmontavam e desciam por uma curta escada circular que levava a uma porta pesada, trancada com três trancas grossas. O cardeal ficou observando o irmão puxar as trancas para trás.

— Os guardas não descem até aqui? — perguntou ele.

— Só os dois que trazem comida e levam os baldes — disse Charles. — Os outros sabem que vão ter a garganta cortada se meterem o nariz onde não são chamados.

— Eles acreditam nisso?

Charles Bessières olhou mal-humorado para o irmão.

— Você não acreditaria? — perguntou ele, e sacou a faca antes de abrir a última tranca. Deu um passo para trás ao abrir a porta,

evidentemente pronto para o caso de alguém escondido atrás dela o atacar, mas o homem que estava lá dentro não demonstrou hostilidade. Em vez disso, olhou pateticamente satisfeito ao ver o cardeal e caiu de joelhos em reverência.

O porão da torre era grande, o teto sustentado por grandes arcos de tijolos dos quais pendiam vinte lanternas. A luz enfumaçada era aumentada pela luz do dia que atravessava as janelas elevadas, pequenas e fortemente gradeadas. O

prisioneiro que vivia no porão era um jovem de longos cabelos louros, um rosto com uma expressão vivaz e olhos inteligentes. As faces e a testa alta estavam sujas de poeira, que também marcava os dedos longos e ágeis. Ele permaneceu de joelhos enquanto o cardeal se aproximava.

— Meu jovem Gaspard — disse o cardeal com amabilidade e estendeu a mão para que o prisioneiro pudesse beijar o pesado anel que continha um espinho da coroa de morte de Cristo. — Espero que esteja bem, jovem Gaspard. Está comendo bastante? Dorme como uma criança? Trabalha como um bom cristão? Cobre como um porco?

O cardeal olhou para a jovem enquanto pronunciava as últimas palavras, e depois afastou a sua mão de Gaspard e entrou mais no aposento, seguindo em direção a três mesas, sobre as quais estavam barris de barro, blocos de cera de abelha, pilhas de lingotes, e filas de cinzéis, limas, puas e martelos.

A jovem, emburrada, ruiva e vestindo uma camisa que pendia livre de um dos ombros, estava sentada numa cama baixa sobre cavaletes a um canto do porão.

— Não gosto daqui — reclamou ela ao cardeal.

O cardeal olhou firme para ela, em silêncio, por um bom tempo,

e depois voltou-se para o irmão.

— Se ela se dirigir a mim outra vez, Charles, sem a minha permissão — disse ele —, dê-lhe umas chicotadas.

— Ela não fez por mal, eminência — disse Gaspard, ainda de joelhos.

— Mas eu fiz — disse o cardeal e sorriu para o prisioneiro. —

Levante-se, meu caro rapaz, levante-se.

— Preciso da Yvette — disse Gaspard. — Ela me ajuda.

— Disso eu tenho certeza — disse o cardeal, e curvou-se para uma terrina de barro na qual uma pasta num tom de marrom tinha sido misturada. Ele recuou devido ao fedor e voltou-se enquanto Gaspard se aproximava dele, caía de joelhos outra vez, e erguia um presente.

— Para vossa eminência — disse Gaspard, pressuroso. — Eu o fiz para vossa eminência.

O cardeal apanhou o presente. Era um crucifixo de ouro, de altura que não chegava a um palmo, mas no entanto cada detalhe do Cristo sofredor estava delicadamente modelado. Havia fios de cabelo aparecendo por baixo da coroa de espinhos, os espinhos podiam espetar, o rasgo no lado tinha uma margem irregular e o derramamento de sangue dourado escorria pela tanga até a coxa comprida. As cabeças dos pregos erguiam-se orgulhosas, e o cardeal contou-as. Quatro. Em toda a sua vida, ele tinha visto três pregos autênticos.

— É uma beleza, Gaspard — disse o cardeal.

— Eu trabalharia melhor se houvesse mais luz — retrucou Gaspard.

— Todos trabalharíamos melhor se houvesse mais luz — disse o cardeal —, a luz da verdade, a luz de Deus, a luz do Espírito Santo.

Ele caminhou ao lado das mesas, tocando as ferramentas do ramo de atividade de Gaspard.

— No entanto o diabo envia a escuridão para nos confundir, e temos que fazer todo o possível para suportar isso.

— Lá em cima? — disse Gaspard. — Não há aposentos com mais luz lá em cima?

— Há — respondeu o cardeal —, há, mas como vou saber se você não vai fugir, Gaspard? Você é um homem engenhoso. Se eu lhe der uma janela, poderei lhe dar o mundo. Não, meu caro rapaz, se você pode produzir uma obra como esta — ele ergueu o crucifixo —, não precisa de mais luz. — Ele sorriu. — Você é muito esperto.

Gaspard era realmente esperto. Tinha sido aprendiz de ourives numa das pequenas lojas no Quai des Orfèvres, na île de la Cité em Paris, onde o cardeal tinha a sua mansão. O cardeal sempre apreciara os ourives: era frequentador assíduo das lojas deles, estimulava-os e comprava as melhores peças, e muitas daquelas peças tinham sido feitas por aquele aprendiz magro e nervoso, que à época esfaqueara um colega aprendiz, matando-o numa briga em uma sórdida taberna, e fora condenado à forca. O cardeal o salvara, levava-o para a torre e

prometera-lhe a vida.

Mas primeiro Gaspard tinha de fazer o milagre. Só então poderia ser liberado. Essa era a promessa, embora o cardeal estivesse certo de que Gaspard jamais sairia daquele porão, a menos que fosse para usar a grande fornalha no pátio. Gaspard, embora não soubesse, já estava às portas do inferno. O cardeal fez o sinalda-cruz e colocou o crucifixo em cima de uma das mesas.

— Então, me mostre — ordenou ele a Gaspard.

Gaspard dirigiu-se à sua grande mesa de trabalho, onde havia um objeto envolto num pano de linho descorado.

— Agora é apenas cera, eminência — explicou ele, tirando o pano

—, e nem sei se é possível transformá-la em ouro.

— Pode-se tocá-la? — perguntou o cardeal.

— com cuidado — avisou Gaspard. — É cera de abelha purificada, e muito delicada.

O cardeal ergueu a cera que tinha um tom cinza esbranquiçado, que lhe pareceu oleosa ao tato, e levou-a até uma das três pequenas janelas que deixavam passar a sombreada luz do dia, e lá ficou perplexo.

Gaspard fizera uma taça de cera. Ela lhe exigira semanas de trabalho. A taça em si era de tamanho suficiente apenas para conter uma maçã, enquanto que o pé tinha só quinze centímetros de altura.

O pé tinha a forma de um tronco de árvore, e o pé da taça era feito das três raízes da árvore que se espalhavam a partir do tronco. Os galhos da árvore dividiam-se num trabalho de filigrana que formava a taça rendilhada, e a filigrana era de um detalhe impressionante, com pequeninas folhas e pequenas maçãs e, na borda, três delicados pregos.

— É linda! — disse o cardeal.

— As três raízes, eminência, são a Trindade — explicou Gaspard.

— Eu tinha deduzido isso.

— E a árvore é a árvore da vida.

— Motivo pelo qual ela tem maçãs — disse o cardeal.

— E os pregos revelam que ela será a árvore da qual a cruz de Nosso Senhor foi feita — disse Gaspard, encerrando a explicação.

— Isso não me passou despercebido — observou o cardeal. Ele levou a bela taça de cera de volta para a mesa e depositou-a com

cuidado. — Onde está a taça de vidro?

— Aqui, eminência.

Gaspard abriu uma caixa e tirou uma taça que estendeu ao cardeal. A taça era feita de vidro grosso, esverdeado, que parecia muito antigo, porque em certos trechos a taça era enfumaçada e por toda parte havia bolhinhas presas no pálido material translúcido. O

cardeal desconfiava que ela era romana. Não tinha certeza, mas parecia muito antiga e um pouco rudimentar, e isso, sem dúvida, era correto. A taça da qual Cristo bebera seu último vinho talvez fosse mais adequada à mesa de um camponês do que à festa de um nobre.

O cardeal descobrira a taça numa loja de Paris e a comprara por algumas moedas de cobre e instruíra Gaspard para tirar o pé da taça, que era malfeito. E o prisioneiro trabalhara com tanta habilidade, que o cardeal nem conseguia ver que uma vez existira um pé. Agora, com extremo cuidado, ele colocou a taça de vidro dentro da de cera.

Gaspard Prendeu a respiração, temendo que o cardeal fosse quebrar uma das delicadas folhas, mas a taça encaixou-se delicadamente e coube à perfeição.

O Graal. O cardeal olhou para a taça de vidro, imaginando-a encaixada num delicado trabalho rendado de fino ouro e em pé num altar por altas velas brancas. Haveria um coro de meninos cantando e incenso perfumado queimando. Haveria reis e imperadores, príncipes e duques, condes e cavaleiros ajoelhando-se diante dela.

Louis Bessières, cardeal-arcebispo de Livorno, queria o Graal e, alguns meses antes, ouvira um rumor vindo do sul da França, da terra de hereges queimados, de que o Graal existia. Dois filhos da família Vexille, um deles um francês e o outro um arqueiro inglês, procuravam o Graal, tal como o cardeal, mas ninguém, achava, o

cardeal, queria tanto o Graal quanto ele. Ou o merecia tanto quanto ele. Se encontrasse a relíquia, iria exercer um tal poder que reis e o papa iriam procurá-lo para pedir a bênção. E quando Clemente, o papa atual, morresse, Louis Bessières ocuparia o trono e as chaves dele

— se ao menos ele possuísse o Graal. Louis Bessières queria o Graal, mas um dia, olhando sem ver para o vitral de sua capela particular, ele tivera uma revelação. O Graal, em si, não era necessário. Talvez ele existisse, provavelmente não existia, mas tudo o que importava era que a cristandade acreditava que existia. Eles queriam o Graal.

Qualquer Graal, desde que estivessem convencidos de que se tratava do verdadeiro e santo, o único Graal, e era por isso que Gaspard iria morrer, porque ninguém, a não ser o cardeal e seu irmão, deveria saber o que estava sendo feito na solitária torre entre as árvores varridas pelo vento acima de Melun.

— E agora — disse o cardeal, erguendo com cuidado o vidro verde de seu apoio de cera —, você tem de transformar a cera comum num ouro celestial.

— Vai ser difícil, eminência.

— Claro que vai ser difícil — disse o cardeal —, mas vou rezar por você. E sua liberdade depende do seu sucesso.

O cardeal viu a dúvida no rosto de Gaspard.

— Você fez o crucifixo — disse ele, apanhando o belo objeto de ouro — e, por isso, por que não poderá fazer o cálice?

— Ele é muito delicado — retrucou Gaspard —, e se eu despejar o ouro e ele não derreter a cera, todo o trabalho estará perdido.

— Nesse caso, você começará de novo — disse o cardeal — e de experiência em experiência e com a ajuda de Deus, você vai descobrir o caminho da verdade.

— Isso nunca foi feito antes — alegou Gaspard. — Pelo menos com algo tão delicado assim.

— Mostre-me como é — ordenou o cardeal, e Gaspard explicou como iria pintar o cálice de cera com a insalubre pasta marrom que tinha repellido o cardeal. A pasta era feita de água, chifre de touro queimado que tinha sido pulverizado, e estrume de vaca e as camadas secas da pasta iriam conter a cera e o conjunto todo seria, então, enterrado em barro macio, que tinha de ser delicadamente pressionado para conter a cera, mas não distorcê-la. Túneis estreitos iriam atravessar o barro, indo do lado de fora até a cera sepultada, e então Gaspard levaria o bolo disforme de barro para a fornalha que havia no pátio, onde cozinaria o barro. A cera que estivesse lá dentro iria derreter e escorrer pelos túneis e, se fizesse o trabalho direito, ficaria com uma massa dura de barro, dentro da qual escondia-se uma delicada cavidade na forma da árvore da vida.

— E o estrume de vaca? — perguntou o cardeal. Ele estava realmente fascinado. Tudo o que era belo o deixava intrigado, talvez porque na sua juventude as coisas belas lhe tinham sido negadas.

— O estrume cozido endurece — disse Gaspard. — Ele forma uma concha dura em torno da cavidade. — Sorriu para a jovem emburrada.

— A Yvette o mistura para mim — explicou. — A camada mais próxima da cera é muito fina; as camadas externas são mais grossas.

— Com que então a mistura de estrume forma a superfície dura do molde? — perguntou o cardeal.

— Exatamente. — Gaspard estava satisfeito com o fato de seu mentor e salvador compreender.

Então, quando o barro esfriasse, Gaspard iria despejar ouro derretido na cavidade e ter a esperança de que o fogo líquido

enchesse até as últimas fendas, todas as folhinhas, maçãs e pregos, e cada borda de casca de árvore delicadamente modelada. E quando o ouro tivesse esfriado e ficado firme, o barro seria quebrado para revelar ou um porta-Graal que deixaria a cristandade deslumbrada, ou uma confusão de disformes traços de ouro.

— É provável que seja preciso fazer isso em pedaços separados —

disse Gaspard, nervoso.

— Tente com este — ordenou o cardeal, recolocando o pano de linho sobre a taça de cera. — E se não der certo, você vai fazer outro e tentar de novo, e de novo, e quando der certo, Gaspard, eu o liberarei para os campos e para o céu. Você e a sua amiguinha.

Ele dirigiu um sorriso vago para a mulher, fez o sinalda-cruz sobre a cabeça de Gaspard e retirou-se do porão. Esperou enquanto seu irmão trancava a porta.

— Não seja rude com ele, Charles.

— Rude? Sou o carcereiro dele, não o enfermeiro.

— E ele é um gênio. Ele pensa que está fazendo para mim um cálice para ser usado na missa, de modo que não tem idéia da importância do seu trabalho. Ele não tem medo de coisa nenhuma, exceto de você. Por isso, mantenha-o tranquilo.

Charles afastou-se da porta.

— Suponha que eles encontrem o verdadeiro Graal.

— Quem vai encontrá-lo? — perguntou o cardeal. — O arqueiro inglês desapareceu, e aquele monge tolo não irá encontrá-lo em Berat. Só vai provocar tumulto.

— Então, por que mandá-lo para lá?

— Porque o nosso Graal tem de ter um passado. O irmão Jerome!

irá descobrir algumas histórias sobre o Graal na Gasconha, e isso será

a nossa prova, e assim que ele tiver anunciado que os registros da existência do Graal existem, nós levaremos o cálice para Berat e anunciaremos a descoberta.

Charles ainda pensava no Graal verdadeiro.

— Eu pensava que o pai do inglês tivesse deixado um livro.

— Deixou, mas não conseguimos entendê-lo. São escritos de um louco.

— Pois encontre o arqueiro e queime-o para arrancar a verdade dele — disse Charles.

— Ele será encontrado — prometeu o cardeal, sério —, e da próxima vez vou deixá-lo em suas mãos, Charles. Aí, ele vai falar.

Enquanto isso, temos de continuar procurando, mas acima de tudo temos de continuar fazendo. Por isso, mantenha Gaspard em segurança.

— Em segurança agora — disse Charles — e morto depois.

Porque Gaspard iria fornecer os meios para que os irmãos fossem para o palácio papal em Avignon, e o cardeal, subindo para o pátio, já sentia o sabor do poder. Ele seria papa.

no amanhecer daquele dia, lá ao sul da torre solitária perto de Soissons, a sombra do castelo de Castillon d'Arbizon caíra sobre a pilha de lenha pronta para a execução da herege na fogueira. A pilha fora bem-feita, segundo as cuidadosas instruções do irmão Roubert, de modo que em cima dos gravetos e em torno do grosso poste no qual tinha sido pregada uma corrente, havia quatro camadas de feixes em pé que iriam queimar com chamas fortes, mas não quentes demais e sem soltar muita fumaça, para que os espectadores da cidade pudessem ver Genevieve contorcer-se dentro da chama brilhante e saber que a herege estava indo para o domínio de Satã.

A sombra do castelo seguia pela rua principal, chegando quase à porta oeste onde os sargentos da cidade, já bestificados pela descoberta do vigia morto no muro, erguiam os olhos para a parte principal da torre de menagem destacada pelo sol nascente. Uma nova bandeira tremulava nela. Em vez de mostrar o leopardo laranja sobre o campo branco de Berat, ela exibia um campo azul, cortado na diagonal por uma faixa branca pontilhada por três estrelas brancas.

Três leões amarelos habitavam o campo azul, e aqueles animais ferozes apareciam e desapareciam enquanto a enorme bandeira se mexia de acordo com um vento indiferente. E então houve algo de novo para ver com pasmo, porque enquanto os quatro cônsules da cidade corriam para juntarse aos sargentos, no alto de um dos

bastiões que protegiam a porta do castelo surgiram homens que jogaram da defesa dois objetos pesados. As duas coisas caíram e depois pararam com uma

sacudidela na extremidade das cordas. A princípio, os homens que assistiam pensaram que a guarnição estivesse pendurando a roupa de cama para arejar, e depois viram que os volumes eram os corpos de dois homens. Eram o castelão e o guarda, e eles ficaram pendurados ao lado da porta para reforçar a mensagem da bandeira do conde de Northampton. Castillon d'Arbizon tinha novo dono.

Galat Lorret, o mais velho e mais rico dos cônsules, o mesmo homem que havia interrogado o frade na igreja na noite anterior, foi o primeiro a recobrar o controle.

— Temos que mandar uma mensagem a Berat — ordenou ele, e instruiu o secretário da câmara municipal para escrever ao senhor de fato de Castillon d'Arbizon. — Diga ao conde que soldados ingleses estão hasteando a bandeira do conde de Northampton.

— O senhor a reconhece? — perguntou outro cônsul.

— Ela tremulou aqui bastante tempo — respondeu Lorret, com amargura.

Castillon d'Arbizon já pertencera aos ingleses e pagara seus impostos à longínqua Bordeaux, mas a maré inglesa recuara e Lorret nunca pensara que tornaria a ver a bandeira do conde. Deu ordens aos quatro homens da guarnição que restavam e que se haviam embebedado na taberna, escapando assim dos ingleses, para que ficassem prontos para levar a mensagem do secretário à distante Berat, e deu-lhes duas moedas de ouro para que cavalgassem mais depressa. Depois, fisionomia fechada, seguiu pela rua com os três colegas cônsules. O padre Medous e o padre da igreja de São Callic

juntaram-se a eles e os moradores da cidade, ansiosos e amedrontados, seguiram atrás.

Lorret bateu na porta do castelo. Decidira enfrentar os petulantes invasores. Iria dar um susto neles. Iria exigir que deixassem Castillon d'Arbizon imediatamente. Iria ameaçá-los com um cerco e fome, e justo no momento em que preparava as palavras indignadas, as duas folhas da grande porta foram puxadas para trás sobre dobradiças que rangiam, e à frente dele estavam doze arqueiros ingleses com capacetes de aço e casacões de malha, e a visão dos grandes arcos e suas compridas flechas fizeram com que Lorret desse um passo involuntário para trás.

Então, o jovem frade deu um passo à frente, só que já não era um frade, mas um soldado alto, vestindo uma cota longa de malha.

Tinha a cabeça descoberta e os curtos cabelos pretos pareciam ter sido cortados com uma faca. Usava calções pretos, botas pretas de cano longo, e tinha um cinto de couro preto do qual pendiam uma faca curta e uma longa espada lisa. Usava uma corrente de prata ao pescoço, um sinal de que exercia autoridade. Correu o olhar pela fileira de sargentos e cônsules, e depois fez um gesto com a cabeça em direção a Lorret.

— Não fomos apresentados como devíamos, ontem à noite —

disse ele —, mas sem dúvida o senhor se lembra do meu nome. Agora é a sua vez de me dizer o seu.

— Você não tem nada a fazer aqui! — vociferou Lorret. Thomas olhou para o céu, que estava pálido, quase desbotado, indicando que poderia estar se aproximando um frio mais intenso do que o normal naquela estação do ano.

— Padre — ele agora dirigia-se a Medous —, faça o favor de

traduzir minhas palavras, a fim de que todos possam saber o que está acontecendo. — Ele tornou a olhar para Lorret. — Se o senhor não falar normalmente, mandarei meus homens matá-lo e depois vou conversar com seus companheiros. Qual é o seu nome?

— Você é frade — disse Lorret, em tom acusador.

— Não sou — disse Thomas —, mas o senhor pensou que eu fosse porque sei ler. Sou filho de um padre, e ele me ensinou a ler.

Agora, qual é o seu nome?

— Sou Galat Lorret.

— E pela sua túnica — Thomas fez um gesto em direção à túnica adornada com pele —, presumo que tenha alguma autoridade aqui.

— Somos os cônsules — disse Lorret com a dignidade que conseguiu reunir. Os outros três cônsules, todos mais moços do que Lorret, tentaram dar a impressão

de que não estavam preocupados, mas isso era difícil quando uma fileira de pontas de flechas brilhava sob o arco da Porta.

— Obrigado — disse Thomas, cortês —, e agora pode dizer ao seu povo que ele tem a felicidade de estar sob o governo do conde de Northampton, e Sua Excelência deseja que seu povo não fique pela rua quando há trabalho a fazer.

Ele fez um gesto com a cabeça para o padre Medous, que gaguejou uma tradução para a multidão. Houve alguns protestos, principalmente porque as pessoas mais espertas que estavam na praça entendiam que uma mudança de senhores iria significar, inevitavelmente, mais impostos.

— O trabalho desta manhã — disse Lorret — é queimar uma herege.

— Isso é trabalho?

— Trabalho de Deus — insistiu Lorret. Ele levantou a voz e falou na língua local. — O público recebeu a promessa de folga do serviço para ver o mal ser expulso a fogo da cidade.

O padre Medous traduziu as palavras para Thomas.

— É o costume — acrescentou o padre —, e o bispo insiste para que o povo veja a jovem ser queimada.

— O costume? — perguntou Thomas. — Vocês queimam jovens com frequência suficiente para se tornar um costume?

O padre Medous abanou a cabeça, confuso.

— O padre Roubert nos disse que temos de deixar o povo assistir.

Thomas franziu o cenho.

— Padre Roubert — disse ele. — É esse o homem que lhes disse para queimar a jovem lentamente? Para colocar os feixes em pé?

— Ele é dominicano — disse o padre Medus —, um dominicano de verdade. Foi ele quem descobriu a heresia da jovem. Ele devia estar aqui. — O padre olhou à sua volta como se esperasse ver o frade que estava ausente.

— Sem dúvida ele irá lamentar por perder a diversão — disse Thomas, e então fez um gesto para a sua fileira de arqueiros, que deslocaram-se para o lado a fim de que Sir Guillaume, vestindo cota de malha e com uma grande espada de guerra na mão, pudesse levar Genevieve para fora do castelo. A multidão chiou e vaiou ao vê-la, mas a raiva se calou quando os arqueiros cerraram fileira atrás da jovem e ergueram os arcos altos. Robbie Douglas, num casacão de malha e com uma espada do lado, abriu caminho entre os arqueiros e olhou para Genevieve, que agora estava ao lado de Thomas.

— É esta a jovem? — perguntou Thomas.

— Ela é a herege, sim — disse Lorret.

Genevieve estava olhando para Thomas, incrédula. A última vez em que o vira estivera usando a batina de frade, e no entanto naquele momento ficou evidente que ele não era um clérigo. Sua cota de malha, que chegava até as coxas, era de boa qualidade e ele o polira durante a noite, que passara vigiando as celas para que ninguém abusasse dos prisioneiros.

Genevieve já não estava maltrapilha. Thomas enviara à cela duas das ajudantes da cozinha do castelo, com água, roupas e um pente de osso para que ela pudesse lavar-se, e fornecera-lhe um vestido branco que pertencera à mulher do castelão. Era um vestido de linho dispendiosamente embranquecido, bordado no pescoço, nas mangas e na bainha com fio dourado. Genevieve parecia ter nascido para usar trajes tão finos como aquele. Os longos cabelos louros estavam penteados para trás para formar uma trança presa com uma fita amarela. Ela estava de pé ao lado dele, surpreendentemente alta, com as mãos amarradas à frente, enquanto olhava com ar desafiador para os habitantes da cidade. Timidamente, o padre Medous fez um gesto em direção aos troncos de lenha que aguardavam, como a sugerir que não havia tempo a perder.

Thomas tornou a olhar para Genevieve. Ela estava vestida como uma noiva, uma noiva que ia para a morte, e Thomas ficou impressionado com a sua beleza. Teria sido aquilo que ofendera os moradores da cidade? O pai de Thomas sempre dissera que a beleza provocava tanto ódio quanto amor, porque a beleza era anormal, uma ofensa contra a lama, as cicatrizes e o sangue da vida comum, e Genevieve, muito alta, esguia, pálida e etérea, era de uma beleza fora do comum. Robbie devia estar pensando a mesma coisa, porque olhava para ela com uma expressão de admiração reverente.

Galat Lorret apontou para a pira que esperava.

— Se você quer que o pessoal trabalhe — disse ele — faça logo a fogueira.

— Nunca queimei uma mulher — disse Thomas. — Vocês precisam me dar tempo para decidir quanto à melhor maneira de fazer isso.

— A corrente é passada na cintura — explicou Galat Lorret — e o ferreiro a prende. — Ele fez um gesto para o ferreiro da cidade, que aguardava com um grampo e um martelo. — O fogo virá de qualquer braseiro.

— Na Inglaterra — disse Thomas — não é estranho o carrasco estrangular a vítima, escondido sob a fumaça. É um ato de misericórdia e é feito com uma corda de arco. — Ele apanhou uma daquelas cordas de uma bolsa que levava à cintura. — É este o costume aqui?

— com hereges, não — disse Galat Lorret com rispidez. Thomas balançou a cabeça, tornou a colocar a corda do arco na bolsa, e pegou no braço de Genevieve para levá-la até o poste. Robbie deu um passo à frente como se fosse intervir, mas Sir Guillaume o deteve. E então, Thomas vacilou.

— Deve haver um documento — disse ele a Lorret —, um mandado. Alguma coisa que autorize o poder civil a executar a condenação pela Igreja.

— Ele foi enviado ao castelão — disse Lorret.

— A ele? — Thomas ergueu o olhar para o cadáver gordo. — Ele não me deu o documento e não posso queimar a jovem sem esse mandado. — Ele parecia preocupado, e voltou-se para Robbie. —

Quer ir procurá-lo? Vi uma arca cheia de pergaminhos no salão.

Talvez ele esteja lá. Procure um documento com um selo grosso.

Robbie, incapaz de tirar os olhos do rosto de Genevieve, pareceu querer argumentar, mas abruptamente sacudiu a cabeça e entrou no castelo. Thomas recuou, levando Genevieve com ele.

— Enquanto esperamos — disse ele ao padre Medous —, talvez o senhor deva lembrar aos seus habitantes o motivo pelo qual ela vai ser queimada?

O padre pareceu atarantado pelo convite cortês, mas recuperou o controle.

— Gado morreu — disse ele —, e ela amaldiçoou a mulher de um homem.

Thomas pareceu ligeiramente surpreso.

— Gado morre na Inglaterra — disse ele — e já amaldiçoei a mulher de um homem. Isso faz de mim um herege?

— Ela sabe prever o futuro! — protestou Medous. — Dançou nua à luz dos relâmpagos e usou de magia para encontrar água.

— Ah. — Thomas parecia preocupado. — Água?

— Com um graveto! — interferiu Galat Lorret. — É magia do diabo. Thomas pareceu pensativo. Olhou para Genevieve, que tremia levemente, e tornou a olhar para o padre Medous.

— Diga, padre — continuou —, não estou certo ao pensar que Moisés bateu numa rocha com o bastão do irmão e tirou água da pedra?

Fazia muito tempo que o padre Medous estudara as escrituras, mas ele parecia lembrar-se da história.

— Eu me lembro de algo assim — admitiu.

— Padre! — disse Galat Lorret, advertindo-o.

— Cale-se! — Thomas dirigiu-se ao cônsul com rispidez. Ergueu a

voz. — *”Cumque elevasset Moses manum”* — ele citava de cor, mas achou que estava dizendo as palavras certas — *”percutiens virga bis silicem egressae sunt aquae largissimae”*. — Não eram muitas as vantagens de ser filho bastardo de um padre ou de ter passado algumas semanas em Oxford, mas ele aprendera o suficiente para deixar perplexa a maioria dos religiosos. — O senhor não interpretou minhas palavras, padre — disse ele ao padre. — Por isso, diga à multidão que Moisés bateu na rocha e provocou um jato d’água. E

depois me diga que, se agrada a Deus encontrar água com um bastão, como pode estar errado esta jovem fazer o mesmo com um graveto?

A multidão não gostou. Algumas pessoas gritaram e só a visão de dois arqueiros aparecendo na defesa acima dos dois corpos pendurados acalmou-as. O padre apressou-se a traduzir os protestos.

— Ela amaldiçoou uma mulher — disse ele — e previu o futuro.

— Que futuro ela previu? — perguntou Thomas.

— Morte. — Foi Lorret quem respondeu. — Ela disse que a cidade se encheria de cadáveres e que ficaríamos caídos nas ruas, insepultos.

Thomas parecia impressionado.

— Será que ela disse que a cidade iria voltar ao domínio adequado? Ela disse que o conde de Northampton nos mandaria para cá?

Fez-se uma pausa e então Medous abanou a cabeça.

— Não — disse ele.

— Neste caso, ela não vê o futuro com muita clareza — replicou Thomas — e assim, o diabo não pode tê-la inspirado.

— A corte do bispo decidiu o contrário — insistiu Lorret — e não cabe a você questionar as autoridades competentes.

A espada saiu da bainha de Thomas com uma velocidade

surpreendente. A lâmina estava lubrificada para evitar que enferrujasse, e brilhava, úmida, enquanto ele cutucava a túnica guarnecida de pele na altura do peito de Galat Lorret.

— Eu sou as autoridades competentes — disse Thomas, empurrando o cônsul para trás. — E é melhor você se lembrar disso. E

eu nunca me encontrei com o seu bispo, e se ele pensa que uma jovem é herege porque cabeças de gado morrem, ele é louco. E se a condena porque ela faz o que Deus mandou que Moisés fizesse, ele é um blasfemador. — Ele deu um último empurrão na espada, fazendo com que Lorret recuasse depressa. — Que mulher ela amaldiçoou?

— A minha mulher — disse Lorret, indignado.

— Ela morreu? — perguntou Thomas.

— Não — admitiu Lorret.

— Neste caso, a maldição não funcionou — disse Thomas, devolvendo a espada à bainha.

— Ela é uma beguina! — insistiu o padre Medous.

— O que é uma beguina? — perguntou Thomas.

— Uma herege — respondeu o padre Medous, bastante atarantado.

— Você não sabe, não é? — disse Thomas. — Para você, é apenas uma palavra, e por causa dessa única palavra vocês iriam queimá-la?

— Ele tirou a faca do cinto e então pareceu lembrar-se de alguma coisa. — Presumo — disse ele, voltando-se para o cônsul — que você esteja mandando uma mensagem para o conde de Berat, não?

Lorret pareceu espantado e depois tentou parecer ignorante de qualquer coisa daquele tipo.

— Não pense que sou bobo — disse Thomas. — Não há dúvida de que você está inventando uma mensagem assim, agora. Pois

escreva ao seu conde e escreva também para o seu bispo, e diga a eles que capturei Castillon d'Arbizon e mais ainda... — Ele fez uma pausa.

Passara a noite em agonia. Tinha rezado, porque se esforçava muito para ser um bom cristão, mas toda a sua alma, todos os seus instintos, diziam-lhe que a jovem não devia ser queimada. E então uma voz interior lhe disse que estava sendo seduzido pela piedade, por cabelos louros e olhos brilhantes, e agonizou ainda mais, mas ao fim de suas orações sabia que não podia executar Genevieve na fogueira. Por isso, naquele momento, cortou o pedaço de corda que prendia os grilhões dela e, quando a multidão protestou, ergueu a voz. — Diga ao seu bispo que eu libertei a herege. — Recolocou a faca no estojo e passou o braço direito pelos magros ombros de Genevieve e voltou a encarar a multidão. — Diga ao

seu bispo que ela está sob a proteção do conde de Northampton. E se o bispo quiser saber quem fez isso, dê a ele o mesmo nome que você der ao conde de Berat. Thomas de Hookton.

— Hookton — repetiu Lorret, errando a pronúncia do nome desconhecido.

— Hookton — corrigiu Thomas —, e diga a ele que, pela graça de Deus, Thomas de Hookton é o governante de Castillon d'Arbizon.

— Você? Governante daqui? — perguntou Lorret, indignado.

— E como você viu — disse Thomas —, assumi o poder da vida e da morte. E isso, Lorret, inclui a sua vida. — Fez meia-volta e conduziu Genevieve de volta para o pátio. As portas se fecharam com um estrondo.

E Castillon d'Arbizon, à falta de outra emoção, voltou para o trabalho.

durante dois dias Genevieve não falou nem comeu. Permaneceu junto de Thomas, observando-o, e quando ele lhe dirigia a palavra, limitava-se a abanar a cabeça. Às vezes, chorava em silêncio. Não fazia ruído algum quando chorava, nem mesmo um soluço, apenas parecia desesperada enquanto lágrimas escorriam-lhe pela face.

Robbie tentava falar com ela, mas Genevieve se esquivava dele.

Na verdade, ela tremia, se ele se aproximasse demais, e Robbie ficou ofendido.

— Uma porcaria de puta herege — xingou ele com o seu sotaque escocês. Genevieve, embora não falasse inglês, sabia o que ele estava dizendo e apenas olhava fixo para Thomas com seus olhos grandes.

— Ela está com medo — disse Thomas.

— De mim? — perguntou Robbie, indignado, e a indignação parecia justificada, porque Robbie Douglas era um rapaz de expressão franca, de nariz arrebitado, e amável.

— Ela foi torturada — explicou Thomas. — Pode imaginar o que isso faz a uma pessoa? — Involuntariamente, olhou para as juntas dos dedos das mãos, ainda deformadas pelo torno de ferro que quebrara os ossos. Houve um momento em

que pensara que nunca mais iria armar um arco, mas Robbie, seu amigo, insistira com ele. — Ela vai se recuperar — acrescentou para Robbie.

— Só estou tentando ser amável — protestou Robbie. Thomas

olhou para o amigo e Robbie teve a graça de enrubescer. — Mas o bispo vai enviar outro mandado — continuou Robbie.

Thomas havia queimado o primeiro, que tinha sido encontrado no baú revestido de ferro do castelão, juntamente com os demais papéis do castelo. A maioria dos pergaminhos consistia de listas de impostos, registros de pagamentos, listas de lojas, listas de homens, as pequenas coisas da vida cotidiana. Havia também algumas moedas, a renda dos impostos, o primeiro saque do comando de Thomas.

— O que é que você vai fazer — insistiu Robbie — quando o bispo enviar outro mandado?

— O que você gostaria que eu fizesse? — perguntou Thomas.

— Você não terá escolha — disse Robbie, com veemência. — Vai ter de queimar a mulher. O bispo vai mandar.

— É provável — concordou Thomas. — A Igreja sabe ser muito persistente quando se trata de queimar pessoas.

— Por isso ela não pode ficar aqui! — protestou Robbie.

— Eu a libertei — disse Thomas —, e ela pode fazer o que quiser.

— Eu vou levá-la de volta para Pau — sugeriu Robbie. Pau, que ficava muito longe, a oeste, era a guarnição inglesa mais próxima. —

Assim ela estará em segurança. Me dê uma semana, só isso, e a levo embora.

— Preciso de você aqui, Robbie — disse Thomas. — Somos poucos e o inimigo, quando vier, será muito numeroso.

— Deixe-me levá-la...

— Ela fica — disse Thomas, com firmeza —, a menos que queira ir embora.

Robbie deu a impressão de que iria argumentar, mas abruptamente retirou-se do aposento. Sir Guillaume, que ouvira

calado e compreendera a maior parte da conversa em inglês, estava sério.

— Daqui a um ou dois dias — disse, falando em inglês para que Genevieve não entendesse —, o Robbie vai querer queimá-la.

— Queimá-la? — perguntou Thomas, espantado. — Não, o Robbie, não. Ele quer salvá-la.

— Ele a deseja — disse Sir Guillaume —, e se não puder ficar com ela, vai decidir que ninguém deverá ficar. — Ele deu de ombros, e depois mudou para o francês. — Se ela fosse feia — olhou para Genevieve enquanto fazia a pergunta —, será que estaria viva?

— Se ela fosse feia — disse Thomas —, duvido que tivesse sido condenada.

Sir Guillaume deu de ombros. Sua filha ilegítima, Eleanor, tinha sido a mulher de Thomas até ser morta pelo primo de Thomas, Guy Vexille. Agora, Sir Guillaume olhava para Genevieve e reconhecia que ela era muito bonita.

— Você é tão mau quanto o escocês — disse ele.

Naquela noite, a segunda desde que capturara o castelo, quando os homens que fizeram incursões para pegar alimentos estavam todos de volta sãos e salvos, os cavalos alimentados, a porta fechada, as sentinelas colocadas em seus lugares e o jantar comido, e quando a maioria dos homens dormia, Genevieve esgueirou-se de detrás da tapeçaria onde Thomas ”e dera a cama do castelão e aproximou-se da lareira, onde ele estava sentado, lendo a cópia do estranho livro de seu pai sobre o Graal. Não havia ninguém mais no aposento. Robbie e Sir Guillaume dormiam no salão, juntamente com Thomas, mas Sir Guillaume estava encarregado das sentinelas e Robbie bebia e jogava com os soldados no quarto no andar de baixo.

Genevieve, vestida em sua longa túnica branca, saiu delicadamente do tablado, aproximou-se da cadeira em que ele estava sentado e ajoelhou-se ao lado da lareira Por algum tempo, ficou olhando as chamas e depois olhou para Thomas e

ele encantou-se com a maneira de as chamas iluminarem e fazerem sombra no rosto dela. Uma coisa tão simples, um rosto, pensou ele, e no entanto o dela o fascinava.

— Se eu fosse feia — perguntou ela, falando pela primeira vez desde que ele a soltara —, eu estaria viva?

— Estaria — disse Thomas.

— Por que então você permitiu que eu vivesse? — perguntou ela.

Thomas ergueu uma das mangas e mostrou-lhe as cicatrizes que trazia no braço.

— Também foi um dominicano quem me torturou — disse ele.

— Queimadura?

— Queimadura — confirmou Thomas.

Ela se pôs de pé e passou os braços pelo pescoço dele, apoiou a]

cabeça em seu ombro e o manteve abraçado. Não disse nada, ele tampouco, e também não se mexeram. Thomas se lembrava da dor, da humilhação, do terror, e de repente sentiu vontade de chorar.

E então a porta do salão abriu-se com um chiado e alguém entrou. Thomas estava de costas para a porta, de modo que não podia ver quem era, mas Genevieve levantou a cabeça para ver quem os interrompera e houve um momento de silêncio. Depois ouviu o som da porta se fechando e as passadas descendo as escadas. Thomas percebeu que tinha sido Robbie. Nem precisava perguntar.

Genevieve tornou a apoiar a cabeça no ombro dele. Não disse palavra. Ele sentia o coração dela bater.

— As noites são o pior — disse ela.

— Eu sei.

— À luz do dia — disse ela — há coisas para a gente olhar. No escuro, porém,

só há recordações.

— Eu sei.

Ela levantou a cabeça, deixando as mãos entrelaçadas na nuca de Thomas, e fitou-o com uma expressão intensa de seriedade.

— Eu tenho ódio dele — disse ela, e Thomas sabia que ela estava se referindo ao homem que a torturara. — Ele se chamava padre Roubert continuou ela — e quero ver a alma dele no inferno.

Thomas, que tinha matado seu torturador, não sabia o que dizer, de modo que recuou para uma evasão.

— Deus irá cuidar da alma dele.

— Às vezes, Deus parece estar muito distante — comentou Genevieve —, especialmente no escuro.

— Você precisa comer — disse ele. — E precisa dormir.

— Não consigo dormir.

— Consegue sim — disse Thomas e tirou as mãos dela do pescoço e conduziu-a de volta para o tablado e para trás da tapeçaria. Ficou lá.

E na manhã seguinte, Robbie não queria dirigir a palavra a Thomas, mas o estranhamento dos dois dissolveu-se porque havia muito trabalho a fazer. Era preciso levar alimentos da cidade e estocá-

los no castelo. O ferreiro tinha de ser ensinado a fazer pontas para flechas inglesas, e choupos e freixos foram cortados para fazer as hastes. Gansos perderam as penas das asas para enfeitarem as flechas, e o trabalho mantinha ocupados os homens de Thomas, mas estes ainda estavam mal-humorados. O júbilo que se seguira à fácil captura do castelo fora substituído pela ansiedade e Thomas, que pela

primeira vez estava no comando, sabia que havia atingido uma crise.

Sir Guillaume d'Everque, muito mais velho do que Thomas, deixou claro:

— É com relação à jovem — disse ele. — Ela tem de morrer.

Estavam no grande salão outra vez e Genevieve, sentada ao lado a lareira, compreendia a conversa. Robbie chegara com Sir Guillaume, mas agora, em vez de olhar para Genevieve com desejo, observava-a com ódio.

— Diga-me por quê — pediu Thomas.

Ele estivera relendo a cópia do livro de seu pai, com suas estranhas referências ao Graal. O livro fora copiado às pressas, mal dando para decifrar alguns trechos da escrita, e nenhum fazia muito sentido. Mas ele acreditava que se o estudasse por tempo suficiente, surgiria algum significado.

— Ela é uma herege! — disse Sir Guillaume.

— Ela é uma maldita de uma feiticeira — intercalou Robbie, com veemência. Ele agora já falava um pouco de francês, o suficiente para entender a conversa, mas preferiu fazer o protesto em inglês.

— Ela não foi acusada de feitiçaria — disse Thomas.

— Que diabo, homem! Ela usou de magia! Thomas pôs o pergaminho de lado.

— Já percebi — disse ele a Robbie — que quando está preocupado você bate na madeira. Por quê?

Robbie olhou fixo para ele.

— Todos nós fazemos isso!

— Alguma vez, algum padre lhe disse para fazer isso?

— Nós fazemos! Só isso.

— Por quê?

Robbie pareceu zangado, mas conseguiu encontrar uma resposta.

— Para evitar o mal. Que outro motivo haveria?

— No entanto, em ponto algum das escrituras — disse Thomas —

e em nenhum trecho dos escritos dos Pais da Igreja você irá encontrar uma ordem dessas. Isso não é uma coisa cristã, mas no entanto você a faz. Por isso devo mandá-lo ao bispo, para ser julgado? Ou será que devo poupar o tempo do bispo e simplesmente queimar você?

— Está dizendo bobagens! — berrou Robbie. Sir Guillaume mandou Robbie ficar calado.

— Ela é uma herege — disse o normando para Thomas — e a Igreja a condenou. E se ela ficar aqui não irá nos trazer nada, a não ser azar. Isso é que está deixando os homens preocupados. Jesus Cristo, Thomas, que benefício pode haver em proteger uma herege?

Todos os homens sabem que isso vai dar azar.

Thomas deu um tapa na mesa, assustando Genevieve.

— Você — ele apontou para Sir Guillaume — incendiou a minha aldeia, matou minha mãe e assassinou meu pai, que era padre, e vem me falar do mal?

Sir Guillaume não podia negar as acusações, como também não podia explicar como se tornara amigo do homem que ele deixara órfão, mas também não iria recuar diante da raiva de Thomas.

— Conheço o mal — disse ele — porque fiz o mal. Mas Deus nos perdoa.

— Deus perdoa você, mas não a ela? — perguntou Thomas.

— A Igreja decidiu o contrário.

— E eu decidi o contrário — insistiu Thomas.

— Meu doce Jesus — disse Guillaume —, você acha que é a porcaria do papa?

— Ele passara a gostar dos impropérios ingleses e

usava-os misturados ao seu francês natal.

— Ela o enfeitiçou — vociferou Robbie.

Genevieve deu a impressão de que iria falar, mas voltou-se e se afastou. O vento

deu uma lambada na janela e mandou uma onda de chuva para as largas tábuas do assoalho.

Sir Guillaume olhou para a jovem, depois para Thomas.

— Os homens não vão suportá-la — disse ele.

— Porque você os importuna — vociferou Thomas, embora soubesse que tinha sido Robbie, não Sir Guillaume, quem provocara a inquietação. Desde que cortara os grilhões de Genevieve, Thomas começou a se preocupar com aquilo, sabendo que seu dever era queimar Genevieve e sabendo que não podia fazê-lo. Seu pai, louco, irado e brilhante, certa vez rira da idéia que a Igreja fazia da heresia.

Aquilo que era herege um dia, dissera o padre Ralph, era doutrina da Igreja no dia seguinte, e Deus, dissera ele, não precisava dos homens para queimar gente: Deus podia fazer muito bem aquilo sozinho.

Thomas tinha ficado acordado, em agonia, pensando, e sabendo o tempo todo que desejava Genevieve demais. Não fora a dúvida teológica que salvara a vida da jovem, mas a luxúria, e a solidariedade que ele sentira por uma outra alma que sofrera a tortura da Igreja.

Robbie, em geral muito honesto e decente, conseguiu controlar a raiva.

— Thomas — disse ele, com calma — pense no motivo pelo qual estamos aqui, e pense se Deus vai ou não nos dar sucesso se tivermos uma herege entre nós.

— Praticamente não penso em outra coisa — disse Thomas.

— Alguns dos homens estão falando em ir embora — avisou-o Sir Guillaume.
— Em procurar um novo comandante.

Genevieve falou pela primeira vez:

— Vou embora — disse ela. — Vou voltar para o norte. Não vou ficar no seu caminho.

— Quanto tempo acha que vai continuar viva? — perguntou Thomas. — Se meus homens não a matarem no pátio, os habitantes da cidade irão matá-la na

rua.

— Então, o que faço? — perguntou ela.

— Você vem comigo — disse Thomas e atravessou o salão até uma alcova ao lado da porta onde um crucifixo estava pendurado. Ele o tirou do prego e fez um gesto para ela, para Sir Guillaume e para Robbie. — Venham — disse ele.

Ele os conduziu até o pátio do castelo, onde a maioria de seus homens se reunia para saber do resultado da missão de Sir Guillaume e Robbie junto a Thomas. Murmuraram, contrariados, quando Genevieve apareceu, e Thomas sabia que se arriscava a perder a fidelidade deles. Era jovem, muito jovem para ser o líder de tantos homens, mas eles queriam segui-lo e o conde de Northampton confiara nele. Aquele era o seu primeiro teste. Ele esperara enfrentar aquele teste em combate, mas a prova chegara naquele momento e ele tinha de resolvê-la, por isso ficou no alto da escada que dava para o pátio e esperou até que todos os homens estivessem olhando para ele.

— Sir Guillaume! — chamou Thomas. — Vá falar com os padres na cidade e peça uma hóstia. Uma hóstia que já tenha sido consagrada. Uma que esteja guardada para a extrema-unção.

Sir Guillaume hesitou.

— E se eles negarem?

— Você é soldado, eles, não — disse Thomas e alguns dos homens sorriram.

Sir Guillaume sacudiu a cabeça, olhou desconfiado para Genevieve, e depois fez um gesto para que dois de seus soldados o acompanhassem. Eles seguiram contrariados, porque não queriam perder o que quer que Thomas estivesse para dizer, mas Sir Guillaume resmungou alguma coisa para eles, que o seguiram porta afora.

Thomas ergueu o crucifixo bem alto.

— Se esta jovem for a criatura do diabo — disse ele —, ela não poderá olhar para isto e não poderá suportar o seu toque. Se eu o mantiver em frente aos olhos

dela, ela ficará cega! Se eu tocar a pele dela, a pele irá sangrar. Vocês sabem disso! Suas mães lhes contaram!

Seus padres lhes contaram!

Alguns homens sacudiram a cabeça e todos olharam boquiabertos enquanto Thomas segurava o crucifixo em frente aos olhos abertos de Genevieve, e depois tocava-lhe a testa com ele.

Alguns prenderam a respiração e a maioria pareceu intrigada quando os olhos dela continuaram perfeitos e sua pele clara e pálida continuou imaculada.

— Ela está sendo ajudada pelo diabo — resmungou um homem.

— Que tipo de bobo você é? — vociferou Thomas. — Você alega que ela pode escapar usando as artimanhas do diabo? Pois então, por que é que ela estava aqui? Por que estava nas celas? Por que não abriu asas enormes e foi embora voando?

— Deus impediu.

— Neste caso, Deus teria feito com que a pele dela sangrasse quando o crucifixo a tocou — disse Thomas. — Não teria? E se ela é uma criatura do diabo, deve ter patas de gato. Vocês todos sabem disso!

Muitos dos homens murmuraram palavras de concordância, porque era do conhecimento de todos que aqueles que tinham a preferência do diabo ficavam com patas de gato, para que pudessem deslocar-se furtivamente no escuro para fazer suas maldades.

— Tire os sapatos — ordenou Thomas a Genevieve, e quando os pés dela ficaram descalços, apontou para eles. — Que gata, eh? com patas assim, ela não vai pegar muitos camundongos!

Dois ou três outros homens apresentaram argumentos, mas Thomas escarneceu deles, e então Sir Guillaume voltou, e o padre Medous o acompanhava com uma caixinha de prata que ele mantinha pronta para levar os sacramentos a uma pessoa que estivesse à morte.

— Não parece apropriado — começou o padre Medous, mas parou quando

Thomas olhou firme para ele.

— Venha cá, padre — disse Thomas e o padre Medous obedeceu.

Thomas tirou dele a pequena caixa. — Ela passou no teste —

continuou — mas todos vocês sabem, todos vocês, até na Escócia sabem — ele fez uma pausa e apontou para Robbie — que mesmo o diabo não pode salvar suas criaturas do toque do corpo de Cristo. Ela vai morrer! Ela vai estremecer em agonia. Sua pele vai cair e os vermes irão retorcer-se no lugar em que ela estava. Os gritos dela serão ouvidos no céu. Vocês todos sabem disso!

Eles sabiam e sacudiram a cabeça, e viram Thomas pegar um pedacinho de pão seco da caixa e estendê-lo para Genevieve. Ela hesitou, olhando preocupada nos olhos de Thomas, mas ele sorriu para ela que, obediente, abriu a boca e deixou que ele colocasse a grossa hóstia sobre a sua língua.

— Mate-a, Deus! — bradou o padre Medous. — Mate-a! Oh Jesus,

Jesus, mate-a!

Sua voz ecoou do pátio de castelo, e o eco foi morrendo enquanto todos que estavam no pátio olhavam fixos para a alta Genevieve, que engolia.

Thomas deixou o silêncio prolongar-se, depois olhou flagrantemente para Genevieve, que ainda estava viva.

— Ela veio para cá — disse ele a seus homens, em inglês — com o pai. Ele era um malabarista que arrecadava tostões em feiras e ela passava o chapéu. Nós todos já vimos pessoas assim. Gente que anda sobre pernas de pau, engolidores de fogo, domadores de ursos, malabaristas. Genevieve arrecadava as moedas. Mas o pai dela morreu e ela ficou aqui, entre pessoas que falavam uma língua diferente. Ela era igual a nós! Ninguém gostava dela porque ela veio de longe. Nem mesmo falava a língua deles! Eles a odiavam porque ela era diferente, e por isso a chamavam de herege. E este padre diz que ela é uma herege! Mas na noite em que cheguei aqui, estive na casa dele. Tem uma mulher que mora na casa e cozinha e limpa para ele, mas ele tem apenas uma cama. — Aquilo provocou uma gargalhada, como Thomas sabia que provocaria. Pelo que sabia, o padre Medous tinha doze camas, mas o padre não sabia o que estava sendo dito. — Ela não é beguina, coisa nenhuma — continuou Thomas — e isso vocês viram com

os seus próprios olhos. Ela é apenas uma alma perdida, como nós, e as pessoas ficaram contra ela porque ela não era como elas. Por isso, se qualquer um de vocês ainda tiver medo dela e achar que vai nos dar azar, mate-a agora.

Ele deu um passo atrás, braços cruzados, e Genevieve, que não compreendera coisa alguma que ele dissera, fitou-o com ar de preocupação.

— Vamos — disse Thomas a seus homens. — Vocês têm arcos, espadas, facas. Eu não tenho nada. Matem-na! Não vai ser assassinato. A Igreja diz que ela tem de morrer, de modo que se vocês quiserem fazer o trabalho de Deus, façam.

Robbie deu meio passo à frente, depois sentiu o estado de espírito reinante no pátio e ficou parado.

Então alguém riu, e de repente estavam todos rindo e ovacionando. Genevieve ainda parecia intrigada, mas Thomas estava sorrindo. Ele os fez calar erguendo as mãos.

— Ela fica — disse —, ela vive, e vocês têm trabalho a fazer. Por isso, façam a porcaria desse trabalho.

Robbie cuspiu de repugnância enquanto Thomas levava Genevieve de volta para o salão. Thomas pendurou o crucifixo em seu nicho e fechou os olhos. Ele estava rezando, agradecendo a Deus por ela ter passado no teste da hóstia. E, o que era ainda melhor, pelo fato de que iria ficar.

Thomas passou as primeiras duas semanas preparando-se para um cerco. O castelo de Castillon d'Arbizon tinha um poço que produzia uma água descorada e salobra, mas significava que seus homens jamais iriam morrer de sede; os antigos depósitos da guarnição, porém, só continham uns poucos sacos de farinha úmida, um barril de vagem, um pote de azeite de oliva rançoso e alguns queijos que estavam mofando. Por isso, todos os dias, Thomas enviava seus homens para revistar a cidade e as aldeias vizinhas, e agora os alimentos empilhavam-se na galeria subterrânea. Assim que aquelas fontes se exauriram, ele começou os ataques. Aquilo era a guerra que ele conhecia, o tipo de guerra que saqueara a Bretanha de uma ponta à outra e chegara quase às portas de Paris. Thomas

deixava dez homens como uma guarda do castelo, e os demais iam com ele a cavalo até uma aldeia ou fazenda que devesse vassalagem ao conde de Berat e

tomavam o gado, esvaziavam os celeiros e deixavam o local em chamas. Depois de dois ataques assim, Thomas foi recebido pela delegação de uma aldeia que levou dinheiro, a fim de que seus homens poupassem a aldeia do saque, e no dia seguinte mais duas embaixadas chegaram com sacos de moedas. Também chegavam homens oferecendo seus serviços. Soldados da estrada souberam que podia-se ganhar dinheiro e butim em Castillon d'Arbizon e, antes de completar dez dias na cidade, Thomas comandava mais de sessenta homens. Ele despachava dois grupos de incursão por dia, e quase todo dia vendia o excesso dos saques no mercado. Dividia o dinheiro em três partes, uma para o conde de Northampton, uma para ele, que compartilhava com Sir Guillaume e Robbie, e a terceira para os homens.

Genevieve cavalgava com ele. Thomas não queria isso. Levar mulheres em incursões era um desvio de atenção, e ele proibiu que qualquer um de seus homens levasse a mulher. Mas Genevieve ainda tinha medo de Robbie e do grupo de homens que parecia compartilhar do ódio que ele sentia por ela, e por isso insistia em cavalgar ao lado de Thomas. Ela descobrira um pequeno manto de cota de malha nos depósitos do castelo e o polira com areia e vinagre até suas mãos ficarem vermelhas e doloridas e a malha brilhar como prata. O manto caía solto em seu corpo magro, mas ela o amarrava com uma tira de pano amarelo e pendurava uma outra tira da mesma cor na coroa do elmo, que era um simples chapéu de ferro revestido internamente com couro. O povo de Castillon d'Arbizon, quando a Genevieve da malha de prata entrava na cidade a cavalo à frente de

uma fila de homens montados conduzindo cavalos de carga cheios de butim e conduzindo gado roubado, chamava-a de *draga*. Todo mundo sabia a respeito das *dragas*, que eram as garotas do diabo, caprichosas e mortíferas, e vestiam-se de um branco brilhante.

Genevieve era a mulher do diabo, dizia o povo, e dava aos ingleses a sorte do diabo. O estranho era que aquele boato fazia com que a maioria dos homens de Thomas sentisse orgulho dela. Os arqueiros tinham-se acostumado a serem chamados de *hellequin* na Bretanha e sentiam-se perversamente orgulhosos da associação com o diabo.

Aquilo deixava outros homens com medo, e por isso Genevieve tornou-se o seu símbolo de boa sorte.

Thomas estava com um novo arco. A maioria dos arqueiros, quando os velhos arcos se desgastavam, simplesmente comprava um novo dos estoques que eram enviados da Inglaterra, mas em Castillon d'Arbizon não havia aquele tipo de equipamento e, além do mais, Thomas sabia fazer a arma e adorava isso. Ele encontrara um bom galho de teixo no jardim de Galat Lorret e serrara e debastara a casca e a camada externa até ficar com uma vara reta que era escura como sangue em uma das metades e pálida como mel na outra. O lado escuro era o cerne do teixo que resistia à compressão, enquanto que a metade dourada era o alburno flexível; quando o arco ficasse pronto, o cerne iria lutar contra a tração da corda e o alburno judaria a fazer com que o arco se endireitasse com um estalo, de modo que a flecha iria voar como um demônio alado.

A nova arma era ainda maior do que o arco antigo, e às vezes Thomas ficava na dúvida se estava fazendo-o grande demais, mas ele persistiu, dando forma à madeira com uma faca, até ela ter uma barriga grossa e pontas que se afinavam levemente. Ele alisou,

envernizou e pintou o arco, porque a umidade da madeira tinha de ser impedida de sair, para que o arco não se partisse, e depois tirou os entalhes de osso do arco antigo e colocou-os no novo. Tirou também a placa de prata do velho arco, o pedaço de cálice da missa que levava a insígnia de seu pai, de um *yale* segurando um graal, e prendeu-a na parte externa da barriga do novo arco, que esfregou com cera de abelha e fuligem para escurecer a madeira. Da primeira vez em que o encordoou, curvando a nova haste para receber a corda, ficou admirado com a força que precisou fazer, e na primeira vez em que disparou o arco, ficou olhando, maravilhado, a flecha subir em disparada das defesas do castelo.

Ele fizera um segundo arco de um tronco menor, desta vez um arco para criança que praticamente não precisava de força alguma para armar, e o dera a Genevieve, que treinava com flechas cegas e distraía os homens enquanto espalhava seus projéteis pelo pátio do castelo, sem controle. Mas ela insistia, e chegou um dia em que uma flecha atrás da outra atingiu o lado interno da porta.

Naquela mesma noite, Thomas mandou o arco antigo para o inferno. Um arqueiro nunca jogava um arco fora, nem mesmo se o arco quebrasse quando ele o usava; em vez disso, numa cerimônia que servia de desculpa para bebidas e gargalhadas, o velho arco era jogado na fogueira. Os arqueiros diziam que ele estava indo para o inferno, indo na frente Para esperar o dono. Thomas observou o teixo queimar, viu o arco curvar-se pela última vez, e depois estalar numa chuva

de centelhas, e pensou nas flechas que o arco havia disparado.

Seus arqueiros mantiveram-se respeitosamente em torno da grande lareira do salão, e atrás deles, os soldados estavam em silêncio, e só quando o arco ficou reduzido a uma tira de Cinza irregular, Thomas

ergueu a taça de vinho.

— Ao inferno — disse ele, na velha invocação.

— Ao inferno — concordaram os arqueiros e os soldados, privilegiados ao serem admitidos no ritual dos arqueiros, ecoaram as palavras. Todos, exceto Robbie, que se manteve afastado. Ele passara a usar um crucifixo de prata no pescoço, pendurando-o por cima da cota de malha para deixar claro que ele estava ali para afastar o diabo.

— Foi um bom arco — disse Thomas, olhando para as cinzas, mas o novo era tão bom quanto o outro, talvez melhor, e dois dias depois Thomas o levou quando liderou a maior incursão até então.

Ele levou todos os seus homens, exceto os poucos necessários para proteger o castelo. Há dias que planejava aquela incursão e sabia que seria uma longa cavalgada, por isso partiu muito antes do amanhecer. O som das patas ecoou das fachadas das casas enquanto seguiam ruidosamente em direção ao arco oeste, onde o vigia, agora portando um bastão decorado com a insígnia do conde de Northampton, apressou-se a abrir os portões. Depois os cavaleiros atravessaram a ponte a trote e desapareceram na floresta sul.

Ninguém sabia para onde os ingleses cavalgavam.

Eles estavam indo para o leste, para Astarac. Cavalgando para lugar em que os ancestrais de Thomas tinham vivido, para o lugar em que certa vez o Graal talvez tivesse ficado escondido.

— É isso o que você espera encontrar? — perguntou-lhe Sir Guillaume. — Acha que nós vamos encontrá-lo com facilidade?

— Eu não sei o que nós vamos achar — admitiu Thomas.

— Lá existe um castelo, não é? — perguntou Sir Guillaume.

— Havia — disse Thomas —, mas meu pai dizia que ele tinha sido desprezado.
— Um castelo desprezado era um castelo que tinha

sido demolido, e Thomas não esperava encontrar nada, a não ser ruínas.

— Então, por que ir? — perguntou Sir Guillaume.

— O Graal — respondeu Thomas, lacônico.

Na verdade, estava indo porque era curioso, mas seus homens, que não sabiam o que ele procurava, tinham percebido que havia alguma coisa fora do comum com relação àquela incursão. Thomas dissera apenas que estavam indo a um lugar distante porque tinham saqueado tudo o que havia por perto” contudo os mais ponderados dos homens tinham percebido o seu nervosismo.

Sir Guillaume sabia o significado de Astarac, como Robbie também sabia, e este agora liderava a guarda avançada de seis arqueiros e três soldados que cavalgavam a cerca de meio quilômetro à frente, para proteger contra uma emboscada. Eles eram guiados por um homem de Castillon d’Arbizon que dizia conhecer a estrada e os conduziu montanhas acima, onde as árvores eram baixas e escassas e as vistas, ilimitadas. A intervalos de poucos minutos, Robbie acenava para indicar que o caminho à frente estava livre. Sir Guillaume, cavalgando de cabeça descoberta, fez um gesto com a cabeça para a figura distante.

— Quer dizer que aquela amizade acabou? — perguntou ele.

— Espero que não — respondeu Thomas.

— Pode esperar o que quiser — disse Sir Guillaume —, mas ela veio junto.

O rosto de Sir Guillaume fora desfigurado pelo primo de Thomas, que deixou o normando com apenas o olho direito, a face esquerda com uma cicatriz e uma faixa de cor branca onde a espada cortara a sua barba. Ele tinha uma aparência assustadora, e era assim também

em combate, mas também era um homem generoso. Ele olhou agora para Genevieve, que cavalgava sua égua cinza poucos metros para o lado da trilha. Ela vestia sua armadura prateada, as longas pernas em tecido cinza claro e botas marrons.

— Você devia tê-la queimado — disse ele, alegre.

— Ainda pensa assim? — perguntou Thomas.

— Não — admitiu Sir Guillaume. — Gosto dela. Se a Genny for uma beguina, pois que venham mais. Mas sabe o que você deveria fazer com o Robbie?

— Lutar contra ele?

— Pelos ossos de Cristo, não! — Sir Guillaume ficou chocado com o ato de Thomas ter ao menos sugerido uma coisa daquelas. —

Mande-o de volta para casa. Qual é o resgate dele?

— Três mil florins.

— Ora, meu Deus, é bem barato! Você deve ter moedas nesse valor nos baús, e por isso dê o dinheiro a ele e mande-o de volta. Ele poderá comprar a liberdade e ir apodrecer na Escócia.

— Eu gosto dele — disse Thomas, e era verdade. Robbie era um amigo e Thomas esperava que sua antiga intimidade pudesse ser refeita.

— Você pode gostar dele — retorquiu Sir Guillaume, mordaz, mas não dorme com ele. E quando chega a hora de uma escolha, Thomas, os homens sempre escolhem aquela que aquece as camas.

Pode não lhe dar uma vida mais longa, mas sem dúvida será uma vida mais feliz. — Ele] riu e depois voltou-se para examinar o terreno mais baixo à procura de qualquer inimigo. Não havia inimigo algum.

Parecia que o conde de Berat não estava dando importância à guarnição inglesa que de forma tão repentina tomara uma parte de

seu território, mas Sir Guillaume, que tinha mais experiência de guerra do que Thomas, desconfiava que aquilo fosse apenas porque o conde estava reunindo forças. — Ele vai atacar quando] estiver pronto — disse o normando. — E você já percebeu que os *coredors*, estão ficando interessados por nós?

— Já — respondeu Thomas.

Em cada incursão ele estivera ciente dos bandidos maltrapilhos observando seus homens. Eles não se aproximavam, nunca a ponto de ficar ao alcance dos arcos, evidentemente mas estavam lá e ele esperava vê los naquelas montanhas muito em breve.

— Os bandidos não costumam desafiar soldados — disse Sit Guillaume.

— Eles ainda não nos desafiaram.

— Não estão nos observando só por diversão — acrescentou Sir Guillaume secamente.

— Desconfio — retrucou Thomas — de que há uma recompensa pelas nossas cabeças. Eles querem dinheiro. E um dia, vão ficar valentes. Espero que sim. — Ele acariciou o novo arco que estava encaixado num longo tubo de couro costurado à sela.

Quando a manhã ia em meio, os incursores atravessavam uma sucessão de amplos vales férteis separados por altas montanhas rochosas que corriam para o norte e para o sul. Do alto das montanhas, Thomas via dezenas de aldeias, mas depois que desciam e ficavam outra vez entre as árvores, ele não conseguia ver nenhuma.

Do alto, viram dois castelos, ambos pequenos, ambos com bandeiras hasteadas nas torres, mas os dois estavam longe demais para que se distinguisse a insígnia nas bandeiras, que Thomas presumiu ser a do conde de Berat. Todos os vales tinham rios que Corriam para o norte,

mas não tiveram problemas em atravessá-los, porque as pontes ou os vaus não eram vigiados. As estradas, como as montanhas e os vales, seguiam para norte e sul e, por isso, os senhores daquelas terras ricas não se protegiam contra pessoas que viajassem para o leste ou para oeste. Seus castelos ficavam de sentinela sobre as entradas dos vales, onde as guarnições podiam extrair impostos dos mercadores que seguiam pelas estradas.

— Aquilo lá é Astarac? — perguntou Sir Guillaume quando eles atravessaram mais uma crista de serra. Ele estava olhando para baixo, para uma aldeia com um pequeno castelo.

— O castelo de Astarac está em ruínas — respondeu Genevieve.

— É uma torre e alguns muros num rochedo, nada como aquilo.

— Já esteve lá? — perguntou Thomas.

— Meu pai e eu sempre íamos à feira da azeitona.

— Feira da azeitona?

— Nos festejos de São Judas — disse ela. — Centenas de pessoas compareciam. Fazíamos um bom dinheiro.

— E eles vendiam azeite?

— Jarras e jarras da primeira prensagem — disse ela —, e ao anoitecer, besuntavam porcos jovens com o azeite e as pessoas tentavam agarrá-los. Havia touradas e dança.

Ela riu ao lembrar-se, e esporeou o cavalo para seguir em frente.

Ela montava bem, de costas eretas e com os calcanhares para baixo, enquanto Thomas, como a maioria dos arqueiros, montava um cavalo com toda a elegância de um saco de trigo.

Foi logo depois do meio-dia que desceram para o vale de Astarac.

Naquela altura, os *coredors* já os tinham visto e seguiam suas passadas, sem ousarem chegar perto. Thomas não lhes deu importância,

preferindo olhar para a silhueta escura do castelo em ruínas que ficava em seu cômodo rochoso a uns oitocentos metros ao sul de uma pequena aldeia. Mais para o norte, ao longe, ele viu um mosteiro, provavelmente cisterciense, porque a igreja não tinha torre alguma.

Voltou-se para olhar o castelo e sabia que um dia sua família fora dona dele, que seus ancestrais tinham governado aquelas terras, que sua insígnia tremulara naquela torre em ruínas, e pensou que devia sentir alguma emoção forte, mas em vez disso havia apenas uma vaga decepção. A terra nada significava para ele, e como poderia algo tão precioso quanto o Graal ter relação com aquela patética pilha de pedras estilhaçadas? Robbie voltou. Genevieve afastou-se e ele não ligou para ela.

— Não parece grande coisa — disse Robbie, o crucifixo de prata brilhando ao sol de outono.

— Não parece, mesmo — concordou Thomas. Robbie torceu-se na sela, fazendo o couro estalar.

— Me deixe levar doze soldados até o mosteiro — sugeriu ele. —

Eles devem ter despensas cheias.

— Leve também seis arqueiros — sugeriu Thomas — e o restante de nós iremos saquear a aldeia.

Robbie sacudiu a cabeça e voltou-se para olhar para os *coredors* ao longe.

— Aqueles bastardos não vão ter coragem de atacar.

— Duvido que tenham — concordou Thomas —, mas a minha suspeita é de que a nossa cabeça esteja a prêmio. Por isso, mantenha seus homens juntos.

Robbie sacudiu a cabeça e, ainda sem sequer olhar para Genevieve; esporeou o cavalo e partiu. Thomas ordenou que seis de

seus arqueiros acompanhassem o escocês, e depois ele e Sir Guillaume seguiram para a aldeia onde, assim que os habitantes viram os soldados que se aproximavam, uma grande fogueira foi acesa para lançar uma coluna de fumaça no céu sem nuvens.

— Um aviso — disse Sir Guillaume. — Isso vai acontecer onde quer que a gente vá.

— Um aviso?

— O conde de Berat acordou — disse Sir Guillaume. — Todos terão ordens para acender um farol quando nos virem. Isso avisa às outras aldeias, diz a elas que escondam o gado e tranquem suas filhas.

E a fumaça será vista em Berat. Ela diz a eles onde nós estamos.

— Nós estamos longe para danar Berat.

— Eles não vão cavalgar hoje. Eles jamais nos encontrarão —

concordou Sir Guillaume.

O propósito da visita, no que dizia respeito aos homens de Thomas, era saquear. No final, acreditavam eles, aquelas depredações iriam trazer as forças de Berat e, assim, eles teriam a chance de lutar uma batalha de verdade na qual, se Deus ou o diabo lhes fosse favorável, eles fariam alguns prisioneiros valiosos e, com isso, ficariam ainda mais ricos. Mas por enquanto só roubavam ou destruíam. Robbie foi até o mosteiro, Sir Guillaume liderou os outros homens para a aldeia, enquanto Thomas e Genevieve voltaram-se para o sul e subiram o acidentado caminho para o castelo em ruínas.

Ele já foi nosso, pensava Thomas. Foi ali que seus ancestrais tinham vivido, e ainda assim ele não sentia coisa alguma. Não se considerava um gascão, muito menos francês. Era inglês, e mesmo assim olhava para os muros em ruínas e tentava imaginar quando o castelo estava inteiro e sua família era a dona.

Ele e Genevieve amarraram os cavalos na porta que estava em pedaços, e depois caminharam sobre pedras que tinham caído e entraram no velho pátio. A cortina fora quase completamente destruída, suas pedras levadas para construir casas ou celeiros. O

remanescente maior era a torre de menagem, mas mesmo assim a metade estava esvaçalhada, com o lado sul aberto ao vento. Uma lareira aparecia a meia altura no muro norte e havia grandes pedras projetando-se do flanco interno para mostrar onde houvera os barrotes que sustentavam os pisos. Uma escada circular quebrada subia pelo lado leste, levando a nada.

Ao lado da torre, compartilhando a parte mais elevada do cômodo rochoso, estavam os restos de uma capela. O piso era de lajes, e em uma delas estava a insígnia de Thomas. Ele largou o arco e ajoelhou-se ao lado da pedra, tentando ter alguma sensação de que estava no seu ambiente.

— Um dia — Genevieve estava trepada no muro sul em pedaços, olhando na direção sul do vale — você vai me dizer por que veio aqui.

— Para saquear — disse Thomas, lacônico.

Ela tirou o elmo e sacudiu a cabeça para liberar os cabelos, que usava soltos,

como uma menina. Os fios louros subiram ao vento enquanto ela sorria.

— Você acha que eu sou boba, Thomas?

— Não — disse ele, cauteloso.

— Você faz uma viagem longa — disse ela —, a partir da Inglaterra, e chega a uma pequena cidade chamada Castillon d’Arbizon, e depois vem até aqui. Havia uns doze lugares que poderia ter saqueado no caminho, mas é para cá que vem. E aqui está a

mesma insígnia que a que você leva no seu arco.

— Existem muitas insígnias — disse Thomas —, e muitas vezes elas se parecem.

Ela abanou a cabeça, num sinal negativo.

— O que é essa insígnia?

— Um *yale* — disse ele.

Um *yale* era um animal inventado pelos heráldicos, cheio de dentes, garras, escamas e ameaças. A insígnia de Thomas, a que estava presa ao seu arco, mostrava o *yale* segurando um cálice, mas o *yale* na laje não tinha nada na pata em forma de garra.

Genevieve olhou para além de Thomas, para onde os homens de Sir Guillaume estavam recolhendo cabeças de gado para um curral.

— Nós, meu pai e eu, ouvíamos tantas histórias — disse ela —, e ele gostava de histórias, de modo que tentava se lembrar delas e à noite ele me contava. Histórias de monstros nas montanhas, de dragões voando pelos telhados, notícias de milagres em fontes sagradas, de mulheres dando à luz monstros. Mil histórias. Mas havia uma história que a gente ouvia várias vezes, sempre que vinha a estes vales. — Ela fez uma pausa.

— Continue — disse Thomas.

O vento soprava forte, levantando os longos fios louros dos cabelos dela.

Genevieve tinha idade mais do que suficiente para prendê-los, para classificar-se como mulher feita, mas gostava de usá-

los soltos, e Thomas achava que aquilo a fazia parecer ainda mais uma *draga*.

— Nós ouvíamos falar — disse Genevieve — dos tesouros dos perfeitos.

Os perfeitos tinham sido os precursores dos beguinos, hereges

que haviam negado a autoridade de Igreja, e seu mal espalhara-se pelo sul até que a Igreja, com a ajuda do rei francês, os esmagara. As chamas de sua morte tinham fenecido há cem anos, mas ainda havia ecos dos cátaros, como os perfeitos tinham sido chamados. Eles não tinham se espalhado àquela parte da Gasconha, embora alguns religiosos alegassem que a heresia infestara toda a cristandade e ainda se escondia em suas partes remotas.

— Os tesouros dos perfeitos — disse Thomas, em tom inexpressivo.

— Você vem a este lugarzinho — disse Genevieve —, lá de longe, mas carrega uma insígnia que vem destas montanhas. E sempre que meu pai e eu vínhamos aqui, ouvíamos histórias de Astarac. Eles ainda contam essas histórias aqui.

— Contam o quê?

— Que um grão-senhor fugiu para cá para se refugiar e trouxe com ele os tesouros dos perfeitos. E os tesouros, dizem, ainda estão aqui.

Thomas sorriu.

— Eles os teriam desencavado há muito tempo.

— Se uma coisa for bem escondida — disse Genevieve —, não será encontrada com facilidade.

Thomas olhou para a aldeia lá embaixo, onde berros, gritos e choramingos vinham do curral onde o gado estava sendo abatido. Os melhores cortes de carne sangrenta e fresca seriam amarrados às selas e levadas para salgar ou defumar, enquanto os aldeões poderiam ficar com os chifres, sobras e couros.

— Eles contam histórias em toda a parte — disse ele, como para encerrar o

assunto.

— De todos os tesouros — disse Genevieve com tranquilidade, ignorando o desdém dele —, há um que tem um valor acima de todos os outros. Mas dizem que só um perfeito pode encontrá-lo.

— Neste caso, só Deus poderá encontrá-lo — disse Thomas.

— No entanto isso não faz você parar de procurar, não é, Thomas?

— Procurar?

— Pelo Graal.

A palavra foi dita, a palavra ridícula, a palavra impossível, o nome da coisa que Thomas temia não existir, mas que no entanto procurava. Os escritos de seu pai davam a entender que ele possuía o Graal, e o primo de Thomas, Guy Vexille, tinha certeza de que Thomas sabia onde a relíquia estava, e por isso Vexille iria seguir Thomas até o fim do mundo. E era por isso que Thomas estava ali, em Astarac, para atrair o primo assassino para o raio de ação do seu novo arco. Ele ergueu os olhos para o alto irregular da torre.

— Sir Guillaume sabe o motivo pelo qual estamos aqui — disse ele a Genevieve — e o Robbie sabe. Mas nenhum dos outros sabe; por isso, não conte a eles.

— Não vou contar — disse ela —, mas você acha que ele existe?

— Não — disse ele com uma certeza muito maior do que a que ele sentia.

— Ele existe — disse Genevieve.

Thomas foi colocar-se de pé ao lado dela e olhou para o sul, para onde um curso d'água ondulava de leve por planícies e alamedas de oliveiras. Lá, ele viu homens, uns vinte, e sabia que eram *coredors*. Ele achou que teria de fazer alguma coisa a respeito deles, para que seus homens não fossem perseguidos pelos bandos de maltrapilhos

durante o inverno. Não tinha medo deles, mas temia que um de seus homens se desviasse da trilha e fosse apanhado, de modo que seria melhor afugentar os bandidos antes que isso acontecesse.

— Ele existe — insistiu Genevieve.

— Você não pode saber disso — disse Thomas, ainda vigiando homens maltrapilhos que o vigiavam.

— O Graal é como Deus — disse Genevieve. — Está em toda a parte em toda a nossa volta, óbvio, mas nós nos recusamos a ver. Os homens pensam que só poderão ver Deus quando construírem uma grande igreja e enchê-la de ouro, prata e estátuas, mas tudo que precisam fazer é olhar. O Graal existe, Thomas, basta você abrir os olhos.

Thomas encordoou o arco, tirou uma flecha da sacola, e retesou a corda até o máximo. Sentiu os músculos das costas doerem com a tensão inesperada do novo arco. Manteve a flecha baixa, ao nível da cintura, e ergueu bem a mão esquerda, de modo que quando soltou a corda a flecha voou para o céu, as penas brancas ficando cada vez menores, e depois caiu, batendo na margem do rio a mais de trezentos metros de distância. Os *coredors* entenderam o recado e recuaram.

— Desperdício de uma boa flecha — disse Thomas. E então, pegando no braço de Genevieve, foi encontrar-se com seus homens.

robbie ficou maravilhado com as terras do mosteiro, todas cuidadas por cistercienses de batina que ergueram as saias e correram quando viram seus homens com cotas de malha saindo da aldeia. A maioria dos campos era dedicada a vinhedos, mas havia um pomar de peras e uma alameda de oliveiras, um pasto para ovelhas e um lago para peixes. Segundo ele, era uma terra fértil. Há dias que vinha ouvindo falar que a safra no sul da Gasconha tinha sido fraca, mas parecia que aquilo era um verdadeiro paraíso comparado com as terras duras, fracas de sua pátria nortista. Um sino do mosteiro começou a tocar o sinal de alarme.

— Eles devem ter uma casa do tesouro. — Jake, um de seus arqueiros, emparelhou seu cavalo com Robbie e fez com a cabeça um sinal em direção ao mosteiro. — E nós vamos matar aquele ali — ele se referia a um monge solitário que saíra da porta do mosteiro e caminhava calmamente em direção a eles — e depois o resto não vai criar problema.

— Vocês não vão matar ninguém — vociferou Robbie. Ele fez sinal para que os homens parassem seus cavalos. — E vão esperar aqui

— disse a eles e desmontou, atirou as rédeas para Jake e caminhou em direto ao monge, que era muito alto, muito magro e muito velho. Em torno da tonsura, ele tinha poucos cabelos brancos e um rosto comprido, moreno, que de algum modo transmitia sabedoria e

delicadeza. Robbie, caminhando de cota de malha com o escudo às costas e a longa espada de seu tio ao lado, sentia-se desajeitado e deslocado.

A manga direita da batina branca do monge estava manchada de tinta, fazendo Robbie imaginar se ele não seria um escrivão. Estava claro que tinha sido enviado para negociar com os assaltantes, talvez suborná-los ou tentar persuadi-los a respeitar a casa de Deus, e Robbie se lembrou de que tinha ajudado a saquear o grande priorado dos Cônegos Negros em Hexham, logo depois da fronteira inglesa, e lembrou-se dos frades implorando aos invasores, depois ameaçando-os com a vingança de Deus, e que os escoceses tinham rido deles e depois levado tudo de Hexham. Mas Deus lançara sua vingança ao deixar que o exército inglês vencesse em Durham, e aquela recordação, a súbita percepção de que a profanação de Hexham, levava diretamente à derrota em Durham, fez com que Robbie fizesse uma pausa. Ele parou, franziu o cenho e ficou pensando no que iria dizer exatamente ao monge alto, que agora sorria para ele.

— Vocês devem ser os assaltantes ingleses? — disse o monge num inglês muito bom.

Robbie abanou a cabeça.

— Sou escocês — retorquiu ele.

— Um escocês! Um escocês cavalgando com os ingleses! Certa vez, passei dois anos numa casa cisterciense em Yorkshire e os irmãos nunca disseram nada de bom sobre os escoceses, e no entanto, aqui está você com os ingleses, e pensei que tivesse visto todas as maravilhas que este mundo pecaminoso tem a oferecer. — O monge ainda sorria. — Meu nome é abade Planchard e minha casa está à sua disposição. Faça o que quiser, rapaz, que não iremos lutar com vocês.

Ele deu um passo para um dos lados do caminho e fez um gesto em direção ao mosteiro, como que convidando Robbie a sacar a espada começar o saque.

Robbie não se mexeu. Ele estava pensando em Hexham.

Pensando! num frade morrendo na igreja de lá, o sangue escorrendo de sob a batina preta e caindo um degrau, e nos soldados escoceses bêbedos passando por cima do homem com seus butins: castiçais, cruzes e mantos bordados.

— Claro — disse o abade —, se preferir, pode beber um pouco de vinho — É vinho feito por nós, e não é o melhor. Nós o bebemos verde demais, mas temos um bom queijo de cabra e o irmão Philippe faz o melhor pão do vale. Podemos dar água aos seus cavalos, mas lamentavelmente eu tenho pouco feno.

— Não — disse Robbie abruptamente e depois voltou-se e gritou para os seus homens. — Voltem para Sir Guillaume!

— Fazer o quê? — perguntou um dos soldados, intrigado.

— Voltem para Sir Guillaume. Agora!

Ele tirou seu cavalo de Jake e depois caminhou ao lado do abade em direção ao mosteiro. Não disse nada, mas o abade Planchard parecia deduzir, pelo seu silêncio, que o jovem escocês queria conversar. O abade disse ao porteiro que cuidasse do corcel e depois convidou Robbie a deixar a espada e o escudo na casa do porteiro.

— É claro que pode ficar com eles — disse o abade —, mas achei que poderia ficar mais à vontade sem eles. Seja bem-vindo ao mosteiro de São Sever.

— São Sever? — perguntou Robbie enquanto tirava o escudo que pendia do seu pescoço.

— Dizem que ele consertou a asa de um anjo neste vale. Às vezes,

acho muito difícil acreditar nisso, mas Deus gosta de testar a nossa fé, e por isso rezo para São Sever todas as noites e agradeço a ele o milagre que fez e peço-lhe que me conserte como consertou a asa branca.

Robbie sorriu.

— O senhor precisa de conserto?

— Todos nós precisamos. Quando somos jovens, é o espírito que Quebra, e quando ficamos velhos, é o corpo.

O abade Planchard tocou no cotovelo de Robbie para guiá-lo em direção a uma clausura; Onde escolheu um lugar ao sol e convidou o visitante a sentar-se na parede baixa entre dois pilares.

— Diga-me — perguntou ele, instalando-se na parede ao lado de Robbie —, você é o Thomas? Não é esse o nome do homem que chefia os ingleses?

— Não sou o Thomas — disse Robbie —, mas o senhor ouviu falar na gente?

— Ah, é claro. Nada de tão emocionante aconteceu por estas paragens desde que o anjo caiu — disse o abade com um sorriso.

Depois voltou-se e pediu a um monge que levasse vinho, pão e queijo. — E talvez um pouco de mel! Fazemos um mel muito bom —

acrescentou ele dirigindo-se a Robbie. — Os leprosos cuidam das colméias.

— Leprosos!

— Eles vivem atrás da nossa casa — disse o abade com tranquilidade. — Uma casa que você, meu jovem, queria saquear.

Estou certo?

— Está — admitiu Robbie.

— No entanto está aqui para comer à minha mesa. — Planchard

fez uma pausa, os olhos argutos perscrutando o rosto de Robbie. —

Há alguma coisa que queria me dizer?

Robbie franziu o cenho ao ouvir aquilo e depois pareceu intrigado.

— Como foi que o senhor soube?

Planchard riu.

— Quando um soldado me procura, armado e de armadura, mas com um crucifixo pendurado sobre a malha, sei que ele é um homem que não despreza o seu Deus. Você usa um sinal, meu filho — ele apontou para o crucifixo — e

mesmo depois de oitenta e cinco anos sei ler um sinal.

— Oitenta e cinco! — disse Robbie, espantado, mas o abade não disse nada. Limitou-se a esperar e Robbie remexeu-se inquieto por um instante e depois deixou escapar o que lhe ia na mente. Descreveu que tinham ido a Castillon d'Arbizon, que haviam encontrado a beguina nas masmorras e que Thomas salvara a vida dela.

— Isso tem me deixado preocupado — disse Robbie, olhando para a grama — e acho que nada de bom nos acontecerá enquanto ela viver. A Igreja a condenou!

— Condenou, sim — disse Planchard e depois ficou em silêncio.

— Ela é uma herege! Uma feiticeira!

— Estou informado sobre ela — disse delicadamente Planchard

— soube que está viva.

— Ela está aqui! — protestou Robbie, apontando para o sul, na direção da aldeia. — Aqui, no seu vale!

Planchard olhou para Robbie, vendo uma alma honesta, franca, mas uma alma num torvelhinho. Soltou um suspiro e depois serviu um pouco de vinho e empurrou a tábua com pão, queijo e mel para o

jovem.

— Coma — disse ele, delicado.

— Isso não está certo! — disse Robbie com veemência.

O abade não tocou na comida. Sorveu o vinho e depois falou com suavidade enquanto olhava para a coluna de fumaça que saía da pira de aviso da aldeia.

— O pecado da beguina não é seu, meu filho — disse ele —, e quando Thomas a libertou não foi um ato seu. Você se preocupa com os pecados dos outros?

— Eu devia matá-la! — disse Robbie.

— Não devia, não — disse o abade com firmeza.

— Não? — Robbie parecia surpreso.

— Se Deus quisesse isso — disse o abade —, não teria mandado você aqui para conversar comigo. Os propósitos de Deus nem sempre são fáceis de entender, mas descobri que os métodos dele não são tão indiretos quanto os nossos. Nós complicamos Deus porque não vemos que a bondade é muito simples. — Ele fez uma pausa. — Você me disse que nada de bom poderia lhe acontecer enquanto ela vivesse, mas por que iria Deus querer que o bem lhe acontecesse? Esta região tem vivido em paz, exceto no que se refere a bandidos, e você a perturba. Será que Deus iria tornar você mais violento se a beguina morresse?

Robbie não disse nada.

— Você me fala — disse Planchard com uma firmeza maior — do Pecado de outra pessoa, mas não fala do seu pecado. Você usa o crucifixo para os outros? Ou para si mesmo?

— Para mim mesmo — disse Robbie, tranquilo.

— Pois então, fale-me sobre você — disse o abade.

E Robbie falou.

Joscelyn, Lorde de Béziers e herdeiro do grande condado de Berat, bateu com o peitoral na mesa com tanta força, que o golpe levantou poeira das rachaduras da madeira.

Seu tio, o conde, franziu o cenho.

— Não há necessidade de bater na madeira, Joscelyn — disse ele, sereno. — Não há cupim na mesa. Pelo menos, espero que não. Eles a tratam com terebintina como preventivo.

— Meu pai tinha inteira confiança numa mistura de lixívia e urina — disse o padre Roubert — e um tostar de vez em quando.

Ele estava sentado de frente para o conde, remexendo nos velhos pergaminhos que mofavam e que haviam permanecido intocados desde que tinham sido retirados de Astarac um século antes. Alguns estavam chamuscados nas bordas, prova do incêndio que fora provocado no castelo derrotado.

— Lixívia e urina? Acho que vou experimentar isso. — O conde coçou embaixo do seu chapéu de lã e depois ergueu o olhar para o sobrinho zangado. — Você conhece o padre Roubert, Joscelyn? Claro que conhece. — Ele olhou para outro documento, viu que era um pedido para que mais dois vigias fossem nomeados para a guarda municipal de Astarac, e suspirou. — Se você soubesse ler, Joscelyn, poderia nos ajudar.

— Vou ajudar vocês, tio — disse Joscelyn, furioso. — É só me soltar da correia!

— Este pode ir para o irmão Jerome. — O conde colocou o pedido de vigias extras no grande cesto que seria levado para a sala onde o jovem monge vindo de Paris lia os pergaminhos. — E ponha alguns outros documentos — disse ele ao padre Roubert —, só para confundi-lo. Aqueles velhos rolos de impostos de Lemierre deverão mantê-lo ocupado durante um mês!

— Trinta homens, tio — insistiu Joscelyn —, é tudo o que peço!

O senhor tem setenta e sete soldados! Me dê trinta!

Joscelyn, lorde de Bézier, era uma figura impressionante. Era muitíssimo alto, de peito largo e membros longos, mas a aparência era estragada por um rosto redondo de tamanha inexpressividade que seu tio às vezes se perguntava se haveria algum cérebro por trás dos protuberantes olhos do sobrinho. Ele tinha cabelos cor de palha que quase sempre estavam marcados pela pressão provocada pelo forro de couro de um elmo, e fora abençoado com braços fortes e pernas firmes, e no entanto, apesar de ser todo ossos e músculos e praticamente não ter uma única idéia de como usar ambos, ele tinha lá suas virtudes. Era diligente, ainda que a diligência fosse dirigida unicamente ao campo de torneio, onde ele era um dos combatentes mais famosos da Europa. Ele ganhara o torneio de Paris duas vezes, humilhara os melhores cavaleiros ingleses no grande torneio de Tewkesbury, e até nos estados alemães, onde os homens acreditavam que ninguém era melhor do que eles, Joscelyn conquistara doze grandes prêmios. Ele ficara famoso por fazer Walther de Siegenthaler cair duas vezes de bundão no chão no mesmo duelo, e o único cavaleiro que sempre derrotara Joscelyn era o homem de armadura preta chamado de Arlequim, que percorrera, sério e implacável, o

circuito dos torneios para ganhar dinheiro. Mas há três ou quatro anos que não se

via o Arlequim, e Joscelyn desconfiava que a ausência dele significava que Joscelyn podia tornar-se o campeão da Europa.

Ele tinha sido criado perto de Paris pelo irmão mais moço do conde, que morrera de fluxo há dezessete anos. Na casa de Joscelyn, o dinheiro fora pouco e o conde, notoriamente seguro, praticamente não mandara para a viúva um só *écu* para aliviar seu sofrimento, mas Joscelyn ganhara dinheiro com sua lança e sua espada, e isso, reconhecia o conde, era um ponto positivo a seu favor. E trouxera dois soldados com ele, ambos guerreiros experientes, que Joscelyn pagava do próprio bolso e isso, segundo o conde, mostrava que ele tinha capacidade para liderar homens.

— Mas você devia, mesmo, aprender a ler — ele terminou o pensamento em voz alta. — O domínio das letras civiliza o homem, Joscelyn.

— A civilização que vá à merda — disse Joscelyn —, tem bandidos ingleses em Castillon d'Arbizon e não estamos fazendo nada! Nada!

— Estamos fazendo alguma coisa — objetou o conde, coçando outra vez embaixo do chapéu de lã. Ele sentia uma comichão ali e ficava imaginando se aquilo pressagiava algum mal pior. Registrou na cabeça a idéia de consultar seus exemplares de Galeno, Plínio e Hipócrates. — Mandamos avisos a Toulouse e Paris — explicou ele a Joscelyn — e vou protestar junto ao senescal em Bordeaux. Vou protestar em termos muito firmes!

O senescal era o regente do rei inglês na Gasconha, e o conde não estava certo se iria mesmo mandar uma mensagem a ele, porque

um protesto daqueles bem poderia provocar mais aventureiros ingleses a procurarem terras em Berat.

— Malditos protestos — disse Joscelyn. — Simplesmente mate bastardos. Eles estão rompendo a trégua!

— Eles são ingleses — replicou o conde —, que sempre violam tréguas. Confie no diabo antes de confiar num inglês.

— Pois então, mate-os — insistiu Joscelyn.

— Não tenho dúvidas de que iremos matá-los — replicou o conde. Ele estava

decifrando a terrível caligrafia de um escrivão que morrera há muito tempo e que escrevera um contrato com um homem chamado Sestier para forrar os drenos do castelo de Astarac com madeira de elmo. — Quando chegar a hora — acrescentou ele, distraído.

— Me dê trinta homens, tio, e expulso os ingleses numa semana O conde abandonou o documento e pegou outro. A tinta ficara marrom e estava muito desbotada, mas deu para perceber que se tratava de um contrato com um pedreiro.

— Joscelyn — perguntou, ainda olhando para o contrato —, como é que você vai expulsá-los numa semana?

Joscelyn olhou para o tio como se o velho estivesse maluco.

— Indo a Castillon d'Arbizon, é claro — disse ele —, e matando todos.

— Entendo, entendo — disse o conde, como se estivesse grato pela explicação.

— Mas da última vez em que estive em Castillon d'Arbizon, e isso foi há muitos anos, logo depois que os ingleses foram embora, mas quando estive lá, Joscelyn, o castelo era feito de pedra. Como é que vai derrotar aquilo com espada e lança?

— Ele ergueu a cabeça e sorriu para o sobrinho.

— Pelo amor de Deus! Eles vão lutar.

— Ah, estou certo de que vão. Os ingleses gostam de fazer o que gostam, como você também. Mas esses ingleses têm arqueiros, Joscelyn, arqueiros. Você já enfrentou um arqueiro inglês no campo de torneio?

Joscelyn fez que não ouviu a pergunta.

— Só vinte arqueiros — reclamou ele.

— A guarnição nos disse que são vinte e quatro — disse o conde, pedante.

Os sobreviventes da guarnição de Castillon d'Arbizon tinham sido libertados pelos ingleses e fugiram para Berat, onde o conde enforcou dois como exemplo e depois interrogou os demais. Estes outros estavam, agora, todos presos, esperando ser levados para o sul e vendidos como escravos para as galés. O conde previu aquela fonte de renda com um sorriso e estava para colocar o

contrato do pedreiro no cesto quando uma palavra captou o seu olhar e um certo instinto fez com que ele segurasse o documento enquanto se voltava para o sobrinho.

— Deixe que eu lhe fale sobre o arco de guerra inglês, Joscelyn —

disse ele, com paciência. — É uma coisa simples, feita de teixo, na verdade, uma ferramenta de camponês. Meu caçador sabe usar um arco, mas ele é o único homem em Berat que dominou o manejo da arma. Por que você acha que isso acontece? — Ele esperou, mas o sobrinho não deu resposta. — É preciso anos, Joscelyn, muitos anos para dominar o arco de teixo. Dez anos? É provável que seja esse tempo todo, e depois de dez anos um homem pode disparar uma flecha que atravesse uma armadura a duzentos passos de distância. —

Ele sorriu. — *Splat!* Mil écus de homem, armadura e armamento

derrubados pelo arco de um camponês. E não se trata de sorte, Joscelyn. O meu caçador sabe meter uma flecha por um bracelete a cem passos. Sabe furar cota de malha a duzentos. Já o vi fazer uma flecha atravessar uma porta de carvalho a cento e cinquenta, e a porta tinha sete centímetros e meio de espessura!

— Tenho couraça — disse Joscelyn, mal-humorado.

— Tem. E a cinquenta passos, os ingleses vão escolher as frestas para os olhos na sua viseira e enfiar flechas no seu cérebro. Você, é claro poderá escapar disso com vida.

Joscelyn não identificou o insulto.

— Bestas — disse ele.

— Nós temos trinta besteiros — disse o conde — e nenhum está tão jovem quanto era, e alguns estão doentes, e não creio que poderiam escapar vivos desse rapaz... como é o nome dele?

— Thomas de Hookton — interveio o padre Roubert.

— Nome estranho — disse o conde —, mas ele parece saber o que faz. Eu diria que se trata de um homem a ser tratado com cuidado.

— Canhões! — sugeriu Joscelyn.

— Ah! Canhões — exclamou o conde como se não tivesse pensado naquilo. — Claro que poderíamos levar canhões para Castillon d'Arbizon, e eu diria que as máquinas irão derrubar a porta do castelo e, de modo geral, fazer uma lamentável confusão, mas onde é que vamos achar essas coisas? Há um em Toulouse, segundo me disseram, mas são necessários dezoito cavalos para deslocá-lo.

Poderíamos mandá-los buscar na Itália, é claro, mas eles são coisas cujo aluguel custa muito caro e os mecânicos especializados são mais caros ainda, e duvido muito que eles enviem as coisas para cá antes da primavera. Deus nos preserve até então.

— Não podemos ficar de braços cruzados! — tornou a protestar Joscelyn.

— É verdade, Joscelyn, é verdade — concordou o conde em tom cordial.

A chuva martelava na cortina de osso que cobria as janelas. Ela caía em ondas cinzentas por toda a cidade. Cascadeava pelas sarjetas, inundava as latrinas, pingava através do sapé do telhado e corria como um rio raso pelas portas mais baixas da cidade. Não era condição de tempo para lutar, refletiu o conde, mas se não desse ao sobrinho uma certa liberdade, desconfiava que o jovem imprudente iria partir e morrer numa escaramuça mal estudada.

— Poderíamos suborná-los, é claro — sugeriu ele.

— Suborná-los? — Joscelyn ficou ultrajado com aquela sugestão.

— É perfeitamente normal, Joscelyn. Eles não passam de bandidos, e só querem dinheiro, e por isso lhes ofereço moedas para cederem o castelo. Isso funciona com bastante frequência.

Joscelyn vociferou.

— Eles vão receber o dinheiro, continuarão onde estão e vão pedir mais.

— Muito boa! — O conde de Berat dirigiu um sorriso de aprovação ao sobrinho. — Foi exatamente essa a conclusão a que cheguei. Muito bem, Joscelyn! Então, não vou tentar suborná-los.

Mas escrevi a Toulouse e pedi o serviço do canhão deles. Sem dúvida será nojento de tão caro, mas se for necessário, iremos dispará-lo contra os ingleses. Espero que não chegue a esse ponto. Você falou com Sir Henri?

Sir Henri Courtois era o comandante da guarnição do conde e um soldado experiente. Joscelyn conversara com ele e recebera a

mesma resposta que seu tio acabara de dar: cuidado com os arqueiros ingleses.

— Sir Henri é uma velha senhora — reclamou Joscelyn.

— com aquela barba? Duvido — disse o conde —, apesar de ter visto, certa vez, uma mulher barbada. Foi em Tarbes, na feira da Páscoa. Eu era jovem, naquela época, mas me lembro perfeitamente dela. Tinha uma grande barba comprida. Pagamos algumas moedas para vê-la, é claro, e caso pagasse mais eles deixavam que você puxasse a barba. Foi o que fiz, e era de verdade, e se se pagasse mais ainda eles mostravam os seios dela, o que destruía qualquer suspeita de que fosse, na verdade, um homem. Segundo me lembro, eram seios muito bonitos.

O conde tornou a olhar para o contrato do pedreiro e para a palavra latina que chamara sua atenção. *Calix*. Uma lembrança do seu tempo de criança agitou-se, mas não apareceu.

— Trinta homens! — implorou Joscelyn. O conde deu uma pausa ao documento.

— O que vamos fazer, Joscelyn, é o que Sir Henri sugere. Vamos ficar com a esperança de pegar os ingleses quando estiverem fora de sua toca. Vamos pechinar para conseguir o canhão em Toulouse. Já estamos oferecendo um butim para cada arqueiro inglês capturado vivo. Um butim generoso, de modo que não tenho dúvida de que todo soldado de estrada e *coredor* na Gasconha irá participar da caçada, e os ingleses irão ver-se cercados de inimigos. Não vai ser uma vida agradável para eles.

— Por que vivo? — quis saber Joscelyn. — Por que não arqueiros ingleses mortos?

O conde suspirou.

— Porque aí, meu caro Joscelyn, os *coredors* vão trazer uma dúzia de corpos por dia e alegar que são ingleses. Precisamos conversar com o arqueiro antes de

matá-lo, para nos certificarmos de que é autêntico. Temos, por assim dizer, que inspecionar os seios para garantir que a barba é verdadeira. — Ele olhou para a palavra *calix*, desejando que a memória voltasse. — Duvido que capturemos muitos arqueiros — continuou. — Eles caçam em bandos e são perigosos, de modo que também iremos fazer o que sempre fazemos quando os *coredors* se tornam muito atrevidos. Esperar com paciência e emboscá-

los quando cometerem algum erro. E vão cometer, mas eles acham que vamos cometer o erro primeiro. Eles querem que você os ataque, Joscelyn, para que possam espetá-lo de flechas, mas temos de combatê-los quando não estiverem esperando um combate. Por isso, saia com os homens de Sir Henri e providencie para que os faróis estejam instalados. E quando chegar a hora, eu o libero. Prometo.

Os faróis estavam sendo instalados em toda aldeia e cidade do condado. Eram grandes pilhas de madeira que, quando acesas, mandariam um sinal de fumaça para dizer que os assaltantes ingleses estavam nas vizinhanças. Os faróis avisavam a outras comunidades próximas e também diziam aos vigias da torre do castelo de Berat para onde os ingleses estavam indo. O conde acreditava que um dia eles chegariam perto demais de Berat, ou estariam num lugar em que seus homens poderiam emboscá-los, e por isso contentava-se em aguardar até que cometessem esse erro. E iriam cometê-lo, os *coredors* sempre os cometiam, e aqueles ingleses, embora exibissem a insígnia do conde de Northampton, não passavam de bandidos comuns.

— Assim, vá treinar suas armas, Joscelyn — disse ele ao sobrinho porque irá usá-las muito em breve. E leve este peitoral.

Joscelyn retirou-se. O conde ficou observando enquanto o padre Roubert alimentava o fogo com novas achas de lenha, depois tornou a olhar para o documento. O conde Astarac tinha contratado um pedreiro para entalhar "*Calix Meus Inebrians*" sobre a porta do castelo de Astarac e especificara que a data fixada no contrato fosse acrescentada à legenda. Por quê? Por que algum homem iria querer as palavras "Minha Taça Me Deixa Embriagado" decorando seu castelo?

— Padre? — disse ele.

— Seu sobrinho vai acabar sendo morto — resmungou o dominicano.

— Tenho outros sobrinhos — disse o conde.

— Mas Joscelyn está certo — disse o padre Roubert. — Eles têm de ser combatidos, e logo. Há uma beguina para ser queimada.

A raiva do padre Roubert mantinha-o acordado durante a noite.

Como é que tinham a ousadia de poupar a vida de uma herege? Ele ficava deitado em sua cama estreita, imaginando os gritos da jovem enquanto as chamas consumiam o seu vestido. Ela ficaria nua quando o pano tivesse queimado e o padre Roubert lembrou-se de seu corpo pálido amarrado à mesa dele. Naquela ocasião ele entendera a tentação, entendera e odiara, tinha sido grande o prazer de esfregar o ferro quente na pele macia das coxas dela.

— Padre! O senhor está quase dormindo — reclamou o conde. —

Dê uma olhada nisso. — Ele empurrou o contrato com o pedreiro para o outro lado da mesa.

O dominicano franziu o cenho enquanto tentava entender a escrita desbotada, e depois sacudiu a cabeça ao reconhecer a frase.

— Dos salmos de Davi — disse ele.

— É claro! Que burrice, a minha! Mas por que um homem iria entalhar "*Calix Meus Inebrians*" em cima da sua porta?

— Os Pais da Igreja — disse o padre — duvidam que o salmista se refira a bêbedo, não com o significado que usamos. Inebriado de tanta alegria, talvez? "Minha taça me delicia"?

— Mas que taça? — perguntou o conde, com precisão.

Fez-se silêncio, exceto quanto ao barulho da chuva e o estalar da lenha, e então o frade tornou a olhar para o contrato, afastou a cadeira para trás e foi até a estante do conde. Apanhou um grande livro com capa de fecho, que colocou cuidadosamente no atril, abriu o fecho da capa e folheou as enormes páginas duras.

— Que livro é esse? — perguntou o conde.

— Os anais do mosteiro de São José — respondeu o padre Roubert. Ele virou as páginas, procurando uma anotação. — Nós sabemos — continuou ele — que o último conde de Astarac foi infectado pela heresia catara. Dizem que o pai dele o enviou para ser escudeiro de um cavaleiro em Carcassonne e, assim, ele tornou-se um pecador. Acabou herdando Astarac e deu apoio aos hereges, e sabemos que ele estava entre os últimos dos senhores cátaros. — Ele fez uma pausa para virar outra página. — Ah! Aqui está. Montségur caiu no dia de São Joevin, no vigésimo segundo ano do reinado de Raymond VII

Raymond tinha sido o último grande conde de Toulouse, e morrera há quase cem anos. O padre Roubert refletiu por um minuto.

— Isso quer dizer que Montségur caiu em 1244.

O conde inclinou-se sobre a mesa e apanhou o contrato.

Examinou-o e encontrou o que queria.

— E este é datado da véspera do dia de São Nazário do mesmo ano. A festa de São Nazário é no final de julho, não é?

— É — confirmou o padre Roubert.

— E o dia de São Joevin é em março — disse o conde —, o que prova que o conde de Astarac não morreu em Montségur.

— Alguém mandou entalhar a frase em latim — reconheceu o dominicano. — Talvez o filho dele? — Ele virou as grandes páginas dos anais, até encontrar a anotação que desejava. — E no ano da morte do nosso conde, quando houve uma grande epidemia de pessoas detestáveis e traiçoeiras — leu ele em voz alta —, o conde de Berat tomou Astarac e matou todos os que estavam lá dentro.

— Mas os anais não dizem que o próprio Astarac morreu?

— Não.

— E se sobreviveu? — O conde agora estava agitado e deixara a sua cadeira para começar a andar de um lado para o outro. — E por que iria ele abandonar

seus companheiros em Montségur?

— Se tiver abandonado — o padre Roubert parecia duvidar.

— Alguém abandonou. Alguém com autoridade para contratar um pedreiro. Alguém que queria deixar uma mensagem na pedra.

Alguém que... o conde fez uma parada repentina. — Por que eles descrevem a data como sendo a véspera da festa de São Nazário? —

perguntou.

— Por que não?

— Porque esse é o dia de São Pantaleão. Por que não dizer isso logo?

— Porque — o padre Roubert estava prestes a explicar que São Nazário era muito mais conhecido do que São Pantaleão, mas o conde o interrompeu.

— Porque é o dia dos Sete Dorminhocos! Eles eram sete, Roubert!

Sete sobreviventes! E queriam que a data ficasse entalhada para deixar isso claro!

O frade achou que o conde estava exagerando demais a interpretação do indício, mas não disse nada.

— E pense na história! — instou o conde. — Sete homens jovens sob a ameaça de perseguição, não é? Eles fogem da cidade, qual era ela? Éfeso, é claro, e se escondem numa caverna! O imperador, Décio, não era? Tenho certeza de que era. Ele ordenou que todas as cavernas fossem vedadas e anos mais tarde, mais de cem anos depois, se minha memória estiver boa, os sete jovens são encontrados lá, e nenhum deles envelhecera um único dia. Por isso, sete homens, Roubert, fugiram de Montségur!

O padre Roubert recolocou os anais no lugar.

— Mas, um ano depois — destacou ele —, o seu ancestral os derrotou.

— Eles podem ter escapado com vida — insistiu o conde. — E

todo mundo sabe que membros da família Vexille fugiram. Claro que sobreviveram! Mas pense, Roubert — sem perceber, ele estava chamando o dominicano pelo nome de batismo —, por que um senhor cátaro iria abandonar o último baluarte, se não fosse para levar os tesouros dos hereges para um lugar seguro? Todos sabem que os cátaros possuíam grandes tesouros!

O padre Roubert tentava não ser envolvido na agitação do conde.

— A família teria levado o tesouro com ela — disse ele.

— Será? — perguntou o conde. — Eles são sete. Seguem caminhos diferentes. Alguns vão para a Espanha, outros para o norte da França, um, pelo menos, para a Inglaterra. Suponha que você seja perseguido, procurado pela Igreja e por todos os grandes senhores.

Levaria um grande tesouro consigo? Correria o risco de que ele caísse

em mãos de seus inimigos? Por que não escondê-lo e esperar que um dia um dos sete, seja lá qual for, sobreviva e volte para recuperá-lo?

As evidências estavam agora sendo esticadas a um ponto impossivelmente exagerado, e o padre Roubert abanou a cabeça.

— Se houvesse tesouro em Astarac — disse ele —, já teria sido descoberto há muito tempo.

— Mas o cardeal-arcebispo está à procura dele — disse o conde.

— Por que outro motivo ele quer ler os nossos arquivos?

Ele apanhou o contrato com o pedreiro e segurou-o sobre uma vela, de modo que as três palavras em latim e a ordem para registrar a data na pedra foram chamuscadas, sumindo para sempre. Ele bateu com o punho na borda chamuscada, brilhante, para apagar o fogo, e depois colocou o pergaminho danificado no cesto de documentos que seriam dados ao monge.

— O que eu devia fazer — disse ele — é ir até Astarac.

O padre Roubert pareceu alarmado com tamanho arrebatamento.

— É uma região selvagem, excelência — avisou ele —, infestada de *coredors*. E não fica a muitos quilômetros de distância de Castillon d'Arbizon.

— Pois então levarei alguns soldados.

O conde agora estava agitado. Se o Graal estivesse em seu domínio, fazia sentido Deus ter aplicado a maldição da infertilidade nas suas esposas como castigo por não procurar o tesouro. Por isso, iria corrigir a situação.

— O senhor vem comigo — disse ao padre Roubert —, e deixarei Sir Henri, os besteiros e a maioria dos soldados para defender a cidade

— E o seu sobrinho?

— Ah, eu o levarei comigo! Ele poderá comandar a minha

escolta. Isso lhe dará a ilusão de que é útil. — O conde franziu o cenho. — O mosteiro de São Sever não fica perto de Astarac?

— Muito perto.

— Estou certo de que o abade Planchard nos dará acomodações

— disse o conde —, e ele é um homem que poderia muito bem nos ajudar!

O padre Roubert achava que o mais provável era que o abade Planchard dissesse ao conde que este era um velho tolo, mas percebia que o conde estava dominado pelo entusiasmo. Sem dúvida, acreditava que se encontrasse o Graal, Deus iria recompensá-lo com um filho homem, e talvez estivesse certo. E talvez o Graal precisasse ser encontrado para corrigir o mundo todo, e por isso o frade caiu de joelhos no grande salão e rezou para que Deus abençoasse o conde, matasse a herege e revelasse o Graal.

Em Astarac.

e seus homens partiram de Astarac no início da tarde, montando cavalos que se curvavam de tanto peso de cortes de carne, panelas, tudo o que tivesse algum valor e que pudesse ser vendido no mercado de Castillon d'Arbizon. Thomas estava sempre olhando para trás, tentando saber por que não sentia coisa alguma por aquele lugar, mas também sabendo que iria voltar. Havia segredos em

Astarac, e ele tinha de descobri-los.

Só Robbie montava um cavalo que não era atrapalhado pelo butim. Ele tinha sido o último a juntarse aos incursores, voltando do mosteiro com uma expressão estranhamente satisfeita. Não deu explicações para o atraso, nem disse o motivo pelo qual havia poupado os cistercienses. Apenas cumprimentou Thomas com um gesto de cabeça e inseriu-se na coluna quando ela iniciou a marcha para o oeste.

Eles iriam chegar tarde em casa. Era provável que estivesse escuro, mas Thomas não se preocupava. Os *coredors* não iriam atacar, e se o conde de Berat tivesse enviado forças para interceptar a viagem deles de volta para casa, iriam ver os perseguidores lá do alto das cristas das montanhas, de modo que seguia sem temores, deixando para trás sofrimento e fumaça em uma aldeia esotraçada.

— Então? Encontrou o que estava procurando? — perguntou Sir Guillaume.

— Não.

Sir Guillaume riu.

— Que ótimo Sir Galahad você é! — Ele olhou para as coisas penduradas na sela de Thomas. — Você vai procurar o Santo Graal e volt com uma pilha de pele de cabra e um quarto traseiro de carneiro.

— Ele vai assar bem com molho de vinagre — disse Thomas. Sir Guillaume olhou para trás e viu que doze *coredors* os tinham seguido até a crista.

— Vamos ter de dar uma lição naqueles bastardos.

— Vamos dar — disse Thomas —, vamos dar.

Não havia soldados esperando para emboscá-los. A única demora aconteceu quando um cavalo ficou manco, mas não era nada mais do que uma pedra presa no casco. Os *coredors* desapareceram quando o crepúsculo se aproximou. Robbie estava cavalgando na vanguarda, mais uma vez mas quando estava na metade do caminho para casa e o sol era uma bola vermelha que caía diante deles, recuou e foi postar-se ao lado de Thomas. Genevieve estava afastada para um dos lados e acintosamente afastou ainda mais a égua, mas se Robbie percebeu, não comentou. Ele olhou para peles de cabra empilhadas atrás da sela

de Thomas.

— Meu pai já teve um casaco de pele de cavalo — disse, a título de romper o silêncio que durara demais entre eles, e depois, sem acrescentar nenhum outro detalhe do curioso gosto de vestir de seu pai, parecia constrangido. — Estive pensando.

— Ocupação perigosa — respondeu Thomas, em tom superficial.

— Lorde Outhwaite me deixou vir com você — disse Robbie —, mas será que ele se importaria se eu deixasse você?

— Me deixasse? — Thomas estava surpreso.

— Vou voltar para ele, é claro — disse Robbie. — Depois.

— Depois? — perguntou Thomas, desconfiado.

Robbie era um prisioneiro e seu dever, se não estivesse com Thomas, era voltar para lorde Outhwaite no sul da Inglaterra e esperar até que seu resgate fosse pago.

— Tem umas coisas que preciso fazer — explicou Robbie — para purificar a minha alma.

— Ah — disse Thomas, e agora quem estava constrangido era ele.

Olhou para o crucifixo no peito do amigo.

Robbie estava olhando para um falcão que rondava a montanha mais baixa, à procura de caças pequenas à luz que diminuía.

— Nunca fui homem de religião — disse ele, com calma. —

Nenhum dos homens da minha família é. As mulheres ligam, é claro, mas os homens da família Douglas, não. Somos bons soldados e maus cristãos. — Ele fez uma pausa, visivelmente constrangido, e lançou um rápido olhar para Thomas. — Você se lembra daquele padre que nós matamos na Bretanha?

— Claro que me lembro — disse Thomas. Bernard de Taillebourg era um frade

dominicano e o inquisidor que torturou Thomas. O

padre também ajudou Guy Vexille a matar o irmão de Robbie e, juntos, Thomas e Robbie o mataram a golpes de espada em frente a um altar.

— Eu queria matá-lo — disse Robbie.

— Você disse — lembrou-lhe Thomas — que não havia pecado que algum padre não pudesse anular e isso, quero crer, inclui matar padres.

— Eu estava errado — disse Robbie. — Era um padre e nós não devíamos ter matado ele.

— Ele era o filho bastardo do diabo — disse Thomas, vingativo.

— Era um homem que queria o que nós queremos — disse Robbie com firmeza — e matava para conseguir. Mas nós fazemos o mesmo, Thomas.

Thomas fez o sinalda-cruz.

— Você está preocupado com a minha alma — perguntou, mordaz —, ou com a sua?

— Estive conversando com o abade em Astarac — disse Robbie, não ligando para a pergunta de Thomas — e contei a ele sobre o dominicano. Ele disse que eu tinha feito uma coisa horrível e que o meu nome estava na lista do diabo.

Aquele tinha sido o pecado que Robbie confessara, embora o abade Planchard fosse um homem suficientemente inteligente para perceber que alguma outra coisa preocupava o jovem escocês e que aquela outra coisa talvez fosse a beguina. Mas Planchard aceitara a palavra de Robbie e fora rigoroso com ele.

— Ele mandou que eu fizesse uma peregrinação — continuou Robbie.

— Disse que eu tinha de ir a Bolonha e rezar junto ao túmulo de São Domingos, e que eu receberia um sinal se São Domingos me perdoasse pelo crime de morte.

Thomas, depois da conversa que tivera antes com Sir Guillaume, já decidira que seria melhor se Robbie voltasse, e agora Robbie estava tornando a situação fácil para ele. No entanto, fingiu estar relutante.

— Você pode ficar até depois do inverno — sugeriu ele.

— Não — disse Robbie, com firmeza. — Eu estou condenado, Thomas, a menos que faça alguma coisa para mudar isso.

Thomas lembrava-se da morte do dominicano, o fogo refletindo-

se nas paredes da tenda, as duas espadas cortando e espetando o frade trêmulo que se contorcia em seu sangue que se esvaía.

— Então, eu também estou condenado, não é?

— A sua alma é problema seu — disse Robbie —, e não sei lhe dizer o que fazer. Mas o abade me disse o que eu devia fazer.

— Pois então vá à Bolonha — disse Thomas e escondeu o alívio pelo fato de Robbie ter decidido ir embora.

Foram necessários dois dias para resolver a melhor maneira de Robbie fazer a viagem, mas depois de conversar com um peregrino que chegara para uma adoração junto ao túmulo de São Sardos na igreja que ficava na garte superior da cidade, decidiram que seria melhor voltar para Astarac e, de lá, seguir para o sul, para St.

Gaudens. Quando chegasse a St. Gaudens, ele estaria numa estrada bem movimentada, onde encontraria companhias de mercadores viajando juntos e eles receberiam de bom grado um soldado jovem, forte, para ajudá-los a proteger seus comboios.

— De St. Gaudens, você deve seguir para o norte, para Toulouse

— disse o peregrino —, e não deixe de parar no santuário de São Sernin e pedir a proteção dele. A igreja tem um dos chicotes usados para açoitar Nosso Senhor, e se você pagar, eles vão deixá-lo tocar nele, e você jamais ficará cego. Depois, você tem de continuar para Avignon. Aquelas estradas são bem patrulhadas, de modo que deve ser seguro. E, em Avignon, você tem de tentar conseguir a bênção do Santo Padre e perguntar a uma outra pessoa como viajar mais para o leste.

A parte mais perigosa da viagem era a primeira, e Thomas prometeu que iria

escoltar Robbie até que Astarac fosse avistada, para garantir que ele não fosse perturbado por quaisquer *coredors*. E

também deu a ele um saco de dinheiro tirado do grande baú que havia no salão.

— É mais do que a sua cota — disselhe Thomas. Robbie sopesou o saco de ouro.

— Isso é muito.

— Ora, rapaz, você tem que pagar as tabernas. Aceite. E, pelo amor de Deus, não o perca no jogo.

— Isso eu não vou fazer — disse Robbie. — Prometi ao abade Planchard que ia parar de jogar e ele me fez jurar lá na abadia.

— E espero que tenha acendido uma vela — disse Thomas.

— Três — disse Robbie e fez o sinalda-cruz. — Devo abandonar todos os pecados, Thomas, até ter rezado para Domingos. Foi o que o Planchard disse. — Ele fez uma pausa e depois deu um sorriso triste.

— Desculpe, Thomas.

— Desculpar? O quê?

Robbie deu de ombros.

— Não tenho sido o melhor dos companheiros.

Ele parecia constrangido outra vez e não disse mais nada, mas naquela noite, quando todos ceavam juntos no salão para se despedirem de Robbie, o escocês fez um grande esforço para ser delicado com Genevieve. Chegou até a dar a ela um pedaço da carne de carneiro, uma parte suculenta, espetando-o na sua faca e insistindo para que ela o deixasse colocá-lo em seu Prato. Sir Guillaume girou o olho que lhe sobrara, em sinal de perplexidade.

Genevieve foi gentil no agradecimento e, na manhã seguinte, sob os açoites de um frio vento norte, eles partiram para escoltar Robbie no começo da viagem.

conde de Berat só tinha visitado Astarac uma vez, e isso acontecera há anos.

Quando tornou a ver a aldeia, praticamente não a reconheceu.

Ela sempre fora pequena, malcheirosa e pobre, mas agora havia sido devastada. Metade dos telhados da cidade tinha sido queimada, deixando paredes de pedra chamuscada, e uma grande mancha de sangue cheia de ossos, penas e carniças mostrava o local em que o gado dos aldeões fora abatido. Três monges cistercienses distribuía comida que estava numa carrocinha de mão quando o conde chegou, mas aquela caridade não impediu que uma onda de pessoas esfarrapadas cercasse o conde, tirando os chapéus, ajoelhando-se e estendendo as mãos para pedir esmolas.

— Quem fez isso? — quis saber o conde.

— Os ingleses, excelência — respondeu um dos monges. — Eles chegaram ontem.

— Por Cristo, eles vão morrer cem vezes por causa disso — declarou o conde.

— E eu vou causar essas mortes — disse Joscelyn, violento.

— Estou quase me decidindo a deixar que você vá atrás deles —

disse o conde —, mas o que é que podemos fazer contra o castelo deles?

— Canhões — disse Joscelyn.

— Mandei buscar o canhão em Toulouse — disse o conde, irritado, e depois espalhou algumas moedas de pequeno valor entre os aldeões antes de esporear o cavalo para passar por eles. Ele fez uma pausa para olhar as ruínas do castelo em seu rochedo, mas não foi até a velha fortaleza porque estava tarde, a noite estava chegando, e o ar estava frio. O conde também estava cansado e dolorido de tanto montar, e a armadura estranha que ele usava estava esfolando-lhe os ombros e, por isso, em vez de subir pela longa trilha até a fortaleza em ruínas, ele seguiu em frente, em direção aos duvidosos confortos na abadia cisterciense de São Sever.

Monges de batinas brancas caminhavam penosamente na volta do trabalho para casa. Um deles levava um grande feixe de gravetos, enquanto outros levavam

enxadas e pás. As últimas uvas estavam sendo colhidas, e dois monges conduziam um boi que puxava uma carroça cheia de cestos da fruta vermelho-escuro. Eles puxaram a carroça para o lado enquanto o conde e seus trinta soldados passavam num tropel em direção aos prédios simples, sem ornamentos. Ninguém no mosteiro esperava visitas, mas os monges saudaram o conde sem problema, e com eficiência encontraram estábulos para os cavalos e arranjaram camas entre as prensas de vinho para os soldados. Uma fogueira foi acesa nos aposentos das visitas, onde o conde, seu sobrinho e o padre Roubert seriam acolhidos.

— O abade irá recebê-lo após as completas — informaram ao conde e depois lhe serviram uma refeição de pão, vagem, vinho e peixe defumado. O vinho era o da abadia, e estava amargo.

O conde dispensou Joscelyn e o padre Roubert para seus aposentos, mandou seu escudeiro procurar uma cama em qualquer

lugar, e sentou-se a sós junto à lareira. Ele se perguntava por que Deus enviara os ingleses para incomodá-lo. Seria aquilo mais um castigo por não ter dado importância ao Graal? Parecia que sim, porque ele se convencera de que Deus realmente o escolhera e que ele tinha de realizar uma última e importante tarefa, e depois seria recompensado.

O Graal, pensou ele, quase em êxtase. O Graal, a mais sagrada de todas as coisas sagradas, e ele tinha sido enviado para encontrá-lo; caiu de joelhos ao lado da janela aberta e ficou ouvindo as vozes dos monges cantando na igreja da abadia e rezou para que sua busca fosse bem-sucedida. Continuou a rezar muito tempo depois de o canto acabar, e por isso o abade Planchard o encontrou de joelhos.

— Estou interrompendo? — perguntou o abade, delicado.

— Não, não. — O conde estremeceu de dor nos joelhos dormentes enquanto se punha de pé. Ele tirara a armadura e usava uma túnica forrada de pele e o costumeiro gorro de lã. — Desculpe, Planchard, lamento profundamente importuná-lo. Eu sei, você não foi avisado. Reconheço que isso é muito incômodo.

— Só o diabo me é incômodo — disse Planchard —, e sei que você foi mandado por ele.

— Espero que não — disse o conde e então sentou-se e imediatamente tornou a levantar-se. De acordo com a posição, ele tinha direito à única cadeira do aposento, mas o abade era tão idoso, que o conde sentiu-se constrangido a oferecê-la a ele.

O abade declinou com um movimento da cabeça e sentou-se na da janela.

— O padre Roubert foi às completas — disse ele — e conversou comigo depois.

O conde sentiu uma vibração de alarme. Será que Roubert

contara a Planchard o motivo pelo qual estavam ali? O conde fazia questão de ele mesmo contar ao abade.

— Ele está muito abalado — disse Planchard. Ele falava francês, um francês aristocrata, elegante e preciso.

— O Roubert sempre fica abalado quando está constrangido —

disse o conde — e a viagem foi longa e ele não está acostumado a cavalgar. Não nasceu para isso, entende? Ele monta o cavalo como se fosse um aleijado.

— Ele fez uma pausa, olhando de olhos arregalados para o abade, e então soltou um espirro explosivo. — Meu Deus — disse, os olhos lacrimejando. Enxugou o nariz na manga da túnica. — O Roubert fica relaxado na sela.

Vivo mandando ele se manter ereto, mas ele não aceita o conselho. — Ele tornou a espirrar.

— Espero que não esteja pegando uma sezão — disse o abade. —

O padre Roubert não estava abalado por causa do cansaço, mas por causa da beguina.

— Ah, sim, é claro. A moça. — O conde deu de ombros. — Acho que ele estava ansioso por vê-la queimada. Teria sido uma recompensa adequada por todo o duro trabalho dele. Sabe que ele a interrogou?

— Com fogo, creio eu — disse Planchard e franziu o cenho. — É

muito estranho uma beguina chegar tão ao sul assim. A área deles é o norte. Mas suponho que ele esteja certo, não?

— Totalmente! A desgraçada da jovem confessou.

— Como eu confessaria se fosse submetido ao fogo — disse o abade, mordaz.

— Sabe que ela se juntou aos ingleses?

— Ouvi dizer — disse o conde. — Uma coisa horrível, Planchard,

uma coisa horrível.

— Pelo menos eles pouparam esta casa — comentou Planchard.

— Foi por isso que vossa excelência veio? Para nos proteger de uma herege e dos ingleses?

— É claro, é claro — respondeu o conde e depois chegou mais para perto da verdade sobre a sua viagem. — Também houve um outro motivo, planchard, um outro motivo.

Ele esperava que Planchard perguntasse que motivo era aquele, mas o abade ficou calado e, por alguma razão, o conde sentiu-se constrangido. Ele se perguntava se Planchard iria zombar dele.

— O padre Roubert não lhe disse? — perguntou ele.

— Ele só falou sobre a beguina.

— Ah — fez o conde.

Ele não sabia bem como expressar a sua busca, e por isso em vez de tentar, mergulhou no cerne dela para ver se Planchard iria compreender do que estava falando.

— "*Calix meus inebrians*" — anunciou ele e tornou a espirrar.

Planchard esperou que o conde se recuperasse.

— Os salmos de David. Eu gosto deste, especialmente daquele maravilhoso começo. "O Senhor é meu pastor e nada me pode faltar".

— "*Calix meus inebrians*" — disse o conde, não ligando para as palavras do abade — estava entalhado acima da porta do castelo daqui.

— Estava?

— O senhor não sabia?

— Ouvem-se tantas coisas neste pequeno vale, excelência, que é necessário distinguir entre temores, sonhos, esperanças e realidade.

— "*Calix meus inebrians*" — repetiu o conde, teimoso, desconfiando que o abade sabia exatamente do que ele estava falando, mas queria encobrir o problema.

Planchard olhou para o conde em silêncio por algum tempo e depois sacudiu a cabeça.

— A história não é novidade para mim. E desconfio que nem para vossa excelência.

— Acredito — disse o conde, desajeitado — que Deus me mandou aqui com um propósito.

— Ah! Neste caso, vossa excelência é um felizardo! — Planchard Parecia impressionado. — Tanta gente me procura em busca dos propósitos de Deus e tudo o que posso dizer a eles é que observem, trabalhem e rezem, e ao fazerem isso estou certo de que irão descobrir o propósito no devido tempo, mas raramente esse propósito é revelado. Eu o invejo.

— Ele foi dado ao senhor — retorquiu o conde.

— Não, excelência — disse o abade, sério. — Deus apenas abriu uma porta que dava para um campo de pedras, cardos e ervas daninhas e deixou que eu arasse. Tem sido um trabalho árduo, excelência, um trabalho árduo, e vou chegando ao fim com a maior parte ainda por fazer.

— Fale-me sobre a história — disse o conde.

— A história da minha vida? — replicou Planchard.

— A história — disse o conde, com firmeza — do cálice que nos deixa embriagados.

Planchard suspirou e, por um instante, pareceu muito velho.

Depois, levantou-se.

— Posso fazer mais do que isso, excelência — disse ele. — Posso

lhe mostrar.

— Me mostrar? — O conde estava perplexo e eufórico. Planchard foi até o armário e apanhou uma lanterna de osso. Acendeu o pavio com uma brasa da lareira e depois convidou o agitado conde para acompanhá-lo por uma clausura sombria e para a igreja da abadia, onde uma pequena vela queimava embaixo de uma estátua de gesso de São Benedito, única decoração no prédio austero.

Planchard apanhou uma chave de sob a batina e conduziu o conde até uma pequena porta que se abria numa alcova que estava meio escondida por um altar lateral no lado norte da igreja. O fecho estava duro, mas acabou cedendo e a porta abriu-se com um rangido.

— Cuidado com os degraus — avisou o abade. — Eles estão gastos e são muito traiçoeiros.

A lanterna balançou enquanto o abade descia um lance íngreme de escada de pedra que fez uma curva fechada para uma cripta cheia de grandes pilares entre os quais estavam empilhados ossos que chegavam quase ao teto abobadado. Havia ossos de pernas, braços e costelas empilhados como se fossem lenha, e entre eles, como filas de pedras, jaziam crânios de olhos vazados.

— Os irmãos? — perguntou o conde.

— Esperando o abençoado dia da ressurreição — disse Planchard e seguiu até o ponto extremo da cripta, curvando-se sob um arco baixo e, com isso, entrando num pequeno aposento onde havia um banco antigo e um baú de madeira reforçado com ferro. Encontrou algumas velas queimadas pela metade num nicho e acendeu-as, fazendo com que o pequeno cômodo tremeluzisse com a luz. — Foi seu tataravô, graças a Deus, que doou esta casa — disse ele, tirando outra chave de uma bolsa que estava debaixo da batina preta. —

Antes disso, ela era pequena e muito pobre, mas o seu ancestral nos deu terra para agradecer a Deus pela queda da Casa de Vexille, e as terras são suficientes para nos sustentar, mas não para nos tornar ricos. Isso é bom e apropriado, mas temos algumas coisinhas de valor e este, assim mesmo, é o nosso tesouro. — Ele curvou-se para o baú, girou a enorme chave, e levantou a tampa.

A princípio, o conde ficou desapontado, porque achou que não houvesse nada lá dentro, mas quando o abade aproximou mais uma das velas, o conde viu que o baú continha uma pátena de prata manchada, um saco de couro e um único castiçal. O abade apontou para o saco.

— Ele nos foi dado por um cavaleiro agradecido que curamos na enfermaria. Ele jurou que o saco contém a cinta de Santa Inês, mas confesso que nunca cheguei a abrir o saco. Eu me lembro de ter visto a cinta dela em Basiléia, mas acho que ela podia ter tido duas. Minha mãe tinha várias, mas infelizmente não era santa.

Ele não deu importância às duas peças de prata e ergueu um objeto que o conde não percebera nas profundas sombras do baú. Era uma caixa, que Planchard colocou sobre o banco.

— Vossa excelência precisa olhar para ela com muita atenção. Ela é antiga e a tinta faz muito que desbotou. Fico muito surpreso pelo fato de não a termos queimado há muito tempo, mas por algum motivo nós a guardamos.

O conde sentou-se no banco e ergueu a caixa. Era quadrada, mas profunda, de tamanho suficiente para conter as luvas de um homem, mas nada muito maior do que isso. As dobradiças eram de ferro que se enferrujava e, quando ergueu a tampa, viu que ela estava vazia.

— É só isso? — perguntou, com uma decepção palpável.

— Olhe para ela, excelência — disse Planchard, paciente.

O conde tornou a olhar. O interior da caixa de madeira estava pintado de amarelo e aquela tinta resistira melhor ao tempo do que as superfícies externas, que estavam muito desbotadas, mas o conde viu que a caixa já fora preta e que um brasão tinha sido pintado na tampa. As armas lhe eram desconhecidas e estavam tão envelhecidas que era difícil vê-las, mas ele achou que havia um leão ou um outro animal qualquer empinado, com um objeto nas garras estendidas.

— Um *yale* — disse o abade, segurando um cálice.

— Um cálice? O Graal, sem dúvida?

— As armas da família Vexille. — Planchard não deu atenção à pergunta do conde. — E a lenda local diz que o cálice só foi acrescentado pouco antes da destruição de Astarac.

— Por que iriam eles acrescentar um cálice? — perguntou o conde, sentindo um certo grau de agitação.

Uma vez mais, o abade ignorou a pergunta.

— Vossa excelência deve olhar a frente da caixa.

O conde inclinou a caixa até que a luz da vela iluminou a tinta desbotada e ele viu que algumas palavras estavam pintadas nela. Não estavam nítidas, e algumas letras tinham sido eliminadas por completo pelo uso, mas as palavras ainda eram óbvias. Óbvias e milagrosas. *Calix Meus. Inebrians*. O conde olhou fixamente para elas, agitado pelas implicações, tão agitado que nem conseguia falar. O

nariz escorria, de modo que ele o esfregava com a manga da túnica, impaciente.

— A caixa estava vazia quando foi encontrada — disse Planchard

—, ou pelo menos foi isso que o abade Loix me disse, que Deus o tenha. Diz a história que a caixa estava num relicário de ouro e prata

encontrado no altar da capela do castelo. Tenho certeza de que o relicário foi levado de volta para Berat, mas esta caixa foi dada ao mosteiro. Suponho que por ser considerada um objeto sem valor.

O conde tornou a abrir a caixa e tentou cheirar o interior, mas seu nariz estava abominavelmente tapado. Ratos corriam por entre os ossos na cripta ao lado, mas ele não ligou para o barulho, não ligou para coisa nenhuma, apenas sonhava com o que aquela caixa significava. O Graal, um herdeiro, tudo. Só que, pensou ele, a caixa era pequena demais para conter o Graal. Ou será que não era? Quem sabia como era o Graal?

O abade estendeu a mão para a caixa, pretendendo recolocá-la no baú, mas o

conde agarrou-a com força.

— Excelência — disse o abade, ríspido —, a caixa estava vazia.

Nada foi encontrado em Astarac. Foi por isso que eu o trouxe aqui, para que sua excelência visse pessoalmente. Nada foi encontrado.

— Isto foi encontrado — insistiu o conde. — E ela prova que o Graal esteve aqui.

— Prova? — perguntou o abade, consternado.

O conde apontou para as palavras desbotadas no lado da caixa.

— Que outra coisa isso significa?

— Existe um Graal em Gênova — disse Planchard —, e os beneditinos de Lyon, certa vez, disseram que estavam com ele.

Dizem, e Deus permita que não seja verdade, que o verdadeiro está no tesouro do imperador em Constantinopla. Certa vez, disseram que se encontrava em Roma, e de novo em Palermo, embora aquele eu acho que era um cálice sarraceno capturado de um barco veneziano.

Outros dizem que os arcanjos vieram à Terra e o levaram para o céu, embora outros insistam que ele está em Jerusalém, protegido pela

espada chamejante que antigamente vigiava o Paraíso. Ele foi visto em Córdoba, excelência, em Nîmes, em Verona e em duas dezenas de outros lugares. Os venezianos alegam que ele está preservado numa ilha que aparece apenas aos puros de coração, enquanto outros dizem que ele foi levado para a Escócia. Excelência, eu poderia encher um livro com histórias sobre o Graal.

— Ele esteve aqui. — O conde fez que não ouviu tudo o que Planchard tinha dito. — Ele esteve aqui — repetiu — e ainda pode estar aqui.

— Nada poderia me agradar mais — admitiu Planchard —, mas onde Parsifal e Gawain fracassaram, será que podemos ter a esperança de conseguir?

— Trata-se de uma mensagem de Deus — asseverou o conde, ainda agarrando a

caixa vazia.

— Creio, excelência — disse Planchard, ponderado —, que se trata de uma mensagem da família Vexille. Acho que eles fizeram a caixa, pintaram-na e a deixaram para zombar de nós. Eles fugiram e deixaram que pensássemos que tinham levado o Graal com eles.

Acho que esta caixa é a vingança deles. Eu deveria queimá-la.

O conde não queria largar a caixa.

— O Graal esteve aqui — afirmou ele.

O abade, sabendo que havia perdido a caixa, fechou o baú e trancou-o.

— Somos uma casa pequena, excelência — disse ele —, mas não estamos totalmente isolados da Igreja maior. Recebo cartas de meus irmãos e ouço coisas.

— Por exemplo?

— O cardeal Bessières está procurando uma importante relíquia

—

revelou o abade.

— E está procurando aqui! — disse o conde, triunfante. — Ele enviou um monge para pesquisar meus arquivos.

— E se o Bessières está procurando — avisou Planchard —, pode ter certeza de que ele será implacável a serviço de Deus.

O conde não aceitava avisos.

— Recebi uma missão — afirmou ele.

Planchard apanhou a lanterna.

— Não posso dizer mais nada, excelência, porque não ouvi nada que me diga que o Graal está em Astarac. Mas de uma coisa eu sei, e sei como sei que meus ossos em breve irão descansar com os meus irmãos neste ossário. A busca pelo

Graal, excelência, leva os homens à loucura. Ela os ofusca, ela os confunde, e deixa-os choramingando.

É uma coisa perigosa, excelência, que é melhor deixar por conta dos trovadores. Que eles cantem sobre ele e façam poemas a seu respeito, mas pelo amor de Deus não arrisque a sua alma indo à procura dele.

Mas ainda que o aviso de Planchard tivesse sido cantado por um coro de anjos, o conde não o teria escutado.

Ele tinha a caixa e ela provava aquilo em que ele queria acreditar.

O Graal existia e ele tinha sido enviado para encontrá-lo. E por isso, iria encontrá-lo.

Thomas nunca pretendia escoltar Robbie até Astarac. O vale em que aquela aldeia pobre ficava já tinha sido saqueado, e por isso ele tencionava parar no próximo vale, onde uma grande quantidade de povoados fartos espalhava-se ao longo da estrada ao sul de Masseube, e depois, enquanto seus homens se ocupassem em cumprir os negócios do diabo, ele e uns poucos homens acompanhariam Robbie

até as montanhas das quais se podia ver Astarac e, se não houvesse *coredors* ou outros inimigos à vista, deixariam o escocês prosseguir sozinho.

Thomas mais uma vez levava toda a sua força, exceto doze homens que vigiavam o castelo de Castillon d'Arbizon. Deixou a maioria dos assaltantes numa pequena aldeia ao lado do rio Gers e levou doze arqueiros e outros tantos soldados para escoltar Robbie durante os últimos quilômetros. Genevieve ficou com Sir Guillaume, que descobrira um grande túmulo na aldeia, que ele jurava ser o tipo de local onde o povo de antigamente, que vivera antes que a cristandade iluminasse o mundo, escondia o ouro, e conseguira doze pás e começara a cavar. Thomas e Robbie os deixaram na sua busca e subiram as montanhas do leste, por uma trilha serpeante que passava por alamedas de castanhas, onde camponeses cortavam varas para sustentar as videiras recém-plantadas. Eles não viram nenhum *coredor*, na verdade, durante toda a manhã não tinham visto inimigo algum, apesar de Thomas querer saber quanto tempo faltava para que os bandidos avistassem a grande coluna de fumaça que subia da pira de sinalização na aldeia onde Sir Guillaume cavava à procura de seus sonhos.

Robbie estava nervoso e tentava disfarçar com uma conversa despretensiosa.

— Lembra-se daquele sujeito que andava com as grandes pernas de pau em Londres? — perguntou ele. — Aquele que fazia malabarismo quando trepava naquelas varas? Ele era bom. Aquele foi um lugar fora do comum. Quanto custou ficar naquela taberna em Londres? Thomas não conseguia se lembrar.

— Alguns *pence*, talvez.

— O que quero dizer é que eles enganam a gente, não? —

perguntou Robbie, ansioso.

— Quem engana?

— Os donos das tabernas.

— Eles tentam barganhar — disse Thomas —, mas preferem tirar um *pêni* de você a não receber nada. Além do mais, na maioria das noites, você pode ficar em mosteiros.

— É verdade. Mas você tem que dar alguma coisa a eles, não tem?

— Só uma moeda — disse Thomas.

Eles tinham saído num topo da crista da montanha, deserto, e Thomas olhou em volta à procura de inimigos e não viu nenhum. Ele estava intrigado pelas perguntas esquisitas de Robbie, e depois percebeu que o escocês, que entrava em combate com uma evidente audácia, estava nervoso diante da perspectiva de viajar sozinho. Uma coisa era viajar na terra natal, onde as pessoas falavam a sua língua, mas outra coisa inteiramente diferente era partir para centenas de quilômetros por terras onde eram usadas doze línguas estranhas.

— O que você deve fazer — disse Thomas — é encontrar algumas outras pessoas que estejam indo na mesma direção. Vai haver muitas, e todas querem companhia.

— Foi isso que você fez, quando caminhou da Bretanha até a Normandia?

Thomas sorriu.

— Eu vesti uma batina de dominicano. Ninguém quer um dominicano como companheiro, mas também ninguém quer roubar um dominicano. Vai dar tudo certo, Robbie. Qualquer mercador vai querer você como companhia. Um jovem com uma espada afiada?

Eles vão lhe oferecer as melhores entre suas filhas para que viaje com eles.

— Eu fiz meu juramento — disse Robbie, pesaroso, e depois refletiu Por um segundo. — Bolonha fica perto de Roma?

— Não sei.

— Tenho vontade de conhecer Roma. Você acha que um dia o papa vai voltar para lá?

— Só Deus sabe.

— Mas eu gostaria de conhecer Roma — disse Robbie, pensativo, e então sorriu para Thomas. — Vou fazer uma oração para você lá.

— Faça duas — disse Thomas —, uma para mim, e a outra para a Genevieve.

Robbie ficou calado. O momento da despedida estava quase chegando e ele não sabia o que dizer. Haviam parado os cavalos, embora Jake e Sam continuassem até que pudessem ver, lá embaixo, o vale onde os incêndios do sapé de Astarac ainda lançavam um pouco de fumaça no ar frio.

— Nós voltaremos a nos ver, Robbie — disse Thomas, tirando a luva e estendendo a mão direita.

— É, eu sei.

— E sempre seremos amigos — disse Thomas —, mesmo que estejamos em lados diferentes de uma batalha.

Robbie sorriu.

— Da próxima vez, Thomas, os escoceses vão ganhar. Jesus, nós devíamos ter derrotado vocês em Durham! Só faltou ”isso”!

— Você sabe o que os arqueiros dizem — declarou Thomas. —

Quase não conta. Tome cuidado, Robbie.

— Vou tomar.

Os dois trocaram um aperto de mãos e naquele exato momento Jake e Sam viraram os cavalos e voltaram em disparada.

— Soldados! — berrou Jake.

Thomas fez o cavalo avançar até poder olhar ao longo da estrada que levava a Astarac e lá, a menos de um quilômetro de distância, havia cavaleiros vestindo cotas de malha, com espadas e escudos.

Cavaleiros sob uma bandeira que pendia murcha, de modo que ele não conseguia ver o emblema, e escudeiros conduzindo cavalos de carga carregados de lanças toscas e compridas. Um bando inteiro vindo diretamente em direção a ele, ou talvez em direção à grande coluna de fumaça que subia de onde seus homens arrasavam a aldeia no vale vizinho. Thomas olhou fixamente para eles, só olhou. O dia parecera muito pacífico, tão extremamente livre de qualquer ameaça, e agora chegara um inimigo. Fazia semanas que eles não eram molestados. Até agora.

E a peregrinação de Robbie foi esquecida, pelo menos por enquanto.

Porque ia haver um combate.

E todos eles cavalgaram de volta para o oeste.

Joscelyn, Lorde de Béziers, acreditava que seu tio era um velho bobo e, o que era pior, um velho bobo rico. Se o conde de Berat tivesse dividido sua riqueza, teria sido diferente, mas ele era notoriamente seguro, exceto quanto se tratava de apoiar a Igreja ou comprar relíquias como o punhado de palha suja que ele comprara do papa em Avignon por um baú de dinheiro. Bastara Joscelyn dar uma olhada para o forro da cama do menino Jesus e ele concluía que se tratava de palha suja de estrume dos estábulos papais, mas o conde estava convencido de que aquilo era o primeiro leito de Jesus e agora tinha ido para o vale miserável de Astarac, onde caçava ainda mais relíquias. Exatamente o quê, Joscelyn não sabia, porque nem o conde nem o padre Roubert queriam lhe dizer,

mas Joscelyn estava convencido de que era uma busca infrutífera.

No entanto, em recompensa, ele tinha o comando de trinta soldados, apesar de mesmo isso não ser tão vantajoso quanto parecia, porque o conde dera instruções rigorosas de que não deviam se afastar mais de um quilômetro e meio de Astarac.

— Você está aqui para me proteger — disse ele a Joscelyn, e este ficara imaginando contra o quê. Alguns *coredors* que nunca ousariam atacar soldados de verdade? Por isso, Joscelyn tentara organizar um torneio na planície da aldeia, mas os soldados de seu tio eram, em sua maioria, homens mais velhos, poucos tinham lutado nos últimos

anos e se haviam acostumado a uma vida de conforto. E o conde também não queria contratar outros homens, preferindo deixar que o seu ouro criasse teias de aranha.

Assim mesmo apesar de Joscelyn tentar incutir um certo espírito de luta nos seus homens, nenhum o enfrentava como devia, e quando lutavam entre si agiam com grande desânimo. Só os dois companheiros que trouxera para o sul, para Berat, tinham um certo entusiasmo pela atividade, mas ele lutara contra eles tantas vezes, que conhecia todos os movimentos que faziam, e eles conheciam os seus.

Estava perdendo tempo e sabia disso, e rezava com um fervor cada vez maior para que seu tio morresse. Era essa a única razão pela qual Joscelyn ficava em Berat, para que estivesse pronto a herdar a fabulosa riqueza que se dizia estar estocada nas galerias subterrâneas do castelo. E quando herdasse, por Deus, ele iria gastá-la! E que fogueira ele iria fazer com os livros e papéis do tio! As chamas seriam vistas em Toulouse! E quanto à condessa, a quinta mulher de seu tio, que era mantida mais ou menos trancada na torre sul do castelo para que o conde tivesse a certeza de que qualquer criança que ela gerasse seria dele, e somente dele, Joscelyn daria uma cobertura adequada para gerar filhos e depois chutaria a puta gorducha de volta para a sarjeta de onde viera.

Às vezes, ele sonhava em matar o tio, mas sabia que seria inevitável aquilo provocar encrenca, e por isso esperava, contente com a idéia de que o velho tinha de morrer em breve. E enquanto Joscelyn sonhava com a herança, o conde sonhava com o Graal. Ele decidira que iria procurar no que restava do castelo e, como a capela era o local em que a caixa tinha sido encontrada, mandou que

doze servos levantassem as antigas lajes para explorar as galerias abaixo

delas e onde, como esperava, ele achou túmulos. Os pesados caixões triplos foram retirados dos nichos e arrombados. Dentro do caixão exterior, de modo geral, havia um outro, de chumbo, e este era preciso abrir com um machado e retirar o metal. O chumbo foi guardado numa carroça para ser levado para Berat, mas o conde esperava um lucro ainda maior toda vez que o caixão interior, em geral de olmo, fosse arrombado. Ele encontrou esqueletos, amarelos e secos, os ossos dos dedos tocando-se como se em oração, e em alguns dos caixões achou tesouros. Algumas das mulheres tinham sido enterradas com colares ou braceletes, e o conde arrancou as mortalhas ressecadas para tirar o máximo de presas que pudesse, mas nada do Graal. Havia apenas crânios e pedaços de pele tão escuros quanto pergaminho antigo.

— Será que ela era bonita? — observou ele para o padre Roubert.

Sua voz parecia anasalada e ele espirrava a intervalos de alguns minutos.

— Ela está esperando o dia do juízo final — disse com amargor o frade, que não aprovava aquele assalto aos túmulos.

— Ela deve ter sido jovem — disse o conde, olhando para os cabelos da morta, mas assim que ele tentou levantá-los do caixão, as finas tranças viraram pó. No caixão de uma criança havia um velho tabuleiro de xadrez, com dobradiças que faziam com que ele pudesse ser dobrado e transformado numa caixa rasa. As casas, que nos tabuleiros de xadrez do conde em Berat eram pintadas de preto, eram distinguidas por pequenas incisões, e o conde ficou intrigado com aquilo, mas muito mais interessado no punhado de moedas antigas que tinham substituído as peças de xadrez dentro da caixa. Elas mostravam a efígie de Fernando, primeiro rei da Castela, e o conde

ficou maravilhado com a pureza do ouro.

— Trezentos anos de idade! — disse ele ao padre Roubert e meteu o dinheiro no bolso e mandou os servos arrombarem outra cripta. Os corpos, uma vez revistados, eram recolocados em seus caixões de madeira e depois nas criptas, para aguardarem o dia do juízo final. O

padre Roubert dizia uma oração para cada novo enterro e algo em seu tom de voz irritava o cqpde, que sabia estar sendo criticado.

No terceiro dia, quando todos os caixões tiveram seu conteúdo surrupiado e nenhum mostrou conter o esquivo Graal, o conde ordenou aos servos que cavassem no espaço embaixo da abside onde antigamente se erguera o altar. Durante um certo tempo, parecia que ali não havia coisa alguma, a não ser terra compactada sobre a pedra nua do câmara sobre o qual o castelo tinha sido construído, mas então, justo quando o conde ia perdendo as esperanças, um dos servos tirou da terra um pequeno cofre de prata. O conde, que estava bem agasalhado contra o frio, sentia-se fraco. Ele espirrava, o nariz escorria e coçava, os olhos estavam vermelhos, mas a visão da caixinha manchada fez com que ele esquecesse os problemas.

Arrancou-a, sôfrego, das mãos do servo e saiu para a luz do dia, onde usou uma faca para quebrar o fecho. Dentro, havia uma pena. Só uma pena. Ela agora estava amarela, mas era provável que um dia tivesse sido branca, o conde concluiu que devia ter saído da asa de um ganso.

— Por que alguém iria enterrar uma pena? — perguntou ele ao padre Roubert.

— Dizem que São Sever consertou a asa de um anjo aqui —

explicou o dominicano, olhando bem para a pena.

— É claro! — exclamou o conde e pensou que aquilo explicaria a

cor amarelada, porque provavelmente a asa devia ter a cor de ouro. —

A pena de um anjo! — disse ele, reverente.

— É mais provável que seja uma pena de cisne — disse o padre Roubert, como que querendo encerrar o assunto.

O conde examinou a caixa de prata, que estava escurecida pela terra.

— Pode ter sido um anjo — disse ele, apontando para um arabesco de metal oxidado.

— Como também podia não ser.

— Você não está ajudando muito, Roubert.

— Eu rezo todas as noites pelo seu sucesso — respondeu o frade, inflexível —, mas também estou preocupado com sua saúde.

— É só um nariz entupido — disse o conde, apesar de desconfiar de algo mais grave. A cabeça parecia vazia, as juntas doíam, mas se ele encontrasse o Graal, não havia dúvida de que todos aqueles problemas iriam desaparecer.

— A pena de um anjo! — repetiu o conde, pensando. — É um milagre! Um sinal, sem dúvida.

E então aconteceu um outro milagre, porque o homem que descobrira a caixa de prata agora revelou que havia uma parede atrás da terra compactada. O conde enfiou a caixa de prata e sua pena celestial nas mãos do padre Roubert, voltou correndo e subiu cambaleando na pilha de terra Para examinar pessoalmente a parede.

Só estava visível um pequeno trecho dela, mas a parte era feita de blocos de pedra cortada e, quando o conde agarrou a pá do servo e bateu nas pedras, convenceu-se de que a parede Parecia oca.

— Derrube-a — ordenou ele, agitado. — Derrube-a! — Ele sorriu, triunfante, para o padre Roubert. — É ele! Eu sei!

Mas o padre Roubert, em vez de partilhar da emoção do muro enterrado, olhava para Joscelyn que, armado em sua bela armadura de torneio, aproximara-se a cavalo da borda das criptas descobertas.

— Tem uma fogueira lançando fumaça no vale vizinho — disse Joscelyn.

O conde mal suportava ter de afastar-se da parede, mas subiu desajeitado por uma escada e olhou para o oeste onde, no céu pálido, uma coluna suja de fumaça se deslocava para o sul. Parecia vir de logo depois da crista mais próxima.

— Os ingleses? — perguntou o conde, espantado.

— Quem mais poderia ser? — respondeu Joscelyn. Seus soldados estavam na base da trilha que subia para o castelo. Eles usavam armaduras e estavam prontos.

— Podemos chegar lá em uma hora — disse Joscelyn — e eles não vão estar nos

esperando.

— Arqueiros — disse o conde, em tom de aviso. Depois espirrou e, logo em seguida, ficou sufocado.

Circunspecto, padre Roubert observava o conde. Ele achava que o velho estava com febre, e seria culpa dele mesmo insistir em fazer aquela escavação exposto ao vento frio.

— Arqueiros — repetiu o conde, os olhos enchendo-se de água.

— Você tem de ser cauteloso. Não se deve brincar com arqueiros.

Joscelyn parecia desesperado, mas foi o padre Roubert quem respondeu ao aviso do conde.

— Sabemos que eles andam em pequenos grupos, excelência, e deixam alguns arqueiros protegendo a fortaleza deles. Pode haver apenas uma dúzia dos miseráveis lá.

— E talvez nunca tenhamos outra oportunidade como esta — acrescentou Joscelyn.

— Não temos muitos homens — disse o conde, duvidoso.

E de quem era a culpa?, pensou Joscelyn. Ele dissera ao tio que levasse mais de trinta soldados, porém o velho bobo insistira em que aquilo seria suficiente. Agora, o conde olhava de olhos arregalados para um pedaço de parede sujo descoberto no fundo da cripta, deixando que os temores o dominassem.

— Trinta homens serão suficientes — insistiu Joscelyn — se forem poucos inimigos.

O padre Roubert olhava para a fumaça.

— Não é essa a finalidade das fogueiras, excelência? — indagou ele. — Para nos avisar de que o inimigo se aproximou o bastante para atacar?

Aquele era realmente o propósito das fogueiras, mas o conde desejou que Sir

Henri Courtois, seu líder militar, estivesse ali para aconselhá-lo.

— E se o grupo de inimigos for pequeno — continuou o padre Roubert —, trinta soldados serão suficientes.

O conde concluiu que não teria paz para explorar a misteriosa parede se não desse sua permissão, e por isso sacudiu a cabeça.

— Mas tome cuidado! — ordenou ao sobrinho. — Primeiro, faça um reconhecimento! Lembre-se do conselho de Vegécio! — Joscelyn nunca ouvira falar em Vegécio, de modo que teria dificuldade para se lembrar do conselho do homem, e o conde deve ter pensado nisso, porque teve uma idéia repentina. — Você vai levar o padre Roubert e ele lhe dirá se há ou não perigo em atacar. Está entendendo, Joscelyn? O padre Roubert irá assessorá-lo e você vai aceitar a opinião dele.

Aquilo oferecia duas vantagens. A primeira era ser o frade um homem sensato e inteligente que, por isso, não iria deixar que o cabeçaquente do Joscelyn cometesse alguma loucura, enquanto que a segunda, e melhor, era que aquilo livraria o conde da presença pessimista do dominicano.

— Esteja de volta antes do anoitecer — ordenou o conde —, e tenha gécio sempre em mente!

As últimas palavras foram ditas com rapidez enquanto ele tornava a descer pela escada.

Joscelyn lançou um olhar Irritado para o frade. Ele não gostava de religiosos e muito menos do padre Roubert, mas se a companhia do frade fosse o preço a pagar por uma chance de matar ingleses, que assim fosse.

— O senhor tem cavalo, padre? — perguntou ele.

— Tenho, excelência.

— Então, vá buscar. — Joscelyn girou o seu corcel e saiu em disparada de volta para o vale. — Eu quero os arqueiros vivos! — disse a seus homens quando os alcançou. — Vivos, para que possamos receber a recompensa.

E depois eles iriam decepar os malditos dedos dos ingleses, arrancar-lhes os

olhos e depois queimá-los. Aquele era o sonho de Joscelyn enquanto liderava seus homens para o oeste. Ele gostaria de andar depressa, para chegar ao vale seguinte antes que os ingleses se retirassem, mas soldados a caminho para a batalha não podiam deslocar-se com rapidez. Alguns dos cavalos, como o de Joscelyn, estavam protegidos com couro e cota de malha, e o peso da armadura, para não citar o peso da armadura dos cavaleiros, inevitavelmente significava que os corcéis tinham de andar a passo,

se quisesse estar em condições para o ataque. Alguns dos homens tinham escudeiros, e esses seres mais modestos conduziam cavalos de carga, que levavam incômodos pacotes de lanças. Os soldados não galopavam para a batalha, mas arrastavam-se lentos como bois.

— Vossa excelência vai pensar sempre no conselho de seu tio? —

observou o padre Roubert para Joscelyn.

Ele falou para disfarçar seu nervosismo. O frade era, normalmente, um homem sério e retraído, muito cômico de sua dignidade conquistada com muito esforço, mas agora se encontrava num território desconhecido, perigoso e emocionante.

— O conselho de meu tio — respondeu Joscelyn, mal-humorado,

— foi para que eu ouvisse os seus. Por isso, me diga, padre, o que é que o senhor sabe sobre batalhas?

— Já li Vegécio — respondeu o padre Roubert, altaneiro.

— E quem diabos era ele?

— Um romano, excelência, e ainda considerado a autoridade suprema em assuntos militares. Seu tratado se chama *Epitoma Rei Militaris*, essência das coisas militares.

— E o que é que essa essência recomenda? — perguntou Joscelyn, sarcástico.

— Principalmente, se bem me lembro, que se deve olhar para os flancos do inimigo à procura de uma oportunidade, e que de maneira nenhuma se deve atacar sem um total reconhecimento.

Joscelyn, o grande elmo de torneio pendurado no arção anterior da sela, baixou o olhar para a pequena égua do frade.

— O senhor está montado no cavalo mais leve de todos, padre —

disse ele, divertido — de modo que pode fazer o reconhecimento.

— Eu! — O padre Roubert estava chocado.

— Vá na frente, veja o que os bastardos estão fazendo, e depois volte para nos contar. O senhor deve me dar assessoria, não? Que diabo, como é que o senhor pode fazer isso se não tiver feito um reconhecimento? Não é isso que o seu *vegetal* aconselha? Agora não, seu louco! — Ele gritou as últimas palavras porque o padre Roubert, obediente, cutucara a égua para avançar. — Eles não estão aqui —

disse Joscelyn — mas no vale seguinte. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção da fumaça, que parecia estar ficando mais espessa.

— Por isso, espere até a gente ficar no bosque no lado oposto da montanha.

Na verdade, eles viram realmente um grupo de cavaleiros no topo sem vegetação da crista, mas estavam muito longe e fizeram meia-volta e fugiram assim que avistaram os homens de Joscelyn.

Coredors, com toda certeza, concluiu Joscelyn. Todo mundo ouvira falar que os *coredors* estavam perseguindo os ingleses na esperança de receber uma das recompensas do conde por um arqueiro apanhado vivo, embora na opinião de Joscelyn a única recompensa que um *coredor* deveria receber era um enforcamento lento.

Os *coredors* já tinham desaparecido quando Joscelyn chegou à crista. Este agora conseguia ver a maior parte do vale à frente, via Masseube ao norte e a estrada que seguia para o sul, em direção aos elevados Pireneus.

A coluna de fumaça estava bem em frente, mas a aldeia que os ingleses saquearam estava escondida pelas árvores, e por isso Joscelyn mandou que o frade seguisse à frente e, para dar-lhe uma certa proteção, ordenou que dois de seus soldados pessoais o acompanhassem.

Joscelyn e o restante de seus homens tinham quase chegado ao piso do vale quando o dominicano voltou. O padre Roubert estava agitado.

— Eles não nos viram — comunicou ele — e não podem saber que estamos aqui.

— O senhor pode ter certeza disso? — perguntou Joscelyn.

O frade sacudiu a cabeça. Sua dignidade fora substituída por um entusiasmo, descoberto de repente, pela guerra.

— A estrada para a aldeia passa por bosques, excelência, e está bem protegida contra observadores. As árvores escasseiam a uns cem passos do rio e a estrada o atravessa por um vau. Ele é raso. Vimos uns homens levando estacas de castanheira para a aldeia.

— Os ingleses não se meteram com eles?

— Os ingleses, excelência, estão cavando um monte artificial erguido para ser usado como túmulo, na aldeia. Parecia não haver mais de uma dúzia deles. A aldeia fica a outros cem passos depois do vau.

O padre Roubert sentiu-se orgulhoso daquela informação, que achava cuidadosa e precisa, um reconhecimento do qual o próprio Vegécio poderia ter ficado orgulhoso.

— Os senhores podem chegar a menos de duzentos passos da aldeia — concluiu ele —, e se armarem em segurança antes de atacar.

Foi realmente uma informação impressionante, e Joscelyn lançou um olhar de interrogação para os dois soldados que acenaram com a cabeça para mostrar que concordavam. Um deles, um parisiense chamado Villesisle, sorriu.

— Eles estão prontos para o massacre — disse ele.

— Arqueiros? — perguntou Joscelyn.

— Só vimos dois — disse Villesisle.

O padre Roubert estava guardando a melhor notícia para o final.

— Mas um dos dois, excelência — disse ele, agitado — era a beguina!

— A herege?

— Por isso, que Deus o acompanhe! — disse o padre Roubert, com veemência.

Joscelyn sorriu

— Então, padre Roubert, qual é o seu conselho?

— Atacar! — disse o dominicano. — Atacar! E que Deus nos dê o triunfo!

Ele podia ser um homem cauteloso por natureza, mas a visão de Genevieve provocara sua alma para o combate.

E quando Joscelyn chegou à beira da floresta, no sopé do vale, viu que tudo parecia estar exatamente como o dominicano prometera. Do outro lado do rio, os ingleses, aparentemente ignorando a presença de inimigos, não tinham colocado piquetes para proteger a estrada que descia da crista e, em vez disso, cavavam o grande monte de terra no centro da aldeia. Joscelyn não conseguiu ver mais do que dez homens e a única mulher. Ele desmontou por um instante e deixou que seu escudeiro apertasse as fivelas de sua armadura, depois tornou a subir para a sela, onde colocou o grande elmo de torneio com sua pluma amarela e vermelha, seu forro de couro e suas fendas para os olhos em forma de cruz. Enfiou o braço esquerdo pelas alças do escudo, certificou-se de que a espada estava solta na bainha, e abaixou-se para pegar a lança. Feita de freixo, ela media 4,80m e estava pintada com uma espiral de amarelo e vermelho, as cores de Sua Excelência em Béziers. Lanças similares tinham derrotado os melhores participantes de torneios da Europa, e agora aquela ia fazer o trabalho de Deus. Seus homens armaram-se com suas próprias lanças, algumas pintadas com as cores de Berat, de laranja e branco. As lanças deles tinham, em sua maioria, 3,90m ou 4,20m, porque nenhum dos homens de Berat tinha força para carregar uma lança grande como as que Joscelyn usava nos torneios.

Os escudeiros sacaram as espadas, viseiras de elmos foram fechadas,

reduzindo o mundo a frestas brilhantes de luz do sol. O cavalo de Joscelyn, sabendo que estava indo para um combate, repisava o chão com as patas. Estava

tudo pronto, os ingleses, que de nada desconfiavam, não sabiam da ameaça e Joscelyn, depois de tanto tempo, estava solto das rédeas do tio.

E assim, com seus soldados agrupados bem juntos de cada lado dele, e com a oração do padre Roubert ecoando em sua cabeça, ele atacou.

gaspard pensou que a mão do Senhor estava sobre ele, porque logo da primeira vez em que tentou despejar o ouro no delicado molde que outrora contivera o modelo em cera de seu cálice da missa, deu certo. Ele dissera à sua mulher, Yvette, que poderiam ser necessárias dez ou onze tentativas, que ele nem mesmo estava certo de que poderia fazer o cálice, porque o detalhe da filigrama era tão delicado que ele duvidava que o ouro derretido fosse preencher todas as incisões do molde. Mas quando, com o coração batendo forte, quebrou o barro cozido, ele descobriu que a sua criação em cera tinha sido reproduzida quase que à perfeição. Um ou dois detalhes saíram malfeitos, e em alguns pontos o ouro não conseguira fazer o torcido de uma folha ou o apoio de um espinho, mas esses defeitos foram logo corrigidos. Ele limou as bordas ásperas e depois poliu o cálice todo. Isso levou uma semana e, quando o trabalho acabou, ele não disse a Charles Bessières que tinha terminado, mas, pelo contrário, alegou que ainda havia mais o que fazer, quando na verdade ele simplesmente não queria abrir mão do belo objeto que fizera. Ele imaginou que se tratava da mais bela obra de ourivesaria já conseguida até então.

Por isso, fez uma tampa para o cálice. Era cônica, como a tampa de uma pia batismal, e na coroa ele colocou uma cruz, e em torno da borda pendurou pérolas, e nos lados inclinados fez os símbolos dos

quatro evangelistas. Um leão para São Marcos, um boi para Lucas, um anjo para Mateus e uma águia para João. A peça, não tão delicada quanto o cálice em si, também saiu rápida do molde e ele lixou-a e deu-lhe um polimento, e depois montou tudo. A base do cálice, de ouro, o cálice antigo de vidro verde e a nova tampa com pérolas penduradas.

— Diga ao cardeal — disse ele a Charles Bessières enquanto o requintado objeto era embrulhado em pano, palha e caixas — que as pérolas representam as lágrimas da mãe de Cristo.

Charles Bessières pouco se importava com o que elas representavam, mas, com relutância, reconheceu que o cálice era uma bela peça.

— Se meu irmão aprová-la — disse ele —, você será pago e libertado.

— Podemos voltar para Paris? — perguntou Gaspard, ansioso.

— Vocês podem ir para onde quiserem — mentiu Charles —, mas só quando eu mandar.

Ele deu instruções para que Gaspard e Yvette fossem bem vigiados enquanto ele estivesse ausente, e depois levou o cálice para o irmão, em Paris.

Quando o cálice foi desembalhado e as três peças montadas, o cardeal cerrou as mãos em frente ao peito e ficou só olhando.

Durante um longo tempo, não disse nada, e depois inclinou-se à frente e olhou bem para o vidro antigo.

— Não parece, Charles — perguntou ele —, que o cálice tem um toque de ouro?

— Eu não olhei — foi a resposta grosseira.

com cuidado, o cardeal tirou a tampa e ergueu o antigo cálice de

vidro do berço de ouro e colocou-o sob a luz e viu que Gaspard, num momento de gênio inconsciente, colocara em volta do cálice uma camada quase invisível de ouro, de modo que o vidro comum recebera um celestial brilho dourado.

— Dizem que o verdadeiro Graal — contou ele ao irmão — se transforma em ouro quando o vinho do sangue de Cristo é colocado dentro. Este passaria por ele.

— Então você gostou?

O cardeal tornou a montar o cálice.

— É uma beleza — disse, em tom reverente. — É um milagre. —

Olhou para o cálice. Ele não esperara nem a metade daquilo. Era uma maravilha, tanto que, por um breve instante, o cardeal chegou até a esquecer suas ambições quanto ao trono papal. — Talvez, Charles —

havia um respeito reverencial em sua voz agora —, talvez isto seja o Graal

verdadeiro! Talvez o cálice que comprei seja o objeto verdadeiro. Talvez Deus tenha me guiado até ele!

— Isso quer dizer — disse Charles, impassível diante da beleza do cálice — que posso matar o Gaspard?

— E a mulher dele — disse o cardeal sem tirar o olhar fixo da peça maravilhosa.
— Mate sim, mate. Depois, você vai para o sul.

Para Berat, ao sul de Toulouse.

— Berat? — Charles nunca ouvira falar na aldeia.

O cardeal sorriu.

— O arqueiro inglês apareceu. Eu sabia que ele iria aparecer! O

maldito levou uma pequena força até Castillon d'Arbizon que, segundo me disseram, fica perto de Berat. Ele é um fruto maduro que deve ser colhido, Charles, e por isso estou mandando Guy Vexille para lidar com ele e quero que você fique perto de Guy Vexille.

— Não confia nele?

— É claro que não confio. Ele finge ser leal, mas não é homem que se sinta à vontade servindo a senhor algum. — O cardeal tornou a erguer o cálice, olhou para ele com expressão de reverência e depois tornou a colocá-lo na caixa cheia de raspa de madeira na qual ele lhe fora levado. — E leve isto com você.

— Isso! — Charles pareceu perplexo. — Em nome de Cristo, o que é que vou fazer com isso?

— É uma responsabilidade enorme — disse o cardeal, entregando a caixa o irmão —, mas a lenda insiste em dizer que os cátaros possuíam o Graal e, por isso, em que outro lugar ele deve ser descoberto, a não ser perto do último baluarte dos hereges?

Charles estava confuso.

— Você quer que eu descubra o cálice?

O cardeal foi até um genuflexório e ajoelhou-se nele.

— O Santo Padre não é jovem — disse ele, piedoso. Na realidade, Clemente estava com apenas 56 anos, só oito anos mais velho do que o cardeal, mas mesmo assim Louis Bessières estava dominado pela idéia de que o papa Clemente poderia morrer e um novo sucessor ser nomeado antes que ele tivesse de candidatar-se com o Graal. — Não podemos nos dar ao luxo de perder tempo, e por isso eu preciso do Graal. — Ele fez uma pausa.

— Preciso de um Graal agora! Mas se o Vexille souber que o cálice de Gaspard existe, ele irá tentar tirá-lo de você, de modo que você terá de matá-lo depois que ele cumprir com o dever dele. O

dever dele é descobrir o primo, o arqueiro inglês. Por isso, mate o Vexille, depois faça o arqueiro falar, Charles. Arranque-lhe a pele centímetro a centímetro, e depois jogue sal. Ele vai falar, e depois que

tiver dito tudo que sabe sobre o Graal, mate-o.

— Mas nós temos um Graal — disse Charles, erguendo a caixa.

— Existe um que é o verdadeiro, Charles — retrucou o cardeal, paciente —, e se existe, e se o inglês revelar onde ele está, não vamos precisar do que você está segurando, vamos? Mas se o inglês não souber coisa alguma, você irá anunciar que ele lhe deu o Graal. Você levará o Graal para Paris, cantaremos um *Te Deum* e, daqui a um ano ou dois, você e eu teremos um novo lar em Avignon. E então, no devido tempo, iremos transferir o papado para Paris e o mundo inteiro ficará maravilhado com o que fizemos.

Charles pensou nas ordens que recebera e achou-as desnecessariamente rebuscadas.

— Por que não apresentar o Graal aqui?

— Ninguém irá acreditar em mim se eu o encontrar em Paris —

disse o cardeal, os olhos fixos no crucifixo de marfim pendurado na parede. — Vão presumir que se trata de um produto de minha ambição. Não, ele tem de vir de um lugar longínquo, e os rumores de sua descoberta terão de chegar primeiro do que ele, para que o povo se ajoelhe na rua para recebê-lo.

Isso, Charles entendeu.

— Então, por que não matar logo o Vexille agora?

— Porque ele está empenhado em encontrar o verdadeiro Graal e, se este existir, eu o quero. O povo sabe que seu sobrenome é Vexille e sabe que a família dele já esteve de posse do Graal, de modo que se estiver envolvido na descoberta, isso será ainda mais convincente. E um outro motivo? Ele é bemnascido. Sabe liderar homens, e atrair o inglês para fora da toca exigirá toda a sua força.

Você acha que quarenta e sete cavaleiros e soldados seguirão você?

O cardeal reunira a força de Vexille entre os seus arrendatários, os senhores que mandavam nas terras doadas à Igreja na esperança de que orações fossem eliminar os pecados dos homens que doassem as terras. Aqueles homens custariam caro ao cardeal, porque já fazia um ano que os senhores não pagavam aluguel.

— Você e eu viemos da sarjeta, Charles — disse o cardeal —, e os soldados iriam desprezá-lo.

— Deve haver uma centena de senhores que procurariam o seu Graal — sugeriu Charles.

— Milhares de homens procurariam — concordou o cardeal, falando mansamente — mas assim que conseguissem o Graal, o levariam para o rei deles e aquele bobo iria perdê-lo para os ingleses.

Vexille, apesar de ser de qualquer um, é meu, mas sei o que ele fará quando tiver o Graal. Vai roubá-lo. Por isso, você vai matá-lo antes que ele tenha essa chance.

— É um homem difícil de matar — disse Charles, preocupado.

— É por isso que estou mandando você, Charles. Você e seus soldados degoladores. Não me decepcione.

Naquela noite, Charles fez um novo receptáculo para o falso Graal. Era um tubo de couro, do tipo que os besteiros usavam para levar seus quadrelos, e ele colocou o precioso cálice dentro do tubo, acolchoou o vidro e o ouro com linho e serragem, e depois fechou a tampa do tubo com cera. no dia seguinte, Gaspard

recebeu a liberdade. Uma faca cortoulhe o ventre e depois rasgou para cima, de modo que ele morreu lentamente numa poça de sangue. Yvette gritou tão alto que ficou sem voz, apenas resfolegando, e não ofereceu resistência quando Charles cortou o vestido, deixando-a nua. Dez minutos depois, como sinal de gratidão pelo que ele sentira,

Charles Bessières matou-a com rapidez.

Depois, a torre foi trancada.

E Charles Bessières, a aljava de besteiro em segurança a seu lado, seguiu para o sul à frente de seus homens violentos.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Thomas disse as palavras a meia-voz e benzeu-se. A oração não parecia de todo suficiente e por isso ele sacou a espada, apoiou-a de modo a fazer com que o punho parecesse uma cruz, e pôs-se de joelhos. Repetiu as palavras em latim.

— *In nomine patris, et filii, et spiritus sancti, amen.*

Que Deus me poupe, pensou, e tentou lembrar-se de quando fora a última vez em que se confessara.

Sir Guillaume ficou impressionado com a sua piedade.

— Pensei que você tivesse dito que eram poucos.

— São — confirmou Thomas, levantando-se e embainhando a espada. — Mas não faz mal rezar antes de um combate.

Sir Guillaume fez um sinalda-cruz muito indefinido, depois cuspiu.

— Se forem só uns poucos — disse —, vamos matar os bastardos.

Se, na verdade, os bastardos ainda estivessem chegando. Thomas pensava se os cavaleiros tinham voltado para Astarac. Quem eram, ele não sabia, e se eram inimigos, também não. O certo era que não estavam vindo de Berat, porque ela ficava para o norte e os homens a cavalo estavam vindo do leste, mas estava certo de um detalhe tranquilizador. Ele tinha preoridade numérica. Ele e Sir Guillaume comandavam vinte arqueiros e 42 soldados, e Thomas calculara que

os cavaleiros que se aproximavam somavam menos da metade daqueles totais. Muitos dos novos soldados de Thomas eram soldados

da estrada que tinham se juntado à guarnição de Castillon d'Arbizon pela oportunidade de saquear e sentiam-se satisfeitos com a idéia de uma escaramuça que poderia proporcionar cavalos, armas e armaduras capturados, e até mesmo, talvez, a perspectiva de prisioneiros que rendessem resgate.

— Tem certeza de que não eram *coredors*? — perguntou-lhe Sir Guillaume.

— Não eram *coredors* — respondeu Thomas, confiante. Os homens no alto da crista estavam muito bem armados, muito bem protegidos por armaduras e muito bem montados para serem bandidos. — Eles levavam um estandarte — acrescentou —, mas não deu para ver qual era. Ele estava recolhido.

— Soldados da estrada, talvez? — sugeriu Sir Guillaume.

Thomas abanou a cabeça. Ele não conseguia encontrar uma explicação para o fato de um bando de soldados da estrada estar naquela área isolada ou exibir um estandarte. Os homens que tinha visto pareciam soldados em patrulha e, antes de fazer meia-volta e galopar de volta para a aldeia, vira nitidamente as lanças sendo levadas em cavalos de carga. Soldados da estrada não teriam lanças em suas bestas de carga, mas pacotes de roupas e pertences.

— Creio — sugeriu ele — que Berat mandou homens a Astarac depois que estivemos lá. Talvez pensassem que voltaríamos para uma segunda mordida?

— Neste caso, eles são inimigos?

— Nós temos algum amigo por aqui? — perguntou Thomas. Sir Guillaume sorriu.

— Você calcula vinte?

— Talvez um pouco mais — disse Thomas —, mas não mais do que trinta.

— E se você não viu todos eles?

— Isso nós vamos descobrir, não vamos? — perguntou Thomas.

— Se eles vierem.

— Bestas?

— Não vi nenhuma.

— Pois então vamos esperar que venham para cá — disse Sir Guillaume, com voracidade.

Ele estava tão ansioso quanto outro homem qualquer para ganhar dinheiro. Precisava de dinheiro, e de muito dinheiro, para subornar e lutar e, com isso, recuperar o seu feudo na Normandia.

— Talvez seja o seu primo? — sugeriu ele.

— Meu doce Jesus — disse Thomas —, não tinha pensado nisso.

E, instintivamente, estendeu o braço para trás e tocou no arco de teixo, porque qualquer menção ao primo sugeria maldade. E então sentiu um toque de agitação ao pensar que poderia, mesmo ser Guy Vexille que seguia, sem perceber, para o enfrentamento.

— Se for o Vexille — disse Sir Guillaume, passando o dedo pela horrível cicatriz no rosto —, quem vai matá-lo sou eu.

— Eu o quero vivo — disse Thomas. — Vivo.

— É melhor contar isso ao Robbie — disse Sir Guillaume —, porque ele também jurou que vai matá-lo.

Robbie queria aquilo para vingar seu irmão.

— Talvez não seja ele — disse Thomas, mas queria, sim, que fosse o seu primo, e queria especialmente naquele momento, porque a luta iminente prometia ser uma surra completa. Os cavaleiros só poderiam aproximar-se da aldeia pelo vau, a menos que decidissem seguir rio acima ou abaixo, para descobrir um outro local de travessia, e um

aldeão, ameaçado com uma espada mantida perto dos olhos de sua filhinha, diria que não havia outra ponte ou vau num raio de quase nove quilômetros. Assim, eles teriam de seguir direto do vau para a rua da aldeia e, nas pastagens entre os dois, deveriam morrer.

Quinze soldados iriam proteger a rua da aldeia. Por enquanto, aqueles homens estavam escondidos no pátio de um chalé grande, mas quando o inimigo viesse do vau, iriam aparecer para fechar a estrada, e Sir Guillaume requisitara uma carroça agrícola que seria empurrada para ficar atravessada na rua, para servir de barricada contra os cavaleiros. Na verdade, Thomas não esperava que os quinze homens fossem precisar lutar, porque atrás das cercas dos pomares em ambos os lados da estrada ele posicionara seus arqueiros. Seriam os arqueiros que fariam a matança inicial, e eles davam-se ao luxo de preparar as flechas, que enfiavam de ponta para baixo nas raízes das cercas vivas. Mais perto deles estavam as pontas grossas, flechas que tinham uma lâmina cuneiforme na ponta, e cada lâmina continha espigas profundas, de modo que uma vez introduzida na carne, ela não podia ser retirada. Os arqueiros afiavam as pontas grossas nas pedras de amolar que eles levavam nas bolsas para fazerem com que ficassem afiadas como uma navalha.

— Vocês esperem — disselhes Thomas —, esperem até eles alcançarem o marcador do campo.

Havia uma pedra pintada de branco ao lado da estrada, que indicava onde terminava o pasto de um homem e começava o do outro, e quando os primeiros cavaleiros chegassem à pedra, seus corcéis seriam atingidos pelas flechas de ponta grossa, que eram projetadas para rasgar fundo, ferir terrivelmente, deixar os cavalos loucos de dor. Aí, alguns corcéis iriam cair, mas outros iriam

sobreviver e desviar-se dos animais moribundos para continuar a carga, de modo que quando o inimigo estivesse perto, os arqueiros passariam a usar as flechas furadoras.

As furadoras eram feitas para atravessar armaduras, e as melhores tinham a haste feita de dois tipos de madeira. A parte principal, com cerca de quiquize centímetros de freixo ou choupo, era substituída por um carvalho pesado encaixado no lugar com cola de casco, e o carvalho levava na ponta uma cabeça de aço com o comprimento do dedo médio de um homem, era fino como o dedo mindinho de uma mulher, e afiada para terminar numa ponta. A cabeça

semelhante a uma agulha, apoiada pela haste de carvalho mais pesado, não tinha rebarbas: era apenas um pedaço de aço liso que furava cota de malha e até penetrava numa armadura se a atingisse de ponta. As de ponta grossa serviam para matar cavalos; as furadoras, para matar homens, e se os cavaleiros levassem um minuto para irem do marcador do campo até a borda da aldeia, os vinte arqueiros de Thomas poderiam disparar pelo menos trezentas flechas e ainda ficar com o dobro disso de reserva.

Thomas já fizera isso muitas vezes. Na Bretanha, onde aprendera seu ofício, ele ficara atrás de sebes e ajudara a destruir dezenas de inimigos. Os franceses tinham aprendido, a duras penas, e passaram a mandar besteiros na frente, mas as flechas os matavam enquanto recarregavam suas armas desajeitadas. Os cavaleiros, então, não tinham opção senão atacar ou recuar. Fosse como fosse, o arqueiro inglês era o rei do campo de batalha, porque nenhuma outra nação aprendera a usar o arco de teixo.

Os arqueiros, como os homens de Sir Guillaume, estavam escondidos, mas Robbie comandava os demais soldados, que serviam

de isca. A maioria parecia espalhar-se no montículo que ficava logo ao norte da rua da aldeia. Um ou dois cavavam, os demais simplesmente ficavam sentados, como se estivessem descansando.

Dois outros alimentavam a fogueira da aldeia, fazendo com que a fumaça servisse como um aceno para que o inimigo avançasse.

Thomas e Genevieve caminharam até o montículo e, enquanto Genevieve esperava no sopé, Thomas subiu para olhar para o grande buraco que Sir Guillaume tinha feito.

— Vazio?

— Muitos seixos — disse Robbie —, mas nenhum deles é ouro.

— Você sabe o que fazer? Robbie sacudiu a cabeça, satisfeito.

— Esperar até o caos se instalar no meio deles — respondeu — e então atacar.

— Não vá antes da hora, Robbie.

— Não iremos antes da hora — respondeu um inglês chamado John Faircloth. Ele era soldado, muito mais velho e mais experiente do que Robbie, e embora o berço de Robbie lhe desse o direito de comandar a pequena fora, ele sabia muito bem que devia seguir o conselho do homem mais velho.

— Nós não vamos decepcioná-lo — disse o escocês, animado.

Os cavalos de seus homens estavam amarrados logo atrás do montículo. Assim que o inimigo surgisse, eles desceriam correndo a pequena encosta, e montariam nos cavalos, e quando o inimigo estivesse espalhado e dividido pelas flechas, Robbie chefiaria uma carga que contornaria a retaguarda deles e, com isso, os deixaria sem saída.

— Pode ser que seja o meu primo — disse Thomas. — Não sei se é

— acrescentou —, mas pode ser.

— Ele e eu temos uma desavença — replicou Robbie, lembrando-se do irmão.

— Eu quero ele vivo, Robbie. Ele tem respostas.

— Mas depois que você tiver suas respostas — disse Robbie —, eu quero a garganta dele.

— Mas primeiro as respostas — insistiu Thomas e depois voltou-se quando Genevieve o chamou do sopé do montículo.

— Vi alguma coisa — disse ela — no bosque de castanheiros.

— Não olhem! — gritou Thomas para os homens de Robbie que ouviram o que ela disse, e depois, fazendo uma grande representação de esticar os braços e dar a impressão de que estava entediado, voltou-se lentamente e olhou para o outro lado do rio. Por instantes, não conseguiu ver coisa alguma, exceto dois camponeses que atravessavam o vau carregando feixes de estacas e pensou, por um segundo, que Genevieve devia ter-se referido àqueles homens, e então olhou para a outra margem do rio e viu três cavaleiros meio escondidos por um bosque. Talvez os três pensassem que estavam bem escondidos, mas na Bretanha Thomas aprendera a localizar o perigo em bosques espessos.

— Eles estão dando uma olhada na gente — disse a Robbie. —

Agora não falta muito, não é? — Ele encordoou o arco.

Robbie olhou fixo para os cavaleiros.

— Um deles é padre — disse ele, em tom de dúvida.

Thomas olhou.

— É só uma capa preta — concluiu. Os três homens tinham dado meia-volta e estavam se afastando. Pouco depois, não eram mais vistos no bosque mais espesso.

— Suponha que seja o conde de Berat — disse Robbie.

— E se for? — Thomas parecia desapontado. Ele queria que o inimigo fosse o seu primo.

— Se o capturarmos, vai haver um resgate que é uma raridade — disse Robbie.

— É verdade.

— Neste caso, você se importa se eu ficar até que o resgate seja pago? Thomas ficou desconcertado com a pergunta. Acostumara-se com idéia de que Robbie iria embora e, com isso, livraria seus homens do rancor provocado pelo ciúme dele.

— Você ficaria conosco?

— Para receber a minha parte do resgate — disse Robbie, sofrendo o cavalo. — Há alguma coisa errada nisso?

— Não, não. — Thomas apressou-se a tranquilizar o amigo. —

Você vai receber a sua parte, Robbie.

Ele achou que talvez pudesse pagar a parte de Robbie com o dinheiro que possuía e, com isso, mandar o escocês seguir seu caminho penitencial, mas aquele não era o momento para fazer a sugestão.

— Não ataque cedo demais — tornou ele a avisar Robbie — e que Deus o acompanhe.

— Já é hora de termos uma boa batalha — disse Robbie, de ânimo recuperado.
— Não deixe os seus arqueiros matarem os ricos.

Deixe alguns para nós.

Thomas sorriu e desceu de novo o montículo. Encordoou o arco de Genevieve, e depois caminhou com ela até onde Sir Guillaume e seus homens estavam escondidos.

— Agora não falta muito, rapazes — bradou ele, subindo na carroça agrícola para olhar por cima do muro do pátio. Seus arqueiros

estavam escondidos na sebe do pomar de pereiras embaixo dele, os arcos encordados e as primeiras flechas de ponta grossa apoiadas nas cordas.

Juntou-se a eles e ficou esperando. E esperou. O tempo foi passando, reduziu o ritmo, rastejou e acabou parando. Thomas esperou tanto que começou a duvidar que algum inimigo viesse, ou pior, temia que os cavaleiros tivessem farejado a emboscada que ele armara e estivessem atravessando o rio muito acima ou muito abaixo, para emboscá-lo. A outra Preocupação era que a cidade de Masseube, que não ficava tão longe assim, pudesse enviar homens para verificar por que os aldeões tinham acendido a Pira de aviso.

Sir Guillaume compartilhava sua angústia.

— Que diabos, onde estão eles? — perguntou quando Thomas voltou para o pátio para subir na carroça de modo que pudesse ver o outro lado do rio.

— Só Deus sabe.

Thomas olhou para as longínquas castanheiras e nada viu que o deixasse alarmado. As folhas acabavam de dar início à mudança de cor. Dois porcos focinhavam a terra por entre os troncos.

Sir Guillaume vestia uma manta comprida de malha de corpo inteiro, com a cota de malha cobrindo-o dos ombros aos tornozelos.

Ele tinha um peitoral arranhado que era preso no lugar com corda, um braçal que ele amarrara no antebraço direito, e um morrião simples à guisa de elmo. O morrião tinha uma aba larga em forma de cone, para rebater golpes de espada que fossem dados de cima para baixo, mas era uma peça de armadura barata, sem nada da resistência dos melhores elmos. A maioria dos homens de Thomas estava igualmente protegida com pedaços e partes de armaduras que tinham

apanhado ao revirar velhos campos de batalha. Nenhum tinha uma armadura completa, e todos os casacos de cota de malha eram remendados, alguns com couro fervido. Alguns levavam escudos. O

de Sir Guillaume era feito de tábuas de salgueiro cobertas de couro, no qual o seu brasão, os três falcões amarelos em campo azul, desbotara a ponto de ficarem quase invisível. Só um outro soldado tinha um emblema no escudo, em seu caso um machado preto sobre um campo branco, mas ele não fazia idéia de quem era. Ele tirara o escudo de um inimigo morto numa escaramuça perto de Aiguillon, que era uma das principais guarnições inglesas na Gasconha.

— Tem que ser um escudo inglês — imaginava o homem.

Ele era um mercenário borgonhês que lutara contra os ingleses, sendo dispensado com a trégua depois da queda de Calais e agora sentia-se muitíssimo aliviado com o fato de os arcos de teixo estarem do seu lado.

— Você conhece o emblema? — perguntou ele.

— Nunca o vi antes — disse Thomas. — Como foi que conseguiu o escudo?

— Espada na espinha do homem. Por baixo da couraça das costas, as alças tinham sido cortadas e a placa adejava como uma asa quebrada. Cristo, como ele gritou!

Sir Guillaume sufocou um riso. Tirou uma metade de pão preto de debaixo do peitoral e arrancou um pedaço e depois praguejou ao mordê-lo. Cuspiu uma lasca de granito que devia ter-se soltado da pedra quando o grão fora moído, apalpou o dente quebrado e tornou a praguejar. Thomas ergueu o olhar e viu que o sol estava baixo.

— Vamos chegar tarde em casa — resmungou ele. — Vai estar escuro.

— Encontre o rio e siga-o — disse Sir Guillaume e depois encolheu-se com a dor no dente. — Jesus — disse ele —, detesto dentes.

— Trevo — disse o borgonhês. — Coloque trevos na boca. Eles vão acabar com a dor.

Naquele momento, os dois porcos que estavam entre os distantes castanheiros levantaram a cabeça, ficaram parados por um instante e correram para o sul com uma pressa desajeitada. Alguma coisa os assustara e Thomas ergueu a mão num sinal de aviso, como se as vozes dos companheiros pudessem perturbar qualquer cavaleiro que se aproximasse, e justo naquele momento ele viu um brilho de luz do sol refletida, vindo das árvores do outro lado do rio, e percebeu que aquilo devia vir de uma peça de armadura. Ele saltou para o chão.

— Vem gente aí — disse e correu para unir-se aos outros arqueiros atrás da sebe. — Acordem — avisou —, os carneirinhos estão vindo para o abate.

Assumiu seu lugar atrás da sebe e Genevieve ficou ao seu lado, uma flecha encaixada na corda de seu arco. Thomas duvidava que ela fosse atingir alguém, mas sorriu para ela.

— Fique escondida até eles atingirem o marcador do campo —
disse e depois deu uma olhadela por cima da sebe.

E lá estavam os inimigos. E assim que apareceram, Thomas viu que Seu primo não estava lá, porque a bandeira, desfraldada agora enquanto o Seu Portador saía das árvores trotando, exibia a insígnia do leopardo laranja e branco de Berat, em vez do *yale* de Vexille.

— Mantenham a cabeça baixa! — avisou Thomas a seus homens enquanto tentava contar os inimigos.

Vinte? Vinte e cinco? Não eram muitos, e só os primeiros doze

levavam lanças. Os escudos dos homens, cada qual com o leopardo laranja em seu campo branco, confirmando o que a bandeira dizia, que aqueles eram os cavaleiros do conde de Berat, mas um homem, montado num enorme cavalo preto equipado com armadura, levava um escudo amarelo com um punho vermelho coberto de malha, uma insígnia desconhecida para Thomas. E aquele

homem também estava todo vestido de armadura e tinha uma pluma vermelha e amarela oscilando bem alto em cima do elmo. Thomas contou 31 cavaleiros.

Aquilo não ia ser uma luta, seria um massacre.

E de repente, por estranho que fosse, tudo lhe pareceu irreal. Ele esperava sentir agitação e um pouco de medo, mas em vez disso via os cavaleiros como se nada tivessem a ver com ele. Observou que a carga deles era desconexa. Quando saíram da floresta, estavam cavalgando agrupados, como deviam fazer os homens, mas se espalharam logo depois. As lanças eram mantidas em pé e só baixariam para a posição de matar quando os cavaleiros estivessem perto do inimigo. Uma das lanças tinha na ponta uma flâmula preta, esfarrapada. Os caparazões dos cavalos adejavam. O som era de patas e do entrecchoque de armaduras quando peças de aço batiam umas nas outras. Grandes torrões de terra eram lançados ao ar atrás das patas; a viseira de um dos homens subia e descia, subia e descia, enquanto seu cavalo subia e descia. Então, a investida estreitou-se quando todos tentaram atravessar o vau no seu ponto mais estreito e os primeiros repuxos de água ergueram-se à altura das selas.

Eles saíram do vau. Os homens de Robbie tinham desaparecido e os cavalarianos, pensando que agora se tratava de uma perseguição a um inimigo em pânico, cutucaram os corcéis com as esporas e os grandes cavalos avançaram pela estrada com um barulho surdo,

formando uma fila, e por fim os primeiros chegaram ao marcador de área e Thomas ouviu um barulho de rodas quando a carroça foi empurrada para bloquear a estrada.

Ele ficou de pé e, instintivamente, apanhou uma flecha furadora em vez de uma de ponta grossa. O homem com o escudo amarelo e vermelho montava um cavalo que tinha uma grande saia protetora de malha costurada sobre couro, e Thomas sabia que uma furadora jamais penetraria nela. Então puxou o braço para trás, a corda foi além da orelha e a primeira flecha voou. Ela oscilou enquanto deixava o arco, depois o ar pegou as penas de ganso e a flecha seguiu baixo e veloz para enterrar-se no peito do cavalo preto. Thomas estava com uma segunda furadora na corda, puxou, soltou, e uma terceira, puxou e soltou, e viu as outras flechas voando e ficou perplexo, como nunca, por parecer que as primeiras flechas causaram muito pouco dano. Nenhum cavalo caíra, nenhum sequer reduzira a velocidade, mas havia hastes com penas espetadas em

caparazões e armaduras, e ele tornou a puxar, soltou, sentiu a corda raspar a braçadeira em seu antebraço esquerdo, apanhou depressa outra flecha, e então viu os primeiros cavalos caindo. Ouviu o barulho de metal e carne batendo no chão e disparou outra furadora contra o grande cavalo preto. Aquela atravessou a malha e o couro para enterrar-se fundo, e o cavalo começou a babar sangue e agitar a cabeça. Thomas mandou a flecha seguinte contra o cavaleiro e viu-a bater no escudo para atirar o homem para trás, contra a patilha alta.

Dois cavalos estavam morrendo, seus corpos obrigando os outros cavaleiros a desviar-se, e ainda assim as flechas chegavam. Uma lança caiu, deslizando pelo chão. Um homem morto, com três flechas no peito, montava um cavalo amedrontado que atravessou a linha da

carga, causando ainda mais confusão. Thomas tornou a disparar, usando agora uma flecha de ponta grossa para derrubar um cavalo que estava na retaguarda do grupo. Uma das flechas de Genevieve voou alto. Ela sorria, os olhos arregalados. Sam praguejou quando a corda de seu arco se rompeu e recuou para apanhar uma outra e colocá-la no arco. O grande cavalo preto reduziu a velocidade para um passo lento e Thomas enfiou outra flecha furadora no flanco dele, enterrando-a bem na frente do joelho esquerdo do cavaleiro.

— Cavalos! — gritou Sir Guillaume para seus homens e Thomas Percebeu que o normando calculara que o inimigo jamais chegaria à sua barreira e, por isso, decidira atacá-lo. Onde estava Robbie? Alguns dos inimigos estavam dando meia-volta, voltando para o rio. Thomas disparou quatro rápidas pontas grossas contra aqueles medrosos, e depois atirou uma furadora contra o cavaleiro do cavalo preto. A flecha resvalou no peitoral do homem, e então o animal tropeçou e caiu de joelhos. O escudeiro que levava a bandeira de Berat foi ajudar o cavaleiro, e Thomas mandou uma furadora no pescoço dele, e depois mais duas flechas atingiram o homem, que se curvou para trás por cima da patilha da sela e ali ficou, morto com três flechas projetando-se para o céu e a bandeira caída.

Os homens de Sir Guillaume estavam montando em suas selas, sacando espadas, tomando seus lugares joelho contra joelho, e só então a força de Robbie chegou do norte. A carga fora bem programada, atingindo o inimigo em seu estado mais caótico, e Robbie tivera o senso de atacar perto do rio, cortando, assim, a retirada.

— Arriem os arcos! — gritou Thomas. — Arriem os arcos!

Ele não queria que suas flechas batessem nos homens de Robbie.

Largou seu arco ao lado da sebe e sacou a espada. Estava na hora de dominar o inimigo com pura selvageria.

Os homens de Robbie chocaram-se com os cavaleiros de Berat com uma força terrível. Eles cavalgavam como deviam, joelho com joelho, e o choque dos soldados derrubou três cavalos inimigos.

Espadas desciam com violência, e então cada um dos homens de Robbie escolheu um adversário. Robbie, dando o seu grito de guerra, esporeou o cavalo em direção a Joscelyn.

— Douglas! Douglas! — Robbie gritava, e Joscelyn tentava manter-se na sela de um cavalo moribundo, caído sobre os quatro joelhos, e ouviu o grito atrás dele e brandiu a espada alucinadamente para trás, mas Robbie aparou o golpe com o escudo e continuou a avançar, de modo que o escudo, com o seu emblema do coração vermelho de Douglas, atingiu com muita força o elmo de Joscelyn.

Este não prendera o elmo, sabendo que num torneio muitas vezes valia a pena tirar o grande pote de aço ao fim de um combate para ver melhor um adversário quase derrotado, de modo que naquele momento o elmo girou sobre seus ombros, as frestas em forma de cruz desapareceram e ele ficou na escuridão. Agitou a espada no ar vazio, sentiu o equilíbrio ir embora e então o seu mundo se transformou num enorme e ressonante golpe de aço contra aço e ele não conseguia ver, não conseguia ouvir, enquanto Robbie tornou a golpear o elmo com a espada.

Os soldados de Berat estavam se entregando, jogando as espadas no chão e oferecendo as manoplas aos adversários. Agora os arqueiros estavam entre eles, puxando homens de suas selas, e então os cavaleiros de Sir Guillaume passaram com um barulho que parecia um trovão, para perseguir os poucos inimigos que tentavam fugir da

encrenca atravessando o vau a galope. Sir Guillaume golpeou com a espada para trás quando ultrapassou um retardatário, e o golpe tirou o elmo por inteiro da cabeça dele. O homem que vinha atrás de Sir Guillaume golpeou com a espada para a frente e houve um jato de sangue borrifado e a cabeça do morto saiu quicando para o rio, enquanto o corpo sem cabeça continuava cavalgando.

— Eu me rendo! Eu me rendo! — gritava Joscelyn, dominado pelo terror. — Podem pagar resgate por mim! — Aquelas eram as palavras que salvavam a vida de homens ricos nos campos de batalha, e ele tornou a berrá-las com mais ênfase. — Podem pagar resgate por mim!

A perna direita estava presa sob o cavalo dele, ele ainda estava cego pelo elmo deslocado e tudo o que conseguia ouvir era o barulho surdo de patas, os gritos e berros de homens feridos sendo mortos por arqueiros. E de repente ele ficou ofuscado pela luz quando o elmo amassado foi retirado e um homem ficou de pé ao lado dele, com uma espada na mão.

— Eu me rendo — apressou-se a dizer Joscelyn, e então lembrou-se de sua categoria. — Você é um nobre?

— Eu sou um Douglas, da casa de Douglas — disse o homem em Péssimo francês —, e tão bemnascido quanto qualquer outro na Escócia.

— Neste caso, eu me rendo a você — disse Joscelyn desesperançado, e podia ter chorado, porque todos os seus sonhos tinham sido eliminados numa única e breve passagem de flechas, terror e carnificina.

— Quem é você? — perguntou Robbie.

— Sou o lorde de Béziers — respondeu Joscelyn —, e herdeiro de Berat.

E Robbie gritou de alegria. Porque tinha ficado rico.

o Conde de Berat se perguntava se devia ter ordenado que três ou quatro soldados permanecessem com ele. Não por achar que precisasse de proteção, mas sim porque era um direito seu ter uma comitiva, e a partida de Joscelyn, do padre Roubert e todos os cavaleiros lhe deixara apenas o seu escudeiro, um outro criado e os servos que escarafunchavam a terra para desencavar a misteriosa parede que, segundo o conde, parecia esconder uma caverna embaixo do local em que outrora existira o altar da capela.

Ele espirrou outra vez e sentiu-se um pouco zozzo, por isso sentou-se num bloco de pedra que tombara.

— Chegue para perto da fogueira, excelência — sugeriu o escudeiro. Ele era filho de um locatário da parte norte do condado e um rapaz de dezessete anos, apático, sem imaginação, que não mostrara vontade alguma para cavalgar com Joscelyn para a glória.

— Fogueira?

O conde piscou ao olhar para o rapaz, que se chamava Michel.

— Nós fizemos uma fogueira, excelência — disse Michel, apontando para a outra extremidade da cripta, onde uma pequena fogueira tinha sido feita com as tampas lascadas dos caixões.

— Fogueira — disse o conde, por algum motivo achando difícil raciocinar direito. Ele espirrou e depois ficou ofegante, tentando recuperar o fôlego.

— O dia está frio, excelência — explicou o rapaz —, e o fogo vai fazer vossa excelência se sentir melhor.

— Uma fogueira — disse o conde, confuso, e então encontrou uma inesperada reserva de energia. — É claro! Uma fogueira! Muito bem, Michel. Faça uma tocha e traga-a aqui.

Michel foi até a fogueira e encontrou um pedaço comprido de olmo que queimava em uma das extremidades e, desajeitadamente, tirou-o das chamas. Levou-o para a parede onde o conde, exaltado, empurrava os servos para os lados, abrindo caminho. Bem no topo da parede, que era feita de pedras polidas, havia um pequeno buraco, não maior do que um pardal precisaria, e o buraco, pelo qual o conde olhara agitado mas sem resultado, parecia dar para uma caverna do outro lado. O conde voltou-se quando Michel levou a tocha.

— Me dá ela aqui, me dá ela aqui — disse ele com impaciência, e agarrou de supetão a madeira em chamas e agitou-a de um lado para o outro para fazer com que a chama se avivasse. Quando o olmo já estava queimando bastante, ele o enfiou no buraco e ficou encantado com o fato de o pedaço de pau penetrar na parede até sair do outro lado, confirmando que havia um espaço lá atrás; ele empurrou a madeira até ela cair, e então colocou o olho direito na altura do buraco e olhou.

As chamas já estavam enfraquecendo no ar viciado da caverna, mas projetaram

luz suficiente para revelar o que havia do outro lado da parede. O conde arregalou os olhos e engoliu em seco.

— Michel! — disse ele. — Michel! Eu estou vendo...

Naquele exato momento, a luz se extinguiu.

E o conde desmaiou.

Ele escorregou pela rampa de terra, o rosto lívido e a boca aberta,

e por um instante Michel pensou que seu patrão tivesse morrido, então o conde soltou um suspiro. Mas continuou inconsciente. Os servos olhavam perplexos para o escudeiro, que olhava para o conde com os olhos arregalados. Michel reuniu o pouco de presença de espírito que possuía e mandou que os homens levassem o conde para fora da cripta. Foi difícil, porque tiveram de deslocar o peso dele escada acima. Mas, uma vez feito isso, trouxeram um carrinho de mão da aldeia e empurraram o conde para o norte, para o mosteiro de São Sever. A viagem levou quase uma hora, e o conde gemeu uma ou duas vezes e parecia tremer, mas ainda estava vivo quando Os Monges o levaram para a enfermaria, onde o colocaram num pequeno quarto caiado equipado com uma lareira na qual o fogo fora aceso.

O irmão Ramón, um espanhol que era o médico do mosteiro, levou um relato para o abade.

— O conde tem febre — disse — e um excesso de bile.

— Ele vai morrer? — perguntou Planchard.

— Só se for a vontade de Deus — respondeu irmão Ramón, que era o que sempre dizia quando lhe faziam aquela pergunta. — Vamos aplicar sanguessugas nele e depois tentar fazê-lo suar para eliminar a febre.

— E vai rezar por ele — lembrou Planchard a Ramón. Depois foi falar novamente com Michel e soube que os soldados do conde tinham ido atacar os ingleses no vale do rio Gers. — Você vai ao encontro deles quando voltarem — ordenou a Michel. — E diga-lhes que o senhor deles está doente. Lembre a lorde Joscelyn que deve ser enviada uma mensagem a Berat.

— Sim, excelência. — Michel parecia preocupado com aquela responsabilidade.

— O que o conde estava fazendo quando desmaiou? —

perguntou Planchard, e assim ficou sabendo sobre a estranha parede embaixo da capela do castelo.

— Será que eu deveria voltar — sugeriu Michel, nervoso —, e descobrir o que existe atrás da parede?

— Deixe isso comigo, Michel — disse Planchard, ríspido. — Seu único dever é para com o seu senhor e o sobrinho dele. Vá procurar lorde Joscelyn.

Michel saiu a cavalo para interceptar a volta de Joscelyn.

Planchard foi procurar os servos que tinham levado o conde ao mosteiro. Eles estavam esperando ao lado da porta, na expectativa de alguma recompensa, e caíram de joelhos com a aproximação de Planchard. O abade falou primeiro com o mais velho deles.

— Veric, como vai sua mulher?

— Ela está sofrendo, senhor, está sofrendo.

— Diga a ela que está nas minhas orações — disse Planchard, com sinceridade. — Escutem aqui, todos vocês, e prestem bem atenção. — Esperou até que todos estivessem olhando para ele. — O

que vocês vão fazer agora — disse, com rispidez — é voltar para o castelo e cobrir a parede, ponham a terra de volta. Vede a parede!

Não cavem mais. Veric, você sabe o que é uma *encantada*?

— Claro, senhor — disse Veric, benzendo-se. O abade inclinou-se bem perto do servo.

— Se vocês não cobrirem a parede, Veric, uma praga de *encantadas* vai sair das entranhas do castelo e elas levarão seus filhos, todos os seus filhos — ele correu

os olhos pela fila de homens ajoelhados. — Elas vão se erguer da terra, agarrar seus filhos e levá-los

dançando para o inferno. Por isso, cubram a parede. E quando o serviço tiver acabado, voltem a me procurar e irei recompensá-los.

A caixa de esmolas do mosteiro continha algumas moedas e Planchard iria dá-las aos servos.

— Confio em você, Veric! — disse ele, para encerrar. — Não cavem mais, limitem-se a cobrir a parede.

Os servos apressaram-se a obedecer. Planchard os viu se afastando e disse uma curta oração pedindo a Deus que o desculpassem por dizer uma inverdade. Planchard não acreditava que demônios encantados morassem embaixo da antiga capela de Astarac, mas sabia, sim, que fosse o que fosse que o conde descobrira devia ficar escondido, a ameaça das *encantadas* seria suficiente para ter a certeza de que o trabalho seria feito como devia.

Então, com aquela pequena crise resolvida, Planchard voltou para o seu quarto. Quando o conde chegou ao mosteiro e provocou uma repentina agitação, o abade estava lendo uma carta trazida por um mensageiro apenas uma hora antes. A carta fora enviada por uma casa cisterciense Ra Lombardia, e agora Planchard tornou a lê-la e ficou pensando se devia falar com os irmãos sobre o terrível conteúdo. Decidiu que não devia, e depois pôs-se de joelhos para rezar.

Ele achava que vivia em um mundo cruel.

E o açoite de Deus viera para trazer o castigo. Era essa a mensagem da carta e Planchard pouco podia fazer, a não ser rezar.

— *Fiat voluntas tua* — repetia ele várias vezes. "Seja feita a tua vontade." E o que era terrível, refletiu Planchard, era que a vontade de Deus estava sendo feita.

a primeira coisa a fazer era recuperar quantas flechas fosse possível.

Flechas eram tão escassas na Gasconha quanto dentes numa galinha.

Na Inglaterra, ou no território da Inglaterra na França, sempre havia flechas de reserva. Elas eram feitas nos condados, reunidas em feixes de 24 unidades, e

enviadas para onde quer que arqueiros estivessem lutando, mas ali, longe de qualquer outra guarnição inglesa, os homens de Thomas precisavam recolher seus mísseis, e por isso iam de cadáver a cadáver apanhando as preciosas flechas. A maioria das de ponta grossa estava muito enfiada em carne de cavalo, e portanto perdida, mas as hastes das flechas saíam inteiras, e todos os arqueiros levavam pontas sobressalentes em suas bolsas. Alguns homens faziam incisões nos corpos para recuperar as de ponta grossa. Outras flechas tinham errado o alvo e jaziam sobre a turfa, e os arqueiros riam por causa delas.

— Uma das suas pontas está aqui, Sam! — gritou Jake. — Errou por mais de um quilômetro!

— Essa não é minha. Deve ser do Genny.

— Tom! — Jake tinha visto os dois porcos do outro lado do rio.

— Posso ir jantar?

— Primeiro as flechas, Jake — disse Thomas —, o jantar vem depois. Ele se curvou para um cavalo morto e fez uma incisão na carne na tentativa de recuperar uma ponta grossa. Sir Guillaume

escarafunchava peças de armaduras, desfivelando grevas, ombreiras e perneiras de homens mortos. Um outro soldado tirou um casaco de malha de um cadáver. Arqueiros levavam o máximo de espadas que podiam carregar. Dez cavalos inimigos estavam ilesos ou feridos tão de leve, que valia a pena ficar com eles. Os outros estavam agonizantes ou sofrendo tanto, que Sam os despachou com um golpe de machado de batalha na testa.

Foi uma vitória tão completa quanto Thomas poderia desejar e, ainda melhor, Robbie capturara o homem que Thomas considerava o líder

Era um homem alto, com um rosto redondo e expressão carrancuda, que brilhava de tanto suar.

— Ele é o herdeiro de Berat — bradou Robbie enquanto Thomas aproximava —, e o tio dele não estava aqui.

Joscelyn olhou para Thomas e, vendo as mãos dele sujas de sangue e o arco e a aljava, classificou-o como um homem sem valor e, por isso, preferiu dirigir-se a

Sir Guillaume.

— Você manda aqui? — perguntou ele.

Sir Guillaume fez um gesto na direção de Thomas.

— Quem manda aqui é ele.

Joscelyn parecia não saber o que dizer. Ficou olhando, perplexo, enquanto seus soldados feridos eram saqueados. Pelo menos seus dois homens, Villesisle e o companheiro, estavam vivos. Nenhum dos dois conseguira lutar com a costureira ferocidade, porque as flechas tinham matado seus cavalos. Um dos homens do tio de Joscelyn perdera a mão direita, um outro estava morrendo por causa de uma flecha na barriga. Joscelyn tentou contar os mortos e os vivos e concluiu que apenas seis ou sete de seus homens tinham conseguido

escapar atravessando o vau.

A beguina saqueava com os demais. Joscelyn cuspiu quando percebeu quem era ela e depois fez o sinalda-cruz, mas continuou de olhos arregalados para Genevieve, vestida em sua cota de malha de prata. Achou que era a criatura mais bonita que já vira.

— Ela está comprometida — disse secamente Sir Guillaume, vendo para onde Joscelyn olhava.

— Quanto você vale? — perguntou Thomas a Joscelyn.

— Meu tio vai pagar muito — respondeu Joscelyn, tenso, ainda na dúvida de que Thomas fosse realmente o comandante inimigo.

Duvidava ainda mais que o tio fosse pagar um resgate, mas não queria dar essa impressão aos seus captores, nem dizer a eles que sua excelência de Béziers teria sorte se conseguisse reunir mais do que um punhado de *écus*. Béziers era uma miserável coleção de cabanas na Picardia e teria sorte se pagasse o resgate com um bode capturado. Ele tornou a olhar para Genevieve, impressionando-se com as longas pernas e os cabelos brilhantes.

— Vocês tiveram a ajuda do diabo para nos derrotar —

comentou, com amargor.

— Na batalha — disse Thomas — é bom ter amigos poderosos.

Ele voltou-se para onde a área estava uma coisa horrível devido aos corpos. — Depressa! — bradou ele para seus homens. —

Queremos chegar em casa antes da meia-noite!

Os homens estavam de ótimo humor. Todos iriam ter uma parte do resgate de Joscelyn, mesmo apesar de Robbie ficar com a maior parte, e alguns dos prisioneiros de classe mais inferior renderiam algumas moedas. Além disso, eles tinham apanhado elmos, armas, escudos, espadas e cavalos, e só dois soldados tinham recebido, no

máximo, arranhões. Fora um bom serviço para uma tarde, e eles riam enquanto recuperavam seus cavalos, carregavam os animais capturados com o produto do saque e se preparavam para partir.

E naquele exato momento, um homem montado, sozinho, atravessou o vau.

Sir Guillaume foi o primeiro a vê-lo e chamou Thomas, que se voltou e viu que era um padre que se aproximava. O homem usava batinas brancas e pretas, indicando que era um dominicano.

— Não atirem! — bradou Thomas para seus homens. — Abaixem os arcos! Abaixem!

Ele caminhou em direção ao padre, que montava uma pequena égua. Genevieve já estava montada em seu cavalo, mas agora pulou para o chão e correu para alcançar Thomas.

— O nome dele é padre Roubert — disse Genevieve, baixinho. O

rosto dela estava lívido, e o tom de voz denunciava amargor.

— O homem que torturou você? — perguntou Thomas.

— O bastardo — confirmou, e Thomas desconfiou que ela se esforçava para conter as lágrimas; ele sabia o que ela estava sentindo, porque sentira a mesma

humilhação nas mãos de um torturador. Ele se lembrou de ter implorado ao torturador e da vergonha de ser tão humilhado diante de uma outra pessoa. Lembrou-se da gratidão quando o sofrimento acabou.

O padre Roubert deteve sua montaria a cerca de vinte passos de Thomas e olhou para os mortos espalhados.

— Eles foram absolvidos? — perguntou.

— Não — respondeu Thomas —, mas se o senhor quiser absolvêlos, padre, absolva. E depois volte para Berat e diga ao conde que estamos com o sobrinho dele e vamos negociar um resgate.

Ele não tinha nada mais a dizer ao dominicano, e por isso segurou o cotovelo de Genevieve e fez meia-volta.

— Você é Thomas de Hookton? — perguntou o padre Roubert.

Thomas se voltou.

— Por que quer saber?

— Você trapaceou e privou o inferno de uma alma — disse o padre. — E se não a entregar, exigirei a sua também.

Genevieve tirou o arco do ombro.

— Você vai chegar ao inferno antes de mim — bradou ela para Roubert.

O frade não lhe deu importância, preferindo dirigir-se a Thomas.

— Ela é uma criatura do diabo, inglês, e enfeitiçou você. — A égua se contraiu e ele bateu no pescoço dela, irritado. — A Igreja tomou a decisão e você tem que aceitar.

— Já tomei a minha decisão — disse Thomas.

O padre Roubert levantou a voz para que os homens que estavam atrás de Thomas pudessem ouvi-lo.

— Ela é uma beguina! — bradou ele. — É uma herege! Ela foi excomungada,

expulsa dos santos recintos de Deus, e como tal é uma alma condenada! Não pode haver salvação para ela e nenhuma para quem quer que a ajude! Estão me ouvindo? É a Igreja de Deus no mundo que está falando com vocês e suas almas imortais, estão correndo um perigo terrível por causa dela. — Ele se voltou para olhar Genevieve e não pôde resistir a um sorriso amargo. — Você vai morrer, sua prostituta — disse —, em chamas terrestres que irão levá-

la para os fogos eternos do inferno.

Genevieve ergueu seu pequeno arco, que tinha uma flecha de ponta grossa na corda.

— Não faça isso — disselhe Thomas.

— Ele é o meu torturador — disse Genevieve, com lágrimas nas faces.

O padre Roubert zombou do arco dela.

— Você é a puta do diabo — disse ele dirigindo-se a ela — e vermes irão habitar seu ventre e seus seios emitirão pus e os demônios vão brincar com você.

Genevieve soltou a flecha.

Ela tentou deter o disparo. Não mirou. A raiva fez com que puxasse a corda muito para trás e então ela soltou e seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que praticamente não conseguia ver o padre Roubert. No treino, suas flechas costumavam sair loucamente sem pontaria, mas no último momento, justo quando ela soltou, Thomas tentou desviar o braço dela; ele mal a tocara, apenas dera um toque na mão que segurava o arco, e a flecha contorceu-se ao saltar da corda. O padre Roubert estivera prestes a insultar o arco de brinquedo dela, mas em vez disso a flecha voou em direção ao alvo e o atingiu. A ponta larga penetrou na garganta do padre e a flecha ficou ali, as penas brancas ficando vermelhas enquanto o sangue escorria pela haste. Por um segundo, o padre ficou na sela, uma expressão de extremo assombro no rosto, e então uma segunda golfada de sangue jorrou sobre as orelhas da égua, ele emitiu um som de quem está se sufocando e caiu com força no chão.

Quando Thomas chegou perto dele, o padre já estava morto.

— Eu lhe disse que ele iria para o inferno primeiro — disse Genevieve, e cuspiu

no cadáver.

Thomas fez o sinalda-cruz.

devia ter havido júbilo depois da fácil vitória, mas o velho estado de espírito, o mau humor, voltou para perseguir a guarnição em Castillon d'Arbizon. Eles tinham se saído bem na luta, mas a morte do padre deixara os homens de Thomas horrorizados. A maioria deles era de pecadores impenitentes, alguns tinham até matado padres, mas todos eram supersticiosos e a morte do frade era considerada mau agouro. O padre Roubert se aproximara desarmado, tinha ido negociar, e havia sido morto como um cão. Alguns homens aplaudiam Genevieve. Diziam que ela era mulher de verdade, a mulher de um soldado, e pelo que lhes dizia respeito, a Igreja podia ir para o inferno, mas estes eram uma pequena minoria. A maioria dos componentes da guarnição recordava-se das últimas palavras do padre que amaldiçoara suas almas pelo pecado de protegerem uma herege, e aquelas impiedosas ameaças traziam de volta temores que os assaltaram quando a vida de Genevieve fora poupada. Robbie expressava esse ponto de vista sem parar, e quando Thomas o desafiou ao perguntar quando o escocês planejava ir para Bolonha, Robbie afastou a hipótese.

— Vou ficar aqui — disse ele — até saber qual o resgate que vou receber. Não vou me afastar do dinheiro dele.

Ele sacudiu o polegar na direção de Joscelyn, que ficara sabendo do antagonismo existente dentro da guarnição e fazia o possível para

estimulá-lo, prevendo coisas horríveis se a beguina não fosse queimada. Recusava-se a comer à mesma mesa que Genevieve. Como nobre, tinha direito ao melhor tratamento que o castelo pudesse oferecer e dormia num quarto exclusivo no alto da torre. Mas em vez de comer no salão, preferia fazer suas refeições com Robbie e os soldados e os seduzia com histórias sobre os torneios de que participara e assustava-os com avisos funestos sobre o que acontecia com quem protegia os inimigos da Igreja.

Thomas ofereceu a Robbie quase todo o dinheiro sob sua guarda, como participação no resgate de Joscelyn, com o valor final a ser ajustado quando o resgate fosse negociado, mas Robbie recusou.

— Você poderia acabar me devendo muito mais — alegou ele —, e como vou saber se você vai pagar? E como é que vai saber onde estou?

— Mando para sua família — prometeu Thomas. — Você confia em mim, não confia?

— A Igreja não confia — foi a resposta amarga de Robbie — e, por isso, por que eu iria confiar?

Sir Guillaume tentava aliviar a tensão, mas sabia que a guarnição estava se desmantelando. Certa noite, estourou uma briga no salão inferior entre os partidários de Robbie e os homens que defendiam Genevieve, e no final um inglês estava morto e um gascão perdera um olho devido a um golpe de adaga. Sir Guillaume bateu forte em cabeças, mas sabia que haveria outras brigas.

— O que é que você se propõe a fazer em relação a isso? —

perguntou ele a Thomas uma semana depois da escaramuça à margem do rio Gers. O ar estava frio por causa de um vento norte, o vento que homens acreditavam que os deixava de mau humor e

irritadiços. Sir Guillaume e Thomas estavam no parapeito ameaçado da torre de menagem, embaixo do estandarte desbotado do conde de Northampton. E abaixo daquela bandeira vermelha e verde tremulava o leopardo laranja de Berat, mas de cabeça para baixo para mostrar ao mundo que o pavilhão tinha sido capturado em combate. Genevieve também estava lá, mas percebendo que não queria ouvir o que Sir Guillaume tinha a dizer, ela se afastou para o canto extremo das defesas.

— Vou esperar aqui — disse Thomas.

— Porque o seu primo vai chegar?

— É por isso que estou aqui — respondeu Thomas.

— E vamos supor que você não tenha mais homem nenhum? —

perguntou Sir Guillaume.

Durante algum tempo, Thomas não disse nada. Por fim, rompeu o silêncio.

— Você também?

— Eu estou do seu lado — disse Sir Guillaume, — apesar de você ser um louco. Mas se o seu primo vier, Thomas, não virá sozinho.

— Eu sei.

— E ele não vai ser tão louco quanto o Joscelyn. Não vai lhe dar uma vitória.

— Eu sei. — O tom de voz de Thomas era desolador.

— Você precisa de mais homens — sugeriu Sir Guillaume. — Nós temos uma guarnição, mas precisamos de um pequeno exército.

— Isso ajudaria — concordou Thomas.

— Mas ninguém virá enquanto ela estiver aqui — avisou Sir Guillaume, olhando para Genevieve. — E três dos gascões foram embora ontem.

Os três soldados nem mesmo tinham esperado pela parte deles no resgate de Joscelyn, mas simplesmente seguiram para o oeste à procura de um outro emprego.

— Não quero covardes aqui — retorquiu Thomas.

— Ah, não seja tão bobo assim! — vociferou Sir Guillaume. —

Seus homens lutarão contra outros homens, Thomas, mas não vão lutar contra a igreja. Não vão lutar contra Deus. — Ele fez uma pausa, evidentemente relutando em dizer o que lhe ia na mente, mas então arriscou. — Você tem que mandá-la embora, Thomas. Ela tem que ir embora.

Thomas olhou para as montanhas ao sul. Não disse nada.

— Ela tem que ir embora — repetiu Sir Guillaume. — Mande-a para Pau. Bordeaux. Qualquer lugar.

— Se eu fizer isso — disse Thomas —, ela vai morrer. A Igreja irá achá-la e queimá-la.

Sir Guillaume olhou para ele, os olhos arregalados.

— Você está apaixonado, não está?

— Estou — disse Thomas.

— Jesus Cristo! — praguejou Sir Guillaume, desesperado. —

Amor! Ele sempre traz dissabores.

— O homem nasceu para ele — disse Thomas —, assim como as centelhas voam para cima.

— Talvez — disse Sir Guillaume, grave —, mas são as mulheres que proporcionam a porcária da centelha.

E justo naquele momento, Genevieve gritou para eles.

— Homens a cavalo! — avisou ela. Thomas atravessou correndo as defesas e olhou para a estrada leste e viu que sessenta ou setenta cavalarianos saíam do bosque. Eram soldados usando os casacos

laranja e branco de Berat, e a princípio Thomas presumiu que estavam indo oferecer um resgate por Joscelyn, e então viu que eles exibiam uma bandeira Desconhecida, não o leopardo de Berat, mas um estandarte da Igreja, como Os que eram levados em procissões nos dias santos. Ele pendia de um mastro em cruz e mostrava o manto azul da Virgem Maria e, atrás, em cavalos Menores, seguiam vinte religiosos.

Sir Guillaume fez o sinalda-cruz.

— Encrenca — disse ele, curto, e voltou-se para Genevieve. —

Nada de flechas! Está ouvindo, menina? Nada das porcarias de flechas!

Sir Guillaume desceu a escada correndo e Genevieve olhou para Thomas.

— Desculpe — disse ela.

— Por matar o padre? Maldito seja o bastardo.

— Mas acho que eles vieram nos excomungar — disse Genevieve e foi com Thomas para o lado das defesas que davam para a rua principal de Castillon d'Arbizon, a porta oeste e a ponte no rio mais adiante. Os cavaleiros armados

esperaram do lado de fora da cidade enquanto os clérigos desmontavam e, precedidos de seu estandarte, marchavam pela rua principal em direção ao castelo. A maioria dos religiosos estava de preto, mas um deles trajava um manto branco, tinha uma mitra e levava um báculo branco tendo ao alto um gancho dourado. Um bispo, no mínimo. Ele era um homem rechonchudo, com longos cabelos brancos que escapavam por baixo da borda dourada da mitra. Ele não deu importância aos habitantes da cidade que se ajoelhavam para ele, enquanto gritava para o castelo.

— Thomas! — gritou ele. — Thomas!

— O que vai fazer? — perguntou Genevieve.

— Ouvir o que ele tem a dizer — respondeu Thomas.

Ele a conduziu para descer para o bastião menor acima da porta que já estava cheia de arqueiros e soldados. Robbie lá estava e, quando Thomas apareceu, o escocês apontou para ele e bradou para o bispo: — Este é o Thomas!

O bispo bateu no chão com o báculo.

— Em nome de Deus — disse ele, em voz alta —, o Pai todo-poderoso, e em nome do Filho, e em nome do Espírito Santo, e em nome de todos os santos, e em nome do Santo Padre, Clemente, e graças ao poder que nos foi concedido de separar e unir no céu aquilo que for separado e unido na terra, eu o intimo, Thomas! Eu o intimo!

O bispo tinha uma bela voz. Ela se propagava com nitidez, e o único outro som, com a exceção do vento, era o murmúrio enquanto alguns dos homens de Thomas traduziam o francês para o inglês, a fim de que os arqueiros entendessem. Thomas presumira que o bispo fosse falar em latim e que só ele iria saber o que estava sendo dito, mas o bispo queria que todos entendessem suas palavras.

— É sabido que você, Thomas — continuou o bispo —, certa vez batizado em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, deixou a sociedade do corpo de Cristo ao cometer o pecado de dar consolo e abrigo a uma herege e assassina condenada. Por isso agora, com dor no coração, nós o privamos, Thomas, como privaremos todos os seus cúmplices e apoiadores, da comunhão do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

Ele tornou a bater o báculo com força no chão e um dos padres tocou um pequeno sino de mão.

— Nós o separamos — prosseguiu o bispo, a voz ecoando na alta

torre de menagem do castelo — da sociedade de todos os cristãos e o excluímos de todos os recintos santos.

Uma vez mais, o báculo bateu nas pedras e o sino tocou.

— Nós o banimos do seio de nossa santa madre Igreja no céu e na terra.

O tom nítido do sino ecoou nas pedras da torre de menagem.

— Nós declaramos você, Thomas, excomungado e o julgamos condenado ao fogo eterno com Satã e todos os seus anjos e todos os réprobos. Nós o declaramos amaldiçoado por esse fato malévolos e encarregamos todos aqueles que apoiam e amam nosso Senhor Jesus Cristo de detê-lo para que seja castigado.

Ele bateu o báculo pela última vez, lançou um olhar desafiador para Thomas e depois fez meia-volta e se afastou, seguido pelos padres e seu estandarte.

E Thomas sentiu-se paralisado. com frio e paralisado. Era como se as fundações da terra tivessem desaparecido para deixar um vácuo doloroso por cima das portas ardentes do inferno. Todas as certezas da vida, de Deus, da salvação, da eternidade, tinham desaparecido, tinham sido sopradas para longe como as folhas mortas farfalhando nas sarjetas da cidade.

Ele fora transformado num verdadeiro *hellequin*, excomungado, isolado da misericórdia, do amor e da companhia de Deus.

— Vocês ouviram o bispo! — Robbie rompeu o silêncio na defesa.

— Estamos encarregados de prender Thomas ou compartilhar sua condenação eterna. — E ele pôs a mão sobre a espada e a teria sacado se Sirj Guillaume não intervisse.

— Já chega! — berrou o normando. — Já chega! Sou o segundo em comando aqui. Alguém contesta isso?

Os arqueiros e os soldados tinham se afastado de Thomas e Genevieve, mas ninguém interveio em favor de Robbie. O rosto de Sir Guillaume, marcado por cicatrizes, estava tenebroso como a morte. —

As sentinelas vão ficar de plantão — ordenou ele — e os demais vão para seus aposentos. Agora!

— Temos um dever... — começou Robbie e depois, involuntariamente, recuou quando Sir Guillaume, furioso, voltou-se para ele. Robbie não tinha nada de covarde, mas ninguém poderia ter enfrentado a raiva de Sir Guillaume naquele momento.

Os homens se afastaram relutantes, mas afastaram-se, e Sir Guillaume enfiou com força a espada semidesembainhada.

— Ele tem razão, é claro — disse ele, taciturno, enquanto Robbie descia a escada.

— Ele era meu amigo! — protestou Thomas, tentando agarrar-se à única parte de certeza em um mundo virado ao contrário.

— E ele quer a Genevieve — disse Sir Guillaume — e por não poder tê-la, ele se convenceu de que sua alma está condenada. Por que você pensa que o bispo não excomungou todos nós? Porque nesse caso, estaríamos todos no mesmo inferno, sem nada a perder.

Ele nos dividiu, os benditos e os condenados, e Robbie quer que a alma dele esteja em segurança. Você pode culpá-lo?

— E você? — perguntou Genevieve ao normando.

— Minha alma definhou há anos — disse Sir Guillaume, triste, e depois voltou-se e olhou para a rua principal, lá embaixo. — Eles vão deixar soldados do lado de fora da cidade para prendê-lo quando você sair.

Pode sair pela porta pequena, atrás da casa do padre Medous. Eles não vão estar vigiando essa porta, e poderá atravessar o rio na altura

do moinho. Você estará bem a salvo na floresta.

Por um instante Thomas não compreendeu o que Sir Guillaume dizia, mas depois percebeu, num choque terrível, que estava sendo mandado embora. Fugir. Esconder-se. Deixar seu primeiro comando, abandonar sua nova riqueza, seus homens, tudo. Ele olhou fixo para Sir Guillaume, que deu de ombros.

— Você não pode ficar, Thomas — disse o homem mais velho, com delicadeza. — O Robbie ou um dos amigos dele irá matá-lo. Meu palpite é de que uns vinte de nós irão apoiá-lo, mas se você ficar vai ser uma briga entre nós e eles, e eles vão ganhar.

— Você vai ficar aqui?

Sir Guillaume pareceu constrangido, e depois sacudiu a cabeça.

— Sei por que você veio até aqui — disse ele. — Não acredito que a maldita coisa existe ou, se existir, não acho que tenhamos a menor chance de encontrá-lo. Mas podemos ganhar dinheiro aqui e preciso de dinheiro. Por isso vou ficar, sim. Mas você vai embora, Thomas.

Vá para o oeste. Procure uma guarnição inglesa. Volte para casa. —

Ele percebeu a relutância expressa na fisionomia de Thomas. — Em nome de Cristo, que outra coisa você pode fazer? — perguntou.

Thomas não disse nada e Sir Guillaume olhou para os soldados à espera do outro lado da porta da cidade. — Você pode levar a herege até eles, Thomas, e entregá-la para ser queimada. Aí, eles irão revogar a sua excomunhão.

— Eu não vou fazer isso — disse Thomas, com violência.

— Leve-a até os soldados — disse Sir Guillaume — e ajoelhe-se para o bispo.

— Não!

— Por que não?

— Você sabe por quê.

— Porque a ama?

— É — disse Thomas e Genevieve deu-lhe o braço. Ela sabia que e estava sofrendo, assim como ela sofrera quando a Igreja retirou dela o amor de Deus, mas ela absorveu o horror. Thomas não, e ela sabia que no caso dele iria demorar.

— Nós vamos sobreviver — disse ela a Sir Guillaume.

— Mas vocês têm de ir embora — insistiu o normando.

— Eu sei. — Thomas não conseguia evitar que a tristeza se refletisse em sua voz.

— Eu lhes trarei mantimentos amanhã — prometeu Sir Guillaume.

— Cavalos, alimentos, capas. Do que mais precisam?

— Flechas — disse logo Genevieve, e depois olhou para Thomas como se esperasse que acrescentasse alguma coisa, mas ele ainda estava chocado demais para pensar de maneira coordenada. — Você vai querer os escritos de seu pai, não vai? — sugeriu ela, delicada.

Thomas sacudiu a cabeça.

— Você os embrulha para mim? — perguntou ele a Sir Guillaume.

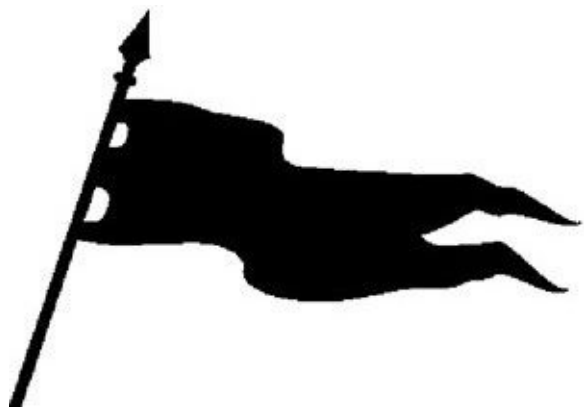
— Embrulhe-os em couro.

— Amanhã de manhã, então — disse Sir Guillaume. — Esperem ao lado da castanheira oca, na montanha.

Sir Guillaume escoltou-os para fora do castelo, passando pelos becos atrás da casa do bispo, até o lugar em que uma pequena porta tinha sido aberta no muro da cidade para dar acesso a uma trilha que levava ao moinho de roda na margem do rio. Sir Guillaume puxou as trancas e abriu a porta com cautela, mas nenhum soldado estava à

espera do outro lado, e por isso ele os levou até o moinho e lá ficou olhando enquanto Thomas e Genevieve atravessavam a longarina de pedra do açude de azenha. De lá, eles subiram para o bosque.

Thomas havia fracassado. E estava amaldiçoado.



Segunda Parte

GASCONHA, NOVEMBRO DE 1347

fugitivos

choveu a noite inteira. Era uma chuva fustigante, impulsionada por um vento frio que arrancava as folhas dos carvalhos e castanheiros e girava, rancoroso, entrando na velha árvore que fora quebrada pelo relâmpago e tornada oca pelo tempo. Thomas e Genevieve tentavam se proteger no tronco, encolhendo-se uma vez quando um trovejar soou no céu. Não apareceu nenhum relâmpago, mas a chuva passou a açoitar com uma força ainda maior.

— A culpa é minha — disse Genevieve.

— Não é — retrucou Thomas.

— Eu tinha ódio daquele padre — disse ela. — Sabia que não devia atirar, mas me lembrei de tudo o que ele me fez. — Ela escondeu o rosto no ombro dele, de modo que a voz ficou abafada e Thomas ouvia muito mal o que ela dizia. — Ele me acariciava quando não estava me queimando. Me acariciava como uma criança.

— Como uma criança?

— Não — respondeu ela, com amargor —, como um amante. E

quando me machucava, dizia orações por mim e dizia que eu era querida Por ele. Eu o odiava.

— Eu também o odiava pelo que ele fez com você — disse Thomas. e estava abraçado a ela. — E estou contente por ele estar morto — acrescentou

ele e então concluiu que ele também estava praticamente morto.

Tinha sido mandado para o inferno, a salvação lhe tinha sido negada para sempre.

— E o que é que você vai fazer? — perguntou Genevieve na gélida escuridão.

— Não vou voltar para casa.

— E para onde vai?

— Vou ficar com você. Se você quiser.

Thomas pensou em dizer que ela podia ir para onde quisesse, mas sabia que ela envolvera o destino dela com o seu e não tentou persuadi-la a deixá-lo, nem queria que ela o deixasse.

— Vamos voltar para Astarac — sugeriu ele.

Ele não sabia o que adiantaria fazer aquilo, mas sabia que não podia voltar para casa rastejando, derrotado. Além disso, ele agora estava condenado por toda a eternidade. Não tinha nada a perder, e toda a eternidade a ganhar. E talvez o Graal o redimisse. Talvez agora que estava condenado, ele encontrasse o tesouro e isso reconduzisse sua alma ao estado de graça.

Sir Guillaume chegou pouco depois do amanhecer, escoltado por doze homens que, sabia, não iriam delatar Thomas. Jake e Sam estavam entre eles, e os dois queriam acompanhar Thomas, mas ele recusou.

— Fiquem com a guarnição — ordenou-lhes — ou voltem para o oeste e procurem um outro forte inglês.

Não que ele não quisesse companhia, mas sabia que seria bem difícil alimentar a ele e Genevieve sem ter duas outras bocas com que se preocupar. Tampouco tinha qualquer perspectiva a oferecer a eles, exceto perigo, fome e a certeza de ser caçado por todo o sul da Gasconha.

Sir Guillaume levava dois cavalos, comida, capas, o arco de Genevieve, quatro feixes de flechas e uma bolsa cheia de moedas.

— Mas não consegui pegar o manuscrito de seu pai — confessou ele. — O Robbie o levou.

— Ele o roubou? — perguntou Thomas, indignado.

Sir Guillaume deu de ombros como se o destino do manuscrito não tivesse importância.

— Os soldados de Berat foram embora — disse ele —, de modo que a estrada para o oeste não oferece perigo, e hoje de manhã mandei o para o leste, a fim de procurar gado. Por isso, siga para o oeste, Thomas. Siga para o oeste e volte para

casa.

— Você acha que o Robbie quer me matar? — perguntou Thomas, alarmado.

— Provavelmente, prendê-lo — disse Sir Guillaume — e entregá-lo à Igreja. O que ele deseja, mesmo, é claro, é ter Deus do lado dele, e acredita que se encontrar o Graal todos os problemas dele acabarão.

Os homens de Sir Guillaume demonstraram surpresa ao ouvirem a menção do Graal e um deles, John Faircloth, começou a fazer uma pergunta, mas Sir Guillaume o interrompeu.

— E o Robbie convenceu-se de que você é um pecador — disse ele a Thomas.
— Meu doce Cristo — acrescentou —, não há nada pior do que um jovem que acabou de encontrar Deus. Exceto uma jovem que encontra Deus. Elas são insuportáveis.

— O Graal? — insistiu John Faircloth.

Tinham corrido muitos rumores absurdos sobre o motivo pelo qual o conde de Northampton mandara Thomas e seus homens a Castillon d'Arbizon, mas a descuidada admissão feita por Sir Guillaume fora a primeira confirmação.

— Isso é uma loucura que o Robbie meteu na cabeça — explicou Sir Guillaume com firmeza —, e por isso não dê importância a ela.

— Devíamos ficar com o Thomas — interveio Jake. — Todos nós.

Começar de novo.

Sir Guillaume sabia inglês o suficiente para compreender o que Jake dissera e abanou a cabeça.

— Se ficarmos com o Thomas — disse ele —, teremos que lutar contra Robbie. É isso que o nosso inimigo quer. Ele nos quer divididos.

Thomas traduziu para Jake.

— E ele tem razão — acrescentou, enérgico.

— Então, o que é que vamos fazer? — quis saber Jake.

— O Thomas volta para casa — pronunciou Sir Guillaume, teimoso — e nós ficamos o tempo suficiente para ficarmos ricos e depois também vamos para casa. — Ele jogou para Thomas as rédeas dos dois cavalos. — Eu gostaria de ficar com você.

— Aí, todos nós morremos.

— Ou todos nós seremos amaldiçoados. Mas volte para casa, Thomas — insistiu ele, jogando no chão um saco de couro bem cheio. — Nessa bolsa tem dinheiro suficiente para pagar a sua passagem, e provavelmente bastante para convencer um bispo a anular a maldição. A Igreja faz qualquer coisa por dinheiro. Vai dar tudo certo, e daqui a um ou dois anos venha me procurar na Normandia.

— E Robbie? — perguntou Thomas. — O que ele vai fazer? Sir Guillaume deu de ombros.

— No fim, voltará para casa. Ele não vai encontrar o que está procurando, Thomas, e você sabe disso.

— Eu não sei disso.

— Então, é tão louco quanto ele. — Sir Guillaume tirou a manopla da armadura e estendeu a mão. — Não me censura por ficar?

— Você deve ficar — disse Thomas. — Fique rico, meu amigo.

Você agora está no comando?

— É claro.

— Neste caso, Robbie terá de lhe pagar um terço do resgate de Joscelyn.

— Vou guardar um pouco para você — prometeu Sir Guillaume e apertou a mão de Thomas, voltou seu cavalo e afastou-se à frente de seus homens. Jake e Sam, a título de presentes de despedida, jogaram mais dois feixes de flechas, depois os cavaleiros desapareceram.

Thomas sentiu a raiva a ponto de ferver enquanto ele e Genevieve cavalgavam

para o leste sob uma leve garoa que em pouco tempo ensopou as capas novas. Ele estava irritado consigo mesmo por ter fracassado, apesar de a única maneira pela qual ele poderia ter vencido fosse colocando Genevieve numa pilha de lenha e tocar fogo na jovem, e isso ele jamais poderia fazer. Ele estava com raiva de Robbie por ter-se voltado contra ele, embora compreendesse os motivos do escocês e até os achasse bons. Não era culpa de Robbie sentir-se atraído por Genevieve, e não era errado para um homem cuidar de sua alma. Assim, acima de tudo Thomas estava furioso com a vida, e essa raiva ajudava a desviar o pensamento. Há falta de conforto deles enquanto a chuva voltou a ficar forte. Ao seguir para o leste, eles tendiam para o sul, mantendo-se nos bosques, onde eram obrigados a abaixar-se por causa de galhos baixos. Onde não havia árvores, usavam o terreno mais alto e mantinham-se alertas para

cavaleiros com cotas de malha. Não viram nenhum. Se os homens de Robbie estavam no leste, mantinham-se no terreno mais baixo e, por isso, Thomas e Genevieve estavam sozinhos.

Eles evitavam fazendas e aldeias. Isso não era difícil, porque a região era esparsamente habitada e o terreno mais elevado dedicado a pastagens, e não a plantio. À tarde, eles viram um pastor que se levantou de um salto, surpreso, de trás de uma pedra e tirou do bolso um estilingue de couro e uma pedra, antes de ver a espada no lado de Thomas. Rápido, escondeu o estilingue e tocou a testa com o nó dos dedos enquanto se curvava. Thomas parou para perguntar ao homem se ele tinha visto soldados, e Genevieve traduziu, informando que o homem nada vira. A pouco mais de quilômetro e meio depois do amedrontado pastor, Thomas disparou uma flecha contra um cabrito.

Retirou a flecha da carcaça, que ele esfolou, estripou e esquartejou.

Naquela noite, no abrigo sem telhado de um velho chalé construído no início de um vale arborizado, eles acenderam uma fogueira com pederneira e aço, e depois fritaram costelas de cabrito nas chamas.

Thomas usou a espada para cortar galhos de um lariço, que usou para fazer um puxado tosco junto a uma das paredes. Aquilo evitaria que a chuva entrasse durante uma noite. Fez também uma cama de samambaia embaixo do abrigo improvisado.

Thomas lembrou-se da viagem que fizera da Bretanha à Normandia com Jeanette.

Ficou imaginando onde estaria a Blackbird naquele momento. Eles tinham viajado no verão, vivendo à custa do seu arco, evitando qualquer outra pessoa viva, e havia sido uma fase feliz. Agora, ele fazia o mesmo com Genevieve, mas o inverno estava chegando. Ele não sabia qual seria o grau de rigor daquele inverno, mas Genevieve disse que nunca vira neve naqueles sopés de montanhas.

— Ela cai no sul — disse ela —, nas montanhas, mas aqui só faz frio, Faz frio e chove.

A chuva agora era intermitente. Os cavalos deles estavam amarrados numa faixa de capim fino ao lado do córrego que passava pelas ruínas. Uma lua crescente aparecia, às vezes, através das nuvens para pratear as altas cristas cobertas de florestas nos dois lados do vale. Thomas caminhou uns oitocentos metros rio abaixo, para ouvir e observar, mas não viu nenhuma outra luz e nada ouviu de inconveniente. Concluiu que eles estavam em segurança, em relação aos homens, ainda que não a Deus, e por isso voltou para onde Genevieve tentava secar as pesadas capas no fraco calor da fogueira.

Thomas ajudou-a, pendurando o tecido de lã numa armação feita com gravetos de lariço. Depois, agachou-se ao lado das chamas, observando as brasas vermelhas brilharem, e pensou na sua condenação eterna. Lembrou-se de todos os quadros que vira mal pintados em paredes de igrejas: pinturas mostrando almas seguindo aos tropeções para o inferno com seus demônios que sorriam e as chamas estrepitosas.

— Você está pensando no inferno — declarou Genevieve, categórica.

Ele fez uma careta.

— Estava — disse e ficou imaginando como é que ela percebera.

— Você acha mesmo que a Igreja tem o poder de o mandar para lá? — perguntou ela e, como ele não respondeu, abanou a cabeça. —

A excomunhão não significa nada.

— Significa tudo — disse Thomas, mal-humorado. — Significa que não há céu, não há Deus, não há salvação e não há esperança,

tudo.

— Deus está aqui — disse Genevieve, enfática. — Ele está no fogo, no céu, no ar. Um bispo não pode tirar Deus de você. Um bispo não pode sugar o ar do céu!

Thomas nada comentou. Estava se lembrando do báculo do bispo batendo nas pedras do pavimento e do som do pequeno sino de mão ecoando nos muros do castelo.

— Ele disse apenas palavras — continuou Genevieve — e é fácil dizer palavras. Disseram as mesmas palavras para mim, e naquela noite, na cela, Deus veio até mim. — Ele colocou um pedaço de madeira na fogueira. — Nunca pensei que iria morrer. Mesmo quando ela chegava perto, nunca pensei que fosse acontecer. Havia alguma coisa dentro de mim, um fio” que dizia que não ia acontecer.

Era Deus, Thomas. Deus está em toda Parte. Ele não é um cão na coleira da Igreja.

— Só conhecemos Deus através da Igreja Dele — disse Thomas.

As nuvens tinham engrossado, tapando a lua e as últimas e poucas estrelas, e na escuridão a chuva ficou mais forte e ouviu-se um ronco de trovão vindo da ponta elevada do vale. — E a Igreja de Deus —

continuou ele — me condenou.

Genevieve tirou as duas capas dos gravetos e enrolou-as para evitar que a pior da chuva não afetasse o trançado.

— A maioria das pessoas não conhece Deus através da Igreja —

replicou ela. — Elas vão e ouvem uma língua que não entendem, se confessam e se curvam para os sacramentos, e querem que um padre vá vê-las quando estão morrendo, mas quando ficam realmente em dificuldades, vão aos santuários que a Igreja desconhece. Elas veneram em fontes, em poços santos, em pontos profundos entre as

árvores. Procuram adivinhas ou cartomantes. Usam amuletos. Rezam para seu Deus próprio, e a Igreja nunca sabe disso. Mas Deus sabe, porque Deus está em toda parte. Por que as pessoas iriam precisar de um padre, quando Deus está em

toda parte?

— Para nos manter longe do erro — disse Thomas.

— E quem define o erro? — insistiu Genevieve. — Os padres?!

Você se acha um homem mau, Thomas?

Thomas pensou na pergunta. A resposta pronta era afirmativa, porque a Igreja acabara de expulsá-lo e de entregar sua alma aos demônios, mas na verdade ele não se considerava mau e, por isso, abanou a cabeça.

— Não.

— No entanto, a Igreja condena você! Um bispo diz umas palavras. E quem sabe quais os pecados que aquele bispo comete?

Thomas teve um sorriso contido.

— Você é uma herege — disse ele, baixinho.

— Sou — retrucou ela, categórica. — Não sou uma beguina, embora pudesse ser, mas sou uma herege, e que opção eu tenho? A Igreja me expulsou, e por isso se eu quiser amar a Deus, tenho que fazer isso sem a igreja. Você deve fazer o mesmo, agora, e vai descobrir que Deus ainda o ama, por mais que a Igreja possa odiá-lo.

Ela fez uma careta quando a chuva apagou as últimas pequenas chamas da fogueira deles, e então os dois se retiraram para o abrigo de lariço, onde fizeram o possível para dormir debaixo de camadas de capas e casacos de cota de malha.

O sono de Thomas foi agitado. Ele sonhou com uma batalha na qual estava sendo atacado por um gigante que rosnava para ele.

Acordou assustado e viu que Genevieve tinha desaparecido e que o

rosnar era o estrondo do trovão em cima deles. A chuva se agitava sobre o lariço e vazava pela samambaia. Um relâmpago rasgou o céu, mostrando as falhas nos galhos que mal protegiam Thomas, e ele arrastou-se para sair de sob o lariço e tropeçou no escuro para procurar a porta da choça destruída. Estava para gritar o

nome de Genevieve quando outro estalar de trovão rasgou o céu e ecoou nas montanhas, tão perto e tão forte que Thomas oscilou para o lado como se tivesse sido atingido por um martelo de batalha. Estava descalço e não vestia nada mais do que uma comprida camisa de linho que estava ensopada de chuva. Três relâmpagos fizeram como um gaguejar no leste e à luz deles Thomas viu que os cavalos estavam de olhos brancos e tremendo. Foi até eles, acariciou-lhes os narizes e certificou-se de que as cordas que os prendiam ainda estavam firmes.

— Genevieve! — gritou. — Genevieve!

Então, ele a viu. Ou melhor, no brilho instantâneo de um rasgo de relâmpago, ele teve uma visão. Viu uma mulher, alta, prateada e nua, em pé de braços erguidos para o fogo branco do céu. O

relâmpago acabou, mas a imagem da mulher ficou na mente de Thomas, brilhando, e então o relâmpago tornou a atacar, penetrando nas montanhas do leste, e Genevieve estava com a cabeça inclinada para trás, os cabelos estavam soltos, e a água escorria deles como gotas de prata líquida.

Ela estava dançando nua à luz do relâmpago.

Ela não gostava de ficar nua perto dele. Sentia ódio das cicatrizes que o padre Roubert riscara em seus braços e pernas e nas costas, mas agora dançava nua, uma dança lenta, o rosto voltado para cima, para a chuva que caía, e Thomas ficou olhando em cada sucessiva centelha de relâmpagos eo, e achou que ela era, realmente, uma *draga*. Ela era

a criatura selvagem (de prata da escuridão, a mulher brilhante que era perigosa, bonita e estranha. Thomas acorrou-se, olhando com os olhos arregalados, pensando que sua alma corria um perigo ainda maior porque o padre Medous dissera que as *dragas* eram criaturas do diabo, e no entanto ele também a amava; e então o trovão encheu o ar para sacudir as montanhas e ele se acorrou mais baixo, os olhos bem fechados. Achou que estava condenado, condenado, e aquele reconhecimento o encheu de uma desesperança extrema.

— Thomas. — Genevieve agora inclinava-se na sua frente, as mãos amparando o rosto dele. — Thomas.

— Você é uma *draga* — disse ele, os olhos ainda fechados.

— Quem dera que fosse — retrucou ela. — Eu gostaria que flores nascessem por onde eu andasse. Mas não sou. Apenas dancei à luz dos relâmpagos e o trovão falou comigo.

Ele estremeceu.

— O que foi que ele disse? Ela o abraçou, consolando-o.

— Que tudo vai acabar bem.

Ele não disse nada.

— Tudo vai acabar bem — repetiu Genevieve — porque o trovão não mente se você dançar ao som dele. É uma promessa, meu amor, é uma promessa. De que tudo vai acabar bem.

Sir Guillaume enviara um dos soldados capturados para Berat, a fim de informar ao conde que Joscelyn e treze outros homens estavam presos e que era preciso negociar os resgates. Joscelyn dissera que seu tio tinha estado em Astarac, mas Sir Guillaume presumira que velho senhor devia ter voltado para o seu castelo.

Mas parece que não voltara, porque quatro dias depois que Thomas e Genevieve partiram, um mascate chegou a Castillon d'Arbizon e disse que o conde de Berat estava doente, com febre, talvez morrendo, e estava na enfermaria do mosteiro de São Sever. O

soldado enviado a Berat voltou no dia seguinte com a mesma notícia e acrescentou que ninguém em Berat tinha autoridade para negociar a liberdade de Joscelyn. Tudo o que Sir Herri Courtois, o comandante da guarnição, podia fazer por Joscelyn era mandar uma mensagem a Astarac e esperar que o conde estivesse em condições de enfrentar a novidade.

— Agora, o que é que vamos fazer? — perguntou Robbie. Ele parecia oprimido, porque estava ansioso por ver o ouro do resgate.

Ele e Joscelyn estavam sentados no grande salão. Estavam sozinhos.

Era noite. Uma fogueira queimava na lareira.

Joscelyn não disse nada. Robbie franziu o cenho.

— Eu poderia vender você — sugeriu ele.

Aquilo era muito comum. Um homem fazia um prisioneiro cujo

resgate seria considerável, mas em vez de esperar pelo dinheiro, vendia o prisioneiro para um homem mais rico que pagava uma importância menor e depois suportava as longas negociações antes de obter lucro.

Joscelyn sacudiu a cabeça.

— Poderia — concordou ele —, mas você não vai conseguir muito dinheiro.

— O herdeiro de Berat e o lorde de Béziers? — perguntou Robbie, em tom zombeteiro. — Você vale um grande resgate.

— Béziers é um campo de porcos — disse Joscelyn, com desdém

— e o herdeiro de Berat não vale nada. Mas Berat, em si, vale uma fortuna. Uma fortuna. — Ele ficou olhando fixo para Robbie por alguns instantes. — Meu tio é um bobo — continuou ele —, mas um bobo muito rico. Ele guarda moedas nos porões. Barris e barris de moedas, cheios até a borda, e dois daqueles barris estão cheios só de *genovinas*.

Robbie deliciou-se com a idéia. Imaginou o dinheiro parado no escuro, os dois barris cheios das maravilhosas moedas de Gênova, moedas feitas de ouro puro, cada pequenina *genovina* suficiente para manter um homem alimentado, vestido e armado durante um ano.

Dois barris!

— Mas o meu tio — continuou Joscelyn — também é sovina.

Não gasta dinheiro, exceto com a Igreja. Se ele tivesse escolha, iria preferir que eu tivesse morrido, que um dos meus irmãos fosse o seu herdeiro e que a quantidade de moedas ficasse inalterada. Às vezes, durante a noite, ele leva uma lanterna para os porões do castelo e fica olhando para o dinheiro dele.

— Você está me dizendo — perguntou Robbie, amargurado —

que não vão pagar resgate por você?

— Estou dizendo que enquanto meu tio for o conde, serei seu prisioneiro. Mas e se eu fosse o conde?

— Você? — Robbie não tinha certeza quanto ao caminho que a conversa estava tomando e parecia intrigado.

— Meu tio está doente — disse Joscelyn — e talvez morrendo.

Robbie pensou naquilo e percebeu o que Joscelyn estava sugerindo.

— E se você fosse o conde — disse ele, falando devagar — poderia negociar o seu próprio resgate?

— Se eu fosse o conde — disse Joscelyn —, pagaria o meu próprio resgate e o resgate dos meus homens. De todos eles. E faria isso depressa.

Robbie voltou a pensar.

— De que tamanho são os barris? — perguntou ele pouco depois.

Joscelyn estendeu a mão a uns setenta centímetros do chão.

— É o maior depósito de ouro da Gasconha — disse ele. — Há ducados e écus, florins e agnos, denários e *genovinas*, libras e *moutons*.

— *Moutons*?

— De ouro — disse Joscelyn —, grossos e pesados. Mais do que suficiente para um resgate.

— Mas o seu tio pode sobreviver — disse Robbie.

— A gente reza para isso — disse Joscelyn, piedoso —, mas se você deixar que eu envie dois homens a Astarac, eles poderão descobrir o estado da saúde dele para nós. E talvez pudessem persuadi-lo a oferecer um resgate?

— Mas você disse que ele jamais pagaria.

Robbie fingia não compreender, ou talvez não quisesse admitir o que Joscelyn estava sugerindo.

— Ele poderia ser persuadido — disse Joscelyn — devido ao que resta do afeto que sente por mim. Mas só se eu mandar homens para falar com ele.

— Dois homens?

— E se eles fracassarem — disse Joscelyn, com ar de inocência —

É claro que vão voltar para a prisão aqui. Por isso, o que é que você tem a perder? Mas não pode deixar que eles viagem desarmados.

Especialmente numa região cercada de *coredors*.

Robbie olhou para Joscelyn com os olhos arregalados, tentando ler a expressão de seu rosto à luz da lareira, e então uma pergunta lhe ocorreu:

— O que é que seu tio estava fazendo em Astarac? Joscelyn soltou uma gargalhada.

— O velho maluco estava procurando o Santo Graal. Pensava que eu não sabia, mas um dos monges me contou. O Santo e maldito Graal! Ele ficou louco. Mas ele acha que Deus lhe dará um filho se ele o encontrar.

— O Graal?

— Deus sabe onde foi que ele teve a idéia. Ele está louco! Louco com piedade.

O Graal, pensou Robbie, o Graal. De vez em quando, ele duvidara da busca de Thomas, achando que era uma loucura, mas agora parecia que outros homens tinham a mesma loucura, o que confirmava que o Graal poderia existir de verdade. E o Graal, pensou Robbie, não devia ir para a Inglaterra. Para qualquer lugar, menos a Inglaterra.

Joscelyn parecia não perceber o quanto suas palavras tinham afetado Robbie.

— Você e eu — disse ele — não devíamos estar em lados diferentes. Nós dois somos inimigos da Inglaterra. Foram eles que provocaram a encrenca. Foram os ingleses que vieram para cá —

bateu na mesa para enfatizar o ponto de vista — e eles começaram a matança, e para quê?

Para procurar o Graal, pensou Robbie, e imaginou-se levando a relíquia sagrada ao voltar para a Escócia. Imaginou a potência armada da Escócia, com o poder dado pelo Graal, assolando a Inglaterra num tremendo triunfo.

— Devíamos ser amigos — acrescentou Joscelyn —, e você pode me fazer um gesto de amizade agora.

Ele ergueu o olhar para o seu escudo, que estava pendurado na parede mas tinha sido pendurado de cabeça para baixo, para que o punho vermelho apontasse para baixo. Thomas o colocara ali como símbolo de que o dono do escudo havia sido preso.

— Tire aquilo dali — disse Joscelyn, amargurado.

Robbie olhou para Joscelyn, foi até a parede e usou a espada para deslocar o escudo, que caiu com um estrondo. Ele o encostou nas pedras, com o lado certo para cima.

— Obrigado — disse Joscelyn —, e lembre-se, Robbie, de que quando eu for o conde de Berat, vou precisar de bons homens. Você não jurou vassalagem a ninguém, jurou?

— Não.

— Ao conde de Northampton?

— Não! — protestou Robbie, lembrando-se da hostilidade do conde.

— Pois então, pense em me servir — disse Joscelyn. — Eu sei ser generoso, Robbie. Diabo, vou começar enviando um padre à

Inglaterra.

Robbie piscou os olhos, confuso com as palavras de Joscelyn.

— Você mandaria um padre à Inglaterra? Por quê?

— Para levar o seu resgate, é claro — disse Joscelyn com um sorriso. — Você seria um homem livre, Robbie Douglas. — Ele fez uma pausa, observando Robbie com muita atenção. — Se eu for o conde de Berat, poderei fazer isso.

— Se você for o conde de Berat — disse Robbie, cauteloso.

— Posso pagar o resgate de todos os prisioneiros daqui — disse Joscelyn, expansivo — pagar o seu resgate e contratar todos os seus homens que quiserem emprego. Basta deixar que eu mande meus dois homens a Astarac.

Robbie conversou com Sir Guillaume de manhã e o normando não via motivo algum para que dois soldados não conversassem com o conde em Astarac, desde que jurassem voltar para a prisão quando a missão tivesse sido cumprida.

— Só espero que ele esteja bem o suficiente para ouvir o que eles têm a dizer — disse Sir Guillaume.

E assim, Joscelyn enviou Villesisle e seu companheiro, homens que lhe tinham jurado vassalagem. Eles viajaram vestindo armadura, com espadas e com instruções cuidadosas.

E Robbie esperou para ficar rico.

o tempo melhorou. As nuvens cinzas dissiparam-se em longas tiras que tinham um belo rosado ao anoitecer e na noite seguinte desapareceram, deixando um céu limpo no qual o vento foi para o sul e ficou quente.

Thomas e Genevieve ficaram dois dias no chalé em ruínas.

Secaram as roupas e deixaram os cavalos comer o que restava do capim daquele ano. Descansaram. Thomas não tinha ânsia alguma de chegar a Astarac depressa, porque não esperava encontrar coisa alguma lá, mas Genevieve tinha a certeza de que o pessoal local teria histórias para contar e, quando nada, eles deveriam ouvir. Mas para Thomas era suficiente que ele e Genevieve ficassem sozinhos pela primeira vez. Nunca tinham ficado realmente a sós, mesmo no castelo, porque quando iam para trás da tapeçaria sempre sabiam que outras pessoas dormiam no salão logo do outro lado. E Thomas não percebera, até aquele momento, o quanto ele ficara sobrecarregado pelas decisões. Quem mandar nas surtidas, quem deixar na base, quem vigiar, em quem confiar, quem manter afastado, quem precisava da recompensa de algumas moedas para que se mantivesse leal, e sempre, onipresente, a preocupação de que tivesse esquecido alguma coisa, que o inimigo poderia estar planejando alguma surpresa que ele não previra. E o tempo todo, o verdadeiro inimigo estivera bem perto: Robbie, fervilhando de indignação justa e desejo

torturado.

Agora, Thomas podia esquecer tudo aquilo, mas não por muito tempo, porque as noites eram frias e o inverno estava chegando, e no segundo dia no refúgio ele viu homens a cavalo nos planaltos do sul.

Havia meia dúzia deles, homens de aparência maltrapilha, dois com bestas penduradas no ombro. Eles não olharam para o vale lá embaixo, onde Thomas e Genevieve se abrigavam, mas ele sabia que alguém acabaria indo até lá. Era a época do ano que lobos e *coredors* desciam das altas montanhas à procura de um saque mais fácil nos sopés. Estava na hora de ir embora.

Genevieve fizera a Thomas perguntas sobre o Graal, ouvindo a história de que o pai dele, o padre inteligente e meio maluco, talvez o tivesse roubado do próprio pai, que era o conde de Astarac exilado, mas que o padre Ralph nunca admitira o roubo ou a posse, mas limitara-se a deixar uma confusão de escritos estranhos que só aumentavam o mistério.

— Mas o seu pai — disse Genevieve na manhã em que se preparavam para partir — não teria levado ele de volta para Astarac, teria?

— Não.

— Então ele não está lá?

— Eu nem sei se ele existe — disse Thomas.

Eles estavam sentados na margem do córrego. Os cavalos estavam selados e os feixes de flechas, amarrados às patilhas.

— Acho que o Santo Graal é um sonho que os homens têm, um sonho de que é possível tornar o mundo perfeito. E se ele existisse —

continuou ele —, todos nós teríamos sabido que o sonho não pode se transformar em realidade.

Ele deu de ombros e começou a raspar uma mancha de ferrugem na sua malha.

— Você acha que ele não existe, e no entanto procura? —

perguntou Genevieve.

Thomas abanou a cabeça.

— Eu procuro pelo meu primo. Quero saber o quanto ele sabe.

— Porque você acredita no Graal, não acredita? — Ele fez uma pausa no que estava fazendo.

— Quero acreditar. Mas se meu pai o tivesse, ele deve estar na Inglaterra. E procurei por toda parte em que ele poderia tê-lo escondido. Mas gostaria de acreditar. — Ele pensou por um instante.

— E se eu o encontrar — continuou ele —, a Igreja terá que nos receber de volta.

Genevieve soltou uma gargalhada.

— Você parece um lobo, Thomas, que sonha apenas com entrar Para o rebanho de ovelhas.

Thomas fez que não ouviu aquilo. Ergueu os olhos para o horizonte ao leste.

— Isso é tudo o que restou. O Graal. Eu fracassei como soldado.

O tom de voz de Genevieve era de desdém.

— Você vai ter os seus homens de volta. Você vai vencer, Thomas porque você é um lobo. Mas eu acho que você também vai encontrar o Graal.

Ele sorriu para ela.

— Você viu isso à luz do relâmpago?

— Vi escuridão — disse ela com veemência —, uma escuridão de verdade. Como uma sombra que vai cobrir o mundo. Mas você vivia nela, Thomas, e você brilhava. — Ela olhava fixo para o córrego, com

uma expressão de solenidade no rosto comprido. — Por que não haveria de existir um Graal? Talvez seja por isso que o mundo esteja esperando, e o Graal vai acabar com toda a podridão. com todos os padres. — Ela cuspiu. — Não

creio que o seu Graal vai estar em Astarac, mas talvez haja respostas a perguntas.

— Ou mais perguntas.

— Pois então, vamos descobrir!

Eles tornaram a seguir para o leste, subindo em meio de árvores para os planaltos elevados, áridos, e sempre avançando com cautela, evitando assentamentos, mas quando a manhã chegava ao fim, para atravessar o vale do Gers, cruzaram a aldeia na qual tinham enfrentado Joscelyn e seus homens. Os aldeões deviam ter reconhecido Genevieve, mas não criaram problema algum, porque ninguém se metia com cavaleiros armados, a menos que também se tratasse de soldados. Thomas viu uma faixa de terra recém-cavada, perto de um dos pomares de pereiras, e calculou que era ali que os mortos na escaramuça tinham sido enterrados. Nenhum dos dois disse coisa alguma enquanto passavam pelo local em que o padre Roubert tinha morrido, embora Thomas fizesse o sinal-da-cruz. Se Genevieve viu o gesto, fez que não viu.

Vadearam o rio e subiram pelo bosque para a crista ampla e plana que dava vista para Astarac. Havia bosques à direita deles e um cume de rochas irregular num ponto mais elevado, à esquerda.

Instintivamente, Thomas foi em direção aos bosques, procurando a proteção que ofereciam, mas Genevieve o conteve.

— Alguém acendeu uma fogueira — disse ela e apontou para um fiozinho de fumaça que saía de um ponto muito para dentro do bosque.

— Carvoeiros? — sugeriu Thomas.

— Ou *coredors* — retrucou ela, fazendo o cavalo girar e se afastando.

Thomas foi atrás, lançando um relutante olhar para o bosque.

Justo quando olhou, ele viu um movimento lá, algo furtivo, o tipo de movimento que ele aprendera a procurar na Bretanha, e instintivamente tirou o arco da bainha e o manteve junto à sela.

E aí veio a flecha.

Era uma seta de besta. Curta, atarracada e preta, e sua esfarrapada asa de couro fazia um zunido enquanto voava. Thomas esporeou o cavalo e gritou um aviso para Genevieve no exato momento em que a seta cauterizou o ar à frente de seu cavalo para atingir a égua dela na anca. A égua disparou, sangue vermelho no couro branco e com a ponta da seta projetando-se do ferimento.

Genevieve conseguiu se manter na sela enquanto o animal corria para o norte, borrifando sangue enquanto seguia. Mais duas setas passaram voando por Thomas, e então ele se torceu na sela e viu quatro cavaleiros e pelo menos doze homens a pé saindo do bosque.

— Vá para as pedras! — gritou para Genevieve. — As pedras!

Ele duvidava que seus cavalos pudessem ganhar dos coredors na corrida, com a égua de Genevieve expelindo sangue a cada passo.

Ele ouvia o tropel dos cavalos em perseguição. Ouvia as patas tamborilando na turfa fina, mas então Genevieve meteu-se por entre as pedras e jogou-se para fora da sela e subiu nas pedras desajeitada.

Thomas desmontou ao lado da égua, mas em vez de seguir Genevieve, cordeou o arco e apanhou depressa uma flecha na sacola.

Disparou uma vez, depois outra, as flechas voando baixo, e um cavaleiro caía da montaria e o segundo homem estava morto com

uma flecha no olho. Os outros dois se desviaram com tamanha violência, que um dos cavalos perdeu o apoio e derrubou o cavaleiro.

Thomas enviou uma flecha contra o cavaleiro que estava, errou, e mandou a quarta contra o homem cuspidor da sela, enfiando a adaga no alto das costas dele.

Os homens a pé seguiam o mais rápido que podiam, mas ainda estavam um pouco longe, e isso deu a Thomas tempo para tirar todas as flechas sobressalentes e sua bolsa de dinheiro da sela do cavalo.

Recuperou a bolsa de Genevieve da égua, amarrou as rédeas dos dois animais uma na outra e prendeu o nó numa pedra na esperança de que ela os segurasse depois subiu pela íngreme confusão de pedras.

Duas setas de bestas bateram em pedra perto dele, mas Thomas se deslocava com rapidez e sabia muito bem como era difícil acertar um homem em movimento. Encontrou Genevieve numa ravina perto do alto.

— Você matou três! — disse ela, admirada.

— Dois — disse ele. — Os outros só estão feridos.

Ele estava vendo o homem que ferira nas costas rastejando em direção ao bosque distante. Correu os olhos ao redor e concluiu que Genevieve encontrara o melhor refúgio possível. Duas imensas pedras formavam os lados da ravina, os flancos maciços tocando-se atrás, enquanto que na frente havia uma terceira pedra que servia de parapeito. Estava na hora, pensou Thomas, de ensinar àqueles bastardos o poder do arco de teixo. Ficou de pé atrás do parapeito improvisado e retesou a corda.

Ele disparava as flechas com uma fúria fria e uma habilidade terrível. Os homens vinham chegando num grupo só, e as primeiras seis flechas de Thomas não podiam errar. Penetraram nos *coiedors*

maltrapilhos um atrás do outro, e então eles tiveram o bom senso de se espalhar, a maioria fazendo meia-volta e fugindo para sair do raio de alcance. Deixaram três homens no chão e outros dois mancando.

Thomas disparou uma última flecha contra um fugitivo, mas errou o homem por questão de uns três centímetros.

E então as bestas foram disparadas e Thomas agachou-se ao lado de Genevieve enquanto os quadrelos de ferro tilintavam e batiam nas pedras da ravina. Ele calculou que havia quatro ou cinco bestas e que estavam disparando de uma distância logo depois do raio de alcance do arco dele; nada podia fazer, exceto olhar em volta da pedra e espiar por uma fresta que tinha pouco mais de um palmo de largura.

Depois de alguns instantes, viu três homens correndo para as pedras e disparou uma flecha pela fresta, a seguir levantou-se e disparou mais duas hastes antes de se agachar depressa enquanto os quadrelos martelavam as pedras altas e rolavam para cair ao lado de Genevieve.

Suas flechas fizeram os três homens fugir aPesar de nenhum ter sido atingido.

— Daqui a pouco todos eles vão embora — disse Thomas.

Ele não tinha visto mais de vinte homens perseguindo e havia matado ou ferido quase a metade, e embora, sem dúvida, aquilo fosse deixá-los com raiva, iria fazer com que fossem cautelosos.

— Eles são apenas bandidos — disse Thomas — e querem a recompensa por capturarem um arqueiro.

Joscelyn lhe confirmara que o conde realmente oferecera uma recompensa nesse sentido, e Thomas tinha certeza de que aquele *butim* estava na mente dos *coredors*, mas eles estavam descobrindo como seria difícil consegui-lo.

— Eles vão pedir reforço — disse Genevieve, amargurada.

— Talvez não haja mais — sugeriu Thomas, com otimismo, e então ouviu um dos cavalos relinchar e imaginou que um *coredor*, que ele não tinha visto, chegara onde estavam os dois animais e desatava as rédeas.

— Malditos — disse ele e saltou por cima da pedra. Começou a pular de uma pedra para outra, descendo pela frente da montanha.

Uma seta de besta bateu bem atrás dele, enquanto outra tirou faísca de uma pedra em frente, e então ele viu um homem levando os dois cavalos para longe das pedras e fez uma pausa e armou o arco. O

homem estava semi-escondido pela égua de Genevieve, mas mesmo assim Thomas disparou e a flecha passou rápida por baixo do pescoço da égua, para atingir a coxa do homem. O *coredor* caiu, ainda segurando as rédeas. Thomas voltou-se e viu um dos quatro besteiros mirando em Genevieve. O homem atirou e, Por sua vez, Thomas soltou. Ele estava no limite do alcance de seu grande arco, mas a flecha passou perigosamente perto do inimigo e aquele que escapou por um triz convenceu todos os besteiros a recuar. Thomas, com a sacola de flechas batendo incomodamente na sua coxa direita, sabia que eles estavam horrorizados com a potência de seu arco e por isso, em vez de voltar para seu ninho de águia nas pedras altas, correu em direção a eles.

Disparou mais duas flechas, sentindo a tensão nos músculos das costas enquanto esticava a corda bem para trás, e as hastes com penas brancas fizeram um arco no céu para mergulhar em torno dos besteiros. Nenhuma haste atingiu o alvo,

mas os homens recuaram ainda mais e Thomas, quando teve certeza de que estavam a uma distância segura, fez meia-volta e foi apanhar os cavalos.

Não tinha sido um homem que ele ferira, mas um menino. Uma

criança de nariz arrebitado, talvez com dez ou onze anos, que estava deitada na turfa com lágrimas nos olhos e uma careta no rosto. Ele segurava as rédeas de Thomas como se sua vida dependesse daquilo, e na mão esquerda havia uma faca que agitava em tênue ameaça. A flecha estava atravessada na coxa direita do menino, bem alto, e a dor na fisionomia da vítima fez com que Thomas pensasse que a seta talvez tivesse quebrado o osso.

Thomas deu um pontapé e tirou a faca da mão do menino.

— Você fala francês? — perguntou ao garoto e recebeu como resposta uma bola de cuspe.

Thomas sorriu, apanhou as rédeas e depois ergueu o menino, pondo-o de pé. O garoto gritou de dor porque a flecha rasgou o ferimento. Thomas olhou para os *coredors* sobreviventes e viu que eles tinham perdido toda a disposição de lutar. De olhos arregalados, eles olhavam para o menino.

Thomas imaginou que o menino tinha ido com os três homens que correram para as pedras enquanto ele ficava agachado atrás da pedra. Sem dúvida, tinham tido a esperança de roubar os dois cavalos, porque isso, pelo menos, lhes proporcionaria um pequeno lucro sobre o que resultara numa desastrosa incursão. As flechas de Thomas fizeram com que os homens recuassem, mas o menino, menor, mais ágil e mais rápido, chegara até as pedras e tentara ser um herói. Agora, pelo que parecia, era um refém, porque um dos *coredors*, um homem alto com um casaco de couro e um morrião rachado encaixado nos cabelos loucamente emaranhados, estendeu as duas mãos para mostrar que não levava armas e avançou devagar.

Com o pé, Thomas empurrou o garoto para o chão quando o homem chegou a trinta passos de distância, e armou o arco pela

metade.

— Aí está bem — disse ele ao homem.

— Eu me chamo Philin — disse o homem.

Ele tinha o peito largo, pernas compridas, um rosto triste e magro que exibía uma cicatriz, feita por uma faca ou espada, de um lado ao outro da testa. Levava uma faca embainhada no cinto, mas nenhuma outra arma. — Thomas achou que ele parecia um bandido, mas havia algo nos olhos de Philin que falava de tempos melhores, até de respeitabilidade.

— Ele é meu filho — acrescentou Philin, fazendo com a cabeça um sinal em direção ao menino.

Thomas deu de ombros, como se pouco se importasse.

Philin tirou o elmo rachado e olhou por um instante para os homens mortos no capim esmaecido. Eram quatro, todos mortos pelas flechas compridas, enquanto outros dois estavam feridos e gemendo. Ele tornou a olhar para Thomas.

— Você é inglês?

— O que você acha que isto é? — perguntou Thomas, erguendo o arco. Só os ingleses usavam o longo arco de guerra.

— Ouvi falar nos arcos — admitiu Philin. Ele falava um francês com um sotaque horrível, e às vezes hesitava enquanto procurava uma palavra. — Ouvi falar neles — continuou —, mas até hoje não tinha visto um.

— Pois agora já viu — disse Thomas, vingativo.

— Acho que sua mulher está ferida — informou Philin, acenando com a cabeça em direção ao esconderijo de Genevieve.

— E você pensa que sou bobo — retrucou Thomas. Philin queria que ele virasse de costas para que as bestas pudessem se aproximar

furtivamente de novo.

— Não — disse Philin. — O que acho é que quero que meu filho viva.

— O que oferece por ele? — perguntou Thomas.

— A sua vida — respondeu Philin. — Se você ficar com o meu filho, vamos trazer outros homens para cá e cercá-lo e esperar por você. Vocês dois vão morrer. Se meu filho morrer, você vai morrer com tamanha agonia inglês, que depois disso todos os tormentos do inferno vão parecer um alívio. Mas deixe o Galdric viver, e vocês dois viverão. Você e a herege.

— Você sabe quem é ela? — Thomas estava surpreso.

— Sabemos de tudo o que acontece entre Berat e as montanhas

— disse Philin.

Thomas olhou para trás, para o monte de pedras, mas Genevieve estava escondida. Ele planejara acenar para que ela descesse, mas em vez disso se afastou do menino.

— Quer que eu tire a flecha? — perguntou a Philin.

— Os monges do São Sever vão fazer isso — disse Philin.

— Vocês podem ir até lá?

— O abade Planchard sempre acolhe um homem ferido.

— Mesmo um coredor?

Philin teve uma expressão de desdém.

— Nós somos apenas homens sem terra. Expulsos. Acusados de crimes que não cometemos. Bem — ele sorriu de repente e Thomas quase respondeu com um outro sorriso —, que alguns de nós não cometeram. O que acha que devíamos ter feito? Ido para as galés? Ser enforcados?

Thomas ajoelhou-se ao lado do menino, largou o arco e puxou a

faca. O menino o olhou assustado, Philin deu um grito de alarme, mas depois ficou calado quando viu que Thomas não queria fazer mal à criança. Em vez disso, Thomas cortou a ponta da flecha da haste e colocou o precioso pedaço de metal no embornal. Depois, levantou-se.

— Jure pela vida de seu filho — ordenou ele a Philin — que vai cumprir a palavra.

— Eu juro — disse Philin.

Thomas fez um gesto para as pedras altas onde Genevieve se protegia.

— Ela é uma *draga* — avisou ele. — Quebre a palavra, Philin, e ela fará a sua alma dar berros.

— Não vou fazer mal a vocês — disse Philin, sério — e eles —

olhou para os outros *coredors* — também não.

Thomas reconheceu que praticamente não tinha opção. Era confiar em Philin ou resignar-se a um sítio num ponto elevado onde não havia água, e por isso afastou-se do menino.

— Ele é seu.

— Obrigado — disse Philin, sério. — Mas me diga... — As últimas três palavras fizeram Thomas, que se voltara para levar os cavalos de volta para as pedras, dar uma parada. — Me diga, inglês, por que está aqui? Sozinho?

— Pensei que vocês soubessem de tudo que acontecia entre Berat e as montanhas.

— Eu fico informado fazendo perguntas — disse Philin, curvando-se para o filho.

— Eu sou um sem-terra, Philin, um fugitivo. Acusado de um crime que cometi, mesmo.

— Que crime?

— Dar refúgio a uma herege.

Philin deu de ombros como que a sugerir que aquele crime estava situado muito baixo na hierarquia dos males que tinham levado os *coredors* ao banditismo.

— Se é realmente um fugitivo — disse ele —, devia pensar em juntarse a nós.

Mas cuide de sua mulher. Eu não menti. Ela está ferida.

Ele tinha razão. Thomas levou os cavalos de volta para as pedras e gritou o nome de Genevieve, e quando ela não respondeu, subiu até a ravina e encontrou-a com uma seta de besta no ombro esquerdo. A seta havia furado a malha de prata e estilhaçado uma costela logo acima do seio esquerdo, perto da axila, e ela estava deitada ali, cercada pelos horrendos quadrelos pretos, respirando com dificuldade, o rosto mais pálido do que nunca, e gritou quando Thomas a levantou.

— Eu estou morrendo — disse ela, mas não havia sangue em sua boca e Thomas tinha visto muitas outras pessoas sobreviverem depois de ferimentos como aquele. E também as vira morrer.

Ele provocou muitas dores enquanto descia das pedras com ela nos braços, mas assim que chegaram ao sopé, ela reuniu um pouco de força Para ajudar enquanto Thomas a erguia para montar na sela.

Corria sangue Pela cota de malha, descendo por entre os aros. Ela ficou na sela de cabeça baixa, os ombros caídos, olhos vidrados, e os *coredors* se aproximaram para olhar para ela, impressionados. Eles também olharam para Thomas e fizeram o sinalda-cruz quando viram o grande arco. Eram todos homens magros vítimas das safras reduzidas da região e da dificuldade de encontrar comida quando

eram fugitivos, mas agora que Philin ordenara que largassem as armas, não eram ameaçadores. Eram, isso sim, patéticos. Philin falou com eles na língua local e depois, com seu filho montado em um dos ossudos cavalos com que os *coredors* tinham perseguido Thomas e Genevieve, começou a descer a montanha em direção a Astarac.

Thomas foi com ele, conduzindo a égua de Genevieve. O sangue coagulara na anca da égua e, embora andasse com dificuldade, não parecia estar gravemente ferida e Thomas deixara a seta no corpo dela. Ele iria cuidar daquilo mais tarde.

— Você é o líder deles? — perguntou ele a Philin.

— Só dos homens que você viu — respondeu o grandalhão —, e talvez não seja mais.

— Não seja mais?

— Os *coredors* gostam do sucesso — disse Philin — e não gostam de enterrar seus mortos. Sem dúvida existem outros que pensam que podem agir melhor do que eu.

— E aqueles outros feridos? — perguntou Thomas, fazendo com a cabeça um gesto em direção à montanha. — Por que eles não vão para a abadia? — Um deles não quis ir, preferiu voltar para a mulher dele. Os outros? Talvez morram. — Philin olhou para o arco de Thomas. — E alguns se recusam a ir até a abadia; acham que vão ser traídos e capturados. Mas Planchard não vai me trair.

Genevieve oscilava na sela, de modo que Thomas teve de cavalgar colado ao lado dela, para lhe dar apoio. Ela não dizia nada.

Os olhos ainda estavam vidrados, a pele pálida e a respiração quase imperceptível, mas ela se agarrava com bastante firmeza ao arção anterior, e Thomas via que ainda restava um pouco de vida nela.

— Talvez os monges não cuidem dela — disse a Philin.

— Planchard aceita todo mundo — retrucou este —, até hereges.

— Planchard é o abade daqui, não é?

— É — confirmou Philin —, e também é um homem bom. Já fui um dos monges dele.

— Você? — Thomas não conseguiu esconder a surpresa.

— Eu era noviço, mas conheci uma garota. Estávamos plantando um novo vinhedo e ela levou as tiras de salgueiro para amarrar as videiras e.. — philin deu de ombros como se o resto da história fosse conhecido o bastante para ser repetido. — Eu era jovem — disse ele, para encerrar —, e ela também.

— A mãe de Galdric? — arriscou Thomas.

Philin confirmou com a cabeça.

— Ela já morreu. O abade foi muito bom. Ele me disse que eu não tinha vocação

e me liberou. Nós nos tornamos locatários da abadia, só uma pequena fazenda, mas os outros aldeões não gostavam de mim. A família queria que ela se casasse com uma outra pessoa, dizia que eu não prestava para nada, e depois que ela morreu eles vieram para me expulsar, tocando fogo em tudo. Matei um deles com uma enxada e eles disseram que eu tinha provocado a briga e me tacharam de criminoso, e por isso aqui estou. Era isso, ou ser enforcado em Berat. — Ele conduziu o cavalo do filho para atravessar o pequeno córrego que descia desordenado pela montanha. — É a roda da fortuna, não é? Sempre girando, para cima e para baixo, mas parece que fico mais embaixo do que em cima. E o Destral vai dizer que eu sou o culpado.

— Destral?

— O nosso líder. O nome quer dizer "machado", e é com ele que mata.

— Ele não está aqui?

— Ele me mandou para ver o que está acontecendo em Astarac —

disse Philin. — Há homens cavando no velho castelo. Destral acha que existe um tesouro lá.

O Graal, pensou Thomas, o Graal, e ficou imaginando se ele já tinha sido encontrado, e depois afastou o pensamento, pois sem dúvida a notícia teria se espalhado pelo interior como um relâmpago.

— Mas nós nunca chegamos a Astarac — continuou Philin. — na floresta estávamos para sair quando vimos vocês.

— E pensaram que tinham ficado ricos?

— Nós teríamos conseguido quarenta moedas por você — Philin

— todas de ouro.

— Dez a mais do que Judas recebeu — disse Thomas, despreocupado —, e as dele eram só de prata.

Philin fez a cortesia de sorrir.

Chegaram ao mosteiro logo depois do meio-dia. O vento estava frio, soprando forte do norte e levando a fumaça da cozinha por cima da porta, onde dois monges os abordaram. Sacudiram a cabeça para Philin deixando que ele levasse o filho para a enfermaria, mas depois barraram o caminho de Thomas.

— Ela precisa de socorro — insistiu Thomas, irritado.

— Ela é mulher — disse um dos monges — e não pode entrar aqui.

— Há um lugar nos fundos — disse o outro monge e, puxando o capuz branco para cobrir a cabeça, conduziu Thomas pelo lado dos prédios e por entre algumas oliveiras, até um aglomerado de cabanas de madeira cercado por uma cerca de ripas, alta.

— O irmão Clement vai recebê-los — disse o monge e afastou-se depressa.

Thomas amarrou os dois cavalos a uma oliveira e depois levou Genevieve para o portão da cerca. Chutou o portão com a bota, esperou e tornou a chutar, e depois do segundo pontapé o portão abriu com um estalo e um monge pequeno, de batina branca e rosto enrugado e uma barba irregular, sorriu para ele.

— Irmão Clement?

O monge confirmou com a cabeça.

— Ela precisa de socorro — disse Thomas.

Clement limitou-se a um gesto apontando para dentro e Thomas carregou Genevieve para o que a princípio pensou ser um pátio de fazenda. O cheiro era o mesmo, apesar de ele não ver nenhum monte de esterco, mas os prédios cobertos de sapé pareciam pequenos celeiros e estábulos, e então ele percebeu as pessoas de túnica cinza sentadas nas entradas. Olhavam para ele com ansiedade, e outras pessoas foram para as pequenas quando a notícia de sua chegada se espalhou. A impressão imediata foi de que eram monges, mas Thomas viu que havia mulheres entre as figuras vestindo túnicas e voltou-se para olhar o portão, onde uma mesinha tinha uma pilha de matracas de madeira. Eram pedaços de madeira presas um cabo por uma tira de couro e, se o cabo fosse sacudido, as placas de madeira provocavam um som forte. Ele os percebera quando o irmão Clement

acenara para que entrasse, mas agora os estranhos objetos faziam sentido. As matracas eram levadas por leprosos, para avisar às pessoas que eles estavam chegando, e a mesa estava arrumada de tal maneira qualquer pessoa daquele cercado que fosse para o mundo mais amplo pudesse levar uma. Thomas parou, amedrontado.

— Isto aqui é um lazareto? — perguntou ele ao irmão Clement. O

monge confirmou com a cabeça, alegre, e puxou o cotovelo de Thomas. Este resistiu, temendo o terrível contágio dos leprosos vestidos de cinza, mas o irmão Clement insistiu e puxou-o até uma pequena cabana em um dos lados do pátio. A cabana estava vazia, exceto quanto a um colchão de palha em um dos cantos e uma mesa na qual se achavam jarros, pilões e uma balança de ferro. O irmão Clement fez um gesto em direção ao colchão.

Thomas deitou Genevieve. Uma dúzia de leprosos amontoou-se na porta olhando perplexos para os recém-chegados, até que o irmão Clement os espantou. Genevieve, sem perceber a agitação que sua chegada provocara, suspirou e depois piscou para Thomas.

— Está doendo — sussurrou ela.

— Eu sei — disse ele —, mas você precisa ser valente.

O irmão Clement arregaçara as mangas e fez um gesto para indicar que a cota de malha de Genevieve tinha que ser tirada. Ia ser difícil, Porque o quadrelo de besta ainda estava no corpo dela e sobressaía através da malha polida. Mas o monge parecia saber o que fazer, porque empurrou Thomas para o lado e primeiro mexeu nos braços de Genevieve, fazendo com que ficassem esticados acima da cabeça, e depois segurou as alhetas de couro do quadrelo. Genevieve gemeu e o irmão Clement, com extraordinária delicadeza, soltou a malha ensanguentada e quebrada e o gibão de couro que a apoiava por cima da seta. Depois, abaixou sua mão esquerda e enfiou-a por baixo da saia do gibão, até segurar a seta e ficar com o braço esquerdo sustentando a armadura para evitar que ela tocasse no quadrelo, e sacudiu a cabeça para Thomas, pareceu estar na expectativa, e então agitou a cabeça como a sugerir que Thomas devia simplesmente puxar Genevieve para fora da cota de malha. O monge fez com a

cabeça um gesto de aprovação quando Thomas agarrou os tornozelos dela, e depois sacudiu a cabeça, num gesto de estímulo.

Thomas fechou os olhos e puxou. Genevieve gritou. Ele parou de puxar e o irmão Clement fez uns sons guturais a sugerir que Thomas estava sendo excessivamente escrupuloso. Por isso ele tornou a puxar, fazendo-a deslizar para fora da malha, e quando ele abriu os olhos viu que o corpo dela estava livre dos anéis de ferro, embora os braços estendidos e a cabeça ainda estivessem cobertos pelas dobras deles.

Mas a seta estava livre da armadura e o irmão Clement, estalando a língua, soltou a cota de malha dos braços dela e jogou-a para o lado.

O monge voltou até a mesa enquanto Genevieve berrava e virava a cabeça de um lado para o outro, numa tentativa de reduzir a dor do ferimento, que recomeçara a sangrar. A camisa dela estava vermelha da axila até a cintura.

O irmão Clement ajoelhou-se ao lado dela. Colocou-lhe um chumaço encharcado de água na testa, acariciou-lhe a face, estalou a língua mais um pouco, o que pareceu acalmar Genevieve, e então, sorrindo, colocou o joelho esquerdo sobre o seio dela, as duas mãos no quadrelho, e puxou. Ela berrou, mas a seta saiu, ensanguentada e pingando, e o irmão Clement estava com uma faca, com a qual cortou o linho para revelar o ferimento, no qual enfiou o chumaço molhado. Fez um gesto para indicar que Thomas devia manter o chumaço firme no lugar.

Foi o que Thomas fez enquanto o monge se ocupava com o que havia em cima da mesa. Ele voltou com um pedaço de pão mofado, que amolecera com água. Colocou-o no ferimento, e apertou com força. Deu a Thomas uma tira de aniagem e, usando de mímica, indicou que a tira deveria ser enrolada no peito de Genevieve como

uma bandagem. Aquilo doeu, porque Thomas teve que sentá-la para fazê-lo e, assim que ela se ergueu, o irmão Clement cortou o resto da camisa de linho ensanguentada. Depois enrolou a aniagem nos seios e no ombro, e só quando a cataplasma ensopada estava bem apertada, permitiu que ela descansasse. O irmão Clement sorriu como para dizer que estava tudo bem-feito, depois ficou de mãos postas em sinal de oração e colocou-as ao lado do rosto para indicar que Genevieve devia dormir.

— Obrigado — disse Thomas.

O irmão Clement abriu a boca num grande sorriso e Thomas viu que o monge

não tinha língua. Um rato farfalhou no sapé e o pequeno monge agarrou uma lança tridente para pegar enguias e começou a golpear com violência contra a palha, o que só conseguiu fazer grandes buracos no telhado.

Genevieve dormiu.

O irmão Clement foi cuidar das necessidades de seus leprosos e depois voltou com um braseiro e um pote de barro no qual trazia algumas brasas. Acendeu um molhe de iscas no braseiro, alimentou o fogo com lenha e, quando fazia fumaça e estava vermelho em brasa, enfiou o quadrelo que ferira Genevieve no brilhante centro do fogo.

As alhetas de couro queimaram e federam. O irmão Clement sacudiu a cabeça, feliz, e Thomas percebeu que o pequeno monge estava curando o ferimento de Genevieve ao castigar o objeto que o causara.

E então, depois que o quadrelo ofensor tinha sido punido pelo fogo, o irmão Clement foi na ponta dos pés até ficar ao lado de Genevieve, olhou bem para ela e sorriu, satisfeito. Tirou dois cobertores sujos de sob a mesa e Thomas estendeu-os sobre a jovem.

Ele a deixou dormindo. Tinha de dar água aos cavalos, deixá-los

pastar e recolhê-los ao estábulo no lagar de vinho do mosteiro. Ele tinha a esperança de falar com o abade Planchard, mas os monges estavam rezando e ainda permaneciam na igreja da abadia depois que Thomas, imitando o irmão Clement, fizera a égua relinchar ao arrancar o quadrelo da anca do animal. Esperto, ele teve de recuar para evitar os coices que ela deu. Depois que a égua se acalmou, encharcou o ferimento com água, acariciou-lhe o pescoço e depois levou as selas, arreios, flechas, arcos e sacolas para o barraco onde, agora, Genevieve estava acordada. Ela estava recostada num saco e o irmão Clement, fazendo os seus cacarejos, dava-lhe uma sopa de cogumelos com azeda. Ele dirigiu um sorriso para Thomas e depois inclinou a cabeça para o pátio, de onde chegava o som de cantos.

Eram os leprosos, e o irmão Clement cantarolava com a boca fechada, junto com a música que eles cantavam.

Havia mais sopa e pão para Thomas. Depois de comer, e depois que o irmão Clement saiu para onde quer que passava suas noites, Thomas deitou-se ao lado

de Genevieve.

— Ainda dói — disse ela —, mas não como antes.

— Que bom.

— Não doeu quando a flecha me atingiu. Foi como uma picada.

— Você vai melhorar — disse ele, com fervor.

— Sabe o que eles estavam cantando? — perguntou ela.

— Não.

— A canção de Herric e Alloise. Eles eram amantes. Faz muito tempo.

— Ela esticou o braço e passou um dedo pelo largo queixo barbado dele.

— Obrigada — disse.

Pouco depois, ela tornou a dormir. Pequenos facho de luar passavam pelo sapé esfarrapado e Thomas pôde ver suor na testa da jovem. Mas pelo menos ela respirava mais fundo. Depois de um certo tempo, Thomas adormeceu.

Ele dormiu mal. Às vezes, durante a noite, sonhou com patas de cavalos e com homens gritando. Despertou e viu que não se tratava de um sonho, mas da realidade, e sentou-se na cama quando o sino do mosteiro começou a soar o alarme. Afastou os cobertores, pensando que devesse ir ver o que provocara a perturbação, mas então o sino parou o seu clamor e a noite voltou a ficar silenciosa.

E uma vez mais, Thomas, dormiu.

Thomas acordou sobressaltado, percebendo que havia um homem de pé a seu lado. Era um homem alto, sua grande altura em silhueta contra a pálida luz da madrugada que aparecia na porta da choça. Instintivamente, Thomas contorceu-se e estendeu a mão para sua espada, mas o homem recuou e fez um som indicando que ele não fizesse barulho.

— Não tive a intenção de acordá-lo — disse baixinho, numa voz que era

profunda e não continha ameaça alguma.

Thomas sentou-se e viu que tinha sido um monge que falara. Ele não conseguia ver o rosto do monge, porque estava escuro na choça, mas o homem alto, de batina branca, tornou a adiantar-se para olhar para Genevieve.

— Como vai a sua amiga? — perguntou ele.

Genevieve estava dormindo. Um fio de cabelo dourado tremia em sua boca com cada respiração.

— Ontem à noite, ela se sentia melhor — revelou Thomas, baixinho.

— Que bom — disse o monge com fervor e tornou a recuar para a porta. Ele apanhara o arco de Thomas quando se inclinara para olhar para Genevieve, e agora o examinava à fraca luz cinza. Thomas, como sempre, ficava constrangido quando um estranho manuseava a arma, mas não disse nada e, depois de um certo tempo, o monge encostou o arco na mesa de remédios do irmão Clement.

— Eu gostaria de falar com você — disse o monge. — Vamos nos encontrar na clausura daqui a pouco?

Era uma manhã fria. O orvalho cobria a grama entre as oliveiras e o gramado no centro da clausura. Havia um cocho circular comunitário a um dos cantos das clausuras, onde os monges, com um dos serviços de oração já completados, molhavam o rosto e as mãos, Thomas procurou primeiro pelo monge alto entre os homens que se lavavam, mas então o viu sentado num muro baixo entre dois pilares da arcada sul. O monge fez um gesto para ele e Thomas viu que ele era muito velho, com um rosto profundamente enrugado e, de certa maneira, cheio de bondade.

— Sua amiga — disse o velho monge quando Thomas juntou-se a ele — está em excelentes mãos. O irmão Clement é muitíssimo competente em curar as pessoas, mas ele e o irmão Ramón não estão de acordo sobre algumas coisas, de modo que tenho que manter os dois separados. Ramón cuida da enfermaria, e Clement trata dos leprosos. Ramón é médico, treinou em Montpellier, e por isso é claro que temos de acatar o que ele diz, mas parece que não tem nenhum remédio, a não ser orações e uma forte sangria. Ele as usa para qualquer doença, enquanto que o irmão Clement, pelo que desconfio, usa um tipo próprio de magia. É provável que eu devesse desaprovar isso, mas sou obrigado a dizer que,

se ficasse doente,

preferiria que o irmão Clement tratasse de mim. — Sorriu para Thomas. — Eu me chamo Planchard.

— O abade?

— Isso mesmo. Vocês são muitíssimo bem-vindos à nossa casa.

Lamento não ter podido recebê-los ontem. E o irmão Clement me disse que você ficou muito assustado por estar no lazareto. Não precisa ficar. Minha experiência diz que a doença não é transmitida pelo contato pessoal. Eu visito os leprosos há quarenta anos e não perdi um só dedo, e o irmão Clement vive e faz orações com eles, e nunca foi tocado pela doença.

O abade fez uma pausa e benzeu-se, Thomas pensou, a princípio/

que o homem idoso estava afastando o mau pensamento de contrair lepra, e então viu que Planchard olhava para algo do outro lado da clausura. Seguiu o olhar do abade e viu um corpo sendo carregado numa maca. Era evidente que se tratava de um cadáver, porque o rosto estava coberto com um pano branco e havia, equilibrado no peito, um crucifixo que escorregava depois de alguns passos e os monges tinham de parar para apanhá-lo.

— Nós tivemos agitação aqui, ontem à noite — disse Planchard, calmamente.

— Agitação?

— Você não ouviu o sino? Acho que ele foi tocado tarde demais.

Dois homens chegaram ao mosteiro depois que escureceu. A nossa porta nunca está fechada, de modo que eles não tiveram dificuldade para entrar. Amarraram as mãos e os pés do porteiro e foram para a enfermaria. O conde de Berat estava lá. Ele estava sendo atendido pelo seu escudeiro e três de seus soldados que sobreviveram a uma horrível briguinha no vale ao lado. — O abade agitou a mão em

direção oeste, mas se sabia ou desconfiava que Thomas estivera envolvido naquela luta, não comentou. — Um dos soldados estava dormindo no quarto do conde. Ele acordou quando os assassinos chegaram, e por isso morreu. Depois a

garganta do conde foi cortada e os dois assassinos fugiram desesperados.

O velho abade contava aqueles fatos numa voz sem expressão, como se assassinatos fossem um acontecimento comum no mosteiro de São Sever.

— O conde de Berat? — perguntou Thomas.

— Um homem triste — disse Planchard. — Eu gostava muito dele, mas acho que era um dos bobos de Deus. Tinha uma cultura impressionante, mas não possuía bom senso. Era um senhor rigoroso com seus locatários, mas bom para a Igreja. Eu pensava que ele estivesse tentando comprar sua ida para o céu, mas na verdade ele procurava um filho homem e Deus nunca realizou o desejo dele.

Pobre homem, pobre homem. — Planchard ficou olhando enquanto o conde morto era levado para a porta do mosteiro, e depois sorriu delicado para Thomas. — Alguns de meus monges insistiram em afirmar que você devia ter sido o assassino.

— Eu! — exclamou Thomas.

— Sei que não foi você — disse Planchard. — Os verdadeiros criminosos foram vistos saindo. Galopando noite adentro. — Ele abanou a Cabeça. — Mas os irmãos ficam muito agitados e, infelizmente, a nossa casa tem sido muito perturbada ultimamente.

Desculpe, mas eu não perguntei o seu nome.

— Thomas.

— Um bom nome. Só Thomas?

— Thomas de Hookton.

— Isso parece muito inglês — disse Planchard. — E você é o quê?

Soldado?

— Arqueiro.

— Não é frade? — perguntou Planchard, em tom grave mas divertido. Thomas

esboçou um sorriso.

— O senhor sabe disso?

— Sei que um arqueiro inglês chamado Thomas foi a Castillon d'Arbizon vestido de frade. Sei que falava bem o latim. Sei que tomou o castelo, e sei que depois espalhou a desgraça pelo interior. Sei que provocou muitas lágrimas, Thomas, muitas lágrimas. Gente que lutou a vida inteira para construir alguma coisa para seus filhos viu tudo queimado em minutos.

Thomas não sabia o que dizer. Olhou para a grama.

— O senhor deve saber mais do que isso — disse ele, depois de um certo intervalo.

— Sei que você e sua companheira foram excomungados —

revelou Planchard.

— Neste caso, eu não devia estar aqui — replicou Thomas, fazendo um gesto para a clausura. — Fui proibido de entrar em recintos santos — acrescentou ele, com amargura.

— Você está aqui a convite meu — disse Planchard com tranquilidade — e se Deus não aprovar esse convite, não vai demorar muito para que Ele tenha uma chance de me exigir uma explicação.

Thomas olhou para o abade, que suportou com paciência o olhar. Havia alguma coisa em Planchard, pensou Thomas, que o fazia lembrarse de seu pai, embora sem a loucura. Mas havia uma santidade e uma sabedoria e uma autoridade no velho rosto enrugado e Thomas sentiu que gostava daquele homem. Gostava muito. Ele

desviou o olhar.

— Eu estava protegendo Genevieve — murmurou ele, justificando sua excomunhão.

— A beguina?

— Ela não é beguina coisa nenhuma — disse Thomas.

— Eu ficaria surpreso se fosse — declarou Planchard —, porque duvido muito que haja algum beguino por essas bandas. Aqueles hereges se reúnem no norte. Como é que eles são chamados? A Irmandade do Livre Espírito. E no que acreditam? Que tudo vem de Deus, de modo que tudo é bom! É uma idéia sedutora, não é? Só que quando eles dizem tudo, referem-se exatamente a isso, tudo. Todos os pecados, todos os atos, todos os roubos.

— A Genevieve não é beguina. — Thomas repetiu a negativa, apesar de a firmeza do tom não refletir convicção alguma.

— Tenho a certeza de que ela é uma herege — disse Planchard, delicado —, mas quem de nós não é? E no entanto — o tom delicado desapareceu e a voz tornou-se ríspida — ela também é uma assassina.

— Quem de nós não é? — ecoou Thomas.

Planchard fez uma careta.

— Ela matou o padre Roubert.

— Que a torturou — disse Thomas. Ele arregaçou a manga e mostrou ao abade as cicatrizes de queimadura no braço. — Também matei o meu torturador e ele também era dominicano.

O abade ergueu os olhos para o céu, que estava ficando encoberto. A confissão de assassinato feita por Thomas parecia não perturbá-lo, e de fato as palavras seguintes chegavam até a dar a entender que ele não ligara nem um pouco para ela.

— Há poucos dias — disse ele — eu me lembrei dos salmos de

David. *"Dominus regei me et nihil mihi deerit"* .

— *"In loco pascuae ibi conlocavit"* — Thomas completou a citação.

— Estou vendo por que pensaram que você fosse um frade —

disse Planchard, deleitado. — Mas o que o salmo quer dizer, não é?, é que nós

somos ovelhas e que Deus é o nosso pastor. Caso contrário, por que Ele iria nos colocar num pasto e nos proteger com um bastão? Mas o que nunca entendi direito é por que o pastor põe a culpa nas ovelhas quando elas ficam doentes.

— Deus põe a culpa em nós?

— Não posso falar por Deus — disse Planchard —, só pela Igreja.

O que disse Cristo? *"Ego sum pastor bonus, bonus pastor animam suam pro ovibus."* — Ele fez a Thomas a cortesia de não traduzir as palavras, que significavam: "Eu sou o bom pastor, e o bom pastor dá a vida pelas ovelhas." — E a Igreja — acrescentou Planchard —

continua o ministério de Cristo, ou deveria continuar, mas alguns religiosos têm o lamentável entusiasmo por apartar seus rebanhos.

— E o senhor, não?

— Não — disse Planchard com firmeza. — Mas não deixe que esta minha fraqueza o convença de que aprovo o que vocês fizeram.

Não aprovo o que você fez, Thomas, e não aprovo o que a sua mulher fez, mas também não posso aprovar uma Igreja que se utiliza da dor para trazer o amor de Deus a um mundo pecador. O mal gera o mal, espalha-se como uma erva daninha, mas as boas ações são brotos frágeis que precisam de cuidados. — Ele pensou por um instante e depois sorriu para Thomas. — Mas o meu dever é bem claro, não é?

Eu devia entregar vocês dois ao bispo de Berat e deixar que a fogueira dele faça o trabalho de Deus.

— E o senhor — disse Thomas, com amargura — é um homem que cumpre o seu dever.

— Sou um homem que tenta ser bom, com a ajuda de Deus. Ser aquilo que Cristo quer que sejamos. Às vezes, o dever é imposto por terceiros, e sempre temos de examiná-lo para ver se ele nos ajuda a sermos bons. Não aprovo o que vocês fizeram, mas também não entendo que vantagem haverá em queimá-los. Por isso, vou cumprir o meu dever para com a minha consciência, que não me

manda enviar vocês para a fogueira do bispo. Além do mais — ele tornou a sorrir —, queimar vocês seria um terrível desperdício dos esforços do irmão Clement. Ele me disse que vai mandar vir da cidade uma mulher que consolida fraturas de ossos e ela vai tentar recompor a costela de Genevieve, apesar de o irmão Clement me prevenir que é muito difícil refazer costelas.

— O irmão Clement falou com o senhor? — perguntou Thomas, surpreso.

— Ora essa, não! O pobre do irmão Clement não fala coisa nenhuma! Ele já foi escravo numa galé. Os maometanos o capturaram numa surtida contra Livorno, acho eu, ou será que foi na Sicília? Arrancaram a língua dele, presumo porque os insultou, e depois cortaram mais alguma coisa, motivo pelo qual, desconfio, ele se tornou monge depois de ter sido resgatado por uma galé veneziana. Ele agora cuida das colméias e toma conta dos leprosos. E

como nós dois conversamos? Bem, ele aponta e gesticula, faz desenhos na poeira e de algum modo conseguimos nos entender.

— E o que é que o senhor vai fazer conosco? — perguntou Thomas.

— Fazer? Eu? Não vou fazer nada! Exceto rezar por vocês e me despedir quando forem embora. Mas gostaria de saber o motivo pelo

qual você está aqui.

— Porque fui excomungado — disse Thomas com amargura —, e meus companheiros não quiseram ter nada mais a ver comigo.

— Eu me refiro ao motivo pelo qual você veio à Gasconha, para Início de conversa — perguntou Planchard, com paciência.

— O conde de Northampton mandou que eu viesse — respondeu Thomas.

— Entendo — disse Planchard, o tom de voz dando a entender que ele sabia que Thomas estava fugindo da pergunta. — E o conde tinha lá seus motivos, não tinha?

Thomas nada disse. Ele viu Philin na outra extremidade da clausura e ergueu a mão numa saudação e o *coredor* respondeu com um sorriso; o sorriso dando a entender que seu filho, tal como Genevieve, estava se recuperando do ferimento

causado pela flecha.

Planchard insistiu.

— O conde tinha suas razões, Thomas?

— Certa vez, Castillon d'Arbizon pertenceu a ele. Ele a queria de volta.

— Ela pertenceu a ele — disse Planchard, mordaz — por muito Pouco tempo, e não consigo imaginar que o conde esteja tão necessitado de terras que precise enviar homens para defender uma insignificante cidade da Gasconha, especialmente depois de assinada uma trégua em Calais. Ele deve tê-lo enviado para romper aquela trégua por um motivo muito especial, não acha? — O abade fez uma pausa e sorriu da renitência de Thomas. — Você conhece mais alguma coisa daquele salmo que começa com "*Dominus reget me*" ?

— Um pouco — disse Thomas, vagamente.

— Então talvez conheça as palavras "*calix meus inebrians*" !

— "Minha taça me deixa embriagado" — disse Thomas.

— Porque examinei o seu arco hoje de manhã, Thomas — disse Planchard —, sem nada além de pura curiosidade. Ouvi falar tanto sobre o arco de guerra inglês, mas há muitos anos que não via nenhum. O seu, pelo que percebi, tinha algo que a maioria dos arcos não tem. Uma placa de prata. E na placa, meu jovem, estava a insígnia dos Vexille.

— Meu pai era um Vexille — disse Thomas.

— com que então você nasceu em berço nobre?

— Eu nasci bastardo — disse Thomas. — Ele era padre.

— Seu pai era padre? — Planchard pareceu surpreso.

— Padre — confirmou Thomas —, na Inglaterra.

— Ouvi dizer que alguns dos Vexille fugiram para lá — disse Planchard —, mas isso foi há muitos anos. Antes de minhas recordações começarem. E por que um

Vexille volta a Astarac?

Thomas não respondeu. Monges estavam indo para o trabalho, levando enxadas e estacas para fora da porta.

— Para onde estavam levando o conde que morreu? —

perguntou ele, tentando evitar a pergunta do abade.

— Ele tem de ir para Berat, é claro, para ser enterrado junto a seus ancestrais — disse Planchard —, e o corpo vai estar fedendo quando chegar à catedral. Eu me lembro de quando o pai dele foi enterrado: o fedor estava tão forte que a maioria dos presentes correu para o ar livre. Agora, qual foi a minha pergunta? Ah, sim, por que um Vexille volta a Astarac?

— Por que não? — respondeu Thomas. Planchard levantou-se e fez um gesto para ele.

— Deixe eu lhe mostrar uma coisa, Thomas. — Ele conduziu

Thomas até a igreja do mosteiro onde, ao entrar, o abade molhou o dedo na pia de água benta e fez o sinal da cruz enquanto se ajoelhava em direção ao altar. Thomas, quase que pela primeira vez na vida, não fez a mesma reverência. Ele estava excomungado. As coisas antigas já não tinham poder para ele, porque fora isolado delas. Ele seguiu o abade pela nave até uma alcova atrás de um altar lateral, e lá Planchard abriu uma pequena porta com uma chave grande. — Vai estar escuro lá embaixo — avisou o velho — e não tenho lanterna.

Por isso, pise com cuidado.

Uma luz fraca achou um meio de descer a escada e, quando Thomas chegou ao final, Planchard ergueu a mão.

— Espere aqui — disse. — Vou lhe trazer uma coisa. Está muito escuro para enxergar no tesouro.

Thomas esperou. Seus olhos ficaram acostumados com a pouca luz e ele viu que havia oito aberturas em forma de arco na cripta, e então viu que não se tratava apenas de uma cripta, mas de um ossário, e aquilo fez com que desse um passo atrás, num horror repetino. Os arcos estavam cheios de ossos empilhados.

Crânios olhavam para ele. No extremo leste havia um arco cheio pela metade, com o resto do espaço esperando pelos irmãos que rezavam todos os dias na igreja lá em cima. Aquele era o porão dos mortos; a antecâmara do céu.

Ele ouviu o estalido de uma fechadura girando, e então as passadas do abade voltaram e Planchard estendeu-lhe uma caixa de madeira.

— Leve-a para o claro — disse ele — e dê uma olhada. O conde tentou roubá-la de mim, mas quando ele voltou com febre, eu a tirei dele. Você consegue ver bem?

Thomas ergueu a caixa para a fraca luz que descia pelo poço da escada. Viu que a caixa era antiga, que a madeira ressecara, e que um dia ela já fora pintada por dentro e por fora, mas então, na frente da caixa, ele viu os restos das palavras que ele tanto conhecia, as palavras que o perseguiam desde a morte de seu pai: *Calix Meus Inebríans*.

— Dizem — o abade tirou a caixa das mãos de Thomas — que ela foi achada num relicário precioso sobre o altar da capela no castelo dos Vexille. Mas quando foi achada, estava vazia, Thomas. Você compreende isso?

— Ela estava vazia — repetiu Thomas.

— Creio que sei o que traz um Vexille a Astarac — disse Planchard —, mas aqui não existe nada para você, Thomas, absolutamente nada. A caixa estava vazia.

Ele recolocou a caixa no lugar, fechou a pesada arca e conduziu Thomas de volta para a igreja. Trancou a porta do tesouro e depois gesticulou para que Thomas se sentasse com ele numa borda de pedra que contornava toda a nave que, fora isso, não tinha adorno algum.

— A caixa estava vazia — insistiu o abade —, embora não haja dúvida de que você está pensando que houve época em que estava cheia. E acho que veio aqui para procurar a coisa que a enchia.

Thomas confirmou com a cabeça. Ele observava dois noviços que varriam a igreja, suas cerdas de vidoeiro fazendo leves ruídos de raspagem nas largas lajes.

— Eu também vim — disse ele — procurar o homem que matou, que assassinou meu pai.

— Você sabe quem fez isso?

— O meu primo. Guy Vexille. Me disseram que ele se intitula conde de Astarac.

— E você acha que ele está aqui? — Planchard parecia surpreso.

— Eu nunca ouvi falar nesse homem.

— Acho que se souber que estou aqui — disse Thomas — ele virá.

— E você vai matá-lo?

— Vou interrogá-lo — disse Thomas. — Quero saber por que ele achava que meu pai estava com o Graal.

— E seu pai estava?

— Não sei — replicou Thomas, com sinceridade. — Acho que ele pode ter pensado que meu pai o possuía. Mas meu pai às vezes também era um louco.

— Louco? — A pergunta foi feita com muita delicadeza.

— Ele não adorava Deus — disse Thomas —, mas lutava contra Ele implorava, gritava, berrava e chorava para Deus. Ele via a maioria coisas com muita clareza, mas Deus o deixava confuso.

— E você? — perguntou Planchard.

— Sou um arqueiro — disse Thomas —, e tenho que ver as coisas com muita clareza.

— Seu pai — insistiu Planchard — abriu a porta para Deus e ficou deslumbrado, enquanto você mantém a porta fechada?

— Talvez — disse Thomas, em tom defensivo.

— Pois então, Thomas, o que é que você espera conseguir se encontrar o Graal?

— Paz — respondeu Thomas. — E justiça.

Não era a resposta em que ele tinha pensado, mas quase uma conclusão para a pergunta de Planchard.

— Um soldado que procura a paz — disse Planchard, achando

graça. — Você está cheio de contradições. Você incendiou, matou e roubou para fazer a paz. — Ele ergueu a mão para deter o protesto de Thomas. — Devo lhe dizer, Thomas, que acho que seria melhor se o Graal não fosse encontrado. Se eu o achasse, o jogaria no mais profundo dos mares, lá entre os monstros, e não contaria a ninguém.

Mas se uma outra pessoa o encontrar, ele será apenas mais um troféu nas guerras de homens ambiciosos. Reis irão lutar por ele, homens como você irão morrer por causa dele, igrejas ficarão ricas à custa dele, e não haverá paz. Mas isso eu não sei. Talvez você esteja certo.

Talvez o Graal introduza uma era de abundância e tranquilidade, e rezo por isso. No entanto a descoberta da coroa de espinhos não trouxe tais esplendores, e por que iria o Graal ser mais poderoso do que os espinhos do nosso querido Senhor? Temos pequenos frascos com o sangue d'Ele em Flandres e na Inglaterra, e no entanto eles não trazem a Paz. Será que o Graal é mais precioso do que o sangue d'Ele?

— Há quem ache que sim — disse Thomas, constrangido.

— E esses homens vão matar como animais para possuí-lo —

disse Planchard. — Vão matar com toda a piedade de um lobo estraçalhando uma ovelha, e você vem me dizer que trará a paz? —

Ele suspirou. — Mas você pode ter razão. Talvez esteja na hora de o Graal ser encontrado. precisamos de um milagre.

— Para trazer a paz?

Planchard abanou a cabeça. Por algum tempo, não disse nada, apenas olhou para os dois varredores e sua expressão era muito solene e imensamente triste.

— Não contei isso a ninguém, Thomas — ele quebrou o longo silêncio — e seria melhor você também não contar a ninguém. Mais cedo ou mais tarde, todos nós vamos ficar sabendo e aí será tarde

demais. Mas não faz muito tempo recebi uma carta de uma casa irmã na Lombardia e o nosso mundo está prestes a sofrer uma mudança extrema.

— Por causa do Graal?

— Antes fosse. Não, devido a uma epidemia no leste. Uma epidemia terrível, uma peste que se espalha como fumaça, que mata quem ela toca e não poupa ninguém. É uma praga, Thomas, que foi enviada para nos devastar.

O abade olhou para a frente, vendo a poeira dançar num raio de luz do sol enviesada que descia por uma das janelas altas e claras.

— Uma epidemia dessas deve ser obra do diabo — continuou o abade, benzendo-se —, e é uma obra terrível. Meu irmão abade informa que em algumas cidades da Úmbria metade da população morreu e ele me aconselha a trancar minhas portas e não deixar que nenhum viajante entre, mas como posso fazer isso? Estamos aqui para ajudar as pessoas, não para mantê-las longe de Deus. — Ele olhou para um ponto mais alto, como se procurasse a ajuda divina entre as grandes vigas do telhado. — Uma escuridão está chegando, Thomas, e é uma escuridão como a humanidade nunca viu igual.

Talvez, se você encontrar o Graal, ele lhe dê a luz para essa escuridão.

Thomas pensou na visão que Genevieve tivera à luz do relâmpago, de uma grande escuridão na qual havia um ponto brilhante.

— Sempre pensei — continuou Planchard — que a busca pelo Graal era uma loucura, a caça por uma quimera que não traria bem algum, apenas o mal, mas agora sou informado de que tudo vai mudar. Tudo. Talvez precisemos de um símbolo maravilhoso do amor de Deus. — Ele suspirou. — Tenho até sido tentado a imaginar se essa

peste que está chegando não teria sido enviada por Deus. Talvez Ele nos elimine com o fogo, nos purgue, para que aqueles que forem poupados façam a Sua vontade. — Ele abanou a cabeça, triste. — O

que vai fazer quando a sua Genevieve ficar boa?

— Eu vim aqui — disse Thomas — para descobrir tudo o que pudesse sobre Astarac.

— O começo e o fim da labuta do homem — disse Planchard com um sorriso —, não têm fim. Você se ofenderia com um conselho?

— Claro que não.

— Pois então, vão para bem longe, Thomas — disse o abade com firmeza. — Vocês dois. Não sei quem matou o conde de Berat, mas não é difícil adivinhar. Ele tinha um sobrinho, um imbecil, mas um homem forte, que você prendeu. Duvido que o conde teria pago o resgate por ele, mas agora o sobrinho é o conde e pode providenciar o próprio resgate. E se ele procurar o que o tio procurava, irá matar qualquer rival, e isso quer dizer você, Thomas. Portanto, tome cuidado. E vocês devem partir em breve.

— Não sou bem-vindo aqui?

— Você é muitíssimo bem-vindo — insistiu Planchard —, vocês dois. Mas hoje de manhã o escudeiro do conde foi comunicar a morte do patrão e o rapaz vai saber que você está aqui. Você e a jovem. Ele pode não saber o nome de vocês, mas vocês dois são... como direi? De chamar atenção? Por isso, se alguém quiser matá-lo, Thomas, vai saber onde procurá-lo. Motivo pelo qual eu lhe digo que vá para bem longe. Esta casa já viu crimes demais e não quero ver mais. — Ele se levantou e colocou, delicado, uma das mãos na cabeça de Thomas. —

Deus o abençoe, meu filho — disse ele e retirou-se da igreja.

E Thomas sentiu a escuridão se aproximando.

joscelyn era o conde de Berat. Ele estava se lembrando disso, e cada lembrança lhe provocava uma onda de puro deleite. Conde de Berat!

Lorde de dinheiro.

Villesisle e seu companheiro tinham voltado de Astarac com a notícia de que o velho morrera dormindo.

— Antes mesmo de chegarmos ao mosteiro — disse Villesisle a Joscelyn em frente a Robbie e Sir Guillaume, embora mais tarde, em particular, ele confessasse que as coisas não tinham saído tão bem assim e que houvera derramamento de sangue.

— Você é louco — vociferou Joscelyn. — O que foi que eu lhe disse?

— Que abafasse ele.

— E em vez disso você encharca o maldito quarto com o sangue dele?

— Não tivemos chance — alegou Villesisle com rispidez. — Um dos soldados dele estava lá e tentou lutar. Mas o que importa? O

velho está morto, não está?

Estava morto. Morto e apodrecendo, e era isso o que importava.

O décimo quarto conde de Berat estava a caminho do céu ou do inferno, e com isso o condado de Berat, com seus castelos, feudos, cidades, servos, fazendas e moedas entesouradas, pertencia todo a Joscelyn.

Joscelyn possuía uma outra autoridade quando se reuniu com Robbie e Sir Guillaume. Antes, quando ele ficava imaginando se o tio iria pagar o resgate, fizera o possível para ser cortês, porque o seu futuro dependia da boa vontade de seus captores, mas agora, embora não fosse rude com eles, estava arredio, o que era adequado porque eram meros aventureiros e ele era um dos nobres mais ricos do norte da França.

— O meu resgate — declarou ele, categórico — é de vinte mil florins.

— Quarenta — insistiu de imediato Sir Guillaume.

— Ele é meu prisioneiro! — Robbie voltou-se contra Sir Guillaume.

— E daí? — retrucou Sir Guillaume. — Você vai aceitar vinte quando ele vale quarenta?

— Vou aceitar vinte — disse Robbie e era, na verdade, uma fortuna, um resgate digno de um duque real. Em moeda inglesa, seria perto de três mil libras, o

suficiente para permitir que um homem passasse o resto de seus dias numa vida de luxo.

— E mais três mil florins — ofereceu Joscelyn — pelos cavalos e pelos meus soldados capturados.

— Feito — disse Robbie antes que Sir Guillaume pudesse objetar.

Sir Guillaume estava revoltado com a pronta aceitação de Robbie.

O normando sabia que vinte mil florins eram um belo resgate, mais do que ele jamais ousara sonhar quando vira os poucos cavaleiros aproximando-se do vau e da emboscada que os aguardava, mas mesmo assim acreditava que Robbie concordara depressa demais.

Em geral, levava-se meses para negociar um resgate, meses de barganhas, de mensageiros levando propostas e contrapropostas e

recusa e ameaça, e no entanto Joscelyn e Robbie tinham resolvido tudo em instantes.

— E agora — disse Sir Guillaume, olhando para Joscelyn —, você fica aqui até o dinheiro chegar.

— Então, vou ficar para sempre — disse Joscelyn, com calma. —

Tenho que tomar posse da minha herança — explicou ele — antes que o dinheiro seja liberado.

— Com que então eu simplesmente deixo você ir embora? —

perguntou Sir Guillaume, com desdém.

— Vou com ele — disse Robbie.

Sir Guillaume olhou para o escocês, depois tornou a olhar para Joscelyn, e viu aliados. Devia ter sido Robbie, pensou Sir Guillaume, que tirara o escudo de Joscelyn que estava de cabeça para baixo, um gesto que o normando percebera mas decidira ignorar.

— Você vai com ele — disse ele, taxativo —, e ele é seu prisioneiro, não é?

— Ele é meu prisioneiro — disse Robbie.

— Mas eu estou no comando, aqui — insistiu Sir Guillaume — e uma parte do resgate é minha. Nossa. — Ele fez um gesto para indicar o resto da guarnição.

— Ela será paga — disse Robbie.

Sir Guillaume fitou Robbie bem nos olhos e viu um jovem que não encarava o seu olhar, um jovem cujas vassalagens eram incertas, que se Propunha a cavalgar até Berat com Joscelyn. Sir Guillaume desconfiava que Robbie não iria voltar e, por isso, o normando foi até o nicho onde o crucifixo estava pendurado, o mesmo crucifixo que Thomas erguera diante dos olhos de Genevieve. Ele o tirou da parede e colocou-o sobre a mesa em frente a Robbie.

— Jure sobre isto — ordenou ele — que a nossa parte será paga.

— Eu juro — disse Robbie, solene, e colocou a mão sobre a cruz

— Por Deus e pela vida de minha mãe, eu juro.

Joscelyn, que observava, pareceu divertir-se.

Sir Guillaume cedeu. Ele sabia que poderia ter mantido Joscelyn e os outros prisioneiros, e que no fim seria encontrado um meio de levar todo o dinheiro do resgate se ficasse com eles, mas também sabia que enfrentaria semanas de inquietação. Os partidários de Robbie, e eles eram muitos, especialmente entre os soldados da estrada que tinham se juntado à guarnição, iriam alegar que, ao esperar, eles se arriscavam a perder todo o dinheiro, ou iriam sugerir que ele estava planejando aceitar o dinheiro e tapeá-los. Robbie iria estimular aquela agitação e no fim a guarnição iria se desfazer. Era provável que ela se desfizesse de qualquer maneira porque, sem Thomas, não havia motivo que os estimulasse a ficar. Os homens nunca ficaram sabendo que o Graal era o objetivo de sua busca, mas haviam sentido a pressa de Thomas, sentido que ele lutava por uma causa, e que o que faziam tinha um significado; agora, Sir Guillaume sabia, eles eram apenas mais um bando de soldados da estrada que tinham a sorte de ocupar um castelo. Sir Guillaume achava que nenhum deles iria ficar por muito tempo. Mesmo que Robbie não pagasse a sua parte, Sir Guillaume ainda poderia ir embora mais rico do que quando chegara, mas se Robbie mantivesse a palavra,

Sir Guillaume teria dinheiro suficiente para levantar os homens de que precisava para perpetrar sua vingança contra aqueles que tinham roubado suas terras na Normandia.

— Espero que o dinheiro esteja aqui dentro de uma semana —

disse Sir Guillaume.

— Duas — retrucou Joscelyn.

— Uma semana!

— Vou tentar — disse Joscelyn, sem hesitação.

Sir Guillaume empurrou o crucifixo para o outro lado da mesa.

— Uma semana.

Joscelyn olhou demoradamente para Sir Guillaume e depois colocou um dedo sobre o corpo quebrado de Cristo.

— Se insiste — admitiu ele. — Uma semana.

Joscelyn partiu na manhã seguinte. Cavalgou de armadura cornoleta, pois sua bandeira, seus cavalos e soldados lhe haviam sido devolvidos, e com ele seguiram Robbie e dezesseis outros soldados, todos gascões que serviram a Thomas mas que agora preferiam extorquir ouro do conde de Berat. Sir Guillaume foi deixado com os homens que seguiram para Castillon d'Arbizon, mas pelo menos isso significava que contava com os arqueiros. Ele ficou em pé na defesa mais alta do castelo e viu Joscelyn ir embora. John Faircloth, o soldado inglês, juntou-se a ele.

— Ele está nos deixando? — perguntou, referindo-se a Robbie. Sir Guillaume sacudiu a cabeça.

— Ele está nos deixando. Não tornaremos a vê-lo.

— E o que vamos fazer? — perguntou Faircloth, dessa vez em francês.

— Esperar pelo dinheiro e depois ir embora.

— Só ir embora?

— Em nome de Deus, o que mais podemos fazer? O conde de Northampton não quer esta cidade, John. Ele nunca vai mandar alguém para nos ajudar. Se ficarmos aqui, vamos morrer.

— E vamos embora ou morremos sem o Graal — disse Faircloth.

—

Foi por isso que o conde nos mandou até aqui? Ele sabia a respeito do Graal?

Sir Guillaume confirmou com a cabeça.

— Os cavaleiros da tábola redonda — disse ele, alegre —, é o que somos.

— E vamos abandonar a busca?

— É uma loucura — disse Sir Guillaume, veemente —, uma maldita de uma loucura. Ele não existe, mas Thomas achava que poderia existir e o conde achou que valia a pena tentar. Mas é pura idiotice lunática.

Robbin agora aderiu a ela, mas não vai encontrar o Graal porque ele não existe e, portanto, não pode ser encontrado. Somos apenas nós e uma Quantidade demasiada de inimigos, de modo que vamos receber o nosso dinheiro e voltar para casa.

— E se eles não mandarem o dinheiro? — perguntou Faircloth

— A honra existe, não existe? — disse Sir Guillaume. — Quer dizer, nós saqueamos, roubamos, estupramos e matamos, mas nunca tapeamos uns aos outros quanto a resgates. Meu doce Jesus! Se isso acontecesse jamais se poderia confiar em outra pessoa.

Ele fez uma pausa, olhando para Joscelyn e sua comitiva que tinham parado no fim do vale.

— Veja só os bastardos — disse ele —, só olhando para nós.

Pensando em como nos tirar daqui.

Os cavaleiros estavam realmente dando um último olhar para a torre de Castillon d'Arbizon. Joscelyn viu o insolente estandarte do conde de Northampton subir e descer com a brisa suave, e depois cuspiu na estrada.

— Você vai mesmo mandar o dinheiro para eles? — perguntou ele a Robbie.

Robbie pareceu perplexo diante da pergunta.

— É claro — respondeu ele.

Assim que tivesse recebido o resgate combinado, a honra insistia que ele transferisse a parte de Sir Guillaume. Nunca lhe passara pela cabeça fazer o contrário.

— Mas eles exibem a bandeira do meu inimigo — assinalou Joscelyn. — Por isso, se você mandar o dinheiro para eles, o que é que vai impedir que eu o tome de volta?

Ele olhou para Robbie, à espera de uma resposta.

Robbie tentou encontrar as ramificações daquela sugestão, testando-as em relação à sua honra, mas desde que o dinheiro fosse enviado, pensou, a honra estaria satisfeita.

— Eles não pediram uma trégua — disse ele, hesitante, e era a resposta que Joscelyn queria, porque sugeria que poderia iniciar uma luta no momento em que o dinheiro fosse pago. Ele sorriu e seguiu em frente.

Chegaram a Berat no início da noite. Um soldado seguira na frente, avisando a cidade da aproximação de seu novo senhor, e uma delegação de cônsules e padres recebeu Joscelyn a uns oitocentos metros da porta leste. Eles se ajoelharam para dar-lhe as boas vindas e os padres presentearam o conde com algumas das preciosas relíquias da catedral. Havia um degrau da escada de Jacó, os ossos dos peixes usados para alimentar as cinco mil pessoas, a sandália de São Gudule, e um prego utilizado para crucificar um dos dois ladrões que haviam morrido com Cristo. Todos tinham sido doações feitas à cidade pelo antigo conde, e agora esperava-se que o novo conde desmontasse e prestasse às

preciosas relíquias, todas colocadas em receptáculos de prata, ouro ou cristal, a devida reverência. Joscelyn sabia o que se esperava que fizesse, mas em vez disso inclinou-se no arção da sela e olhou com ar irritado para os padres.

— Onde está o bispo? — perguntou.

— Está doente, excelência.

— Doente demais para vir me receber?

— Ele está doente, excelência, muito doente — disse um dos padres e Joscelyn olhou para o homem por alguns instantes e, de repente, aceitou a explicação.

Ele desmontou, ajoelhou-se por pouco tempo, fez o sinalda-cruz em direção às relíquias oferecidas e sacudiu a cabeça, num gesto breve para os cônsules que ofereciam as chaves cerimoniais da cidade numa almofada de veludo verde. Joscelyn deveria pegar as chaves e depois devolvê-las com uma palavra amável, mas estava com fome e sede, por isso tornou a montar e passou a passo rápido pelos cônsules ajoelhados.

O cortejo entrou na cidade pela porta oeste, onde os guardas puseram-se de joelhos para o seu novo senhor, e então os cavaleiros subiram para a lombada entre as duas montanhas, na qual Berat fora construída. À esquerda, agora, sobre a montanha mais baixa, ficava a catedral, uma igreja comprida, baixa, que não tinha torre ou flecha, enquanto que à direita uma rua pavimentada com lajotas estendia-se até o castelo na montanha mais alta. A rua estava cheia de cartazes pintados que obrigavam os cavaleiros a seguir em fila indiana, enquanto que de ambos os lados os cidadãos ajoelhavam-se e gritavam bênçãos. Uma mulher espalhou folhas de videira nas pedras

do chão enquanto um taberneiro oferecia uma bandeja de copos de vinho que derramaram quando o cavalo de Joscelyn esbarrou nele.

A rua dava para o mercado, que estava sujo de legumes pisados e fedia a estrume de vacas, ovelhas e cabras. O castelo agora estava em frente, e suas portas se abriram quando os guardas reconheceram o estandarte de Berat levado pelo escudeiro de Joscelyn.

Então, tudo ficou confuso para Robbie. Seu cavalo foi levado por um criado e ele acabou recebendo um quarto na torre leste, onde havia uma cama e uma

lareira, e mais tarde, naquela noite, houve uma festariça para qual a condessa viúva foi convidada. Era uma jovem pequena, rechonchuda e bonita, e no final da festa, Joscelyn levou-a pelo pulso e conduziu-a para o novo quarto dele, o quarto do antigo conde. Robbie ficou no salão, onde os soldados despiram três criadas, deixando-as nuas, e revezaram-se com elas. Outros, estimulados por Joscelyn antes deste desaparecer, arrastavam das estantes pacotes de velhos pergaminhos e alimentavam com eles a grande fogueira, que queimava forte e brilhante. Sir Henri Courtois ficou olhando e nada disse, mas ficou tão bêbado quanto Robbie.

Na manhã seguinte, o resto das prateleiras ficou vazio. Os livros foram atirados por uma das janelas para o pátio do castelo, onde ardia uma nova fogueira. As prateleiras foram retalhadas com picaretas e seguiram os livros e os pergaminhos pela janela. Joscelyn, muito animado, supervisionou a limpeza do aposento e nos intervalos recebia visitantes. Alguns tinham sido criados de seu tio: caçadores, armeiros, despenseiros e escreventes que queriam ter a certeza de que seus empregos estavam garantidos. Alguns eram senhores menores de seu novo domínio, que foram jurar vassalagem ao colocarem as mãos entre as do conde, fazendo o juramento e

recebendo o beijo que os tornava servidores de Joscelyn. Havia suplicantes querendo justiça e homens ainda mais desesperados a quem o falecido conde devia dinheiro e que ousavam ter a esperança de que o sobrinho honrasse as dívidas. Houve uma dúzia de padres da cidade que queriam que o novo conde lhes desse dinheiro para dizer missas pela alma de seu tio, e cônsules de Berat subiram as escadas vestindo suas batas de cor vermelha e azul, com argumentos explicando por que a receita fiscal da cidade devia ser menor; e em meio àquilo tudo, Joscelyn berrava a seus homens para que queimassem mais livros, que atirassem mais pergaminhos na fogueira, e quando um monge jovem e nervoso apareceu para protestar que ele ainda não tinha acabado de consultar os títulos de propriedade, Joscelyn correu atrás dele e assim encontrou a toca do monge, que estava cheia de mais documentos. Foram todos queimados, deixando o monge em lágrimas.

Foi

então,

enquanto

o

recém-descoberto

depósito

de

pergaminhos queimava em labaredas que espalhavam pedaços em chamas pelo pátio e ameaçavam o teto de sapé da estrebaria do castelo, que o bispo, aparentemente nem um pouco doente, chegou.

Veio com doze outros clérigos, e com eles estava Michel, o escudeiro do antigo conde.

O bispo bateu com o báculo nas pedras do pavimento para atrair a atenção de Joscelyn. Quando o novo conde dignou-se a notá-lo, o bispo apontou o báculo para Joscelyn. Um silêncio cobriu o pátio quando as pessoas perceberam que estava se desenvolvendo um drama. Joscelyn, o fogo refletindo-se em seu rosto redondo, tinha uma expressão beligerante.

— O que o senhor quer? — perguntou ao bispo que, segundo ele, não tinha mostrado deferência suficiente.

— Quero saber — exigiu o bispo — como seu tio morreu.

Joscelyn deu alguns passos em direção à comitiva, o som das botas ecoando nas paredes do castelo. Havia pelo menos cem homens no pátio, e alguns deles, desconfiados de que o velho conde tinha sido assassinado, fizeram o sinalda-cruz. Mas Joscelyn não pareceu nem um pouco preocupado.

— Ele morreu — disse, em voz alta. — Dormindo, de uma doença.

— É estranho uma doença — disse o bispo — que deixa a pessoa com a garganta cortada.

Um murmúrio foi ouvido no pátio e aumentou, transformando-se num rugir de indignação. Sir Henri Courtois e alguns dos soldados do antigo conde levaram as mãos aos punhos das espadas, mas Joscelyn enfrentou o desafio.

— Do que é que o senhor me acusa? — vociferou para o bispo.

— Eu não o acuso de coisa nenhuma — disse o bispo. Ele não estava Querendo provocar uma briga com o novo conde, pelo menos por enquanto, mas preferiu

atacar através dos servos de Joscelyn. —

Mas acuso seus homens.

Este homem — ele puxou Michel à frente — os viu cortar a garganta de seu tio.

Um murmúrio de desagrado soou no pátio e alguns dos soldados deslocaram-se em direção a Sir Henri Courtois, como que assegurando-lhe seu apoio. Joscelyn não ligou para o protesto e olhou para Villesisle.

— Eu mandei você — disse ele, em voz alta — para tentar uma audiência com o meu tio. E agora fico sabendo que você o matou?

Villesisle ficou tão perplexo com a acusação que nada disse.

Apenas abanou a cabeça em sinal de negativa, mas com tanta incerteza que todos os presentes ficaram certos de sua culpa.

— O senhor quer justiça, bispo? — bradou Joscelyn por cima do ombro.

— O sangue de seu tio clama por ela — disse o bispo — e a legitimidade de sua herança depende disso.

Joscelyn sacou a espada. Não estava de armadura, apenas de calções, botas e um casaco de cota de malha seguro por um cinto, enquanto que Villesisle vestia um casaco de couro que seria à prova da maioria dos golpes de espada. Mas Joscelyn sacudiu a espada para indicar que Villesisle devia sacar a dele.

— Um julgamento por duelo, bispo — disse ele.

Villesisle recuou.

— Fiz apenas o que o senhor... — começou ele e teve de recuar depressa, porque Joscelyn o atacara com dois golpes rápidos. Villesisle receou que aquilo não fosse um duelo de brincadeira, armado para tranquilizar um bispo importuno, mas uma luta de verdade. Ele sacou a espada. — Excelência — implorou a Joscelyn.

— Faça com que isso pareça de verdade — disse Joscelyn baixinho — e depois a gente resolve tudo.

Villesisle sentiu uma onda de alívio, sorriu e fez um ataque que Joscelyn aparou. Os homens que assistiam abriam espaço para fazer um semicírculo em volta da fogueira em frente à qual os dois homens pudessem lutar. Villesisle não tinha nada de inexperiente; ele lutara em torneios e escaramuças, mas prestava atenção a Joscelyn, que era mais alto e mais forte, e agora Joscelyn atacava utilizando-se de suas vantagens, brandindo a espada em golpes potentes que Villesisle

aparava desesperado. Cada entrecostar de espadas ecoava duas vezes, uma da cortina do castelo e outra da grande torre de menagem, um triplo tilintar desaparecendo quando o outro começava. Villesisle recuava, recuava, e então deu um pulo para o lado para deixar que um dos golpes assassinos de Joscelyn se perdesse no ar enfumaçado e imediatamente pressionou à frente, investindo com a ponta. Mas Joscelyn esperava por isso e desviou-se da investida e avançou, desequilibrando Villesisle, de modo a fazer com que ele despencasse nas pedras do calçamento, Joscelyn parou ao lado dele.

— Poderei ser obrigado a prender você depois disso — disse ele quase num sussurro —, mas não por muito tempo. — E então, ergueu a voz: — Mandeí você conversar com meu tio. Você nega isso?

Villesisle ficou satisfeito por continuar o fingimento.

— Não nego, excelência — disse ele.

— Repita! — ordenou Joscelyn. — Mais alto!

— Não nego, excelência!

— No entanto, você cortou a garganta dele — disse Joscelyn e fez um gesto para que Villesisle se levantasse. Assim que seu adversário ficou de pé, avançou com rapidez, ceifando com a espada, e uma vez mais o tilintar triplo foi ouvido no pátio. As espadas eram pesadas, os golpes desajeitados, mas os homens que assistiam achavam que Joscelyn era mais habilidoso, embora Sir Henri Courtois tivesse dúvidas de que Villesisle estivesse usando toda a sua perícia. Ele deu uma cutilada, mas não tentou aproximar-se do adversário, e Joscelyn não teve dificuldade em recuar. Os livros e pergaminhos em chamas rugiam ao lado dele, provocando o suor na testa, e ele o afastou com o punho do casaco.

— Se eu arrancar sangue deste homem, bispo — bradou Joscelyn,

o senhor aceita isso como sinal da culpa dele?

— Aceito — disse o bispo —, mas não será um castigo suficiente.

— O castigo pode esperar para ser dado por Deus — disse Joscelyn e sorriu para Villesisle, que respondeu com outro sorriso.

E Joscelyn avançou, descuidado, para o seu adversário, abrindo o lado direito para um golpe; Villesisle compreendeu que estava sendo convidado a desferir um golpe pelo lado e, com isso, dar a impressão de que a luta era para valer. Aceitou, brandindo a grande e pesada espada na expectativa de que Joscelyn fosse escorá-lo, mas Joscelyn recuou e usou a espada para impulsionar o golpe à frente, de modo que Villesisle foi girado, levado pelo momento da pesada espada e Joscelyn, o olhar frio e rápido como um raio, recuou a espada e torceu muitíssimo de leve o pulso e a ponta da espada penetrou na garganta de Villesisle. Ela se prendeu lá, segura pelo esôfago de Villesisle. Joscelyn empurrou-a à frente, torceu o aço, empurrou de novo, e sorria enquanto fazia aquilo e o sangue escorria pela lâmina, cascadeando das bordas. Joscelyn ainda sorria enquanto Villesisle, uma expressão de extrema perplexidade no rosto, desabava de joelhos. Sua espada caiu com um tilintar. A respiração borbulhava em vermelho no corte na garganta e agora Joscelyn deu na espada um forte empurrão, de modo que ela desceu rasgando o peito de Villesisle. O moribundo ficou preso ali, sustentado pela espada que fora enfiada pela traquéia, e então Joscelyn torceu de novo a lâmina, colocou as duas mãos no punho e puxou o aço para fora com um impulso monstruoso que fez o corpo de Villesisle tremer e o sangue jorrar sobre os braços de Joscelyn.

Os espectadores soltaram um suspiro quando Villesisle caiu para o lado e morreu. Seu sangue correu por entre as pedras do pátio

para chiar onde se encontrou com o fogo.

Joscelyn voltou-se e procurou o segundo homem, o assassino companheiro de Villesisle. O homem tentou fugir, mas foi seguro pelos outros soldados e empurrado para o espaço aberto, onde caiu de joelhos e implorou misericórdia a Joscelyn.

— Ele quer misericórdia — bradou Joscelyn para o bispo. — O

senhor, daria a ele? — Ele merece justiça — disse o bispo.

Joscelyn enxugou a espada ensanguentada na saia de seu gibão e depois embainhou-a e olhou para Sir Henri Courtois.

— Enforque-o — ordenou, ríspido.

— Senhor...

O homem começou um apelo, mas Joscelyn voltou-se e deu-lhe um pontapé na boca com tanta força, que deslocou o maxilar do homem. Quando este recuperou o equilíbrio, Joscelyn arrastou o pé para trás, quase arrancando uma orelha com a espada. Depois, num evidente paroxismo de raiva, Joscelyn inclinou-se para colocar de pé o homem que sangrava. Segurou-o por um instante com os braços esticados e depois, com toda a força de um homem treinado para os torneios, empurrou-o de costas. O homem gritou ao tropeçar e cair na fogueira. A roupa pegou fogo. Os espectadores prenderam a respiração, alguns até desviaram o olhar enquanto o homem em chamas tentou sair cambaleando das labaredas, mas Joscelyn, arriscando-se a ser queimado também, empurrou-o de volta. O

homem tornou a berrar. Os cabelos pegaram fogo e brilharam, ele sacudiu-se em espasmos horríveis e depois caiu na parte mais quente da fogueira.

Joscelyn voltou-se para o bispo.

— Satisfeito? — perguntou e afastou-se, passando a mão nas mangas do gibão para tirar as cinzas.

O bispo ainda não terminara. Ele alcançou Joscelyn no grande salão, que agora fora esvaziado dos livros e das estantes, e onde o novo conde, com sede depois dos esforços que fizera, servia-se de vinho tinto que estava num jarro. Joscelyn olhou para o bispo com um ar irritado.

— Os hereges — disse o bispo. — Eles estão em Astarac.

— É provável que tenha hereges por toda parte — disse Joscelyn, indiferente.

— A jovem que matou o padre Roubert está lá — insistiu o bispo

—, além do homem que recusou nossas ordens para queimá-la.

Joscelyn lembrava-se da jovem de cabelos dourados numa armadura de prata.

— Aquela jovem — disse ele, o interesse revelado na voz, e esvaziou a taça encheu outra. — Como é que o senhor sabe que estão lá?

— Michel esteve lá. Os monges contaram a ele.

— Ah, sim — disse Joscelyn. — Michel. — Ele dirigiu-se furtivamente para o escudeiro de seu tio, fitando-o com um olhar de assassino.

— Michel — disse Joscelyn — que conta histórias. Michel, que corre para o bispo em vez de vir procurar o seu novo senhor.

Michel recuou rápido, mas o bispo salvou-o pondo-se diante de Joscelyn.

— Michel agora está a meu serviço — disse ele — e encostar a mão nele é atacar a Igreja.

— Por isso, se eu o matar, como ele merece — escarneceu Joscelyn —, o senhor me manda queimar, hein? — Ele cuspiu em

direção a Michel.

— Então, o que é que o senhor deseja? — perguntou ao bispo.

— Quero que os hereges sejam capturados — respondeu o bispo.

Aquele novo e violento conde o deixava nervoso, mas esforçou-se para ser corajoso. — Exijo, em nome de Deus e a serviço de Sua Santa Igreja, que vossa excelência mande homens para procurar a beguina que era conhecida como Genevieve e o inglês que diz chamar-se Thomas. Eu quero os dois aqui. Quero que eles sejam queimados.

— Mas só depois que eu conversar com eles. — Uma nova voz falou, uma voz tão cortante quanto fria, e o bispo e Joscelyn, na verdade todos os que estavam no salão, voltaram-se para a porta onde surgira um estranho.

Joscelyn percebera, desde que saíra furtivamente do pátio, o som de patas, mas não dera importância. No castelo houvera muito barulho com chegadas e partidas a manhã toda, mas ele agora percebia que estranhos deviam ter chegado

a Berat e seis deles estavam agora no limiar do salão. O líder era o homem que falara e era mais alto até do que Joscelyn, e magro, com um rosto de linhas duras, comprido e pálido, emoldurado por cabelos pretos. Estava todo vestido de preto. Botas pretas, calções pretos, gibão preto, capa preta, chapéu preto de abas largas, e uma bainha de espada enfiada em tecido preto. Até as esporas eram feitas de metal preto e Joscelyn, que tinha tanto de religião na alma quanto um inquisidor possuía de misericórdia, sentiu uma súbita ânsia de fazer o sinalda-cruz. E

então, quando o homem tirou o chapéu, ele o reconheceu. Era o Arlequim, o misterioso cavaleiro que ganhara muito dinheiro nos campos de torneios da Europa, o único homem que Joscelyn nunca derrotara.

— Você é o Arlequim — disse Joscelyn, em tom de acusação.

— Às vezes sou conhecido por esse nome — disse o homem, e o bispo e todo o clero fizeram o sinalda-cruz, porque o nome significava que aquele homem era adorado pelo diabo. E o homem alto deu outro passo à frente e acrescentou: — Mas o meu nome verdadeiro, excelência, é Guy Vexille.

O nome nada significava para Joscelyn, mas o bispo e seu clero benzeram-se, todos, uma segunda vez. O bispo exibiu o báculo como que para se defender.

— E que diabo está fazendo aqui? — perguntou Joscelyn.

— Vim trazer luz para o mundo — respondeu Vexille.

E Joscelyn, o conde de Berat, sentiu um calafrio. Não sabia por quê. Sabia apenas que estava com medo do homem chamado Arlequim, que viera trazer luz para a escuridão.

a mulher que consolidava fraturas alegou que não podia fazer muita coisa, e o que quer que tivesse feito provocara uma dor alucinante em Genevieve, mas depois de feito, e quando o ombro e o seio esquerdo estavam ensopados de sangue novo, o irmão Clement limpou-a com delicadeza e depois despejou mel no ferimento, que tornou a vedar com aniagem. O lado bom foi que de repente Genevieve ficou faminta e comia tudo que Thomas lhe levava, embora Deus soubesse que era muito pouco, porque a surtida que ele mesmo fizera contra Astarac deixara a aldeia despojada de alimentos e os estoques do mosteiro tinham sido esvaziados para alimentar os aldeões. Ainda assim, sobrara um

pouco de queijo, peras, pão e mel, e o irmão Clement fez mais sopa de cogumelo. Os leprosos, as matracas tocando, iam ao bosque para buscar os cogumelos que eram servidos a todos os monges. Duas vezes ao dia, alguns deles dirigiam-se matraqueando em volta dos fundos do mosteiro e subiam um lance de escada para um aposento de pedra, vazio, onde uma pequena janela dava para o altar da igreja do mosteiro. Era ali que eles podiam adorar e Thomas, no segundo e no terceiro dia depois de sua conversa com o abade Planchard, foi com eles. Não foi de vontade própria, Porque a excomunhão significava que ele já não era bem-vindo em igreja nenhuma, mas o irmão Clement cutucava seu braço, insistente, e sorria com uma satisfação sincera quando Thomas lhe fazia a vontade.

Genevieve o acompanhou no dia seguinte àquele em que a mulher que consolidava fraturas a fizera berrar. Ela conseguia andar bastante bem, embora ainda estivesse fraca e mal pudesse mexer o braço esquerdo Mas a seta não atingira os pulmões e era por isso, decidiu Thomas, que sobrevivera. Por isso e por causa dos cuidados do irmão Clement.

— Pensei que ia morrer — confessou ela a Thomas.

Ele se lembrou da peste que iria chegar. Não ouvira falar mais nela e, por enquanto, não contou a Genevieve.

— Você não vai morrer — disse ele — mas tem de mexer o braço.

— Não consigo. Dói.

— É preciso — disse ele.

Quando seus braços e mãos ficaram com cicatrizes deixadas pelo torturador, ele achava que nunca mais voltaria a usá-los, mas os amigos, com Robbie sendo o principal, obrigaram-no a treinar com o arco. No início, parecia não haver esperança, mas pouco a pouco a capacidade voltou. Ele imaginou onde estaria Robbie naquele momento, se tinha ficado em Castillon d'Arbizon, e aquele pensamento o deixou com medo. Será que Robbie iria procurá-lo ali em Astarac? Será que a amizade se transformara realmente em ódio? E

se não fosse Robbie, quem mais poderia ir? A notícia da sua presença no mosteiro iria espalhar-se da maneira invisível pela qual notícias daquele tipo se

propagavam, histórias contadas em tabernas, mascates levando o boato de uma aldeia para outra, e em pouco tempo alguém em Berat iria ficar sabendo.

— Temos de partir em breve — disse ele a Genevieve.

— Para onde?

— Para bem longe. Talvez para a Inglaterra?

Ele sabia que tinha fracassado. Não iria encontrar o Graal ali e, mesmo que seu primo chegasse, como Thomas iria derrotá-lo? Ele era um homem só, com apenas uma mulher para ajudá-lo, e Guy Vexille viajava com todo um *conroi* de soldados. O sonho terminara e estava na hora de ir embora.

— Ouvi dizer que faz frio na Inglaterra — disse Genevieve.

— O sol brilha sempre — disse Thomas, sério. — A safra não falha nunca, e os peixes pulam direto dos rios para a frigideira.

Genevieve sorriu.

— Neste caso, você precisa me ensinar inglês.

— Você já sabe um pouco.

— Sei falar maldito, porcária, maldita porcária e o maldito sangue de Cristo nos ajude, só isso.

Thomas riu.

— Você aprendeu o inglês dos arqueiros — disse ele —, mas vou lhe ensinar o resto.

Ele decidiu que os dois partiriam no dia seguinte. Fez um pacote das flechas e limpou o sangue coagulado da cota de malha de Genevieve. Pediu emprestado um alicate ao carpinteiro do mosteiro e fez o possível para remendar a malha no lugar em que a seta de besta fizera o furo, dobrando e fechando os elos estraçalhados até que pelo menos ficaram toscamente unidos, embora o rasgo ainda estivesse visível. Amarrou os cavalos na alameda de oliveiras para deixálos pastar e depois, por ainda estar no início do anoitecer, caminhou para o

sul, em direção ao castelo. Estava decidido a dar uma última olhada na fortaleza de que seus ancestrais tinham sido os senhores.

Encontrou Philin ao sair do mosteiro. O *coredor* trouxera o filho

da enfermaria e, com a perna do menino firmemente entalada com meia dúzia das talas de castanheiro que eram usadas para sustentar as videiras do mosteiro, ele o colocara sobre um cavalo e o conduzia para o sul.

— Eu não quero demorar demais aqui — disse ele a Thomas. —

Ainda estou sendo procurado por assassinato.

— Planchard lhe daria asilo — insistiu Thomas.

— Daria — concordou Philin —, mas isso não impediria que a família de minha mulher mandasse homens para me matar. Nós estamos mais seguros nas montanhas. A perna dele vai consolidar tanto lá quanto em Qualquer outro lugar. E se você estiver procurando um refúgio...

— Eu? — Thomas ficou surpreso com a oferta.

— Sempre temos lugar para um bom arqueiro.

— Eu acho que vou voltar para casa. Para a Inglaterra.

— Seja como for, meu amigo, que Deus o proteja — disse Philin e seguiu em direção oeste. Thomas caminhou para o sul, atravessando a aldeia, onde algumas pessoas se benzeram, o que era prova suficiente de que sabiam quem ele era, mas nenhuma tentou vingarse nele pelo mal que seus homens tinham feito. Poderiam ter desejado vingarse, mas ele era alto, forte e usava uma espada longa na cintura. Subiu a trilha para as ruínas e percebeu que três homens o tinham seguido.

Parou para enfrentá-los, mas eles não fizeram nenhum movimento hostil, limitando-se a observá-lo a uma distância segura.

Era um bom lugar para um castelo, pensou Thomas. Sem dúvida, melhor do que Castillon d'Arbizon. A cidadela de Astarac estava construída num rochedo e só havia acesso a ela pela trilha estreita que ele subira para chegar à porta

despedaçada. Atravessada a porta, o

rochedo tinha sido originalmente encimado por um muro que circundava o pátio, embora isso agora fosse nada mais do que pilhas de pedras cobertas de musgo, que nunca chegavam acima da cintura de um homem. Um retângulo de paredes em pedaços com uma extensão semicircular no lado leste mostrava onde ficava a capela e Thomas, andando sobre as largas lajes sob as quais seus ancestrais estavam enterrados, viu que aquelas pedras tinham sido mexidas recentemente. Marcas de esfoladuras denunciavam os pontos em que foram forçadas. Pensou em tentar levantar uma das lajes, mas sabia que não tinha tempo nem as ferramentas, de modo que seguiu para o lado oeste do rochedo, onde se erguera a velha torre de menagem, agora uma torre em ruínas, oca para o vento e a chuva. Ele se voltou quando chegou à antiga torre e viu que seus três seguidores tinham perdido o interesse por ele quando saíra da capela. Será que estavam lá para proteger alguma coisa? O Graal? Aquele pensamento percorreu suas veias como um raio de fogo, mas depois ele o afastou.

Não havia Graal nenhum, refletiu. Era a loucura de seu pai que o tocara com o seu sonho sem esperança.

Uma escada em frangalhos fora construída em um dos flancos da torre, e Thomas subiu-a até onde pôde, que era apenas até o ponto em que o primeiro andar, que já não existia, abrangeria o poço oco.

Ali havia um grande buraco na parede da torre, uma parede com mais de metro e meio de espessura, e Thomas conseguiu entrar naquele espaço. Olhou para o vale lá embaixo, seguindo a linha do córrego com os olhos, e tentou uma vez mais ter alguma sensação de que estava no seu ambiente. Tentou atrair os ecos de seus ancestrais, mas não havia nada. Ele se sentiu emocionado quando voltou a Hookton, para o pouco que restava dela, mas ali, nada. E a idéia de que

Hookton, como aquele castelo estava em ruínas fez com que ele se perguntasse se não haveria uma maldição sobre os Vexille. O pessoal do interior, ali, dizia que as *dragas*, as mulheres do diabo, deixavam flores por onde passavam, mas será que os Vexille deixavam ruínas?

Afinal, talvez a Igreja tivesse razão. Talvez ele merecesse ser excomungado. Voltou-se para olhar para o oeste, na direção em que deveria seguir se quisesse voltar para casa.

E viu os homens a cavalo.

Eles estavam na crista oeste, lá ao norte dele, vindo, calculou, da direção de Berat. Era um bando enorme, e sem dúvida soldados, porque o que chamara a atenção de Thomas fora o brilho da luz refletindo-se em um elmo ou numa cota de malha.

Ele olhou fixamente, sem querer acreditar no que via, e então, recuperando o controle, saiu correndo. Desceu a escada, atravessou o pátio que continha uma grossa camada de ervas daninhas, saiu pela porta em ruínas onde passou a toda velocidade pelos três homens e desceu pela trilha. Atravessou a aldeia correndo e depois seguiu para o norte. Estava sem fôlego quando bateu com força na porta do lazareto. O irmão Clement a abriu e Thomas forçou a passagem por ele.

— Soldados — disse em curta explicação e entrou na choça, onde apanhou o arco, as flechas empacotadas, as capas e a cota de malha e as sacolas.

— Venha depressa — disse ele a Genevieve que, com uma concha, depositava com cuidado em pequenos jarros um pouco do mel do irmão Clement que acabara de ser colhido. — Não faça perguntas — disse a ela —, venha. Traga as setas.

Voltaram para fora, seguindo para o olival, mas Thomas,

olhando em sua volta, viu soldados na estrada do vale ao norte do mosteiro de São Sever. Os homens ainda estavam bem longe, mas se vissem duas pessoas saindo do mosteiro a cavalo, provavelmente iriam atrás delas, o que significava que agora não poderia haver uma fuga, só um esconderijo. Ele hesitou, raciocinando.

— O que foi? — perguntou Genevieve.

— Soldados. Provavelmente de Berat.

— Lá, também. — Ela estava olhando para o sul, na direção do castelo, e Thomas viu os aldeões seguindo depressa para o mosteiro para se refugiarem, e isso indicava, sem dúvida alguma, que havia homens armados se aproximando das casas deles.

Ele praguejou.

— Largue as setas — disse e, depois que ela as largou, puxou-a pelos fundos do mosteiro, seguindo o caminho dos leprosos para a igreja. Alguém começara a tocar o sino do mosteiro para avisar aos irmãos que estranhos armados tinham chegado ao vale deles.

E Thomas sabia o motivo. Sabia que, se fossem achados, os dois seriam queimados no fogo santo, e por isso correu para a parte dos leprosos na igreja e subiu a curta escada para a janela que dava para o altar. Empurrou o arco pela janela, mandou as flechas em seguida, e depois o resto da bagagem, e subiu com dificuldade. O espaço era apertado, mas ele se espremeu e passou, caindo nas lajes desajeitado e com dores.

— Venha! — insistiu ele com Genevieve. Havia gente entrando na igreja, entupindo a porta no final da nave.

Genevieve chiou de dor enquanto passava com dificuldade pela pequena janela. Ela pareceu ter medo da altura do pulo, mas Thomas estava embaixo e aparou-a.

— Por aqui.

Ele apanhou o arco e as sacolas e conduziu-a pelo lado do coro e depois para trás do altar lateral, onde a imagem de São Benedito olhava com tristeza para os aldeões amedrontados.

A porta para a alcova estava trancada, como Thomas esperava, mas ali eles ficariam escondidos e ele não achava que alguém os houvesse percebido esgueirando-se pelo coro em sombras. Ele ergueu a perna direita e bateu com o calcanhar no fecho da porta. O barulho foi enorme, uma batida de tambor ecoando na igreja, e a porta vibrou com violência, mas não se abriu. Tornou a bater, com mais força, e depois uma terceira vez, sendo recompensado por um ruído de madeira despedaçada enquanto a lingueta da tranca arrancava a velha madeira do portal.

— Pise com cuidado — avisou ele e desceu a escada, conduzindo-a para a escuridão do ossário. Ele seguia Tateando para o lado oeste, onde o nicho em forma de arco estava cheio de ossos só até a metade, e atirou seus pertences atrás da pilha. Depois ergueu Genevieve.

— Vá para os fundos — disse — e comece a cavar.

Ele sabia que não poderia subir sem derrubar dezenas de costelas, ossos de coxas e ossos de braços, por isso saiu pela cripta e derrubou pilhas de ossos. Crânios batiam, saltavam e rolavam, braços e pernas faziam barulho, e quando a cripta virou uma confusão de esqueletos espalhados, voltou para Genevieve, subiu com dificuldade e ajudou-a a abrir espaço entre os ossos antigos que estavam mais perto da parede. Ali, fizeram um buraco, afastando as caixas torácicas, os pelves e omoplatas, cavando ainda mais fundo até que, finalmente, arranjaram um esconderijo profundo, escuro, entre os mortos.

E ali, na escuridão, envolvidos pelos ossos, ficaram esperando.

E ouviram a porta arrombada ranger nas dobradiças. Viram a pequena luz tremeluzente de uma lanterna projetar sombras grotescas no teto abobadado.

E ouviram as passadas, envoltas em malha, dos homens que tinham ido procurá-los, para pegá-los e matá-los.

sir Henri Courtois recebeu ordens de levar 33 besteiros e 42

soldados para Castillon d'Arbizon, onde deveria sitiar o castelo. Sir Henri aceitou as ordens de mau humor.

— Posso fazer o sítio — disse ele a Joscelyn —, mas não posso capturar o castelo. Só com essa pequena força, não.

— Os ingleses conseguiram — disse Joscelyn, mordaz.

— A guarnição de seu tio estava dormindo — disse Sir Henri —, mas Sir Guillaume d'Evecque não agirá com tanta condescendência.

Ele tem fama, uma boa fama.

Sir Henri conhecia quem estava no comando em Castillon d'Arbizon porque Robbie lhe contara, e também dissera quantos homens estavam sob o comando de Sir Guillaume.

Com o dedo, Joscelyn cutucou com força o peito do homem mais velho.

— Eu não quero mais nenhum arqueiro fazendo surtidas no meu território. Faça com que eles parem. E dê isto aos bastardos. —

Estendeu para Sir Henri um pergaminho selado. — Isto dá a eles dois dias para deixarem o castelo — explicou Joscelyn, frívolo —, e se concordarem com as condições do documento, pode deixá-los partir.

Sir Henri pegou o pergaminho, mas fez uma pausa antes de colocá-lo na bolsa.

— E o resgate? — perguntou. Joscelyn fitou-o com olhos

arregalados, mas a honra mandava que Sir Guillaume recebesse um terço do dinheiro que havia resgatado o novo conde, e a pergunta de Sir Henri era portanto pertinente. E Joscelyn a respondeu, mas com poucas palavras.

— O resgate está aí — disse ele, fazendo com a cabeça um gesto em direção ao pergaminho —, todo aí.

— Está aqui? — perguntou Sir Henri, perplexo, porque era evidente que a mensagem não continha moeda nenhuma.

— Vá! — vociferou Joscelyn.

Sir Henri partiu no mesmo dia em que Guy Vexille levou seus homens para Astarac. Joscelyn ficou contente por ver o Arlequim pelas costas, porque Vexille era uma presença incômoda, mesmo apesar de seus soldados serem um acréscimo muito bem recebido às forças do conde. Vexille levava 48 soldados, todos bem montados, bem couraçados e bem armados, e surpreendera Joscelyn ao não exigir um único *écu* como pagamento.

— Tenho recursos próprios — dissera ele, com frieza.

— Quarenta e oito soldados? — Pensou Joscelyn em voz alta. — É preciso dinheiro para isso.

— Eles eram uma família herege, excelência — afirmara o velho capelão de seu tio, como se aquilo explicasse a riqueza do Arlequim.

Mas Vexille Chegara com uma carta de Louis Bessières, cardeal-arcebispo de Livorno, e aquilo provava que ele nada tinha de herege.

Não que Joscelyn fosse se importar se Vexille adorasse ídolos de madeira todas

as noites e sacrificasse virgens chorosas a cada amanhecer. Ele estava muito mais preocupado com o fato de que em certa época os Vexille tinham sido os senhores de Astarac. Ele confrontara Vexille com aquilo, incapaz de esconder o medo de que o

cavaleiro vestido de preto tivesse ido reivindicar as terras de seus ancestrais.

O Arlequim simplesmente aparentara fastio. — Astarac é feudo de vossa excelência há cem anos — dissera ele. — Por isso, como poderia eu defender essa honra? — Então, por que está aqui? —

perguntara Joscelyn.

— Eu agora luto pela Igreja — dissera Vexille — e a minha tarefa é caçar um fugitivo que deve ser submetido à justiça. E quando ele for encontrado, excelência, sairemos de seus domínios.

Ele se voltou porque uma espada acabara de ser sacada, o som da lâmina arranhando o gargalo da bainha, produzindo um volume anormal no grande salão.

Robbie Douglas acabara de entrar no aposento. Ele agora apontava a arma desembainhada para Vexille.

— Você esteve na Escócia — disse em tom ameaçador.

Vexille olhou para o jovem de alto a baixo e pareceu não se preocupar com a espada.

— Visitei muitos países — disse ele com frieza —, inclusive a Escócia.

— Você matou meu irmão.

— Não! — Joscelyn colocara-se entre os dois. — Você fez um juramento, Robbie.

— Fiz o juramento de matar esse bastardo! — disse Robbie.

— Não — repetiu Joscelyn, e segurou a espada de Robbie e forçou-a para baixo. Na verdade, Joscelyn não teria ficado perturbado

se Robbie tivesse morrido, mas se Guy Vexille morresse, seus soldados de capa preta iriam vingarse em Joscelyn e seus homens. — Você poderá matá-lo depois que ele terminar o que veio fazer aqui. Eu prometo.

Vexille sorriu diante da promessa. Ele e seus homens partiram na manhã seguinte e Joscelyn ficou contente por livrar-se deles. Não era só Guy Vexille que ele achava desagradável, mas também seus companheiros, em especial aquele que não levava lança ou escudo. O

nome dele era Charles, um homem de uma feiúra impressionante, que parecia ter sido tirado de alguma sarjeta escura, escovado, recebido uma faca e liberado Para espalhar o terror. Charles chefiava um bando menor, só dele, de doze soldados, que seguiram todos com Vexille quando ele partiu para o sul, em direção a Astarac.

Assim, Sir Henri foi livrar o país da petulante guarnição inglesa em Castillon d'Arbizon, e Vexille estava caçando o seu herege em Astarac, o que deixava Joscelyn livre para desfrutar a herança em Berat. Robbie Douglas era um de seus muitos companheiros, e durante os dias seguintes eles simplesmente se divertiram. Havia dinheiro a gastar em roupas, armas, cavalos, vinho, mulheres, tudo que despertasse o desejo de Joscelyn, mas certas coisas não podiam ser adquiridas em Berat, e por isso um artesão foi convocado para ir ao castelo. O serviço costumeiro do homem era fazer santos de gesso que eram vendidos para igrejas, conventos e mosteiros, mas a sua tarefa no castelo foi fazer moldes do corpo de Joscelyn. Ele envolveu os braços do conde em musselina com graxa, cobriu-os com gesso e depois fez o mesmo com as pernas e o tronco. Um alfaiate também tinha sido chamado e tomou medidas do corpo do conde, que eram anotadas por um escrevente. Tantos centímetros do ombro ao osso

ilíaco, do ilíaco até o joelho, do ombro ao cotovelo, e quando as medidas acabaram de ser tomadas, foram copiadas num pergaminho e seladas numa grande caixa na qual os moldes de gesso estavam embalados em pó de serragem, e a caixa, sob a guarda de quatro soldados, foi despachada para Milão, onde Antônio Givani, o melhor armeiro da cristandade, recebeu a ordem de fazer uma armadura completa.

— Que seja uma obra-prima — ditou Joscelyn para o escrevente que redigia a carta —, a inveja de todos os outros cavaleiros — e ele enviou um generoso pagamento em genovinas, com a promessa de muitas mais se a armadura chegasse antes da primavera. Ele pagara o seu resgate a Robbie nas mesmas moedas, mas na noite em que os soldados partiram para Turim, Robbie cometeu a loucura de admirar um conjunto de dados de marfim que Joscelyn comprara na cidade.

— Gostou deles? — perguntou Joscelyn. — Eu aposto eles com você. Quem tirar o número mais alto fica com eles.

Robbie negou com a cabeça.

— Fiz um juramento de que não jogaria — explicou. Joscelyn pensou que aquilo era a coisa mais engraçada que ouvira há meses.

— As mulheres fazem juramentos — disse ele —, e os monges têm de fazer, mas os guerreiros só fazem juramentos de irmandades para combate.

Robbie enrubesceu.

— Eu prometi a um padre — revelou.

— Ah, meu doce Jesus! — Joscelyn reclinou-se na cadeira. — Você não tem coragem de se arriscar, é isso? Foi por isso que os escoceses perderam para os ingleses?

A raiva de Robbie ferveu, mas ele teve o bom senso de contê-la e não disse nada.

— O risco — disse Joscelyn, animado — é o destino do soldado.

Se um homem não aceita o risco, não pode ser soldado.

— Eu sou soldado — disse Robbie peremptoriamente.

— Então prove, meu amigo — disse Joscelyn, rolando os dados pela mesa.

E assim Robbie jogou e perdeu. E perdeu na noite seguinte. E na seguinte. E na

quarta noite, apostou o dinheiro que deveria ser enviado para a Inglaterra a fim de pagar o seu resgate, e também o perdeu. No dia seguinte, Joscelyn recebeu a notícia de que os artilheiros italianos, que seu tio chamara de Toulouse, tinham chegado ao castelo com a sua máquina, e Joscelyn os pagou com o dinheiro que ganhara de Robbie.

— Qual é o mais rápido que vocês podem ir para Castillon d'Arbizon? — perguntou ele aos italianos.

— Amanhã, excelência?

— A coisa está pronta? — perguntou Joscelyn, caminhando em torno da carroça na qual estava amarrado o canhão, que tinha a forma de um frasco com gargalo estreito e corpo bulboso.

— Está pronta — confirmou o italiano, que se chamava Gioberti.

— Vocês têm pólvora?

Gioberti fez um gesto para a segunda carroça, carregada de barris a uma altura perigosamente grande.

— E projéteis? Balas?

— Dardos, excelência — corrigiu-o Gioberti e apontou para mais outra carroça.
— Temos mais do que o suficiente.

— Então, vamos todos! — disse Joscelyn, entusiasmado.

Ele estava fascinado pelo canhão, uma coisa que o que tinha de

feito tinha de impressionante. Tinha 2,70m de comprimento, 90cm de largura na culatra bulbosa, e um aspecto de algo agachado, mau. A aparência era diabólica, uma coisa anormal, e Joscelyn ficou tentado a pedir uma demonstração bem ali, no pátio do castelo, mas percebeu que tal demonstração tomaria um tempo precioso. Era melhor observar o aparelho em ação contra os loucos teimosos em Castillon d'Arbizon.

Sir Henri Courtois já estava começando o cerco. Quando chegou à cidade, deixou os besteiros e soldados do lado de fora da porta oeste e seguiu para o

castelo a cavalo, tendo apenas um jovem padre como companhia. Anunciou-se às sentinelas postadas no muro, e quando Sir Guillaume viu que eram apenas um soldado e um padre que queriam entrar, deu a permissão para que as portas fossem abertas.

Sir Guillaume recebeu os dois homens no pátio, onde Sir Henri desmontou e identificou-se. Sir Guillaume retribuiu a cortesia e os dois se analisaram. Cada qual reconheceu o outro como um soldado igual a ele.

— Venho a mando do conde de Berat — disse Sir Henri formalmente.

— O senhor trouxe o dinheiro? — perguntou Sir Guillaume.

— Trouxe o que me mandaram trazer e duvido que isso o deixe contente — disse Sir Henri e correu um demorado olhar profissional pelos arqueiros e soldados que tinham ido ver os visitantes. Bastardos fortes, pensou ele, antes de tornar a olhar para Sir Guillaume.

— Eu estou cansado — disse ele. — Cavalguei o dia inteiro. O senhor tem um pouco de vinho neste lugar?

— O Berat está com falta de vinho, não é? — perguntou Sir Guillaume.

— Ele está com falta de senso — disse Sir Henri —, mas não de vinho.

Sir Guillaume sorriu.

— Vamos entrar — disse ele, e conduziu o convidado pela escada para o salão superior e, tendo em vista que aquela conversa iria afetar o destino de toda a guarnição, permitiu que os homens que não estivessem de guarda os acompanhassem e ouvissem.

Sir Guillaume e Sir Henri sentaram-se às duas cabeceiras de uma mesa comprida. O padre, que estava ali como sinal de que Sir Henri não tinha más intenções, também se sentou, enquanto os soldados e os arqueiros ficaram em pé encostados na parede. O fogo da lareira foi reavivado, vinho e comida servidos, e enquanto isso estava sendo feito, Sir Henri desprende o escudo do pescoço, desfivelou o peitoral e o costal e colocou-os todos no chão. Espreguiçou-se e agradeceu com um gesto da cabeça o vinho, que bebeu todo. Por fim, tirou da

bolsa o pergaminho selado e empurrou-o para a outra ponta da mesa.

Sir Guillaume tirou o selo com a faca, desdobrou e leu o documento. Fez aquilo devagar, porque não sabia ler muito bem, e depois de ler o documento duas vezes, olhou irritado para Sir Henri.

— Que diabo significa isso?

— Eu não vi o texto — confessou Sir Henri. — Permite?

Ele estendeu a mão para o pergaminho e os homens da guarnição que assistiam fizeram um barulho grave de ameaça, percebendo a fúria de Sir Guillaume.

Sir Henri não sabia ler, por isso deu o pergaminho ao padre, que voltou o documento para uma das altas janelas estreitas. O padre era muito jovem e estava nervoso. Ele leu, olhou para Sir Guillaume com

suas cicatrizes horríveis, e ficou mais nervoso ainda.

— Diga-nos o que ele diz — pediu Sir Henri. — Ninguém vai matá-lo.

— Ele diz duas coisas — declarou o padre. — Que Sir Guillaume e seus homens têm dois dias para deixarem Castillon d'Arbizon sem serem molestados.

— A outra coisa — vociferou Sir Guillaume. O padre franziu o cenho.

— Trata-se de uma ordem de pagamento emitida por um homem chamado Robert Douglas — explicou ele a Sir Henri —, e se Sir Guillaume

apresentá-la a Jacques Fournier, receberá seis mil, seiscentos e sessenta florins.

O padre colocou o documento em cima da mesa como se o pergaminho estivesse lambuzado de veneno.

— Em nome de Cristo — perguntou Sir Guillaume —, quem é Jacques Fournier?

— Um ourives de Berat — explicou Sir Henri — e duvido que Jacques tenha todo esse dinheiro no porão dele.

— Foi o Robbie quem providenciou isso? — perguntou Sir Guillaume, irritado.

— O Robbie agora jurou vassalagem ao lorde de Berat — disse Sir Henri. Ele assistira à curta cerimônia em que Robbie fizera o seu juramento, vira os beijos trocados e percebera a expressão de triunfo no rosto de Joscelyn. — Isso é coisa de sua excelência.

— Ele pensa que nós somos bobos?

— Ele pensa que vocês não terão coragem de mostrar a cara em

Berat — disse Sir Henri.

— Tapeado! Jesus Cristo! Eu fui tapeado! — Sir Guillaume olhou com ar feroz para os visitantes. — É isso que é considerado honra em Berat? — perguntou ele e, quando Sir Henri não respondeu, deu um murro na mesa. — Eu poderia prender os dois!

Os homens em torno das paredes soltaram um grunhido de concordância.

— Poderia — concordou Sir Henri, equânime —, e eu não o culparia. Mas o conde não vai pagar resgate por mim, e não há dúvida de que não vai pagar o resgate *dele*. — Ele fez um gesto com a cabeça para o padre tímido. — Seremos apenas mais duas bocas para alimentar.

— Ou mais dois corpos para enterrar — retorquiu Sir Guillaume.

Sir Henri deu de ombros. Ele sabia que a oferta de dinheiro dos porões do ourives era desonrosa, mas não tinha sido idéia sua.

— Pois pode dizer ao seu senhor — declarou Sir Guillaume — que deixaremos este castelo quando tivermos seis mil, seiscentos e sessenta florins. E cada semana que vocês nos fizerem esperar, o preço subirá outros cem.

Seus homens murmuraram a aprovação. Sir Henri não pareceu surpreso com a decisão.

— Estou aqui — disse ele a Sir Guillaume — para garantir que vocês não saiam. A menos que queiram ir embora hoje ou amanhã.

— Nós vamos ficar — disse Sir Guillaume.

Não era uma decisão em que ele tivesse pensado, e poderia ter feito uma escolha diferente se tivesse tido tempo para raciocinar, mas ser tapeado em matéria de dinheiro era um meio certo de provocar a sua disposição para a luta.

— Nós vamos ficar, droga! Sir Henri sacudiu a cabeça.

— Neste caso, eu também fico. — Ele empurrou o pergaminho para o outro lado da mesa. — Vou mandar uma mensagem ao meu senhor e dizer a ele que seria sensato o jovem Douglas pagar as moedas e que, se o fizer, isso irá poupar dinheiro e vidas.

Sir Guillaume pegou o pergaminho e enfiou-o no gibão.

— Você vai ficar? — perguntou ele. — Onde?

Sir Henri olhou para os homens encostados na parede. Não eram homens que ele pudesse surpreender com uma escalada repentina.

Além do mais, os homens de Sir Henri eram, em sua maioria, as forças do antigo conde, e tinham ficado preguiçosos, não eram adversários para aquela guarnição.

— Você pode controlar o castelo — disse ele a Sir Guillaume —

mas não tem homens suficientes para guarnecer as duas portas da cidade. Está deixando isso a cargo dos guardas e dos vigias. Por isso, tomo a posição deles. Vocês sempre poderão lutar para forçar a passagem, é claro, mas vou colocar besteiros nas torres das portas e soldados embaixo dos arcos.

— Já enfrentou arqueiros ingleses? — perguntou Sir Guillaume, ameaçador.

Sir Henri confirmou com um gesto da cabeça.

— Em Flandres — disse ele —, e não gostei. Mas quantos arqueiros você poderia perder numa briga de rua?

Sir Guillaume reconheceu o bom senso daquele argumento. Se mandasse seus arqueiros atacarem as portas da cidade, eles ficariam lutando muito perto do inimigo, atirando de jardins, pátios e janelas, e os besteiros e sir Henri estariam

agachados atrás de seus paveses ou de janelas das casas e algumas de suas setas deveriam acertar o alvo.

Em poucos minutos, Sir Guillaume poderia perder quatro ou cinco arqueiros, e isso iria enfraquecê-lo gravemente.

— Pode ficar com as portas da cidade — concordou ele.

Sir Henri serviu-se de mais vinho.

— Tenho quarenta e dois soldados — revelou ele — e trinta e três bestas, e todos os criados e mulheres e escreventes de costume. Eles vão precisar de abrigo. O inverno está chegando.

— Pois que congelem — sugeriu Sir Guillaume.

— Poderíamos fazer isso — concordou Sir Henri —, mas proponho que nos deixe usar as casas entre a porta oeste e a igreja de São Callic, e garanto que não iremos usar nenhum prédio a leste de Wheelwrights Alley ou ao sul da Steep Street.

— Você conhece a cidade? — perguntou Sir Guillaume.

— Eu já fui castelão aqui. Faz muito tempo.

— Então, conhece a porta do moinho? — Sir Guillaume estava se referindo à pequena porta no muro da cidade que levava ao moinho de azenha, a porta que Thomas e Genevieve tinham usado para fugir.

— Conheço — disse Sir Henri —, mas ela fica muito perto do castelo, e se eu puser homens para vigiá-la, seus arqueiros poderão espetá-los atirando do alto da torre. — Ele fez uma pausa para beber o vinho. — Se você quiser que eu o site, poderei fazê-lo. Eu aproximo meus homens do castelo e deixo os besteiros treinarem suas sentinelas. Mas você sabe, e eu também, que vamos apenas matar homens e vocês continuarão aqui dentro. Presumo que vocês tenham comida, não?

— Mais do que suficiente. Sir Henri sacudiu a cabeça.

— Então, vou impedir que seus cavaleiros saiam pelas duas grandes portas. Você

ainda poderá fazer homens se esgueirarem pela

porta do moinho, mas desde que eles não me atrapalhem, não vou perceber. Vocês têm redes no moinho de azenha?

— Temos.

— Não vou mexer nelas — sugeriu Sir Henri. — Vou dizer aos meus homens que o moinho está fora da área de ação deles.

Sir Guillaume pensou no caso, tamborilando os dedos na beira da mesa. Ouvia-se um contínuo murmúrio dos homens encostados na parede enquanto a conversa em francês era traduzida para o inglês.

— Você pode ficar com as casas entre a porta oeste e a igreja de São Callic — concordou Sir Guillaume por um instante —, mas, e as tabernas?

— Coisas essenciais — reconheceu Sir Henri.

— Meus homens gostam da Os Três Grous.

— É uma boa casa — disse Sir Henri.

— E por isso seus homens ficam longe dela — exigiu Sir Guillaume.

— Concordo, mas eles podem usar a O Urso e o Açougueiro?

— Concordo — disse Sir Henri —, mas também seria melhor insistirmos que ninguém pode levar espadas ou arcos para nenhuma das duas.

— Só facas — disse Sir Henri —, o que é sensato. — Nenhum dos dois queria soldados bêbados fazendo saques malucos durante a noite. — E se surgir qualquer problema — acrescentou Sir Henri —, venho falar com você. — Ele fez uma pausa, franzindo o cenho enquanto tentava lembrar-se de alguma coisa. — Você esteve em Flandres, não esteve? com o conde de Coutances?

— Estive em Flandres — confirmou Sir Guillaume — com aquele bastardo esparavonado e sem caráter. — O conde, seu senhor feudal,

virara-se traiçoeiramente contra ele e tomara sua terra.

— São todos uns bastardos — disse Sir Henri. — Mas o antigo conde de Berat não era mau. Ele era sovina, é claro, e passou a vida metido com livros. Livros! Para que servem eles? Ele conhecia todos os livros da cristandade, isso mesmo, e tinha lido a maioria duas vezes, mas não tinha o senso de uma galinha! Sabe o que ele estava fazendo em Astarac?

— Procurando o Santo Graal? — perguntou Sir Guillaume.

— Exatamente — disse Sir Henri e os dois riram. — O seu amigo está lá, agora — acrescentou Sir Henri.

— Robbie Douglas? — perguntou Sir Guillaume com frieza. Ele agora não gostava nada de Robbie.

— Não, ele está em Berat. Falo do arqueiro e a herege dele.

— Thomas? — Sir Guillaume não conseguiu esconder a surpresa

— Em Astarac? Eu disse a ele que voltasse para casa.

— Pois não voltou — revelou Sir Henri. — Ele está em Astarac Por que ele não queimou a garota?

— Ele está apaixonado.

— Pela herege? Então ele gosta de mulheres inteligentes, não é?

Em breve não terá nem uma nem outra.

— Não?

— Chegaram uns patifes de Paris. Tinham um pequeno exército.

Foram atrás dele, o que quer dizer que em breve haverá fogueiras no mercado de Berat. Sabe o que um padre me contou, certa vez? Que as mulheres queimam com uma chama mais brilhante do que os homens. Que estranho. — Sir Henri empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Quer dizer que estamos de acordo?

— Estamos — disse Sir Guillaume e inclinou-se por cima da mesa

para apertar a mão do outro.

Sir Henri apanhou suas peças de armadura e o escudo e fez um gesto para que o padre o acompanhasse para o pátio, onde ele olhou para o céu.

— Parece que vai chover.

— Proteja sua armadura — aconselhou Sir Guillaume, sabendo que o conselho era desnecessário.

— E acenda algumas fogueiras, hein? Este é o outono mais frio de que me lembro por aqui.

Sir Henri foi embora. As portas fecharam-se com força e Sir Guillaume subiu com dificuldade para o alto da torre de menagem do castelo. Mas não estava olhando para ver para onde o seu amável inimigo estava indo, mas para o leste, em direção a Astarac, que não dava para ver dali, e pensando no que poderia fazer para ajudar Thomas.

Nada, pensou ele, nada. E sem dúvida, concluiu, o bastardo que viera de Paris era Guy Vexille, o homem chamado Arlequim, que certa vez causara em Sir Guillaume três ferimentos. Três ferimentos que precisavam de vingança, mas naquele momento Sir Guillaume nada podia fazer. Porque estava sitiado e Thomas, achava ele, estava condenado.

Charles Bessières e meia dúzia de seus homens foram para o ossário embaixo da igreja da abadia, à procura de butim. Um deles levava uma vela acesa e, à luz incerta, eles começaram a derrubar os ossos compactos, evidentemente esperando descobrir um tesouro, apesar de tudo o que os ossos revelavam fosse mais ossos, mas um deles descobriu um pequeno quarto na extremidade oeste da cripta e soltou um grito de triunfo porque ele continha o grande baú reforçado com ferro. Um dos homens forçou o fecho do baú com a espada e Bessières apanhou a pátena de prata e o castiçal.

— Só isso? — perguntou ele, decepcionado.

Um outro de seus homens encontrou a caixa do graal, mas nenhum deles sabia ler, e mesmo se soubessem não teriam entendido a inscrição em latim. Quando viram que a caixa estava vazia, jogaram-na de volta e ela caiu por entre os ossos espalhados. Charles Bessières apanhou o saco de couro que se dizia conter a

cinta de Santa Inês. Praguejou quando descobriu que o saco continha nada mais do que um pedaço de linho bordado, mas o saco era de tamanho suficiente para guardar a prata saqueada. — Eles esconderam o tesouro deles — disse Bessières.

— Ou eles são pobres — sugeriu um de seus homens. — Eles são uns porcarias de monges! É claro que são ricos.

Bessières pendurou na cintura o saco com a prata.

— Vão procurar o maldito abade deles — ordenou a dois dos homens — e vamos bater no bastardo até ele dizer a verdade.

— Vocês não vão fazer nada disso. — Uma voz nova falou, e os homens que estavam na câmara do tesouro voltaram-se para ver que Guy Vexille descera para o ossário. Ele segurava uma lanterna e a luz tinha um reflexo escuro na armadura laqueada de preto. Ele ergueu bem a lanterna e olhou para os ossos derrubados. — Vocês não têm respeito pelos mortos?

— Vão buscar o abade. — Charles Bessières não ligou para a pergunta de Vexille e, em vez disso, dirigiu-se aos seus homens. —

Tragam-no aqui.

— Já mandei buscar o abade — disse Vexille —, e vocês não vão bater nele até ele contar a verdade.

— Você não manda em mim — Bessières empertigou-se.

— Mas mando na minha espada — disse Vexille com calma — e se você me trair, vou abrir sua barriga e derramar suas entranhas fedorentas para alimentar os vermes. Você está aqui apenas como observador de seu irmão, nada mais, mas se quiser fazer algo de útil, vá até o lazareto e reviste-o à procura do inglês. Mas não o mate!

Traga-o à minha presença. E reponha essa prata onde a encontrou.

Ele fez um gesto com a cabeça em direção ao pescoço do castiçal que aparecia no saco de couro na cintura de Bessières.

Vexille estava sozinho e enfrentando sete homens, mas sua confiança era tal, que

nenhum deles pensou em opor-se a ele. Até Charles Bessières, que temia poucos homens, colocou humildemente a prata no chão.

— Mas não vou embora deste vale de mãos abanando — grunhiu ele a título de desafio de despedida.

— Espero, Bessières — disse Vexille —, que saíamos deste vale com o maior tesouro da cristandade em nosso poder. Agora, retirem-se.

Vexille fez um ar afetado quando os homens se retiraram.

Colocou a lanterna no chão e começou a colocar os ossos de volta para suas alcovas, mas parou quando soaram passos na escada. Ele se voltou e ficou olhando Planchard, alto e de batina branca, descer para o ossário.

— Peço desculpas por isso — disse Vexille, indicando os ossos. —

Eles receberam ordens para manter a abadia intocada, Planchard não disse nada sobre a profanação; apenas fez o sinalda-cruz e abaixou-se para apanhar o saco de prata.

— Isto é tido como o nosso tesouro — explicou —, mas nunca fomos uma casa rica. Ainda assim, podem roubar à vontade esses pobres.

— Eu não vim aqui para roubar — disse Vexille.

— Então, por que está aqui? — perguntou Planchard. Vexille não ligou para a pergunta.

— Meu nome — disse, em vez de responder — é Guy Vexille, conde de Astarac.

— Foi o que seus homens me disseram — disse Planchard —

quando me chamaram à sua presença. — Ele disse as últimas palavras com calma, como a indicar que não se ofendera com tal indignidade.

— Mas acho que O teria reconhecido de qualquer maneira.

— Teria? — Vexille parecia surpreso.

— O seu primo esteve aqui. Um jovem inglês.

O abade levou a prata de volta para a arca, e depois salvou a tira de linho, que beijou com reverência.

— Vocês dois — continuou ele — se parecem muito.

— Só que ele é filho bastardo — disse Vexille, Irritado —, e um herege.

— E você não é nem uma coisa, nem outra? — perguntou Planchard, com calma.

— Sirvo ao cardeal-arcebispo Bessières — respondeu Vexille — e sua eminência me mandou até aqui para procurar meu primo. O

senhor sabe onde ele está?

— Não — disse Planchard. Ele sentou-se no banco e de um bolso na batina branca tirou um pequeno colar de contas para rezar.

— Mas ele esteve aqui?

— É claro que esteve aqui ontem à noite — respondeu Planchard

—, mas onde está ele agora? — O abade deu de ombros. — Eu o aconselhei a ir embora. Sabia que haveria homens à procura dele, ainda que apenas pelo prazer de vê-lo queimar, de modo que aconselhei-o a se esconder. Creio que ele deve ter ido para a floresta, e sua busca vai ser difícil.

— O seu dever — disse Vexille, ríspido —, era entregá-lo à Igreja.

— Sempre tentei cumprir com o meu dever para com a Igreja —

disse Planchard — e às vezes fracassei, mas sem dúvida Deus irá me castigar por essas falhas.

— Por que ele esteve aqui? — perguntou Vexille.

— Acho que vossa excelência sabe — replicou Planchard e havia, talvez, um tom de zombaria nas duas palavras de tratamento.

— O Graal — disse Vexille. Planchard não respondeu. Apenas contava as contas referentes às orações, passando-as entre o polegar e o indicador, enquanto olhava para o jovem alto que vestia uma armadura. — o Graal esteve aqui — continuou

Vexille.

— Esteve? — perguntou Planchard.

— Ele foi trazido para cá — insistiu Vexille.

— Nada sei sobre isso — disse Planchard.

— Creio que sabe — retorquiu Vexille. — Ele foi trazido para cá antes da queda de Montségur, trazido para cá para resguardá-lo. Mas aí os cruzados franceses vieram a Astarac e o Graal foi levado embora outra vez.

Planchard sorriu.

— Tudo isso aconteceu antes de eu nascer. Como iria saber?

— Sete homens levaram o Graal embora — afirmou Vexille.

— Os sete senhores negros — disse Planchard, sorrindo. — Já ouvi essa história.

— Dois deles eram Vexille — prosseguiu Guy Vexille —, e quatro eram cavaleiros que tinham lutado pelos cátaros.

— Sete homens fugindo das forças da França e dos cruzados da Igreja — disse Planchard, pensativo — para uma cristandade que os odiava. Duvido que tenham sobrevivido.

— E o sétimo homem — Vexille fez que não ouviu as palavras de Planchard — era lorde de Mouthoumet.

— Que sempre foi um feudo insignificante — disse Planchard, como que desprezando o fato —, praticamente incapaz de sustentar dois cavaleiros com seus pastos nas montanhas.

— O lorde de Mouthoumet — continuou Vexille — era um herege.

Ele se voltou de repente, porque lá bem do fundo do ossário ouvira-se um barulho. Parecia um pouco com um espirro abafado e foi seguido de barulho de ossos. Ele ergueu a lanterna e voltou para o ponto em que os arcos tinham sido profanados.

— Aqui há ratos — disse Planchard. — Os esgotos da abadia atravessam o fundo da cripta e achamos que uma parte da alvenaria caiu. Muitas vezes se ouvem barulhos estranhos aqui embaixo.

Alguns dos irmãos mais supersticiosos acreditam que são feitos por fantasmas.

Vexille estava em pé em meio aos ossos, a lanterna mantida no alto, o ouvido atento. Não ouviu nada mais e voltou para perto do abade.

— O lorde de Mouthoumet — disse ele — era um dos sete. E o nome dele era Planchard. — Vexille fez uma pausa. — Excelência —

acrescentou, zombeteiro.

Planchard sorriu.

— Ele era meu avô. Não seguiu com os outros, mas foi para Toulouse e colocou-se sob a misericórdia da Igreja. Teve sorte, acho eu, de não ser queimado, mas foi reconciliado com a verdadeira fé, muito embora isso lhe custasse o feudo, o título e o que era tido como a fortuna. Morreu num mosteiro. A história era contada em nossa família, claro que era, mas nunca vimos o Graal e posso assegurá-lo de que nada sei sobre ele.

— Mas no entanto está aqui — Guy Vexille acusou o abade com rispidez.

— É verdade — reconheceu Planchard. — E estou aqui de propósito. Primeiro, entrei para esta casa ainda jovem e vim para cá porque as histórias sobre os senhores pretos me intrigavam. Supunha-se que um deles tinha ficado com o Graal, e que fez que os outros jurassem protegê-lo, mas meu pai alegava nunca ter visto o cálice. Na verdade, ele achava que o cálice não existia, mas que fora apenas inventado para atormentar a Igreja. Os cruzados tinham destruído os

cátaros e a vingança dos senhores negros era fazer com que eles pensassem que haviam destruído o Graal junto com a heresia. Isso, acho eu, é obra do diabo.

— E o senhor veio para cá — perguntou Vexille, em tom de zombaria — porque não acreditava que o Graal existisse?

— Não, eu vim porque se algum dia os descendentes dos senhores negros fossem procurar o Graal, ele viriam até aqui, disso eu sabia, e Queria ver o que

iria acontecer. Mas essa curiosidade morreu há muito tempo. Deus me deu muitos anos, Ele teve o prazer de me fazer abade, me envolveu em Sua misericórdia. E o Graal? Confesso que procurei por lembranças dele quando aqui cheguei pela primeira vez, e o meu abade me repreendeu Por isso, mas Deus me fez recuperar o bom senso. Agora acho que meu avô estava certo e que isso é uma história inventada para provocar a Igreja e um mistério para deixar os homens alucinados.

— Ele existiu — afirmou Vexille.

— Neste caso, rogo a Deus que eu possa encontrá-lo — disse Planchard. — E quando achar, eu o esconderei no mais profundo dos oceanos para que ninguém mais venha a morrer ao procurar por ele.

Mas o que é que você faria com o Graal, Guy Vexille?

— Eu iria usá-lo — respondeu Vexille.

— Para quê?

— Para limpar o mundo do pecado.

— Seria um trabalho notável — disse Planchard —, mas nem Cristo conseguiu realizá-lo.

— Você pára de eliminar ervas daninhas entre os vinhedos só porque elas sempre voltam a nascer? — perguntou Vexille.

— Não, é claro que não.

— Pois então a obra de Cristo tem de continuar — disse Vexille.

O abade ficou olhando para o soldado por algum tempo.

— Você é o instrumento de Cristo? Ou o instrumento do cardeal Bessières?

Vexille fez uma careta.

— O cardeal é como a Igreja, Planchard. Cruel, corrupto e maligno. Planchard não o contradisse.

— E daí?

— E daí, é preciso haver uma nova Igreja. Uma Igreja limpa, uma Igreja sem pecado, uma Igreja cheia de homens honestos que vivam no temor a Deus. O Graal vai fazer isso.

Planchard sorriu.

— Estou certo de que o cardeal não aprovaria.

— O cardeal mandou o irmão dele até aqui — disse Vexille —, e sem dúvida o irmão tem ordens de me matar depois que eu tiver sido útil-

— E qual é a sua utilidade?

— Encontrar o Graal. E, para fazer isso, primeiro tenho de encontrar o meu primo.

— Acha que ele sabe onde o Graal está?

— Acho que o pai dele possuía o Graal — respondeu Guy Vexille e acho que o filho tem informações sobre isso.

— Ele pensa o mesmo a seu respeito — disse Planchard. — E acho que vocês dois são como cegos, cada um pensando que o outro pode ver.

Vexille riu daquilo.

— O Thomas é um bobo — afirmou. — Ele trouxe homens até a Gasconha para quê? Para procurar o Graal? Ou para me procurar?

Mas ele fracassou e agora é um fugitivo. Uma boa parte de seus homens jurou vassalagem ao conde de Berat e o resto está encurralado em Castillon d'Arbizon, e quanto tempo vão durar? Dois meses? Ele fracassou, Planchard, fracassou. Ele pode ser cego, mas eu enxergo. E vou pegá-lo e vou arrancar o que ele sabe. Mas o que é que você sabe?

— Eu lhe disse. Nada.

Vexille voltou até o quarto e olhou para o abade.

— Eu poderia torturá-lo, meu velho.

— Poderia — concordou Planchard, em tom suave —, e sem dúvida eu berraria para ser poupado do tormento. Mas você não vai encontrar mais verdade naqueles gritos do que eu já lhe disse aqui por vontade própria. — Ele guardou as contas e levantou-se. — E eu lhe imploro, em nome de Cristo, que poupe esta comunidade. Ela nada sabe sobre o Graal, não pode lhe dizer nada, e não pode lhe dar nada.

— E não pouparei nada — retrucou Vexille — a serviço de Deus.

Nada.

Ele sacou a espada. Planchard olhou, com aparência inexpressiva, e nem mesmo se encolheu quando a espada foi apontada para ele.

— Jure sobre isto — pediu Vexille —, que você nada sabe a respeito do Graal.

— Eu lhe disse tudo o que sei — respondeu Planchard e, em vez de tocar a espada, ergueu o crucifixo de madeira que lhe pendia do pescoço e o beijou. — Não vou jurar sobre a sua espada, mas juro sobre a cruz do meu querido Senhor que nada sei a respeito do Graal.

— Mas a sua família ainda nos traiu — disse Vexille.

— Traiu vocês?

— O seu avô foi um dos sete. Ele se retratou.

— E por isso ele traiu você? Por abrir-se para a verdadeira fé?

Planchard franziu o cenho. — Você está me dizendo que mantém a heresia catara, Guy Vexille?

— Viemos trazer a luz ao mundo — declarou Vexille — e purgá-lo da sujeira da Igreja. Eu mantive a fé, Planchard.

— Então você é o único homem que o fez — disse Planchard —, e é uma fé herética.

— Eles crucificaram Cristo por heresia — disse Vexille —, de modo que ser chamado de herege é estar com Ele.

E empurrou a espada à frente, enfiando-a na base da garganta de Planchard. O homem idoso, o que foi impressionante, pareceu não ter qualquer reação, mas apenas apertou o crucifixo nas mãos enquanto o sangue jorrava de sua garganta para transformar a batina branca em vermelha. Ele demorou muito para morrer, mas acabou desabando e Vexille retirou a espada e limpou a lâmina na barra da batina do abade. Embainhou a espada e apanhou a lanterna.

Correu os olhos pelo ossário, mas não viu nada que o preocupasse e subiu a escada. A porta se fechou, cortando toda a luz.

E Thomas e Genevieve, escondidos no escuro, aguardaram. Eles esperaram a noite toda. A Thomas parecia que ele não tinha dormido nem um pouco, mas devia ter cochilado, porque acordou quando Genevieve espirrou. O ferimento estava doendo, mas ela nada disse sobre isso, apenas esperava e cochilava.

Não tiveram a menor idéia de quando a manhã chegou, porque estava escuro como breu no ossário. Durante a noite toda, nada ouviram. Nenhum passo, nenhum grito, nenhuma oração cantada, apenas o silêncio da tumba. E ainda assim esperaram, até que Thomas

não aguentou esperar mais e esgueirou-se para fora do buraco em que estavam, passou pelos ossos e desceu para o chão. Genevieve ficou onde estava enquanto Thomas tateava pelos ossos espalhados e chegava até a escada. Subiu rastejando, aguçou o ouvido por um certo tempo quando chegou lá em cima, não ouviu nada e assim, empurrou a porta quebrada para abri-la.

A igreja da abadia estava vazia. Ele percebeu que amanhecera porque a luz vinha do leste, mas era difícil dizer a que altura estava o sol, porque a luz tinha contornos suaves, era difusa, e Thomas calculou que havia um nevoeiro matutino.

Ele desceu de volta para o ossário. Deu um pontapé em alguma coisa de madeira ao atravessar o chão e curvou-se e encontrou a caixa vazia do Graal. Por um instante, sentiu-se tentado a recolocá-la no baú, mas depois decidiu ficar com ela. Achou que caberia na medida em sua sacola.

— Genevieve! — chamou ele, baixinho. — Venha.

Ela empurrou as sacolas deles, o arco de Thomas e as flechas, a cota de malha e os casacos para o outro lado da pilha de ossos, e depois seguiu atrás, encolhendo-se com a dor no ombro. Thomas teve de ajudá-la a vestir a cota de malha e machucou-a quando ergueu-lhe o braço. Ele vestiu a cota, colocou as capas nos ombros de ambos e encordoou o arco para que pudesse levá-lo às costas. Afivelou a espada no lugar, colocou a caixa na sacola, que estava pendurada no seu cinto, e depois, carregando os feixes de flechas, voltou-se para a escada e viu, porque uma claridade mínima penetrava, vindo da porta aberta, a batina branca no quarto do tesouro. Fez um gesto para que Genevieve ficasse onde estava e esgueirou-se pela cripta. Ratos fugiram enquanto ele se aproximou do arco baixo e ali parou, os

olhos arregalados. Planchard estava morto.

— O que foi? — perguntou Genevieve.

— O bastardo o matou — disse Thomas, perplexo.

— Quem?

— O abade! — Ele falou num sussurro e, embora estivesse excomungado, fez o sinalda-cruz. — Ele o matou!

Ele ouvira o final da conversa entre Vexille e Planchard e ficara intrigado pelo fato de o abade ter parado de falar, e igualmente intrigado Por ter ouvido apenas um par de pés subindo a escada, mas nunca imaginara aquilo. Nunca.

— Ele era um bom homem — comentou.

— E se ele está morto — disse Genevieve —, vão pôr a culpa em nós. Por isso, ande logo. Vem!

Thomas detestava deixar o corpo ensanguentado na cripta, mas sabia que não tinha opção. E Genevieve estava certa, eles iriam ser acusados. Planchard morrerá porque seu avô retratara uma heresia, mas ninguém iria acreditar nisso, em especial quando dois hereges condenados estavam ali para ser acusados.

Ele conduziu Genevieve escada acima. A igreja ainda estava vazia, mas agora Thomas pensou que ouvia vozes do lado de fora da porta oeste aberta. Havia nevoeiro lá fora, e um pouco dele entrava pela nave e se espalhava suavemente

pelas lajotas. Ele pensou em voltar para o ossário e se esconder de novo, e então imaginou se seu primo não iria fazer uma busca mais detalhada em todo o mosteiro naquele dia, e isso o fez decidir-se a seguir em frente.

— Por aqui.

Ele pegou na mão de Genevieve e levou-a para o lado sul da Igreja, onde uma porta dava para a clausura interna. Era a porta que

os monges usavam quando iam rezar, uma devoção que evidentemente lhes fora negada naquela manhã.

Thomas empurrou a porta, encolhendo-se quando as dobradiças rangeram, e deu uma espiada. A princípio, achou que a clausura, tal como a igreja estava vazia: depois, viu um grupo de homens de capa preta lá do outro lado. Eles estavam de pé ao lado de uma porta, obviamente ouvindo o que dizia alguém do lado de dentro, e nenhum deles voltou-se para olhar enquanto Thomas e Genevieve corriam sob a arcada que estava na sombra e escolhiam uma porta ao acaso. A porta abria para um corredor e, lá no fim, eles se viram na cozinha do mosteiro, onde dois monges mexiam um enorme caldeirão que estava no fogo. Um deles viu Genevieve e pareceu que ia protestar contra a presença de uma mulher, mas Thomas chiou para que ele ficasse calado.

— Onde estão os outros monges? — perguntou Thomas.

— Nas suas celas — respondeu o cozinheiro, assustado, e depois ficou olhando enquanto os dois atravessavam a cozinha correndo, passavam pela mesa com cutelos, colheres e terrinas, e pelos ganchos em que estavam penduradas duas carcaças de cabras, antes de desaparecer pela porta do outro lado, que dava para o olival, onde Thomas abandonara os cavalos. Os cavalos tinham desaparecido.

A porta do lazareto estava aberta. Thomas olhou para ela e voltou-se para oeste, mas Genevieve deu um puxão na sua capa, apontou através do nevoeiro e Thomas viu um cavaleiro de capa preta do outro lado das árvores. Será que o homem fazia parte de um cordão de isolamento? Será que Vexille colocara homens por todo o mosteiro? Parecia provável, e parecia ainda mais provável que o cavaleiro iria voltar-se e vê-los, ou que os dois monges que estavam

na cozinha pudessem dar o alarme, mas então Genevieve tornou a puxar a capa dele e conduziu-o pelo olival e para dentro do lazareto.

Estava vazio. Todos os homens tinham medo de leprosos e Thomas achou que Vexille devia tê-los levado para longe a fim de que seus homens pudessem revistar as choças.

— Nós não podemos nos esconder aqui — sussurrou para Genevieve.

— Eles vão revistar outra vez.

— Não vamos nos esconder — disse ela e entrou na choça maior e voltou com duas túnicas cinza. Então, Thomas compreendeu. Ele ajudou a colocar uma túnica em Genevieve, puxando o capuz por cima de seus cabelos dourados, vestiu a outra e depois pegou duas matracas entre as poucas que tinham sido deixadas em cima da mesa.

Genevieve, enquanto isso, colocara os feixes de flechas e o arco de Thomas num trenó que os leprosos usavam para recolher lenha.

Thomas empilhou um pouco de lenha por cima das armas e passou a corda em forma de laço pelos ombros.

— Agora, vamos — disse Genevieve.

Thomas puxou o trenó, que deslizou com facilidade no terreno úmido. Genevieve seguia em frente e, uma vez fora da porta, voltou-se para o norte e oeste, na esperança de evitar o cavaleiro. O nevoeiro foi aliado deles, uma capa cinza na qual as capas deles se fundiam.

Uma língua de bosque saía da serra e Genevieve caminhou em direção a ela, sem tocar a matraca, mas apenas observando. Ela chiou uma vez e Thomas ficou imóvel.

Ouviram-se patas de um cavalo; ele as ouviu afastando-se e continuou puxando. As árvores à frente deles eram altas formas escuras no vapor. Eles estavam seguindo uma trilha que os leprosos

usavam quando iam colher cogumelos nos bosques. As árvores ficaram mais perto, e então uma vez mais ouviu-se o som surdo de patas e Genevieve tocou a matraca, avisando. Mas o cavaleiro não desistiu. Veio por trás deles e Thomas tocou a sua matraca enquanto se voltava. Manteve a cabeça baixa, para que o rosto não fosse visto sob o capuz da túnica. Ele viu as pernas do cavalo, mas não

quem o montava.

— Piedade, meu bom senhor — disse ele — piedade. Genevieve estendeu as mãos como se à procura de esmola, e as cicatrizes em sua pele deixadas pelo padre Roubert tinham um aspecto grotesco.

Thomas fez o mesmo, revelando as suas cicatrizes, a pele branca e estriada.

— Esmolas — disse ele — de sua bondade, senhor, esmolas.

O cavaleiro que não viam olhou para eles, que caíram de joelhos.

O bafo do cavalo saía como grandes nuvens de nevoeiro mais espesso.

— Tenha piedade de nós. — Genevieve falou na língua local, usando uma voz rouca. — Pelo amor de Deus, tenha piedade.

O homem ficou ali, montado, e Thomas não tinha coragem de olhar para cima. Sentiu o medo abjeto de um homem indefeso à mercê de um cavaleiro-, usando cota de malha, mas também sabia que o homem estava pressionado pela indecisão. Sem dúvida, ele recebera ordens de procurar duas pessoas fugindo do mosteiro, e acabara de encontrar um casal do tipo descrito, mas pareciam ser leprosos, e o medo que ele sentia da lepra opunha-se ao dever. Então, de repente, ouviram-se mais matracas e Thomas arriscou um olhar para trás e viu um grupo de vultos envoltos em cinza vindo da floresta, tocando matracas e pedindo esmolas. A visão de mais

leprosos, vindo juntarse aos dois primeiros, foi demais para o cavaleiro. Ele cuspiu para eles, e puxou as rédeas para fazer meia-volta. Thomas e Genevieve ficaram esperando, ainda de joelhos, até que o homem quase ficasse envolvido pelo nevoeiro e depois correram para as árvores, onde finalmente puderam jogar fora as matracas, despir as túnicas cinza fedorentas e recuperar o arco e os feixes de flechas. Os outros leprosos, expulsos de seu refúgio no mosteiro, limitavam-se a olhar para eles. Thomas pegou um punhado de moedas entre aquelas que Sir Guillaume lhe dera e deixou-as na grama.

— Vocês não nos viram — disselhes e Genevieve repetiu as palavras na língua local.

Eles caminharam para oeste, subindo e com isso saindo do nevoeiro, mantendo-

se entre as árvores até não haver mais bosque, só um declive rochoso que subia para a serra. Eles subiram com dificuldade, tentando ficar atrás de pedras ou em ravinas, enquanto que atrás deles o nevoeiro se desfazia no vale. O telhado da igreja da abadia apareceu primeiro, depois os outros telhados, e quando a manhã estava pela metade, todo o mosteiro estava visível, mas Thomas e Genevieve já estavam na crista, seguindo para o sul. Se eles tivessem continuado em direção ao oeste, iriam descer para o vale do rio Gers, onde eram muitas as aldeias, enquanto que para o sul ficava uma região mais vazia, mais selvagem, e foi para lá que seguiram.

Ao meio-dia, pararam para descansar.

— Não temos comida — revelou Thomas.

— Então, ficamos com fome — disse Genevieve. Ela sorriu para ele. — E para onde estamos indo?

— Para Castillon d'Arbizon — respondeu Thomas —, se for possível.

— Voltar para lá! — Ela estava surpresa. — Mas eles nos expulsaram; por que iriam nos aceitar de volta?

— Porque precisam de nós — respondeu Thomas.

Ele não sabia disso, pelo menos não tinha certeza, mas ouvira Vexille conversando com Planchard e ficara sabendo que uma parte da guarnição Passara para o lado do conde de Berat, e calculou que Robbie devia ter liderado aquele grupo. Ele não conseguia imaginar Sir Guillaume rompendo sua vassalagem ao conde de Northampton, mas Robbie não tinha vassalagem alguma fora da Escócia. Pelo que Thomas presumia, os homens fixados em Castillon d'Arbizon eram os seus, os homens que ele recrutara fora de Calais, os ingleses. Por isso, iria para lá e, se encontrasse o castelo arrasado e a guarnição morta, seguiria em frente, sempre para oeste até chegar às possessões inglesas.

Primeiro, porém, eles seguiriam para o sul, pois era lá que os grandes bosques estendiam-se em camadas pelas cristas que saíam das montanhas. Ele apanhou a bagagem e, ao fazê-lo, a caixa do graal, que tinha sido enfiada na sua sacola de arqueiro por cima das pontas de flechas sobressalentes, pedra de afiar e cordas,

caiu. Ele tornou a sentar-se e apanhou a caixa.

— O que foi? — perguntou Genevieve.

— Planchard acreditava que esta era a caixa que continha o Graal

— explicou ele —, ou talvez a caixa que supostamente fazia com que os homens pensassem que tinha contido o Graal.

Ele olhou para a inscrição que esmaecia. Agora que podia ver a caixa de forma adequada, à luz do sol, percebeu que as letras tinham sido vermelhas e que onde a tinta saía com o manuseio ainda havia

uma leve impressão na madeira. Havia outra leve impressão no interior da caixa, um círculo de poeira que tinha penetrado na madeira à força, como se alguma coisa tivesse descansado ali por muito tempo. As duas dobradiças de ferro estavam enferrujadas e frágeis, e a madeira, tão seca que não pesava quase nada.

— É autêntica? — perguntou Genevieve.

— É autêntica — disse Thomas —, mas se alguma vez conteve o Graal, eu não sei.

E ele pensou quantas vezes tinha dito aquelas três últimas palavras todas as vezes em que falava sobre o Graal.

No entanto ele agora sabia mais. Sabia que sete homens tinham fugido de Astarac no século anterior, quando as forças da França, usando a cruz dos cruzados, incendiaram o sul do país para acabar com a heresia. Os homens haviam fugido, dizendo que levavam um tesouro, e tinham jurado defendê-lo, e agora, tantos anos mais tarde, só Guy Vexille mantivera a fé distorcida. E será que o pai de Thomas possuía realmente o Graal? Era por isso que Guy Vexille tinha ido a Hookton e atravessara a aldeia assassinando pessoas, tal como assassinara Planchard? Os descendentes dos senhores negros estavam sendo expurgados por traírem a confiança, e Thomas sabia exatamente o que lhe aconteceria se seu primo o pegasse.

— É uma forma estranha para um Graal — disse Genevieve.

A caixa era rasa e quadrada, não alta como se algum dia um cálice com pé

tivesse sido guardado nela.

— Quem sabe a aparência que o Graal tem? — perguntou Thomas. Colocou a caixa no embornal e os dois seguiram para o sul.

Thomas estava sempre olhando para trás e, por volta do meio da tarde, ele viu homens de capa preta saídos do mosteiro e subindo

para a crista. Eram seis deles, e Thomas calculou que iriam usar a crista como posto de observação. Guy Vexille devia ter voltado a dar uma busca no mosteiro sem encontrar coisa alguma, de modo que agora estava espalhando mais a sua rede.

Eles se apressaram. Quando o anoitecer se aproximava, avistaram as pedras amontoadas onde Genevieve fora ferida; os bosques, agora, não estavam longe, mas Thomas continuava a olhar para trás, esperando que os doze cavaleiros aparecessem a qualquer momento.

Em vez disso, mais homens apareceram ao leste, outros doze subindo pela trilha que levava para o outro lado da crista, e Thomas e Genevieve atravessaram correndo o gramado e desapareceram por entre as árvores momentos antes de os novos cavaleiros aparecerem no pico.

Os dois deitaram-se na vegetação rasteira, recuperando o fôlego.

Os doze novos homens a cavalo ficaram expostos, esperando, e pouco depois apareceram os primeiros cavaleiros como uma fila de batedores. Tinham vasculhado a parte aberta da crista, na esperança de obrigarem Thomas e Genevieve a sair para campo aberto. Thomas percebeu que seu primo previra exatamente o que ele iria fazer, previra que ele tentaria chegar a Castillon d'Arbizon, ou pelo menos seguisse para o oeste, em direção a outras guarnições inglesas, e agora seus homens vasculhavam toda a área a oeste de Astarac. E mesmo enquanto Thomas observava, seu primo apareceu, liderando outros vinte homens que se juntaram aos outros na crista gramada. Havia, agora, mais de quarenta soldados no planalto, todos vestindo cotas de malha e armadura, todos com capas pretas, todos com espadas compridas.

— O que vamos fazer? — Genevieve fez a pergunta bem baixinho

— Nos esconder — respondeu Thomas.

Rastejaram para trás, tentando não fazer ruído algum, e quando chegaram bem fundo em meio às árvores, Thomas conduziu-a para o leste. Ele ia voltar para Astarac, porque duvidava que Guy esperasse por isso e quando eles chegaram à beira do planalto e viram o vale abrir-se à sua frente, Thomas avançou furtivamente para o norte outra vez, para ver o que seus perseguidores estavam fazendo.

Metade deles tinha seguido para o oeste, a fim de bloquear as trilhas que atravessavam o vale vizinho, mas o resto, liderado por Vexille, cavalgava em direção ao bosque. Eles voltariam a ser batedores, esperando fazer com que Thomas e Genevieve saíssem em direção aos outros soldados e, agora que os cavaleiros estavam mais perto, Thomas pôde ver que alguns levavam bestas.

— Por enquanto, estamos seguros — disse Thomas a Genevieve quando voltou para o seu lado na ravina rochosa onde ela se protegia. Ele calculava que tinha se infiltrado no cordão de isolamento do primo, que se expandia, e que quanto mais longe fosse, maior ficaria o cordão e mais fácil seria escapulir por entre as brechas. Mas isso teria de esperar até que amanhecesse, porque o sol já mergulhava em direção às nuvens do oeste, dando-lhes um toque de rosa. Thomas prestou atenção ao som do bosque, mas nada ouviu de alarmante, apenas o esfregar de garras em cascas de árvores, a batida das asas de um pombo e o suspirar do vento. Os cavaleiros de capa preta tinham seguido para o oeste, mas no leste, lá embaixo, no vale, o trabalho deles era visível. Ainda havia soldados lá, e aqueles homens tinham incendiado o lazareto, e a fumaça manchava todo o céu acima do mosteiro, e também tinham incendiado o que restava da aldeia, imaginando que as chamas fariam aparecer quem estivesse

escondido nos chalés. Mais homens estavam nas ruínas do castelo, e Thomas ficou imaginando o que eles faziam lá, mas estava longe demais para ver.

— Precisamos comer — disse ele a Genevieve.

— Não temos nada — disse ela.

— Então, vamos procurar cogumelos — sugeriu Thomas — e castanhas. E precisamos de água.

Encontraram um filete de água ao sul e mataram a sede encostando o rosto numa rocha pela qual a água descia, e depois Thomas fez uma cama de gravetos na ravina do filete de água e, quando se convenceu de que eles ali ficariam bem

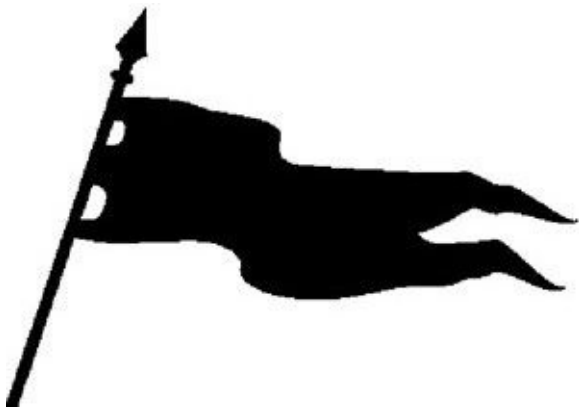
escondidos, deixou Genevieve e foi procurar comida. Levou o arco e tinha meia dúzia de flechas no cinto, não apenas para uma defesa, mas na esperança de avistar uma corça ou um porco. Encontrou alguns cogumelos no mofo das folhas, mas eram pequenos e tinham veios pretos, e não tinha certeza de que fossem, ou não, venenosos. Avançou mais, procurando castanhas ou caça, sempre rastejando, sempre de ouvido atento, e sempre mantendo a beira da crista à vista. Ouviu um barulho e voltou-se rápido e pensou ter visto um veado, mas as sombras se alongavam e ele não podia ter certeza; mesmo assim, colocou uma flecha na corda e rastejou para onde avistara o movimento furtivo. Era a estação do acasalamento, e os machos deviam estar no bosque, procurando por outros para enfrentar em combate. Ele sabia que não teria coragem de acender uma fogueira para assar a carne, mas já comera fígado cru antes, e aquilo seria um banquete naquela noite. Então viu a armação do veado e deslocou-se para o lado, meio agachado, tentando ver o corpo do macho.

Exatamente naquele momento a besta disparou e a seta passou

chiando por ele para espetar-se numa árvore. O veado fugiu dando saltos longos enquanto Thomas se voltou, puxando para trás a corda do arco, e viu os homens sacando as espadas.

Ele caíra numa armadilha.

E estava preso.



Terceira Parte

CASTILLON, DEZEMBRO DE 1347

a escuridão

a revista do mosteiro não revelara coisa alguma, exceto o corpo do abade Planchard, e Guy Vexille, ao ser informado da morte do velho, acusou em voz alta seu primo, que estava desaparecido. Ordenou uma busca em todos os prédios, mandou que incendiassem a aldeia e o lazareto para que se tivesse certeza de que nenhum fugitivo ficara escondido ali, e depois, relutantemente convencido de que sua presa fugira, enviou cavaleiros para procurar por todos os bosques vizinhos.

A descoberta de duas túnicas de leprosos e duas matracas de madeira jogadas fora no bosque a oeste deu a idéia do que acontecera. Vexille acareou os cavaleiros que tinham estado vigiando aquele lado do mosteiro. Os dois juraram não ter visto nada. Não acreditou neles, mas de pouco adiantava chamá-los à fala, por isso optou por mandar cavaleiros para revirar todas as trilhas que levassem em direção às possessões inglesas na Gasconha. Mas quando mandou que Charles Bessièrès acrescentasse seus homens à busca, Bessièrès recusou-se.

Alegou que os cavalos estavam mancando e seus homens, cansados.

— Não recebo ordens suas — disse Bessièrès, ríspido. — Estou aqui a serviço do meu irmão.

— E seu irmão quer que o inglês seja encontrado — insistiu Vexille.

— Pois então, procure-o, excelência — disse Bessièrès, fazendo com que a última palavra parecesse um insulto.

Vexille seguiu para oeste com todos os seus homens, sabendo que provavelmente Bessièrès queria ficar para saquear a aldeia e o mosteiro.

E foi exatamente isso que Bessièrès fez, embora achasse muito pouca coisa. Ele mandou seis de seus homens revirem os pertences patéticos que os aldeões tinham salvado nas novas chamas, e descobriram alguns jarros e panelas que poderiam ser vendidos por alguns *sous*, mas o que realmente queriam eram as

moedas que os aldeões deviam ter escondido quando viram homens armados chegando. Todo mundo sabia que os camponeses juntavam pequenas quantias em dinheiro e as enterravam quando surgiam atacantes vestindo cotas de malha, e por isso os homens de Bessières torturavam os servos para obrigá-los a revelar os esconderijos e, ao fazê-lo, descobriram algo muito mais estranho. Um dos homens de Charles falava a língua do sul da França e estava serrando os dedos de um prisioneiro quando o homem revelou que o antigo conde estivera cavando nas ruínas do castelo e descobrira uma velha parede embaixo da capela, mas morrera antes de poder cavar mais. Isso interessou a Bessières, porque o homem dera a entender que havia alguma coisa do outro lado da parede, algo que deixara o velho conde agitado e que o abade, que Deus salvasse sua alma, quisera que ficasse escondido. Por isso, assim que Vexille desapareceu indo para oeste, Bessières conduziu seus homens para a velha fortaleza.

Foi necessário menos de uma hora para soltar as lajotas e revelar a cripta, e em mais outra hora Bessières tinha tirado do lugar os velhos caixões e restos que eles já haviam sido saqueados. Mandaram buscar o homem da aldeia, que mostrou onde o conde tinha cavado, e Bessières ordenou que os homens pusessem a parede a descoberto.

Fez com que trabalhassem depressa, querendo terminar o serviço antes que Guy Vexille voltasse e o acusasse de profanar os túmulos da família dele. Mas a parede era muito sólida, e o reboco, muito bem-feito, e só depois que um dos homens de Charles foi buscar o maior martelo de ferreiro que havia no butim tirado da aldeia incendiada, o serviço realmente avançou. O martelo batia com violência nas pedras, lascando-as e desajolando-as, até que finalmente conseguiram colocar uma haste de ferro entre os blocos inferiores, e a parede desmoronou.

E lá dentro, sobre um pilar de pedra, havia uma caixa.

Era uma caixa de madeira, talvez grande bastante para conter a cabeça de um homem, e até Charles Bessières sentiu uma onda de agitação ao vê-la. O Graal, pensou ele, o Graal, e imaginou-se indo para o norte com o troféu que daria o papado a seu irmão.

— Saia da frente — disse ele, ríspido, para um homem que estendia a mão para o tesouro, e depois curvou-se para entrar no espaço baixo e tirou a caixa de madeira do pedestal.

O cofre tinha sido feito de forma engenhosa, porque parecia não ter tampa. Em um dos lados — Bessièrès presumiu que fosse a parte de cima — estava incrustada uma cruz de prata que perdera o brilho ao longo dos anos, mas não havia nada escrito na caixa e nenhum indício sobre o que poderia estar dentro dela. Bessièrès sacudiu-a e alguma coisa chocalhou. Ele então parou. Estava pensando que talvez o Graal verdadeiro estivesse em suas mãos, mas se a caixa mostrasse conter uma outra coisa qualquer, aquela poderia ser uma boa ocasião para tirar o falso Graal da aljava que estava presa no seu cinto e fingir que o tinha descoberto embaixo do altar destruído de Astarac.

— Abra — disse um de seus homens.

— Cale a boca — retrucou Bessièrès, querendo refletir mais um

pouco. O inglês ainda estava solto, mas provavelmente seria apanhado. E supondo-se que ele estivesse com o Graal e, com isso, o que estava na sua cintura fosse revelado como falso? Bessièrès estava diante do mesmo dilema que o intrigara no ossário, quando tivera uma simples chance de matar Vexille. Se apresentasse o Graal na hora errada, não haveria vida fácil no palácio papal de Avignon. Por isso achou que era melhor esperar a captura do inglês e, assim, ter a certeza de que haveria apenas um Graal para ser levado para Paris.

Mas e se aquela caixa contivesse o tesouro?

Ele a levou para cima, para a luz do dia. Sacou a faca e começou a fazer entalhes nas junções bem-feitas da caixa. Um dos homens ofereceu-se para usar o martelo de ferreiro para fazer a caixa em pedaços, mas Bessièrès amaldiçoou-o por ser maluco.

— Quer quebrar o que tem dentro? — perguntou ele.

Empurrou o homem para o lado e continuou a trabalhar com a faca até que, por fim, conseguiu separar um dos lados.

O conteúdo estava envolto em tecido de lã branco. Bessièrès tirou-o, tendo a ousadia de esperar que se tratasse do grande troféu.

Seus homens amontoaram-se em volta, na expectativa, enquanto Bessièrès desenrolava o velho e puído pano.

E achou ossos.

Um crânio, alguns ossos dos pés, uma omoplata e três costelas.

Bessièrès olhou para eles com os olhos arregalados e depois praguejou. Seus homens começaram a rir e Bessièrès, na raiva, deu um pontapé tão forte no crânio, que ele voou para dentro da cripta, rolou alguns passos e depois ficou parado.

Ele cegara a faca, que era boa, para encontrar os poucos ossos que restavam do famoso homem que curava anjos, São Sever.

E o Graal continuava escondido.

os *coredors* tinham ficado intrigados com a atividade em torno de Astarac. Sempre que homens armados saqueavam uma cidade ou aldeia, havia fugitivos que eram presas fáceis para bandidos desesperados e famintos, e Destral, que chefiava perto de cem *coredors*, assistira à devastação de Astarac, observou as pessoas fugindo dos soldados e viu para onde tinham ido. A maioria dos *coredors* também era de fugitivos, embora não todos. Alguns eram apenas homens sem sorte, outros haviam sido dispensados das guerras e um pequeno grupo se recusara a aceitar os lugares que lhes tinham sido indicados para que fossem servos pertencentes a um senhor. No verão, eles atacavam os rebanhos levados para as pastagens elevadas e emboscavam viajantes descuidados nos passos das montanhas, mas no inverno eram obrigados a ir para terreno mais baixo, à procura de vítimas e abrigo. Homens entravam e saíam do bando, trazendo e levando consigo suas mulheres. Alguns dos homens morriam de doença, outros pegavam seus butins e iam embora, para levar uma vida mais honesta, enquanto que uns poucos morriam em brigas por mulheres ou apostas, embora muito poucos morressem em lutas com gente de fora do grupo. O antigo conde de Berat tolerara o bando de Destral, desde que eles não causassem nenhum dano de importância, calculando que era um desperdício de dinheiro contratar soldados para vasculhar montanhas partidas em ravinas e cheias de cavernas.

Em vez disso, colocara guarnições onde quer que houvesse riquezas para atrair os *coredors* e providenciava para que as carroças que levavam o seu tributo fiscal das cidades fossem bem protegidas.

Mercadores, quando viajavam longe das estradas principais, tomavam o cuidado

de seguir em comboio com soldados contratados por eles próprios, e as sobras eram apanhadas pelos *coredors*, que às vezes tinham de brigar por elas, porque os soldados de estrada invadiam seu território.

Um soldado de estrada era quase um *coredor*, só que os soldados de estrada eram mais bem organizados. Eram soldados sem emprego, armados e experientes, e às vezes ocupavam uma cidade e a saqueavam, guarneciam-na, ficavam com ela até secá-la, e depois voltavam a viajar. Poucos senhores estavam dispostos a combatê-los, porque os soldados de estrada eram bem treinados e formavam pequenos exércitos perversos que lutavam com o fanatismo de homens que nada tinham a perder. A rapinagem parava sempre que começava uma guerra e os senhores ofereciam dinheiro em troca de soldados. Então, os soldados de estrada faziam um novo juramento, iam para a guerra e lutavam até que se fizesse uma trégua, e depois, não sabendo fazer outra coisa a não ser matar, voltavam para as faixas solitárias do interior e procuravam uma cidade para saquear.

Destral odiava os soldados de estrada. Odiava todos os soldados, porque eles eram os inimigos naturais dos *coredors* e, embora normalmente os evitasse, deixava que seus homens os atacassem se tivessem uma grande vantagem numérica. Os soldados eram uma boa fonte de armas, armaduras e cavalos, e por isso, ao anoitecer em que a fumaça da aldeia e do lazareto em chamas manchava o céu acima de Astarac, deixou que um de seus subchefes liderasse um ataque contra

meia dúzia de soldados de capa preta que tinham se desgarrado um pouco para o interior da floresta. O ataque foi um erro. Os cavaleiros não estavam sozinhos, havia outros logo depois da floresta, e de repente a obscuridade sob as árvores foi tomada pelo barulho forte de tropel de cavalos e do arranhar de espadas saindo das bainhas.

Destral não sabia o que se passava na beira da floresta. Ele estava muito lá dentro, em meio às árvores, num lugar em que um rochedo de calcário erguia-se dos carvalhos e um pequeno curso de água caía das alturas. Duas cavernas ofereciam abrigo, e era ali que Destral planejava passar o inverno, a uma altura suficiente para dar proteção, mas perto bastante dos vales, para que seus homens pudessem atacar as aldeias e as fazendas, e era para lá que os dois fugitivos de Astarac tinham sido levados. Eles tinham sido capturados na beira da crista e escoltados para a clareira em frente às cavernas onde Destral preparara

fogueiras, apesar de só ir acendê-las quando não tivesse a certeza de que os soldados tinham sido dominados. Agora, à luz do crepúsculo, viu que seus homens tinham lhe trazido um troféu maior do que ele nem mesmo ousaria sonhar, porque um dos dois prisioneiros era um arqueiro inglês e o outro era uma mulher, e as mulheres sempre eram escassas entre os *coredors*. Ela teria sua utilidade, mas o inglês iria ter um valor maior: poderia ser vendido. E

também possuía uma sacola de dinheiro, uma espada e uma cota de malha, o que significava que sua captura, para Destral, era um triunfo tornado ainda mais doce porque aquele era o mesmo homem que havia matado uma dúzia de seus homens com flechas. Os *coredors* revistaram o embornal de Thomas e roubaram a pederneira e o aço, mas jogaram fora as pontas de flechas sobressalentes e a caixa vazia, que consideraram um objeto sem valor algum. Tiraram-lhe todas as

flechas e deram o arco para Destral, que tentou armá-lo e ficou com raiva quando, apesar de sua força, não conseguiu puxar a corda mais do que alguns centímetros.

— Cortem os dedos dele — disse ele, ríspido, jogando o arco no chão — e ponham ela nua.

Aí, Philin interveio. Um homem e uma mulher tinham agarrado Genevieve e estavam tirando o manto de malha por cima da cabeça dela, não dando importância aos gritos de dor, e Thomas tentava livrar-se dos dois homens que lhe seguravam os braços, quando Philin gritou, mandando que todos parassem.

— Parar? — Destral voltou-se para Philin, sem acreditar na impugnação. — Ficou maluco? — acusou. — Você quer que a gente não faça nada com ele?

— Pedi a ele que entrasse para o nosso grupo — disse Philin, nervoso. — Porque ele deixou que meu filho vivesse.

Thomas não compreendia nada da conversa, que estava sendo na língua local, mas estava claro que Philin implorava pela sua vida, e estava igualmente claro que Destral, cujo apelido vinha do grande machado que trazia pendurado no ombro, não estava nada disposto a acatar o pedido.

— Você quer que ele se junte a nós? — vociferou Destral. — Por quê? Porque ele poupou a vida do seu filho? Jesus Cristo, você é um bastardo fraco. É um pedaço de merda vestido de lírio.

Ele tirou o machado do ombro, enrolou no pulso a corda que estava amarrada ao cabo e avançou para Philin, que era alto.

— Eu o deixei liderar homens e você está com a metade deles morta!

Aquele homem e aquela mulher fizeram isso, e você gostaria que ele se juntasse a nós? Se não fosse a recompensa, eu mataria ele agora.

Cortaria a barriga dele e o enforcaria nas próprias tripas podres. Mas em vez disso ele vai perder um dedo por cada um dos meus homens que ele matou. — Ele cuspiu na direção de Thomas e apontou o machado para Genevieve. — Depois, ela vai poder vê-la aquecer minha cama.

— Pedi a ele que se juntasse a nós — repetiu Philin, teimoso. O

filho dele, a perna numa tala e com muletas toscas feitas com pedaços de tronco de carvalho, sob os ombros, atravessou para ficar ao lado do pai.

— Vai querer lutar por ele? — perguntou Destral.

Ele não era tão alto quanto Philin, mas tinha ombros largos e a força de um selvagem atarracado. O rosto era achatado, com um nariz quebrado, e tinha olhos parecidos com os de um mastim; olhos que quase brilhavam com a idéia de violência. A barba era emaranhada, retesada com saliva seca e pedaços de comida. Ele balançou o machado e a cabeça da arma cintilou à luz que morria.

— Lute comigo — disse ele a Philin, em tom provocante.

— Quero apenas que ele viva — disse Philin, sem querer sacar uma espada contra o seu líder com olhar de louco, mas os outros *coredors* tinham sentido cheiro de sangue, muito sangue, e estavam formando um círculo tosco e instigando Destral. Eles riam e gritavam, querendo a luta, e Philin recuou até não poder mais.

— Luta! — gritavam os homens. — Luta!

As mulheres deles também berravam, mandando que Philin fosse homem e enfrentasse o machado. Os que estavam mais perto de Philin empurraram-no com força à frente, a ponto de ele ter de pular para o lado para evitar chocar-se

com Destral que, zombeteiro,

esbofeteou-o e puxoulhe a barba a título de insulto.

— Lute comigo — desafiou Destral —, ou então corte você mesmo os dedos do inglês.

Thomas ainda não sabia o que estava sendo dito, mas a expressão infeliz no rosto de Philin indicou que não era nada bom.

— Vamos! — insistiu Destral. — Decepe os dedos dele! Ou você faz isso, Philin, ou vou cortar os *seus* dedos.

Galdric, o filho de Philin, sacou a sua faca e empurrou-a na direção do pai.

— Corte — disse o garoto, e quando o pai não quis aceitar a faca, olhou para Destral. — Eu corto! — ofereceu-se o menino.

— Seu pai vai cortar — disse Destral, divertido —, e vai cortar com isso.

Ele desenrolou a tira que estava no seu pulso e ofereceu o machado a Phjin.

E Philin, horrorizado demais para desobedecer, apanhou a arma e caminhou em direção a Thomas.

— Eu sinto muito — disse ele em francês.

— Por quê?

— Porque não tenho escolha. — Philin parecia arrasado, um homem humilhado, e sabia que os outros *coredors* estavam se deliciando com a sua humilhação. — Coloque as mãos na árvore —

disse e depois repetiu a ordem na língua dele. Os homens que seguravam Thomas forçaram os braços dele para cima até que as duas mãos retorcidas ficassem achatadas contra o tronco da árvore. Eles seguraram Thomas pelos antebraços enquanto Philin se aproximou.

— Sinto muito — repetiu Philin. — Você tem que perder os dedos.

Thomas o observou. Viu o quanto estava nervoso. Percebeu que

o golpe do machado, quando fosse desferido, deveria cortá-lo à altura do pulso, em vez de atingir os dedos.

— Corte rápido — disse ele.

— Não! — gritou Genevieve e o casal que a segurava soltou uma gargalhada.

— Rápido — disse Thomas e Philin ergueu o machado para trás.

Fez uma pausa, lambeu os lábios, lançou um último olhar angustiado para os olhos de Thomas, e golpeou.

Thomas havia deixado que os homens o forçassem contra a árvore; não tentou livrar-se deles até o machado chegar. Só então usou sua enorme força para soltar-se deles. Os dois homens, perplexos diante da potência de um arqueiro treinado para usar o longo arco de teixo, foram deslocados enquanto Thomas agarrava o machado no ar e, com um grito de raiva, voltou-o contra o homem que segurava Genevieve. O primeiro golpe rachou o crânio do homem, a mulher, instintivamente, largou o outro braço de Genevieve e Thomas girou para trás para bater nos homens que estiveram segurando os seus braços contra a árvore. Ele soltava o seu grito de guerra, o grito de guerra da Inglaterra: "São Jorge! São Jorge!"

e desferiu a pesada lâmina contra o homem que estava mais perto, justo no momento em que os cavalarianos chegaram do bosque.

Por uma fração de segundo, os *coredors* ficaram no dilema da necessidade de subjugar Thomas e do perigo representado pelos cavaleiros, e então decidiram que os homens a cavalo eram, de longe, o inimigo mais perigoso e fizeram o que todos os homens faziam por instinto quando diante de soldados a galope. Correram para o bosque e os cavaleiros de capa preta de Guy Vexille meteram-se entre eles, agitando espadas e matando com uma facilidade brutal. Destral, sem

ligar para a ameaça deles, tinha corrido direto para Thomas e este enfiou a cabeça do machado na cara do atarracado, esfaqueando-lhe o cavalete do nariz e atirando-o para trás, e depois Thomas largou a arma pesadona, pegou o arco e a sacola de flechas e agarrou o pulso de Genevieve.

Os dois correram.

Havia segurança em meio às árvores. Os troncos e os galhos baixos impediam os cavaleiros de correrem à vontade no bosque, e a escuridão chegava depressa para toldar a visão deles, mas na clareira os cavaleiros giravam, cortavam, tornavam a girar, e os *coredors* que não conseguiram fugir para o bosque morriam como ovelhas atacadas por lobos.

Philin agora estava ao lado de Thomas, mas o filho, nas muletas incômodas, ainda estava na clareira e um cavaleiro viu o menino, voltou-se e alinhou a espada.

— Galdric! — gritou Philin, e começou a correr para salvar o menino, mas Thomas lhe deu um calço e colocou uma flecha no arco.

O cavalariano mantinha a espada baixa, com a intenção de enfiar a ponta no lombo de Galdric. Tocou o cavalo com as esporas e o animal acelerou no momento exato em que a flecha voou das sombras para cortar a garganta do homem. O cavalo girou para se afastar, o cavaleiro caindo da sela num rio de sangue. Thomas disparou uma segunda flecha que passou como um raio pelo menino para furar Destral no olho, e depois procurou pelo primo entre os cavaleiros, mas àquela altura já era tão pouca a claridade que ele não conseguiu distinguir nenhum rosto.

— Vem! — insistiu Genevieve. — Vem!

Mas Thomas, em vez de correr com ela, voltou rápido para a clareira. Apanhou a caixa vazia do Graal, procurou a sua sacola de dinheiro, pegou um feixe de flechas, e então ouviu o grito de alerta de Genevieve enquanto patas iam em direção a ele. Deu uma guinada para o lado, virou para trás e correu para o bosque. O cavaleiro que o perseguia, confundido pelas rápidas manobras de Thomas, tornou a avançar e depois desviou-se quando Thomas mergulhou sob um galho baixo. Outros *coredors* fugiam para as cavernas, mas Thomas não deu importância àquele refúgio e seguiu para o sul, ao lado do rochedo. Ele levava Genevieve pela mão enquanto Philin carregava Galdric nos ombros. Um pequeno grupo de cavaleiros mais valentes fez uma breve tentativa de persegui-los, mas os *coredors* sobreviventes estavam com suas bestas, e as setas vindo do escuro convenceram os cavaleiros a se contentarem com a modesta vitória. Eles tinham matado uns vinte bandidos, capturado outros tantos e, o que era melhor, levado doze das mulheres deles. E ao fazer aquilo, tinham perdido apenas um homem. Tiraram a flecha do pescoço dele, colocaram o corpo em cima do cavalo

e, com os prisioneiros amarrados com tiras de pano, voltaram para o norte.

Enquanto isso Thomas corria. Ele ainda tinha seu casaco de cota de malha, o arco, uma sacola de flechas e uma caixa vazia, porém tudo o mais fora perdido. E ele estava correndo no escuro.

Para lugar nenhum.

o fracasso era duro, e Guy Vexille sabia que tinha fracassado. Ele mandara cavalaria para o bosque, a fim de afugentar quaisquer fugitivos e fazer com que saíssem para o campo aberto, e em vez disso eles tinham se envolvido numa briga sangrenta, desigual, com *coredors*, que deixara um de seus homens morto. O corpo foi levado para Astarac, onde, na manhã seguinte bem cedo, Guy Vexille enterrou o homem. Chovia. A chuva começara à meia-noite, um aguaceiro constante que inundou a cova, que tinha sido aberta raspando a terra entre as oliveiras. Os corpos dos *coredors* capturados, todos eles decapitados na noite anterior, jaziam abandonados à beira do olival, mas Vexille decidira que o seu homem tivesse uma sepultura. Tinham tirado tudo do corpo, exceto a camisa, e agora o homem foi rolado para dentro do buraco raso, onde a cabeça caiu para trás, na água da chuva, e expôs o ferimento no pescoço.

— Por que ele não estava usando o gorjal dele? — perguntou Vexille a um dos homens que tinham atacado os *coredors*. O gorjal era uma peça de metal que cobria a garganta, e Vexille lembrou-se de que o morto se orgulhava da peça de armadura que recolhera em algum campo de batalha já esquecido.

— Estava.

— Então, foi um golpe de sorte com uma espada? — perguntou Vexille.

Ele estava curioso. Todo conhecimento era útil, e poucas informações eram tão úteis quanto as que ajudassem um homem a viver no caos da batalha.

— Não foi espada — respondeu o homem. — Ele foi atingido por uma flecha.

— De besta?

— Flecha comprida — disse o homem. — Atravessou direto o gorjal. Deve ter batido nele de frente. — O homem fez o sinal-dacruz, rezando para que não tivesse um destino igual. — O arqueiro escapou — continuou ele. — Correu

para a floresta.

E foi então que Vexille percebeu que Thomas devia estar entre os *coredors*. Era possível que um dos bandidos estivesse usando um arco de caça, mas não provável. Ele quis saber onde estava a flecha, mas ela tinha sido jogada fora, ninguém sabia onde, de modo que no nevoeiro matutino Vexille liderou seus homens para a crista e depois para o sul, até a clareira onde corpos ainda jaziam. A chuva caía forte, pingando dos caparazões dos cavalos e penetrando sob a armadura dos homens, de modo que o metal e o couro irritavam peles geladas.

Os homens de Vexille resmungavam, mas ele parecia insensível à chuva. Ao chegar à clareira, ele olhou para os corpos espalhados e viu o que estava procurando. Um homem atarracado, barbudo, tinha uma flecha no olho e Vexille desmontou para olhar a haste, que era de freixo, comprida, provida de penas de ganso. Vexille puxou, soltando-a do cérebro do morto. Ela tinha uma ponta comprida, semelhante a uma agulha, e aquilo indicava que era inglesa. Depois ele olhou para as penas.

— Vocês sabiam — disse aos homens — que os ingleses só usam penas de uma única asa de ganso?

Ele alisou as penas molhadas, que eram presas com corda e com uma cola que tinha um tom esverdeado.

— Da asa direita — disse ele — ou da esquerda, pouco importa, mas não se misturam penas das duas asas na mesma flecha.

De repente, num acesso de frustração, ele quebrou a flecha. Que porcaria! Era uma flecha inglesa, e isso significava que Thomas estivera ali, tão pertinho, e agora fugira. Mas para onde?

Um de seus homens sugeriu que seguissem para o oeste, para vasculhar o vale do Gers, mas Vexille reagiu com rispidez à sugestão.

— Ele não é bobo. A esta altura, deve estar a quilômetros de distância. Quilômetros.

Ou talvez estivesse a apenas poucos metros, olhando por entre as árvores ou dos cimos rochosos do penhasco, e Vexille olhou para o bosque e tentou colocar-se no lugar de Thomas. Será que ele fugiria de volta para a Inglaterra? Mas por que,

para início de conversa, ele tinha ido até ali? Thomas fora excomungado, expulso pelos companheiros, mandado para a selva, mas em vez de fugir para a Inglaterra, seguira para o leste, para Astarac. Agora não havia coisa alguma em Astarac. Ela tinha sido arrasada e, portanto, para onde iria o Thomas? Guy Vexille procurou nas cavernas, mas elas estavam vazias. Thomas desaparecera.

Vexille voltou para o mosteiro. Estava na hora de ir embora, e ele foi até lá para reunir o resto de seus homens. Charles Bessières também tinha reunido seus poucos soldados, que montavam cavalos carregados de butim.

— E aonde você vai? — perguntou-lhe Vexille.

— Aonde vossa excelência for — disse Bessières com uma mesura sarcástica —, para ajudá-lo a encontrar o inglês. E onde vamos procurar?

Ele fez a pergunta em tom mordaz, sabendo que Guy Vexille não tinha uma resposta pronta.

Vexille não disse nada. A chuva ainda caía sem parar, transformando as estradas em atoleiros. Na estrada para o norte, que chegaria até Toulouse, surgira um grupo de viajantes. Estavam todos a pé, trinta ou quarenta, e pareciam estar indo procurar abrigo e ajuda no mosteiro. Pareciam fugitivos, porque empurravam quatro carrocinhas de mão cheias de baús e pacotes. Três idosos, fracos demais para se esforçarem pela lama em excesso, seguiam nas carrocinhas. Alguns dos homens de Bessières, na esperança de mais um saque fácil, dirigiam seus cavalos em direção a eles, e Guy Vexille os impediu. As pessoas, ao verem a armadura envernizada de Vexille e o *yale* empinado em seu escudo, ajoelharam-se na lama.

— Para onde estão indo? — perguntou Vexille.

— Para o mosteiro, excelência — respondeu um dos homens, arrancando o chapéu e curvando a cabeça.

— E de onde vocês são?

O homem disse que vinham do vale do Garonne, a dois dias de viagem para o leste, e outras perguntas revelaram que eram quatro artesãos e suas famílias: um carpinteiro, um seleiro, um construtor de carroças um pedreiro, todos da mesma

cidade.

— Há algum problema lá? — quis saber Vexille.

Ele duvidava que aquilo tivesse alguma coisa a ver com ele, porque com toda certeza Thomas não teria seguido para o leste, mas tudo o que era estranho o interessava.

— Tem uma peste, excelência — disse o homem. — Tem gente morrendo.

— Sempre há uma peste — disse Vexille, a título de encerrar o assunto.

— Como essa, não, excelência — disse o homem, com humildade, Ele declarou que centenas, talvez milhares, estavam morrendo e aquelas famílias, ao primeiro ataque da epidemia, decidiram fugir. Outras estavam fazendo o mesmo, disse o homem, mas a maioria seguira para o norte, para Toulouse, enquanto que aquelas quatro famílias, todas amigas, resolveram seguir para as montanhas do sul à procura de um lugar seguro.

— Vocês deviam ter ficado — disse Vexille — e se refugiado numa igreja.

— A igreja está cheia com os mortos, excelência — explicou o homem e Vexille voltou-se e se afastou, impaciente. Uma doença qualquer no vale do Garonne não era de sua conta, e se as pessoas do povo entravam em pânico, não era nada fora do comum. Dirigiu-se com rispidez aos homens de Bessières, mandando que deixassem os fugitivos em paz. Bessières retrucou no mesmo tom dizendo que eles estavam perdendo tempo.

— O seu inglês fugiu — disse ele, zombando.

Vexille ouviu o tom, mas não deu importância. Em vez disso, fez uma pausa e então fez a Charles Bessières a cortesia de levá-lo a sério.

— Você tem razão — disse —, mas fugiu para onde?

Bessières foi surpreendido com o tom delicado. Inclinou-se no arção anterior da sela e olhou para o mosteiro enquanto pensava numa resposta.

— Ele esteve aqui — disse, afinal —, foi embora, e por isso é de se presumir que tenha encontrado o que queria?

Vexille abanou a cabeça.

— Ele fugiu de nós, por isso é que foi embora.

— Então, por que não o vimos? — Bessières fez a pergunta em tom beligerante. A chuva pingava da larga aba de seu morrião, uma peça de armadura que ele adotara para manter a cabeça seca. — Mas ele foi embora e levou seja lá o que tenha encontrado. E para onde você iria, se fosse ele?

— Para casa.

— É muito longe — disse Bessières. — E a mulher dele está ferida.

Se eu fosse ele, iria procurar amigos, e depressa.

Vexille fitou de olhos arregalados o implacável Charles Bessières e ficou imaginando qual seria o motivo de ele estar sendo tão prestativo assim, o que não era comum.

— Amigos — repetiu Vexille.

— Castillon d'Arbizon — revelou Charles Bessières.

— Eles o expulsaram! — protestou Vexille.

— Isso foi naquela ocasião — disse Bessières —, mas que opções ele tem agora? — Na verdade, Charles Bessières não fazia idéia se Thomas iria para Castillon d'Arbizon, mas aquela era a solução mais óbvia, e Charles concluía que precisava encontrar o inglês rápido. Só então, quando tivesse certeza de que nenhum Graal verdadeiro tinha sido encontrado, ele poderia revelar o cálice falso. — Mas se ele não foi procurar os amigos — acrescentou —, sem dúvida deve estar indo para o oeste, em direção às outras guarnições inglesas.

— Neste caso, vamos interceptá-lo — disse Vexille.

Ele não estava convencido de que Thomas iria para Castillon d'Arbizon, mas sem dúvida seu primo iria para o oeste, e agora Vexille tinha uma nova preocupação, provocada por Bessières, de que Thomas encontrara o que procurava.

O Graal podia estar perdido e a pista estava fria, mas a caçada tinha de continuar.

Foram todos para o oeste.

no escuro, a chuva caía como uma vingança do céu. Uma tempestade que se chocava com as árvores e pingava para o chão do bosque e ensopava os fugitivos e fazia aumentar o já grande desânimo. Numa curta passagem de inesperada violência, os *coredors* tinham se dissolvido, com o líder morto e o acampamento de inverno destruído. Agora, na escuridão impenetrável da noite de outono, eles estavam perdidos, desprotegidos e amedrontados.

Thomas e Genevieve estavam entre eles. Genevieve passou grande parte da noite com o corpo dobrado, tentando conter a dor do ombro esquerdo que piorara quando os *coredors* tentaram, e não conseguiram, tirar a sua cota de malha, mas quando a primeira tênue e úmida luz mostrou uma trilha por entre as árvores, ela se levantou e seguiu Thomas em direção ao oeste. Pelo menos vinte *coredors* foram atrás, inclusive Philin, que ainda levava o filho nos ombros.

— Para onde você vai? — perguntou Philin a Thomas.

— Para Castillon d'Arbizon — respondeu Thomas. — E você, para onde vai?

Philin não ligou para a pergunta, dando alguns passos em silêncio, e depois franziu o cenho.

— Desculpe — disse ele.

— Desculpar o quê?

— Eu ia decepar os seus dedos.

— Você não tinha muita escolha, tinha?

— Eu podia ter enfrentado Destral. Thomas abanou a cabeça.

— Não se pode lutar com homens daquele tipo. Eles adoram lutar, se sustentam com isso. Ele o teria massacrado e eu ainda teria perdido os dedos.

— Mas sinto muito.

Eles tinham conseguido atravessar a parte mais alta da crista e agora viam a chuva cinza açoitando todo o vale em frente, e na crista seguinte e no vale depois dela. Thomas queria olhar para o panorama à sua frente antes de eles descerem a encosta, e por isso mandou que todos descansassem, e Philin colocou o filho no chão. Thomas voltou-se para o homem alto.

— O que foi que seu filho lhe disse quando lhe ofereceu a faca?

Philin franziu o cenho como se não quisesse responder, mas depois deu de ombros.

— Ele me disse para decepar os seus dedos.

Thomas bateu com força na cabeça de Galdric, fazendo com que a cabeça do menino ressoasse e provocando um grito de dor. Thomas bateu nele uma segunda vez, com força bastante para fazer com que sua própria mão doesse.

— Diga a ele — recomendou Thomas — para procurar briga com gente do tamanho dele.

Galdric começou a chorar, Philin não disse nada e Thomas tornou a olhar para o vale à frente. Não viu nenhum cavalariano por lá, ninguém a cavalo nas estradas ou soldados em cotas de malha patrulhando as pastagens molhadas, e por isso liderou o grupo morro abaixo.

— Eu soube — Philin falava num tom nervoso, o filho de volta

aos ombros — que os homens do conde de Berat estão sitiando Castillon D'Arbizon.

— Ouvi falar a mesma coisa — disse Thomas, lacônico.

— Você acha que é seguro ir até lá?

— Talvez não seja — respondeu Thomas —, mas no castelo há comida, calor e amigos.

— Você podia seguir mais para o oeste — sugeriu Philin.

— Vim aqui à procura de uma coisa — disse Thomas — e não achei. Ele fora

atrás de seu primo, e Guy Vexille estava perto; Thomas sabia que não podia dar meia-volta e correr para Astarac e enfrentá-lo, porque os soldados montados de Vexille detinham todas as vantagens em campo aberto, mas havia uma pequena chance em Castillon d'Arbizon. Uma chance, pelo menos, se Sir Guillaume estivesse no comando e se os amigos de Thomas fossem os homens que formavam a encolhida guarnição. E pelo menos ele estaria de volta entre arqueiros, e enquanto os tivesse do seu lado, acreditava poder oferecer ao primo uma luta inesquecível.

A chuva continuava a cair forte enquanto eles atravessavam o vale do Gers, e ficou ainda pior enquanto subiam a crista seguinte, passando por espessos bosques de castanheiras. Alguns dos *coredors* ficaram para trás, mas a maioria acompanhou o ritmo rápido de Thomas.

— Por que eles estão me seguindo? — perguntou Thomas a Philin. — Por que você está me seguindo?

— Também precisamos de comida e calor — disse Philin. Como um cachorro que perdera o dono, ele se juntara a Thomas e Genevieve, e os outros *coredors* o seguiam, e por isso Thomas fez uma parada no alto da crista e olhou fixo para eles. Eram um bando

de homens magros, esfarrapados, famintos e derrotados, com umas poucas mulheres enlameadas e crianças miseráveis.

— Vocês podem vir comigo — disse ele e esperou enquanto Philin traduzia —, mas se chegarmos a Castillon d'Arbizon, vocês vão se tornar soldados. Soldados de verdade! Vão ter de lutar. Lutar como se deve lutar.

Não esconder-se nos bosques e sair correndo quando a situação fica difícil. Se entrarmos no castelo, vocês terão de ajudar a defendê-

lo, e se não puder enfrentar isso, vão embora agora.

Ele ficou observando-os enquanto Philin traduzia: a maioria parecia encabulada, mas ninguém foi embora. Ou eram valentes, pensou Thomas, ou estavam tão desesperados que não conseguiam pensar em outra alternativa que não acompanhá-lo.

Ele continuou a andar até o vale seguinte. Genevieve, os cabelos grudados no

crânio, acompanhava-lhe o ritmo.

— Como é que vamos entrar no castelo? — perguntou ela.

— Tal como entramos antes. Atravessando o açude e subindo até ao muro.

— Eles não vão vigiar essa área? Thomas abanou a cabeça.

— É muito perto das defesas. Se colocarem homens naquela encosta, eles serão acertados pelos arqueiros. Um atrás do porcaria do outro.

O que não significava que os sitiante não pudessem ter ocupado o moinho, mas ele enfrentaria esse problema quando chegasse a Castillon d'Arbizon.

— E depois que estivermos lá dentro? — perguntou ela. — O que vai acontecer?

— Não sei — respondeu Thomas, sincero.

Ela tocou na mão dele como que para indicar que não estava criticando, mas apenas curiosa.

— Acho — disse ela — que você parece um lobo que está sendo caçado e que está voltando para a sua toca.

— É verdade — confirmou Thomas.

— E os caçadores vão saber que você está lá. Eles vão encurralar você.

— Também é verdade.

— Então, por quê? — perguntou ela.

Ele ficou algum tempo sem responder, depois deu de ombros e tentou contar a verdade.

— Porque eu apanhei — disse ele —, porque eles mataram Planchard, porque eu não tenho porcaria nenhuma a ganhar, porque se eu ficar naquelas defesas com um arco, poderei matar alguns deles.

E é claro que vou matar. Vou matar Joscelyn; vou matar meu primo.

— Ele deu um tapa na vara de teixo, que estava desarmada para proteger a corda da chuva. — Vou matar os dois. Eu sou um arqueiro, e um arqueiro danado de bom, e prefiro ser isso a ser um fugitivo.

— E o Robbie? Você vai matar o Robbie?

— Talvez — disse Thomas, sem vontade de pensar no problema.

— Então o lobo vai matar os cães? — perguntou ela. — E depois morrer?

— É provável — disse Thomas. — Mas vou estar entre amigos. —

Aquilo era importante. Homens que ele tinha levado para a Gasconha estavam sitiados e, se o aceitassem de volta, ficaria com eles até o fim.

— E você não precisa ir — acrescentou para Genevieve.

— Seu bobo! — disse ela, com uma raiva igual à dele. — Quando eu ia morrer, você chegou. Acha que vou abandonar você agora?

Além do mais, lembre-se do que vi à luz do relâmpago.

Escuridão e um ponto de luz. Thomas deu um sorriso sinistro.

— Acha que nós vamos ganhar? — perguntou ele. — Talvez, o que sei é que agora estou do lado de Deus, seja lá o que a Igreja possa pensar. Os meus inimigos mataram o Planchard, e isso significa que estão fazendo o trabalho do diabo.

Eles ainda estavam descendo o morro, indo em direção ao fim das árvores e aos primeiros vinhedos, e Thomas fez uma pausa para examinar o ambiente que tinha pela frente. Os *coredors* chegaram dispersos trás dele, caindo exaustos no chão molhado da floresta. Sete levavam bestas, o resto levava armas de tipos diversos ou arma nenhuma. Uma mulher, ruiva e de nariz arrebitado, levava uma cimitarra, uma espada de lâmina larga e curva, e parecia que sabia manejá-la.

— Por que estamos parando? — perguntou Philin, embora ficasse grato pela interrupção porque seu filho era uma carga pesada.

— Para procurar pelos caçadores — respondeu Thomas, e ficou olhando muito

tempo para os vinhedos, campinas e pequenos bosques. Um curso de água brilhava entre duas pastagens. Não se via ninguém. Não havia servos cavando valas ou conduzindo porcos para as castanheiras, e isso era preocupante. Por que os servos ficariam em casa? Só porque havia homens armados por lá, e Thomas procurou por eles.

— Lá — disse Genevieve, apontando, e ao norte, ao lado de uma curva do rio que brilhava, Thomas viu um cavaleiro na sombra de um salgueiro.

com que então os caçadores estavam à sua espera, e assim que ele saísse do meio das árvores iriam cercá-lo, abater seus companheiros e

levá-lo à presença do primo.

Estava na hora de se esconder de novo.

Joscelyn adorava o canhão. Era uma coisa de uma beleza feia; um pedaço sólido, bulboso, trovejante de uma máquina mortífera de difícil manuseio.

Ele queria mais. com uma dúzia daqueles aparelhos, achava que poderia ser o mais importante senhor da Gasconha.

Foram necessários cinco dias para arrastar o canhão até Castillon d'Arbizon, onde Joscelyn descobriu que o cerco, se é que se podia chamá-lo assim, não estava tendo resultado algum. Sir Henri alegava ter imobilizado a guarnição ao engaiolá-la no castelo, mas não fizera tentativa alguma de atacar. Não construíra escadas para escaladas, nem posicionara seus besteiros perto o bastante para atingir os arqueiros ingleses que estivessem nas defesas.

— Andou dormindo, não é? — perguntou Joscelyn com rispidez.

— Não, excelência.

— Eles deram dinheiro a vocês, não deram? — perguntou Joscelyn.

— Talvez o tenham subornado?

Sir Henri empertigou-se diante daquela afronta à sua honra, mas Joscelyn fez que não percebeu. Em vez disso, mandou que os besteiros avançassem até a metade da rua principal e procurassem janelas ou muros de onde pudessem atirar

nos homens que estavam nas defesas do castelo, e cinco dos besteiros estavam mortos e outros

seis ficaram feridos pelas compridas flechas inglesas antes do fim do dia, mas Joscelyn estava contente.

— Eu os deixei preocupados — alegou ele —, e amanhã vamos começar a matá-los.

Signor Gioberti, o mestre-artilheiro, decidiu colocar o seu canhão logo depois da porta oeste da cidade. Ali havia um conveniente trecho de pedras planas, e sobre elas ele colocou as duas imensas traves de madeira que sustentavam a armação, também de madeira, que embalava a arma em forma de vaso. O local ficava uns bons vinte metros fora do alcance dos arqueiros ingleses, de modo que seus homens estavam a salvo e, o que era ainda melhor, a arcada da porta, a dez passos atrás do canhão, proporcionava abrigo contra as intermitentes pancadas de chuva, de modo que os homens podiam misturar a pólvora em segurança.

Levaram a manhã toda para colocar no lugar o canhão e sua armação, que teve de ser erguida da carroça por um guindaste que os homens de Gioberti construíram com resistentes pedaços de carvalho. Os rolos embaixo da armação tinham sido engraxados com gordura de porco, e Gioberti colocou um tonel da gordura branca ao lado do canhão para que os rolos pudessem ser mantidos lubrificados, já que a armação dava um coice sempre que o canhão era disparado.

Os projéteis do canhão eram levados numa carroça em separado e cada um deles precisava de dois homens para erguê-lo de seu leito.

Os mísseis eram setas de ferro com 1,20m de comprimento; alguns tinham a forma de flechas, com palhetas de metal curtas e grossas, enquanto que o restante eram barras comuns, cada uma da grossura do braço de um homem. A pólvora vinha em barris, mas precisava ser mexida, porque o salitre, que era pesado e que constituía cerca de

dois terços da mistura, descia para o fundo dos toneis, enquanto que o enxofre e o carvão, que eram mais leves, subiam para a superfície. A mexida era feita com uma comprida colher de pau, e quando o Signor Gioberti se deu por satisfeito, mandou que fossem colocadas oito conchas cheias no interior escuro do canhão.

Aquela culatra, onde aconteceria a explosão, era contida pela grande protuberância em forma de pote da traseira do canhão.

Aquela bulbosa peça de ferro era pintada, de um lado, com a imagem de Santo Elói, o santo padroeiro do metal, e, do outro, com São Maurício, o padroeiro dos soldados, enquanto que abaixo dos santos estava o nome do canhão, Cuspidor do Inferno.

— Ele tem três anos de idade, senhor — disse Gioberti a Joscelyn

— e se comporta tão bem quanto uma mulher que apanhou como devia.

— Se comporta tão bem?

— Já vi alguns racharem, senhor. — Gioberti apontou para a culatra bulbosa e explicou que alguns canhões faziam-se em pedaços quando eram disparados, espalhando pedaços de metal aquecido para dizimar a equipe. — Mas o Cuspidor do Inferno? Ele é tão firme quanto um sino. E foram fundidores de sinos de Milão, senhor, que o fizeram. É difícil fundilos direito, muito difícil.

— Você sabe fazer isso? — perguntou Joscelyn, imaginando uma fundição de canhões em Berat.

— Eu não, senhor. Mas o senhor pode contratar homens competentes. Ou procurar fundidores de sinos. Eles sabem como fazer, e há um meio de ter certeza de que eles vão trabalhar direito.

— Como é? — perguntou Joscelyn, ansioso.

— O senhor manda os fabricantes do canhão ficarem ao lado da

culatra quando o primeiro tiro for disparado, senhor. Isso faz eles se concentrarem no trabalho! — Gioberti riu entre os dentes. — Mande os fundidores do Cuspidor do Inferno ficarem ao lado dele, e eles nem se encolheram. O que prova que ele foi bem construído, excelência, bem construído.

Uma mecha, feita de linho embebido numa mistura de óleo e pólvora e protegido por uma bainha de linha costurada, era colocada com uma das pontas na pólvora e a outra passando pelo estreito gargalo do canhão onde o projétil seria colocado.

Alguns artilheiros, disse Gioberti, preferiam um buraco feito na grande culatra, mas ele era de opinião de que um buraco assim dissipava parte da potência do canhão, e preferia acender a mecha pela boca do canhão. O tubo de linho branco era mantido no lugar com um punhado de marga molhada enfiada no gargalo estreito, e só quando a marga secasse ligeiramente, Gioberti permitia que dois de seus homens levassem uma das setas em forma de flecha, que era erguida para a boca em forma de sino e cuidadosamente empurrada para trás, de modo que sua longa extensão preta se apoiava no gargalo estreito do canhão.

Agora, era levada mais marga, recém-misturada com água do rio e com areia e barro que eram transportados na terceira carroça, e a marga era colocada em toda a volta do projétil, para fazer uma vedação perfeita.

— Isso contém a explosão, senhor — disse Gioberti e explicou que sem a marga para vedar o cano, grande parte da força explosiva da pólvora seria desperdiçada, porque passaria pelo projétil.

— Sem a marga — disse ele —, ele apenas cospe a seta. Sem força nenhuma.

— Você me deixa acender a mecha? — perguntou Joscelyn, ansioso como uma criança com um brinquedo novo.

— E deve acender, excelência — disse Gioberti —, mas ainda não.

A marga tem que secar bem.

Aquilo demorou quase três horas, mas então, quando o sol mergulhava por trás da cidade e iluminava a face leste do castelo, Gioberti declarou que estava tudo pronto. Os barris de pólvora foram cuidadosamente guardados numa casa próxima, onde nenhuma faísca poderia atingi-los, os artilheiros tinham se protegido para a eventualidade de a culatra explodir, e o sapé em frente ao canhão de ambos os lados da rua tinha sido molhado por dois homens usando baldes. O canhão tinha sido calçado para cima, o que o fez ficar apontando para o alto do arco da entrada do castelo, mas o dardo, disse o italiano, deveria cair ligeiramente enquanto voava e, assim, atingir bem o centro da porta. Ele mandou que um de seus homens levasse um tição da lareira da taberna O Urso e o Açougueiro, e quando lhe deram o fogo e ele se certificou de que tudo o que tinha de ser feito estava feito, fez uma mesura para Joscelyn e ofereceu a madeira acesa. Um padre disse uma oração de bênção e depois correu para o

beco ao lado da taberna.

— Basta encostar o fogo na mecha, excelência — disse Gioberti

—, e depois vossa excelência e eu podemos ir para a defesa da porta e ficar assistindo.

Joscelyn olhou para a grossa ponta de flecha preta que se projetava do barril para encher a boca que se alargava para cima, depois para a mecha abaixo dela, e encostou o fogo ao estojo de linho e a pólvora lá dentro começou a chiar.

— Recue, excelência, por favor — disse Gioberti.

Um pequeno fio de fumaça saía do estojo de linho, que enrugou

e ficou preto enquanto encolhia em direção ao gargalo. Joscelyn queria ver o fogo desaparecer no pescoço do canhão, mas o Signor Gioberti teve a coragem de puxar a manga da camisa de sua excelência na pressa, e Joscelyn seguiu docemente o italiano para a defesa da porta, de onde ele olhou para o castelo. No alto da torre de menagem, a bandeira do conde de Northampton agitava-se ao vento fraco, mas não por muito mais tempo, pensou Joscelyn.

E então, o mundo estremeceu. O barulho foi tamanho, que Joscelyn pensou que estava no coração de uma trovoadas, uma trovoadas que aplicou um golpe palpável em seus tímpanos, tão repentino e tão forte, que involuntariamente ele deu um salto. E toda a rua à frente, todo o espaço entre os muros e o sapé molhado, encheram-se de fumaça, na qual pedaços brilhantes de carvão e estilhaços de marga, todos deixando uma cauda de fogo como se fossem cometas, descreveram um arco e caíram. A porta da cidade estremeceu e o barulho da explosão ecoou no castelo para abafar o ranger da pesada estrutura do Cuspidor do Inferno dando o coice sobre os rolos lubrificados. Cachorros começaram a uivar nas casas trancadas e mil pássaros assustados levantaram vôo.

— Meu doce Deus! — disse Joscelyn, pasmo, os ouvidos tinindo por causa do ribombar que ainda rolava pelo vale. — Meu querido Cristo!

A fumaça cinza-esbranquiçada saiu da rua e com ela veio um fedor tão grande, tão podre, que Joscelyn quase ficou sufocado.

Depois, através dos restos da fumaça fedorenta, ele viu que uma das abas da porta do castelo estava torta.

— Repita — ordenou ele, ouvindo a própria voz abafada porque seus ouvidos estavam cheios de ecos.

— Amanhã, excelência — disse Gioberti. — A marga demora a secar. Nós vamos carregar hoje à noite e disparar ao nascer do dia.

Na manhã seguinte, o canhão disparou três tiros, todos eles barras sólidas de ferro enferrujado que conseguiram arrancar a porta do castelo das dobradiças. Começou a chover e os pingos chiavam e viravam vapor quando atingiam o metal do Cuspidor do Inferno. Os moradores da cidade agachavam-se em suas casas, encolhendo-se todas as vezes em que o estrondo do canhão sacudia os postigos e fazia tilintar as panelas na cozinha. Os defensores do castelo tinham desaparecido das ameias, e isso animou os besteiros, que se aproximaram ainda mais.

A porta fora destruída, apesar de Joscelyn ainda não conseguir ver o pátio do castelo, porque ele ficava mais elevado do que o canhão, mas Presumiu que a guarnição soubesse que um assalto seria desfechado pela Porta e, sem dúvida, estava preparando defesas.

— O segredo disso — declarou ele ao meio-dia — é não dar tempo a eles.

— Eles tiveram tempo — assinalou Sir Henri Courtois. — Tiveram a manhã inteira.

Joscelyn fez que não ouviu Sir Henri, que ele achava não passar de um velho tímido que perdera o apetite pelo combate.

— Nós atacamos hoje à noite — decretou Joscelyn. — O signor Gioberti vai disparar uma barra de ferro no pátio e iremos atrás enquanto o barulho ainda os mantém agachados.

Ele escolheu quarenta soldados, os melhores de que dispunha, e mandou que estivessem prontos ao anoitecer e, para garantir que os defensores não recebessem nenhum aviso do ataque, mandou seus homens fazerem buracos nos muros das casas, para que os atacantes

pudessem aproximar-se através dos prédios da cidade. Ao passar pelas paredes, esgueirando-se de casa em casa, os atacantes poderiam chegar a menos de trinta passos da porta sem serem vistos e, assim que o canhão disparasse, eles saltariam do esconderijo e atacariam a arcada da porta do castelo. Sir Henri ofereceu-se para liderar o ataque, mas Joscelyn recusou.

— O ataque precisa de gente jovem — disse ele —, homens destemidos. — Ele olhou para Robbie. — Você vem?

— Claro, excelência.

— Primeiro, vamos mandar doze besteiros — decretou Joscelyn.

— Eles podem disparar uma rajada para o pátio e depois sair da nossa frente.

E também atrair, era o que ele esperava, as flechas de quaisquer arqueiros ingleses que pudessem estar esperando.

Com um pedaço de carvão, Sir Henri desenhou numa mesa da cozinha um diagrama para mostrar a Joscelyn o que havia no pátio.

As estrebarias, disse ele, ficavam à direita e deviam ser evitadas, porque não levavam a parte alguma.

— À sua frente, excelência — disse ele —, há duas portas. A da esquerda leva às masmorras e, uma vez lá embaixo, não existe outra saída. A da direita fica no alto de doze degraus, e leva aos salões e às ameias.

— Então, é essa que nós queremos?

— É, excelência.

Sir Henri hesitou. Queria avisar a Joscelyn que Sir Guillaume era um soldado experiente e que estaria preparado. O sítio propriamente dito estava apenas no começo, o canhão estava funcionando há menos de um dia, e era nessa fase que uma guarnição ficava alerta ao

máximo. Sir Guillaume estaria esperando, mas Sir Henri sabia que qualquer aviso iria apenas provocar o escárnio de recusa de Joscelyn, e por isso não disse nada.

Joscelyn mandou que seu escudeiro preparasse a armadura e dirigiu a Sir Henri um olhar indiferente.

— Quando o castelo for tomado — disse ele —, você será castelão outra vez.

— Como vossa excelência quiser — disse Sir Henri, aceitando com calma o rebaixamento de posto.

Os atacantes reuniram-se na igreja de São Callic, onde foi rezada uma missa e dada a bênção aos homens que vestiam cotas de malha, e depois passaram em fila pelas toscas portas abertas nas paredes das casas, subindo o morro, dirigindo-se às escondidas para uma oficina de carpinteiro de carros que dava para a praça que ficava em frente ao castelo. Ali eles se agacharam, armas preparadas. Homens colocavam elmos, faziam suas orações silenciosas e esperavam. A maioria levava escudos, mas alguns preferiam não levar, alegando que assim podiam deslocar-se mais depressa. Dois estavam com machados imensos, armas que provocavam terror num espaço pequeno. Eles tocavam seus talismãs, rezavam mais e esperavam, impacientes, pelo rugir do enorme canhão. Ninguém dava uma espiada pela porta, porque Joscelyn estava de olho neles e dera ordens estritas para que se mantivessem escondidos até que o canhão disparasse.

— Ainda há uma recompensa por cada arqueiro capturado vivo

— lembrou Joscelyn —, mas também vou pagá-la por arqueiros mortos.

— Mantenham os escudos erguidos — interveio Robbie, pensando nas compridas flechas inglesas.

— Eles vão ficar tontos — disse Joscelyn — e encolhidos por causa do barulho. Vamos só entrar lá e matar todos eles.

Deus queira que seja verdade, pensou Robbie e sentiu uma pontada de culpa por estar lutando contra Sir Guillaume, de quem gostava. Mas ele jurara a nova vassalagem e estava convencido de que lutava por Deus pela Escócia e pela verdadeira fé.

— Cinco moedas de ouro para cada um — disse Joscelyn —, para os primeiros cinco homens que subirem a escada e entrarem na torre de menagem.

Que diabo, por que o canhão não disparava? Ele estava suando.

Era um dia frio, mas ele estava com calor porque o casaco de couro ensebado sob a armadura era grosso. Aquela armadura era a melhor do que a que qualquer um dos atacantes possuía, mas também era a mais pesada, e Joscelyn sabia que seria uma tarefa muito árdua acompanhar o ritmo dos homens que vestiam cotas de malha mais leves. Pouco importava. Ele participaria da luta onde ela estivesse mais acirrada, e deliciava-se com a idéia de abater arqueiros que gritavam e se desesperavam.

— E nada de prisioneiros — disse ele, querendo que o seu dia fosse coroado pela morte.

— Sir Guillaume? — sugeriu Robbie. — Podemos prendê-lo?

— Ele tem propriedades? — perguntou Joscelyn.

— Não — admitiu Robbie.

— Então, que resgate ele pode prometer?

— Nenhum.

— Pois então, nada de prisioneiros! — bradou Joscelyn para os atacantes — Matem todos!

— Mas não as mulheres — sugeriu um deles.

— As mulheres, não — concordou Joscelyn e lamentou que a beguina de cabelos dourados não estivesse no castelo. Ora, haveria outras mulheres. Sempre havia outras mulheres.

As sombras se alongavam. Chovera a manhã toda, mas desde então o céu ficara limpo e o sol estava baixo, muito baixo, e Joscelyn sabia que o signor Gioberti estava esperando até que os últimos raios brilhantes atravessassem a porta, para ofuscar os defensores. Então viriam o barulho, a fumaça fedorenta, o terrível choque de ferro contra o muro do pátio e, enquanto os defensores ainda estivessem tontos pelo tumulto, os homens de armadura surgiriam numa fúria impiedosa pela porta.

— Deus está conosco — disse Joscelyn não porque acreditasse, mas porque sabia que um sentimento daqueles era esperado por parte dele. — Hoje à noite, vamos festejar com a comida e as mulheres deles.

Ele falava demais porque estava nervoso, mas não percebeu.

Aquilo não era como um torneio, onde o derrotado poderia ir embora andando, por mais escoriado e cortado que estivesse. Aquilo era a área de recreio da morte e, apesar de estar extremamente confiante, também estava apreensivo. Que os defensores estejam dormindo ou comendo, pensou ele, mas que não estejam preparados.

E justo naquele momento o mundo encheu-se de estrondo, ferro cauterizado a fogo passou gritando pela porta, fumaça ergueu-se da rua e a espera, graças a Cristo, acabou.

Eles atacaram.

Ele desconfiava que Joscelyn iria atacar o mais cedo, e não o mais tarde, possível. Sir Guillaume passara tempo suficiente em companhia do novo conde de Berat para perceber que Joscelyn era

um homem impaciente, ansioso demais pela vitória, e Sir Guillaume também entendia que o ataque viria no crepúsculo ou ao amanhecer.

Por isso, quando o primeiro dia inteiro de disparos de canhão derrubou a porta e rachou o bastião que ficava a um dos lados da arcada, fez com que a guarnição ficasse de armadura e pronta muito antes do crepúsculo.

No meio da tarde ele tivera a certeza de que o ataque viria muito em breve porque, no longo intervalo entre os tiros do canhão, ele se acorara na parte da defesa da porta que não tinha sido atingida e ouvira os estranhos sons de martelos e estilhaçamento, e concluíra que o inimigo estava abrindo uma passagem pelas paredes das casas, para que, sem ser vistos, pudessem aproximar-se do espaço aberto em frente ao castelo. E quando a noite chegou e o canhão não disparou, Sir Guillaume percebeu que o canhão devia estar esperando até que os atacantes estivessem prontos. Ele se agachou ao lado da porta e ouviu o retinir de armaduras vindo das casas do outro lado da praça, e quando deu uma espiada pelo arco, viu que mais homens que o de hábito tinham se reunido na defesa acima da porta oeste, para observar o castelo. Era como se

tivessem tocado uma trombeta, pensou ele, zombeteiro, para anunciar suas intenções. Encolheu-se depressa um segundo antes de um quadrelo de besta bater no arco em que ele estivera espreitando.

Ele voltou para junto dos soldados.

— Eles estão vindo — disse ele e enfiou o antebraço esquerdo nas alças de couro do escudo, que exibia a desbotada insígnia dos três falcões.

Havia um alívio naquela informação. Sir Guillaume detestava ser sitiado, e detestara a calma ameaça dos primeiros dias em que Sir

Henri cumprira o combinado porque, muito embora fosse um período em segurança, ainda havia a frustração de estar engaiolado num castelo. Agora, ele poderia matar alguns dos sitiantes e, para um soldado como Sir Guillaume, aquilo era muito mais satisfatório.

Quando o canhão chegou à cidade, Sir Guillaume ficou imaginando se Joscelyn iria propor condições, mas depois, quando o canhão disparou pela primeira vez para deslocar as portas pesadas, ele percebeu que Joscelyn, de sangue quente, descuidado e sovina, não queria nada, a não ser a morte.

Por isso, agora ele iria dar morte a ele.

— Quando o canhão disparar — disse Sir Guillaume, instruindo seus homens — é quando eles vão atacar. — E ele acorrou-se ao lado da porta, do lado da barricada que correspondia ao inimigo, e esperou que estivesse certo. Ficou aguardando, vendo a luz do sol rastejar pelas pedras do piso do pátio. Ele tinha dezoito arqueiros em condições, e todos estavam atrás da barricada, enquanto dezesseis soldados esperavam junto a Sir Guillaume. Os demais tinham desertado, com a exceção de seis, que estavam doentes. A cidade estava em silêncio, a não ser um cachorro que latia e que de repente soltou um ganido ao levar uma pancada para que se calasse. Rechaça-

los aqui, pensou Sir Guillaume, e depois? Ele não tinha dúvidas de que iria rechaça-los, mas ainda estava com uma enorme inferioridade numérica e uma guarnição longe de qualquer ajuda. Talvez, se os sitiantes fossem bem derrotados ali, Joscelyn discutisse condições.

Sem dúvida, Sir Henri aceitaria uma rendição honrosa, pensou Sir Guillaume,

mas será que Sir Henri tinha alguma influência sobre o destemperado Joscelyn?

E então o canhão disparou, o estrondo parecendo sacudir o

castelo, e uma barra de ferro passou pela porta para arrancar um grande pedaço de pedra e poeira branca do muro da torre ao lado dos degraus que levavam à torre de menagem. Sir Guillaume retesou-se, os ouvidos tinindo com o eco do terrível estrondo, e depois ouviu as ovações e o barulho de botas pesadas nas pedras da praça lá fora e tirou a tampa, que já estava solta, do barril de azeite e derrubou-o com um pontapé, de modo que o líquido esverdeado derramou-se pelas pedras ao lado da porta. Naquele momento, ele ouviu uma voz, do lado de fora, berrando.

— Nada de prisioneiros! — A voz do homem era distorcida por um elmo com a viseira fechada. — Nada de prisioneiros!

— Arqueiros! — bradou Sir Guillaume, embora duvidasse de que Precisassem ser alertados.

Na ausência de Thomas, os arqueiros eram liderados por Jake, que não apreciava muito a responsabilidade, mas gostava de Sir Guillaume e queria lutar bem por ele. Jake não disse nada aos seus arqueiros; eles não precisavam de ordem alguma. Em vez disso, esperaram com as cordas puxadas pela metade, flechas furadoras nas cordas, e então a porta encheu-se com um grupo de besteiros, e atrás deles estavam os soldados, já soltando seus gritos de guerra, e Jake, como fora ordenado, esperou um instante até que os primeiros homens escorregaram no azeite de oliva, e só então berrou:

— Atirem!

Dezoito flechas penetraram no caos. Os primeiros atacantes que passaram pela porta estavam se estatelando no chão, os homens que vinham atrás tropeçavam neles e as flechas furaram a confusão. O

assalto ainda estava a dez passos de distância da barricada, e no entanto já estava contido, porque a estreita entrada do castelo estava

bloqueada pelos moribundos e pelos mortos. Sir Guillaume ficou em um dos lados, espada desembainhada, ainda sem fazer nada, apenas deixando que os arqueiros terminassem o serviço. Ficou impressionado com a rapidez com que

eles colocavam outra flecha na corda, e ficou vendo a segunda e a terceira saraivada furar malha e cortar carne. Um besteiro saiu rastejando do emaranhado e bravamente tentou erguer sua arma, mas Sir Guillaume deu dois passos e arriou a espada com força na nuca do homem, que estava desprotegida. Os outros besteiros, evidentemente enviados na fila da frente para disparar uma rajada contra seus arqueiros, estavam mortos ou morrendo. Os soldados de Joscelyn estavam misturados a eles, flechas projetando-se de cotas de malha e escudos, e na porta o bolo de homens não conseguia avançar. Jake agora dirigiu as flechas contra eles, uma saraivada após outra, e Sir Guillaume gesticulou para que seus homens avançassem.

— Eles não querem prisioneiros — gritou —, estão ouvindo?

Nada de prisioneiros!

Sir Guillaume atacava pelo lado esquerdo do pátio, de modo que Jake levou seus arqueiros para a direita e atirava só pela porta contra os poucos homens que restavam sob o arco. E depois de uns poucos segundos, todas as flechas pararam, porque uma quantidade muito grande de atacantes estava morta e os que viviam estavam encurralados pelo súbito assalto de Sir Guillaume vindo do canto do pátio.

Foi um massacre. Os atacantes, já quase derrotados pelas flechas, tinham presumido que quaisquer defensores viessem por trás da barricada, e em vez disso os soldados chegaram pelo flanco. Os homens de Sir Guillaume, informados de que o inimigo quisera a

morte de todos, não estavam dispostos a conceder misericórdia.

”Bastardo.” John Faircloth golpeou um soldado caído, enfiando a espada num rasgão da cota de malha do homem. ”Bastardo” —

repetiu ele, cortando a garganta de um besteiro. Um borgonhês usava um machado, esmagando elmos e crânios com um golpe eficiente atrás do outro, salpicando a pedra coberta de azeite com miolos e sangue. Um inimigo ergueu-se da pilha rosnando, um homem grande, forte e útil, que pisou em cadáveres para levar a luta até a guarnição, mas Sir Guillaume aparou o golpe da espada do homem no escudo e enfiou a sua espada da garganta dele. O homem olhou para Sir Guillaume, os olhos arregalados, os lábios tentando formar um palavrão, mas nada havia na boca, exceto um torrão de sangue, espesso como banha de porco;

então, ele oscilou e caiu, e Sir Guillaume já tinha passado por ele para matar outro soldado. E agora os arqueiros, largando os arcos, tinham ido participar do massacre, usando machados, espadas ou facas para despachar os feridos. Gritos de pedidos de misericórdia ecoavam no pátio, ouviam-se berros, e os poucos atacantes que não estavam feridos e se achavam na retaguarda do assalto, ouviram os gritos triunfantes ingleses. "São Jorge! São Jorge!" Eles fugiram. Um homem, estonteado por um golpe de espada no elmo, fugiu na direção errada e John Faircloth recebeu-o com um golpe de espada que cortou os anéis de ferro da malha para abrir-lhe a barriga.

— Bastardo — disse Faircloth, puxando a espada para soltá-la.

— Saiam da porta! — disse Sir Guillaume. — Puxem eles daí! Ele não queria que seus homens fossem atingidos pelos besteiros que estavam do lado de fora do castelo enquanto saqueavam os corpos, tirando-lhes a armadura e as armas, e eles arrastaram os

corpos para o lado do pátio. Pelo que Sir Guillaume podia ver, não havia nenhum inimigo ferido. Tinha sido o inimigo que gritara que não deveria haver prisioneiros, e a guarnição obedecera. E agora, o ataque terminara.

Mas o perigo não passara. Ainda havia dois corpos na arcada. Sir Guillaume sabia que os besteiros que estavam mais abaixo, na cidade, podiam ver a porta, e por isso, usando o escudo para proteger o corpo, curvou-se e esgueirou-se até o arco e arrastou o primeiro cadáver para o pátio. Não havia sinal de Joscelyn, o que era uma pena. Sir Guillaume sonhara em prender o conde uma segunda vez, e aí teria dobrado o resgate de Joscelyn, tornado a dobrá-lo e depois dobrado uma terceira vez. Bastardo, pensou Sir Guillaume, e uma seta de besta atingiu alto no seu escudo, fazendo com que a borda superior batesse no elmo de Sir Guillaume. Ele agachou-se mais, agarrou o calcanhar do último homem e puxou. O homem se mexeu e tentou reagir, e Sir Guillaume bateu com a pontuda borda inferior do escudo na virilha do homem e ele prendeu a respiração e depois parou de resistir.

Era Robbie. Assim que Sir Guillaume o colocou no pátio e ficou a salvo dos besteiros que estavam na cidade, ele viu que Robbie não tinha sido ferido. Ficara atordoado, provavelmente por uma flecha que atingira a borda inferior do elmo e deixara uma profunda moxa na borda espessa, que batera na cabeça de Robbie e o jogara para trás.

Uns três centímetros mais embaixo, e teria havido um escocês morto.

O que havia era um escocês muito confuso que se contorceu à procura de sua espada quando percebeu onde estava.

— Onde está o meu dinheiro? — grunhiu Sir Guillaume, ameaçando Robbie com a própria espada do escocês.

— Oh, Jesus — gemeu Robbie.

— Ele de nada lhe adianta. Se quiser misericórdia, filho, me peça.

Peça a eles! — Sir Guillaume apontou para os arqueiros e soldados que tiravam dos mortos e feridos as armas, as armaduras e as roupas.

O vesgo Jake sorria porque um dos inimigos mortos estava usando um anel de rubi. Jake decepou o dedo e agora erguia a jóia, triunfante. Sam, o orgulhoso novo proprietário de uma bela cota de malha feita na Alemanha, foi olhar para Robbie. cuspiu para dar sua opinião sobre o escocês.

Robbie, com lágrimas nos olhos por causa da humilhação, olhou para os mortos, que estavam com as camisetas bordadas de sangue.

Quarenta atacantes tinham atravessado a praça do lado de fora do castelo e mais da metade estava morta. Ele ergueu os olhos para Sir Guillaume.

— Sou seu prisioneiro — disse ele e ficou imaginando como iria pagar um resgate para lorde Outhwaite na Inglaterra e outro a Sir Guillaume.

— Você não é meu prisioneiro porcaria nenhuma — disse Sir Guillaume num inglês imperfeito e voltou para o francês. — Ouvi o grito lá fora. Nada de prisioneiros. E você deve se lembrar de que quando fazemos prisioneiros, não recebemos resgates. Recebemos apenas pedaços de pergaminho. É isso que significa honra na Escócia?

Robbie ergueu os olhos para o rosto selvagem, caolho, e estremeceu.

— Pois então me mate — disse ele, cansado. — Me mate e vá para o inferno.

— O seu amigo não ia gostar — replicou Sir Guillaume e viu a dúvida na

expressão de Robbie. — Seu amigo Thomas — explicou. —

Ele gosta de você. Não ia querer você morto. Ele sente ternura por você, porque ele é o maldito de um bobo. Por isso, vou deixar você viver. Levante-se. — Sir Guillaume cutucou Robbie para que se pusesse de pé. — Agora, vá procurar o Joscelyn e diga àquele bastardo esparavonado que ele pode nos pagar o que você nos deve, e depois vamos embora. Entendeu? Ele dá o dinheiro, e vocês ficam olhando a gente ir embora.

Robbie quis pedir de volta a espada que pertencia ao seu tio e escondia uma valiosa relíquia de Santo André no punho, mas sabia que seria negado e então, ainda zonzó, voltou para o arco, seguido dos gritos de zombaria dos arqueiros. Sir Guillaume berrou para os besteiros que estavam na cidade que o homem que estava saindo era um deles.

— Talvez mesmo assim eles atirem em você — disse ele a Robbie, e empurrou-o para o crepúsculo.

Nenhum dos besteiros atirou em Robbie que, com a cabeça doendo e a virilha latejando, desceu a rua aos tropeções. Os sobreviventes do ataque estavam reunidos ao lado do canhão que ainda expelia fumaça; alguns tinham flechas nos braços ou nas pernas. Joscelyn estava lá, de cabeça descoberta; os cabelos haviam sido pressionados pelo forro do elmo e o rosto redondo estava meloso de suor e vermelho de raiva. Ele estivera entre os últimos a se comprimirem na porta, vira o caos à sua frente e aí fora derrubado por uma flechada no peitoral. Ficara atordoado com a força do golpe, como se tivesse sido escoiceado por um cavalo, e a placa estava com um amassado que brilhava. Ele se levantara com dificuldade só para ser atingido por uma segunda flecha que, como a primeira, não conseguira furar a grossa placa. Mas fora jogado para trás outra vez,

depois o pânico dos sobreviventes o envolvera e ele fugira com eles, aos tropeções.

— Eles soltaram você? — Ele saudou Robbie que, pelo que viu, estava com uma escoriação escura na testa.

— Eles me mandaram com uma mensagem, excelência — disse Robbie. — Se receberem o dinheiro — continuou — irão embora sem lutar mais.

— O dinheiro é seu! — disse Joscelyn com rispidez. — Por isso, pague você.

Você tem esse dinheiro?

— Não, excelência.

— Pois então nós matamos todos eles. Vamos matar todos! —

Joscelyn voltou-se para o signor Gioberti. — Quando tempo vai levar para você derrubar a arcada inteira?

Gioberti refletiu por um segundo. Ele era um homem baixo, estava quase com cinquenta anos, e tinha um rosto com rugas profundas.

— Uma semana, excelência — calculou ele. Um de seus dardos atingira o lado do arco e arrancara pedras que dariam para encher um caixão de pedreiro, o que indicava que o castelo estava mal conservado. — Talvez dez dias — disse, emendando a resposta — e em outros dez dias posso derrubar metade da cortina.

— Vamos esmagá-los, reduzi-los a ruínas — disse Joscelyn, ríspido. — E depois matar todos. — Ele se voltou para o escudeiro. —

O meu jantar está pronto?

— Está, excelência.

Joscelyn jantou sozinho. Tinha pensado que comeria no salão do castelo naquela noite e ouviria os gritos dos arqueiros ao terem os dedos decepados, mas o destino decidira o contrário. Por isso ele

agora iria esperar, reduzir o castelo a pedaços, e depois vingarse.

E, na manhã seguinte, Guy Vexille e Charles Bessières chegaram a Castillon d'Arbizon com mais de cinquenta homens. Parecia que Vexille não conseguira encontrar o seu herege mas, por motivos pelos quais Joscelyn não se interessava e não entendia, acreditava que o homem e sua beguina estariam indo para o castelo sitiado.

— Você pega eles — disse Joscelyn — e o homem é de vocês. Mas a mulher é minha.

— Ela pertence à Igreja — disse Vexille.

— Primeiro, ela é minha — insistiu Joscelyn. — A Igreja pode brincar com ela depois, e dali para a frente, o diabo pode ficar com ela.

O canhão disparou e a entrada do castelo tremeu.

Thomas e seus companheiros passaram uma noite chuvosa sob as árvores. Pela manhã, três dos *coredors* haviam desaparecido com suas mulheres, mas quatorze homens tinham ficado, com oito mulheres, seis crianças e, o que era de uma utilidade enorme, sete bestas. Eram todas bestas antigas, com alavancas de perna de cabrito para puxar a corda, o que significava que eram menos potentes do que as bestas com haste de aço que usavam cabos com manivelas para esticar a corda, mas num combate o tipo antigo podia ser recarregado com facilidade, e a curtas distâncias era mortal.

Os cavaleiros tinham se retirado do vale. Thomas levou a maior parte da manhã para se convencer disso, mas em dado momento viu um pastor de porcos levando seus animais para o bosque e, pouco depois, a estrada que levava para o sul pela margem do rio ficou movimentada de repente, com pessoas que pareciam fugitivos, porque levavam cargas enormes e empurravam carros de mão com

pilhas de bens. Ele calculou que os cavaleiros tinham ficado com tédio de tanto esperar por ele e optado por atacar uma cidade ou aldeia próxima, mas a visão das pessoas garantiu-lhe que não havia soldados por perto, e por isso eles continuaram seguindo para o oeste.

No dia seguinte, enquanto tomavam uma estrada alta para o sul que os mantinha afastados dos vales e estradas principais, ele ouviu o canhão ao longe. A princípio, pensou que se tratasse de um tipo estranho de trovoada, um estalo abrupto sem o ronco que ia diminuindo, mas não havia nuvens escuras no oeste, e então aconteceu outra vez, e ao meio-dia uma terceira vez, e ele percebeu que era um canhão. Ele já tinha visto canhões antes, mas eram raros, e teve medo do que o estranho aparelho poderia fazer aos seus amigos que estavam no castelo. Se ainda fossem seus amigos.

Ele apressou-se, seguindo para o norte, agora, em direção a Castillon d'Arbizon, mas obrigado a tomar cuidado toda vez que chegava a um vale aberto ou a um lugar em que cavaleiros pudessem estar de emboscada. Naquela noite, ele abateu um cabrito-montês e cada um comeu um pedaço do fígado cru, porque não

tinham coragem de acender uma fogueira. Ao crepúsculo, enquanto levava o cabrito para o acampamento, ele vira a fumaça a noroeste e sabia que ela saía do canhão, o que significava que Thomas estava perto, tão perto que ficou de vigia até altas horas e depois acordou Philin e fez com que ele servisse de sentinela.

De

manhã

estava

chovendo.

Os

coredors

sentiam-se

desestimulados e com fome e Thomas tentava animá-los com a promessa de que calor e comida não estavam muito longe. Mas o inimigo também estava por perto, e ele avançava com cautela. Não arriscava deixar o arco encordado, porque a chuva iria enfraquecer a

corda. Ele se sentia nu sem uma flecha na corda. O barulho do canhão, disparando a cada três ou quatro horas, ficava mais alto, e no início da tarde Thomas conseguia ouvir o ruído nítido dos projéteis batendo em pedra. Mas então, quando chegou a uma elevação e a chuva finalmente parou, ele viu que a bandeira do conde de Northampton ainda estava hasteada, descolorida e molhada, no mastro alto da torre de menagem, e aquilo o estimulou. Não significava segurança, mas prometia uma guarnição inglesa para lutar a seu lado.

Eles agora estavam perto, perigosamente perto. A chuva podia ter parado, mas o terreno estava escorregadio e Thomas caiu duas vezes ao descer desajeitado a íngreme encosta coberta de bosques que levava ao rio que serpenteava em torno do rochedo do castelo. Ele planejava aproximar-se do castelo tal como fugira dele, atravessando o açude ao lado do moinho, mas quando chegou ao sopé do morro, onde as árvores erguiam-se perto do açude de azenha, viu que seus temores se justificavam e que o inimigo previra o que ele iria fazer, porque um besteiro estava de pé na porta do moinho. O homem, usando um casaco de cota de malha, estava embaixo de um pequeno alpendre coberto de sapé que o escondia de quaisquer arqueiros que estivessem na defesa do castelo, mas quando Thomas olhou para cima do morro, não viu arqueiro nenhum lá. Sem dúvida os sitiantes tinham bestas na cidade e iriam disparar contra quem se expusesse.

— Mate ele. — Genevieve estava agachada ao lado de Thomas e vira o besteiro solitário do outro lado do rio.

— E avisar os outros?

— Que outros?

— Ele não está sozinho ali — disse Thomas. Ele imaginava que o

moleiro e sua família deviam ter ido embora, porque o ladrão tinha sido arriado e a grande roda de água estava imóvel, mas os sitiante não iriam colocar apenas um homem para proteger o difícil caminho que atravessava o alto do açude. Era provável que houvesse uns doze homens lá. Ele podia acertar o primeiro, isso não era problema, mas os outros iriam atirar contra ele da porta e das duas janelas que davam para o rio, e ele não teria chance de atravessar o açude. Ele ficou muito tempo olhando, raciocinando, e então voltou para perto de Philin e dos *coredors*, que estavam escondidos num ponto mais acima, na encosta.

— Preciso de pederneira e aço — disse ele a Philin.

Os *coredors* viajavam com frequência e precisavam fazer fogueiras todas as noites, de modo que várias das mulheres tinham pederneiras e aço, mas uma delas também tinha uma bolsa de couro cheia de pólvora feita com bufa-de-lobo. Thomas agradeceu a ela, prometeu uma recompensa em troca da valiosa pólvora, e depois seguiu rio abaixo até ficar escondido da sentinela que estava em pé sob o alpendre do moinho. Ele e Genevieve revistaram a vegetação rasteira à procura de pequenos gravetos e de folhas de castanheira recém-caídas. Ele precisava de fio torcido, e por isso arrancou um fio da camisa que Genevieve usava por baixo do casaco de cota de malha, empilhou uns gravetos numa pedra lisa, salpicou generosamente com pólvora e deu o aço e a pederneira a Genevieve.

— Não acenda ainda — disse. Ele não queria fumaça saindo das árvores quase nuas para alertar os homens ao outro lado do rio.

Pegou os pedaços de gravetos mais grossos e amarrou-os na ponta de uma flecha de ponta grossa. Demorou, mas depois de um certo tempo tinha um grosso feixe de gravetos que ele iria proteger com as

grandes folhas de castanheira. Uma flecha incendiária tinha que estar queimando bem mas a velocidade do vôo podia extinguir as chamas, e as folhas ajudariam a evitar isso. Ele molhou as folhas numa poça, colocou-as por cima dos gravetos secos, amarrou o fio e agitou a flecha para ter certeza de que o graveto aglomerado estava seguro.

— Acenda agora — disse ele a Genevieve.

Ela deu uma batida forte com a pederneira e a pólvora de bufa-delobo acendeu

instantaneamente, depois os gravetos pegaram fogo e jorrou uma breve e brilhante chama. Thomas deixou o fogo aumentar, encostou a flecha nele, deixou que ela pegasse fogo e segurou-a por um instante, de modo que todos os gravetos estivessem queimando. A haste de freixo escureceu enquanto Thomas se esgueirava morro abaixo até poder ver o telhado de sapé do moinho.

Ele puxou. O fogo chamuscou-lhe a mão esquerda, e por isso ele não pôde puxar o arco até o limite máximo, mas a distância era curta.

Rezou para que ninguém estivesse olhando pelas janelas do moinho, fez outra prece a São Sebastião para que a flecha voasse como devia e soltou.

A flecha de ponta grossa voou. Descreveu um arco a partir do bosque, deixando um rastro de fumaça, e atingiu o sapé na metade do telhado. O barulho devia ter alertado os homens que estavam dentro do moinho, mas naquele momento o canhão disparou lá na cidade e era provável que aquele barulho muito maior os tivesse distraído.

Com os pés, ele apagou a pequena fogueira que Genevieve fizera e depois conduziu a jovem de volta rio acima e fez um sinal para que Philin e os homens com as bestas para que se esgueirassem e descessem para a beira do bosque. Agora, ele aguardou.

O sapé do moinho estava molhado. Tinha chovido forte e a palha estava musguenta e escura de tanta umidade. Thomas viu um fio de fumaça saindo do ponto em que a flecha se cravara no telhado sujo e irregular, mas não se viam chamas. O besteiro ainda estava na porta, bocejando. O rio fora inchado pela chuva e despejava-se pelo açude como um córrego caudaloso, verde-branco, que cobriria os tornozelos quando eles tentassem atravessar. Thomas olhou de novo para o telhado do moinho e pensou que a fumaça estava morrendo.

Ele teria de fazer tudo de novo, e continuar fazendo até que fosse descoberto ou que o fogo pegasse. E justamente quando estava se decidindo a levar Genevieve de volta rio abaixo para procurar novos gravetos, o telhado emitiu de repente uma onda de fumaça. A onda engrossou depressa, subindo como uma pequena nuvem de chuva, e uma chama surgiu no sapé e Thomas teve de mandar que os *coredors* que começaram a ovacionar se calassem. O fogo espalhou-se com uma rapidez extraordinária. A flecha devia ter levado os gravetos para dentro da camada mais seca que estava por baixo da palha escura e molhada, e as chamas

agora irromperam pela camada externa escura e coberta de musgo. Em questão de segundos, metade do telhado estava em chamas e Thomas viu que aquele era um incêndio que jamais seria apagado. Iria atingir as vigas, o telhado iria desabar, e então as grandes peças de madeira do moinho iriam queimar até que não restasse coisa alguma, exceto uma concha de pedra enegrecida pela fumaça.

E então os homens saíram correndo pela porta.

— Agora — disse Thomas e a sua primeira flecha de ponta grossa cortou o ar em direção ao outro lado do rio e atirou um homem para trás, pela porta, e os *coredors* disparavam suas bestas, que emitiam um

estalido quando as cordas eram soltas. As setas bateram em pedra, atingiram um homem na perna, e a segunda e a terceira flechas de Thomas estavam seguindo seu caminho antes que as bestas voltassem a atirar. Um dos homens do moinho conseguiu fugir aos tropeções por trás do prédio em chamas, sem dúvida indo alertar os outros sitiados. Thomas percebeu que o tempo era curto, mas outros homens saíram do moinho e ele tornou a disparar, viu que tinha atravessado a garganta de uma mulher com a flecha, não teve tempo de se lamentar, puxou a corda e soltou de novo. Então, a Porta ficou vazia e ele puxou um dos besteiros para longe da margem do rio e disse aos outros que continuassem a atirar em quem aparecesse na porta.

— Atravesse agora! — bradou para Philin.

Thomas e o besteiro foram os primeiros a atravessar o açude. A soleira de pedra era mais ou menos da largura do pé de um homem e estava escorregadia, mas eles avançaram de lado, a água cobrindo com violência seus pés. Philin, com o filho nos ombros, atravessou à frente dos outros *coredors* enquanto Thomas, chegando finalmente à margem do lado da cidade, mandava uma flecha para o interior do moinho iluminado pelas chamas. A mulher que ele acertara olhava para ele com olhos arregalados, mortos. Uma seta de besta veio do bosque que ficava entre o moinho e o muro da cidade lá em cima e o quadrelo errou Thomas por pouco, indo mergulhar no açude de azenha, mas depois uma flecha de penas brancas desceu chiando da defesa da torre de menagem e penetrou nas árvores onde o besteiro estava escondido. Não houve mais setas.

Uma mulher escorregou no açude e gritou ao cair pela face dele na agitada água branca.

— Deixe ela! — gritou Philin.

— Subam a trilha! — berrou Thomas. — Vamos, vamos!

Ele mandou um dos *coredors* subir na frente, porque o homem estava armado com um machado; Thomas dissera-lhe que arrombasse a pequena porta que havia no muro no alto do morro. Ele voltou-se para os besteiros que estavam na beira do rio e cuja pontaria agora estava perturbada pelas pessoas que subiam com dificuldade pela margem do lado da cidade.

— Vamos! — gritou-lhes e, embora nenhum deles falasse inglês, entenderam perfeitamente o que ele queria dizer. Então ouviu-se um grande estrondo vindo do moinho quando uma parte do telhado desabou e um jato de centelhas e chamas subiu das travessas de sustentação dos pisos e dos caibros.

E naquele instante, o último defensor do moinho saiu correndo pela porta. Era um homem alto, vestindo couro e não cota de malha, e os cabelos soltavam fumaça devido ao fogo e o rosto, feio como nenhum outro que Thomas já vira, estava imóvel num ricto de ódio.

O homem saltou a Barreira dos mortos e moribundos e por um segundo Thomas pensou que o homem estivesse indo atacá-lo. Mas então ele contorceu-se para o outro lado, numa tentativa de fugir, e Thomas puxou a corda, soltou e a flecha penetrou entre as omoplatas do homem e atirou-o à frente. O homem ferido estivera levando um cinto que tinha uma espada, uma faca e um quadrelo de besta pendurados, e o cinto escorregou para longe nas folhas molhadas.

Thomas achou que quaisquer mísseis de reserva seriam sempre uma coisa muito boa, e por isso correu para apanhar o cinto, e o homem, que estivera agonizando, agarrou-lhe o tornozelo.

— Bastardo — disse o homem em francês. — Bastardo!

Thomas deu um pontapé no rosto dele, quebrando-lhe os dentes, depois pisou com o calcanhar para quebrar mais. O moribundo afrouxou a pressão e Thomas tornou a chutá-lo, só para mantê-lo quieto.

— Subam o morro! — gritou ele.

Ele viu que Genevieve atravessara o açude sem problemas e jogou para ela o

cinto com as suas armas e seu estojo de quadrelo e foi atrás dela pela trilha que subia para a pequena porta atrás da igreja de São Sardo. Será que o inimigo a estava vigiando? Mas se estivesse, aquele inimigo estava encrencado, porque agora havia mais arqueiros na torre do castelo, e estavam atirando para a cidade lá embaixo. Eles se levantavam, atiravam, agachavam-se outra vez, e Thomas ouvia o som das setas de bestas batendo na pedra do castelo.

A trilha era íngreme e estava molhada. Thomas ficava sempre olhando para a sua esquerda, à procura do inimigo, mas nenhum deles apareceu na encosta. Ele se apressou, escorregou, viu o muro muito perto à sua frente e continuou subindo. Genevieve já estava junto à porta, voltada para procurar por ele. Thomas avançou com a ajuda das mãos pelos poucos metros que faltavam e atravessou correndo a porta esvaçada, seguindo Genevieve pelo beco escuro e saindo para a praça. Uma seta de besta bateu nas pedras do piso, ricocheteou e alguém gritou, e ele viu soldados na rua principal, percebeu uma seta passar por ele chiando no exato momento em que ele viu que metade do arco da porta tinha sido destruída, que uma pilha de escombros quase escondia a entrada do castelo, que uma pilha de cadáveres nus jazia na praça sob a cortina do castelo e que quadrelos disparados por bestas resvalavam nas pedras. Então, pulou os escombros, caiu fora da parte do arco que restava e achou-se em

segurança no pátio, onde seus pés voaram de debaixo dele porque as pedras estavam escorregadias. Ele deslizou uma pouca distância e depois bateu contra uma barricada de madeira atravessada no pátio.

E Sir Guillaume, caolho, com cara de mau, sorria para ele.

— Demorou bastante para chegar, hein? — disse o francês.

— Que diabo! — disse Thomas. Os *coredors* estavam todos lá, exceto a mulher que caíra do açude. Genevieve estava a salvo. —

Pensei que você precisasse de ajuda.

— Acha que pode nos ajudar? — disse Sir Guillaume. Ele colocou Thomas em pé e envolveu o amigo num abraço. — Pensei que você tinha morrido — disse ele e então, constrangido pela demonstração de sentimento, fez com a cabeça um gesto em direção dos *coredors* e seus filhos. — Quem são eles?

— Bandidos — disse Thomas —, bandidos famintos.

— Há comida no salão superior — disse Sir Guillaume, e então Jake e Sam apareceram, sorrindo, e escoltaram Thomas e Genevieve pela escada para onde os *coredors* olharam com olhos arregalados para o queijo e para a carne em salmoura.

— Comam — disse Sir Guillaume.

Thomas lembrou-se dos cadáveres nus na praça da cidade. Eram homens dele? Sir Guillaume abanou a cabeça.

— Os bastardos nos atacaram — disse ele — e os bastardos morreram. Por isso, nós os despimos e os atiramos por cima do muro.

Os ratos agora estão comendo eles. São uns bastardos grandes.

— Os ratos?

— Tão grandes, que parecem gatos. E o que foi que aconteceu a vocês? Thomas contou enquanto comia. Falou da ida ao mosteiro, da morte de Planchard, da luta no bosque, e da lenta viagem de volta

para Castillon d'Arbizon.

— Eu sabia que o Robbie não estava aqui — explicou —, e por isso calculei que só restavam os meus amigos.

— É bom morrer entre amigos — disse Sir Guillaume. Ele ergueu Os olhos para as altas janelas estreitas do salão, avaliando o avanço do dia pelo ângulo da luz.

— O canhão só vai disparar daqui a mais umas duas horas.

— Eles estão derrubando o arco da porta?

— É o que parece que estão fazendo — disse Sir Guillaume —, e talvez queiram derrubar toda a cortina? Isso tornaria mais fácil eles entrarem no pátio. Mas vão levar um mês. — Ele olhou para os *coredors*. — Você me trouxe mais bocas para alimentar.

Thomas abanou a cabeça.

— Todos eles vão lutar, inclusive as mulheres. E as crianças podem recolher as

setas de besta.

Havia setas em quantidade espalhadas em torno do castelo e, depois de endireitadas as alhetas, serviriam muito bem para as bestas manejadas pelos coredors.

— Mas a primeira coisa a fazer — continuou Thomas — é nos livrarmos daquele maldito canhão.

Sir Guillaume sorriu.

— Pensa que não pensei nisso? Acha que só ficamos sentados jogando dados? Mas como fazer isso? Uma surtida? Se eu levar doze homens pela rua, metade vai ser espetada por querelos antes de chegarmos até a taberna. Não é possível, Thomas.

— Gravetos — disse Thomas.

— Gravetos — repetiu Sir Guillaume, com voz monótona.

— Gravetos e cordão — disse Thomas. — Faça flechas

incendiárias. Eles não estão estocando a maldita da pólvora a céu aberto, estão? Ela está numa casa. E casas pegam fogo. Por isso, tocamos fogo na cidade inteira. Em toda ela. Duvido que as nossas flechas possam atingir as casas próximas ao canhão, mas se tivermos um vento leste, o fogo vai se espalhar bem depressa. De qualquer maneira, isso vai reduzir o ritmo deles.

Sir Guillaume olhou fixo para ele.

— Você não é tão louco quanto parece, é?

Naquele momento, um arquejo fez com que os dois se voltassem Genevieve, sentada perto deles, estivera mexendo no estojo de querelos que Thomas pegara no moinho. A tampa, que se encaixava perfeitamente no estojo de couro redondo, tinha sido selada com cera e isso a deixara intrigada e então ela raspou a cera, erguera a tampa e encontrara uma coisa no interior, algo que tinha sido cuidadosamente envolto em linho e acolchoado com serragem. Ela sacudira a serragem e depois desembrulhara o linho.

E agora, todos os que estavam na sala olharam-na com admiração respeitosa.

Porque ela encontrara o Graal.

Joscelyn chegou à conclusão de que detestava Guy Vexille.

Detestava o ar de competência do homem, o ligeiro desdém que sempre parecia estar em sua fisionomia e que, sem que nenhuma palavra fosse dita, parecia condenar tudo o que Joscelyn fazia. Ele também tinha ódio da piedade e do autocontrole do homem. O que Joscelyn teria gostado mais do que qualquer outra coisa era mandar Vexille embora, mas seus homens eram um acréscimo valioso à força sitiante. Quando o assalto chegasse, quando houvesse uma carga através dos escombros da porta do castelo, os soldados de capa preta de Vexille bem poderiam significar a diferença entre derrota e vitória. Por isso, Joscelyn suportava a presença dele.

Robbie também. Vexille matara seu irmão, e Robbie jurara vingarse, mas àquela altura estava tão confuso, que não sabia mais o que significavam seus juramentos. Ele jurara fazer uma peregrinação, mas no entanto ali estava ele, ainda em Castillon d'Arbizon; jurara matar Guy Vexille, e no entanto o homem estava vivo; jurara vassalagem a Joscelyn, e agora reconhecia que Joscelyn era um bobo desmiolado, valente como um porco, mas sem qualquer traço de religião ou honra. O único homem ao qual ele jamais fizera um juramento era Thomas, e no entanto era Thomas o homem a quem ele desejava felicidades na tragédia que se desenrolava.

E pelo menos Thomas estava vivo. Ele conseguira atravessar o

açude, apesar da guarda que Guy Vexille colocara no moinho. Vexille tinha ido a Castillon D'Arbizon, descobrira que a travessia do rio estava desprotegida, e colocara o mal-humorado e obstinado Charles Bessières no comando no moinho. Bessières aceitara a ordem porque ela o mantinha longe de Vexille e de Joscelyn, mas ele fracassara e Robbie ficara perplexo diante da satisfação que sentira ao perceber que Thomas fora mais esperto do que eles, que estava vivo e voltara para o castelo. Ele viu Thomas atravessar a praça correndo, o ar sussurrando com setas de bestas, e quase soltou vivas quando viu o amigo atingir a segurança do castelo.

Robbie vira Genevieve também, e não sabia o que pensar sobre aquilo. Em Genevieve ele via algo que desejava tanto que parecia um sofrimento. Mas não

arriscava admiti-lo, porque Joscelyn iria apenas rir dele. Se Robbie tivesse escolha, e seus juramentos significavam que não tinha, teria ido até o castelo e implorado o perdão de Thomas, e sem dúvida teria morrido lá.

Porque Thomas, embora estivesse vivo, estava encurralado. Guy Vexille, amaldiçoando o fato de Charles Bessières fracassar numa tarefa tão fácil assim, colocara homens nos bosques do outro lado do rio, de modo que agora não havia como fugir atravessando o açude. A única maneira de sair do castelo era seguir pela rua principal e passar pela porta oeste da cidade, ou seguir para o norte, até a pequena porta ao lado da igreja de São Callic, que dava para os alagadiços onde os moradores da cidade deixavam o gado pastar, e Joscelyn e Vexille, juntos, tinham mais de cem soldados esperando exatamente por aquela tentativa. Besteiros foram colocados em todos os pontos estratégicos na cidade, e enquanto isso o canhão iria morder e martelar e solapar os bastiões da porta do castelo até que, em dado

momento, houvesse um caminho acidentado que passasse pelas ruínas e penetrasse no coração do castelo. Então, o massacre poderia começar e Robbie teria de ver seus amigos morrerem.

Metade da porta do castelo já fora derrubada, e o Signor Gioberti agora realinhara seu bulboso canhão para que seus mísseis atingissem o lado direito do arco. O italiano calculava que levaria uma semana para derrubar a porta toda, e aconselhara a Joscelyn que seria melhor gastar ainda mais um tempo a alargar a brecha derrubando as partes da cortina de ambos os lados do arco destruído, para que os atacantes não fossem afunilados para um espaço estreito que os arqueiros pudessem encher de morte enfeitada de penas.

— Paveses — dissera Joscelyn, e ordenara que os dois carpinteiros da cidade fizessem mais unidades dos escudos grandes de salgueiro que iriam proteger os besteiros enquanto eles corressem para a brecha. Os besteiros poderiam, então, atirar nos arqueiros lá no alto enquanto os soldados passavam por eles.

— Uma semana — disse Joscelyn ao italiano —, você tem uma semana para derrubar a porta, e depois nós vamos atacar.

Ele queria tudo acabado depressa, porque o cerco estava saindo mais caro e mais complicado do que jamais imaginara. Não era só a luta que era difícil, mas ele tinha de pagar carroceiros para que levassem feno e aveia para todos os cavalos

dos soldados, e precisava mandar homens para vasculhar à procura de alimentos escassos num distrito que já tinha sido saqueado pelo inimigo, e cada dia trazia novos problemas imprevistos que corroíam a confiança de Joscelyn.

Ele só queria atacar e liquidar aquele maldito assunto.

Mas os defensores atacaram primeiro. Ao amanhecer, no dia seguinte à chegada de Thomas a Castillon d'Arbizon, quando soprava

um gelado vento nordeste sob um céu de chumbo, flechas incendiárias saíram das defesas da torre para mergulhar no sapé da cidade. Uma flecha atrás da outra deixava o rastro de fumaça, e os sitiante despertaram para o perigo quando os moradores da cidade gritavam pedindo podões e água. Os homens usavam os podões, que tinham cabo comprido, para puxar os sapés dos telhados, porém mais flechas chegavam e em questão de minutos três casas estavam em chamas e o vento empurrava as chamas em direção à porta, onde o canhão já estava carregado e a marga estava secando.

— A pólvora! A pólvora! — berrava o Signor Gioberti, e seus homens começaram a tirar os preciosos barris da casa próxima ao canhão, e a fumaça avançou por cima deles e pessoas amedrontadas meteram-se na frente deles, fazendo com que um homem escorregasse e derramasse um barril inteiro de pólvora não misturada no meio da estrada. Joscelyn saiu da casa que requisitara para seu uso e gritou para que seus homens fossem buscar água, enquanto Guy Vexille ordenava que alguns prédios fossem derrubados para fazer um aceiro, mas os moradores da cidade atrapalharam a ação dos soldados e agora os incêndios bramiam. Mais uma dúzia de casas estava em chamas e os sapés tinham-se tornado fornalhas que se espalhavam de um telhado para o outro. Pássaros em pânico voavam dentro da fumaça e ratos, às dezenas, fugiam do sapé e pelas portas dos porões.

Muitos dos besteiros sitiante tinham feito ninhos de águia dentro dos telhados, de onde podiam atirar através de buracos que atravessavam o sapé, e agora desciam dos sótãos de gatinhas. Porcos guinchavam enquanto eram torrados vivos, e quando as primeiras centelhas que voavam iam parar em cima dos telhados perto do canhão, o céu se abriu.

Um estrondo de trovão rasgou o céu e a chuva desabou. Caiu com tanta força, que acabou com a vista do castelo que se tinha da porta da cidade. Transformou

a rua num córrego, encharcou os barris de pólvora e apagou os incêndios. Fumaça ainda subia com força, mas a chuva chiou sobre brasas que brilhavam. Pelas sarjetas corria uma água preta e os incêndios morreram.

Galat Lorret, o cônsul mais antigo, foi procurar Joscelyn e quis saber onde os moradores da cidade deveriam se abrigar. Mais de um terço das casas tinha perdido os telhados e as outras estavam lotadas de soldados acantonados.

— Vossa excelência tem de arranjar alimentos para nós — disse ele a Joscelyn —, e precisamos de tendas.

Lorret tremia, talvez de medo ou então por ter ficado com febre.

Mas Joscelyn não teve piedade do homem. Na verdade, ficou com tanta raiva por ter sido aconselhado por um homem do povo, que agrediu Lorret, depois tornou a agredi-lo, empurrando-o de volta para a rua com uma chuva de golpes e pontapés.

— Vocês podem passar fome! — berrou Joscelyn para o cônsul. —

Passar fome e tremer. Bastardo!

Ele deu um murro tão violento no velho, que o queixo de Lorret quebrou. O cônsul ficou caído na sarjeta molhada, a túnica oficial ensopando-se com a água escurecida pela cinza. Uma jovem saiu da casa atrás dele que não tinha sido afetada; ela estava com os olhos vidrados e o rosto vermelho. Vomitou de repente, despejando o conteúdo de seu estômago na sarjeta ao lado de Lorret.

— Saia daí! — gritou Joscelyn para ela. — Ponha a sua sujeira em outro lugar!

Então, Joscelyn viu que Guy Vexille, Robbie Douglas e uma dúzia

de soldados olhavam boquiabertos para o castelo. Só olhavam. A chuva estava diminuindo e a fumaça se dissipava e era possível ver-se a parte da frente do castelo, danificada, e Joscelyn voltou-se para ver o que estavam olhando. Viu a armadura pendurada nas ameias da torre de menagem, as cotas de malha tiradas dos mortos dele e penduradas ali a título de insulto, e viu os escudos capturados, inclusive o coração vermelho de Douglas, de Robbie, pendurados de cabeça para baixo em meio aos mantos, mas Guy Vexille não estava olhando fixo para aqueles troféus. Ele olhava para a defesa mais baixa, para o parapeito

semidestruído acima da porta do castelo, e ali, sob a chuva, havia ouro.

Robbie Douglas expôs-se aos arqueiros do castelo ao caminhar pela rua para ver o objeto dourado com maior nitidez. Nenhuma flecha foi em sua direção. O castelo parecia deserto, silencioso. Ele andou quase até a praça até poder ver o objeto com clareza e olhou, sem acreditar, e então, lágrimas nos olhos, caiu de joelhos.

— O Graal — disse e, de repente, outros homens juntaram-se a ele e estavam se ajoelhando nas pedras do pavimento.

— O quê? — perguntou Joscelyn.

Guy Vexille tirou o chapéu e ajoelhou-se. Olhou para cima e a ele pareceu que o precioso cálice brilhava.

Porque em meio à fumaça e à destruição, brilhante como a verdade, estava o Graal.

O canhão não tornou a disparar naquele dia. Joscelyn não estava contente com isso. O novo conde de Berat não se importava com o fato de os defensores terem um cálice, eles podiam ter a cruz autêntica inteira, a cauda da baleia de Jonas, os cueiros do menino Jesus, a coroa de espinhos e as próprias portas nacaradas, e teria

muito prazer em mandar soterrar tudo sob a alvenaria esfaļalhada do castelo, mas os padres e os sitiantes ajoelharam-se diante dele e Guy Vexille fez o mesmo, e aquela submissão por parte de um homem que ele temia fez com que Joscelyn fizesse uma pausa.

— Temos de falar com eles — disse Vexille.

— Eles são hereges — disseram os padres. — E o Graal tem de ser resgatado deles.

— O que é que devo fazer? — perguntou Joscelyn. — Apenas pedir?

— Vossa excelência tem de negociá-lo — disse Guy Vexille.

— Negociá-lo! — Joscelyn empertigou-se ao ouvir aquilo. O

Graal? Se aquela coisa existia, e todos à sua volta acreditavam que existia, e se realmente estivesse ali, em seu domínio, haveria a oportunidade de se ganhar dinheiro com ele. O cálice precisaria ir para Berat, é claro, onde gente boba como seu falecido tio pagaria muito para vê-lo. Grandes potes na porta do castelo, pensou ele, e filas de peregrinos atirando dinheiro para terem permissão de ver o Graal. Ele concluiu que havia possibilidade de lucro naquele ouro, e era evidente que a guarnição queria conversar, porque, depois de exhibir o cálice, ela não disparou mais flechas.

— Vou conversar com eles — disse Vexille.

— Por que você? — perguntou Joscelyn.

— Então vá, excelência — disse Vexille, atencioso.

Mas Joscelyn não queria enfrentar os homens que o tinham mantido preso. Da próxima vez em que os visse, queria que estivessem mortos, por isso fez um sinal mandando que Vexille fosse.

— Mas você não vai oferecer nada a eles! — avisou. — A menos que eu concorde.

— Não vou fazer acordo nenhum — disse Vexille — sem a sua permissão.

Foram dadas ordens para que os besteiros não atirassem, e Guy Vexille, de cabeça descoberta e sem quaisquer armas, caminhou pela rua principal, passando pelos escombros fumegantes das casas. Um homem estava sentado no beco e Vexille notou que o rosto dele estava suando e marcado por caroços escuros, e a roupa estava manchada de vômito. Guy detestava ver coisas assim. Ele era um homem exigente, escrupulosamente limpo, e o fedor e as doenças da humanidade o repugnavam: eram provas de um mundo pecaminoso, que tinha esquecido Deus. E então Guy viu seu primo entrar na defesa danificada e levar o Graal.

Um instante depois, Thomas atravessou os escombros que enchiam a porta. Tal como Guy, ele não usava espada, nem estava com o Graal. Vestia a sua cota de malha, que agora estava enferrujando, puída na bainha e com uma camada de poeira. Usava uma barba curta, porque havia muito que perdera a navalha, e ela lhe dava, pensou Guy, uma aparência sombria e desesperada.

— Thomas — saudou-o Guy e depois fez uma pequena mesura

—, meu primo.

Thomas olhou para além de Vexille e viu três padres que observavam de um ponto na metade da rua.

— Os últimos padres que vieram aqui me excomungaram — disse ele.

— O que a Igreja faz — disse Guy —, eu posso desfazer. Onde foi que você o encontrou?

Por um instante parecia que Thomas não iria responder, mas depois ele deu de ombros.

— Sob o trovão — disse ele — e no coração do relâmpago. Guy Vexille sorriu diante da evasiva.

— Nem mesmo sei — disse ele — se você está com o Graal. Não será um truque? Você coloca um cálice de ouro em cima do muro e nós apenas fazemos uma suposição. Vamos supor que estejamos errados. Me prove, Thomas.

— Não posso.

— Então me mostre — implorou Guy. Ele falou com humildade.

— Por que iria mostrar?

— Porque o Reino do Céu depende dele.

Thomas pareceu desdenhar daquela resposta, e então olhou com uma expressão de curiosidade para o primo.

— Primeiro, me diga uma coisa — disse ele.

— Se eu puder.

— Quem era o homem alto, cheio de cicatrizes, que matei no moinho?

Guy Vexille franziu o cenho, porque a pergunta parecia muito estranha, mas não conseguiu identificar qualquer armadilha nela, e queria fazer a vontade de

Thomas, e por isso respondeu.

— O nome dele era Charles Bessières — disse ele, cauteloso —, e era irmão do cardeal Bessières. Por que pergunta?

— Porque lutava bem — mentiu Thomas.

— É só isso?

— Ele lutava bem, e quase me tirou o Graal — Thomas enfeitou a mentira. — Eu só queria saber quem era.

Ele deu de ombros e tentou pensar no motivo pelo qual um irmão do cardeal Bessières deveria estar carregando o Graal.

— Ele não era um homem digno de possuir o Graal — disse Guy

Vexille. — Pelo amor de Deus, Thomas, me mostre.

Thomas hesitou, depois voltou-se e ergueu a mão. Sir Guillaume, vestido dos pés à cabeça com uma armadura capturada e uma espada desembainhada, veio do castelo com Genevieve. Ela levava o Graal e um odre de vinho amarrado ao cinto.

— Não chegue muito perto dele — avisou Thomas a ela, e depois voltou a olhar para Guy. — Você se lembra de Sir Guillaume d'Evecque? Mais um que jurou matar você?

— Estamos nos encontrando em meio a uma trégua — lembrou Guy e fez um cumprimento com a cabeça para Sir Guillaume, cuja única resposta foi cuspir nas pedras do chão. Guy fez que não percebeu o gesto, preferindo olhar para o cálice que estava nas mãos da jovem.

Era um objeto de beleza etérea, mágica. Uma coisa delicada como um trabalho de renda. Uma coisa tão diversa da cidade que fedia a fumaça, com seus cadáveres comidos pelos ratos, que Guy não teve dúvida alguma de que aquele era o Graal. Era o objeto mais procurado da cristandade, a chave do céu, e Guy quase caiu de joelhos em reverência.

Genevieve tirou a tampa cheia de pérolas e virou o cálice de pé dourado nas

mãos de Thomas. Um grosso cálice de vidro verde caiu da filigrana dourada e Thomas segurou-o com respeito.

— Este é o Graal, Guy — disse ele. — Aquela parte de ouro foi feita apenas para guardá-lo, mas ele é isto aqui.

Guy olhou o cálice com ansiedade, mas não se arriscou a fazer um único movimento em direção a dele. Sir Guillaume queria apenas a mínima desculpa para erguer a espada e investir com ela, e Guy não tinha dúvidas de que havia arqueiros observando-o por trás das

frestas da alta torre. Ele não disse nada quando Thomas apanhou o odre no cinto de Genevieve e despejou um pouco de vinho no cálice.

— Está vendo? — disse Thomas e Guy viu que o verde escurecera com o vinho, mas que agora ele também tinha um brilho dourado que não estivera ali antes. Thomas deixou o odre de vinho cair no chão e então, com os olhos nos olhos do primo, ergueu o cálice e bebeu todo o vinho.

— *Hic est enim sanguis meus* — disse Thomas, irritado.

Eram as palavras de Cristo: "Este é o meu sangue." Depois, ele entregou o cálice a Genevieve e ela se afastou, seguida de Sir Guillaume.

— Um herege bebe do Graal — disse Thomas —, e o pior está por vir.

— Pior? — perguntou Guy, delicado.

— Nós vamos colocar o cálice no arco da porta — disse Thomas.

— E quando o seu canhão derrubar o que resta dos bastiões, o Graal será esmagado. O que vocês vão conseguir será um pedaço de ouro retorcido e alguns cacos de vidro.

Guy Vexille sorriu.

— Não é possível quebrar o Graal, Thomas.

— Pois então arrisque a testar essa crença — disse Thomas, irritado, e afastou-se.

— Thomas! Thomas, eu imploro — bradou Guy. — Escute aqui.

Thomas queria continuar andando mas, relutante, voltou, porque o tom de voz de seu primo fora de súplica. Tinha sido a voz de um homem derrotado, e o que Thomas teria a perder se ouvisse mais? Ele fizera a ameaça. Se o ataque continuasse, o Graal seria quebrado.

Agora, achava ele, devia deixar o primo fazer a oferta que quisesse,

embora Thomas não pretendesse fazer com que fosse fácil.

— Por que eu iria dar ouvidos — perguntou ele — ao homem que matou meu pai? Que matou minha mulher?

— Ouça um filho de Deus — disse Guy. Thomas quase soltou uma gargalhada, mas ficou.

Guy respirou fundo, formando o que queria dizer. Ergueu os olhos para o céu, onde nuvens baixas ameaçavam mais chuva.

— O mundo está tomado pelo mal — disse ele — e a Igreja é corrupta, e o diabo faz o seu trabalho sem ser perturbado. Se tivermos o Graal, poderemos mudar isso. A Igreja poderá ser purgada, uma nova cruzada pode eliminar o pecado do mundo. Ele trará o Reino do Céu para a terra. — Enquanto falava, Guy estivera olhando para o céu, mas agora olhou para Thomas. — Isso é tudo o que quero, Thomas.

— Então meu pai teve de morrer por causa disso? Guy sacudiu a cabeça.

— Quem dera que não fosse necessário, mas ele estava escondendo o Graal. Ele era um inimigo de Deus.

Naquele momento, Thomas teve ódio de Guy, um ódio maior do que nunca, apesar de seu primo estar falando em voz baixa e apresentando argumentos sensatos, a voz cheia de emoção.

— Diga o que quer agora — disse Thomas.

— A sua amizade — declarou Guy.

— Amizade!

— O conde de Berat é mau — disse Guy. — Ele é arrogante e cruel, um bobo, um homem que ignora Deus. Se você levar seus homens para fora do castelo, eu me voltarei contra ele. Quando a noite chegar, Thomas, você e eu já seremos os senhores deste lugar, e

amanhã iremos para Berat e revelar o Graal e convidar todos os homens de Deus a nos procurarem.

Guy fez uma pausa, observando o rosto sério de Thomas, à procura de qualquer reação às suas palavras.

— Marche para o norte comigo — continuou ele. — Paris será a próxima. Nós vamos nos livrar daquele tolo rei de Valois. Vamos dominar o mundo, Thomas, e abri-lo para o amor a Deus. Pense nisso, Thomas! Toda a graça e toda a beleza de Deus derramadas sobre o mundo. Não haverá mais tristeza, não haverá mais pecado, só a harmonia de Deus num mundo de paz.

Thomas fingiu pensar no assunto, e depois franziu o cenho.

— Eu ataco o Joscelyn com você — disse ele —, mas vou querer falar com o abade Planchard antes de marchar para o norte.

— Com o abade Planchard? — Guy não conseguiu disfarçar a surpresa. — Por quê?

— Porque ele é um homem bom — respondeu Thomas — e confio na opinião dele.

Guy fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Neste caso, vou mandar buscá-lo. Posso estar com ele aqui amanhã de manhã.

Thomas sentiu tanta raiva, que poderia ter atacado Guy com os punhos, mas se conteve.

— Você poderá estar com ele aqui amanhã? — perguntou.

— Se ele quiser vir.

— Ele não tem muita opção, tem? — disse Thomas, a fúria agora na voz. — Ele está morto, primo, e você o matou. Eu estava lá, no ossário, escondido. Ouvi vocês!

Guy ficou perplexo, depois enfurecido, mas não tinha coisa alguma a dizer.

— Você mente como uma criança — disse Thomas, com desprezo. — Você mente sobre a morte de um homem bom? Então, mente sobre tudo.

Thomas voltou-se e se afastou.

— Thomas! — bradou Guy enquanto ele seguia. Thomas se voltou e disse:

— Você quer o Graal, primo? Pois lute por ele. Quem sabe só você e eu? Você e sua espada contra mim e minha arma?

— Sua arma? — perguntou Guy.

— O Graal — respondeu Thomas, breve e ríspido, e, sem ligar para as súplicas do primo, caminhou de volta para o castelo.

— e o que foi que ele ofereceu? — perguntou Sir Guillaume.

— Todos os reinos da terra — respondeu Thomas. Sir Guillaume fungou, desconfiado.

— Estou sentindo o cheiro de algo santo nesta resposta. Thomas sorriu.

— O diabo levou Cristo para o deserto e ofereceu-lhe todos os reinos da terra se ele desistisse de sua missão.

— Ele devia ter aceitado — disse Sir Guillaume —, e nos poupado uma pilha de encrencas. Quer dizer que não podemos ir embora?

— A não ser que abramos o caminho a força.

— E o dinheiro do resgate? — perguntou Sir Guillaume, esperançoso.

— Eu me esqueci de perguntar sobre ele.

— Grande porcaria de ajuda que você é — retorquiu Sir Guillaume em inglês, e depois voltou para o francês e pareceu mais alegre. — Mas pelo menos nós temos o Graal, não é? Isso é formidável!

— Será que temos? — perguntou Genevieve.

Os dois homens se voltaram para ela. Estavam no salão superior, agora sem móvel algum, porque a mesa e os bancos tinham sido levados para baixo para reforçar a barricada no pátio. Tudo o que restava era o grande baú com tiras de ferro que continha o dinheiro

da guarnição, e havia dinheiro bastante depois de uma temporada de surtidas. Genevieve estava sentada em cima do baú; estava com o Graal de ouro com o cálice verde, mas também segurava a caixa que Thomas trouxera do mosteiro de São Sever, e agora tirou o cálice do seu ninho de ouro e colocou-o na caixa. A tampa não fechava, porque o cálice era grande demais. A caixa, fosse qual fosse a finalidade para a qual tivesse sido feita, não tinha sido feita para aquele Graal.

— Será que temos o Graal? — perguntou ela e Thomas e Sir Guillaume olharam-na com os olhos arregalados enquanto ela mostrava que o cálice não cabia na caixa.

— É claro que este é o Graal — disse Sir Guillaume, encerrando a discussão.

Thomas aproximou-se de Genevieve e apanhou o cálice. Virou-o nas mãos.

— Se o meu pai tinha mesmo o Graal — perguntou ele —, como é que o Graal foi parar nas mãos do irmão do cardeal Bessières?

— Quem? — perguntou Sir Guillaume.

Thomas olhou para o vidro verde, olhos arregalados. Ele ouvira dizer que o Graal que havia na catedral de Gênova era feito de vidro verde, e ninguém acreditava que ele fosse verdadeiro. Será que aquele era o mesmo Graal? Ou outra imitação de vidro verde?

— O homem de quem o tirei — disse ele — era irmão do cardeal Bessières, e se ele já estivesse com o Graal, o que é que estava fazendo em Castillon d'Arbizon? Ele o teria levado para Paris, ou para Avignon.

— Meu doce Jesus Cristo — disse Sir Guillaume. — Você está dizendo que este não é o verdadeiro?

— Só há uma maneira de descobrir — disse Thomas e levantou o cálice bem alto. Viu as pequeninas pintas de ouro no vidro e achou que era uma beleza, uma coisa requintada, uma coisa antiga, mas será que era autêntica? E então ele ergueu a mão mais ainda, segurou o cálice por mais um segundo e depois deixou-o cair nas tábuas do piso.

Onde o vidro verde partiu-se em mil fragmentos.

— Meu doce Jesus Cristo — disse Sir Guillaume —, meu doce Jesus maldita porcaria de Cristo.

Foi na manhã seguinte ao incêndio que destruíra uma parte tão grande de Castillon d'Arbizon que as primeiras pessoas morreram.

Algumas morreram durante a noite, outros ao amanhecer, e os padres estavam ocupados levando as hóstias consagradas a casas nas quais iriam dar a extrema-unção. Os gritos das famílias enlutadas foram de um volume suficiente para acordar Joscelyn, que mandou, ríspido, que seu escudeiro fosse acabar com o maldito barulho, mas o escudeiro, que dormia em cima de palha a um canto do quarto de Joscelyn, estava tremendo e suando, e o rosto aparecera com caroços escuros de mal aspecto que fizeram com que Joscelyn fizesse uma careta.

— Saia daqui! — gritou para o escudeiro e, quando o rapaz não se mexeu, empurrou-o a pontapés em direção à porta. — Fora! Fora! Oh, Jesus! Você se cagou! Saia daqui!

Joscelyn se vestiu, pôs calções e um casaco de couro sobre a camisa de linho.

— Você não está doente, está? — disse ele à garota que dormira com ele.

— Não, excelência.

— Então me traga bacon e pão e vinho quente.

— Vinho quente?

— Você é uma criada, não é? Por isso me sirva, e depois limpe essa maldita

sujeira.

Ele apontou para a cama do escudeiro, e depois calçou as botas e ficou imaginando por que não tinha sido acordado pelo canhão que costumava disparar ao cantar do galo. A marga no barril do canhão secava da noite para o dia e o Signor Gioberti era de opinião de que o tiro do amanhecer causava mais danos, mas no entanto aquele tiro ainda não tinha sido disparado. Joscelyn entrou na sala de visitas da casa, berrando pelo artilheiro.

— Ele está doente. — Foi Guy Vexille quem respondeu. Ele estava sentado a um canto da sala, afiando uma faca e evidentemente esperando por Joscelyn. — Há uma epidemia.

Joscelyn afivelou o cinto da espada.

— O Gioberti está doente?

Guy Vexille embainhou a faca.

— Ele está vomitando, excelência, e suando. Tem inchações nas axilas e na virilha.

— Os homens dele sabem disparar a maldita coisa, não sabem?

— A maioria também está doente.

Joscelyn olhou fixo para Vexille, tentando compreender o que estava ouvindo.

— Os artilheiros estão doentes?

— A metade parece estar doente — disse Vexille, levantando-se.

Ele tinha-se lavado, vestira roupas pretas limpas e passara óleo dos compridos cabelos pretos, fazendo com que ficassem lisos sobre o seu estreito crânio. — Ouvi dizer que havia uma epidemia — disse ele —, mas não acreditei. Eu me enganei; que Deus me perdoe.

— Uma epidemia? — agora Joscelyn estava assustado.

— Deus nos castiga — disse Vexille, com calma — deixando o diabo à solta, e

não podíamos esperar um sinal mais claro do céu.

Temos de assaltar o castelo hoje, excelência, apanhar o Graal e, assim, acabar com a peste.

— Peste? — perguntou Joscelyn e ouviu uma tímida batida na porta e teve a esperança de que fosse a criada trazendo-lhe comida.

— Entre, porcaria — gritou ele, mas em vez da jovem estava o padre Medous, que parecia amedrontado e nervoso.

O padre caiu de joelhos diante de Joscelyn.

— Há gente morrendo, excelência — disse ele.

— Em nome de Deus, o que é que o senhor espera que eu faça?

— perguntou Joscelyn.

— Tome o castelo — disse Vexille.

Joscelyn não ligou para ele, olhando para o padre.

— Morrendo? — perguntou ele, desesperado.

— Galat Lorret morreu; a mulher dele está doente. A minha governanta pegou a doença. — Mais lágrimas rolaram pelo rosto de Medous. — Está no ar, excelência, uma epidemia. — Ele olhou fixo para o rosto impassível, redondo, de Joscelyn, esperando que seu senhor pudesse ajudar. — Está no ar — repetiu — e precisamos de médicos. Vossa excelência pode mandar que eles venham de Berat.

Joscelyn passou pelo padre ajoelhado, agachou-se para sair para a rua e viu dois de seus soldados sentados na porta da taberna com os rostos inchados e cobertos de suor. Eles o olharam com apatia e ele se afastou, ouvindo os lamentos e os gritos de mães que viam seus filhos suarem e morrerem. A fumaça do incêndio do dia anterior deslocava-se, tênue, pela manhã molhada e tudo parecia coberto de fuligem.

Joscelyn estremeceu, e então viu Sir Henri Courtois, ainda saudável, vindo da

igreja de São Callic. Quase correu e abraçou o homem idoso de tanto alívio.

— O senhor sabe o que está acontecendo? — perguntou Joscelyn.

— Há uma epidemia, excelência.

— Ela está no ar, não está? — perguntou Joscelyn, apoderando-se do que o padre Medous lhe dissera.

— Não sei — disse Sir Henri, com ar de cansado —, mas o que sei é que uns vinte de nossos homens estão doentes com ela, e três já morreram. Robbie Douglas está doente. Ele estava perguntando por vossa excelência. Ele implora que vossa excelência arranje um médico para ele.

Joscelyn fez que não ouviu o pedido e cheirou o ar. Sentiu o cheiro dos restos dos incêndios, o fedor de vômito, fezes e urina.

Eram os cheiros de qualquer cidade, os cheiros do dia-a-dia, mas de algum modo agora pareciam mais sinistros.

— O que vamos fazer? — perguntou, desesperado.

— Os doentes precisam de ajuda — disse Sir Henri. — Precisam de médicos. — E de coveiros, pensou ele, mas não o disse em voz alta.

— Está no ar — repetiu Joscelyn uma vez mais.

O fedor agora estava nojento, sitiando-o, ameaçando-o, e ele teve um tremor de pânico. Ele sabia enfrentar um homem, enfrentar até um exército, mas não aquele silente e insidioso mau cheiro.

— Vamos embora — decidiu ele. — Todos os que não tiverem pegado a doença irão embora agora. Agora!

— Ir embora? — Sir Henri ficara confuso com a decisão.

Nós vamos embora! — disse Joscelyn, decidido. — Deixem os doentes aqui. Mande os homens se prontarem e selarem os cavalos.

— Mas o Robbie Douglas quer falar com vossa excelência — disse Sir Henri.

Joscelyn era o senhor de Robbie e, por isso, tinha o dever de cuidar dele, mas não estava com disposição para visitar os doentes.

Os doentes podiam muito bem cuidar de si mesmos, e ele iria salvar tantos homens quanto fosse possível daquele horror.

Partiram em uma hora. Uma torrente de cavaleiros saiu a galope da cidade, fugindo da epidemia e indo para a segurança do imponente castelo de Berat. Quase todos os besteiros de Joscelyn, abandonados pelos cavaleiros e soldados, foram atrás, e muitos dos moradores da cidade também saíam à procura de proteção contra a epidemia. Um bom número dos homens de Vexille também desapareceu, como aconteceu com os poucos artilheiros que não tinham sido atingidos pela peste. Eles abandonaram o Cuspidor do Inferno, roubaram cavalos de homens doentes e foram embora. Dos homens saudáveis de Joscelyn, só Sir Henri Courtois ficou. Ele era um homem de meia-idade, perdera o medo da morte, e homens que o serviram durante muitos anos estavam morrendo em agonia. Ele não sabia o que podia fazer por eles, mas o que pudesse, iria fazer.

Guy Vexille foi até a igreja de São Callic e mandou sair as mulheres que rezavam para a imagem do santo e para a estátua da Virgem Maria. Ele queria ficar a sós com Deus e, embora acreditasse que a igreja era um local onde se praticava uma fé corrupta, ela ainda era uma casa de oração. Portanto ajoelhou-se ao lado do altar e olhou para o corpo alquebrado de Cristo que estava pendurado acima do altar. O sangue pintado saía, grosso, dos horríveis ferimentos e Guy olhou fixo para aquele sangue, ignorando uma aranha que tecia uma teia entre o corte feito pela lança no lado do Salvador e a mão

esquerda estendida.

— Vós estais nos castigando — disse em voz alta —, nos flagelando, mas se fizermos a vossa vontade, ireis poupar-nos. — Mas, qual era a vontade de Deus? Aquele era o dilema, e ele oscilou para trás e para frente sobre os joelhos, ansioso pela resposta. — Dizei-me

— pediu ele ao homem pendurado na cruz —, dizei-me o que tenho de fazer.

Mas ele já sabia o que devia fazer: tinha de pegar o Graal e liberar o poder dele; mas tinha a esperança de que no mal iluminado interior da igreja, debaixo da pintura que retratava Deus entronizado nas nuvens, chegasse uma mensagem. E ela chegou, embora não como ele quisera. Ele esperava por uma voz na

escuridão, uma ordem divina que lhe desse garantia de sucesso, mas em vez disso ouviu passos na nave, e quando se voltou para olhar viu que seus homens, os que restavam e não estavam doentes, tinham ido rezar com ele.

Chegaram um a um quando souberam que ele estava junto ao altar e ajoelharam-se atrás dele, e Guy percebeu que homens assim tão bons não podiam ser derrotados. Estava na hora de pegar o Graal.

Mandou meia dúzia de homens percorrerem a cidade com ordens de procurar cada soldado, cada besteiro e cada cavaleiro que ainda pudesse andar.

— Eles devem se armar — disse — e nos encontraremos daqui a uma hora ao lado do canhão.

Ele se dirigiu aos seus aposentos, surdo para os gritos dos doentes e suas famílias. Sua criada tinha sido contaminada pela doença, mas um dos filhos da família em cuja casa Guy tinha o quarto ainda estava em condições e Guy mandou que ele ajudasse seus preparativos.

Primeiro, ele vestiu calções de couro e um gibão de couro. As duas peças tinham sido feitas para se ajustar no corpo, e por isso Vexille teve de ficar imóvel enquanto o desajeitado garoto amarrava os laços nas costas do gibão. Depois, o menino pegou punhados de gordura de porco e besuntou o couro para que ficasse bem engraxado e deixasse que a armadura se deslocasse com facilidade. Vexille usava um casaco curto de malha sobre o gibão que proporcionava uma proteção extra para o peito, a barriga e a virilha, e o casaco também teve de ser engraxado. Depois, peça por peça, a armadura preta foi montada com fivelas. Primeiro foram os quatro coxotes, as placas arredondadas que protegiam as coxas, e abaixo deles o menino afivelou as grevas, que iam do joelho ao tornozelo. Os joelhos de Vexille eram protegidos por joelheiras, e os pés, por polainas de aço presas às botas, que eram afiveladas às grevas. Uma curta saia de couro, na qual pesadas placas de aço quadradas estavam pregada com rebites, era presa à cintura, e quando tudo aquilo ficou ajustado, Vexille ergueu o gorjal, colocando-o no lugar em torno do pescoço, e esperou enquanto o garoto amarrava as duas fivelas atrás. Depois, o garoto grunhiu ao passar o peitoral e o costal por cima da cabeça de Vexille. As duas pesadas peças foram unidas por curtas tiras de couro que se apoiavam nos ombros dele e as placas eram presas por mais tiras dos lados. Em seguida, vieram os retrobraços, que protegiam os bíceps, e os acambrços, que envolviam os antebraços, as ombreiras para cobrir

os ombros, e mais duas proteções para os cotovelos. Ele flexionava os braços enquanto o menino trabalhava, certificando-se de que as tiras não estavam apertadas a ponto de impedi-lo de brandir uma espada. As manoplas eram de couro tachonado com placas de aço que se sobrepunham e por isso pareciam escamas;

depois, veio o cinto da espada, com a pesada bainha contendo a valiosa espada feita em Colônia. A espada tinha uma vara de comprimento, era mais comprida do que o braço de um homem, e a lâmina ilusoriamente estreita, dando a idéia de que a espada poderia ser frágil, mas ela possuía um reforço resistente que endurecia o aço comprido e a transformava numa arma mortal para estocadas. A maioria dos homens levava espadas que cortavam, que perdiam o fio ao atacar armaduras, mas Vexille era um mestre com a lâmina de estocadas. A arte estava em procurar uma junção na armadura e enfiar a lâmina por ela. O punho era coberto com madeira de bordo, e o botão do punho e o guarda-mão eram de aço. Não tinha decoração alguma, nenhuma folha de ouro, nenhuma inscrição na lâmina, nenhuma incrustação de prata. Era simplesmente uma ferramenta de trabalho, uma arma para matar, um objeto adequado para o dever sagrado daquele dia.

— Excelência! — disse o menino, nervoso, oferecendo a Vexille o grande elmo de torneio com as estreitas fendas para os olhos.

— Esse, não — disse Vexille. — Vou usar o bacinete e a coifa de armas.

Ele apontou para o que queria. O grande elmo de torneio proporcionava uma visão muito restrita, e Vexille aprendera a não confiar nele numa batalha, porque impedia que ele visse inimigos que estivessem nos flancos. Era um risco enfrentar arqueiros sem qualquer viseira, mas pelo menos ele poderia vê-los, e agora ele enfiou a coifa de armas, feita de malha, sobre a cabeça, para que ela lhe protegesse a nuca e as orelhas, e depois tirou o bacinete do menino. Era um elmo simples, sem aba e sem protetor do rosto para limitar a visão.

— Vá cuidar de sua família — disse ele ao menino e apanhou o escudo, que tinha as tábuas de salgueiro cobertas de couro fervido e endurecido, no qual estava pintado o *yale* dos Vexille carregando o Graal. Ele não tinha talismã nem amuleto. Poucos homens seguiam para uma batalha sem uma precaução daquelas, fosse o lenço de uma dama ou uma jóia benta por um padre, mas Guy Vexille tinha apenas um talismã, que era o Graal.

E agora ele ia buscá-lo.

um dos *coredors* foi o primeiro a cair doente no castelo, e até o fim da noite havia mais de vinte homens e mulheres vomitando, suando e tremendo. Jake foi um deles. O arqueiro vesgo arrastou-se até um canto do pátio, apoiou o arco ao seu lado, colocou um punhado de flechas no colo, e ali sofreu. Thomas tentou convencê-lo a subir para o segundo andar, mas Jake se recusou.

— Vou ficar aqui — insistiu ele. — Vou morrer ao ar livre.

— Você não vai morrer — disse Thomas. — O céu não vai aceitá-lo, e o diabo não precisa de concorrentes.

A brincadeira inofensiva não provocou um sorriso no rosto de Jake que estava descorado por pequenos caroços vermelhos que escureciam com rapidez, ficando com a cor de escoriações. Ele arriara os calções porque não conseguia controlar o intestino e o máximo que deixaria Thomas fazer por ele era trazer-lhe uma cama de palha das ruínas das estrebarias.

O filho de Philin também pegara a doença. O rosto mostrava pontos rosados e ele tremia. A doença parecia ter saído do nada, mas Thomas presumia que tivesse sido trazida no vento leste que insuflara as chamas na cidade antes que a chuva acabasse com os incêndios. O

abade Planchard o avisara que aquilo ia acontecer, uma epidemia vinda da Lombardia, e ali estava ela, e Thomas estava desorientado.

— Temos de achar um padre — disse Philin.

— Um médico — disse Thomas, embora não soubesse de nenhum e ignorasse como um médico poderia entrar no castelo, ainda que fosse encontrado.

— Um padre — insistiu Philin. — Se uma criança for tocada por uma hóstia consagrada, a hóstia irá curá-la. Ela cura tudo. Deixe eu ir buscar um padre.

Foi então que Thomas percebeu que o canhão não havia disparado e que nenhum besteiro entediado mandara um quadrelo contra as pedras do castelo, e por isso deixou que Philin saísse pela porta destruída à procura do padre Medous ou dos outros padres da cidade. Ele não esperava tornar a ver o homem alto, mas Philin voltou em meia hora para dizer que a cidade estava atingida com a mesma

intensidade que o castelo e que o padre Medous estava ungindo os doentes e não tinha tempo para ir à guarnição inimiga.

— Tinha uma mulher morta na rua — disse Philin a Thomas —, ali deitada com os dentes cerrados.

— O padre Medous lhe deu uma hóstia?

Philin mostrou-lhe um grosso pedaço de pão e subiu a escada para levá-lo ao filho, que estava no salão superior, com a maioria dos doentes. Uma mulher chorava porque o marido não podia receber a extrema-unção e por isso, a fim de consolá-la e dar esperança aos doentes, Genevieve levou o cálice de ouro pelas camas de palha e encostou-o nas mãos dos doentes e disse que ele faria um milagre.

— Precisamos de um maldito milagre — disse Sir Guillaume a Thomas. — Que diabo é isso?

Os dois tinham ido para a torre do castelo, de onde, sem serem ameaçados por nenhuma besta, olharam para o canhão abandonado.

— Houve uma peste na Itália — disse Thomas — e deve ter vindo para cá.

— Jesus Cristo — disse Sir Guillaume. — Que tipo de peste?

— Só Deus sabe — respondeu Thomas. — Uma peste violenta.

Por um instante, ele foi assaltado pelo medo de que a epidemia fosse um castigo por quebrar o Graal de vidro verde, mas depois lembrou-se de que Planchard o avisara da doença muito antes de ele encontrar o cálice. Observou um homem, envolto num lençol ensanguentado, entrar na rua principal cambaleando e cair ao chão. O homem ficou imóvel, parecendo que já estava em sua mortalha.

— Em nome de Deus, o que é que está acontecendo? —

perguntou Sir Guillaume, fazendo o sinalda-cruz. — Você já viu algo parecido?

— É a ira de Deus — disse Thomas — castigando a gente.

— Por quê?

— Por estarmos vivos — disse Thomas, com amargor. Ele ouvia lamentações vindo da cidade, e viu pessoas fugindo da epidemia.

Estavam com seus pertences e carrinhos de mão ou carroças puxadas à mão, e passaram pelo canhão, saíram pela porta, atravessaram a ponte e seguiram para o oeste.

— Reze para nevar — disse Sir Guillaume. — Muitas vezes observei que a neve acaba com a doença. Não sei por quê.

— Aqui não neva — disse Thomas.

Genevieve juntou-se a eles, ainda segurando o cálice de ouro.

— Já alimentei a lareira — disse ela. — Parece que ajuda.

— Ajuda?

— Os doentes — disse ela. — Eles gostam do calor. É uma fogueira enorme.

Ela apontou para a fumaça que saía do respiradouro que ficava

do lado da torre de menagem. Thomas envolveu-a com um braço e examinou o rosto dela à procura de quaisquer sinais de pontos avermelhados mas a pele pálida estava limpa. Ficaram observando as pessoas atravessarem a ponte e tomarem a estrada para oeste e, enquanto olhavam, viram Joscelyn liderando uma torrente de soldados montados em direção ao norte. O novo conde de Berat não olhou para trás, apenas cavalgou como se o diabo em pessoa estivesse no seu encalço.

E talvez estivesse, pensou Thomas e procurou qualquer sinal de seu primo entre os cavaleiros que desapareciam, mas não o viu.

Quem sabe Guy estava morrendo?

— O sítio acabou? — refletiu Sir Guillaume em voz alta.

— Se o meu primo estiver vivo, não — disse Thomas.

— Quantos arqueiros você tem?

— Doze em condições de puxar uma corda — disse Thomas. —

Soldados?

— Quinze.

Sir Guillaume fez uma careta. O único consolo era que nenhum membro da guarnição estava tentado a fugir, porque todos se achavam isolados, longe de quaisquer tropas amigas. Alguns dos *coredors* tinham ido embora quando souberam por Philin que nenhum dos sitiantes estava vigiando o castelo, mas Thomas não lamentava a perda deles.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Sir Guillaume.

— Ficar aqui até que os nossos doentes se recuperem —

respondeu Thomas. — Ou até eles morrerem — acrescentou. — Aí, iremos embora.

Ele não podia deixar homens como Jake sofrendo sozinhos. O

mínimo que podia fazer era ficar e fazer companhia a eles na passagem para o céu ou para inferno.

Então, viu que a passagem para o outro mundo poderia vir mais cedo do que esperava, porque soldados estavam se reunindo no início da rua. Eles portavam espadas, machados e escudos, e o seu aspecto significava apenas uma coisa.

— Eles querem o Graal — disse.

— Jesus Cristo, dê a eles — disse Sir Guillaume, com fervor. —

Entregue todos os pedaços.

— Você acha que isso irá satisfazê-los?

— Não — admitiu Sir Guillaume.

Thomas debruçou-se no parapeito ameaçado.

— Arqueiros! — gritou, e depois correu para vestir sua cota de malha, amarrar a espada na cintura e apanhar o arco e a sacola de flechas.

Porque o cerco não acabara.

trinta e três cavaleiros e soldados avançavam pela rua. Os doze que iam na frente, entre os quais estava Guy Vexille, levavam paveses que deviam ter protegido os besteiros, mas só restavam seis daqueles arqueiros, e Guy mandara que eles o seguissem, mantendo-se uns bons dez passos atrás, e por isso os imensos escudos de besteiros, cada um mais alto do que um homem, serviam para proteger seus soldados.

Eles se deslocavam devagar, arrastando os pés para se manter juntos e atrás dos grossos e pesados paveses que estavam sendo empurrados pelas pedras do pavimento, para que nenhuma flecha pudesse voar por baixo e espetar o tornozelo de um homem. Guy Vexille esperava pelo ruído surdo das flechas ao atingirem a madeira, depois percebeu que Thomas perdera todos os seus arqueiros ou, o que era mais provável, estava à espera do momento em que os paveses fossem abaixados.

Eles subiram por uma cidade dos moribundos e dos mortos, uma cidade que fedia a fumaça e a excrementos. Um homem jazia morto num lençol sujo; eles afastaram o corpo dele a pontapés e seguiram em frente. Os homens da segunda formação mantinham os escudos no alto, protegendo as três formações de flechas disparadas da alta torre de menagem do castelo, mas nenhum projétil chegou. Guy ficou imaginando se todos no castelo tinham morrido, e imaginou-se

andando pelos salões vazios como um cavaleiro de antigamente, um homem que procurara o Graal e que cumprira o seu destino, e estremeceu de puro êxtase ao pensar em reivindicar a posse da relíquia; e então o grupo de homens atravessava o espaço aberto em frente ao castelo e Guy lembrou a eles que deviam manter-se juntos e ficar com os paveses se sobrepondo enquanto passavam com dificuldade por cima do monte de escombros provocados pelo Cuspidor do Inferno.

— Cristo é nosso companheiro — disse a eles. — Deus está conosco. Não podemos perder.

Os únicos sons eram os choros de mulheres e crianças na cidade o esfregar de paveses e o estalar de pés protegidos por armaduras. Guy Vexille afastou um dos

paveses para o lado e viu de relance uma barricada improvisada que atravessava o pátio, mas também notou arqueiros agrupados no alto dos degraus que levavam à torre de menagem, e um deles puxou a corda de seu arco e Guy, ligeiro, fechou a brecha entre os dois escudos. A flecha bateu no pavês e empurrou-o para trás e Guy ficou impressionado com a força da flecha, e ainda mais impressionado quando ergueu os olhos e viu um palmo de flecha de ponta de agulha aparecendo do outro lado do pavês que tinha o dobro da grossura de um escudo normal. Mais flechas atingiram o alvo, o barulho delas parecendo um tamborilar irregular, e os pesados paveses eram sacudidos pelo impacto. Um homem praguejou, ferido na face por uma flecha que furara as camadas de madeira, mas Guy manteve o controle de seus homens.

— Mantenham-se juntos — disse ele —, andem devagar. Depois que passarmos da porta, chegaremos a uma barricada. Podemos derrubá-la. Depois o grupo da frente ataca a escada. Fiquem com os

paveses até chegarmos aos arqueiros.

O pavês dele bateu numa pedra e ele ergueu o grande cabo de madeira para passar o escudo por cima do pequeno obstáculo e uma flecha imediatamente bateu no escombros, errando o seu pé por questão de centímetros.

— Mantenham-se firmes — disse aos seus homens —, mantenham-se firmes. Deus está conosco.

O pavês foi jogado para trás, atingido no alto por duas flechas, mas Guy forçou-o para a posição ereta, deu outro passo, agora subindo porque estava passando pelos escombros na porta destruída.

Eles deslocavam os grandes escudos em pequenos arrancos, forçando-os contra a força da batida das flechas. Parecia não haver arqueiros das defesas da torre de menagem, porque nenhuma flecha desceu do céu, só da frente, onde eram aparadas pelos grandes escudos.

— Fiquem bem juntos — avisou Guy a seus homens —, fiquem juntos e confiem em Deus.

E então, do ponto em que tinham ficado escondidos atrás da cortina que restava à direita da porta, os soldados de Sir Guillaume gritaram e atacaram.

Sir Guillaume vira a maneira pela qual os atacantes se escondiam atrás dos paveses e concluíra que os grandes escudos iriam impedir-lhes a visão, e por isso derrubara uma das pontas da barricada e levara dez homens para o canto do pátio por trás da cortina, local onde ficava o monte de estrume dos estábulos, e agora, quando os homens de Guy apareceram passando pelo arco, Sir Guillaume atacou. Foi a mesma tática que ele usara com aquela finalidade contra o ataque de Joscelyn, só. que dessa vez o plano era atacar, matar e ferir, e recuar de imediato. Ele transmitira essa idéia aos seus homens repetidas

vezes. Desmanchem a parede de paveses, dissera ele, e depois deixem os arqueiros fazerem o resto do massacre enquanto voltam para a abertura na barricada, e por um instante pareceu que tudo funcionava. A arremetida surpreendeu realmente os atacantes, que recuaram em confusão. Um soldado inglês, um homem desvairado que gostava mais de uma briga do que de qualquer outra coisa, rachou um crânio com um machado enquanto Sir Guillaume enfiava a espada na virilha de outro homem, e os homens que seguravam os paveses voltaram-se instintivamente na direção da ameaça, o que significou que os escudos giraram com eles e abriram o lado esquerdo deles para os arqueiros que estavam no alto dos degraus.

— Agora! — bradou Thomas e as flechas voaram.

Guy não previra isso, mas estava preparado. Na sua retaguarda estava um homem chamado Fulk, um normando, que era fiel como um cão e feroz como uma águia.

— Detenha-os, Fulk! — gritou Vexille. — Linha da frente, comigo! Uma flecha resvalara em um de seus protetores de braço, ferindo um homem que estava atrás, e dois da linha de frente cambaleavam com flechas enfiadas nas cotas de malha, mas os demais seguiram Guy Vexill enquanto ele fechava a parede de paveses e seguia em direção à abertura na extremidade da barricada.

Os homens de Sir Guillaume deviam ter recuado, mas agora estavam trancados na batalha, entregues à emoção e ao terror do combate corpo-a-corpo; aparavam golpes com os escudos, tentando achar fendas na armadura do inimigo. Guy não ligou para eles e passou pela barricada, e então, com o pesado pavês ainda protegendo-o avançou para os degraus. Cinco homens foram com ele; os demais estavam atacando os poucos homens de Sir Guillaume, que agora

estavam em séria inferioridade numérica. Os arqueiros tinham-se voltado contra os seis homens que subiam os degraus e estavam desperdiçando suas flechas nos enormes escudos, e então os seis besteiros, sem serem percebidos naquela confusão, apareceram na porta e dispararam uma rajada que penetrou nos arqueiros ingleses.

Três caíram instantaneamente; um outro viu-se segurando um arco quebrado que fora estilhaçado por um quadrelo.

E Guy, gritando que Deus estava com ele, desfez-se do pavês e atacou escada acima.

— Para trás! — gritou Thomas. — Para trás!

Havia três soldados esperando para defender a escada, mas primeiro seus arqueiros precisavam passar pela porta, e Guy encurralara um dos homens, enredando-lhe as pernas com a espada a ponto de fazer com que ele caísse, e depois fazendo-o berrar quando a comprida lâmina penetrou na virilha. Sangue caiu em cascata pelos degraus. Thomas empurrou a vara do arco contra o peito de Guy, jogando-o para trás, e então Sam agarrou Thomas e arrastou-o de volta para a porta. Depois disso, foi uma subida com a ajuda das mãos pela escada, sempre girando para a direita, passando pelos três soldados que aguardavam no alto.

— Detenham eles! — disse Thomas aos três. — Sam! Lá para o alto! Rápido!

Thomas ficou na escada. Sam e os outros sete arqueiros que restavam iriam saber o que fazer quando chegassem às ameias da torre de menagem, enquanto que para Thomas o mais importante era deter os homens de Guy que subiam os degraus que levavam ao salão do primeiro andar.

Os atacantes tinham de entrar com o pilar central da escada à sua

direita, e isso iria restringir a ação dos braços que levavam a espada, enquanto que Os homens de Thomas, que lutavam para baixo, teriam mais espaço para brandir suas armas, só que o primeiro homem de Guy a chegar em cima era canhoto e levava um machado de cabo curto e lâmina larga que meteu no pé de um soldado e o derrubou num estrondo de escudo, espada e cota de malha. O

machado tornou a arriar, ouviu-se um grito curto e então Thomas soltou uma

flecha a uma distância de três passos e o homem do machado caiu para trás, a flecha enfiada na garganta. Seguiu-se uma seta de besta, chiando pela curva da parede, e Thomas viu que Genevieve recolhera quatro dos arcos dos *coredors* e estava à espera de outro alvo.

Sir Guillaume se encontrava agora numa situação desesperadora.

Estava em inferioridade numérica e encurralado. Gritou para que seus homens unissem os escudos e se apoiassem no canto do pátio, onde o monte de estrume o atrapalhava. Então homens de Guy entraram num ataque rápido e os escudos subiram para enfrentar espadas e machados. Os homens de Sir Guillaume empurraram os escudos à frente, para jogar o inimigo para trás, e golpeavam barrigas ou peitos com as espadas, mas um dos inimigos, um grandalhão exibindo o símbolo de um touro no gibão, tinha uma maça, uma grande bola de ferro num cabo comprido, que usou para bater no escudo de um inglês até que o escudo virou lascas de salgueiro mantidas juntas pela capa de couro, e o homem que segurava o escudo estava com um antebraço esmagado. Mesmo assim, o inglês tentou bater com o escudo partido na cara do atacante, até que outro francês enfiou a espada na barriga e ele caiu de joelhos. Sir Guillaume agarrou a maça, puxou-a para si e o inimigo veio agarrado nela, tropeçando na sua

vítima. Sir Guillaume atingiu-o no rosto com o punho da espada, o guarda-mão enterrando-se num olho, mas o homem continuou lutando, com sangue e gosma na face, e mais dois inimigos vinham chegando por trás dele, forçando a passagem pela pequena fila de defensores. Um inglês estava de joelhos, sendo martelado no elmo por duas espadas, depois inclinou-se à frente e vomitou e um dos franceses enfiou a espada por trás da costal, na fresta entre placa e elmo, e o inglês gritou ao ter a espinha aberta. O homem com a maça, agora caolho, tentava ficar em pé e Sir Guillaume deu-lhe um pontapé na cara, deu outro, e mesmo assim ele não se mantinha deitado, de modo que Sir Guillaume enfiou a espada no peito do homem rasgando cota de malha, mas então um francês arremeteu com a espada contra o peito de Sir Guillaume e o golpe atirou-o para trás, no monte de estrume.

— Eles são homens mortos! — gritou Fulk. — Eles são homens mortos!

E naquele exato momento, a primeira saraivada de flechas saiu das ameias da torre de menagem.

As flechas bateram nas costas dos soldados de Fulk. Alguns usavam peças de armaduras e as flechas, vindo a um ângulo muito inclinado, resvalavam nas peças, mas as pontas furadoras penetravam na cota de malha e no couro e de repente quatro dos atacantes estavam mortos e três feridos, e então os arqueiros voltaram seus arcos para os besteiros que estavam na porta. Sir Guillaume, ileso, conseguiu ficar em pé. Seu escudo estava aberto ao meio e ele o jogou fora, e então o homem que tinha o touro no gibão levantou-se, ficando de joelhos, e se atracou com ele, os braços envolvendo-lhe a cintura, tentando puxá-lo para baixo. Sir Guillaume usou as duas

mãos para martelar com o pesado castão do punho da espada no elmo do homem, mas mesmo assim ainda foi derrubado, caindo com um estrondo, largou a espada quando o grandalhão tentou estrangulá-lo. Sir Guillaume bateu com a mão esquerda para procurar a parte de baixo do peitoral do homem, com a direita sacou a faca e golpeou para cima, na barriga do grandalhão. Sentiu a faca atravessar couro, depois furar pele e músculo e mexeu na lâmina, rasgando as entranhas do homem enquanto o rosto vermelho de suor, ensanguentado e caolho rosnava para ele.

Mais flechas voaram, batendo com um barulho enjoativo nos homens de Fulk que restavam.

— Aqui! — Guy Vexille estava na porta no alto da escada. —

Fulk! Aqui! Deixe eles! Aqui!

Fulk repetiu a ordem com a sua voz tonitruante. Até onde ele conseguia ver, só três dos defensores estavam vivos no canto do pátio, mas se ele ficasse para eliminá-los, os arqueiros na torre iriam matar todos os seus homens. Fulk estava com uma flecha na coxa, mas não sentiu dor enquanto subia de gatinhas os degraus e entrava pela grande porta onde, finalmente, ficou a salvo das flechas. Guy agora estava apenas com quinze homens. Os outros estavam mortos ou, então, ainda se achavam no pátio, feridos. Um dos homens, já atingido por duas flechas, tentou rastejar pelos degraus e mais duas flechas bateram nas suas costas, fazendo com que ele caísse. Ele se contorceu, a boca abriu e fechou em espasmos até que uma última flecha quebrou-lhe a espinha. Um arqueiro que Guy não percebera antes, um homem que estivera deitado numa cama de palha, cambaleou alguns passos pelo pátio e usou uma faca para cortar a garganta de um soldado ferido, mas uma seta de besta chispou da

porta para atingir o arqueiro e jogá-lo em cima do corpo de sua vítima. O arqueiro vomitou, agitou-se por uns segundos e depois ficou imóvel.

Sir Guillaume estava desamparado. Só lhe restavam dois homens, nem de longe suficientes para atacar a porta, e o próprio Sir Guillaume estava machucado, sangrando e sentindo-se estranha e subitamente fraco. Seu estômago cresceu e ele teve ânsia de vômito, mas não expeliu nada, e depois voltou cambaleando para o muro.

John Faircloth estava deitado no monte de estrume, sangrando pela barriga, incapaz de falar enquanto morria. Sir Guillaume quis dizer alguma coisa que servisse como consolo para o inglês moribundo, mas uma onda de náusea o dominou. Tornou a fazer esforço para vomitar e sua armadura parecia curiosamente pesada. Tudo o que ele queria fazer era deitar-se e descansar.

— Meu rosto — disse ele para um dos dois sobreviventes, um borgonhês —, olhe para o meu rosto. — O homem obedeceu e encolheu-se ao ver as manchas vermelhas. — Oh, meu doce Jesus —

disse Sir Guillaume —, meu doce maldito Jesus. — E deixou-se cair ao lado do muro e estendeu a mão para pegar sua espada, como se a arma que ele tanto conhecia lhe desse consolo.

— Escudos — disse Guy para seus homens. — Dois de vocês com escudos, mantenham eles bem no alto, subam as escadas, e iremos por trás e cortaremos as pernas deles.

Aquela era a melhor maneira de tomar uma escada, cortar os vulneráveis tornozelos dos defensores, mas quando tentaram fazê-lo descobriram que os dois soldados que restavam estavam usando lanças encurtadas que Sir Guillaume colocara no patamar para defender os degraus, e investiam com as lanças contra os escudos,

fazendo os homens recuarem. Uma flecha e uma seta de besta atingiram um homem no elmo de modo que o sangue escorreu por baixo da borda, para cobrir-lhe o rosto. Ele caiu para trás e Guy puxou-o escada abaixo e colocou-o ao lado do cadáver do homem do machado que ele arrastara para fora do poço da escada.

— Nós precisamos de bestas — disse Fulk. O rosto inexpressivo estava escoriado e havia sangue na barba. Ele foi para a porta e berrou para que os

besteiros corressem para a escada. — Venham depressa! —

berrou ele e cuspiu um dente ensanguentado. — É seguro! Os arqueiros estão mortos — mentiu —, e por isso, andem logo!

Os besteiros tentaram, mas Sam e seus arqueiros estavam nas ameias à espera deles e quatro dos seis foram atingidos por flechas.

Uma besta armada saiu batendo nas pedras, bateu na barricada e desarmou a lingueta, fazendo com que a seta penetrasse num cadáver. Um besteiro tentou voltar correndo para o arco e foi lançado sobre os escombros por uma flecha, mas dois dos besteiros conseguiram chegar ilesos aos degraus.

— Eles são poucos — disse Guy a seus homens — e Deus está conosco. Precisamos de apenas uma tentativa, só uma, e o Graal será nosso. A sua recompensa será a glória ou o céu. A glória, ou o céu.

Ele estava com a melhor armadura, e por isso decidiu que iria liderar o ataque seguinte com Fulk ao seu lado. Os dois besteiros seguiriam imediatamente atrás deles, prontos para disparar contra os besteiros que aguardavam atrás da curva da escada. Assim que a escada fosse tomada, Guy iria controlar a base da torre de menagem.

com sorte, pensou ele, o Graal estaria no aposento em que eles entrassem, porém se estivesse mais um andar acima teriam de repetir tudo, mas Guy tinha certeza de que iriam encontrar o troféu e,

quando ele fosse encontrado, Guy iria pôr fogo no castelo. Os pisos de madeira iriam pegar fogo logo, e as chamas e a fumaça iriam matar os arqueiros postados nas ameias e Guy seria o vencedor. Ele poderia ir embora, o Graal seria dele e o mundo seria mudado.

Só uma última tentativa.

Guy pegou um pequeno escudo de um dos soldados. Era praticamente do tamanho de uma travessa, feito apenas para desviar golpes de espada numa refrega, e ele começou o ataque empurrando-o pela curva, na esperança de atrair as flechas e depois subir correndo enquanto os arqueiros lá em cima ficavam com as cordas vazias. Mas os arqueiros não foram atraídos pelo estratagema, e por isso Guy fez com a cabeça um sinal para Fulk, que havia partido e arrancado

a ponta e a outra extremidade da flecha que tinha as penas e que estava enterrada na sua coxa, deixando a haste encurtada espetada de um lado ao outro do músculo.

— Estou pronto — disse Fulk.

— Então, vamos — disse Guy e os dois homens agacharam-se atrás de seus escudos e subiram a escada circular, pisando no sangue dos companheiros, e fizeram a curva e Guy retesou-se à espera da batida de uma flecha. Não veio flecha alguma, e ele deu uma espiada por cima do escudo e só viu degraus vazios pela frente e percebeu que Deus lhe dera a vitória.

— Pelo Graal — disse ele a Fulk e os dois homens se apressaram.

Só faltavam doze degraus e os besteiros estavam atrás deles. Então Guy sentiu o cheiro de queimado. Não deu importância. A escada fez uma curva e ele viu o saguão abrir-se lá em cima e lançou o seu grito de guerra, e então veio o fogo.

Tinha sido idéia de Genevieve. Ela dera sua besta a Philin e subira

para o salão onde ficavam os doentes. Pegara um peitoral capturado no assalto de Joscelyn e despejara na sua forma abaulada que parecia uma bacia vazia um balde cheio de brasas em fogo tiradas da lareira.

Uma das mulheres dos *coredors* ajudou-a, juntando brasas fumegantes e cinzas numa grande panela de cozinha, e elas levaram o fogo para o andar de baixo, o peitoral queimando as mãos de Genevieve, e quando os dois primeiros homens apareceram, elas atiraram os pedaços em chamas pela escada. A cinza foi o que mais danos causou.

Poeira quente, ela espalhou-se pelo ar e um pouco entrou nos olhos do besteiro que estava atrás de Fulk. Ele encolheu-se, afastando-se, a arma largada enquanto tirava com as mãos os pedaços que estavam no rosto. A besta bateu no degrau e disparou sozinha e a seta penetrou no tornozelo de Fulk. Este caiu em cima de brasas espalhadas e engatinhou para trás para livrar-se da dor enquanto Guy ficou sozinho na escada, a cinza deixando-o quase cego. Ergueu o escudo como se aquilo fosse proteger os olhos, e o escudo foi atingido com tanta força por uma flecha, que o atirou para trás. A flecha penetrara quase até a metade no escudo. Uma seta de besta bateu na parede. Guy cambaleou tentando recuperar o equilíbrio, tentando enxergar através das lágrimas provocadas pela cinza e a

espessa fumaça, e naquele momento Thomas liderou seus homens num ataque. Thomas levava uma das lanças encurtadas com que deu uma estocada em Guy, fazendo-o rolar a escada toda, enquanto o soldado que estava com Thomas golpeou o pescoço de Fulk com uma espada segura pelas duas mãos.

Os homens de Vexille que estavam ao pé da escada deviam ter contido o ataque, mas foram colhidos de surpresa pela visão de Guy descendo aos tropeções, pelos gritos de Fulk, e pelo fedor de fogo e de

carne queimada, e recuaram para fora da porta quando o inimigo saiu da fumaça aos berros. Thomas liderou apenas cinco homens, mas eles eram suficientes para deixar em pânico o pequeno bando de Guy.

Eles agarraram seu chefe e fugiram de volta para o ar fresco do pátio.

Thomas foi atrás, golpeando com a lança para a frente, e atingiu Guy direto no peitoral, atirando-o de costas pelos degraus externos para estatelar-se nas pedras do piso do pátio. Então vieram as flechas das ameias, mergulhando em cotas de malha e couraças. Os atacantes não podiam subir os degraus de novo, porque Thomas estava lá e a porta estava cheia de homens armados e de fumaça, e por isso fugiram. Correram para a cidade, e as flechas foram atrás deles pela arcada e atiraram dois deles em cima dos escombros. E então Thomas gritou para que os arqueiros parassem de atirar.

— Descansem as cordas! — berrou ele. — Está me ouvindo, Sam?

Descansem as cordas! Descansem as cordas!

Ele deixou cair a lança encurtada e estendeu a mão. Genevieve entregou-lhe o arco e Thomas tirou uma flecha de ponta grossa da sacola e olhou para o pé dos degraus onde seu primo, abandonado por seus homens, esforçava-se para ficar de pé na sua pesada armadura preta.

— Você e eu — desafiou Thomas —, sua arma contra a minha.

Guy olhou para a esquerda e para a direita e não viu ajuda nenhuma. O pátio fedia a vômito, fezes e sangue. Estava cheio de corpos. Ele recuou, indo para a brecha na ponta da barricada e Thomas foi atrás, descendo os degraus e ficando a doze passos do inimigo.

— Perdeu o apetite pelo combate? — perguntou Thomas.

Guy investiu contra ele, esperando chegar dentro do raio de ação

de sua longa espada, mas a flecha de ponta grossa atingiu-o bem no peitoral e ele foi brutalmente contido por ela, imobilizado pela força do grande arco, e Thomas já estava com outra flecha na corda.

— Tente outra vez — desafiou Thomas.

Guy recuou. Passou pela barricada, passou por Sir Guillaume e por seus dois homens que nada fizeram para interferir. Os arqueiros de Thomas tinham descido das ameias e estavam nos degraus, olhando.

— Sua armadura é boa? — perguntou Thomas a Guy. — Ela tem de ser. Veja bem, eu estou disparando flechas de ponta grossa. Elas não vão furar sua armadura.

Ele tornou a disparar e a flecha bateu nas placas sobre a virilha de Guy e fez com que ele se dobrasse e jogou-o para trás, em cima dos escombros. Thomas estava com outra flecha pronta.

— E o que é que você vai fazer agora? — perguntou Thomas. —

Não estou indefeso como Planchard. Como Eleanor. Como o meu pai. Por isso, venha me matar.

Guy se pôs de pé e recuou sobre os escombros. Ele sabia que tinha homens na cidade e que se pudesse chegar até eles estaria a salvo, mas não se atrevia a virar de costas. Sabia que receberia uma flechada se o fizesse, e o orgulho de um homem não permitia um ferimento pelas costas. Morria-se de frente para o inimigo. Ele agora estava do lado de fora do castelo, recuando devagar pelo espaço aberto, e rezou para que um de seus homens tivesse a idéia de pegar uma besta e eliminar Thomas, mas este ainda avançava em sua direção, sorrindo, e o sorriso era de um homem que conseguira a sua doce vingança.

— Esta aqui é uma furadora — disse Thomas —, e vai atingir você no peito. Quer levantar o escudo?

— Thomas — disse Guy e ergueu o pequeno escudo antes que pudesse dizer mais alguma coisa, porque tinha visto Thomas armar o grande arco, a corda foi solta e a flecha, com a ponta de carvalho pesado atrás da lâmina que parecia uma agulha, atravessou o escudo, atravessou o peitoral, a cota de malha e o couro, para se alojar contra uma das costelas de Guy. O impacto empurrou-o três passos para trás, mas ele conseguiu manter o equilíbrio, embora o escudo agora estivesse pregado em seu peito e Thomas estivesse com outra flecha encaixada.

— Desta vez, na barriga — disse Thomas.

— Sou seu primo — disse Guy e deu um puxão no escudo, soltando-o, arrancando a flecha do peito, mas agiu tarde demais e a flecha furou-lhe o estômago, atravessando o aço da placa e a malha de ferro e o couro engraxado, e aquela flecha penetrou fundo.

— A primeira foi pelo meu pai — disse Thomas —, essa outra foi pela minha mulher, e esta aqui é pelo Planchard.

Ele tornou a atirar e a flecha furou o gorjal de Guy e o atirou para trás, sobre as pedras do pavimento. Ele ainda segurava a espada e tentou erguê-la enquanto Thomas se aproximou. Também tentou falar, mas a garganta estava cheia de sangue. Abanou a cabeça, querendo saber por que a vista estava ficando turva, e sentiu Thomas ajoelhar-se em cima do braço que segurava a espada e sentiu o gorjal furado sendo erguido e tentou protestar, mas só cuspiu sangue, e então Thomas enfiou a adaga por baixo do gorjal e enterrou-a fundo na garganta de Guy.

— E esta é por mim — disse Thomas.

Sam e meia dúzia de arqueiros juntaram-se a ele ao lado do corpo.

— O Jake morreu — informou Sam.

— Eu sei.

— Metade da porcaria do mundo está morta — disse Sam.

Talvez o mundo estivesse acabando, pensou Thomas. Talvez as terríveis

profecias do Livro da Revelação estivessem se tornando realidade. Os quatro terríveis cavaleiros estavam em ação. O cavaleiro do cavalo branco era a vingança de Deus contra um mundo mau, o cavalo vermelho levava a guerra, o cavalo preto era montado pela fome, enquanto o cavalo pálido, o pior, trazia a peste e a morte. E

talvez a única coisa que poderia fazer com que os cavaleiros fossem embora era o Graal, mas ele não tinha o Graal. Por isso, os cavaleiros andariam à vontade. Thomas se levantou, apanhou seu arco e olhou a rua.

Os homens de Guy sobreviventes não iam ficar para combater os arqueiros. Fugiram como os homens de Joscelyn, indo à procura de um lugar em que nenhuma peste enchesse as ruas, e Thomas percorreu furtivamente uma cidade de moribundos e mortos, uma cidade de fumaça e imundície, um lugar de choros. Ele estava com uma flecha na corda, mas ninguém o desafiou. Uma mulher gritou pedindo ajuda, uma criança chorava numa porta, e então Thomas viu um soldado, ainda com a cota de malha. Armou o arco pela metade e então viu que o homem não portava arma nenhuma, só um balde d'água. Era um homem mais velho, de cabelos grisalhos.

— Você deve ser o Thomas — disse o homem.

— Sou.

— Eu sou Sir Henri Courtois. — Ele apontou para uma casa perto dali. — O seu amigo está lá. Está doente.

Robbie estava deitado numa cama emporcalhada. Ele tremia de febre

e o rosto estava escuro e inchado. Não reconheceu Thomas.

— Seu pobre bastardo — disse Thomas. Ele entregou o arco a Sam.

— E leve aquilo também, Sam — disse ele, apontando para o pergaminho que estava num banquinho ao lado da cama, e depois ergueu Robbie nos braços e levou-o de volta para o morro. — Você deve morrer entre amigos — disse ele ao homem inconsciente.

O cerco, finalmente, acabara.

sir Guillaume morreu. Muitos morreram. Gente demais para enterrar, e por isso Thomas mandou levar os corpos para uma cova nos campos do outro lado do rio e cobriu-os de gravetos e pôs fogo na pilha, embora não houvesse combustível suficiente para queimar os corpos, que foram deixados semitorrados para apodrecer.

Moradores voltaram para a cidade. Eles tinham procurado refúgio em lugares que foram atacados com tanta gravidade quanto Castillon d'Arbizon. Disseram que a peste estava em toda parte. Berat era uma cidade de mortos, embora ninguém soubesse se Joscelyn ainda vivia e Thomas não se preocupou em saber. O inverno trouxe a geada e no Natal um frade levou a notícia de que a epidemia agora estava no norte.

— Ela está por toda parte — disse o frade —, está todo mundo morrendo.

Mas nem todo mundo morreu. O filho de Philin, Galdric, recuperou-se, mas logo depois do Natal seu pai pegou a doença e morreu em três dias de agonia.

Robbie sobreviveu. Parecera que ele iria morrer, porque havia noites em que ele parecia que não respirava, mas sobreviveu e recuperou-se lentamente. Genevieve cuidava dele, alimentando-o quando estava fraco e lavando-o quando ficava sujo, e quando ele tentava se desculpar, ela o fazia calar.

— Fale com o Thomas — disse ela.

Robbie, ainda fraco, foi procurar Thomas e achou que o arqueiro parecia mais velho e mais ameaçador. Robbie não sabia o que dizer, mas

Thomas sabia.

— Me diga uma coisa — disse ele. — Quando você fez o que fez, achava que estava fazendo o que era certo?

— Achava — respondeu Robbie.

— Neste caso, não fez nada de errado — disse Thomas, categórico

— e não se fala mais nisso.

— Eu não devia ter levado aquilo — disse Robbie, apontando para o pergaminho

no colo de Thomas, os escritos sobre o Graal deixados pelo pai de Thomas.

— Eu o peguei de volta — disse Thomas — e agora estou usando-o para ensinar Genevieve a ler. Ele não serve para outra coisa.

Robbie olhou para a lareira.

— Desculpe — disse ele.

Thomas fez que não ouviu o pedido de desculpas.

— E o que vamos fazer agora é esperar até que todos fiquem bons e depois voltar para casa.

Estavam prontos para partir no dia de São Benedito. Onze homens voltariam para a Inglaterra, e Galdric, que agora estava órfão de pai e mãe, viajaria como criado de Thomas. Eles iriam voltar para casa ricos, porque a maior parte do dinheiro obtido com os saques ainda estava intacto, mas o que iriam encontrar na Inglaterra, Thomas não sabia.

Ele passou a última noite em Castillon d'Arbizon ouvindo enquanto Genevieve tropeçava nas palavras do pergaminho que

pertencera ao pai dele. Thomas decidira queimá-lo depois daquela noite, porque ele não o levara a lugar nenhum. Ele estava fazendo Genevieve ler latim, porque eram poucos os trechos em inglês ou francês no documento, e embora ela não compreendesse as palavras, aquilo lhe dava prática para decifrar as letras.

— *"Virga tua et baculus tuus ipsa consolobuntur me"* — leu ela devagar, e Thomas fez um sinal positivo com a cabeça e sabia que as palavras *calix meus inebrians* não estavam muito longe, e achou que o cálice realmente o deixara embriagado, embriagado e alucinado, e tudo isso sem resultado algum. Planchard estivera certo. A busca deixava os homens loucos.

— *"Pono coram me mensam"* — leu Genevieve — *"ex adverso hostium meorum"* .

— Não é *pono* — disse Thomas —, mas *pones*. *Pones coram me mensam ex adverso hostium meorum*. — Ele sabia aquilo de cor, e agora traduziu para ela. "Preparas uma mesa para mim na presença de meus inimigos."

Ela franziu o cenho, um longo e pálido dedo em cima da escrita.

— Não — insistiu ela —, aqui diz *pono*. — Ela ergueu o manuscrito para provar.

A luz da lareira tremeluzia sobre as palavras que diziam, mesmo,

”pono coram me mensam ex adverso hostium meorum” . O pai dele escrevera aquilo, e Thomas devia ter olhado para a frase dezenas de vezes, e no entanto nunca percebera o engano. Sua familiaridade com o latim levava-o a passar por cima das palavras, vendo-as na sua mente e não no pergaminho. *Pono*. ”Eu preparo uma mesa.” Não ”tu preparas”, mas ”eu preparo”, e Thomas olhou para a palavra com os olhos arregalados e viu que não se tratava de um erro.

E percebeu que tinha encontrado o Graal.

Epílogo

as ondas da arrebentação empurravam o cascalho para cima, chiavam ficando brancas e arrastavam de volta. Sem parar, o tempo todo, o mar cinza-verde batendo na costa da Inglaterra.

Choveu um pouco, encharcando o capim novo onde ovelhas brincavam e lebrões dançavam ao lado das cercas vivas onde cresciam anêmonas e alsinas.

A peste chegara à Inglaterra. Thomas e seus três companheiros tinham cavalgado por aldeias vazias e ouvido vacas gritando em agonia porque não havia ninguém para tirar o leite de seus úberes inchados. Em algumas aldeias, arqueiros aguardavam em ruas fechadas com barricadas, para mandar voltar todos os estranhos e Thomas, obediente, contornara aqueles lugares. Eles tinham visto fossos abertos para receber os mortos; fossos cheios pela metade com cadáveres que não haviam recebido a extrema-unção. Os fossos eram cercados por flores, porque era primavera.

Em Dorchester havia um morto na rua e ninguém para enterrá-

lo. Algumas casas tinham sido fechadas com pregos e pintadas com uma cruz vermelha, para indicar que as pessoas lá dentro estavam doentes e deveriam ser deixadas ali para morrer ou se recuperar. Fora da cidade, os campos estavam

incultos, sementes ficavam em celeiros

de fazendeiros mortos, e ainda assim havia cotovias por cima do capim e os martins-pescadores mergulhando pelos rios e tarambolas voitando debaixo das nuvens.

Sir Giles Marriott, o antigo senhor do solar, morrera antes da peste atacar, e sua sepultura estava na igreja da aldeia, mas se algum aldeão sobrevivente viu Thomas passar, não o saudou. Os aldeões estavam se protegendo da ira de Deus e Thomas, Genevieve, Robbie e Galdric seguiram pela alameda até chegarem embaixo de Lipp Hill, e lá na frente estava o mar, e o cascalho, e o vale onde outrora se erguera Hookton. Ela fora incendiada por Sir Guillaume e Guy Vexille, na época em que os dois eram aliados, e agora não havia nada, a não ser espinhos entrelaçados por cima dos volumosos restos dos chalés, e aveleiras, cardos e urtigas crescendo nas paredes da igreja enegrecidas de tão chamuscadas e sem telhado.

Thomas estava na Inglaterra há duas semanas. Ele fora procurar o conde de Northampton, e se ajoelhou diante de seu senhor, que primeiro mandara criados examinarem Thomas para certificar-se de que não era portador de nenhum sinal da peste, e Thomas pagara ao seu senhor um terço do dinheiro que eles tinham levado de Castillon d'Arbizon, e depois dera a ele o cálice de ouro.

— Ele foi feito para o Graal, excelência — disse ele —, mas o Graal desapareceu.

O conde admirou o cálice, virando-o e erguendo-o para que pudesse ficar à luz, e ficou impressionado com a beleza da peça.

— Desapareceu? — perguntou ele.

— Os monges de São Sever — mentiu Thomas — acreditam que ele foi levado para o céu por um anjo cuja asa foi reparada lá. Ele desapareceu, excelência.

E o conde ficou satisfeito, porque era possuidor de uma grande relíquia, ainda que não fosse o Graal, e Thomas, com a promessa de voltar, foi embora com seus companheiros. Agora, ele voltava à aldeia de sua infância, o lugar em que aprendera a dominar o arco, e à igreja onde seu pai, o louco padre Ralph, havia pregado para as gaivotas e escondido o seu grande segredo.

O segredo ainda estava lá. Escondido no capim e nas urtigas que cresciam entre as lajotas da velha igreja, um objeto que fora jogado fora por não ter valor nenhum. Era uma tigela de barro que o padre Ralph usava para colocar as hóstias da missa. Ele colocava a tigela sobre o altar, cobria-a com um pano de linho e levava-a para casa quando a missa acabava.

”Eu preparo a mesa”, escrevera ele, e o altar era a mesa e a tigela era o objeto com o qual ele a preparava, e Thomas a manuseara uma centena de vezes e não ligara para ela, e da última vez em que estivera em Hookton, ele a tirara das ruínas e depois, fazendo pouco caso dela, ele a atirara de novo em meio às ervas daninhas.

Agora ele tornou a achá-la entre as urtigas e levou-a para Genevieve, que a colocou na caixa de madeira e fechou a tampa, e o encaixe do objeto foi tão perfeito, que a caixa nem mesmo fazia barulho quando era sacudida. A base da tigela combinava com o leve círculo descorado na pintura antiga do interior da caixa. Uma fora feita para a outra.

— O que vamos fazer? — perguntou Genevieve.

Robbie e Galdric estavam do lado de fora da igreja, explorando as saliências e os blocos que revelavam onde tinham existido os antigos chalés. Nenhum dos dois sabia o motivo pelo qual Thomas voltara a Hookton. Galdric não ligava, e Robbie, mais quieto agora,

contentava-se com ficar com Thomas até que todos seguissem para o norte, a fim de pagar a lorde Outhwaite o resgate que iria liberar Robbie para voltar para a Escócia. Se Outhwaite estivesse vivo.

— O que vamos fazer? — tornou a perguntar Genevieve, a voz um sussurro.

— O que o Planchard me aconselhou — respondeu Thomas, mas primeiro apanhou um odre de vinho na sua sacola, despejou um pouco de vinho na tigela e fez Genevieve beber nela, e depois pegou a tigela e também bebeu. Sorriu para ela. — Isso nos livra da excomunhão — disse ele, porque tinham bebido da tigela que aparara o sangue de Cristo que caíra da cruz.

— Isso é mesmo o Graal? — quis saber Genevieve.

Thomas levou a tigela para fora. Deu a mão a Genevieve enquanto seguiam para

o mar e, quando chegaram ao cascalho dentro da curva acentuada onde o riacho Lipp fazia uma curva pela praia no lugar em que os barcos de pesca tinham sido puxados quando Hookton ainda tinha moradores, ele sorriu para ela e depois atirou a tigela com a força que lhe foi possível. Jogou-a para o outro lado do rio, para a curva lá do outro lado, e a tigela caiu com força em cima das pedras, pulou, deslizou alguns centímetros e parou.

Os dois vadearam o rio, subiram na margem e encontraram a tigela sem um arranhão.

— O que vamos fazer? — perguntou Genevieve mais uma vez.

Thomas achava que a tigela só iria provocar loucura. Homens lutariam por ela, mentiriam por ela, trairiam por ela e morreriam por ela. A Igreja ganharia dinheiro com ela. Ela não provocaria nada, a não ser o mal, achava ele, porque despertava o horror no coração dos homens, e por isso ele iria fazer o que Planchard dissera que faria.

— ”Jogue-o no mais profundo dos mares” — citou ele o velho abade — ”lá entre os monstros, e não conte a ninguém.”

Genevieve tocou na tigela uma última vez, beijou-a e devolveu-a a Thomas, que aninhou-a nos braços por um instante. Era apenas uma tigela de barro de camponês, de cor amarela-marrom, grossa, e áspera ao toque, não era perfeitamente redonda, com uma pequena mocha em um dos lados onde o oleiro danificara o barro que ainda não fora para o forno. Valia uma ninharia, talvez nada, e no entanto era o mais valioso tesouro da cristandade. Ele beijou-a uma vez e depois recuou o forte braço de arqueiro, correu até a beira do mar que sugava a água e impulsionou-a o mais longe e com o máximo de força que podia. Soltou-a e ela descreveu um arco por um instante acima das ondas cinza, pareceu voar um segundo a mais, como se relutando em liberar a humanidade, e depois a tigela desapareceu.

Apenas um levantar de espuma branca, instantaneamente fechada, e Thomas segurou a mão de Genevieve e voltou-se, afastando-se.

Ele era um arqueiro, e a loucura terminara. Ele estava livre.

Nota Histórica

deixei que um excesso de ratos aparecesse aqui e ali em *O Herege*, apesar de estar convencido de que provavelmente eles estejam inocentes quanto a espalhar a peste. Há debates entre os historiadores médicos sobre se a Morte Negra (assim chamada por causa da cor dos bubões, ou inchaços, que desfiguravam os doentes) era uma peste bubônica, que teria sido espalhada por pulgas de ratos, ou alguma forma de antrax, que teria vindo do gado vacum. Felizmente para mim, Thomas e seus companheiros não precisaram fazer este diagnóstico. A explicação medieval para a peste era o pecado da humanidade somado a uma infeliz conjunção astrológica do planeta Saturno, sempre uma influência maléfica. Ela causou pânico e perplexidade, porque era uma doença desconhecida que não tinha cura. Espalhou-se pelo norte a partir da Itália, matando suas vítimas em três ou quatro dias e poupando misteriosamente outras pessoas.

Essa foi a primeira aparição da peste na Europa. Tinha havido outras pandemias, é claro, mas nada nessa escala, e ela continuaria suas devastações, a intervalos, por outros quatrocentos anos. As vítimas não a chamavam de Morte Negra; este nome só seria usado a partir da década de 1800. Elas apenas a conheciam como "a peste".

Ela matou pelo menos um terço da população européia. Algumas

comunidades sofreram uma mortalidade de mais de 50%, mas o número geral de um terço parece correto. Atingiu áreas rurais e cidades com a mesma intensidade, e aldeias inteiras desapareceram.

Algumas delas ainda podem ser detectadas, como ressaltos e fossos em áreas agrícolas, enquanto que em outros lugares existem igrejas solitárias, erguidas em campos sem nenhuma finalidade aparente. São as igrejas da peste, tudo o que resta das antigas aldeias.

Só as primeiras e as últimas páginas de *O Herege* são baseadas na história verdadeira. A peste aconteceu, como aconteceram o cerco e a captura de Calais, mas tudo o que se passou entre esses fatos é ficção.

Não existe uma cidade chamada Berat, nem uma bastide chamada Castillon d'Arbizon. Existe uma Astarac, mas seja o que for que tenha sido construído lá está, agora, sob as águas de um grande reservatório.

O combate que dá início ao livro, a captura de Nieulay e sua torre, aconteceu de fato, mas a vitória não deu vantagem alguma aos franceses, porque eles não conseguiram atravessar o rio Ham e enfrentar o principal exército inglês. Por isso, os franceses recuaram, Calais caiu e o porto continuou em mãos inglesas por mais três séculos. A história dos seis burgueses de Calais sendo condenados à morte e depois perdoados, é bem conhecida e a estátua dos seis, feita por Rodin, em frente à prefeitura, comemora o acontecimento.

As dificuldades de Thomas com a língua na Gasconha são bem verdadeiras. A aristocracia de lá, tal como na Inglaterra, usava o francês, mas a gente do povo tinha uma variedade de línguas locais, principalmente o occitano, do qual se originou o languedoc moderno. Languedoc significa simplesmente "a língua de oc", porque oc é a palavra que corresponde ao "sim", e está intimamente relacionada com o catalão, a língua falada no norte da Espanha, logo

do outro lado dos Pirenéus. Os franceses, conquistando o território que ficava ao sul, tentaram eliminar a língua, mas ela ainda é falada e agora desfruta de uma espécie de renascimento.

E quanto ao Graal? Desconfio que ele desapareceu há muito tempo. Alguns dizem que era o cálice que Cristo usou na Última Ceia, e outros dizem que era a tigela usada para aparar o sangue dele provocado pelo "doloroso golpe", o ferimento com uma lança, feito em um de seus lados durante a crucificação. Fosse lá o que fosse, nunca foi achado, embora persistam rumores e haja quem diga que ele está escondido na Escócia. Apesar de tudo, foi a mais valiosa relíquia da cristandade medieval, talvez por ser tão misterioso, ou então porque, quando os contos do rei Artur receberam sua forma definitiva, todos os antigos contos celtas sobre caldeirões mágicos foram confundidos com o Graal. Ele também tem sido um fio de ouro que une séculos de histórias, e continuará assim, motivo pelo qual talvez seja melhor que permaneça sem ser descoberto.



Document Outline

- [O ANDARILHO](#)
 - [Página de Rosto](#)
 - [Créditos](#)
 - [PRIMEIRA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [SEGUNDA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)

- [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
- [TERCEIRA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
- [Nota Histórica](#)
- [O HEREGE](#)
 - [Página de Rosto](#)
 - [Créditos](#)
 - [PRÓLOGO](#)
 - [CALAIS, 1347](#)
 - [PRIMEIRA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)

- [Capítulo 15](#)
- [SEGUNDA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
- [TERCEIRA PARTE](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
- [EPÍLOGO](#)
- [Nota Histórica](#)
- [Mapa](#)